

Textos

Gilberto Rocca da Cunha

Coleção de artigos do Autor, colhidos de forma livre nos meios eletrônicos e redes sociais, jornais, revistas e livros diversos.

Todos estes trabalhos foram colhidos de forma eletrônica, já publicados e disponíveis livremente.

Esta coleção não é um livro, apenas um apanhado para registrar os trabalhos de sua autoria e/ou de sua preferência, publicados por ele, sobre temas diversos.

A critério do Autor poderá ser transformado em livro.

O ProjetoPF pode ajudar nesta tarefa. Contate-nos.

Data : 13/05/2011

Título : 13 de maio X 20 de novembro

Categoria: Artigos

Descrição: Poucos são aqueles que ainda lembram que o dia 13 de maio (ontem!), em alusão ao fim oficial (mas não real) da escravidão no Brasil em 1888, já foi feriado nacional no País.

13 de maio X 20 de novembro

por Gilberto Cunha

Poucos são aqueles que ainda lembram que o dia 13 de maio (ontem!), em alusão ao fim oficial (mas não real) da escravidão no Brasil em 1888, já foi feriado nacional no País. O movimento negro, com razões que são respeitáveis, resolveu abolir essa data e comemorar a negritude no dia 20 de novembro, denominado Dia da Consciência Negra, que marca a morte de Zumbi, líder do Quilombo dos Palmares, ocorrida em 20 de novembro de 1695.

O tráfico negreiro para as Américas, que teve início na ilha de São Domingo, em 1502, é um exemplo de barbárie engendrada pelas ditas civilizações européias, que ignoraram o destino dos africanos em relação à Epístola aos Gálatas (“Não existem nem homens nem mulheres, nem judeus nem gregos, nem homens livres nem escravos, todos vós sois um em Jesus Cristo”).

Concurso Literário

A escritora cearense Rachel de Queiroz (1910-2003), a grande dama brasileira das letras e primeira mulher eleita para a Academia Brasileira de Letras, é tema do IV Concurso Literário, promovido pela Academia Passo-Fundense de Letras, que tem por alvo os estudantes de ensino médio das escolas locais. O objetivo do concurso é descobrir, promover e incentivar novos talentos literários. A condução desse projeto da APL compete às acadêmicas Marilise Lech e Sueli Frosi. Os melhores textos, nos diversos gêneros literários, serão publicados em livro que será lançado na XIV Jornada Nacional de Literatura, que acontece de 22 a 26 de agosto na UPF. Informações com as direções e coordenações pedagógicas das escolas. A data limite para entrega dos trabalhos é 25 de junho de 2011.

Fecoagro

Rui Polidoro Pinto foi reeleito, na quarta-feira que passou (11), para o quarto mandato de presidente da Federação das Cooperativas Agropecuárias do Rio Grande do Sul (Fecoagro/RS), devendo, junto com Álvaro Lima da Silva, presidente da Fecolã, dirigir a federação até 2014. Polidoro Pinto, saído dos quadros da Cotrijuí, é uma figura histórica no cooperativismo gaúcho, tendo presidido, em diversas oportunidades, a extinta Fecotriço. Atualmente, Rui Polidoro Pinto também é presidente da Câmara Setorial de Culturas de Inverno do MAPA.

Fórum do Trigo

A 6ª edição do Fórum Nacional do Trigo será realizada na próxima terça-feira (17), em Ijuí/RS. Na programação estão temas relacionados com a importância econômica, social e ambiental da cultura, fatores que influenciam a produção e perspectivas de mercado, interno e externo, para o trigo brasileiro. Assuntos relevantes em um momento em que o Brasil pode ter dificuldade para importar trigo devido a possível redução de safra dos principais países produtores e aos baixos estoques registrados no mundo, paralelamente ao aumento das exportações brasileiras deste cereal, que podem chegar a 2 (dois) milhões de toneladas em 2011.

Ética

O conceito de cultura e as mudanças nas relações interpessoais a partir da internacionalização da economia, que chamamos de globalização, foi alvo da palestra do professor da IMED, Jandir Pauli, proferida para os empregados da Embrapa Trigo nessa sexta-feira (13). A grande questão na sociedade contemporânea é como lidar com os mais variados tipos de conflito, que atualmente se materializam no dia a dia das pessoas, podendo se dar tanto no ambiente familiar quanto no mundo das organizações. As exortações, estilo autoajuda, “coloque-se no lugar do outro e procure fazer aquilo que gostaria que lhe fizessem”, em geral, não servem pra nada, pois como bem ironizou Bernard

Shaw, há que se ter muito cuidado com esse negócio de se colocar no lugar do outro, pois esse “outro” pode ter gosto diferente do nosso.

O Nacional

Sexta-Feira, 13/05/2011

Data : 06/04/2018

Título : 79 Anos e 364 Dias

Categoria: Artigos

Hoje, 6 de abril de 2018, são transcorridos 79 anos e 364 dias desde aquele 7 de abril de 1938, que assinala a data de fundação do Grêmio Passo-Fundense de Letras. O sodalício das letras locais, que, a partir de 7 de abril de 1961, passou a atender pelo nome de Academia Passo-Fundense de Letras. Amanhã, portanto, serão cumpridos os 70 e 10 ou, se preferirem, o aniversário de 80 anos da instituição, que é uma das mais antigas do gênero e ainda em atividade no País. Todavia, apesar da fachada imponente da sede na Avenida Brasil Oeste, nº 792, no coração da cidade, construída em 1912, nem todo cidadão passo-fundense conhece ou tem uma percepção bem clara da história e do papel desempenhado por essa octogenária instituição literária no desenvolvimento cultural, social e econômico de Passo Fundo.

Há raízes mais profundas do que a data formal de 7 de abril de 1938. Talvez elas possam ser encontradas no dia 15 de fevereiro de 1883, quando quatro jovens, Gasparino Lucas Annes, Diogo de Oliveira Penteado, Felício Bianchi e Pedro Lopes de Oliveira, decidiram criar o Clube Literário Amor à Instrução, que chegou a contar com 120 associados. O Clube manteve uma biblioteca, com obras em diversas línguas, promovia palestras, debates e saraus. A guerra fratricida, que passou à história com o nome de Revolução Federalista, também contribuiu para a desativação da entidade. Os seus ideais, todavia, permaneceram vivos. Tanto é assim que, quando da criação do Grêmio Passo-Fundense de Letras, em 7 de abril de 1938, lá estavam Gabriel Bastos e Armando Araújo Annes, ex-integrantes do Clube Literário Amor à Instrução.

A decisão de criar o Grêmio Passo-Fundense de Letras aconteceu numa reunião preliminar levada a cabo no dia 31 de março de 1938, sob o comando de Sante Uberto Barbieri. E, no dia 7 de abril de 1938, foi realizada a sessão de fundação do Grêmio Passo-Fundense de Letras, com a eleição da diretoria provisória, cuja presidência coube a Arthur Ferreira Filho.

Uma das primeiras iniciativas do Grêmio Passo-Fundense de Letras foi propor a criação da Biblioteca Pública Municipal. O Decreto nº 6, de 2 de abril de 1940, assinado pelo prefeito Arthur Ferreira Filho, fundador e primeiro presidente da novel entidade literária, criou a Biblioteca solicitada.

No dia 7 de abril de 1961, o Grêmio Passo-Fundense de Letras foi transformado em Academia Passo-Fundense de Letras, sendo, inicialmente, presidida pelo advogado e professor Celso da Cunha Fiori.

Ao longo de sua história, a Academia Passo-Fundense de Letras promoveu concursos literários, publicou anuários e participou ativamente da vida cultural do município. As discussões sobre a implantação do ensino universitário e do movimento tradicionalista gaúcho em Passo Fundo, por exemplo, tiveram início dentro do sodalício das letras locais. Além de ser gestado, nas suas hostes, o Instituto Histórico de Passo Fundo e sido abrigada, na sua sede, até 1973, a Biblioteca Pública Municipal.

Atualmente, a Academia Passo-Fundense de Letras edita a revista Água da Fonte, produz o programa Literatura Local e organiza a Semana das Letras (5ª edição em 2018). A tradição de promover oficinas de criação e concursos literários foi retomada em 2008. São exemplos, o projeto Identificando Talentos e o concurso de 2017, intitulado “O Solidário e Intenso Valmor Bordin”, que homenageou a obra e a memória do médico e escritor local falecido em 2015.

A Academia Passo-Fundense de Letras, indiscutivelmente, tem contribuído para o desenvolvimento e para a formação cultural de Passo Fundo. Tem sido a mantenedora da tradição iniciada por aqueles quatro jovens que, no dia 15 de fevereiro de 1883, fundaram o Clube Literário Amor à Instrução. A sua história, portanto, ultrapassa a marca dos 80 anos de existência, que serão completados nesse dia 7 de abril de 2018. É a continuidade de uma caminhada de, pelo menos, 135 anos de amor à cultura. E mais: nenhuma instituição que não tenha relevância dura 80 anos!

(Texto escrito em colaboração com o acadêmico Paulo D. S. Monteiro)

Data : 03/03/2010

Título : A arte de benzer o tempo

Categoria: Artigos

Descrição: Quer acreditemos em superstições quer não, há nesse Rio Grande de São Pedro uma série de rezas, benzeduras, simpatias, mandingas e esconjuros que, segundo a crença, possuem a capacidade de modificar o comportamento da atmosfera. Também não são raras as benzedoras afamadas...

A arte de benzer o tempo

Quer acreditemos em superstições quer não, há nesse Rio Grande de São Pedro uma série de rezas, benzeduras, simpatias, mandingas e esconjuros que, segundo a crença, possuem a capacidade de modificar o comportamento da atmosfera. Também não são raras as benzedoras afamadas, profissionais ou amadoras, que trazem em seus CVs fatos notáveis relacionados com a meteorologia. Diante da complexidade dos fenômenos atmosféricos, a saída encontrada pelo homem simples e alheio aos conhecimentos da ciência da meteorologia foi a busca de explicação no sobrenatural e no poder de divindades para controlar os desígnios do tempo e do clima. Assim nasceram as crenças, as rezas, as simpatias, os mitos e tantas outras modalidades do gênero que, através do costume passado de geração para geração, chegaram até os dias atuais.

A ciência da meteorologia possui explicação física para os mais variados comportamentos da atmosfera. Todavia, se conhecimento científico satisfaz à razão, com toda a certeza não acalma as inquietações da alma humana. Por isso, são admiráveis trabalhos como o do escritor Helio Moro Mariante, que resgatam e evitam que venham a se perder os costumes sul-rio-grandenses no campo da astro-meteorologia popular, contribuindo para o enriquecimento da nossa cultura. Da obra de Helio Moro Mariante - Santa Bárbara, São Jerônimo! Astro-Meteorologia popular - extraímos, com pequenas adaptações, os costumes e crenças gauchescos descritos a seguir.

Para pedir chuva

Durante períodos de seca, o gaúcho utiliza várias formas para pedir chuva. Dentre essas:

- colocar um punhado de sal em formigueiro
- matar um sapo e colocá-lo de barriga para cima. Em algumas regiões, pensa-se o contrário, matar um sapo provoca seca;
- colocar uma imagem de Santo Antônio, de preferência com a cabeça voltada para baixo, em uma vasilha com água, até a chegada da chuva;
- organizar uma procissão com muitas rezas. O padre ou capelão vai atirando para o ar água que deve conter três folhas de malva;
- sair para a rua com um guarda-chuva aberto.

Para parar a chuva

Em época de muita chuva no Rio Grande do Sul, é comum recorrer-se a expedientes nada convencionais para mudar essa situação. Nessas ocasiões, são costumes gauchescos:

- o membro mais moço da família fazer uma cruz com as cinzas do fogão no quintal da casa;
- repetir três vezes: Santa Bárbara! São Jerônimo!, enquanto queima palma benta;
- colocar uma estampa da Sagrada Família na porta da frente da casa;
- atirar três pedaços de sabão novo no telhado da casa, dedicando-se o ato à Santa Clara. Ao mesmo tempo, sair para a rua com um guarda-chuva aberto e rezar esta oração: "Santa Clara! Santa Clara! pega aqui este sabão e lava a roupa do teu filhinho. Não mais precisas de chuva para esta ação. Devolve logo meu rico solzinho".

Para acalmar tormentas

A maioria das crendices populares ligadas à meteorologia está relacionada com as tempestades.

As orações e práticas que, no entender do gaúcho, ajudam a protegê-lo da fúria do tempo. Alguns exemplos:

- cobrir os espelhos da casa ou virá-los contra a parede, pois, no consenso popular, o aço dos espelhos atrai raios;
- fazer uma cruz, usando sal ou palma de Santa Rita benta no Domingo de Ramos, sobre a superfície de uma mesa;
- riscar três vezes o chão com um machado, fazendo o sinal da cruz. De preferência, em uma esquina próxima da casa do lado de onde está vindo a tormenta ou bem no canto desse prédio.

No campo das tormentas, são várias as orações utilizadas pelas benzedadeiras, quase sempre ditas acompanhadas de algum ritual, variável conforme a região do estado, que pode ser junto a uma cruz de sal ou de erva-mate, queimando palma benta ou segurando um galho de arruda.

As orações são dedicadas a vários santos. Sem dúvida Santa Bárbara é a mais invocada protetora de tormentas, porém Santo Antônio também é bastante lembrado nessas horas. Das várias compiladas por Helio Moro Mariante, selecionamos uma dedicada à Santa Bárbara:

Santa Bárbara bendita

Que no céu está escrito

Com papel e água benta

Nos livrai desta tormenta.

(P.S.: Hoje, 3 de março, é o Dia do Meteorologista. Nossas homenagens a esses profissionais que lidam com as coisas do tempo e do clima.)

Do Jornal

O Nacional

03 de Março de 2010

Data : 04/08/2017

Título : A autopoiese da sociedade segundo Niklas Luhmann

Categoria: Artigos

Uma teoria científica, quando bem construída, pode estender seu alcance para áreas do conhecimento que, originalmente, pareceriam inimagináveis. Esse é o caso da Autopoiese, que dos domínios da biologia, conforme concebida pelos biólogos chilenos Humberto Maturana e Francisco Varela, por intermédio da obra do sociólogo e jurista alemão Niklas Luhmann (1927-1998), não sem críticas, frise-se, faz parte, hoje, de um pensamento alternativo/diferente nas ciências jurídicas e sociais.

Entender as formas como o Direito e a cultura jurídica se manifestam no século 21, pode ser algo mais relevante do que a maioria de nós, leigos, supõe à primeira vista. Essa foi a lição inicial deixada pela leitura da obra “A verdade sobre a autopoiese no direito”, de Leonel Severo Rocha, Michael King e Germano Schwartz, edição de 2009, pela Livraria do Advogado Editora. No enfoque adotado por Niklas Luhmann tudo acontece dentro dos contornos daquilo que definimos como sociedade. Nada pode ser produzido, seja como identidade ou linguagem, fora desses limites. E quando um sistema social, de forma independente, consegue se autorreproduzir, fechando-se operacionalmente, ele assume características de um sistema autopoietico, nos moldes da concepção biológica de Maturana & Varela. Ou, indo um pouco mais além, quem sabe seja imprescindível a unificação de nossas visões, em geral, fragmentadas de mundo, no contexto da Teoria Geral dos Sistemas de Ludwig Von Bertalanffy, abandonando-se de vez a crença cartesiana da certeza do conhecimento científico. Para Luhmann, na sociedade pode acontecer tudo aquilo que pode acontecer.

O entendimento de cultura como o conjunto de respostas que se cria na sociedade para resolver o problema de sua própria complexidade, também merece destaque, uma vez que, não raro, substitui-se a verdade pela cultura dominante. Ou, quando não, a preocupação maior, fica com o discurso, se esse é verificável ou não. Discute-se a validade do discurso e não a verdade dos fatos. Muitas vezes assume-se “o que ele disse que eu disse”, podendo esse estar

errado e não, efetivamente, “o que eu disse”. Privilegia-se uma racionalidade falsa de um mundo que se sabe que não se pode observar completamente devido a sua diferenciação e complexidade, cuja funcionalidade policontextual determina a emergência de propriedade que não se manifestam nas partes isoladas. A sociedade parece evitar o problema da verdade (de qual é a verdade) para, assim, facilitar a construção de certa ordem social.

Desmitificar a perspectiva do sujeito racional individualista, defendida pela Escola de Chicago, que insistia na ideia de racionalidade do sujeito como apto a decidir, da melhor forma possível, qualquer questão, é outra contribuição de Luhmann, afastando-se do individualismo ainda tão presente na sociedade atual. Um pouco mais além, pode-se perceber o quão equivocados estão os normativistas estritos, que, adotando os princípios outrora propalados por Hans Kelsen e impregnados por ideologias ou sentimentos de fraternidade, não conseguem enxergar a insuficiência das normas como critério de justiça. O normativismo, muito frequentemente, se presta mais para isentar o indivíduo do sentimento de responsabilidade da decisão, que para qualquer outra coisa. Ou para, em defesa de interesses corporativos, a negação que as disciplinas são construções artificiais e arbitrárias, não delimitando fronteiras na busca de soluções para problemas do mundo real. Enfim, aquilo que chamamos de realidade, inclusive o “eu”, é algo socialmente construído; nos ensina Luhmann.

Uma defesa de Niklas Luhmann e sua teoria da autopoiese no direito, feita com o prazer intelectual da resposta aos críticos, que leva a assinatura de Michael King, professor na Universidade de Reading (Reino Unido), é um dos pontos centrais do livro “A verdade sobre a autopoiese no direito”. Uma leitura para a vida. Recomenda-se.

Data : 27/11/2015

Título : A Batalha de Stalingrado

Categoria: Artigos

Descrição: Foi por ignorar El Niño, certamente, que Napoleão Bonaparte declarou: “Circunstâncias? Eu faço as circunstâncias!” Investiu na campanha contra a Rússia, em 1812, e acabou derrotado pelo “General Inverno”.

Foi por ignorar El Niño, certamente, que Napoleão Bonaparte declarou: “Circunstâncias? Eu faço as circunstâncias!” Investiu na campanha contra a Rússia, em 1812, e acabou derrotado pelo “General Inverno”. Tal qual uma

tragédia grega, em 1942, foi a vez dos alemães terem o mesmo destino, quando tentaram tomar Stalingrado.

Stalingrado, originalmente Tsaritsyn e hoje Volgogrado, foi mais uma tantas cidades ao longo do Volga, que, após a revolução Bolchevique de 1917-1920, acabaram renomeadas para glorificar as lideranças comunistas e consolidar o culto à personalidade que caracterizou a era Stalin. Pela sua posição geográfica, é um local de violento contraste climático entre o verão e o inverno, que se torna ainda mais acentuado por influência do fenômeno El Niño.

Hitler decidiu atacar a Rússia. Com a ajuda de alguns países - Ucrânia, Romênia e Hungria- a “máquina de guerra alemã” marchou para o interior da Rússia, no verão de 1941. Os alemães chegaram a Moscou no fim do verão, porém não conseguiram entrar na cidade. Nesse meio tempo, enquanto os seus generais queriam mover as tropas para leste da frente de guerra, Hitler ordenou a divisão das tropas rumo ao sul e para sudeste. Com o inverno se aproximando e sob um forte ataque russo os alemães bateram em retirada, contabilizando, na primavera de 1942, umas 800 mil baixas. Mais ao sul, os alemães avançaram em direção à Criméia e as montanhas do Cáucaso, em maio de 1942. Entre os objetivos: tomar Stalingrado. Encarregado da missão, o General Friederich Paulus, Chefe do Sexto Exército, que havia se notabilizado, em 1940, por dirigir as tropas alemãs que repeliram uma contraofensiva dos aliados, na França. Enviado para o sul da Rússia no verão de 1942, o General Paulus avançou rapidamente pela margem leste do Danúbio, chegando às vizinhanças do Volga no fim de agosto.

No Kremlin, Stalin determinou que a cidade que levava o seu nome não iria se render de jeito nenhum. Em setembro e outubro de 1942 as ruas de Stalingrado transformaram-se em campos de guerra. Mesmo com muitas baixas dos soviéticos, os alemães não conseguiram dominar a cidade. Vendo que a batalha de Stalingrado começava a se tornar uma coisa sem sentido, com perdas de homens e gastos de materiais, Paulus e outros generais tentaram persuadir Hitler a uma retirada, antes da chegada do inverno. Hitler não se sensibilizou. Parecia obcecado em conquistar um alvo que a maioria dos analistas militares não julgava estratégico na ocasião.

O demorado e custoso ataque a Stalingrado forçava os alemães a permanecerem no território inimigo. Os generais germânicos estavam temerosos em ficar longe de suprimentos, de reforços e, ainda por cima, sob espreita do “legendário aliado” russo: o inverno. No fim de outubro de 1942, o Volga começou a congelar, dando indícios de como seria o inverno. De novembro de 1942 até janeiro de 1943, período crucial de batalhas em Stalingrado e da capitulação alemã, as condições meteorológicas foram as mais severas possíveis. Os registros indicam uma estação marcada por anomalias climáticas extremas. Hoje se sabe que a dissipação da fase quente do fenômeno El Niño-Oscilação Sul é responsável por invernos severos na Europa continental, com tempestades de neve e ondas de frio. E este foi o caso do inverno de 1942/43, que pegou em cheio a mudança de El Niño para La Niña.

Quando Hitler tomou consciência da seriedade da situação, em novembro de 1942, ordenou que a divisão do General Erich Manstein tentasse o resgate das tropas de Paulus. Sem saída, acossados por inclemências meteorológicas de toda ordem, Hitler e seus generais resolveram sacrificar as tropas em Stalingrado, que manteriam os russos ocupados, durante a retirada alemã do

Cáucaso. Finalmente, em 31 de janeiro de 1943, após sucessivas derrotas, o General Paulus capitulou. Foi um patético fracasso, que sob os auspícios de El Niño/La Niña sinalizava o começo do fim da era Hitler.

Data : 01/05/2015

Título : A biologia de Maturana

Categoria: Artigos

Descrição: As ideias de Humberto Maturana sobre biologia transitam na zona de fronteira entre ciência e filosofia.

Sexta-Feira, 01/05/2015 às 08:00, por Gilberto Cunha

As ideias de Humberto Maturana sobre biologia transitam na zona de fronteira entre ciência e filosofia. Este neurobiologista chileno, famoso pela criação, em parceria com Francisco Varela, da teoria da autopoiese, tem sido reconhecido como um dos expoentes do pensamento sistêmico moderno.

Três particularidades do dia a dia dos seres vivos, mas com profundas implicações sistêmicas, ajudaram a forjar o pensamento singular de Humberto Maturana. São elas: (1) a natureza relacional das questões; (2) o reconhecimento de que cometemos erros; e (3) a crença na repetição dos fenômenos naturais. Não há como deixar de admitir que, em toda questão, há uma relação entre aquele que pergunta e aquele que responde. Também não podemos ignorar que não somos infalíveis, portanto somos passíveis de cometer erros. E, por mais que insistamos em negar, demonstramos, com nossas atitudes, uma forte crença na regularidade dos processos naturais.

Quando atentamos para a natureza relacional entre pergunta e resposta, não podemos deixar de perceber que quem aceita uma resposta para uma questão que tenha formulado é quem, de fato, determina que a mesma seja considerada válida. Não importa a natureza do questionamento, quem aceita a resposta define a “verdade”, o valor ou a adequação daquilo que foi aceito como tal. Isso não significa que exista algo (mesmo aceito) que seja intrinsecamente, verdadeiro, aceitável e legítimo por si próprio. O que no leva à indagação do que entendemos por conhecimento e de qual o sentido da busca daquilo que chamamos de verdade? Quando um cientista formula uma hipótese e a submete a um teste experimental, há que se ter consciência que é o cientista que determina a validade da resposta obtida, uma vez que é dele a definição dos critérios de aceitação ou rejeição dos resultados.

O homem não é infalível. Inegavelmente, cometemos erros. Não raro, costumamos dizer que “aprendemos com os nossos erros”. E se é assim, uma

vez que temos essa benevolência com os nossos erros, porque não temos a mesma consideração para com os erros dos outros? Em geral, buscamos punir quem comete erros, seja quem for; menos nós. Isso revela uma das piores falhas do nosso comportamento. Uma falta de visão da realidade. Por erro, nesta situação, entendemos aquilo que é feito, de forma honesta (não vale a mentira), em uma dada situação, e sendo considerado válido na ocasião, porém, futuramente, acaba sendo avaliado como erro, frente a outras ações possíveis. Diante disso, se pode perceber que erros não são falhas, não revelam nossa falta de visão de realidade. Erros, nessa concepção, não acontecem no momento que atribuímos a sua ocorrência. Erros, mais uma vez não confundir com mentira dissimulada de verdade, são determinados futuramente, quando se confrontam as ações em pauta com as alternativas que se apresentavam. Caso soubéssemos de antemão que aquilo que fizemos não era válido, não cometemos erro, e sim incorremos em mentira, em desonestidade. Em termos científicos, essa é mais uma dificuldade para atribuímos significado à “verdade”. Como podemos reivindicar que sabemos a verdade? Como podemos dizer que sabemos como as coisas são? Eis a dificuldade em aceitarmos que, efetivamente, nós não sabemos se algo que foi feito em um dado momento, após reflexão e outros avanços do conhecimento, não poderá vir a ser rotulado de erro.

Inegavelmente, o mundo natural nos parece repetitivo. O que acontece uma vez tornará a acontecer. Essa percepção de mundo faz parte do nosso dia a dia. E, diferentemente do que parece, no caso dos seres vivos, essa repetição é uma decorrência interna. Os agentes externos não definem o que nos acontece, embora possam dar o estímulo inicial. Nada externo a nós pode dizer qualquer coisa sobre nós mesmos. E, segundo H. Maturana, essa é uma visão que muda completamente a nossa compreensão dos processos biológicos.

Data : 24/05/2012

Título : A breve história da estação agrometeorológica de Passo Fundo

Categoria: Artigos

Descrição: Além da estação climatológica principal, oficialmente vinculada à rede do Instituto Nacional de Meteorologia (INMET)...

A breve história da estação agrometeorológica de Passo Fundo

Quinta-Feira, 24/05/2012

por Gilberto Cunha

Além da estação climatológica principal, oficialmente vinculada à rede do Instituto Nacional de Meteorologia (INMET), que funciona desde agosto de 1912 e, hoje, está instalada no campo experimental da Embrapa Trigo, às margens da Rodovia BR 285, km 294, Passo Fundo contou com outra estação meteorológica. Ou melhor, uma estação agrometeorológica pertencente à rede da antiga Seção de Ecologia Agrícola do Instituto de Pesquisas Agronômicas (Ipagro), que depois virou Equipe de Agrometeorologia da Fundação Estadual de Pesquisa Agropecuária (Fepagro) e, atualmente, faz parte do Centro Estadual de Meteorologia (CemetRS).

A estação agrometeorológica de Passo Fundo foi mantida por meio de um convênio de cooperação entre a Seção de Ecologia Agrícola do Ipagro e a Universidade de Passo Fundo (UPF), estando localizada no campus desta última instituição, no Bairro São José, junto à rodovia BR 285. Nos domínios da UPF, essa estação ocupou dois locais no campus: nas proximidades do prédio da atual biblioteca e numa área que pertencia à UPF, na margem oposta da Rodovia BR 285, quase em frente ao posto da Polícia Rodoviária Federal.

Era uma estação completa, tipo “classe A”, conforme critérios da Organização Meteorológica Mundial, nos moldes da rede agrometeorológica do Estado. Incluía observações visuais e instrumentalizada, tanto em aparelhos de leitura direta como em registradores, nos três horários oficiais de observação: 9 h, 15 h e 21 h, segundo o horário legal brasileiro. Todas as observações meteorológicas de rotina estavam contempladas, exceto as destinadas para fins sinóticos (de previsão de tempo), haja vista que não era essa a finalidade da estação mencionada.

Ao final de cada mês, os dados das observações realizadas eram enviados para Porto Alegre e, após processados, passavam a integrar a base de dados meteorológicos da Seção de Ecologia Agrícola, tendo sido usados em diversos trabalhos de meteorologia aplicada à agricultura e dado suporte ao “Atlas Agroclimático do Estado do Rio Grande do Sul”, lançado em 1989.

A estação agrometeorológica de Passo Fundo foi inaugurada em 1966, com a presença de autoridades civis, militares e religiosas, em cujas fotografias da época sobressai-se a figura marcante de Dom Cláudio Kolling, sob o acompanhamento da banda da Brigada Militar.

Trabalharam como observadores na estação agrometeorológica de Passo Fundo os senhores Carmos Lamel, Auro de Souza e Angelino Vidor. A omissão de outros nomes que porventura tenham trabalhado nessa estação foi involuntária, sendo bem-vindas informações nesse sentido. Desde já o colunista antecipa agradecimentos e se compromete em proceder à devida correção histórica, que por ventura haja incorrido nesse sentido.

No início dos anos 1980, quando o observador meteorológico da época, Angelino Vidor, técnico de longa folha de contribuições à Seção de Ecologia Agrícola do Ipagro, adoeceu gravemente, vindo a falecer, iniciaram os problemas com as observações na estação agrometeorológica de Passo Fundo.

Após a morte de Angelino Vidor, um filho dele foi temporariamente contratado para dar continuidade ao trabalho de observação meteorológica. O ofício de observador meteorológico não é algo simples como pode aparentar. Exige, além dos conhecimentos técnicos da função, disciplina e responsabilidade com o

cumprimento de rotinas de horário. Somando-se à dificuldade de renovação do quadro de observadores meteorológicos do Estado, a solução temporária encontrada para substituição de Angelino Vidor não deu certo. Essa parte da história eu acompanhei bem de perto, pois, na época, trabalhava na Seção de Ecologia Agrícola do Ipagro, em Porto Alegre, e testemunhei o fechamento definitivo da estação agrometeorológica de Passo Fundo, no mês de setembro de 1983, após 18 anos de funcionamento (1966 a 1983).

Do Jornal

O Nacional

Data : 06/05/2016

Título : A busca pela autossuficiência em cevada e malte no Brasil (Parte 1)

Categoria: Artigos

Descrição: Ao GT foi dado o prazo limite de 31 de maio de 1976 para a apresentação do relatório, que foi embasado em informações coletadas junto aos setores público e privado.

Em meados dos anos 1970, nos tempos áureos das políticas nacionalistas do regime militar que havia sido implantado no País em 1964, seguindo o modelo econômico de busca pela autossuficiência de tudo que pudesse representar poupança de divisas com importações, foi criado o “Programa Nacional de Auto-Suficiência de Cevada e Malte”, a partir do relatório de um Grupo de Trabalho (GT) instituído pela Portaria nº 019, datada de 9 de abril de 1976, de competência do Ministério da Agricultura. O referido GT foi coordenado por Vilson de Luca (Ministério da Agricultura) e teve como membros Ladyr Teixeira Mendes (Ministério da Fazenda), João Alves Borges (Ministério da Indústria e Comércio), Edison de Andrade Costa (CFP), José Rodolfo Hülse (BACEN), Ernst Christian Lamster (Embrater), Ottoni de Souza Rosa (Embrapa) e, representando o Sindicato Nacional de Indústria de Cerveja de Baixa Fermentação, Luiz Carlos Stenghel, Giampiero Baldanzi, Cláudio Barbosa Torres, Jorge Kretzmann e Sérgio Laux. Também houve a colaboração efetiva de setores ligados ao cooperativismo, à CACEX e ao FINAME, e à CIBRAZEM.

Ao GT foi dado o prazo limite de 31 de maio de 1976 para a apresentação do relatório, que foi embasado em informações coletadas junto aos setores público e privado. Em apertada síntese, ficou evidenciado que, na época, o Brasil era o terceiro país comprador de malte no mercado mundial, com dispêndio, em 1975, ao redor de US\$ 68 milhões. A esse gasto deveria ser somado mais US\$ 6 milhões com a importação de cevada para abastecimento de parte da

capacidade instalada das maltarias. Acrescente-se ainda o diagnóstico de baixa produção de matéria prima (23,4 mil toneladas de cevada, em 1975), concentrada no sul do Brasil, além de um parque industrial de maltarias com instalações antigas e superadas tecnologicamente. Todavia, uma vez feitos os investimentos necessários, o GT vislumbrou a possibilidade de alcance de autossuficiência em cevada e malte no Brasil em um prazo de oito anos, com previsão de economia de divisas da ordem de US\$ 316 milhões. Para cumprir a meta da autossuficiência em cevada e malte até 1984, previu-se a necessidade de recursos para investimentos em silos e benfeitorias nas maltarias; além de alocação adicional em crédito rural, em mecanismo de EGF, em assistência técnica e para a criação de um programa de pesquisa em cevada.

A Embrapa Trigo, na ocasião chefiada por Ottoni de Souza Rosa, deu início à missão que lhe competia, criando um programa de pesquisa em cevada a partir da contratação, em 17 de fevereiro de 1977, de Gerardo Nicolás Arias Durán y Veiga, pesquisador uruguaio naturalizado brasileiro (23/02/1979). Gerardo Arias, até a aposentadoria em 12 de dezembro de 2005, incluindo os períodos de afastamento para cumprir o programa de doutorado na Universidade Técnica de Munique/Alemanha (1980-1985), atuar como consultor da FAO no Uruguai (1989-1991) e pós-doutorado na Universidade do Estado de Washington/USA (2001-2002), trabalhou por 28 anos com pesquisa e desenvolvimento da cultura da cevada na Embrapa. O bloco de cruzamentos começou a ser organizado em 1977, sob a responsabilidade do pesquisador Edson Iorczeski, com linhagens de cevada cervejeira de duas fileiras oriundas de Winnipeg/Canadá e coleções recebidas do Instituto Agrônomo de Campinas (IAC), do Instituto de Pesquisas Agrônomicas do Rio Grande do Sul (IPAGRO), da International Plant Breeders (IPB) e das companhias cervejeiras Antártica e Brahma; buscando principalmente resistência à doença mancha em rede. O pesquisador Euclides Minella se incorporou ao programa de melhoramento genético de cevada em 1979, iniciando a seleção da população descendente dos cruzamentos entre as cevadas canadenses e brasileiras, que deram origem às linhagens básicas do programa de melhoramento genético de cevada da Embrapa. (continua...)

Data : 20/05/2016

Título : A busca pela autossuficiência em cevada e malte no Brasil – Final

Categoria: Artigos

Descrição: Nos anos 1980, houve a ampliação das pesquisas e a expansão da área cultivada com cevada no Brasil.

Nos anos 1980, houve a ampliação das pesquisas e a expansão da área cultivada com cevada no Brasil. O Programa Nacional de Pesquisa de Cevada (PNP Cevada) serviu para integrar as pesquisas públicas e privadas,

racionalizando gastos e formando uma rede de experimentação que serviria de base para a indicação de cultivares e a validação de novas tecnologias de produção, cujo destaque, que merece menção especial, foi a publicação, em junho de 1981, da Circular Técnica nº 1, pelo CNPT, intitulada de “Recomendações Técnicas para o Cultivo de Cevada Cervejeira”, que foi a primeira de uma série de publicações técnicas que se estende até o presente. Essa publicação seminal foi coordenada por Euclydes Minella e leva a assinatura dos colaboradores Wilmar Wendt, Wilmar Cório da Luz, José Cavalcante Vieira e Armando Ferreira Filho, da Embrapa, Arlindo Göcks e L.E. Eckert, da Maltaria Navegantes S.A., Giampiero Baldanzi, da Cia. Antarctica Paulista - IBBC, Avahy Carlos da Silva, do IAPAR, e Franz Jaster, da Agromalte-Cooperativa Agrária Entre Rios Ltda. Nessa década, ainda, houve o encerramento das atividades da IPB no País, paralelamente ao início das pesquisas com cevada no IAPAR (priorizando além do uso cervejeiros também a alimentação humana e animal) e na Embrapa Cerrados, bem como foi intensificada a experimentação com cultivares e práticas de manejo de cultivo na Cooperativa Agrária Entre Rios Ltda., em Guarapuava/PR.

Historicamente, além das variedades coloniais cultivadas até meados do século passado, cabe mencionar a cultivar Continental FM 404, seleção de um material de Weibull de origem desconhecida, que foi lançada pela Companhia Cervejaria Brahma e cultivada de 1974 até 1987. A Companhia Antarctica Paulista – IBBC lançou a cultivar Antarctica 01, selecionada a partir da variedade alemã Breuns Volla, cultivada, até 1968, em todas as regiões, e, até 1986, em Guarapuava. Nos anos 1980, as variedades mais usadas foram FM 519, da Cia. Brahma (até 1990), e Antarctica 5, de 1982 até 1993.

Do programa de melhoramento genético de cevada da Embrapa, que teve início em 1977 com os objetivos além da criação de cultivares também a produção e germoplasma básico (pré-melhoramento), saíram, em um primeiro momento, a cultivar BR 1, que não alcançou padrão cervejeiro e, portanto, não chegou a ser usada em lavouras comerciais, e a BR 2, a primeira cultivar efetivamente cervejeira da Unidade. A cevada BR 2 foi um sucesso por combinar potencial de rendimento elevado, adaptação ampla e resistência à mancha-em-rede. Depois veio a Embrapa 43, que junto com a BR 2, em 1997, ocuparam 90% da área cultivada com cevada no País.

A integração formal dos programas de melhoramento genético da Embrapa com os da Antarctica e da Brahma ocorreria no início dos anos 2000, com o objetivo de racionalizar o uso de recursos humanos, matérias e financeiros.

Todavia, apesar do esforço despendido, dos avanços alcançados e da carta de boas intenções representada pelo “Programa Nacional de Auto-Suficiência de Cevada e Malte”, de 1976, chegamos em 2016 sem o atingimento dessa meta. Atualmente (entenda-se o período 2000 a 2015) têm sido cultivados 109.139 ha com cevada no Brasil, produzidas 272.196 t de grãos, rendimento médio de 2.585 kg/ha, com aproveitamento médio pela indústria de 73% (semente de 7% e fora do padrão de 20%). O consumo de malte no País é de 1.300.000 t, de cujo montante produzimos 560.000 t (43%), usando cevada nacional (40%) e importada. A produção de toda a cevada e malte que o País necessita seria possível com o cultivo de 660.000 ha, admitindo-se rendimento médio de 3 t/ha e quebra de 27%, e a duplicação da capacidade da indústria de malteação. Esses números indicam o quanto ainda nos falta para o atingimento da meta da

autossuficiência planejada em 1976 (o colunista agradece ao pesquisador Euclides Minella pela colaboração e disponibilização de informações).

Data : 13/05/2016

Título : A busca pela autossuficiência em cevada e malte no Brasil – Parte 2

Categoria: Artigos

Uma vez posto em marcha o “Programa Nacional de Auto-Suficiência de Cevada e Malte”, com o aporte de recursos do Governo Federal, em 1977, os trabalhos de pesquisa com a cultura de cevada efetivamente tiveram início na Embrapa. Até então, o esforço de pesquisa com cevada na esfera de atuação das instituições públicas brasileiras, ainda que tenha existido, não gozava de reconhecimento público. O domínio, tanto em melhoramento genético quanto em manejo de cultivo e em tecnologia de malteação, estava sob o controle da iniciativa privada, que fomentava a produção de cevada no Brasil; notoriamente a Companhia Cervejaria Brahma e a Companhia Antarctica Paulista - IBBC.

Admite-se que, apesar de a cevada ter sido trazida para o Brasil desde os primeiros anos da colonização portuguesa, essa cultura somente adquiriu importância econômica a partir dos anos 1930, quando passou a ser cultivada no País para a fabricação de cerveja, especialmente nas áreas colônias do sul do País.

Relatos históricos dão conta que a pesquisa em melhoramento genético com cevada no Brasil pode ter começado Rio Grande do Sul, quando da criação, em 1919, pelo Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, da Estação Experimental de Alfredo Chaves (atual Veranópolis/RS) juntamente com o trigo, a espécie alvo principal daquele estabelecimento. A iniciativa privada começou a trabalhar com pesquisa em cevada no Brasil em 1941, quando da instalação de uma estação experimental em Gramado/RS, de propriedade da Cervejaria Continental, de Porto Alegre. Em 1947, a Companhia Cervejaria Brahma adquiriu a Cervejaria Continental, dando um novo impulso às atividades de pesquisa em cevada. Depois, nesse rastro, nos anos 1950 e 1960, também houve o início dos trabalhos de pesquisa com cevada pela Companhia Antarctica Paulista – IBBC e pela Weibull do Brasil, na iniciativa privada, e pelos Institutos Agrônomo de Campinas (IAC) e de Pesquisas e Experimentação Agropecuária do Sul (IPEAS), além da Secretária da Agricultura do Paraná; na esfera pública. Cabe mencionar ainda que, nesse período, o professor Cláudio Barbosa Torres, gerente de Fomento e Pesquisa da Companhia Cervejaria Brahma, mudou a Estação Experimental de Cevada de Gramado para Encruzilhada do Sul. De 1968 até 1994, essa nova Estação Experimental foi dirigida pelo engenheiro-agrônomo

Arlindo Göcks. Foi Arlindo Göcks quem realizou os primeiros cruzamentos com cevada no Brasil, em 1964.

Foi graças a esses trabalhos pioneiros, por meio da seleção de cultivares adaptadas ao ambiente inóspito dos solos ácidos e com umidade elevada do sul do País, que a produção de cevada conseguiu ser sustentada, paralelamente ao desenvolvimento da agricultura mecanizada em áreas de campo, no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina e no Paraná, até o começo dos anos 1970, quando houve drástica redução de produção, que resultou em descontinuidade das pesquisas nas instituições públicas e o arrefecimento das atividades no setor privado. A Weibull do Brasil, empresa de capital sueco, que mantinha uma estação experimental em Carazinho/RS, encerrou as suas atividades no Brasil em 1971. Em 1973, com a elevação de preços de cevada e malte no mercado internacional, o interesse no cultivo de cevada no País foi retomado. A International Plant Breeders (IPB) iniciou um programa de melhoramento genético de cevada no Brasil, em 1974. E advém, na sequência, o “Programa Nacional de Auto-Suficiência de Cevada e Malte”, em 1976, e, dando sustentação a esse plano do Governo Federal, à Embrapa, por intermédio do Centro Nacional de Pesquisa de Trigo (CNPT), foi dada a competência para a execução e coordenação de pesquisas com cevada no território nacional. Foi quando houve a formatação de um programa de melhoramento genético voltado à criação de cultivares de cevada cervejeira, no escopo de um amplo Programa Nacional de Pesquisa de Cevada (PNP Cevada). (continua...)

Data : 29/09/2017

Título : A Casa de Dentro e Outras Loucuras

Categoria: Artigos

Todo (bom) escritor, que busca o aperfeiçoamento e a criação de um estilo próprio para a sua produção literária, tende ao despojamento textual. Os excessos e os barroquismos, tão característicos dos primeiros escritos de qualquer autor, são deixados de lado até que, por mais incrível que isso possa parecer, páginas praticamente em branco são suficientes para dizer tudo e mais um pouco. Luciana Lhullier, que, em 2015, havia nos brindado com o excelente “No Coração da Floresta”, atingiu esse status com “A Casa de Dentro e Outras Loucuras”, livro recém-lançado, que marca o seu retorno à cena literária local.

Se, no livro anterior, a escritora de textos refinados, ao iluminar o que os contos de fada têm a dizer sobre a vida real, nos levou para um passeio pelo bosque das emoções; nesse último, ela nos guia pelo caminho de volta para casa, quer sejamos crianças ou meras crianças grandes ou, ainda, que essa casa, figurativamente, esteja localizada dentro de nós mesmos.

“A Casa de Dentro e Outras Loucuras” é uma obra que foi produzida com esmero de ourives. Ao texto primoroso da Luciana, juntaram-se uma equipe talentosa de ilustradores [Vagner de Freitas Pires (Fill Chapelleta), Giulia Cittolin, Guilherme Silveira e Daniele Stuani] e a assessoria de uma publicitária de escol, Débora Finger da Agência La Ideia, e o resultado, que não poderia ser diferente, foi um livro singular, digno, de plano, de figurar entre as melhores produções nacionais de 2017. São livros como esse, localmente escritos e produzidos, que também justificam o título de Passo Fundo como Capital Nacional da Literatura.

Se, outrora, ganhamos esse título trazendo escritores de outras plagas, embora essa troca de experiências seja sempre necessária e louvável, frise-se, também precisamos ter escritores locais que, pela qualidade dos textos escritos e da estética das obras aqui produzidas, sejam reconhecidos além dos círculos familiares e de amizade. Luciana Lhullier, a par do prestígio que goza como professora de língua inglesa, tradutora e interprete e mediadora cultural, firmase, cada vez, como uma escritora do grupo de elite da literatura brasileira contemporânea. Nós da Academia Passo-Fundense de Letras rendemos nossos respeitos a Luciana Lhullier, à Equipe de Ilustradores e a Débora Finger pelo legado deixado à literatura local.

Os ensaios deste novo livro de Luciana Lhullier são do tipo minimalista, e, talvez, por isso mesmo, é que, quando somados texto e ilustração, produzam reflexões literárias inesperadas nos leitores. Os cinco ensaios que formam o livro [A Casa de Dentro, Asas, Logo Atrás de Você, A Vida Secreta das Árvores e A Terra dos Sentimentos], ao suscitarem emoções das mais variadas matizes nos leitores, é que justificam o livro em questão como uma autêntica obra literária. Um texto que não desperte a emotividade do leitor, seja ela qual for, não merece o epíteto de literário. Talvez, nesse caso, não passe de um mero conjunto de palavras, por mais bem colocadas que elas aparentem estar.

Não quero tirar o prazer da descoberta do leitor, até porque a emotividade de cada indivíduo, diante desses ensaios, necessariamente, vai ser tocada de maneira diferente. Em rápidas pinceladas, prepare-se para se defrontar com um coquetel e emoções, que vão, desde como saber lidar, na posição de filhos, com o conflito entre o pragmatismo das mães e os sonhos visionários dos pais, até conseguir chegar, sem mapa e nem GPS, no lugar certo na terra dos sentimentos.

O meu preferido (leia o livro e escolha o seu), sem qualquer atrelamento às ciências agrárias, é A Vida Secreta das Árvores. Ainda que a autora não tenha explicitado (por, possivelmente, não ter sido essa a sua intenção), eu encontrei uma forte identificação desse ensaio com os textos publicados nas colunas do Dr. Jorge Anunciação, nas edições de sábados de O NACIONAL, particularmente naquelas que ele faz lembranças, de cenas vividas e de pessoas que não estão mais por aqui, sob o plátanos da Praça Tamandaré.

Data : 13/04/2018

Título : A Casa de Salomão

Categoria: Artigos

Francis Bacon (1561-1624), com a publicação, postumamente, em 1626, da obra Nova Atlantis (Nova Atlântida), ao descrever a cidade ideal dos sábios, localizada na utópica ilha de Bensalém, e a fictícia instituição Casa de Salomão, na prática, vaticinou o modelo de organização de comunidade científica vigente nos tempos atuais.

O pragmatismo de Bacon, dando ênfase na experimentação e na observação, sob a perspectiva do método indutivo e a opção pela cooperação embasada na divisão racional do trabalho, colocou (ou intencionou colocar), via a famosa assertiva “conhecimento é poder”, a ciência a serviço do bem-estar da sociedade e da felicidade humana (ou parte dela, pelo menos), conferindo-lhe o domínio sobre a natureza. Fundamentou uma prática científica indutiva e experimental; de natureza utilitária e de base tecnológica; além de orientada para a busca de benefícios em prol da humanidade. Aliás, não é outra coisa que, hoje, as ditas ciências empíricas, a exemplo das agrárias e da saúde, em tese, praticam e buscam.

Francis Bacon, cuja obra Nova Atlantis serviu de inspiração para a fundação, em 1660, da mais prestimosa sociedade científica do Reino Unido, a Royal Society, seria reconhecido ad aeternum como o seu patrono. Para Bacon, não bastava uma sociedade ter um bom governo. Além de bom, tinha que ser um governo que incentivava a atividade científica visando ao bem comum.

Na Casa de Salomão, as especialidades e as funções das carreiras acadêmicas, exercidas pelos ofícios, são similares às encontradas em qualquer instituição científica atual, seja pública ou privada. Entre os ofícios, o dos “mercadores da luz” (merchants of light, na expressão original de Bacon), que, em número de 12, a cada dois anos, eram enviados, em dois navios, numa expedição pelo mundo, para recolher exemplares de livros e prospectar invenções e descobertas realizadas em países estrangeiros. Depois, seguiam os demais ofícios, sempre com três pessoas: os depredadores (recolhiam informações dos livros trazidos pelos mercadores da luz); os homens do mistério (reuniam o conhecimento sem aplicação tecnológica imediata); os pioneiros ou mineiros (buscavam outros

conhecimentos úteis, além dos conhecidos); os compiladores (avaliavam e organizavam os trabalhos dos quatro cargos anteriores); os doadores ou benfeitores (buscavam extrair alguma utilidade para a vida humana a partir do trabalho feito pelos grupos anteriores); os luminares (orientavam os novos experimentos); os inoculadores (realizavam os experimentos sugeridos pelos luminares); e os intérpretes da natureza (sintetizavam as descobertas anteriores e faziam as competentes generalizações). A contrapartida desses papéis, nas atuais instituições de Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I), pode ser encontrada, com relativa facilidade, por qualquer pessoa com o mínimo de familiaridade com o ambiente acadêmico de qualquer país do mundo. Então: viva Bacon!

Vivemos tempos de conectividade global. Então vale refletir: o modelo da Casa de Salomão, tal qual foi proposto por Bacon em 1626, mais ainda vigente, veladamente, nas organizações de CT&I, tem sustentabilidade ou pode migrar totalmente para o ciberespaço e funcionar disperso em nuvens pelo mundo? Seria a nova era da “circulação de cérebros” em vez da “fuga de cérebros”, representada pela migração dos melhores cientistas para as nações mais ricas em busca de recursos e construção de carreiras?

O mundo está pronto para trabalhar em rede e aproveitar as melhores ideias de onde quer que elas venham surgir. A era da mobilidade global, certamente, pode potencializar a inovação em ciência e tecnologia. Mas, as pessoas não necessariamente estão dispostas a permanecer ligadas apenas no ciberespaço e, por isso, optem por emigrarem para os chamados viveiros de alta tecnologia, caso do Vale do Silício nos EUA. O modelo da Casa de Salomão de Bacon, porém necessariamente com reformulações, ainda pode persistir por mais alguns anos nesse começo de século XXI.

Data : 01/02/2019

Título : A casa do tempo

Categoria: Artigos

Não soa descabida, ainda que aparente, a maneira como os britânicos costumam se referir ao Observatório Real de Greenwich, chamando-o de “A Casa do Tempo”. Esse estabelecimento, que, desde 1997, faz parte do patrimônio da humanidade da UNESCO, foi criado em 1675, sob os auspícios do Rei Charles II, e hospeda o primeiro meridiano do mundo, a longitude 0° (000°

00 00), que serviu (e ainda serve na prática) para as medições relativas de tempo e espaço no globo terrestre.

A corrida por riquezas e conquista de novas terras, uma vez consolidada a era das grandes navegações iniciada no século XV, demandava, passados quase 200 anos, em pleno século XVII, que os navegantes contassem com um melhor sistema de posicionamento e contagem de tempo. O problema não era tão simples quanto aparenta hoje. Como medir o tamanho exato da Terra? Como estabelecer um sistema de plotagem e localização de cidades e outros marcos geográficos? Como um navegante poderia saber se estava a Leste ou a Oeste de um determinado ponto?

Os céus e os movimentos aparentes dos astros eram as referências. Os gregos haviam se debruçado sobre essa questão. Até mesmo, não se ignoravam certas coordenadas que mediam ângulos Norte e Sul, em relação ao Equador (linha imaginária que divide a Terra em dois hemisférios), que, hoje, chamamos de latitudes. Mas as medições Leste-Oeste se mostravam mais complexas e difíceis, uma vez que não havia um marco de referência como o Equador. Usavam-se uma série de pontos zeros arbitrários, tipo algumas cidades ou marcos geográficos naturais, que davam margem a confusão e não se prestavam bem ao fim destinado.

Foi nesse cenário que o Rei Charles II, visando a dar um melhor apoio aos seus navegadores, dotando-os de um sistema de posicionamento (tempo e espaço), comissionou a construção de um observatório onde o primeiro astrônomo real nomeado, John Flamsteed, pudesse, a partir da ligação com as estrelas, definir, com mais precisão, as posições de latitude e longitude terrestres. Ele começou pela retificação de tabelas de movimentos de astros e posições de estrelas fixas, disponibilizando novas cartas aos navegadores. No entanto, apesar do progresso, isso não foi suficiente para evitar o grande desastre de 1707, quando quatro navios da frota real da Inglaterra, naufragaram na costa da Sicília, deixando 1600 mortos. Essa tragédia incentivou os investimentos em Greenwich e novos estímulos na forma de premiação para quem conseguisse desenvolver um sistema de posicionamento global melhor para a marcação do tempo e do espaço, especialmente nos mares.

A consolidação do Observatório Real de Greenwich foi sendo feita aos poucos, com os novos prédios sendo construídos e os avanços sendo alcançados, à medida que se sucediam os astrônomos reais. Efetivamente, foi James Bradley, o terceiro astrônomo real, que, em 1749, recebeu dinheiro para construir um novo observatório. e. posicionou a mira do novo telescópio naquele que seria definido como o meridiano de Longitude 0°, que apareceu no primeiro mapa publicado em 1º de janeiro de 1801. Isso transformou Greenwich no “centro do mundo”, onde o Oriente (Leste) encontra o Ocidente (Oeste).

O tempo médio de Greenwich (GMT – Greenwich Mean Time), baseado no tempo solar médio no meridiano de Greenwich, trilhou um longo caminho até ser reconhecido oficialmente no mundo. Em 1884, houve a Conferência Internacional do Meridiano, em Washington D.C., quando adotou-se o dia solar médio, que contava 24 horas e iniciava a meia-noite em Greenwich. O meridiano de Greenwich foi ratificado como longitude 0° por 22 países, um contrário (San Domingos) e duas abstenções (Brasil e França).

Ainda se pode considerar o padrão GMT ou tempo Universal (TU), por ter boa aproximação para fins práticos. Mas, desde 1958, o mundo adotou o sistema UTC (Coordinated Universal Time), como forma de manter a variação do Tempo Universal (TU/GMT) e o Tempo Atômico Internacional (TAI, baseado no átomo de Césio 133) dentro de um décimo de segundo um do outro.

Data : 17/03/2011

Título : A ciência como ela é

Categoria: Artigos

Descrição: Uma mulher inteligente, detentora de um título de Ph.D., relativamente bonita, adepta da prática do montanhismo, bem-nascida (entenda-se de família rica)...

A ciência como ela é

por Gilberto Cunha

Uma mulher inteligente, detentora de um título de Ph.D., relativamente bonita, adepta da prática do montanhismo, bem-nascida (entenda-se de família rica) e trabalhando em um meio eminentemente dominado por homens, nos laboratórios científicos da Inglaterra do pós-guerra, são elementos mais que suficientes para a criação de um ambiente de maledicências, competições pessoais, intrigas e versões nem sempre fidedignas. A referência, nesse caso, é sobre os bastidores que antecederam a revolucionária descoberta da estrutura do DNA, em 1953, tendo como protagonistas principais Rosalind Franklin, Maurice Wilkins, Raymond Gosling, James Watson e Francis Crick. Há pelo menos três versões, bem ao estilo a ciência (a vida) como ela é, sobre o acesso que James Watson teve à imagem da forma B do DNA, a famosa foto 51, que daria o insight que ele e Francis Crick necessitavam para inferir que a estrutura da molécula responsável pelo “segredo da vida” era uma dupla-hélice.

É inegável a competição que havia na corrida pela descoberta da estrutura do DNA, a base da herança genética, tanto entre instituições científicas dos Estados

Unidos da América, que contavam a seu favor com a genialidade de Linus Pauling do Instituto de Tecnologia da Califórnia (Caltech), considerado o principal químico cristalográfico da época, quanto inglesas, representadas por dois laboratórios, patrocinados pelo MRC - Medical Research Council Unit for the Study of the Structure of Biological Systems (Unidade do Conselho de Pesquisas Médicas para Estudo da Estrutura de Sistemas Biológicos). Um deles era o Laboratório Cavendish, na Universidade Cambridge, e o outro o laboratório do King's College, no centro de Londres. No primeiro, trabalhavam James Watson e Francis Crick, e, no segundo, Maurice Wilkins e Rosalind Franklin. Os dois grupos ingleses, apesar do mesmo agente financiador, também competiam entre si. O pessoal de Cambridge, trabalhando em harmonia, levou vantagem nessa disputa, embora a descoberta seminal, a foto 51, tenha sido feita no King's College.

Quando a edição da revista Nature, nº 4356, chegou às bancas, naquele 25 de abril de 1953, trazendo a histórica nota da descoberta da estrutura do DNA, assinada por J.D.Watson e F.H.C. Crick, acompanhada por dois artigos mais longos, sobre assunto correlato, um de responsabilidade de Rosalind Franklin e outro de Maurice Wilkins, além de colaboradores, poucos, mesmo nos meios científicos, foram aqueles que dimensionaram todos os desdobramentos que se seguiriam a essa descoberta, que incluiu a concessão do Prêmio Nobel de Fisiologia/Medicina de 1962 e o aparecimento da biologia molecular, e, menos ainda, vaticinaram o aparecimento das versões futuras, em livros e filmes, sobre as disputas pessoais nos bastidores desses laboratórios.

Em 1967, Francis Crick em conversa com Maurice Wilkins, manifestou a preocupação com um livro que James Watson, na ocasião trabalhando na Harvard University, estaria escrevendo para contar a história da descoberta da estrutura do DNA. Ele tivera acesso aos originais e não se sentira nada confortável com o tom do texto de Watson, que exagerava em dramaticidades e dava destaque mais às rivalidades pessoais que aos fatos científicos, prometendo contar como a ciência é realmente feita. Wilkins e Crick, unidos, conseguiram sustar a publicação do livro junto aos editores da Harvard University Press. O desfecho foi pior, pois James Watson encontrou facilmente outro editor. Em 1968, pela Signet Books, numa série pocket, sairia do prelo o seu *The Double Helix – A personal Account of the Discovery of the Structure of DNA*, que se converteria num clássico da ciência popular. (continua na próxima quinta-feira)

O Nacional

Quinta-Feira, 17/03/2011

Data : 24/03/2011

Título : A ciência como ela é (2)

Categoria: Artigos

Descrição: Quando *The Double Helix*, a versão pessoal de James Watson sobre a descoberta da estrutura do DNA, foi publicada, em 1968, em edição pocket, pela Signet Books...

A ciência como ela é (2)

por Gilberto Cunha

Quando *The Double Helix*, a versão pessoal de James Watson sobre a descoberta da estrutura do DNA, foi publicada, em 1968, em edição pocket, pela Signet Books, a repercussão em vendas (e em controvérsias) foi imediata. Afinal, era a história de uma das maiores descobertas científicas de todos os tempos que estava sendo contada por um dos seus protagonistas principais, de forma clara, em linguagem acessível, sem meias-palavras e nem rodeios, descrevendo o ambiente dos laboratórios e as relações pessoais entre cientistas notáveis, que, no dia a dia, pouco ou nada diferem da vida como ela é dos cidadãos comuns.

Há quem entenda que James Watson exagerou, especialmente na caricatura de personagens que deram contribuições relevantes, como é o caso de Rosalind Franklin, que, inclusive por ter morrido jovem, em 1958, vitimada por um câncer de ovário aos 37 anos, nunca pode contar a sua versão, impingindo-lhe um perfil e apelidos, de forma depreciativa, que contraria a percepção e o sentimento de muitos que conviveram e trabalharam com ela. A famosa foto 51, tirada por Rosalind Franklin e Raymond Gosling, retratando, por meio de difração de raios x, a forma B do DNA, e que, segundo alguns, teria sido mostrada a James Watson sem o consentimento dela, é o pivô de uma história que tem sido contada em múltiplas versões. O esquema da foto, copiado por Watson em um jornal, ao ser visto por Francis Crick, deu o insight que faltava para ele perceber que a estrutura do DNA era uma dupla-hélice. A realidade talvez não seja tão simples e nem tão linear assim, pois há teses assegurando que Watson e Crick, além da foto 51, franqueada por Maurice Wilkins, também teriam obtido acesso aos relatórios produzidos por Rosalind Franklin para o MRC - Medical Research Council Unit for the Study of the Structure of Biological Systems, que era o órgão financiador das pesquisas sobre a estrutura do DNA, tanto em Cambridge quanto no King's College.

Em 1962, pela importância da descoberta da estrutura do DNA, James Watson, Francis Crick e Maurice Wilkins receberiam o Prêmio Nobel de Fisiologia/Medicina. Na cerimônia oficial de entrega do prêmio, que ocorre anualmente em Estocolmo, no dia 10 de dezembro (dia da morte de Alfred Nobel), nenhuma menção foi feita, pelos agraciados, a Rosalind Franklin. O fato indignou amigos e colaboradores e Rosalind, com o passar do tempo e alguns livros depois, viraria um símbolo da injustiça masculina contra as colegas mulheres no mundo científico. Sentimento que se exacerbou mais ainda com o livro de James Watson, em 1968.

Logo depois da descoberta da estrutura do DNA, Rosalind Franklin deixa o King's College. Vai trabalhar com vírus e, em parceria com Sir Aaron Klug, faz

novas contribuições relevantes. Por esses trabalhos, em 1982, Klug receberia o Nobel de Química e, diferentemente de Watson, Crick e Wilkins em 1962, prestou especial deferência à memória de Rosalind Franklin. Na lápide do túmulo de Rosalind Franklin, no Cemitério Israelita, em Londres, pode ser lida, junto ao seu nome, a palavra “cientista” e é dado destaque às suas contribuições nos estudos com vírus. Não seria exagero se lá também constasse a descoberta da estrutura do DNA.

A jornalista Anne Sayre, em 1975, publicou “Rosalind Franklin and DNA”, que é uma espécie de contraponto ao “Double Helix” de Watson. O livro de Sayre virou um manifesto feminista em defesa da mulher na ciência. Os homens, em especial Maurice Wilkins, que é apresentado como um misógino que contribuiu para a infelicidade de Rosalind, são demonizados por Sayre. Em uma espécie de desagravo, Maurice Wilkins, que morreu em 2004, resolveu contar a versão dele, evidentemente negando alguns fatos, no livro “Maurice Wilkins – The Third Man of the Double Helix”, a sua autobiografia lançada em 2003. (continua na próxima quinta-feira)

O Nacional

Quinta-Feira, 24/03/2011

Data : 31/03/2011

Título : A ciência como ela é (3)

Categoria: Artigos

Descrição: Se no livro “The Double Helix – A Personal Account of the Discovery of the Structure of DNA”, de 1968, James Watson criou uma Rosalind Franklin...

A ciência como ela é (3)

por Gilberto Cunha

Se no livro “The Double Helix – A Personal Account of the Discovery of the Structure of DNA”, de 1968, James Watson criou uma Rosalind Franklin, descrita como Rosy e que, desde o apelido desconhecido pelos amigos até o comportamento, em nada parecia com a personagem real; algo não muito diferente teria feito a jornalista Anne Sayre, em 1975, quando publicou “Rosalind Franklin and DNA”, em relação a Maurice Wilkins, que é apresentado como um misógino (pessoa que sente desprezo ou aversão pelas mulheres) e que, segundo deixa transparecer no texto, pela falta de ética no relacionamento

profissional com a colega do King's College, teria sido o principal responsável pela infelicidade de Rosalind.

James Watson, conforme alegaria anos mais tarde, no "The Double Helix", contou a sua versão, nesse caso privilegiada, por ter sido um protagonista principal da descoberta da estrutura do DNA, vista e vivida por um jovem de 23 anos. A intenção (e motivação) era mostrar ao público leigo a ciência como ela é ou, nas palavras dele, como a ciência é feita. E se a intenção era essa, parece que conseguiu, pois a edição pocket do livro superou um milhão de exemplares vendidos. E Anne Sayre, além de ter sido amiga de Rosalind Franklin, se propôs, em nome da memória de Rosalind, produzir um livro manifesto, encampado pelas feministas, em defesa das mulheres no mundo científico. Anne Sayre também conseguiu o seu intento, pois, praticamente, obrigou Maurice Wilkins, o terceiro homem na relação dos agraciados com o Prêmio Nobel de Fisiologia/Medicina em 1962 pela descoberta da estrutura do DNA, a se posicionar publicamente. E ele efetivamente fez isso no livro "Maurice Wilkins – The Third Man of the Double Helix", a sua autobiografia lançada em 2003, uma espécie de desagravo ao livro de Anne Sayre.

O mérito científico de Maurice Wilkins, na descoberta da estrutura do DNA, nunca esteve em discussão.

Tampouco as habilidades e as contribuições deixadas por Rosalind Franklin com os estudos sobre a estrutura do DNA por meio da difração de raios x. A controvérsia, ainda não resolvida, envolve o acesso de Maurice Wilkins à famosa foto 51 (retratando a forma B do DNA), tirada por Rosalind e pelo seu orientado de Ph.D., Raymond Gosling. Essa imagem está publicada no artigo assinado por Franklin & Gosling, na mesma edição da revista Nature de abril de 1953, em que saiu a nota, por Watson & Crick, anunciando a descoberta da estrutura do DNA. Ao ser mostrada a James Watson por Maurice Wilkins, segundo ele sem outras preocupações que não a cooperação científica, deu a Francis Crick, com base em um esquema que Watson fez na folha de um jornal, o insight que faltava para a dedução que a estrutura do DNA era uma dupla-hélice. Afinal, como Maurice Wilkins teve acesso à famosa foto 51?

No livro de memórias e em inúmeras entrevistas, pois nunca se furtou de falar sobre o assunto, Wilkins é taxativo em afirmar que, em janeiro de 1953, às vésperas de Rosalind Franklin deixar o King's College para ocupar uma nova posição no Birkbeck College, onde se incorporaria ao grupo de pesquisa de Sir Aaron Klug, ele recebeu, das mãos de Raymond Gosling, a cópia de uma excelente fotografia mostrando o padrão B do DNA, em que se via claramente uma hélice, que ele e Rosalind haviam tomado. Ela estaria deixando as pesquisas sobre o DNA. No entanto, isso não se efetivaria, pois anotações descobertas depois da sua morte, vitimada por um câncer de ovário, aos 37 anos, em 1958, mostram que Rosalind continuava na corrida e tampouco era verdadeira a sua posição pública sempre contrária a estrutura em hélice do DNA. Foi essa foto que Maurice Wilkins mostrou a James Watson, depois de um encontro casual que teve com ele num corredor do Kings's College. Mas, e o que diz Raymond Gosling sobre o assunto? (continua na próxima quinta-feira)

O Nacional

Quinta-Feira, 31/03/2011

Data : 06/04/2006

Título : A ciência como ela é (fim)

Categoria: Artigos

Descrição: Raymond Gosling, que no começo dos anos 1950 cumpria o programa de Ph.D. no King`s College, sob orientação de Rosalind Franklin...

A ciência como ela é (fim)

por Gilberto Cunha

Raymond Gosling, que no começo dos anos 1950 cumpria o programa de Ph.D. no King`s College, sob orientação de Rosalind Franklin, foi um coadjuvante privilegiado na história da descoberta da estrutura do DNA. Antes de tudo, por ser o coautor da melhor imagem até então conhecida da estrutura B do DNA, a famosa foto 51; e, depois, por ter sido apontado por Maurice Wilkins como a pessoa que lhe deu a cópia dessa fotografia, que ele, após um encontro casual de corredor, mostrou a James Watson, dando o insight que faltava para esse e Francis Crick perceberem que a estrutura do DNA era uma dupla-hélice.

Em 2003, no rastro das comemorações do aniversário de 50 anos da descoberta da estrutura do DNA, foi lançado, pela PBS Nova, o documentário “DNA: Secret of Photo 51”, com narração de Sigourney Weaver, mesclando imagens reais da época dos acontecimentos, entrevistas com cientistas e cenas interpretadas por atores no papel de personalidades dos bastidores da ciência. Entre os entrevistados: Maurice Wilkins, Raymond Gosling, Jim Watson e Sir Aaron Klug. O enredo seguiu o livro da escritora britânica Brenda Maddox, “Rosalind Franklin – The Dark Lady of DNA”, publicado em 2002. Maurice Wilkins reafirmou a história de sempre: que recebeu a foto das mãos e Raymond Gosling. Questionado sobre o assunto, Gosling disse que não lembrava, pois havia passado muito tempo e que poderia ter sido ele, até porque começara como estudante orientado de Maurice Wilkins no King`s College, ou também qualquer outra pessoa do grupo.

Uma boa parte da polêmica em torno do assunto foi decorrência do livro de Jim Watson, “The Double Helix”, publicado em 1968, em que, exagerando no traçado do perfil dos cientistas envolvidos, criou uma Rosalind Franklin, chamada por ele de Rosy, que despertou a ira das feministas, por não

corresponder a Rosalind real e, acima de tudo, por ela não ter condição de se defender, pois havia morrido em 1958. Maurice Wilkins também não ajudou muito nessa história, pois veio a público uma correspondência dele para Francis Crick, datada de 7 de março de 1953, em que dava ares de satisfação ao expressar “our dark lady is leaving us next week” (no contexto, em tradução livre, algo como “a nossa urubu/bruxa/azarão está nos deixando na próxima semana”). E Jim Watson pegou mais pesado ainda, ao descrever Rosalind como uma mulher arrogante, que tratava os homens como meninos levados, pobremente vestida (com mau-gosto) e que para se tornar atrativa deveria tirar os óculos e fazer alguma coisa interessante com o cabelo. Desnecessário dizer que coisas como essas, ditas, mesmo por alguém agraciado com um Prêmio Nobel, em relação a uma mulher de origem judaica, trabalhando num meio dominado por homens e sem poder se defender, pois estava morta, não passariam impunemente. A reação veio no livro de Anne Sayre, “Rosalind Franklin and DNA”, publicado em 1975.

O sucesso de James Watson e Francis Crick dependeu do trabalho pioneiro de Rosalind Franklin. E ela, provavelmente, nunca soube que eles tiveram acesso, para alguns sem a sua permissão, à famosa foto 51. Não obstante, Wilkins, mesmo reconhecendo os méritos de Rosalind Franklin como cientista, sempre considerou o trabalho dela, nos 27 meses que passou no King`s College, como não diferente dos demais colegas.

Jim Watson parece ser um vocacionado para a polêmica. Em 1999, quando se preparava para lançar o livro “A passion for DNA”, declarou que o seu “Double Helix” poderia ter sido publicado pela revista The New Yorker na série “Anais do Crime”, haja vista muita gente julgar que ele e Francis Crick não tinham o direito de pensar sobre os dados de outras pessoas e que, de fato, roubaram a dupla-hélice de Maurice Wilkins e Rosalind Franklin. E nesse particular há que se concordar com Jim Watson. O que Watson e Crick fizeram foi interpretar com maestria algo que Franklin e Wilkins, em meio a desavenças pessoais, não conseguiram enxergar.

O Nacional

Quarta-Feira, 06/04/2011

Data : 10/07/2015

Título : A corrida de Wells

Categoria: Artigos

Um dos maiores êxitos editoriais de H. G. Wells foi “The Outline of History” (O perfil da história). Este livro, com primeira edição em 1920, teve sucessivas atualizações e novas edições, em diferentes formatos e línguas, até os anos 1970 (uma obra que continuou sendo reescrita mesmo depois da morte do autor. Wells morreu em Londres, em 13 de agosto de 1946). Nele pode ser encontrada a famosa assertiva: “a história humana se transforma, mais e mais, numa corrida entre a educação e a catástrofe.” De fato, pelo que mostra a história do mundo até os dias atuais não se pode contradizer H. G. Wells, pois, efetivamente, “entramos numa corrida entre a educação e a catástrofe”.

Há que se apostar na vitória da educação. Mas, para isso, são requeridas ações que vão muito além das salas de aula, especialmente em agricultura. Necessitamos de uma educação que estimule a imaginação e o desenvolvimento do pensamento crítico e independente, que cultive a consciência da necessidade de interligações e que, prioritariamente, ensine princípios básicos, visando à construção de um planeta mais justo, solidário e sustentável.

As instituições de ciência e tecnologia do setor agrícola têm, acima de tudo, responsabilidade com o desenvolvimento rural. Nós da Embrapa Trigo entendemos que a busca deste desenvolvimento almejado passa, mais que qualquer coisa, pela construção de um processo educacional que prime pelo respeito e pela incorporação da sabedoria popular e do conhecimento tradicional à ciência e tecnologia de ponta. Uma situação em que, a participação dos atores locais, torna-se indispensável. É nesse contexto que, por exemplo, são contempladas as ações de intercâmbio e capacitação tecnológica que são levadas a cabo no formato de unidades de referência instaladas em campos de produtores. É uma espécie de nova pedagogia, caracterizada pelo comprometimento das partes, pelo compartilhamento de conhecimentos e de experiências, e pela responsabilidade social e com o ambiente.

A grande questão, e não poderia ser diferente, é a busca do desenvolvimento rural sustentável. Ainda havendo quem pense o contrário, nesses casos, tecnologia e inovação são fundamentais. Especialmente quando se entende por comunidade sustentável aquela capaz de satisfazer as suas necessidades e aspirações sem diminuir as chances das gerações futuras. Para tal, no nosso entendimento, uma tecnologia, hoje, para merecer o rótulo de inovação, tem que ser capaz de gerar renda e não somente aumentar gastos, como ocorre em alguns casos. Mas, também não é suficiente só considerar o aspecto econômico. Nada pode justificar a geração de renda a qualquer custo. Por exemplo, a expensas de uma degradação extrema e insustentável do ambiente (embora não se possa ignorar que a agricultura, por si mesma, já é uma intervenção extrema na natureza). Portanto, não dá para simplesmente desconsiderar a necessidade de avaliações de impactos no ambiente de tecnologias ainda desconhecidas. E mais: nunca se pode perder de vista os aspectos sociais afetados pela inovação tecnológica. Intervenções no meio rural com tecnologias não comprometidas socialmente podem acabar trazendo mais problemas que propriamente benefícios. Eis a essência do desenvolvimento tecnológico que julgamos adequado para o almejado desenvolvimento rural nos tempos atuais. E que para ser viabilizado passa, inegavelmente, por amplo processo educacional.

Em síntese, em todos os segmentos da sociedade, inspirados por H. G. Wells, precisamos derrotar a catástrofe pela educação.

Data : 17/06/2016

Título : A Dama da Agroecologia - Final

Categoria: Artigos

Descrição: Depois que deixou a UFSM, em 1974, apesar os reveses que sofreu em São Paulo, primeiro com a morte do marido, Artur Primavesi, em 1977, e depois com a perda filho mais novo, o médico Artur Primavesi Filho, em 1986...

Depois que deixou a UFSM, em 1974, apesar os reveses que sofreu em São Paulo, primeiro com a morte do marido, Artur Primavesi, em 1977, e depois com a perda filho mais novo, o médico Artur Primavesi Filho, em 1986, Ana Maria Primavesi ainda tinha muito com que contribuir para a agricultura brasileira, com destaque em agroecologia; como efetivamente fez.

Em 1977, Ana Maria Primavesi aproximou-se do Movimento de Agricultura Alternativa, que, na ocasião, mesmo enfrentando a oposição de boa parte da classe agrônômica, era capitaneado pela direção da Associação de Engenheiros-Agrônomos do Estado de São Paulo, culminando essa iniciativa, em 1989, na criação da Associação de Agricultura Orgânica de São Paulo. Nesse período, Ana Maria Primavesi também se dedicou a concluir aquela que reconhecidamente é a sua obra magna: o livro O Manejo Ecológico do Solo.

A obra O Manejo Ecológico do Solo: A Agricultura em Regiões Tropicais, mais conhecida pelo título resumido Manejo Ecológico do Solo, inicialmente, fora escrita com a intenção de ser publicada pela Editora Agrônômica Ceres, uma das mais importantes casas editoriais na área de Ciências Agrárias no País. A Editora Ceres relutava em publicar o livro. Um parecer sobre a obra foi solicitado a professores da ESALQ/USP. O relatório recebido foi arrasador. De qualquer forma, Ana Maria Primavesi não desistiu do livro. Ao contemplar as sugestões dos revisores, o livro passou das originalmente 250 páginas para mais de 500 páginas. A Editora Ceres não se decidia pela publicação ou não do livro. Nesse interim, em 1980, surgiu o interesse da Editora Nobel, que buscava um livro sobre agricultura. A Editora Ceres recebeu um ultimato e desistiu da publicação. O livro acabou saindo pela Editora Nobel, ganhou lançamento na Associação de Engenheiros-Agrônomos do Estado de São Paulo, e, apesar das críticas, foi um sucesso imediato, vendendo três edições completas em seis meses.

A visão de Ana Maria Primavesi sobre o solo, como uma entidade viva, ao apregoar que os solos tropicais, diferentemente dos temperados, não precisavam ser revolvidos pela aração para se tornarem produtivos, ainda que não goze desse reconhecimento, ajudou na construção de um dos princípios

basilares do atual Sistema Plantio Direto: o revolvimento do solo apenas na linha de semeadura.

Em 1980, empregando parte da indenização recebida do governo alemão pelas perdas materiais sofridas por Artur Primavesi por ocasião da Segunda Guerra Mundial, Ana Maria Primavesi comprou uma fazenda em Itaí, no interior de São Paulo. Nessa propriedade de 96,8 ha ela construiu uma casa, plantou árvores e cultivou o solo segundo os princípios que acreditava, transformando aquelas terras em uma propriedade referência em sistemas sustentáveis. Ali, Ana Primavesi, mesmo viajando muito, viveu por 32 anos, até que, no final de 2011, aos 91 anos, deixou Itaí de vez para voltar a São Paulo.

Nunca faltaram críticas e nem o merecido reconhecimento ao legado deixado por Ana Primavesi à agricultura brasileira e mundial. Na Alemanha, em 2012, recebeu das mãos de Vandana Shiva o One World Award (OWA), da International Federation of Organic Agriculture (IFOAM) e, em 2013, foi aplaudida em pé por mais de cinco minutos no Terceiro Encontro Internacional de Agroecologia, realizado em Botucatu/SP.

Atualmente, aos 96 anos, Ana Primavesi ainda continua produzindo intelectualmente. Em 2014, pela Editora Nobel, saiu o livro Pergunte ao solo e às raízes: uma análise do solo tropical e mais de 70 casos resolvidos pela agroecologia. E, em 2016, veio a lume a biografia Ana Maria Primavesi: Histórias de Vida e Agroecologia; que começou a ser escrita em 2010, pela geógrafa Virgínia Knabben. O livro foi publicado pela Editora Expressão Popular, como parte da série Ana Primavesi, criada especialmente em sua homenagem. Por essa série, saiu, este ano também, o mais recente livro de Ana Primavesi: A convenção dos Ventos, um retrato da Agroecologia em contos.

Data : 10/06/2016

Título : A Dama da Agroecologia – Parte 1

Categoria: Artigos

Descrição: Se há uma mulher digna de ser chamada de a Dama da Agroecologia brasileira, essa pessoa é Ana Maria Primavesi.

Se há uma mulher digna de ser chamada de a Dama da Agroecologia brasileira, essa pessoa é Ana Maria Primavesi. Dama, em se tratando de Ana Maria, é uma forma de tratamento que nos parece mais adequada do que Madame, como de costume se referiam a ela, com certo tom pejorativo, no começo, alguns alunos e determinados colegas professores desafetos, na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), nos anos 1960, e, depois, em aparente sinal de respeito ao legado deixado por ela na instituição; como são exemplos o “Campo da

Madame”, a “Floresta da Madame”, o “Açude da Madame”, o “Galpão da Madame”, o “Laboratório da Madame”, etc.

Ana Maria Conrad nasceu em 1920, no vilarejo de St Georgen de Judenburg, no estado da Estíria, Áustria. Membro de uma família aristocrática que se dedicava à criação e gado e ao cultivo da terra, viveu e recebeu uma educação esmerada no castelo Pichlhofen. Estudou agronomia na Universidade Rural para Agricultura e Ciências Florestais de Viena, a famosa Boku, que concluiu em 1942, e onde fez doutorado em solos e nutrição de plantas e conheceu o futuro marido, com quem se casaria em 1946, Artur Primavesi. Viveu as agruras da Segunda Grande Guerra, quando perdeu dois irmãos e viu a destruição das propriedades da família. E foi deixando uma Europa destrozada para trás, que ela, então casada com o fazendeiro, diplomata e também doutor em agronomia Artur Barão Primavesi e mãe do primeiro filho, Odo Primavesi, em 1948, veio para o Brasil, acompanhando o marido, que havia recebido um convite do então governador de São Paulo, Adhemar de Barros, por ocasião de visita oficial desse à Alemanha, para trabalhar no nosso País.

Artur Primavesi e família, assim que chegaram ao Brasil estabeleceram-se em São Paulo. Artur foi contratado pela Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo como superintendente para o plantio de trigo. Depois, deixando o serviço público, foram para Passos/MG, onde Artur prestava serviço para uma usina e se dedicava ao cultivo de cana-de-açúcar, e nasceria Carin, a filha do casal, em 1951. Depois, voltaram para Itaberá, em SP, para trabalhar numa empresa privada, a Companhia Paulista de Trigo. Nesta cidade, em 1953, nasceu o terceiro filho do casal, que recebeu o nome do pai, chamando-se também Artur Primavesi. Em julho de 1956, o casal Primavesi voltou para São Paulo, morando inicialmente na Vila Madalena e depois no Brooklin Velho, onde construíram uma casa. Nesse período publicaram nove livros sobre agricultura, pela Editora Melhoramentos.

Em 1960, com a criação de várias universidades no País, o casal Primavesi, foi convidado para trabalhar em pelos menos três instituições: em Botucatu, Brasília e Santa Maria. Optaram pela UFSM, atendendo a convite do Magnífico Reitor Mariano da Rocha, quando marcariam de forma indelével a instituição, especialmente pela criação do ensino de pós-graduação nas ciências agrárias, materializada no curso de Biodinâmica e Produtividade do Solo.

Nem tudo foram flores na vida de Ana Maria Primavesi. Na UFSM enfrentou a inveja de colegas que insistiam que o diploma dela não era válido, que se equivalia a um curso técnico e não de doutorado. Venceu essa batalha e teve o seu diploma reconhecido; não sem controvérsias dos desafetos. Em 1974, com os filhos já adultos e formados, o casal Primavesi deixou Santa Maria e voltou para São Paulo, onde Artur passou a trabalhar como consultor de empresas da área agrícola.

Uma nova vida, novos reveses e novas contribuições esperavam por Ana Maria Primavesi em São Paulo. Houve a morte do marido, Artur Primavesi, em 1977, vitimado por um câncer de próstata. E, em 1986, a morte do filho mais novo, Artur Primavesi, que trabalhava como médico anestesista em Passo Fundo e acabaria vitimado por um acidente automobilístico fatal numa Rodovia de Santa Catarina, enquanto se deslocava com a mulher e o filho para se reunir com os demais familiares em São Paulo, no Natal daquele ano. (continua...).

Data : 04/07/2010

Título : A enchente de 41

Categoria: Artigos

Descrição: Foram 22 dias de chuva durante os meses de abril e maio de 1941, os responsáveis por aquela que é considerada a maior catástrofe climática vivida por Porto Alegre.

A enchente de 41 - 03-04/07/2010

Domingo, 04/07/2010 por Gilberto Cunha

Foram 22 dias de chuva durante os meses de abril e maio de 1941, os responsáveis por aquela que é considerada a maior catástrofe climática vivida por Porto Alegre. O saldo foram 70 mil pessoas obrigadas a deixar suas casas, prejuízos econômicos de toda ordem e mais de 600 empresas afetadas, levando meses para o retorno à atividade ou até mesmo fechando suas portas em definitivo. Na visão de muitos foi uma "revolta do Guaíba contra a cidade". A Revista do Globo, edição especial da segunda quinzena de maio de 1941, trouxe como manchete de capa "A grande enchente de 1941 - Narrativa e registro fotográfico do espantoso flagelo que assolou o Rio Grande do Sul".

Um relato indispensável desse episódio, com texto primoroso e reprodução de farto acervo fotográfico daqueles memoráveis dias, pode ser encontrado no livro A enchente de 41, do jornalista Rafael Guimaraens, publicado pela Libretos, em 2009, com financiamento da Prefeitura de Porto Alegre.

O nível das águas

O Minuano soprando sobre o leito da Laguna dos Patos represou o Guaíba, literalmente empilhando suas águas sobre a cidade. No dia 8 de maio, o Guaíba alcançou 4,76 metros acima do nível, configurando a maior enchente da história de Porto Alegre.

Ajuda

O intendente Cordeiro de Farias pediu socorro ao presidente Getúlio Vargas, que, em telegrama, se prontificou a ajudar. A declaração não assumia maiores compromissos, mas os jornais da época trataram de esquentá-la, a exemplo do Diário de Notícias que mancheteou "Apoio total ao Rio Grande".

O prefeito de São Paulo, Adhemar de Barros, populista de carteirinha, fez questão de doar seus honorários, repassando um cheque de "9 contos de réis", para ajudar as vítimas da enchente.

Rio Grande do Sul sob águas

Longe de ter sido um fenômeno exclusivo de Porto Alegre, quando, entre 10 de abril e 14 de maio de 1941, choveu, em 22 dias, 619,4 mm, outros locais também enfrentaram problemas similares e chuvas abundantes. Em Santa Maria choveu 905,3 mm, em Soledade foram registrados 895,0 mm e em Passo Fundo 425,4 mm.

O culpado

São Miguel, responsável pelas enchentes de primavera, era inocente. O grande culpado seria identificado cerca de 40 anos depois, o El Niño. Esse fenômeno é responsável pelos excessos de chuva, principalmente na primavera. A sua influência, em algumas ocasiões, também se dá no outono (abril e maio). Algo parecido repetiu-se no El Niño de 1982/83. No outono de 1983, choveu tanto no RS que foi impossível a colheita da soja (soja chuvada ou apodrecendo nas lavouras), causando uma das maiores frustrações da agricultura gaúcha.

A herança

O legado da enchente de 1941 para Porto Alegre foi a chamada cortina de proteção, o popular muro que separa a Avenida Mauá dos armazéns do porto. Tem 2.647 metros de extensão, três de altura e três abaixo do solo. Foi construído entre 1971 e 1974, na gestão do prefeito Telmo Thompson Flores, com o objetivo de proteger a cidade de uma nova invasão do Guaíba, ao estilo 1941. Nunca foi necessário desde então. Tentativas de sua retirada tem sido em vão, pois nenhuma autoridade pública quer assumir o ônus, caso a história venha se repetir.

Mario Quintana

Em Sapato florido, edição de 1948, pela Globo, o poeta Mario Quintana dá vazão a suas "reminiscências": ...a enchente de 1941. Entrava-se de barco pelo corredor da velha casa de cômodos onde eu morava. Tínhamos assim um rio só para nós. Um rio de portas adentro. Que dias aqueles! E de noite não era preciso sonhar: pois não andava um barco de verdade assombrando os corredores?

Foi também a época em que era absolutamente desnecessário fazer poemas...

Brasil 1 x Holanda 2

Sobre vitória ou derrota, Jorge Luis Borges, com magistral ironia, captou certas nuances que são imperceptíveis para muitos de nós e que podem ajudar a aliviar o sentimento de desconsolo que alguns brasileiros estão se defrontando desde

a derrota de ontem. Assim disse ele: La derrota puede ser más rica que la victoria. La victoria puede llevar a la jactancia; la derrota, no. La victoria lleva a aniversarios, corroboraciones, mármoles...

Atentem que, inclusive, poderíamos ganhar mais um feriado nacional, caso o placar mencionado fosse inverso e, acima de tudo, heroicamente conquistado. Valeu Dunga!

Data : 25/07/2014

Título : A era do Big Data

Categoria: Artigos

Descrição: A quantidade de dados (informações) que é produzida diariamente em escala planetária, na atualidade, não encontra precedente na história humana.

Sexta-Feira, 25/07/2014 às 07:19, por Gilberto Cunha

A quantidade de dados (informações) que é produzida diariamente em escala planetária, na atualidade, não encontra precedente na história humana. A IBM, em 2011, estimou essa soma, que hoje pode ser considerada em certos aspectos até conservadora, em 2,5 quintilhões de bytes a cada dia. Que significa isso? Nada ou muito; dependendo da nossa capacidade de processar essa enorme quantidade de dados e transformar o que não passa de mera informação em conhecimento útil. E, por outro lado, que, indiscutivelmente entramos na era do Big Data.

A expressão da moda, Big Data, contempla os bancos de dados de tamanho bem maior dos que conhecemos ou estamos acostumados a lidar no dia a dia. Até, em razão disso, há certa glamourização do Big Data no ambiente corporativo, que seja no universo científico ou no mundo dos negócios. A tal ponto que o crescimento exponencial da quantidade de informação passou a ser vista por alguns como espécie de panaceia, servindo a mera massa de dados, por exemplo, para propostas que sugerem não serem necessárias novas teorias ou que o método científico pode ser abolido. Nada mais falso e ingênuo que isso, pois antes de exigir mais de nossos dados deveríamos exigir mais de nós mesmos. Devemos, nesse misto de capacidade de processamento de dados e julgamento humano, ter bem clara a fragilidade dos nossos pressupostos teóricos, pois esses podem embasar decisões que levam a resultados desastrosos.

O entusiasmo com o Big Data exige, mais que retórica de persuasão sobre a utilidade desses bancos de dados, de capacitação para o processamento de

dados em grande escala e formação estatística para a extração de conhecimento do que, por si mesmos, não passam de meros dados, ainda que disponíveis em grandes quantidades.

Lidar com Big Data, racionalmente, hoje, significa saber lidar com a incerteza sobre o que pode ser concluído dos dados, quer seja uma previsão de qualquer coisa (resultado de eleição, vencedor de um campeonato de futebol, etc.) ou uma inferência científica derivada de experimentação empírica (dose de nutrientes no desempenho produtivo das culturas em agricultura, resposta a doses e drogas em tratamentos de doenças, etc.). Em essência, reviver Jacob Bernoulli, que, visionariamente, há cerca de 300 anos, quando publicou o livro *Ars Conjectandi*, estabeleceu o uso da teoria da probabilidade para explorar melhor as propriedades das estatísticas quando mais observações eram tomadas. Ou prestar tributo à memória do pastor Thomas Bayes, que há 250 anos, definiu, em ensaio clássico, que os seres humanos aprendem com a experiência, atualizando suas crenças assim que mais dados são disponibilizados.

Os problemas tradicionais em estatística, em geral, envolvem muitas observações e poucos parâmetros medidos ou, inversamente, em tempos recentes, até por questão de custo elevado com experimentação, poucas observações e muito parâmetros medidos (como é exemplo a avaliação da expressão de muitos genes em um número limitado de amostras de tecido). Nesse último caso, é necessário que sejam testadas muitas hipóteses, para se tirar conclusões. E, apesar de consagrado nas ciências empíricas, a exemplo das agrárias, da saúde, etc., o uso de testes de significância estatística, nem sempre é adequado e nem se presta para uso indiscriminado. O padrão $p < 0,05$, usado a exaustão em trabalhos acadêmicos nas ciências experimentais, até por quem não consegue perceber o que esse número (0,05) significa na prática, simplesmente, nesse caso, nos diz que 1 em 20 das relações que não existem será declarada significativa naquele experimento. São as falsas descobertas, que depois se mostram erradas. Diminuir as chances das falsas descobertas é o grande anseio da ciência que lida com experimentação empírica e tira conclusões por indução ou inferência estatística. Não é por outra razão que a maioria das ditas descobertas científicas publicadas é falsa, como chamou atenção o polêmico artigo do médico John P. A. Ioannidis, publicado em 2005 (*PLoS Med* 2 (8):e124), referente a descobertas positivas apresentadas em periódicos da área médica (2/3 não conseguiram ser reproduzidas em laboratório).

Nunca tivemos tanta informação disponível ao nosso alcance. Mas, mais informação também pode significar mais problemas. Por isso, recomenda-se: mais Jacob Bernoulli e mais Thomas Bayes, para lidarmos com Big Data.

Data : 20/01/2017

Título : A falácia do gene safado

Categoria: Artigos

Richard Dawkins tinha 35 anos, em 1976, quando publicou o best-seller O Gene Egoísta (The Selfish Gene), dando por encerrada a primeira metade da sua vida; conforme ele mesmo fez questão de frisar na autobiografia, Fome de Saber (An Appetite for Wonder – The Making Of a Scientist), lançada em 2013. Depois publicaria outras tantas obras de grande sucesso editorial, a exemplo do Fenótipo Estendido (um desdobramento da primeira), O relojero cego, O Capelão do Diabo, Deus - Um Delírio, A grande história da evolução, etc., assumiria a cátedra de Compreensão Pública da Ciência na Universidade de Oxford (1995-2008), viraria pregador ateu e conferencista renomado (participou do seminário Fronteiras do pensamento, em 2015), tendo recebido toda a sorte de láureas e distinções acadêmicas ao redor do mundo; especialmente pelo seu trabalho de popularizador da ciência. Não obstante, a obra que catapultou Dawkins à fama, O Gene Egoísta, independentemente dos seus méritos, desde que foi lançada, tem suscitado debates e controvérsias sobre a validade dessa proposição que configura ao gene o papel principal na teoria da seleção natural.

Dawkins diz-se surpreso com a atenção que o livro O Gene Egoísta recebeu, tanto as elogiosas quanto as críticas, uma vez sendo essa uma obra de um autor, no caso ele, na época, ainda desconhecido. Em particular, na sua autobiografia, menciona as diatribes ferozes dirigidas ao livro por Steven Rose e Richard Lewontin, as quais estariam, segundo ele, vinculadas ao pensamento esquerdista desses cientistas. Todavia, não faz menção a Stephen Jay Gould (1941-2002), o biólogo marxista de Harvard, que não poupou Richard Dawkins, rotulando a sua metáfora de uma falácia e caso extremo de Fundamentalismo Darwinista, com origem em uma pressuposição teórica errada (um erro de lógica). Acredito que não tenha mencionado Stephen Jay Gould em respeito à memória do renomado paleontólogo e brilhante ensaísta de Harvard.

Stephen Jay Gould, até quanto eu conheço, elaborou as melhores teses contrárias ao enfoque da seleção natural centrada no gene (podem ser encontradas, entre outros locais, no livro The Structure of Evolutionary Theory, p.613-644). A metáfora do Gene Egoísta, construída por Richard Dawkins, foi embasada nos trabalhos de Ronald A. Fischer (1930), William D. Hamilton (1964) e no livro manifesto de George C. Williams (1966). E, não obstante alguns pontos fortes, essa teoria não passa de uma visão incompleta da evolução. Dawkins, comunicador brilhante, levou adiante e popularizou erros lógicos, que rebaixam a seleção natural ao nível mais básico de organização dos seres vivos (o gene). Insistem os críticos, que a seleção natural não opera nesse nível de organização isoladamente. Sim, os genes são replicadores fieis. Mas unidades de replicação não atuam como unidades de interação com o ambiente, onde, efetivamente, dá-se a seleção natural. Replicadores e interatores não significam a mesma coisa, nesse caso. E os demais níveis de organização – gene, genoma, célula, tecido, órgão, indivíduos, população, comunidade – e suas interações com o ambiente, onde entram nisso? Replicadores, definitivamente, não são unidades de seleção. A seleção natural opera a partir de propriedades emergentes de interações não

lineares entre indivíduos e o ambiente. Os organismos individuais não são meras máquinas a serviço da sobrevivência de genes, como postula a hipótese do Gene Egoísta. A visão do gene atuando de forma isolada é uma idealização reducionista ao extremo da seleção natural.

O sex appeal, midiaticamente tão explorado para fins comerciais e com consequências “evolutivas” (reprodutivas pelo menos), é um bom exemplo de propriedade que “emerge” dessa interação indivíduo x ambiente, e que não pode ser atribuída à mera ação isolada de algum “Gene Safado”. Atua em um nível de organização biológica mais acima do gene. E os marqueteiros, pelo que parece, conhecem com profundidade a obra de Darwin!

Data : 16/11/2011

Título : A fazenda global

Categoria: Artigos

Descrição: Quando as cercas que delimitam as propriedades rurais e os marcos de fronteira que separam países são ignorados...

A fazenda global

por Gilberto Cunha

Quando as cercas que delimitam as propriedades rurais e os marcos de fronteira que separam países são ignorados, podemos ver que, nos últimos 10 mil anos, o planeta Terra virou uma grande fazenda. Pelas estatísticas da FAO, somam 4,92 bilhões de hectares (ha) a área economicamente explorada com agricultura, sendo, dessas, 1,54 bilhões de ha com cultivos tipo cereais, oleaginosas, fruteiras e espécies olerícolas, e 3,38 bilhões de ha exploradas com pastagens (nativas e cultivadas). São 38% da superfície terrestre livre de gelo ocupada em agricultura. Indiscutivelmente, o maior uso da terra no planeta é em agricultura. E, ainda, estamos ocupando o que há de melhor, pois o restante abrange desertos, montanhas, tundras, cidades, reservas ecológicas e áreas inadequadas. Alguém duvida que o planeta venha sendo cultivado mais do que nunca e, sob esse prisma, virou uma fazenda global? Em termos de biomas, já foram convertidos para a agricultura (cultivo vegetal e produção animal): 70% dos campos, 50% das savanas (cerrado brasileiro, por exemplo), 45% das florestas temperadas e 27% das florestas tropicais.

De tudo que é produzido em agricultura no mundo, estima-se que 62% sejam usados diretamente para consumo humano, 35% em alimentação de animais (indiretamente consumidos pelos humanos) e o restante 3% distribuídos entre a produção de biocombustíveis, reserva de sementes e outros usos industriais.

Nesse momento, quando já somos sete bilhões de criaturas sobre a face da Terra, com o diagnóstico de que uma a cada sete pessoas no mundo sofre algum tipo de fome ou desnutrição e a perspectiva de chegarmos a uma população de nove bilhões de seres humanos ainda antes do ano 2050, pode-se mensurar o tamanho do desafio (e oportunidade de negócio) que está posto para agricultura. Paralelamente ao compromisso moral de acabar com a fome no mundo (ou reduzir à metade, conforme a medíocre meta do milênio, até o ano 2015), diante do crescimento populacional, da mudança de hábitos alimentares (aumento no consumo de carnes e lácteos) e do avanço dos agrocombustíveis, estima-se, para garantia de segurança alimentar no planeta, que a produção agrícola seja, no mínimo, duplicada até meados do século 21. O desafio é buscar soluções para, simultaneamente, aumentar a produção de alimentos e reduzir os danos ambientais.

Em extensiva análise publicada na revista Nature, edição de 20 de outubro de 2011, sob o título “Solutions for a cultivated planet”, Jonathan A. Foley e colaboradores, embasados no diagnóstico e cenário futuro supra apresentados, discutem as estratégias que ora se mostram as mais viáveis para o equacionamento da delicada questão do aumento da produção de alimentos versus preservação ambiental. Inquestionavelmente, não podemos mais ignorar a necessidade de busca de soluções para problemas afetos à atividade agrícola, que dizem respeito à emissão de gases causadores de efeito estufa, à perda da biodiversidade e à valoração dos serviços ambientais.

Foram quatro as estratégias analisadas. Nenhuma delas, isoladamente, é solução para o problema. A primeira, por razões óbvias, envolveu a proposta de paralisação da expansão da agricultura, especialmente na região tropical, em que se estima uma derrubada anual de 5 a 10 milhões de hectares de floresta. Essa estratégia, se adotada, exige, como corolário, o caminho da intensificação sustentável da agricultura, que se insere na estratégia de diminuição da defasem entre os rendimentos reais, atualmente obtidos, e os rendimentos atingíveis ou potencias. Há oportunidade para se aumentar rendimento dos cultivos onde esses são limitados pelo manejo inadequado, a exemplo de vastas regiões na África, na América Latina e no leste europeu. A terceira estratégia foi a de aumentar a eficiência de uso de recursos do ambiente (água e nutrientes, por exemplo). E, por fim, melhorar a logística de distribuição de alimentos, reduzindo o desperdício (que pode chegar a 1/3 de tudo que é produzido) e, por que não, também envolver mudanças de hábitos alimentares e de dietas.

Pelo exposto, não há soluções simples e nem genéricas para reconciliar produção agrícola e conservação ambiental. Não vamos poder escapar de ter de fazer escolhas de como e onde produzir

O Nacional

Quarta-Feira, 16/11/2011

Data : 20/03/2015

Título : A femme fatale de Viena

Categoria: Artigos

Descrição: Não são muitas as mulheres que fizeram tanto por merecer o título de femme fatale do século 20 quanto Alma Mahler Gropius Werfel (1879-1964).

Sexta-Feira, 20/03/2015 às 08:11, por Gilberto Cunha

Não são muitas as mulheres que fizeram tanto por merecer o título de femme fatale do século 20 quanto Alma Mahler Gropius Werfel (1879-1964). A coleção de sobrenomes famosos, relacionados aos ex-maridos, que ela fez questão ostentar pela vida afora, é um bom indicativo; embora não suficiente. Inclusive, há quem diga que, mesmo enquanto casada, só Deus sabe as outras paixões vividas por ela, entre as quais se incluem os pintores Gustav Klimt e Oskar Kokoschka, e o cientista Paul Kammerer.

Alma Schindler foi uma mulher encantadora. Bonita, inteligente, dotada de talento musical, ambiciosa e sensual. Alma casou com o compositor Gustav Mahler, cuja obra dispensa comentários, que, na época dirigia a Ópera de Viena. Em 1910, ainda casada com Mahler, viveu um breve romance com o arquiteto Walter Gropius. A relação veio a público e o casal fez terapia, nada mais e nada menos, com Sigmund Freud. Que Gustav Mahler procurou Freud é fato. O resto, sobre a prescrição do tratamento freudiano, é lenda. Em meio a turbulências matrimoniais, Gustav Mahler e Alma, foram para os EUA, onde ele foi regente da Orquestra Sinfônica de Nova York. O casal retornou a Viena em 1911. E, em agosto desse ano, o maestro morreu.

Depois da morte de Mahler, Alma viveu uma tórrida paixão com o pintor Oskar Kokoschka. Foi homenageada pelo artista no seu quadro mais famoso (Die Windsbraut/A noiva do vento). Na Primeira Guerra Mundial, Kokoschka alistou-se no exército austro-húngaro e partiu para o front de batalha. Alma então se reaproximou do arquiteto Walter Gropius, que ficaria famoso pela criação, na Alemanha, do estilo/escola Bauhaus, um marco na arquitetura e na arte moderna, e como professor de arquitetura em Harvard, nos EUA, onde morreu em 1969. Em 1915, Alma casou-se oficialmente com Gropius e, em 1918, teve um filho que recebeu o sobrenome de Gropius, mas cujo pai verdadeiro, descobriu-se mais tarde, era o escritor austríaco Franz Werfel.

Findo o relacionamento com Gropius, Alma, enfim, casou com a sua grande paixão: o poeta Franz Werfel. Nas suas memórias, Alma fala sobre o quão estranho era o relacionamento com Gropius, pois embora casada com ele, escreveu, em 1917, que “não consigo pensar em nada a não ser em Franz Werfel”. Gropius e Werfel disputaram o amor de Alma. Ela chegou a renunciar a ambos, mas cedeu e ficou com Werfel. O casal, acabaria, fugindo do nazismo (Werfel era judeu), indo para Nova York. Franz Werfel morreu na Califórnia, em 1945, e Alma Mahler Gropius Werfel, em Nova York, em 1964.

Um livro intrigante, “Mein Leben” (Minha Vida), em tom autobiográfico, foi escrito por Alma, em 1957. Indiretamente, esse livro lança luzes sobre o caso da fraude científica dos sapos parteiros/chocadores, protagonizada pelo biólogo Paul Kammerer, que, inclusive, deu motivo ao seu suicídio em 1926. Não por acaso, Paul Kammerer, fez parte do rol de apaixonados e da lista de amantes de Alma Mahler. Segundo relatos dela, que, após a morte de Mahler, trabalhou na Estação de Biologia Experimental de Viena (o Vivarium), onde foi assistente de pesquisa e teve um caso com Paul Kammerer: “Eu fazia registros, registros exatos. E isso irritava Kammerer. Registros menos precisos, com resultados positivos, teriam sido mais do agrado dele”. O depoimento de Alma reforça a alegação de outros colegas de Kammerer, caso de Franz Megusar, que, em artigo de 1913, faz referencia a falsificações grosseiras e a não confirmação experimental de dados que eram reportados por Kammerer. O sedutor Paul Kammerer não se deu bem com Alma. Ameaçou cometer suicídio caso Alma o abandonasse. Ela, alegando preocupação com algum desatino da parte dele, encaminhou a carta à esposa de Kammerer.

Sobre si, Alma disse: “ninguém, jamais, vai conseguir me descrever completamente. Nem eu mesma consigo. Eu sou cheia de enigmas sem solução. Um dia dirão sobre mim: ela foi uma esfinge!”. Hoje, diz-se que ela foi uma mulher fatal (uma femme fatale).

Data : 25/04/2010

Título : A Guerra Fria do clima

Categoria: Artigos

Descrição: Revivendo Joseph McCarthy (1908-1957), o senador que, em tempos de Guerra Fria, nos anos 1950, desenvolveu uma caçada aos comunistas, reais e imaginários, nos Estados Unidos da América...

A Guerra Fria do clima

Revivendo Joseph McCarthy (1908-1957), o senador que, em tempos de Guerra Fria, nos anos 1950, desenvolveu uma caçada aos comunistas, reais e imaginários, nos Estados Unidos da América, o senador republicano James

Inhofe, conhecido porta-voz dos cépticos do clima no congresso americano, divulgou uma lista de 17 cientistas que ele quer processar como criminosos, acusando-os de violar leis e tentar confundir o governo, em função de suas defesas em responsabilizar a atividade humana pela mudança do clima global.

Este tipo de atitude e posicionamento público tem aumentado no rastro das denúncias de suposta manipulação de dados em favor da ideia de que o aquecimento global em curso terá efeitos dramáticos e da descoberta de erros no relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima (IPCC) lançado em 2007, que foi agraciado com o Prêmio Nobel da Paz daquele ano. Em novembro de 2009, pouco antes da Conferência do Clima de Copenhague (COP15), piratas da Internet divulgaram mensagens obtidas nos servidores da Universidade East Anglia, do Reino Unido, em cujos conteúdos há insinuações de manipulação de dados. A crise avançou e, a par do constrangimento dos cientistas de East Anglia pelo vazamento de correspondências pessoais, também foi identificado erro no enunciado do derretimento completo da cordilheira do Himalaia até o ano 2035. O IPCC admitiu a falha, pois a fonte dessa informação não era um trabalho científico, e sim um relatório de uma entidade ambientalista(WWF). Na comunidade científica, todavia, não se discute que o erro sobre o derretimento das geleiras do Himalaia não altera a conclusão de que as geleiras do planeta, de fato, estão diminuindo de tamanho.

O essencial é que as conclusões do relatório do IPCC são robustas e continuam válidas. Não foram desacreditadas nem pelos equívocos apontados e nem pelos ataques dos grupos defensores de interesses nem sempre claros à sociedade, especialmente envolvendo a exploração de energia de origem fóssil. Não há qualquer cisma na comunidade científica a respeito das perspectivas de mudança do clima global. As discussões envolvem questões superficiais e, no fundo, buscam mesmo é abalar a confiança do público leigo na ciência do clima, com a desqualificação do IPCC.

Buscando em 2020

O sistema de busca de informações na Internet tal qual conhecemos hoje, via Google, por exemplo, não tem 10 anos. Então, cabe especular: como será este tipo de procedimento nos próximos 10 anos? Na visão de Peter Norvig, diretor de pesquisa do Google, a evolução será de tal ordem que a maioria das buscas será via comandos de voz e não por meio de texto digitado. Também cada um deverá ter o direito de decidir o quanto de sua vida quer dividir com terceiros e de que forma isso se dará, envolvendo questões de privacidade. Mais que uma lista, o resultado desse novo tipo de busca deverá ser uma síntese do que está sendo procurado, resumindo os principais enfoques. O maior desafio da engenharia de busca é a implementação de medidas de qualidade, não apenas de popularidade, determinando a relevância da informação (o quanto o item é pertinente ao questionamento posto) e a sua qualidade. Compreender e implementar modelos de relevância é o grande desafio da engenharia de busca de informações na atualidade.

Stay-Green em trigo

Quando, em 1982, o pesquisador Vanderlei da Rosa Caetano divulgou resultados experimentais de trigo no RS, da ordem de 9.688 kg/ha, no ano de 1969, e de 5.372 kg/ha, em 1972, muita gente ficou surpresa ou se recusou a acreditar. Eram tempos de rendimentos baixíssimos de trigo no Estado. Para se ter uma ideia, em 1972, um ano de El Niño, o rendimento médio de trigo no RS foi de 309 kg/ha. O dr. Caetano sempre buscou plantas de trigo diferenciadas. Uma das suas preocupações era desenvolver o caráter stay-green (manutenção de área foliar/colmo verde até a maturação), bastante conhecido em milho, também no trigo. Esse caráter pode beneficiar o trigo, auxiliando no aumento de rendimento de grãos, especialmente em ambientes de alta pressão de estresses. Os rendimentos obtidos pelo dr. Caetano, há cerca de 40 anos, embora ainda não superados, estão cada vez mais próximos da realidade atual da pesquisa em trigo e, até mesmo, de algumas lavouras, no Brasil.

Domingo, 25/04/2010 por Gilberto Cunha

O Nacional

Data : 19/10/2018

Título : A humildade de Darwin e a arrogância de Lorde Kelvin

Categoria: Artigos

William Thomson (1824-1907), o primeiro barão de Kelvin de Largs, que entre nós é mais conhecido como Lorde Kelvin, simbolizou como poucos o poderio científico da Inglaterra Vitoriana no século XIX. E fez por merecer, justiça seja feita, ao ser o primeiro cientista a receber um título de nobreza pelos avanços seminais relacionados com as suas descobertas em eletricidade, magnetismo e termodinâmica; com destaque para o desenvolvimento da escala Kelvin de temperatura absoluta e o protagonismo que desempenhou no comando da instalação do cabo submarino, que ligou a Inglaterra aos EUA, facilitando a comunicação telegráfica entre os dois países. Foi eleito Presidente da Royal Society of London, em 1890, e seus restos mortais repousam na Catedral de Westminster, em tumba vizinha a de Isaac Newton.

Apesar do perfil pessoal considerado discreto, Lorde Kelvin se viu envolvido em algumas polêmicas científicas que, pela soberba das falas, destoam do que seria esperável de um sábio da sua estirpe. Atribuem-se a Lorde Kelvin afirmações que hoje, certamente, o envergonhariam por serem totalmente erradas. Entre tantas, essas: “o rádio não tem futuro”; “máquinas voadoras mais pesadas do que o ar são impossíveis”; e “veremos que os raios x são um embuste”. Mas, a meu ver, a principal, foi a consternação causada a Charles Darwin (1809-1882)

ao usar todo o prestígio científico que gozava na época para tentar “provar” que o Sol era jovem demais para que a evolução pudesse ter tido tempo de acontecer.

Sobre esse episódio envolvendo Lorde Kelvin e Charles Darwin, Richard Dawkins, na conferência que proferiu para a rádio BBC de Londres, em 24 de março de 1998, sobre o tema “ Sondagem do século: O que o século xx deixará aos seus herdeiros”, que sob o título “Ciência e sensibilidade” pode ser encontrada no livro “Ciência na alma: escritos de um racionalista fervoroso” (Companhia das Letras, 2018, p. 98-122.), foi categórico em rechaçar a arrogância de Lorde Kelvin, que supôs que tudo o que se sabia na época era tudo o que havia para se saber. Kelvin teve o disparate de afirmar a Darwin que “a Física fala contra a evolução, portanto a sua Biologia só pode estar errada”. Darwin, insiste Dawkins, deveria ter retrucado: “A Biologia mostra que a evolução é um fato, portanto a sua Física só pode estar errada”. Mas não o fez. Charles Darwin era um cavalheiro e se rendeu, pois, prevalecia, na época, que a Física suplanta a Biologia. Darwin, infelizmente, não viveu para ver que o erro era de Kelvin e, assim, não teve tempo de se arrepender por não ter mandado o mais graduado físico da Era Vitoriana para a P.Q.P.!

A teoria da evolução das espécies por seleção natural é considerada por muitos como a mais brilhante ideia que um ser humano já teve. Outros, evidentemente, discordam. Mas, convenhamos, essa teoria, que formalmente foi comunicada ao mundo em 1º de julho de 1858 e se popularizou com a publicação, por Charles Darwin, do livro “A Origem das Espécies”, no ano seguinte, é genial. E sobre ela, especialmente, se sobressai a generosidade e a humildade de dois sábios, Charles Darwin e Alfred Russel Wallace, que, sem conflitos e alardes maiores pela prioridade da descoberta, compartilharam os méritos da paternidade da teoria.

Há quem diga que Darwin chegou a se abalar ao receber, em 17 de junho de 1858, uma carta de Wallace, acompanhada de um ensaio, cuja teoria se assemelhava às ideias que ele vinha trabalhando há mais de 20 anos, e que pedia a sua opinião e a recomendação para publicação. Darwin aconselhou-se com Charles Lyell e Joseph Hooker, que sugeriam que os trabalhos dele (os ensaios de 1842 e 1844 e a carta que ele havia enviada a Asa Gray em 1857) e o manuscrito de Wallace fossem apresentados simultaneamente à Linnean Society of London, o que aconteceu em 1º de julho de 1858. Depois desse episódio, Darwin, que por temer implicações religiosas, políticas ou por perfeccionismo mesmo, não concluía os seus manuscritos, acelerou a redação da sua mais notável obra: A Origem das Espécies.

Data : 08/01/2016

Título : A lição de Schrödinger

Categoria: Artigos

Descrição: Um congresso, realizado no Trinity College, em Dublin/Irlanda, de 20 a 23 de setembro de 1993, reunindo algumas celebridades da ciência na época...

Um congresso, realizado no Trinity College, em Dublin/Irlanda, de 20 a 23 de setembro de 1993, reunindo algumas celebridades da ciência na época, marcou o auge das comemorações alusivas ao cinquentenário das palestras de Erwin Schrödinger sobre O QUE É VIDA?, que haviam sido realizadas pelo eminente cientista, nessa mesma instituição, em fevereiro de 1943. Aos convidados especiais foi solicitada uma reflexão sobre o futuro da biologia, à maneira das conferências originais de Schrödinger, nos próximos 50 anos (a partir de 1993). As contribuições dos palestrantes (e de outros convidados que não puderam se fazer presentes) deram forma a um livro, publicado pela editora da Universidade de Cambridge, em 1995, que ganhou edição em português, pela Fundação Editora da UNESP, em 1997. Foi um exemplar da edição brasileira, com uma instigante e provocativa dedicatória, que tive o privilégio de ganhar de presente no último Natal, de parte do colega Elisson Pauletti. Essa coluna intenciona fazer por merecer o presente e, quem sabe, até justificar a aludida dedicatória.

Há quem diga que essas três aulas públicas, ministradas por Erwin Schrödinger, abrangendo uma vasta audiência (estima-se que cerca de 400 pessoas assistiram a essas conferências), como parte das obrigações estatutárias do Instituto de Dublin para Estudos Avançados, no qual Schrödinger era profissionalmente vinculado, e que depois foram reunidas no livro O QUE É VIDA? O ASPECTO FÍSICO DA CÉLULA VIVA, publicado em 1944, marcariam indelevelmente o futuro da biologia. Outros veem certo exagero nessa afirmação, pois apesar das provocações deveras instigantes postas por Schrödinger, essas premissas partiram de um físico teórico (um dos pais da mecânica quântica, laureado com o Prêmio Nobel de Física em 1933), que era detentor de parcos conhecimentos em química e sabia menos ainda sobre biologia, tomando por base algumas ideias não originais ou até mesmo erradas. Efetivamente, muitas das especulações de Schrödinger, o tempo e a boa prática científica se encarregariam de mostrar (ou já havia sido demonstrado), estavam erradas. De qualquer forma, o cerne das suas conferências, tratando da natureza da hereditariedade (o gene como uma espécie de cristal aperiódico) e a termodinâmica dos seres vivos (ordem a partir da desordem), é ainda atual.

O livro O QUE É VIDA?, de Erwin Schrödinger, indiscutivelmente, faz parte do grupo das chamadas “pequenas obras” (94 páginas, conforme a edição original de 1944) de maior repercussão na história da ciência. O mérito dessa obra não reside na reivindicação de originalidade e nem na prerrogativa de veracidade dos conceitos postos. O seu valor, assim é que eu percebo esse livro, está, a par do caráter provocativo do título (O QUE É VIDA?), na capacidade de persuasão

de Schrödinger em estimular o envolvimento de cientistas não afeitos às ciências biológicas, especialmente os físicos, na elucidação de questões básicas nas ciências da vida, que culminariam com a descoberta da estrutura do DNA, o dogma central da biologia molecular, em 1953, e seus desdobramentos posteriores, caso do código genético, a tecnologia de recombinação do DNA e a biologia sintética, etc., revolucionando, efetivamente, o nosso entendimento do que é vida.

Friso que, pro meu gosto, a contribuição mais relevante desse congresso, foi dada por Ruth Braunizer, filha de Erwin Schrödinger, que, até por não ser cientista, optou por destacar alguns aspectos inéditos nas biografias do eminente cientista: o que fez o seu pai pensar e pensar daquela maneira? Elementar, segundo ela: foi educação básica que ele recebeu no ambiente vienense no começo do século 20. E, sobre escolhas de temas para pesquisa, lembrou uma conversa de Schrödinger, uns dois anos antes de morrer, com alguém que o procurou para saber qual o assunto deveria escolher para seus estudos futuros. A resposta abrupta e enfática que recebeu foi essa: “antes de saber qual seria o assunto de minha escolha, já havia me decidido a ser um professor”. Eis a grande lição deixada por Schrödinger: antes de andar alucinado em busca de assuntos para dissertações/teses, saiba o que você quer ser nessa vida.

Data : 23/03/2018

Título : A maldição de Flaubert

Categoria: Artigos

Gustave Flaubert, a quem, entre outros intelectuais de escol, atribui-se a autoria da assertiva “le bon Dieu est dans le détail” (o bom Deus está nos detalhes), jamais imaginou que, travestida na sua contraparte na língua inglesa, a não menos famosa “the Devil is always in the details” (o Diabo está sempre nos detalhes), esta frase, viesse, um dia, a se materializar como uma espécie de maldição no capítulo de introdução de uma Tese de Doutorado em Letras, pela PUCRS, em 1998.

Especificamente, estamos nos referindo ao magistral trabalho “Deus escreve direito por linhas tortas: o romance folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900”, que, sob a orientação da professora Regina Zilberman, foi objeto da Tese de Doutorado em Letras, defendida por Antonio Hohlfeldt, na PUCRS, em 1998. O autor, Antonio Hohlfeldt, o jornalista, o professor, o político (ex-vereador de Porto Alegre, tendo sido também vice-governador do Rio Grande do Sul, e atual presidente da Fundação Theatro São Pedro), é um intelectual de reconhecidos méritos. A orientadora do trabalho de tese, Regina Zilberman, dispensa comentários. E, quanto aos membros da banca de avaliação, que

incluiu gente do naipe do escritor Affonso Romano de Sant'Anna, não cabe qualquer reparo. Mas, não obstante tudo isso, merece nossa reflexão, um detalhe ou o Bom Deus ou, como acho mais provável, o Diabo mesmo, no que diz respeito a esse trabalho, que, inclusive, após aprovado como tese de Doutorado em Letras, foi publicado, em 2003, no formato de livro, pela EDIPUCRS, passando por nova revisão editorial, materializado como o volume 12 da Coleção Memória das Letras.

O preâmbulo do capítulo I, página 27 do livro publicado pela EDIPUCRS, começa com “Ema Bovary, com sua fome de ficção, é um arquétipo e um símbolo da época. [...] Ema Bovary seria, no plano fictício, o exemplo patético...”. E segue o primeiro parágrafo: “Com esta lembrança da personagem de Émile Zola, o ensaísta argentino Jorge B. Rivera abre a análise sobre a importância e a...”. Eis, pelo exposto, o suficiente, para que um leitor minimamente atento perceba a presença do Diabo travestido no detalhe da troca de nomes entre Gustave Flaubert e Émile Zola. Nada muito diferente se alguém tivesse escrito “com essa lembrança de Iracema, personagem de Machado de Assis, ou de Capitu, personagem de José de Alencar”. A relevância desse fato não reside na troca dos autores, mas que o óbvio pode passar despercebido por muitos olhos, ainda que esses olhos sejam dotados de inquestionável competência. Não há margem para qualquer dúvida que todos os atores envolvidos sabem que Ema Bovary é personagem de Gustave Flaubert e não de Émile Zola. Tanto sabem que, na página 41, do referido livro, Hohlfeldt faz referência a Madame Bovary como obra de Gustave Flaubert, originalmente editada em formato de folhetim.

O Diabo no detalhe, presente na obra de Antonio Hohlfeldt, em nada diminui o valor da tese e do livro. Pelo contrário, instiga a leitura. Trata-se de um trabalho meticuloso, feito com critério metodológico e muito bem escrito. Em cinco capítulos, Hohlfeldt passa em revista a origem e a trajetória do romance folhetim, desde a Europa até as plagas brasileiras e, em particular, gaúchas. Um tipo de literatura, que foi iniciada na França, em 1836, por Émile de Girardin, que passou a publicar textos de ficção no espaço físico do jornal chamado de “feuilleton”, sendo, logo imitado por seu ex-sócio, Armand Dutacq, e acabou por desencadear uma onda que catapultou as tiragens dos jornais e ajudou sobremaneira na formação de novos leitores. No caso gaúcho, entre muitos romances folhetins publicados na segunda metade do século XIX, Antonio Hohlfeldt escolheu três para uma análise detalhada: A Filha da Cigana, Paulo Lopes e A Casa do Tio Pedro, cobrindo as décadas 1870, 1880 e 1890.

Realmente deve ser coisa do Diabo essa confusão entre Flaubert (1821-1880) e Zola (1840-1902), pois há quem diga que, na época que eram vivos, havia certa rivalidade entre os dois.

Data : 14/04/2011

Título : A missão Nocollelis

Categoria: Artigos

Descrição: A missão que assumiu o neurocientista Miguel Nicolelis, presidindo, por designação do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), a chamada Comissão do Futuro da Ciência Brasileira...

A missão Nocollelis

por Gilberto Cunha

A missão que assumiu o neurocientista Miguel Nicolelis, presidindo, por designação do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), a chamada Comissão do Futuro da Ciência Brasileira, formada por 21 cientistas (14 brasileiros e 7 estrangeiros), que está encarregada de discutir os rumos da ciência no País, apesar das credenciais do presidente e de todos os seus membros, não será uma tarefa fácil e, seguramente, nem isenta de críticas. Nicolelis, médico brasileiro radicado nos EUA, mais especificamente na Duke University, na Carolina do Norte, faz parte do grupo de cientistas notáveis da atualidade, tendo sido, inclusive, pelos estudos sobre a interação cérebro-máquina, cogitado para receber o Prêmio Nobel de Fisiologia/Medicina, em 2009. Autoridade moral e credenciais, para levar adiante o trabalho e propor algo relevante para o futuro da ciência no Brasil, tanto Nicolelis quanto aos demais membros da comissão, têm de sobra.

A ciência no Brasil, nos últimos anos, viveu um período de euforia, com a criação dos fundos setoriais para financiamento da inovação tecnológica, pela ampliação no número de editais patrocinados pelas nossas duas principais agências de financiamento em C, T&I (CNPq e Finep), materializado na criação de universidades e instituto de ensino superior públicos, na elevação do número de doutores formados e de artigos científicos (mais de 30 mil artigos científicos indexados publicados anualmente). O entusiasmo foi tanto que as duas principais revistas científicas internacionais, Nature e Science, dedicaram espaços privilegiados e generosos (em número de páginas), enaltecendo o desempenho da comunidade científica brasileira, em particular das ciências agrárias, pela criação de uma agricultura genuinamente tropical. Na Nature, edição de 29 de julho de 2010, foram três páginas, sob o título The Global Farm, de destaque para o papel da inovação científica na nossa agricultura. E, na Science, de 3 de dezembro de 2010 (Brazilian Science: Riding a Gusher), mais sete páginas, novamente incluindo as ciências agrárias e outras áreas do conhecimento.

Não obstante tudo isso, o nosso protagonismo no mundo científico ainda é secundário (para o tamanho da nossa pretensão), e, embora existam, são poucas as áreas do conhecimento que se pode, categoricamente, afirmar que fomos responsáveis por uma verdadeira mudança de paradigma. Uns atribuem isso à opção dos acadêmicos brasileiros pela ciência da quantidade em detrimento da qualidade, à escolha da ciência do publicável em desfavor da busca da inovação (materializada em patentes ou outro tipos de propriedade intelectual) ou, ainda, a um sistema educacional deficiente, desde o nível básico até o mais elevado grau do ensino superior. Talvez seja um pouco de tudo isso e alguma coisa mais, que não é perceptível à primeira vista, fazendo com o trabalho da referida comissão seja ainda mais difícil e relevante do que já é; antes mesmo de ter iniciado.

Na condição de espectador privilegiado das ciências agrárias, tendo, nos últimos 32 anos vivido o dia a dia de um instituto de ciência e tecnologia, ocupado todos os cargos, desde estagiário, auxiliar de pesquisa e pesquisador, até o posto de direção (Chefe-Geral da Embrapa Trigo), acredito que o avanço na ciência brasileira passa, antes de qualquer coisa, por mudanças profundas no nosso sistema de educação e formação de pessoas, em todos os níveis, desde o ensino fundamental até o superior (acima de tudo nesse). Penso que o mais relevante, especialmente nos cursos de pós-graduação, seria dar maior foco nas fontes originais do conhecimento, no lugar do emprego de livros textos e fontes secundárias (criar a sua própria interpretação em vez de usar a de terceiros); valorizar a teoria, pois, mais que saber fatos, o importante é juntá-los em um esquema racional; e, por fim, ensinar a pensar em detrimento da memorização.

O Nacional

Quinta-Feira, 14/04/2011

Data : 07/06/2019

Título : A mutabilidade do imutável

Categoria: Artigos

Nada mais mutável do que o passado imutável. Eis uma assertiva que, apesar de ter ares de paradoxo, por mais incrível que possa parecer, se presta, sobremaneira, para o nosso entendimento do que é história. Evidentemente que história, nesse caso, ainda que nem todos se apercebam do fato, é um vocábulo aplicável exclusivamente ao passado humano. E nesse particular se caracteriza pela ambiguidade de, ao mesmo tempo, ter de refletir, por um lado, o conjunto

dos acontecimentos do passado, a chamada história objetiva, e, por outro, o relato desse passado, que é feito pelo historiador.

O passado, tudo aquilo que ocorreu antes de nós, exatamente por ter passado, não é mais acessível. E nem será nunca em sua plenitude. Mas, invariavelmente, desse tempo passado, sobram vestígios, documentos, monumentos, memórias, etc., que tendo escapado da sanha destruidora do tempo e dos homens, podem ser usados pelos historiadores para a sua reconstrução histórica. É por isso que se diz (ou há quem diga) que a história é uma ciência baseada em conjecturas, não se podendo negar, até em razão disso, que as reconstruções históricas sempre serão carregadas de um certo grau de incerteza.

Ainda, as reconstruções históricas sempre são parciais. Alexandre Koyré, no antológico ensaio “Perspectiva da história das ciências”, publicado em 1963, insiste que o historiador nunca conta tudo, nem mesmo tudo o que sabe ou poderia saber. O historiador conta apenas o que é importante (ou o que ele julga importante). A história objetiva, até por ser na sua totalidade desconhecida, passa à margem da história do historiador. Ou seja, invariavelmente, a história do historiador depende de escolhas. E, diga-se, de escolha dele, historiador, e de seus contemporâneos ou sucessores imediatos. É o poder discricionário do historiador que define, mais tarde ou muito mais tarde dos acontecimentos, o que considerar, na herança de vestígios recebidos, merecedor de ser preservado, em função de julgamento sobre a importância relativa de fatos e de valor de documentos que tem acesso.

E mais, ainda que, admite-se, pode não ser percebido sequer pelo próprio historiador, esse, invariavelmente, projeta, na história que narra, os interesses e a escala de valores do seu tempo, em conformidade com as ideias do seu tempo, e, não se ignore, também com base nas suas próprias ideias. Eis a principal razão de a história se renovar de tempos em tempos e de justificativa para a assertiva de que nada muda (ou pode mudar) mais rapidamente do que o imutável passado.

Tudo o que foi dito até aqui se presta, sem qualquer sombra de dúvida, para a revisão legítima da história. Acontecimentos do passado podem sim ser analisados e revisados à luz de novos dados e pelo uso de teorias e metodologias mais robustas. Mas, evidentemente, não se presta para justificar revisionismos de ocasião, que não fazem outra coisa que não seja a negação de acontecimentos sobejamente conhecidos, pelo uso político da história e da narrativa de historiadores engajados.

Admitamos que exista (e existe!) uma historiografia de Passo Fundo bem consolidada. As obras de Francisco Antonino Xavier e Oliveira, O Pai da História de Passo Fundo, Delma Rosendo Ghem, Jorge Edethe Cafruni, Pedro Ari Veríssimo da Fonseca, Paulo Monteiro, Ney Eduardo Possapp d’Avila e a

produção acadêmica do Programa de Pós-Graduação em História da UPF montam um legado valioso sobre a história local e regional. Então, se reunirmos todos esses livros, monografias, dissertações e teses, fazendo uma justaposição pura e simples desses conteúdos, teremos A HISTÓRIA DEFINITIVA DE PASSO FUNDO? Lamento, mas a resposta é não. O todo é maior do que a soma das partes. A coleção dessas obras não forma a história de Passo Fundo. Inclusive muitas delas, especialmente as de cunho memorialista, diante do acesso às fontes primárias que se embasaram os nossos historiadores do passado, podem, legitimamente, sem que isso signifique revisionismo histórico, darem margem a novas interpretações da história local.

Data : 07/08/2007

Título : A neve em Passo Fundo anos de ocorrência

Categoria: Artigos

Descrição: A neve é um tipo de precipitação aquosa em que cristais de gelo se ligam uns aos outros formando os popularmente denominados flocos de neve.

Gilberto R. Cunha (*)

A neve é um tipo de precipitação aquosa em que cristais de gelo se ligam uns aos outros formando os popularmente denominados flocos de neve. A temperatura, a umidade e a natureza dos núcleos de condensação (partículas diversas que se encontram em suspensão na atmosfera) determinam a forma e a estrutura dos cristais e o tamanho dos flocos. Há quem afirme que não há dois cristais de neve iguais.

Fisicamente, a origem desses cristais de gelo se dá com passagem de vapor d'água diretamente do estado gasoso para o sólido, via o processo de sublimação. Isso ocorre quando a temperatura do ar é inferior à temperatura do ponto de congelamento da água. A aparência dos cristais de gelo varia desde estrelas de seis pontas (hexagonais) até a de agulhas e prismas (estas últimas sob condição de temperaturas extremamente baixas, ao redor de -20°C). O formato dos cristais é um reflexo da organização que as moléculas de água assumem quando congelam. Essa organização é governada pela atração elétrica entre as moléculas de água.

A precipitação de neve, a partir de um mecanismo frontal, está bastante atrelada ao nível de resfriamento vertical da atmosfera, sendo muito influenciada pela altitude do local.

O fenômeno recebe o nome de nevada, quando ocorre sem a presença de vento ou tempestade (caso mais comum no Brasil), e de nevasca, em que tempestades, com ventos fortes e turbulentos, espalham as partículas de neve no ar.

Neve é um fenômeno meteorológico restrito às latitudes temperadas e polares ou às altitudes mais elevadas na faixa tropical. Em razão disso, no Brasil, registros de ocorrências de neve restringem-se às regiões Sul e Sudeste e, nelas, nos locais de altitudes elevadas.

Em Passo Fundo (28°15´S, 52°24´W e altitude de referência de 687 m), apesar de não ocorrer neve todos os anos, esse fenômeno não pode ser considerado uma raridade. As observações meteorológicas oficiais em Passo Fundo tiveram início em agosto de 1912.

Com base nesses dados e em outras fontes de documentação (jornais, revistas, história oral etc.) foi possível o resgate de várias ocorrências de nevascas em nossa cidade e região, conforme consta a seguir. As mais intensas foram as de 1912, 1942, 1965 e 1990.

Data : 30/04/2012

Título : A posse de um novo presidente, na Academia Passo-Fundense de Letras

Categoria: Artigos

Descrição: No dia 25 de fevereiro de 2012, foi empossado o 32º presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, na pessoa do acadêmico Osvandré Lech, recebendo o cargo da presidente anterior Elisabeth Souza Ferreira.

No dia 25 de fevereiro de 2012, foi empossado o 32º presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, na pessoa do acadêmico Osvandré Lech, recebendo o cargo da presidente anterior Elisabeth Souza Ferreira. Osvandré, desde os bancos escolares da atual Escola Estadual de Educação Básica Nicolau de Araújo Vergueiro, sempre se apresentou como um homem preocupado com a vida comunitária, e habituado a viver e atuar em comunidade.

Participou de atividades esportivas e da banda de música, na escola que nasceu no prédio onde, desde sua fundação, funciona a Academia Passo-Fundense de Letras. Elisabeth exerceu diversas funções diretivas no sodalício. Chegou à presidência em 2010, tendo sido primeira secretária, na gestão anterior.

Apesar do dia da semana (um sábado), e do horário (em plena manhã), o comparecimento de acadêmicos e convidados foi expressivo. Diversas personalidades justificaram a ausência, e outros tantos enviaram felicitações ao novo presidente. Entre estas, também de intelectuais dos mais distantes

recantos do país e até do exterior. Elisabeth Souza Ferreira destacou a responsabilidade imposta pelo cargo e os esforços que teve de fazer para bem exercê-lo.

Já o novo presidente salientou a importância histórica da Academia Passo-Fundense de Letras e apresentou uma série de propostas que pretende pôr em prática, nos dois anos do seu mandato. Nesta edição de Água da Fonte transcrevemos os discursos da ex-presidente e do atual.

Pontos altos foram as manifestações do presidente da Câmara de Vereadores, Luiz Miguel Scheis, e do vice-prefeito, Renê Cecconello. Ambos lembraram a importância histórica da Academia Passo-Fundense de Letras, e o presidente do Legislativo municipal destacou a colaboração existente, entre o Sodalício e a Câmara de Vereadores, que favorece a produção e transmissão do programa “Literatura Local”, pela TV Câmara. Ambas as autoridades frisaram sua disposição em aprofundar, com a Academia Passo-Fundense de Letras, a colaboração dos poderes que representam.

Data : 26/08/2016

Título : A profissionalização da ciência

Categoria: Artigos

Descrição: Uma profissão como outra qualquer mais do que uma vocação é o que define a prática científica atualmente, cujas jornadas de trabalho e tipos de atividade são positivados nos planos de carreira de universidades ou de institutos de pesquisa, tanto públicos quanto privados.

Uma profissão como outra qualquer mais do que uma vocação é o que define a prática científica atualmente, cujas jornadas de trabalho e tipos de atividade são positivados nos planos de carreira de universidades ou de institutos de pesquisa, tanto públicos quanto privados. E é essa particularidade (profissão) que confere à carreira científica todas as idiosincrasias inerentes às disputas pessoais por cargos, promoções, bolsas de produtividade e financiamento de projetos de pesquisa, que se materializam, internacionalmente, na política do “publish or perish” (publicar ou perecer) que, já faz alguns anos, tem tomado de assalto à comunidade científica, revelando o outro lado da ciência que não é perceptível, inclusive, muitas vezes, nem pelos próprios atores envolvidos.

A New Scientist, edição de 16 de abril de 2016, trouxe para o debate o instigante artigo da jornalista britânica Sonia van Gilder Cooke, “Why so much science research is flawed – and what to do about it”, que chamou a atenção para o problema da grande quantidade de resultados de pesquisa que, embora oriundos de trabalhos publicados em prestimosas revistas científicas, não são transformáveis em inovações tecnológicas úteis ou, quando efetivamente

testados, não são comprováveis, significando mais desperdício de recursos do que qualquer outra coisa. Afinal, por que isso acontece? É possível mudar? Que pode e deve ser feito?

Deixando de lado as falsificações de dados, deliberadamente fraudulentas por motivações espúrias, há espaço para melhoria na prática científica, que, se não acabar com o problema de vez, pelo menos pode reduzi-lo a níveis ínfimos, conforme a proposta de John P. A. Ioannidis, do Meta-Research Innovation Center, da Stanford University, incluída no artigo “How to Make More Published Research True”, publicado na PLOS Medicine, edição de 21 de outubro de 2014.

Diante dos fatos (ou de alguns fatos), a crença na suposta imparcialidade da ciência tem sido questionada. John P. A. Ioannidis propõe algumas práticas para a comunidade científica que, se aceitas, podem ajudar a melhorar o desempenho na geração/publicação de resultados de pesquisa. São elas: pesquisa colaborativa em grande escala; adoção da cultura da repetição; registros abertos (open data) da pesquisa (protocolos, análises, resultados, etc.); adoção de práticas reproduzíveis; eliminação do conflito de interesses entre os financiadores da pesquisa e os autores; uso de métodos estatísticos apropriados; padronização de definições e análises; níveis mais rigorosos para a reivindicação de descobertas originais; melhoria dos delineamentos experimentais; melhoria do processo de revisão por pares e de disseminação de informações; e melhor treinamento em ciência, tanto dos próprios cientistas quanto dos assistentes de pesquisa.

Independente da adoção ou não, de forma parcial ou plena, das sugestões de John P. A. Ioannidis, a comunidade científica, tanto da esfera pública quanto privada, vai continuar pesquisando, capitando financiamento para projetos e produzindo artigos que, não raro, não levam a qualquer avanço palpável do conhecimento ou são geradores de novas tecnologias úteis. Isso faz parte da incerteza associada ao processo cujo alvo é a busca do desconhecido. É um tipo de custo indireto, que aumenta ou diminui, com a qualidade da prática científica.

A tendenciosidade, mesmo inconsciente, parece ser inerente à pesquisa científica. Não são raros: a busca de confirmação e não de rejeição de hipóteses; a mudança de hipótese para explicar resultados não esperados; parar experimentos quando os dados mostram o que se quer mostrar; exclusão de dados não conformes com o senso comum; uso de diferentes testes estatísticos até obter significância dos resultados e ampliar a coleta de dados até que os resultados não significativos virem significativos; por exemplo.

Data : 07/09/2018

Título : A propósito de Dirceu Gassen

Categoria: Artigos

Escrever sobre Dirceu Neri Gassen (1953-2018), depois de quatro dias da sua morte, ocorrida no amanhecer da última segunda-feira (3), ainda que aparente, não é uma tarefa fácil. E não é uma tarefa fácil porque, além de tudo que foi dito e escrito desde o seu passamento, o próprio Dirceu, pelo trabalho que realizou, construiu uma história de vida que é por demais conhecida, deixando sem maior importância outros comentários feitos de fora desse contexto. De qualquer forma, nunca será demasiado reprimir a vida e a relevância da contribuição deixada por Dirceu Gassen para o desenvolvimento da agricultura brasileira.

Em breve síntese: Dirceu Gassen nasceu em Santa Rosa, RS, no seio de uma família de agricultores, e formou-se em Agronomia pela Universidade de Passo Fundo, na turma de 1977. Fez mestrado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na área de entomologia agrícola, em 1980. Fez curso sobre controle biológico de pragas na Universidade da Califórnia, nos EUA, em 1982, e cumpriu programa de disciplinas de doutorado (sem defesa de tese) na Lincoln University, na Nova Zelândia, no final dos anos 1980. Trabalhou como pesquisador na EMPASC (atual Epagri, 1979-1981), em Caçador, SC, e na Embrapa Trigo (1981-1995), em Passo Fundo. Foi coordenador de Pesquisa e Desenvolvimento da Secretária da Agricultura e Abastecimento do RS, em Porto Alegre, de 1995 a 1997. E a partir de julho de 2000, assumiu a gerência da área técnica da Cooperativa dos Agricultores de Plantio Direto Ltda. (COOPLANTIO). Foi sócio da empresa Vértice Agrícola - Agricultura de precisão e consultor privado em agricultura. Fluente em inglês, alemão e espanhol foi um palestrante reconhecido internacionalmente. Autor de livros e informativos diversos sobre proteção de plantas (pragas e doenças), controle biológico de pragas, plantio direto e evolução na agricultura. Além de ter sido editor-técnico da Revista Plantio Direto.

A síntese do parágrafo anterior, ainda que correta, não faz justiça a Dirceu Gassen. O legado que ele deixou é imensurável. Será sempre lembrado como o profissional dinâmico e entusiasmado, que não media esforços para encontrar soluções para os problemas do campo; criando grupos de discussão; visitando lavouras, participando de eventos, no Brasil e em diversos países do mundo; fazendo postagens nas redes sociais; e sempre presente nos veículos de comunicação. O reconhecimento da importância do seu trabalho na área de entomologia agrícola levou-o a ser agraciado, em 1995, com o nome de uma espécie que parasita os adultos de *Diabrotica* spp, cujas larvas são pragas de diversos cultivos: *Centistes gasseni*. Dirceu foi um entusiasta do Sistema Plantio Direto, sendo impossível separar o seu nome dessa revolução no manejo de solo que mudou a face da nossa agricultura.

O principal traço da personalidade do Dirceu, em paralelo à competência profissional inquestionável, sempre frisando que "A produtividade é o conhecimento acumulado por hectare", era a alegria, o trato fácil e a disposição para compartilhar conhecimentos. Os que conviveram com ele lembrarão do trabalhador incansável, que chegou ao ponto de ter sido hospitalizado por estafa; que visitava lavouras à noite, com uma lanterna, para avaliar problemas de pragas noturnas; que era capaz de ficar imóvel durante horas, deitado entre as linhas de plantas de soja, para identificar o que estava causando danos nas

lavouras; do contumaz perdedor de aparelhos celular no campo; do agrônomo sempre munido de pá, enxada, canivete e uma indefectível câmara fotográfica, para auxiliar no diagnóstico de problemas nas lavouras. Não foi sem motivo que a sua última mensagem publicada em rede social, no dia 30 de agosto, foi essa: "Cada indivíduo dedica tempo, energia, conhecimento...para cultivar a paz, desenvolver o bem... de acordo com o caráter e valores que têm...".

E havia também o Dirceu que ia ao encontro de amigos para jogar tênis sem levar a raquete; que gostava de andar de patins; que compartilhava as alegrias que estava vivendo, ao ponto de ter ligado para Ataidés Jacobsen apenas para contar da emoção que estava sentindo ao entrar num estádio por ocasião da Copa do Mundo da Alemanha, em 2006; que era capaz de colocar um vagalume num saco plástico e sair à noite para demonstrar que iluminava para algumas crianças; que por andar sempre munido de uma rede entomológica caçando insetos, nos anos 1970, recebeu o apelido de Dirceu Borboleta, em alusão a um personagem da novela O Bem-Amado; e o Dirceu fotógrafo, dotado de técnica apurada, que para produzir um cartão de Natal com a imagem de um beija-flor passou horas à espreita da pose perfeita, como bem retratou a exposição "Visão do Agro através de imagem", que fez em Gramado, em 2014.

A propósito de Dirceu Gassen, em mensagem especialmente dirigida à esposa Elaine, às filhas Tatiana, Thais e Tainara e aos genros Eduardo, Aramis e Richard, outra vez, socorro-me das palavras do poeta Manoel Bandeira, proferidas por ocasião da morte do escritor Mário de Andrade: "Você não morreu: ausentou-se. A sua vida continua na vida que você viveu." Requiescat in pace Dirceu!

Data : 30/04/2010

Título : A revolução da biologia sintética

Categoria: Artigos

Descrição: A comunidade científica, na atualidade, depende um grande esforço na integração da engenharia molecular com a capacidade computacional e de tecnologia de informação disponíveis...

A revolução da biologia sintética

A comunidade científica, na atualidade, depende um grande esforço na integração da engenharia molecular com a capacidade computacional e de tecnologia de informação disponíveis, nos domínios do que se convencionou

chamar de biologia sintética. A busca pelo desenvolvimento de padrões de engenharia na área biológica, envolvendo, por exemplo, a ligação de peças de DNA, via o uso de ferramentas tipo CAD (computer-aid-design), desde o nível atômico, na otimização de processos catalíticos, até o desenho de arranjos de organismos em populações que sejam sustentáveis, revolucionará a base do conhecimento em biologia e suas aplicações.

Vislumbram-se avanços sem precedentes no desenvolvimento de novas drogas na área médica, na produção de biocombustíveis e de alimentos. Em agricultura, espera-se a criação de plantas resistentes a pragas/doenças e organismo fotossintéticos com capacidade de duplicar a produção de biomassa num prazo de três horas, por exemplo.

O grande desafio, nos domínios dessa nova biologia, não é de natureza tecnológica, mas sim ética. Na visão de George Church, professor da Escola de Medicina da Universidade Harvard, teremos de nos preocupar, doravante, é com as consequências dessa nova biologia, em termos de antecipação de reflexos econômicos, ecológicos e sociais, procurando garantir a segurança da sociedade no seu manuseio. E, os produtos dessa nova biologia, ligando a engenharia molecular e as nanotecnologias, como é o caso de circuitos biológicos com bactérias em substituição aos chips eletrônicos convencionais, serão realidades para o mercado nos próximos dez anos.

Brusone em trigo

A brusone, doença bastante conhecida no Brasil pelos danos que causa na cultura do arroz, indiscutivelmente, é uma nova ameaça para a produção de trigo no mundo; em especial nas regiões de clima tropical. Na safra de 2009, a ataque de brusone em trigo causou prejuízos elevados nos estados do Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Distrito Federal. No sul do Brasil, região fria, embora a presença do fungo causador da brusone encontre-se presente em muitas lavouras, a doença, em função das condições de ambiente (temperatura, principalmente), não tem ocorrido em níveis epidêmicos, como verificado na região tropical (Brasil Central).

Ainda que, aparentemente, hoje, restrita à América do Sul, a brusone em trigo tem despertado a atenção da comunidade científica internacional que se dedica à pesquisa de trigo. Uma incitava global, com vistas a atacar cientificamente o problema antes que se converta, de fato, em uma ameaça ao trigo em escala mundial, será objeto da reunião de trabalho que ocorrerá em Passo Fundo, na sede da Embrapa Trigo, nesta segunda-feira, dia 3 de maio, estendendo-se até dia 5. O 1º Workshop Wheat Blast a Potential Global Threat to Wheat Production é uma promoção da Embrapa em parceria com o Centro Internacional de Melhoramento de Milho e Trigo, que tem sede no México. Pesquisadores brasileiros, de instituições públicas e privadas, além de convidados estrangeiros que estão vindo do México, dos Estados Unidos, da Alemanha, da Holanda, da Argentina, do Paraguai e da Bolívia, se farão presentes em Passo Fundo, discutindo e organizando uma proposta de pesquisa nas dimensões que a solução do problema exige. Trigo em região de clima tropical não é exclusividade do Brasil, por isso a brusone é preocupação também para países que são grandes produtores (e dependentes para a sua segurança alimentar) desse cereal, como Índia e Paquistão, por exemplo.

Zoneamento Agrícola 2010

Foram publicadas no DOU, de 22 de abril, pág. 28 - seção I, as portarias de retificação do zoneamento agrícola para a cultura do trigo nos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, safra 2010. Essa é uma notícia importante para os tricultores do sul do Brasil, especialmente para os usuários de crédito agrícola, haja vista que a proposta apresentada inicialmente pelo Mapa, em função da indicação de épocas de semeadura, predisponha o cultivo desse cereal a um elevado risco de dano por geadas no espigamento/floração.

O Nacional

Sexta-Feira, 30/04/2010 por Gilberto Cunha

Data : 23/05/2014

Título : A saga de um cientista sangue azul

Categoria: Artigos

Descrição: Há, no universo da comunidade científica, um grupo de indivíduos que, no jargão dos historiadores da ciência, são denominados de cientistas de “sangue azul”.

Sexta-Feira, 23/05/2014 às 07:49, por Gilberto Cunha

Há, no universo da comunidade científica, um grupo de indivíduos que, no jargão dos historiadores da ciência, são denominados de cientistas de “sangue azul”. São parte desse grupo, homens e mulheres reconhecidos como pessoas de notório saber, que ostentam currículos recheados de publicações em revistas com fator de impacto elevado (Science e Nature, por exemplo), galardoados com honrarias acadêmicas de alto calibre e, não raro, detentores de um Prêmio Nobel. Indiscutivelmente, David Baltimore, o imunologista e biólogo molecular, que recebeu o Prêmio Nobel de Fisiologia/Medicina em 1975, que chefiou o Instituto Whitehead no MIT, que presidiu a Universidade Rockefeller e a Caltech, entre outras credenciais, faz parte dessa estirpe de cientista. Não obstante, talvez até mesmo, presume-se, pela posição de destaque que ocupava e ocupa no meio científico, Baltimore, de coadjuvante acabou virando protagonista principal de um dos mais rumorosos casos de escândalo relacionado com fraude científica, em tempos relativamente recentes. Afinal, qual foi o erro de David Baltimore? Se é que se pode falar em algum tipo de erro de parte dele.

O caso Baltimore, ou a saga de David Baltimore como também ficou conhecido esse episódio, começou logo depois da publicação na prestimosa revista Cell, edição de 25 de abril de 1986, de um artigo assinado por Weaver et., tendo David Baltimore e Thereza Imanishi-Kari como os seniores da lista de seis autores. Os resultados aparentemente inovadores mostravam respostas induzidas no sistema imunológico de ratos pela inserção de genes alheios a esses organismos, por meio do uso de ratos transgênicos especialmente criados em laboratório para esse tipo de pesquisa. Algo que, em síntese, na visão dos autores, poderia revolucionar as pesquisas em imunologia a partir de então. Naquele mesmo ano, no mês de maio, uma bolsista de pós-doutorado, Margot O'Toole, que estava vinculada ao laboratório de Thereza Imanishi-Kari no MIT, onde o trabalho original havia sido realizado, foi encarregada de continuar a pesquisa relatada por Weaver et al. na Cell. Revisando o artigo e os registros de dados que davam sustentação aos resultados, Margot O'Toole encontrou discrepâncias entre o que havia sido supostamente obtido nos experimentos e os dados relatados no artigo, que não davam suporte às ditas conclusões inovadoras. Acreditando tratar-se de mero equívoco e não de falsificação ou fabricação de dados, O'Toole relatou o caso à orientadora da pesquisa, Thereza Imanishi-Kari, que desconversou e alegou tão somente displicência no registro da documentação experimental pertinente.

O rumor tomou conta dos corredores e fundos dos laboratórios do MIT, chegando até os ouvidos do todo poderoso David Baltimore, que, por fazer parte da relação de autores, ainda que não pairasse qualquer suspeição sobre ele, analisou o caso e concluiu pela não necessidade de correção do artigo, pois, na sua visão, os dados eram robustos e as conclusões bem fundamentadas. Margot O'Toole levou adiante a sua não conformidade e, mesmo sendo aconselhada a desistir do questionamento, não parou, fazendo com o conselho de ética do MIT e da Universidade Tufts tivesse que se pronunciar sobre o sempre delicado tema, entre os pares, de fraude na ciência. Os conselheiros não viram necessidade de retratação do artigo, pois, no entendimento deles, no máximo se poderia falar de equívocos menores nas conclusões e falhas nos registros experimentais, mas que, em hipótese alguma, estavam diante de um caso de fraude científica.

O denunciamento protagonizado por Margot O'Toole extrapolou os muros do MIT e da Universidade Tufts, para onde Thereza Imanishi-Kari, que por sinal é brasileira, nascida em Indaiatuba/SP, formada em biologia pela USP, estava de mudança. Chegou até o congresso dos EUA, onde John Dingell, representante dos Democratas por Michigan, comandava um subcomitê que promovia investigações sobre o uso de recursos públicos. Na visão dele, onde havia dinheiro do Governo dos EUA, cabia ao congresso americano investigar. E, nesse caso, especificamente, por entender que havia dinheiro público envolvido, John Dingell incumbiu o Serviço Secreto dos EUA para acompanhar as audiências na condição de assistente da acusação. E ...(continua na próxima sexta-feira).

Data : 30/05/2014

Título : A saga de um cientista sangue azul (final)

Categoria: Artigos

Descrição: As audiências públicas (12 de abril de 1988, 4 e 9 de maio de 1989, e 14 de maio de 1990) promovidas por John D. Dingell, representante dos Democratas por Michigan no Congresso dos EUA

Sexta-Feira, 30/05/2014 às 07:18, por Gilberto Cunha

As audiências públicas (12 de abril de 1988, 4 e 9 de maio de 1989, e 14 de maio de 1990) promovidas por John D. Dingell, representante dos Democratas por Michigan no Congresso dos EUA, para apurar a denúncia de fraude científica em artigo publicado por Weaver et al. na revista Cell, edição de 25 de abril de 1986 (Cell 45 (2): 247-59), mais que esclarecimentos e solução do problema, trouxeram a exacerbação dos ânimos entre os envolvidos, especialmente com o vazamento dos debates para além dos muros das instituições originalmente interessadas na questão (O MIT e a Universidade Tufts).

Ainda que o artigo denunciado levasse a assinatura de seis autores (David Weaver, Moema H. Reis, Christopher Albanese, Frank Costantini, David Baltimore e Thereza Imanishi-Kari), sobressaíram-se três nomes nessa disputa. De um lado, Margot O'Toole, a bolsista de pós-doutorado denunciante, Thereza Imanishi-Kari, a pesquisadora denunciada, e David Baltimore, o mais renomado entre os autores do artigo. Baltimore, defensor incansável da integridade dos dados e da robustez das conclusões, por entender que as audiências investigativas promovidas por John Dingell eram uma intromissão indevida em assuntos estritos aos cientistas, rechaçando com veemência as denúncias de Margot O'Toole e as audiências de Dingell, apelou para que a comunidade científica se pronunciasse. E ao fazer isso, chamou para a discussão tanto os que lhe eram simpáticos, caso de Stephen Jay Gould, que em laudatório artigo no The New York Times (30 de julho de 1989), desancou em crítica as audiências Dingell por não diferenciarem entre erro ou discordância de interpretação de dados e fraude, quanto os desafetos e os invejosos, que um cientista detentor de um Nobel e dirigente de instituições científicas de escol (MIT, Universidade Rockefeller e Caltech), caso de David Baltimore, invariavelmente atrai.

John Dingell reagiu à crítica da comunidade científica que o Congresso dos EUA estava se alvoroçando em legislar contra “erros” e não contra “fraudes”, dificultando e burocratizando sobremaneira a vida dos cientistas, ao dar guarida a esse tipo de denúncia. A consequência seria a inação nos laboratórios, pelo temor da responsabilização civil e criminal. Dingell refutou as acusações como

não mais que puro “nonsense”, pois o padrão de comportamento na ciência, que vem desde sempre, deveria continuar sendo a busca da verdade.

O ambiente acalorado piorou com a intervenção do Serviço Secreto dos EUA, solicitada por John Dingell, e a entrada no caso de Walter Stewart e Ned Feder, dois pesquisadores do National Institutes of Health (NIH), que ganharam certa notoriedade por trabalhos envolvendo a identificação de fraudes na ciência. Stewart e Feder, com base nas 17 páginas dos registros experimentais que foram copiadas e denunciadas por Margot O’Toole, escreveram um trabalho que, em vão, tentaram publicar na própria Cell, na Science e na Nature. David Baltimore questionou a responsabilidade e a legitimidade de Stewart e Feder. O NIH também não autorizou a publicação. O Serviço Secreto dos EUA encontrou indícios de falsificação de datas nos registros de Imanishi-Kari, e David Baltimore, por fim, cedeu e aceitou a retratação do artigo da Cell.

Enfim, como só acontecer nesse tipo de querela, só houve perdedores. Margot O’Toole teve dificuldade para encontrar um novo emprego, pois ninguém quer uma pessoa “causa-problemas” por perto, e Thereza Imanishi-Kari, em 1994, seria considerada culpada por falsificação e fabricação de dados. David Baltimore, por pressão dos pares, em meio à repercussão das audiências Dingell, teve que renunciar à presidência da Universidade Rockefeller. Mas, a grande reviravolta deu-se em 1996, quando a apelação feita pela defesa de Imanishi-Kari foi acolhida e ela inocentada. O pecado de David Baltimore, segundo alguns, foi o excesso de confiança nas suas credenciais de cientista, que o levou a exercitar a soberba ao extremo, rejeitando a priori a denúncia de Margot O’Toole.

As consequências de denúncias de conduta inadequada na ciência, quer sejam verdadeiras ou falsas (majoritariamente motivadas por inveja e competição entre os pares), não são inócuas. Não raro, enquanto corre o tempo de apuração, carreiras científicas, até então promissoras, podem ser destruídas.

Data : 29/12/2011

Título : A Segunda Vinda, o Papa, você e alguns cientistas

Categoria: Artigos

Descrição: Essa história, com uma leve pitada de humor e sem qualquer intenção de ofensa à crença religiosa de quem quer que seja, é relativamente bem conhecida e antiga.

A Segunda Vinda, o Papa, você e alguns cientistas

por Gilberto Cunha

Essa história, com uma leve pitada de humor e sem qualquer intenção de ofensa à crença religiosa de quem quer que seja, é relativamente bem conhecida e antiga. Com as devidas adaptações, presta-se para a interpretação do comportamento das pessoas nos mais variados ambientes de trabalho ou segmentos da atividade humana, em especial no mundo dos cientistas. Consta, conforme relato de David Goodstein incluso no livro “On fact and fraud: cautionary tales from the front lines of science” de 2010 pela Princeton University Press, que tudo se passou numa sala reservada dos aposentos papais no Vaticano. Na ocasião, o Santo Padre conversava com dois monsenhores que eram assistentes bastante próximos.

Eis que, em dado momento, um dos monsenhores percebe uma estranha luz que vinha de uma das janelas da sala. Ele vai até a dita janela e julga que se trata da Segunda Vinda. Mas, como era um homem treinado para ser cético e não aceitar de imediato as coisas como parecem ser, toma todos os cuidados, analisa a situação detalhadamente e, não tendo mais dúvida de que ele realmente está vendo a Segunda Vinda, chama o colega, que o acompanha até a janela; esse olha, e diz: “Você está absolutamente certo. Não há dúvida sobre isso. É a Segunda Vinda”. Os dois dão meia-volta, ajoelham-se rezando diante do Papa e exclamam unissonamente “Sua Santidade, é a Segunda Vinda”. O Santo Padre, para espanto dos monsenhores, sai em disparada carreira até a sua mesa de trabalho, senta e começa a bater alucinadamente nas teclas da velha máquina de escrever. Um dos monsenhores, ainda ajoelhado e com as mãos postas voltadas para o céu, pergunta “Sua Santidade, que está fazendo?” E o Papa diz “Bem, eu não sei quanto a vocês, mas eu quero parecer ocupado”.

David Goodstein usou a história da Segunda Vinda para analisar o envolvimento dos cientistas em estudos sobre supercondutividade em altas temperaturas. O fenômeno da supercondutividade foi descoberto em 1911 e desde então a busca de supercondutores que apresentem, sob altas temperaturas, as propriedades de resistência zero, capacidade de criar campos magnéticos e tunelamento virou o Santo Graal da Física. Passados 100 anos, apesar da euforia da descoberta anunciada por cientistas da IBM em 1986 e com muita gente parecendo ocupada nessa busca, a evolução foi pequena. O máximo que se conseguiu foi a manifestação dessa propriedade na faixa entre 135 K e 165 K, que já é um avanço em relação aos 4 K a 24 K originais. No entanto, qualquer pessoa que tenha prestado um mínimo de atenção nas aulas de física do ensino fundamental facilmente percebe que essas temperaturas são ainda bem abaixo das encontradas em qualquer lugar da Terra.

Nas ciências agrárias, embora não possa afirmar taxativamente, suspeito que a área popularmente denominada de biotecnologia, onde se inserem a transformação genética (OGMs) e demais especializações da família das “ômicas” (genômica, fenômica, proteômica, metabolômica, etc.), exerce o papel de Segunda Vinda. Tem muita gente, em particular nas organizações periféricas

tanto públicas quanto privadas, que não possuindo os recursos de laboratórios e o domínio tecnológico (por força de instrumentos de propriedade intelectual ou mesmo por segredo industrial) que, emulando o exemplo do Papa, gostam de parecerem ocupadas, especialmente quando a Segunda Vinda surge travestida em recursos para financiamento de pesquisas.

Parecer ocupado, eis os resumo dessa história, que se presta como poucas para o entendimento do comportamento humano no dia a dia da sociedade e, em particular, no mundo das corporações. Repare, minimamente, como em qualquer ambiente de trabalho sempre tem aqueles que gostam de parecerem ocupados, em especial diante da alta administração da empresa. Vivem sem tempo para nada, levando trabalho pra casa e, não raro, pedindo desculpas e horas-extras. Orgulham-se de sequer um cafezinho terem tido tempo de tomar em muitos anos de empresa. Realmente, dando ares de ocupação permanente, estão sempre a postos, aguardando pela Segunda Vinda, porém torcendo para que essa se materialize no presidente da organização ou, quando não, em qualquer superior hierárquico imediato.

O Nacional

Quinta-Feira, 29/12/2011

Data : 07/08/2015

Título : A tradução segundo Borges

Categoria: Artigos

Nas memoráveis conferências que Jorge Luis Borges proferiu, em 1971, na Universidade de Columbia/EUA, sobre a formação de escritores, uma delas, especificamente, tratou do ofício da tradução. A transcrição das falas desses encontros, que contaram com a participação de professores e estudantes do programa de escrita da Universidade de Columbia, deu origem ao livro *Borges on Writing*, publicado em 1973 nos EUA, com edição de Norman Thomas di Giovanni, Daniel Halpern e Frank MacShane, cuja primeira versão para o espanhol veio a público em 2014, pela tradução de Julián E. Ezquerro (Buenos Aires: Sudamericana, 2014. 176p.).

Na visão de Borges, há duas maneiras de traduzir: uma literal e outra que faz uma espécie de recriação do original. E exemplifica com o caso do livro das mil e uma noites. O orientalista Jean Antoine Galland quando verteu esse título do árabe para o francês o fez como *As Mil e uma Noites* (*Les Mille et une Nuits*), que, alias, frise-se, até bem pouco tempo, as versões dessa obra que eram lidas

no Brasil tinham como origem a tradução francesa de Galland passada para o português (a 1ª tradução direta do árabe para o português, de Mamede Mustafa Jarouche, surgiu em 2005). Por sua vez, o Capitão Burton, na sua famosa versão do árabe para o inglês, optou por traduzir o título literalmente, dando origem ao clássico O Livro das Mil Noites e uma Noite (The Book of the Thousand Nights and a Night). O título dado por Burton, para os nativos das línguas inglesa e latinas, surpreende pela singularidade, adquirindo certa beleza por soar estranho aos nossos ouvidos, o que não acontece com os falantes do árabe, pois, literalmente, é entendido assim.

Borges não descarta que a tradução, pela recriação, pode ser uma possibilidade de aperfeiçoamento do original. Um limite muito tênue de atuação do tradutor, que não raro é causa de atritos com editores e autores /ou herdeiros de obras, sob a alegada modificação de sentido do original, independentemente do direito de parafrasear o que foi feito. O exemplo de recriação, com aperfeiçoamento, pela tradução, é o caso da bem conhecida sentença latina sobre ciência: *Ars longa, vita brevis*. A versão que Chaucer fez para o inglês não foi simplesmente a literal “Art long, life short” (Arte longa, vida curta), mas sim a opcional “The life so short, the craft so long to learn”, algo como “A vida tão breve, o ofício de aprender tão longo”, que tem uma espécie de poesia e musicalidade que não encontramos no original. A transliteração com dicionário é vista como uma forma inferior de tradução.

A dificuldade de tradução de um diálogo, que pode aparentar certa facilidade, só não é maior que a de um poema. Um fragmento poético pode ser impossível de traduzir. Estamos falando em sentimentos e não em rimas, que não é poesia por ser deveras previsível. E sem esquecer que a prosa de uma época é uma reflexão daquela época, fato que exige do tradutor mais que o mero domínio de línguas. Entender o texto e a intenção do autor é obrigação de quem traduz profissionalmente. O pior de uma tradução não é traduzir mal algumas palavras, mas sim traduzir mal o tom e a voz do autor; segundo J. L. Borges.

O grande dilema do tradutor é como traduzir algo que foi originalmente mal escrito. Se vier a traduzir tal qual consta no original pode ser acusado de ter feito uma má tradução. Indiscutivelmente, coisas mal escritas não podem ser traduzidas literalmente. Eis a razão, dizem, porque as melhores traduções, na maioria das vezes, apenas tocam no original.

Rendemos, pois, nosso tributo aos tradutores. Sem eles, eu e, talvez, você leitor nunca teríamos tido acesso aos cânones da literatura russa e aos clássicos das línguas germânicas. E, sem Jean Antoine Galland, quem sabe, também não conheceríamos a história de “Aladim e a lâmpada maravilhosa”, que, segundo alguns estudiosos, não existia nos originais, podendo ter sido uma espécie de licenciosidade e criação do próprio Galland (fato não confirmado).

Data : 16/05/2014

Título : A última tentação do cientista

Categoria: Artigos

A prática científica exige teorização. Não obstante, ainda hoje, alguns recalitrantes, nas ciências biológicas e agrárias (há em outros domínios do conhecimento também), insistem em rotular, quase sempre com tom de menosprezo, de “filosofias”, qualquer formalização teórica que se afaste da sua visão empirista (experimental) de mundo. Parafraseando Cristo (com adaptação): “Perdoe-os, Pai; eles não sabem o que dizem!” E, de fato, não sabem o que dizem porque, com este tipo de atitude, demonstram sequer conseguir diferenciar uma teoria científica de uma teoria filosófica.

Desde Galileu Galilei que houve a dicotomia entre ciência e filosofia. Cada qual, com suas ferramentas, buscando o conhecimento e formalizando-o em teorias. Em essência, deixando de lado definições acadêmicas, pode-se dizer que uma teoria filosófica busca preservar princípios. E, neste contexto, tudo que não contribui para a integridade destes princípios é negligenciado. Por sua vez, uma teoria científica se preocupa em manter a coerência entre fato e experiência. A ligação entre teoria e fato é imperativa. Até porque muitas teorias científicas são formatadas a partir de resultados de observações empíricas. Os filósofos que se dedicam apenas à reflexão sobre princípios acabam perdendo contato com o mundo da experiência. E é daí que, possivelmente, advém o tipo de comentário descabido de “filosofias” para teorias científicas, feito, quase sempre, por quem não consegue alcançar seus significados. Praticar filosofia (filosofar) é refletir sobre os fundamentos daquilo que se faz. Pode-se pensar como um filósofo, propondo questionamentos, e se buscar respostas agindo como um cientista. Talvez este seja o ideal da ciência.

Inquestionavelmente, precisamos de mais e melhores teorias (e de teóricos, por sua vez); tanto científicas quanto filosóficas. Nas ciências biológicas, ambiente que ainda predominam os experimentalistas, podemos identificar teorias que se caracterizam como macro, meso e micro. Como exemplo de grandes teorias biológicas tem-se a teoria de Darwin sobre a evolução das espécies e a teoria de Gaia, de James Lovelock. Este tipo de teoria surge raramente e não desperta maiores interesses nos biólogos práticos, por se encaixar naquilo que eles rotulam de “filosofias”. As mesoteorias biológicas são mais abundantes e se inserem em domínios que tem aplicações imediatas, por isso são mais populares entre os “práticos”. É o caso das redes imunológicas. Já as microteorias são específicas por fenômenos (equação de Hodgkin e Huxley, por exemplo). São elas que dominam as publicações e os congressos científicos, parecendo herméticas para os que não são iniciados no assunto.

Os cientistas são humanos e, conforme bem destacou Edgar Morin, “de alguma forma, a ciência é um lugar onde se desfraldam os antagonismos de idéias, as competições pessoais e, até mesmo, os conflitos e as invejas mais mesquinhos”. E nesse ambiente, em que a fama pode exasperar tentações, torna-se fundamental para o cientista saber lidar com a atração para se comportar com indiferença e superficialidade diante de questões importantes e difíceis (sociais, por exemplo), que desmascaram a falácia da neutralidade dos homens de ciência. Não se deixar dominar pela vaidade (se considerar alguém especial) e pela inveja que, num mundo de competição, corrói os eternos insatisfeitos,

sempre atribuindo aos outros as suas frustrações. Mas, a mais importante de todas as tentações, que impede o avanço da ciência, é a certeza. Sua manifestação dá-se em falas clássicas: “escutem, eu sei o que estou dizendo”, “isso é impossível” ou “já trilhamos esse caminho e não chegamos a lugar algum”. Nesse momento, o cientista cede e passa a viver num mundo sem alternativas e sem reflexão. Isso acontece muito no grupo dos experimentadores. Especialmente com aqueles que adquirem reconhecimento e poder acadêmico, não raro fazendo muito do mesmo, e é chegado um momento da sua carreira que decidem alçar outros vãos. Sob os auspícios da fama adquirida, traçam considerações sobre “a essência da alma” e discutem “o futuro da humanidade”. Mas, diferentemente do que imaginam, estando impregnados pelas “suas certezas”, não formulam novas teorias científicas. Aí é o fim: o Diabo venceu!

Data : 04/07/2014

Título : A viagem do TED em busca da felicidade

Categoria: Artigos

Descrição: Chris Anderson, dono do TED (sigla para Tecnologia, Entretenimento e Design), em entrevista das páginas amarelas da revista Veja

Sexta-Feira, 04/07/2014 às 07:18, por Gilberto Cunha

Chris Anderson, dono do TED (sigla para Tecnologia, Entretenimento e Design), em entrevista das páginas amarelas da revista Veja (edição 2378 – ano 47 – nº 25, de 18 de junho de 2014), destacou que, entre as palestras da popular rede de debates na internet, para ele, as mais marcantes foram aquelas que trataram de “felicidade”; especificamente de como podemos alcançá-la. Incrível que um empreendedor multimilionário do calibre de Anderson, que se destacou por apostar em coisas relevantes no mundo dos negócios, mostre-se inclinado para um tema que soa bem ao estilo autoajuda: a busca da felicidade.

São muitas as receitas de felicidade. A de Platão, posta na sua celebrada República, vista hoje, soa como um manual de sadismo. A de Santo Agostinho, em A Cidade de Deus, prega o triunfo da alma sobre o corpo, na outra vida evidentemente, ao realçar que o prazer de morrer sem dor é bem maior que a dor de viver sem prazer. Eu, mesmo sabedor de que se trata de algo impossível, prefiro a tese de Eduardo Punset, que, no livro “The Happiness Trip”, advoga que felicidade é simplesmente a ausência de medo.

Eduardo Punset, um intelectual de escol internacionalmente reconhecido, pela carreira que construiu como advogado, economista, político, escritor e comunicador científico, possui credenciais de sobra e goza de credibilidade pública mais que suficiente para escrever um livro tipo “The Happiness Trip” sem

ser rotulado de engajamento com qualquer causa ou resvalar em clichês autoajuda. Inclusive, a obra em questão foi avalizada por Antonio Damaso, professor de Neurociência e diretor do Instituto do Cérebro e Criatividade na University of Southern California, em Los Angeles/EUA, que assina o prefácio. Damaso argumenta para justificar o livro que a área das emoções é a última fronteira do cérebro que falta ser cruzada para o melhor entendimento do comportamento humano e que foi sábio Eduardo Punset ao focar emoções pelo lado positivo (felicidade) e não pelo negativo (tristeza), que costumeiramente damos maior peso.

Viver sem medo pode ser uma quase utopia (um lugar que não existe, conforme a clássica definição de Quevedo). Ainda que a maioria de nós não espere encontrar um leão em cada esquina que dobrar, viver sem estresse nesses tumultuados dias do século 21 não parece ser fácil e nem simples. E, por mais incrível que pareça, algo que torna o mundo um lugar um pouco pior, é que muita gente descobriu uma forma de aliviar o estresse fazendo os outros infelizes. Descarregando a sua agressividade e frustrações sobre as outras pessoas. É o popular “evitar desenvolver úlceras à custa de causar úlceras nos outros”.

Viver um estado psicológico de antecipação permanente, não raro de coisas ruins, pode ser desastroso e dar causa a infelicidade pessoal. São exemplos: quantos dias ainda faltam para a minha morte?; lamentar por algo que ainda não aconteceu; e viver em estado de introspecção excessiva.

Um dos aspectos realçados por Eduardo Punset é que, fisiologicamente, para o cérebro, estresse e prazer são idênticos. Apenas com bases nos sinais vitais de um indivíduo, possivelmente, um atendente da SAMU, por telefone, não saberia diferenciar (ou teria dificuldade para tal) se esse paciente estaria tendo um orgasmo (o prazer fatal, conforme se insinua sobre os não tão raros enfartes durante o ato sexual) ou entrando em luta corporal com um assassino em série. E mais, que o oposto do amor não é o ódio, como muitos supõem, pois, fisiologicamente, para o cérebro, esses sentimentos são similares. O oposto do amor é a indiferença ao sofrimento dos outros, como bem frisou Elie Wiesel, sobrevivente dos campos de concentração nazista e agraciado com o Nobel da Paz de 1986 pela obra dedicada ao resgate da memória do holocausto.

Talvez a felicidade esteja mais próxima de todos nós do que imaginamos. Possivelmente, para o seu alcance, sejam dispensáveis os manuais de autoajuda e as palestras do TED, por melhores que sejam. E, é bem provável, também, que seja inócua a receita do sexo, drogas e rock-and-roll. Eu, depois da leitura de “The Happiness Trip”, por pragmatismo e precaução, procurarei manter o distanciamento seguro dos FDPs, que, para aliviar seus estresses ou dar azo as suas frustrações pessoais, não medem esforços para infernizar a vida dos outros.

Data : 28/07/2010

Título : Abusando do complexo

Categoria: Artigos

Descrição: Há usos e abusos de certas palavras que chamam à atenção. Uma delas, por exemplo, é "complexo".

Abusando do complexo

por Gilberto Cunha

Há usos e abusos de certas palavras que chamam à atenção. Uma delas, por exemplo, é "complexo". E que fique claro, desde já, que se trata de uso da palavra complexo na função de adjetivo, sem qualquer relação com a teoria da complexidade. A comunidade científica costuma, muitas vezes, caracterizar seus assuntos de interesse como "complexos". E faz isso, basicamente, por duas razões. A primeira pressupondo deixar claro pelo emprego do adjetivo "complexo" que o tema em questão, seja lá o que for, não é conhecido na totalidade. Uma segunda sugere que pode levar bastante tempo ainda, sendo necessários muitos recursos, para que o mesmo possa ser compreendido. E, acima de tudo, para "alertar" os usuários de tais informações como tratá-las. Ou seja: nada mais nada menos, do que informações imperfeitas. Resumindo, a noção de complexidade, nesta situação, pode ser usada, por um lado, para expor os limites do conhecimento científico e, por outro lado, para acobertar o tamanho da nossa ignorância.

Deixando de lado os complexos de que trata a psicanálise, literalmente esta palavra pode significar algo que abrange ou encerra muitos elementos ou partes. Grupo ou conjunto de coisas, fatos ou circunstâncias que têm qualquer ligação ou nexos entre si. Também algo observável sob diferentes aspectos. Ou ainda: confuso, complicado, intrincado. Por isso, admitamos, é difícil resistir ao uso do adjetivo "complexo" quando se está escrevendo ou falando sobre coisas cujos domínios da ciência, ou quem sabe da nossa compreensão, estão muito aquém dos desejados.

O que não dá para aceitar e de fato ofende a inteligência é o uso que alguns pretensos especialistas em determinados assuntos dão à palavra "complexo". Quando, de forma quase sempre preconceituosa, pressupõem a incapacidade do interlocutor em compreender o que dirão, pela "complexidade do assunto", e sequer se dignam a tentar explicar ou recorrem ao artifício da generalização tipo "processos ou interações complexas...", ou se valem de analogias simplistas, que, na realidade, não servem para nada. Isto é comum, quando a interlocução se dá entre níveis educacionais muito diferentes ou entre especialidades distintas do conhecimento. Faz parte da "arrogância" que as titulações acadêmicas impõem nos indivíduos, muitas vezes despercebida.

Uma das coisas mais difíceis para um especialista ao tentar explicar um assunto da sua especialidade para um leigo é saber dosar o quanto o não especialista necessita saber. Que detalhes podem ser deixados de lado e quais generalizações na descrição de processos e eventos podem ser omitidos sem que a compreensão do todo, mesmo incompleta, ainda seja correta. Este é um dos grandes desafios da comunicação científica para o público em geral. Quando

os termos técnicos e os jargões das especialidades podem significar absolutamente nada. Onde o pragmatismo dos usuários de tecnologias não admite ou se recusa a aceitar as incertezas dos resultados obtidos via experimentação científica empírica.

É muito mais cômodo e mais seguro para a comunidade científica divulgar o resultado de seus trabalhos em publicações especializadas, fazer comunicações em anais de eventos da sua área de atuação etc., lidos apenas pelos pares, do que tentar extrair e divulgar respostas para os problemas que afligem os usuários de tecnologias. As demandas dos usuários, quase sempre, são pontuais e não admitem as incertezas inerentes aos resultados experimentais. Não interessa e o usuário geralmente não quer saber o nível de confiança do teste estatístico que subsidia a conclusão.

São de Michael Glantz, sociólogo do Centro Nacional de Pesquisas para a Atmosfera, o National Center for Atmospheric Research, sediado em Boulder, no Colorado, as percepções sobre o uso do adjetivo "complexo" pela comunidade científica. Consta no capítulo de introdução do seu livro "Currents of change: El Niños impact on climate and society".

Dou a mão à palmatória. Confesso que, tentando simplificar, já defini El Niño como o resultado de interações "complexas" entre a atmosfera e a superfície das águas do Oceano Pacífico tropical. Aparentemente simples, porém vago e sem utilidade.

O Nacional

Quarta-Feira, 28/07/2010

Data : 12/03/2011

Título : Academia de Letras

Categoria: Artigos

Descrição: As atividades da Academia Passo-Fundense de Letras em 2011 foram, oficialmente, iniciadas com a sessão solene de abertura do "Ano Acadêmico"...

Academia de Letras

por Gilberto Cunha

As atividades da Academia Passo-Fundense de Letras em 2011 foram, oficialmente, iniciadas com a sessão solene de abertura do "Ano Acadêmico", ocorrida nessa quinta-feira (10), na sede do sodalício das letras locais, na

Avenida Brasil 792. Prestigiaram o evento, além dos acadêmicos e convidados, o vereador Luiz Miguel Scheis, presidente da Câmara de Vereadores de Passo Fundo, o secretário de esporte e cultura, Alex Necker, representando o senhor prefeito municipal, e a professora Tania Rösing, incontestavelmente, nossa principal liderança em letras e literatura. Na programação: lançamento de concurso literário, homenagem pelos 100 anos da Escola Estadual Protásio Alves e inauguração da fotografia do acadêmico Paulo Monteiro na galeria dos ex-presidentes da APL.

Rachel de Queiroz

A escritora cearense Rachel de Queiroz (1910-2003), a grande dama brasileira das letras e primeira mulher eleita para a Academia Brasileira de Letras, é tema do IV Concurso Literário, promovido pela Academia Passo-Fundense de Letras, que tem por alvo os estudantes de ensino médio das escolas locais. O objetivo do concurso é descobrir, promover e incentivar novos talentos literários. A condução desse projeto da APL compete às acadêmicas Marilise Lech e Sueli Frosi. Os melhores textos, nos diversos gêneros literários, serão publicados em livro que será lançado na XIV Jornada Nacional de Literatura, que acontece de 22 a 26 de agosto na UPF. Informações com as direções e coordenações pedagógicas das escolas.

O Quinze

O Quinze marca a estreia de Rachel de Queiroz como romancista em 1930. Faz parte dos livros carismáticos que consolidaram o chamado “romance da seca”, em cujo contexto se destacariam nomes como José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Jorge Amado; por exemplo. É obra de uma escritora jovem, Rachel tinha 20 anos na época, com fortes conotações autobiográficas. A personagem Conceição é, para muitos críticos, claramente o alter ego de Rachel. No enredo, sobressai-se uma sociedade rural nordestina formada por três classes bem definidas: os proprietários rurais, como Dona Nácia; os agregados, como Chico Bento; e os empregados, como João Marreca. Trata da seca nordestina de 1915, que, hoje se sabe, esteve associada com o fenômeno El Niño – Oscilação Sul. Os nordestinos acreditam que, se não chove até 19 de março, dia de São José, a seca vai adiante. A crendice popular faz sentido, pois a chamada quadra chuvosa no Nordeste do Brasil vai de fevereiro a maio. Em anos de El Niño, chove mais no sul do País e menos no semi-árido nordestino. O Quinze tem suas raízes no fenômeno El Niño.

Protásio Alves

O ano de 2011 marca a passagem do centenário da atual Escola Estadual de Ensino Médio Protásio Alves. A Academia Passo-Fundense de Letras homenageou o tradicional educandário na sessão solene de abertura do Ano Acadêmico 2011, com a fala da acadêmica Santina Rodrigues Dal Paz, ex-aluna e ex-professora daquela instituição, e entrega de flores à diretora da escola, professora Ineis Piasentini.

Paulo Monteiro

O retrato de Paulo Monteiro, que presidiu a APL no biênio 2008-2009, foi oficialmente colocado na galeria dos ex-presidentes da instituição, criada por iniciativa do ex-presidente Meirelles Duarte. Paulo Monteiro, com a sabedoria do grande intelectual público que é, fez uma gestão exemplar na APL, abrindo as portas da instituição para a comunidade. O escriba, encarregado da fala sobre o homenageado, teve dificuldade para conter a emoção, em função do respeito que tem pela estatura intelectual de Paulo Monteiro. Uma justa homenagem a um dos homens mais cultos dessa cidade.

O Nacional

Sábado, 12/03/2011

Data : 19/12/2014

Título : Academia de Letras - 2014

Categoria: Artigos

Descrição: Na Academia Passo-Fundense de Letras, conforme estabelecido em estatuto, dois momentos, que são merecedores de sessões solenes especiais, delimitam o exercício de cada ano acadêmico.

Sexta-Feira, 19/12/2014 às 07:18, por Gilberto Cunha

Na Academia Passo-Fundense de Letras, conforme estabelecido em estatuto, dois momentos, que são merecedores de sessões solenes especiais, delimitam o exercício de cada ano acadêmico. O primeiro, a abertura, e, o segundo, o encerramento. Nesse entremeio, as coisas acontecem. Um breve relato do Ano Acadêmico 2014 é a intenção dessas notas.

Os trabalhos na Academia Passo-Fundense de Letras, oficialmente, nesse ano, começaram em 25 de março, quando, na sede do sodalício, foi realizada a Sessão Solene de Abertura do Ano Acadêmico 2014. Não ocasião, houve a transferência das dignidades acadêmicas para a atual Diretoria da APLetras (2014-2016) e, momento relevante, a entrega do “Mérito Cultural Sante Uberto Barbieri” ao Prof. Dr. Pe. Elli Benincá, em reconhecimento ao trabalho de uma vida dedicada à Educação.

Na semana de 7 a 11 de abril de 2014, destaca-se a realização da 3ª Semana das Letras da Academia Passo-Fundense de Letras, que trouxe para o centro das atenções, por meio de conferencistas convidados e painéis de debates, os chamados, sem qualquer conotação pejorativa, “escritores locais”, com uma

concorrida sessão de autógrafos coletiva marcando a força dos nossos escritores.

Não faltaram os Momentos Culturais da APLetras, cabendo referenciar, entre tantos, aqueles protagonizados por Getulio Vargas Zauza, sobre “Método de Estudo” (24/05/2014), Tau Golin, sobre “A Guerra Guaranítica” (21/10/2014), e por Eugênio Giovenardi, sobre “A Vida Como um Bem Supremo” (01/11/2014).

Em 9 de junho, numa especial de deferência da Academia Passo-Fundense de Medicina (APM), a APLetras participou do “Panegírico do Padre Alcides Guareschi”, em memorável sessão dedicada a reverenciar a memória e o legado de trabalho e exemplos deixados por esse singular homem público. Não podemos deixar de expressar nosso agradecimento especial ao presidente da APM, Dr. Carlos Antonio Madalosso, que, nesse em outros eventos da APM, possibilitou a participação privilegiada da APLetras em 2014.

A Academia Passo-Fundense de Letras também esteve envolvida com a produção e dois livros nesse ano. Especificamente, “Contos da Academia”, em parceria com a Editora Aldeia Sul, e “Poemas no Túnel”, pelo selo “Edições APLETRAS”; ambos lançados na Feira do Livro de Passo Fundo. Ainda, cabe mencionar que a APLetras participou da Feira do Livro de 2014, com estande institucional próprio, organização de sessões de debates, saraus literários e apresentações artísticas no palco principal do evento; além do lançamento de obras individuais de vários acadêmicos. Vale mencionar ainda, em relação à Feira do Livro, a Oficina de Formação de Escritores, promovida pela APLetras, com a oficina e escritora Leila Teixeira, beneficiando os alunos da Escola Estadual Prestes Guimarães.

E eis que chegou dezembro, contabilizando-se 36 reuniões de trabalho, todas com registro no Livro de Atas, inúmeras palestras de acadêmicos nas escolas e visitas de escolas na Academia, no contexto do projeto “Academia nas Escolas/Escolas na Academia” (em parceria com a SME e SEDEC), centenas de colunas assinadas por acadêmicos em jornais/revistas, no exercício do papel de intelectuais públicos, e as edições semanais dos programas culturais “Literatura Local” e “Café Filosófico”. Por fim, em 4 de dezembro, a “Sessão Solene de Encerramento do Ano Acadêmico 2014”, quando a APLetras, com a concessão do Diploma de Menção Honrosa Francisco Antonino Xavier e Oliveira, pode manifestar, publicamente, o seu agradecimento em reconhecimento ao trabalho em prol da cultura local que realizaram Estevão Santos, Everaldo Lemos Siqueira, Helena Rotta de Camargo, Jair Ineri Lazzarotto, José Valdir Lirio Mendes, Laura Santana Lunardi, Liciane Toazza Duda Bonatto, Márcio Luiz Tassi, Pedro Almeida e Rogel Mello. Ainda, nesse dia foi entregue a nova Galeria dos Ex-Presidentes da APLetras, uma iniciativa do então presidente Antonio Augusto Meirelles Duarte, que havia sido inaugurada em 12 de abril de 2007.

Data : 14/04/2012

Título : Academia de Letras - 74 anos

Categoria: Artigos

Descrição: Nessa terça-feira (17), às 19h, na sede da Academia Passo-Fundense de Letras (Av. Brasil Oeste, 792 – Centro)...

Academia de Letras - 74 anos

Sábado, 14/04/2012

por Gilberto Cunha

Academia de Letras - 74 anos

Nessa terça-feira (17), às 19h, na sede da Academia Passo-Fundense de Letras (Av. Brasil Oeste, 792 – Centro), será realizada a sessão solene dos 74 anos da instituição, cuja fundação ocorreu em 7 de abril de 1938, estando o sodalício local entre os mais antigos congêneres ainda em operação no País.

Serão comemorados o Dia Municipal do Escritor (Lei 3764/01, cuja iniciativa foi do então vereador Edison Nunes), o Dia Internacional do Livro e dos Direitos Autorais (23 de abril, em alusão ao dia da morte de Miguel de Cervantes e William Shakespeare em 1616) e o 60º Aniversário do CTG Lalau Miranda (24/03/1952). Também, na ocasião, será agraciado com o “Mérito Cultural Sante Uberto Barbieri”, a principal distinção de reconhecimento de mérito da APL, o Sr. Ernesto Pedro Zanette, pela iniciativa do “Projeto Passo Fundo – Apoio à Cultura”, que tem auxiliado os escritores locais na publicação de suas obras e divulgado de forma intensiva a produção cultural de Passo Fundo. Ainda: o lançamento da Revista Água da Fonte, trazendo uma histórica entrevista com o Padre Alcides Guareschi, e o reingresso do acadêmico Luis Marcelo Algarve, que retornou à cidade, no quadro de membros da agremiação.

Água da Fonte - Alcides Guareschi

Desde que o primeiro volume da revista Água da Fonte saiu do prelo, em dezembro de 2003, sempre uma personalidade local com destaque no mundo da cultura esteve presente através de entrevista. Começou com a professora Tania Rösing, a alma das Jornadas Nacionais e Jornadinhas de Literatura.

Nesta edição, abril de 2012, é a vez do Pe. Elydo Alcides Guareschi. E, mais uma vez, não é uma entrevista qualquer. Constitui-se no último elemento vivo de uma tróica responsável pela consolidação da Universidade de Passo Fundo e do ensino superior em toda a região. Os outros dois, Murilo Coutinho Annes e Bruno Edmundo Markus, foram os entrevistados das edições de abril de 2004 e maio

de 2005. Bruno Markus não viu sua entrevista em letra de forma, pois faleceu poucos meses antes que a revista circulasse.

A entrevista de Alcides Guareschi é mais um documento de valor, destinado, pelas revelações de quem foi protagonista de escol da história da UPF, a crescer de importância com o tempo.

Inclusive, frise-se, o Pe. Alcides Guareschi confirmou presença no lançamento da revista, que acontece na sessão dos 74 anos da APL. Reitera-se o convite aos amigos e admiradores do ex-magnífico reitor da UPF.

Sante Uberto Barbieri

Sante Uberto Barbieri, que dá nome à principal comenda que é concedida pela Academia Passo-Fundense de Letras aos destaques por mérito cultural na cidade, foi, assim se pode dizer, o idealizador da Academia Passo-Fundense de Letras. Esse italiano, nascido em 1902, na província de Vicenza, que, em 1921, com 19 anos, chegou a Passo Fundo, fazendo pregações anarquistas, converteu-se, em 1923, ao Metodismo. Virou pastor e estudou nos EUA. Em 1939 deixou Passo Fundo. Foi para o Uruguai e depois para a Argentina, chegando ao posto de bispo metodista. Faleceu em 13 de fevereiro de 1991, em Buenos Aires, onde está enterrado.

Concertos na Capela –2012

O Coro Resonare retoma, nesse domingo (15), a série Concertos na Capela – Ano II. O encontro ocorre às 20h, na Capela do Colégio Marista Conceição (entrada pela Rua Paissandu). O Coro da URI (de Erechim/RS) é o convidado especial da noite. O evento é beneficente e o ingresso é 1(um) pacote de fraldas descartáveis para adultos. A entidade beneficiada é o Abrigo Nossa Senhora da Luz. Para quem aprecia o canto coral, deixamos a sugestão para a noite de domingo.

Café Literário

O “2º Café Filosófico: Direito e Sociedade” e o “1º Encontro do Núcleo de Estudos e Pesquisas Luiz Alberto Warat” vão ocorrer na próxima sexta-feira (20), às 19h, no PUB 540 (Rua Independência, 540). Lançamento de obras, música, papo cabeça, política, cultura e sociedade formam a programação desses encontros. Convidados: Leonel Severo Rocha, Germano Schwartz, João Martins Bertaso e Solange Longhi. A promoção é Academia Passo-Fundense de Letras, do Curso de Direito/IMED (Passo Fundo), do Mestrado em Direito /URI (Santo Ângelo) e da Associação Brasileira de Pesquisadores em Sociologia do Direito. Ingressos disponíveis no posto Esso Moron, valor de R\$ 20,00 (inclui café + leite + salgadinhos...).

Do Jornal
O Nacional

Data : 19/05/2012

Título : Academia e criatividade

Categoria: Artigos

Descrição: O mundo acadêmico, em que se inserem as universidades e os institutos de ciência e tecnologia...

Academia e criatividade

Sábado, 19/05/2012

por Gilberto Cunha

Academia e criatividade

O mundo acadêmico, em que se inserem as universidades e os institutos de ciência e tecnologia, apesar do discurso da inovação praticado pelos seus membros, não necessariamente, configura um ambiente que estimula a criatividade. Pelo contrário, segundo opinião relativamente recente (9 de maio de 2012), emitida por Fred Southwick, que é professor de Medicina na Universidade da Flórida/ USA, o mais comum, nos laboratórios das universidades, é a luta pela preservação corporativa do status quo vigente, em que o relevante é fazer mais do mesmo, sem qualquer estímulo à criatividade, que, tanto na arte quanto na ciência, é o motor que impulsiona a inovação.

A missão primária das Universidades, que é criar conhecimentos e estimular o pensamento crítico na formação dos estudantes, em alguns casos, tem sido deixada de lado. Os gestores e professores/pesquisadores têm gasto mais tempo em busca de recursos para financiamento de projetos, que, propriamente, criando um ambiente institucional favorável à inovação ou fazendo ciência de qualidade. Essa é a opinião de Fred Southwick, que não obrigatoriamente se aplica para todas as instituições, mas se presta, pelo menos, à reflexão.

Revistas científicas

A leitura dos artigos que são publicados em um periódico científico (os famosos Journals) pode deixar, para alguém não afeito às lides da ciência, a sensação de que, no mundo da experimentação e da pesquisa, as coisas sempre funcionam a contento. O mundo real pode ser um pouquinho diferente, pois na verdade os resultados publicados são aqueles que, pelo menos em tese, após o processo de revisão pelos pares, deram certo. Mas há outros, muitos outros, que, pelas mais variadas razões, os experimentos programados não aportam nada de novo ou sequer chegam a bom termo. Então, diante da pressão por publicações em revistas com fator de impacto elevado e o cumprimento de prazos na titulação de estudantes nos programas de mestrado e doutorado das universidades, que fazer com esses resultados? Ironizando essa situação, Adam Ruben, Ph.D., autor do livro “Your Stupid, Stupid Decision to Go to Grad School”, criou uma série de títulos fictícios para revistas científicas, que, se existissem, poderiam dar vazão à publicação de muitos artigos represados. Eis alguns exemplos: “Journal of Ambiguous Results”, “Journal of Data Manipulation”, “Journal of Questionable Conclusions”, “Journal of Work I Didn’t Even Do”, “Advances in Alchemy”, “Data not Shown: The Journal of Well, Trust Us” e “New England Journal of Pahking the Cah in Havhvahd

Yahd”, entre outros.

Agroconhecimento

A integração entre ciência, tecnologia e inovação com práticas de gestão, que tem sido lugar-comum nas falas do engenheiro-agrônomo Dirceu Neri Gassen, gerente técnico da Cooplantio, tem dado provas inequívocas de que a rentabilidade em agricultura é proporcional ao conhecimento aplicado por hectare. Aliás, é importante lembrar que Dirceu Gassen é detentor do direito autoral sobre a expressão “agroconhecimento”.

Plantas Daninhas

A participação de mais de 500 pessoas no “Workshop Latino-Americano Sobre Resistência de Plantas Daninhas a Herbicidas”, promovido pela Embrapa Trigo e a Revista Plantio Direto, no último dia 10, demonstra a importância e atualidade desse tema. Cresce a preocupação com os casos já identificados e o risco do surgimento de resistência a múltiplos herbicidas, realçando a necessidade de novas estratégias de manejo de plantas daninhas em lavouras.

Reunião Trigo

A “6ª Reunião da Comissão Brasileira de Pesquisa de Trigo e Triticale”, que vai acontecer em Londrina/PR, de 30 de julho a 2 de agosto, colocou no ar essa semana site oficial do evento (www.rtrigo2012.com.br). Informações sobre inscrição, hotéis, formato dos trabalhos a serem apresentados, datas limites de

envio dos resumos (1º de junho), etc. podem ser encontradas no sítio internet indicado.

Prognóstico Climático

O INMET-8º DISME e o CPPMet/UFPel lançaram ontem (18), em Porto Alegre, o boletim com o prognóstico climático do RS para o trimestre junho - julho - agosto (Ano 10, n. 5, 2012). Em resumo, há indicativos de início de inverno com temperaturas pouco abaixo da média e chuvas dentro do padrão climatológico em todas as regiões do Estado.

Do Jornal

O Nacional

Data : 07/05/2019

Título : Acervo Ney d Avila

Categoria: Artigos

Ney Eduardo Possapp d'Avila, o nosso historiador de escol, depois de longo período de convalescença, que envolveu passagem por hospital e temporada em casa de repouso da cidade, deixou Passo Fundo, para, junto da filha e do neto, que vivem em São Paulo, buscar a recuperação da doença que o acometeu nos últimos meses. Nesse interim, encarregou o acadêmico Júlio Perez para dar o melhor destino ao acervo de livros e documentos que acumulou ao longo da vida. Eis aqui o começo de um périplo que, quem nunca vivenciou, pode imaginar que seja algo fácil. Ledo engano!

Acompanhei de perto, mais como confidente do que colaborador, a luta do Júlio Perez para encontrar uma instituição ou pessoas dispostas a albergar o acervo do historiador Ney d'Avila. Alegações diversas, ainda que todas respeitáveis, frise-se, variavam desde limitações de espaço, falta de pessoal para trabalhar nos documentos ou de tempo para ver o material que estava sendo disponibilizado, etc. e acabavam postergando o desfecho que, com a saída do historiador da cidade, se anunciava trágico.

No domingo passado (28/04/2019), acompanhei Júlio Perez, em visita in loco ao acervo Ney d'Avila. Fomos até a chácara, incrustada no coração do Bairro São

Luiz Gonzaga, onde o historiador, numa casa antiga, em meio a uma mata de eucaliptos, viveu, praticamente, as últimas quatro décadas. Havia uma grande transformação no local. As árvores foram derrubadas. A madeira, em boa parte, tinha sido retirada. A casa dava ares de abandono e que fora vandalizada. No seu interior, móveis antigos empilhados e muitos livros e documentos diversos, alguns em péssimo estado de conservação, com sinais claros de ataque de mofo e traças. Mas, eis que, quando estávamos deixando o local, uma camionete com reboque estacionava em frente à casa. Após cumprimentos protocolares, conversamos com o senhor da camionete e ele nos disse que trabalhava para a família do historiador e que com a autorização de um irmão do Ney estava ali para desocupar a casa e levar móveis, livros, etc. Nesse momento, Júlio Perez pediu para falar com o aludido irmão do historiador e, por telefone, disse que estava tratando de dar ao acervo o destino que Ney havia lhe incumbido. Esclarecida a questão, foi acordado que o senhor levaria os móveis e deixaria os livros e os documentos. E assim, por questão de minutos, admitamos, o pior não aconteceu com o acervo do historiador Ney d'Ávila.

Essa semana, Júlio Perez voltou ao local. Os livros e os documentos, conforme acordado, ainda estavam lá. Uma parte do material foi levada pelo historiador Fernando Miranda para ser mais bem avaliada no Instituto Histórico de Passo Fundo. O professor José Ernani de Almeida levou outra parcela. O material do professor João Grando, que estava com o historiador, foi devolvido ao proprietário. E, para outra parte substancial, Júlio Perez ainda busca melhor destino.

Ney d'Ávila faz parte do grupo de elite dos historiadores locais. Inclui no rol daqueles que produziram obras seminais para o entendimento da nossa história. Gente como Francisco Antonino Xavier e Oliveira e os seus *Annaes do Município de Passo Fundo*; Delma Rosendo Gehm e o seu *Passo Fundo Através dos Tempos*; Jorge Edethe Cafruni com *Passo Fundo das Missões*; Pedro Ari Veríssimo da Fonseca e o seu *Gaúcho Serrano – Usos e Costumes*; Paulo Monteiro com *Combates da Revolução Federalista em Passo Fundo e Passo Fundo: História e Cultura*; e Fernando Miranda com *Passo Fundo – Presentes da Memória e A Morte Não é o Fim – Culturas e Identidades no Cemitério Vera Cruz*. De Ney d'Ávila, entre outras obras, podemos destacar *O Historiador Passo-fundense Antonino Xavier* (dissertação e mestrado pela UFSC, 1993), *Passo Fundo – Terra de Passagem* (1996) e *Cabo Neves: fundador da cidade de Passo Fundo* (2015).

Vamos torcer para que Ney d'Ávila, uma vez com a saúde restabelecida, possa voltar a Passo Fundo e lançar o livro que deixou pronto: *Antônio José da Silva Loureiro - Barão de Passo Fundo*. Uma obra que acrescenta novos fatos à versão oficial da história do município.

Data : 19/05/2017

Título : Advocacia-Geral da Ciência

Categoria: Artigos

A Associação Americana para o Avanço da Ciência (AAAS), que é responsável pela publicação da prestimosa revista Science, criou, recentemente, um website (www.forceforscience.org) com o intuito de demonstrar, para os agentes políticos e para o público em geral, a força e o papel ciência na sociedade contemporânea. Uma espécie de Advocacia-Geral da Ciência, com suas prerrogativas inerentes, para a defesa incondicional das boas práticas científicas. A propósito de iniciar as discussões, alguns questionamentos postos pelos editores da Science - Por que a ciência é importante para você? Como ela afeta a sua vida, a sua carreira e o seu dia a dia na comunidade? Por que você entende que o governo tem de investir recursos públicos em pesquisa científica? Qual a mensagem sobre ciência que você gostaria de enviar para os formuladores de políticas públicas - suscitaram respostas de entusiastas das mais variadas matizes científicas, algumas até desmesuradamente apaixonadas, cujos excertos podem ser lidos na edição da Science de 12 de maio de 2017 (v.356, n.6338, p.590-592).

O resultado do trabalho científico e tecnológico, com um mínimo de atenção, pode ser visto por todos os lados no nosso dia a dia. Exemplos não faltam, no celular e seus aplicativos que usamos à exaustão; nos meios de transporte que nos levam a lugares e em tempos outrora inimagináveis (inclusive à Lua); nos alimentos, processados industrialmente ou in natura, que comemos; nos medicamentos que tratam dos nossos males etc. Mas, não obstante essa percepção de utilidade da ciência, não raro, institutos científico são fechados, os fundos de financiamento de pesquisa são reduzidos, bolsas de incentivo à formação de novos cientistas são cortadas, programas pesquisa descontinuados etc. e a comunidade científica, especialmente na esfera pública, cada vez mais, é forçada a justificar a importância do seu trabalho à sociedade.

Entre as respostas dadas aos questionamentos postos pelos editores da Science, cabe destacar algumas posições que, apesar de óbvias, nos pareceram interessantes. No que toca à sustentabilidade e conservação ambiental, por exemplo, ninguém pode ignorar que o apregoado colapso dos ecossistemas, associado à mudança do clima e à perda de biodiversidade, pode ser tão devastador quanto uma guerra nuclear. E, nesse aspecto, apesar do sectarismo dos discursos contrários, a atuação da comunidade científica tem sido fundamental para assegurar a exploração sustentável dos recursos do ambiente e o bem-estar das pessoas no longo prazo.

Na saúde, o papel da ciência tem sido reconhecido como cada vez mais relevante. Morria-se, antes dos antibióticos, por causas que hoje soam inacreditáveis. A evolução nas drogas, nos equipamentos hospitalares, na tecnologia de exames, em procedimentos médicos, etc. são decorrentes de pesados investimentos, privados e públicos, em pesquisa básica. Somente o desenvolvimento científico e tecnológico é que pode fazer com que se tornem raras, dependendo das circunstâncias, frases tão tristes de ouvir/dizer como essas: “lamento, nada pode ser feito!” ou suas variantes do tipo “sinto muito, não há mais o que fazer!”. Sim, mesmo que não se disponha de soluções para todos os males, são muitas as soluções hoje disponíveis que, outrora, não existiam; mas, independente disso, nos institutos de ciência e tecnologia aplicadas à saúde, novas soluções continuam sendo buscadas.

Os benefícios econômicos e sociais auferidos por desdobramentos derivados de pesquisas básicas são imensuráveis. Quem imaginaria a priori (para justificar a importância da pesquisa) que de um projeto de astronomia, estudando galáxias distantes, poderia resultar aplicações úteis na calibração de sistemas GPS ou em técnicas cirúrgicas a laser? O impacto de uma pesquisa não precisa ser imediato para que ela possa ser considerada relevante. Tudo que nos revelar como funciona o mundo pode ser importante filosoficamente ou, um dia, tecnologicamente.

Data : 23/09/2011

Título : Ady Raul da Silva

Categoria: Artigos

Descrição: Ady Raul da Silva, um entusiasta do trigo e protagonista de escol da construção da história de sucesso da agricultura tropical brasileira, morreu no domingo passado (18), aos 94 anos de idade, em Brasília/DF.

Ady Raul da Silva

por Gilberto Cunha

Ady Raul da Silva, um entusiasta do trigo e protagonista de escol da construção da história de sucesso da agricultura tropical brasileira, morreu no domingo passado (18), aos 94 anos de idade, em Brasília/DF. Natural do Rio de Janeiro, formou-se em Agronomia pela Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa (atual Universidade Federal de Viçosa, UFV), em 1937. Mestre (M.Sc.), em 1946, e Dr. (Ph.D.), em 1954, pela Universidade de Minnesota/USA. Foi

professor universitário (UFPR, UFRRJ e UFPel), pesquisador do Ministério da Agricultura, depois da Embrapa e do CNPq. A longo de uma profícua carreira nas ciências agrárias, com passagens pelo Rio de Janeiro, Curitiba, Pelotas e Brasília, o Dr. Ady Raul da Silva, em todos os locais por onde passou, deixou contribuições relevantes. Em razão disso, foi agraciado com as principais distinções científicas do País, com destaque para o Prêmio Frederico Menezes Veiga, em 1973, e a condecoração da Grã-Cruz da Ordem Nacional do Mérito Científico, em 1996. E, como coroamento de uma carreira científica bem-sucedida, foi admitido na Academia Brasileira de Ciências, em 1987.

Há muito que se destacar no legado deixado pelo Dr. Ady Raul da Silva. Fitopalogista, no início da carreira, envolveu-se com melhoramento genético de trigo, tendo criado, entre tantas cultivares de sucesso, a IAS 20. Eu, por razões óbvias, vou citar, especialmente, o seu pioneirismo e luta pela consolidação do trigo no cerrado. Suas iniciativas com projetos pilotos de trigo irrigado na região tropical, a identificação da necessidade de correção do alumínio nos solos pobres do cerrado, a descoberta da esterilidade masculina causada pelo calor em trigo e o papel do boro na solução do problema, além do mapeamento de áreas aptas para trigo em Mato Grosso do Sul; são coisas mais que suficientes para que se preste merecida reverência a sua memória. Não obstante, dono de uma inteligência que destoava em meio a pares medianos, também angariou antipatias e, em função de ser um homem conservador e dotado de forte espírito nacionalista, foi criticado por uns e elogiado por outros, pelo combate à participação do Brasil no Mercosul e pelas críticas que teceu ao movimento ambientalista. Um raro cientista com opinião. Nossos respeitos à memória do Dr. Ady Raul da Silva.

Café Cultural

Acontece nesse sábado (24), às 10h, no Riviera Café (Independência, em frente a Praça Marechal Floriano), um encontro de escritores passo-fundenses, em particular aqueles envolvidos com o Projeto Passo Fundo. O Ernesto Zanette, comandante dessa inovadora proposta cultural, convida escritores, artistas dos mais variados gêneros e simpatizantes da cultura local para um cafezinho. Na ocasião, a UPF TV vai produzir uma matéria sobre o projeto. A presença e a participação são importantes para ajudar a difundir a ideia desse projeto, que tem auxiliado escritores locais na publicação de suas obras. Não há formalidades e nem necessidade de convite. Apareçam, insiste o Zanette!

Aquecimento global?

O Sindicato Rural de Passo Fundo convidou o Prof. Luiz Carlos Baldicero Molion para proferir palestra sobre “Agropecuária e Mudanças Climáticas”. O evento, aberto ao público, ocorre nessa segunda-feira (26), às 19h30, na sede da entidade (Av. Brasil Oeste, 1185).

Conheço o Prof. Molion desde o final dos anos 1970 e posso afirmar que é uma autoridade em física da atmosfera e comunicador de dotes raros. Luiz Carlos Molion faz parte do grupo dos “céticos do aquecimento global”, que não acredita na atividade humana qualquer papel relevante na mudança do clima do planeta. Estarei lá para dar um abraço no velho professor, com quem muito aprendi sobre meteorologia, embora nesse assunto jogamos em times diferentes: eu acredito no aquecimento global!

O Nacional

Sexta-Feira, 23/09/2011

Data : 05/08/2011

Título : AgMIP – Workshop América do Sul

Categoria: Artigos

Descrição: A Embrapa Informática Agropecuária sediou nessa semana (1º a 5) a primeira reunião de trabalho do projeto AgMIP...

AgMIP – Workshop América do Sul
por Gilberto Cunha

AgMIP – Workshop América do Sul

A Embrapa Informática Agropecuária sediou nessa semana (1º a 5) a primeira reunião de trabalho do projeto AgMIP – The Agricultural Model Intercomparison and Improvement Project, que teve por alvo a América do Sul. Trata-se de uma iniciativa global que tem entre seus objetivos a criação de uma comunidade de cientistas, vinculados a diferentes disciplinas, capacitada para o uso de ferramentas de modelagem e simulação em aplicações que envolvem questões climáticas relacionadas com a agricultura mundial, no presente e no futuro. Especialistas em agronomia, climatologia, TI e economia, vindos dos EUA, da França, da Austrália, da Argentina, do Paraguai e da Colômbia, além de brasileiros, atenderam a essa reunião de trabalho. O projeto AgMiP vai usar vários modelos (DSSAT, APSIM, STICS, etc.) e cenários (clima, econômico, manejo de cultivos, etc.), calibrados e validados localmente, conforme protocolo definido, e com representatividade das principais regiões de produção agrícola da América do Sul. De Passo Fundo, participaram do evento José Maurício Cunha Fernandes, Gilberto Cunha e Aldemir Pasinato, da Embrapa Trigo, Willingthon Pavan, da UPF, e Alexandre Lazzaretti, do IFSUL-Instituto Federal Sul-Riograndense.

Ciência e literatura

A influência do conhecimento científico na ficção literária de muitos autores, mesmo sendo algo que se encontra com muita frequência, nem sempre é facilmente percebida pela maioria dos leitores. Machado de Assis, por exemplo,

usou e abusou desse expediente em obras como “Papéis avulsos”, coletânea de contos que foram elaborados a partir dos principais debates científicos e filosóficos do século 19. Nessa seara, seguramente, Jorge Luis Borges é o ícone maior. Na obra borgeana, com relativa facilidade, podemos encontrar, travestidas de ficção, as principais teorias científicas que dominaram a física e a matemática no século 19 e no começo do século 20. Dois livros, recentemente publicados, tratam disso. O primeiro deles é “Fábrica de contos: ciência e literatura em Machado de Assis”, derivado da pesquisa de mestrado e doutorado pela Unicamp da historiadora Daniela Magalhães da Silveira. E o segundo é “Borges e a mecânica quântica” de Alberto Rojo, físico argentino radicado nos EUA.

Ciência no Brasil

O Relatório UNESCO Ciência 2010 apontou o crescimento substancial do número de artigos brasileiros em publicações científicas internacionais. Entre 1997 e 2007, esse número mais que duplicou, chegando à cifra de 19 mil artigos por ano. Todavia, o reflexo desse crescimento em inovação tecnológica de valor, mensurado pelo número de pedidos de patenteamento de invenções ou outro instrumento qualquer de propriedade intelectual, ainda é tímido. Há quem interprete isso como consequência da opção de muitos pesquisadores brasileiros, particularmente vinculados aos programas de pós-graduação das universidades, por uma prática científica da quantidade em detrimento da qualidade.

Trigo – Nova empresa

Na 5ª Reunião da Comissão Brasileira de Pesquisa de Trigo e Triticale, realizada em Dourados/MS (25 a 28 de julho/2011), foi anunciada a entrada de um novo grupo empresarial no negócio melhoramento genético de trigo no Brasil. O programa de melhoramento genético dessa empresa está sendo comandado por Vanderlei Doneda Tonon e Luiz Hermes Svoboda, que, por muitos anos, atuaram na CCGL TEC/Fundacep, com sede em Cruz Alta/RS, onde foram responsáveis pela criação de cultivares de trigo amplamente cultivadas no Estado.

Trigo - Syngenta

Norm Dreger, líder de pesquisa em cereais na América do Norte da Syngenta, anunciou, no final de julho, a decisão da empresa em investir na cultura do trigo em escala global. O domínio da Syngenta em biologia avançada, na visão dele, vai, pela via da inovação tecnológica, transformar a produção mundial de trigo, criando novos padrões para rendimento, qualidade e sustentabilidade.

Nesse final de semana (6 e 7), no Teatro do SESC Passo Fundo, às 16 h, tem vez o espetáculo “O Menino do dedo Verde”, apresentado pelo Grupo Ritornelo de Teatro.

O Nacional

Sexta-Feira, 05/08/2011

Data : 12/07/2010

Título : Agricultura de baixa emissão de carbono

Categoria: Artigos

Descrição: Quando por ocasião da COP 15, que aconteceu em Copenhague, em dezembro de 2009, o Brasil...

Agricultura de baixa emissão de carbono - 10-11/007/2010

Segunda-Feira, 12/07/2010 por Gilberto Cunha

Quando por ocasião da COP 15, que aconteceu em Copenhague, em dezembro de 2009, o Brasil, por meio da sua representação oficial na convenção mundial sobre mudança do clima do planeta, voluntariamente, apresentou seus compromissos em termos de proposta de redução dos gases de efeitos estufa, pode até ter aparentado aos olhos do mundo, e houve quem pensasse assim, que era mais um jogo de cena que qualquer outra coisa. No entanto, o governo brasileiro demonstrou que não estava blefando, pois, ainda antes do término daquele mês, por meio da Lei nº 12.187, de 29 de dezembro de 2009, instituiu a Política Nacional sobre Mudanças Climáticas, em cujo contexto, o país adotou, como compromisso voluntário, a implementação de ações para a mitigação dos gases de efeito estufa, visando à redução das emissões projetadas até o ano 2020 entre 36,1% e 38,9%.

A agricultura, no caso do Brasil, é responsável por parte significativa das nossas emissões de gases de efeito estufa (gás carbônico, metano e óxido nitroso, por exemplo). Isso se dá pelo uso de fertilizantes, via práticas de manejo do solo, na implantação de pastagens em áreas de florestas, nas queimadas (que infelizmente ainda existem), no cultivo de arroz em áreas alagadas e, na atividade pecuária, via a emissão de metano no processo digestivo dos ruminantes. Todavia, não se pode ignorar, existem alternativas tecnológicas, antigas e novas, que se prestam a atenuar o problema das emissões de gases de efeito estufa pela agricultura. O Plano Agrícola 2010-2011 contemplou o Programa ABC (Programa de Agricultura de Baixa Emissão de Carbono), que, via linhas especiais de financiamento, deverá ser um novo indutor de tecnologia na agricultura brasileira.

Compromissos do Brasil

Envolvem a promoção de esforços para desmatamento zero de florestas, limitando os avanços da pecuária no bioma Amazônia, a recuperação de pastagens degradadas, a promoção de sistemas de integração lavoura-pecuária-floresta, a qualificação do sistema plantio direto na palha e a busca de substituição de fertilizantes pela fixação biológica de nitrogênio na produção de leguminosas. Além do incentivo aos estudos de adaptação de plantas aos novos cenários de mudança do clima global, especialmente envolvendo espécies alimentícias.

Espera-se que, no período 2010-2020, sejam recuperados 15 milhões de hectares de pastos degradados, aumentado em 4 milhões de hectares os sistemas que envolvem integração lavoura-pecuária-floresta e ampliadas em 8 milhões de hectares a área cultivada sob sistema plantio direto na palha e em 5,5 milhões de hectares o uso da fixação biológica de nitrogênio em leguminosas. Além de redução em 80% os desmatamentos na Amazônia e em 40% no Cerrado, expandindo a área de reflorestamento (para produção de fibras, madeira e celulose) dos atuais 6 milhões de hectares para 9 milhões de hectares com florestas cultivadas.

A adoção de todas essas práticas representaria uma redução de emissões na faixa de 804 a 835 milhões de toneladas de CO2 equivalente.

Plano Agrícola 2010-2011

No plano agrícola desta safra estão definidas linhas especiais para tecnologias relacionadas com recuperação e pastagens degradadas, integração lavoura-pecuária-floresta, sistema plantio direto na palha, florestas plantadas e fixação biológica de nitrogênio.

Programa ABC em Passo Fundo

Na próxima sexta-feira (16), às 10h, no auditório da Embrapa Trigo, o chefe da assessoria de Gestão Estratégica do Mapa, Derli Dossa, estará apresentando o Programa de Agricultura de Baixa Emissão e Carbono. Uma oportunidade para aqueles que estão envolvidos com a atividade agrícola - produtores, assistentes técnicos, agentes financeiros, pessoal ligado à indústria de máquinas e insumos agrícolas, etc. - conhecerem esse novo instrumento de política agrícola do governo federal, que integra o Plano Agrícola 2010-2011. O evento é aberto a todos os interessados.

Data : 10/05/2010

Título : Agricultura e ecologia

Categoria: Artigos

Descrição: Pode parecer pouco ou, até mesmo, nada ortodoxo, mas, agricultura, em termos ecológicos, não é mais que mera relação entre uma espécie exploradora, nós, os humanos...

Agricultura e ecologia

Segunda-Feira, 10/05/2010 por Gilberto Cunha

· Agricultura e ecologia

Pode parecer pouco ou, até mesmo, nada ortodoxo, mas, agricultura, em termos ecológicos, não é mais que mera relação entre uma espécie exploradora, nós, os humanos, e uma ou várias espécies exploradas, vivendo em um ecossistema cultivado artificialmente. Esta compreensão é extremamente útil em se tratando de sistemas integrados, como é o caso do tema do livro recentemente lançado pelo selo editorial da Embrapa Trigo, que envolve lavoura, pecuária e floresta (iLPF) para o Sul do Brasil. O desempenho agrônômico deste tipo de sistema depende da compreensão e uso operacional dos conceitos fator limitante e valência ecológica.

· Lavoura-Pecuária-Floresta

O livro Forrageiras para Integração Lavoura-Pecuária-Floresta na Região Sul-Brasileira reforça o compromisso da Embrapa com a inovação tecnológica em agricultura. Uma obra que trata, com profundidade e atualização, do uso e manejo de espécies forrageiras em sistemas agrossilvipastoris ou de iLPF no Sul do Brasil. Da qualidade da forragem, assunto do capítulo inicial, até o estabelecimento de plantas forrageiras em sistemas de iLPF no sul do Brasil, que fecha o livro, com o mesmo padrão, foram contemplados temas da maior relevância, no que tange a plantas forrageiras (gramíneas e leguminosas, anuais e perenes, de inverno e de verão) e cereais de duplo propósito (forragem e grãos), como trigo, triticale, cevada, centeio e aveias.

A qualificação profissional dos autores, que assinam os capítulos deste livro, nos parece oportuno destacar. Além de pesquisadores de unidades da Embrapa (Embrapa Trigo, Embrapa Pecuária Sul e Embrapa Floresta) e do IAPAR, a equipe multidisciplinar é reforçada por professores de consagradas universidades brasileiras, caso da UFRGS, UFPR, UTFPR, UERGS e UPF, além de contar com a colaboração de estudantes de graduação e pós-graduação.

· Aquecimento 2°C

Mais de 100 países no mundo já adotaram a política de limitar o aquecimento global até 2° C (relativo aos níveis da era pré-industrial), por volta do ano 2050. O objetivo é, por meio de um esforço de mitigação dos gases de efeito estufa, reduzir os riscos de possíveis impactos causados pelo aquecimento global. Na comunidade científica, ainda há muita incerteza, em relação a esta meta, decorrente de conhecimento incompleto do ciclo do carbono na natureza e das respostas do sistema climático. Em outras palavras: a emissão de gases de efeito

estufa que determina este aquecimento máximo preestabelecido não é conhecida.

Em estudo recente, publicado na revista Nature, volume 458, páginas 1158-1162, edição de 30 de abril de 2010, Malte Meinshausen e colaboradores mostraram que tanto as emissões de CO₂ acumuladas até o ano 2050 quanto os níveis de emissão projetados para aquele ano, em estudos de cenários, são indicadores robusto da probabilidade de que o marco de aquecimento de 2°C não seja excedido. Limitando-se as emissões acumuladas de CO₂ em 1.000 Gt, a probabilidade de se exceder o limite de aquecimento de 2°C é de 25%. Este valor sobe para 50%, caso as emissões cheguem a 1.440 Gt de CO₂.

· Dia do Trabalhador e Dia das Mães

A passagem do Dia do Trabalhador e do Dia das Mães foi objeto de evento o realizado na sede da Embrapa Trigo, no dia 7 de maio de 2010. O encontro, promovido pela Associação dos Empregados da Embrapa de Passo Fundo, pelo SINPAF Seção Sindical de Passo Fundo, pela Embrapa Negócios Tecnológicos Escritório de Passo Fundo e pela Embrapa Trigo reuniu os empregados para uma palestra com o Professor Mauro Gaglietti sobre "Impactos do trabalho na família", confraternização e homenagens aos empregados com 35 ou mais anos de trabalho na Embrapa em Passo Fundo e às mães trabalhadoras. Receberam placas alusivas aos 35 anos de dedicação à Embrapa: Euclides Minella, Henrique Pereira dos Santos, Jorge Cerbaro, Olmiro Siquiera Kellermann, Raul Alves e Sirio Wiethölter. As mães presentes ganharam flores e foram cumprimentadas pela passagem do seu dia.

Data : 18/05/2018

Título : Agricultura em transformação

Categoria: Artigos

A agricultura brasileira, retratada pela experiência que transformou uma nação que, até os anos 1970, padecia de insegurança alimentar em um dos principais países produtores/exportadores de alimentos no mundo, foi destaque, essa semana (15), em evento especial organizado pelo International Food Policy Research Institute (IFPRI) e pela Embrapa, em Washington D.C./USA. O presidente da Embrapa, Maurício Lopes, foi o palestrante principal do encontro e tratou, especificamente, do tema "Transformando a agricultura: experiências e insights do Brasil e além". As palestras do evento, vídeos e slides, estão disponíveis no sítio Internet do IFPRI: <https://www.ifpri.org/event/transforming-agriculture-experiences-and-insights-brazil-and-beyond>.

Efetivamente, a agricultura brasileira moderna começou a ser construída a partir do reconhecimento que um país, cujo território está, majoritariamente, inserido na faixa tropical do planeta, com solos ácidos e quimicamente pobres, exigia tecnologia específica e, não raro, diferente daquelas tradicionalmente usadas em regiões de clima temperado no mundo. A opção, em 1973, pelo investimento público em Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I), tanto em pesquisa básica quanto aplicada, em melhoramento genético de plantas e animais, em práticas de manejo de solos, cultivos e rebanhos, paralelamente ao desenvolvimento de novos produtos e processos, transformaram a realidade da agricultura brasileira, convertendo esse setor em um dos mais importantes da economia nacional na atualidade.

O caminho trilhado, nos últimos 45 anos, não foi nada fácil, como podem aparentar os indicadores atuais de desempenho da agricultura brasileira. A primeira fase, dessa verdadeira revolução agrícola, incluiu a conversão de solos ácidos e pobres em terras férteis, com a tropicalização de cultivos e de sistemas de produção animal, sob os auspícios de políticas públicas e subsídios governamentais específicos para o setor. A soja, cujo cultivo, por exemplo, era, originalmente, restrito ao sul do Brasil, conseguiu, pelos programas brasileiros de melhoramento genético, usando genes de juvenildade, avançar para o norte do País, conquistando, em paralelo com a correção química dos solos, boa parte do bioma Cerrado. Nesse rol de tecnologias, inclui-se a consolidação de práticas de base conservacionista, caso do sistema plantio direto e a fixação biológica de nitrogênio, que, isoladamente, representa, nos 35 milhões de hectares cultivados de soja, uma economia de gastos pelos produtores rurais da ordem de US\$ 13 bilhões por ano em fertilizantes nitrogenados.

A segunda etapa dessa trajetória, acompanhando tendências mundiais, tem primado pela obediência ao paradigma da sustentabilidade. Nesse escopo, incluem-se a necessidade da observação de normas que estão positivadas em marcos legais que regulam o uso da terra, do solo, da água e da exploração da biodiversidade nacional (a exemplo do Código Florestal ora vigente no Brasil, Lei 12651, de 25 de maio de 2012). Além de outras convenções internacionais das quais o Brasil é signatário. Estima-se que 63% do território brasileiro, contabilizando 563.736.030 ha, estão, atualmente, preservados, por meio de marcos legais ou pelo tipo de uso em curso. Isso, necessariamente, leva à necessidade de intensificação da nossa agricultura, que ocupa 32,0 % das terras com cultivos e pastagens, visando à manutenção ou à elevação da produção nacional. A nova expansão de fronteira agrícola no Brasil, possivelmente, será pela recuperação das chamadas áreas de pastagens degradadas, que são estimadas em 50 milhões de hectares.

Em termos de futuro, avanços são esperados na integração de sistemas (lavoura – pecuária – floresta), na exploração da multifuncionalidade da agricultura (alimentos, fibras, energia, serviços ambientais, turismo rural, etc.) e em bioeconomia da chamada nova agricultura tropical.

Data : 17/03/2012

Título : Agricultura Mais Verde

Categoria: Artigos

Descrição: A agricultura mundial embarcou na onda da Economia Verde. Atenta à movimentação internacional no setor, a Embrapa lançou nessa quarta-feira (14)...

Agricultura Mais Verde

Sábado, 17/03/2012

por Gilberto Cunha

A agricultura mundial embarcou na onda da Economia Verde. Atenta à movimentação internacional no setor, a Embrapa lançou nessa quarta-feira (14), em Brasília, com a presença do ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Mendes Ribeiro Filho, o programa do “Ano Embrapa para uma Agricultura Mais Verde”. Segundo o comunicado da Secretaria de Comunicação da Embrapa (Secom), o foco do plano de ação está baseado em quatro pilares: “Fortalecendo a Gestão”, “Fortalecendo a Pesquisa, o Desenvolvimento e a Inovação”, “Fortalecendo e Consolidando a Transferência de Tecnologia” e “Fortalecendo a Transparência e a Eficiência na Gestão”.

No conjunto das ações que estão sendo previstas, além de buscar fortalecer a transparência e a eficiência na gestão, destaque para a criação do Programa Agropensa (a proposta é constituir um núcleo de inteligência estratégica da agricultura brasileira), a criação da Secretaria de Negócios da Embrapa, os lançamentos da Embrapa Internacional e do Projeto Embrapa Verde, os novos portfólios de PD&I em temas de importância estratégica para a agropecuária brasileira (“Inovações para o Setor Sucoalcooleiro e Energético” e “Geotecnologias Aplicadas ao Monitoramento da Agricultura”, por exemplo), o Programa Conserva Brasil, que terá como missão conservar a longo prazo a biodiversidade nacional, a nova Política de Transferência de Tecnologia e o Programa de Intercâmbio de Conhecimentos e Transferência de Tecnologias, com foco especial na inclusão produtiva, em apoio ao Programa Brasil sem Miséria.

A Embrapa, com essa proposta, entra em sintonia com a Rio+20, a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (UNCSD), que acontece na cidade do Rio de Janeiro, no próximo mês de junho (13 a 22). No foco desse encontro estão dois grandes temas, que são afetos à agricultura: 1) a economia

verde no contexto do desenvolvimento sustentável e a erradicação da pobreza; e 2) a estrutura institucional para o desenvolvimento sustentável.

Portal Cultivares

Informações de qualidade e opiniões de colunistas especializados em agricultura podem ser encontradas no portal www.cultivares.com.br. Esse novo canal de comunicação da Fundação Pró-Sementes divulga, com exclusividade, os resultados dos ensaios de cultivares em rede, soja e trigo, que são conduzidos pela entidade nas diferentes regiões produtoras do Brasil. O portal foi desenvolvido pela DOBITS – Soluções Inteligentes em Comunicação, que é dirigida por Harry Nicolau Johann (Nico). Contato comercial: (54)3311-4388.

Mudança do clima - Bolsa

O pesquisador Jurandir Zullo Junior, do Centro de Pesquisas Meteorológicas e Climáticas Aplicadas à Agricultura da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, está divulgando que há oportunidade bolsa de pós-doutorado no projeto temático "Geração de Cenários de Produção de Alcool como Apoio para a Formulação de Políticas Públicas Aplicadas à Adaptação do Setor Sucroalcooleiro Nacional às Mudanças Climáticas" (www.cpa.unicamp.br/alcscens), financiado pela FAPESP no âmbito do Programa FAPESP de Pesquisa sobre Mudanças Climáticas Globais. O valor atual da bolsa é R\$ 5.333,40 ao mês, por um período de 24 meses. Os candidatos com atuação nas áreas de Demografia Econômica, Economia Agrária, Economia dos Recursos Naturais e Sociologia Rural podem se inscrever até o dia 12 de abril de 2012. Informações adicionais com o Dr. Jurandir Zullo Junior (jjullojr@gmail.com).

APL – Feliz? Sim, Sim, Sim!

O lançamento do livro "Feliz? Sim, Sim, Sim!", de Dalva Almeida Lângaro, realizado nessa sexta-feira (16), na sede da Academia Passo-Fundense de Letras, demonstra a importância da entidade, que desde 1938 tem se colocado a serviço da cultura em benefício da sociedade local. O edifício sede da APL, construído no início do século 20 para abrigar o extinto Clube Pinheiro Machado, reveste-se de um simbolismo especial para esse tipo de evento. O livro de Dalva Lângaro, apesar dos traços autobiográficos, reveste-se de universalidade ao realçar uma postura positiva diante da vida por uma mulher no auge dos seus 86 anos. Salienta-se também o aspecto filantrópico desse lançamento, sendo o valor arrecadado com a venda de exemplares destinado à unidade da APAE local.

Do Jornal

O Nacional

Data : 04/02/2011

Título : Agricultura orgânica

Categoria: Artigos

Descrição: Estima-se que 35 milhões de hectares no mundo, abarcando 1,4 milhões de agricultores, são cultivadas sob sistemas orgânicos de produção, sendo passíveis de certificação.

Agricultura orgânica

Estima-se que 35 milhões de hectares no mundo, abarcando 1,4 milhões de agricultores, são cultivadas sob sistemas orgânicos de produção, sendo passíveis de certificação. Na Europa, em média, os cultivos orgânicos se aproximam dos 5% da área usada para agricultura, chegando a 20% em países como Suécia e Áustria. Um mercado que movimenta cerca de US\$ 50 bilhões ao ano. E isso sem se considerar uma área significativa, não sujeita a certificação, que é manejada sob princípios orgânicos, até mesmo inconscientemente, em regiões pobres do mundo, em que se pratica uma agricultura de subsistência.

Mitos

Não obstante a longa história e tradição da produção orgânica em agricultura no mundo, ainda são muitas as controvérsias em relação a este tipo de sistema agrícola. Debates viesados, deixando patentes preconceitos e desconhecimento da realidade, são regra e não exceção, entre os partidários do sistema orgânico e os adeptos da agricultura convencional.

Entre os mitos, a crença que um sistema orgânico se caracterizaria apenas pelo não uso de produtos químicos sintéticos (pesticidas e adubos, por exemplo) e/ou que seria o protótipo da agricultura que era praticada na primeira metade do século passado, antes, portanto, do advento da Revolução Verde.

Que é agricultura orgânica?

Entende-se (ou se deveria entender) por sistema orgânico de agricultura aquele em que se observa uma integração plena entre o humano e o ambiente, configurando uma produção em moldes sustentáveis. Isso, evidentemente, encampa objetivos relacionados com o alcance de níveis elevados de proteção ambiental, uso sustentável de recursos, bem-estar animal, segurança e soberania alimentar, alimentos de qualidade e seguros, justiça social e viabilidade econômica. Um sistema baseado em recursos locais, indissociáveis do próprio sistema, renováveis, com mínima dependência externa de insumos e manejado ecologicamente.

Origem do termo “orgânico”

O termo orgânico, com a contextualização de contraposição ao modelo de agricultura convencional, começou a ser usado ainda nos anos 1940. Não tem relação com o tipo de insumo, com a matéria orgânica, mas sim com o conceito de uma propriedade agrícola vista como um organismo em funcionamento. Na terminologia contemporânea, encontra similaridade na expressão “sistema”, em cujo contexto os componentes – clima, solo, microrganismos, plantas, animais e homem – interagem de forma complexa para a criação do todo.

A ciência dos orgânicos

Há quem rotule as práticas dos sistemas orgânicos de agricultura como “não científicas” ou, pior, de “contrárias à ciência”. Isso é falso. O método científico é fundamental para a compreensão de como a agricultura e os ecossistemas funcionam e como podem ser manejados para uma produção sustentável de alimentos no mundo. O corporativismo da “ciência normal”, aliado com a ignorância, tem se prestado à disseminação desses mitos em relação à agricultura orgânica.

Brasil

O mais recente Censo Agropecuário do IBGE apontou que o Brasil possui 90 mil produtores orgânicos, número que é muito superior às estimativas anteriores, que faziam referência a 15 mil. No dia 31 de dezembro de 2010 encerrou o prazo de cadastramento dos agricultores brasileiros interessados no uso do selo oficial de “Produto Orgânico”, reconhecido pelo MAPA. Os números ficaram em cinco mil produtores, com 1,5 produtores orgânicos regularizados e 3,5 mil em processo de cadastramento.

Produto Orgânico do Brasil

Em 2010, após submissão a consulta pública e votação, entrou em vigor o selo oficial do Sistema Brasileiro de Avaliação da Conformidade Orgânica. O selo indica que o produto está dentro de normas e é avaliado por entidade credenciada pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – MAPA. O modelo é similar ao utilizado nos EUA, no Japão e na Europa. A Coordenação de Agroecologia do MAPA divulgou recentemente (7 de janeiro de 2011) a listagem de organismos de avaliação da conformidade orgânica credenciados, envolvendo tanto o sistema participativo quanto o de certificação por auditoria. Os agricultores que vendem por conta própria produtos com origem orgânica, quando cadastrado no MAPA, recebem uma autorização para realizar vendas em feiras e entregas em domicílios.

Do Jornal

O Nacional

04 de Fevereiro de 2011

Data : 28/07/2017

Título : Água da Fonte

Categoria: Artigos

ÁGUA DA FONTE está de volta! Três anos e oito meses depois da última edição, alusiva aos 75 anos da Academia Passo-Fundense de Letras, que circulou em novembro de 2013. Houve quem sentiu falta e quem nem percebeu. É assim mesmo, especialmente com as chamadas iniciativas culturais, como é o caso dessa revista, editada pelo sodalício das letras passo-fundenses, que, querendo ser universal, lida, essencialmente, com a cultura local.

O relevante é que estamos de volta! E não estranhe o vultoso número de páginas dessa nova edição. Foram reunidas, em único tomo, três edições: os volumes 11, 12 e 13, e os respectivos números 13, 14 e 15. Razões para ter demorado tanto a sair essa nova edição de ÁGUA DA FONTE? Foram tantas que não cabe enumerá-las. Se alguém fizer questão de ter uma explicação, que fique com essa: negligência dos editores. Mas, nunca é demais rememorar que, numa época de reinado absoluto das mídias digitais, publicar uma revista impressa em suporte papel, ainda que aparente, não é tarefa que pode ser considerada fácil.

Quem, por ventura, acompanha a trajetória de ÁGUA DA FONTE, desde a edição de estreia, o NÚMERO ZERO, que foi publicada em dezembro de 2003, sabe o quão preciosa essa revista é para o nosso sodalício. O esmerado projeto gráfico, as capas exclusivas que levam a assinatura de consagrados artistas gráficos que guardam algum tipo de vínculo com a nossa cidade, as entrevistas bem trabalhadas das páginas centrais, sempre trazendo a luz depoimentos originais de personalidades, que, de uma forma ou de outra, foram protagonistas de escol da história cultural, econômicas e social de Passo Fundo, são valores que continuam preservados nessa nova edição.

O nosso compromisso continua o mesmo que foi explicitado, ainda que com outras palavras, no Editorial da edição de estreia: indiferença às diferenças! Isso significa dizer o quanto primamos pelo respeito à diversidade, seja ela qual for! Que a valorização da pessoa humana está acima de qualquer coisa, para os editores de ÁGUA DA FONTE. Tampouco essa revista pode ser acusada de, uma vez sequer, não ter aberto espaço para os escritores alheios aos quadros da agremiação das letras passo-fundenses. Coisas que, acreditamos, podem ser facilmente percebidas por quem um dia leu ou ainda lerá uma edição de ÁGUA DA FONTE.

Nessa edição de ÁGUA DA FONTE, sem querer tirar o prazer da descoberta do leitor, vamos destacar, entre tantos temas, as memórias do fotógrafo Carlitos e o texto original de Meirelles Duarte, que trazem informações até então desconhecidas sobre o início da devoção à Santinha Maria Elizabeth de Oliveira. Além de textos esclarecedores sobre a I Guerra Mundial e a suposta

“participação” brasileira nesse conflito bélico. A formação étnica de Passo Fundo, também não passou despercebida pelos nossos historiadores. E, recomendamos, para o entendimento da história do ensino superior em Passo Fundo, a entrevista com o ex-reitor da UPF, o Prof. Ilmo Santos, que, depois de muitos anos, falou sobre a sua história pessoal e relatou alguns acontecimentos, pouco conhecidos do público geral, relacionados com o período que dirigiu a nossa principal instituição de ensino. Poemas, ensaios, crônicas, quadrinhos, resenhas e textos diversos completam as 196 páginas da revista. A capa, exclusiva dessa edição, traz a assinatura do consagrado artista plástico Welcy Soutier.

Nosso especial agradecimento a todos os membros da Academia Passo-Fundense de Letras, que não mediram esforços para que ÁGUA DA FONTE voltasse a circular.

Enfim, estamos de volta. Isso é o que importa. E você é nosso convidado para a sessão especial de lançamento de ÁGUA DA FONTE, que, no marco das comemorações dos 160 anos de Passo Fundo, vai acontecer nessa terça-feira (3 de agosto de 2017), às 19h30min, na sede da Academia Passo-Fundense de Letras, na Av. Brasil Oeste, nº 792 (no complexo do Centro Histórico). Aguardamos a sua honrosa presença!

Data : 24/07/2015

Título : Altur Gering e a propaganda no interior

Categoria: Artigos

Descrição: Foram 25 anos no comando da Áudio Visão Propaganda. Tempo mais que suficiente para essa agência de propaganda e publicidade do interior do Rio Grande do Sul, com sede em Santa Rosa, que, entre tantos...

Sexta-Feira, 24/07/2015 às 07:44, por Gilberto Cunha

Foram 25 anos no comando da Áudio Visão Propaganda. Tempo mais que suficiente para essa agência de propaganda e publicidade do interior do Rio Grande do Sul, com sede em Santa Rosa, que, entre tantos clientes, controlou as contas da rede de lojas Quero-Quero (19 anos), Cooperluz - Eletrificação rural e rede de lojas (14 anos), Scalco Estruturas Metálicas (12 anos), Lojas Renner (12 anos), Rigo Magazine e Rigo Supermercados (12 anos) e Moto Agrícola Alto

Uruguai – Concessionária Ford (12 anos), marcasse indelevelmente a historia da propaganda gaúcha. Pois, foi com base nessa experiência e em outras vivências, como locutor de rádio, em redação de jornais e na passagem pela então TV Difusora (atual Bandeirantes) em Porto Alegre, que Altur Dias Gering, hoje residindo em Passo Fundo, se valeu para escrever o livro Propaganda no Interior, que ora se encontra em fase de editoração, aguardando lançamento.

Propaganda no Interior, o livro de Altur Gering, que tive o privilégio de prefaciar, mostra, pelo olhar de quem ajudou a construir a história da propaganda gaúcha, como essa é feita no interior do Estado, longe do glamour das grandes agências do centro do País e sem as vultosas verbas públicas ou privadas. É quando a competência e a criatividade, efetivamente, fazem a diferença.

Altur Gering, o criador da exitosa campanha Festa dos Milhões das Lojas Quero-Quero, aproveita a sua experiência à frente da Áudio Visão Propaganda para, no livro Propaganda no Interior, deixar uma contribuição relevante tanto para estudantes quanto para profissionais da área de propaganda e marketing que queiram entender o funcionamento da propaganda no interior do Estado. Uma realidade muito diferente do que pode supor alguém pouco familiarizado com o dia a dia do mercado da propaganda e publicidade. São, nessa obra, generosamente, dadas lições úteis de como se pode lidar com a produção de campanhas de qualidade, como usar bem os poucos recursos disponíveis, como se relacionar com clientes que, não raro, entendem que a verba destinada a propaganda é mais gasto do que investimento ou, quando não, querem incluir familiares em comerciais, confundido propaganda com colunismo social. Um verdadeiro manual de sobrevivência num mundo de competição acirrada e recursos escassos.

O livro de Altur Gering, ao tratar de um universo que está fora dos manuais de propaganda e marketing, geralmente produzidos com a visão dos grandes centros e viés das academias, adquire maior relevância ainda. Além de bem escrito, usando linguagem simples, porém sem se afastar dos referenciais teóricos do negócio propaganda, apresenta uma vastidão de exemplos e casos concretos vivenciados profissionalmente pelo autor. Altur Gering, conseguiu, com maestria, mesclar a sua história pessoal e a trajetória da Áudio Visão Propaganda, inserindo-as no contexto da história política e econômica do País nos últimos 40 anos, destacando, especialmente, com exemplos de casos de empreendimentos bem-sucedidos no interior do Rio Grande do Sul, o papel da propaganda na alavancagem de negócios em tempos de crise. Enfatizou os problemas surgidos no cotidiano das empresas anunciantes e as soluções que foram encontradas pela agência, de forma criativa e profissional. Enfim, toda crise deve ser vista como uma boa incubadora de ideias, destacou Altur Gering. Algo que nos soa bem atual. Propaganda no Interior, pela raridade da temática que aborda, com o foco nos clientes que estão longe dos grandes centros urbanos, tendo sido escrito na forma de um manual de “como fazer as coisas”, tem, desde já, o seu lugar assegurado na bibliografia nacional sobre propaganda. Em Altur Gering somam-se a experiência de mais de 40 anos lidando com propaganda e publicidade, competência e paixão pelo tema. Eis um livro que não hesitamos em recomendar, uma vez que foi escrito com a autoridade EX CATHEDRA de quem foi protagonista de escol da propaganda no interior do Rio Grande do Sul.

Data : 09/09/2011

Título : Amores célebres – Abelardo e Heloísa

Categoria: Artigos

Descrição: Andam meio esquecidos os ditos amores célebres, tanto da ficção quanto da vida real, estilo Romeu e Julieta ou Pedro I e Inês de Castro (a mísera e mesquinha que depois de ser morta foi rainha, dos versos de Camões)...

Amores célebres – Abelardo e Heloísa

por Gilberto Cunha

Andam meio esquecidos os ditos amores célebres, tanto da ficção quanto da vida real, estilo Romeu e Julieta ou Pedro I e Inês de Castro (a mísera e mesquinha que depois de ser morta foi rainha, dos versos de Camões), a exemplo de Abelardo e Heloísa, cujo túmulo no cemitério de Père-Lachaise, em Paris, já foi palco de peregrinações daqueles que veneram esse tipo de história. Tudo se passou na França do século 12, quando Pierre Esbeillard, ou simplesmente Abelardo, que ficaria famoso como filósofo e teólogo, tendo recém recebido as ordens menores seguia uma pacata carreira religiosa. Graças a sua inteligência e cultura, foi convidado pelo Cônego Fulbert para ser o professor de sua sobrinha, Heloísa. Ela tinha 17 anos e Abelardo 39. Viraram amantes e Heloísa acabou grávida. Foi quando Abelardo resolveu deixar a vida religiosa para se casar com ela. A família de Heloísa não aceitou e o cônego Fulbert, indignado, contratou sicários para que prendessem Abelardo e o castrassem. O pobrezinho do Abelardo entrou de vez para um mosteiro e escreveu várias obras sobre Teologia. No entanto, parte da sua doutrina foi considerada herética e uma denúncia feita pelo frade Guilherme de Saint-Thierry foi levada a um concílio, presidido por São Bernardo, e terminou em condenação. Enquanto estava empenhado na sua defesa perante Roma, Abelardo morreu. Heloisa, que também tinha entrado para um convento, viveria por mais 22 anos. Na ocasião, como priora do mosteiro de Paraclete, reclamou o corpo do antigo amante e foi ao lado desse que desejou ser enterrada. E assim se deu.

O lado trágico dessa história, mais que ter virado referência na famosa Ballade de Dames du Temps Jadis, de François Villon, ou terem os nomes Abelardo e Heloísa sido usados em forma de paródia na peça O Rei da Vela, por Oswald de Andrade, é que sempre tem um f.d.p. no seio das corporações; nesse caso, prestando-se para o papel, o frade denunciador Guilherme de Saint-Thierry ou, se preferirem, o malvado Cônego Fulbert.

Leandro Dóro

Leandro Dóro, jornalista e cartunista passo-fundense, está disponibilizando na Web a história em quadrinhos “Manchetes de um Sequestro”. Segundo ele, a HQ de 45 páginas apresenta como personagens os integrantes da redação do jornal O Nacional, nos anos 1990. A narrativa conta os bastidores da cobertura de um sequestro. “Pretendi guardar algumas recordações daquela redação. Para isso, misturei fantasia e realidade, tornando a história mais divertida e palatável”, afirma Dóro; que trabalhou como chargista em ON de 1993 a 1995, quando tinha entre 17 e 19 anos. Dóro pretende obter patrocínio para imprimi-la. Os interessados podem lê-la no blog <http://jornalismoemquadrinhos.blogspot.com>.

HQ virtual

Eis a apresentação da HQ virtual, por Leandro Dóro: “No início dos anos 90 - entre meus 17 e 20 anos -, trabalhei como chargista no jornal O Nacional, em Passo Fundo. Conheci uma redação de jornalistas que foram meus primeiros professores nessa profissão. Convivi com suas ideias, seus métodos, seus comportamentos e, principalmente, seus sonhos. Essa história é a união de vários fatos e comportamentos, reais ou fantasiosos, ocorridos nos anos em que trabalhei no jornal. Muitos outros profissionais e fatos poderiam ter sido selecionados, mas a narrativa aqui apresentada exigia que fossem esses os destacados como personagens desse misto de ficção e verdade que estão por trás dessas páginas que foram feitas, principalmente, para guardar algumas lembranças felizes dessa época.”

Personagens

Na HQ de Leandro Dóro há um verdadeiro desfile do pessoal da redação de ON dos anos 1990. Entre personagens fictícios, passeiam, com naturalidade e realismo, pelos quadrinhos, os jornalistas Luiz Carlos Schneider, Fátima Trombini, Carlos Alberto Fonseca e os diagramadores Nunes e Helio, entre outros; além da atual Editora Chefe, Zulmara Colussi.

O Nacional

Sexta-Feira, 09/09/2011

Data : 15/07/2011

Título : Anglo-Americano – Novos espaços culturais

Categoria: Artigos

Descrição: Foram inaugurados nessa quinta-feira (14), no edifício sede da Faculdade Anglo-Americano de Passo Fundo, dois novos espaços dedicados à cultura local.

Anglo-Americano – Novos espaços culturais

por Gilberto Cunha

Anglo-Americano – Novos espaços culturais

Foram inaugurados nessa quinta-feira (14), no edifício sede da Faculdade Anglo-Americano de Passo Fundo, dois novos espaços dedicados à cultura local. Na biblioteca da instituição, os escritores passo-fundenses ganharam um setor exclusivo para a exposição de suas obras. E, a exemplo do milagre da multiplicação de pães e peixes (Mateus 14:13-21, Marcos 6:30-44 e João 6:1-14), o rol de obras literárias com algum vínculo com Passo Fundo não pára de crescer, sendo, inclusive, no momento da inauguração, entregues novos livros para o devido tombamento no acervo. Ainda, no andar superior ao hall de entrada do prédio do Bairro Petrópolis, foi oficializado o “Espaço Cultural Anglo-Americano de Passo Fundo”, que deverá receber exposições de artes, mostras culturais e servir de palco para apresentações artísticas variadas. A cerimônia foi comandada pelo coordenador-geral da Faculdade Anglo-Americano de Passo Fundo, prof. Paulo Roberto Falcão, que em meio às inaugurações, anunciou o novo empreendimento, já autorizado pelo MEC, que deverá funcionar na unidade local deste Grupo Educacional: o curso de Tecnólogo em Gestão Hospitalar.

Jurema Carpes do Valle

A memória da poetisa Jurema Carpes do Valle (1937-2010), que pertenceu à Academia Passo-Fundense de Letras, foi reverenciada na cerimônia de inauguração do espaço dos escritores locais na Anglo-Americano de Passo Fundo, por intermédio do seu irmão, Javel do Valle, que declamou um poema do livro Canção da Liberdade.

Gestão Hospitalar

O curso de Gestão Hospitalar do Grupo Educacional Anglo-Americano, que, localmente, deverá ser coordenado pelo Dr. Alberi Grando - médico, vereador e Coordenador Regional da Saúde da 6ª região -, além das práticas inerentes à formação de executivos para esses empreendimentos deverá dar atenção especial à gestão de riscos de paciente, algo de muita relevância para as instituições e os profissionais da saúde.

Cingapura

Na próxima terça-feira (19 de julho), às 19h, na sede da Academia Passo-Fundense de Letras, haverá a palestra do Dr. Carlos Antonio Madalosso sobre viagem recente que ele fez a Cingapura. A apresentação contemplará as percepções pessoais desse líder empresarial e da área médica da cidade, acompanhada de vasto material fotográfico. A entrada é franca, mas se aceita doações de alimentos não perecíveis (leite em pó, achocolatados, bolachas, biscoitos, farinha de trigo, açúcar, doces, etc.), roupas e calçados infantis, além de brinquedos, que serão doados à SAMI (Sociedade de Auxílio Maternidade e Infância).

Onde estão os nossos doutores?

Pesquisa feita pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), com dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), aponta que 77% dos doutores brasileiros continuam na universidade depois de formados. Em 2010, foram 12 mil doutores e 40 mil mestres graduados no País, sendo que, desse contingente, apenas 5% são de áreas como engenharia e tecnologia. Eis os números, depois das universidades: 11% dos doutores brasileiros atuam na administração pública. Segue a indústria de transformação, absorvendo 1,4% do total; a indústria extrativa, 0,42%; empresas agrícolas, 0,41%; a área de informação e comunicação, 0,23% e a construção civil, 0,22%. Lamenta-se que o Brasil forme doutores e esses não encontrem oportunidade de trabalho na iniciativa privada, onde a inovação efetivamente deveria ser posta em prática.

Trigo

A comissão organizadora da V Reunião da Comissão Brasileira de Pesquisa de Trigo e Triticale, que deverá acontecer em Dourados/MS, de 25 a 28 de julho/2011, divulgou a prorrogação do prazo para inscrições e envio de trabalhos até a próxima terça-feira (19). Informações: www.cpao.embrapa.br.

O Nacional

Sexta-Feira, 15/07/2011

Data : 06/10/2017

Título : Anjos Vermelhos

Categoria: Artigos

Qualquer um que, pelas mais variadas circunstâncias, já tenha se defrontado com a necessidade de doação de sangue, quer seja para si próprio ou para pessoas próximas, não tem como escapar de sentir certa empatia com as mensagens e ilustrações que dão forma ao livro “Mensagens de amor, sem olhar a quem!”, que tem lançamento marcado para hoje (6 de outubro de 2017), às 9h, no espaço Drummond, nos pavilhões da 16ª Jornada Nacional de Literatura, no Campus I da UPF.

A obra “Mensagens de amor, sem olhar a quem!”, uma realização do Serviço de Hemoterapia do Hospital São Vicente de Paulo, leva a assinatura autoral da médica Cristiane Rodrigues de Araújo e da assistente social Larissa Shons. As ilustrações são do médico Ronaldo André Poerschke e contou com textos e edição da jornalista Endil Tamara de Mello. O projeto gráfico é de Joseane de Almeida Antunes e as fotos são da Caroline Silvestro e da Endil Tamara de Mello.

O livro é o resultado das campanhas “Pílula da Vida” e “Pílula do Bem”, que desde 2011 estão sendo postas em prática pelo Serviço de Hemoterapia do Hospital São Vicente de Paulo. Essas experiências, que, agora, ampliadas, ganham forma de livro, já haviam sido, parcialmente, objeto de estudo científico relatado no trabalho “Projeto Pílula da Vida: uma ferramenta de humanização no serviço de Hemoterapia”, assinado pelas médicas Cristiane da Silva Rodrigues de Araújo e Simone Beder Reis; a assistente social Larissa Shons; e as enfermeiras Eliane Bianchini, Tatiane Golunski e Luciana Dagostini.

As campanhas mencionadas, conduzidas na forma de troca de mensagens, algumas assinadas e outras anônimas, entre doadores e pacientes, buscam, pela humanização do serviço de hemoterapia, valorizar o gesto de doação e motivar para que outras pessoas também se tornem doadoras de sangue, um produto sempre necessário e de múltiplos usos em hospitais, seja em atendimentos emergenciais de traumas ou nos mais variados tipos de tratamento que usam hemocomponentes.

O que se sobressai nesse livro são as mensagens, na forma textual ou por meio de ilustrações. Algumas com forte carga emocional. Em rápidas pinceladas, o leitor vai encontrar, no meio de textos mais longos, coisas como “doar sangue é celebrar a vida... um ato que dignifica o ser humano”, “espero um dia poder ajudar alguém como você me ajudou”, “agradeço aquelas pessoas que mesmo sofrendo me deram a VIDA”, “você foi a diferença na minha vida”, “desejo mil coisas boas a você doador”, “muitas bênçãos hoje e sempre”, “somente quando precisamos e algo é que realmente temos a noção do seu valor”, “você é um doador de vida! Pessoas como você, Deus está sempre cuidando”, “doar sangue é como irrigar uma flor no jardim, uma gota de sangue salva vidas” e tantas outras do mesmo gênero.

Eu, particularmente, escolhi uma mensagem como a mais tocante. Faça a sua escolha. Eis a minha (página 12): “Você é meu anjo vermelho, teu gesto foi e é muito importante para mim. Que o Papai do Céu te abençoe e ilumine. Obrigado... levo comigo um pouco de você!”. A analogia do sangue com “Anjos Vermelhos”, feita por esse paciente, pareceu perfeita, pois, em essência, anjos são mensageiros e, nesse caso, os anjos vermelhos, travestidos no sangue, levam a mensagem da vida.

Quem já precisou de doação de sangue sabe da importância dessa campanha do Serviço de Hemoterapia do Hospital São Vicente de Paulo, cujo objetivo é a valorização e a fidelização dos doadores de sangue. Eu, que, no final de um procedimento hemoterápico, ontem, no HSVP, fui gentilmente agraciado, por uma das autoras, com um exemplar do livro “Mensagens de amor, sem olhar a quem!”, posso atestar que, pelo atendimento que tenho recebido naquele local, a humanização desse serviço no HSVP já é realidade. É por isso que, sem hesitar, reitero: lançamento hoje, às 9h, no espaço Drummond, na 16ª Jornada Nacional de Literatura, no Campus I da UPF. Prestígio!

Data : 31/05/2011

Título : APL sob nova direção

Categoria: Artigos

Descrição: Com as dependências praticamente lotadas de autoridades, convidados e imprensa em geral, deu-se início à sessão solene, tendo como mestre de cerimônias o Dr. Irineu Gehlen

APL sob nova direção

No dia 23 de fevereiro de 2010, foi realizada a solenidade de posse da nova Diretoria da Academia Passo-Fundense de Letras, em sua sede própria, situada na Avenida Brasil Oeste, 792, centro.

Com as dependências praticamente lotadas de autoridades, convidados e imprensa em geral, deu-se início à sessão solene, tendo como mestre de cerimônias o Dr. Irineu Gehlen. Apresentou-se o coral da UPF que, além de cantar o Hino Nacional junto com os presentes, fez mais três apresentações artísticas, o que motivou ainda mais as pessoas que aguardavam para assistir ao ato solene.

Foi dada a palavra ao presidente Paulo Monteiro, que discorreu sobre a sua gestão, citando os principais tópicos que nortearam a sua administração. Em seguida, a presidente recém-empossada. Elisabeth Souza Ferreira, fez o seu discurso de forma clara e objetiva, prometendo à comunidade, fazer nos próximos dois anos. um período de desafio, onde se possa provar que uma mulher pode ter muita capacidade para administrar bem uma casa de cultura. Enquanto uma das autoridades se manifestava publicamente, um aluno do Colégio Notre Dame fez a entrega de um mimo à nova presidente, deixando-a emocionada pelo fato de ser uma ex-aluna de tão notável estabelecimento de ensino.

Ao final, foi servido um coquetel aos presentes. Uma delicada lembrança de tão importante data foi distribuída entre todos os presentes.

A nova Diretoria fica assim composta:

Presidente

Elisabeth Souza Ferreira

Vice-Presidente

Santina Rodrigues Dal Paz

Secretário-Geral

Paulo Monteiro

1ª Secretária

Dilse Picchi Corteze

2º Secretario

Rogério Sikora

1º Tesoureiro

Osvandré Ledi

2º Tesoureiro

Alberto Rebonatto

Comissão de Contas e Patrimônio

Presidente

Selma Costamilai

Relator

Luiz Juarez Azevedo

Conselheiro

Pedro Ari Veríssimo da Fonseca

Suplentes

Getulio Vargas Zauza

Daniel Viuniski

Marco Antonio Damian

Data : 29/10/2011

Título : Aquecimento global: realidade ou farsa?

Categoria: Artigos

Descrição: Foram encontradas evidências confiáveis de que a temperatura média da superfície terrestre subiu aproximadamente 1,0 °C, desde os anos 1950.

Aquecimento global: realidade ou farsa?

por Gilberto Cunha

Aquecimento global: realidade ou farsa?

O informativo Science Daily, edição de 21 de outubro de 2011, dá destaque a um estudo realizado por pesquisadores vinculados ao Berkeley Earth (www.BerkeleyEarth.org), organização dos EUA, que reforça o diagnóstico de trabalhos anteriores e as conclusões do criticado relatório do IPCC, de fevereiro de 2007. Foram encontradas evidências confiáveis de que a temperatura média da superfície terrestre subiu aproximadamente 1,0 °C, desde os anos 1950. O estudo focou nos pontos frágeis, sistematicamente explorados pelos céticos, com o intuito de desacreditar a mudança do clima. São eles: 1) o efeito ilha de calor pela urbanização; 2) a qualidade dos dados de medição; e 3) o risco de vieses, deliberados ou não.

Os resultados, mesmo embasados em uma quantidade de dados cinco vezes maior (1,6 bilhões de registros de temperatura), não diferiram do que já havia sido encontrado em estudos anteriores: aquecimento de 1,0 °C, desde 1950. Tampouco é relevante o efeito das ilhas de calor urbanas (menos de 1% da superfície terrestre), que definem mudanças significativas, porém de abrangência local. E, mesmo que 1/3 dos registros de temperatura mostre uma tendência de resfriamento, o restante dos 2/3 indica aquecimento. Portanto, o padrão predominantemente é de aquecimento global. Em relação à qualidade dos dados, os autores consideraram confiáveis aqueles que termômetros próximos reproduziam o mesmo padrão, indicando que não há viés na série histórica.

Os 100 anos dos MSF no Brasil

O Instituto Superior de Filosofia Berthier – IFIBE, comemorou, nessa semana (25 a 27 de outubro de 2011), os 30 anos do IFIBE e os 100 anos dos Missionários da Sagrada Família (MSF) no Brasil. A celebração das efemérides compreendeu: Encontro Filosófico (25), Sessão Solene na Câmara de Vereadores de Passo Fundo (26), Celebração Eucarística e Jantar Festivo (27). Nossos cumprimentos a todos do IFIBE e, em particular, agradecemos ao convite que nos foi dirigido pelos professores Paulo César Carbonari, diretor pedagógico, e José André da Costa, diretor-geral. Pedimos escusas pela impossibilidade de comparecimento, e vida longa aos MSF e ao IFIBE!

Embrapa Trigo – 37 anos

No dia 28 de outubro de 1974, com a presença do então presidente de república, General Ernesto Geisel, foi, oficialmente, inaugurado, em Passo Fundo, o Centro Nacional de Pesquisa de Trigo (CNPT). Essa foi a primeira Unidade Descentralizada (fora da sede/Brasília) da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), que havia sido criada em 26 de abril de 1973. A Embrapa Trigo, denominação de fantasia do CNPT, comemorou seus 37 anos nessa sexta-feira (28) com uma mensagem da Chefia aos empregados, entrega de premiações das mostras de iniciação científica e de pós-graduação, apresentação de documentário produzido pelos empregados, apresentação do Coro Trigo em Canto, uma peça de teatro pela Cia da Cidade, além de parabéns e bolo de aniversário.

Raízes da Embrapa Trigo

Nunca é demais realçar que, antes daquele 28 de outubro de 1974, houve uma história. E essa história começou quando Getúlio Vargas, com a finalidade de incentivar o cultivo de trigo no Brasil, criou, via a lei n.º 470, de 9 de agosto de 1937, a “Estação Experimental de Trigo”. Este estabelecimento, que começou a operar em 1939, foi inaugurado, oficialmente, em 22 de novembro de 1940, com sede na localidade de Engenheiro Luiz Englert (hoje município de Sertão, em cujo local funciona o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Sertão). Devido às limitações de localização e,

especialmente, com o deslocamento das lavouras de trigo das áreas de mata para áreas de campo, em 1969, essa estação experimental foi transferida para os arredores da cidade de Passo Fundo. Surgia aí, inaugurada em 23 de abril de 1972, a “Nova Estação Experimental de Passo Fundo”, cujas instalações, localizadas às margens da Rodovia BR 285, altura do km 294, viriam abrigar, a partir de 28 de outubro de 1974, o Centro Nacional de Pesquisa de Trigo (Embrapa Trigo).

Dia 10 de novembro, às 17 h, na 25ª Feira do Livro de Passo Fundo, aguardo meus 5 leitores para a sessão de autógrafo de A ciência como ela é...

O Nacional

Sábado, 29/10/2011

Data : 19/04/2019

Título : As bibliotecas de J. L. Borges

Categoria: Artigos

Para um homem que falava do universo como sinônimo de uma biblioteca e que assegurava nunca ter saído da biblioteca do pai, composta por infinitos livros ingleses, a julgar-se pelas muitas biografias escritas sobre ele, o tamanho da sua biblioteca pessoal, à primeira vista, decepcionava. A referência é ao escritor argentino Jorge Luis Borges (1899-1986) e, particularmente, as descrições feitas sobre o ambiente do apartamento em que viveu a maior parte da vida, no sexto piso, do número 994, na Calle Maipú, no centro de Buenos Aires.

Tome-se, como exemplo apenas, o livro “Com Borges”, escrito por Alberto Manguel, cujos relatos têm a autoridade de quem, quando jovem, trabalhando, depois da escola, na livraria Pigmalion, que tinha Jorge Luis Borges entre os seus clientes, foi convidado a servir como leitor para o escritor cego. A essa tarefa, Manguel, que admite ter tido a sorte de fazer parte do grupo daqueles que um dia leram para Borges, se dedicou, semanalmente, 3 a 4 noites, entre 1964 e 1968. Sobre a biblioteca pessoal de Borges, descreve que, na sala do apartamento, havia duas prateleiras brancas, com enciclopédias e dicionários, e duas estantes baixas de livros, de madeira escura. Além de mais duas estantes de livros no quarto de Borges e, possivelmente, algumas obras de literatura argentina, no quarto de Dona Leonor, a mãe de Borges. Frustrante, para quem esperava encontrar um apartamento abarrotado de livros. Sobre o apartamento de Borges, consta, como anedotário, que Mario Vargas Llosa, em visita que fez nos anos 1950, perguntou por que o mestre não morava num local mais luxuoso.

Borges, que se sentiu ultrajado com a pergunta do jovem escritor peruano, teria dito: “Talvez as coisas sejam assim em Lima, mas, aqui em Buenos Aires, não gostamos de ostentar”.

Epifania Uveda Robledo (Fanny), a mucama que cuidou de Borges até a sua saída definitiva da Argentina para morrer na Suíça (14 de junho de 1986), no livro depoimento “El Señor Borges”, composto pelos relatos que fez a Alejandro Vaccaro, destaca que a biblioteca de Borges não era de tantos volumes como muitos podem imaginar. E a razão para isso, segundo Fanny, é que Borges, com a ajuda da irmã Norah, se desprendia com muita facilidade dos livros depois de usados ou que não lhe interessavam. Pedia a Fanny que fizesse pacotes de livros e, discretamente, deixava-os entre os volumes das livrarias que costumava visitar ou “esquecidos” embaixo de mesas de cafés, que, muitas vezes, os garçons acabavam devolvendo no apartamento de Borges, ou, simplesmente, deixados nos bancos da Praça San Martín. Outro relato curioso, feito por Fanny, é que Borges tinha o hábito de guardar dinheiro entre as páginas dos livros. Em geral, colocavam o dinheiro num livro grande, em cuja capa havia um camelo em relevo. E assim, quando precisavam ir ao banco, Borges, como piada, dizia: “Fanny, temos que dar de comer ao camelo”.

A principal razão, para o exíguo tamanho da biblioteca pessoal de Borges, foi, efetivamente, revelada, em 2010, no livro “Borges, libros y lecturas”, edição de Laura Rosato e Germán Álvarez, que se constitui no catálogo da coleção Jorge Luis Borges na Biblioteca Nacional da Argentina.

Laura Rosato e Germán Álvarez seguiram os “rastros” deixados por Jorge Luis Borges no acervo da Biblioteca Nacional da Argentina, onde o escritor ocupou o cargo de diretor de 1955 a 1973. Encontraram cerca de mil livros que pertenceram a Borges, com anotações de próprio punho do escritor, até 1954, quando efetivamente ele não conseguiu mais ler, ou feitas pelos leitores de Borges. Inclusive há, nesse acervo, alguns exemplares que fizeram parte da mitológica biblioteca do seu pai.

O mistério, para essa revelação ter tardado tanto, é que as direções da Biblioteca Nacional da Argentina, que sucederam a Borges, por divergências políticas e intelectuais com o escritor, sempre dificultaram o reconhecimento público das doações feitas por Borges para o acervo daquela instituição e dos méritos da sua gestão. Em resumo: coisa de gente medíocre!

Data : 24/08/2018

Título : As duas vidas de Mendel

Categoria: Artigos

Não poderia ter sido mais adequada a escolha da Ordem de Santo Agostinho, que seguia a crença PER SCIENTIAM AD SAPIENTIAM (pelo conhecimento se chega à sabedoria) e que teve Martinho Lutero nos seus quadros, cujos membros enfatizavam mais o ensino e a pesquisa do que a reza, para abrigar o jovem Johann Mendel (o nome de Gregor foi assumido no meio dos agostinianos), que teria entrado para a vida monástica por conveniência e circunstâncias familiares e não por vocação religiosa. Nesse ambiente, auspicado pelo abade Cyrill Napp do monastério de Brno (na atual República Tcheca), Mendel pode estudar na Universidade Imperial de Viena e, após retornar, se dedicar integralmente à função de professor e à pesquisa, onde, em casa de vegetação, realizaria os famosos experimentos com ervilhas, que lhe assegurariam o título, com o qual hoje é reconhecido, de “Pai da Genética”.

Até realizar as duas conferências na Sociedade de História Natural de Brno, em 8 de fevereiro e 8 de março de 1865, e a publicação do famoso artigo de 44 páginas, em 1866, intitulado “Versuche über Pflanzen-Hybriden” (Experimentos em Hibridização de Plantas), Mendel realizou vasta experimentação com ervilhas. Foram dois anos (1854 e 1855) testando 34 variedades de ervilhas, das quais escolheu 22. E depois mais 8 anos (1856 a 1864) fazendo cruzamento de plantas e estudando a transmissão para os descendentes das características selecionadas, que envolveram: textura da semente (lisa ou rugosa); cor da semente (amarela ou verde); cor do tegumento da semente (cinza ou branca); textura da vagem (lisa ou rugosa); cor da vagem imatura (verde ou amarela); posição da inflorescência (axial ou terminal) e altura da planta (alta ou baixa).

Dois anos após a publicação do famoso “Versuche”, em 1868, Mendel foi escolhido abade do mosteiro e, a partir de então, envolvido apenas com tarefas administrativas, abandonou de vez as pesquisas. E ainda que tivesse solicitado 50 cópias do trabalho publicado, distribuindo-as a estudiosos do assunto, o seu feito não repercutiu até 1900, ano que marca a redescoberta das leis de Mendel, de forma independente, pelo holandês Hugo De Vries, pelo alemão Carl Correns e pelo austríaco Erich von Tschermak.

Em 1900 inicia a “segunda vida” de Gregor Mendel. Se na “primeira vida”, quer seja como obscuro monge agostiniano ou como festejado abade de mosteiro, quando assumiu como membro de diversas sociedades científicas e o cargo de diretor do Banco Hipotecário da Morávia, ou mesmo post-mortem, ocorrida aos 61 anos de idade, em 6 de janeiro de 1864, o “Versuche” foi solenemente ignorado pelos pares, o oposto ocorreu na “segunda vida”; mas não sem controvérsias, frise-se.

A redescoberta do “Versuche” envolveu uma disputa de prioridade autoral entre Hugo De Vries e Carl Correns. O primeiro usou os termos do “Versuche” e não citou Mendel. O segundo denunciou o fato e citou Mendel. Tschermak não compreendeu o “Versuche” e nem o conceito de dominância de Mendel. Carl Correns efetivamente entendeu o “Versuche”, pois foi ele que descreveu as razões 3:1, para 1 caractere, e 9:3:3:1, para dois caracteres, além de ter explicado a teoria de Mendel e estabelecido e enunciado as suas leis.

Gregor Mendel, graças a William Bateson, tradutor do “Versuche” para o inglês em 1902, passou a ser festejado como gênio, por uns, mas também detratado, por outros, com referências pouco elogiosas, tipo “sacanagem no monastério” ou “grandes imposturas da ciência”, afirmando que os seus dados teriam sido falsificados, uma vez que as razões encontradas por ele são próximas demais das esperadas.

Somam mais de centena os artigos que acusam ou defendem Mendel. O fato é que os cães ladram e a caravana passa, pois as leis de Mendel, na prática, continuam irrefutáveis, não podendo a mera aplicação de testes estatísticos sobre os dados disponíveis no “Versuche”, uma vez que se trata de um resumo de oito anos de experimentação, servir de prova para condená-lo. Mendel é maior do que os seus detratores!

Data : 23/12/2011

Título : As lições de Eclesiastes

Categoria: Artigos

Descrição: Em contraposição à hipótese Ortega (The Ortega Hypothesis), construída pelos sociólogos Jonathan R. Cole...

As lições de Eclesiastes

por Gilberto Cunha

Em contraposição à hipótese Ortega (The Ortega Hypothesis), construída pelos sociólogos Jonathan R. Cole, da Universidade Columbia, e Stephen Cole, da Universidade Estadual de Nova Iorque (SUNY), surgiu, como interpretação alternativa, a chamada hipótese Eclesiastes, elaborada por Stephen P. Turner e Daryl E. Chubim, professores de sociologia vinculados à Universidade do Sul da Flórida e à Universidade Cornell, respectivamente.

Jonathan R. Cole e Stephen Cole, em artigo publicado na edição de 27 de outubro de 1972 da revista *Science*, denominado “The Ortega Hypothesis”, rejeitaram, com base em análise bibliométrica de citações afeitas ao universo das ciências físicas, a hipótese Ortega, que, segundo eles, foi construída a partir da obra “La rebelión de las masas”, do filósofo espanhol José Ortega y Gasset, podendo ser assim sintetizada: “La ciencia experimental ha progresado en buena parte merced al trabajo de hombres fabulosamente mediocres, y aun menos que mediocres”. Concluíram, pelos resultados que encontraram, que apenas uns poucos cientistas contribuem para o progresso da ciência. Alternativamente, em dois artigos publicados na revista *Social Science Information*, 1976 e 1979, Stephen P. Turner e Daryl E. Chubim fizeram outra leitura dos resultados encontrados por Jonathan R. Cole e Stephen Cole, embora sem negá-los, que ficou conhecida como hipótese *Eclesiastes*.

No evangelho de São Mateus e no livro de *Eclesiastes*, pela riqueza de exemplos, podemos encontrar paralelismos e uma gama de interpretações possíveis, consubstanciados nos textos bíblicos, para os mais diversos comportamentos do dia a dia do mundo real dos cientistas. Especialmente, quando se busca valorar reconhecimento e eminência a partir da produção bibliográfica e de análise de citações.

O reconhecimento da autoria de artigos científicos é exemplar. Quando, entre os autores, há um cientista de renome, em meio a outros desconhecidos, estilo “ninguém”, “ninguém” e “alguém”, independentemente da ordem de autoria, o artigo em questão é comumente referido como sendo de “alguém”. Há quem veja nisso a materialização das mesóclises da parábola dos talentos (Mateus, 25:29): “Porque a todo o que já tem, dar-se-lhe-á, e terá em abundância: e ao que não tem, tirar-se-lhe-á até o que parece que tem”.

A questão principal enfocada por Stephen P. Turner e Daryl E. Chubim, na sua hipótese *Eclesiastes*, é o uso dos talentos, entenda-se dos cientistas e suas contribuições, em meio a um sistema de ciência, tecnologia e inovação (C,T&I), cujo comportamento, supõe-se, tem algo de aleatório e, não raro, a marca da casualidade. Reviveram o *Eclesiastes* (9:11): “Eu me voltei para outra coisa, e vi que debaixo do sol não é o prêmio para os que melhor correm, nem a guerra para os que são mais fortes, nem o pão para os que são mais sábios, nem a riqueza para os que são mais doutos, nem a boa aceitação para os que são mais hábeis artífices: mas que tudo se faz por encontro e por casualidade”. Nessa mesma linha, sobre o papel do acaso, Maquiavel nos ensinou que temos o controle sobre a metade das coisas e a que a sorte é o juiz da outra metade; embora Pasteur tenha contrabalançado com a assertiva de que, em ciência, a sorte favorece apenas as mentes preparadas.

Pela hipótese *Eclesiastes*, não se trata de uma mera questão de exclusão da maioria dos cientistas do sistema de C,T&I, como uma leitura apressada da

hipótese Ortega poderia sugerir, mas em se buscar uma maior eficiência na utilização dos talentos. Afinal, é equivocado imaginar que se pode medir eminência e se dar o devido reconhecimento a um cientista com base exclusivamente na métrica da sua produção de artigos e citações bibliográficas (a ciência da quantidade). São duas as categorias de cientistas: os eminentes e os obscuros. Um cientista adquire o status de eminência pela relevância do seu trabalho e reconhecimento, pelos pares e pela sociedade. E nessa questão da eminência, como bem frisa o Eclesiastes, o acaso pode desempenhar seu papel. Gregor Mendel é o exemplo de cientista, cuja relevância das suas leis da hereditariedade hoje ninguém desconhece, mas que foi sobejamente ignorado pelos seus contemporâneos. Qual teria sido o reconhecimento de Mendel, na sua época, se, em vez de um obscuro monge agostiniano, ele tivesse sido um catedrático da Universidade de Berlin?

O Nacional

Sexta-Feira, 23/12/2011

Data : 24/03/2017

Título : As lições do Eclesiastes

Categoria: Artigos

Os sociólogos Jonathan R. Cole, da Universidade Columbia, e Stephen Cole, da Universidade Estadual de Nova Iorque, em artigo publicado na edição de 27 de outubro de 1972 da revista *Science*, denominado “The Ortega Hypothesis”, rejeitaram, com base em análise bibliométrica de citações afeitas ao universo das ciências físicas, a hipótese Ortega, que, segundo eles, foi construída a partir da obra “La rebelión de las masas”, do filósofo espanhol José Ortega y Gasset, podendo ser assim sintetizada: “La ciencia experimental ha progresado en buena parte merced al trabajo de hombres fabulosamente mediocres, y aun menos que mediocres”. Concluíram, pelos resultados que encontraram, que apenas uns poucos cientistas contribuem para o progresso da ciência. Alternativamente, em dois artigos publicados na revista *Social Science Information*, 1976 e 1979, Stephen P. Turner e Daryl E. Chubim, professores de sociologia vinculados à Universidade do Sul da Flórida e à Universidade Cornell; respectivamente, fizeram outra leitura dos resultados encontrados por Jonathan R. Cole e Stephen Cole, embora sem negá-los, que ficou conhecida como hipótese Eclesiastes.

No evangelho de São Mateus e no livro do Eclesiastes, pela riqueza de exemplos, podemos encontrar paralelismos e uma gama de interpretações

possíveis, consubstanciados nos textos bíblicos, para os mais diversos comportamentos do dia a dia do mundo real dos cientistas.

O reconhecimento da autoria de artigos científicos é exemplar. Quando, entre os autores, há um cientista de renome, em meio a outros desconhecidos, estilo “ninguém”, “ninguém” e “alguém”, independentemente da ordem de autoria, o artigo em questão é comumente referido como sendo de “alguém”. Há quem veja nisso a materialização das mesóclises da parábola dos talentos (Mateus, 25:29): “Porque a todo o que já tem, dar-se-lhe-á, e terá em abundância: e ao que não tem, tirar-se-lhe-á até o que parece que tem”.

A questão principal enfocada por Stephen P. Turner e Daryl E. Chubim, na sua hipótese *Eclesiastes*, é o uso dos talentos, entenda-se dos cientistas e suas contribuições, em meio a um sistema de ciência, tecnologia e inovação (C,T&I), cujo comportamento, supõe-se, tem algo de aleatório e, não raro, a marca da casualidade. Reviveram o *Eclesiastes* (9:11): “Eu me voltei para outra coisa, e vi que debaixo do sol não é o prêmio para os que melhor correm, nem a guerra para os que são mais fortes, nem o pão para os que são mais sábios, nem a riqueza para os que são mais doutos, nem a boa aceitação para os que são mais hábeis artífices: mas que tudo se faz por encontro e por casualidade”. Nessa mesma linha, sobre o papel do acaso, Maquiavel nos ensinou que temos o controle sobre a metade das coisas e a que a sorte é o juiz da outra metade; embora Pasteur tenha contrabalançado com a assertiva de que, em ciência, a sorte favorece apenas as mentes preparadas.

Pela hipótese *Eclesiastes*, não se trata de uma mera questão de exclusão da maioria dos cientistas do sistema de C,T&I, como uma leitura apressada da hipótese Ortega poderia sugerir, mas em se buscar uma maior eficiência na utilização dos talentos. Afinal, é equivocado imaginar que se pode medir eminência e se dar o devido reconhecimento a um cientista com base exclusivamente na métrica da sua produção de artigos e citações bibliográficas (a ciência da quantidade). São duas as categorias de cientistas: os eminentes e os obscuros. Um cientista adquire o status de eminência pela relevância do seu trabalho e reconhecimento, pelos pares e pela sociedade. E nessa questão da eminência, como bem frisa o *Eclesiastes*, o acaso pode desempenhar seu papel. Gregor Mendel é o exemplo de cientista, cuja relevância das suas leis da hereditariedade hoje ninguém desconhece, mas que foi sobejamente ignorado pelos seus contemporâneos. Qual teria sido o reconhecimento de Mendel, na sua época, se, em vez de um obscuro monge agostiniano, ele tivesse sido um catedrático da Universidade de Berlin?

Data : 25/11/2011

Título : As nuances das secas

Categoria: Artigos

Descrição: A temida palavra “seca” comporta nuances diversas. Há, pelo menos, quatro tipos de seca. São esses: seca meteorológica, seca agrícola, seca hidrológica e seca socioeconômica.

As nuances das secas

por Gilberto Cunha

A temida palavra “seca” comporta nuances diversas. Há, pelo menos, quatro tipos de seca. São esses: seca meteorológica, seca agrícola, seca hidrológica e seca socioeconômica. Entre elas, há uma ordem de precedência e certa defasagem temporal, especialmente no diagnóstico de impactos. Primeiro, a seca meteorológica, convencionalmente medida pelo desvio da precipitação pluvial ocorrida em relação ao valor da normal climatológica; depois, a seca agrícola, em que a falta de água passa a causar desequilíbrio entre a disponibilidade de água nos solos e a necessidade dos cultivos; sobrevém a seca hidrológica, visível na redução dos níveis dos reservatórios e dos mananciais de água e pela secagem acentuada dos solos; por fim, a seca socioeconômica, quando os impactos da falta de água são indiscutíveis, afetando negativamente tanto os sistemas naturais quanto os humanos, dando causa a uma série de prejuízos econômicos e sociais. Alerta aos menos atentos: em 2004/2005, quando se assinala a pior seca da história recente da nossa agricultura, NÃO houve La Niña.

La Niña

A previsão de consenso, entre o CPTEC/INPE e o INMET, para o verão 2011/2012, liberada recentemente (Infoclima, ano 18, nº 11, de 22 de novembro de 2011) foi, acima de tudo, baseada na evolução do atual fenômeno La Niña. Os indicadores oceânicos e atmosféricos do evento atual são menos intensos que no episódio de La Niña que ocorreu entre o final de 2010 e o início de 2011. De qualquer forma, o CPTEC/INPE e o INMET indicam, para esse verão, chuva abaixo da normal climatológica no Rio Grande do Sul. As temperaturas deverão ficar, por esse mesmo prognóstico, em torno da normal climatológica no Estado. Esse é o que se pode chamar de exemplo típico de uma previsão de seca meteorológica.

Verão

O prognóstico para o Rio Grande do Sul, com vistas ao trimestre “Dez/Jan/Fev – 2011- 2012”, elaborado pelo 8º DISME/INMET e CPPMet/UFPEL, que foi

liberado nessa quinta-feira (24), também assinala a perspectiva de chuva abaixo do padrão climatológico. A permanência da área com anomalia negativa de TSM no Pacífico Equatorial Central, associado com a intensificação da anomalia negativa em parte do Atlântico Sul indicam redução na chuva e maior variabilidade das temperaturas.

Meteorologistas

O Dia Mundial da Meteorologia, em alusão à criação da Organização Meteorológica Mundial (WMO) em 23 de março de 1950, é, todo os anos, comemorado, mundialmente, em 23 de março. No Brasil, por razões desconhecidas, sendo o que segue uma mera suposição minha e sem qualquer comprovação, possivelmente, devido a algum erro de impressão desses calendários e/ou agendas que trazem, para cada dia do ano, informações que vão desde o santo do dia, passando por profissões até coisas dos mais variados gêneros (dia do trigo, por exemplo), assinala-se o dia 3 de março como o “Dia do Meteorologista”, sem qualquer razão plausível para tal.. Portanto, é mais que justificada a solicitação da Sociedade Brasileira de Meteorologia ao Confea para a celebração do Dia do Meteorologista em 14 de outubro, em vez do 3 de março. Foi uma forma encontrada para dar um significado à data, comemorando e relembrando uma das maiores conquistas da classe: a regulamentação da profissão no dia 14 de outubro de 1980.

Florestas

A Organização das Nações Unidas (ONU), na forma de chamamento à reflexão sobre o tema, estabeleceu 2011 como o Ano Internacional das Florestas. A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) engajou-se na iniciativa da ONU e criou o hotsite Florestas na Embrapa (www.florestasnaembrapa.com.br). Trata-se de um repositório de informações sobre a pesquisa florestal que vem sendo realizada pela Empresa. Busca ir além dos aspectos meramente científicos e econômicos dessa atividade, mostrando como as florestas, nativas e plantadas, influenciam e estão presentes no cotidiano das pessoas, embora nem sempre de forma perceptível.

A missa do 46º aniversário de morte de Maria Elisabeth de Oliveira acontece nesse domingo (27), às 10h, no Cemitério da Vila Vera Cruz.

O Nacional

Sexta-Feira, 25/11/2011

Data : 04/03/2016

Título : As origens da pós-graduação stricto sensu em Passo Fundo

Categoria: Artigos

Descrição: Quem, hoje, buscar um curso de pós-graduação stricto sensu em Passo Fundo, vai se deparar com oferta de mestrados e doutorados (16 mestrados e 7 doutorados, na UPF;

Quem, hoje, buscar um curso de pós-graduação stricto sensu em Passo Fundo, vai se deparar com oferta de mestrados e doutorados (16 mestrados e 7 doutorados, na UPF; e 2 mestrados na IMED, por exemplo), que outrora era inimaginável. Talvez, em função disso, sequer reflita como foi que começou a pós-graduação, stricto sensu, em Passo Fundo? Desde quando temos programas de pós-graduação stricto sensu? Qual foi o nosso primeiro curso?

Apesar das menções bem intencionadas dos anos 1930, inspiradas no modelo europeu das cátedras, envolvendo experiências na USP, a pós-graduação no Brasil, sensu stricto, efetivamente se consolidou a partir do Parecer nº 977/65, do Conselho Federal de Educação (de 03/12/1965), o famoso Parecer Sucupira (em alusão ao conselheiro relator, Newton Sucupira), e com a reforma do ensino de 1968, que substituiu as cátedras pelos departamentos nas universidades brasileiras. Neste rastro, chegamos a Passo Fundo, nos anos 1990, quando efetivamente, foi formalizado um contrato de cooperação técnica entre a Fundação Universidade de Passo Fundo (FUPF) e a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa, por intermédio do Centro Nacional de Pesquisa de Trigo (CNPT), para a implementação de um curso de pós-graduação, ao nível de mestrado, área de concentração em manejo de doenças de plantas. Assinaram esse contrato, em 11 de outubro de 1995, Lorivan Fisch Figueiredo, presidente da FUPF, e Augusto Carlos Baier, como Chefe do CNPT. O contrato previa vigência de quatro anos, com possibilidade prorrogação ou alteração, mediante a celebração de termos aditivos. Esse contrato, que teria sido aditado em 01/07/1996, foi rescindido em 20 de novembro de 1996, sendo substituído, nessa mesma ocasião, por um novo documento, também com vigência por quatro anos, com o mesmo objetivo, celebrado pelas mesmas partes, porem, assinando pela Embrapa, Benami Bacaltchuk, como Chefe-Geral do CNPT.

Esse novo contrato, firmado entre a FUPF e a Embrapa, continha especificações mais bem detalhadas que o anterior. Inclusive definia além do corpo docente (Amarilis Labes Barcellos/Embrapa, Ariano Moraes Prestes/Embrapa, Antonio Bergamin Filho/ESALQ, Elmar Luiz Floss/UPF, Emídio Rizzo Bonato/Embrapa, Florindo Castoldi/UPF, João Riboldi/UFRGS, José Antonio Martinelli/UFRGS, José Maurício Cunha Fernandes/Embrapa, Jurema Shons/UPF, Maria Irene Baggio de Moraes Fernandes/Embrapa, Norimar D'Ávila Denardin/UPF, Valmir Duarte/UFRGS e Walter Boller/UPF), que o Curso de Mestrado em Agronomia - Área de Concentração em Manejo de Doenças de Plantas, começaria com 10 alunos, orientados pelos professores Amarilis Labes Barcellos (Sandra Maria

Zoldan), Ariano Moraes Prestes (Beatriz Donida, Lauro Luiz Somavilla e João Américo Wordell Filho), Erlei Melo Reis (Antonio Mauro Rodrigues Cadorn, Carlos Eduardo Lopes da Silva, Maria Alice Verner Miglioranza e Nádia Canali Lângaro) e José Maurício Cunha Fernandes (Justino Luiz Mário e Paulo Roberto Vargas).

E assim aconteceu. O Programa de Pós-Graduação em Agronomia – Área de Concentração em Fitopatologia foi efetivamente iniciado em 4 de março de 1996, sob coordenação do Prof. Dr. Erlei Melo Reis. A primeira dissertação de mestrado, com titulação concedida pelo convênio que criou o curso, formalmente pela Universidade de Passo Fundo e pelo Centro Nacional de Pesquisa de Trigo – Embrapa, foi defendida por João Américo Wordell Filho, em 27 de fevereiro de 1998. O trabalho, intitulado “Variabilidade cultural e patogênica de *Drechslera teres* e resistência de genótipos a mancha-em-rede da cevada”, foi realizado nas dependências da Embrapa Trigo e contou com a orientação do pesquisador Ariano Moraes Prestes.

Foi o coroamento de tratativas entre UPF e Embrapa Trigo, iniciadas em 1988, que seguiriam com a comissão pró-mestrado, criada em 1993, com três professores da UPF e três pesquisadores da Embrapa.

Data : 21/07/2017

Título : As plantas e o clima

Categoria: Artigos

Não seria surpresa para ninguém e nem se poderia falar em algo inédito, que dois professores titulares da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), depois de quatro décadas dedicadas ao ensino, na graduação e na pós-graduação, um certo dia, resolvessem, figurativamente, ditar testamento, escrevendo um livro sobre tópicos das suas especialidades. Foi o que fizeram Homero Bergamaschi e João Ito Bergonci, com a obra AS PLANTAS E O CLIMA – Princípios e Aplicações, que se configura como um legado valioso deixado por esses exímios professores às futuras gerações de estudantes.

A escritura de um livro como AS PLANTAS E O CLIMA – Princípios e Aplicações, ainda que não aparente, exige que se tenha experiência em ensino (didática forjada na prática em sala de aula), pesquisa (geração de conhecimento inédito) e extensão (transferência de tecnologia) por parte de quem se aventura a tamanha empreitada. Em obras desse vulto, não basta compilar informações de outras fontes, apresentar teorias ou comentar exemplos e estudos de caso, como sói acontecer com muitos livros que são indicados como textos de referência por alguns professores universitários sem a menor análise crítica que dê

sustentação a essa recomendação. A realidade das coisas tem que ser mostrada como ela é, mas de forma clara, inteligente e compreensível, como fizeram Homero Bergamaschi e João Ito Bergonci, para que o leitor, tendo o entendimento de temas complexos facilitado, possa se sentir um “gênio” e não um “perfeito idiota”, incapaz de qualquer apreensão do que está lendo.

Há, sim, lugar de honra, reservado nos catálogos de editoras e nas prateleiras de estudantes e de profissionais das ciências agrárias, biológicas, atmosféricas e ambientais, para obras como AS PLANTAS E O CLIMA – Princípios e Aplicações. E os motivos para isso são muitos: informação de qualidade e com origem conhecida reunida em um único volume; exemplos e aplicações relacionados com a realidade brasileira; excelência dos autores que lhes é conferida pela vasta experiência em ensino, pesquisa e extensão; e, na minha visão, o lado mais nobre desse livro, que reside no desprendimento dos professores Homero Bergamaschi e João Ito Bergonci, ao sistematizarem e tornarem público o melhor do seu conhecimento, e, com isso, ainda que indiretamente, dando continuidade ad aeternum ao exercício da nobre missão de professores que um dia abraçaram na UFRGS.

É importante frisar, que o colunista, que teve o privilégio de assinar o prefácio da obra, conhece os autores do livro AS PLANTAS E O CLIMA – Princípios e Aplicações, Homero Bergamaschi e João Ito Bergonci, desde há muito tempo. Mas, isso não significa o endosso incondicional a essa obra, sem qualquer análise crítica dos conteúdos e dos autores, tanto nos aspectos profissionais quanto pessoais. Por exemplo, conheci Homero Bergamaschi nos idos de 1978, quando ele, paralelamente, exercia os cargos de professor na Faculdade de Agronomia da UFRGS e de pesquisador no antigo Instituto de Pesquisas Agronômicas (IPAGRO); instituição e ano que o colunista começou a sua carreira profissional. Depois, tive o privilégio de ser seu orientado, Mestrado (1986-1988) e Doutorado (1988-1991) em Agrometeorologia, na Faculdade de Agronomia da UFRGS. Então, não é sem razão, que, pela proximidade, com o profissional, o professor, o orientador e o ser humano Homero Bergamaschi, posso, sem hesitar, dar o meu aval à qualidade desse livro, pois, nos últimos 38 anos, vi, e bem de perto, o esmero com que, diuturnamente, boa parte dessa obra foi sendo construída.

A obra, AS PLANTAS E O CLIMA – Princípios e Aplicações, é uma projeção da imagem pessoal e profissional de Homero Bergamaschi e João Ito Bergonci materializada na forma de textos, figuras, fotografias e tabelas. E isso, por si só, é, de antemão, um selo de qualidade. O livro, publicado pela Agrolivros, pode ser adquirido no site da editora: <http://www.agrolivros.com.br/>

Data : 22/09/2017

Título : As raízes da nossa incompetência

Categoria: Artigos

Mais do que profissionais incompetentes, hoje, nos diferentes ramos da atividade humana, ainda que, no nosso meio, existam exceções notórias, parece que grassa a incompetência profissionalizada. Essa foi uma passagem lenta (ou nem tanto) e gradual, que começou quando a lógica do lucro rápido e fácil solapou as bases de instituições, públicas e privadas, como escolas, universidades e centros de pesquisa, por exemplo, e muitos saberes, especialmente os humanísticos e aqueles relacionados ao conhecimento básico, sob a égide do pensamento utilitarista, foram considerados inúteis e, de certa forma, passaram a ser negligenciados. E atingiu o seu cume, com efeitos desastrosos, pela onipotência do dinheiro e do utilitarismo, que, julgando-se pelas notícias nos nossos veículos de comunicação, dá ares que tudo pode comprar: de parlamentares às decisões judiciais.

Quando as novas representações de sucesso são materializadas em impérios empresariais criados a partir de operações fraudulentas ou na figura de políticos impunes que humilham o parlamento com a votação de matérias e leis de interesse, exclusivamente, pessoal.

Não, antes que alguém tire uma conclusão apressada, lucro não é pecado venal! Insisto, o problema não está no direito legítimo, de qualquer empresário, ao lucro. Mas, sem exageros, devemos voltar a colocar os fins antes dos meios. Tampouco, pode ser considerada verdade absoluta que em tempos de crise econômica tudo é permitido.

Crise não é justificativa para o mercado, em nome do interesse econômico, destruir tudo aquilo que considera inútil. Incluam-se nisso, os cortes de orçamento em áreas que são, estritamente, funções do Estado: segurança, saúde, educação, programas sociais, apoio à inovação tecnológica e ao empreendedorismo, por exemplo. Dependendo da dose, para usar uma analogia popular, o medicamento em vez de curar o paciente pode matá-lo. Mas, ninguém pode ignorar, sim: o Estado brasileiro precisa gastar melhor os seus recursos. Há coisas que podem e devem ser deixadas para a iniciativa privada, desde que a conta não seja paga com o dinheiro público, e outras não.

A lógica utilitarista do lucro, na educação, na área cultural e na pesquisa científica, pode produzir efeitos socialmente nefastos. Não são raros, ainda que jamais assumidos, nas instituições de ensino, especialmente privadas, o corte no número de horas aulas de matérias básicas, quando da reforma de currículos,

o uso de professores “improvisados” dando disciplinas que exigiriam competências específicas, o “abrandamento” na cobrança de conhecimentos nas provas e a intensificação no uso do ensino à distância (EAD), visando à redução de custos e à evasão de alunos/clientes. E sem falar no nosso empobrecimento cultural pelo cancelamento de eventos, nas artes e na literatura, que ainda dependem de apoio, quer seja público ou privado, para serem realizados. Ou, qual o preço que pagaremos, pela inovação tecnológica que não vamos gerar, pelos cortes nos fundos públicos de financiamento de pesquisa científica? Alguém, conscientemente, pode imaginar que atingiremos o nível das nações desenvolvidas sem investimentos em ciência, tecnologia e inovação?

Não se discute, é mais fácil e mais cômoda a percepção de utilidade em um objeto, como o computador que ora eu estou teclando esse texto, no celular que você segura enquanto lê essa coluna, na droga que você tomou para aplacar os efeitos da dor de cabeça após as comemorações do 20 de setembro, por exemplo, do que num clássico de Shakespeare ou num artigo científico publicado em revistas tipo Science ou Nature. Mas, não se esqueçam disso, tanto Shakespeare quanto os conhecimentos básicos descritos nos artigos científicos mencionados, estão por trás do modo de vida de muitas civilizações, que, hoje, respeitamos como socialmente evoluídas, e das futuras tecnologias que, um dia, ainda pagaremos para usar.

Sim, nossa incompetência profissionalizada tem raízes.

Data : 17/07/2015

Título : As reminiscências de J.M.T. Thompson

Categoria: Artigos

Descrição: Foi com base nas reminiscências de uma carreira acadêmica de, pelo menos, 48 anos, vinculada ao Departamento de Matemática Aplicada e Física Teórica da Universidade de Cambridge, no Reino Unido...

Sexta-Feira, 17/07/2015 às 07:44, por Gilberto Cunha

Foi com base nas reminiscências de uma carreira acadêmica de, pelo menos, 48 anos, vinculada ao Departamento de Matemática Aplicada e Física Teórica da Universidade de Cambridge, no Reino Unido, que J. Michael T. Thompson se

valeu para, em instigante artigo, publicado na edição especial da revista *Philosophical Transactions of The Royal Society A* (Thompson, J.M.T. *Advice to a young researcher: with reminiscences of a life in science*. *Philosophical Transactions of The Royal Society A*, v. 371, 2013.), alusiva ao aniversário de 75 anos desse renomado pesquisador britânico, para aconselhar os chamados iniciantes no mundo da ciência (até o limite de 10 anos após o começo do doutorado) a construírem uma carreira científica bem-sucedida.

Usando uma linguagem relativamente informal, que, inclusive, ao abordar certas particularidades do dia a dia da vida acadêmica, torna a leitura do texto bastante divertida, J.M.T. Thompson conseguiu construir, pela experiência vivida, um guia de referências, que, se bem usado, pode ser valiosíssimo para a formação de cientistas. Inicia afirmando que suas orientações não são para os gênios, mas para quem tem certo talento para a prática científica, uma vez que o talentoso faz o que pode e o gênio faz o que precisa ser feito.

Admite que partir de certo nível de inteligência (QI mínimo) não há mais ganhos, assumindo maior relevância o entusiasmo, a capacidade de trabalho, a diligência, a perseverança e a criatividade. E exemplifica que, fazendo uso desses atributos, alguém com menor nível de inteligência, porém com maior persistência, pode atingir grau mais elevado de eminência que outro que possua uma relação inversa entre inteligência (elevada) e os demais atributos desejáveis (baixos).

Há que se cultivar ideias, frisou J.M.T. Thompson. As ditas boas ideias na ciência não acontecem por acaso, como podem supor as pessoas que são alheias ao mundo das academias, mas sim emergem quando se dá à mente os meios adequados para encontrá-las. Por isso, experimentos bem feitos são fundamentais e o abandono de hipóteses favoritas é indispensável. Não raro, deixando de lado a essência do método científico (a rejeição das hipóteses testadas), ingenuamente ou não, muitos cientistas, invertendo a lógica da própria ciência, tem sido levados a não medirem esforços para demonstrar a veracidade das suas preferências.

Fazer uma descoberta relevante na ciência começa pelo estudo de um problema importante. Eis um detalhe que não pode ser relegado a segundo plano, especialmente quando se está no início de carreira. Nessas ocasiões, nem todos, necessariamente, sabem o quão importante é ou não um problema, que pode exigir muito esforço e levar a lugar nenhum ou a descobertas que não ervem para nada. É quando a figura do orientador ou mentor científico, ao exercer o papel que lhe compete, pode definir o rumo de muitas carreiras. Nesse ponto, ter humildade em aceitar que saber o aquilo que você não sabe é mais importante que saber o que você sabe, pode ser o diferencial nas suas escolhas. E, ainda, iniciar corretamente o experimento crucial, não importa o tempo gasto na definição da metodologia e das técnicas de análise, pode significar a utilidade ou não dos resultados que serão obtidos.

Entre os conselhos genéricos deixados por J.M.T. Thompson, perpassam a importância da sinergia na ciência, realçando que quem nada oferece, sob o ponto de vista teórico e intelectual com os pares, também não recebe nada em troca, e que a discrepância entre resultados não deve ser ignorada ou deliberadamente ocultada, pois é daí que pode surgir uma descoberta relevante,

como foi o caso do eco do Big Bang, que virou uma evidência chave na teoria do universo em expansão.

J.M.T. Thompson, não ignorando o valor das métricas da produção científica (fator de impacto, índice-h, etc.), finaliza com uma reflexão: “quando uma métrica se torna o alvo, ela deixa de ser uma boa métrica”.

Data : 29/09/2011

Título : Assim é, se lhe parece... por L.C.B Molion

Categoria: Artigos

Descrição: Luigi Pirandello (1867-1936), escritor e dramaturgo italiano agraciado com o Nobel de Literatura em 1934, é o autor da famosa peça ...

Assim é, se lhe parece... por L.C.B Molion

por Gilberto Cunha

Luigi Pirandello (1867-1936), escritor e dramaturgo italiano agraciado com o Nobel de Literatura em 1934, é o autor da famosa peça “Assim é, se lhe parece”. Nessa obra-prima da dramaturgia mundial, Pirandello, por meio de especulações sobre o casal Ponza, cuja mulher nunca foi vista pelos vizinhos, trabalha as contradições humanas envolvendo os limites entre verdade e ilusão. É, no mínimo, curioso, ver como algo qualquer pode modificar-se radicalmente em função do olhar do observador. Pois, nessa segunda-feira (26), na sede do Sindicato Rural de Passo Fundo, depois de assistir a palestra “Desmistificando o aquecimento global”, proferida por Luiz Carlos Baldicero Molion, professor do Instituto de Ciências Atmosféricas da Universidade Federal de Alagoas, admito, acima de tudo pelo comportamento da plateia no debate final, que ficou um pouco mais clara, pelo menos para mim, essa ambiguidade de sentimentos e percepções, tão bem explorada por Pirandello.

Luiz Carlos Baldicero Molion é um cientista de méritos e contribuições prestadas à meteorologia brasileira, reconhecidamente relevantes (na formação de recursos humanos, por exemplo); além de ser um polemista nato de excepcional habilidade. Físico pela USP (1969), cumpriu programa de Ph.D. pela Universidade de Wisconsin/USA (1975) e pós-doutorado no Institute of Hydrology/Inglaterra. Entre 1970 e 1995, foi pesquisador vinculado ao Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, o INPE de São José dos Campos/SP. E, desde 1996, atua como professor do curso de meteorologia da Universidade Federal de Alagoas, em Maceió/AL. Somam-se ainda, vínculos como conferencista e professor convidado de universidades de diversos países. Diante

do exposto, sem qualquer dúvida, é um homem com credenciais e uma trajetória profissional nas ciências atmosféricas que o qualificam para o grande debate sobre mudança do clima global.

O professor Molion, na palestra do Sindicato Rural, para quem o conheço de longa data, como é meu caso, desde o final dos anos 1970, não apresentou nada diferente do que ele já vinha dizendo em debates travados nos mais variados tipos de eventos científicos realizados no Brasil e no exterior. Em resumo (pelos dados que apresentou), ele não nega que as medições apontem para um aquecimento do planeta, mas não admite como causadora a atividade humana. Opta por considerar como fato natural que, mesmo sem qualquer ação para mitigar a emissão dos gases de estufa, por si mesmo se reverterá. E mais: inclusive, em vez de aquecimento, no curto prazo, o planeta estaria tomando o rumo do resfriamento. Isso até pode ter algum fundo de verdade, mas não é o que pode ser encontrado em vasta quantidade de artigos científicos, que dão corpo ao 4º Relatório do IPCC, divulgado em 2007. Não ignoro que alguns pontos levantados nos escritos do professor Molion são importantes para novos avanços do conhecimento. Todavia, friso, as incertezas e os pontos de fragilidade do chamado consenso científico realçados por ele, são relevantes para os cientistas. Inclusive, quando usados em defesa de interesses corporativos, podem se prestar para o mesmo papel que ele acusa, causando mal ainda pior, pela inoperância, uma vez que não se justifica fazer nada, pois se trata de um equívoco científico e não um fato real.

A comunicação científica é um equilíbrio difícil entre o rigor, que a seriedade de um tema como a mudança do clima global exige, e o entretenimento e compreensão para um público com formação e interesses diversificados. A simplicidade exagerada trivializa o assunto e a profundidade só o torna acessível para poucos. Popularizadores da ciência inatos, a exemplo do professor Molion, não raro, nos deixam a impressão de haver entendido o que em realidade não entendemos. Dessa sensação, em relação ao público presente da já referida palestra, pelas colocações que foram feitas, eu fiquei tomado. Sobre isso, Ernesto Sábato nos conta uma história interessante de quando tentou explicar a teoria da relatividade a um amigo não familiarizado com física. Depois de inúmeras tentativas, quando esse comunica que, agora sim, entendera, Sábato lhe responde, não sem amargura, que, infelizmente, essa já não é mais a teoria da relatividade.

O Nacional

Quinta-Feira, 29/09/2011

Data : 04/09/2015

Título : Atrás do arco-íris de Feynman

Categoria: Artigos

Descrição: O arco-íris de Feynman, de Leonard Mlodinow, é o tipo de livro que tem de ser lido com atenção nas linhas e com atenção redobrada nas entrelinhas.

O arco-íris de Feynman, de Leonard Mlodinow, é o tipo de livro que tem de ser lido com atenção nas linhas e com atenção redobrada nas entrelinhas. O ambiente, no caso o Instituto Tecnológico da Califórnia, em Pasadena/EUA, e alguns personagens, especialmente os cientistas que protagonizam o enredo central da narrativa, são reais. Todavia, há que se ter bem claro que certos fatos e alguns nomes foram deliberadamente alterados pelo autor, em busca do melhor relato para as experiências que vivenciou ou, até mesmo, visando a não impingir constrangimentos a pessoas ainda vivas.

Leonardo Mlodinow, que hoje é escritor e roteirista em Hollywood (foi o responsável por MacGiver e Star Trek, por exemplo, entre outras séries de sucesso na TV), recebeu o seu Ph.D. em Física pela Universidade da Califórnia, Berkeley, em 1981. A sua dissertação de doutorado, sobre teoria quântica em dimensões infinitas, lhe assegurou, quando recém graduado, uma posição no Instituto Tecnológico da Califórnia (o famoso Caltech, que, apesar do tamanho bem menor, rivaliza com o MIT em número de cientistas ganhadores do Nobel - 17 x 17 -, além de se destacar pela taxa elevada de suicídios de estudantes entre as Universidades nos EUA. Atualmente, a popularidade da instituição aumentou por ser o local de trabalho dos personagens principais do seriado The Big Bang Theory: Sheldon Cooper, Leonardo Hofstadter, Raj Koothrappali e Howard Holowitz), vindo a ocupar uma sala no mesmo corredor em cujo fim também estavam localizados os escritórios de dois ganhadores do Prêmio Nobel de Física, que, não por acaso, eram rivais: Richard Feynman e Murray Gell-Mann. Especificamente, trata da natureza da ciência e dos próprios cientistas e seus mundos de competição, a partir das conversas mantidas pelo autor, então um jovem cientista, com o físico famoso, no caso Feynman, que sofrendo de câncer tinha, aparentemente, os seus dias contados.

Dick Feynman e Murray Gell-Mann, as duas lendas vivas da Física do Caltech no começo dos anos 1980, a não ser pelo prestígio que gozavam, tinham poucas coisas em comum. Mlodinow descreve-os como duas personalidades bastante distintas. Richard Feynman como um sujeito extrovertido, brincalhão, genial, que transformava qualquer assunto da Física em algo fascinante (as famosas The Feynman Lectures on Physics são exemplos), e Murray Gell-Mann, apesar de ser um cientista influente e reconhecido pelos pares, como um indivíduo pernóstico, que parecia sofrer de complexo de inferioridade, pois estava sempre disposto a demonstrar o quão brilhante era. Feynman era a nêmesis intelectual de Murray, projetando a sua sombra sobre Murray no mundo da Física. Quando da morte de Feynman, Murray surpreendeu pela amargura no obituário que assinou na edição especial da revista Physics Today, aparentando, apesar de Feynman morto, um sujeito ainda competitivo e atormentado, ao escrever:

“trabalhar com Richards foi se tornando menos agradável para mim porque ele parecia pensar mais em termos de eu e você do que em nós”.

Leonard Mlodinow idolatra Richard Feynman, acima de tudo, pela prática, tanto de vida quanto científica, que se regia pela intuição, pela inspiração e pelo desprezo em relação a regras e costumes acadêmicos. A grande lição que recebeu de Feynman é que alguém pode se considerar um verdadeiro cientista quando ainda se entusiasma com as descobertas e é capaz, tal qual Descartes, de teorizar sobre o arco-íris motivado apenas pela sua beleza.

Richard Feynman lutou 10 anos contra um câncer no estômago e, quatro cirurgias depois, quando entrou no Centro Médico da Universidade da Califórnia, em 3 de fevereiro de 1988, mesmo diante da gravidade da situação, conseguiu ser espirituoso ao dizer que encarava aquele momento como o da sua derradeira descoberta: saber como é morrer. E ele efetivamente descobriu isso em 15 de fevereiro de 1988.

(P.S.: O colunista agradece ao Sr. Mauro Nodari que o presenteou com o livro O arco-íris de Feynman.)

Data : 23/12/2010

Título : Biocombustíveis no Brasil

Categoria: Artigos

Descrição: A projetada expansão da produção de biocombustíveis no Brasil, com o objetivo de atender demandas tanto do mercado interno quanto externo, tem levado ...

Biocombustíveis no Brasil

A projetada expansão da produção de biocombustíveis no Brasil, com o objetivo de atender demandas tanto do mercado interno quanto externo, tem levado à realização de estudos que buscam avaliar qual é a efetiva contribuição do caminho escolhido pelo País, com uma matriz centrada em etanol de cana-de-açúcar e biodiesel de soja, para a mitigação de gases de efeito estufa. Um desses, escrito por pesquisadores alemães da Universidade de Kassel e do Instituto Max Planck, David M. Lapola et al. Indirect land-use changes can overcome carbon savings from biofuels in Brazil, foi publicado na revista PNAS, vol. 107, n. 8, p. 3388-3393, 2010.

A análise assumiu que a expansão dos biocombustíveis no Brasil pode potencialmente causar mudanças no uso da terra, de forma direta e indiretamente. As mudanças diretas no uso da terra podem ter um pequeno impacto nas emissões de carbono, porque a maior expansão de cultivo de cana-

de-açúcar e de soja se daria em áreas atualmente ocupadas por pastagens. No entanto, não vale o mesmo na mudança indireta, pois a pecuária pressionária o desmatamento da Amazônia e abriria novas áreas no cerrado Segundo os autores, isso poderia levar ao desmatamento de 121.970 km² por volta do ano 2020, causando um débito de carbono, ao invés de crédito, que poderia levar uns 250 anos para reparar o uso desses biocombustíveis no lugar daqueles de origem fóssil. Algo preocupante e desafiador para as instituições de CT&I no Brasil.

Guerra de vaidades

Jorge Luis Borges e Ernesto Sabato são, inquestionavelmente, dois grandes nomes das letras argentinas e, até mesmo, por que não dizer, universais. Mesmo tendo sido contemporâneos em Buenos Aires na juventude, na maturidade e na velhice, Borges e Sabato, sem ignorar o talento um do outro, nutriam certo ranço pessoal que, não raro, se manifestou em opiniões expressas publicamente. De Borges sobre Sabato: “Me dizem que na Itália os livros de Sabato se vendem com uma faixa: “Sabato, o rival de Borges”. É raro, pois os meus não levam uma faixa que diga: “Borges, o rival de Sabato”. Sabato é um escritor responsável cujas obras podem estar nas mãos de todos sem nenhum perigo”. (“Conversación de Molachino Prieto con Borges”). E de Sabato em relação a Borges, não menos cruel, em uma nota sobre sua obra, depois de chamá-lo de Grande Poeta, o caracteriza com quinze adjetivos: “arbitrário, genial, terno, relojoeiro, débil, velho, triunfante, arrojado, temeroso, fracassado, magnífico, infeliz, limitado, infantil e imortal”. (Revista Sur, julho de 1952)

O anjo no topo da Árvore de Natal

Entre tantas inutilidades que circulam na Internet, sem menção de autoria, uma me pareceu esclarecedora sobre aquele anjo estrategicamente posicionado em cima da Árvore de Natal. Reza a lenda que é uma tradição que vem de longa data. Teve início quando Papai Noel se preparava para zarpar em sua viagem anual e se defrontou com uma série de problemas. Os seus duendes colaboradores ficaram doentes e foram substituídos por duendes estagiários, que deixaram as renas escapar, não amarraram direito os sacos de brinquedos que se espalharam na neve ao carregar o trenó, etc. O tempo escasseava e se isso ainda não fosse o bastante, quando Papai Noel vai vestir sua fantasia percebe que engordara e esta não lhe serve mais. Pede ajuda a Mamãe Noel para um conserto rápido e é comunicado que a Sogra Noel iria vir para o Natal (mais estresse). Papai Noel sente que precisa de um uísque para relaxar. Vai até a adega e encontra as garrafas vazias (os duendes estagiários haviam bebido tudo). O homem quase desanima, mas, resignado, volta até a cozinha e resolve beber um café antes de partir. Nesse momento toca a campainha da porta, Papai Noel leva um susto, deixa cair a xícara que estilhaça no chão, mas não sem antes manchar de café suas única vestimenta.

Desnecessário dizer que o bom velhinho, à beira de um ataque de nervos, se arrasta até a porta, abre-a, aparece um anjinho carregando uma grande árvore de natal e, candidamente, pergunta: - Onde eu coloco esta árvore, Papai Noel?

E, dizem, foi assim que o anjo se tornou enfeite do topo da Árvore de Natal.

Boas Festas

O escriba se rende ao espírito da época e deseja aos seus poucos e abnegados leitores um Feliz Natal!

Do Jornal

O Nacional

23 de Dezembro de 2010

Data : 17/06/2011

Título : Bloomsday

Categoria: Artigos

Descrição: James Joyce (1882-1941), o aclamado escritor irlandês que é autor, entre outros clássicos, de *Ulisses* (1922) e *Finnegan's Wake* (1939)...

Bloomsday

por Gilberto Cunha

James Joyce (1882-1941), o aclamado escritor irlandês que é autor, entre outros clássicos, de *Ulisses* (1922) e *Finnegan's Wake* (1939), teve o seu dia de glorificação no mundo todo, especialmente em Dublin, nessa quinta feira (16 de junho), cuja efeméride é conhecida como Bloomsday, numa alusão ao 16 de junho de 1904, quando se passa toda a trama do romance *Ulisses*, e ao seu personagem principal Leopold Bloom. Joyce, pela linguagem, repleta e neologismos criados pela junção de palavras inglesas, é considerado um escritor indecifrável para a maioria dos leitores. Talvez por isso seja tão reverenciado. Há quem diga que, se *Ulisses* é um livro difícil de ser lido, *Finnegan's Wake* é impossível. As traduções mais conhecidas de James Joyce para o português são a de *Ulisses*, feita por Antônio Houaiss, e a de *Finnegan's Wake*/*Finnicius Revém*, por Donaldo Schüller.

Livros de graça

A editora das academias nacionais de ciência dos EUA (National Academies Press -NAP) está disponibilizando gratuitamente o seu catálogo completo de publicações, incluindo mais de quatro mil títulos. Destaque para obras importantes em política científica e tecnológica, que podem ser baixadas (arquivos em pdf) e/ou lidas de graça pela internet. Informações no endereço: www.nap.edu.

SENGE –RS

Foi uma das mais acirradas eleições da história do Sindicato dos Engenheiros do Rio Grande do Sul (SENGE-RS), essa para o triênio 2011-2014. Em primeiro turno, a Chapa 1, que buscava a re-eleição, sob a liderança do atual presidente, José Luiz Azambuja, venceu a Chapa 2 por apenas 1 voto de diferença (765 votos X 764 votos). A disputa foi para segundo turno, tendo a Chapa 1 saído vitoriosa do pleito com 939 votos (53%) frente os 816 votos (46 %) alcançados pela Chapa 2. Nossos cumprimentos ao Eng.-Agr. passo-fundense Bernardo Palma, que integra a chapa vitoriosa.

Trigo

O que já foi considerado, por alguns, mero devaneio, hoje virou realidade. O Brasil, mesmo sendo importador de trigo, passou a figurar na lista dos países exportadores do cereal, ocupando, nesse bloco, a 10ª posição. Entre agosto de 2010 e maio deste ano, foram embarcadas 2,4 milhões de toneladas de trigo brasileiro ao exterior. O principal destino foi a África, contabilizando cerca de 70% dos total de embarques. Evidentemente, que contribuiu para isso, além da conjuntura internacional (quebra de safra na Rússia, por exemplo), o apoio do Governo Federal para a comercialização da safra, via PEP. De qualquer forma, houve 700 mil toneladas de trigo brasileiro que foram comercializadas com o exterior sem auxílio do PEP. Esse é o ideal: uma produção nacional de trigo, autônoma, competitiva e sustentável no mercado global.

Segurança do Trabalho

A criação da Câmara Especializada de Engenharia de Segurança do Trabalho junto ao CREA-RS é, acima de tudo, uma vitória da luta e do empenho do 1º Vice-Presidente do CREA-RS e ex-professor da FAMV-UPF, Eng.-Agr. e de Segurança do Trabalho, Moisés Souza Soares. A iniciativa foi baseada na experiência de São Paulo, primeiro CREA a instalar uma Câmara dessa especialização no País. O professor Moisés Soares é taxativo na afirmação de que essa nova Câmara do CREAS-RS vai contribuir efetivamente para a redução dos índices de acidentes e acidentados do trabalho no Estado.

Alerta

Na condição de usuário (4 vezes ao dia) do novo acesso que liga a cidade de Passo Fundo à Rodovia BR 285, via a Avenida Dr. Álvaro Severo de Miranda, no loteamento Cidade Nova, o colunista sente-se na obrigação de alertar as autoridades competentes que a placa de sinalização, com o limite de velocidade (60 km/h) e a advertência de fiscalização eletrônica, no trevo de acesso, para quem vem da UPF e pretende tomar a já referida avenida, na posição que está colocada, dificulta sobremaneira a visibilidade dos motoristas, podendo dar causa a acidentes.

O Nacional

Sexta-Feira, 17/06/2011

Data : 30/11/2011

Título : Borges e as neurociências

Categoria: Artigos

Descrição: Jorge Luis Borges foi, outra vez, genial (que não deixa de ser uma redundância, quando a referência é o grande mestre das letras argentinas)...

Borges e as neurociências

por Gilberto Cunha

Jorge Luis Borges foi, outra vez, genial (que não deixa de ser uma redundância, quando a referência é o grande mestre das letras argentinas), pra se dizer o mínimo, ao tratar, com originalidade poética e realismo, de um tema tão complexo como a memória humana, no conto “Funes el memorioso”. Nesse conto fantástico, publicado pela primeira vez na edição de 7 de junho de 1942 do jornal La Nación, Borges, por meio da história pessoal de Ireneo Funes, o peão de Fray Bentos que, após sofrer uma queda de um cavalo e ter batido fortemente a cabeça no solo, adquiriu o talento (ou a maldição, dependendo do ângulo que se observe) de se lembrar absolutamente de tudo, não faz outra coisa que se antecipar, valendo-se apenas da sua imaginação prodigiosa, a algumas descobertas das neurociências, que, por meio de estudos de caso de pacientes, ainda tardariam certo tempo.

Solomon Shereshevskii, uma espécie de Ireneo Funes e paciente real do psicólogo russo Alexander Luria (1902-1977), foi um dos primeiros casos cientificamente documentados de pessoa com memória extraordinária. Luria admitiu que estudou Shereshevskii durante 30 anos e confessou que não conseguiu encontrar o limite da sua memória. Porém, diferentemente das pessoas normais, Shereshevskii tinha que fazer um grande esforço para esquecer os detalhes de alguma coisa. Esse paciente, conforme foi diagnosticado, possuía uma forte sinestesia – relação involuntária entre diferentes sentidos, como associar número com cores, por exemplo – que, com o auxílio de certos truques de memorização, permitia que ele se recordasse de longas sequências de números e letras, mesmo passados vários anos. As similaridades entre Funes, personagem de Borges, e Shereshevskii, paciente de Luria, são muitas. Inclusive pela falta de capacidade de abstração em ambos, quer seja no uso das ideias ou da linguagem como elemento básico de pensamento ou para a compreensão daquilo que liam. Outros exemplos de mentes prodigiosas, decorrentes da síndrome de savant, são Kim Peek, inspiração para o personagem autista vivido por Dustin Hoffman no filme Rain Man, e Daniel Tammet, que, em 2004, protagonizou a proeza de recitar de memória os primeiros 22.514 dígitos do número irracional Pi (3,14...). Os savants têm uma percepção e uma memória prodigiosas para os detalhes, porém não

conseguem integrar conceitos gerais e abstratos. Consta que Kim Peek, durante a encenação de uma peça de Shakespeare, interrompeu aos gritos. Ao ser questionado sobre qual era o problema, disse que o ator havia pulado umas palavras em uma linha do original. Diante da alegação de que ninguém mais havia notado ou dado importância ao acontecido, Kim Peek respondeu que Shakespeare teria percebido o erro.

Henry Gustav Molaison (1926-2008), ou simplesmente o paciente H.M., como, por motivos confidenciais, foi conhecido até a sua morte, é exemplo de um homem que, em razão de um infortúnio pessoal, possibilitou a geração de novos conhecimentos nas neurociências. Em decorrência de sofrer crises não controláveis de epilepsia, Henry Molaison, em 1953, se submeteu a uma cirurgia para extração do hipocampo e áreas adjacentes de ambos hemisférios cerebrais. Acabaram-se as crises de epilepsia, mas H.M. transformou-se em uma pessoa que, mesmo sem defeitos de percepção, inteligência ou processamento de linguagem, vivia apenas com memória do passado e de um presente fugaz. Descobriu-se, com a sua tragédia pessoal, o papel do hipocampo, na fixação das recordações em memórias de longo prazo. Mesmo que não seja no hipocampo que as memórias são armazenadas, essa região do cérebro se encarrega de codificar a informação a ser guardada. Nessa parte do cérebro é exercida uma função crucial na geração das memórias declarativas (de conceitos e eventos), a exemplo do sabor de uma madalena vir a disparar as recordações de Marcel Proust em “Em busca do tempo perdido”. O hipocampo e outras estruturas que o rodeiam (lóbulo temporal médio) fazem a conexão entre percepção e memória.

Muito do exposto até aqui foi extraído do livro “Borges y la memoria”, de Rodrigo Quián Quiroga, publicado pela Editora Sudamerica, em abril de 2011. A obra traça uma viagem pelo cérebro humano desde “Funes el memorioso” até os neurônios à la Jennifer Aniston. (continua na próxima quinta-feira)

O Nacional

Quarta-Feira, 30/11/2011

Data : 21/10/2011

Título : Brasil Sem Miséria

Categoria: Artigos

Descrição: Retirar 16,2 milhões de brasileiros que vivem numa condição de extrema pobreza, conforme foi diagnosticado pelo censo do IBGE do ano passado, é o tamanho ...

Brasil Sem Miséria

por Gilberto Cunha

Retirar 16,2 milhões de brasileiros que vivem numa condição de extrema pobreza, conforme foi diagnosticado pelo censo do IBGE do ano passado, é o tamanho do desafio que se impôs a presidenta Dilma, quando em junho desse ano lançou a proposta que instituiu o Sistema único de Assistência Social (Suas). O horizonte para a façanha, até o ano de 2014, transforma o Suas, segundo especialistas no assunto, na mais ousada proposta de inclusão social de todos os tempos, tanto no Brasil quanto mundialmente. Evidentemente, essas não é uma tarefa de responsabilidade única do Governo Federal. Exige a conjugação de esforços entre municípios, estados e federação, além do envolvimento da sociedade civil comprometida com o desenvolvimento social e econômico do País. A primeira tarefa é identificar e auxiliar, com políticas públicas responsáveis (Bolsa Família, Bolsa Verde, etc.), esses 16,2 milhões de brasileiros miseráveis. Quem são eles? Pelo censo do IBGE, o País tem 190 milhões de habitantes, dos quais 8,5% vivem (ou sobrevivem) com até R\$ 70 por mês e não tem acesso aos serviços públicos básicos (energia, água, saneamento/esgoto, saúde, educação, etc.). Visto assim dessa forma, agregada, não passa de uma estatística. A dificuldade é dar uma identidade a cada um desses brasileiros, pois a pobreza extrema tem muitas nuances, quer sejam decorrente de diferenças entre regiões, entre raças, rural versus urbano, etc.

Há controvérsias, quando a proposta entra no debate público. Alguns acham que erradicar a miséria é algo impossível, pois nem as nações mais ricas do mundo conseguiram isso. Outros que a meta deveria se limitar aos oito milhões de brasileiros que são realmente miseráveis. Enquanto isso, inegavelmente não se pode parar com as políticas públicas de assistência social. Foi graças a elas que, desde 2003, 48 milhões de brasileiros entraram para as classes C, B e A, tornando a classe média majoritária no País(55%), conforme estudos da FGV. Estão vindo aí, para auxiliar nessa tarefa, os canteiros de obra do PAC, com vistas à Copa do Mundo de 2014 e à Olimpíada de 2016, os programas de microcrédito e a formação de arranjos produtivos locais apoiados pelo BNDS, por exemplo. Inclusive, vale lembrar que erradicar a pobreza é um “princípio fundamental” estabelecido pela constituição de 1988, que ainda estamos em dívida.

Moisés Souza Soares

O CREA-RS, em nota divulgada nessa quarta-feira (19), informou que, por motivos de saúde, o presidente em exercício, o Eng.-Agr. passo-fundense, professor aposentado da UPF, Moisés Souza Soares, solicitou seu licenciamento por tempo indeterminado como conselheiro da Autarquia e, conseqüentemente, como presidente em exercício. Conforme reza o Regimento Interno da entidade, assumiu o Eng.- Civil Ricardo Scavuzzo Machado como

presidente em exercício do Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia do RS, até o retorno do presidente titular, Luiz Alcides Capoani que concorre a re-eleição para o triênio 2012/2014, com data marcada para 8 de novembro próximo.

.Cafezinho com escritores

Acontece nesse sábado (22), às 10h, no Riviera Café (Independência, em frente a Praça Marechal Floriano), um cafezinho com escritores e simpatizantes das letras passo-fundenses. O Ernesto Zanette, comandante do Projeto Passo Fundo, convida quem já participa e quem quiser conhecer melhor essa iniciativa de apoio à cultura local, para um cafezinho. Vários autores já confirmaram presença. Não há formalidades e nem necessidade de convite. Apareçam, insiste o Zanette!

Betinho

O Prêmio Betinho - Atitude Cidadã, foi lançado pelo COEP em 2008, com o intuito de valorizar as pessoas que praticam no dia adia a promoção da cidadania. Busca estimular cada um a fazer a sua parte para construir um Brasil melhor e mais justo. A escolha das pessoas, que são indicadas pelos representantes técnicos dos COEP estaduais e municipais, se dá por votação na Internet (www.coep.org.br), cujo prazo se estende até o dia 25 de novembro de 2011.

Pelo censo do IBGE, pobre ao extremo no Brasil é quem vive (ou sobrevive) com até R\$ 70,00 por mês. O valor é um pouco superior aos US\$ 1,25 por dia da ONU.

O Nacional

Sexta-Feira, 21/10/2011

Data : 17/05/2019

Título : Cafrunis, Veríssimos e Fernandos

Categoria: Artigos

Houve Cafrunis, houve Veríssimos e há Fernandos. Foi pelo idealismo do jornalista Jorge Edeth Cafruni, pela perseverança do médico Pedro Ari Veríssimo da Fonseca e pela capacidade do empresário Fernando Miranda em agregar pessoas em prol de uma causa que o Instituto Histórico de Passo Fundo, criado a 15 de abril de 1954, pode, na última segunda-feira (13/05/2019), realizar uma

sessão solene comemorativa aos 65 anos de atividade, configurando-se, entre os congêneres, como o mais antigo ainda em funcionamento no interior do Estado.

A ideia de um Centro de Estudo Histórico Pró-Centenário de Passo Fundo começou a ser gestada pelo jornalista Jorge Edeth Cafruni, em 1953, nas páginas de O NACIONAL. A cidade vivia a expectativa de comemoração do seu primeiro centenário. Cafruni angariou o apoio de lideranças políticas e empresariais e de personalidades de reconhecidos méritos na sociedade local, caso do historiador Francisco Antonino Xavier e Oliveira, em favor dessa causa. Venceu! A semente vingou. E, a 15 de abril 1954, o Centro de Estudo Histórico Pró-Centenário de Passo Fundo, realizava, na sede da Faculdade de Direito, na Avenida Brasil, a sua primeira reunião, cujos membros presentes, acataram, de plano, a transformação de Centro de Estudo Histórico em Instituto Histórico. E assim se deu, com a primeira diretoria sendo constituída, sob a presidência do Dr. Reissoly José dos Santos e tendo Jorge Edeth Cafruni como secretário. Estava criado o Instituto Histórico de Passo Fundo. Uma instituição sem fins lucrativos que congregava os interessados na história local e regional. Entre os seus principais objetivos, estimular, auxiliar e propor medidas para assegurar estudos históricos. Além de coletar documentos e acervos, tornando-os acessíveis à comunidade.

Chegou o ano do primeiro centenário de Passo Fundo, 1957, e o Instituto Histórico, presidido por Jorge Edeth Cafruni, se envolveu ativamente nos festejos. Cabe menção, a inauguração, no dia 7 de agosto, do busto de Joaquim Fagundes dos Reis, no Boqueirão, e do túmulo dedicado ao patriarca, às margens da Rodovia BR 285.

Chegados os anos 1960, depois da efervescência das comemorações do primeiro centenário, o Instituto Histórico de Passo Fundo viveu tempos de esmorecimento. Passou por períodos de inatividade e, sob o chamamento de Cafruni, viveu tempos de renascimento. Em maio de 1970, reuniram-se os sócios remanescentes, para repensar o futuro da agremiação, que estava, praticamente, inativa desde 1966. É quando entram em cena Pedro Ari Veríssimo da Fonseca, Antônio Carlos Machado, Delma Rosendo Ghem e Alberi Falkembach Ribeiro. O entusiasmo dura alguns anos, mas não tantos quanto se esperava. Em 1975, novos tempos de letargia. Retorna em 1982, mas praticamente sem atuação digna de menção. Até que, em 2007, o ano do sesquicentenário de Passo Fundo, Pedro Ari Veríssimo da Fonseca, escudado por Alberi Falkembach Ribeiro, decidiu reestruturar o Instituto Histórico. Novos membros foram incorporados. Foi assinado um convênio com a Fundação Universidade de Passo Fundo e o acervo colocado sob a guarda do Arquivo Histórico Regional, que digitalizou e disponibilizou os documentos para a pesquisa. Virou entidade de utilidade pública municipal.

Em 2013, tem início a fase contemporânea do Instituto Histórico de Passo Fundo. Assumiu a presidência da agremiação o empresário e historiador Fernando

Miranda. Sobrevém as comemorações dos 60 anos (2014), a conquista, pela magnanimidade da família Carlos e Celina Madalosso, da sede própria, inaugurada no dia 15 de abril de 2017, e a sua integração ao Espaço Cultural Roseli Doleski Preto. Novos projetos (Museu a Céu Aberto, por exemplo), ampliação do acervo, publicações e um novo convênio com A Fundação Universidade de Passo Fundo para albergar estágios de acadêmicos do curso de História da UPF. Novos sócios e, enfim, novos tempos. E se um dia houve Cafrunis e Veríssimos e, no presente, há Fernandos, oxalá, no futuro, sejam tempos de Djiovans.

Data : 19/05/2010

Título : Calor e temperatura

Categoria: Artigos

Descrição: Não é raro o uso das palavras calor e temperatura como sinônimos, embora sejam duas coisas completamente diferentes.

Calor e temperatura

Não é raro o uso das palavras calor e temperatura como sinônimos, embora sejam duas coisas completamente diferentes. E antes que alguém pense que isso é uma exclusividade da "última flor do Lácio, inculta e bela", adianto que muitos nativos de fala inglesa, por exemplo, também confundem o "heat" (calor) e o "temperature" (temperatura) nas conversas do dia-a-dia, e, em especial, nos espaços que tratam de meteorologia nos veículos de comunicação. Estão ai para demonstrar as "heat waves" (ondas de calor), que nos Estados Unidos da América e na Europa, em função da combinação temperatura e umidade altas, desde os anos 1930, já mataram, conforme estimativas nem sempre muito precisas, mais de 20 mil pessoas.

Que são coisas diferentes dá pra perceber só pelas unidades de representação. Temperatura, em geral, é expressa em graus Celsius ($^{\circ}\text{C}$), Fahrenheit ($^{\circ}\text{F}$) ou Kelvin ($^{\circ}\text{K}$). E calor em unidades de energia: caloria (cal) e Joule (J), por exemplo. Calor, simplificando ao extremo, é uma forma de energia que flui de um objeto mais quente para um outro mais frio. E uma vez o calor saindo de um objeto, faz com que a temperatura do mesmo caia, enquanto a temperatura do objeto que recebe o calor sobe. E o quanto essa temperatura se eleva depende de duas propriedades desse objeto que, também, muitas vezes, são confundidas: capacidade térmica e calor específico. Capacidade térmica de um corpo é a quantidade de calor necessária para elevar em 1°C a temperatura de todo corpo, sendo, portanto, uma característica do corpo (substância) e dependente da quantidade massa. Por sua vez, calor específico é uma

característica da substância, correspondendo à quantidade de calor necessária para elevar em °C a unidade de massa dessa substância.

O conteúdo do parágrafo anterior é importante para entender que a mesma quantidade de calor fluindo para dois objetos diferentes não implica que, necessariamente, as suas temperaturas se elevem em quantidades iguais. A variação de temperatura irá depender da capacidade térmica de cada objeto. Ou seja: do tipo de material e da massa de cada objeto. Por exemplo, todo mundo já se deu por conta que pequenas quantidades de calor são suficientes para que as temperaturas dos metais variem rapidamente. E que, por outro lado, necessita-se de uma quantidade muito maior de calor para elevar a temperatura da água.

Pelo conceito de capacidade térmica, fica evidente que a quantidade (massa) do material que você precisa aquecer é importante. Quanto mais material, maior é a quantidade de calor requerida para elevar a sua temperatura. Imagine-se tomando uns mates, cuja na mão e uma garrafa térmica, quase cheia de água no ponto ideal de temperatura para o chimarrão. Digamos que um sujeito qualquer coloca uma xícara de água fervendo nessa garrafa térmica, você, de cara, vai perceber que, no próximo mate, a água passou do ponto (ficou quente demais). Agora, pense em você todo refestelado dentro de uma banheira de hidromassagem, água morninha e sais aromáticos à mão. Vem o mesmo sujeito e coloca também uma xícara de água fervendo dentro dessa banheira. Com certeza, você não vai perceber nenhuma variação de temperatura. Embora tenha sido adicionada a mesma quantidade de "calor" na garrafa térmica e na banheira, as temperaturas dessas águas irão variar em diferentes quantidades.

Essa conversa toda de garrafa térmica e de banheira foi só para você pensar nos oceanos como banheiras enormes. Com isso, grandes quantidades de calor são necessárias para variar suas temperaturas, mesmo levemente. Essa é a razão porque uma vez estabelecidos fenômenos tipo El Niño (água quente) e La Niña (águas geladas), lá no Oceano Pacífico equatorial, as suas águas permanecem com temperaturas relativamente constantes por períodos longos de tempo (12 a 18 meses). Tudo porque, nesse jogo, estão envolvidas grandes quantidades de energia. Não sendo por outra razão que as anomalias de temperatura da superfície das águas do Oceano Pacífico tropical, por essa característica de persistência, é o melhor indicador que conhecemos para a realização de previsões climáticas de longo prazo.

Quarta-Feira, 19/05/2010 por Gilberto Cunha

O Nacional

Data : 14/07/2017

Título : Carlos Gayer, O Pioneiro

Categoria: Artigos

Descrição: Carlos Gayer nasceu no território da atual República Tcheca. Era engenheiro-agrônomo e começou a trabalhar com seleção de plantas de trigo e de outros cereais de inverno na sua terra natal, por volta de 1902

Carlos Gayer nasceu no território da atual República Tcheca. Era engenheiro-agrônomo e começou a trabalhar com seleção de plantas de trigo e de outros cereais de inverno na sua terra natal, por volta de 1902. Chegou ao nosso País em 1913 e se tornou referência obrigatória como "O Pioneiro", quando o assunto é a história da pesquisa em melhoramento genético de trigo no Brasil.

Em 1909 foi criado o Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio brasileiro. Apesar da alta rotatividade dos ocupantes desta pasta, nos primeiros 15 anos foram 16 ministros, teve início um grande esforço governamental para tentar resolver de vez o problema da produção nacional de trigo. E foi nesta época e ambiente que Carlos Gayer veio parar por aqui. Começou trabalhando no Paraná, depois no Rio Grande do Sul e, após 1925, se radicou em São Paulo.

O então deputado federal pelo Rio Grande do Sul, Ildelfonso Simões Lopes, em 1918, ao dar um parecer sobre o orçamento do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio da época, praticamente traçou um plano para a solução do problema nacional da produção de trigo. Um ano depois, quando passou a ocupar o cargo de Ministro da Agricultura, ele pôde por em prática alguns projetos do referido plano. Começando pela fundação das primeiras estações experimentais e de seleção de sementes de trigo, em 1919. No caso: Ponta Grossa no Paraná e Alfredo Chaves (atualmente Veranópolis) no Rio Grande do Sul.

Carlos Gayer foi encarregado da organização e da direção técnica da Estação Experimental de Alfredo Chaves. Junto com ele vieram seus três irmãos: dois engenheiros-agrônomo e um engenheiro mecânico. Os irmãos Gayer trabalharam na referida estação experimental durante cinco anos, entre 1920 e 1924.

Para observar a adaptabilidade às condições de clima e solo do Sul do Brasil, Gayer trouxe para Alfredo Chaves trigos de diversas partes do mundo. Também selecionou trigos nas lavouras dos imigrantes italianos, que cultivavam este cereal na região. De imediato constatou a falta de uniformidade dos trigos plantados na zona colonial. Configuravam-se em misturas de variedades, que ele logo tratou de identificar, separar e purificar.

Atribui-se como o maior mérito do trabalho desenvolvido por Carlos Gayer em Alfredo Chaves o fato de ter reunido as variedades antigas cultivadas na zona colonial e separando-as em linhagens puras. Estas linhagens, conhecidas como linhas Alfredo Chaves, serviram de base para a criação de muitas variedades de trigo que obtiveram êxito no Brasil e até mesmo no exterior. Ele defendia o princípio de que estas variedades, as quais chamou de "indígenas", deveriam ser o ponto de partida da seleção, bem como o material utilizado em futuros cruzamentos. E de fato isto aconteceu, em 1925, com a vinda para Alfredo Chaves do geneticista sueco Ivar Beckman, contratado pelo governo brasileiro com base na indicação feita pelo professor Herman Nilsson-Ehle do renomado Instituto Svalöf da Suécia.

Quando deixou a estação de Alfredo Chaves, em 1924, Carlos Gayer apresentou um relatório contendo os resultados dos cinco anos de trabalho, 1920 a 1924. Neste, fez uma descrição detalhada de 160 variedades de trigo, de 32 tipos de cevada, de 10 variedades de aveia e de 2 centeios selecionados naquela estação experimental.

Carlos Gayer e seus irmãos se mudaram para Itapetininga, São Paulo, em 1925. Tinham por missão fundar uma estação experimental e de seleção de sementes anexa à fazenda modelo "Marianov". Na estação de Itapetininga, Carlos Gayer trabalhou de 1925 a 1930. Depois passou para o Departamento de Fomento da Produção Vegetal, Seção de Cereais e Diversos, da Secretária da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo. Neste Departamento, incentivou o cultivo de trigo e de outros cereais de inverno em São Paulo, escrevendo diversos textos sobre instruções práticas de cultivo. Baseando-se na sua experiência no Sul do Brasil, 1913 a 1924, e em Itapetininga, 1925 a 1930, foi sempre um entusiasta da cultura de trigo no Brasil.

Data : 31/01/2014

Título : Cartola e a neurobiologia vegetal

Categoria: Artigos

Descrição: Quando Angenor de Oliveira, o monumental compositor e poeta Cartola, escreveu em 1975 a antológica letra de "As Rosas Não Falam"...

por Gilberto Cunha

Quando Angenor de Oliveira, o monumental compositor e poeta Cartola, escreveu em 1975 a antológica letra de "As Rosas Não Falam", talvez não imaginasse que os versos "...Queixo-me às rosas / mas que bobagem, as rosas não falam / simplesmente as rosas exalam / o perfume que roubam de ti..." estivessem plenamente sintonizados com uma discussão acadêmica iniciada em 1973, com o lançamento nos EUA do livro de Peter Tompkins e Christopher Bird, "A vida secreta das plantas". Ainda que a obra de Tompkins e Bird seja considerada um embuste científico ou uma peça de pseudociência, sua argumentação levantou questionamentos que se estendem até os nossos dias: afinal, os vegetais são seres inteligentes? A neurobiologia vegetal é necessária para explicar a sinalização entre plantas e o comportamento dessas em função do ambiente? As plantas são inteligentes ou os estudos que dão sustentação a esses achados são estúpidos?

Evidentemente que as respostas dependem do que se entende por inteligência vegetal. O que não nos serve é a antropomorfização dos vegetais, por mais tentador que isso seja. O conceito de inteligência, neste caso, tem que ser

pensado de forma não ortodoxa. Ninguém ignora que as plantas não possuem sistema nervoso central e nem cérebro para processar informações nos moldes que fazem os animais (especialmente os humanos).

Em nossas memórias, há de tudo um pouco. Desde bons, hilariantes, dramáticos, até maus momentos vividos. A tal ponto de um mero sabor ou aroma desencadear toda sorte de lembranças (vide as madeleines de Proust) e nos transportar no tempo e no espaço. Os vegetais, obviamente, não têm memórias como as nossas, que são formadas a partir de codificação de informações, seguida de armazenamento no cérebro e, posteriormente, podem ser recuperadas, com toda gama de nuances emocionais tipicamente humanas. Todavia, as plantas também podem reter eventos do passado – os fenômenos de aclimação e vernalização de sementes, além da memória transgeracional, sem alteração no DNA, que é atribuída à epigenética, são exemplos – e, tal qual nós, humanos, recuperar a informação para ser usada no futuro.

A sinalização elétrica entre neurônios é essencial para a formação da memória, armazenamento e recuperação de informação. E nisso, pela existência de gradientes eletroquímicos entre células e a presença nos vegetais de substâncias que nos animais atuam como neurotransmissores (caso do glutamato), é que reside tanto o pleito dos que advogam a existência de uma memória vegetal, portanto de uma atuação consciente e inteligente, quanto a visão dos críticos que defendem como desnecessárias essas expressões, não passando os domínios da neurobiologia vegetal de analogias superficiais e extrapolações questionáveis.

Entre os defensores da “inteligência vegetal” destacam-se aqueles que entendem a expressão como uma propriedade biológica inerente à vida, que é emergente de interações celulares e de redes de comunicação. Outros advogam a favor da neurobiologia vegetal como uma visão integrada da sinalização entre plantas, a partir da habilidade intrínseca para processar informação recebida de estímulos bióticos e abióticos, que condicionam a melhor atuação futura (comportamento) para a planta em dado ambiente.

A experiência sensorial das plantas, ainda que guarde semelhança com certos atributos da mente humana, é diferente da nossa e dos outros animais. É a emoção, não a racionalidade como muitos supõem, que nos diferencia dos outros seres vivos, inclusive potencializando a nossa dor, que é algo que as plantas não sentem, por não terem cérebro e nem córtex pré-frontal.

A principal questão nesse debate, como bem frisou Daniel Chamoviz, no epílogo do seu livro “What a plant knows”, publicado em 2012, não é se os vegetais são inteligentes ou não, mas sim se as plantas são conscientes ou estão alertas para as flutuações que ocorrem no meio em que vivem. E a resposta é essa: sim, SÃO conscientes e ESTÃO sintonizadas com o ambiente ao seu redor, podendo, inclusive, modificar sua fisiologia com base em suas “memórias”.

Quanto aos versos do Cartola, o poeta da Estação Primeira de Mangueira estava parcialmente certo, pois queixar-se às rosas pode ser bobagem, mas não porque elas não falam e sim porque elas são surdas.

Do Jornal

Data : 21/12/2018

Título : Casamento e morte

Categoria: Artigos

Penitencie-se, caso você, quando aquele seu vizinho, casado, meia idade e sem nenhuma doença grave, subitamente morreu, tenha se alvoroçado a tecer comentários do tipo: também, andava exagerando no torresminho. Bebia dia sim e outro também. Não refugava um chope com os amigos. E uísque então, eram doses industriais. Café, só bebia se fosse Irish Coffee. Devagar com essas conclusões apressadas! Um artigo recentemente disponibilizado pelo The American Journal of Cardiology (Am. J. Cardiol. 2019, 123:7-11), Marriage Dissatisfaction and Risk of Sudden Cardiac Death Among Men, lançou luzes sobre esse tipo de acontecimento que pode ter vitimado o seu vizinho, ao atribuir a “insatisfação/infelicidade” no casamento como a principal causa de morte cardíaca súbita entre os homens de meia idade.

Um grupo de pesquisadores da Finlândia e do Reino Unido assina o referido artigo, que reporta o resultado de uma pesquisa realizada com 2262 homens finlandeses, casados, com idade entre 42 e 60 anos, que, entre 1984 e 1989, se submeteram a um protocolo de estudo, aferindo, entre outras coisas, o nível de satisfação no casamento, numa escala que ia do muito satisfeito, passando pelo apenas satisfeito, até os graus de insatisfeito e muito insatisfeito; tendo sido o grupo acompanhado pelos próximos 26 anos. Nesse interim, 239 membros que morreram foram diagnosticados, inequivocamente, como casos de morte cardíaca súbita.

Estima-se que, entre 4 e 5 milhões de pessoas, no mundo, anualmente, são vitimadas por morte cardíaca súbita. No estudo realizado na Finlândia, 896 homens integravam o grupo dos muito satisfeitos (39,6%), 1249 o dos satisfeitos (55,2%) e 117 o grupo unificado insatisfeitos e muito insatisfeitos (5,2%). Os diagnósticos de morte cardíaca súbita, enquadraram-se, nos respectivos grupos, em 78, 146 e 15, que, em termos relativos, correspondem a 8,7%, 11,7% e 12,8%. Ou seja, em uma interpretação empírica superficial, tem-se, para cada 100 homens, que, enquanto morrem 9 do grupo dos muito satisfeitos no casamento, contabilizam-se 13 mortes entre os insatisfeitos. E que não basta

estar apenas satisfeito, tem que se estar muito satisfeito no casamento, para diminuir o risco de morte.

Evidentemente, os resultados e a discussão do aludido artigo são mais robustos do que até aqui expomos rasamente. Os autores concluíram que o risco de morte cardíaca súbita no grupo dos homens insatisfeitos é 86% maior do que no grupo dos muito satisfeitos no casamento. E considerando que algum elemento de insatisfação pode existir no grupo dos que estão apenas satisfeitos, combinando-os com os insatisfeitos, esse risco é incrementado em 43%. A conclusão principal do estudo é que, independentemente de outros fatores de riscos cardiovasculares, a insatisfação no casamento está associada com o aumento do risco de morte cardíaca súbita entre os homens de meia idade. Talvez, faltou dizer que essa insatisfação no casamento pode levar, pelos conflitos do dia a dia, a um maior consumo de álcool, a estresses diversos que podem afetar o sistema nervoso, ao desleixo com a saúde física, ao uso de antidepressivos etc., que, direta ou indiretamente, podem ter influído nessas mortes.

A sensação é que estudos como esse publicado no The American Journal of Cardiology são realizados apenas para confirmar piadas velhas. Com o devido pedido de perdão antecipado, pelo tom machista, segue a história do cidadão que, preocupado com o resultado de exames cardiovasculares que realizara, procura um médico e, durante a anamnese, o doutor pergunta se ele bebe. O sujeito diz que não. O médico recomenda que ele beba, mas com moderação, que um pouco de álcool ajuda a relaxar. Depois, prossegue o doutor, se ele trabalha muito. Diante da resposta, recomenda que ele, se possível, trabalhe um pouco menos, preferencialmente apenas naquilo que gosta de fazer. E por fim, se ele tem mulher chata. E, nesse ponto, o médico é taxativo: se tem mulher chata, separa logo, pois o que mata mesmo é mulher chata. Bingo!

Data : 13/06/2014

Título : Celebração aos lugares-comuns na ciência

Categoria: Artigos

Descrição: Stephen Jay Gould (1941-2002), o laureado paleontologista e curador da coleção de invertebrados do Museu de Zoologia Comparada da Universidade Harvard...

Sexta-Feira, 13/06/2014 às 07:49, por Gilberto Cunha

Stephen Jay Gould (1941-2002), o laureado paleontologista e curador da coleção de invertebrados do Museu de Zoologia Comparada da Universidade Harvard, em um dos tantos monumentais ensaios de popularização da ciência que escreveu (Quatro metáforas em três gerações), destacou que, quando da sua primeira viagem à Grécia, sentiu-se extasiado diante do que supôs ser a terra da celebração ao vocabulário básico usado pela comunidade científica.

Disse, valendo-se da sua fina ironia judaica, que, ao ver pelas ruas de Atenas, tantas pessoas paradas diante de placas com a palavra “estase” (stasis) imaginou que a Grécia inteira resolvera prestar um tributo à teoria do equilíbrio pontuado (ou equilíbrio interrompido), que está embasada no que ele e Niles Eldrege chamaram de “estase”, em referência à falta de mudanças substanciais durante a história geológica da maioria das espécies. Depois, ao ver que, um após o outro, veículos retangulares cheios e gente estacionavam diante dessas placas e logo em seguida partiam, entendeu que elas indicavam apenas os pontos de parada de ônibus. Fica evidente que usar “estase” no lugar de “estabilidade” é mais elegante no vocabulário científico.

Também, frisou Stephen Jay Gould, despertou-lhe a curiosidade entender por que os terminais domésticos dos aeroportos gregos são denominados de “esoteriki”. Afinal, as coisas esotéricas são em geral estranhas e obscuras, prestando-se, a primeira vista, nesse caso, mais para indicar os pontos de entrada de passageiros estrangeiros no terminal internacional, que propriamente para uso em âmbito interno. Mas, por outro lado, admitindo-se que esotérico passou a significar obscuro porque a palavra acabou sendo usada para designar informações transmitidas apenas aos membros iniciados de um círculo restrito, cujos conteúdos eram ininteligíveis para os demais, a perspectiva muda radicalmente. Ou seja, tomando-se “eso” com o significado de “para dentro” ou “interior” em grego, faz sentido chamar de “esoterik” os terminais de aeroportos que são restritos aos voos domésticos. Os gregos sabiam o que estavam fazendo.

Entre as figuras de linguagem usadas pela comunidade científica, destacam-se as metáforas. E nesse particular foi um caminhão de mudanças, com a inscrição “metaphora” nas laterais, que suscitou a reflexão de Stephen Jay Gould sobre essa expressão.

Etimologicamente, “phor” é o verbo transportar e “meta” um prefixo que significa “mudança de lugar, ordem, condição ou natureza”. Sem dúvida, um caminhão de mudanças, que nos ajuda a transportar algo de um lugar para outro, mudando a ordem das coisas, é uma metáfora. Na verdade, na Grécia, todos os tipos de veículos são metáforas, inclusive os carrinhos usados para transporte de bagagens nos aeroportos ou compras em supermercados. Uma metáfora, como figura de linguagem, transporta-nos de um objeto ou assunto, que pode ser de difícil entendimento, para outro mais acessível, que permite, por analogia, uma compreensão mais fácil da relação original.

Em biologia abundam metáforas. Algumas facilmente perceptíveis e outras nem tanto. São exemplos: a Autopoiese, de Maturana e Varela, a Teoria de Gaia, de James Lovelock, e a Hipótese da Rainha Vermelha, de Leigh van Valen.

Há que se ter certa parcimônia no uso de metáforas na ciência. O excesso e a banalização, em vez de ajudar na compreensão, podem dar ares de ficção em coisas que deveriam ser tomadas como verdadeiras e reais. Nesse sentido,

Charles Darwin é exemplo de bom uso comedido de metáforas, ainda que sejam presenças marcantes na sua obra magna, “A origem das espécies”, de 1859.

Darwin escreveu “A origem das espécies” como uma obra de caráter geral, para um público abrangente, e não como um tratado técnico para cientistas. O livro de Darwin, especialmente pelo fato de o tempo geológico não ser passível de uso na experimentação direta, é um longo discurso retórico de persuasão pela teoria da seleção natural, dedicado a refutar as objeções e a defender as evidências da evolução. O argumento central de Darwin baseia-se em analogias, não em evidências diretas. Charles Darwin empregou todos os recursos literários ao seu dispor, incluindo belas metáforas, para levar adiante seu único propósito: produzir “um longo argumento” em prol da evolução; como bem destacou Stephen Jay Gould.

Data : 30/06/2017

Título : Centenário do CECAT

Categoria: Artigos

Descrição: Edegar da Silva, técnico agrícola e jornalista, escreveu o livro “Centenário do CECAT”.

Edegar da Silva, técnico agrícola e jornalista, escreveu o livro “Centenário do CECAT”. A obra, recentemente lançada com o apoio da Associação dos Ex-Alunos da Escola Técnica de Agricultura, a ETA, conta a história, desde a fundação até os dias atuais, do Centro dos Estudantes dos Cursos Agro-Técnicos (CECAT) do famoso educandário agrícola de Viamão.

Em 58 páginas, Edegar da Silva reprisou, detalhadamente e com farta documentação fotográfica, a trajetória de um século da agremiação. No que tange às origens do CECAT, usou como referencia o livro magistral do professor Mozart Pereira Soares, publicado em 1997 (ETA: Escola Técnica de Agricultura João Simplício Alves de Carvalho. Porto Alegre: AGE, 1997, 218 p.). Mas, revestiu-se de originalidade e assumiu papel de fonte primária, a partir da documentação do processo de reconstrução da sede do centro estudantil, que foi entregue remodelada em 25 de setembro de 2016 (no marco das comemorações dos 100 anos da instituição, cumpridos em 28 de setembro de 2016) e, especialmente, pelo relato feito do episódio de intervenção no CECAT, ocorrido em abril 1971.

Eram tempos difíceis os anos 1970. Ocupava a direção da escola o professor José Wilson Pacheco de Souza, o “Tio Virso”; como era chamado, discretamente e, até, digamos, de forma carinhosa, pelos alunos. A partir de um embate, que começou no ano anterior, entre os alunos, que se diziam injustamente acusados de mordomias pelo Tio Virso, por receberem bolsas de estudo pagas pelo

Governo do Estado, deu-se o imbróglio. A direção do CECAT cobrou esclarecimentos. A direção da ETA foi insensível ao apelo. Chegou o final do ano e uma Nota Oficial de Esclarecimento, assinada pelo presidente do CECAT, Belo Faustino dos Santos, e pelo secretário-geral, Sérgio Santini, foi publicada na prestimosa coluna Hilário Honório, de responsabilidade jornalista Adail Borges Fortes da Silva, no jornal Folha da Tarde, da Cia. Jornalística Caldas Júnior, de Porto Alegre. Paralelamente, os estudantes decidiram que não efetivariam matrícula, sem a retratação da direção da ETA. E assim se deu. Em 1971, na volta das férias, todos os alunos, com exceção de um, se postaram na frente da Secretaria da Escola. O diretor ameaçou os estudantes com a Lei de Segurança Nacional. O temido DOPS foi chamado. O presidente e o secretário-geral do CECAT fugiram e foram se abrigar na sede da UGES – União Gaúcha dos Estudantes Secundários, em Porto Alegre. Três meses depois foram eleitos presidente e diretor da UGES.

O episódio não acabou bem para diretoria do CECAT, pois, além da expulsão da escola do presidente, Belo Faustino dos Santos, e do secretário-geral, Sérgio Santini, toda a equipe foi deposta e empossada uma diretoria tampão, indicada pela direção da ETA, em abril de 1971. Edegar da Silva, o autor do livro, na ocasião era o diretor do Departamento de Imprensa e Publicidade do CECAT. Foi ele que levou o manifesto dos estudantes até Porto Alegre e entregou ao jornalista Adail Borges Fortes da Silva, que publicou na influente coluna política que assinava sob o pseudônimo Hilário Honório, na Folha da Tarde. Impedido de participar de qualquer atividade política estudantil, Edegar da Silva foi eleito presidente da Cooperativa Mixta dos Estudantes da ETA. Mas, esse caso, também não terminaria bem para a direção da ETA. As repercussões do ocorrido, a partir da Folha da Tarde, o exagero do enquadramento do episódio como ato subversivo, atestando bem o clima vivido no Brasil dos anos 1970, após novas averiguações, levaram à substituição do diretor José Wilson Pacheco de Souza.

Edegar da Silva, ao escrever esse livro, fez cumprir a máxima “liberdade e responsabilidade”; usada pelo professor Mozart Pereira Soares, em 1997, para sintetizar a origem, a evolução e a finalidade do Centro dos Estudantes dos Cursos Agro-Técnicos (CECAT) da Escola Técnica de Agricultura (ETA), de Viamão/RS. Interessados na obra: associacao.aeta@gmail.com.

Data : 20/05/2011

Título : Certo e Errado

Categoria: Artigos

Descrição: Quando o Professor Elmar Luiz Floss, em sua coluna de O Nacional, sob o título “Desobediência civil ao dicionário”...

Certo e Errado

por Gilberto Cunha

Quando o Professor Elmar Luiz Floss, em sua coluna de O Nacional, sob o título “Desobediência civil ao dicionário”, publicada em 18 de abril do corrente, criticou, com muita propriedade, diga-se, o uso indevido da língua portuguesa, incluindo, entre os exemplos citados, o emprego da palavra “cultivar” nos meios agrônômicos, alguns dos seus ex-alunos, que hoje trabalham na Embrapa, se eriçaram, possivelmente, por não estarem sendo fieis aos ensinamentos do mestre – o cultivar -, em função de terem de seguir o Manual de Editoração da Empresa, que é muito claro: a palavra cultivar significa variedade cultivada, portanto é feminina.

Tem razão o professor Elmar. O Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, o VOLP, mantido sob responsabilidade da Academia Brasileira de Letras, também é claro: cultivar, no contexto botânico e agrônômico, é um substantivo masculino. O Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa é taxativo: cultivar, significando variedade de planta cultivada, é um substantivo masculino. Ele não usou, mas poderia ter se valido de Napoleão Mendes de Almeida; defensor da regra do infinitivo substantivado, em que, se tratando de substantivo formado do infinitivo de um verbo, deve ser visto como um vocábulo masculino.

No entanto, valendo-se de argumento de Lya Luft, há que se considerar que o conceito de “certo ou errado” em linguagem, assim como em muitas outras coisas na vida, depende da situação e do contexto sociocultural. Inclusive, deve pesar o fato de “cultivar” ser um neologismo como substantivo, vindo, como defendia o professor Édison de Oliveira, da expressão inglesa cultiv(ated) + var (iety), e portanto sendo uma palavra feminina. Essa mesma linha adota o “Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa”, que define “cultivar” com um substantivo feminino.

Estão bem acompanhados tanto os que defendem “o cultivar” (Elmar Floss, Antônio Houaiss, os imortais da ABL e Napoleão Mendes de Almeida) quanto os que adotam “a cultivar” (Manual de Editoração da Embrapa, Édison de Oliveira e Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, por exemplo). Eu prefiro “a cultivar” e não é pelo mero dever de obediência às normas da Embrapa, mas, antes de tudo, por seguir os ensinamentos do mestre Celso Pedro Luft, que no seu “ABC da Língua Culta”, assim meio como quem não quer nada, diz que, nesse caso de cultivar, como vindo do inglês cultivated variety, há certa vacilação no gênero e, tratando-se de variedade de planta, fica bem o feminino. É isso: fica bem o feminino.

Isso tem que ter fim!

Não ousou jogar o primeiro dicionário em ninguém. Até porque, ocupando esse espaço de O Nacional duas vezes por semana, em textos escritos sob pressão de fechamento das edições, cometo meus pecados e atentados contra a língua portuguesa, sendo alguns, inclusive, graves. Mas, nesses quase 22 anos de Passo Fundo, há uma expressão muito usada pelos nativos que precisaria ser banida do vocabulário dos passo-fundenses. Já ouvi de agrônomos, médicos,

biólogos, advogados, professores, estudantes universitários, jornalistas, etc., coisas como “menas plantas”, “menas água”, “menas doenças”, “menas toxinas”, “menas pessoas” e outros despautérios. Menos, quando usado como adjetivo, que modifica um substantivo, é invariável. Realmente, o uso do “menas” na Capital Nacional da Literatura é despropositado. Isso tem que ter fim!

OGMs

Que ninguém se surpreenda se numa próxima compra de algum salgadinho a base de milho, das marcas Cheetos e Fandangos, por exemplo, se deparar com a figura de um triângulo amarelo com a letra “T” no seu interior. Trata-se do símbolo de “transgênico”, que possivelmente acompanhará a frase “salgadinho de milho geneticamente modificado”. A PepsiCo/Elma Chips, detentora das marcas líderes no mercado, tomou a decisão diante da dificuldade de encontrar milho convencional no mercado brasileiro.

O Nacional

Sexta-Feira, 20/05/2011

Data : 16/05/2012

Título : Chuvas no sul do Brasil

Categoria: Artigos

Descrição: Em tempos de chuvas escassas no sul do Brasil e toda sorte de transtornos e prejuízos relacionados...

Chuvas no sul do Brasil

Quarta-Feira, 16/05/2012

por Gilberto Cunha

Em tempos de chuvas escassas no sul do Brasil e toda sorte de transtornos e prejuízos relacionados, sobram argumentos para justificar a influência das condições meteorológicas sobre os diversos segmentos da atividade humana. Nesse momento, são bem evidentes os efeitos de escassez (secas/estiagens) na agricultura, no gerenciamento de recursos hídricos, na necessidade de obras urbanas de saneamento básico e em diversas atividades de defesa civil. Em

outras ocasiões, se lida com catástrofes meteorológicas associadas com o excesso de chuvas. Assim, nada melhor que começarmos pelo entendimento do regime de chuvas no sul do Brasil e dos principais sistemas meteorológicos que dão origem aos eventos de precipitação pluvial.

O Rio Grande do Sul, em geral, tem boa distribuição de chuvas no tempo e no espaço. A precipitação normal anual média em todo o estado é da ordem de 1540 mm. Chove mais na metade do norte (acima da latitude de 30 °S), com totais anuais superiores a 1500 mm, do que na metade sul (abaixo de 30 °S), com totais anuais inferiores a 1500 mm. Passo Fundo, no norte do RS, tem uma quantidade normal anual de chuvas de 1788 mm.

Os mecanismos responsáveis pelas chuvas estão diretamente relacionados com os movimentos ascendentes de ar, que, por sua vez, estão associados a pressões atmosféricas baixas à superfície. Estas são causadas pelo aquecimento do ar em contato com a superfície, por sistemas atmosféricos dinâmicos ou por efeitos do relevo.

Os sistemas frontais destacam-se como os principais responsáveis pelas chuvas no RS. Em média, entre cinco e sete sistemas frontais atingem mensalmente o Estado. Em geral, com uma orientação sudoeste para nordeste sobre a América do Sul, podendo afetar tanto as regiões Sul e Sudeste como prosseguir até o Nordeste do Brasil.

Após a passagem dos sistemas frontais, em geral nos meses de inverno, há a entrada de massas de ar de origem polar, vindas do Pacífico Sul, que diminuem a temperatura, podendo, inclusive, ocorrer formação de geadas.

Há outros sistemas que contribuem para o regime de chuvas no RS, como os vórtices ciclônicos (baixa pressão em altos níveis) que chegam pela costa oeste da América do Sul, oriundos do Pacífico, atuando principalmente no período de primavera-verão. Também se destacam os aglomerados convectivos que se formam sobre o Paraguai e deslocam-se para o sul do Brasil, ocasionando chuvas fortes no oeste do RS, particularmente durante a primavera (em alguns anos dando origem às famosas enchentes de São Miguel).

O Rio Grande do Sul, pela sua posição geográfica, sofre a influência do gradiente norte-sul de temperatura no inverno. Esse fato, associado ao transporte de momento angular dos trópicos para as latitudes subtropicais, forma uma região de ventos fortes, entre 10 e 12 km de altura, denominada corrente de jato subtropical. A corrente de jato subtropical, orientada de noroeste para sudeste, impede o deslocamento dos sistemas frontais para nordeste, além de intensificar os que chegam à região, pela forte atividade convectiva. Esse é o mecanismo responsável pelas cheias no sul do Brasil, durante eventos quentes do fenômeno El Niño-Oscilação Sul (ENSO), em função de bloqueios no escoamento da atmosfera.

Climaticamente, também deve ser considerada a influência da Zona de Convergência do Atlântico Sul (ZCAS), correspondendo a uma faixa de nebulosidade convectiva orientada de noroeste para sudeste, que está diretamente associada à precipitação na Região Sul, no período de outubro a março.

O regime de chuvas no RS é determinado principalmente pela passagem de frentes frias sobre o estado. Todavia, durante os eventos quentes do fenômeno

ENOS (El Niño), a fonte de energia no Oceano Pacífico dá causa à formação de bloqueios na atmosfera, que mantêm as frentes frias sobre o Estado, ocasionando chuvas acima dos valores normais, especialmente na primavera. O episódio frio do fenômeno ENOS (La Niña) gera resposta inversa na atmosfera, ocasionando períodos de seca no sul do Brasil.

Felizmente, La Niña, componente oceânico do fenômeno ENOS, encerrou o seu ciclo. Todavia, ainda há uma defasagem de tempo para a mudança de padrão atmosférico. Assim, mudanças relevantes nas chuvas devem ser esperadas somente a partir do final de maio/começo de junho, quando se configurar climaticamente o inverno.

Do Jornal
O Nacional

Data : 29/11/2010

Título : Ciência e lucro

Categoria: Artigos

Descrição: Relatório da Unesco, usando como referência os anos 2002 e 2008, dá destaque que o Brasil, mesmo investido tanto quanto Espanha ou Itália ainda não atingiu o mesmo nível ...

Ciência e lucro

Relatório da Unesco, usando como referência os anos 2002 e 2008, dá destaque que o Brasil, mesmo investido tanto quanto Espanha ou Itália ainda não atingiu o mesmo nível de retorno desses países, considerando-se a conversão de gastos em resultados concretos. Ou seja, em inovação tecnológica de valor.

Indiscutivelmente, os números brasileiros em termos de indicadores relacionados com tecnologia, inovação e competitividade, deixam a sensação de uma base acadêmica bem estabelecida e forte. Em números (variáveis conforme a fonte): são 10 mil doutores titulados anualmente pelas universidades brasileiras, 16 mil artigos científicos (papers) publicados em revistas com processo de submissão de revisão pelos pares (13º país no mundo em publicações científicas) e com evidentes sinais de crescimento de empresas de pesquisa e desenvolvimento.

Então, por que o diagnóstico de dificuldade em transformação da pesquisa básica em tecnologia, que caracteriza um dos aspectos de fragilidade do Brasil

frente a outros países com investimento equivalente ou até inferior em ciência, tecnologia e inovação (C,T &I)?

Há quem diga que, no caso do Brasil, há uma concentração elevada de cientistas nas universidades e empresas públicas (75%), com um pequeno contingente apenas atuando na iniciativa privada. Outros atribuem também o fato de nossas universidades e seus programas de pós-graduação serem relativamente jovens, em comparação com outros países. Há que se dar um tempo. Todavia, temos exceções notáveis: agricultura e setor aeronáutico.

Cientistas improdutos

Comentando o assunto anteriormente referido, que havia sido veiculado em matéria da Folha de SP (10/11), Rubens Marschalek, pesquisador da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), chama atenção para um tema delicado e cheio de controvérsias na comunidade científica brasileira e internacional: os que transformam ciência em lucro não são valorizados pelo sistema de financiamento de pesquisa, segundo ele. A avaliação, em geral, acaba rotulando muitos dos que trabalham buscando soluções tecnológicas de “improdutos”. A revolta de Rubens Marschalek é contra o que ele chama de comparação injusta, entre professores e pesquisadores, levando-se em consideração, muitas vezes, apenas número de publicações (embora a qualidade também seja avaliada, pelo grau Qualis e pelo fator de impacto). Nessa comparação, especialmente nas ciências agrárias, no caso dele, que trabalha com melhoramento genético de arroz, levando 12 anos para obter um cultivar, que pode render um artigo apenas, não há como competir com os meios acadêmicos universitários e outras áreas que geram resultados mais rapidamente. A natureza das pesquisas e das instituições impede o equilíbrio na competição que ora vem sendo desencadeada no sistema de financiamento de CT&I no Brasil. <http://www.jornaldaciencia.org.br>) Jubileu de formatura

A Associação dos Antigos Alunos (AAA) e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) promoveram nessa sexta-feira (26) a cerimônia de Jubileu de Formatura dos graduados na instituição nos anos de 1950, 1960 e 1985. Como envolve todos os cursos da instituição, é bem provável que o número de egressos dessas turmas da UFRGS em Passo Fundo seja elevado.

Da turma de Agronomia da UFRGS de 1985, profissionalmente atuando em Passo Fundo, podemos encontrar o Professor Pedro Alexandre Varella Escosteguy, na UPF, e os pesquisadores Leila Maria Costamilan e Gilberto Cunha, na Embrapa. Contatos com a AAA: (51) 3061-7448 e/ou aaa@orion.ufrgs.br

Teorias

Sobre teorias, Jorge Luiz Borges disse que o melhor é não teorizar, porque logo aparecem exemplos ilustres só pra nos contradizer. Ainda acrescentou, que todas as teorias são legítimas e nenhuma importa. O relevante é o que se faz com elas.

Suicidas

Faço minhas as palavras de Borges: “O suicídio não me parece um mal; ao contrário, seria conveniente que muito mais gente se suicidasse.”

Do Jornal
O Nacional
29 de Novembro de 2010

Data : 28/09/2018

Título : Ciência e salsichas

Categoria: Artigos

Há uma crise de falta de reprodutibilidade nos resultados de artigos científicos que são publicados em renomadas revistas de circulação internacional. Eis uma particularidade que afeta diretamente a confiabilidade da produção acadêmica baseada em evidências, que é dominante nas chamadas ciências empíricas (ou experimentais, se preferirem), entre as quais se incluem as agrárias e as da saúde. Essa temática mereceu destaque especial na edição de 21 de setembro de 2018 da prestimosa revista Science. Felizmente há saída para essa crise, mas, por envolver mudanças de atitudes, institucionais e pessoais, e lidar diretamente com conflito de interesses corporativos, não se pode dizer que é algo fácil.

Entre as razões que contribuem para agravar o problema identificado, incluem-se as fraudes científicas, que, frise-se, não são majoritárias, os conflitos de interesse, envolvendo desde prestígio pessoal até negociações econômicas vultosas, e, no meu entendimento, aquela que é a preponderante, uma vez que diz respeito, especificamente, à formação acadêmica deficiente dos nossos mestres e doutores, estimulada pela massificação produtivista de programas de pós-graduação no mundo, que orientados pelas métricas do publish or perish (publicar ou perecer), em alguns casos, não atentam minimamente para o manuseio responsável do método científico nos estudos que darão origem as suas dissertações, teses e publicações derivadas.

Sim, o problema dos resultados que não se confirmam pode começar com o uso inadequado do método científico. Isso ocorre quando, consciente ou inconscientemente, as hipóteses do trabalho, por exemplo, são formuladas depois que os dados experimentais foram gerados. Ou quando são feitas muitas análises estatísticas sobre o mesmo conjunto de dados, sendo reportadas apenas aquelas que apresentam significância estatística. Ou pior ainda, quando a análise, que deveria ter sido definida a priori, é terceirizada para um consultor, que entende de estatística, mas não do assunto, encontra um modelo para explicar os dados, independente do que fora delineado para responder com o

estudo. Coisas estúpidas podem ser feitas com aparente boas análises estatísticas, bastando, para isso, usar espaços amostrais pequenos e negligenciar o uso de técnicas multivariadas.

O problema de “hipotetizar” após os dados serem conhecidos pode ser corrigido com o registro antecipado do estudo e disponibilizar os dados originais (nada mais que seguir o projeto da pesquisa e adotar a filosofia open data), indicando o problema que vai ser estudado, qual é a hipótese que será testada e quais dados serão coletados e como serão analisados. Essa prática pode coibir o vício de que resultados negativos, geralmente, não são publicados.

Outra ferramenta bastante usada é a metanálise. Essa técnica foi criada por Gene Glass, em 1976, que a definiu como a análise de análises. Envolve uma revisão sistemática do conhecimento sobre determinado assunto, via o uso de resultados publicados em revistas supostamente de qualidade. As mais famosas metanálises da área da saúde são as produzidas pela Cochrane, uma multinacional sediada em Londres, que conta com equipe de especialistas e segue protocolos rígidos de trabalho, disponibilizando os seus produtos sobre evidências na famosa Cochrane Library. Mas nem as metanálises da Cochrane têm escapado do criticismo, uma vez que, pela inclusão e exclusão de trabalhos, pode-se condicionar as conclusões.

Exemplos de controvérsias não faltam, desde a relação entre o uso de antidepressivos e suicídio juvenil, produtos rotulados de orgânicos e saúde, campanhas de desverminação em massa e desenvolvimento/aprendizagem infantil e a recente sobre vacinação humana e HPV.

Enfim, a ciência, quando vista por dentro, nem sempre é tão rigorosa e objetiva quanto aparenta. E, contrariando o vaticínio de Sir Winston Churchill, nunca é demasiado saber como as salsichas são produzidas.

Data : 02/09/2011

Título : Ciência no Brasil – Quantidade X Qualidade

Categoria: Artigos

Descrição: Em artigo publicado na Folha de São Paulo, edição de 30 de agosto último, Rogério Meneghini, que é professor titular aposentado da USP...

Ciência no Brasil – Quantidade X Qualidade

por Gilberto Cunha

Em artigo publicado na Folha de São Paulo, edição de 30 de agosto último, Rogério Meneghini, que é professor titular aposentado da USP, coordenador científico do programa SciELO de revistas científicas e membro da Academia Brasileira de Ciências, retoma o tema da importância da publicação científica. Analisando a situação brasileira, destaca que apesar do País ocupar, conforme dados da Thomson-Reuters-ISI, a 13ª posição em número de artigos no mundo, estando relativamente bem em produtividade, vamos mal em qualidade, com 35ª posição no ranking das citações. Entre as causas, identifica o baixo nível de colaboração internacional nos artigos publicados por cientistas brasileiros e a falta de profissionalização do segmento editorial científico no Brasil. Nossos periódicos são publicados por sociedades e não por publishers; evidenciando uma gestão amadora e com poucos recursos. Para a mudança desse quadro, ele propõe: (1) profissionalizar a administração, por meio de publishers e de atuação na composição do corpo editorial com pesquisadores conceituados e ativos (não perfunctórios), remunerados e experientes internacionalmente; (2) adotar um modelo econômico em que os autores pagam para publicar seus artigos, com recursos provindos de seus projetos.

Negócio editorial

Casualmente (ou não), a edição do The Guardian, que circulou em Londres no dia anterior (29 de agosto), trouxe uma análise assinada por George Monbiot, que, em certos termos, se opõe à proposta de Rogério Meneghini. Na opinião de Monbiot, as editoras transformaram as publicações científicas em um negócio lucrativo. Há nesse segmento uma espécie de monopólio, com a Elsevier, Springer e Willey, donas dos títulos de maior impacto, abarcando 42% dos artigos científicos publicados. Ele não concorda que os artigos publicados por eles tenham sido, muitas vezes, gerados com financiamento público, desde o projeto até o salário dos cientistas, e que essa mesma sociedade tenha de pagar novamente para ter acesso aos resultados. Advoga o “open-access” para artigos derivados de pesquisas financiadas com recursos de fundos governamentais/públicos.

Envelhecimento - Livro

Nessa segunda-feira (5), às 14h, na sede da Academia Passo-Fundense de Letras (Av. Brasil, 792 –Centro), ocorrerá o lançamento do livro “Um caminho para o envelhecimento em Passo Fundo”, de Agostinho Both, Marilene Rodrigues Portella, Nathalia Sabino Ribas e Pia Elena Borowski. A obra, que é considerada pelos organizadores como o “Livro Histórico” do Departamento de Atenção à Terceira Idade (DATI), da Coordenadoria de Atenção ao Idoso (CATI/SENCAS), reforça o meritório trabalho de um grupo de pessoas abnegadas pelo tema, que, silenciosamente ou nem tanto, consolidaram Passo Fundo como referência, acadêmica e prática, na área do envelhecimento humano.

Ziraldo - Orgânicos

São boatos as notícias que rodam pelas mídias sociais alertando que a cartilha "O Olho do Consumidor", produzida pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), com arte do Ziraldo, para divulgar a criação do selo do SISORG (Sistema Brasileiro de Avaliação de Conformidade Orgânica), teria sido, por pressão dos representantes da Câmara Temática dos Insumos, proibida de circular. Essa cartilha foi criada para orientar o consumidor e serve para padronizar, identificar e valorizar os produtos orgânicos. A obra continua sendo distribuída e pode ser encontrada no site do MAPA: <http://www.agricultura.gov.br/desenvolvimento-sustentavel/organicos/publicacoes>.

Bolsa DTI-3/CNPq

A Professora Betina Blochtein, da Faculdade de Biociências da PUCRS, está divulgando a oportunidade de Bolsa DTI -3/CNPq, para graduados em Ciências Biológicas ou Agronomia que queiram atuar na "Rede Brasileira para Polinização da Canola". Contato, com manifestação de interesse e indicação para acesso ao currículo Lattes/CNPq, deve ser realizado via o e-mail betinabl@pucrs.br.

Segunda-feira (5), às 14h, na sede da Academia Passo-Fundense de Letras, acontece o lançamento do livro *Um caminho para o envelhecimento em Passo Fundo*.

O Nacional

Sexta-Feira, 02/09/2011

Data : 25/07/2010

Título : Ciência versus religião

Categoria: Artigos

Descrição: Recebi um e-mail muito especial da artista plástica passo-fundense, Liciane Toaza Duda Bonatto, referente à coluna que escrevi na última quinta-feira, na página 14 de O Nacional...

Ciência versus religião - o debate continua

por Gilberto Cunha

Recebi um e-mail muito especial da artista plástica passo-fundense, Liciane Toaza Duda Bonatto, referente à coluna que escrevi na última quinta-feira, na página 14 de O Nacional, sobre o aparente conflito entre ciência e religião. Liciane, por sinal, foi, durante os muitos anos que trabalhou na Embrapa, uma amiga querida e talentosa artista, destacando-se em modalidades diversas

(pintura, poesia, fotografia e música), além de ser dona de uma sensibilidade singular. Reproduzo, parcialmente, o e-mail da Liciane, por contemplar nuances do tema que não tratei e sequer fui capaz de perceber. Eis o texto da Liciane:

"Dr. Gilberto,

Que teríamos eu e você em comum com aquele cãozinho que nos espreita sorrateiramente ou aquela planta em cujo caule desce mansamente um caracol?

Tudo a ver, somos feitos da mesma massa apenas com um arranjo diferente, só que somos seres humanos, portanto inferiores, apesar de nos acharmos os superiores da criação ou da evolução.

Somos inferiores porque precisamos fazer muitas coisas:

- aprender - faculdade, mestrado, doutorado...
- transformar coisas (ambientes, objetos...)
- trocar de roupa - verão, inverno...
- inventar novos pratos na culinária
- trabalhar para viver
- pagar toda espécie de impostos
- cuidar para que outro ser humano não nos tire o tapete.
- etc. etc.

E prossegue ela:

"As plantas e os animais, chamados irracionais por nós, não precisam de nada disso para viverem.

Simplemente lhes é a natureza o suficiente.

O que seria a evolução. Evoluir é melhorar? Ou evoluir é mudar códigos genéticos? Pra que será que serve a evolução se o ser humano continua igual, lutando para sobreviver desde os tempos das cavernas, é feliz porque caçou o seu almoço ou é feliz por que já desvendou muitos DNAs.

Para que mesmo que serve a evolução?

Dr. Gilberto, gostei do seu artigo "O debate ciência versus religião". Parece que as plantas e os outros animais não escrevem nem leem e eles são belos assim mesmo.

Um abraço,

Liciane"

Revolução darwiniana

A humanidade é o componente que tem em comum todas as grandes revoluções científicas, segundo Sigmund Freud. E, prossequindo com Freud, as grandes revoluções são aquelas que derrubam pedestais, especialmente os que dão

sustentação à nossa arrogância cósmica. As duas principais rupturas foram, sem dúvida, a mudança da visão de um universo geocêntrico para um novo modo de ver o universo como heliocêntrico (graças a Copérnico e Galileu), seguida da teoria da evolução de Darwin, que tirou do homem o privilégio de ter sido especialmente criado, relegando-o a não mais que um mero descendente do mundo animal. Todavia, com a insinuação freudiana de que a descoberta e elucidação do inconsciente, desbancaria mais um pedestal, ao pôr a nu a nossa crença na racionalidade da mente. Enquanto, cientificamente, avançamos nos mais distintos ramos do conhecimento, a julgar pelas opiniões e posições extremadas de alguns defensores do criacionismo e intérpretes literais dos textos bíblicos, tenho minhas dúvidas se que, em prazo curto pelo menos, conseguiremos concluir a revolução iniciada por Charles Darwin.

Reunião da Comissão Brasileira de Pesquisa de Trigo e Triticale

Começa na próxima segunda-feira (26), e se estende até quinta-feira (29), a IV Reunião da Comissão Brasileira de Pesquisa de Trigo e Triticale, que acontece na cidade de Cascavel/PR. O evento é uma promoção da Cooperativa Central de Pesquisa Agrícola - Coodetec e reúne as instituições de pesquisa de trigo e/ou triticale, além de representações dos demais segmentos da cadeia produtiva que apoiam o cultivo destes cereais no Brasil. A palestra de abertura, sobre o tema Política agrícola para o agronegócio do trigo no Brasil, ficará a cargo do ex-ministro Reinhold Stephanes.

Passo Fundo, por meio da Embrapa, da OR Semente e Biotrigo, da Fundação Pró-Sementes de Apoio à Pesquisa, da Apassul, da UPF etc., deverá ter uma representação significativa no principal encontro brasileiro da cadeia do trigo e do triticale.

O Nacional

Domingo, 25/07/2010

Data : 17/03/2017

Título : Clima e identidade nacional

Categoria: Artigos

A influência do clima na formação da identidade de uma nação é o tema do livro "Snow in America", de Bernard Mergen, publicado pela Smithsonian Institution Press, em 1997. É evidente, pelo título, que trata da formação da identidade nacional dos Estados Unidos da América (EUA). Porém a sua base conceitual é

aplicável para outros países ou, até mesmo, para regiões dentro de um país, incluindo o nosso tropical Brasil.

Desde a colonização, os EUA foram identificados como um país com as estações do ano claramente definidas. E a característica marcante do inverno era a neve, que ocorria em quantidade maior do que na Europa, de onde vieram os colonizadores britânicos. Sobreviver ao rigor do inverno era, para os colonizadores, um sinal de superioridade física e moral. Assim, a neve se constituiu em um referencial do inverno na sociedade americana. Thomas Jefferson, em suas notas sobre o estado de Virginia, manifestou-se em relação aos invernos, que estariam ficando mais quentes e com menos neve. Escreveu ele, em 1782: “nevascas são menos frequentes e menos profundas”. Também o dicionarista Noah Webster expressou o seu amor à neve na edição de 1828 do “American Dictionary of the English Language”. Concluiu a definição da palavra neve (“snow”) com a seguinte observação: “quando não há vento, os cristais caem em flocos ou em conjuntos que não se quebram, sendo, às vezes, extremamente bonitos”.

O culto americano à neve acentuou-se no século 19. Em 1834, a revista *People’s Almanac* trouxe a público o drama de Elizabeth Woodcock. Em 1799, durante uma viagem a cavalo entre Cambridge e Impington, Massachusetts, ela ficou presa na neve. Após oito dias na neve, ela foi resgatada. Seus pés tiveram de ser amputados e cinco meses depois ela morria. O infortúnio de Elizabeth motivou o mito da mulher congelada presa na neve. Músicas, poesias, pinturas retratavam o drama da mãe na tempestade de neve. Em algumas versões, mãe e filho morriam. Em outras, a criança era resgatada com vida.

E assim, ao longo do tempo, o surgimento de jogos de “guerra” com bolas de neve, brincadeiras envolvendo a construção de bonecos de neve e a cultura da limpeza da neve acumulada nas calçadas em frente às casas ajudaram a criar uma nova identidade nacional para os americanos, que não está baseada unicamente na sua realidade social e política, mas também na natureza. No inverno, a estrela maior é a neve. E o setor de turismo americano capitaliza isso muito bem. O natal com neve, em Nova York, atrai pessoas do mundo todo, por exemplo.

O Brasil também tem a sua identidade climática. E ela está ligada aos trópicos – sol e calor. Praias ensolaradas, Rio de Janeiro, alguns estados nordestinos e floresta equatorial (“rain forest”), Amazônia, são caracterizadores do nosso País no exterior. A corrente do determinismo geográfico, hoje ultrapassada, nos identificou com a chamada “preguiça tropical”. A falta de desafios impostos pelo meio físico forjaria um tipo humano acomodado. Mário de Andrade, com Macunaíma (o herói sem nenhum caráter) e sua clássica fala “Ai que preguiça!”, personifica bem esse mito.

Todavia, o Brasil é territorialmente muito grande. Possui diversidade de tipos climáticos. O Rio Grande do Sul, por exemplo, já faz algum tempo, por meio de campanhas publicitárias, buscou identificar-se com o frio. O objetivo foi o desenvolvimento de um turismo de inverno, enquanto o resto de País explora, e bem, o verão. A serra gaúcha, pelo setor de turismo, busca essa identificação regional para a sua sustentabilidade econômica, inequivocamente. Todavia, a criação de uma identidade baseada no clima não acontece em curto prazo, frise-se.

Por enquanto, ainda temos de lutar com a nossa identificação nacional, que, aos olhos do mundo, é de um país tropical – sol, praia, índios, carnaval e futebol – com um tipo humano acomodado pelo meio. Aliás, vale refletir, quem foi à Bahia e não voltou com a sensação de que lá não há pressa?

Data : 24/02/2011

Título : Clima e literatura

Categoria: Artigos

Descrição: Tem razão Jorge Luis Borges quando destaca que devemos abstrair a conotação sexual da palavra imoralidade, principalmente em literatura (Sur, Buenos Aires, Ano XIV, Nº 126, abril de 1945). E mais razão ainda ao reforçar que talvez não existam livros imorais (mesmo que algumas publicações sejam imorais na execução e na intenção), embora haja leituras que, claramente...

Clima e literatura

Tem razão Jorge Luis Borges quando destaca que devemos abstrair a conotação sexual da palavra imoralidade, principalmente em literatura (Sur, Buenos Aires, Ano XIV, Nº 126, abril de 1945). E mais razão ainda ao reforçar que talvez não existam livros imorais (mesmo que algumas publicações sejam imorais na execução e na intenção), embora haja leituras que, claramente, o são. Como exemplo, ele cita Martín Fierro, escrito para demonstrar que o exército converte os homens do campo em vagabundos e foragidos, mas que pode ser lido de forma imoral por quem, naqueles versos, busca apenas os prazeres da crueldade e o sentimentalismo dos canalhas e suas bravatas. Indo um pouco além, Borges destaca que, nas letras, mais imoral que fomentar a lascívia é fomentar o servilismo e a estultice.

Um personagem literário é mera sucessão de palavras. Um conjunto de signos em que, apesar do aspecto fictício, se pode encontrar identificação de comportamento com os chamados “seres reais”. E, sendo assim, existindo seres reais que são bons e outros que são maus, o juízo moral do autor tem pouca importância, uma vez que a sua opinião não é capaz de modificá-los. O que vale para o humano também é verdadeiro para o meio físico. E muito mais para o relacionamento homem e ambiente.

Em algumas obras literárias, o relacionamento entre clima e sociedade é bem claro. Por meio de leituras indiretas se percebe a força que o clima exerce sobre as sociedades humanas. O papel do clima na literatura se manifesta desde a antiguidade. Está presente nas fábulas e nas primeiras epopéias, intensificando-se nos romances do período moderno.

Com a popularização do romance, no século XIX, a influência do clima na literatura se tornou mais evidente. Os escritores passaram a se preocupar em “inventar” histórias cada vez mais parecidas com a realidade. Para conseguir esse intento, alguns chegavam a mudar-se para os locais onde ambientariam os seus enredos. O estudo do clima passou a ser levado muito a sério pelos ficcionistas. Portanto, não é sem razão que, em muitas obras literárias, apesar dos traços ficcionais, pode-se encontrar descrições bastante detalhadas e altamente realistas da influência do ambiente (particularmente os extremos da variabilidade climática) sobre as relações sociais.

As questões sobre clima e sociedade são retratadas em algumas obras literárias bem conhecidas. Podemos começar por uma fábula de Esopo, escravo grego que viveu no século VI antes de Cristo, com a história sobre a cigarra e a formiga (“cantavas no verão, dança agora no inverno”), passar pela obra magna de Camões, *Os Lusíadas*, e se concentrar em clássicos da literatura brasileira.

As duas passagens mais conhecidas de *Os Lusíadas* estão, no Canto Terceiro, estrofes 118 a 135, que narram a morte de Inês de Castro, amante do príncipe herdeiro D. Pedro, assassinada numa trama palaciana, e coroada rainha depois de morta; e, no Canto Quinto, estrofes 37 a 60, que tratam do Gigante Adamastor, personificação dos elementos naturais que provocam os fortes ventos no Cabo da Boa Esperança, na atual África do Sul.

O Gaúcho, escrito por José de Alencar (1829-1877), foi a obra responsável por difundir o mito do “centauro dos pampas”. Começa por salientar o elemento climático chamado pampeiro, que o autor não se cansa de chamar “tufão”.

Em *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, cuja primeira edição é de 1902, sem que, até hoje, tenha se chegado a uma conclusão se é um romance, uma reportagem, uma obra de sociologia ou tudo isso e mais alguma outra coisa, é destacado o papel dos extremos do clima, dos ciclos de vento, do calor e das precipitações pluviais sobre o corpo e a psique das pessoas, tonificando e forjando temperamentos fortes.

Algumas obras podem ser apresentadas como representativas da ficção em torno da seca nordestina. São elas: *A Fome* (1890), de Rodolfo Teófilo; *A Bagaceira* (1928), de José Américo de Almeida; *O Quinze* (1930), de Rachel de Queiroz; e *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos. De todas, o romance de Graciliano Ramos que narra a aventura de Fabiano e sua família é o ponto máximo. Obra-prima, com a qual podem ser comparados apenas uns poucos

livros da literatura brasileira, como Memórias Póstumas de Brás Cubas, Macunaíma, Vila dos Confins ou Grande Sertão: Veredas. (Obs.: texto escrito em colaboração com Paulo Monteiro, da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Do Jornal

O Nacional

24 de Fevereiro de 2011

Data : 11/06/2010

Título : Clima e sociedade

Categoria: Artigos

Descrição: Os cientistas buscam conhecer o máximo possível sobre os fenômenos naturais, especialmente levando em conta os impactos sociais.

Clima e sociedade - 12-13/06/2010

Sexta-Feira, 11/06/2010 por Gilberto Cunha

· Clima e sociedade

Os cientistas buscam conhecer o máximo possível sobre os fenômenos naturais, especialmente levando em conta os impactos sociais. No caso das previsões climáticas, pela dimensão do longo prazo, incerteza sempre será algo inerente. Não obstante, as autoridades públicas, não raro, sofrem pressão para a tomada de decisões, em um dado momento, com as informações disponíveis. Geralmente essas informações são incompletas, mas a decisão tem de ser tomada mesmo assim. A questão que envolve tanto cientistas quanto formuladores de políticas públicas é: quando a informação disponível é suficiente para a tomada de uma decisão razoável envolvendo previsão de clima e/ou de desastres naturais?

Fixe-se em um alerta de tempestade severa ou no caso de variabilidade climática extrema. Quando a previsões em pauta permitem, efetivamente, a definição da ordem para que os moradores abandonem suas casas ou, no caso de furacões, evacuem cidades ou regiões?

Que tipo de política pública deve ser tomada com a ameaça de não garantia de segurança alimentar em decorrência de secas ou inundações severas, que possam comprometer o rendimento dos cultivos e a produção agrícola nacional? Eis o dilema de quem tem de decidir. Em muitos casos, mesmo sabendo-se que

as previsões climáticas não são boas, elas são importantes para o planejamento das operações.

Previsão Climática 2010

O boletim do Centro de Previsão Climática (Climate Prediction Center), vinculado ao Serviço Nacional de Meteorologia dos EUA, liberado em 3 de junho, destaca o final do evento El Niño e a perspectiva de uma transição, no trimestre junho-julho-agosto, para uma condição de La Niña no Oceano Pacífico tropical. Esse fato sinaliza para o sul do Brasil uma condição de inverno e primavera com temperaturas abaixo do padrão climático normal para a época do ano. Acima de tudo, indica uma primavera menos chuvosa, comparativamente aos anos de El Niño.

Para a agricultura regional, a perspectiva de clima é favorável para os cultivos de inverno, especialmente para os cereais (trigo, cevada, triticale e aveias), em função de temperaturas mais baixas e menor umidade na primavera. Essa condição, pelo maior quociente entre radiação solar e temperatura, potencializa o rendimento de grãos nos cereais de inverno e favorece as características de qualidade tecnológica do produto colhido.

Quanto à safra de verão 2010/11, ainda é cedo para especulações. Tudo vai depender, em termos de chuva, da configuração de fato e da intensidade do evento La Niña que ora está sendo projetado.

Porongos & outras histórias

Acontece na próxima no dia 16, na sede da Academia Passo-Fundense de Letras (Av. Brasil, 792 - Centro), às 19h, o lançamento do livro O Massacre de Porongos & outras histórias gaúchas, do escritor local Paulo Monteiro.

A confecção da obra contou com o apoio do Projeto Passo Fundo, uma meritória iniciativa do Zanette, que tem como objetivo a divulgação da cultura passo-fundense e auxiliar os escritores locais, alheios ao circuito comercial das editoras, na publicação das suas obras.

Um livro com a marca de qualidade de Paulo Monteiro, cuja cultura e senso de humildade, na minha opinião, sem a menor sombra de dúvida, o credenciam como o principal intelectual público de Passo Fundo, na atualidade.

Paulo Monteiro, ex-presidente da Academia Passo-Fundense de Letras e membro de diversas instituições literárias brasileiras, tem uma longa história de trabalho na imprensa local, no movimento comunitário e na divulgação dos escritores passo-fundenses. Reforçamos convite para o coquetel de lançamento. Apareçam para um brinde com o autor, que ele merece.

Você quer ser chefe da Embrapa Trigo?

Caso a resposta seja sim, ainda há tempo. Até o dia 29 de junho estão abertas as inscrições para o processo de recrutamento e avaliação de candidatos ao cargo de chefe-geral do Centro Nacional de Pesquisa de Trigo - Embrapa Trigo. Edital e informações adicionais podem ser encontrados no sítio Internet

www.cnpt.embrapa.br. Verifique suas credenciais, prepare uma proposta de trabalho e boa sorte.

Data : 30/04/2011

Título : Código Florestal

Categoria: Artigos

Descrição: A Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e a Academia Brasileira de Ciências (ABC) querem que o Congresso Nacional adie por dois anos a votação do novo Código Florestal ...

Código Florestal

por Gilberto Cunha

A Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e a Academia Brasileira de Ciências (ABC) querem que o Congresso Nacional adie por dois anos a votação do novo Código Florestal (Projeto de Lei nº 1876/99), prevista na pauta da semana que ora inicia. Nesse sentido, na última quarta-feira (27), foi protocolado pedido junto à Casa Civil da Presidência da República. A justificativa, diante de impasses envolvendo ambientalistas e ruralistas, é a necessidade de ampliar a participação da comunidade científica nesse diálogo, haja vista que, na opinião dessas organizações, a mesma foi pequena ou inexistente. O texto integral do documento - O Código Florestal e a Ciência: Contribuições para o Diálogo - está disponível nos sítios Internet da SBPC (www.sbpcnet.br) e da ABC (www.abc.org.br).

Paixão Côrtes (1)

A revista Água da Fonte, veículo oficial da Academia Passo-Fundense de Letras, edição de maio de 2011, traz, em versão texto integral, a entrevista que o folclorista João Carlos DAvila Paixão Côrtes concedeu ao acadêmico Paulo Monteiro, por ocasião de estada em Passo Fundo, no ano passado, quando participou do programa Literatura Local pela TV Câmara. Um documento memorável, que resgata as origens do movimento tradicionalista gaúcho, a partir de relato de quem foi protagonista dessa história.

Paixão Côrtes (2)

O psiquiatra David Zimmermann (1917 - 1998) andava, certa feita, embrenhado numa pesquisa sobre “a psicanálise do luto” em diferentes culturas. Em busca de elos com as tradições tribais africanas, resolveu ir num terreiro de umbanda.

Chegando lá, eis que encontra o Paixão Côrtes, na ocasião, preocupado com a identificação de influências africanas nas nossas danças e músicas. Essa história, contada de pai para filho, foi tirada de uma troca de e-mails da lista de discussão da turma de 1981 do Curso de Agronomia da UFRGS, entre os quais se incluem o Sérgio, filho do David, e o Carlos, filho do Paixão, ilustra bem que, em algumas áreas do conhecimento, os verdadeiros laboratórios, muitas vezes, estão fora dos muros das academias.

Sistema Embrapa de Bibliotecas

Em comemoração ao Dia Mundial do Livro (23 de abril) e ao aniversário de 38 anos da Embrapa (26 de abril), o Sistema Embrapa de Bibliotecas - SEB lançou, essa semana, os repositórios de informação “Alice (www.alice.cnptia.embrapa.br), Infoteca-e (www.infoteca.cnptia.embrapa.br) e Sabiia (www.sabiia.cnptia.mbrapa.br)”, todos de acesso livre. São milhares de publicações científicas, em texto integral, que, via esses repositórios, estão sendo gratuitamente disponibilizadas.

Dia Mundial do Livro

O Dia Mundial do Livro, 23 de abril, assinala o dia da morte de dois gênios da literatura universal. Apesar da mesma data, 23 de abril de 1616, em terras de Espanha e no reino da Inglaterra, as mortes de Miguel de Cervantes e de William Shakespeare não foram pranteadas no mesmo dia. Este aparente paradoxo tem uma explicação, desde que se considere a história do calendário. Em 1582, o papa Gregório XIII promoveu, na memorável bula “Inter-Gravissimas”, uma reforma do calendário, suprimindo 10 dias (entre 5 e 14 de outubro de 1582) que ficaram conhecidos como “os 10 dias perdidos para sempre”. O calendário gregoriano foi aceito pela maioria dos países católicos (caso da Espanha) entre 1582 e 1584. A Inglaterra e suas colônias somente sucumbiram ao calendário gregoriano em 1752. Assim, apesar do mesmo 23 de abril de 1616, há uma diferença de 10 dias entre as mortes de Shakespeare e de Cervantes.

Balanço Social

Os resultados do Balanço Social 2010 da Embrapa dão conta de um lucro social de R\$ 18,16 bilhões. O resultado foi apurado com base nos impactos de uma amostra de 110 tecnologias e 140 cultivares desenvolvidas pela Empresa e seus parceiros – em especial as organizações estaduais de pesquisa – e transferidas para a sociedade.

“A Embrapa praticou, em 2010, o maior orçamento na sua história de 38 anos: R\$ 1,94 bilhão. Desse investimento, o retorno para a sociedade brasileira foi de R\$ 9,35 para cada real aplicado.

O Nacional

Sábado, 30/04/2011

Data : 06/05/2011

Título : Código Florestal – Rural X Urbano

Categoria: Artigos

Descrição: É indiscutível a necessidade de aperfeiçoamento e atualização no Código Florestal ora vigente no Brasil, com vistas a alcances tanto no meio rural quanto urbano.

Código Florestal – Rural X Urbano

por Gilberto Cunha

É indiscutível a necessidade de aperfeiçoamento e atualização no Código Florestal ora vigente no Brasil, com vistas a alcances tanto no meio rural quanto urbano. Frente a uma nova realidade, precisamos avançar nos marcos legais, ambiental e agrícola, no País, mas sem deixar de lado questões urbanas cujos interesses na matéria são incontroversos. Não se trata de um mero embate entre ruralistas e ambientalistas. Está em discussão o nosso patrimônio natural. Alguns pontos do substitutivo do deputado Aldo Rabelo, envolvendo delimitação de APPs ripárias, compensação entre APPS e RLs, Redução de RLs, compensação de RLs no mesmo bioma X microbacia/bacia hidrográfica, uso/exploração de espécies exótica em recomposição de RLs, etc ainda suscitam controvérsias.

História

O primeiro Código Florestal brasileiro foi instituído pelo Decreto nº 23.793, de 23 de janeiro de 1934, revogado posteriormente pela Lei 4.771, de 15 de setembro de 1965, que instituiu o código florestal vigente. O deputado Aldo Rabelo é o relator do substitutivo ao PL nº 1876/99, que, se supõe, integralmente ou com mudanças decorrentes de negociações ainda em andamento, deverá se configurar no nosso novo Código Florestal.

Passivo

Estimativas, feitas com base na legislação ambiental em vigor, dão conta de um passivo da ordem de 83 milhões de hectares de áreas de preservação que, hoje, estariam sendo irregularmente ocupadas no Brasil. É em reserva legal (RL) que se encontra o maior passivo ambiental da agropecuária brasileira.

Urbano

A urbanização em áreas de várzeas, em planícies de inundação ao longo de cursos d'água e em encostas de morros é a principal causa de desastres naturais no Brasil. O novo Código deveria se preocupar com APPs em áreas urbanas sem ocupação consolidada, deixando para os Planos Diretores municipais a questão de áreas de risco com ocupação consolidada.

Brasil

discussão sobre o novo Código Florestal brasileiro desperta interesse mundialmente, acima de tudo, pela posição que o País ocupa no sistema global de produção de alimentos, fibras e energia. O Brasil é o primeiro país em exportações do complexo soja, possui o maior rebanho bovino comercial do mundo, é o maior exportador de café, de açúcar, de suco de laranja e de carne bovina; além de destacadas posições em cadeias importantes (suínos, aves etc.) e ser um dos maiores produtores mundiais de agrocombustíveis.

Biodiversidade

O Brasil, em termos de diversidade biológica, é considerado um país privilegiado pela natureza. Nosso território, segundo alguns estudos, abriga pelo menos 20% das espécies do planeta, com altas taxas de endemismo. Isso pode ser visto como uma excelente oportunidade para exploração econômica de novos alimentos, fármacos, bioterápicos e turismo ecológico ou, alternativamente, dependendo do ponto de vista, um encargo a mais pela obrigatoriedade e dever de preservação, obedecendo a convenções internacionais das quais somos signatários. Caso da Convenção da Diversidade Biológica (CDB) e da Convenção de Áreas Úmidas (RANSAR).

Serviços ecossistêmicos

É equivocada a concepção de que a preservação de vegetação nativa é o mesmo que manter áreas não produtivas, com custo adicional e sem retorno econômico para os produtores rurais. Ignora-se, com esse tipo de visão, o papel dessas áreas na questão de preservação de aguadas, abrigo para inimigos naturais de pragas agrícolas e refugio de polinizadores, por exemplo. Há estudos apontando o efeito dos insetos polinizadores na produtividade de cultivos extensivos, caso da soja, e especialmente em fruteiras (maracujá, caju, café, etc.).

“Áreas de Preservação Permanente (APPs) e de Reserva Legal (RLs), com base em políticas de Estado, deveriam ser consideradas como parte do planejamento agrícola conservacionista das propriedades.

O Nacional

Sexta-Feira, 06/05/2011

Data : 23/06/2017

Título : Coleção de palavras

Categoria: Artigos

Descrição: Coleção de Palavras, eis um título irretocável e “aparentemente adequado” para um livro de poemas.

Coleção de Palavras, eis um título irretocável e “aparentemente adequado” para um livro de poemas. Friso o “aparentemente adequado” e faço um convite à reflexão: seria COLEÇÃO DE PALAVRAS uma boa definição de poema? Não, indubitavelmente não! Ainda assim, esse título do novo livro de Pedro Du Bois, em minha opinião, continua merecedor do epíteto irretocável e adequado. Por quê? Tentar responder a essa indagação é a intenção do colunista, que, por especial deferência do autor, foi agraciado com o convite para assinar o prefácio dessa obra. Oxalá isso aconteça!

Um verdadeiro poema não é uma mera coleção de palavras, embora as palavras sejam a matéria-prima que os POETAS usam para tecer versos. As palavras são apenas símbolos. Nada mais que símbolos, não raros mortos, quando isoladas ou, em certos casos, até mesmo incrustadas em versos bem rimados. A revelação da poesia oculta nas palavras usadas em versos é o trabalho que compete ao POETA.

O POETA não é um colecionador de palavras. Talvez essa seja uma boa definição para um dicionarista. O POETA, antes de tudo, é um colecionador de emoções. O verdadeiro POETA consegue expressar de forma singular e cabal, ao tocar na emotividade do leitor, aquilo que muito tentaram por outros meios, inclusive usando palavras, mas não conseguiram. As emoções estão escondidas nas palavras. E o dever do POETA é encontrá-las e deixá-las a descoberto, disponíveis aos olhos do leitor. Quando isso acontece, a verdadeira poesia é produzida e não apenas mais um poema.

Ninguém consegue ser POETA o tempo todo e nem todos os versos que produz virarão necessariamente poesia. Até porque isso não depende apenas do POETA, por mais hábil que ele seja. Para cada poema produzido, é travada uma espécie de diálogo íntimo entre o POETA e o LEITOR, cujos versos ganham sentido não pelo significado das palavras, mas pela imaginação e pelas emoções que suscitam. Assim, para alguns leitores um poema pode não passar de uma coleção de palavras e para outros ganhar o status de coleção de emoções.

Pedro Du Bois é um singular versejador e POETA profícuo, como bem atesta a sua vasta produção literária. É um menestrel do verso livre. E nesse novo livro, COLEÇÃO DE PALAVRAS, ele mantém a tradição de produzir boa poesia, ao transformar, majoritariamente, uma coleção de palavras (poemas) em uma coleção de emoções (poesia). Com isso, justifica que, se a um prosador ficcionista basta ter fidelidade com a imaginação, ao POETA cabe ser fiel com a emoção. E Pedro Du Bois, em COLEÇÃO DE PALAVRAS, não ignora e nem

deixa de lado essa obrigação do POETA. Pelo contrário, leva-a a sério ao extremo.

Por último, cumpre a esse colunista o dever de honestidade com os futuros leitores: há poemas (coleção de palavras) e muita poesia (coleção e emoções) nesse livro, como, aliás, frise-se isso, sói acontecer em todo livro de poemas. Cada leitor, assim como eu fui, será tocado de forma diferente na sua emotividade pelos versos de Pedro Du Bois. Eu, entre tantos, à guisa de exemplo apenas, destaco como os meus versos preferidos os do poema ERRO: “Recebo a encomenda não solicitada: abro a embalagem e surpreso encontro o objeto sonhado/ Comunico a não devolução do fato e a sua apropriação indébita: sou indevido proprietário.” Que cada leitor pegue o seu significado para esses versos, que certamente será diferente do meu. E isso é poesia! Isso é emoção!

Que você, prezado leitor, encontre mais emoções do que palavras, nessa coleção de poemas de Pedro Du Bois. É o meu desejo!

E como bem frisou Pedro Du Bois, justificando a publicação do livro: “poucas oportunidades tem o poeta para expor seus versos”. Razão pela qual, antecipam-se agradecimentos.

O livro foi publicado com a chancela do Projeto Passo Fundo de Apoio à Cultura (<http://www.projetopassofundo.com.br/>) e pode ser adquirido na Delta Livraria e Papelaria, em Passo Fundo.

Data : 01/07/2016

Título : Construindo uma Galápagos espacial

Categoria: Artigos

Descrição: Por mais incrível que possa parecer, a maioria das pessoas supostamente cultas e ditas inteligentes, quando confrontada com o questionamento sobre a origem das espécies, não consegue elaborar uma resposta minimamente robusta em termos de argumentação científica usada.

por Gilberto Cunha

Por mais incrível que possa parecer, a maioria das pessoas supostamente cultas e ditas inteligentes, quando confrontada com o questionamento sobre a origem das espécies, não consegue elaborar uma resposta minimamente robusta em termos de argumentação científica usada. E olha que são decorridos 158 anos desde que saiu publicada, em 1859, a primeira edição da obra seminal de Charles Darwin, A Origem das Espécies, que deu sustentação à teoria da evolução. Então, qual a razão disso? O motivo, aparentemente, é que, mesmo tendo passado tanto tempo, evolução não é algo facilmente perceptível e que,

além de não haver consenso, ainda persistir um embate entre os que defendem que as novas espécies surgem a partir de mudanças contínuas e constantes (em um processo evolutivo permanente) e aqueles que são adeptos de mudanças rápidas e ocasionais. Ou, quando não, alternativamente, dão o ar das suas graças os defensores do criacionismo ou do seu avatar contemporâneo, a teoria do desígnio inteligente.

Há, inquestionavelmente, uma raiz social bastante forte no que chamamos de percepção da mudança evolutiva. E essa influência social, reconhecidamente, é responsável pelo excesso de confiança que depositamos na nossa percepção de verdade; como bem frisou Stephen Jay Gould no clássico ensaio “Lucy na Terra em Estase”. Insistimos, segundo Gould, em ver a mudança como algo intrínseco e contínuo, e não como algo incomum e passageiro. Ou seja, queremos conceitualizar a mudança como uma forma própria de constância e considerar a alteração constante um estado normal, especialmente em sistemas que sofrem evolução biológica. Todavia, há teorias de mudança que também são consistentes com a concepção de um universo movido por alterações. A estabilidade pode reinar a maior parte do tempo e a mudança ser um acontecimento raro, geralmente de proporções gigantescas, que só ocorre quando um sistema sofre estresse além da sua capacidade de absorvê-lo sem modificações substanciais.

Para explicar o processo de especiação das linhagens biológicas na Terra, devemos lançar mão de teorias evolucionistas, que, de um lado, pregam o equilíbrio pontuado, e, de outro lado, usam a crença no gradualismo. Stephen Jay Gould, mesmo não se dizendo antagonista ferrenho da mudança gradual, defende que as mudanças “pontuadas” são as principais na natureza, destacando que a crença de que as mudanças contínuas são uma norma da natureza constitui o equívoco mais comum sobre a história da vida, decorrente de uma interpretação falsa da natureza da evolução. A base desse equívoco reside nas falácias de supor que evolução significa mudança e que estabilidade deve ser considerada a mais enigmática das anomalias.

Então, se pergunta: para onde caminha a evolução humana no futuro? E, se responde: por que devemos estar indo para algum lugar? Stephen Jay Gould costumava usar argumentos melhores para responder esse questionamento, destacando que tudo que chamamos de “civilização” foi erigido sem nenhuma modificação substancial, física ou cerebral, da espécie humana, que tem se mantido estável a dezenas de milhares de anos. E que a estabilidade é a norma e esperada para populações grandes, bem-sucedidas e geograficamente dispersas. A evolução tende a se concentrar nos eventos da especiação e ramificação, e estes geralmente ocorrem em populações pequenas e isoladas. E, como o homem, hoje, está presente em todos os cantos do mundo, com capacidade de acasalamento onde quer que esteja, o isolamento e a especiação, resultando em algum tipo de mudança evolutiva humana, pelo caminho natural, nos parece pouco provável.

Enfim, aqui estamos. E se, pela via evolutiva natural, quisermos sair dessa estase humana marcada pela frivolidade do mal (algo pior que a banalidade do mal, como frisou Hannah Arendt), parece que não nos resta outro caminho que a construção de uma Galápagos Espacial (e esperar alguns milhares de anos).

Data : 19/08/2016

Título : Construtores de realidades

Categoria: Artigos

O homem enriquece (e, às vezes, também empobrece) o mundo com as suas construções culturais. De fato, são atos humanos que, retratando ideias e mentes (agregados de ideias), para o bem e para o mal, criam situações reais ou imaginárias, a partir de sistematizações provisórias de realidades percebidas. Conceitualizar, abreviar, tornar a realidade apreensível ao intelecto é o sinal de identidade que nos une e nos humaniza.

É por meio de conceitos que fazemos a representação de um objeto pelo pensamento. Os conceitos que temos das coisas, por exemplo, nada mais são que abstrações médias de realidades. Para tal, servem de base características gerais e aspectos comuns. Exemplifica essa teoria de formação de conceitos, o procedimento do retrato composto, inventado por Francis Galton no final do século 19. Querendo conhecer o “verdadeiro” rosto de Alexandre o Grande, Galton partiu de imagens distintas que figuravam em seis medalhas antigas. O método consistiu na superposição de imagem, gerando uma espécie de “Alexandre médio”, que ele assumiu ser mais fiel ao verdadeiro que cada uma das imagens individualmente. O procedimento reforçou o que havia de comum e cancelou as singularidades. Talvez por isso essa seja a melhor aproximação que conhecemos da imagem do grande comandante macedônico.

O que buscamos com o ato de conceitualizar é compreender o mundo na sua plenitude (ideal inatingível). Entender o mistério da evolução dos seres vivo, as intrincadas elucubrações criativas de um texto literário ou de uma obra de arte, a crise contemporânea do homem com o ambiente e consigo mesmo, exige passos (trilhando um longo caminho por pensamentos distintos) que permitam diferenciar o relevante do trivial. Os cientistas empíricos (experimentais) devem se libertar da tentação de pensar e arguir prioritariamente de maneira indutiva, partindo de dados para hipóteses, e, de outra sorte, procurar realizar mais testes de hipóteses derivadas por dedução (com base nos fundamentos da ciência e da filosofia). Buscar o entendimento de como as ideias interagem e porque algumas sobrevivem e outras não, e, acima de tudo, não perder de vista que o objetivo último da ciência é avançar o conhecimento.

Nossas obras são reflexos de nossas mentes e de suas relações com o mundo exterior. Neste particular, desde os filósofos da Grécia antiga, duas visões de mundo se enfrentam, criando rígidas predisposições ideológicas. De um lado, os

platônicos, e, de outro, os aristotélicos. Ou, se preferirem: racionalistas versus empiristas. Nesse embate, é natural, por exemplo, que um matemático tenha predisposição para se comportar como um platônico e que um biólogo tenha tendências de ser aristotélico. Cabe realçar que o pensamento formal (lógico), pretendendo refletir realidades imutáveis (eternas), envolve, não raro, generalizações empíricas de duvidoso valor universal, uma vez que a linha entre verdades tautológicas e generalizações experimentais não é perfeitamente delineada. De qualquer forma, Platão e Aristóteles comungam, quando o assunto trata da importância da conduta nos relacionamentos humanos, sendo, que, numa visão antropológica, é pela ação e pelo discurso que o Ser se revela.

A capacidade humana de elaborar conceitos depende de memórias. É a partir delas, numa espécie de elogio da imperfeição, que construímos conceitos de objetos canônicos, “médios”, a exemplo do retrato de Alexandre concebido por Galton, que ficam armazenados no nosso cérebro sob a forma de registros dormentes, e, quando ativados, podem recriar diversas sensações e ações associadas.

No terreno dos conceitos intangíveis podemos construir a pessoa ideal, tipo aquela mulher ou aquele homem, que você nunca ousou dizer que está apaixonado ou apaixonada, e que se torna infinitamente mais atraente pela simples razão de poder ser perfeita na imaginação.

Data : 28/12/2018

Título : Contradições e Esperanças

Categoria: Artigos

Não haveria melhor época do que essa de final de ano, para você reparar na contradição entre o otimismo que impregna as mensagens de boas festas que ora lotam as suas caixas postais eletrônicas – WhatsApp, E-mail, etc. – e o pessimismo que exala das conversações pessoais com algumas dessas mesmas pessoas que lhe enviaram felicitações natalinas e votos de próspero ano novo. E, por precaução, adianto que isso não tem nada ver com Dilma, Temer e Bolsonaro, por essas bandas, ou Donald Trump, Kim Jong-un ou Emmanuel Macron, por outras paragens. Mas, sim, tem tudo a ver com a necessidade de retomarmos, com mais veemência e menos crítica, alguns ideais e valores que trouxeram a humanidade até aqui. Que ideais são esses, você deve estar se perguntando? Por favor, não se surpreenda (e nem se exalte) se eu lhe disser, e depois fundamentar, que precisamos mesmo, urgentemente, é

de reafirmação dos ideais do Iluminismo: razão, ciência, humanismo e progresso.

Não vai ser disseminando pessimismo (e muito menos otimismo de ocasião) que a humanidade vai encontrar a solução para os seus males. Evidentemente, que muitos dos nossos problemas são de difícil solução. Mas, por mais complexas que sejam as soluções de casos concretos, não podemos ceder à tentação e aceitar, passivamente, a falácia de que há problemas insolúveis. Soluções podem ser difíceis ou demoradas, mas sempre existirão. Desde que não se perca de vista a razão, a ciência, o humanismo e o progresso; reitero.

Steven Pinker, o laureado professor do departamento de psicologia da Universidade Harvard, é o autor dessa tese de que o que mais a humanidade precisa, hoje, é afastar essa visão de mundo como um vale de lágrimas, sendo muito mais sensato, se quiser almejar tempos melhores, tomar a defesa da razão, da ciência, do humanismo e do progresso como meta. O novo iluminismo, o livro de Pinker, recentemente publicado no Brasil (2018), é uma espécie de manifesto em defesa dos valores envolvidos na razão, na ciência e no humanismo para o atingimento do progresso da humanidade. Ao longo de 686 páginas, Pinker, com a verve que lhe é peculiar, defende a tese, fundamentada em dados, que, se houve progresso no mundo, devemos tudo o que alcançamos graças ao Iluminismo. E, mais do que nunca, precisamos retomar os ideais do Iluminismo, que, em tempos de populismo, político e religioso, exacerbado, andam meio esmaecidos. Afinal, desde o último quartil do século XVIII, quando a humanidade recebeu as primeiras luzes desse movimento, são passados praticamente 250 anos. E, frise-se, nunca foram e ainda não são poucas, as críticas ao Iluminismo, pois, como realça Steven Pinker, nem bem as pessoas saíram à luz e já vieram lhes dizer que a escuridão não era tão ruim assim, afinal de contas. Não caia, como muitos, nessa tentação!

Os princípios do Iluminismo, expressos ou implícitos, dão forma às democracias modernas. Entenda que, em qualquer circunstância, a razão é sempre inegociável. Por mais tentadora que pareça a proposta, não abdique da racionalidade em nome de um deus antropomórfico e atento aos assuntos humanos. Não, não há outra forma, de se chegar ao conhecimento confiável, que não seja pelo método científico. Em caso de dúvida, compara o teu conhecimento e acesso à tecnologia frente a um antepassado teu. Não ignore que foi graças ao humanismo que teve fim práticas bárbaras como a escravidão. E que progresso não significa reengenharia da sociedade, devendo, sempre, ser norteado pelo humanismo.

Se você lamenta ter nascido nos tempos atuais, talvez seja oportuno rememorar a antológica fala de Barack Obama, de 2016, reproduzida por Steven Pinker, quando ele destacou que se você tivesse de escolher um momento da história para nascer e não soubesse de antemão quem você seria – não soubesse se iria nascer em uma família rica ou em uma família pobre, em que país nasceria,

se seria homem ou mulher –, se tivesse que escolher cegamente o momento em que gostaria de nascer, você escolheria AGORA. Isso graças ao Iluminismo!

Data : 16/01/2015

Título : Controle biológico de pulgões

Categoria: Artigos

Descrição: São poucos aqueles que ainda se lembram das “nuvens” de insetos que empestavam os para-brisas dos automóveis que cruzavam as rodovias das regiões do Planalto e Missões do Rio Grande do Sul, nos anos 1970.

Sexta-Feira, 16/01/2015 às 08:00, por Gilberto Cunha

São poucos aqueles que ainda se lembram das “nuvens” de insetos que empestavam os para-brisas dos automóveis que cruzavam as rodovias das regiões do Planalto e Missões do Rio Grande do Sul, nos anos 1970. Ou que, no meio rural, não poupavam nem mesmo as vidraças das casas situadas nas proximidades de lavouras. Eram os pulgões ou afídeos, cujo grupo de insetos, representado por espécies exóticas, sem inimigos naturais no nosso meio, acompanhando a expansão das lavouras de trigo, grassavam livremente, como de resto em todo o Cone Sul da América do Sul, a tal ponto de se tornarem a principal espécie praga para o cultivo desse cereal no Brasil.

Os pulgões são insetos pragas importantes em agricultura, quer seja tanto pelos danos diretos que causam com a sucção da seiva das plantas quanto pela transmissão de fitopatógenos, especialmente o vírus do nanismo amarelo (com destaque para Barley Yellow Dwarf Virus-BYDV e Cereal Yellow Dwarf Virus-CYDV). A situação era insustentável para a triticultura gaúcha nos anos 1970. Os prejuízos causados pelos pulgões no trigo eram vultosos. De duas até quatro aplicações de inseticidas eram realizadas nas lavouras, com custos e danos ambientais elevados, e sem êxitos aparentes.

A situação começou a mudar em 1977, quando o Dr. Walter F. Kluger, que era diretor de um Projeto da FAO, então executado em parceria com a Embrapa em Passo Fundo, esteve no Chile participando de uma reunião sobre “Controle Integrado de Pragas” e de lá trouxe como sugestão à Chefia do Centro Nacional de Pesquisa de Trigo, que convidasse o Dr. Roberto van den Bosch (1922-1978), que era o chefe do Departamento de Controle Biológico da Universidade da Califórnia, em Berkeley/USA, para vir a Passo Fundo e avaliar a situação do problema causado pelos pulgões em trigo no Brasil. A sugestão, felizmente, foi acatada pelo Chefe-Geral da época, Dr. Ottoni de Sousa Rosa. A visita do Dr. R.

van den Bosch foi realizada e, na ocasião, foi acertada a contratação do consultor Andrew Paul Gutierrez, pesquisador da Universidade da Califórnia, que veio a Passo Fundo em dezembro de 1977, dando início à estruturação de um programa integrado de controle de pulgões em trigo; que começaria a ser posto em prática a partir de 1978. O problema era claro: os pulgões, sendo pragas exóticas (oriundas da Europa e da Ásia), não possuíam inimigos naturais locais (pelo menos em população suficiente para fazer frente ao avanço dessa praga), e proliferavam livremente no nosso meio.

E assim foi que, em julho de 1978, começou, efetivamente, um dos mais notáveis e bem-sucedidos exemplos de controle biológico de pragas na agricultura mundial: o controle biológico dos pulgões do trigo no Brasil. O modelo proposto foi o clássico: introdução, criação massal e liberação de inimigos naturais no ambiente. Entre os inimigos naturais dos pulgões, destacam-se microimenópteros parasitos (parasitoides), popularmente chamados de vespinhas, que ovipositam dentro do corpo dos pulgões, do ovo eclode a larva, que se alimenta do conteúdo interno do pulgão, onde também pupa, levando o hospedeiro à morte em cerca de uma semana; além de alguns insetos predadores (joaninhas, por exemplo). No caso brasileiro, foi priorizado o uso de parasitoides. Coletas desses parasitoides foram realizadas na Europa e no Oriente Médio, em julho de 1978, pelo coordenador do projeto L.A.B. Salles e pelo consultor A.P. Gutierrez. A maior parte das coletas e remessas para o Brasil foi realizada a partir de laboratórios do Departamento de Agricultura dos EUA, um com sede na França e outro na Itália. Adicionalmente, também a partir do Chile, via o insetário da Estação Experimental La Cruz/INIA.

A primeira introdução de parasitoides de pulgões no Brasil deu-se em 29 de agosto de 1978, pelo Aeroporto Internacional Salgado Filho, em Porto Alegre/RS. A partir desse momento, em Passo Fundo, começaria um memorável trabalho de pesquisa científica básica aplicada. (...continua)

Data : 27/02/2015

Título : Controle biológico de pulgões – Final

Categoria: Artigos

Descrição: A partir da primeira introdução de parasitoides de pulgões no Brasil, que se deu em 29 de agosto de 1978, pelo Aeroporto Internacional Salgado Filho, em Porto Alegre/RS...

Sexta-Feira, 27/02/2015 às 07:18, por Gilberto Cunha

A partir da primeira introdução de parasitoides de pulgões no Brasil, que se deu em 29 de agosto de 1978, pelo Aeroporto Internacional Salgado Filho, em Porto

Alegre/RS, foi montada no “quartel-general” do Centro Nacional de Pesquisa de Trigo (CNPT), em Passo Fundo/RS, uma linha de montagem de “armas biológicas” que seriam usadas numa verdadeira operação de guerra contra a praga dos afídeos que, na época, assolava as lavouras brasileiras de trigo.

Um insetário com oito câmaras climatizadas (15 m² cada), com duas alas independentes (uma para os parasitoides e outra para os pulgões), uma casa de vegetação (64 m²) e um telado (300 m²) formavam a estrutura das três linhas de produção: de plantas, de pulgões e de parasitoides. Nesse processo, folhas de trigo com múmias de pulgões eram coletadas em intervalos que variavam de 7 a 15 dias, conforme a espécie de parasitoide.

No início do projeto, em 1978, 1979 e 1980, as liberações nas lavouras dessas múmias com parasitoides, foram realizadas nos municípios ao redor de Passo Fundo. Para tal, eram escolhidas áreas de trigo com 2 a 3 ha, na beira de matas (para proteção de vento) e onde havia a garantia que o produtor não usaria inseticidas. Em 1981, atingiram, além do RS, também SC, PR, MS e a Argentina. De 1982 a 1992, essas liberações continuaram pelo fornecimento de folhas de trigos com múmias de pulgões com parasitoides acondicionadas em caixinhas de papelão, que, sem custo, entregues pessoalmente ou despachadas por transportadoras ou pelos correios, eram repassadas a organizações de agricultores, secretarias de agricultura e agentes da assistência técnica para distribuírem nas lavouras de trigo. Estima-se que, entre 1978 e 1992, tenham sido produzidos pelo CNPT e liberados na natureza cerca de 20 milhões desses parasitoides. Um programa de sucesso, que continua ativo até hoje, praticamente eliminando praticamente a necessidade de uso de inseticida para controle de pulgões em trigo no Brasil.

Deem-se os créditos a quem de direito! Entre 1978 e 1992, participaram do projeto do controle biológico de pulgões de trigo no Brasil, os seguintes especialistas (em ordem alfabética pelo sobrenome, com tipo de participação e período): Coulson, J.R. (EPL/USDA, França, colaborador/introduções, 1979); Coutinot, D. (EPL/USDA, França, colaborador/introduções, 1979); Drea, J.J. (EPL/USDA, França, colaborador/introduções, 1979); Drea, P. (EPL/USDA, França, colaborador/introduções, 1979); Gassen, D.N. (Embrapa, Brasil, membro da equipe, 1981 a 1986); Gonzales, R.H. (FAO, Chile, consultor, nov. de 1979); Gruber, F.F. (EPL/USDA, França, colaborador/introduções, 1979); Gutierrez, A.P. (Univ. Califórnia/FAO, EUA, consultor, dez. 1977 e set. a dez. 1978); Harpaz, I (Univ. Jerusalém, Israel, colaborador/introduções, 1978 a 1979); Luchini, F. (Embrapa, Brasil, membro da equipe, 1978 a 1981); Salles, L.A.B. (Embrapa, Brasil, coordenador do projeto e membro da equipe, 1978 a 1981); Salvadori, J.R. (Embrapa, Brasil, membro equipe, 1990 a 1992); Smith, R. (Imperial College, Inglaterra, colaborador/introduções, 1979); Spencer, N.R. (BCW/USDA, Itália, colaborador/introduções, 1979); Star, P. (República Tcheca, assessor técnico, dez. 1978); Susuki, H. (INIA/Chile, colaborador/introduções, 1978 a 1979); Tambasco, F.J. (Embrapa, Brasil, membro da equipe, 1979 a 1989), van den Bosch, R. (Univ. Califórnia, EUA, assessor técnico, jul. 1978); e Zúñiga, E.S. (FAO/Embrapa, Chile, consultor jul. a ago. 1978 e membro equipe 1978 a 1980). Atualmente, na Embrapa Trigo esse trabalho é continuado com novos estudos do complexo afídeos –vírus, sob responsabilidade dos pesquisadores Douglas Lau, Paulo Roberto Pereira do Valle e Alberto Luiz Marsaro Júnior, com o apoio da equipe formada pelo experiente Egídio Sbrissa

(remanescente da equipe pioneira), Elias do Amarante, Maria Elaine Solagna e Vânia Bianchin.

Data : 31/05/2011

Título : Conversações entre Darwin e Freud

Categoria: Artigos

Descrição: Um encontro entre Charles Darwin (1809-1882) e Sigmund Freud (1856-1939), mesmo não sendo uma impossibilidade, não consta que tenha acontecido.

Conversações entre Darwin e Freud

GILBERTO R. CUNHA

Um encontro entre Charles Darwin (1809-1882) e Sigmund Freud (1856-1939), mesmo não sendo uma impossibilidade, não consta que tenha acontecido. Darwin, exceto pelo período que passou a bordo do navio HSM Beagle, que lhe daria o insight que necessitava para escrever a sua grande obra, viveu sempre na terra natal, a Inglaterra. E Freud, que foi para Viena aos quatro anos de idade, construiria nesta cidade os fundamentos da psicanálise, somente deixando a Áustria para fugir das atrocidades do nazismo em 1938, vindo a morrer um ano depois na Inglaterra de Darwin. No terreno do imaginário, em que tudo é permitido, poderia parecer mais verossímil, se o encontro fosse entre o jovem psicanalista recém entrado nos 20 anos e o consagrado naturalista passado dos 70. Eu prefiro, até por questões estéticas, imaginar um encontro não datado, envolvendo as duas figuras maduras e gris desses homens, conversando livremente sobre assuntos que podem se mostrar mais atuais do que se poderia, a princípio, supor, em meio a baforadas de charuto e copiosas doses de uísque.

Consigo, com um mínimo de esforço intelectual, quase que ouvir um Dr. Freud se dirigindo a Darwin para, sem rodeios, demonstrar todo o seu reconhecimento: - Obrigado. Sr. Darwin! O senhor, com a sua teoria, foi responsável pela maior e mais perturbadora investida contra a arrogância humana. Imagine alguém que supunha ter sido criado por

A Deus, feito sua imagem e semelhança, com um mundo de criaturas e coisas já prontas e a sua disposição, de repente se descobrir como tendo a mesma origem dos demais seres vivos e, em vez de filho do Senhor, se ver filho de tuna bactéria. E Darwin, com sua peculiar serenidade, respondendo: - Você sabe

bem, prezado Sigmund, que minhas idéias foram, em alguns casos, muito distorcidas, especialmente quando usadas para embasar o determinismo biológico. Nunca me prestei para justificar qualquer que seja a forma de exploração social (ricos sobre pobres, imperialistas sobre aborígenes, etc). As desigualdades sociais não são ditadas pela biologia. E Freud consolador: - O darwinismo social é uma perversão dos seus escritos. No mínimo, é equivocada a aplicação de um princípio natural à conduta moral humana.

Existe, inegavelmente, uma unidade evolucionária entre os seres humanos e todos os outros organismos vivos. Essa foi a grande contribuição deixada por Darwin. No entanto, não podemos confundir evolução biológica com evolução cultural. A evolução biológica de Darwin continua em nossa espécie, porém dá-se em uma taxa infinitamente lenta, se comparada à evolução cultural. A variação genética surge ao acaso e, sendo vantajosa, acaba preservada pela seleção natural. A evolução biológica ocorre pela conversão da variação dentro de uma população em diferença entre populações. Por sua vez, a evolução cultural, além de rápida é reversível, pois seus produtos não são codificados nos genes. O argumento clássico do determinismo biológico é falho, acima de tudo, por invocar coisas que são meros produtos da evolução cultural da humanidade, como justificativa de diferenças entre grupos sociais.

De volta aos protagonistas desse ensaio, lá pelas tantas, Charles Darwin, quem sabe rememorando os bons tempos das reuniões da Royal Society, de posse de uma cópia de um artigo recém publicado na Science (Felisa Wolfe-Simon et. ai. A Bacterium That Can Grow by Using Arsenic Instead of Phosphorus. Science Express. December 2. 2010. PP 1-9.), exclama: - Veja essa. Dr. Freud, o ponto focal da minha teoria, a ancestralidade comum, está sendo atacado por esse pessoal da NASA. A se confirmar essa bactéria, a GFAJ-1, pode significar a existência de outras formas de vida e, diferentemente daquilo que se supunha, alguns organismos podem ter vindo de ancestrais diferentes. Parece ser o meu fim! Agora é a vez de Freud demonstrar serenidade: - Calma, Charles. Ainda somos imprescindíveis, mesmo sabedores que a ciência avança principalmente por substituição, não por adição. Caso sirva de consolo, lembre-se da nossa importância, expressa na iconoclastia da frase que é proferida todos os anos pelo reitor da Universidade Harvard, na graduação dos novos doutores: "a antiga e universal companhia de eruditos (the ancient and universal company of scholars). Ou, quem sabe, os versos de uma canção de Sabina, lhe digam mais: "No hay nostalgia peor que aflorar lo que nunca jamás sucedió".

(Gilberto R. Cunha é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Da Revista

Água da Fonte

31/05/2011

Data : 15/04/2016

Título : Conversas de curadores

Categoria: Artigos

Descrição: Em instigantes diálogos, reunidos no livro “A era da curadoria: O que importa é saber o que importa” (edições Papyrus 7 Mares, 2015)...

Em instigantes diálogos, reunidos no livro “A era da curadoria: O que importa é saber o que importa” (edições Papyrus 7 Mares, 2015), Gilberto Dimenstein e Mario Sergio Cortella discutem os tempos atuais em que nos vemos imersos em um mundo marcado pelo excesso de informação, sem que isso, necessariamente, signifique excesso de conhecimento, podendo, inclusive, significar excesso de confusão. Como lidar melhor com esse novo momento da história da humanidade em que nunca se produziu tanto conhecimento, num prazo tão curto e sendo esses disseminados de forma tão rápida? É quando, efetivamente, e isso está cada vez mais claro no mundo contemporâneo, o que importa é saber o que importa.

Gilberto Dimenstein e Mario Sergio Cortella, embora seguindo trajetórias inversas trilharam os mesmos caminhos. Dimenstein começou na comunicação (jornalismo) e enveredou para a educação (autor de livros e projetos educacionais de sucesso); e Cortella a partir da educação (professor) se consagrou como comunicador (palestrante). Ambos têm consciência que o papel da educação e da comunicação na era do conhecimento é crucial. Segundo eles, há que se comunicar para empoderar. E a melhor forma de empoderar é educar. É quando o jornalista (literalmente) conta o dia e o pedagogo prepara o futuro, unindo comunicação e educação.

Diante da constatação óbvia que informação não tem valor quando desprovida de contexto, cabe a indagação: quais são os limites da comunicação e quais são os limites da educação? Indiscutivelmente, a função da educação não é apenas levar o aluno a decorar informações ou conhecimentos ao estilo de um espetáculo circense de demonstração mnemônica. É, antes de tudo, desenvolver habilidades. E é aí que a comunicação assume um protagonismo de escol, uma vez que os conhecimentos já tomaram e vão tomar cada vez mais novas formas interativas e interessantes de apreensão. A escolarização seguindo o modelo em matérias segmentadas, herança do século 19, tem seus dias contados. A universidade do futuro com a sala de aula nos moldes que existe hoje nos parece inimaginável. Eis que então, nesses novos tempos, a figura do curador, para lidar com conhecimentos complexos, adquire proeminência até então desconhecida.

O curador é, por definição, alguém encarregado de cuidar de algo, que, no caso em pauta, tratando-se de curadoria do conhecimento, é o próprio conhecimento, organizando-o e tornando-o disponível e sistematizado para usufruto de outros. Esse tipo de curadoria funcionaria como uma espécie de repositório de credibilidade onde as pessoas vão buscar informações.

Em tempos de todo mundo conectado, com queda cada vez mais vertiginosa da intermediação da informação, cresce o papel dos curadores do conhecimento. Quando a impaciência para aprender toma conta e ninguém mais parece ter paciência para construir uma base sólida de conhecimentos, maior relevância ainda deve ser dada à curadoria do conhecimento.

Nesses novos tempos, quando o acesso ao conhecimento parece ilimitado, conforme bem frisam Gilberto Dimenstein e Mario Sergio Cortella, há que se ter cuidado com a vaidade, que é a mãe de muitas ilusões, desde a vaidade profissional até as nossas mesquinhas do dia a dia. Ambos estudaram na Universidade Harvard e sublinharam, literalmente: um dos lugares mais arrogantes da história da humanidade chama-se Harvard. Por mais que os profissionais de lá pareçam humildes, são de uma arrogância absoluta. E aí, o pessoal da medicina falava: “Não vamos a congressos. Só vamos para falar. Porque se já não soubermos do assunto em questão, é porque não tem importância”. E completavam: “Se tem alguma coisa relevante sendo feita em qualquer área da medicina, de alguma forma já temos de saber. Não vai ser num congresso que vamos tomar conhecimento... Se nos chamarem para falar, nós vamos; para assistir, não”.

Eis porque a grande angústia atual, segundo uma máxima bem conhecida, não é saber o que não sabemos. É não saber o que não sabemos.

Data : 10/12/2011

Título : COP 17 – Saint-Exupéry e os baobás

Categoria: Artigos

Descrição: Ainda não consegui analisar os resultados e os possíveis desdobramentos da 17ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudança do Clima, a 17ª Conferência das Partes ou simplesmente COP 17...

COP 17 – Saint-Exupéry e os baobás

por Gilberto Cunha

Ainda não consegui analisar os resultados e os possíveis desdobramentos da 17ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudança do Clima, a 17ª Conferência das Partes ou simplesmente COP 17, que aconteceu em Durban, na África do Sul, de 28 de novembro a 9 de dezembro de 2011, para emitir qualquer juízo de valor sobre o evento. A busca de acordo para o segundo período do Protocolo de Kyoto, haja vista que essa primeira fase, que entrou em vigor em 2005, embora tenha sido assinado em 1997, deve encerrar em 2012, foi o centro dos debates; como seria previsível. Em meio a uma crise econômica, dificilmente

poderia se esperar mais que promessas por parte de algumas nações. Todavia, nessa COP 17, por enquanto, o que mais chamou a minha atenção foi a logomarca do encontro. Na página Internet oficial da COP 17, <http://www.cop17-cmp7durban.com/>, há uma ilustração de um planeta totalmente dominado por uma árvore gigantesca, que qualquer leitor de Antoine de Saint-Exupéry, facilmente identifica como sendo um baobá. No livro “O Pequeno Príncipe”, em especial nas edições reproduzidas a partir da 1ª edição americana, pela Reynal & Hitchcock, de 1943, cujas ilustrações baseadas nas aquarelas originais do autor, que ainda estava vivo e exilado nos EUA, são superiores à 1ª edição francesa, de 1945, pela Librairie Gallimard, quer seja na expressão do desenho de Saint-Exupéry ou pela frase “Crianças! Cuidado com os baobás!”, depreende-se que essas árvores são a grande ameaça ao planeta do príncipezinho.

Trigo – Safra 2011/12

O Brasil, em 2011, cultivou 2.125,2 mil hectares de trigo, majoritariamente concentradas no sul do País. A expectativa é de uma colheita de 5.413,7 mil toneladas de grãos, com uma produtividade média de 2.547 kg/ha, conforme o boletim de Acompanhamento da Safra Brasileira (3º Levantamento/Dezembro 2011) da CONAB liberado nessa quinta-feira (8). A qualidade tecnológica do trigo brasileiro, nessa safra, não serve como pretexto para a dificuldade de comercialização do produto colhido.

AEAPF – Churrasco

Acontece nesse domingo (11), às 11h, na sede da Associação dos Engenheiros-Agrônomos de Passo Fundo, no Parque da Roselândia, o já tradicional “Churrasco de Final de Ano” da entidade. Uma oportunidade de encontro entre colegas de profissão, discussão de amenidades e de coisas relevantes para categoria, além de, para alguns, ser a ocasião para conhecerem as melhorias nas instalações da sede, cujo projeto, trabalho e sonho de muitas pessoas vem sendo continuado pela atual direção, que tem no presidente, o Eng.-Agr. Ivo Nunes, um entusiasta pela AEAPF.

Fitopatologia

Um livro que trata do impacto da mudança do clima sobre doenças de planta cultivadas no Brasil, recém lançado, foi disponibilizado para acesso gratuito (arquivo ImpactoMudancasClimaticas.pdf pode ser livremente baixado) na página Internet da Embrapa Meio Ambiente, que tem sede em Jaguariúna/SP: www.cnpma.embrapa.br/climapest/livros/livro3.html. A obra, editada pelos pesquisadores da Embrapa Raquel Ghini, Emília Hamada e Wagner Bettiol, foi organizada em 20 capítulos (357p.), que levam a assinatura de quarenta e oito

especialistas de diversas instituições de pesquisa, universidades e empresas da iniciativa privada do País.

La Niña

O boletim El Niño/Southern Oscillation (ENSO) Diagnostic Discussion, liberado nessa quinta-feira (8) pelo Centro de Previsão Climática dos EUA (Climate Prediction Center/NCEP/NWS) alerta para a persistência do fenômeno La Niña, pelo menos, até março de 2012. Indicadores oceânicos e atmosféricos são consistentes na indicação de continuidade desse evento La Niña, previsto como de intensidade fraca a moderada por alguns modelos, condição que é vista como a mais provável, ou, por outros, como o evento mais forte dos últimos 50 anos. Quem viver verá!

Alguém ainda lembra dessa frase? Por favor...desenha-me um carneiro! (A. de Saint-Exupéry, 1943)

O Nacional

Sábado, 10/12/2011

Data : 17/12/2011

Título : COP 17 – Um balanço

Categoria: Artigos

Descrição: Apesar das críticas e de mais uma vez ter ficado evidente a falta de compromisso global de algumas das mais importantes economias do mundo...

COP 17 – Um balanço

por Gilberto Cunha

Apesar das críticas e de mais uma vez ter ficado evidente a falta de compromisso global de algumas das mais importantes economias do mundo, sempre relutantes em formalizar publicamente compromissos no controle de emissões dos gases de estufa, indiscutivelmente, houve avanços nas 17ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudança do Clima, a COP 17, que aconteceu em Durban, na África do Sul, de 28 de novembro a 11 de dezembro de 2011. Em termos

concretos, destaque para a renovação da vigência do Protocolo de Kyoto, a partir de 1º de janeiro de 2013, que apesar da não adesão dos EUA, do Japão, do Canadá e da Rússia foi algo relevante. Vale o mesmo para os avanços com o Fundo Verde do Clima, com expectativa de alcançar US\$ 100 bilhões para aplicações em estratégias de mitigação de emissões e de adaptação a uma nova ordem climática no mundo, a partir de 2020. Destaque também para a iniciativa de um acordo universal legal, com compromissos vinculantes para todas as nações, antes do ano 2015. Há que se buscar, na esfera da diplomacia internacional, que todas as nações do mundo se engajem na questão do clima global, pois, se você ainda não percebeu, a atmosfera terrestre não reconhece fronteiras políticas.

Academia de Letras

Nesse sábado (17), na sede da Academia Passo-Fundense de Letras, das 9h30 às 10h30, ocorre a eleição para escolha da nova direção do sodalício das letras locais, biênio 2012-2013. Tudo indica que haverá apenas uma chapa concorrendo, tendo como candidato à presidência o acadêmico Osvandré Lech. Na tarde, às 15h30, está prevista uma confraternização de encerramento das atividades da APL em 2011.

Elisabeth & Santina

Elisabeth Ferreira e Santina Rodrigues Dal Paz, presidente e vice-presidente, respectivamente, dirigiram a Academia Passo-Fundense de Letras nos últimos dois anos, 2010 e 2011. Entre as muitas realizações, vale destacar: a renovação dos quadros da APL, com o ingresso de novos acadêmicos, a reforma do auditório da instituição, com o projeto de aquisição de cadeiras, o concurso literário sobre Rachel de Queiroz, com o lançamento do livro das contribuições na Jornada Nacional de Literatura de 2011, a continuidade do programa Literatura Local, pela TV Câmara, a edição da Revista Água da Fonte, que trouxe uma histórica entrevista do Dr. Bruno Markus. Nossos cumprimentos a Elisabeth, a Santina e sua equipe da diretoria, pelo trabalho realizado.

Osvandré Lech

Na proposta de trabalho do futuro presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, acadêmico Osvandré Lech, destaque para o compromisso de envolvimento da APL em um projeto para dotar a cidade de Passo Fundo de uma biblioteca pública com a dimensão que merece a Capital Nacional da Literatura. Muitos ignoram, mas foi no seio do antigo Grêmio Passo-Fundense de Letras, fundado em 7 de abril de 1938, depois sucedido, em 1961, pela atual Academia Passo-Fundense de Letras, que foram gestados os embriões de instituições e projetos culturais que hoje vicejam em Passo Fundo. Com essa iniciativa, Osvandré Lech, um homem que, sabidamente, não faz concessão à

mediocridade, apesar dos novos tempos, retoma o espírito dos nossos intelectuais públicos do passado, ao se comprometer com a história de uma instituição que já ultrapassa sete décadas de existência e, indo além, recolocar a APL na dianteira de grandes projetos culturais.

Canola

O pesquisador Gilberto Omar Tomm alertou o colunista sobre os erros nas estatísticas de produção de Canola no Brasil, publicadas nessa coluna, na edição de 3 de dezembro de 2011. As informações corretas, safra 2011, segundo Tomm, são: produção estimada em 60 mil toneladas de grãos em uma área cultivada de 59.100 hectares, assim distribuídas: 33.500 ha (RS), 21.500 ha (PR), 3.000 ha (MS), 600 ha (MG) e 500 ha (SC). A CONAB divulgou no boletim de Acompanhamento da Safra Brasileira (3º Levantamento/Dezembro 2011), liberado na última quinta-feira (8), uma área cultivada de 46.200 hectares e uma produção estimada em 59,7 mil toneladas.

O Nacional

Sábado, 17/12/2011

Data : 10/04/2015

Título : Criminalizar ou não criminalizar, eis a questão

Categoria: Artigos

Descrição: Diante do crescimento no número de artigos científicos retratados sob o manto da alegada conduta científica inadequada, tem avançado o debate sobre a necessidade de criminalização ou não desse comportamento dos cientistas.

Sexta-Feira, 10/04/2015 às 07:18, por Gilberto Cunha

Diante do crescimento no número de artigos científicos retratados sob o manto da alegada conduta científica inadequada, tem avançado o debate sobre a necessidade de criminalização ou não desse comportamento dos cientistas. Afinal, conduta inadequada nesse caso é um mero eufemismo para atenuar o que se poderia chamar de fraude no tocante a fabricação e falsificação de dados, além do plágio; que, mesmo havendo outras modalidades, são dominantes entre as práticas enquadráveis na categoria de inadequadas nos meios acadêmicos. Revistas que gozam de grande prestígio internacionalmente, como The Lancet, Science, Nature, PNS, etc. não tem passado incólumes a esse mal dos novos

tempos, pois, segundo alegam os defensores da criminalização, em não sendo essa uma conduta tipificada criminalmente, em época de moral duvidosa, a suposta “recompensa”, em caso de êxito, tem se mostrado mais tentadora que os prejuízos frente aos riscos corridos; uma vez que processos criminais por fraude científica são raros.

Há casos de fraudes científicas que tem consequências sociais e econômicas grandes. E nesse tipo de situação, mesmo entendendo que há uma gradiente de conduta inadequada e da dificuldade de diferenciação entre fraude e erro ou interpretação equivocada de resultados, uma vez que a infalibilidade humana deve ser descartada, há quem defenda a criminalização, adicionalmente à retratação do artigo publicado, como necessária. Especialmente, quando a fraude deliberada foi prevalecte.

Um dos casos mais rumorosos de retratação de um artigo científico, não sem consequências diga-se, foi o a suspeita de fraude e manipulação de dados por Andrew Wakefield e colaboradores do Royal Free Hospital em Londres, publicado na prestimosa revista The Lancet, em 1998, pelo alvoroço que causou ao relacionar a vacina tríplice viral (sarampo, caxumba e rubéola) e autismo. Os danos que esse artigo fraudulento causou foram enormes, em termos de saúde pública, uma vez que prejudicou campanhas de vacinação no mundo todo, pela insegurança de alguns profissionais da área médica e o temor dos pais em vacinar seus filhos. Inclusive, a negativa do então primeiro ministro da Inglaterra, Tony Blair, em responder a uma pergunta de um jornalista, em dezembro de 2001, se o seu filho recém-nascido, Leo Blair, havia recebido essa vacina, ajudou a difundir o pânico. O artigo foi retratado por The Lancet, em 2010, depois de 12 anos de muito debate, investigações paralelas, pais com sentimentos de culpa por terem vacinados os filhos e com isso condenando-os ao autismo; em resumo, espalhado dúvidas e incertezas que muita gente comunga até hoje sobre essa suposta relação entre o autismo e a vacina tríplice viral.

Havia, por trás desse artigo de Andrew Wakefield e colaboradores, conflito de interesses (inferir que vacinas isoladas eram mais seguras que a tríplice) e falta de aprovação pelo comitê de ética para os testes que foram realizados nas 12 crianças acompanhadas no estudo, impingindo-lhes sofrimento pela realização de colonoscopias e punções para retirada de líquido na coluna cervical, como revelou, em 2004, a investigação jornalística realizada por Brian Deer, do The Sunday Times.

Entre os que são contra a criminalização da chamada conduta científica inadequada, sobressai-se o argumento de que a confiança deve ser o centro de qualquer empreendimento humano; e especialmente na prática científica. Quando se instala uma crise de confiança, como a que vivemos atualmente, que pode ser medida pelo crescimento dos instrumentos jurídicos contratuais, declarações de cedência de direitos e de uso de imagem, etc. nos meios acadêmicos, os indícios são fortes de que algo vai mal. A presunção de má-fé não pode se sobrepor a de boa-fé, como algumas mentes doentias alvoroçam-se em defender. Felizmente, há alternativas além de a simples discussão criminalizar ou não criminalizar.

Data : 17/04/2015

Título : Criminalizar ou não criminalizar, eis a solução

Categoria: Artigos

Descrição: Andrew Wakefield e o infame artigo publicado na prestimosa revista The Lancet, em 1998, que relacionou a vacina tríplice viral...

Sexta-Feira, 17/04/2015 às 07:19, por Gilberto Cunha

Andrew Wakefield e o infame artigo publicado na prestimosa revista The Lancet, em 1998, que relacionou a vacina tríplice viral (sarampo, caxumba e rubéola) com casos de autismo, espalhando pânico e muitas dúvidas, mesmo entre os profissionais da área de saúde, no começo dos anos 2000, até, pelo menos, a retratação do trabalho, em 2010, por conflitos de interesse e falta de ética na lide com os pacientes, tem sido a base da argumentação usada pelos que defendem penas mais severas que a simples retratação da publicação para as chamadas condutas inadequadas na ciência. A grade dúvida que persiste é se penas mais duras para esse tipo de caso, como a criminalização expressa da conduta, teria detido os protagonistas dessa publicação (Andrew Wakefield e mais 12 colaboradores)? Provavelmente, não. O esforço despendido para desacreditar uma vacina e, paralelamente, promover alternativas medicamentosas lucrativas, sugere que alguém com esse tipo de mente não têm qualquer preocupação em enfrentar possíveis processos judiciais decorrentes.

Outro caso bem conhecido de conduta científica inadequada, embora visto como não tão nocivo quanto o protagonizado por Andrew Wakefield e colaboradores, pelo menor potencial de causar danos, envolveu Yoshita Fujii, que, durante 19 anos, pela fabricação de dados, fraudou 172 publicações sobre náuseas e vômitos no processo pós-operatório. A motivação, nesse caso, parece ter sido apenas a preocupação com o publish or perish (publicar ou perecer) que, nas últimas décadas, tem atormentado a comunidade científica no mundo todo. Os coautores de Yoshita Fujii foram incapazes de identificar a fraude; inclusive, alguns ignoravam até que eram coautores desses trabalhos.

Há quem discuta o papel e também ponha dúvida sobre a conduta dos chamados “palestrantes celebridades”, que, não raro, patrocinados por grupos com claros e legítimos interesses econômicos, são presenças quase que obrigatórias em congressos científicos e em eventos técnicos, e que, valendo-se mais de retórica que propriamente de dados científicos, trabalham a persuasão de ideias em detrimento da discussão crítica de resultados oriundos de pesquisas originais. O que, dessa forma, tem servido para empobrecer o debate e diminuir a relevância outrora dada à participação em congressos científicos, bem como relativizado a importância dos encontros técnicos.

Indiscutivelmente, a criminalização da conduta científica tipificada como inadequada, ainda que defendida por alguns cientistas, não parece ser a melhor

alternativa. Influi negativamente sobre a confiança que deve ser a regra na prática científica. Uma melhor governança e não investigação criminal se impõe com mais urgência e relevância na ciência. Para fazer frente ao crescimento no número de artigos retratados pelas grandes revistas científicas internacionais (The Lancet, Science, Nature, PNAS, etc.), que muitos atribuem esse diagnóstico graças aos avanços em TICs, em tempos de publicações eletrônicas, e à pressão acadêmica por publicar ou perecer (o popular publish or perish), além dos evidentes interesses econômicos nem sempre revelados, tem conquistado cada vez mais adeptos a filosofia dos dados abertos (open data) na ciência.

Ainda é incipiente a cultura do compartilhamento e reutilização de dados gerados por terceiros, que são abertamente disponibilizados (open data) como suporte aos artigos científicos publicados ou na forma de bases de dado originais com os devidos créditos autorais. Todavia, essa parece ser uma boa prática para reduzir muitas das chamadas fraudes diagnosticadas em publicações científicas; além de permitir reanálises de evidências, reprodução e verificação de resultados e economia em gastos desnecessários, especialmente quando envolvendo a ciência custeada pela esfera pública, que, de alguma forma, já foi paga pela sociedade.

Data : 07/08/2007

Título : Cultura do trigo

Categoria: Artigos

Descrição: Quando das comemorações do centenário de Passo Fundo, em 1957, a Prefeitura Municipal, gestão Wolmar Salton, mandou imprimir a obra Rememorações do Nosso Passado...

Gilberto R. Cunha (*)

Quando das comemorações do centenário de Passo Fundo, em 1957, a Prefeitura Municipal, gestão Wolmar Salton, mandou imprimir a obra Rememorações do Nosso Passado, que havia sido escrita em 1949 por Francisco Antonino Xavier e Oliveira (1876-1959), com vistas ao concurso de história local, aberto em cumprimento da lei nº 70, de 16 de dezembro de 1948. Nela, o pai da história de Passo Fundo destaca, em capítulo especial dedicado ao trigo, que referências sobre o cultivo desse cereal em nosso município constavam da primeira estatística agrícola organizada pela Câmara Municipal, em 1858. E como a criação do município datasse do ano anterior, supunha ele, que era bem possível que o cultivo de trigo na região, ainda que em menor

escala, fosse prática corrente no período anterior ao desmembramento de Cruz Alta.

Francisco Antonino Xavier e Oliveira faz diversas menções sobre o cultivo de trigo em Passo Fundo desde os primórdios de sua criação em 1857. Ele cita, por exemplo, que por ocasião da “Exposição Brasileira-Alemã”, de Porto Alegre, realizada em 1881, a comissão encarregada da remessa de produtos do município, estampou em seu relatório o seguinte texto: “Lembramos as palavras do naturalista dr. Reinaldo Hensel que disse quando aqui esteve, no ano de 1865, que os municípios de Passo Fundo e de Vacaria podiam fornecer de trigo, centeio e cevada a todo o Império”. O próprio Antonino, encarregado de elaborar o folheto O município de Passo Fundo na Exposição Nacional de 1908, que acompanhou o mostruário de produtos, escreveu nele sobre o trigo: “Também esta planta dá-se vantajosamente em nossas terras, tendo já larga cultura. Sua produção ordinária, pelos métodos rotineiros, varia de 40 a 60 alqueires por um de planta”.

Ao mesmo tempo em que enaltece o cultivo de trigo de Passo Fundo, o pai da história local se antecipa em buscar explicações por que, mesmo parecendo ser um empreendimento de êxito e seguro, a cultura do “cereal rei” não progrediu como poderia no passado. Entre as causas, ele cita a localização geográfica do município (longe dos mercados consumidores), a dificuldade de transporte e a falta de vias de comunicação (estradas).

Uma expectativa de mudança desse cenário veio com a estrada de ferro e a colonização do Alto Uruguai. Antonino também depositou uma grande esperança na Estação Experimental de Engenheiro Englert, criada pelo governo da União em 1937, para expandir o trigo na região.

Passo Fundo recebeu, no final dos anos de 1930, uma unidade dos Moinhos Rio-Grandenses S/A., ligada ao Grupo Bunge e Born. O moinho produzia a afamada farinha de trigo Primor (usando trigo nacional e importado), tendo suas dependências localizadas próximas à linha férrea, contando com desvio da ferrovia para carga e descarga em seu pátio.

Quando encerrou atividades, o prédio do moinho passou a servir à Cooperativa Tritícola de Passo Fundo Ltda. (COOPASSO).

Antonino Xavier e Oliveira, após anos de enfermidade, faleceu nas primeiras horas do dia 10 de julho de 1959. Presenciou em vida (embora a saúde abalada e a idade avançada talvez não lhe permitissem acompanhar os festejos) a VII Festa Nacional do Trigo, que aconteceu na cidade, no marco das comemorações do centenário de criação do município. Na ocasião, trigais foram semeados nos canteiros centrais da Avenida Brasil e montou-se o pavilhão do trigo junto à Exposição Agro-Industrial do 1º Centenário, realizada no terreno da atual prefeitura municipal. A senhorita Gládis Marson, filha do triticultor, Antonio Marson Filho, foi escolhida Rainha Nacional do Trigo, tendo o evento, em 20 de outubro de 1957, recebido a visita do presidente João Goularte. Mas, o que Antonino não conseguiu alcançar em vida, foi o surto de desenvolvimento na agricultura passo-fundense que começou impulsionado pela triticultura, após os anos 1960.

O trigo foi a primeira lavoura de base tecnológica da agricultura do Sul do Brasil. Programas do governo federal incentivaram o cultivo de trigo no país, ainda nos anos 1940.

No município, os irmãos Mário e Amadeu Goelzer se destacaram entre os pioneiros a realizarem lavouras mecanizadas de trigo, nos campos do Butiá. No rastro da triticultura, surgiram em Passo Fundo novos e importantes empreendimentos. Cabe destacar, a Cooperativa Tritícola de Passo Fundo Ltda. (COOPASSO), a Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária da UPF, a Embrapa Trigo, a Associação dos Produtores e Comerciantes de Sementes e Mudanças do RS (APASSUL), a OR Melhoria de Sementes Ltda. e a Fundação Pró-Sementes de Apoio à Pesquisa, por exemplo. Além do desenvolvimento de um consolidado parque industrial de máquinas agrícolas (que começou voltado ao trigo) e de inúmeros estabelecimentos de revenda de insumos agropecuários e escritórios de assistência técnica.

Data : 02/06/2010

Título : Da Terra à Lua

Categoria: Artigos

Descrição: Muito antes dos americanos botarem o pé na Lua, pela primeira vez, com Neil Armstrong, em 20 de julho de 1969, e sua célebre frase

Da Terra à Lua - 03/06/2010

Quarta-Feira, 02/06/2010 por Gilberto Cunha

Muito antes dos americanos botarem o pé na Lua, pela primeira vez, com Neil Armstrong, em 20 de julho de 1969, e sua célebre frase - "Este é um pequeno passo para o homem, um gigantesco salto para a humanidade"-, houve quem tentasse, ou melhor, imaginasse chegar lá. E não tem nada a ver com os russos, que, nos anos 1960, andavam lado a lado com a turma da NASA naquilo que ficou conhecido na História como corrida espacial.

Os babilônios, há mais de cinco mil anos, tinham lá o seu jeito de sair da Terra. Aparentemente, acreditavam que ir para a Lua era a melhor forma de escapar dos inimigos. Isto pode ser visto nas suas peças de arte, decoradas, por exemplo, com representações de um homem montado num pássaro que voa em direção à Lua, enquanto é perseguido por um outro que o ameaça com uma vara.

No tempo de Alexandre da Macedônia foi desenvolvido um método muito parecido com o dos babilônios para se chegar na Lua. Basicamente, eram usados dois grifos - monstros fabulosos, com aparência de pássaro, que tinham cabeça e asas de águia, e corpo de leão - atrelados com uma corrente a uma

pequena cesta, na qual o passageiro ficaria de pé. Para guiar os grifos, o viajante levaria um cordeiro espetado na ponta de uma vara comprida, e direcionada para a Lua. Os grifos, supunha-se, voariam na direção do cordeiro. E como jamais o alcançariam, seus esforços continuados acabariam por levar o passageiro até à Lua.

Cyrano de Bergerac, escritor francês que viveu no século 17, sugeriu várias maneiras para o homem chegar na Lua. Acreditava ele que valendo-se da evaporação do orvalho se poderia ir à Lua. Bastaria encher de orvalho algumas ventosas amarradas em volta da cintura do viajante lunar, e a medida que este se evaporasse ergueria a pessoa e a levaria até a Lua. O próprio Cyrano disse que fez este tipo de viagem, e para não ir muito longe quebrou algumas ventosas, derramando o orvalho. Segundo explicou, embora iniciasse o vôo na França, desceu no Canadá, porque a Terra embaixo girou enquanto ele voava.

Na primeira metade do século 19, parece que houve um grande estímulo para se pensar como chegar na Lua. Na Itália, apareceu a idéia de usar-se uma gôndola. O barco, munido de rodas dentadas, seria apoiado em duas correntes estendidas da Terra à Lua, e sendo impulsionado por foles que soprariam o ar contra uma vela chegar-se-ia até a superfície lunar. O que não estava claro era como e por quem foram estendidas as correntes que ligavam a Terra à Lua.

Tanto a caixa de convecção de Cyrano, quanto a gôndola dos italianos, e muitas outras sugestões/imaginações do passado, todas pressupunham a existência de ar no espaço entre a Terra e a Lua. A concepção de uma atmosfera terrestre limitada, e por consequência a existência de vácuo no espaço, somente surgiu na Segunda metade do século 19.

Todavia, foi Júlio Verne, escritor francês do século 19, quem imaginou o mais célebre método para se chegar à Lua. No livro *Da Terra à Lua*, publicado em 1865, Júlio Verne sugeriu que o meio para atingir a Lua consistia em ser atirado lá por um disparo de um canhão. Tudo a ver com os foguetes que viabilizaram as missões Apollo. É claro que não era um canhão comum, e sim um tipo especial, com 16 quilômetros de comprimento. Segundo a sua descrição, o tal canhão foi fundido num grande buraco aberto na Terra, ficando somente a boca acima da superfície. Um vagão projétil foi introduzido no tubo do canhão, após este ter sido carregado com uma grande quantidade de pólvora. Quando a pólvora explodiu, o projétil foi atirado no espaço, envolto numa espessa nuvem de fumaça.

Júlio Verne, nos seus escritos, antecipou corretamente vários acontecimentos que foram comprovados com as viagens espaciais que acabaram levando, de fato, o homem até à Lua. Por exemplo, o caso dos dois cães colocados no seu vagão lunar. Um deles, chamado Satélite, acabou morrendo durante a viagem. Abriu-se uma escotilha e o cadáver foi atirado para fora. Entretanto, como relata o escritor, este não caiu, continuando a viajar no espaço ao lado do veículo. E isto é exatamente o que aconteceria se um objeto fosse atirado no espaço de dentro de um foguete a grande velocidade.

Foram estes sonhos e imaginações, aparentemente malucos, de alguns homens, ao longo dos séculos, em várias partes do mundo, que, se não abriram as portas do espaço para a chegada à Lua, pelo menos abriram os caminhos do pensamento que possibilitaram o homem chegar lá (em seis missões Apollo), e, quem sabe, ir até mais além.

Data : 15/03/2019

Título : Darwin e o homem de Platão

Categoria: Artigos

Quanto mais nos afastamos de Deus, especificamente do livro do Gênesis, 1:26 -Façamos o homem à nossa imagem e semelhança -, tanto mais nos aproximamos de Darwin e dos outros seres naturais. Isso significa tão somente a busca pela nossa origem e o que temos em comum com os outros animais. Não se trata de reviver o confronto entre uma origem divina ou uma origem zoológica para o homem. Quem sabe, encontrar, na teoria de Darwin, os possíveis vínculos entre evolução biológica e evolução cultural.

Queiramos ou não, fazemos parte dos seres naturais. Vivificamos o egoísmo como ação natural, sempre que colocamos em primeiro lugar o interesse próprio, e, em essência, não passamos de uma manifesta expressão do egoísmo dos genes. O que nos diferencia das demais criaturas naturais é a noção de liberdade. É na ação moral, vista como o contrário da ação que não leva em conta o outro, que a humanidade se define; carecendo a moralidade de significado e justificação, quando fora do contexto humano.

É raro um texto se referir à evolução biológica sem mencionar implicações na evolução do homem. Todavia, a presença humana na obra *A Origem das Espécies*, publicada em 1859, não é tão facilmente perceptível. A famosa frase, “luz será lançada sobre a origem do Ser humano e sua História”, posta no final do livro, talvez indique que Darwin estava convencido de que a seleção natural atuara no ser humano, mas decidiu não dizer explicitamente. Por quê?

Darwin tratou o tema de um ponto de vista teórico. Isso não o impedia de estender suas conclusões a todos os seres vivos, inclusive humanos. Para alguns, quis evitar controvérsias (previsíveis) com a igreja anglicana. Para outros, um dilema pessoal, vivido, na época, pelo grande naturalista britânico, acometido de sérios distúrbios psicológicos (atribuídos, erroneamente, como causados pelo Mal de Chagas) o impediu de fazê-lo.

Sobre Charles Waring, filho mais novo de Darwin, morto em 1858, ocasião que ele escrevia sua obra-prima, pairam controvérsias. Uma fotografia, quando ainda bebê, no colo da mãe, Emma, aparenta que ele sofria da síndrome de Down. E, na sociedade vitoriana, um ser “diferente” dos demais era visto como “reversão

ao tipo selvagem”. Alguns anos depois, em 1866, em conferência no Hospital de Londres, John Langdon Down, apresentaria relatos de casos de pacientes com características de “reversão mongolóide”. Na época, as raças mongólicas eram tidas como “selvagens”. Enquanto escrevia o capítulo sobre “seleção natural”, há quem diga que mais aumentava a certeza de Darwin de que seu filho era resultado da tal “reversão ao estado selvagem”. Diante desse dramático envolvimento pessoal, presume-se quão difícil teria sido para ele tratar do assunto.

No conjunto da obra de Darwin, sobressai-se *Descent of Man* (1871). Nesse livro ele se refere especificamente ao caso humano, com muitos exemplos. Retomou a visão que já se encontrava definida (implicitamente), quando da elaboração de *A Origem das Espécies*. Uma obra que se não foi escrita pensando no ser humano, certamente foi lida por quem estava pensando nele.

Produzir conhecimento e a habilidade de transmissão eram considerados atributos exclusivamente humanos. Isso caiu por terra quando, em 1971, demonstrou-se que chimpanzés na Tanzânia também eram capazes desse feito. Cultura, inovação e transmissão de conhecimento deixou de ser algo que nos diferenciava dos outros animais e passou a ser algo pertinente a todos os animais sociais.

Via processos culturais, manipulamos não só o mundo ao nosso redor, mas também a nossa própria biologia. E isso talvez seja a essência do evolucionismo, que, um dia, possa vir a aproximar a evolução humana e os códigos dos computadores, deixando margem para um futuro surrealista. Platão definiu o homem como o único animal sem penas e que andava sobre dois pés. O grande filósofo teve o dissabor de engolir Diógenes, o cínico, que, aproveitando-se da situação, depenou uma galinha e declarou com alarde: Eis o homem do Platão!

Data : 12/12/2014

Título : Dedique um tempo para sentir o perfume das rosas

Categoria: Artigos

Descrição: Intrigante, numa primeira e rápida passada de olhos. É o mínimo que se pode dizer do editorial “Take Time to Smell the Roses” (qualquer coisa tipo: Dedique um Tempo para Sentir o Perfume das Rosas)...

Sexta-Feira, 12/12/2014 às 07:18, por Gilberto Cunha

Intrigante, numa primeira e rápida passada de olhos. É o mínimo que se pode dizer do editorial "Take Time to Smell the Roses" (qualquer coisa tipo: Dedique um Tempo para Sentir o Perfume das Rosas), publicado no boletim ENSO Signal, volume 17, maio de 2001. Com uma leitura um pouco mais atenta, talvez se conclua que esse, além de interessante, é muito pertinente, para quem, de uma forma ou de outra, se encontra envolvido com atividades científicas.

O citado editorial é assinado por Michael H. Glantz, sociólogo, pesquisador do National Center for Atmospheric Research, sediado em Boulder, Colorado, EUA. Trata-se de uma reflexão sobre a sua vida pessoal e profissional, principalmente, mas que pode ser extrapolada e acaba encontrando identificação fácil em muitos de nós.

As reflexões do Dr. Glantz foram despertadas, segundo ele comenta, durante uma viagem a Bancoc, por um cartoon. Tipo estes publicados diariamente em jornais, que captam com facilidade nossos sentimentos e percepções da realidade, quando não a própria realidade. O desenho em questão mostrava um homem na sua mesa de trabalho, com uma pilha de papeis. Atrás dele, um armário estufado de papeis. Pelo chão, papeis e mais papeis espalhados. E a legenda: "I'm giving up trying to get ahead, so I can concentrate on slowing down the rate at which I'm falling behind". Digamos, não literalmente, algo como: "Eu estou desistindo de tentar andar sempre na frente, para poder me concentrar naquelas coisas que estão fazendo com que eu fique para trás".

A cena descrita acima pode ter muitos significados. Cada um que pegue o seu. Pessoalmente, compartilho com o Dr. Glantz o sentimento que, quando se olha demais para o futuro, acaba-se esquecendo de pensar/viver o presente. Reflexões deste tipo podem se aplicar muito bem tanto a nossa vida pessoal quanto profissional. E a relevância que damos a esse tipo de frase depende muito, é claro, do nosso estado de espírito no dia que nos deparamos com elas.

Não há dúvidas de que todos que estão envolvidos com pesquisa científica, e exercem a atividade com um mínimo de seriedade, buscam, no fundo, somar algo ao conhecimento existente. E fazer qualquer diferença na ciência, hoje, por menor que essa seja, não é tarefa simples. Poucos conseguirão, apesar de muitos gastarem toda uma vida profissional buscando isso. E é essa busca por querer acrescentar alguma coisa ao conjunto do conhecimento vigente que caracteriza a atividade científica como orientada para o futuro. Com isso, surge o problema: muitos exageram tanto nesta tal orientação para o futuro que acabam não percebendo direito o presente. Não conseguem, por exemplo, acompanhar o estado atual do conhecimento. Terminam isolados cientificamente. E, por uma mera incapacidade de síntese do presente, invariavelmente, ficam para trás. São superados, ou, quando muito, reinventam a roda.

Acompanhar, ou melhor, tentar acompanhar o estado-da-arte da produção científica em qualquer área do conhecimento exige uma dedicação que poucos mortais estão dispostos a se sujeitar. Há tanta informação disponível que se tornou humanamente impossível ler tudo sobre um determinado assunto.

O ponto crucial é que se acaba, muitas vezes, realizando pesquisas que já foram feitas. Originalidade, apesar de ser um pressuposto na ciência, é coisa rara. De fato, muitas vezes, o que há é um gasto de tempo, de recursos escassos e desperdício de potencial humano. O desafio é como retomar o controle desta situação. Pois, ninguém tem dúvida, que a pesquisa científica continuará com o seu foco no futuro (inovação). Porém, esta orientação para o futuro não descarta um olhar para o passado e, muito menos, uma visão panorâmica e de síntese do presente.

Data : 12/05/2010

Título : Dedique um tempo para sentir o perfume das rosas

Categoria: Artigos

Descrição: Intrigante, numa primeira e rápida passada de olhos. É o mínimo que se pode dizer do editorial Take Time to Smell the Roses...

Dedique um tempo para sentir o perfume das rosas

Intrigante, numa primeira e rápida passada de olhos. É o mínimo que se pode dizer do editorial Take Time to Smell the Roses (qualquer coisa tipo: Dedique um Tempo para Sentir o Perfume das Rosas), publicado no boletim ENSO Signal, volume 17, maio de 2001. Com uma leitura um pouco mais atenta, talvez se conclua que o mesmo, nos tempos atuais, além de interessante é muito pertinente, para quem, de uma forma ou de outra, se encontra, envolvido com atividades científicas.

O citado editorial é assinado por Michael H. Glantz, sociólogo, pesquisador senior do National Center for Atmospheric Research, sediado em Boulder, Colorado, Estados Unidos da América. Na verdade, trata-se de uma reflexão sobre sua vida pessoal e profissional, principalmente, mas que pode ser extrapolada e acaba encontrando identificação fácil para muitos de nós.

As reflexões do dr. Glantz, cientista internacionalmente reconhecido, foram despertadas, segundo ele comenta, durante uma viagem a Bancoc, por um cartoon. Tipo estes publicados diariamente em jornais, que captam com facilidade nossos sentimentos e percepções da realidade, quando não a própria realidade. O desenho em questão mostrava um homem na sua mesa de trabalho, com uma pilha de papéis sobre a mesma. Atrás dele, um armário estufado de papéis. Pelo chão, papéis e mais papéis espalhados. E a legenda: "Im giving up trying to get ahead, so I can concentrate on slowing down the rate at which Im falling behind". Digamos, não literalmente, algo como: "Eu estou desistindo de tentar andar sempre na frente, para poder me concentrar naquelas coisas que estão fazendo com que eu fique para trás".

A cena descrita acima pode ter muitos significados. Cada um que pegue o seu. Pessoalmente, compartilho com o dr. Glantz o sentimento de que ando gastando tempo demais olhando para o futuro e acabo esquecendo de pensar/viver o presente. Reflexões deste tipo podem se aplicar muito bem tanto a nossa vida pessoal, quanto profissional. E a consideração que damos a frases com esta depende muito, é claro, do nosso estado de espírito no dia que nos deparamos com elas.

Não há dúvidas de que todos que estão envolvidos com pesquisas, e exercem a atividade com um mínimo de seriedade, buscam, no fundo, somar algo ao conhecimento existente. E fazer qualquer diferença na ciência, hoje, por menor que seja, não é coisa simples. Poucos chegarão lá, apesar de muitos gastarem toda uma vida profissional buscando isso. E é esta busca por querer acrescentar alguma coisa ao conjunto do conhecimento vigente que caracteriza a atividade científica como orientada para o futuro. Com isso, surge o problema: muitos exageram tanto nesta tal orientação para o futuro que acabam não percebendo direito o presente. Não conseguem, por exemplo, acompanhar o estado atual do conhecimento. Terminam se isolando cientificamente. E, por uma mera incapacidade de síntese do presente, invariavelmente, ficam para trás. São superados, ou, quando não, reinventam a roda.

O isolamento científico é decorrente de várias coisas. Começando pela incapacidade individual para acompanhar a evolução do conhecimento. Pode ser também por falta de recursos materiais e financeiros ou por alguma coisa circunstancial. Tipo um bom cientista deslocado para uma função de gerente, por exemplo. Passado algum tempo, o conhecimento da sua área evolui e ele fica.

Acompanhar, ou melhor, tentar acompanhar o estado-da-arte da produção científica em qualquer área do conhecimento exige uma dedicação que poucos mortais estão dispostos a se sujeitar. Há tanta informação disponível que se tornou humanamente impossível ler tudo sobre um determinado assunto. E sem esquecer da grande quantidade de informações que pode ser encontradas naquilo que, no jargão da comunidade científica, é rotulado de "grey literature".

O ponto crucial de tudo isso é que se acaba, muitas vezes, realizando as mesmas pesquisas que outros já estão fazendo. Ou, um pouco pior, que já foram feitas. Originalidade, apesar de ser um pressuposto na ciência, é coisa rara. De fato, as vezes, o que há é um gasto de tempo, de recursos escassos, e um claro desperdício de potencial humano. O desafio, para muitos, é como retomar o controle desta situação. Pois, ninguém tem dúvida, que a pesquisa científica continuará com o seu foco no futuro. Porém, esta orientação para o futuro não descarta um olhar para o passado, e, muito menos, uma visão panorâmica e de síntese do presente.

O Nacional

Quarta-Feira, 12/05/2010 por Gilberto Cunha

Data : 15/01/2016

Título : Desconstruindo mitos

Categoria: Artigos

Descrição: Há (ou havia) a crença que os usuários contumazes de “palavrões” agem assim por uma mera questão de pobreza de vocabulário.

Há (ou havia) a crença que os usuários contumazes de “palavrões” agem assim por uma mera questão de pobreza de vocabulário. Lamento pela desilusão, mas esse é mais um mito que foi desconstruído pelo trabalho relativamente recente dos psicólogos Kristin L. Jay e Timothy B. Jay, publicado na revista *Language Sciences* (v. 52, p. 251-259, 2015). E na categoria “palavrão” entenda-se uma gama variada de vocábulos que são rotulados de baixo calão uma vez que, quando tomados literalmente e fora dos contextos que foram originalmente ditos, denotam insultos preconceituosos com conotações variadas sobre orientação sexual, discriminação de gênero ou racial, escatologia, blasfêmia, obscenidades ou simplesmente grosserias. Inquestionavelmente, apesar de muitos torcerem o nariz para esse gosto duvidoso, o uso de “palavrões” como recurso de linguagem, quando dissociado de preconceitos frise-se, é lexicalmente legítimo, uma vez que se aplica para uma variedade de propósitos e obedece a regras sintáticas e semânticas. O uso de “palavrões” requer conhecimento linguístico apurado, uma vez que essas expressões carregam conotações e significados emocionais expressivos, que deixam o usuário numa posição bastante vulnerável, especialmente em exposições públicas.

Kristin L. Jay e Timothy B. Jay em exaustivo estudo de três experimentos, que envolveu a participação de 218 pessoas, obedecendo a princípios éticos estabelecidos por normas da Associação Americana de Psicologia, testaram as relações existentes, tanto na fala quanto na escrita, entre o uso de “palavrões”, a riqueza verbal e alguns traços individuais de personalidade. A crença popular de que o uso de “palavrões” está associado com pobreza de vocabulário não resistiu aos testes. Fluência vocabular é fluência vocabular, independentemente do tipo de palavra, “palavrão” ou não. Os indivíduos que conseguiram, nos testes escritos e falados, citar um maior número de “palavrões” também alcançaram melhor desempenho em listar nomes de animais (o exemplo usado no estudo). Não foi encontrada associação entre o uso de palavrões e gênero (não há diferenças entre homens e mulheres). Todavia, houve associação entre uso de “palavrões” e os traços de personalidade, estando positivamente correlacionado com alguns (neurose, por exemplo) e negativamente com outros (conscientização, por exemplo).

No aludido estudo de Kristin L. Jay e Timothy B. Jay, 10 “palavrões”, concentraram 57% das 1396 citações passíveis dessa caracterização em inglês. Eis os “top 10”, no original em inglês (sem tradução, pois significam exatamente o que você está pensando): fuck, shit, bitch, cunt, asshole, ass, damm, motherfucker, slut e whore. Caso os testes tivessem sido feitos com nativos de

língua portuguesa, acredito que a ordem das citações não teria sido muito diferente dessa (pelo menos nas três primeiras colocações), demonstrando certa universalidade linguística no uso de “palavrões”.

O psiquiatra inglês Anthony Daniels, que como ensaísta assina com o pseudônimo Theodore Dalrymple, tem uma visão algo diferente sobre o uso de palavrões e seus reflexos culturais. Em ensaio de 2003, entende que a autorização dada à publicação sem censura do livro “O amante de Lady Chatterley”, de D.H. Lawrence, em 1960, na Grã-Bretanha, pelo uso repetitivo e incessante que esse autor fazia do termo “fuck”, foi a responsável pelo início da espiral decadente da cultura britânica. Outros entendem que D. H. Lawrence, em “O amante de Lady Chatterley”, conseguiu, de alguma forma, fazer o termo “fuck” soar menos obsceno e mais refinado aos britânicos ao privá-lo de suas conotações mais sujas. Evidentemente, o Dr. Anthony Daniels não entende assim, pois inclusive se vale da famosa assertiva de Somerset Maugham, “um escritor medíocre está sempre em seu melhor, mas apenas um escritor muito ruim estará frequentemente em seus pior”, ao se referir a D.H. Lawrence.

Data : 27/03/2015

Título : Destinos à la carte

Categoria: Artigos

Haverá um tempo (não muito distante de agora) que ao homem será permitido escolher seu próprio destino numa espécie de cardápio elaborado a base de genes. Poderemos decidir, no sentido biológico, optando, no guia das emoções que herdaremos, o quão humanos queremos ser (ou não). Aí começam os grandes dilemas da humanidade, cujo primeiro deles é não termos um lugar definido para onde iremos após a morte. Somos prisioneiros de nós mesmos, vistos, pela teologia, como uma espécie de anjos negros em corpos animais, esperando pela redenção. Nosso segundo dilema envolve as escolhas que temos de fazer, fundamentadas ou não, em premissas éticas que são inerentes à nossa natureza biológica. Por fim, o grande dilema da atualidade, que decorre do uso que faremos dos avanços em biologia molecular, que, em tese, permitirão ao homem, volitivamente, mudar a sua própria natureza. Entender como chegamos até esse ponto e as dificuldades acadêmicas para tal são objetivos dessa nota, baseada, quase que exclusivamente, nas opiniões de Edward O. Wilson, expressas no livro *On human nature*, edição de 2004.

Não se trata de reviver a velha discussão do determinismo genético, mas sim da busca do entendimento científico da natureza humana. Mesmo havendo quem divirja, entende-se que o comportamento humano é determinado por genes ou, pelo menos, fortemente influenciado por eles. Academicamente, apesar de todo o criticismo recebido e do patrulhamento do politicamente correto que foi vítima

nos anos 1970, a sociobiologia, definida como a disciplina científica que se ocupa do estudo sistemático das bases biológicas de todas as formas de comportamento social dos organismos vivos, incluindo os seres humanos, ou suas variantes modernas, como a psicologia evolucionária, podem ser de grande utilidade para colocar um ponto final nos nossos dilemas relacionados com a compreensão do comportamento humano, especialmente na vida em sociedade, quando interagem evolução genética e evolução cultural. O grande embate que põe de um lado a visão cultural, da aprendizagem acumulada em resposta a contingências ambientais e históricas, e, do outro, a visão naturalista, que entende cérebro e mente como algo único e inteiramente biológico, que foi moldado pela evolução via seleção natural.

Para Edward O. Wilson, o caminho é estudar o humano como parte das ciências naturais, porém integrando com as ciências sociais e com as humanidades. Em resumo, juntar a biologia com vários ramos das ciências sociais (psicologia, antropologia, sociologia e economia, por exemplo). É natural que esse tipo de proposta resulte, não raro, em entusiasmo exacerbado, aversões, mal-entendidos, conflitos disciplinares e, até mesmo, brigas entre pares na comunidade científica, quando indivíduos buscam, a todo custo, defender domínios de territórios historicamente conquistados. A biologia é, hoje, uma espécie de “antidisciplina” para as ciências sociais. A palavra “antidisciplina”, no contexto em que foi referida, significa, em especial, a relação de adversários, que frequentemente existe, quando campos de estudo que atuam em níveis de organização adjacentes começam a interagir. E, geralmente, as corporações não vêm com bons olhos a atuação da antidisciplina nos seus domínios territoriais presumidos.

A biologia evoluiu, do século 19 até o presente, da citologia para a biologia celular, e, ao entrar na era do DNA, para a biologia molecular, que forçou a mudança da genética clássica para a genética molecular. O novo desafio é continuar a evolução desse ciclo, contemplado biologia e ciências sociais, mas conscientes que a vida ainda é mais que uma mera ação de átomos e de moléculas. Que a espécie humana detém conhecimento para mudar a sua própria natureza não há dúvida. A grande questão é: quais serão as nossas escolhas?

Data : 03/02/2017

Título : Detalhes tão pequenos e tão significativos

Categoria: Artigos

Um detalhe sutil, mas que faz toda a diferença, no título principal dos quatro tomos que compõem a coleção chamada “Obras Completas” de Jorge Luis Borges (1899-1986), originalmente publicada por Emecé Editores S. A., em

1974, e que ganhou tradução para o português no final dos anos 1990, pela Editora Globo, provavelmente, foi responsável por fazer com que muita gente, ingenuamente, imaginasse que comprando essa coleção estaria adquirindo e levando para casa a obra completa do renomado escritor argentino. Ledo engano! Há um arдил editorial nesse título “Obras Completas”, que foi revelado graças à publicação das memórias de Adolfo Bioy Casares (1914-1999), cujas conversações entre ele e Borges, em encontros quase que diários, durante mais de 40 anos, foram reunidas por Daniel Martino nas 1680 páginas do livro “Borges”, que saiu pelas Ediciones Destino, em 2006.

Aos fatos: em 1974, quando das tratativas entre Borges e Emecé Editores S. A. para a publicação da sua “Obra Completa”, em quatro tomos, ao se cientificar dos títulos que seriam reunidos em cada volume, o escritor se recusou a assinar o contrato. Em definitivo, jamais autorizaria a reedição de alguns de seus livros, que considerava proscritos, como era o caso de *Inquisiciones* (1925), *El tamaño de mi esperanza* (1926) e *El idioma de los argentinos* (1928), e tampouco poderiam ser incluídos alguns poemas que originalmente constavam nos livros *Fervor de Buenos Aires* (1923), *Luna de enfrente* (1925) e *Cuaderno San Martín* (1929). O impasse estava posto. De um lado, um Borges famoso e irredutível, e, do outro, os editores de Emecé, que alegavam não conformidade contratual, uma vez que ele havia se comprometido a editar a sua “Obra Completa”, cuja campanha publicitária e o projeto gráfico já estavam prontos, e que, com a exclusão de textos, esse título não poderia ser mantido. Então, eis que algum iluminado encontrou a solução: em vez de titular os tomos como “Obra Completa”, esses seriam rotulados de “Obras Completas”. Nesse caso, não se estaria faltando com a verdade, pois as obras incluídas em cada tomo estariam “completas”, sem a exclusão de partes (embora isso não seja totalmente verdadeiro, pois, no caso dos livros de poemas, houve exclusões dos prólogos e de poemas). O relevante é que os leitores que adquiriram esses livros nunca foram explicitamente alertados do estratagema comercial.

Mas, se, com essa saída salomônica, o conflito contratual entre Borges e Emecé Editores S. A. foi resolvido, restava ainda entender por que Jorge Luis Borges, o escritor maduro, fazia questão de desqualificar e ocultar algumas obras ensaísticas e poéticas que havia produzido quando jovem? Por que, ao longo do curso da sua existência, mudou a sua visão de literatura, a tal ponto que se fala em “dois Borges”? E, adverte-se, que não se trata aqui de negar o direito de qualquer autor a autocriticar-se ou realizar ajustes ou correções na sua própria obra, como se encontra com relativa facilidade nos textos borgeanos publicados em veículos e /ou edições diferentes.

Seguindo as pistas deixadas por Volodia Teitelboim, no livro “Los dos Borges – Vida, sueños, enigmas”, e por Horacio Salas, e o seu “Borges, uma biografia”, o historiador Norberto Galasso produziu um ensaio, publicado no livro “Jorge Luis Borges – Un intelectual en el laberinto semicolonial” (Buenos Aires: Colihue, 2012, 308 p.), que ousou explicar as razões de Borges para negar o que havia escrito na juventude. Segundo Galasso, foi por influência da estrutura cultural vigente, forjada por uma aliança entre a classe dominante nativa, nesse caso

bem representada na sua relação com Victoria Ocampo e Adolfo Bioy Casares, e o imperialismo estrangeiro, que Borges, convenientemente, a partir dos anos 1930, abandonou o seu discurso nacionalista e posições políticas contrárias ao status quo vigente, para converter-se no escritor canônico universal, alheio, até certo ponto, à realidade que o cercava na Argentina.

Data : 23/12/2016

Título : Deus em segundo lugar

Categoria: Artigos

Imagino que você, assim como eu, mesmo que costume frequentar bibliotecas com certa assiduidade, dificilmente tenha atentado para o detalhe de que se há um lugar no mundo que Deus vem em segundo lugar esse fica numa biblioteca.

Explico, pois não é exigido que os bibliotecários sejam necessariamente ateus ou agnósticos, mas, pela classificação decimal de assuntos desenvolvida por Melvil Dewey, que predomina no nosso meio, a Filosofia recebeu o número 1 e a Religião o número 2. Numa biblioteca o sagrado, o número 1, é o conhecimento e não divindades; embora o primeiro livro impresso no mundo, por Gutenberg, em 1455, tenha sido uma Bíblia. E vou continuar supondo que você, ainda que já tenha tido o privilegio de, um dia na vida pelo menos, ter entrado em uma biblioteca, quer seja ela tão grandiosa quanto a do Congresso dos Estados Unidos da América, ou minúscula como a da escola do seu bairro, ou da universidade onde estudou, ou da Biblioteca Pública da cidade onde vive, ou a biblioteca pessoal de alguém conhecido, tampouco, acredito, tenha parado para refletir sobre as suas diferenças, embora essa não lhe tenham passado despercebidas.

As ditas bibliotecas nacionais, como é exemplo a Biblioteca Nacional do Brasil, simplificada e chamada de Biblioteca Nacional (cujo nome oficial é Fundação Biblioteca Nacional), que tem sede no Rio de Janeiro, poeticamente, lidam com a memória do mundo. Nossa biblioteca nacional, fundada em 29 de outubro de 1810, sob os auspícios de D. João VI, contabiliza um acervo ao redor de 10 milhões de itens. É o lugar onde é guardada a memória do pensamento humano, nesse caso, preservando, necessariamente, o nosso pensamento documentado e assim zelando pelo acervo cultural e bibliográfico do País. A ideia de biblioteca nacional vem da Biblioteca de Alexandria, cuja criação há quem credite a Alexandre Magno, inspirado pela Odisseia de Homero. Essa biblioteca

era para o uso exclusivo dos filósofos e pesquisadores. Alexandre, O Grande, que tivera como tutor Aristóteles, conhecia a obra de Homero em profundidade.

As bibliotecas públicas, e tomemos como exemplo a nossa Biblioteca Pública Municipal Arno Viuniski, são aquelas destinadas ao uso da população de modo geral. Um tipo de instituição cujo melhor indicador de prestação de serviços é dado pelo desgaste do acervo pelo manuseio. Que os livros sejam desgastados de tanto serem lidos! A função de uma biblioteca pública é ajudar na formação e leitores e estimular a leitura, além de apoiar as atividades escolares.

Já uma biblioteca universitária, a exemplo da Biblioteca Central da UPF, que atende todos os cursos da instituição, ou da Biblioteca da Embrapa Trigo, com acervo especializado em cereais e agricultura, tem que se manter atualizada; ainda que preservar as obras antigas como referências históricas seja também sua obrigação. Um livro de Agronomia dos anos 1950, por exemplo, certamente não contempla o conhecimento necessário para a formação dos profissionais dos tempos atuais.

O qualificativo de “pública” para uma biblioteca, muitas vezes é usado para diferenciar o agente mantenedor (fundos estatais ou privados). Mesmo assim, toda biblioteca deveria ser sempre orientada para um público, ainda que seja forçoso reconhecer que há diferentes tipos de públicos. Desde o público interessado apenas no best-seller do momento, o público escolar que vem para cumprir um trabalho encomendado pela professora até um público especializado, elaborando trabalhos acadêmicos, dissertações, teses etc., à procura de fontes primárias ou derivadas de informação.

Exemplo de biblioteca privada, mas que também permitia consultas ao acervo de obras raras, foi a organizada pelo bibliófilo José Mindlin, que ao longo da vida acumulou um acervo de aproximadamente 38 mil obras. Essa biblioteca viraria parcialmente pública com a doação da coleção brasileira, com 32,2 mil títulos e 60 mil volumes, em 2005, para a USP, recebendo o nome de Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin.

Data : 31/05/2011

Título : Deus, um estilo literário

Categoria: Artigos

Descrição: O objetivo da campanha, segundo os membros da Atea, é expressar o ponto de vista dos cétricos. e pôr um fim no preconceito contra

aqueles que se assumem ateus, ainda vistos, por muitos, como pessoas moralmente pervertidas...

Deus, um estilo literário

Sobre a malograda tentativa da Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos (Atea), em patrocinar campanha de combate ao preconceito contra quem não é religioso, na cidade de Porto Alegre, valendo-se da exibição de peças publicitárias em veículos de transporte coletivo (busdoors), nos moldes que vêm sendo adotados desde 2008, em países europeus e nos EUA, apesar da diversidade de opiniões, favoráveis e contrárias, faltou dizer o essencial.

O objetivo da campanha, segundo os membros da Atea, é expressar o ponto de vista dos cétricos. e pôr um fim no preconceito contra aqueles que se assumem ateus, ainda vistos, por muitos, como pessoas moralmente pervertidas e, não raro, associadas com o mal e tudo que há de pior na sociedade. E não, simplesmente, como aqueles que não acreditam em mitos. Razão mais que suficiente, - ao confrontarmos com campanhas similares, envolvendo o esclarecimento público, sobre preconceito em relação à orientação sexual e à raça, em uma sociedade assumidamente democrática, e num Estado laico, - para antevemos que, inclusive por ser a Atea uma instituição juridicamente constituída no Brasil, mais dias menos dias, essas peças publicitárias estarão ao alcance dos nossos olhos e, civilizadamente, concordando ou não, teremos de conviver com elas, assim como já ocorreu em outros países.

E o essencial que faltou ser dito? Devem estar se indagando os mais apressados. Até agora, tudo que foi escrito é o lugar-comum dessa questão. Que todo preconceito, incluindo o religioso, é abominável. Que idéias religiosas não estão imunes a crítica. Que deve ser admitida a liberdade de expressão para quem não crê na existência de Deus. E que a intenção dessas campanhas não é convencer quem acredita em Deus a mudar de opinião, mas sim o esclarecimento e a criação de um ambiente de tolerância para a diversidade. Etc. etc. etc.

Pois bem: em minha opinião, estas campanhas publicitárias do movimento chamado neoateísta ao redor do mundo não representam qualquer ameaça a nenhuma religião, especialmente à cristã, quer sejam para os credos de confissão católica ou protestante, porque, acima de tudo, literariamente, quando comparadas aos escritos dos evangelhos, são muito pobres em estilo. Jesus Cristo, sendo ou não a encarnação humana de Deus, algo que me parece inverossímil, foi, acima de tudo, um homem fantástico. Mais que uma divindade, segundo Jorge Luis Borges. Cristo, entre tantas coisas, pode ser visto como um estilo literário. E que estilo! Nenhum escritor, até hoje, encontrou imagens tão extraordinárias, que, ao cabo de dois mil anos, ainda continuam sendo assombrosas, quanto Cristo. Atente-se para coisas como "jogar pérolas aos porcos". E, ao condenar os ritos funerários: "deixa que os mortos enterrem seus mortos. Ou ainda, o sempre atual: "aquele que nunca pecou que atire a primeira

pedia". Tanto é assim que o já referido Borges, nos seus diálogos com Osvaldo Ferrari, frisou que a máxima ambição, para um escritor, seria produzir um quinto evangelho. E que isso, mesmo sendo uma possibilidade literária, esbarraria na dificuldade de invenção de novas parábolas, ditas à maneira de Cristo e que não estivessem contempladas nos outros quatro evangelhos.

Por maior que seja o êxito editorial da tríade ícone do neoateísmo contemporâneo, formada pelo biólogo Richard Dawkins (Deus. Um Delírio), o jornalista Christopher Hitchens (Deus Não é Grande) e o filósofo Daniel Dennett (Quebrando o Encantamento), não creio que seus livros, pelo menos no curto prazo ou quem sabe algum dia, venham superar a obra máxima do gênero literatura fantástica, que é a Bíblia. Até porque seus escritos, por mais que contestem o tema da religião, são de outro gênero e o entendimento do conteúdo exige leitores que não são maioria na população.

Referências ao Criador para embasar acusações ou defesas de pontos de vista, até em respeito à liberdade de credo (ou não-credo) religioso, não se justificam mais, na atualidade. Vale o mesmo para autoridades em cerimônias públicas encenando com o clássico "... e que Deus os abençoe!"

Filhas de Maria e Congregados Marianos relaxem! Parafrazeando a peça publicitária mais conhecida da Atea: Deus provavelmente existe. Deixe de se preocupar e aproveite a vida! Evidentemente, respeitando quem crê que Deus não existe.

Da Revista

Água da Fonte

31/05/2011

Data : 23/03/2012

Título : Dia Meteorológico Mundial X Dia do Meteorologista

Categoria: Artigos

Descrição: Muita gente ainda confunde o Dia Meteorológico Mundial, que é comemorado anualmente em 23 de março (ontem), com o Dia do Meteorologista (14 de outubro), dedicado aos profissionais com formação em Meteorologia.

Dia Meteorológico Mundial X Dia do Meteorologista

Sexta-Feira, 23/03/2012

por Gilberto Cunha

Dia Meteorológico Mundial X Dia do Meteorologista

Muita gente ainda confunde o Dia Meteorológico Mundial, que é comemorado anualmente em 23 de março (ontem), com o Dia do Meteorologista (14 de outubro), dedicado aos profissionais com formação em Meteorologia. O Dia Meteorológico Mundial, numa tradução literal do World Meteorological Day, denominação que tem predominado no Brasil; embora, em minha opinião, Dia Mundial da Meteorologia soe melhor, foi criado em alusão à data de 23 de março de 1950, que marca a entrada em funcionamento da World Meteorological Organization - WMO (Organização Meteorológica Mundial – OMM), que é uma das agências das Nações Unidas, que cuida das questões afeitas à atmosfera global, contando com 189 países signatários, entre os quais o Brasil. Todos os anos é definido um tema para reflexão. Em 2012, escolheu-se o pertinente “O tempo, o clima e a água: motores de nosso futuro”, que se alinha com o espírito da Rio+20, a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, que deverá acontecer de 13 a 22 de junho próximo, na cidade do Rio de Janeiro.

Quanto ao Dia do Meteorologista, até 2008, no Brasil, a data, sem que ninguém nunca soubesse justificar qualquer razão plausível, era assinalada como 3 de março. Em 2004, a Assembleia Geral da SBMET – Sociedade Brasileira de Meteorologia, referendou o dia 14 de outubro, em alusão a 14 de outubro de 1980, quando houve a promulgação da lei que trata da profissão de meteorologista no Brasil (curso superior). Esse referendun foi aprovado na Sessão Plenária Ordinária 1353 do CONFEA, em setembro de 2008, passando a vigorar a partir de 2009.

Água – Indicadores

A busca por informações sobre água no mundo foi extremamente facilitada com o portal lançado nessa semana pela FAO – Key Water Indicators Portal – , no marco das comemorações do Dia Mundial da Água (22 de março). Informações detalhadas, por país e regional/globalmente integradas, sobre os principais indicadores hídricos podem ser encontradas no sítio internet:http://www.unwater.org/statistics_KWIP.html.

Atlas Climático da Região Sul

Apesar da suspeição, o colunista, que integra a relação dos autores, cumpre o dever de divulgar que está disponível para comercialização o novo Atlas Climático da Região Sul do Brasil, lançado pela Embrapa Clima Temperado, em dezembro de 2011. A obra, formato 20,3 cm x 24,3 cm, ilustrada com cartas e tabelas, tem uso e aplicações nos mais variados segmentos da atividade humana; com destaque em agricultura. O custo da publicação é de R\$ 80,00 mais o frete. Informações com o setor de comercialização da Embrapa Clima

Temperado (comercializacao@cpact.embrapa.br) ou pela da Livraria Virtual da Embrapa (<http://vendasliv.sct.embrapa.br>).

Desastres Naturais

Para os interessados em desastre naturais, vale destacar que, em 2011, por ocasião da 8ª Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) lançou a Enciclopédia Interativa de Desastres Naturais, contemplando furacões, tsunamis, terremotos, enchentes e inundações, raios e relâmpagos, erupções vulcânicas e tornados. Trata-se de um material interativo e educativo voltado para professores e estudantes do Ensino Fundamental e Médio, contendo informações, vídeos, fotos e infográficos. O CD-ROM foi produzido pelos Laboratórios de Climatologia Geográfica – LCGea e de Geoiconografia e de Multimídias – LAGIM do Departamento de Geografia da Universidade de Brasília – UnB, em parceria com o IBICT/MCTI.

Portal Cultivares – 2

O colunista reitera os elogios ao novo canal de comunicação da Fundação Pró-Sementes, o portal www.cultivares.com.br, e corrige a omissão do nome da empresa responsável pelo desenvolvimento desse produto. O portal mencionado foi desenvolvido pela Parceria Sistemas (54-3311 1670), cabendo a DOBITS – Soluções Inteligentes em Comunicação (54-3311 4388) as funções de comercialização e marketing. Obrigado Mariana pela pertinente correção.

Prognóstico climático

“Outono com chuva um pouco acima do padrão climatológico”, no Rio Grande do Sul, é o destaque do Boletim Climático - Abril - Maio - Junho (2012) liberado, nessa sexta-feira (23), pelo 8º DISME/INMET e CPPMet/UFel.

Data : 18/10/2010

Título : Dia Mundial da Alimentação

Categoria: Artigos

Descrição: Em alusão à data de criação da FAO - Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação, 16 de outubro de 1945, celebra-se, no mundo todo, no dia 16 de outubro...

Dia Mundial da Alimentação

Gilberto Cunha

Em alusão à data de criação da FAO - Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação, 16 de outubro de 1945, celebra-se, no mundo todo, no dia 16 de outubro, o Dia Mundial da Alimentação. Mais que comemorações, é uma oportunidade de reflexão e de reiterar compromissos com a luta para acabar com a fome no mundo. Uma tarefa que, apesar de tantas iniciativas já tomadas, tem se mostrado mais difícil do que muitos imaginam. Conforme levantamento da FAO, em 2009, o mundo ultrapassou a barreira crítica de um bilhão de pessoas com problemas de alimentação, envolvendo fome, no sentido literal e cruel da palavra, e subnutrição por alimentação inadequada e/ou insuficiente. Recentemente, em 14 de setembro, a própria FAO divulgou relatório que indicava uma queda de 9,6% no contingente de famintos e subnutridos no mundo, baixando do número simbólico, anteriormente divulgado, de um bilhão de pessoas, para 925 milhões. Um fato, inclusive, comemorado por alguns, pois o número de pessoas em situação de fome no mundo caiu em 2010 pela primeira vez em 15 anos. Efetivamente, não havia o que comemorar, o que se manifesta agora pelo tema escolhido pela própria FAO para o Dia Mundial da Alimentação 2010 - Unidos contra a Fome.

O tema "Unidos contra a Fome" é oportuno por realçar que acabar com fome no mundo, uma vez que o direito à alimentação é preconizado pela Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, exige um compromisso maior que o mero envolvimento ocasional de alguns. Para acabar com esse flagelo, não basta apenas produzir mais alimentos, a lógica do abastecimento preconizada pela visão tecnocrata da solução do problema. É necessário assegurar a disponibilidade e o acesso para todos, respeitando-se valores culturais e preferências alimentares. Isso se alcança via políticas de desenvolvimento social e econômico mais equitativamente equilibradas.

Nas vésperas da cúpula da fome, Jacques Diouf - diretor-geral da FAO lançou uma campanha de exortação moral para o envolvimento de todos na luta contra a fome no mundo. O objetivo do "Projeto 1 Billion Hungry", que deve atingir o seu cume hoje, é angariar um bilhão de assinaturas, via uma petição online que pode ser encontrada no sítio Internet www.1billionhungry.org. De posse desse abaixo-assinado o diretor-geral da FAO pensa usá-lo como forma de pressão política para que os governantes de todas as nações passem a adotar políticas consistentes e de longo prazo em busca da solução de um problema que, simplesmente, nos envergonha, pois é inadmissível 925 milhões de pessoas, em 2010, ainda padecerem de algum tipo de fome no mundo.

Mitos da Fome

Mais além da dura realidade da fome no mundo, sobressaem-se alguns mitos que impedem avanços significativos na solução deste problema. O livro "World Hunger - Twelve Myths", de Frances Moore Lappé, Joseph Collins e Peter

Rosset, apresenta e discute o que eles chamaram de os doze mitos da fome. Por uma limitação de espaço, apresentamos cinco deles:

Mito 1 - Não existe alimento suficiente para todos. Infelizmente, alguns terão que passar fome. Realidade: abundância e não escassez melhor descreve a oferta de alimentos no mundo hoje.

Mito 2 - Secas inundações, além de outros eventos que escapam do controle humano, causam fome.

Realidade: pobreza é a verdadeira causa da fome.

Mito 3 - Somos muitos no mundo. Há muitas bocas para alimentar. Precisamos frear o crescimento populacional para resolver o problema da fome. Realidade: De fato estamos ficando muitos num planeta finito, mas ainda há alimentos suficientes para todos. A causa que tem de ser atacada primeiramente é a pobreza.

Mito 4 -A agricultura, pressionada para alimentar o mundo, tem causado cada vez mais a destruição do ambiente. Realidade: De fato, é impossível praticar agricultura sem custo ambiental. Todavia, não necessariamente este custo precisa ser elevado.

Mito 5 - A Revolução Verde é a resposta que o mundo precisa para acabar com a fome. Realidade: Não é necessariamente um mito, pois, nesse momento, a intensificação da agricultura, frente à demanda atual e futura de alimentos, parece ser imperativa. Mas, tem outros caminhos.

O Nacional

Segunda-Feira, 18/10/2010

Data : 19/11/2011

Título : Dia Mundial da Filosofia

Categoria: Artigos

Descrição: O Dia Mundial da Filosofia, que todos os anos é comemorado na terceira quinta-feira do mês de novembro (em 2011, no dia 17)...

Dia Mundial da Filosofia

por Gilberto Cunha

Dia Mundial da Filosofia

O Dia Mundial da Filosofia, que todos os anos é comemorado na terceira quinta-feira do mês de novembro (em 2011, no dia 17), foi instituído pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), em 2002. A ocasião é propícia para discussões que vão desde o papel da filosofia na sociedade contemporânea (lidar com temas e problemas ou limitar-se ao pensamento abstrato), passando pelo ensino da filosofia (fugir das especializações precoces e a eterna luta para que os professores deixem de lado os seus ídolos) até a tentativa de buscar uma resposta para a sempre presente indagação dos leigos: afinal, pra que serve a filosofia? Não sei a resposta academicamente correta, mas é impossível não valorizar algo que ensina a pensar, a representar, a julgar, a decidir e a agir criticamente, quer seja diante de um tema ou problema concreto do dia a dia ou quando busca a resposta para uma grande questão do universo. Aliás, nessa última quinta-feira (17), o Jornal da Ciência, da SBPC, reproduziu um instigante artigo do professor Paulo Ghiraldelli Jr, originalmente publicado no JC e-mail 3645, de 19 de Novembro de 2008, que trata da formação acadêmica em filosofia no Brasil.

IFIBE

Em Passo Fundo, o Dia Mundial da Filosofia foi comemorado pelo Instituto Superior de Filosofia Berthier –IFIBE, que, no teatro do SESC, na noite de ontem (18), brindou a população local com uma conferência com a filósofa Viviane Mosé, “O que é filosofia hoje?”, peças de teatro com o Grupo Ritornelo (“A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana” e “O pássaro enjaulado”), além da apresentação musical de lançamento do CD “Gira mundo”, de Derly Pinto e Vanderlei Pinto.

Feira do livro – Filosofia

Em alusão ao Dia Mundial da Filosofia, destaque, entre os lançamentos da 25ª edição da Feira do Livro de Passo Fundo, para as obras “Sentido da política: estudo em Hannah Arendt”, de Itomar Siviero, e “Biopoder e direitos humanos: estudo a partir de Michel Foucault”, de Valdevir Both; ambos pela editora do IFIBE. No primeiro, sobressai-se o pensamento singular de Hannah Arendt sobre uma época marcada por atrocidades políticas que, mesmo tendo ficado no passado, ainda lança luzes sobre o que estamos fazendo, com a nossa apatia e indiferença, quando nos defrontamos com questões que, indubitavelmente, são relevantes para a humanidade, nos tempos atuais. E, no segundo, Valdevir Both, com base na obra de Michel Foucault, traça uma discussão sobre os direitos humanos como espaço de resistência ao biopoder. Os dois livros são desdobramentos de dissertações de mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Unisinos e ainda trazem a marca do ranço acadêmico da forma (excesso de notas de rodapé e citações in verbis em fonte menor) e

jargões técnicos dos iniciados em filosofia que, embora preservando o trabalho original, tornam a leitura relativamente árida para a maioria das pessoas.

Dia da Consciência Negra

Em 20 de novembro de 1695 morreu Zumbi, líder do Quilombo dos Palmares. O projeto de lei número 10.639, de 9 de janeiro de 2003, de autoria da senadora Serys Slhessarenko, instituiu o 20 de novembro com o Dia Nacional da Consciência Negra. A presidenta Dilma Rousseff ao sancionar a Lei 12.519, de 10 de novembro de 2011 (DOU de 11.11.2011), oficializou a justa homenagem a este personagem histórico que representou a luta do negro contra a escravidão no Brasil. Assim, esse domingo, 20 de novembro de 2011, será comemorado, oficialmente, pela primeira vez, como Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra. No entanto, a data não foi incluída no calendário dos feriados oficiais da República, mesmo que entendida como tal em algumas cidades do País.

Código Florestal

A leitura do relatório do senador Jorge Viana sobre o novo Código Florestal, originalmente prevista para o último dia 17, na Comissão de Meio Ambiente (CMA), foi transferida para a próxima segunda-feira (21). A votação do texto está confirmada para quarta-feira (23). A CMA é a última comissão antes do Plenário e os senadores ainda estão em busca de entendimento sobre temas polêmicos, como é o caso da definição de critérios para recuperação das Áreas de Preservação Permanente (APPs).

Numa visão teatral do mundo, Sócrates seria uma criação de Platão.

ONacional

Sábado, 19/11/2011

Data : 28/06/2012

Título : Diálogos difíceis, para não dizer (quase) impossíveis

Categoria: Artigos

Descrição: Têm conversas que a gente evita o quanto pode, foge que nem o Diabo da cruz, e quando não dá mais para adiar, não raro, os resultados são desastrosos.

Diálogos difíceis, para não dizer (quase) impossíveis

Quinta-Feira, 28/06/2012

por Gilberto Cunha

Têm conversas que a gente evita o quanto pode, foge que nem o Diabo da cruz, e quando não dá mais para adiar, não raro, os resultados são desastrosos. São as tais de conversas difíceis, que todos nós temos de enfrentar, quer seja no meio familiar, nas relações sociais do dia adia e, particularmente, no ambiente profissional. Conversas entre marido e mulher, pais e filhos, insatisfações de vizinhança e o relacionamento entre membros de equipe, colegas de trabalho, patrão e empregado entram nessa seara. As grandes questões nesses momentos são: como deixar de lado a posição de adversários? Como se libertar de sentimentos como raiva, culpa e mágoa? Quase sempre, os dois lados acreditam que estão com a razão. E é isso que torna esse tipo de diálogo difícil, para não dizer (quase) impossível.

Embora não seja facilmente perceptível, até pela infinidade de variações, todo diálogo difícil tem uma estrutura comum. Não se percebe porque, em geral, as partes envolvidas ficam presas em detalhes e estão comprometidas emocionalmente. Essas conversas envolvem três diálogos subjacentes, são eles: o diálogo dos acontecimentos, o diálogo dos sentimentos e o diálogo de identidade. Em essência, esse tipo de diálogo é uma espécie de luta entre os três diálogos mencionados. Saber equilibrar esses três diálogos é o grande desafio para se lidar adequadamente com relacionamentos interpessoais.

O diálogo dos acontecimentos versa sobre o que aconteceu. Em geral, gira em torno de discordância sobre o que aconteceu ou o que deveria acontecer. Quem está certo e quem está errado. E, invariavelmente, a busca de culpados. Isso dificulta sobremaneira qualquer diálogo. Cada parte tem informações que a outra não possui. Exagera-se no julgamento de verdade, de intenções e de culpa. Quase sempre, eu estou certo e você está errado. E isso é falso porque ninguém está sempre certo. Especialmente porque a questão quem está certo ou quem está errado envolve percepções, interpretações e valores individuais que, de forma nenhuma, podem ser considerados “verdades universais”. Há ainda a invenção de intenção, em que se presume saber as intenções dos outros, que, quase invariavelmente, decidimos que são más. Na verdade intenções são invisíveis e complexas. Nós as deduzimos pelo comportamento das pessoas, podendo ser trágico dialogarmos com base em deduções infundadas. E, pior ainda, quando se fala em culpa, porque a tendência é a defesa. O mais difícil de tudo é ver como nós contribuimos para os problemas nos quais estamos envolvidos.

O diálogo dos sentimentos envolve emoções como raiva, mágoa, ciúme, inveja etc. que não são ditas claramente, mas, de qualquer modo, podem ser lidas nas entrelinhas. Há um debate íntimo do indivíduo consigo mesmo. A grande questão é como lidar com sentimentos? Os diálogos difíceis não apenas envolvem

sentimentos, mas são, em sua essência, sobre sentimentos. Os sentimentos estão na raiz do conflito. Entre os maiores desafios dos seres humanos estão compreender os sentimentos, falar sobre sentimentos e manipular sentimentos. É a falta de habilidade em discutir sentimentos que, muitas vezes, dificulta o diálogo.

O mais desafiador dos três diálogos é o de identidade. É por meio dele que olhamos para dentro de nós. Buscamos saber quem somos e como nos vemos. Em resumo é sobre o que eu digo para mim sobre mim mesmo (competente ou incompetente, bom ou mau etc.). E isso é importante para transformar em força o que geralmente é fonte de ansiedade. Por exemplo, quando se vai discutir o mérito de avaliações ou pedir aumento para o patrão.

Compreender os desafios inerentes aos três diálogos é fundamental para se conseguir enfrentar diálogos difíceis e lidar mais adequadamente com problemas. Isso implica em mudança de atitude, com capacidade de transformar conversas difíceis em diálogos de aprendizagem. Eliminar o medo e a ansiedade é utópico. Reduzir o medo e a ansiedade é algo mais plausível. É exatamente sobre isso que trata o livro “Difficult Conversations”, dos professores Douglas Stone, Bruce Patton e Sheila Heen da Harvard Law School e do Harvard Negotiation Project. As considerações desse texto foram baseadas nele.

Em resumo, podemos melhorar nossas habilidades em lidar com as nossas diferenças, não nos permitindo transformar desentendimentos em fracasso competitivo.

Do Jornal
O Nacional

Data : 06/05/2010

Título : Discurso fácil

Categoria: Artigos

Descrição: Quer seja na retórica das promessas feitas por políticos em campanha ou na argumentação usada por cientistas para justificar a importância das suas propostas de pesquisa...

Discurso fácil

Quinta-Feira, 06/05/2010 por Gilberto Cunha

Quer seja na retórica das promessas feitas por políticos em campanha ou na argumentação usada por cientistas para justificar a importância das suas

propostas de pesquisa, não é fácil resistir ao apelo do que se pode chamar de discurso fácil. Ninguém, de sã consciência, pode ter opinião contrária a coisas como: salvar vidas, reduzir a pobreza, fortalecer a economia, evitar destruição de infraestrutura (estradas, pontes e prédios), proteção ambiental e combater epidemias de doenças infecciosas, por exemplo. Pois, quando o assunto é previsões climáticas e suas aplicações, generalizações como essas são bastante comuns. Aparecem em artigos publicados em revistas especializadas, em entrevistas, em textos na Internet e em matérias em rádio, em jornais e em TV, além de serem presença obrigatória nas falas de palestrantes, nos mais variados tipos de eventos.

Quem acompanhar, com um mínimo de atenção, os espaços de notícia nos veículos de comunicação, pode ficar com a impressão que os desastres naturais relacionados com o clima - secas, enchentes, furacões, tornados, incêndios, etc. - aumentaram em frequência e intensidade, nos últimos anos. E há quem acredite nisso, muitos membros da comunidade científica das ciências atmosféricas; inclusive, que chegam até a aceitar esses acontecimentos como os primeiros sinais de mudança do clima global causada pelo homem. Muito embora isso não seja senso comum na comunidade científica e ainda careça de comprovação, em muitos casos. Pelo sim e pelo não, pode-se contra-argumentar que de fato mudaram muitas coisas. Começando pela maior publicidade e democratização das informações e seus meios de acesso, passando pelo aumento da população mundial e, principalmente, chegando-se a um contingente cada vez maior de pessoas vivendo em áreas vulneráveis, portanto passíveis de serem afetadas por desastres naturais de origem climática.

Diante do exposto, seria lógico esperar que muitos prejuízos, envolvendo desde danos materiais até morte de pessoas, poderiam ser evitados apenas com boas previsões climáticas. À primeira vista, algo simples ou uma mera questão de querer, mas que na prática acaba não sendo bem assim. E não é fácil e nem simples, como supõe a visão tecnocrata, somente por que não podem ser ignoradas as dimensões sociais, econômicas, políticas e culturais das regiões sujeitas aos impactos de eventos climáticos extremos.

O grau de vulnerabilidade de uma sociedade aos eventos climáticos extremos, e também a sua capacidade de reagir frente às previsões de adversidades, depende de muitas coisas. A severidade dos impactos não pode ser vista como diretamente proporcional apenas à intensidade dos fenômenos. Crises econômicas e políticas, que quase sempre unem pobreza e atraso cultural, intensificam os problemas. A dimensão social é muito mais perversamente afetada nesses casos que os prejuízos materiais observados. Os efeitos negativos continuam atuando, mesmo depois de encerrados os episódios. Portanto, piorando o que já não andava bem. Algo diferente se passa nas sociedades ditas economicamente desenvolvidas, onde, mesmo sem se desconsiderar a importância dos prejuízos, a capacidade de recuperação é muito mais rápida. Até porque, por contingência ou não de serem forçadas a lidar com desastres naturais recorrentes, existe planejamento e preparo para isso.

Não bastam boas previsões climáticas e belos discursos. É preciso que as sociedades estejam preparadas para usá-las. E o melhor momento de se preparar para enfrentar eventos climáticos extremos é quando os mesmos não estão ocorrendo. Nos moldes do velho provérbio latino: "Se queres a paz, prepara-te para a guerra" (Si vis pacem, para bellum).

Data : 14/11/2011

Título : Dos contos de fadas aos contos de verdade

Categoria: Artigos

Descrição: Não sei se a proposta de ensino de História, que o professor André Martnelli Piasson pôs em prática em Passo Fundo

Dos contos de fadas aos contos de verdade

por Gilberto Cunha

Dos contos de fadas aos contos de verdade

Não sei se a proposta de ensino de História, que o professor André Martnelli Piasson pôs em prática em Passo Fundo, cujo produto e detalhamento do método (do caminho trilhado) pode ser encontrado no livro “Contos de verdade: histórias de jovens estudantes”, um dos lançamentos locais da 25ª Feira do Livro de Passo Fundo, foi pioneira, tanto na cidade quanto em outro lugar do mundo. Isso, todavia, não é importante, pois de uma coisa, por experiências vividas, eu tenho certeza: há nuances e peculiaridades nesse livro, começando pela iniciativa de ensinar o período medieval europeu tendo como referências contos populares, extraídos das obras dos Irmãos Grimm e de Charles Perrault, que o tornam singular e merecedor da atenção de educadores e autoridades ligadas ao ensino, e terminando pela qualidade da produção textual gerada. Mas, o que eu destaco nessa obra, antes de qualquer coisa, é o quanto um processo coletivamente construído pode trazer satisfação e dar bons frutos. Algo evidente na sessão de autógrafos do livro, ocorrida na última quinta-feira (10). O professor Piasson foi o mentor da ideia, mas os alunos e outros professores, Delvina Poluboiarino Chura, Tatiana Andreis Escobar, Marlei Tonello, Glauce de Fátima Dias e Gládis Bueno Barriquel, por exemplo, tiveram que encapá-la para que a iniciativa pudesse ir a diante.

Em resumo, “Contos de verdade” é um conjunto de histórias criadas por estudantes do ensino médio de duas escolas de Passo Fundo, que foram motivados a escrever, ficcionalmente, sobre sua própria realidade. Um livro, segundo o professor Piasson, feito de opiniões, criatividade e reflexões. Em minha opinião, um olhar diferente sobre a realidade local, que, independentemente de juízo de valor, não raro, ou é idealizada ou ignorada pela maioria dos passo-fundenses.

Cristovão Tezza – Reflexão

Sempre fui partidário de enaltecer as presenças e ignorar as ausências. Por isso, relutei em escrever sobre o assunto que segue. Inclusive, porque não acredito que possa vir a ter qualquer efeito sobre quem quer que seja e nem tenho a pretensão de ditar comportamentos. Mas, depois do “Bate-papo: Ser escritor no Brasil”, com Cristovão Tezza, ocorrido nessa quinta-feira (10), como parte da programação da 25ª Feira do Livro, tomei a liberdade de refletir sobre os motivos da ausência de público nesse tipo de evento cultural em Passo Fundo. É pouco crível que Cristovão Tezza, um dos mais aclamados escritores brasileiros da atualidade, não atraia o interesse das pessoas. Também não serve a desculpa que faltou divulgação. Afinal, estamos na Capital Nacional da Literatura, temos várias instituições de ensino superior, muitas delas com curso de letras e até programas de pós-graduação. Onde estão os estudantes? Onde estão os professores? Onde estão os escritores locais? Onde estão os leitores dessa cidade? Academicamente, alguém pode imaginar que há um laboratório melhor que a própria presença do autor? Ou, julga que, depois do autor morto, um seminário sobre a sua obra, ditado por uma pretensa autoridade, pode ser mais relevante? Quem assistiu foi brindado com uma aula magna.

Campanha da Legalidade

Há três obras, lançadas em 2011 e escritas por autores identificados com Passo Fundo, que, embora tratando do mesmo assunto – Os 50 Anos da Campanha da Legalidade -, em vez de serem repetitivas, são complementares. São elas: “A campanha da Legalidade em Passo Fundo”, de Paulo Monteiro; “15 dias que abalaram Passo Fundo”, organizada por Ivaldino Tasca e Marina Campos; e “Um olhar sobre a legalidade”, de Ney Eduardo Possapp d’Avilla. As duas primeiras obras retomam o Movimento da Legalidade a partir da percepção de quem vivenciou aqueles 13/15 dias em Passo Fundo e o livro do Ney de quem foi testemunha dessa história estando em Porto Alegre.

Trigo a R\$ 1,00

No balaio da Livraria Cultural, encontrei o livro “A tragédia do trigo brasileiro”, de Luiz Compagnoni, ao preço de R\$ 1,00 (UM REAL). A obra estava tal qual saíra da gráfica, com muitas páginas ainda por serem recortadas. Na folha de rosto, uma dedicatória ao Sr. João Grazziotin, datada de dezembro de 1957.

O Nacional

Segunda-Feira, 14/11/2011

Data : 11/03/2016

Título : Dos laboratórios aos campos de produção

Categoria: Artigos

A 17ª edição da Expodireto Cotrijal, que encerra hoje (11), em Não-Me-Toque/RS, mais uma vez, deu demonstração cabal do papel da Ciência e da Tecnologia (C&T) na geração de inovações envolvendo produtos, serviços e processos para a agricultura brasileira.

Na área de melhoramento genético vegetal, por exemplo, as novas cultivares, especialmente de soja, milho e trigo, cujas sementes já estão ou estarão nos próximos anos à disposição dos agricultores, carregam, paralelamente aos 12 mil anos de domesticação e de pouco mais de cem anos do legado deixado por Gregor Mendel, também algumas inovações derivadas da era da biologia molecular, que iniciou com a descoberta da estrutura do DNA (começo dos anos 1950), alçou voos com o desvelamento do código genético (meados dos anos 1960) e se materializou nos OGMs hoje cultivados (com destaque para soja e milho, no Brasil), a partir do domínio da tecnologia do DNA recombinante (anos 1970), e ganhou novos rumos com o advento da seleção genômica.

Em 12 mil anos de agricultura, por processos de seleção empírica, o homem moldou ao seu gosto as plantas cultivadas que conhecemos hoje. Praticando uma forma de melhoramento genético estilo “caixa-preta”, foram sendo selecionadas as plantas com características desejáveis (ciclo, porte, produtividade, qualidade nutricional, resistência a pragas e doenças, etc.) e excluídas outras que à primeira vista não interessavam. Sobreveio Mendel, solenemente ignorado no século 19 e depois resgatado por William Bateson, no começo do século 20, a valorização da heterose (com destaque para o milho híbrido), a aplicação das Leis de Mendel em agricultura, pela Revolução Verde (a partir da segunda metade do século 20), sendo trigo e arroz exemplos notórios (introgressão dos genes de nanismo, mudança de arquitetura de plantas e seleção para adaptação ampla, tolerância a doenças, etc.). Nesse processo, enquanto eram empilhados genes benéficos, escolhidos indiretamente por seleção fenotípica, também foram sendo acumulados genes com efeitos negativos sobre o crescimento vegetal, que, mesmo pequenos isoladamente, podem, hoje, estar limitando os novos avanços na elevação do rendimento dos cultivos agrícolas.

Indiscutivelmente, nunca se colheu tanto por unidade de área cultivada em agricultura quanto hoje. Todavia, também não se pode ignorar que os ganhos anuais em rendimento de grãos dos principais cultivos agrícolas estão decrescendo e tendendo à estabilização. Embora haja espaços para avanços em práticas de manejo dos cultivos, é pela via genética que se vislumbram novos e melhores resultados. O grande desafio é como transformar o conhecimento básico sobre os processos que governam o crescimento das plantas em ganhos reais de rendimento nas lavouras.

São muitos os caminhos possíveis. Alguns mais realistas e outros nem tanto. No tocante ao rendimento dos cultivos, lidamos com redes genéticas complexas, que governam o crescimento das plantas, cuja modificação da expressão de um único gene (caso dos bem conhecidos RR e Bt) pode não ter efeito algum pelo tamponamento conferido por outros genes atuantes nessa rede. Então, a saída parece ser a perturbação simultânea de múltiplos genes que possuem efeitos mais pronunciados sobre os processos de crescimento das plantas, de forma orientada para os órgãos de interesse econômico (grãos, por exemplo), que pode ser obtida pelo empilhamento organizado de genes desejados, sem descuidar dos efeitos pleiotrópicos indesejados entre genes.

Precisamos entender melhor a combinação de genes que potencializam o crescimento dos cultivos e, pelos caminhos da biologia sintética, desenhar redes genéticas que permitam a melhor exploração possível da disponibilidade de recursos do ambiente em agricultura. Enfim, levar os resultados gerados nas bancadas dos laboratórios e nas pesquisas in silico efetivamente aos campos de produção.

Data : 27/04/2018

Título : Dr. Anunciação & Mr. Cunha

Categoria: Artigos

Uma das obras mais conhecidas de Robert Louis Stevenson (1850-1894), o habilidoso contador de histórias e grande mestre da literatura universal que se destacou por retratar, como poucos, a dualidade da natureza humana, é o romance o “Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde” (O estranho caso do Dr Jekyll e do Sr. Hyde), de 1886, que, em algumas edições brasileiras e nas versões cinematográficas, recebeu o sugestivo título de “O médico e o monstro”. Pois, foi travestindo-se de Robert Louis Stevenson, que a equipe da redação de O NACIONAL, na edição do último final de semana (21 e 22 de abril de 2018), ao manter o espelho da página 4 do dia anterior (20 de abril de 2018) e trocar conteúdo, mas não a assinatura do colunista, conseguiu, tal qual a poção que transformava o Dr. Henry Jekyll no abominável Sr. Edward Hyde, transmutar o Dr. Jorge Anunciação no Sr. Gilberto Cunha.

A coluna que NÃO escrevi e cujo engano foi desfeito na edição de O NACIONAL da última terça-feira (24/04/2018), se chamava “Viracopos”. Na primeira percepção, ao me deparar, na manhã e sábado, com o equívoco de diagramação, foi de que não havia dúvida que aquele texto tinha o traço inconfundível da lavra do Dr. Jorge Anunciação e não do Sr. Gilberto Cunha. Qualquer leitor, facilmente, perceberia isso. Mas, não foi o que aconteceu.

Recebi, pessoalmente, por e-mail e pelo WhatsApp, mensagens de congratulações e críticas também, pela aludida coluna. Coisas como: “finalmente aprendeu a escrever um texto inteligível”, “texto corajoso e arrojado e que efetivamente contribui para a aldeia”, “tu sabes que receberás pedradas dos teus amigos burgueses da sociedade passo-fundense”, “todos deveriam ler para tomar consciência que a cidade não está querendo progredir”, “belíssimo texto. Tomara Deus que tenha reflexos nessa sociedade retrógrada de Passo Fundo”, “após ler sua coluna de hoje no Jornal O Nacional, gostaria de parabenizá-lo pelo excelente comentário que nos trouxe a memória da história de Passo Fundo”, e por aí afora, além do elogio e incentivo à leitura do texto, no domingo pela manhã, no programa Cotações e Mercado, pela rádio Uirapuru.

Nesse ponto eu me ponho a parafrasear Lupicínio Rodrigues: “Eu agradeço estas homenagens que vocês me fazem/Pelas bobagens e coisas bonitas que dizem que eu fiz/Receber os presentes, isto eu não tenho coragem/Vão entregá-los a quem de direito deve ser feliz”. Nesse caso, é o que faço agora, direcionando-os ao Dr. Jorge Anunciação.

Entre o Dr. Anunciação e o Sr. Cunha, há coisas comuns e diferenças perceptíveis. Anunciação e Cunha regulam na idade (ao redor de 60 anos). Ambos não são de Passo Fundo e escolheram essa cidade para viver, constituir família e, talvez, morrer. O Dr. Anunciação nasceu em Cruz Alta e veio para cá criança, trazido pelos pais. O Sr. Cunha, natural de Porto Alegre, chegou aqui adulto, em 1989, motivado por um edital de emprego, e nunca mais saiu. O Dr. Anunciação queria ser engenheiro florestal pela UFSM e virou médico pela UPF. O Sr. Cunha queria ser físico nuclear e virou engenheiro-agrônomo pela UFRGS. O Dr. Anunciação, assumidamente, professa a filosofia da doutrina Espirita. O Sr. Cunha, apesar de ter optado por Darwin na disputa com o Criador, mantém-se respeitoso para com os costumes e rituais da Igreja Católica. O Dr. Anunciação, acima de tudo, em sua coluna, é um teclador de emoções e cronista da memória afetiva local, e o Sr. Cunha, na dele, um analista racional de ideias de outros. Todavia, há indícios que compartilham as mesmas preferências literária, não sendo raras citações dos mesmos autores e títulos de livros.

Por fim, cabe dizer que a obra de Stevenson tem sido levada às telas dos cinemas, sem observar que, idealmente, os dois personagens seriam mais bem representados se usados atores distintos, para que, no final, sobrevenha a surpresa da descoberta que o Dr. Jekyll é o Sr. Hyde. Nesse caso, a equipe de ONACIONAL inovou, ao revelar que, na coluna Viracopos, o Sr. Cunha, da edição de sábado (21 e 22 de abril de 2018), era o Dr. Anunciação.

Data : 08/06/2018

Título : Dreyfus e Zola

Categoria: Artigos

Os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade que, na noite de 14 para 15 de julho de 1789, impulsionaram a queda da Bastilha, determinando o fim da idade moderna e a entrada da humanidade nos tempos contemporâneos, pareciam que não estavam mais tão arraigados assim, na França, no último quartel do século XIX. As opiniões de cunho nacionalista e reacionárias, impregnadas pelo ódio chauvinista, os preconceitos de ordem religiosa e raciais e a luta de tradições, envolvendo a disputa entre a clerical, monarquista e conservadora, de um lado, e a republicana, radical e laica, do outro, tomavam conta do debate público na terra das liberdades. E foi nesse contexto que se deu o famoso caso Dreyfus, que, em tempos de intolerâncias como os que ora estamos vivendo no Brasil, talvez seja oportuna a sua rememoração, especialmente pelas tristes lições deixadas como herança.

O processo Dreyfus, considerado por muitos como um notório caso de antissemitismo político envolveu intrigas, denúncias falsas, julgamentos apressados e condenações injustas. Corria o ano de 1894, quando Alfred Dreyfus, francês de origem judaica, ao galgar postos na carreira militar, começou a se tornar mal visto entre os colegas. Eis que surge um documento, subtraído da Embaixada da Alemanha, supostamente enviado ao adido militar alemão Schwartzkoppen, tratando do repasse de informações confidenciais que ameaçavam a segurança da França. Uma trama foi urdida para condenar Dreyfus por alta traição. Peritos em caligrafia ora são vagos quanto a autoria do documento e ora, pela similaridade da letra, são taxativos na afirmação que fora escrito por Dreyfus. O acusado foi condenado. Um afã nacionalista conspirava contra ele. Os jornais sensacionalistas o atacaram com virulência. Em 14 de outubro de 1894, sentenciado com a deportação para a prisão na Ilha do Diabo, Dreyfus foi preso.

Alfred Dreyfus insiste que é inocente. O processo tem idas e vindas. Surgem fatos novos. Um bilhete da amante do coronel Schwartzkoppen incrimina Walsin-Esterházy, oficial de origem húngara, como o verdadeiro traidor. Outro julgamento acontece. Esterházy é inocentado. A condenação de Dreyfus é mantida. Eis então que Émile Zola entra em cena, publicando, em 13 de janeiro de 1898, no jornal L'Aurore, um documento que percorreu o mundo com o nome francês "J'Accuse". Uma carta indignada ao presidente da França, Félix Faure que, em apertada síntese, pode ser assim resumida: "Acuso o tenente coronel Du Paty de Clam de ter sido o diabólico fator do erro... Acuso o general Mercier de cumplicidade... Acuso o general Billot de ocultar provas... Acuso o general Boisdeffre e o general Gonse de cúmplices do mesmo crime... Acuso o general Pellieux e o comandante Ravary de parcialidade... Acuso os peritos calígrafos

de informes falsos e fraudulentos... Acuso as Oficinas de Guerra de campanha abominável na imprensa... Acuso o Conselho de Guerra de ter condenado um inocente e absolver um culpado... e encerrava... Meu protesto é o grito de minha alma...Me façam comparecer aos tribunais!”.

Após a publicação de J'accuse, Émile Zola foi processado por difamação e condenado a um ano de prisão. Exilou-se em Londres e só regressou quando o processo foi reaberto. Em novo julgamento, após a admissão pelo comandante Hubert-Joseph Henry que havia forjado provas, a condenação de Dreyfus, mesmo assim, foi mantida, mas ele recebeu um indulto. O que estava em jogo era a honra do Exército francês.

Émile Zola e sua esposa morreram asfixiados por emanações de monóxido de carbono de uma chaminé defeituosa, no seu apartamento em Paris, em 28 de setembro de 1902. Há quem vincule o episódio com o seu envolvimento no caso Dreyfus.

Nova revisão do processo aconteceu em 1906. A condenação foi anulada. Dreyfus foi reintegrado ao Exército e agraciado com a Legião de Honra. Mas, a sua inocência só pode ser comprovada, efetivamente, em 1930, quando os documentos de Schwartzkoppen foram publicados. Alfred Dreyfus morreu em Paris, em 12 de julho de 1935.

Data : 24/10/2014

Título : E assim nasceu o sistema integrado de controle de doenças em trigo no RS – Final

Categoria: Artigos

Descrição: Identificado que o problema de doenças que assolava a cultura do trigo no Rio Grande do Sul, nos anos 1970, estava relacionado com o uso do solo no inverno, Ottoni de Sousa Rosa, então Chefe-Geral da Embrapa Trigo (CNPT)...

Sexta-Feira, 24/10/2014 às 07:18, por Gilberto Cunha

Identificado que o problema de doenças que assolava a cultura do trigo no Rio Grande do Sul, nos anos 1970, estava relacionado com o uso do solo no inverno, Ottoni de Sousa Rosa, então Chefe-Geral da Embrapa Trigo (CNPT), intensificou

os trabalhos da Unidade para a elucidação da intrincada questão. Vanderlei Bassegio, Wallace Neuhaus e Valdemar Crespi, informando os sistemas de produção de trigo que praticavam e o desempenho em rendimento das suas lavouras, especialmente na malfadada safra de 1977, haviam dado a pista que faltava. Era chegada a hora de a pesquisa científica fazer a sua parte.

Outro grande problema de sanidade em trigo, na época, era o mal-do-pé, causado pelo fungo *Gaeumannomyces graminis* var. *tritici*. Nesse mesmo ano de 1977, no município de Coxilha/RS, Luiz Graeff Teixeira tinha uma lavoura de 200 ha que fora totalmente perdida por mal-do-pé. Algo parecido também aconteceu nos experimentos do CNPT sobre doses de calcário e correção de acidez do solo. Então, coube ao pesquisador Sirio Wielthölder estudar detalhadamente o assunto, vindo a concluir que a incidência do mal-do-pé em trigo era intensificada dois ou três anos após a aplicação de calcário e que uma vez ocorrida essa doença, no segundo cultivo de trigo após o pousio, o problema voltava, evidenciando que trigo não poderia ser cultivado por mais de um ano num mesmo local.

Otoni Rosa solicitou uma reunião extraordinária da Comissão Sul-Brasileira de Pesquisa de Trigo (CSBPT) para tratar, entre outros temas, da inclusão da rotação de culturas no sistema de produção de trigo. A reunião foi realizada em Porto Alegre/RS, na Faculdade de Agronomia da UFRGS, no dia 1º de fevereiro de 1978. A proposta do CNPT, mesmo que baseada apenas em observações, foi aprovada por unanimidade. E assim, para a safra 1978, nos domínios da Comissão Sul-Brasileira de Pesquisa de Trigo (RS e SC), passou-se a recomendar o cultivo de trigo em áreas que não tinham sido utilizados com esse cereal ou com cevada, pelo menos, nos dois anos anteriores.

O CNPT, a partir da safra de 1978, deu prioridade ao estudo de doenças radiculares em trigo. O pesquisador José A. Diehl foi incumbido de esclarecer as diferenças de rendimento entre lavouras de trigo com e sem pousio no inverno. Para assessorar José A. Diehl na identificação de lavouras com históricos diferentes de utilização do solo no inverno, Otoni Rosa encarregou Armando Ferreira Filho, que havia sido recém-contratado para a área de Difusão de Tecnologia e era detentor de uma poderosa rede de relacionamentos com os produtores rurais da região. Ao par, o CNPT contava, nessa área, com os consultores R. D. Tinline, do Canadá, P.J. Shipton, da Escócia, e A.D. Rovira, da Austrália.

Foram identificados, como agentes causadores das doenças radiculares, *Helminthosporium sativum* (90% dos isolamentos –podridão comum das raízes) seguido por *Fusarium roseum* e por *Colletotrichum graminicola*. Os resultados do trabalho de José A. Diehl levaram a CSBPT a alterar a recomendação de rotação ou de pousio para três anos (a partir de 1979), tolerando dois anos sem trigo em casos de lavouras anteriormente não muito atacadas por doenças radiculares. O sistema seria complementado pelos trabalhos de Erlei Melo Reis, rotação de culturas e a interação de efeitos dos restos culturais sobre doenças da parte aérea, e de Edson Clodoveu Picinini e José Maurício Cunha Fernandes, no tocando ao controle químico (produtos, doses e tecnologia de aplicação).

Enfim, estava definitivamente consolidado o sistema integrado de controle de doenças em trigo no RS, que seria embasado em resistência genética (cultivares

resistentes), rotação de culturas e uso de fungicidas (controle químico); revolucionando a triticultura brasileira.

Data : 17/10/2014

Título : E assim nasceu o sistema integrado de controle de doenças em trigo no RS – Parte 1

Categoria: Artigos

Descrição: Em meados dos anos 1970, quando recém a Embrapa Trigo havia sido criada (inauguração oficial em 28 de outubro de 1974), mesmo que o Rio Grande do Sul acumulasse frustrações sobre frustrações de safras de trigo...

Sexta-Feira, 17/10/2014 às 07:55, por Gilberto Cunha

Em meados dos anos 1970, quando recém a Embrapa Trigo havia sido criada (inauguração oficial em 28 de outubro de 1974), mesmo que o Rio Grande do Sul acumulasse frustrações sobre frustrações de safras de trigo, causadas pelos complexos de doenças e pragas que atacavam a cultura, ninguém imaginava ou se atrevia a dizer que o problema principal, em vez da parte aérea, estava abaixo do solo, onde grassavam, despercebidamente, as podridões radiculares. Ignoravam-se, na época, as doenças radiculares em trigo, por motivos óbvios. Os campos do Planalto Rio-Grandense começavam a ser desbravados com lavouras e acreditava-se piamente que a sucessão trigo-soja (gramínea-leguminosa) era um modelo sustentável de agricultura; pelos menos economicamente.

Esse cenário, de fato, começou a mudar em 1977. Apesar de existir indicação de fungicidas, para tratamento de sementes e da parte aérea em trigo, a campanha capitaneada pela Embrapa e pela Fecotrigo, com o apoio da Emater/RS, para atingir a meta de 1500 kg/ha nas lavouras gaúchas desse cereal, centrada no controle de doenças, apresentava resultados desastrosos. E foi graças a mais uma frustração anunciada na safra de trigo do RS, em 1977, que a solução de um problema complexo começou a ser delineada, pois as epidemias de doenças estavam inviabilizando a produção de trigo no Estado. Enfim, havia que se buscar outro caminho, pois apenas o uso de cultivares resistentes e a adoção do controle químico de doenças não resolviam o problema.

Foi então que a Chefia do CNPT, sob a liderança do pesquisador Ottoni de Sousa Rosa, colocou todo o esforço da instituição na busca da solução do problema. A equipe estava montada, a estrutura de pesquisa em pleno

funcionamento e, para ajudar, havia convênios com FAO, CIMMYT, IICA e Governo do Canadá para prover apoio por meio de consultorias especializadas. Estrategicamente, Ottoni Rosa começou pela busca de explicação para o que estava acontecendo em algumas lavouras na região e nos ensaios realizados no campo experimental da Unidade, em que pese as similaridades no uso de tecnologia de produção, os contrastes de rendimento eram grandes. Os resultados obtidos pelo pesquisador Ariano Prestes, que encontrou diferenças marcantes na sanidade do sistema radicular de plantas de trigo coletadas em experimento realizado na lavoura do Sr. Valdemar Crespi, em Coxilha/RS, comparada com plantas da área experimental do CNPT, começaram a lançar luzes sobre a intrincada questão. Também surpreenderam os desempenhos das lavouras de Valace Neuhaus e dos irmãos Bassegio (Vanderlei e Altair Bassegio), que, apesar do uso de tecnologias praticamente idênticas e estarem localizadas na mesma região, no município de Coxilha, enquanto o primeiro colheu 700 kg/ha, os segundos colheram 2700 kg/ha de trigo; em 1977. Afinal, havia algo que justificasse essa diferença?

Para entender (ou tentar entender) de vez o que estava acontecendo, foram reunidos, logo após a colheita da safra 1977, na sala da Chefia do CNPT, os agricultores Vanderlei Bassegio, Valace Neuhaus e Valdemar Crespi. Os detalhes dos sistemas de produção que empregaram deram a pista que faltava. A diferença estava, essencialmente, no histórico de utilização dos solos no inverno. Enquanto Vanderlei Bassegio e Valdemar Crespi obedeciam pousio de três invernos antes de retornar com o cultivo de trigo na mesma área, Valace Neuhaus cultivava trigo sobre trigo. E, considerando-se que, não havia sido diagnosticado mal-do-pé nessas lavouras, reforçava-se o indício que a diferença estaria mesmo associada com a utilização do solo no inverno. Além de tudo...

(continua...)

Data : 23/09/2016

Título : É isto uma biografia?

Categoria: Artigos

Sobre a morte de Primo Levi (1919-1987), químico e escritor italiano de origem judaica, sobram controvérsias e faltam materialidades. De um lado os que alegam ter sido acidental a queda no vão da escada do prédio de três andares em Turim, onde ele morava com a família, que lhe tirou a vida, naquele fatídico 11 de abril de 1987. No outro extremo, os que insistem na tese de suicídio. Dizem os primeiros, alguém com o conhecimento avançado em química que Primo Levi detinha, com certeza, usaria outro meio para tirar a própria vida e não meramente se jogaria no vão de uma escada; atribuindo a queda ao efeito dos remédios que

o escritor tomava na época. E, alegam os defensores da tese de suicídio, que um homem deprimido, rememorando os horrores vividos em Auschwitz e assolado por um câncer de próstata, segundo relatos de pessoas próximas dele, não hesitaria em dar cabo da própria vida, que havia se tornado pesada em demasia. Não importa com quem esteja a verdade desse desfecho trágico. O incontroverso é que Primo Levi, como escritor, deixou obras que lhe asseguram um lugar de honra no panteão dos grandes nomes da literatura universal.

Obras como “Se questo è un uomo” (Se isto é um homem ou É isto um homem?, dependendo o título da versão em português que se queira usar como referência), escrita em 1947, fizeram de Primo Levi um dos principais memorialistas das atrocidades cometidas pelos nazistas. Esse livro, especificamente, que obteve sucesso e reconhecimento de mérito tardio, foi construído a partir da experiência vivida por ele como prisioneiro em Auschwitz, entre fevereiro de 1944 e janeiro de 1945. Primo Levi foi um dos raros sobreviventes no grupo de judeus italianos enviados pelo governo fascista de Mussolini a Auschwitz e passaria o resto da sua vida dando testemunhos sobre os horrores do holocausto. E “Os afogados e os sobreviventes”, o último livro de Primo Levi, publicado em 1986, em que ele retomou a temática que mais o angustiava: a lembrança do terror nazista e a possibilidade, e isso ele nunca descartou, que pudesse acontecer tudo novamente.

A obra sui generis de Primo Levi é “A Tabela Periódica”, uma combinação de autobiografia e química, publicada em 1975. Nesse livro, em que cada um dos 21 capítulos é intitulado pelo nome de um elemento químico, Primo Levi, que tinha doutorado em química e trabalhou profissionalmente na área, usou uma linguagem poética recheada de metáforas para construir a história de um átomo de Carbono, contada no capítulo 21, que, apesar de sabidamente fictícia, descreveu magistralmente o ciclo biogeoquímico desse elemento na natureza. Ilustrou, nesse capítulo, um passagem de 200 anos de um átomo de Carbono, que desde liberado pela queima de um pedaço de carvão arrancado a picaretadas de uma mina próxima à superfície do solo, por volta de 1840, circulou oito anos na atmosfera até ser fixado pelo processo de fotossíntese em uma folha de videira, tempos depois retornando à atmosfera e novamente sendo fixado no tronco de um carvalho, com passagem pela estrutura orgânica de um inseto broca, e, como desfecho, tendo retornado, pela terceira vez, para a atmosfera.

A obra “A Tabela Periódica”, de Primo Levi, foi escolhida, em evento patrocinado pela Royal Institution of Great Britain, em 2006, como o melhor livro escrito sobre ciência em todos os tempos. E o inusitado é que não se trata especificamente de um livro sobre ciência, a exemplo de alguns correntes de peso que teve de enfrentar: “A Viagem do Beagle”, de Charles Darwin, “The Double Helix”, de James Watson, e “O Gene Egoísta”, de Richard Dawkins.

Então, não foi sem razão que na antologia “The Oxford Book of Modern Science Writings”, organizada por Richard Dawkins como corolário da sua carreira de

professor da cátedra de Compreensão Pública da Ciência, que ocupou na Universidade Oxford, entre as obras reverenciadas podemos encontrar um excerto do capítulo 21 do livro “A Tabela Periódica”, de Primo Levi.

Data : 16/09/2011

Título : E o clima?

Categoria: Artigos

Descrição: Depois de um inverno cujos adjetivos oscilam entre diluviano e quase glacial, torna-se óbvia a preocupação com a condição climática mais provável para o sul do Brasil, a partir dessa primavera.

E o clima?

por Gilberto Cunha

Depois de um inverno cujos adjetivos oscilam entre diluviano e quase glacial, torna-se óbvia a preocupação com a condição climática mais provável para o sul do Brasil, a partir dessa primavera. Em grandes rasgos, a tendência de eventos irregulares de precipitação, não raro de intensidade elevada, marca característica da nossa estação das flores, sem descartar períodos de estiagens, é algo esperável. Os boletins elaborados pelo CPTEC/INPE, 8º DISME/INMET e CPPMet/UFPel são unânimes em apontar, para a Região Sul e em particular no RS, chuvas entre a categoria normal e abaixo da normal durante o trimestre setembro-outubro-novembro de 2011. A informação mais relevante para a agricultura regional foi liberada pelo Climate Prediction Center/NCEP/NWS, dos EUA, no dia 8 de setembro, sendo reiterada na atualização semanal da última segunda-feira (12). Segundo o boletim ENSO Diagnostic Discussion, houve um retorno e fortalecimento das condições de La Niña no Oceano Pacífico equatorial, em paralelo com a manutenção de uma circulação atmosférica típica de La Niña. A expectativa é que esse evento La Niña continue atuando até o começo de 2012, havendo, ainda, muita incerteza quanto a sua força. Há que se ter cautela com esse tipo de informação, mas são indícios de que, probabilisticamente, poderemos ter uma primavera, apesar dos devotos de São Miguel, e começo de verão com menos chuva do que presenciamos até agora.

Abre-te, Gergelim!

É possível que nem todos os leitores das fábulas das MIL E UMA NOITES tenham percebido ou sequer atentado para o fato de que a famosa exclamação “Abre-te, Sésamo!”, usada pelo herói da história “Ali-Baba e os quarenta ladrões” para abrir a porta misteriosa da caverna em que os salteadores escondiam seus

tesouros, considerando-se a equivalente latina “sesamum”, poderia ter sido traduzida para o português como “Abre-te, Gergelim!”. Pois, curiosidade botânica a parte, “Sesamum indicum L.” é o nome científico de uma planta da família das Pedaliaceas, cultivada nas regiões tropicais e subtropicais do mundo, que conhecemos pelo nome de gergelim, cujas sementes pequeninas e amareladas, lembrando os tesouros escondidos no interior da caverna, estão contidas numa capsula que se abre muito docemente. Ainda bem que os tradutores não fizeram está transmutação literária-botânica. Teria ficado um horror esse “Abre-te, Gergelim!”.

IMED – MBA

Esta começando nesse final de semana (16/17) mais uma edição do MBA em Gestão do Agronegócio, pela IMED. O curso, integrado ao programa de pós-graduação da instituição passo-fundense de ensino, visa a qualificação de profissionais para a área de gestão das organizações do agronegócio. Informações: (54)3045- 9067 ou negocios@imed.edu.br.

Expedito Parente

Na coluna do Celestino Meneghini dessa quinta-feira (15), em O Nacional, foi noticiada a morte do engenheiro químico cearense Expedito Parente, aos 71 anos, ocorrida na madrugada do último dia 13, após ter sido submetido a uma cirurgia de diverticulite. Expedito Parente era professor na Universidade Federal do Ceará, nos anos 1970, quando desenvolveu o processo de produção em escala industrial de biodiesel, cuja primeira patente no mundo foi garantida pelo INPI em 1983. No entanto, essa patente do biodiesel expirou sem uso após 10 anos e caiu em domínio público. O ressurgimento do biodiesel, desta vez na Europa, ocorreu em 1988, simultaneamente na Áustria e na Alemanha. No Brasil, a ideia do biodiesel foi retomada em 1998 e, em 20 de junho de 2006, com a presença do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, Passo Fundo viu nascer a montagem de uma importante planta de produção de bicombustíveis: a BSBios. Expedito Parente, que além do biodiesel também esteve envolvido com o bioquerosene para aviação, materializou o ideal da ciência, ao transformar conhecimento em tecnologia relevante para a sociedade.

A Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio) aprovou, no dia 15/09/2011, a liberação para cultivo comercial do feijão geneticamente modificado (GM), desenvolvido pela Embrapa, cuja característica é ser resistente ao vírus do mosaico dourado.

O Nacional

Sexta-Feira, 16/09/2011

Data : 30/04/2012

Título : E que Deus nos livre do efeito Kruger-Dunning

Categoria: Artigos

Descrição: Somos todos, literalmente, ignorantes sobre muitos assuntos ou temas, especialmente quando esses envolvem conhecimentos científicos

GILBERTO R. CUNHA

Somos todos, literalmente, ignorantes sobre muitos assuntos ou temas, especialmente quando esses envolvem conhecimentos científicos avançados ou nem tanto, e habilidades que, pelas mais diferentes razões, não dominamos ou não possuímos. O que não devemos é nos permitir que, sem consciência dessa incapacidade, sejam construídas visões de mundo que, alheias ao estabelecido, são falsas.

Não há demérito algum em sermos ignorantes sobre uma porção de coisas.

O perigoso em certas ocasiões é “não saber que não sabemos”, e julgarmos que, sobre determinados assuntos, nossa opinião ou nossa capacidade de execução possam ser tão valiosas quanto as que são emitidas por especialistas, ou o nosso desempenho, superior ao alcançado por indivíduos efetivamente bem preparados, para o exercício de determinadas funções.

O efeito Kruger-Dunning trata dessa incapacidade individual de reconhecimento de incompetência. Recebeu esse nome em alusão a Justin Kruger e David Dunning, que, na ocasião, vinculados ao Departamento de Psicologia da Universidade Cornell/USA, publicaram, em 1999, o clássico “Unskilled and Unaware of It: How Difficulties in Recognizing One’s Own Incompetence Lead to Inflated Self-Assessments” (Journal of Personality and Social Psychology, v.77, n.6, p.1121-1134, 1999), que foi republicado, em 2009, na revista Psychology (v.1, p.30-46, 2009). Os indivíduos acometidos por esse efeito, sofrem duplamente, pois não apenas tiram conclusões erradas e fazem escolhas infelizes, mas, paralelamente, pela sua incompetência, são incapazes dessa percepção de erros e, como consequência, de correção de rumos.

Um dos aspectos mais nefastos do efeito Kruger- Dunning é que a incapacidade de reconhecimento de incompetência leva esse tipo de indivíduo a inflar, artificialmente, a sua auto-avaliação de desempenho em relação aos pares. Ou seja, pessoas sob o efeito Kruger- Dunning julgam-se mais competentes do que efetivamente são. O incompetente, em geral, superestima as suas habilidades, sendo incapaz de reconhecer a incompetência própria. São do tipo que exalam certezas absolutas, pois, no seu universo, não há espaço para coisas como “todas as evidências sugerem”.

E, o que é pior, não valoram adequadamente a competência, de terceiros e, sendo assim, sequer conseguem usar o referencial alheio de competência para melhorar o próprio desempenho.

Em função do efeito Kruger-Dunning, a tendência é das pessoas terem uma visão mais favorável, em relação às suas habilidades individuais. A maioria, seja qual for o quesito, acredita que está acima da média da população que integra

(em sala de aula, no trabalho, etc.). Algo impossível, em estatística descritiva, diga-se. Em resumo, costumamos ser benevolentes com nós mesmos, especialmente quando, frente aos pares, em determinadas áreas do conhecimento, somos iniciantes ou intelectualmente medíocres. Em muitas ocasiões, faltam habilidades metacognitivas aos principiantes ou incompetentes. Repare que, em sala de aula ou no ambiente de trabalho, sempre há aqueles que têm dificuldade em reconhecer o seu nível de dificuldade, e em avaliar adequadamente o seu próprio desempenho. E a grande tragédia no mundo das corporações é que, contrariando as leis naturais, os incompetentes, majoritariamente, se atraem, em vez de, como seria esperável, se repelirem.

Os incapazes de percepção de suas próprias limitações não melhoram o desempenho, pois, em geral, não compreendem aquilo que leem e não conseguem construir argumentos com um mínimo de lógica. A ignorância, em muitos casos, é uma espécie de benção, especialmente numa autoavaliação.

O grande paradoxo do efeito Kruger-Dunning é que o único jeito, de fazer um incompetente tomar ciência da sua incompetência, é torná-lo competente.

E como se faz isso? Talvez por desconhecimento do efeito Kruger-Dunning é que um professor amigo meu (essa estrutura é uma homenagem ao Belchior: “Aí um analista amigo meu disse que...”), com iniciais L.A.J. (Luis Atades Jacobsen), costuma brincar em relação ao material de apoio bibliográfico que disponibiliza aos seus alunos, dizendo que ele leva o burro até a lagoa, mas não obriga o animal a beber água. Parece que não há outro jeito, tem que obrigar.

(Gilberto R. Cunha é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Data : 21/03/2012

Título : E, afinal, estamos ou não estamos sós?

Categoria: Artigos

Descrição: Até quanto eu conheço (e não significa que seja muito), são poucos, se é que há, os mitos, as lendas ou qualquer outro tipo de informação dando conta da existência de seres alienígenas ou de formas de vida diferentes das encontradas na Terra...

E, afinal, estamos ou não estamos sós?

Quarta-Feira, 21/03/2012

por Gilberto Cunha

Até quanto eu conheço (e não significa que seja muito), são poucos, se é que há, os mitos, as lendas ou qualquer outro tipo de informação dando conta da existência de seres alienígenas ou de formas de vida diferentes das encontradas na Terra, que datem de tempos remotos; pelo menos muito remotos. Isso, talvez, porque até o Renascimento, em especial até o século 16, e lá se vão pouco mais de 500 anos, a concepção de universo não ia muito além do nosso umbigo. Alguém ainda para e lembra que, decorria o relativamente recente ano de 1633, quando Galileu Galilei ajoelhou diante de sete cardeais inquisidores por insistir na estapafúrdia ideia de que a Terra girava em torno do Sol e não o contrário? Imagine então pensar, além do reino dos Céus, sobre outros planetas habitados, em contar estrelas e galáxias, medir distâncias interplanetárias, etc.? A grande questão aqui posta é se há ou não outras formas de vida em outros mundos que não a Terra? Os mitos sobre o assunto são abundantes, mas, quem sabe até para surpresa de muitos leitores, esses são, majoritariamente, dos tempos modernos ou contemporâneos.

O papel da ciência na discussão se há ou não vida em outros planetas tem sido de afastar as certezas míticas porque, de um cientista, sobre esse assunto, não se poderia esperar algo diferente que saber que não sabe a resposta. Isso, que pode parecer pouco, é muito; pois mesmo não havendo provas de que já fomos visitados por seres alienígenas não significa, em absoluto, que esses seres não existam. Também não estou afirmando que existam. A cada dia são descobertos novos planetas orbitando ao redor de estrelas que não o Sol, em outras galáxias. Então, por que não poderia haver vida neles? Vida que não necessariamente siga o mesmo padrão, estrutura e processo que conhecemos aqui na Terra.

Não é fácil entender como milhares de pessoas, nesse começo de século 21, ainda acreditam em seres extraterrestres. E não estou falando em fanatismo ao estilo que, em 1997, nos EUA, levou os 39 membros da seita “Heaven’s Gate”, liderada por Marshall Applewhite, a tomarem veneno na esperança de terem suas almas levadas para outro mundo por um UFO que, segundo eles, acompanhava a passagem do cometa Hale-Bopp. Restaram, numa mansão na Califórnia, 39 cadáveres uniformizados com dizeres “Equipe Heaven’s Gate”; entre eles Marshall Applewhite.

O ponto em comum na maioria dos crentes em extraterrestres é a adoração por ficção científica. São fanáticos por Star Trek (o nosso Jornada nas Estrelas) e imitadores de comportamentos estilo Sheldon Cooper, o Ph.D afetado da série The Big Bang Theory. É esse tipo de percepção que, levado ao limite da imaginação, faz que muita gente julgue ter vivido experiências com alienígenas. A crença na abdução cresceu muito após os anos 1950, com a popularização de mitos sobre os marcianos (as discussões sobre os canais de Marte), discos voadores e ETs de toda espécie. O fenômeno da abdução, como mito moderno/contemporâneo, pode estar ligado à paralisia do sono, que ocorre quando você está dormindo e acorda, mas não consegue se mexer e enxerga seu corpo imóvel, vivendo toda uma gama de alucinações, que na idade média deram azo à criação do mito do Incubus e Sucubos, demônios que sugavam sexualmente suas vítimas enquanto dormiam, e, em tempos recentes, às experiências que muitos juram de pés juntos terem vivido com seres alienígenas.

Sem qualquer pretensão de resposta definitiva, sempre que inquirido, tipo sim ou não, se acredito em extraterrestres, saliento que mudei minha concepção sobre os alienígenas desde que a irmã do Garrafa, um velho amigo de infância,

cismou que fora abduzida. Tempos depois ela apareceu grávida, dando causa às maledicências da vizinhança, que só tiveram cabo quando, passados nove meses, o menino verde e com cabelos de arame, que nasceu falando inglês (vai lá se saber por que os alienígenas falam inglês) e em noites de céu estrelado vive com aquele olhar perdido rumo aos cosmos, virou o motivo das atenções e alegrias na casa do Garrafa. Depois desse episódio, aqui estou eu, dividido entre Shakespeare, “Há no céu e na terra, Horácio, bem mais coisas do que sonhou jamais nossa filosofia” (Hamlet – Ato I – Cena V), e Gonzaguinha, “Ao som desse bolero/Vida, vamos nós/E não estamos sós/Veja meu bem/A orquestra nos espera/...”.

Do Jornal
O Nacional

Data : 22/08/2014

Título : Editora de Província

Categoria: Artigos

Descrição: Em tempos que a maior das editoras brasileiras foi comprada por grupos estrangeiros, permanecendo no mercado, não raro, apenas como selo das subsidiárias do exterior.

Sexta-Feira, 22/08/2014 às 08:00, por Gilberto Cunha

Em tempos que a maior das editoras brasileiras foi comprada por grupos estrangeiros, permanecendo no mercado, não raro, apenas como selo das subsidiárias do exterior. Ou, no caso das gaúchas, incorporadas por grupos do centro do País, a exemplo da L&PM, cuja compra de 50% pela editora carioca Sextante foi recentemente anunciada, vale rememorar a história da Livraria do Globo, de Porto Alegre, cuja história de sucesso, no século 20, marcou indelevelmente o mercado editorial de livros no Brasil. Para isso, uma boa fonte é um texto pouco conhecido de Erico Verissimo, denominado Breve Crônica duma Editora de Província, que foi descoberto, por acaso, na biblioteca do bibliófilo José Mindlin, quando da organização de um livro comemorativo aos cinquenta anos do primeiro volume de O Tempo e o Vento. Essa obra, há pouco mais de 10 anos, foi republicada e teve edição de dez mil exemplares distribuída gratuitamente pela Editora da Universidade Federal de Santa Maria.

Erico Verissimo conta em detalhes a história da Livraria do Globo (livraria, papelaria e tipografia), que começou, em 1883, como uma casa de negócios de

propriedade de um certo Sr. Laudelino P. Barcellos, com sede na Rua da Praia, no centro de Porto Alegre.

Passados uns 40 anos, o velho Laudelino havia morrido e a razão social da firma chamava-se Barcellos, Bertaso & Cia. Esse Bertaso que começou na firma como varredor, aos 12 anos, tornou-se gerente de uma empresa que, após a primeira Guerra Mundial, ganhou um impulso fabuloso, graça aos livros que publicava.

Na década de 1920, o homem forte da editora era Mansueto Bernardi. Um italiano de Treviso, que veio menino para o Brasil e teve o sonho de transformar a Globo numa editora de importância nacional. Foi nessa época que, em 1929, por sugestão de Getúlio Vargas, criou-se a Revista do Globo. A Revista do Globo rivalizava com a Querida, anos 1950. A Querida era a concorrente da revista gaúcha e dirigida por ninguém menos que Roberto Marinho, do grupo O Globo, do Rio de Janeiro.

Segundo o texto de Erico Verissimo: Henrique Bertaso entrou em cena em 1931, quando, com a saída de Mansueto Bernardi, que foi para o Rio de Janeiro, a convite de Getúlio Vargas, dirigir a Casa da Moeda, passou a tomar conta da editora. O ano de 1931 também marca a chegada de Erico Verissimo a Porto Alegre. Ele, por acaso, acabou contratado para trabalhar na Revista do Globo.

A Revista do Globo, na visão de Erico, era provinciana, mal impressa e insossa. Publicava retratos dos assinantes: "a bela senhorita", "o galante menino". Fazia "coberturas do carnaval em Cacimbinhas", etc. E como dizia a direção para Erico: "Gente, meu caro, que precisamos agradar ...". Nada muito diferente dos dias atuais, diga-se de passagem, em algumas publicações.

A Coleção Amarela, com livros policiais (Agatha Christie, Edgar Wallace, Sax Rohmer etc.), foi um dos êxitos (sucesso de público) da casa editorial de Henrique Bertaso. Buscava ele, com isso, formar um fundo que lhe permitisse editar obras de escritores de maior importância literária. Foi quando convidou Erico para ajudá-lo na editora, como assessor literário. Começava a crescer a amizade entre Erico e Bertaso, que passou a editar também os livros de Verissimo (fracassos de venda entre 1932 e 1938).

Bertaso criou a Coleção Nobel, com o melhor da literatura mundial na época, e Erico escolheu os autores, gente como: Thomas Mann, G.K. Chesterton, Aldous Huxley, James Joyce, William Faulkner, etc., cujos livros alcançaram grande sucesso no Brasil. Mas foi Erico quem confessou ter deixado escapar um dos maiores bestsellers de todos os tempos, opinando que ninguém iria se interessar por ele no Brasil": *Gone with the Wind* (E o Vento Levou).

As traduções da Editora Globo eram impecáveis (tradutor, revisor da tradução, linha por linha, e especialista em estilística). Nesse ambiente, Maurício Rosemblat trabalhou na edição completa da *Comédia Humana* de Balzac (17 volumes). Também, com o apoio de Erico, sugeriu a publicação de *À la Recherche du Temps Perdu*, de Marcel Proust, que contou com tradutores como Drummond e Quintana.

A Editora Globo cresceu, cresceu, e um dia De qualquer forma, como bem destacou em texto L.F. Verissimo: "Hoje parece mentira. Aquela editora lá embaixo, naquela última gota do Brasil, criada quase que como um capricho, fazer tudo o que fez. E no entanto, fez".

* Pesquisador do Laboratório de Meteorologia Aplicada à Agricultura
Embrapa Trigo

Data : 30/04/2004

Título : Editora de Província

Categoria: Artigos

Descrição: Merecedora de elogios. É o mínimo que se pode dizer dessa iniciativa da Editora da Universidade Federal de Santa Maria, ...

Editora de Província

GILBERTO R. CUNHA

Merecedora de elogios. É o mínimo que se pode dizer dessa iniciativa da Editora da Universidade Federal de Santa Maria, republicando e distribuindo, gratuitamente, dez mil exemplares de um texto pouco conhecido de Erico Verissimo. Trata-se do Breve Crônica duma Editora de Província, descoberto, por acaso, na biblioteca do bibliófilo José Mindlin, quando da organização de um livro comemorativo aos cinquenta anos do primeiro volume de O Tempo e o Vento.

Erico conta em detalhes a história da Livraria do Globo (livraria, papelaria e tipografia), que começou, em 1883, como uma casa de negócios de propriedade de um certo Sr. Laudelino P. Barcellos, com sede na Rua da Praia, no centro de Porto Alegre.

Passados uns 40 anos, o velho Laudelino havia morrido e a razão social da firma chamava-se Barcellos, Bertaso & Cia. Esse Bertaso que começou na firma como varredor, aos 12 anos, tornou-se gerente de uma empresa que, após a primeira Guerra Mundial, ganhou um impulso fabuloso, por via dos livros que publicava.

Na década de 1920, o homem forte da editora era Mansueto Bernardi. Um italiano de Treviso, que veio menino para o Brasil e teve o sonho de transformar a Globo numa editora de importância nacional. Foi nessa época que, em 1929, por sugestão de Getúlio Vargas, criou-se a Revista do Globo. Aqui, uma pausa para algumas divagações do colunista: ninguém gosta mais de revista velha que médico. Bastam alguns minutos numa sala de espera de qualquer consultório para se ter essa convicção. Em 2003, fiquei ainda mais convicto disso, quando me deparei, num desses ambientes, com um exemplar da Revista do Globo e outro da Querida, anos 1950. A Querida era a concorrente da revista gaúcha e

dirigida por ninguém menos que Roberto Marinho, do grupo O Globo, do Rio de Janeiro.

Segue a história, com base no texto de Erico: Henrique Bertaso entrou em cena em 1931, quando, com a saída de Mansueto Bernardi, que foi para o Rio de Janeiro, a convite de Getúlio Vargas, dirigir a Casa da Moeda, passou a tomar conta da editora. O ano de 1931 também marca a chegada de Erico Verissimo a Porto Alegre. Ele, por acaso, acabou contratado para trabalhar na Revista do Globo.

A Revista do Globo, na visão de Erico, era provinciana, mal impressa e insossa. Publicava retratos dos assinantes: "a bela senhorita", "o galante menino". Fazia "coberturas do carnaval em Cacimbinhas", etc. E como dizia a direção para Erico: "Gente, meu caro, que precisamos agradar ... ". Nada muito diferente dos dias atuais, diga-se de passagem, em algumas publicações.

A Coleção Amarela, com livros policiais (Agatha Christie, Edgar Wallace, Sax Rohmer etc.), foi um dos êxitos (sucesso de público) de Henrique Bertaso. Buscava ele formar um fundo que lhe permitisse editar obras de escritores de maior importância literária. Foi quando convidou Erico para ajudá-lo na editora, como assessor literário. Começava a crescer a amizade entre Erico e Bertaso, que passou a editar também os livros de Verissimo (fracassos de venda entre 1932 e 1938).

Bertaso criou a Coleção Nobel, com o melhor da literatura mundial na época, e Erico escolheu os autores, gente como: Thomas Mann, G.K. Chesterton, Aldous Huxley, James Joyce, Willian Faulkner, etc., cujos livros alcançaram grande sucesso no Brasil. Mas foi Erico quem confessou ter deixado escapar um dos maiores bestsellers de todos os tempos, opinando que ninguém iria se interessar por ele no Brasil": Gane With the Wind (E o Vento Levou).

As traduções da Editora Globo eram impecáveis (tradutor, revisor da tradução, linha por linha, e especialista em estilística). Nesse ambiente, Maurício Rosemblat trabalhou na edição completa da Comédia Humana de Balzac (17 volumes). Também, com o apoio de Erico, sugeriu a publicação de À la Recherche du Temps Perdu, de Marcel Proust, que contou com tradutores como Drurnmond e Quintana.

A Editora Globo cresceu, cresceu, e um dia De qualquer forma, como bem destacou L.F. Verissimo: "Hoje parece mentira. Aquela editora lá embaixo, naquela última gota do Brasil, criada quase que como um capricho, fazer tudo o que fez. E no entanto, fez".

da revista

Água da Fonte nº 1

Data : 25/01/2019

Título : Eficiência, Substituição e Redesenho

Categoria: Artigos

Indiscutível o papel da Revolução Verde na elevação da produtividade e da produção agrícola mundial; contribuindo para ofertassem precedentes de alimentos na história da humanidade. Foi primando pela escolha de novas variedades de plantas e raças melhoradas de animais, uso intensivo de fertilizantes químicos e pesticidas industrializados, irrigação e mecanização agrícola; que, indiferente ao crescimento da população mundial, para cada habitante do planeta Terra, a disponibilidade de alimentos, na atualidade, chegou a 1,5 vezes a quantidade que havia no começo dos anos 1960.

Assim, ainda que tenha trazido prosperidade econômica e, pelo lado da oferta, eliminado a fome no mundo (a fome que existe hoje se deve à limitação de acesso aos alimentos por falta de renda ou, se preferirem, pobreza), essa intervenção tecnológica e a intensificação na produção agrícola também nos deixou como legado um passivo ambiental de vulto, que, por diversas razões, não pode mais ser ignorado ou, como preferem alguns, simplesmente negado. Por sorte, há solução!

E o caminho que emerge para o mundo continuar produzindo alimentos, fibras, energias renováveis etc., frente à demanda em expansão e um cenário de escassez de terras agricultáveis e de oferta de água, é o mesmo que foi tomado no início da segunda metade do século passado: a intensificação, pela via tecnológica, da produção. O diferencial é que, a essa nova proposta de intensificação, sobrepõe-se o adjetivo sustentável.

A intensificação sustentável, que ora se propõe em agricultura, envolve produzir mais, na mesma área de terra, sem custos adicionais impeditivos e, preferencialmente, não causando danos e, mais do que isso, trazendo ganhos aos bens e serviços ambientais. Esse é o apelo!

A transição da intensificação convencional, em geral praticada pelo uso de mais insumos, para a intensificação sustentável em agricultura, exige que estágios sejam cumpridos. E esses ditos estágios, que não são lineares, podem ser resumidos em três palavras: eficiência, substituição e redesenho.

Eficiência, que implica em fazer melhor uso dos recursos (terra, capital e trabalho) por unidade produzida, não se questiona. Cada vez mais deve ser merecedora de atenção. A substituição de insumos (cultivares/raças, fertilizantes, agrotóxicos, etc.), práticas e processos de produção motivada pela destruição criativa da inovação tecnológica, especialmente quando traz ganhos

associados, também não pode ser perda de vista. Mas, eficiência e substituição apenas, ainda que imprescindíveis, podem não ser suficientes para garantir ganhos em rendimento nos sistemas de produção agrícola e, ao mesmo tempo, trazerem benefícios ao ambiente, especialmente quando se olha para as chamadas externalidades. Mais além dos meros incrementos em ganhos, facultados pela eficiência e substituição, a intensificação sustentável, pode, pelo seu caráter transformativo, que inclui particularidades sociais e institucionais, exigir o redesenho dos sistemas agrícolas produtivos.

Entenda-se que intensificação sustentável em agricultura, da forma que está sendo apresentada, é um conceito aberto. Enfatiza resultados, mais do que meios. Não predetermina uma tecnologia ou tipo de produção. Nem se alvoroça, pelo caráter dinâmico da atividade, a pregar a existência de um sistema único e perfeito que dure para sempre e seja aplicável para todas as situações.

No redesenho dos nossos sistemas agrícolas produtivos, pode ser essencial favorecer processos ecológicos que, uma vez maximizando a biodiversidade e envolvendo ações de predação, parasitismo, alelopatia, fixação biológica de nitrogênio, etc., venham a contribuir para a redução do consumo mundial de pesticidas sintéticos, que anda ao redor de 3,5 bilhões de kg de ingredientes ativos ao ano (Jules Pretty, Science362, nov. 2018. DOI:10.1126/science.eaav0294), evitar o cultivo de mais terras e melhorar o desempenho dos serviços ambientais.

Data : 04/12/2015

Título : El Niño e o Titanic

Categoria: Artigos

Descrição: Blaise Pascal (1623-1662), cientista, filósofo e escritor francês, deixou, certamente, uma contribuição muito mais relevante do que meras frases espirituosas, tipo: “quanto mais falo com os homens, mais admiro o meu cachorro”.

Blaise Pascal (1623-1662), cientista, filósofo e escritor francês, deixou, certamente, uma contribuição muito mais relevante do que meras frases espirituosas, tipo: “quanto mais falo com os homens, mais admiro o meu cachorro”. Em suas memórias, por exemplo, quando destaca as condições sob as quais escreveu a maior parte da sua obra – um frio de congelar os dedos que o obrigava a permanecer a maior parte do tempo dentro de casa -, contempla

detalhes que, embora aparentemente sem importância para a maioria das pessoas, servem para se entender como foram as condições de ambiente naqueles tempos na Europa.

Os anos 1600 não foram nada agradáveis para os europeus. Guerras intermináveis e, nos curtos intervalos de paz, pragas, fome e pestes que se encarregavam de dizimar uma população já debilitada. Paralelamente, também invernos de arrepiar, tempestades e verões secos arruinavam as plantações e criavam condições favoráveis para incêndios, que culminaram no “grande incêndio de Londres”, em 1666.

Não é por acaso que historiadores e geólogos costumam chamar esse período de Pequena Era Glacial ou Pequena Idade do Gelo, em analogia com as glaciações do passado. E o interessante é que a proposta desse termo (“Little Ice Age”) foi baseada mais em referências históricas do que propriamente em evidências empíricas. O que, a partir de então, deu maior credibilidade ao uso de referências históricas, tipo os escritos de Pascal, para se recriar as condições de ambiente do passado. O conceito surgiu a partir de citações históricas de tempestades, ondas de frio, frustrações na agricultura, deslocamento de povos etc., bem como evidências indiretas do avanço glacial nos picos de montanhas e em pólen de plantas e outros sedimentos.

A Pequena Era Glacial foi um fenômeno característico do Hemisfério Norte. E pode ser explicado pelo predomínio dos continentes sobre os oceanos nesse hemisfério, que se resfriariam muito mais rapidamente. O processo foi menos pronunciado no Hemisfério Sul devido à reduzida massa continental nas altas latitudes, funcionando a conjunção do Pacífico, Atlântico e Índico como uma espécie de poder tampão junto ao Círculo Antártico. Fisicamente: uma questão elementar, baseada na diferença de calor específico entre terra e água. E essa tal Pequena Era Glacial durou uns 300 anos, entre 1550 e 1850. Nesse meio tempo com alguns períodos de aquecimento e outros de recrudescimento do frio. Um aquecimento sistemático começou mesmo após 1910.

O interessante dessa história é que existe uma ligação entre o comportamento dos oceanos tropicais e as anomalias climáticas da “Pequena Era Glacial” no Hemisfério Norte, particularmente na Europa. E aí entra El Niño, mudando a posição da zona de atuação da frente polar no Atlântico Norte, influenciando nas colisões entre massas de ar polar e temperado na região e, por sua vez, contribuindo para aumentar a probabilidade de desprendimento de “icebergs”.

É fato que o evento El Niño contribuiu para aumentar o número de “icebergs” que se deslocam para o sul (no Hemisfério Norte) e que esta tendência continua na primavera após um El Niño forte. O que é perceptível pelo ano de 1912, que teve a maior quantidade registrada de “icebergs”, entre 1900 e 1929. Daí fica fácil especular que o Titanic poderia não ter o fim trágico que teve naquele 15 de abril de 1912, não fosse a ocorrência do El Niño de 1911. Essa é mais uma tragédia da História que pode ter sido influenciada por El Niño, via uma relação entre as condições atmosféricas e oceânicas no Atlântico Norte com o comportamento das águas no distante Pacífico tropical.

Quanto ao que podem ter em comum Blaise Pascal, Pequena Era Glacial, El Niño e o naufrágio do Titanic? Admitamos que são leituras indiretas que podem ajudar para um melhor entendimento da História, como são exemplos a investida

de Napoleão na campanha contra a Rússia, em 1812, e que, por ignorar El Niño, acabou derrotado pelo “General Inverno”.

Data : 08/07/2011

Título : El Niño, La Niña e La Nada

Categoria: Artigos

Descrição: Bill Patzert, climatologista e oceanógrafo da NASA, foi criativo (e espirituoso), ao rotular de “La Nada” o período entre os ciclos quente (El Niño) e frio (La Niña)...

El Niño, La Niña e La Nada

por Gilberto Cunha

Bill Patzert, climatologista e oceanógrafo da NASA, foi criativo (e espirituoso), ao rotular de “La Nada” o período entre os ciclos quente (El Niño) e frio (La Niña), que tecnicamente é chamado de fase neutra do fenômeno El Niño- Oscilação Sul (ENSO, conforme sigla em inglês). Ou seja, uma condição em que a temperatura da superfície das águas do Oceano Pacífico tropical está próxima da média histórica ou do padrão normal. E Niño e La Niña, indiscutivelmente, causam impactos no clima do sul do Brasil, sendo a primavera a estação do ano mais afetada. Em anos de El Niño chove mais em anos de La Niña menos. E nos anos neutros ou sob ação de “La Nada”, como chamou Bill Patzert? Essa é uma condição que está associada com um grau elevado de incerteza. Apenas para lembrar: as nossas piores secas, com substanciais prejuízos na agricultura, foram em anos neutros (ou de “La Nada”), a exemplo de 1990/91 e 2004/05.

O boletim El Niño/Southern Oscillation (ENSO) Diagnostic Discussion, liberado nessa quinta-feira (7) pelo Climate Prediction Center/NCEP/NWS/USA, destaca que embora coletivamente os atuais indicadores oceânicos mostrem uma condição de neutralidade no Pacífico, em alguns aspectos a circulação atmosférica ainda apresenta características de La Niña. A projeção é de configuração da fase neutra do ENSO, que deverá predominar, pelo menos, até o começo de 2012. Resumindo: em nossa região, o momento é de muita incerteza quanto às possíveis anomalias climáticas futuras.

Geadas

Em tempos de geadas frequentes e intensas, nunca é demais lembrar que esse fenômeno não é “orvalho congelado” como muitos supõem. Essa verdadeira heresia científica aparece, inclusive, em alguns livros de meteorologia. O processo físico de formação de geadas é sublimação. Por esse, a água passa

diretamente do estado gasoso (vapor) para o sólido. Não é em vão a sabedoria popular: em noites que se molha as botas na grama não se forma geada.

Panegírico

Foi realizada nessa sexta-feira (8), na sede da Academia Passo-Fundense de Letras (APL), a sessão de homenagem póstuma (que nos meios acadêmicos recebe o nome de Panegírico) ao Dr. Eurípedes Facchini, ilustre juiz aposentado, ex-professor da Faculdade de Direito da UPF e membro do sodalício das letras locais, recentemente falecido, aos 94 anos de idade. O Dr. Eurípedes Facchini era o titular da cadeira número 8 da APL, cujo patrono é o jurista Clóvis Bevilacqua. O orador da noite foi o advogado e também acadêmico Dr. Luiz Juarez Nogueira de Azevedo. O Coro Resonare abrilhantou a sessão.

Anglo-Americano

Na próxima quinta-feira (14), acontece, na sede da Faculdade Anglo-Americano de Passo Fundo, a inauguração do espaço dedicado aos escritores locais. Essa incitativa do coordenador geral da Anglo-Americano Passo Fundo, Paulo Roberto Falcão, que consiste em reunir o acervo dos escritores passo-fundenses em espaço privilegiado na instituição, colocando-o à disposição da comunidade acadêmica e demais interessados, será prestigiada pelo reitor do Grupo Educacional Faculdades Anglo-Americano, Paulo César Martinez y Alonso.

IMED

"A importância da pesquisa no campo jurídico e a (re)leitura da teoria do direito" é o tema da palestra do Prof. Dr. Leonel Severo Rocha, que será realizada nesse sábado (9 de julho), das 10h30min às 12h, no Térreo do Bloco D (Prédio da Pós-Graduação) da Faculdade Meridional (IMED), em Passo Fundo. O Prof. Severo Rocha, docente na URI e na UNISINOS, pesquisador do CNPq e membro emérito e co-fundador do CONPEDI é uma das referências atuais no mundo jurídico. O evento é uma iniciativa do Projeto Justiça Comunitária da IMED, que é coordenado pelo Prof. Dr. Mauro Gaglietti.

"Hoje (9 de julho) às 16h, na Livraria Nobel da General Osório (Rua General Osório, 1.148 - sala 06 - Centro), tem vez mais uma edição do Projeto Pirlimpimpim. Tire suas crianças do computador e leve-as para ouvir a história COMO DEIXEI DE SER AZEDO, a hilariante aventura do limãozinho que queria ser uma azeitona. São iniciativas desse tipo que formarão adultos leitores.

O Nacional

Sexta-Feira, 08/07/2011

Data : 04/05/2018

Título : Eliseu

Categoria: Artigos

Eliseu Roberto de Andrade Alves, aos 87 anos de idade, ainda cumpre, diligentemente, a rotina diária de 8 horas de trabalho, tal qual qualquer outro empregado, na sede da Embrapa, em Brasília, DF. Por que esse homem, que foi fundador e é considerado o mais importante colaborador dessa empresa, faz isso? Eis uma questão intrigante, cuja resposta pode ser encontrada no livro “Prosa com Eliseu/entrevista a Jorge Duarte”, que acaba de ser publicado na série Memória Embrapa e encontra-se disponível para download gratuito no endereço <https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/1090761/prosa-com-eliseu-entrevista-a-jorge-duarte>

Após muitas horas de conversação com o Dr. Eliseu Alves, o jornalista Jorge Duarte conseguiu traçar, mais do que um retrato da vida pessoal e profissional do entrevistado, uma breve história do papel da extensão rural e da pesquisa agrícola no desenvolvimento do Brasil. E, mais relevante, apontou, na visão de um gestor e cientista singular, os rumos a serem seguidos se quisermos ir um pouco mais além.

Eliseu Alves nasceu em São João Del Rei, em Minas Gerais, mas foi criado na fazenda do avô, no município vizinho de Itutinga, onde viveria até os nove anos. Depois, até o ingresso, em 1951, com a 1ª colocação, na Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (atual Universidade Federal de Viçosa), passou 11 anos em colégios internos, começando pelo Ginásio Gammon, de orientação presbiteriana, onde consolidou a religiosidade e a fé em Deus, que são professadas até hoje.

A carreira de Eliseu Alves teve início na extensão rural. Ingressou, em 1955, na Acar MG (atual Emater-MG), um marco da extensão rural no Brasil, criada em 1948, sob os auspícios financeiros do empresário americano Nelson Rockefeller. Em 1965, casado com uma prima, Dona Eloisa, e pai de dois filhos, Edilberto (morto aos 33 anos, em 1995, num acidente de carro) e Elisabete, vai para os EUA cumprir programa de mestrado e doutorado em Economia Agrícola, sob a orientação do professor Edward Schuh, na Purdue University, em Indiana. Voltou ao Brasil em 1968, com uma dissertação de mestrado cuja conclusão fora de que não havia diferença no desenvolvimento da agricultura entre municípios assistidos e não assistidos pela extensão rural em Minas Gerais. Aqui estava o insight que o levaria a repensar a extensão rural brasileira e qual o novo tipo de pesquisa agrícola que o País necessitava. Por isso, Eliseu Alves costuma enaltecer mais a sua dissertação de mestrado do que a tese de doutorado, cujo título de Ph.D. foi obtido, também pela Purdue University, em 1972.

Eliseu Alves, que fez parte da primeira diretoria da Embrapa e, como seu segundo presidente (1979-1985), foi quem consolidou o novo modelo de pesquisa no País, não hesita afirmar que a agricultura brasileira moderna começou, de fato, em 1973, quando da criação dessa empresa, e,

paralelamente, com os avanços de conhecimento obtidos nos cursos de pós-graduação em ciências agrárias no Brasil. O foco na solução dos problemas dos agricultores, a sistematização do conhecimento, a ênfase na capacitação dos cientistas e em comunicação de resultados levaram, por um lado, a um reconhecido programa de distribuição de renda (crescimento da economia e queda nos preços dos alimentos), e, por outro, ao aumento da desigualdade no campo, uma vez que, pelas imperfeições de mercado, cerca de 3,9 milhões de estabelecimentos rurais no País (pelos dados do censo de 2006, podendo piorar quando da divulgação do novo censo) ficaram à margem da modernização da nossa agricultura. Eis o desafio, como incorporar esses agricultores de forma competitiva nesse processo, em que, cada vez mais, na chamada produtividade total dos fatores, os clássicos “terra e trabalho” perdem força diante do “capital/ inovação tecnológica”.

Quanto aos motivos de por que o Dr. Eliseu Alves, aos 87 anos, ainda continua trabalhando na Embrapa, eis a resposta dele: “a Embrapa é a maior ideia na qual me engajei de corpo e alma e trabalho por obrigação com a sociedade”.

Data : 29/03/2012

Título : Em busca de outros planetas habitados

Categoria: Artigos

Descrição: Somam, hoje, seguramente, mais de 500 os planetas já identificados (eram 484, em janeiro de 2011;

Em busca de outros planetas habitados

Quinta-Feira, 29/03/2012

por Gilberto Cunha

Somam, hoje, seguramente, mais de 500 os planetas já identificados (eram 484, em janeiro de 2011; conforme referência usada por Richard Dawkins no livro “The Magic of Reality”), que, um pouco mais além do nosso sistema solar, giram em torno de outras estrelas que não o nosso Sol. E, sobre a especulação de outros planetas habitados, a única resposta coerente que a comunidade científica tem para dar é que não sabe a resposta. Todavia, isso não impede que se trace, à luz do que é conhecido, análises especulativas que sejam um pouco mais robustas e plausíveis que os mitos da ficção, científica ou não, que rondam

esse assunto. Foi o que fez Richard Dawkins na já mencionada obra “The Magic of Reality”, publicada em outubro de 2011, pela Free Press, com ilustrações de Dave McKean, cuja essência dessa análise foi resumida na composição dessas breves notas.

A existência de vida, pelo menos na forma que conhecemos hoje e seja qual for a espécie, humana ou não, exige a presença de água. É essa convicção que justifica, de parte dos exobiologistas ou astrobiologistas (cientistas que buscam sinais de vida extraterrestre), o esforço centrado na procura por sinais, atuais ou passados, da presença de água. Embora a existência de água, com pelo menos parte dessa substância no estado líquido, não signifique, necessariamente, a existência de vida.

Outra questão relevante sobre o tema dos “outros planetas habitados”, que merece consideração a parte, diz respeito à posição do planeta (órbita) em relação à estrela fonte de energia (sol ou outra qualquer). Esse posicionamento, distância em relação à fonte de energia, define uma provável zona de conforto térmico capaz de manter vida. Em síntese, a distância em relação à fonte de energia não pode ser tão próxima que a temperatura seja tão elevada que a água evapore toda ou nem tão distante que a água congele totalmente. A Terra é um bom exemplo de posicionamento ideal, no sentido de configuração de uma zona de conforto térmico para assegurar a existência de vida.

Talvez, nessa discussão, seja oportuno tecer algumas considerações sobre a imagem do alienígena idealizado, que se popularizou via as obras de ficção científica, que quase sempre guarda alguma característica (não raro distorcida na forma e/ou função) da espécie humana ou de outro animal qualquer. Que variáveis do meio físico, com um mínimo de razoabilidade, podem influir sobre a morfologia externa de um extraterrestre? A força gravitacional, definida pela relação entre as massas dos dois corpos em consideração, no caso o planeta e a criatura alienígena hipotéticos, certamente está inclusa. Admitindo-se planetas de composição estrutural sólidas, pois no caso dos gasosos, pensando-se em vida, essa seria algo diferente do que conhecemos, a densidade da matéria componente (composição) e o tamanho do mesmo, certamente, influem.

Imaginemos um planeta cuja densidade conferisse uma atração gravitacional de ordem de grandeza três vezes à da Terra. Certamente que, nessa situação, a estrutura e forma dos animais, até para suportar o próprio peso do corpo seria totalmente diferente das formas terrestres conhecidas. Richard Dawkins exemplificou essa influência ilustrando que, nessa condição gravitacional, um animal do tamanho de um camundongo teria uma estrutura similar a de um rinoceronte. Noutra extremo, numa condição gravitacional três vezes menor, um animal estilo rinoceronte poderia se assemelhar a uma girafa. Na primeira condição, para um de nós, movimentarmos uma perna, dando um passo a frente, poderia ser algo estafante e metabolicamente dispendioso em gasto energético. Portanto, além da forma, também se admite mudanças metabólicas funcionais no nosso alienígena presumido.

Ainda, vale uma reflexão sobre o sistema visual do alienígena presumido, pois as figuras da ficção científica, com aparências monstruosas ou amigáveis, salientam os olhos e outros órgãos sensoriais dessas criaturas. Esses podem ser unicameral, visão por varredura, olhos compostos e formação de imagens em outras faixas do espectro (fora do visível e com resolução diferente), além do

aperfeiçoamento de órgãos estilo sonares etc. Por precaução: até aqui tudo que foi posto tem muito de imaginação científica e algumas pitadas de fantasia.

Do Jornal
O Nacional

Data : 15/03/2012

Título : Em busca do nosso Fausto

Categoria: Artigos

Descrição: São muitos os Faustos. Desde o personagem histórico que, pelo envolvimento com magia, adivinhações, alquimia e um pouco de charlatanismo, ajudou a forjar...

Em busca do nosso Fausto

Quinta-Feira, 15/03/2012

por Gilberto Cunha

São muitos os Faustos. Desde o personagem histórico que, pelo envolvimento com magia, adivinhações, alquimia e um pouco de charlatanismo, ajudou a forjar, na Europa Central, o mito do culto do Doutor Fausto - o homem que, conforme reza a lenda, vendeu a alma ao Diabo -, até o personagem literário imortalizado por Christopher Marlowe, Johann Wolfgang von Goethe, Paul Valéry e Thomas Mann, entre outros. Em meio a tantos Faustos, sobreviveu, principalmente, o mito criado pela genialidade de Goethe, que, ainda hoje, muitos consideram como a mais importante peça do teatro alemão. Uma olhada na obra de Jayme Mason, "O Dr. Fausto e seu Pacto com o Demônio", editora Objetiva (1989), conforme proposta dessas breves notas, talvez nos ajude a encontrar o outro Fausto, aquele que, sintetizando o confronto entre a tentação e o desejo, pode estar oculto em cada um de nós.

Mefistófeles e Dr. Fausto são os dois personagens centrais do drama imortalizado por Goethe. O primeiro representa o Príncipe das Trevas, o inimigo de Deus, aquele que tudo sabe e (quase) tudo pode. E o segundo o pecador que recebeu o fruto do conhecimento de tudo em troca de sua alma. No território das emoções, Mefistófeles é a tentação e Fausto o desejo, cujos desdobramentos, muito mais além da nossa herança judaico-cristã, em que é natural que a tentação seja representada pelo Diabo e o castigo por ceder a ela sempre sobrevenha, podem nos atingir sob as mais variadas formas. O homem,

indubitavelmente, oscila entre o bem e o mal. As nossas escolhas definem a posição que ocupamos nessa espécie de gangorra da vida.

O Dr. Fausto, misto de lenda, história e literatura, vive a nossa espreita em cada esquina. Nada mais sensato, então, que conhecê-lo um pouco melhor a partir de Goethe. O Fausto de Goethe é representado por um sábio que na velhice, recluso em seu gabinete, começa a se indagar se valeu a pena a vida de sacrifícios e estudos para dominar a ciência e a filosofia. A questão central, que também nos diz respeito, resume-se na busca de resposta à pergunta se o homem, entregue a seu livre arbítrio e exposto às atrações do pecado, conserva, ao fim e ao cabo, a sua bondade e consegue salvar-se; como bem sintetizou Jayme Mason.

Goethe escreveu o seu Fausto em três momentos diferentes. O Fausto Primitivo (Urfaust) data de 1775. É o embrião do Fausto I, de 1790, que foi publicado em 1806, vindo a se juntar ao Fausto II, de 1833, na completude, publicada post-mortem, da obra goetheniana. O titã de Weimar transferiu para os personagens da sua célebre obra, segundo Jayme Mason, o seu reconhecimento de vaidade e os despontamentos, que o suposto saber humano pode levar a cada um de nós a experimentar. O Fausto I é obra de um Goethe jovem e o Fausto II de um escritor já em idade avançada. Isso talvez explique as diferenças notórias entre ambos. O primeiro é mais simples e o segundo exige uma cultura clássica mais apurada de parte do leitor, para melhor entendimento.

Um Fausto ansioso por abandonar o saber livresco torna-se presa fácil de Mefistófeles, que autorizado pelo Padre Eterno, lhe propõe o pacto de servi-lo por toda a vida, dando-lhe todos os prazeres desse mundo, em troca da sua alma depois da morte. Quantos de nós, pegos em idade avançada, resistiríamos a uma proposta como essa? Rememoremos a cena da Cozinha de Feiticeiras, que após alguns exorcismos, Fausto bebe a poção mágica que lhe devolve a juventude. Advém a conquista amorosa de Gretchen (Margarida), a morte do filho, o enlouquecimento e morte de Gretchen, o romance com Helena, a morte de Eufóron (homenagem de Goethe a Byron), a conquista de terras pra o imperador, o confronto e a crítica velada de Goethe à política latifundiária da Igreja, até a morte de Fausto idoso e seu enterro por Lêmures (espectros, fantasmas, duendes) com Mefistófeles à espreita da saída de sua alma para arrastá-la ao inferno. Enquanto isso anjos espalham rosas e lutam com o Diabo, Gretchen também aparece e... Quer saber o desfecho? Leia o Fausto de Goethe, sugiro.

Os versos de Goethe, por meio das experiências a que Fausto é submetido, trazem a tona muitas das nossas contradições ao lidar com coisas como o amor (o envolvimento com Gretchen), a beleza (o contato com Helena) e o poder (o acordo com o Imperador, o Fausto governante). Que cada um de nós identifique o seu Fausto e espante o seu Mefistófeles.

Do Jornal

O Nacional

Data : 24/02/2017

Título : Em busca do nosso Fausto

Categoria: Artigos

São muitos os Faustos. Desde o personagem histórico que, pelo envolvimento com magia, adivinhações, alquimia e um pouco de charlatanismo, ajudou a forjar, na Europa Central, o mito do culto do Doutor Fausto - o homem que, conforme reza a lenda, vendeu a alma ao Diabo -, até o personagem literário imortalizado por Christopher Marlowe, Johann Wolfgang von Goethe, Paul Valéry e Thomas Mann, entre outros. Em meio a tantos Faustos, sobreviveu, principalmente, o mito criado pela genialidade de Goethe. Uma olhada na obra de Jayme Mason, "O Dr. Fausto e seu Pacto com o Demônio", editora Objetiva (1989), conforme proposta dessas breves notas, talvez nos ajude a encontrar o outro Fausto, aquele que, sintetizando o confronto entre a tentação e o desejo, pode estar oculto em cada um de nós.

Mefistófeles e Dr. Fausto são os dois personagens centrais do drama imortalizado por Goethe. O primeiro representa o Príncipe das Trevas, o inimigo de Deus, aquele que tudo sabe e (quase) tudo pode. E o segundo o pecador que recebeu o fruto do conhecimento de tudo em troca de sua alma. No território das emoções, Mefistófeles é a tentação e Fausto o desejo, cujos desdobramentos, muito mais além da nossa herança judaico-cristã, em que é natural que a tentação seja representada pelo Diabo e o castigo por ceder a ela sempre sobrevenha.

O Dr. Fausto, misto de lenda, história e literatura, vive a nossa espreita em cada esquina. Nada mais sensato, então, que conhecê-lo um pouco melhor a partir de Goethe. O Fausto de Goethe é representado por um sábio que na velhice, recluso em seu gabinete, começa a se indagar se valeu a pena a vida de sacrifícios e estudos para dominar a ciência e a filosofia. A questão central, que também nos diz respeito, resume-se na busca de resposta à pergunta se o homem, entregue a seu livre arbítrio e exposto às atrações do pecado, conserva, ao fim e ao cabo, a sua bondade e consegue salvar-se; como bem sintetizou Jayme Mason.

Goethe escreveu o seu Fausto em três momentos diferentes. O Fausto Primitivo (Urfaust) data de 1775. É o embrião do Fausto I, de 1790, que foi publicado em 1806, vindo a se juntar ao Fausto II, de 1833, na completude, publicada post-mortem, da obra goetheniana. O titã de Weimar transferiu para os personagens da sua célebre obra, segundo Jayme Mason, o seu reconhecimento de vaidade e os despontamentos, que o suposto saber humano pode levar a cada um de nós a experimentar. O Fausto I é obra de um Goethe jovem e o Fausto II de um

escritor já em idade avançada. Isso talvez explique as diferenças notórias entre ambos. O primeiro é mais simples e o segundo exige uma cultura clássica mais apurada de parte do leitor.

Um Fausto ansioso por abandonar o saber livresco torna-se presa fácil de Mefistófeles, que autorizado pelo Padre Eterno, lhe propõe o pacto de servi-lo por toda a vida, dando-lhe todos os prazeres desse mundo, em troca da sua alma depois da morte. Quantos de nós, pegos em idade avançada, resistiríamos a uma proposta como essa? Rememoremos a cena da Cozinha de Feiticeiras, que após alguns exorcismos, Fausto bebe a poção mágica que lhe devolve a juventude. Advém a conquista amorosa de Gretchen (Margarida), a morte do filho, o enlouquecimento e morte de Gretchen, o romance com Helena, a morte de Eufóron (homenagem de Goethe a Byron), a conquista de terras para o imperador, o confronto e a crítica velada de Goethe à política latifundiária da Igreja, até a morte de Fausto idoso e seu enterro por Lêmures (espectros, fantasmas, duendes) com Mefistófeles à espreita da saída de sua alma para arrastá-la ao inferno. Enquanto isso anjos espalham rosas e lutam com o Diabo, Gretchen também aparece ... Quer saber o desfecho? Leia o Fausto de Goethe, sugiro.

Os versos de Goethe, por meio das experiências a que Fausto é submetido, trazem a tona muitas das nossas contradições ao lidar com coisas como o amor (o envolvimento com Gretchen), a beleza (o contato com Helena) e o poder (o acordo com o Imperador, o Fausto governante). Que cada um de nós identifique o seu Fausto e espante o seu Mefistófeles.

Data : 07/04/2017

Título : Em defesa de uma ética climática

Categoria: Artigos

Pode parecer estranha a defesa de uma ética climática. Talvez até seja complicado para explicar, mas não difícil de entender. Afinal, as preocupações com a questão do aquecimento global e seus possíveis impactos sobre os ecossistemas e sobre as sociedades, mesmo havendo aqueles que, interessadamente, neguem; não podem mais serem ignoradas. E, admitindo-se a atividade humana, pelo aumento das emissões dos chamados gases de estufa, como sendo a principal responsável por esse temido aquecimento, nada melhor que considerar aspectos éticos para orientar os debates e regulamentar o

relacionamento entre as nações, e - por que não? - também nos limites do território de cada país.

Antes de qualquer prova em contrário, independentemente do assunto, todo mundo tem um comportamento genuinamente ético. Ou pelo menos pensa que tem. E na questão clima/ambiente não poderia ser diferente. Leis, convenções, tratados e acordos buscam normatizar as relações que envolvem clima/ambiente e sociedades, quer seja no cenário mundial ou interno de cada nação. Ninguém ousa admitir que não estivesse sendo ético, ou pelo menos não fazendo uso da sua liberdade de decidir, ao se recusar assinar tratados internacionais, tipo Protocolo de Kyoto, por exemplo. Ou, melhor ainda, quando não quer cumprir o estabelecido, seja por mero acordo de cavalheiros ou firmado em leis, no tocante à poluição e à preservação do ambiente.

Ao que parece, as políticas relacionadas com clima/ambiente e sociedades, há algum tempo em discussão no cenário mundial, mais refletem uma forte disputa de interesses entre grupos competidores, cada um buscando a “sua política mais favorável”, do que propriamente visam a atender os problemas já detectados e que preocupam o futuro da humanidade. Por razões óbvias, em sendo a ética a responsável pela definição dos limites do uso que fazemos da nossa liberdade, uma adequada política sobre clima/ambiente e sociedades deveria, necessariamente, ser baseada em alguns fortes princípios éticos.

E quais seriam os aspectos éticos a serem considerados? Pelo que foi exposto anteriormente, cabe a indagação. Embora não se limitando, algumas coisas podem ser discutidas. Começando pela questão da equidade entre gerações. Ou seja: não dá para fugir de responsabilidades. A geração atual não pode fazer de conta que não tem nada a ver com os estragos já causados, que o que está feito está feito e pronto. Ou, que pegou o barco andando e não pode fazer mais nada. E que não cabe a ela corrigir o passado, preocupando-se apenas com o presente e não dando atenção ao futuro. Isso é fundamental, pois os impactos maiores do aquecimento global serão observados no futuro, porém são dependentes do passado e do presente. Por isso mesmo, não se pode agir no presente como se tudo fosse ilimitado e sem maiores consequências, numa autêntica liquidação do futuro.

Também não se pode fazer de conta que não existirão “vencedores” e “perdedores” nos diversos cenários futuros de mudanças do clima global. Eles existirão sim. E, embora tanto nações ricas como pobres serão afetadas, muitas das hoje consideradas pobres e/ou em desenvolvimento poderão engrossar as fileiras dos novos miseráveis. Nesse sentido, carece uma rigorosa avaliação do clima regional, suas potencialidades e impactos, para fins de uma exploração com justiça do presente.

Alguns princípios básicos são indiscutíveis. É o caso típico do “quem polui paga”. Não se pode colocar na conta de todo mundo o modo de vida nababesco e o consumo exagerado de alguns, que não querem assumir qualquer compromisso de preocupação com as questões climáticas futuras. Ainda, o “princípio da precaução”, porém sem exageros, pode ser posto em prática sim, quando se trata do uso de novas tecnologias e riscos para o ambiente.

Apesar da reconhecida importância desses e de outros aspectos éticos nas relações clima/ambiente e sociedades, tem havido uma sistemática negligência acadêmica e individual, quando se trata da sua inclusão nas discussões.

Data : 05/08/2016

Título : Embate de mitos

Categoria: Artigos

Não encontrei melhor expressão que embate de mitos para sintetizar o livro “Cachorros de palha”. Nesta obra, o escritor britânico John Gray traz para discussão uma série de reflexões sobre como nós humanos nos vemos frente aos outros animais (ou outras formas de vida). Especialmente a visão ocidental de uma superioridade forjada a partir de uma prática religiosa judaico-cristã e, em tempos mais recentes, pelo poder da ciência. Não é apenas outro livro, ao estilo dos escritos por descrentes raivosos, questionando a existência de Deus e a religiosidade das pessoas. Trata-se de uma reflexão sobre filosofia e ciência e, particularmente, sobre o papel do homem no mundo.

Admite-se, não sem questionamentos, que a ciência suplantou a religião como fonte de autoridade nos tempos modernos. Essa autoridade advém do poder que o homem, via conhecimento, adquiriu sobre o ambiente (incluam-se tudo que o cerca, outras criaturas vivas inclusive). Tal fato se presta sobremaneira para o surgimento de mitos, que na prática não se comprovam, e servem para corroborar ainda mais a visão do homem como ser superior. É o caso em que, cientistas ou pretensos, nos tentam fazer acreditar numa visão (romantizada) de ciência como busca desinteressada da verdade. A comunidade científica e suas corporações, tal qual a Igreja no passado (lembrem-se dos tribunais da Inquisição), também tem seus meios para silenciar hereges e abafar pensamentos independentes e dissonantes (via editais de financiamento de pesquisa, por exemplo). Lamentavelmente, o progresso moral da humanidade não acompanhou o progresso científico.

O poder da ciência contribuiu para fortalecer o antropocentrismo. Isso deu respaldo à idéia fantasiosa de que nós humanos somos diferentes de todos os outros animais (em alguns aspectos sim, mas em outros não), surgindo, a partir de fragmentos do mito cristão, o humanismo quase como religião secular. De fato, nossa racionalidade nos diferencia de outros seres vivos (apesar de nos assemelharmos em termos de estrutura, padrão e processo da vida). Negamos Darwin, nos dissociamos do mundo natural e assumimos o pecado capital do cristianismo nos diferenciando radicalmente de todos os outros animais. A nossa evolução culminou com a devastação (em parte) do mundo. Libertamos-nos da crença irracional na divindade e depositamos uma fé incondicional na humanidade. Deixamos de lado o livre-arbítrio e assumimos a autodeterminação.

Somos diferentes dos outros animais porque podemos visualizar nossas mortes. Temos consciência do nosso fim e por isso resistimos o passar do tempo. Os animais não humanos não vivem oprimidos pelo tempo. Buscamos um propósito de vida, somos caracterizados pela obsessão, pelo autoengano e por um perpétuo desassossego. Sabemos que vamos morrer (essa é nossa certeza) e especulamos sobre o que pode vir depois. Queremos nos libertar desse destino e, como a ciência e a tecnologia não conseguem dar a resposta que gostaríamos de ouvir, nos apegamos na fé religiosa e na crença de que há algo depois da morte. Vale refletir sobre a bem conhecida frase do teosofista alemão Rudolf Steiner, que disse que quando alguma coisa acaba, devemos pensar que outra coisa também começa. Com a morte acaba a vida, mas o que estaria começando?

John Gray realça crenças arrogantes e equivocadas sobre nosso lugar no mundo. Demonstra ser adepto da teoria de Gaia e acredita que a tecnologia nos poupe da vingança de Gaia, mas ao custo da criação de uma nova era geológica, a Eremozóica (Idade da Solidão), na qual pouco restará sobre a Terra além de humanos. Nos deixa como mensagem uma imagem aterradora. Mostra que, diante de Gaia, os humanos nunca podem ser nada além de cachorros de palha (animais usados como oferendas aos deuses nos antigos rituais chineses. Durante o ritual, eram tratados com a mais profunda reverência. Quando terminava, e não sendo mais necessários, eram pisoteados e jogados fora.)

Data : 07/08/2007

Título : Embrapa Trigo

Categoria: Artigos

Descrição: Com a finalidade de incentivar o cultivo de trigo no Brasil, o governo federal aprovou a lei nº 470, de 9 de agosto de 1937, que criou a Estação Experimental de Trigo...

Gilberto R. Cunha (*)

Com a finalidade de incentivar o cultivo de trigo no Brasil, o governo federal aprovou a lei nº 470, de 9 de agosto de 1937, que criou a Estação Experimental de Trigo, a qual foi inaugurada em 1939, passando a se chamar “Estação Experimental de Passo Fundo”, com sede na localidade de Engenheiro Luiz Englert (hoje pertencente ao município de Sertão, criado em 1963). A triticultura

colonial era praticada em terras de mata. O local, uma área de cerca de 1.700 ha, fora escolhido por se assemelhar aos preferidos pelos colonos para cultivar trigo. Devido às limitações de localização e, especialmente, com o deslocamento das lavouras de trigo das áreas de mata para áreas de campo, em 1969, essa estação foi transferida para os arredores da cidade de Passo Fundo. Surgia aí, inaugurada em 1972, a Nova Estação Experimental de Passo Fundo, cujas instalações, localizadas às margens da Rodovia BR 285, altura do km 294, viriam abrigar, a partir de 28 de outubro de 1974, a primeira unidade descentralizada da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa: O Centro Nacional de Pesquisa de Trigo (Embrapa Trigo).

A Embrapa foi formalmente instalada em 26 de abril de 1973. A nova instituição buscava dinamizar a estrutura de pesquisa agropecuária no país, com o objetivo de tornar o Brasil um grande produtor de alimentos. Na organização da empresa, eram contemplados centros nacionais de pesquisa por produtos, temáticos e ecos-regionais. E entre os produtos considerados importantes para o desenvolvimento do país estava o trigo. A resolução nº RD 006/74, assinada pelo diretor da Embrapa, dr. Almiro Blumenschein, designou Augusto Carlos Baier, Rui Colvara Rosinha, Erycson Pires Coqueiro, Avahy Carlos da Silva, Mário Bastos Lagos, Amarilis Labes Barcellos, Ottoni de Souza Rosa e Walter Frederico Kugler, para, sob coordenação do primeiro, prepararem o anteprojeto de implantação do Centro Nacional de Pesquisa de Trigo – CNPT –, com prazo até 30 de setembro daquele ano para a apresentação do relatório.

O grupo de trabalho reuniu-se em Brasília, de 30 de julho a 3 de agosto de 1974. Analisaram-se a tradição de cultivo de trigo no país, o embasamento técnico disponível e a infra estrutura de produção. E foi com base na concentração da produção, na representatividade ecológica, na infra-estrutura de pesquisa e de produção, na tradição de pesquisa, na concentração de pesquisadores e no êxito de tecnologias geradas (tecnologia criada no Sul se adapta ao Norte, mas a recíproca não é verdadeira) que, por unanimidade, definiu-se pela região Sul para a localização do CNPT. Três locais foram cogitados para sediar o novo Centro Nacional de Pesquisa de Trigo da Embrapa: Ponta Grossa, Cruz Alta e Passo Fundo. Londrina e Sete Lagoas complementariam as atividades do CNPT.

Uma viagem de observação foi realizada de 18 a 20 de agosto, sendo visitadas as bases de Ponta Grossa (IPEAME), de Londrina (IAPAR) e de Sete Lagoas (IPEACO). Não se visitou Passo Fundo e nem Cruz Alta, por serem locais conhecidos dos membros da comissão. Londrina foi confirmada como sendo um ótimo local para receber atividades satélites em pesquisa de trigo e Sete Lagoas foi descartada, passando-se a considerar Brasília para essa finalidade.

Na visão dos membros do grupo, para receber as instalações do CNPT, sobressaíram-se, em ordem: Passo Fundo, Cruz Alta e Ponta Grossa. Para corroborar a definição, via questionários distribuídos, foram entrevistados técnicos que trabalhavam com trigo no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina, no Paraná, em São Paulo, em Mato Grosso e em Goiás. As respostas evidenciaram Passo Fundo como a primeira opção, Cruz Alta como a segunda e Londrina em terceiro lugar.

E foi assim que a cidade de Passo Fundo foi definida como sede do Centro Nacional de Pesquisa de Trigo. Em 28 de outubro de 1974, com a “missão de executar e coordenar as atividades de pesquisa em todas as s regiões tritícolas

do país, objetivando aumentar a produção nacional de trigo”, houve a inauguração do CNPT, 1ª Unidade Descentralizada da Embrapa, com a presença do então presidente da República, general Ernesto Geisel.

A Embrapa Trigo, hoje (2007), conta com um quadro de 213 empregados (sendo 51 pesquisadores) e ocupa uma área de 447 ha, com 230 ha de campos experimentais e 18.224m² de área construída (laboratórios, administração, auditórios, salas de pesquisadores, casa de apoio, casas de vegetação, telados, banco de germoplasma, celeiro, garagem, unidade de beneficiamento de sementes e posto meteorológico). Passados 33 anos de existência, há a consciência de que a Embrapa Trigo cumpriu um papel importante na superação de muitos entraves que inviabilizavam o desenvolvimento da triticultura brasileira.

Outros, todavia, ainda estão aí, exigindo uma preparação permanente da empresa para o emprego de novos enfoques em pesquisa, desenvolvimento e inovação.

Data : 27/04/2012

Título : Embrapa – 39 anos

Categoria: Artigos

Descrição: A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa completou 39 anos essa semana...

Embrapa – 39 anos

Sexta-Feira, 27/04/2012 por Gilberto Cunha

Embrapa – 39 anos

A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa completou 39 anos essa semana: foi criada em 26 de abril de 1973. Atualmente, a Embrapa atua por meio de 47 Unidades de Pesquisa e de Serviços e de 14 Unidades Centrais Administrativas, e está presente em quase todos os Estados. São 9.660 empregados, sendo 2.392 pesquisadores. O orçamento da Empresa, para 2012, é de R\$ 2,1 bilhões.

A Data é de comemoração e reflexão. Em 39 anos de atuação, os quatro grandes propósitos que nortearam a criação da Embrapa - garantir o abastecimento de alimentos nas cidades, levar o desenvolvimento ao interior do País, preservar a base dos nossos recursos naturais e criar excedentes para exportação – foram

cumpridos, quer seja pela atuação da própria empresa ou de outras instituições, públicas e privadas; dando margem ao surgimento de outros problemas (ambientais, segurança de alimentos, etc.). Eis o novo desafio: como levar adiante, por outros 39 anos ou mais, essa história de sucesso da agricultura tropical?

Prêmio Frederico de Menezes Veiga 2012

O prêmio Frederico de Menezes Veiga é a mais importante honraria concedida pela Embrapa a cientistas brasileiros. Em 2012, com base no tema “A agricultura na economia de baixa emissão de baixo carbono” e pela relevância das contribuições, os agraciados foram Mariângela Hungria da Cunha, pesquisadora da Embrapa Soja, e Carlos Clemente Cerri, professor do Centro de Energia Nuclear da Agricultura, da USP Paulo. Maria Ângela fez por merecer a honraria pelos seus trabalhos sobre fixação biológica de nitrogênio pelas plantas. E o Professor Carlos Cerri é uma autoridade, internacionalmente reconhecida, na área de emissão e sequestro de carbono na agropecuária.

Tempresto – Aproximando leitores!

Iniciativas inovadoras em prol do incentivo à leitura e facilitação de acesso aos livros sempre mereceram o aplauso do colunista. Esse é o caso do site “Tempresto” (www.tempresto.com.br) criado pelo engenheiro-agrônomo passo-fundense, atualmente radicado em Santo Ângelo, Renato Moreira. Trata-se de uma rede social que tem como objetivo permitir o empréstimo de livros entre amigos e o gerenciamento de bibliotecas pessoais. Funciona a partir de um cadastro em que o participante adiciona os livros que possui em sua “biblioteca”, convida seus amigos e, a partir daí pode pedir e emprestar livros. Acabaram-se as perdas de livros e o constrangimento de ter de cobrar de amigos obras emprestadas e não devolvidas. O “Tempresto”, via as suas múltiplas funcionalidades, faz a gestão desse tipo de coisa, além de facilitar a localização de obras que você quer ler e não consegue localizar. Inclusive, se você é daqueles que gosta de ganhar livros de presente, o “Tempresto” avisa os seus amigos alguns dias antes do seu aniversário, indicando as suas preferências. Quem pode participar? Todos aqueles que, apesar das tentações dos novos tempos, ainda cultivam o hábito da leitura. Recomenda-se uma visita ao site do projeto

Humor branco

Entre as muitas criações de Milton Viola Fernandes (1924-2012), o genial Millôr Fernandes, eu destaco o pouco lembrado “O livro branco do humor”, originalmente publicado em 1975. Tem que ser gênio para publicar um livro com diversas páginas totalmente em branco ou, melhor dizendo, quase em branco, pois em cada uma delas, apenas uma pequena frase, que apesar da aparente

bizarrice, faz todo o sentido. Atente e reflita sobre uma página de um livro sem nada escrito até a última linha, quando então o leitor depara-se com coisas tipo: “O mundo antes do gênese”; “Recordações de um amnésico”, “Radiografia do estômago de um bezerro depois de amamentados durante duas horas”; “Do diário de um analfabeto”; “Carteira de identidade do soldado desconhecido”; “Interessante foto do Homem Invisível aos três anos de idade”; “Partitura do final da Sinfonia Inacabada”; e “Enfim, o nada”.

Projeto Pirlimpimpim

Nesse sábado (28), às 16h, na Livraria Nobel da General Osório (próximo do INSS), ocorre mais uma edição da Super Hora do Conto. A história da vez foi baseada no livro “O mais fantástico ovo do mundo”, texto e ilustrações de Helme Heine, publicado pela editora Global. Traga seu filho, pois essa contação de história intenciona despertar no pequeno leitor, ou quem sabe até em você, o respeito por si mesmo, pelo outro e o desejo de uma convivência mais harmoniosa.

Do Jornal

O Nacional

Data : 22/08/2010

Título : Emissões brasileiras de gases de efeito estufa

Categoria: Artigos

Descrição: O Brasil é tido como o quarto país que mais emite gases de efeito estufa no mundo (os vilões do aquecimento global).

Emissões brasileiras de gases de efeito estufa

por Gilberto Cunha

O Brasil é tido como o quarto país que mais emite gases de efeito estufa no mundo (os vilões do aquecimento global). No nosso caso, considera-se a agricultura e a pecuária, incluindo o desmatamento e as queimadas na Amazônia e no Cerrado, como as maiores responsáveis por essa condição. Mesmo que tenham sido usados os fatores de emissão definidos pelo IPCC nas avaliações, muitos consideram que os valores estão superestimados, principalmente no tocante às estimativas de emissões de óxido nitroso.

Estoques de carbono e emissões de gases de efeito estufa em solos brasileiros

O desmatamento e a queima de vegetação, infelizmente ainda prática corrente no Brasil para ocupação agrícola, deram início à mudança nos padrões de emissão de gases de efeito estufa pelo sistema solo-planta por ação do homem. O exemplo marcante é a região da Mata Atlântica que, ao longo da sua história, perdeu mais de 90% da vegetação original durante os ciclos do café e da cana-de-açúcar. A dimensão do problema fica clara quando se toma consciência que uma floresta desse tipo tem uma biomassa aérea seca ao redor de 150 toneladas por hectare, sendo emitidos para a atmosfera, com o desmatamento, mais de 250 toneladas de gás carbônico por hectare. Conforme análise recente elaborada por pesquisadores da Embrapa Agrobiologia (Urquiaga et al., 2010 - Informações Agrônomicas nº 130, junho/2010), para que essa quantidade de CO₂ seja sequestrada no solo, como matéria orgânica, seria necessário desenvolver um sistema de produção conservacionista capaz de acumular matéria orgânica no perfil do solo a uma taxa média equivalente a 3,82 toneladas de carbono por hectare ao ano, assumindo-se que o tempo para atingir novo equilíbrio entre entrada e saída de carbono do solo é de 20 anos.

Isso serve para demonstrar que não será fácil desenvolver um sistema de produção agrícola, principalmente envolvendo cultivos anuais, que seja eficiente para mitigar todas as emissões de gás carbônico.

Sistema plantio direto e sequestro de carbono

O sistema plantio direto tornou-se prática corrente na agricultura brasileira a partir dos anos 1990. Atualmente, mais de 25 milhões de hectares são cultivados sob esse sistema no país. Nesse sistema, há modificações relevantes quanto ao aumento da biodiversidade microbiana e da fauna do solo, além de melhoria significativa na fixação biológica de nitrogênio. A par de tudo isso, o sistema plantio direto é considerado como promovedor de sequestro de carbono, especialmente quando comparado ao preparo convencional dos solos, envolvendo lavração e gradagem, com destaque para o carbono estocado nos primeiros 10 centímetros do perfil do solo. Todavia, a maior parte dos estudos não mostra o que ocorre nas camadas mais profundas do solo, gerando informações contraditórias sobre a maior eficácia do sistema plantio direto em comparação ao plantio convencional. Pela incorporação de resíduos em maior profundidade, para várias situações, solos sob plantio convencional mostraram um maior conteúdo de carbono no perfil, em comparação aos solos sob sistema plantio direto.

O erro referido acima levou muitos cientistas e organizações de agricultores à generalização, antevendo a possibilidade de obter vantagens econômicas no mercado de commodities de carbono simplesmente pela condução de lavouras sob plantio direto. Apesar do potencial para acumular carbono no solo, essa condição não é assegurada pelo simples emprego do sistema plantio direto. O resultado vai depender das rotações de culturas utilizadas, especialmente do tipo de cultura, da influência do sistema radicular destas espécies e da quantidade e qualidade dos resíduos.

Rattan Lal com a palavra

O professor Rattan Lal, um cientista internacionalmente reconhecido por seus trabalhos sobre o potencial de sequestro de carbono no solo pelo uso do sistema plantio direto, admite que esse sistema é excelente para controlar a perda de solo por erosão e diminuir custos com mecanização agrícola e outras práticas, mas destaca que seu efeito no sequestro de carbono no solo precisa ser reavaliado.

O Nacional

Domingo, 22/08/2010

Data : 19/02/2016

Título : Emoções e OGMs

Categoria: Artigos

Descrição: Ainda que os autores do artigo “Fatal attraction: the intuitive appeal of GMO opposition” (Trends in Plant Science, v. 20, n.7, jul. 2015, p.414-418.), que leva a assinatura de Stefann Blancke e colaboradores da Universidade Ghent/Bélgica...

Ainda que os autores do artigo “Fatal attraction: the intuitive appeal of GMO opposition” (Trends in Plant Science, v. 20, n.7, jul. 2015, p.414-418.), que leva a assinatura de Stefann Blancke e colaboradores da Universidade Ghent/Bélgica, tenham frisado que a intenção não fora rotular a preocupação pública com o uso de Organismos Geneticamente Modificados (OGMs), os populares transgênicos, especialmente em agricultura, como sendo uma decorrência da irracionalidade humana, houve quem não entendesse bem assim. Muito pelo contrário, insistiram os autores do referido artigo, há necessidade de um melhor entendimento da discrepância entre a opinião pública contrária ao uso de OGMs, especialmente na Europa, e as evidências científicas que apontam para o lado oposto. Então, foi lançando mão de análises cognitivas e ideias da psicologia evolucionária que eles chegaram ao veredito de que, nesse assunto, intuições e emoções, mais que razão, são responsáveis por tornar a mente humana altamente suscetível à propaganda contrária aos OGMs.

O debate público sobre o uso de OGMs, envolvendo preocupações com riscos à saúde humana e ameaças ambientais, não pode ser reduzido a uma batalha entre racionalidade e irracionalidade ou, simplesmente, civilização versus barbárie. Nesse caso, o entendimento da comunidade científica e os interesses da sociedade deveriam convergir para um ambiente de respeito, cabendo aos cientistas, como pretensos especialistas no uso do pensamento racional aplicado a coisas altamente complexas, como são inegavelmente os OGMs, o ônus de tentar entender o fundamento das preocupações públicas sobre o

assunto em vez de, simplesmente, desconstruí-las; rotulando-as de “ignorâncias descabidas”; por exemplo. Stefann Blancke e colaboradores ao tirarem suas conclusões a partir de premissas embasadas em conhecimentos de biologia folclórica (falsa ciência), no pensamento teleológico (intencional) e em emoções (repulsa intuitiva), deram demasiada ênfase à importância da irracionalidade na formação da opinião pública contrária ao uso de OGMs. E mais, ao descreverem, na sua análise, uma realidade que é muito vivenciada na Europa, suscitaram críticas, pois, nesse caso, estão envolvidas sociedades que se caracterizam pelo elevado nível de democracia, por respeito pela diversidade de credos religiosos e elevada secularização, possuidoras de alto grau de escolaridade e detentoras de instituições de ensino e pesquisa de vanguarda.

A relação entre cientistas e cidadãos, no caso de questões complexas como é o uso de OGMs, por exemplo, apesar de bastante intrincada, mais que um mero conflito entre racionalidade e irracionalidade, merece ser vista como um desafio estimulante para comunidade científica. O embate entre ciência e opinião pública, na questão OGMs, soa como um falso dilema. Eis que, uma vez entendido como surgem as credences populares, quase sempre embasadas em falsas premissas científicas ou fontes pouco confiáveis, a conciliação pode ser construída. Do lado dos cientistas, esse entendimento facilita a compreensão do papel e do impacto da inovação tecnológica nas sociedades, afastando o mito da prática científica hermética e distanciada de compromissos com o mundo real. E, do lado dos cidadãos, pela percepção que algumas das suas concepções não passam de ilusões ou peças de ficção de má qualidade, podendo levá-los à reconsideração das suas posições sobre o assunto.

Após 19 anos de uso de OGMs no mundo (desde 1996), são 28 países que adotam essa tecnologia (EUA, Brasil Argentina, Índia e Canadá ocupam as 5 primeiras posições), apesar dos questionamentos suscitados, tem sido mostrados mais benefícios do que malefícios pelo emprego desse tipo de cultivo. Os grandes desafios que se apresentam em agricultura, especialmente na busca pela intensificação sustentável, não podem prescindir de técnicas de biologia avançada.

Data : 31/12/2003

Título : Encontro com Martín Fierro

Categoria: Artigos

Descrição: "Aqui me pongo a cantar/ Al compás de la vigüela/ ...

Encontro com Martín Fierro

GILBERTO R. CUNHA

Sei que não foi sonho. Tampouco esta é mais uma daquelas tantas histórias, que muita gente jura de pés juntos, se passou com um amigo de infância, com um primo distante da mulher ou, depois de alguns uísques, que elas mesmas foram protagonistas. Lembro bem daquele fim de tarde, de um dia qualquer do inverno de 1991, quando caminhava distraído pelas ruas do centro de Buenos Aires e, sem mais nem menos, meu olhar se prendeu na discreta placa de bronze fixada numa coluna de um prédio antigo das proximidades da Casa Rosada. Nela constava que ali, num quarto do andar tal, no distante ano de 1872, Don José Hernández havia escrito o célebre poema épico Martín Fierro. Foi o suficiente para levar-me a refletir que, provavelmente impregnado por um nativismo trivial, não tinha, até então, prestado atenção suficiente naqueles versos e no seu autor, mesmo que inúmeras vezes tivesse escutado gente declamando o clássico "Aqui me pongo a cantar/ Al compás de la vigüela/ Que el hombre que lo desvela! Una pena extraordinaria! Como la ave solitaria! Con el cantar se consuela" (Aqui me ponho a cantar/ Ao compasso da viola! Que o ser a quem desconsola! Uma dor extraordinária! Como a ave solitária/Cantando é que se consola).

José Hernández era o que se pode chamar de típico descendente da nobreza rural da Argentina. Foi, na vida, pelo menos quatro coisas que podem ajudar a revelar o seu caráter: militar, jornalista, político e poeta. Nasceu na chácara de Pueyrredón, no atual município de San Martín, província de Buenos Aires, no dia 10 de novembro de 1834. Começou seus estudos na capital federal, aos seis anos. Seu primeiro contato com a vida do campo se deu após a morte da mãe em 1843, quando foi levado pelo pai, que administrava algumas fazendas, a fim de se curar de uma enfermidade respiratória, acredita-se, abandonando as aulas até 1846. Esse foi o seu contato inicial com os gaúchos e suas lides campeiras, que acabaram retratadas em Martín Fierro. Ilustra bem o exemplo de como criador e criatura se confundem. Quando da sua morte, em 21 de outubro de 1886, um jornal de La Plata deu como manchete: "Morreu o senador Martín Fierro",.

Hernández viveu na época de Juan Manuel de Rosas, o caudilho que, em 1833, comandou uma expedição de extermínio dos índios argentinos, que ficou conhecida como "campana del desierto". E mesmo não sendo um adepto do tirano de Buenos Aires (a ditadura de Rosas durou de 1835 a 1852), o herói do seu poema procede como se fosse. Martín Fierro fora mandado, por um ato de arbítrio, para servir num dos fortins de fronteira de Rosas, cujos homens saíam pelos campos a matar índios tipo se mata bois. Nos seus cantos menospreza a humanidade dos silvícolas. Praticamente justifica a matança dos índios que "atrapalhavam" a marcha dos povoadores. Martín Fierro raciocina conforme a história escrita pelo vencedor, aceitando a violência contra os indígenas como se fosse uma luta entre o bem e o mal.

O poema foi escrito em duas partes: El gaucho Martín Fierro, de 1872, e La vuelta de Martín Fierro, de 1879. Foi um êxito de público, mas a intelectualidade argentina torceu os olhos o quanto pode para Martín Fierro. Jorge Luis Borges

argumentou que não é a biografia de todos os "gauchos", pois é inconcebível um país só de desertores e, além do mais, este tipo (el gaucho) contou pouco na história da Argentina. Martín Fierro é uma figura da literatura, que simplesmente não pode ser passada para a história. Mas, como costumava destacar o professor Guilhermino César, quem parece ter sempre razão nessa pendência é a pesquisadora americana Madaline Wallis Nichols, quando disse que "o gaúcho foi morto e enterrado várias vezes, mas continua vivo e se recusa a morrer".

Quanto ao prédio referido, provavelmente, pelo que consta nas biografias de José Hernández, era o Hotel Argentino, de Rivadavia e 25 de Mayo, onde ele viveu uns tempos, depois do curto exílio em Santana do Livramento e Montevidéu, enquanto sua família se refugiava na estância Cañada Honda, para escapar do flagelo da febre amarela.

Da revista

Água da Fonte nº 0

Data : 06/11/2015

Título : Encontro de Odilons

Categoria: Artigos

Descrição: A rememoração de um encontro casual entre quatro Odilons (Odilon Garcez Ayres, o escritor, Odilon Soares de Lima, o vereador, Odilon Mello Garcia, o cabeleireiro, e Odilon de Witt, o lojista), nos anos 1970...

A rememoração de um encontro casual entre quatro Odilons (Odilon Garcez Ayres, o escritor, Odilon Soares de Lima, o vereador, Odilon Mello Garcia, o cabeleireiro, e Odilon de Witt, o lojista), nos anos 1970, em uma esquina do centro de Passo Fundo, cruzamento das ruas Moron e Capitão Eleuthério, foi o insight que levou o escritor Odilon Garcez Ayres a se embrenhar em uma aventura detetivesca nos anais da história local para elucidar a questão que paira sobre o verdadeiro homenageado com a designação do logradouro Capitão Eleuthério: Eleuthério José Gonçalves ou Elautério Santos Lima? Afinal, a Lei nº 3.634, de 26 de setembro de 2000, está equivocada? Quem foram os responsáveis pelo equívoco? Há necessidade de retificação da mencionada lei? Ou, pelo menos, da sua justificativa?

Odilon Garcez Ayres usou alguns anos da sua vida na condução da pesquisa que, magistralmente, sintetizou nas 80 páginas do livro "Herói de São Sepé & Passo Fundo", que foi lançado no último dia 4, na 29ª Feira do Livro de Passo Fundo. Foram meses e mais meses gastos em leituras, em viagens, consultando

fontes primárias (documentos originais) e secundárias (obras sobre a história local), redigindo notas e esboçando o ensaio que resultou no mencionado livro. Isso em meio ao percalço de ver todo o trabalho que vinha digitando num computador pessoal desaparecer em virtude de um problema qualquer com a máquina em uso, que, apesar do esforço despendido por um especialista em informática, não pode ser recuperado. Desiludido com o acontecido, Odilon Garcez Ayres quase capitulou. Felizmente para nós, passado o interregno de um ano, o escritor retomou o trabalho e reconstruiu a obra perdida.

Em exaustivo trabalho de historiografia, embasado em consultas a fontes primárias e derivadas, seguindo as pistas deixadas por Antonino Xavier e Oliveira, Odilon Garcez Ayres, com a mesma verve que o notabilizara como escritor de romances e ensaios históricos - Oché y Sefé Tiarayú (2006) e Caboclo Serrano em O Puchirão do Gé Picaço nas Revoluções de 1923, 30 e 32 (2008) - elucidou a intricada questão, deixando, nessa nova obra, “Herói de São Sepé & Passo Fundo”, uma contribuição seminal para a história de Passo Fundo.

Afinal, qual dos Eleuthérios os passo-fundenses homenageiam? Quem comandava as Forças Republicanas em Passo Fundo: Elautério Santos Lima ou Eleuthério José Gonçalves? Um desses personagens, quiçá, apesar das referências e a pretensa documentação historiográfica, a bem da verdade, talvez nem tenha existido.

Odilon Garcez Ayres lança novas luzes sobre a Revolução Federalista de 1893-1895, seus desdobramentos fraticidas locais, e o nosso lendário Capitão Eleuthério, que veio perder a vida no Combate do Guamirim (guaviramí). Uma morte heroica não pode ser atribuída a duas pessoas, frisa o autor.

A reprodução, sem maior criticismo, a partir de relatos dos nossos historiadores do passado, caso dos afamados livros de Delma Rosendo Gehm, segundo Odilon Garcez Ayres, pode ter contribuído para o poder público municipal ter sido induzido ao erro imperdoável de homenagear dois Eleuthérios com o nome de uma mesma Rua. Sim, na visão do escritor e pela fundamentação que foi posta na obra em pauta, cabe ao poder público municipal retificar a Lei nº 3.634, de 26 de setembro de 2000, apondo ali somente o nome do Capitão Eleuthério Com a palavra os nossos nobres edis. Odilon Garcez Ayres fez a sua parte.

Não, prezado leitor! Não vou lhe tirar a surpresa da descoberta e nem o prazer de ver sendo construída a fundamentação historiográfica que deu a certeza a Odilon Garcez Ayres qual dos dois Eleuthérios é merecedor de ser homenageado com nome de Rua em Passo Fundo. Apenas sugiro: embarque nessa aventura com Odilon Garcez Ayres e desfrute da boa prosa desse escritor. O desfecho, talvez não sem controvérsias, o surpreenderá. Ainda há tempo, passe no Bourbon Shopping e adquira o seu exemplar no estande da Academia Passo-Fundense de Letras. A 29ª Feira do Livro de Passo Fundo vai até domingo (8).

Título : Ensaios espiritualistas, por H. A. Annes

Categoria: Artigos

Ainda que tenha declarado, nas “Palavras Iniciais”, escritas em Montevideu e datadas de 25 de abril de 1963, que constam na abertura do livro “Na estrada da vida”, publicado em 1966, jamais ter frequentado um centro espírita, Herculano A. Annes, nos seus escritos, que rotulou de “ensaios espiritualistas”, demonstrou conhecimento e forte apego à doutrina espírita. A obra “Na estrada da vida”, impressa para o autor pela Livraria do Globo, de Porto Alegre, foi originalmente destinada à circulação restrita entre familiares. Sobressai-se pela cultura humanística do autor, que a recheia com citações de pensadores dos mais variados matizes, e pelo apego de Herculano e da esposa Cecy à espiritualidade, para afugentar a depressão e os problemas que comumente rondam as pessoas no limiar da velhice. Nesse aspecto, é um livro iluminador, cuja concretude, pelo que deixou transparecer no tópicos “Fim de uma passagem, fim de um livro”, página 282, foi fundamental para Herculano suportar a morte de Dona Cecy, ocorrida em 12 de setembro de 1964. Afinal, quem foi Herculano Araujo Annes, o patrono da cadeira nº 15 da Academia Passo-Fundense de Letras?

Herculano Annes nasceu em Passo Fundo, no dia 19 de março de 1898. É filho do coronel Gervasio Lucas Annes (1853 - 1917), advogado (rábula) e destacado líder político do Partido Republicano, e de Etelvina Araujo Annes (1860-1901). Estudou no colégio dos jesuítas, em São Leopoldo, e, em 15 de maio de 1920, casou-se com Cecy da Rosa Coutinho (1901 - 1964).

Em 1921, aos 23 anos, formou-se no curso de Direito pela Faculdade Livre de Direito da Universidade do Rio Grande do Sul, atual Faculdade de Direito da UFRGS, com sede em Porto Alegre. Depois da formatura em Direito e do casamento, Herculano e Cecy fixaram residência em Passo Fundo, onde nasceram os filhos Flávio Coutinho Annes (1921 - 1990), engenheiro-agrônomo, professor e diretor da Faculdade de Agronomia da Universidade de Passo Fundo (UPF); Antenor Coutinho Annes (1922 - 1958), contabilista; Murilo Coutinho Annes (1925 - 2007), advogado formado em Direito pela UFRGS, juiz e interventor (1964 - 1970) e reitor e professor da UPF (1970 - 1979); e Branca Annes Degrazia (1926).

Herculano Annes foi fundador e diretor do semanário “A Época”, em 1923, em cujas páginas escreveu artigos que marcaram indelevelmente um período conturbado da vida política e administrativa do Rio Grande do Sul. Mas, sem dúvida, sua maior contribuição para a imprensa local foi a criação do jornal O NACIONAL. No dia 19 de junho de 1925, uma sexta-feira, circulou a primeira edição de O NACIONAL, com o epíteto de “Jornal Independente”, constando no expediente como diretor Dr. Herculano A. Annes e seus primos, Hyran de Araujo Bastos e Americano de Araujo Bastos, como gerentes. A redação e a gerência de O NACIONAL, na época, funcionavam na Livraria Nacional, localizada na

Praça Marechal Floriano, números 25, 27 e 29, no centro da cidade. O Dr. Herculano A. Annes esteve à frente de O NACIONAL durante 15 anos (até 30 de abril de 1940), imprimindo, nesse jornal, uma linha editorial marcada pela imparcialidade, ao levar à risca o lema da “liberdade máxima dentro da máxima responsabilidade”, conforme expresso no editorial da primeira edição, que se comprometia com o respeito à liberdade alheia, não concedendo anonimato e nem admitindo parcialidade em assuntos relacionados com política partidária e vida religiosa.

No exercício da advocacia, Herculano A. Annes destacou-se especialmente na área empresarial. Detentor de cultura jurídica diferenciada, o Dr. Herculano Annes conquistou posição de destaque entre os pares, tendo sido fundador e presidido, por diversas vezes, a subsecção da OAB do Rio Grande do Sul em Passo Fundo.

Herculano A. Annes morreu no dia 19 de dezembro de 1967. Em sua homenagem, no ano seguinte, o então prefeito Mário Menegaz mandou construir uma praça junto à ponte do Rio Passo Fundo. Era o reconhecimento da municipalidade pelo muito que ele fez por Passo Fundo.

Data : 12/06/2015

Título : Entre a Enxada e o Livro

Categoria: Artigos

Descrição: Apesar do subtítulo “memórias”, Entre a Enxada e o Livro, de Santo Claudino Verzeleti...

Sexta-Feira, 12/06/2015 às 07:55, por Gilberto Cunha

Apesar do subtítulo “memórias”, Entre a Enxada e o Livro, de Santo Claudino Verzeleti, é uma obra que transcende as similares dessa mesma natureza, ao ir além do mero resgate de datas, de acontecimentos marcantes e de exaltação ao legado deixado pelos antepassados. Não se furta disso, pois, afinal, nessas páginas, o que encontramos é a autobiografia intelectual de um homem que, ao buscar no passado as suas origens e contextualizá-las historicamente, consegue viver de forma intensa o presente e, ainda, construir futuros.

Li detalhadamente o livro em questão, antes de me aventurar na escrita do prólogo da obra. Em razão disso, não me parece exagerado dizer que Santo

Claudino Verzeleti conseguiu, com esta reunião de textos que refletem histórias de vidas, sua e de seus antepassados, visões sobre temas diversos e o envolvimento com a profissão que abraçou, os relacionamentos familiares, as suas crenças políticas e o seu ativismo cultural e filantrópico, “ditar” uma espécie de testamento intelectual, que transforma a todos nós, seus leitores, em herdeiros. Efetivamente, em herdeiros de conhecimento, de lições de vida, de exemplo de lutas que valem à pena, de transformação de sonhos em realidade.

Entre a Enxada e o Livro, independentemente de qualquer julgamento de valor literário e acadêmico, é uma obra indispensável para quem quiser de fato conhecer a trajetória dos vênets e seus descendentes, que, forçados pelas circunstâncias de lutar pela sobrevivência, tiveram de deixar a Itália, no século XIX. Estes imigrantes, “estimulados” por Dom Pedro II, viriam a colonizar a região então inóspita da serra gaúcha, e, depois de muito trabalho e algumas gerações, reconhecidamente, por meio das suas iniciativas, ajudaram a construir o Brasil do presente.

O autor, Santo Claudino Verzeleti, ao optar por uma narrativa pessoal, se desnuda ao leitor. Da tenra infância, como o filho mais velho de uma família pobre de imigrantes italianos da zona colonial de Bento Gonçalves, passando pela mudança, ainda criança, para o interior de Sarandi, até o surgimento do homem maduro de hoje, aos 80 anos, que tem o seu processo de construção desvendado na sequência dos textos. Não foram poucas as batalhas travadas e vencidas por Santo Claudino Verzeleti, ao longo da sua trajetória pessoal. Começando pelo dilema em deixar enxada, que significava separar-se da família que lhe era tão cara, para ir estudar na cidade. As dificuldades enfrentadas por uma criança obstinada em vencer na vida, que tinha a obrigação de estudar e trabalhar para poder permanecer no internato mantido pelos padres carlistas em Sarandi. A vinda para Passo Fundo. A procura por trabalho. A retomada dos estudos no Ginásio Nossa Senhora Conceição, em cujo educandário se formaria técnico em contabilidade, abraçando essa profissão até a aposentadoria, em 2006. A realização do sonho da mãe, em ter um filho doutor, quando, em 1977, colou grau como bacharel em ciências jurídicas e sociais pela UPF. A fundação do Centro Cultural Italo-Brasileiro Anita Garibaldi (1976). A criação e construção da sede do Sindicato dos Contabilistas de Passo Fundo. O primeiro livro publicado (Quel Mazzolin di Fiori, coletânea de letras de canções italianas). O ingresso na Academia Passo-Fundese de Letras, em 1988. A fundação da Academia de Ciências Contábeis, da qual foi seu primeiro presidente. Os acervos históricos que mantém na Casa de Cultura Santo Claudino Verzeleti e outras tantas iniciativas relevantes, sob o ponto de vista social e comunitário, em que se envolveu, permitem a percepção de que estamos diante de um cidadão e ser humano singular.

Por último, cabe dizer que, sim, Santo Claudino Verzeleti é humano, com virtudes e defeitos, como qualquer um de nós. Mas, tal qual um poeta, Verzeleti tem o direito que o julgemos pelos seus melhores versos. E o melhor de Santo Claudino Verzeleti, indubitavelmente, pode ser encontrado neste livro.

Ciao, caro Verzeleti!

Data : 08/08/2014

Título : Entre Deus e o Big Bang

Categoria: Artigos

Descrição: O que Deus fez em seis dias, segundo o Gênesis, a natureza parece ter levado entre 10 e 20 bilhões de anos (aceitando-se uma idade do universo estimada em 15 bilhões de anos).

Sexta-Feira, 08/08/2014 às 07:18, por Gilberto Cunha

O que Deus fez em seis dias, segundo o Gênesis, a natureza parece ter levado entre 10 e 20 bilhões de anos (aceitando-se uma idade do universo estimada em 15 bilhões de anos). Afinal houve um começo, até porque termodinamicamente não poderia ter sido de outra forma, e quer seja este o “no princípio, Deus criou os céus e a terra...” ou o Big Bang, tudo teria transcorrido num lapso de tempo de seis dias de 24h ou em 15 bilhões de 365 dias? Não vale simplificar, admitindo que um dia do Gênesis corresponde a mais ou menos uns três bilhões de anos e que, portanto, o universo teria por volta de 18 bilhões de anos.

Para aqueles que se limitam ao literalismo dos textos bíblicos, a idade do universo seria de uns 57 séculos (5700 anos, desde Adão). Pelas estimativas cosmológicas, do Big Bang até os tempos atuais, já se passaram uns 15 bilhões de anos. E o que poderia ser uma contradição de tirar o sono de muita gente, pode ter uma explicação científica racional, como a intentada por Gerald L. Schroeder, Ph. D. em física pelo Massachusetts Institute of Technology (MIT), cuja sua ânsia por descobrir a harmonia entre a ciência moderna e a bíblia, resultou no livro “Genesis and the Big Bang”, publicado em 1990. Não obstante, ressalte-se que a interpretação de Gerald L. Schroeder não é a única e nem necessariamente verdadeira.

Encontrar uma justificativa para a discrepância entre os 5700 anos bíblicos e os 15 bilhões de anos do Universo, mesmo não sendo fácil não é algo impossível. Há que se usar a sabedoria da tradição e o conhecimento da ciência, afirma Gerald L. Schroeder. As sutilezas das escrituras e os textos científicos têm muito em comum, podendo, com certo esforço intelectual, ser encontrada a ligação entre o Gênesis bíblico e a teoria cosmológica. Ou unifica, os o sagrado e o profano ou, alternativamente, nos resignamos em escolher entre a compreensão da história cósmica pela via da ciência ou pela interpretação da bíblia.

A ciência e a religião buscam a mesma coisa: a verdade. Mas, para interpretar o que há (em comum ou diferente) entre o Divino e o natural, precisamos ir além dos textos sagrados. Buscar a origem do universo exige, sem necessariamente a exclusão do Gênesis, que se dê um passo a mais do que está contido na bíblia. Ignorando os ensinamentos científicos sobre a natureza corremos o risco de retroceder a Galileu Galilei e, sem alternativas, admitirmos que a Terra é o centro do universo. O entendimento de coisas como o princípio da incerteza de

Heisenberg, do conceito de entropia e de alguns aspectos básicos da teoria da relatividade de Einstein ainda é necessário para uma compreensão do dia a dia dos encarnados.

Ninguém minimamente informado pode desconhecer os 15 bilhões de anos que são presumidos como a idade do universo. Tampouco que habitamos um planeta chamado Terra que data de 4,5 bilhões de anos atrás, que viu surgir, entre 3,5 e 4,0 bilhões de anos, os primeiros organismos vivos, na forma de bactérias e algas azuis, e que, mesmo sendo contestada, não se conhece explicação melhor que a teoria da evolução das espécies para a criação de toda a diversidade das formas de vida dos tempos atuais.

Um literalista radical (ou um leitor superficial do Gênesis) entende que não existiu um homem pré-histórico. O primeiro homem, na sua visão de mundo, foi Adão e ponto final. Para esses, os 60 mil anos do homem de Neanderthal não são mais que um erro de 54.300 anos. Biblicamente falando, o conceito de homem seria aplicável a Adão e seus descendentes. A validade desse tipo de interpretação não necessita de prova. Aceita-se, meramente, por rejeição das teses científicas ou por uma questão de fé.

Gerald L. Schroeder, mesmo consciente de que a humanidade, fisicamente, não é o centro do universo, achou um jeito para que os seis dias da criação (do nada até Adão) não pareçam excludentes em relação aos achados científicos. Começou abandonando o literalismo do texto bíblico e os ensinamentos de Sir Isaac Newton, que impregnado pelo determinismo, nos legou um conjunto de leis naturais previsíveis. Adotou o referencial de espaço-tempo, da relatividade de Einstein, e os seis dias ou os 15 bilhões de anos, com tudo começando e finalizando no mesmo instante, puderam ser harmonizados.

De uma coisa eu não duvido: o mundo já era muito velho quando Adão, eu e você, caro leitor, chegamos por aqui.

Data : 15/02/2019

Título : Entre Deus e o Big Bang

Categoria: Artigos

O que Deus fez em seis dias, segundo o Gênesis, a natureza parece ter levado entre 10 e 20 bilhões de anos (aceitando-se uma idade do universo estimada em 15 bilhões de anos). Afinal houve um começo, até porque termodinamicamente não poderia ter sido de outra forma, e quer seja este o “no princípio, Deus criou os céus e a terra...” ou o Big Bang, tudo teria transcorrido num lapso de tempo de seis dias de 24h ou em 15 bilhões de 365 dias? Não vale simplificar, admitindo que um dia do Gênesis corresponda a mais ou menos uns três bilhões de anos e que, portanto, o universo teria por volta de 18 bilhões de anos (bingo!).

Para aqueles que se limitam ao literalismo dos textos bíblicos, a idade do universo seria de uns 57 séculos (5700 anos, desde Adão). Pelas estimativas cosmológicas, do Big Bang até os tempos atuais, já se passaram uns 15 bilhões de anos. E o que poderia ser uma contradição de tirar o sono de muita gente, pode ter uma explicação científica racional, como a intentada por Gerald L. Schroeder, Ph. D. em física pelo Massachusetts Institute of Technology (MIT), cuja sua ânsia por descobrir a harmonia entre a ciência moderna e a bíblia, resultou no livro *Genesis and the Big Bang*, publicado em 1990.

Encontrar uma justificativa para a discrepância entre os 5700 anos bíblicos e os 15 bilhões de anos do Universo, mesmo não sendo fácil não é algo impossível. Há que se usar a sabedoria da tradição e o conhecimento da ciência, afirma Gerald L. Schroeder. Ou unificamos o sagrado e o profano ou, alternativamente, nos resignamos em escolher entre a compreensão da história cósmica pela via da ciência ou pela interpretação da bíblia.

A ciência e a religião buscam a mesma coisa: a verdade. Mas, para interpretar o que há (em comum ou diferente) entre o Divino e o natural, precisamos ir além dos textos sagrados. Buscar a origem do universo exige, sem necessariamente a exclusão do Gênesis, que se dê um passo a mais do que está contido na bíblia. Ignorando os ensinamentos científicos sobre a natureza corremos o risco de retroceder a Galileu Galilei e, sem alternativas, admitirmos que a Terra é o centro do universo. O entendimento de coisas como o princípio da incerteza de Heisenberg, do conceito de entropia e de alguns aspectos básicos da teoria da relatividade de Einstein ainda é necessário para uma compreensão do dia a dia dos encarnados.

Ninguém minimamente informado pode desconhecer os 15 bilhões de anos que são presumidos como a idade do universo. Tampouco que habitamos um planeta chamado Terra que data de 4,5 bilhões de anos atrás, que viu surgir, entre 3,5 e 4,0 bilhões de anos, os primeiros organismos vivos, na forma de bactérias e algas azuis, e que, mesmo sendo contestada, não se conhece explicação melhor que a teoria da evolução das espécies para a criação de toda a diversidade das formas de vida dos tempos atuais.

Um literalista radical (ou um leitor superficial do Gênesis) entende que não existiu um homem pré-histórico. O primeiro homem, na sua visão de mundo, foi Adão e ponto final. Para esses, os 60 mil anos do homem de Neanderthal não são mais que um erro de 54.300 anos. Biblicamente falando, o conceito de homem seria aplicável a Adão e seus descendentes. A validade desse tipo de interpretação não necessita de prova. Aceita-se, meramente, por rejeição das teses científicas ou por uma questão de fé.

Gerald L. Schroeder, mesmo consciente de que a humanidade, fisicamente, não é o centro do universo, achou um jeito para que os seis dias da criação (do nada até Adão) não pareçam excludentes em relação aos achados científicos.

Começou abandonando o literalismo do texto bíblico e os ensinamentos de Sir Isaac Newton, que impregnado pelo determinismo, nos legou um conjunto de leis naturais previsíveis. Adotou o referencial de espaço-tempo, da relatividade de Einstein, e os seis dias ou os 15 bilhões de anos, com tudo começando e finalizando no mesmo instante, puderam ser harmonizados.

De uma coisa eu não duvido: o mundo já era muito velho quando Adão, eu e você, caro leitor, chegamos por aqui.

Data : 15/12/2011

Título : Entre Newton, Ortega y Gasset e o Eclesiastes

Categoria: Artigos

Descrição: Um aforismo atribuído a Isaac Newton, uma assertiva construída (incorretamente construída, frise-se) a partir da obra “La rebelión de las masas”...

Entre Newton, Ortega y Gasset e o Eclesiastes

por Gilberto Cunha

Um aforismo atribuído a Isaac Newton, uma assertiva construída (incorretamente construída, frise-se) a partir da obra “La rebelión de las masas”, do filósofo espanhol José Ortega y Gasset (1883-1955), e uma explicação derivada das muitas possibilidades de comportamento humano (incluindo-se as vaidades) contempladas no livro de Eclesiastes têm servido de hipóteses de pesquisa em diversos estudos bibliométricos que, por meio de análises de citações e de conteúdos, buscam avaliar aquilo que muitos entendem por qualidade da produção acadêmica, quer seja de um cientista individualmente, de uma instituição ou de um país.

Isaac Newton (1643-1727) teria dito que “se eu fui capaz de ver mais longe é porque estava de pé nos ombros de gigantes”. Esse aforismo newtoniano transposto para o universo das métricas bibliográficas computadas a partir de bases tipo Science Citation Index da Thomson Reuters, Scopus e Web of Science não seria diferente da afirmação de que os artigos científicos que possuem um grande número de citações, portanto impactos elevados, segundo

essa lógica, também usariam artigos científicos de impacto elevado (muito citados). Em resumo, paper de elite, no jargão da comunidade científica, usa como embasamento teórico também papers de elite.

A chamada hipótese Ortega (a denominação mais adequada seria hipótese Ortega y Gasset), aparentemente, se não fosse construída de maneira equivocada, representaria o inverso do aforismo de Isaac Newton. Os sociólogos Jonathan R. Cole, da Universidade Columbia, e Stephen Cole, da Universidade Estadual de Nova Iorque (SUNY), ou simplesmente Cole & Cole, publicaram na edição de 27 de outubro de 1972 da revista *Science*, um artigo denominado "The Ortega Hypothesis", que alcançou grande repercussão e desdobramentos analíticos posteriores. Segundos eles, a hipótese foi construída a partir da obra "La rebelión de las masas", de José Ortega y Gasset, publicada em 1929, sendo assim sintetizada: "La ciencia experimental ha progresado en buena parte merced al trabajo de hombres fabulosamente mediocres, y aun menos que mediocres". Infelizmente para a tropa de arraias miúdas da ciência, os próprios autores, Cole & Cole, encarregariam-se, no sentido popperiano, de rejeitá-la, pois concluíram que a análise bibliométrica sugere que apenas uns poucos cientistas contribuem para o progresso da ciência. Ou pior, quando, nas conclusões, estabelecem que ter 80% da comunidade científica ocupada em produzir 15 ou 20% dos trabalhos que são efetivamente usados em descobertas relevantes pode não ter justificativa, sendo assim, forçados a admitir que uma redução no número de cientistas pode não implicar em diminuição da taxa de progresso científico.

Rejeitada a hipótese Ortega ficou clara a impossibilidade rejeição do aforismo de Newton (que não é a mesma coisa que aceitação, entenda-se). No fundo, ambos não são diferentes, pois Cole & Cole, deliberadamente ou não, fizeram uma leitura equivocada da obra de Ortega y Gasset. O filósofo espanhol é conhecido por ser um elitista de escol. No já mencionado livro "La rebelión de las masas", inclusive, postula que dada à massificação da sociedade contemporânea, a liderança social deve caber a uma minoria intelectual aceita pelos demais cidadãos. O antigo diretor-geral da biblioteca do parlamento da Hungria, Endre Száva-Kováts, em exaustiva análise do artigo de Cole & Cole, publicada no *Journal of Information Science*, v.30, n.6, p.596-508, 2004, desconstruiu a hipótese Ortega, mostrando que, na sua elaboração, houve falsificação (com montagem e exclusão de frases) do texto de Ortega y Gasset. Assim, rejeitar a hipótese Ortega não é diferente que não discordar do elitista José Ortega y Gasset ou de Isaac Newton.

O mundo da ciência é maior que o das métricas bibliográficas, por isso cautela com conclusões apressadas. Tipo: se, no caso concreto, a hipótese Ortega não é rejeitada, a conclusão inevitável, é que a ciência é mais bem servida por um maior número de cientistas, mesmo não sendo esses de alto desempenho. Ou, na situação inversa, quando rejeitada, o mais adequado é limitar a aplicação dos recursos aos poucos e melhores cientistas. (continua ...)

O Nacional

Quinta-Feira, 15/12/2011

Data : 10/05/2019

Título : Entre o trem e o rabeção

Categoria: Artigos

Quem passa pelo Cemitério Municipal Vera Cruz e arredores não tem como imaginar que, naquele local, não fosse pelo inusitado desfecho de uma disputa político-partidária entre chimangos e maragatos, no contexto da Revolução de 1893, no lugar de rabeções carregando defuntos e pessoas chorando os mortos, em tese, teríamos, durante boa parte do século XX, locomotivas fumegantes puxando vagões e burburinho de gente chegando ou saindo da cidade. Em vez do “campo santo”, pelo projeto original da comissão chefiada pelo engenheiro João Teixeira Soares, aquela área fora, inicialmente, a escolhida para sediar o terminal ferroviário local, envolvendo a estação de passageiros e cargas e uma gare (garagem e oficinas para locomotivas e vagões).

A tese, esposada pelo historiador Ney Eduardo Possap d`Avila, apesar de não ter merecido consideração na historiografia oficial do município, é que, essa mudança radical de planejamento, não aconteceu por acaso. Como entender a mudança do traçado original da via férrea e da localização do terminal ferroviário? Qual a justificativa para a construção da Estação e Gare em local, na época, afastado da cidade e, para agravar, perto de um cemitério? Impossível, segundo Ney d`Avila, se dissociado do acirramento dos confrontos entre Liberais-Federalistas, de um lado, e Republicanos, do outro.

Passo Fundo, cujo início do povoamento por Cabo Neves, em 1827, deu-se nos arredores da Praça Tamandaré, foi elevado de vila para cidade a 10 de abril de 1891; não por acaso o dia aniversário do Coronel Gervasio Lucas Annes. Era o sinal claro que os Liberais, que haviam dominado a política local durante a monarquia tiveram o seu lugar ocupado pelos Republicanos, em tempos de Júlio de Castilhos. Na esfera passo-fundense, digladiavam-se os seguidores de Gervasio Lucas Annes, alçado ao posto de Coronel da Guarda Nacional, e os adeptos de Antônio Ferreira Prestes Guimarães, futuro general do Exército Federalista. Porém, mais do que Prestes Guimarães, o alvo principal dos chimangos era o seu correligionário mais próximo, o comerciante Antônio José da Silva Loureiro, de alcunha Barão, um personagem proeminente durante a monarquia.

Ney d'Avila usa, especialmente, para a construção da sua tese historiográfica, a tradição oral que tem sido perpetuada pelos membros da família Annes. Entre essas, o relato que lhe fez o médico Sérgio Paulo Melo Annes (1918-2016), em 2007, ao confidenciar que, sim, houve a intervenção do seu tio-avô, Gervasio Lucas Annes, para a mudança do plano inicial do traçado férreo e da localização da Estação e que, também, foi ele quem determinou a construção do Cemitério Público no Potreiro do Barão. E, em adição, os escritos de Alceu Oliveira Annes, na obra Genealogia Lucas Annes, onde, na página 211 da versão de 06/01/2012, pode ser lido que “quando o Barão retornou a Passo Fundo, depois da Revolução de 1893, após permanecer alguns anos no Uruguai, alguns correligionários, foram ao Cel. Gervasio, dizendo-lhe de sua intenção de fazerem um desafio, ou algo que magoasse profundamente o recém-chegado. (...) - Não façamos isso! Temos que fazer algo pior! Disse o Cel. Gervasio. O quê Coronel? Dar-lhe uma sova? - Algo pior! Tornou a dizer o Cel. - Devemos matá-lo? - Algo ainda pior! - Mas então o quê Coronel? - Vamos causar-lhe prejuízo! Vamos construir um cemitério em seu campo (...) Assim o Cel. Gervasio satisfazia às reivindicações dos correligionários mais extremados, enquanto resolvia problemas da cidade, cujo antigo cemitério católico, situado onde hoje é o Banrisul da Av. General Neto, ficara pequeno e encravado entre residências. ”

Tudo indica que, para agradar a cúpula local do Partido Republicano Rio-Grandense, o traçado da linha férrea foi alterado, o terminal ferroviário foi construído no local onde, hoje, temos o Parque da Gare, e, em 1º de janeiro de 1902, era inaugurado do Cemitério Vera Cruz. Um cemitério, apesar do nome, não-confessional, seguindo os ditames da República, nas terras de Antônio José da Silva Loureiro, o Barão.

Data : 25/04/2014

Título : Entre Peter e Dilbert, há coisa pior

Categoria: Artigos

O chamado Princípio de Peter nasceu com a publicação, em 1969, do livro homônimo, “The Peter Principle – Why Things Always go Wrong”, pelo professor da área de educação da University of Southern California, Laurence Johnston Peter (1919-1990), em parceria com o jornalista Raymond Hull. Desde então, mesmo os autores não fazendo parte do grupo dos gurus do mundo dos negócios, tornou-se um clássico na área de gestão empresarial. Em resumo, estabelece que, nas organizações burocráticas e hierarquicamente estruturadas,

os funcionários/empregados tendem a ser promovidos até ao seu nível de incompetência. Ou, podendo significar também que, em uma organização qualquer, com o tempo, cada cargo tende a ser ocupado por um funcionário/empregado que é incompetente para executar as suas funções. E como nessas organizações, particularmente as públicas, rebaixar funcionário/empregado não é algo habitual (quando não impedido por lei), as pessoas permanecem nessas posições, em prejuízo da instituição. É exatamente a isto que Laurence Peter e Raymond Hull denominam de nível de incompetência - o nível a partir do qual as pessoas não têm competência para a posição que ocupam.

Apesar da aparência de sátira, há lógica no Princípio de Peter. A trajetória profissional de muitas pessoas serve como demonstração cabal. Nada garante que alguém promovido pelo bom desempenho num cargo terá êxito no novo, em que são exigidas habilidades diferentes. O exemplo clássico é o do empregado promovido a gerente sem ter qualificações para tal, fazendo com que a empresa perca um empregado competente e ganhe um gerente incompetente. A consequência (inaceitável), levando-se ao extremo a visão fatalista desse princípio, é que, com o tempo, toda a estrutura deste tipo de organização seria ocupada por incompetentes, conforme expressa o título de umas das traduções brasileiras do livro de Peter e Hull, "Todo Mundo é Incompetente, Inclusive Você".

A ideia do Princípio de Peter foi adaptada pelo quadrinista Scott Adams, que criou o Princípio Dilbert (em artigo no Wall Street Journal em 1994 e em livro de 1996). Pelo Princípio Dilbert: os funcionários mais ineficazes são sistematicamente transferidos para onde podem causar menos danos, a gerência. Quem acompanha as tirinhas de Scott Adams publicadas nos jornais sabe que Dilbert é um anti-herói, que vive mergulhado em burocracia e cercado de incompetência, passando a maior parte do dia (como a maioria de nós) agindo feito um idiota. A escolha parece difícil (até porque, no fundo, é a mesma coisa): o incompetente de Peter ou o idiota de Adams? O desfecho inevitável, por esses princípios, é a remoção/demissão dos empregados em foco, pois, do contrário, a organização afundaria, quando a quantidade de incompetentes/idiotas em seus quadros atingisse certa massa crítica.

Nem Peter e nem Dilbert. Por maior que sejam as suas aparências de veracidade, esses princípios são desmentidos com facilidade. Promoções malsucedidas não encontram explicação nesses princípios. Primeiro por serem conceitos demasiados simplistas. Desempenho insatisfatório em certas situações não é algo raro. A seleção/escolha da pessoa certa para o cargo certo tem responsabilidades superiores (pessoas, comitês de busca, etc.). O clima de zero erro ou zero fracasso, mais inibe a iniciativa das pessoas (pelo temor) do que melhora o desempenho das organizações. Também a história está repleta de "incompetentes" que, depois de fracassos, se revelaram grandes sucessos. Por enquanto, os princípios de Peter e de Dibert, pelo que parece, mais têm servido para justificar a vibração de desafetos, que se inebriam com a ideia de que o chefe chegou a um ponto em que, inevitavelmente, passará a demonstrar incompetência.

O maior desastre em uma organização não é a incompetência/idiotice do chefe, nos moldes do Princípio de Peter e/ou do Princípio Dilbert. É, especialmente, uma questão de idoneidade moral do gestor. Uma pessoa psicologicamente deformada, quando ocupando posições gerenciais elevadas, distorcendo fatos,

perseguindo desafetos e fazendo denúncias públicas que acabam levando anos para serem demonstradas como falsas pode causar estragos de proporções muito maiores do que é capaz de fazer qualquer incompetente/idiota.

Data : 17/02/2017

Título : Et tu, FDP!

Categoria: Artigos

São da lavra de Shakespeare (e não de historiadores, como seria presumível), os relatos mais conhecidos dos acontecimentos que marcaram os últimos e conturbados dias do governo de Júlio César em Roma. O texto do Bardo, escrito por volta do ano 1599, é tão convincente que muita gente não consegue distinguir o que é ficção e o que é história real nessa tragédia clássica. A peça, originalmente chamada “The Tragedie of Julius Caesar”, ainda que pareça, pelo título, não trata propriamente do ditador romano. César é morto no início do terceiro ato. Essa tragédia shakespeariana, que centrou o protagonismo da história em Marco Júnio Bruto e seus conflitos mais íntimos - patriotismo, honra e amizade - foi levada aos palcos isabelinos como forma de reflexão sobre a preocupação que tomava conta da Inglaterra, na época, governada por uma rainha idosa que se recusava a indicar um sucessor; espalhando, entre os súditos, o temor de que, a exemplo do ocorrido em Roma, uma guerra civil fratricida poderia acontecer após a sua morte.

O texto de Shakespeare é, em boa parte, uma interpretação fantasiosa dos escritos dos historiadores romanos Plutarco e Suetônio. Mas, por retratar, como poucos, o lado trágico da alma humana na busca pelo poder, tornou-se indispensável; especialmente nos tempos atuais. Não faltam, nesse enredo, os ingredientes básicos do nosso dia a dia, quer seja no universo político, no ambiente familiar ou no mundo das corporações: conspiração, tramoias, traições, jogos de interesse e discursos eivados de ingênuas e/ou falsas boas intenções, não raro, envolvendo cidadãos honrados, a exemplo dos senadores romanos. O motivo aparente era salvar a República e a democracia em Roma. Mas, no fundo, o que os senadores romanos queriam era poder, fama e vingança. Ficaram com a vingança, César morto foi endeusado e ficou com a fama e os romanos, com a derrota de Marco Antônio imposta por Otávio, uma vez tendo sido decretado o fim da República, passaram a ser governados por imperadores tiranos.

Alguns dos versos mais conhecidos e proféticos de Shakespeare foram pronunciados por Cássio, diante do cadáver de César: “Quantas épocas por vir/

Será esta nossa elevada cena de novo encenada/em estados ainda não nascidos e sotaques ainda desconhecidos”. Que cena seria essa? Muito provavelmente (por ser a minha preferida, admito) aquela que, ignorando o aviso de um vidente, que, no meio da multidão, grita “Cuidado com os Idos de Março!”, e, contrariando a sua própria intuição e pedido da esposa, César dirige-se ao Senado para encontrar a morte naquele 15 de março do ano 44 a.C.

Há um clima de horror indescritível na cena da morte de César. E o cume, para mim, é quando, um César, acossado pelas punhaladas, consegue divisar, entre os rostos dos seus algozes, a figura de Marco Júnio Bruto (o seu protegido), e esse, sem piedade, desfere a 23ª e fatal punhalada. É nesse momento que Shakespeare faz Cesar proferir a famosa frase “Também tu, Bruto!” (em bom latim, Et tu, Brutus!); antes de cair, sugerindo que a traição destruiu a vontade de César de viver.

As palavras de Cássio e a cena da morte de César, muito provavelmente, inspiraram Jorge Luis Borges a escrever o miniconto (dois parágrafos apenas) “La Trama”, cuja essência, frisa Borges, é que ao destino agradam as repetições. E assim se dá, no sul da Província de Buenos Aires, a história de um “gaucho”, que é agredido por outros “gauchos” e, ao cair, reconhecendo um afilhado, surpreso e mansamente lhe diz: “Pero, Che!”. O matam e ele não sabe que morreu apenas para que se repetisse uma cena que fora escrita por Shakespeare dezenove séculos antes.

Tanto o César de Shakespeare quanto o “gaucho” de Borges, pela polidez em momentos tão dramáticos, soam demasiados inverossímeis nessas falas. Acredito que, como essas eram palavras para serem ouvidas e não para serem lidas, como destacou Jorge Luis Borges no seu conto, o mais provável é que, sempre no sentido figurado evidentemente, o “gaucho” tenha dito “Pero, Hijo de una P...!” , e César “Et tu, Filho da P...”.

Data : 26/01/2011

Título : Eu tive um sonho e não eu tive um pesadelo, disse Martin Luther King

Categoria: Artigos

Descrição: Duvido que exista alguém no mundo, pelo menos alguém minimamente informado, que já não tenha ouvido a expressão “mudança climática” e que não saiba alguma coisa sobre o que ela significa. No entanto, e disso eu não tenho nenhuma dúvida, apesar de todo o esforço de comunicação despendido sobre esse tema e os perigos que representa...

Eu tive um sonho e não eu tive um pesadelo; disse Martin Luther King

Duvido que exista alguém no mundo, pelo menos alguém minimamente informado, que já não tenha ouvido a expressão “mudança climática” e que não saiba alguma coisa sobre o que ela significa. No entanto, e disso eu não tenho nenhuma dúvida, apesar de todo o esforço de comunicação despendido sobre esse tema e os perigos que representa, poucos, mas muitos poucos mesmo, na maioria eu me incluo, fizeram algo para mudar seus hábitos e modo de vida, embora conscientes de que esses hábitos são causas dos perigos que a mudança do clima nos reserva. Não me refiro a grandes mudanças, mas a coisas mínimas, tais como usar mais transporte coletivo e menos veículos individuais, usar mais embalagens retornáveis e menos sacolas plásticas descartáveis, gastar menos tempo no banho, fechar torneiras enquanto escova os dentes, desligar lâmpadas ao sair das salas, etc.

É algo que se sobressai, à primeira vista, que, nos últimos 20 anos pelo menos, não faltaram alertas, encontros diplomáticos, discussões e relatórios científicos, campanhas educacionais, etc, sobre os riscos e perigos da mudança do clima/aquecimento global e, não obstante tudo isso, o impacto na mudança de atitude, quer seja individual ou coletivamente no âmbito político, tem sido pequeno ou aquém do esperado. Por quê? São vários os motivos, começando pelo fato de o aquecimento global ser um problema diferente de qualquer outro na área ambiental. Tanto em termos de escala, que é global (atinge o planeta todo) quanto por estar mais afeto ao futuro e menos ao presente. Em razão disso é que, em relação ao tema da mudança do clima, ficamos com a impressão de estar lidando com perigos abstratos e que não fazem parte do nosso dia a dia. E mais: enquanto isso há uma vida a ser vivida com todos os seus prazeres e pressões. E nesse campo o que não faltam são argumentos do tipo: “isso não está cientificamente provado”, “não vou mudar se os outros não mudarem”, “o que eu fizer individualmente não fará a menor diferença” ou “um dia eu mudo”. Infelizmente, pode ser tarde demais esperar que os problemas tornem-se concretos para só então começarmos a fazer algo a respeito.

Os problemas que advirão com o aquecimento global, apesar da reconhecida ameaça, não fazem parte do nosso cotidiano imediato. Por isso saem do plano de urgência e ficam no subconsciente. Nosso comportamento, em relação a isso, se enquadra perfeitamente naquilo que os psicólogos sociais chama de “desconto do futuro”. É difícil atribuir o mesmo nível de realidade ao futuro que ao presente. Uma pequena recompensa no agora costuma ser mais atrativa e facilmente aceita que uma maior no futuro. Por essa razão, por exemplo, um adolescente começa a fumar, apesar do alerta expresso na embalagem, que o cigarro pode causar câncer nos pulmões. A ameaça, em tese, é para depois dos 40 anos de idade. E quem pensa que chegará aos 40 anos, quando temos 15?

A mudança climática é real, perigosa e causada pela atividade humana; segundo consenso na comunidade científica. No entanto, apesar da maioria dos cientistas aceitar a mudança do clima como um fato, há os chamados céticos aquecimento global que insistem em afirmar o contrário e atribuir os sinais já diagnosticadas

a causas naturais e não em decorrência da atividade humana ter sido responsável pela elevação dos gases causadores do efeito estufa na atmosfera.

Há necessidade de desenvolvermos uma consciência política dos riscos inerentes à mudança do clima global e de responder a eles politicamente de forma positiva. É errado imaginar que o uso do enfoque da ameaça de tragédias, privações, catástrofes, etc. pode dar um melhor resultado na conscientização de curto prazo da população em relação aos perigos da mudança do clima. Se fosse assim, as campanhas contra o uso de drogas teriam um efeito imediato e avassalador. Precisamos criar, na opinião do professor Anthony Giddens, da London School of Economics, autor do livro “A política da mudança climática”, um modelo positivo de futuro, centrado em uma economia de baixa emissão de carbono, porém embasado em inovação tecnológica e não em retorno ao mundo natural; como pregam alguns ambientalistas. Segundo ele: “Eu tive um sonho e não eu tive um pesadelo”; disse Martin Luther King.

Precisamos, antes de qualquer coisa, positivamente, incentivar uma onda de inovação tecnológica para fazer frente à mudança climática.

Do Jornal

O Nacional

26 de Janeiro de 2011

Data : 06/10/2010

Título : Exames de qualificação

Categoria: Artigos

Descrição: Dizem que não existe nada mais terrível, na vida, do que os exames de qualificação para os candidatos a um título de Ph.D. por universidades dos EUA.

Exames de qualificação

Gilberto Cunha

Dizem que não existe nada mais terrível, na vida, do que os exames de qualificação para os candidatos a um título de Ph.D. por universidades dos EUA.

O temido “qualifying exam”, praticamente um rito de passagem, quando o sujeito deixa de ser um mero número de matrícula e se torna, de fato, um candidato ao grau acadêmico em questão. Não é unânime, mas essa é a opinião de muitos que por lá se aventuraram e trouxeram na mala, além do diploma, histórias de deixar qualquer mortal arrepiado. Vale a pena ouvir o que esse pessoal tem a dizer. São experiências vividas ou presenciadas, e muitas delas bastante sofridas. Verdadeiras batalhas travadas, as vezes em ambientes extremamente hostis, por indivíduos que tem como arma apenas o seu conhecimento. O objetivo da luta desesperada é um só: não fracassar na conquista de um título acadêmico.

Um amigo de longa data, que viveu o inferno do “qualifying exam”, confidenciou-me algumas destas histórias que, vistas de fora, seriam hilariantes, se não fossem trágicas para quem as viveu. Tipo: a do candidato que, após um breve intervalo do exame de qualificação, voltou completamente sem roupas e não dizendo coisa com coisa. Ou, a de um outro, que, na véspera da prova, procurou um amigo e foi objetivo, direto e muito claro: “ou tu me mata, ou eu te mato”. Estas passagens se somam a outras tantas, como naquele exame que, na primeira pergunta, antes que o candidato conseguisse balbuciar qualquer coisa, o orientador foi taxativo: “ou responde esta, ou está reprovado”. Ilustra bem o quanto pode ser difícil e doloroso, para alguns, passar no tal exame de qualificação. Vencida essa etapa, antes do título almejado, ainda falta a defesa de tese. E quando o assunto é defesa de tese, também não faltam episódios pitorescos. Um verdadeiro clássico e com as devidas distorções das versões passadas de boca a boca foi protagonizado pelo renomado físico Mário Schemberg. Consta que participando de uma banca de tese, após cumprimentar o candidato e o orientador ele teria dito algo mais ou menos nos seguintes termos: “A tese trás novos e bons resultados. Só que os novos não são bons e os bons não são novos”. Uma síntese definitiva, válida tanto para algumas teses defendidas no Brasil quanto em qualquer lugar do mundo.

Um outro acontecimento, verdadeiramente antológico, folclore da UFRGS, aconteceu no tempo das famosas teses de livre docência. Em uma época, cuja valoração máxima de uma obra era tê-la encadernada com capa de couro, com o nome do autor e o título gravados em letras douradas, para exposição perpétua nas estantes das bibliotecas. Pois, foi por ocasião da defesa da dita tese que um membro da banca teria, em alto e bom som, expresso a sua mais sincera opinião: “... esta tese é digna de ser encadernada com couro. Mas, com couro de burro e tirado do couro do autor.” Desnecessário dizer que o episódio deixou sequelas e ódios para resto da vida. Verdade ou ficção, não importa.

Para alguns o mais difícil de tudo é o exame de qualificação, e para outros a defesa de tese é o pior. Admitamos que ambas opiniões estão certas e as duas coisas difíceis, trabalhosas e extenuantes, mas não impossíveis. Está aí um grande contingente de titulados que passaram por estes exames, como prova cabal disto. E, com toda certeza, não formam uma comunidade de gênios.

Exames escolares considerados terríveis sempre existiram. O pessoal de mais de 50 anos deve se lembrar dos exames de admissão ao ginásio. Até cursinhos preparatórios alguns aspirantes às melhores escolas frequentavam. Depois veio o drama do vestibular das universidades federais, do ingresso em cursos de elite das universidades privadas e, hoje, o ENEM. Em cada etapa do processo educacional de um indivíduo, as dificuldades serão maiores ou menores,

dependendo de quão sólida é a base dos conhecimentos adquiridos, ou que deveriam ter sido adquiridos, nas fases anteriores. E assim vai: ensino fundamental, ensino médio, graduação, mestrado e doutorado. O primário mal feito deixa sequelas que comprometem todo o processo. Não impede a caminhada, mas dificulta bastante.

O Nacional

Quarta-Feira, 06/10/2010

Data : 26/03/2011

Título : Expodireto – Repercussão

Categoria: Artigos

Descrição: Argeu Santarém (1944-2010), dono do mais esmerado texto da imprensa local, costumava, com certa frequência, em colunas de O Nacional, fazer referência aos seus 18 leitores.

Expodireto – Repercussão

por Gilberto Cunha

Expodireto – Repercussão

Argeu Santarém (1944-2010), dono do mais esmerado texto da imprensa local, costumava, com certa frequência, em colunas de O Nacional, fazer referência aos seus 18 leitores. Eu, nessa última semana, depois de 15 anos como colunista de ON, posso dizer, com certeza absoluta, que tenho quatro leitores, pois, no período de três lustros, esse foi o maior número de pessoas que deram algum retorno sobre algo que eu escrevi aqui nesse jornal. A coluna em questão foi a de sábado passado (19), que tratava da origem da Expodireto (atual Expodireto Cotrijal) e fazia menção ao evento como um dos legados deixados por Gilberto de Oliveira Borges. Entre elogios pela lembrança, agradável, que o texto proporcionou aos amigos e familiares do Gilberto Borges, também recebi valiosa contribuição em termos de resgate das raízes deste evento, que, depois de 12 edições (11 sob o nome Expodireto Cotrijal), e pelo número de expositores e de visitantes e pelo valor de negócios firmados é, reconhecidamente, uma das mais importantes feiras de tecnologia e negócios da agropecuária brasileira. Aliás, sobre a história da Expodireto, recomenda-se a leitura do excelente texto/documento produzido pelo professor Elmar Luiz Floss, publicado na Revista Somando, edição de março de 2011.

Raízes da Expodireto

A Expodireto, indiscutivelmente, apesar das suas especificidades, sofreu algum tipo de influência de eventos similares, como O Show Rural Coopavel, criado em 1989, e o Agrishow, de Riberão Preto, que vinha sendo realizado desde 1993. Localmente, não se ignora que a Agropasso, evento realizado por ocasião da 6ª edição da Efrica, em 1997, sob coordenação de Ronald Bertagnolli, envolvendo uma dinâmica de máquinas e equipamentos para o sistema plantio direto, foi, de certa forma, absorvida no contexto da 1ª Expodireto, que ocorreu na área do CRES (Centro Rural de Ensino Supletivo), no município de Carazinho, em 1989, sob a batuta de Gilberto Borges, numa parceria com a Emater-RS. A edição seguinte aconteceria em Não-Me-Toque, com a Cotrijal, baseada na visão empreendedora de seus dirigentes, abraçando a feira idealizada por Gilberto de Oliveira Borges. A Agropasso foi extremamente prejudicada pelo excesso de chuvas em 1997. Aquele ano foi marcado pelo fenômeno El Niño mais forte do século 20.

Obra e autor local

Gilberto de Oliveira Borges, além dos legados que deixou em prol do desenvolvimento do sistema plantio direto no Brasil, também fez incursões pelo mundo da literatura de ficção. Em 1966 ele publicou, pela editora do Instituto Social Pe. Berthier, o romance Uma Terra à Procura do Céu. Uma obra de fôlego para um jovem escritor, com 319 páginas, em que passagens históricas locais, envolvendo as revoluções da primeira metade do século 20 e personagens bem ao estilo da gente real da região, se imiscuem com a mitologia grega, envolvendo um violento Complexo de Édipo como pano de fundo do enredo. Na análise do escritor Paulo Monteiro, Gilberto Borges entrou para a história da literatura passo-fundense como a melhor promessa de ficcionista que tivemos. E foi pena que tenha ficado apenas na promessa e num único romance, cujos exemplares remanescentes são, hoje, raridades nas mãos de bibliófilos.

Plantio Direto no Brasil

O livro “Plantio Direto no Brasil”, publicado pela Editora Aldeia Norte, na época dirigida por Gilberto Borges, em 1993, foi uma das primeiras obras de compilação das contribuições das pesquisas realizadas no Sul do Brasil para o desenvolvimento do Sistema Plantio Direto – SPD. Foi editada pela Embrapa Trigo, Fundacep e Fundação ABC, tendo como membros da comissão editorial os pesquisadores Edar Peixoto Gomes, Rainoldo Kochhann e Dirceu Gassen, da Embrapa Trigo, e Gilberto Borges, da Editora Aldeia Norte.

“Agropasso, evento realizado por ocasião da 6ª Efrica, em 1997, sob coordenação de Ronald Bertagnolli, faz parte das raízes da Expodireto.”

O Nacional

Sábado, 26/03/2011

Data : 28/07/2011

Título : Fahrenheit e o termômetro

Categoria: Artigos

Descrição: Galileo Galilei foi, sem dúvida, um dos maiores sábios da humanidade.

Fahrenheit e o termômetro

por Gilberto Cunha

Galileo Galilei foi, sem dúvida, um dos maiores sábios da humanidade. A sua convicção científica de que a Terra girava ao redor do Sol, e não o contrário, como se pensava na época, levou-o a enfrentar os temíveis tribunais de Inquisição. Todavia, Galileo também tinha outras preocupações. Dentre essas, o que significava dizer que uma coisa era fria ou quente? Como determinar isso objetivamente? Foi buscando uma solução para esse questionamento que ele, nos anos 1590, inventou o termômetro. Sendo, desde essa invenção, feitas várias tentativas para o seu aprimoramento. Porém, até por volta de 1714, todos os termômetros eram construídos da mesma forma: um tubo de vidro fechado, com um líquido em seu interior, contendo um traço de referência aleatório, que podia estar no topo, no meio ou na base. As temperaturas eram tomadas de forma relativa ao citado traço. Isto é, mais quente ou mais frio, caso a coluna se expandisse acima do traço ou ficasse abaixo deste, respectivamente. Em função disso, dificilmente eram encontrados dois termômetros que marcassem a mesma temperatura.

Esse fato intrigava o espírito criador do físico alemão Gabriel Daniel Fahrenheit, que decidiu acabar com essa confusão. Ele recolheu o máximo de termômetros que conseguiu e constatou o que já era esperado, ou seja, não havia dois termômetros iguais.

A primeira contribuição de Fahrenheit foi escolher o mercúrio (Hg) como o líquido mais adequado para os termômetros. A segunda, e definitiva, foi a invenção da escala de temperatura, possibilitando que dois instrumentos independentes indicassem temperaturas iguais, quando expostos à mesma condição.

Uma questão de ordem prática que preocupou Fahrenheit era onde colocar as marcas no tubo de vidro do termômetro. Para isso, buscou uma temperatura de referência bastante baixa para a marca inferior. Colocou gelo misturado com água e sal em um recipiente, mergulhou o termômetro na solução e ficou observando a coluna de mercúrio descer; quando parou, fez uma marca naquela posição.

A marca inferior (baixa temperatura) estava definida. Faltava ainda a marca superior (alta temperatura). Fahrenheit cogitou uma série de alternativas: exposição ao sol de meio-dia ou achama de uma vela, entre outras. Todas foram abandonadas por não serem perfeitamente reproduzíveis. Até que, um dia, teve a ideia de usar a temperatura do corpo humano para o limite superior. Empolgado com a ideia, passou a medir a temperatura de crianças, adultos, parentes, amigos, e mesmo de qualquer pessoa que encontrasse na rua, estabelecendo a temperatura média do corpo humano como a referência superior da sua escala. A partir disso, mediu o comprimento do tubo de vidro do termômetro desde a base até a marca superior, dividiu esse valor em 24 partes iguais, e cada uma delas chamou grau. Assim, a marca inferior ficou no grau 8, e a superior, no grau 24, nesse primeiro termômetro de Fahrenheit.

Mas, Gabriel Fahrenheit ainda não concordava com a sua referência de alta temperatura. Um dia, ferveu água em uma panela e colocou o termômetro dentro. Verificou que essa nova temperatura, bem mais alta que a referência anterior, era reproduzível. Adotou essa nova marca superior, que, seguindo a divisão de graus anterior, ocupava a posição de grau 53. Ainda não ficou satisfeito, pois a divisão de graus era muito grande, não permitindo distinguir duas temperaturas cujas diferenças não fossem acentuadas. Assim, buscando resolver esse problema, ele dividiu cada grau da sua escala por quatro. Desse modo, a marca mais baixa ficou no valor 32 (4 x 8), e a superior em 212 (4 x 53), que são os valores conhecidos da escala Fahrenheit para o ponto de fusão do gelo e para o ponto de ebulição da água.

Corria o ano de 1714, quando Fahrenheit fez essa contribuição definitiva. A escala de Celsius, com a qual estamos familiarizados no Brasil, foi desenvolvida pelo sueco Anders Celsius somente em 1742. A popularização da escala de Celsius deu-se a partir do início do século 19, quando Napoleão Bonaparte proibiu o uso da escala de Fahrenheit nos domínios do império francês.

O Nacional

Quinta-Feira, 28/07/2011

Data : 01/06/2012

Título : FAMV/UPF – O livro dos 50 anos

Categoria: Artigos

Descrição: Foi lançado na semana que o passou o livro “Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária 50 anos

FAMV/UPF – O livro dos 50 anos

Sexta-Feira, 01/06/2012

por Gilberto Cunha

Foi lançado na semana que o passou o livro “Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária 50 anos: 50 anos dedicados ao ensino, à pesquisa e à extensão”, que retrata a história de sucesso da FAMV da UPF. Um documento completo, reunindo informações até então dispersas ou nem mesmo conhecidas pelo público local, ilustrado com fotos raras, a exemplo da aula inaugural, em 26 de maio de 1961, que contou com a presença do então governador do Estado Leonel de Moura Brizola, listas com os nomes de professores, direções e dos graduados em todas as turmas. Acrescente-se ainda, a história da criação do curso de pós-graduação em 1996 (o 1º Mestrado da UPF), do curso de Medicina Veterinária, em funcionamento desde 1997, da Associação dos Ex-Alunos do Curso de Agronomia (Aeca), em 2000, e o do programa de pós-graduação em Bioexperimentação, em 2011; entre tantas outras coisas relevantes nessa trajetória de 50 anos (criação do CEPAGRO, programa de melhoramento genético da aveia, Agrotecnoleite, etc.). Nossos cumprimentos aos organizadores Helio Carlos Rocha e Lizete Augustin pela obra magna que produziram.

Instituições de ensino – Competição

Aliás, nesse momento que se discute a chegada de uma nova Faculdade de Medicina na cidade, vinculada a uma Universidade Federal, vale lembrar o exemplo da FAMV da UPF, para demonstrar que não há qualquer procedência em temer a propalada competição entre instituições, conforme opiniões que tem sido manifestas em algumas rodas de discussão. Instituições privadas/comunitárias, em Getúlio Vargas e Erechim, e federais, em Sertão e Erechim, criaram novos cursos de Agronomia nessas cidades vizinhas a Passo Fundo, e, não obstante, não foi verificado qualquer impacto na procura por vagas pelo curso de Agronomia da UPF. Nesse caso, parece que a excelência institucional do curso de Agronomia da UPF tem sido o fator relevante na competição entre instituições de ensino pela busca dos melhores alunos. Ainda mais, em se tratando de Medicina, um curso que, sabidamente, abundam candidatos e faltam vagas. De qualquer forma, isso não exclui a importância da discussão desse assunto pelas forças vivas da sociedade local, uma vez que Passo Fundo é um pólo na área de saúde de reconhecida competência no sul do País, visando a uma melhor qualificação da cidade e região. É com a busca da excelência que se constrói as futuras Harvards ou Oxfords.

Educação - THE

O Times Higher Education (THE), um dos mais importantes institutos de avaliação do ensino superior no mundo, na sua lista que inclui apenas universidades com menos de 50 anos de existência, contemplou, por primeira vez, duas instituições brasileiras. São elas: a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), com 46 anos, ocupando a 44ª posição entre as 100 melhores, e a Universidade Estadual Paulista (Unesp), com 36 anos, na 99ª posição. No ranking mais conceituado do THE, que lista 200 universidades, independentemente da data de fundação, a Universidade de São Paulo (USP) é

a única brasileira (em 2011, estava no 178º lugar). Não casualmente, todas as instituições mencionadas pelo THE são paulistas.

Agrosustentável

Em clima de Rio+20, começou a circular a nova campanha da Embrapa que visa ao esclarecimento público sobre as tecnologias sustentáveis desenvolvidas pela pesquisa agropecuária brasileira. Na página Internet “www.agrosustentavel.com.br”, com links para diversas mídias sociais, estão postados vídeos, cartilhas e documentos diversos, que se prestam tanto para os iniciados em agricultura quanto para o melhor entendimento do público leigo de que maneira são produzidos os alimentos que consumimos, de onde vem as roupas que usamos e como é gerada a energia que chega até as nossas casas. Recomenda-se, apesar da suspeição da indicação do colunista (por ser pesquisador da Embrapa).

Nossas Canções

Neste sábado (2), às 20h, no Teatro do SESC Passo Fundo (Av. Brasil, 30), o “Coro Trigo em Canto”, com a regência do mastro Ademir M. de Camargo, apresenta o concerto “Nossas Canções”. Os convites estão disponíveis na recepção do SESC. O ingresso vale um quilograma de alimento não perecível, cujo montante arrecadado será doado ao projeto Mesa Brasil – SESC.

Do Jornal

O Nacional

Data : 07/10/2011

Título : Fator de Impacto

Categoria: Artigos

Descrição: Esses documentos surgem no rastro de similares usados por agências congêneres do exterior, como são exemplos...

Fator de Impacto por Gilberto Cunha

Boas práticas na ciência

Depois da Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) ter lançado, em 27 de setembro último, o Código de Boas Práticas Científicas, chegou a vez do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), principal órgão financiador de pesquisa científica no Brasil, anunciar, na terça-feira que passou (4), o seu Manual de Ética Científica, que

deverá ser disponibilizado no site da instituição (www.cnpq.br) a partir da próxima semana.

Esses documentos surgem no rastro de similares usados por agências congêneres do exterior, como são exemplos os manuais da National Science Foundation e dos National Institute of Health dos EUA; do Research Council UK do Reino Unido e da European Science Foundation, em meio a denúncias de fraudes científicas e num ambiente de competitividade exacerbada e acirradas disputas pessoais entre cientistas.

Trazem reflexões sobre a importância da ética nos meios acadêmicos e estabelecem diretrizes de como se fazer ciência, pelo menos, tendo a boa-fé como norma de conduta. Algumas regrinhas parecem simples (mas não necessariamente são) de serem seguidas, como: dar crédito às fontes de consulta ou de fundamentação teórica dos trabalhos/projetos de pesquisa, não “engordar” a lista de autores pela prática do compadrio, não fabricar e/ou, por conveniência, alterar dados, que junto com o plágio e o autoplágio (a arte de multiplicar os pães, escrevendo a mesma coisa muitas vezes) estão entre os casos mais comuns de “crimes” cometidos pelos cientistas. A obrigação das agências de financiamento em zelar pela boa aplicação de seus recursos, especialmente quando públicos, estão na base da justificativa desses novos manuais de boas práticas que, embora de uso corriqueiro nas principais agências de fomento à ciência do mundo, ainda não eram utilizados no Brasil.

Índices bibliométricos

O acirramento da competição nos meios científicos, por espaço individual/institucional e por recursos escassos para financiamento de pesquisas, levou à necessidade de criação de ferramentas de avaliação de qualidade, tanto dos periódicos científicos (revistas especializadas) quanto de pesquisadores individualmente. A velha métrica do número de trabalhos publicados, por várias razões, não parece adequada para captar os sinais dos tempos e, claramente, definir meritocracia em meio a sabujos que inflam artificialmente a sua produção científica. Entre os índices bibliométricos atualmente usados, destaque para o Fator de Impacto e o Fator H.

Fator de Impacto

O Fator de Impacto (FI), proposto por Eugene Garfield em 1955, é um instrumento de avaliação da qualidade das publicações científicas. É usado desde os anos 1960 como critério de seleção dos periódicos a serem indexados pelo Science Citation Index (SCI). O FI é calculado anualmente pelo Institute for Scientific Information (ISI), para as revistas indexadas em sua base de dados. No cálculo do FI é levado em consideração o número de citações recebidas pelos artigos publicados em um periódico em determinado ano, dividido pelo número de artigos publicados no mesmo periódico nos dois anos anteriores. Com base no FI, por exemplo, é construída a lista Qualis Capes, em que os veículos de

divulgação da produção intelectual dos programas de pós- graduação do Brasil são classificados em A1, A2, B1, B2, B3, B4, B5 e C.

Fator de Impacto

Fator H (h-index na literatura inglesa) foi criado pelo físico Jorge E. Hirsch em 2005, com o intuito de avaliação qualitativa de pesquisadores no mundo da física, porém extrapolou esse domínio e passou a ser utilizado como forma de mensurar a qualidade científica do individuo em qualquer área do conhecimento. Inclusive, atualmente, está incorporado à plataforma do curriculum lattes do CNPq. A base de dados Web of Science da ISI calcula automaticamente o Fator H do pesquisador, a partir da quantidade de artigos publicados (carreira) e o número de citações recebidas.

Sábado (8 de outubro) às 16h, na Livraria Nobel da General Osório (rua General Osório, 1.148 - sala 06 – Centro), tem vez mais uma edição do Projeto Pirlimpimpim. Tire suas crianças do computador e leve-as para a Super Hora Do Conto, com a história ELEFANTE?, de Ruth Rocha.

O Nacional

Sexta-Feira, 07/10/2011

Data : 31/07/2005

Título : Fetch

Categoria: Artigos

Descrição: Uma das heranças culturais deixadas pelos celtas aos escoceses foi o mito do Fetch.

Fetch

GILBERTO R. CUNHA

Uma das heranças culturais deixadas pelos celtas aos escoceses foi o mito do Fetch. Trata da duplicidade de visão do mundo que assola os homens momentos antes da morte. Possivelmente, segundo Jorge Luis Borges, este tema serviu de inspiração para Stevenson escrever o clássico romance Strange Case of Dr. lekyll and Mr. Hyde, que, em português, ficou conhecido pelo sugestivo título de "O médico e o monstro". Os títulos, original e tradução, são ilusórios, pois o final

é, seguramente, muito mais assombroso do que, à primeira vista, se poderia imaginar, revelando uma aguda percepção da alma humana.

Robert Louis Balfour Stevenson chegou a ser visto como um mero escritor de livros infantis. Foi necessário meio século, depois da sua morte, para ser reconhecido como um autor original, cujos romances e ensaios estavam além do seu tempo. Hoje, faz parte daquele grupo de intelectuais em que autor e obra se destacam com a mesma intensidade. Uma turma que não se superpõe aos personagens, a exemplo de Byron e Goeth, e tampouco é obscurecida pelas criaturas dos seus escritos, como é característico de Shakespeare.

Stevenson nasceu em Edimburgo, Escócia, no dia 13 de novembro de 1850. Era filho de um engenheiro civil, renomado construtor de faróis. Em alusão a esse fato, Borges, numa referência toda especial, destaca um dos poemas de Stevenson que celebra *the towers we founded and the lamps we lit* (as torres que fundamos e as lâmpadas que acendemos). Não quis seguir a profissão do pai, comprometendo-se a estudar Direito. Nem engenheiro e nem advogado, acabou virando, por vocação, escritor.

Desde jovem Stevenson era doente. Muitas das suas biografias falam em problemas respiratórios. De fato, sofria mesmo era de tuberculose, adquirida em consequência de uma vida boêmia e cheia de conflitos familiares. A convivência mundana lhe proporcionou farto material e inspiração para suas histórias. Na busca de um clima mais adequado para a sua saúde frágil fez muitas viagens. Bélgica, França e Suíça estavam nesses roteiros; sempre escrevendo e pintando. Dizem que, numa dessas ocasiões, ao chegar a uma pousada, junto com seu irmão, era noite, avistou ao redor do fogo um grupo de pessoas. Entre elas havia duas mulheres. Stevenson apontou para a mais velha, dizendo para o seu irmão que iria se casar com ela. Era uma americana, casada, moradora em São Francisco, e se chamava Lloyd Osbourne. Alguns anos depois soube que ela ficara viúva ou se divorciara, dependendo da fonte, o que não faz diferença (exceto para o marido dela).

Viajou até os Estados Unidos, cruzou o país de trem, e pediu Lloyd Osbourne em casamento. Tinha na ocasião 30 anos e foram viver juntos na Escócia.

A partir de 1881, Stevenson dedicou-se exclusivamente à literatura. Produziu e publicou muito. Era o ano de 1883, quando em um outono chuvoso, escreveu o clássico "A ilha do tesouro" (*Treasure Island*), dedicada ao seu filho adotivo, em tantas noites quantos capítulos (34, incluindo o epílogo, conforme a edição brasileira publicada pela Abril Cultural, em 1971). Seu livro mais popular, "O médico e o monstro", tratando das duas naturezas antagônicas da alma humana, saiu em 1886.

Em 1887, buscando tratamento de saúde, Stevenson foi para Nova York, onde encontrou boa receptividade de público e editores interessados. Nessa época escreveu *The Master of Ballantrae* (*O Senhor de Ballantrae*), outra obra que trata da ambigüidade moral.

Motivado, novamente, por problemas de saúde, em 1888, Stevenson empreendeu viagem com a família pelas ilhas do Pacífico Sul. Decidiu então fixar residência em Vailima, Samoa Ocidental, onde viveu o resto da vida e contou com a simpatia e a admiração dos nativos. Nessa fase, escreveu *In the South Seas* (*Nos mares do sul*), *A Footnote to History* (*Nota de rodapé da História*) e a

coletânea de poesia Ballads (Baladas). Também a menos famosa e, para alguns, melhor de suas novelas: The Wreker (O comprador de naufrágios).

O homem que viveu em fuga, na busca de saúde, morreu subitamente em Vailima, no dia 4 de dezembro de 1894.

Da revista

Água da Fonte nº 3

Data : 21/10/2016

Título : Figuras & Palavras

Categoria: Artigos

A catedral, no mundo das artes, é o símbolo do divino (Alphonsus de Guimaraens, o nosso simbolista maior, por exemplo, reforça isso ao se referir a Constança, a noiva morta em 1888, como A catedral ebúrnea do meu sonho...). E, enquanto uns colaboram na construção de templos, outros se resignam a admirar as catedrais alheiras. Todavia, há aqueles que fazem três coisas: colaboram na construção e admiram as obras de terceiros, mas também não abrem mão de erigir as suas próprias catedrais. Entre esses últimos, nos parece, vamos encontrar Mauro José Nodari, que desde 1955, quando chegou a Passo Fundo, tem trabalhado na indústria gráfica local, seja como gráfico de oficina ou, paralelamente, como montador de máquinas gráficas.

Indiscutivelmente, Mauro José Nodari, por intermédio da sua atividade profissional, ajudou/colaborou, indiretamente ou nem tanto, para trazer a lume uma boa parte dos livros que foram publicados pelas editoras/gráficas locais nos últimos 60 anos. E, a par de admirador e conhecedor da literatura local, com a exposição que ora está organizando, FIGURAS & PALAVRAS, de cujo catálogo das obras, no formato de um pequeno livro, tivemos a honra de escrever o prólogo, Mauro José Nodari, pelas esculturas/peças de arte que produziu e pelos textos descritivos que elaborou, também se mostrou exímio construtor de catedrais.

Mauro José Nodari, o gráfico por excelência, o engenheiro mecânico formado pela primeira turma da UPF, o marido da Adelina, o pai de seis filhos, o avô de oito netos e o bisavô de uma bisneta, é um homem que evidencia ter vivido intensamente os seus 76 anos de idade. Irradia felicidade e satisfação com a

vida que teve e tem. E felicidade é algo que não se finge. Inventivo e incansável, Mauro José Nodari, com suas mãos talentosas, foi capaz de transformar em catedrais coisas que, para muitos de nós, não passariam de rejeitos ou lixo mesmo, transmitindo, por meio das obras que criou, mensagens subliminares ou, às vezes, claramente explicitadas, de conotação ecológica forte, que, temos a esperança, possam tocar a sensibilidade de quem tiver o privilégio de conhecê-las, quer seja expostas ou pelas fotografias do catálogo da exposição, que, com o apoio da Associação dos Livreiros de Passo Fundo e da Academia Passo-Fundense de Letras, deverá ser levada ao público por ocasião da 30ª Feira do Livro de Passo Fundo.

As obras produzidas por Mauro José Nodari são exemplos de que podemos ter outro olhar sobre a realidade que nos cerca. As peças metálicas, as sobras, os rejeitos de oficinas mecânicas, como num passe de mágica, deixaram de ser lixo/resto para se transformarem em brinquedos lúdicos, em painéis repletos de mensagens e esculturas de indiscutível valor estético e artístico. O incrível é que, observando as obras de Mauro José Nodari, não podemos deixar de refletir que os materiais usados por ele para levantar as suas catedrais estão por todos os lados no dia a dia de cada um de nós; apenas esperando que alguém lhes dê outro uso. E, nesse caso, quis o destino que esse alguém fosse Mauro José Nodari.

Entre tantas e tão sugestivas peças produzidas por Mauro José Nodari, o colunista escolheu “Adaptação” para descrever nesse espaço: “na forquilha de um troco seco, uma ave (modificada, feita de aço inox) construiu seu ninho, usando tacos e bодоques. Altura: 140 cm; circunferência: 46 cm. Materiais: tronco seco de lima-da-pérsia, aço inox, ovos de pedra, gravetos e fundas.”

Oxalá que cada um que conheça as obras de Mauro José Nodari sintam-se instigado a construir as suas próprias catedrais. Há mais beleza e significados ao nosso redor do que imaginamos. Quem sabe a transformação das coisas desse mundo, de lixo em arte ou de uma realidade marcada pela mesquinhez do individualismo em uma catedral divina da solidariedade, como fez Mauro José Nodari, não esteja apenas esperando uma simples atitude sua e minha, prezado leitor!

Data : 02/03/2018

Título : Florindo e Montaigne

Categoria: Artigos

Foram raras as ocasiões que encontrei Florindo Luiz Castoldi, professor de Estatística da Faculdade de Agronomia da UPF, sem que ele não estivesse com um livro na mão. E com um livro na mão entenda-se, aqui, como uma mera figura de linguagem, pois, na maioria das vezes, ele estava era lendo mesmo. Posso reportar encontros em corredores dos prédios da Universidade, em antessalas de auditórios ou, até mesmo, em locais tão inusitados como no espaço entre as gôndolas dos supermercados locais. Se há alguém que merece o epíteto de LEITOR, esse alguém é o Professor Florindo Castoldi.

Em outubro passado, houve um encontro casual na Rua Uruguai, quase em frente à entrada da Emergência do Hospital São Vicente de Paulo. Cumprimentos protocolares, seguidos de uma conversa rápida e eis que, logo depois da despedida, o Professor Florindo me chamou e perguntou: “Gilberto, tu conhece Montaigne?” Respondi que o conhecia como o mestre do ensaio, que já li partes da sua obra e que não sabia muito mais do que isso sobre esse autor. E ele prosseguiu, dizendo que comprou os famosos Ensaios de Michel de Montaigne e ficou intrigado com a tradução de um trecho do tópico que o escritor se dirige ao leitor, onde, depois de justificar que ele, Montaigne, é o tema retratado na obra, finalizou com a famosa passagem que tem variado conforme a tradução em língua portuguesa que se leia. Montaigne encerrou o tópico com: “Assim, leitor, sou eu mesmo a matéria deste livro, o que será talvez razão suficiente para que não empregues teus lazeres em assunto tão fútil e de tão mínima importância. E agora, que Deus o proteja, ou, dependendo do tradutor, Portanto, adeus, ou A Deus, portanto. De Montaigne, em primeiro de março de 1580.”

A dificuldade, nesse particular, para o Professor Florindo e para os tradutores de Montaigne, tem residido em decifrar a intenção do autor ao encerrar o tópico, uma vez que, para alguns, ele teria escrito (ou intencionado escrever) “A Dieu donc” e, para outros, “Adieu donc”. No sítio internet brasileiro “Domínio Público” (www.dominiopublico.gov.br) podemos encontrar uma edição de “Les Essais”, supostamente fiel ao original, com “A Dieu donq”, e, no repositório similar da França (www.livrefrance.com), uma edição em que consta “Adieu donc”.

Sérgio Milliet (1898-1966), possivelmente o mais conhecido tradutor dos Ensaios de Michel de Montaigne para a língua portuguesa, com a edição clássica, em 3 volumes, publicada, em 1961, pela Editora Globo, de Porto Alegre, usou o “E agora, que Deus o proteja”, mas, em nota de rodapé, esclarece que a frase, realmente, pode prestar-se a confusão, tendo optado pela interpretação do General Michaut para a expressão “A Dieu donc” como “Sur ce, à la grace de Dieu”, em clara alusão ao destino do livro e não de reverência à divindade.

Outros tradutores, caso de Rosa Freire D’Aguiar, na edição portuguesa publicada pela Companhia das Letras/Clássicos Penguin (2010), têm preferido o “Portanto, adeus”. Mas, há, entre outras opções, edições de 2016, como a

tradução de Julia da Rosa Simões, para a LPM, que a opção foi pelo “A Deus, portanto”, além da republicação da tradução de Sérgio Milliet, com revisão técnica e notas de Edson Querubini, um dos principais especialistas em Montaigne no Brasil, pela Editora 34.

O colega Luciano Consoli, que viveu longa temporada na França, como estudante da Universidade de Paris XI, ajudou a desvendar o mistério a partir de consulta aos comentários das provas de literatura do sistema Le BAC (exame de ingresso nas universidades públicas francesas). Sobre esse tópico dos Le Essais, pelos testes do Le BAC, conclui-se que, atualmente, na França, vige a interpretação de que, ao abusar da ironia para captar o interesse do leitor, Montaigne, efetivamente, intencionou usar “Adieu donc”. O nosso, “Portanto, adeus”.

Montaigne, pelo que parece, continua mais atual e discutível do que nunca; desde que começou nos ensinando que “filosofar é aprender a morrer” e acabou por concluir que, de fato, “filosofar é aprender a viver”.

Data : 20/09/2010

Título : Fome segundo a FAO

Categoria: Artigos

Descrição: Há que se olhar com certa cautela (e muita tristeza) o relatório da FAO - Organização para a Agricultura e a Alimentação, recentemente liberado (14)...

Fome segundo a FAO

por Gilberto Cunha

Há que se olhar com certa cautela (e muita tristeza) o relatório da FAO - Organização para a Agricultura e a Alimentação, recentemente liberado (14), que dá destaque à queda de 9,6% no contingente de subnutridos no mundo, baixando do número simbólico, anteriormente divulgado, de um bilhão de pessoas, para 925 milhões. Não há o que se comemorar, apesar da euforia de alguns, com o diagnóstico de que o número de pessoas em situação de fome no mundo caiu em 2010 pela primeira vez em 15 anos. Atribuem isso, em parte, graças à redução de preços dos alimentos e à inovação tecnológica em agricultura. No entanto, ainda estamos longe de cumprir o objetivo estipulado

nas Metas do Milênio (redução da subnutrição em países em desenvolvimento de 20% no período 1990-1992 para 10% em 2015). Na atualidade esse índice é de 16%. Para atingirmos a meta estipulada, teremos de continuar reduzindo os subnutridos em 100 milhões de pessoas ao ano. Um número alcançável, apesar das ameaças dos chamados fundamentos de mercado (rememorem o pico de preços dos alimentos de 2008, motivado pela ação de fundos de investimentos, demanda por biocombustíveis e aumento no preço do petróleo, particularmente) e desastres naturais (seca na Rússia e enchentes no Paquistão, recentemente).

Fiz questão de frisar os números do relatório da FAO para instigar a reflexão: Por que existe fome num mundo de fartura? Afinal, que é fome? Aumentar a oferta de alimentos resolve o problema? Ajuda humanitária internacional é a solução para o problema enfrentado pelas nações mais pobres do mundo?

Que é fome?

Muitos assumem saber o que é fome ou por que, em alguma ocasião, sentiram isso às vésperas de um jantar que atrasou ou leram a respeito ou, ainda, viram imagens de pessoas famintas na televisão. Mas, efetivamente, poucos de nós paramos para pensar sobre essa questão que aflige uma parcela significativa da humanidade.

Estatísticas sobre fome e subnutrição, na forma aguda ou crônica, existem há anos. No entanto, qual é a utilidade desses números? Ao mesmo tempo que servem para sensibilizar também podem, na frieza dos indicadores, nos distanciar de algo que está, imperceptivelmente, muito próximo de nós. Enquanto olharmos para fome e subnutrição como uma medida física, mensurada pelas estatísticas da FAO, não compreenderemos as raízes do problema e tampouco veremos a solução.

As emoções da fome

Deixar de medir a fome no mundo em números, que mais se prestam para a elaboração dos relatórios da FAO e discursos diplomáticos que para qualquer outra coisa, e pensar no fenômeno em termo de sentimentos humanos universais que todos experimentamos, algum dia na vida, talvez seja mais relevante. Fome, para quem vive o flagelo, é a angústia de ter de fazer escolhas difíceis na escassez, é o luto de ver quem ama morrer, é sentir a humilhação de depender de outros e viver sob o medo da incerteza.

Quando pensamos sobre fome/subnutrição estatisticamente, apenas em números (número de pessoas com dieta insuficiente em calorias), a proposta de solução também é numérica (toneladas de alimentos, quantidade de dinheiro para ajuda econômica, etc.). Uma vez que compreendamos fome a partir de como lidam as pessoas reais com o quadro de emoções, quem sabe possamos perceber suas raízes e ter maior clareza sobre o problema. Até mesmo entender que o problema existe não por uma mera falta de vontade em resolvê-lo. Que aumentar a oferta de alimentos não necessariamente é a solução, podendo inclusive, em situações de abundância, mais e mais pessoas passarem fome. E que a ajuda humanitária internacional, em certos casos, quando estão envolvidos conflitos culturais e religiosos, pode até piorar a situação.

Mitos da Fome

O livro "World Hunger - Twelve Myths", de Frances Moore Lappé, Joseph Collins e Peter Rosset, é uma obra imprescindível para quem quiser entender fome e subnutrição no mundo um pouco mais além dos relatórios e estatísticas da FAO.

Provérbio Chinês

Se você quer alimentar alguém, dê a ele um pouco de arroz, mas se você quer dar a esse alguém uma razão para viver, então dê a ele uma flor.

O Nacional

Segunda-Feira, 20/09/2010

Data : 09/03/2018

Título : Fórum da Cultura do Trigo 2018

Categoria: Artigos

O Fórum da Cultura do Trigo, realizado como parte da programação oficial da 19ª edição da EXPODIRETO Cotrijal na última quarta-feira (7), chamou mais atenção pelo debate acalorado de opiniões no final das apresentações do que, propriamente, pelo foco em um projeto de viabilização econômica do trigo gaúcho; ainda que, embora tenha passado despercebido, havia um projeto nesse sentido.

Antônio da Luz, economista da FARSUL, ao tratar da comparação de custos de produção nos principais países produtores de trigo, valendo-se, exclusivamente, do sistema Agri Benchmark, destacou que o custo de produção do trigo brasileiro está entre os mais altos do mundo. Essa particularidade, seguindo uma lógica estritamente econômica, ao salientar que temos um custo de produção muito elevado para as produtividades que obtemos, tem levado o trigo gaúcho a receber a pecha de "cultivo inviável" no Estado. Não se discute a lógica econômica da comparação do sistema Agri Benchmark, pois, friamente, os números estão postos para quem quiser olhar. Talvez, ainda que o economista da FARSUL insista que, no final, o que deve ser considerado é apenas "se dá ou não dá dinheiro", a comparação também deva contabilizar, a favor do nosso trigo, os benefícios indiretos do cultivo de trigo no inverno sobre os cultivos de verão e na diluição dos custos fixos dos empreendimentos rurais. A contabilidade do sistema, com trigo no inverno e soja no verão, por exemplo, quem sabe mude o resultado dessa equação. Nesse aspecto, ainda cabe à área agrônoma gerar

os indicadores de valoração dos benefícios indiretos do trigo, quando cultivado com o enfoque sistêmico, para uso nos cálculos de custos de produção desse cereal no Rio Grande do Sul.

O consultor Luiz Carlos Pacheco, responsável pelo boletim Trigo & Farinhas, advogou que se deve dar menos foco na produção e mais na comercialização do trigo. Destacou o papel do trigo na arrecadação de tributos pelos Governos e o potencial de exportação para mercados do Leste da África e do Sudoeste da Ásia. Pacheco frisou o potencial de uso de mercado futuro pelos gerentes comerciais das organizações que trabalham com compra e venda de trigo no Brasil.

Sobre Mercado Futuro para trigo no Brasil cabe dizer que, por não existir, não pode ser operado. Evidentemente, trigo é uma commodity que, a exemplo de outros países, também poderia ser operada pelas bolsas de mercadorias no Brasil. Mas, para que isso ocorra, é necessário que algumas coisas sejam, previamente, consolidadas. Entre elas, que tenhamos um padrão de identidade e qualidade que seja reconhecido pelo mercado. Isso envolve regularidade de produção, lado da oferta, e de qualidade tecnológica padronizada, identidade, em trigo. Esses atributos, apesar de toda a evolução alcançada, ainda estão em processo de construção no Brasil. E outra particularidade, que não pode ser negligenciada, é a liquidez do negócio trigo no Brasil, para que os chamados grupos de investidores tenham confiança em poder entrar e sair, comprando e vendendo papéis, conforme a conveniência econômica da ocasião. Enquanto isso não for uma realidade, esqueçamos Mercado Futuro de trigo no Brasil.

O pesquisador João Leonardo Pires, que é vinculado a Embrapa Trigo, apresentou os resultados do projeto “Desenvolvimento de sistemas de produção para trigo exportação em cooperativas do Rio Grande do Sul”. Essa iniciativa da FecoAgro/RS, com o apoio da Embrapa Trigo, tem sido, nas duas últimas safras, executada nos campos experimentais da Coopatrigo, em São Luiz Gonzaga, da Cotricampo, em Campo Novo, da Cotrirosa, em Santa Rosa, e da Cotripal, em Panambi; além de uma área da Embrapa, em Coxilha. Os resultados são inequívocos: o custo de produção do trigo pode ser reduzido em até 24%, sem comprometimento em produtividade e qualidade. Eis uma alternativa, ora em construção, para o trigo gaúcho: EXPORTAÇÃO! A outra, sem constrangimentos de ordem moral ou depreciativos, seria o uso como ingrediente de RAÇÃO para animais.

Data : 14/05/2010

Título : Fórum Nacional do Trigo

Categoria: Artigos

Descrição: A 5ª edição do Fórum Nacional do Trigo, que ocorreu em Erechim, nos dias 11 e 12, reforçou a posição do trigo como a mais importante cultura de grãos para a safra de inverno no sul do Brasil.

Fórum Nacional do Trigo

· Fórum Nacional do Trigo

A 5ª edição do Fórum Nacional do Trigo, que ocorreu em Erechim, nos dias 11 e 12, reforçou a posição do trigo como a mais importante cultura de grãos para a safra de inverno no sul do Brasil. Todavia, também deixou patente a insatisfação dos produtores com a dificuldade de comercialização do trigo colhido. Em tempos de abundância de oferta de trigo no mundo, como ocorre agora, com os moinhos abastecidos, por uma questão de oferta e demanda, a comercialização do cereal é lenta e tende a baixar preços. A intervenção do governo federal na comercialização do trigo, com o mecanismo do PEP, evitou que a situação não estivesse pior do que aparenta hoje. Não obstante a quase totalidade da safra de trigo 2009 tenha sido comercializada, ainda há trigo disponível na mão de produtores e nos armazéns das cooperativas. Ou erramos as estimativas de safra, tendo sido produzido muito mais trigo do que oficialmente levantado pela Conab e pelo IBGE, ou as faladas um milhão de toneladas (500 mil no RS e 500 mil no PR) ainda por comercializar tem outra origem (safra passadas, por exemplo).

· Cadeia produtiva do trigo

A necessidade de aproximação dos diferentes atores da cadeia produtiva do trigo no Brasil, eliminando a assimetria de informações, emergiu como um ponto fundamental para o desenvolvimento de uma triticultura brasileira efetivamente competitiva. Embora se reconheça como legítimas as reivindicações isoladas dos diferentes elos dessa cadeia produtiva, não raro, o segmento menos organizado é o que leva menos vantagem. A consolidação do negócio trigo no Brasil é vantajoso para todos. Matar a galinha dos ovos de ouro pode não ser a melhor estratégia de longo prazo. O Brasil precisa e deve cultivar trigo. Tecnologia própria, ambiente e agricultores experientes temos de sobra.

· Gestão

A eficiência na gestão da propriedade rural e seus negócios tem marcado a diferença de desempenho entre agricultores. Essa foi a tônica da palestra do coordenador técnico da Cotrijal, engenheiro-agrônomo Robson Sandri, em palestra que proferiu no 3º Seminário de Culturas de Inverno, realizado pelo Sicredi, na sede da Embrapa Trigo, na terça-feira (11). Aliás, vale a lembrar que, para produzir bem ou mal um determinado cultivo, o custo é o mesmo. Lavouras tecnicamente bem assistidas, apesar do nosso quadro de profissionais das ciências agrárias ser altamente qualificado e abundante, não são maioria no meio rural brasileiro, infelizmente. Está vindo por aí a operacionalização na nova Lei de Assistência Técnica e Extensão Rural, com o objetivo de suprir essa lacuna. Hoje, muitos profissionais de assistência técnica gastam a maior parte do seu tempo em elaboração de projetos e menos em assistir tecnicamente os

produtores, especialmente na esfera oficial. Não se pode ignorar que, além da assistência técnica oficial, há assistentes técnicos privados, ainda minoria no Brasil, e os departamentos técnicos das cooperativas prestando auxílio aos produtores rurais. Os agricultores, muitas vezes, buscam esse tipo de serviço nos balcões das revendas de insumos agropecuários.

· Ministro em Passo Fundo

A visita do ministro do Desenvolvimento Agrário, Guilherme Cassel, a Passo Fundo, que aconteceu na sexta-feira (14), foi prestigiada por autoridades e convidados de diferentes esferas do poder público e da iniciativa privada, entre eles destacam-se o prefeito Airton Dipp e o vice-prefeito Rene Cecconello. O ministro Guilherme Cassel foi recepcionado pela direção da Semeato e, em cerimônia que incluiu almoço para convidados e colaboradores da empresa, recebeu a medalha O Semeador pelos resultados do programa Mais Alimentos, que está diretamente ligado ao MDA e tem como alvo os agricultores familiares. O Mais Alimentos, com sua linha de crédito especial, tem facilitado a aquisição de máquinas e equipamentos (tratores, semeadoras, resfriadores de leite, etc.) pelos agricultores familiares, funcionando como um indutor de tecnologia no campo, a par de manter e criar empregos nas indústrias de equipamentos agrícolas. A filosofia do Mais Alimentos está sendo estendida para outros países da América Latina e da África, podendo significar um novo impulso de exportação na indústria brasileira de máquinas agrícolas.

O Nacional

Sexta-Feira, 14/05/2010 por Gilberto Cunha

Data : 12/04/2012

Título : Foto –Ad Petendam Pluviam

Categoria: Artigos

Descrição: Julgando-se pelos prejuízos (perdas na agricultura e problemas no abastecimento urbano) e pelo número de municípios em situação de emergência atribuídos à atual estiagem que assola...

Foto –Ad Petendam Pluviam

Quinta-Feira, 12/04/2012

por Gilberto Cunha

Julgando-se pelos prejuízos (perdas na agricultura e problemas no abastecimento urbano) e pelo número de municípios em situação de emergência atribuídos à atual estiagem que assola o Rio Grande do Sul, parece que, entre outras medidas, para aqueles que crêem evidentemente, é mais que chegada a hora de pedir chuva à divindade. Para isso, nada melhor que invocar, do Missal Romano-Orações Diversas, ao Ad Petendam Pluviam. Ou seja, para pedir chuva, em bom latim, começar orando, na coleta: "Deus in quo vivimus, movemur et sumus: pluviam nobis tribue congruenter: ut, praesentibus subsidiis sufficienter adjuti, sempiterna fiducialis appetamus. Per Dominum nostrum Jesum Christum." Para os mortais comuns, entre os quais o colunista está incluso: "Oh Deus, em ti vivemos, nos movemos e estamos: concede-nos a chuva necessária, para que recebendo a ajuda precisa na necessidade, com maior confiança esperemos os bens eternos. Pelo Nosso Senhor Jesus Cristo".

E continuar, na secreta: "Oblatis quaesumus, Domine, placare muneribus: et opportunum nobis tribue pluviae sufficientis auxilium. Per Dominum nostrum Jesum Christum. Isto é: "Com as oferendas, aplacaste Senhor, te rogamos e enviai a desejada ajuda de suficiente chuva. Pelo Nosso Senhor Jesus Cristo".

E, finalmente, no pós-comunhão: "Da nobis, quasumus, Domine Pluviam salutarem: et aridam terrae faciem fluentis coelestibus dignantei infunde. Per Dominum nostrum Jesum Christum." Traduzindo: "Te rogamos Senhor nos envia uma saudável chuva e tem a bondade de irrigar a face da terra com torrentes celestiais. Pelo Nosso Senhor Jesus Cristo."

A nossa insignificância diante da grandiosidade do universo não pode ser explicada totalmente pela chamada racionalidade científica. Assim, quando o assunto é clima, pedir ajuda a Deus, se não resolver o problema, também não faz mal algum. Embora, apenas implorar pelo auxílio do Criador não basta. Mirem-se no exemplo dos habitantes do Nordeste do Brasil. As procissões, rezas, crendices, sacrifícios e oferendas aos santos e milagreiros, se funcionassem, já teriam transformado aquela região do País num verdadeiro Oásis. Provavelmente, ajudam, e muito, com conforto espiritual, parte da população a suportar a condição de extrema miséria em que vive. Além de rezas, faltam ações com perspectivas de longo prazo, mudanças estruturais e conjunturais. Exemplos de sucesso econômico e social podem ser encontrados em locais tão ou mais secos até que o Nordeste brasileiro. É o caso da Califórnia, nos Estados Unidos, Israel e certas regiões da Espanha, apenas para citar alguns. Evidentemente, ninguém ignora que muitas ações sociais e investimentos públicos e privados já mudaram e estão mudando radicalmente a situação ultrajante do passado.

É inegável o avanço alcançado nas ciências atmosféricas na área das chamadas previsões climáticas. Ou seja, na indicação do comportamento das variáveis climáticas de uma região, em relação aos valores considerados normais (médias de períodos de 30 anos de observações sistemáticas), em certas épocas do ano. Particularmente para aquelas regiões em que há indicadores de variabilidade climática conhecidos, como é o caso do Sul do Brasil, com base nas fases do fenômeno El Niño- Oscilação Sul (ENOS): El Niño (fase quente) e La Niña (fase fria). Em geral, com El Niño associado com chuva acima do normal e La Niña, por sua vez, abaixo. Também são conhecidas as duas épocas em que há uma

relação mais forte entre o regime de chuvas e as fases do fenômeno ENOS: primavera-começo do verão e outono-começo do inverno.

O atual evento La Niña está chegando ao fim; tomando-se como referência o mais recente boletim elaborado pelo Climate Prediction Center/NCEP/NWS em colaboração com o International Research Institute for Climate and Society (IRI), liberado em 5 de abril de 2012. Com isso, o alerta das mencionadas instituições é de transição para uma condição ENOS neutra durante esse mês de abril, devendo essa, apesar da incerteza da previsão, ou o estabelecimento de uma condição El Niño predominar sobre La Niña ao longo do ano de 2012.

Todos os indícios são que, com o fim de La Niña, mesmo sendo o outono a estação do ano que menos chove no norte do Estado, não vamos precisar exercitar o nosso latim e apelar ao Ad Petendam Pluviam.

"O tratamento é fundamental para o paciente de Parkinson levar uma vida normal".

Do Jornal
O Nacional

Data : 02/04/2012

Título : Fritjof Capra - Crescimento Qualitativo

Categoria: Artigos

Descrição: Um dos gurus do pensamento sistêmico, o físico austríaco radicado nos EUA, Fritjof Capra, palestrou nessa quarta-feira (28), no Rio de Janeiro...

Fritjof Capra - Crescimento Qualitativo

Segunda-Feira, 02/04/2012

por Gilberto Cunha

Um dos gurus do pensamento sistêmico, o físico austríaco radicado nos EUA, Fritjof Capra, palestrou nessa quarta-feira (28), no Rio de Janeiro, no Centro de Convenções SulAmerica, em encontro promovido pelo Banco Santander. Para uma plateia de mais 600 pessoas, com a verve e a inteligência cativante de sempre, Capra afirmou que "O Brasil pode ser líder mundial no crescimento qualitativo e em sustentabilidade". Resta entender melhor o que isso significa ou

o que realmente Fritjof Capra quis dizer. Começando pela distinção entre o “crescimento bom” e o “crescimento ruim”. O primeiro tipo de crescimento, que segundo Capra tem sido mensurado apenas pelo PIB dos países, reflete uma economia patológica, ao não considerar, na produção de seus bens e serviços, os resíduos e o desperdício de materiais e energia inerentes a seus atuais processos. A alternativa proposta por Capra começa pelo reconhecimento da falácia do atual modelo de crescimento econômico, dando lugar a uma economia de regeneração, que inclua sofisticação, maturidade e crescimento humano, via uma nova ciência da qualidade, moldada em base de propriedades sistêmicas. Energias renováveis, emissões zero de gases de efeito estufa, reciclagem contínua e reestruturação dos ecossistemas do planeta em paralelo à valorização das relações humanas, a beleza e a qualidade de vida das pessoas; estão entre as propostas de Capra para o tal crescimento qualitativo. De Fritjof Capra, pode se esperar de tudo: desde a proposição da busca da felicidade pelos relacionamentos comunitários até uma teorização robusta sobre o papel do amor na sustentabilidade. Sugere-se, aos interessados nesse assunto, a leitura do texto sobre o evento, “A liderança que queremos”, por Cláudia Piche, disponível em <http://www.ideiasustentavel.com.br/2012/03/encontro-com-fritjof-capra-2/>, e do artigo “Encontro com Capra” (<http://www.ideiasustentavel.com.br/2012/03/encontro-com-capra/>), de Ricardo Voltolini.

Rios + 20 – Mudança do Clima

O Jornal da Ciência dessa sexta-feira (30) noticiou que o secretário executivo do Fórum Brasileiro de Mudanças Climáticas, Luiz Pinguelli Rosa, vai levar à presidente da República, Dilma Rousseff, na próxima quarta-feira (4) o posicionamento do organismo em relação à Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (Rio+20), que ocorrerá em junho, no Rio de Janeiro. A intenção é melhorar a pauta da Rio + 20, que ainda, segundo Pinguelli Rosa, se apresenta um tanto vaga, com indefinições em relação ao entendimento do conceito de “economia verde”, por exemplo. A mudança do clima global estará entre os pontos focais dessa conferência.

Conselho Municipal de Cultural

O presidente do Conselho Municipal de Cultura de Passo Fundo, Gerson Werlang, convocou para a próxima quarta-feira (4 de abril), às 8h30min, na SEDEC - Secretaria de Desporto e Cultura (Avenida Brasil Oeste, número 792 fundos), a assembleia geral em que serão escolhidos os 08 (oito) membros titulares e 08 (oito) suplentes e as entidades não-governamentais que farão parte do Conselho Municipal de Cultura de Passo Fundo, gestão 2012/2014. As entidades interessadas em participar do conselho deverão apresentar documentação de habilitação/credenciamento, conforme edital, na sede da SEDEC, até as 17 horas do dia 31 de março de 2012.

Reunião de Pesquisa de Aveia

Na semana que ora inicia, de 3 a 5 de abril, acontece em Passo Fundo, na sede da Embrapa Trigo, a 32ª Reunião da Comissão Brasileira de Pesquisa de Aveia. Nesse encontro serão apresentados e discutidos os novos resultados em pesquisa de aveia no Brasil, além de revisadas as indicações técnicas da cultura com vistas à safra 2012. O evento é aberto ao público: inscrições no local, a partir das 8h do dia 03 de abril (terça-feira), ao custo de R\$ 50,00, para estudantes, e, R\$ 100,00, para profissionais. Nunca é demais lembrar, que foi, acima de tudo, graças ao entusiasmo e a competência do professor Elmar Floss que Passo Fundo virou uma referência em pesquisa de aveia. Hoje, felizmente, na UPF e na Embrapa Trigo, o legado deixado por Elmar Floss está sendo levado adiante pelos seus seguidores.

Do Jornal

O Nacional

Data : 08/05/2015

Título : Galileu, Descartes e Eu

Categoria: Artigos

Descrição: Antes que pareça demasiada a pretensão do colunista e algum leitor possa concluir que o escriba, ao se imiscuir entre dois gigantes do pensamento filosófico universal, perdeu o senso do ridículo (ou o juízo), apressome em esclarecer.

Sexta-Feira, 08/05/2015 às 07:18, por Gilberto Cunha

Antes que pareça demasiada a pretensão do colunista e algum leitor possa concluir que o escriba, ao se imiscuir entre dois gigantes do pensamento filosófico universal, perdeu o senso do ridículo (ou o juízo), apressome em esclarecer. Qualquer alusão ao título dessa coluna deve ser entendida com base no conteúdo de um e-mail que recebi, na véspera do Natal passado, desde Córdoba/Espanha, enviado pelo professor Antonio Hidalgo Pedraza, perguntando se eu era o autor do livro "Galileu é meu pesadelo". Com a resposta afirmativa, foi esclarecida a intenção do professor Hidalgo, que era enviar o livro que ele havia recém publicado na Espanha, "El Caballo de Troya de Descartes: La Duda Metódica y el Secreto del Genio Maligno", para eu apreciar a tese, nem sempre perceptível ou assumida por muita gente, que ele defendia na obra,

tratando da influência de Galileu sobre Descartes, no que tange à relação entre a dúvida metódica e as figuras de um Deus enganador ou de um Gênio maligno.

Foi a dúvida metódica cartesiana, ao questionar o pensamento escolástico-aristotélico, que nos conduziu à filosofia do sujeito pensante (ego cogito). E foi por duvidar dos cálculos dos geógrafos helenistas e medievais que Colombo pode achar a América, por exemplo. Assim, quer seja na ciência, no mundo dos negócios ou no dia a dia de qualquer um de nós, temos que duvidar dos limites das certezas humanas estabelecidas (ou que herdamos pela educação que recebemos) para que possamos aventurar-nos em busca do novo (que não é necessariamente melhor do que já temos). Essa foi, na minha visão, a grande contribuição deixada por René Descartes, ao nos ensinar a por em dúvida/cheque a visão de mundo herdada do passado. Pela dúvida metódica de Descartes, há que se começar duvidando de tudo, na mais radical crítica que podemos submeter a nossa razão.

René Descartes não era muito adepto do reconhecimento das contribuições e influências de outros autores sobre a sua obra, nem dos pensadores do passado e nem dos seus contemporâneos. Não foi diferente com Galileu, cuja condenação pela Inquisição (1633), até pela proximidade que Descartes tinha com os jesuítas, e cujas obras “Diálogos sobre os dois grandes sistemas” (1632) e “Duas novas ciências” (1638), ainda que ele tivesse negado que conhecia, há evidências em documentos e correspondência, levantadas pelo professor Hidalgo, que demonstram o contrário. Sim, afirma taxativamente o professor Hidalgo, Descartes conhecia a condenação pelos tribunais da Inquisição e não ignorava a obra de Galileu. Então, por que o homem que se esmerou em “andar mascarado pela vida” sempre negou isso?

Não foi sem razão que Descartes, prudentemente, tratou de evitar qualquer enfrentamento com as autoridades eclesiásticas. A tese do professor Hidalgo é que René Descartes usou uma tática equivalente ao famoso “cavalo de Troia” para questionar o princípio, então dominante e defendido pela Igreja, da onipotência infinita de Deus, e assim poder construir um conhecimento estritamente científico do mundo, que pelo racionalismo cartesiano significa um conhecimento baseado em verdades inquestionáveis e demonstráveis. Afinal, como afrontar um Deus enganador que podia tudo, inclusive fazer que não houvesse acontecido algo que já havia acontecido no tempo ou que algo verdadeiro se transformasse em falso?

Então eis que, o verdadeiro Cavalo de Troia de Descartes, deixado como “presente aos inquisidores”, para evitar equívocos de fé, driblando os escolásticos, foi a substituição, no final do desenvolvimento do processo da dúvida metódica, da figura de um Deus enganador pela figura de um Gênio maligno. Afinal, a pretensão de Descartes foi escapar da submissão da razão aos condicionantes ideológicos da tradição medieval, que deram causa à condenação de Galileu Galilei.

Data : 24/01/2014

Título : Gardel e Eu

Categoria: Artigos

Descrição: Carlos Gardel, dizem os argentinos, canta cada vez melhor. E dizem isso apesar da inconfundível entonação afetada de Gardel, em meio a discussões se ele nasceu na França...

por Gilberto Cunha

Carlos Gardel, dizem os argentinos, canta cada vez melhor. E dizem isso apesar da inconfundível entonação afetada de Gardel, em meio a discussões se ele nasceu na França, no Uruguai ou na Argentina mesmo, e, mais surpreendente ainda, pelo fato de ele ter morrido em 1935, num acidente de avião em Medellín, Colômbia. Quanto a mim, sem que pareça demasiado o atrevimento, se passou algo parecido.

Explico: ainda que tenha assinado minha última coluna em O NACIONAL - Um e-mail, um telefonema e uma decisão – na edição de final de semana, 21 e 22 de julho de 2012, não foram poucas as vezes que, nesses quase dois anos de silêncio, ouvi de algumas pessoas, quase sempre em tons elogiosos, coisas tipo “gosto muito do que o senhor escreve” ou “leio sempre as suas crônicas”. Estranha essa sensação, pois mesmo não estando escrevendo, aos olhos de outros, era como se eu estivesse escrevendo cada vez melhor. Então, para acabar de vez com esse mito de aldeia e atendendo aos reiterados convites do diretor-presidente Múcio de Castro Filho e da editora-chefe Zulmara Colussi, estamos de volta.

Lenda à parte, essa volta às páginas de O NACIONAL retoma uma história que começou com o nosso primeiro texto assinado na edição de 24 de dezembro de 1990. Segui, nesses quase 24 anos, com colaborações que, em algumas épocas, chegaram até três colunas semanais, cadernos especiais – Trigo no Mercosul, o mais emblemático, em 1997 -, três paradas e, com esse, três retornos. O material reunido nesses textos foi suficiente para publicar 10 livros, que somados dão mais de três mil páginas (Meteorologia: Fatos & Mitos, Trigo no Mercosul, Cientistas no Divã, Galileu é meu pesadelo, A Ciência como ela é..., etc.).

Na realidade, esse recomeço faz parte de um inventário pessoal de final de ano e da pretensão de reformulação de nossas atitudes diante do mundo, que pretendemos implementar em 2014. Não foram fáceis os últimos sete anos, tanto na carreira profissional quanto na vida pessoal. A passagem por cargos da administração pública, com suas perdas e ganhos inerentes, a difícil retomada da carreira científica em um ambiente de cada vez mais competição, a elaboração de propostas e a buscas de recursos para tocar novos projetos de P&D, a geração de dados e a condução de uma pesada experimentação a campo, a reformatação da rede de relacionamentos profissionais, etc. exigiram um preço maior do que originalmente supúnhamos. Enfim, três anos, quatro

meses e 19 dias passados, desde que retomamos à função de pesquisador científico da Embrapa, respiramos. E, se esse período de ausência não serviu para outra coisa, pelo menos foi pródigo para a renovação do nosso estoque de metáforas.

Agora, que as coisas estão postas nos seus devidos lugares, para continuar a viagem desse a crônica inaugural, que está mais para “o tango do crioulo doido”, só falta mesmo Carlos Gardel reaparecer vivo nas páginas de El Clarín ou de La Nación, em furo de reportagem de Ariel Palacios, e confessar que não morreu naquele acidente em Medellín, que não são dele os restos mortais que repousam em La Recoleta, que passou os últimos anos cantando tangos em cafés de La Boca e que aquele imitador de Gardel, muito aplaudido ao cantar nas ruas de Santelmo, era ele mesmo. E mais: não é mito.

Houve sim um tiro a bordo, que atingiu o comandante, fazendo com que o avião desse uma guinada para a direita, atingindo outra aeronave, enquanto corria na pista do aeroporto de Medellín, durante a preparação para a decolagem, naquele 24 de junho de 1935. E revelação bombástica: o tiro foi disparado por Alfredo Le Pera, o principal letrista de Gardel, que não suportou a zombaria do comandante que identificou no espanhol dele um leve sotaque paulistano do Bexiga.

E, então, parece que se cumpriu a profecia e aquele ponto final, colocado no canto inferior direito da página 3 de O NACIONAL, edição de 21 e 22 de julho de 2012, efetivamente, não foi um adeus definitivo, mas apenas um até breve. Espero, como das outras vezes, nesse retorno, ser bem-recebido por você, prezado leitor!

Do Jornal

O Nacional

Sexta-Feira, 24/01/2014 às 07:00

Data : 11/07/2014

Título : Gestão da ignorância

Categoria: Artigos

Descrição: Ainda que a sociedade contemporânea seja rotulada de sociedade do conhecimento, no dia a dia, a maior parte do nosso tempo, quer sejamos o CEO...

Sexta-Feira, 11/07/2014 às 07:48, por Gilberto Cunha

Ainda que a sociedade contemporânea seja rotulada de sociedade do conhecimento, no dia a dia, a maior parte do nosso tempo, quer sejamos o CEO de uma grande corporação ou apenas um cidadão comum lutando pela sobrevivência, é gasta na gestão da ignorância; a nossa própria ou a de terceiros. A clássica assertiva de Sir John Maddox, ao estabelecer que “a cada descoberta, pela ampliação do conhecimento, também são expandidas as fronteiras da nossa ignorância”, infelizmente, pelo que parece, até agora, não pode ser refutada.

A economia da ignorância, que se contrapõe à economia do conhecimento exatamente pelo custo causado pela falta de conhecimento, adquire relevância cada vez maior no mundo das organizações. A ideia de ignorância no caso em pauta diz respeito à falta de informação, à desinformação e à inabilidade em campos específicos do conhecimento (em qualquer área das ciências: agrárias; engenharias; biomédicas; sociais; jurídicas; etc.). O ignorante a que nos referimos é o sujeito desconhecedor, desinformado, alienado do mundo atual e das possíveis tendências, que revela falta de saber e imperícia para lidar com as coisas concretas ou executar funções que, supostamente, por ter cumprido programa de treinamento específico ou pelo grau de escolaridade que possui, são inimagináveis.

Lá se vão muitos anos desde que Peter Drucker, em seus instigantes livros e ensaios sobre gestão, esmiuçou o papel e vaticinou o futuro, no mundo corporativo, das pessoas que trabalhavam mais com o cérebro do que com os músculos, que ele denominava de “trabalhadores do conhecimento”. Um novo tipo de profissional, cuja função básica não era física, exercida com o corpo, mas mental, que deixara de ser apenas mão de obra para atuar como pessoa e que não queria ser gerenciado, mas sim liderado. Não foi por nada que, nas empresas, muitos dos antigos setores de recursos humanos (SRHs) foram renomeados para Setores de Gestão de Pessoas (SGPs). A regra básica, que, infelizmente, poucos gestores atentam ou sabem colocar em prática, segundo Drucker, é possibilitar que os chamados trabalhadores do conhecimento façam aquilo para qual são remunerados. Simples assim: nada mais que sair do caminho (não atrapalhar); eliminar atividades desnecessárias que prejudicam o rendimento, tipo e-mails supérfluos (inclua-se Facebook, Twitter, WhatsApp, Instagram, etc.), reuniões inúteis, relatórios e mais relatórios; e nomeações para grupos de trabalho/comitês/comissões sindicantes etc. destituídos de utilidade. Isso por um lado (o lado do trabalhador), pois, outrora, se o trabalhador do conhecimento era a exceção, hoje, ele virou a tônica nas organizações, não se podendo mais ignorar o outro lado (o lado do gestor), que comporta um desafio tão difícil quanto o primeiro, que é lidar com a ignorância do pretense trabalhador do conhecimento.

Imagine um barco descendo rio abaixo. Você, eu e outros companheiros de viagem dentro dele. Há um mapa, que está nas mãos do comandante, indicando uma cachoeira ao estilo Cataratas do Iguazu ou Niagara Falls nesse percurso. Mas, infelizmente, o comandante não sabe ler esse mapa e não tem discernimento pra buscar ajuda em quem sabe, ainda que esses estejam entre os passageiros. No máximo, apoia-se naqueles que sabem tanto quanto ele. Ou seja: muito pouco ou quase nada. A cachoeira, significando o desastre fatal e o nosso fim iminente, por mera obra do acaso, pode estar logo ali adiante ou a muitos quilômetros de distância. Como é comum acontecer, nesse tipo de caso,

alguns passageiros denotam preocupação com a situação vivida e outros, por alienação, ignoram o mundo e tudo mais ao seu redor, inclusive o próprio risco que ora estão correndo. Mas há um grupo que, mesclando esperteza e ignorância, por gozar de benesses conferidas pela proximidade do comandante, tipo convites para jantares suntuosos na sua cabine exclusiva, tira proveito da situação e está adorando a viagem, independentemente de qualquer possível fim trágico anunciado.

Não são necessárias muitas luzes para transpor a situação fictícia para o mundo real e entender porque tantas empresas, quer seja na esfera pública ou na privada, comandadas por “ignorantes” assessorados por “ignorantes”, repousam nos campos santos mundo afora ou apenas esperam pelo último dos sacramentos, a unção dos enfermos ou, na prática, a extrema unção.

Data : 22/06/2018

Título : Há sempre um livro à sua espreita

Categoria: Artigos

George Steiner, no instigante ensaio “Aqueles que queimam livros”, baseado na fala que deu na Feira do Livro de Turim, em 10 de maio de 2000, foi taxativo na afirmação: “aqueles que queimam livros, que banem e matam poetas, sabem exatamente o que fazem.” E sabem o que fazem porque são conscientes do poder imprevisível de transformação que um texto bem escrito pode ter sobre um leitor. Entre os “queimadores de livros”; ou censores, se preferirem, estão, em geral, os fundamentalistas mais aguerridos, que, em dados momentos da história, não hesitam sequer em propor que sejam “queimadas” as constituições nacionais legitimamente aprovadas. A censura – “a fogueira dos livros/textos” – é tão antiga e onipresente quanto a própria escrita. Nada está imune a essa sanha avassaladora que tenta, a qualquer custo, banir aquilo que não concorda e pode, potencialmente, abalar o status quo vigente.

Ainda que a oralidade no mundo seja a tônica e a escrita, por mais incrível que possa parecer, a exceção; é sobre essa que, geralmente, recai a ira dos “queimadores de livros”. São sabedores que é do encontro “livro” e “leitor”, em um processo dialético de reciprocidade, que, potencialmente, pode surgir algo maior do que o “livro” ou o “leitor” individualmente. Ninguém ignora que, para o bem ou para o mal, ao mesmo tempo em que lemos um livro também esse livro “nos lê”. E, nesse caso, pode ser mais simples “queimar o livro” do que “incinerar” o leitor.

Não raro, o encontro entre “livro” e “leitor”, a exemplo do que aconteceu com o homem ou com a mulher que mudou a sua vida, dá-se casualmente. Esse livro que tem a capacidade de converter a nossa fé, que nos faz aderir a uma ideologia ou que dá um sentido à nossa existência pode estar à nossa espreita naquele balaio de saldos da feira do livro. Ou, talvez, seja aquele livro coberto de poeira, no fundo da estante da obra que você buscava numa livraria qualquer. Ou aquele que encontrou, casualmente, numa busca pela Internet. Não hesite em pegar e abrir esse livro, se porventura a sonoridade do título ou o nome do autor despertarem a sua atenção. Nunca se sabe o que pode acontecer nesse inusitado encontro “livro” e “leitor”. Os livros são a chave de acesso para nos tornarmos melhores (a regra) ou, eis a justificativa usada pelos “queimadores de livros”, piores (a exceção) do que somos.

Um livro, nesse processo dialético de leitura, pode suscitar reações diferentes, dependendo do momento da vida de cada leitor. Esses textos que estamos nos referindo podem ser tanto da lavra dos legítimos pensadores clássicos quanto não passarem de banalidades expressas em best-sellers de vida efêmera. Não sejamos preconceituosos em relação aos best-sellers! Não abra mão do prazer da descoberta que uma obra desconhecida pode lhe proporcionar. Essa obra seminal na sua vida pode ter estado ali à sua espreita por muitos anos. Esperando, sem pressa, para ser lida por você. Ei mais uma razão porque não se justifica “queimar livros”, pois, graças a esse tipo de espera (e posterior descoberta), muitas das ditas “grandes obras” devem a sobrevivência e o reconhecimento que por ora gozam.

O ato clássico da leitura requer silêncio, concentração, intimidade com o texto, certa cultura literária e, para o domínio pleno do conteúdo, consultas frequentes a obras de referência, dicionários, etc. Em tempos de pessoas apressadas, quem se dispõe a ser esse leitor? Felizmente, apesar da conectividade digital dos tempos atuais, esse tipo de leitor sobrevive e, diferente do que muitos imaginam, em especial entre os jovens. O legado deixado pelas Jornadinhas de Literatura – Viva a Professora Tania Rösing e equipe UPF! – está materializado em um público de jovens leitores (com vocação para a escrita) que Passo Fundo nunca teve na sua história. Dúvida? Olhe à sua volta. Converse com pais de adolescentes e com o pessoal das livrarias locais, antes de tirar qualquer conclusão apressada. Não é uma guerra de gerações, mas as mais jovens são mais leitoras do que a minha e a sua, prezado leitor!

Data : 01/03/2019

Título : Hazards

Categoria: Artigos

Têm palavras e expressões na língua inglesa que, apesar de terem um significado extremamente claro, são de difícil transposição para o português. Uma dessas é hazards, que mesmo pertencendo ao vocabulário técnico da meteorologia, pela sua importância e reflexos sociais e econômicos, deveria ser de domínio popular.

A dificuldade em encontrar a melhor tradução de hazards para o português não vem de hoje. Um dos mais importantes geógrafos brasileiros, o professor Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro, destaca, por exemplo, que um dos últimos seminários com os seus alunos de pós-graduação na USP, em 1985, terminou com uma grande discussão sobre qual o melhor termo para expressar climatic hazards no nosso idioma. O tema seria retomado por ele, em 1991, quando, dando por encerrada uma carreira de quatro décadas dedicadas à pesquisa e ao ensino universitário na Geografia, literalmente passou o bastão, sintetizando as suas contribuições no livro *Clima e Excepcionalismo*, publicado pela editora da UFSC.

Na categoria dos hazards incluem-se os chamados eventos naturais extremos. E esses vão desde os internos, caso dos sismos e vulcanismos, até os atmosféricos. Os últimos, pela maior frequência de ocorrência e a dimensão dos impactos, sem dúvida, são os mais importantes. Exemplos mais conhecidos: avalanchas (de neve), secas, enchentes, geadas, granizadas, descargas elétricas, vendavais, tornados e ciclones tropicais (furacões, tufões etc.). Em comum, a interação natureza x sociedade. E as ações humanas, no que diz respeito às decisões e iniciativas que envolvem os riscos inerentes a esses fenômenos são fundamentais na caracterização dos hazards; mesmo que muitos deles tenham previsibilidade imperfeita, podendo ser antevistos apenas como probabilidades cujo tempo de ocorrência é desconhecido.

Retomando a questão inicial: melhor tradução em português para hazard. Talvez seja o caso de se buscar não a melhor palavra, mas mais adequada ou a menos incompleta, considerando-se os aspectos fundamentais subjacentes a esses fenômenos e o comportamento humano diante deles. Uma das primeiras palavras que surge na mente da maioria das pessoas é azar. Mas não parece ser a melhor, embora além de caiporismo (má sorte ou infelicidade constante. A popular urucubaca) também tenha o significado de revés, fatalidade, desgraça, infortúnio, casualidade e acaso, que se enquadram bem com os fenômenos naturais anteriormente citados. E, sem esquecer ainda, o significado em linguagem de turfe, do azarão: cavalo que vence uma corrida, porém não estava entre os favoritos.

Risco é outra palavra que contempla alguns aspectos dos hazards. É a preferida dos franceses. Não pode ser menosprezada, pois envolve uma forte componente antropogênica. E ainda mais se considerando que o mau uso da natureza

umenta a probabilidade de riscos. Este último aspecto intimamente ligado ao conceito de hazard. Mas, também não é a melhor, pois contempla, além de perigo ou possibilidade de perigo, particularmente a questão de perda e a responsabilidade pelo dano (sentido jurídico).

Há quem, ouvindo falar em hazard, logo traduza dor desastre. Essa palavra, literalmente, implica em acidente calamitoso, especialmente o que ocorre de súbito e ocasiona dano ou prejuízo. Envolve ainda o aspecto funesto, de desgraça, de sinistro ou de fatalidade. A origem latina de desastre (des mais astrum), implicando em uma conjunção (des)favorável dos astros. Trás a idéia de malefício e implica em julgamento de valor, que nem sempre pode ser considerado totalmente verdadeiro. Todavia, é a partir de desastre que começa a surgir umas das melhores alternativas, entre as comumente usadas: ACIDENTE. Ela trás implícito o significado de acontecimento casual, fortuito ou imprevisto. Ainda corresponde a acontecimento infeliz, casual ou não, e de que resulta ferimento, dano, estrago, prejuízo, avaria, ruína, destruição, mortes, podendo chegar até a categoria de desastre (calamidade, catástrofe ou cataclisma).

Data : 12/08/2011

Título : História e Cultura do Rio Grande do Sul

Categoria: Artigos

Descrição: O Programa de Pós-Graduação da Faculdade Anglo-Americano de Passo Fundo - 2011/12 está com inscrições abertas para o Curso de Especialização em História e Cultura do Rio Grande do Sul.

História e Cultura do Rio Grande do Sul

por Gilberto Cunha

O Programa de Pós-Graduação da Faculdade Anglo-Americano de Passo Fundo - 2011/12 está com inscrições abertas para o Curso de Especialização em História e Cultura do Rio Grande do Sul. Esse curso é coordenado pela Professora Dilse Piccin Corteze - Mestre em História Regional pela UPF e membro da Academia Passo-Fundense de Letras e do Instituto Histórico de Passo Fundo, tendo como objetivo a análise do processo histórico da ocupação humana do RS. É dado destaque ao entendimento das dinâmicas sociais,

culturais e econômicas promovidas pela integração e assimilação das diferentes culturas que foram responsáveis pelo povoamento do Estado, criando a identidade do gaúcho.

O curso é destinado aos licenciados e/ou bacharéis nas áreas de História, Geografia, Ciências Sociais, Letras e afins. A duração é de 18 meses (360 horas), os encontros quinzenais aos sábados das 8h às 18h e a mensalidade de R\$ 284,00, com desconto de 30% para professores (R\$ 198,80). As inscrições se estendem até ao dia 22 deste mês e os início das aulas está previsto para 27 de Agosto de 2011. Informações e inscrição na Secretaria Acadêmica da Faculdade Anglo-Americano de Passo Fundo, Av. Rui Barbosa, 103 – Bairro Petrópolis, no portal www.angloamericano.edu.br ou pelo fone: (54)2103-1250.

Biblioteca Mundial

O sonho da biblioteca total, antecipada em textos de Jorge Luis Borges, começou a ganhar forma a partir do momento que o bibliotecário James H. Billington propôs a criação da Biblioteca Digital Mundial, em junho de 2005, usando como referência a bem-sucedida experiência da digitalização da Biblioteca do Congresso dos EUA. Esse repositório das riquezas culturais do mundo, livremente acessado pela Internet, com textos em sete idiomas, foi oficialmente lançado pela UNESCO em abril de 2009. Fica a dica: www.wdl.org. A Bíblia de Gutemberg ou o original das Fábulas de La Fontaine, por exemplo, eram coisas, até então, que poucos haviam tido o privilégio de conhecer.

Autor local

Desde que foi inaugurado, em 14 de julho último, o espaço exclusivo para os escritores passo-fundenses, na biblioteca da Faculdade Anglo-Americano de Passo Fundo, tem havido um acréscimo substancial no acervo de obras literárias assinadas por autores locais. Não é de hoje que se escreve e publica-se em Passo Fundo muito mais do supõem a maioria dos que vivem nessa cidade. Interessados em colocar seus livros nesse local podem entregá-los na biblioteca da instituição, localizada na Av. Rui Barbosa, 103 – Bairro Petrópolis (esquina Av. Brasil).

Foucault

Acontece nessa semana (17 a 19), em Passo Fundo, nas dependências do IFIBE (Rua Senador Pinheiro, 350 - Vila Rodrigues), o “V Seminário Temático Michel - Foucault – Diálogos sobre Política Educação e Ética”. Na programação, estão incluídos nomes de conferencistas renomados nos meios acadêmicos (PUC/RS, PUC/PR, Unisinos, UFRGS e Unicamp), ligados à Filosofia, à Educação e áreas afins. Informações e inscrições antecipadas pelo site <http://www.ifibe.edu.br/foucault/>, ou presencial no início do evento (R\$ 20,00).

“El Gato” Barcellos

O talento do músico uruguaio, radicado em Passo Fundo, J. Barcellos, foi o ponto alto do Recital de Violão realizado na noite de 23 de julho passado, no Teatro Municipal Múcio de Castro. As dependências desse espaço cultural, denotando a necessidade de reparos, e uma platéia composta de poucas pessoas, exigem reflexão e mudança de atitude, tanto de autoridades quanto daqueles que vivem em Passo Fundo e, não raro, reclamam da falta de eventos culturais na cidade. Jorge Barcellos, “El Gato”, é um virtuose do instrumento que abraçou. A série

“Violão In Concert”, conjunto de CDs gravados por ele, contemplando canções de diversos gêneros, tocam a sensibilidade do ouvinte com o melhor da música instrumental. Contatos com o artista: (54) 84090726.

Nesse domingo (14), das 10h às 13h, pela rádio Igaí FM 104,9 (www.radioigai.com.br), o programa Ecos do Boqueirão, sob o comando de Diego Chimango, tem uma programação especial dedicada ao Dias dos Pais.

O Nacional

Sexta-Feira, 12/08/2011

Data : 20/04/2011

Título : Honoris Causa

Categoria: Artigos

Descrição: Entre os títulos e honrarias concedidos por instituições acadêmicas, na categoria Honoris Causa, destaque para os de Professor e de Doutor.

Honoris Causa

por Gilberto Cunha

Entre os títulos e honrarias concedidos por instituições acadêmicas, na categoria Honoris Causa, destaque para os de Professor e de Doutor. Em geral, são outorgados a personalidades que se distinguem pelo saber ou pela atuação em prol de algo relevante, quer seja à instituição que concede ou à sociedade. É uma forma de homenagem e reconhecimento público a uma pessoa pela contribuição dada no exercício de uma profissão, pelo valor do serviço prestado à comunidade ou pela sua atuação em defesa de alguma causa em favor da humanidade (paz mundial, combate à fome, inclusão social, igualdade de gêneros, defesa do ambiente etc.); conforme rezam os Estatutos de cada instituição.

Nessa terça-feira (19), no prédio sede da Academia Passo-Fundense de Letras, houve a sessão solene de outorga do Título Honorífico de Professor Visitante da Faculdade Anglo-Americano de Passo Fundo ao jornalista e advogado Antonio Augusto Meirelles Duarte, no marco das comemorações dos seus 60 anos de atividade como comunicador. A honraria foi entregue pelo reitor do Grupo Educacional Anglo-Americano, Paulo César Martinez y Alonso, que veio a Passo Fundo especialmente para o evento.

Meirelles Duarte

São 60 anos de atividade em comunicação, desde o início da carreira, em 1951, na Rádio Vera Cruz (hoje Sideral), em Getúlio Vargas. No ano seguinte, chegou a Passo Fundo, de onde nunca mais saiu. Rádio Passo Fundo, Rádio Municipal, correspondente da Caldas Junior (Correio do Povo, Folha da Tarde e TV Guaíba), editor do Agro-Jornal, colunista do Diário da Manhã, e, na atualidade, escrevendo em O Nacional e apresentador de programas de TV no canal 20 da NET Passo Fundo; resumem a carreira singular do jornalista e advogado Antonio Augusto Meirelles Duarte. Somados à militância política, em cinco legislaturas como vereador, atividades acadêmicas - presidentes da APL e Patrono da 21ª Feira do Livro de Passo Fundo -, além de diversas condecorações, embasaram a outorga do título honorífico de Professor, pelo Grupo Educacional Anglo-Americano, a Meirelles Duarte.

Mérito Acadêmico

O reitor do Grupo Educacional Anglo-Americano, professor Paulo César Martínez y Alonso, é um bem-sucedido CEO na área da educação privada no País, além de possuir robusta formação intelectual em direito e comunicação; com passagens por Harvard e Salamanca. Trabalhou em O Globo, e, antes do Grupo Anglo-Americano, foi reitor da Faculdade da Cidade de São Gonçalo e do Centro Universitário da Cidade - UniverCidade, do Rio de Janeiro. Faz parte de academias de letras (Rio de Janeiro e Carioca, por exemplo) e de educadores, integrando-se, em 2010, ao Pen Clube do Brasil. Por essas credenciais, o ilustre visitante foi agraciado com o Diploma de Mérito Acadêmico, concedido pela Academia Passo-Fundense de Letras, cuja entrega coube à presidente da instituição, Elizabeth Souza Ferreira.

Obra e autor local – Xiko Garcia

Um poeta, na essência da palavra poiese, cujo significado, pela origem grega do vocábulo, não significa outra coisa que não seja CRIAÇÃO. Então, eis o poeta: Francisco Mello Garcia. O escritor, membro da Academia Passo-Fundense de Letras, e magistral artista Xiko Garcia, que lançou a sua terceira obra em áudio (CD): O Cotidiano em poesia. Obra singular, com 13 poesias, todas de autoria de Xiko Garcia e por ele declamadas. Com talento e aparente, mas só aparente, simplicidade, Xiko Garcia, nas suas letras e interpretações, traça um retrato, sem paralelo, do comportamento da sociedade brasileira, quer seja quando canta um sublime gesto de amor ou se presta à crítica política mais aguda; em letras como Recado ao falecido pai e Nos tetos da pátria mãe. Contatos com o escritor, poeta, compositor e artista pelos telefones: (54) 3311-2421 e (54) 9169-6942.

“Você acreditaria que aquele menino asmático poderia ser um vibrante narrador esportivo? Essa frase, ou algo em torno disso, deve servir de mote para a abertura do livro de memórias que Antonio Augusto Meirelles Duarte está escrevendo.

O Nacional

Quarta-Feira, 20/04/2011

Data : 31/12/2003

Título : Ícaro Morenno

Categoria: Artigos

Descrição: Entre Ícaro e Pablo Morenno há algo em comum. Você saberia dizer o quê?

Ícaro Morenno

GILBERTO R. CUNHA

Entre Ícaro e Pablo Morenno há algo em comum. Você saberia dizer o quê? Resposta elementar: o sonho de voar. O primeiro construiu suas asas com cera e subiu, subiu até que o calor do Sol as derreteu, e ele caiu. O segundo foi mais modesto: do alto de um chiqueirão (cercado onde se costuma criar porcos), usando asas improvisadas com um pano de guarda-chuva, ousou desafiar a lei da gravidade. Também caiu, quebrou o nariz, mas aprendeu, ainda menino, que voar, para os homens, mesmo sendo uma metáfora, não é uma impossibilidade.

Toda essa conversa sobre o sonho de Ícaro (você já percebeu) foi só para destacar o lançamento do livro de crônicas de Pablo Morenno - Por que os homens não voam?- pela WS Editor, acontecido na quarta-feira (15/10/2003), no Bella Cittá Shopping Center. Você esteve lá? Não? Que pena! Perdeu um grande espetáculo. Quem participou foi agraciado com músicas belíssimas (corais da cidade e voz e violão de Pablo Morenno) e um depoimento marcante do autor sobre sua vida e obra (coisas que se confundem). E mais: tudo isso acompanhado por um eficiente serviço de coquetel a cargo do pessoal do Grupo de Teatro da UPE

Escrever sobre Pablo Morenno e seu livro, sem sair de lugares-comuns, não é tarefa fácil. Exageros não fazem parte da minha personalidade, mas, mesmo assim, me atrevo a dizer que Pablo Morenno é o dono do melhor texto da imprensa de Passo Fundo, no momento (se você duvida, por favor, leia as colunas dele, na página 9 de O Nacional, todas as terças-feiras). De fato, você que me conhece de outras leituras já pôde perceber que não sou dado ao elogio fácil, por isso ratifico e friso: Pablo Morenno não é o nosso melhor texto do momento. Possivelmente, seja o nosso melhor escritor do século 21. Não foi por outra razão que o professor Paulo Becker, no prefácio do livro, coloca Pablo

Moreno e suas crônicas na esteira de Rubem Braga, Fernando Sabino (antes do livro da Zélia, ressaltese), Paulo Mendes Campos e tantos outros cronistas brasileiros consagrados de ontem e de hoje.

Falando em Rubem Braga, vale lembrar que ele é o ícone da crônica brasileira. Comparar Pablo com o Velho Braga, mesmo que não seja algo despropositado, ainda é covardia. Pablo está apenas começando, e Rubem Braga (1913 a 1990) é uma saudosa lembrança. Em 62 anos de trabalho, Rubem Braga escreveu cerca de 15 mil crônicas. "Por que os homens não voam?" é o primeiro livro de Pablo Moreno. Rubem Braga se notabilizou por crônicas inesquecíveis como "Ai de ti, Copacabana!", "Aula de inglês", "Homem no mar", "O pavão" e milhares de outras. Pablo tem as suas: "Sobre cacos de vidro", "Jô e o buraco negro", "Máquinas para atender", "E Deus fez a mulher", e muitas outras que formam uma seleção de elite no seu livro de estréia. Similaridades entre Pablo e Braga também são facilmente encontráveis. Em 1963, quando fez 50 anos, Rubem Braga escreveu sobre sua nova idade: "Uma injustiça, sem dúvida alguma. Logo comigo, que tinha tanta vocação para ser rapaz!". Pablo, mal passando dos trinta, quando da chegada dos primeiros cabelos brancos, e diante dos argumentos da mulher que tentou agradá-lo com um "logo parecerás Richard Gere com todo o charme", mesmo temporariamente convencido, emendou com "embora eu saiba, sem dinheiro nem fama".

A crônica tem a magia de "falar" à inteligência e à sensibilidade dos leitores. E Pablo Moreno explora isso ao extremo em "Por que os homens não voam?". Ao título-pergunta, cada um que encontre a sua resposta. Eu achei a minha lendo o livro, mais precisamente na crônica "Oração da hipocrisia". Não vale é pensar como um PhD em dinâmica de fluidos e achar que os homens não voam por mera questão de aerodinâmica inadequada.

Já que o assunto é crônica, nada melhor que encerrar com uma folclórica passagem de por ele. Consta que certa vez ele foi assistir a um show de Vinicius de Moraes. Lá pelas tantas, Vinicius suspirou no palco: "Ah, a melhor coisa do mundo é comer um papo-de-anjo ao lado da mulher amada!". Na platéia, Rubem saiu de um silêncio que já durava horas e resmungou para sua acompanhante: "Está gagá. Muito melhor é comer a mulher amada ao lado de um papo-de-anjo".

Da revista

Água da Fonte nº 0

Data : 30/11/2012

Título : II Semana das Letras

Categoria: Artigos

Descrição: A Academia Passo-Fundense de Letras promoveu, entre os dias 29 de outubro e 1º de novembro de 2012, a II Semana das Letras

A Academia Passo-Fundense de Letras promoveu, entre os dias 29 de outubro e 1º de novembro de 2012, a II Semana das Letras, contando com o apoio da Universidade de Passo Fundo (UPF) e da Prefeitura Municipal, por meio da Secretaria Municipal de Cultura e Desporto (SEDUC). Tendo em vista que a primeira edição do evento deu importância à literatura local, esta II Semana destacou autores nacionais.

Escritores, editores e livreiros

No dia 29, realizou-se o encontro de escritores, editores e livreiros. Na oportunidade, esses três segmentos indispensáveis para a existência da literatura debateram a criação literária, a edição e comercialização de livros na cidade.

Muitas foram as sugestões apresentadas, pois Passo Fundo produz, em média, um título diariamente, desde livros de pequeno volume a alentados tomos de conteúdo científico. O ambiente foi de ampla liberdade de expressão, servindo para que todos expressassem suas opiniões, o que certamente contribuirá para uma produção maior da literatura local.

A conclusão geral é que faltam condições para uma circulação maior da literatura passo-fundense, incluindo-se, aí, as obras de conteúdo científico. Essa falta de condições se deve, fundamentalmente, ao fato de o município estar distante dos grandes centros culturais brasileiros, mormente, do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Apesar de todas essas dificuldades, alguns autores passo-fundenses alcançaram reconhecimento nacional e internacional, e algumas obras conseguiram tiragens com milhares de exemplares. Isso demonstra a qualidade da literatura aqui produzida.

Drumond e Jorge Amado

Na terça-feira, dia 30, sob a coordenação da acadêmica Dilse Peccin Corteze e dos professores da UPF, Eládio Weschenfelder e Ivânia Campigotto Aquino, discutiram-se as obras do poeta Carlos Drummond de Andrade e do romancista Jorge Amado.

Coube ao professor Eládio Weschenfelder falar sobre o poeta mineiro. Imitando a voz e o jeito de falar de Drummond, o professor encantou a plateia.

Ao longo da palestra, o bom humor e o profundo conhecimento da obra fizeram com que o clima reinante fosse de encantamento e empatia. O afastamento do palestrante, em função do trabalho que o aguardava em Soledade, foi motivo de pesar por parte do público.

A homenagem feita a Jorge Amado, pelos 100 anos do seu nascimento, partiu, inicialmente, de estudo apresentado pela Doutora em Literatura, Ivânia Campigotto Aquino que, de forma sensível, mostrou as várias fases e facetas do autor. Após sua fala, houve uma boa interação com o público, ocasião em que

ela respondeu, com muita solicitude, às perguntas da plateia. A professora revelou aos presentes um Jorge Amado regional, mas profundamente brasileiro.

O vídeo produzido pelos alunos e alunas do Curso Integrado da UPF, que faz parte do Festival de Curtas deste ano, e daquela instituição, deu o clima para o início das atividades.

Nelson Rodrigues

A programação em homenagem a Nelson Rodrigues, com a mediação da acadêmica Sueli Gehlen Frosi, começou com uma belíssima apresentação de Jonathas Ferreira, violinista reconhecido por sua habilidade e criatividade, que tocou de forma nova, emocionando a todos, e recebendo elogios por parte da assistência.

O psicanalista Dr. Francisco Santos Filho apresentou uma análise psicológica da obra de Nelson Rodrigues, frisando que o autor não inventou o incesto, a traição, a homossexualidade, os crimes passionais, ingredientes das principais histórias contadas por ele.

Disse o palestrante que até hoje isso tudo acontece dentro das famílias brasileiras, como ele ouve constantemente em seu consultório.

Já a Dra. Nara Rubert trouxe o embasamento teórico e literário da obra de Nelson Rodrigues. Mostrou a riqueza de formas de manifestação do autor, pois ele escreveu peças de teatro, romances, crônicas, textos jornalísticos, especialmente na área policial. Enfatizou a ironia que permeia toda a produção literária de Nelson Rodrigues.

O Dr. Gerson Trombetta analisou, filosoficamente, a obra, ressaltando as categorias de “ironia e mentira”, de uma forma magistral, levando os presentes a refletirem sobre a condição humana, de um jeito alegre e profundo, e tendo como pano de fundo o mundo de Nelson Rodrigues.

Semana de Arte Moderna

A Semana de Arte Moderna foi o tema abordado na última noite (1º/11) da II Semana das Letras da Academia Passo-Fundense de Letras. Tais atividades foram coordenadas pelo acadêmico Osvandré Lech, presidente da Academia Passo-Fundense de Letras.

Sob a coordenação da Doutora em Letras, Fabiane Verardi Burlamaque, a também professora e Doutora em Letras, Nara Rubert, palestrou sobre a movimentação realizada por jovens intelectuais paulistas, em 1922, responsável pela introdução das chamadas ideias modernas da Literatura, no Brasil. Expôs os antecedentes que levaram ao encontro promovido pelos jovens intelectuais paulistanos, ligados a alguns intelectuais de outras capitais brasileiras.

A professora Nara Rubert salientou a importância da Semana de Arte Moderna, para a renovação da literatura brasileira. A partir daquele momento, quebraram-se os cânones consagrados do fazer literário, fixando-se a mais ampla liberdade de criação.

Alunos do Ensino Médio Integrado da UPF exibiram vídeos, sobre aquele movimento de renovação literária, destacando-se a participação das acadêmicas Sueli Gehlen Frosi e Marilise Lech, entrevistadas pelos alunos.

O Bando de Letras da Universidade de Passo Fundo, sob a coordenação do professor Eládio Weschenfelder, promoveu a dramatização dos poemas mais conhecidos dos primeiros modernistas.

Data : 10/02/2017

Título : Ilusões consentidas

Categoria: Artigos

Virgílio, pouco antes de morrer, pediu aos amigos que queimassem o manuscrito do seu famoso poema épico, Eneida, ainda incompleto para o gosto dele. Com isso, acabaria de vez com os penosos onze anos de trabalho que havia dedicado na busca de uma perfeição inatingível. Algo parecido teria feito Franz Kafka, muitos anos depois. Segundo consta, Kafka, sofrendo de tuberculose e sem esperanças, encarregou o amigo (e posterior biógrafo), Max Brod, de destruir os originais dos textos que lhe asseguraram a fama, como um dos maiores escritores do século 20.

O ponto em comum desses dois episódios famosos é a ilusão consentida. Virgílio não poderia ignorar que contaria com a desobediência piedosa dos seus amigos. E o mesmo vale para Kafka, em relação a Brod. Além do mais, quem quer realmente o desaparecimento de seus escritos não delega esse tipo de tarefa para ninguém. Faz por conta própria. Virgílio e Kafka, no fundo, não desejavam a destruição de suas obras, como analisou, com maestria, esses episódios, Jorge Luis Borges: Virgílio e Kafka queriam mesmo era fugir da responsabilidade que uma obra sempre impõe ao seu autor.

Virgílio, acredita-se que tinha, sobretudo, preocupações de ordem estética, para fazer esse tipo de pedido. Era o que se pode chamar de perfeccionista. Não foi por nada que, praticamente, serviu de modelo a toda poesia que se escreveu no Ocidente até o século 18 (Camões, Milton e muitos outros são virgilianos). Também foi uma espécie de poeta oficial do imperador Augusto. Escreveu parte de sua obra em Nápoles, onde terminou o poema bucólico Georgica (Geórgicas), despendendo sete anos nessa exaltação à natureza e aos lavradores. Sua maior obra foi a epopéia Eneida, na qual gastou onze anos, e estava completa, mas ainda não perfeitamente burilada, para o seu gosto, quando morreu, na volta de uma viagem à Grécia.

A Eneida é também uma obra de propaganda. Inventando para o Império Romano uma nobre origem troiana, Virgílio criou um novo mito. Era uma

idealização das virtudes que fundaram e mantiveram o Império Romano. Dante perceberia isso e, não por outra razão, elegeu Virgílio como seu guia na viagem pelo outro mundo.

Quanto a Kafka, o caso é mais complicado. Seu trabalho versa sobre o tema da relação moral do indivíduo com a divindade e com o seu incompreensível universo, envolvendo desesperança e alienação. Tem uma consciência religiosa, e, acima de tudo, judaica. Quem sabe quis ter escrito páginas de felicidades e não de tristezas, mas não condescendeu em produzi-las, marcado por um sentimento de culpa exacerbado, pelo judaísmo que o separava da maioria dos homens. Além das influências do ambiente de Praga, cidade medieval gótica dotada de elementos eslavos, alemães e de barroco sombrio. Também teve uma vida emocional conturbada, com noivados e amores infelizes, que acentuaram o sentimento de solidão e desamparo que nunca o abandonaria.

Ainda vivo, Kafka publicou *A metamorfose*, em 1915, talvez a sua obra mais popular, em que o personagem acorda, certo dia, transformado num imenso e repugnante inseto. Suas obras-primas, *O processo* (1925) e *O castelo* (1926), foram publicadas postumamente por Max Brod.

Contra o desejo expresso de Kafka, que queria que seus inéditos fossem queimados após sua morte, Max Brod publicou romances, texto em prosa, correspondência pessoal e diários do escritor. Talvez por ver sua obra como um ato de fé, e não querer que ela desencantasse a humanidade, Kafka fez esse pedido ao amigo. É possível que soubesse que estava se iludindo.

Virgílio morreu em 21 de setembro do ano 19 a.C., em Brindisi. E Kafka, fragilizado pela tuberculose, depois de ter deixado definitivamente o emprego, em 1922, e passado o resto da vida em sanatórios e balneários, acabou morrendo em 3 de junho de 1924, em Kierling, perto de Viena. Ambos partiram para o outro mundo com a ilusão consentida de que os amigos queimariam seus escritos. Ainda bem que não o fizeram. E eles, provavelmente, sabiam disso.

Data : 30/11/2004

Título : Ilusões consentidas

Categoria: Artigos

Descrição: Virgílio pouco antes de morrer, pediu aos amigos que queimassem o manuscrito do seu famoso poema épico, *Eneida*, ainda incompleto para o gosto dele.

Ilusões consentidas

GILBERTO R. CUNHA

Virgílio pouco antes de morrer, pediu aos amigos que queimassem o manuscrito do seu famoso poema épico, Eneida, ainda incompleto para o gosto dele. Com isso, acabaria de vez com os penosos onze anos de trabalho que lhe havia dedicado, na busca de uma perfeição inatingível. Algo parecido teria feito Franz Kafka, muitos anos depois. Segundo consta, Kafka, sofrendo de tuberculose e sem esperanças, encarregou o amigo (e posterior biógrafo), Max Brod, de destruir as novelas e as narrativas que lhe asseguraram a fama, como um dos maiores escritores do século 20.

O ponto em comum desses dois episódios famosos é a ilusão consentida. Virgílio não poderia ignorar que contaria com a desobediência piedosa dos seus amigos. E o mesmo vale para Kafka, em relação a Brod.

Além do mais, quem quer realmente o desaparecimento de seus escritos não delega esse tipo de tarefa para ninguém. Faz por conta própria. Virgílio e Kafka, no fundo, não desejavam a destruição de suas obras, como analisou, com maestria, esses episódios, Jorge Luis Borges; Virgílio e Kafka queriam mesmo era fugir da responsabilidade que uma obra sempre impõe a seu autor.

Virgílio, acredita-se que tinha sobretudo preocupações de ordem estética, para fazer esse tipo de pedido. Era o que se pode chamar de perfeccionista. Não foi por nada que, praticamente, serviu de modelo a toda poesia que se escreveu no Ocidente até o século 18 (Camões, Tasso, Milton e muitos outros são virgilianos típicos). Também foi uma espécie de poeta oficial do imperador Augusto. Escreveu parte de sua obra em Nápoles, onde terminou o poema das virtudes que fundaram e mantiveram o Império Romano. Dante perceberia isso e, não por outra razão, elegeu Virgílio como seu guia na viagem pelo outro mundo.

Quanto a Kafka, o caso é mais complicado. Seu trabalho versa sobre o tema da relação moral do indivíduo com a divindade e com o seu incompreensível universo, envolvendo desesperança e alienação. Tem uma consciência religiosa, e acima de tudo, judaica. Quem sabe quis ter escrito páginas de felicidades e não de tristezas, mas não condescendeu em produzi-las, marcado por um sentimento de culpa exacerbado, pelo judaísmo que o separava da maioria dos homens. Além das influências do ambiente de Praga, cidade medieval gótica dotada de elementos eslavos, alemães e de barroco sombrio. Também teve uma vida emocional conturbada, com noivados e amores infelizes, que acentuaram o sentimento de solidão e desamparo que nunca o abandonaria.

Ainda vivo, Kafka publicou *A metamorfose*, em 1915, talvez a sua obra mais popular, em que o personagem acorda, certo dia, transformado num imenso e repugnante inseto. Suas obras-primas, *O processo* (1925) e *O castelo* (1926), foram publicadas postumamente por Max Brod.

Contra o desejo expresso de Kafka, que queria que seus inéditos fossem queimados após sua morte, Max Brod publicou romances, texto em prosa, correspondência pessoal e diários do escritor. Talvez por ver sua obra como um ato de fé, e não querer que ela desencantasse a humanidade, Kafka fez esse pedido ao amigo. E possível que soubesse que estava se iludindo.

Virgílio morreu em 21 de setembro do ano 19 a.C, em Brindisi. E Kafka, fragilizado pela tuberculose, depois de ter deixado definitivamente o emprego, em 1922, e passado o resto da vida em sanatórios e balneários, acabou morrendo em 3 de junho de 1924, em Kierling, perto de Viena. Ambos partiram para o outro mundo com a ilusão consentida de que os amigos queimariam seus escritos. Ainda bem que não o fizeram. E eles, provavelmente, sabiam disso.

Da Revista

Água da Fonte nº 2

Data : 30/04/2006

Título : Inauguração oficial do Clube Hípico Gehlen

Categoria: Artigos

Descrição: Aconteceu nos dias 3 e 4 de dezembro de 2005, a Inauguração Oficial do Clube Hípico Gehlen...

Inauguração oficial do Clube Hípico Gehlen

Aconteceu nos dias 3 e 4 de dezembro de 2005, a Inauguração Oficial do Clube Hípico Gehlen, localizado no Parque Turístico da Roselândia, concomitantemente à realização da Copa Gerdau de Hipismo 2005, sob o aval e supervisão da Federação Gaúcha de Hipismo, que teve a participação de aproximadamente 40 conjuntos, e uma premiação expressiva.

A comissão organizadora - que contou com reconhecidos nomes da administração municipal e autoridades civis e militares - teve à frente o Dr. Irineu Gehlen, como presidente, seguido de membros graduados do Exército e da Brigada Militar, bem como proprietários e representantes de entidades hípicas do Estado.

O Clube Hípico Gehlen foi reconhecido pelos representantes das sociedades hípicas gaúchas presentes, e pela própria Federação Gaúcha de Hipismo, como um dos melhores e mais modernos complexos hípicos do Estado e do País.

O ato solene de inauguração foi prestigiado por centenas de pessoas, incluindo as mais altas autoridades constituídas do Município e Estado, como o excelentíssimo senhor prefeito Airton Dipp, o vice-prefeito Adirbal Corralo, e o secretário de estado do meio ambiente. Mauro Sparta, representando o governador do Estado do Rio Grande do Sul.

O pronunciamento do Dr. Irineu Gehlen foi o ponto alto da solenidade, dedicando a idealização daquela brilhante obra à cidade de Passo Fundo. Foram estas as palavras do anfitrião – que estão consolidadas na rocha, no interior do complexo hípico:

"Esta obra é o resultado de um sonho acalentado no ideal de servir. Ela expressa nosso legado de gratidão que eu e minha família devemos a esta comunidade que testemunhou nossas lutas e aplaudiu nossas vitórias, portanto, este complexo traduz nossa moeda de pagamento.

Neste local, o cavalo e o cavaleiro se completam numa parceria de vida, natroca de energia, buscando a paz nocaminho da felicidade. Temos a pretensão de construir oamanhã, apostando nos jovens, desenvolvendo este esporte no que háde mais saudável na existência: acompetição.

Nessa prática, destaca-se o espírito da confraria, solidariedade e amor,na elegância de atitudes e na largueza dos gestos.

E aqui estamos nós, entre o verdedo campo e o oxigênio da inata, completando esta sinfomia da natureza,com o relincho do cavalo nos transportando para um passado cuja história registra a fusão de dois seres,quando aparece em nossa imaginação o Centauro Mitológico.

Bem-vindos ao centro de promoção à vida, lar de todos nós, de equitadores e amazonas, e de cavalos ".

Da Revista

Água da Fonte nº 4

Data : 15/01/2011

Título : Inovação

Categoria: Artigos

Descrição: O papel da Ciência, da Tecnologia e da Inovação – C,T&I na redução das desigualdades sociais e na inclusão social e de que forma a inovação integra a agenda empresarial brasileira, apesar de terem sido dois temas amplamente discutidos no âmbito da 4ª Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação para o Desenvolvimento Sustentável, realizada em Brasília/DF, de 26 a 28 de maio de 2010

Inovação

- Inovação e Desenvolvimento Sustentável

O papel da Ciência, da Tecnologia e da Inovação – C,T&I na redução das desigualdades sociais e na inclusão social e de que forma a inovação integra a agenda empresarial brasileira, apesar de terem sido dois temas amplamente discutidos no âmbito da 4ª Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação para o Desenvolvimento Sustentável, realizada em Brasília/DF, de 26 a 28 de maio de 2010; ainda suscitam atenção da sociedade para que discursos e definições com fortes conotações de exortação moral efetivamente convertam-se em ações no campo operacional.

A mencionada conferência propôs como objetivo estratégico para o País um desenvolvimento científico e tecnológico inovador, calcado em uma política de redução de desigualdades regionais e sociais, de exploração sustentável das riquezas do território nacional e de fortalecimento da indústria, agregando valor à produção e à exportação, e reforçando o protagonismo internacional em C,T&I.

- Inovação e negócios

A inovação tende a criar novos modelos de negócios. Todavia, aqueles que acreditam no mercado como único motor da inovação, invariavelmente, equivocam-se. Não se discute o papel do mercado na inovação, mas muitas das coisas que transformaram o mundo surgiram de instituições públicas ou de setores sem fins lucrativos. A Internet, e todos os seus e-negócios, é o melhor exemplo em tempos recentes. Entram nessa seara também as inovações sociais, cujos resultados beneficiam mais a sociedade como um todo do que indivíduos em particular.

- Produção do conhecimento

O Brasil, nos últimos anos, desenvolveu um sistema universitário de produção de conhecimento e formação de recursos humanos que, em muitos aspectos, pode ser considerado de excelência. O desafio, a partir de agora, é criar condições para que atividades inovadoras atendam aos anseios da sociedade e fortaleçam a competitividade internacional das empresas brasileiras.

Fala-se muito na criação de parques tecnológicos, centros de inovação, redes de extensão tecnológica, institutos tecnológicos, etc. que seriam camadas intermediárias entre as instituições científicas e tecnológicas (universidades), empresas e sociedade, passíveis de atraírem investimentos privados para a geração de novas empresas e produtos inovadores, atuando em articulação com os Arranjos Produtivos Locais (APLs).

- Choque de inovação

Precisamos, urgentemente, de um choque de inovação; essa foi uma das constatações da 4ª Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação para o Desenvolvimento Sustentável. Entende-se como tal uma sequência de ações em várias áreas. É claro que não estamos partindo do zero. Podemos destacar: a Lei de Inovação, a Lei do Bem, a subvenção econômica na FINEP, a Política de Desenvolvimento Produtivo (PDP) e tantas outras iniciativas.

- Inovando o sistema de inovação

Apesar dos progressos, ainda há necessidade de avanços, por exemplo, no reconhecimento do papel das instituições de ensino e pesquisa privadas, caso das comunitárias, que demandam um marco legal e uma legislação específica. A Lei da Inovação focou nas instituições de ensino superior públicas. O conceito de ICT (Instituição Científica e Tecnológica) precisa ser ampliado para incorporar as instituições privadas.

É inequívoca a necessidade de reexame da Lei da Inovação quanto à segurança jurídica e as contradições legais existentes. A reestruturação do marco legal é imperativa, tanto para os segmentos públicos quanto para os privados, afim de que os órgãos de fiscalização governamentais e as agências de fomento possam atuar de forma alinhada com a política nacional na área de C,T&I e dentro da legalidade.

- Inovação estratégica

Entre as chamadas inovações estratégicas, podemos mencionar as tecnologias da informação e comunicação (TICs) e a área de bioenergia. As empresas brasileiras, em ambas, podem se transformar em lideranças mundiais. Destaque em TICs para governo eletrônico, automação bancária, negócio agrícola e educação e gestão de empresas. Em bioenergia, nossa competitividade reside na produção e comercialização de biocombustíveis, especialmente derivados de cana-de-açúcar e de plantas oleaginosas.

Do Jornal

O Nacional

15 de Janeiro de 2011

Data : 14/07/2016

Título : Inteligência e estupidez

Categoria: Artigos

Descrição: Não sei se é possível explicar, mas, de qualquer forma, também não custa nada tentar entender um pouco melhor por que pessoas supostamente inteligentes acreditam em coisas estúpidas.

Não sei se é possível explicar, mas, de qualquer forma, também não custa nada tentar entender um pouco melhor por que pessoas supostamente inteligentes acreditam em coisas estúpidas. Incluem-se nesse rol, à guisa de exemplo apenas, desde contatos com alienígenas, passando por teorias conspiratórias (Yo no creo en las brujas, pero que las hay, las hay), pelo poder dos gurus dos

livros de auto-ajuda, pelo desempenho excepcional das dietas de celebridades até na capacidade praticamente milagrosa de certos tratamentos (ditos alternativos) na cura de algumas enfermidades de difícil controle.

Uma das razões, e quem sabe a principal, pois muito do sucesso de certas falácias começa por aqui, é a nossa incapacidade de interpretar adequadamente dados estatísticos e informações. Isso se ressalta especialmente quando o processo de interpretação de evidências, que deveria ter sido construído nos primeiros anos do ensino básico, é negligenciado, vindo a comprometer futuramente a capacidade de entendimento do método científico e, conseqüentemente, de todo o processo de geração do conhecimento, mesmo por aqueles com passagens por cursos universitários e programas de pós-graduação.

Bem Goldacre, médico e escritor científico, que assina, desde 2003, a coluna “Bad Science”, no The Guardian, e é autor do livro “Bad science: quacks, hacks, and big pharma flacks”, insiste na responsabilidade dos veículos de comunicação, involuntária ou deliberada, criando manchetes sensacionalistas, para atrair público, na desinformação e crenças em coisas estúpidas, que graçam mesmo em sociedades educacional e economicamente evoluídas como a europeia. Destacou o fascínio dos jornalistas por números de magnitudes vultosas, que nem sempre são entendidos na sua plenitude por alguns desses profissionais, servindo criar celeumas que não existem ou realçar o desempenho de coisas que não resistem a um maior criticismo. É dele o exemplo de uso de números para dramatizar situações, quando a opção é feita, preferencialmente, pela taxa de aumento do risco relativo em vez de aumento de risco absoluto. Usou para ilustrar, suponho que os dados são fictícios, pois tratou a situação hipoteticamente, o caso da informação do risco ser 50% maior de alguém ter um ataque cardíaco, quando na faixa dos 50 anos e colesterol elevado. Isso é, no mínimo, assustador. Mas, também se poderia dizer, para alguém nessa mesma situação, que o risco extra de ter um ataque cardíaco é de 2%, em relação aos supostos com colesterol normal. O que não pareceria de todo mau, para qualquer gaúcho apreciador de churrasco gordo. Os números, nesse caso, frise-se mais uma vez, fictícios e meramente explicatórios, são derivados de uma amostra populacional tipo a que segue: tome-se 100 homens, entre 50 e 60 anos, com colesterol normal, esperando-se que 4 deles tenham um ataque cardíaco. Noutros 100 homens, dessa mesma faixa etária, porém com colesterol elevado, a expectativa é de que 6 deles tenham um ataque cardíaco. Ou seja: 2 ataques cardíacos extras na população com colesterol elevado. Em resumo: 2 ataques cardíacos adicionais, em relação aos 4 esperados, é o propalado risco 50% maior na segunda população. Uma mera questão de se tratar o crescimento de risco em escala relativa (50%) ou absoluta (2%). Consulte um cardiologista e faça a sua escolha, sugere-se. Pelo andar da carruagem e a nossa dificuldade em lidar com números, ainda não se cumpriu a “profecia” de H.G. Wells, que, faz mais de 100 anos, andou escrevendo que o pensamento estatístico um dia, na sociedade tecnológica moderna, seria tão importante quanto a habilidade de ler e escrever.

Reforça-se, nesses e em tantos outros casos, o papel dos veículos de comunicação na compreensão pública da ciência e, por conseqüência, na redução da estupidez humana.

Data : 19/07/2010

Título : Intensificação versus Extensificação

Categoria: Artigos

Descrição: A produção agrícola mundial, ao longo da história da humanidade, para fazer frente ao crescimento da população e à consequente maior demanda por alimentos, aumentou tanto pela...

Intensificação versus Extensificação - 17-18/07/2010

Segunda-Feira, 19/07/2010 por Gilberto Cunha

A produção agrícola mundial, ao longo da história da humanidade, para fazer frente ao crescimento da população e à consequente maior demanda por alimentos, aumentou tanto pela expansão da área cultivada (extensificação) quanto pela elevação do rendimento dos principais cultivos por unidade de área (intensificação); com destaque, no últimos 50 anos (desde 1961), para ganhos em produtividade (kg/ha). Enquanto a área cultivada no mundo, no período mencionado, cresceu 27% (passando de 960 para 1.208 Mha), o rendimento dos cultivos obteve incremento de 135% (de 1,84 para 3,96 t/ha), especialmente nos cereais (trigo, milho e arroz) e em oleaginosas (soja, girassol e canola). Esses ganhos, admite-se, foram decorrentes do uso de cultivares mais produtivas e de melhoria nas práticas de manejo dos cultivos, envolvendo o uso de fertilizantes, pesticidas, irrigação e mecanização.

Não obstante o legado tecnológico deixado pela intensificação da agricultura, que, historicamente, em tempos recentes, atende pelo nome de Revolução Verde, ainda pairam dúvidas sobre as suas consequências ambientais. Discute-se a expansão da agricultura em biomas que, em tese, deveriam ser preservados em nome da biodiversidade, a retirada de florestas para dar lugar à pecuária, as queimadas, a poluição de águas, ao assoreamento e à eutroficação de rios e lagos, etc. A questão principal é se a dita agricultura moderna pode suprir, sob os pontos de vista ético e de sustentabilidade, as necessidades futuras da humanidade, especialmente considerando-se a emissão de gases de efeito estufa. O inventário de 2005 atribui à agricultura mundial a responsabilidade pela emissão de 10% a 12% dos gases de estufa de origem antropogênica, envolvendo mudanças de uso da terra, fertilização nitrogenada, criação de ruminantes, cultivos em áreas alagadas, etc. Afinal, existe alternativa para uma outra forma de agricultura que seja capaz de alimentar o mundo?

Hipótese Borlaug

Norman Borlaug, o cientista americano que pelo trabalho em melhoramento genético de trigo, realizado no CIMMYT, foi agraciado com o prêmio Nobel da Paz em 1970 sempre defendeu que a intensificação da agricultura, elevando o rendimento dos cultivos, ao contrário do que muitos apregoam, no lugar de destruir a natureza, se presta para preservar biomas, evitar a derrubada de florestas e proteger o ambiente. Essa assertiva é conhecida como hipótese Borlaug, cujo estudo recente de pesquisadores da Universidade Stanford, da Califórnia/EUA, publicado na edição de 14 de junho de 2010 da revista PNS (Proc. Natl. Acad. Sci, USA doi:10.1073/pnas.0914216107;2010), mesmo havendo quem conteste, por julgar que no referido trabalho foram emitidos outros custos ambientais, parece ter sido comprovada, especificamente na questão das emissões de gases causadores de efeito estufa.

Poderia ter sido pior

O trabalho dos pesquisadores da Universidade Stanford (J.A. Burney t al.) demonstrou que, embora a agricultura tenha sido responsável por cerca de 12% das emissões antropogênicas dos gases de estufa (dados de 2005), o carbono preservado pela não expansão das terras agricultadas foi superior às emissões decorrentes da atividade. Em resumo, concluíram que o investimento em pesquisa agrícola no mundo, que contabilizou US\$ 1,2 trilhões, no período 1961-2005, implicou na redução das emissões de carbono a um custo de US\$ 4 por tonelada. Destaca-se que este custo é inferior a 25% do valor dos créditos de carbono praticado na Europa.

Criticar a intensificação da agricultura, na questão da mudança do clima global, exige, no mínimo, certa cautela, pois, pelo que parece, ou, via ciência, tecnologia e inovação, damos um novo salto de produtividade nos principais cultivos agrícolas, a exemplo do alcançado na "amaldiçoada" Revolução Verde, ou 1,5 a 2,0 bilhões de hectares no mundo deverão entrar em uso para alimentar uma população que é projetada em 9 bilhões de pessoas no ano 2050.

Data : 15/08/2010

Título : Internacionalização empresarial

Categoria: Artigos

Descrição: Internacionalizar uma empresa não se resume a incorporar novos espaços de atuação fora dos limites geográficos da sua identidade nacional.

Internacionalização empresarial

por Gilberto Cunha

Internacionalizar uma empresa não se resume a incorporar novos espaços de atuação fora dos limites geográficos da sua identidade nacional. Exige estratégia e, não raro, um redesenho da estrutura organizacional, além de inovação e mudanças de processos.

A internacionalização de uma empresa tem dimensões claras, que no caso de uma organização de ciência, tecnologia e inovação, envolve desde a proposta de valor daquilo que pode oferecer para seus clientes e parceiros no exterior, passa pelo modelo de negócio, que inclui a avaliação da capacidade competitiva, contempla o modelo de organização, estrutura e processos, e envolve a equipe de gestores, globais e na sede da organização, além da gestão de stakeholders, com o mapeamento dos atores e suas redes de relacionamentos.

Há coisas importantíssimas a serem consideradas nesse processo. Tipo o conhecimento de mercado na perspectiva da necessidade do cliente, a avaliação da capacidade de replicação de modelos bem sucedidos no mercado doméstico, o papel da alta direção e a estruturação das competências para tal finalidade (integração de departamentos e pessoal capacitado), por exemplo.

Governança corporativa

Uma das muitas definições de governança corporativa diz respeito à busca ordenada de caminhos, rumos e projetos que proporcionem o incremento de valor da empresa, envolvendo temas financeiros e não-financeiros. O papel da diretoria executiva é preparar a organização para tal, mesmo que, para isso, seja necessário redesenhar a arquitetura da organização. Envolve processos alinhados e uma estrutura que viabilize pôr em prática a estratégia, contemplando aferição de resultados e sistema de remuneração e recompensa.

Ao conselho de administração de uma empresa compete definir a estratégia e controlar o desempenho da diretoria executiva na implantação do plano estratégico.

A governança societária é representada pelos donos do negócio, que no caso de uma empresa pública tipo a Embrapa, acaba sendo a sociedade brasileira.

Cevada no Brasil

Para quem quiser conhecer a realidade da cultura de cevada no Brasil, recomenda-se a leitura do artigo “Demanda em alta, produção em baixa”, assinado pelo pesquisador Euclides Minella, publicado na Revista A Granja, edição de julho de 2010. Nele é possível entender porque frente a uma necessidade de 560 mil toneladas/ano de cevada classificada, para atender a capacidade instalada das maltarias brasileiras (uma no RS, uma no PR e uma em SP. A quarta tem previsão de ser instalada em Passo Fundo), que é de 0,5 milhão de toneladas de malte por ano, estamos produzindo apenas 134 mil toneladas deste cereal. Entre outros motivos, em função da conjuntura cambial favorável, as maltarias nacionais importam cevada da Argentina e do Uruguai. Também importamos malte, para atender a demanda brasileira que é da ordem

de 1,2 milhões de toneladas ao ano, sendo principalmente usado na produção de cerveja.

Sob nova direção

Quando setembro chegar, a Embrapa Trigo deverá ter uma nova direção. Esta semana, nas dependências da Unidade de Passo Fundo, ocorreu a etapa de audiência pública, contemplada na norma de recrutamento e avaliação de candidatos ao cargo de Chefe-Geral de unidade descentralizada da Embrapa. Os candidatos inscritos tiveram a oportunidade de apresentar e defender suas propostas de gestão perante o comitê de avaliação e seleção, designado pela diretoria da empresa, e todos os empregados. A próxima etapa, que precede a definição do escolhido, consistirá em uma entrevista com a Diretoria Executiva da Embrapa. Disputam o privilégio de dirigir os destinos da Embrapa Trigo, nos próximos seis anos, os pesquisadores Eliana Maria Guarienti e Renato Serena Fontaneli, de Passo Fundo, e o pesquisador Sérgio Roberto Dotto, atualmente aposentado da Embrapa. O Diretor-Presidente escolherá, a seu critério, um dos profissionais considerados habilitados.

Reflexão

O difícil é perceber o que não sabemos que não sabemos.

O Nacional

Domingo, 15/08/2010

Data : 10/09/2010

Título : IPCC em análise

Categoria: Artigos

Descrição: O documento produzido pelo Conselho InterAcademias de Ciências (IAC, na sigla em inglês), sob encomenda das Nações Unidas, que avalia os procedimentos e processos adotados até então pelo Painel Intergovernamental...

IPCC em análise
por Gilberto Cunha

O documento produzido pelo Conselho InterAcademias de Ciências (IAC, na sigla em inglês), sob encomenda das Nações Unidas, que avalia os procedimentos e processos adotados até então pelo Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) na elaboração dos seus relatórios que tratam da situação do clima global, liberado no final de agosto (30), diferentemente do que vem sendo alardeado por alguns veículos de comunicação e reverberado à exaustão pelos céticos do aquecimento global, de forma nenhuma desqualifica o órgão e/ou desautoriza a conclusão de que a atividade humana, sendo responsável pela elevação da concentração dos gases de efeito estufa na atmosfera, pode causar alterações de vulto no clima do planeta Terra.

O IPCC foi criado em 1988 com o objetivo de, no meio de uma guerra de opiniões pró e contra, produzir os chamados relatórios de consenso na comunidade científica sobre o tema da mudança do clima. Há quem questione a expressão consenso por ser algo que não existe em ciência. De qualquer forma, os relatórios do IPCC, cuja quarta edição foi liberada em fevereiro de 2007, são o que melhor existe em termos de síntese sobre o assunto.

O documento do IAC - Climate Change Assessments: Review of the Processes and Procedures of the IPCC - aponta para a necessidade de reforma na estrutura do órgão, desde o mandato do presidente e escolha dos membros, mas, acima de tudo, no tocante aos procedimentos adotados em termos de destaque ao embasamento científico das conclusões, realçando, inclusive, as divergências que existirem, especialmente quando lidando com incertezas na avaliação de impactos. Questiona-se o uso nos relatórios do IPCC de informações oriundas da chamada "literatura cinza" (trabalhos científicos não publicados ou não revisados por pares, conhecidos como "gray literature"). No entanto, apesar da necessária cautela nesses casos, os membros do IAC entenderam que essas informações oriundas da "gray literature" podem ser relevantes e apropriadas para utilização nos relatórios do IPCC.

O relatório do comitê do IAC pode ser encontrado no endereço:<http://reviewipcc.interacademycouncil.net>.

La Niña

O boletim do Centro de Previsão Climática dos EUA (Climate Prediction Center/NCEP/NWS), liberado nesta quinta-feira (9), destaca que o evento La Niña, que até então vinha sendo projetado, efetivamente se consolidou. Todos os indicadores, oceânicos e atmosféricos, envolvendo anomalias de temperatura da superfície das águas do Oceano Pacífico tropical (entre -1,3°C e -1,8°C. no final de agosto), campos de vento, centros de pressão e atividade convectiva, apontam para um evento de intensidade moderada a forte, que deve perdurar, pelo menos, até o verão de 2011. Coletivamente, estes indicadores refletem o fortalecimento de La Niña.

A presença de La Niña é prenúncio de uma primavera não tão úmida, como de costume, no sul do Brasil. A perspectiva, nesse sentido, mostra-se, climaticamente, favorável para o trigo e demais cultivos de inverno. Quanto aos cultivos de verão? Vale, nesse momento, um pouco de cautela, especialmente em termos de excesso pessimismo ou de otimismo, quanto à expectativa de colheita. É sempre bom lembrar que as nossas maiores frustrações na

agricultura, por problemas de estiagem, a exemplo de 2004/2005, não ocorreram em anos de La Niña. De qualquer forma, tão pouco os melhores desempenhos, em termos de rendimento, das nossas lavouras de verão foram em anos de La Niña.

Trigo

Acontece na próxima semana (13 e 14), em Gramado/RS, o XVII Congresso Internacional do Trigo. O evento é uma promoção da Associação Brasileira da Indústria do Trigo - ABITRIGO. O lema do congresso, "Olhando para o Futuro", põe em evidência o futuro da cadeia produtiva do trigo no Brasil, os seus desafios e as suas oportunidades. O encontro congrega moageiros, empresários da panificação, das massas alimentícias e dos biscoitos, além de expositores, fornecedores destas indústrias, em cujo grupo incluem-se os produtores de trigo, e visitantes estrangeiros, de países que tradicionalmente vendem trigos, equipamentos e insumos para o Brasil.

A busca de uma melhor qualificação da cadeia do trigo no Brasil é de interesse de todos. Informações: <http://abitrito.com.br/congresso2010/>

O Nacional

Sexta-Feira, 10/09/2010

Data : 06/01/2017

Título : J. L. Borges e a Filosofia

Categoria: Artigos

Quer seja a leitura dos textos de Jorge Luis Borges a partir de uma perspectiva filosófica ou a busca de indícios de filosofia na obra do escritor argentino, a questão que se impõe é uma só: afinal, J. L. Borges pode ser considerado um filósofo? E a resposta: não, indubitavelmente NÃO. E pouco importa que Borges tenha feito uso de sistemas filosóficos para fins literários e estéticos à exaustão ou que gente como Derrida, Foucault e Deleuze, por exemplo, tenham lido a sua obra com interesse, além do meramente literário, também filosófico.

O profissional da filosofia usa e abusa da argumentação e da prova no exercício do seu ofício. Jorge Luis Borges, de certa forma, na criação de suas peças literárias singulares, também faz isso com maestria ao utilizar, de modo displicente (aparentemente displicente, mas intencional de fato), conceitos filosóficos para justificar afirmações, promover demonstrações e, por sua vez,

dependendo do caso, também refutar demonstrações. Em jogos de criação literária que beiram à perfeição, dá-se ao luxo, não raras vezes, a uma liberdade que é vedada ao filósofo profissional: a liberdade de contradizer-se. E isso, por si só, bastaria para excluir Borges da categoria dos filósofos e mantê-lo onde ocupa lugar de destaque, que é no panteão dos escritores canônicos.

Jorge Luis Borges foi leitor de Schopenhauer e de Nietzsche. Sobre o primeiro disse que, se tivesse de escolher um único filósofo, designaria Schopenhauer, e que poucas coisas lhe eram mais dignas de lembranças que o pensamento do filósofo alemão, autor de “O mundo como vontade e representação”. Quanto a Nietzsche, Borges, a quem, ironicamente, chegou a referir-se como “Friedrich Zaratustra”, foi o leitor qualificado que a obra do ilustre pensador alemão sempre exigiu (ler Nietzsche é, antes de tudo, uma arte; frisou Thomas Mann).

No epílogo de “Otras inquisiciones”, datado de 25 de junho de 1952, Jorge Luis Borges foi taxativo ao afirmar que lhe agradam as ideias religiosas e filosóficas pelo seu valor estético e pelo que contemplam de singular e maravilhoso. Eis mais um argumento para não incluí-lo na categoria de filósofo. De forma sarcástica, referiu-se à filosofia e à teologia como duas espécies de literatura fantástica. Mas, sem qualquer margem de dúvida, Borges foi um escritor genial que, usando doutrinas metafísicas, por meio de abstrações personalíssimas, deu vida imaginativa a proposições filosóficas sofisticadas, buscando sempre extrair delas as nuances estéticas possíveis.

Em “Pierre Menard, autor del Quijote”, J. L. Borges ao comparar a célebre passagem escrita por Cervantes, no século 17, “(...) la verdad, cuya madre es la historia, émula del tiempo, depósito de las acciones, testigo de lo pasado, ejemplo y aviso de lo presente, advertencia de lo por venir.”, com a produzida por Menard, 300 anos depois, “(...) la verdad, cuya madre es la historia, émula del tiempo, depósito de las acciones, testigo de lo pasado, ejemplo y aviso de lo presente, advertencia de lo por venir.”, e insistir que esses textos, apesar de literalmente idênticos são também diferentes, pode deixar perplexo o leitor menos atento. E, de fato, esses textos são diferentes. Totalmente diferentes! Percebe? São diferentes porque há um universo simbólico, que rodeia Cervantes e Menard, separados por três séculos. O texto de Cervantes realça um mero elogio retórico da história. E o de Menard termina destacando o pragmatismo do porvir. Não há textos idênticos, pois a recontextualização torna a repetição diferente. O contexto, nesse caso, faz toda a diferença entre Cervantes e Menard. Frise-se que Pierre Menard, no conto de Borges, não quis escrever outro Quixote, mas sim o próprio Quixote, a partir da sua experiência de vida. Algo que lembra Heidegger e a destruição (desmonte) da história da ontologia. Quer saber mais sobre o assunto? Então leia o livro do Edgardo Gutiérrez: “Borges y los senderos de la filosofía” (Buenos Aires: Las Cuarenta, 152 p., 2009).

Data : 09/06/2012

Título : Jornalismo científico

Categoria: Artigos

Descrição: Na opinião de Clive Cookson, que é editor de ciência do jornal britânico Financial Times, o exagero, a negatividade e a militância são os principais erros cometidos pelos jornalistas que cobrem ciência;

Jornalismo científico

Sábado, 09/06/2012

por Gilberto Cunha

Jornalismo científico

Na opinião de Clive Cookson, que é editor de ciência do jornal britânico Financial Times, o exagero, a negatividade e a militância são os principais erros cometidos pelos jornalistas que cobrem ciência; conforme manifestação expressada na conferência que deu no evento “Ciência na mídia”, realizado em abril deste ano, em São Paulo. No afã de tornar a notícia mais atraente ao público, alguns jornalistas ampliam a dimensão dos fatos reais, outros, para se mostrarem críticos, realçam o lado negativo da notícia, havendo ainda aqueles que abraçam causas e assim viram, mais que jornalistas, militantes de ideias.

Cookson destacou que houve melhoria na cobertura de ciência na mídia, mas não necessariamente por causa dos jornalistas. Ele atribuiu essa melhoria, em boa parte, aos próprios cientistas que, percebendo a importância de fornecer informações relevantes à mídia, viraram mais comunicativos; evidentemente por anteverem aumentar suas chances de financiamento de pesquisa em função de um melhor entendimento do papel da ciência pela sociedade. Ele ainda falou sobre a experiência que vigora há 10 anos no Reino Unido, com o Science Media Centre, uma instituição de cientistas que ajuda quem escreve sobre ciência. O Science Media Centre, por meio de seus membros, que são cientistas de carreira, quando demandado pelos jornalistas, indica fontes, avalia artigos, comenta coberturas, sugere pautas, etc. Ele considera que o Science Media Centre tem exercido um papel relevante na melhoria da qualidade da mídia britânica especializada em C&T (Ciência & Tecnologia).

Clive Cookson, cuja formação acadêmica é em Química, sem atentar para a surrada polêmica local sobre a exigibilidade de diploma para o exercício profissional, esclareceu que, na Inglaterra, o jornalista que cobre C&T é normalmente graduado em ciência e, se for trabalhar em veículos de comunicação, passa por um treinamento específico.

Opinião do colunista

O colunista, em certos pontos, endossa a opinião de Clive Cookson, e, em outros, discorda. Entende, na posição privilegiada de leitor de jornais e revistas, que a qualidade da produção textual dos nossos profissionais do jornalismo está relacionada, a par de habilidades individuais inatas e da formação recebida nas escolas de comunicação, como o domínio da língua portuguesa, por exemplo, à especialização em determinadas áreas e assuntos, o tempo para produção das matérias, a qualidade das pautas e das fontes, o suporte e apoio logístico que é dado a estes profissionais pelos veículos de comunicação e a experiência em determinadas editorias. Na minha visão, os nossos melhores textos, na imprensa estadual e local, talvez por contarem com um pouco (ou muito) de tudo o que anteriormente especifiquei, são encontráveis nas editorias de esporte e cultura. No que diz respeito às ciências agrárias, que me sinto bem à vontade para opinar, mesmo existindo muitas coisas boas, há espaço para melhorias. Mas, numa editoria de poucos anunciantes, com repórteres em geral jovens e cobrindo múltiplas e apressadas pautas, não acredito em melhorias substanciais, pelo menos no curto prazo.

Science Media Centre local

Para análise e reflexão de especialistas e profissionais da área de comunicação: Em Passo Fundo, tomando-se o exemplo da experiência do Reino Unido mencionada por Clive Cookson, não haveria massa crítica suficiente e oportunidade para a criação de um Science Media Centre, em áreas como saúde, ciências jurídicas e sociais, agrárias, engenharias, economia, história, letras e em outras mais?

Mallarmargens

Para os admiradores de poesia e arte contemporâneas, sugere-se uma visita ao blog-revista Mallarmargens: <http://mallarmargens.blogspot.com> Trata-se de uma iniciativa capitaneada pela passo-fundense Marcelli Andresa Becker e pelo escritor Wesley Peres, que tem contado com visualizações e contribuições de vários lugares do mundo. Destaque para os posts de poetas como Rodrigo Garcia Lopes (poeta e tradutor de Sylvia Plath e Walt Whitman no Brasil), Víctor Sosa (um dos grandes poetas do México na atualidade, que mandou inéditos à revista), Mariana Ianelli (que já esteve em Passo Fundo, participando da Jornada Nacional de Literatura), Micheline Verunschik, Vicente Franz Cecim, Juliano Garcia Pessanha, Luís Costa e muita gente mais.

Do Jornal

O Nacional

Data : 27/08/2011

Título : Justiça do Trabalho – 70 anos

Categoria: Artigos

Descrição: Encontra-se aberta para visitação no Foro Trabalhista de Passo Fundo (Av. Antônio Araújo, 1002) a exposição itinerante “70 anos da instalação oficial da Justiça do Trabalho: recortes da história”.

Justiça do Trabalho – 70 anos

por Gilberto Cunha

Encontra-se aberta para visitação no Foro Trabalhista de Passo Fundo (Av. Antônio Araújo, 1002) a exposição itinerante “70 anos da instalação oficial da Justiça do Trabalho: recortes da história”. Organizada pelo Memorial da Justiça do Trabalho do Rio Grande do Sul, a exposição conta a história da justiça trabalhista gaúcha por meio de painéis ilustrativos, fotos, recortes de publicações e objetos antigos. A mostra vai até 12 de setembro e depois percorrer  outras cidades do interior. O horário de visitação   das 10h às 18h, de segunda a sexta-feira. Para a montagem da exposição, uma das curadoras desse projeto do TRT4, Kátia Teixeira Kneipp, veio especialmente a Passo Fundo. Na opinião dela, a relevância desta exposição para a sociedade é possibilitar uma maior aproximação desta com o, em geral,  rido tema "Justiça". A exposição como meio visual (de mais rápida, prazerosa e fácil fruição) de educação sobre temas da instituição, também visa   preservação da memória da Justiça do Trabalho a partir de várias fontes de pesquisa; em especial dos autos findos, documentos administrativos, móveis, fotos, depoimentos, etc. “Estas fontes preservadas e devidamente disponibilizadas para a sociedade possibilitam o acesso   informação e   história que pode ser interpretada e contada para as gerações atuais e futuras”, destaca Kátia Kneipp.

Roberto Pirovano Zanatta

O Instituto Roberto Pirovano Zanatta, criado por Cláudio Zanatta e Raquel Pirovano, tem ido mais além de se prestar a ser unicamente uma mera reverência dos pais   memória do filho precocemente desaparecido (Roberto, 1998-2008). Essa instituição, sem fins lucrativos, que já contabiliza nas suas realizações a obra do “Quiosque de Leitura Roberto Pirovano Zanatta”, na Praça Antonino Xavier e Oliveira (em frente ao Hospital da Cidade), doações de livros para acervos de bibliotecas, organização de eventos culturais, etc., tem posto em prática a sua missão, que destaca a possibilidade de transformação de realidades, que nem sempre são socialmente favoráveis, por meio da leitura. Nossos respeitos a Cláudio e Raquel, que, por meio de a es de caráter sócio-cultural, dão exemplo de responsabilidade social e, ao mesmo tempo, dignificam

e mantém viva a produção literária do filho. Apesar da vida breve, Roberto, reservadas as influências e as características inerentes à infância, é autor de uma obra de vulto.

A Dama da Literatura

Diante da grandiosidade da 14ª Jornada Nacional de Literatura, estou cada vez mais convencido do quão foi acertado o título da entrevista que fizemos com a Professora Tania Rösing – “A Dama da Literatura” -, publicada na edição de lançamento da Revista da Academia Passo-Fundense de Letras (Água da Fonte), em dezembro de 2003. A Professora Tânia e equipe, por si só, justificam o nosso título de Capital Nacional da Literatura.

Moçambique

A notícia de que o governo de Moçambique está oferecendo uma área de seis milhões de hectares para que agricultores brasileiros plantem soja, algodão e milho naquele país têm sido vista com entusiasmo por alguns, que consideram uma oportunidade de expansão de negócios, e criticada por outros, que entendem como melhor estratégia para os moçambicanos a busca do desenvolvimento rural sustentável com base nos atores locais. A falta de capacidade de investimento do país africano levou o governo local a oferecer terras em regime de concessão por 50 anos, renováveis por outros 50, mediante um imposto de R\$ 21 por hectare ao ano. A similaridade da savana africana com o cerrado brasileiro aguça o interesse de empresários rurais do País.

Erramos

O colunista, na edição de O Nacional da última quinta-feira (25), encaminhou um arquivo com tantos erros que, acredita-se, ficou difícil o entendimento daqueles que se aventuraram a ler “As lápides de Borges e de Schrödinger”. O texto revisado pode ser encontrado no blog dos colunistas de ON na Internet (www.onacional.com.br). Pedimos escusas.

O Nacional

Sábado, 27/08/2011

Data : 11/11/2010

Título : La Nina 2010

Categoria: Artigos

Descrição: ...para indicar a condição oposta de El Nino na temperatura da superfície das águas do Oceano Pacífico equatorial.

La Nina 2010

O escritor russo Vladimir Nabokov é considerado, por muitos, um dos mais inovadores romancistas do século 20. Nasceu em São Petersburgo, em 22 de abril de 1899. Pertencia a uma família aristocrática, que acabou fugindo da Rússia e se radicando em Berlim em 1919, onde seu pai seria assassinado por engano, durante um comício. Iniciou estudando zoologia na Universidade de Cambridge, em Londres, porém se formou em Literatura. De qualquer forma, nunca abandonou o gosto pela zoologia, publicando vários artigos sobre entomologia.

O prestígio de Nabokov como romancista começou de fato com “Rei, dama, valet” (Karol-dama-valet), de 1928. Mudou-se para os Estados Unidos em 1940, depois de ter se dividido, nos 20 anos anteriores, entre temporadas na Alemanha e na França. Cinco anos depois se naturalizou americano e passou a trabalhar como professor de russo e literatura européia em diversas universidades, entre as quais a de Cornell. Nesse período nos Estados Unidos passou a escrever em inglês, inclusive vertendo para essa língua a maioria das suas obras anteriores.

O sucesso chegou mesmo para Nabokov com Lolita, em 1955. Este romance escandalizou a sociedade da época, por tratar da paixão de um intelectual maduro, europeu exilado, por uma menina de 12 anos. Lolita ironiza, no fundo, os valores e costumes da sociedade americana, denunciando, de uma forma devastadora, a incoerência da natureza humana.

Mesmo com o êxito de Lolita, que lhe garantiu popularidade mundial, Nabokov e sua mulher, Vera, que era tradutora, continuaram a viver modestamente. Deixaram os Estados Unidos em 1959, passando a morar em Montreaux, na Suíça, onde ele morreria em 2 de julho de 1977.

O que tem a ver Nabokov com La Niña? Já deve estar se indagando o leitor um pouco mais atento. Resposta: nada, absolutamente nada. A não ser pelo fato deste escritor ter se destacado como um magistral construtor de personagens femininos, que são, como no caso de Lolita, tão intrigantes e surpreendentes quanto La Niña. Todavia, La Niña não é mais uma ninfeta estilo Nabokov. O termo foi cunhado e popularizado por George Philander, em meados dos anos 1980, para indicar a condição oposta de El Nino na temperatura da superfície das águas do Oceano Pacífico equatorial. Portanto, hoje, La Nina é uma “mulher” no esplendor dos seu 25 anos. De qualquer forma, sob o olhar dos meteorologistas e climatologistas, ainda permanece, em muitos de seus aspectos de variabilidade climática associada e impactos sociais e econômicos,

enigmática e algo desconhecida; bem ao estilo das personagens criadas por Nabokov.

Antes que os mais pragmáticos surtem ou abandonem a leitura de vez, vamos direto ao que interessa. A referência a La Niña está relacionada com o boletim El Niño/Southern Oscillation (ENSO) Diagnostic Discussion, liberado no dia 4 de novembro de 2010 pelo Centro de Previsão Climática (Climate Prediction Center/NCEP/NWS) dos EUA. No citado boletim é destacado que, durante outubro de 2010, as condições atmosféricas e oceânicas no Pacífico tropical foram consistentes com as características da fase fria do fenômeno ENOS. Todos os indicadores (anomalias negativas de temperaturas da superfície das águas, ventos equatoriais de leste mais fortes, decréscimo da termoclina, intensificação de anomalias negativas na temperatura das águas superficiais, valor do índice Niño de -1,4 °C, e Índice de Oscilação Sul positivo) mostram que uma condição de La Nina está definida e, conforme a maioria dos modelos de previsão, deverá continuar atuando pelo menos até o primeiro semestre de 2011.

La Niña, para nós, já é uma realidade. Os seus sinais se fazem presente nesta primavera menos chuvosa e mais fria. Isso por um lado configura uma boa condição de final de ciclo para os cultivos de inverno, particularmente trigo, cevada e aveias, e, por outro, causa certa apreensão em relação à safra de verão. Aos produtores de soja, em particular, cabe esclarecer que, as piores estiagens sofridas pelos sojicultores no Rio Grande do Sul não foram em anos de La Niña. Mirem-se nos exemplos das safras de 1990/91 e 2004/05. Todavia, sempre é bom te em mente que, de maneira geral, com especial ênfase na primavera e começo do verão, La Niña trás associado uma redução de chuvas no sul do Brasil. Portanto, mesmo que não se vislumbre nenhuma desgraça no horizonte, o momento exige, pelo menos, certa cautela com expectativas de colheitas demasiadamente otimistas.

Do Jornal

O Nacional

11 de Novembro de 2010

Data : 24/11/2011

Título : Ladislau Coussirat Araújo

Categoria: Artigos

Descrição: Pelo menos até os anos 1970, o nome Coussirat Araújo, foi praticamente sinônimo de meteorologia no sul do Brasil.

Ladislau Coussirat Araújo

por Gilberto Cunha

Pelo menos até os anos 1970, o nome Coussirat Araújo, foi praticamente sinônimo de meteorologia no sul do Brasil. Entre outros motivos, senão o principal, porque esse era o nome do Instituto Regional de Meteorologia, que funcionava junto à Escola de Engenharia de Porto Alegre e que tinha atuação nos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. O objetivo dessas notas é reverenciar a memória de Ladislau Coussirat Araújo.

Ladislau Coussirat Araújo, o protagonista principal do começo do serviço de meteorologia oficial no sul do Brasil, nasceu em Arroio Grande, no Rio Grande do Sul, em 17 de maio de 1889. Estudou no extinto Ginásio São Pedro, do professor Frederico Fitzgerald, e, posteriormente, frequentou os cursos do professor Emílio Meyer, diplomando-se pela Escola de Engenharia de Porto Alegre, em 1912. Foi nomeado engenheiro-ajudante do Instituto Astronômico e Meteorológico e encarregado do posto meteorológico da Escola de Engenharia de Porto Alegre, em 8 de março de 1913. Nesse mesmo ano, iniciou como professor dos Institutos Parobé e Borges de Medeiros. E, em 1915, foi nomeado professor do Instituto de Engenharia, lecionando topografia, geodésia e física.

Entre maio de 1916 e novembro de 1917, Ladislau Coussirat Araújo esteve nos Estados Unidos da América, estudando a organização do serviço meteorológico daquele país. Em 21 de janeiro de 1918, foi nomeado engenheiro-chefe do Instituto Astronômico e Meteorológico, sendo efetivado nesse cargo em 15 de março de 1919. A sua atuação nessa função foi notável, particularmente pela organização dos diferentes serviços desse instituto. Para aperfeiçoar os conhecimentos de meteorologia e estudar a organização de alguns serviços meteorológicos especiais, seguiu, em 18 de maio de 1920, para a Inglaterra e, posteriormente, para os EUA. Retornou em 1º de março de 1921, implementando novas idéias no serviço de meteorologia da Escola de Engenharia DE Porto Alegre. No período de 24 de setembro de 1921 e 5 de junho de 1922, atuou na reorganização do serviço meteorológico do estado de Minas Gerais, a pedido do então presidente Arthur Bernardes.

A partir de 21 de fevereiro de 1925, acumulou, juntamente com o cargo de diretor do Instituto Astronômico e Meteorológico, a função de diretor do Departamento Central da Escola de Engenharia. Além de, desde 1918, fazer parte do Conselho Universitário, onde teve atuação destacada.

A morte prematura, em 2 de dezembro de 1929, aos 40 anos, interrompeu, em pleno auge, a carreira de Ladislau Coussirat Araújo. Pouco antes, acabara de escrever um dos mais importantes trabalhos sobre o clima do Rio Grande do Sul. A obra “Memória Sobre o Clima do Rio Grande do Sul” foi publicada um ano depois, em 1930, sendo, ainda hoje, uma referência quando o assunto é o clima do Estado.

O Instituto Meteorológico da Escola de Engenharia de Porto Alegre passou a chamar-se Coussirat Araújo, a partir de 2 de junho de 1930, em justa homenagem ao ilustre professor, que foi o seu organizador e, também, por muitos anos, o seu diretor.

A sede do Instituto Regional de Meteorologia Coussirat Araújo era em um antigo prédio do Campus Central a UFRGS, na rua Sarmento Leite, em Porto Alegre. A estação meteorológica de Porto Alegre estava instalada nas proximidades do prédio do instituto, junto ao Parque Farroupilha. Em Janeiro de 1942, esse Instituto foi incorporado ao Serviço de Meteorologia do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, o Instituto Nacional de Meteorologia (INMET), cujas raízes remonta à criação da Diretoria de Meteorologia e Astronomia, vinculada a esse então novo ministério, em 18 de novembro de 1909.

Em 31 de agosto de 1974 foi inaugurada a sede Própria do 8º Distrito de Meteorologia, sucessor no estado do Instituto Regional de Meteorologia Coussirat Araújo, na Avenida Professor Cristiano Fischer, 1297, em Porto Alegre, e a estação meteorológica do Parque Farroupilha foi desativada.

Com o tempo, a marca 8º DISME-INMET foi se popularizando, e o nome Coussirat Araújo, caiu no esquecimento, vivendo apenas no imaginário das pessoas idosas, que ainda se recordam do antigo Instituto Regional de Meteorologia do Rio Grande do Sul.

O Nacional

Quinta-Feira, 24/11/2011

Data : 29/05/2015

Título : Leitores, leitores, à mancheia

Categoria: Artigos

Descrição: campanhas para arrecadação de recursos financeiros pró-jornada 2015; e críticas à falta de sensibilidade de autoridades públicas e de empresários sobre o valor de investimentos em cultura, etc.

Sexta-Feira, 29/05/2015 às 07:15, por Gilberto Cunha

Desde que foi anunciado o cancelamento da 16ª edição da Jornada Nacional de Literatura, em primeira mão, pela entrevista da coordenadora do evento, Profa. Tania Rösing, ao jornal O Estado de S. Paulo, e, depois, por meio do comunicado oficial do magnífico senhor reitor da Universidade de Passo Fundo, Prof. José Carlos Carles de Souza, não faltaram manifestações de toda sorte em apoio ao evento, partindo de escritores e de simpatizantes das letras em geral, que vão desde: declarações indignadas pelo acontecido, carta aberta de protesto pela falta de patrocínio (público e privado) para eventos culturais no País; mobilização/petição de escritores para tentar manter a jornada 2015; campanhas para arrecadação de recursos financeiros pró-jornada 2015; e críticas à falta de sensibilidade de autoridades públicas e de empresários sobre o valor de investimentos em cultura, etc.

Ainda que toda essa movimentação seja digna de aplauso, não se pode ignorar que tanto a Profa. Tania, na malfadada entrevista ao Estadão (bastante criticada pelos veículos locais de comunicação), quanto o comunicado oficial da UPF, anunciando o cancelamento da Jornada Nacional de Literatura em 2015, não deixaram margem para qualquer dúvida que a retração econômica ora em curso no Brasil fazia mais uma vítima: a 16ª Jornada Nacional de Literatura. Indiscutivelmente, não se faz nenhum evento da magnitude das jornadas literárias de Passo Fundo sem recursos financeiros vultosos e disponíveis em tempo hábil para que os representantes legais pela organização possam firmar os compromissos contratuais e, posteriormente, proceder a competente prestação de contas dentro de normas exigidas pelos órgãos de controle. Vista de fora, a solução para o impasse, realizar ou não a jornada em 2015, pode aparentar que é simples. Todavia, não é assim. A falta de tempestividade para a tomada das decisões pode acarretar impasses futuros intransponíveis aos envolvidos. Há que se colocar na pele dos gestores da UPF para entender e respeitar a decisão que, estamos cientes disso, foi muito mais dolorosa para eles do que para qualquer um de nós, que, passivamente ou não, apenas assiste os acontecimentos.

Nós, da Academia Passo-Fundense de Letras, que desde 1938 estamos presentes na vida cultural de Passo Fundo, não podemos, nessa ora, nos furtar de dizer que ficamos entristecidos com o acontecido. Tristes, mas esperançosos e confiantes nas instituições que outros caminhos serão encontrados para viabilizar, senão ainda em 2015, num futuro próximo, esse monumental evento cultural, que, parafraseando Castro Alves, mais que qualquer outro, é bendito por semear leitores, leitores, à mancheia.

Neste episódio, o que não cabe são críticas a UPF, que, independentemente das circunstâncias, antecipa gastos - em pessoal, estrutura e outros custeios, como viagens em busca de patrocínios; por exemplo - com o evento, que não é feito, como pode aparentar externamente, apenas na semana da jornada, mas diuturnamente nos 365 dias de cada ano. Também merece menção a Prefeitura de Passo Fundo, que já havia disponibilizado, com previsão no orçamento municipal, R\$ 750 mil para o evento de 2015.

E, por fim, deixamos o nosso carinho e reconhecimento ao trabalho da incansável Profa. Tania Rösing, que, se jogou a toalha, é porque não havia jeito mesmo. Especialmente, nesse momento, que, na mente da Tania, talvez estejam retumbando não mais os versos de João e Maria - "Agora eu era o herói/ E o meu cavalo só falava inglês/ A noiva do cowboy/ Era você além das outras

três...” -, cantados à capela por Chico Buarque ao receber, pelo romance Budapeste, o 4º Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon de Literatura, em 2005, mas sim, na mesma voz do sedutor escritor dos olhos cor de ardósia, uma estrofe da canção Pedaco de Mim: “Oh, pedaço de mim/ Oh, metade arrancada de mim/ Leva o vulto teu/ Que a saudade é o revés de um parto/ A saudade é arrumar o quarto/ Do filho que já morreu”.

Data : 31/12/2003

Título : Liciane Toazza Duda Bonatto

Categoria: Artigos

Descrição: Está na proposta de Água da Fonte: abrir espaço para outras artes locais.

Liciane Toazza Duda Bonatto

GILBERTO R. CUNHA

Está na proposta editorial de Água da Fonte: abrir espaço para outras artes locais. E, dentro desse espírito, nada melhor que começar a série das "outras artes passo-fundenses" com Liciane Toazza Duda Bonatto. Ela é formada em Desenho e Plástica pela Universidade de Passo Fundo (UPF) e trabalha como Programadora Visual da Embrapa Trigo, desde 1977.

Liciane Bonatto é filha do casal Leonildo Almerin Duda (in memoriam, que tinha como hoby desenhar) e Adélia Irma Toazza Duda, sendo irmã de Norberto Toazza Duda (médico) e de Beatriz Toazza Duda Hall (agrônoma). É casada com Daltro Bonatto, geólogo e professor da UPF, e tem dois filhos: Marcos Vinícius e Fernanda Duda Bonatto.

Dona de grande sensibilidade e técnica apurada, Liciane Bonatto tem se destacado nas artes plásticas. Suas pinturas classificaram-se em primeiro lugar por duas vezes consecutivas em Brasília, no Festival de Arte & Cidadania da Embrapa. Também se dedica à criação de logomarcas para eventos (sua arte tem ilustrado o material publicitário de muitos congressos da área de Agronomia, nos últimos 25 anos) e à produção de capas de livros e telas de softwares (maioria dos editados pela Embrapa Trigo).

Mas além da pintura, Liciane tem se aventurado no mundo das letras (poesia e conto). A primeira poesia que escreveu, "Canto", ficou entre os quinze poemas selecionados no projeto Poemas nos Ônibus realizado pela empresa Coleurb de Passo Fundo.

Por ser o seu primeiro poema, "Canto" é muito significativo para Liciane. A inspiração, conforme conta ela, "surgiu logo depois do término de um ensaio do coral da Embrapa Trigo. Saímos em três pessoas e continuamos a cantar pelo corredor. Nossas vozes se projetaram de uma forma relativamente mística causando um encantamento às pessoas que estavam no andar superior. Acabei registrando o momento em forma de poesia".

Liciane Bonatto é uma artista na mais completa acepção da palavra. Considera como finalidade das expressões artísticas: "transmitir harmonia, paz, energia, alegria, beleza, promover um encantamento. Caso o espectador ou leitor, depois de entrar em contato com um trabalho artístico, sair igualou mais alegre, ou mais em harmonia consigo mesmo e nunca deprimido, seu objetivo foi atingido. Já se tem muitas razões na vida para se ficar triste, de vez em quando", costuma ressaltar. (GILBERTO R. CUNHA)

Da revista

Água da Fonte nº 0

Data : 31/08/2018

Título : Lidando com perversidades

Categoria: Artigos

São passados 45 anos desde a publicação, em 1973, do famoso artigo de Horst Rittel e Mel Webber (Rittel & Webber, 1973), "Dilemmas in a General Theory of Planning", publicado na prestimosa revista Policy Sciences (v.4, n.2, p.155-169), e, apesar de toda a repercussão que esse texto alcançou, pelo que tudo indica, ainda não aprendemos a lidar da forma mais adequada com os chamados problemas perversos que afligem a humanidade. Esse trabalho, quer seja pelo número de citações que recebeu, pelos downloads realizados e/ou pelos debates e novos artigos que suscitou, está entre os mais importantes na carteira de publicações da Policy Sciences. Em razão dos tempos que ora estamos vivendo, e tanto faz um olhar sobre o mundo ou sobre o nosso País, visitar e refletir sobre os insights do artigo de Rittel & Webber não nos parece algo descabido.

Essencialmente, Rittel & Webber lançaram um olhar sociológico para definir os contornos e buscar soluções para os chamados problemas perversos (wicked problems na expressão original deles) que afligem as sociedades nas suas mais diferentes escalas de abrangências (local, regional, nacional ou global).

Suscitaram a crítica à crença demasiada no poder do enfoque científico para a solução de problemas sociais. A mesma racionalidade, ordenamento de processos e de controles que, um dia, permitiu à NASA colocar o homem na Lua, não necessariamente são aplicáveis, com o mesmo grau de resultados esperados, quando estão envolvidos problemas sociais, em particular os que podem ser categorizados como perversos.

Há que se entender o que leva um problema social a merecer o designativo de perverso e porque algumas soluções políticas podem dar resultado e outras não. Um problema perverso, no escopo da definição de Rittel & Webber, nunca tem uma formulação definitiva; não tem uma regra de comando que o faça cessar de imediato; não possui solução, por mais sem sentido que possa parecer, do tipo falsa ou verdadeira, mas sim do tipo boa ou ruim; não existe um teste expedito de solução; não cabe solução por tentativa e erro; não compete meras soluções enumeráveis em um plano fixo; cada problema é essencialmente único, embora um pode ser decorrência de outro; os problemas contemplam formas diferentes de representação; não há espaço para soluções por tentativa e erro; e, mesmo que a infalibilidade humana não seja premissa aceitável e nem possa ser desconsiderada, quem formula um plano de soluções para esse tipo de problemas não pode se dar o direito de estar errado.

Exemplos de problemas sociais perversos não nos faltam. Alguns nos afligem indiretamente e outros de forma mais direta e no dia a dia da vida em sociedade. Inclua nesse rol: pobreza e desigualdade social; violência doméstica e urbana, combate às drogas, criminalidade, sistema educacional e de saúde pública debilitados, corrupção e improbidade administrativa, poluição ambiental, mudança do clima, terrorismo, imigração ilegal, barreiras ao comércio internacional etc. Uma simples lista que pode ser ampliada com relativa facilidade por qualquer leitor dessa coluna. E as soluções para problemas que possuem esse grau de perversidade social? São simples? São meramente tecnocratas? São únicas? O mercado livre tudo resolverá? Você acha que o Estado mínimo é a saída? O problema do desemprego é uma mera questão de falta de qualificação individual do desempregado? O combate à violência e à criminalidade são resolvíveis com o acesso da população a armas de maior calibre? A discussão sobre armas que serve para os EUA é a mesma que serve para nós?

Você, prezado leitor/leitora, é inteligente o suficiente para perceber que diante da perversidade desses problemas; ainda que existam soluções, essas não são únicas e nem simples. Exigem construção política. E para isso, uma parcela de SIM e de NÃO para cada um dos questionamentos postos é uma solução infinitamente melhor do que meros SIM e NÃO absolutos e postos de forma intransigente.

Data : 19/07/2014

Título : Lidando com pessoas

Categoria: Artigos

Descrição: O grande desafio para o gestor de organizações que trabalham com o conhecimento é saber lidar adequadamente com as pessoas.

Sábado, 19/07/2014 às 14:45, por Gilberto Cunha

O grande desafio para o gestor de organizações que trabalham com o conhecimento é saber lidar adequadamente com as pessoas. Lá se vão mais de 50 anos, desde que Peter Drucker definiu a categoria dos “trabalhadores do conhecimento”, que se busca a melhor maneira de promover a integração de pessoas com habilidades especiais em empreendimentos de interesse comum (trabalho em equipe). É sabido, hoje mais do que nunca, que o sucesso de qualquer empreendimento depende do desempenho de pessoas. E isso é mais notório ainda em empresas que atuam na área de ciência, tecnologia e inovação (C,T&I).

O gestor, nesse tipo de organização, não deve ser avaliado apenas com base nos índices aparentes de desempenho da instituição. O exercício de liderança de pessoas e suas atitudes (exemplos pessoais) no trabalho em equipe são, cada vez mais, decisivos para diferenciar organizações relevantes, com possibilidade de vida longa, daquelas que, por inabilidade gerencial, tendem a desaparecer. Ao gestor cabe o papel de eliminar obstáculos, mais que qualquer outra coisa.

Não se separam conhecimentos e pessoas. E informação é a base do conhecimento do chamado “trabalhador do conhecimento”. Em uma época de acesso quase instantâneo a informações ilimitadas, em que o “avançado” para os dias de hoje pode ser a “ignorância” de amanhã, o que diferencia as pessoas é a capacidade de interpretar, integrar e aplicar de maneira estratégica o novo. E, mais que tudo, conseguir separar as informações necessárias daquelas que são dispensáveis. Isso, apesar da aparente simplicidade, pode representar a construção ou a destruição de empreendimentos e ser motivo de mau o bom desempenho pessoal no mundo do trabalho.

O conhecimento é parte integrante do processo de inovação. Não é por outra razão que a busca de novos conhecimentos é o ponto focal da gestão de qualquer instituição de ciência e tecnologia, que intenciona produzir inovação. E, em sendo indissociáveis pessoas e conhecimentos, torna-se elementar concluir que o êxito/fracasso nessas organizações é muito dependente do processo de gestão de pessoas posto em prática. Especialmente na gestão de trabalhadores que se diferenciam pela necessidade de uma maior autonomia, que usam o conhecimento para criar valor, que conseguem classificar e priorizar conhecimentos, que apresentam capacidade decisória e que possuem

habilidades que levam com eles onde quer que trabalhem, mas, também, não raro, são dotados de personalidades fortes que, na contramão da história, dificultam o trabalho em equipe e são arredios à crítica.

O gestor da “era do conhecimento” sabe que pessoas são muito mais que empregados. Que há necessidade de respeito pela divergência de opiniões e que lhe compete agregar pontos de vista, embora sem perder o foco das organizações. O exercício de autoridade é mais moral que coercitivo, embora o uso desse último poder, em certas ocasiões, não possa ser ignorado. O que importa são os pontos fortes dos indivíduos (aqueles que podem representar um diferencial para a organização) e não as suas fraquezas.

A nova filosofia nas organizações é lidar com competências. É com base nelas que os indivíduos se diferenciam. Entre as competências corporativas ditas genéricas, destacam-se a capacidade de trabalhar em equipe (integração com outros membros), o foco no resultado (dirigir esforços para superar padrões de resultados prévios), a flexibilidade (capacidade de adaptação a situações variadas e/ou inesperadas) e a gestão do conhecimento (capacidade de usar o conhecimento da sua área de forma abrangente). No âmbito das competências específicas, tem-se a visão integrada de processos (visão sistêmica para integração com outras ações que ocorrem na empresa), a gestão de projetos, prazos e recursos (administração), a orientação estratégica (capacidade de definir ações a partir de análise do ambiente externo e interno), a articulação de relacionamentos (uso de redes de relacionamentos em prol da organização) e a liderança/gestão de pessoas (capacidade de mobilizar esforços das pessoas, criando na empresa um ambiente participativo).

Diante do exposto, não é difícil entender porque, cada vez mais, o individualismo e a egolatria, ainda que vicejem no mundo contemporâneo, devem ser combatidos no ambiente de trabalho.

Data : 31/03/2017

Título : Lidando com pessoas

Categoria: Artigos

O grande desafio para o gestor de organizações que trabalham com o conhecimento é saber lidar adequadamente com as pessoas. Lá se foram mais de 50 anos, desde que Peter Drucker definiu a categoria dos “trabalhadores do conhecimento”, que se busca a melhor maneira de promover a integração de pessoas com habilidades especiais em empreendimentos de interesse comum (trabalho em equipe). É sabido, hoje mais do que nunca, que o sucesso de qualquer empreendimento depende do desempenho de pessoas. E isso é mais notório ainda em empresas que atuam na área de ciência, tecnologia e inovação.

O gestor, nesse tipo de organização, não deve ser avaliado apenas com base nos índices aparentes de desempenho da instituição. O exercício de liderança de pessoas e suas atitudes (exemplos pessoais) no trabalho em equipe são, cada vez mais, decisivos para diferenciar organizações relevantes, com possibilidade de vida longa, daquelas que, por inabilidade gerencial, tendem a desaparecer. Ao gestor cabe o papel de eliminar obstáculos, mais que qualquer outra coisa.

Não se separam conhecimentos e pessoas. E informação é a base do conhecimento do chamado “trabalhador do conhecimento”. Em uma época de acesso quase instantâneo a informações ilimitadas, em que o “avançado” para os dias de hoje pode ser a “ignorância” de amanhã, o que diferencia as pessoas é a capacidade de interpretar, integrar e aplicar de maneira estratégica o novo. E, mais que tudo, conseguir separar as informações necessárias daquelas que são dispensáveis. Isso, apesar da aparente simplicidade, pode representar a construção ou a destruição de empreendimentos e ser motivo de mau o bom desempenho pessoal no mundo do trabalho.

O conhecimento é parte integrante do processo de inovação. Não é por outra razão que a busca de novos conhecimentos é o ponto focal da gestão de qualquer instituição de ciência e tecnologia, que intenciona produzir inovação. E, em sendo indissociáveis pessoas e conhecimentos, torna-se elementar concluir que o êxito/fracasso nessas organizações é muito dependente do processo de gestão de pessoas posto em prática. Especialmente na gestão de trabalhadores que se diferenciam pela necessidade de uma maior autonomia, que usam o conhecimento para criar valor, que conseguem classificar e priorizar conhecimentos, que apresentam capacidade decisória e que possuem habilidades que levam com eles onde quer que trabalhem, mas, também, não raro, são dotados de personalidades fortes que, na contramão da história, dificultam o trabalho em equipe e são arredios à crítica.

O gestor da “era do conhecimento” sabe que pessoas são muito mais que empregados. Que há necessidade de respeito pela divergência de opiniões e que lhe compete agregar pontos de vista, embora sem perder o foco das organizações. O exercício de autoridade é mais moral que coercitivo, embora o uso desse último poder, em certas ocasiões, não possa ser ignorado. O que importa são os pontos fortes dos indivíduos (aqueles que podem representar um diferencial para a organização) e não as suas fraquezas.

A nova filosofia nas organizações é lidar com competências. É com base nelas que os indivíduos se diferenciam. Entre as competências corporativas ditas genéricas, destacam-se a capacidade de trabalhar em equipe, o foco no resultado, a flexibilidade e a gestão do conhecimento. No âmbito das competências específicas, tem-se a visão integrada de processos, a gestão de projetos, prazos e recursos, a orientação estratégica (capacidade de definir ações a partir de análise do ambiente externo e interno), a articulação de relacionamentos (uso de redes de relacionamentos em prol da organização) e a liderança/gestão de pessoas (capacidade de mobilizar esforços das pessoas, criando na empresa um ambiente participativo).

Diante do exposto, não é difícil entender porque, cada vez mais, o individualismo e a egolatria, ainda que vicejem no mundo contemporâneo, devem ser combatidos no ambiente de trabalho.

Data : 19/08/2011

Título : Literatura Local

Categoria: Artigos

Descrição: Uma nova geração de escritores, com formação e influências diversas, além de domínio e atuação em mídias não convencionais, faz parte do atual cenário cultural de Passo Fundo;

Literatura Local

por Gilberto Cunha

Literatura Local - Marcella Andresa Becker

Uma nova geração de escritores, com formação e influências diversas, além de domínio e atuação em mídias não convencionais, faz parte do atual cenário cultural de Passo Fundo; que se estende muito mais além dos muros das academias. A estudante de Filosofia (concluinte) e professora Marcella Andresa Becker é um dos expoentes nesse grupo de jovens escritores locais. Autora de ensaios e poemas, Marcella, nas palavras dela, busca “enlouquecer” a linguagem com o auxílio de imagens. Leitora de Herberto Helder, Sylvia Plath, Haroldo de Campos (Galáxias), Claudio Daniel (Letra Negra) e, claro, Wittgenstein (na parte da linguagem) e Bergman e Lars von Trier (na parte cinematográfica), mesmo em meio a tantas influências, ela conseguiu um tom próprio, que a torna singular. Para conhecer um pouco de Marcella Becker, basta uma passada em <http://deterdeondeseir.blogspot.com>.

Os 50 anos da Legalidade

A programação de comemoração dos 50 anos do movimento favorável à posse de João Goulart, desencadeado pela renúncia do então presidente Jânio Quadros, em 25 de agosto de 1961, sob a liderança do governador do RS na época, Leonel Brizola, que ficou conhecido como a Campanha da Legalidade, foi oficialmente lançada pelo governador Tarso Genro no último dia 3 de agosto. Debates, apresentações musicais, exposições, programas especiais na TVE, na Rádio FM Cultura e na TV Assembléia, além da inauguração do Memorial da Legalidade nos porões do Piratini estão, majoritariamente, centrados em Porto Alegre. O lançamento de obras assinadas pelos historiadores Paulo Monteiro e Ney d'Ávila, previsto para essa semana, inclui a cidade de Passo Fundo no roteiro das celebrações à resistência a um pretense golpe de Estado.

Paulo Monteiro

O ensaio “A campanha da Legalidade em Passo Fundo”, com a marca da qualidade do acadêmico e historiador Paulo Monteiro, lança luzes sobre a atuação das forças vivas passo-fundenses nesse episódio de resistência à negativa de empossar João Goulart, comandado por Leonel Brizola, usando uma rede de emissoras de rádio, que ficou conhecida como “Cadeia da Legalidade”. O texto sai em formato tablóide, com tiragem de 5000 exemplares.

Ney d`Ávila

O historiador Ney Eduardo Possapp d`Ávila faz sessão de pré-lançamento do seu novo livro, “Um Olhar Sobre a Legalidade”, na próxima quinta-feira (25), às 18h. O evento vai ocorrer na Livraria Nobel da Rua General Osório, 1148, Centro de Passo Fundo. A obra, no marco das comemorações dos 50 anos da Campanha da Legalidade, traz uma releitura dos 13 dias que abalaram o Brasil, entre 25 de agosto e 7 de setembro de 1961.

Raquel de Queiroz

Está previsto para essa terça-feira (23), às 16h, no Portal das Linguagens/ UPF, o lançamento do livro “Raquel de Queiroz: olhares de jovens passo-fundenses”. A obra, organizada por Marilise Brockstedt Lech & Sueli Gehlen Frosi, é composta pelas produções literárias dos alunos do Ensino Médio de Passo Fundo, classificadas no IV Concurso Literário da Academia Passo-Fundense de Letras. A iniciativa teve o apoio da Prefeitura Municipal de Passo Fundo, via a Secretaria de Desporto e Cultura, e da Prof. Tania Rösing, que a incluiu na programação da 14ª Jornada Nacional de Literatura.

Maria Irene

Nossos respeitos à Professora Maria Irene Baggio, que acaba de ser agraciada com o prêmio “O Futuro da Terra”, edição 2011, promovido pelo Jornal do Comércio em parceria com a Fapergs. Uma justa homenagem a quem dedicou a vida profissional à pesquisa científica e à formação de estudantes. Em Passo Fundo, na Embrapa Trigo e na UPF, foi pioneira em usar a biologia avançada no melhoramento genético de plantas e responsável pela implantação de linhas de pesquisa e montagem de laboratórios de biotecnologia vegetal. A solenidade de entrega será realizada no dia 29 de Agosto (segunda-feira), às 19 horas, no Auditório da Farsul, no Parque de Exposições de Esteio, durante a Expointer.

Nessa terça-feira (23), às 16h, no Portal das Linguagens/Campus I UPF, ocorre o lançamento do livro Raquel de Queiroz: olhares de jovens passo-fundenses.

O Nacional

Sexta-Feira, 19/08/2011

Data : 27/05/2011

Título : Literatura local - Luiz Mario Nodari

Categoria: Artigos

Descrição: Trabalhos, Lutas e Pioneirismo, livro de Luiz Mario B. Nodari, publicado pela editora Padre Berthier, em 1980, é, antes de qualquer outra coisa

Literatura local - Luiz Mario Nodari

por Gilberto Cunha

Trabalhos, Lutas e Pioneirismo, livro de Luiz Mario B. Nodari, publicado pela editora Padre Berthier, em 1980, é, antes de qualquer outra coisa, um livro de memórias da família Nodari, cujas raízes remontam à Província de Vicenza, na Itália; mas não só isso; uma vez que não se restringe à saga dos italianos que vieram para o Brasil far la Merica. Essa uma daquelas obras cuja leitura descomprometida com os personagens nos faculta uma visão histórica diferenciada sobre uma época e uma região. Eu, particularmente, fiquei muito interessado ao tomar conhecimento que Luiz Mario Nodari, que veio de Antônio Prado para Getúlio Vargas, em 1936, acabaria assumindo as funções de mestre marceneiro e carpinteiro, em 1939, na Estação Experimental do Trigo, as raízes da Embrapa Trigo, que seria inaugurada em 22 de novembro de 1940, na localidade de Engenheiro Luiz Englert, hoje município de Sertão. A descrição que o autor faz do ambiente da Estação Experimental, do relacionamento dos funcionários com o diretor do estabelecimento, da derrubada de pinheiros para a construção das casas, dos problemas enfrentados pela seca que assolou a região, entre 1942 e 1945, é esclarecedora. Em 1949 ele deixou as funções públicas, para montar seu próprio negócio com madeira. Trabalhou em serrarias e, nessa jornada, nos brinda com mais informações reveladoras: nos quatro anos que atuou em Tapejara, na serraria de Hercules Bosquirolli & Filhos, foram cortados e serrados 16 mil pinheiros, entre 30 cm e 1,30 m de diâmetro, que resultaram em 62 mil dúzias de tábuas. O livro foi produzido com esmero pelo engenheiro Mauro Nodari, filho do autor, começando pela capa, em tons de madeira, ilustrada com instrumentos de marceneiro, que leva a assinatura de Paulo Roberto Mesquita, hoje comandante da Gráfica Editora Berthier.

Código Florestal

Em nota conjunta, divulgada nessa quarta-feira (25), a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e a Academia Brasileira de Ciências (ABC), sobre a decisão da Câmara dos Deputados com relação ao Código Florestal, esclarecem que nunca houve convite oficial por parte do Parlamento Nacional para que a ABC e a SBPC, entidades representantes da comunidade científica brasileira, participassem das discussões sobre o substitutivo ao código florestal. Não obstante, houve essa participação, com a formação de um grupo de trabalho, resultando no livro “O Código Florestal e a Ciência – Contribuições para

o Diálogo”, lançado em Brasília no dia 25 de março de 2011, que serviu para justificar o pedido da SBPC e da ABC de mais dois anos para a construção de um código florestal com base científica e tecnológica considerando aspectos jurídicos não punitivos e com equidade econômica, social e ambiental.

Trigo transgênico

Um trigo geneticamente modificado para tolerância ao estresse hídrico, desenvolvido pela Cooperativa Central de Pesquisa Agrícola – COODETEC, de Cascavel/PR, teve pedido de liberação planejada no meio ambiente aprovado pela Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio), em reunião realizada dia 18 de maio de 2011. Que não se confunda com liberação para cultivo comercial de trigo transgênico no Brasil, a exemplo do que ocorre com soja e milho. Mas, foi dado o primeiro passo.

Trigo sequeiro

No caso do trigo tolerante ao estresse hídrico, o alvo é a expansão de cultivo desse cereal nas regiões Sudeste e Centro-Oeste. Mais especificamente, no chamado cultivo de sequeiro, em que o trigo é semeado em fevereiro/março, aproveitando as chuvas que ocorrem naquela região do País, normalmente, até o mês de abril, quando inicia a estação seca do cerrado, que se estende até setembro.

“Para quem tiver interesse em conhecer um pouco dos bastidores da história do ensino universitário, rádio e televisão em Passo Fundo, recomenda-se a leitura da entrevista com o Dr. Bruno Markus (1921-2010), publicada na revista Água da Fonte.

O Nacional

Sexta-Feira, 27/05/2011

Data : 04/05/2012

Título : Literatura Local - Pedro Du Bois

Categoria: Artigos

Descrição: No blog dos colunistas de O Nacional, onde são postados os textos que escrevo para as edições impressas das quintas-feiras e dos sábados, há um espaço destinado para os comentários dos leitores.

Sexta-Feira, 04/05/2012 por Gilberto Cunha

Pois, para minha surpresa, “nunca antes na história dessa coluna em ON”, que, apesar de algumas breves interrupções, podemos retroceder até 1995, houve tantas manifestações de leitores (foram 11), não importando o quão instigante, provocativo ou, apesar da aparente superficialidade, aprofundado tivesse sido o assunto tratado, quanto em relação à coluna que escrevi, publicada em 21 de abril último, dando conta do lançamento do livro de poemas “Brevidades”, de Pedro Du Bois, que contou com o suporte do “Projeto Passo Fundo - Apoio à Cultura”, idealizado por Ernesto Pedro Zanette

O episódio trouxe-me à memória uma antiga história, que circulava entre os estudantes do Programa de Pós-Graduação da UFRGS, em meados dos anos 1980, e que acredito ainda hoje graceje, com as devidas adaptações exigidas pelos novos dos tempos, nos recônditos dos sítios internet. Refiro-me, explicitamente, à manjada história da “Tese do Coelho”.

Sem muitas delongas e nem rodeios, para quem não conhece, essa história pode ser assim livremente resumida: “Um inocente coelho na frente de uma caverna. Notebook/tablet na mão (no original era uma prancheta) e concentração no trabalho. Eis que passa por ali uma raposa. Observa o succulento coelho, que tão distraidamente trabalha, e então indaga: - Que fazes? E o coelho, sem desviar os olhos da tela, diz: - Estou escrevendo a minha tese de doutorado. E a raposa: - Interessante, mas qual é o tema da sua tese? O coelho: - É sobre uma nova teoria provando que os coelhos são os predadores naturais das raposas. A raposa indigna-se: - Ridículo! Nós somos os predadores naturais dos coelhos. “Em absoluto”, responde o coelho. – Venha que lhe mostro a prova experimental. Entram na caverna, ouvem-se alguns ruídos indecifráveis e, tempos depois, o coelho está de volta no seu posto à frente da caverna, notebook na mão, concentrado no trabalho, etc. Eis que passa um lobo e a história se repete... “Minha tese de doutorado, seu lobo, prova que nós, os coelhos, somos os predadores naturais dos lobos”.

Pois, as manifestações dos leitores nesse episódio da coluna mencionada, anteriormente não vistas, são provas irrefutáveis, para o colunista, da importância da obra do escritor e poeta passo-fundense Pedro Du Bois.

A qualidade dos poemas de Pedro Du Bois pode ser aquilatada também pela obra “Os Objetos e as Coisas”, que foi vencedora do concorrido Prêmio Literário Livraria Asabeça, edição de 2005. O referido prêmio existe desde 2002, conta com o apoio da Scortecci Editora e tem por objetivo publicar novos talentos e promover a literatura brasileira, nos gêneros poesia e conto. As inscrições são gratuitas, via a ECT, estendendo-se até 30 de setembro, para a edição de 2012. Do mencionado livro, selecionei, por certa identificação (e temor), os versos finais do poema “Da Serventia dos Objetos” (página 22):

O objeto pode ser jogado fora sempre que desnecessária a sua permanência: em caso de morte do proprietário, os livros em bom estado fazem as honras dos objetos e são vendidos em primeiro lugar, por quase nada.

Data : 10/06/2011

Título : Literatura local – Conrado Augusto Hexsel

Categoria: Artigos

Descrição: Dias atrás, cruzei, por acaso, na praça de alimentação do Bourbon Shopping Passo Fundo, com o Sr. Conrado Augusto Hexsel.

Literatura local – Conrado Augusto Hexsel

por Gilberto Cunha

Dias atrás, cruzei, por acaso, na praça de alimentação do Bourbon Shopping Passo Fundo, com o Sr. Conrado Augusto Hexsel. Foi o suficiente para reavivar a lembrança do livro que ele publicou, com a colaboração de Héctor Eduardo Gárate, edição do Sincomércio, em 2002: “Comércio Século XX – Passo Fundo”. Trata-se de uma obra singular para a interpretação da história de Passo Fundo. Os autores primaram pela escolha das fontes. Foram metódicos, sistematizaram e organizaram o conteúdo até chegar à obra acabada. Embora Conrado Hexsel insista que não pretende ser escritor, intitulando-se um modesto anotador curioso do progresso na vida de Passo Fundo, deu pra ver que é, no mínimo, um “bom anotador”. Fez isso com maestria, desde que aqui chegou, em 1928, vindo de Lajeado.

O livro é sobre o comércio local, mas, no fundo, retrata a história de algumas famílias que, por meio da atividade comercial, estiveram, de uma forma ou de outra, ligadas ao desenvolvimento dessa cidade, durante o século 20; algumas, inclusive, até os nossos dias. Cada página é como uma peça de um mosaico que vai, ao fim e ao cabo, dar na construção da cidade de Passo Fundo que hoje conhecemos.

Os autores narram fatos que, somados ao material fotográfico e as cópias de documentos, inclusos no anexo “almanaque”, montam, pelo menos, uma parte do passado da cidade. É uma boa fonte de consulta, ainda que secundária, para os acadêmicos dedicados à interpretação da história local. Conrado Hexsel e Héctor Gárate tinham bem claros os seus horizontes. As grandes mudanças dessa primeira década do século 21, especialmente num setor tão dinâmico quanto o comércio, sugerem a necessidade de atualização dessa importante obra. O comércio passo-fundense, em 2011, é muito diferentes daquele iniciado por Johann Adam Schell.

Pitigrilli

Dino Segre (1893-1975), jornalista e escritor italiano mais conhecido pelo pseudônimo de Pitigrilli, que dizia ter escolhido porque gostava de colocar os pingos nos “is”, ficou famoso pelos comentários ácidos e tiradas de humor sobre os costumes da sociedade pós Segunda Guerra Mundial. Da sua vasta obra, pinçamos (com adaptações) a história do “corvo e da raposa”. Aquela do corvo com o queijo na boca e a raposa elogiando-o ao extremo, evidentemente tentando provocar a queda do queijo à primeira resposta com o abrir da boca.

Na versão de Pitigrilli, porém, se passa algo diferente. O corvo faz o clássico ouvidos moucos, limitando-se a ruídos surdos, frente aos elogios desmedidos da raposa, e sem se sensibilizar continua comendo avidamente o seu queijo imenso.

Literalmente jogando a toalha, a raposa se afasta murmurando:

- Este corvo desgraçado deve ter lido La Fontaine.

DIVINOs

Uma nova loja especializada em vinhos, a DIVINOs, está funcionando em Passo Fundo, na Av. 7 de Setembro, 115 –loja 2 (em frente ao Mercado da Uruguai). Segundo um dos proprietários, Flávio Santana, a casa trabalha com vinhos diferenciados, não encontráveis nas gôndolas dos supermercados, e pratica preços competitivos. O colunista agradece o convite para visitar o estabelecimento.

IFIBE

O Instituto Superior de Filosofia Berthier (IFIBE) proporcionou, nessa quinta-feira (9), uma rara oportunidade à comunidade local, ao trazer a Passo Fundo, para conferência aberta ao público, o Dr. Edward Demenchonok, da Fort Valley State University/USA, que tratou do tema “Universalismo moral, diversidade cultural e direitos humanos”. O professor Demenchonok, atualmente radicado nos EUA, é natural de Moscou, com passagem pela Colômbia, onde travou contato com importantes filósofos latinoamericanos, caso de Enrique Dussel, que, em 1975, deixando para trás a ditadura Argentina, foi buscar exílio no México. Aliás, a nova empreitada do IFIBE é trazer Enrique Dussel a Passo Fundo.

“Uma convocação ético-política ou um chamamento à responsabilidade, eis a síntese perfeita da fala do Dr. Edward Demenchonok, feita pelo professor Paulo César Carbonari, no final da conferência.

O Nacional

Sexta-Feira, 10/06/2011

Data : 24/06/2011

Título : Literatura local – Helena Rotta de Camargo

Categoria: Artigos

Descrição: É impossível a leitura de um poema, de uma crônica ou de qualquer outra coisa (seja um ofício, um convite ou a letra de um hino), saídos da lavra de Helena Rotta de Camargo (HRC)...

Literatura local – Helena Rotta de Camargo

por Gilberto Cunha

É impossível a leitura de um poema, de uma crônica ou de qualquer outra coisa (seja um ofício, um convite ou a letra de um hino), saídos da lavra de Helena Rotta de Camargo (HRC), e que não se perceba, mais além do domínio do idioma, da sintaxe perfeita e do estilo em bem escrever, a sensibilidade que aflora de uma mulher marcada, espiritual e pessoalmente, pelos desígnios da vida.

HRC é natural de Espumoso, mas foi em Passo Fundo que construiu a sua história profissional e afetiva. Estudou na UPF, graduando-se (bacharelado e licenciatura) em Letras. Trabalhou como professora do ensino fundamental e médio e ocupou o cargo de Técnico Judiciário do Tribunal Regional do Trabalho. Hoje, aposentada, vive para as suas paixões: a literatura (membro da Academia Passo-Fundense de Letras), os filhos (Gabriela, Gustavo e Giancarlo), os netos (Betânia e Henrique) e o marido (Santo Claudino Verzeleti).

Depois de sete obras (Sol Encoberto, Paredes Nuas, Cântaros de Junco, Violetas da Paixão, Sonho-Seiva-Semente, Monólogo de uma peregrina e Agenda poética), HRC lançou, recentemente, pela Méritos Editora, quatro livros. Nesses, incluem-se a “Trilogia da Vida e do Afeto”, abarcando o volume 1: “Matizes do Entardecer – Crônicas do cotidiano”; o volume 2: “Fulgores, Dores e Amores – Respingos de uma travessia”; e o volume 3: “Gorjeios e Revoadas – Versos ao léu”; além do livro de poemas “Bem-Me-Quer – Versos desfolhados”. Do último, compartilho, com aqueles que me dão o privilégio da leitura, os versos: “Leitor e poeta: mercadores de sonhos...Eu escrevo, você lê. Que essa troca nos enriqueça a ambos!”

cooJORNAL (1)

Numa época que, em livro, filme e exposição, se busca resgatar e manter viva a história do CooJornal, cuja publicação, entre 1976 e 1982, marcou

indelevelmente a imprensa gaúcha, me vejo obrigado a uma confissão pública de arrependimento. Quando deixei a casa do estudante da UFRGS, em 1989, coloquei, literalmente no lixo, uma coleção quase completa do CooJornal. Lembro da valiosa coleção e da pilha de exemplares do “Manifesto Ecológico”, do José Lutzenberger, em edição especial do CooJornal. Desses, antes de dar o mesmo destino, eu separei alguns, que traria a Passo Fundo, mas, infelizmente, no começo dos anos 1990, num dos muitos modismos de administração, chamado de 5S, de triste lembrança, também acabariam sendo descartados.

cooJORNAL (2)

Uma boa sugestão de leitura – recomendável, inclusive, para a “nova geração de jornalistas” que, conforme destacado pelo Celestino Meneghini, na coluna dessa quinta-feira (23), não raro, se torna refém do processo de “hamsterização” vigente no ambiente das redações – é o livro COOJORNAL – UM JORNAL DE JORNALISTAS SOB O REGIME MILITAR, organizado por Ayrton Centeno, Elmar Bones e Rafael Guimaraens. Entre as reportagens da época, uma em especial, tratando das arbitrariedades cometidas pelos nossos “heróis” na Guerra do Paraguai, muitos deles imortalizados em bronze nas praças públicas, mudou o meu jeito de ler os livros escolares de história.

Trigo – 300 plantas

Desde a publicação da 1ª edição do livro “Cultura dos campos”, de Joaquim Francisco de Assis Brasil, em 1897, muitas coisas, com exceção de uma, mudaram em relação ao cultivo de trigo. Lá consta a recomendação de usar uma quantidade de sementes necessária para se obter 300 plantas por metro quadrado. Mais de 100 anos e muitos experimentos depois, a Comissão Brasileira de Pesquisa de Trigo e Triticale apresenta nas suas informações técnicas, safra 2011: “a densidade de semeadura indicada é de 300 a 330 sementes aptas por metro quadrado (cultivares de ciclos precoce e médio, que são a maioria).”

“A Fundação Pró-Sementes, em parceria com a Syngenta, traz a Passo Fundo, na próxima quarta-feira (29), o pesquisador Luis Henrique Penckowsky, da Fundação ABC, para palestra sobre o uso do redutor de crescimento Moddus na cultura do trigo. O evento inicia às 10h, no auditório da Apassul.

O Nacional

Sexta-Feira, 24/06/2011

Data : 03/06/2011

Título : Literatura local – Santo Claudino Verzeleti

Categoria: Artigos

Descrição: Apesar do subtítulo “memórias”, Entre a Enxada e o Livro, de Santo Claudino Verzeleti, é uma obra que transcende as similares dessa mesma natureza...

Literatura local – Santo Claudino Verzeleti

por Gilberto Cunha

Apesar do subtítulo “memórias”, Entre a Enxada e o Livro, de Santo Claudino Verzeleti, é uma obra que transcende as similares dessa mesma natureza, ao ir além do mero resgate de datas, de acontecimentos marcantes e de exaltação ao legado deixado pelos antepassados. Não se furta disso, pois, afinal, nesse livro, o que encontramos é a autobiografia intelectual de um homem que, ao buscar no passado as suas origens e contextualizá-las historicamente, consegue viver de forma intensa o presente e, ainda, construir futuros.

Não me parece exagerado dizer que Santo Claudino Verzeleti conseguiu, com esta reunião de textos que refletem histórias de vidas, sua e de seus antepassados, visões sobre temas diversos, o envolvimento com a profissão que abraçou, os relacionamentos familiares, as suas crenças políticas e o seu ativismo cultural e filantrópico, “ditar” uma espécie de testamento intelectual, que transforma a todos nós, seus leitores, em herdeiros. Efetivamente, em herdeiros de conhecimento, de lições de vida, de exemplo de lutas que valem à pena, de transformação de sonhos em realidade e de despojamento material em favor de causas culturais.

Por último, cabe, sim, dizer que Santo Claudino Verzeleti é humano, com virtudes e defeitos, como qualquer um de nós. Mas, tal qual um poeta, Verzeleti tem o direito que o julgemos pelos seus melhores versos. E o melhor de Santo Claudino Verzeleti, indubitavelmente, pode ser encontrado neste livro.

Baixo Carbono (1)

O Brasil, voluntariamente, assumiu alguns compromissos de redução de emissões de gases de efeito estufa (GEE), que exigirão reorientação e planejamento rumo a uma nova economia de baixo carbono. São exemplos: o Plano Nacional sobre Mudança do Clima, de 2008, que determina uma redução de 70% no desmatamento até 2017, e a Lei 12.187, de 29 de dezembro de 2009, que institui a Política Nacional de Mudanças Climáticas do Brasil, que estabelece metas visando a redução dos GEE, entre 36,1 e 38,9% das emissões projetadas até 2020.

Baixo Carbono (2)

Estudo recente, elaborado pelo Banco Mundial, sobre o uso da terra, mudanças do uso da terra e florestas no Brasil, indica a necessidade de aproximadamente 17 milhões de hectares adicionais de terras para acomodar a expansão projetada das atividades de agricultura e pecuária até 2030, seguindo os moldes atuais. Num cenário de baixo carbono, para cumprir os nossos compromissos de redução de GEE, a quantidade de terras adicionais necessárias para a mitigação das emissões e para a remoção de carbono chega a 53 milhões de hectares.

Desmatamento

O desmatamento é responsável pela maior parte das emissões brasileiras de carbono para a atmosfera, representando, com base em dados de 2008, dois quintos das emissões nacionais brutas. E, conforme o referido relatório do Banco Mundial, há indícios que o desmatamento continuará sendo o principal impulsionador das futuras emissões de GEE no Brasil, até 2030.

Frio

O final de semana deve ser de muito frio em Passo Fundo. A entrada de uma massa de ar polar causará declínio acentuado da temperatura, podendo chegar a 1,0 ° C (ou menos), na madrugada de domingo. Há possibilidade de formação de geadas, conforme alerta do Instituto Nacional de Meteorologia.

Shakespeare

Quando está por quase se encerrar o IV quadro do I ato, na tragédia “Hamlet, Prince of Denmark”, William Shakespeare colocou na fala de Marcellus, um dos oficiais dinamarqueses, um verso lapidar: “Something is rotten in the state of Denmark”. Essa frase viraria a nossa bem conhecida “há algo de podre no Reino da Dinamarca”, que é usada quando alguém quer se referir a um escândalo ou estado de desagregação verificados num país ou instituição, equiparando-os, assim, àquela nação escandinava. O Bardo sabia das coisas!

O Nacional

Sexta-Feira, 03/06/2011

Data : 08/01/2011

Título : Livro Azul

Categoria: Artigos

Descrição: Está disponível para download no sítio Internet do Centro de Gestão e Estudos Estratégicos , o chamado Livro Azul,...

Livro Azul

Está disponível para download no sítio Internet do Centro de Gestão e Estudos Estratégicos –CGEE (<http://www.cgee.org.br>) o chamado Livro Azul, obra que contempla as conclusões da 4ª Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação para o Desenvolvimento Sustentável, realizada em Brasília, no período de 26 a 28 de maio de 2010, contando com ampla representatividade dos setores acadêmico, governamental, empresarial e outros da sociedade civil, além de convidados estrangeiros. Frise-se que o evento foi precedido de cinco conferências regionais (CO, N, NE, SE e S) e diversos fóruns de espalhados por todo o País.

O Livro Azul, sem qualquer dúvida, é um documento orientador importante para a superação dos novos desafios da política de ciência, tecnologia e inovação no Brasil; afim de que ela se torne, efetivamente, uma política de Estado.

- PAC da Ciência

O Plano de Ação em Ciência, Tecnologia e Inovação para o Desenvolvimento Nacional, conhecido como PAC da Ciência, que foi posto em prática pelo Governo Federal no período 2007/2010, marcará a história da ciência, da tecnologia e da inovação no País. Para aqueles que duvidam, recomenda-se uma visita nos sítios Internet das agências federais (CNPq, FINEP e CAPES) e uma olhada, mesmo que rápida, no número de editais, encerrados e abertos, estabelecendo prioridades de investimentos, orçamentos definidos e, mais esclarecedor ainda, executados. Também merece menção a criação de novas instituições públicas de ensino, pesquisa e extensão, universalizando o acesso à educação superior. Passo Fundo, Sertão e Erechim estão entre as cidades contempladas.

- Desafios em C,T&I

O Brasil, sob muitos aspectos, hoje, possui algumas vantagens competitivas que o credenciam para a construção de um novo modelo de desenvolvimento sustentável, que respeite a natureza e os seres humanos, apoiado na ciência, na tecnologia e na educação de qualidade para todos.

Apesar do ufanismo, há que se atentar para algumas conclusões que se sobressaem da leitura do Livro Azul. Primeiro, devem ser mantidas e aperfeiçoadas as ações de ciência, tecnologia e inovação ora em curso. Segundo, necessidade de expandir a atuação dos institutos de ciência e tecnologia, hoje concentrada no sudeste e no sul do País, para todo o território nacional. Terceiro, melhorar a qualidade da ciência brasileira para que, de fato, ocorram avanços na fronteira do conhecimento. E, por último, é preciso que a ciência, a tecnologia e a inovação se tornem componentes efetivos do desenvolvimento sustentável, com maior participação das empresas em

atividades de pesquisa e desenvolvimento, além da materialização desses avanços em políticas públicas de inclusão social.

O desenvolvimento sustentável não é tarefa apenas de governos, mas do conjunto da sociedade representada pela academia, pelo setor empresarial, por entidades de categorias profissionais e do terceiro setor, entre outros. Os investimentos brasileiros em pesquisa e desenvolvimento, ano referência 2009, correspondem a 1,24% do PIB, sendo majoritariamente públicos. Para nos aproximarmos do padrão dos países líderes mundiais, precisamos chegar na faixa entre 2,0% e 2,5% do PIB. É evidente que a iniciativa privada precisa investir mais em ciência, tecnologia e inovação no Brasil.

- La Niña

O boletim do Climate Prediction Center dos EUA, liberado nessa quinta-feira (6), alerta que o atual evento La Niña deverá permanecer atuando pelo menos até o outono. No momento, permanece a incerteza sobre a continuidade do La Niña durante o inverno de 2011 ou se haverá transição para uma condição de neutralidade na águas do Oceano Pacífico; conforme sinalizam algumas previsões..

Isso significa que as chances de persistência da estiagem na metade sul do RS são elevadas. E quanto ao desempenho das lavouras de soja na metade norte? O momento é de cautela, quer sejam com projeções exageradamente pessimistas ou otimistas em demasia. Duas coisas relevantes: 1) o período mais crítico para a definição do rendimento da soja, pós-floração/enchimento de grãos, começa a partir de agora; e 2) as maiores perdas na agricultura gaúchas, causadas por estiagens, a exemplo da safra 2004/2005, não ocorreram em anos de La Niña.

Do Jornal

O Nacional

08 de Janeiro de 2010

Data : 31/12/2008

Título : Livro da Academia Passo-Fundense de Medicina

Categoria: Artigos

Por iniciativa do confrade Osvandré Lech, o livro “Academia Passo-Fundense de Medicina - História, Patronos e Acadêmicos” será lançado em breve. Esta é a primeira publicação oficial da mais nova Academia de Passo Fundo. O confrade Marco Damian foi o responsável pela pesquisa histórica que trouxe dados

importantes da medicina de Passo Fundo. Charles Pimentel, da editora Méritos, é o responsável pela editoração. Os organizadores do livro assim se expressaram na apresentação da obra: Iniciando a quarta gestão, a Academia Passo-Fundense de Medicina da cidade de Passo Fundo, a primeira do gênero fora das capitais brasileiras, cumpre o seu papel de forma inequívoca. Desde 2003, as diretorias têm-se empenhado para estruturá-la cada vez melhor, dar-lhe visibilidade no cenário local e nacional, e oferecer uma interessante programação de conferências sobre os temas mais amplos da ciência médica e da atualidade que nos cerca, onde participam não apenas os acadêmicos, mas também a classe médica e estudantes universitários, dentre outros.

Este livro foi escrito por muitas mãos. O historiador Marco Damian realizou excelente pesquisa biográfica sobre os patronos, resgatando dados importantes. Cada acadêmico contribuiu com seus próprios dados, pautados por discrição e humildade. O trabalho dos organizadores foi, por certo, muito facilitado pelo envolvimento de todos. Idealizado na gestão de Júlio Teixeira, iniciado durante a gestão de Juarez Tarasconi, desenvolvido na de Rui Donadussi e, finalmente, publicado na de Plácido Scussel, este livro demonstra o espírito de cooperação e trabalho integrado, desenvolvido pela novel Academia.

Por fim, e não menos importante, o livro auxilia na compreensão dos motivos que levaram a cidade de Passo Fundo a ser apontada pelo IBGE como o terceiro pólo médico do sul do Brasil. Boa leitura!

Da Revita

Água da Fonte n° 6

Data : 19/03/2011

Título : Luiz Graeff Teixeira

Categoria: Artigos

Descrição: A Expodireto Cotrijal 2011 trouxe de volta à cena local um nome que há muito tempo não se ouvia falar no meio agrícola regional.

Luiz Graeff Teixeira

por Gilberto Cunha

A Expodireto Cotrijal 2011 trouxe de volta à cena local um nome que há muito tempo não se ouvia falar no meio agrícola regional. Trata-se de Luiz Graeff Teixeira, atualmente radicado no agreste alagoano, produzindo frutas tropicais,

que, em texto assinado na edição especial do jornal TrocaTroca Uirapuru, de 14 de março de 2011, resgata um pouco da história do plantio direto no sul do Brasil, da qual, ele como produtor rural em Coxilha, ajudou a construir. No início dos anos 1990, a propriedade de Graeff Teixeira, onde hoje está sediada uma unidade de pesquisa de milho da Pioneer Sementes, era vista como uma referência em práticas de agricultura conservacionista, especialmente pela adoção dos princípios do sistema plantio direto na palha (cobertura permanente do solo, revolvimento apenas na linha/cova de semeadura, rotação de cultivos e intensificação no uso da terra/colher e plantar). Visitantes do mundo todo, produtores e pesquisadores, faziam peregrinações nas suas lavouras para conhecer o novo sistema que em poucos anos revolucionaria a prática de semeadura, transformando o arado em peça de museu.

Gilberto Borges

Em tempos de Expodireto, nunca é demais lembrar de um nome: Gilberto de Oliveira Borges; lamentavelmente não mais entre nós. E Luiz Graeff Teixeira fez isso com a devida reverência no texto supra mencionado. Quando retornou a Passo Fundo, no começo dos anos 1990, Gilberto Borges fundou o Jornal do Plantio Direto, que depois se converteria na Revista Plantio Direto, além de ter publicado livros e organizado incontáveis eventos tipo seminários, encontros, cursos e exposições dinâmicas, como foi o caso da Expodireto 1999, realizada em parceria com a EMATER/RS, em Carazinho, na área do Centro Rural de Ensino Supletivo – CRES. A idealização de Gilberto Borges, no ano seguinte, 2000, foi semeada em terra fértil, no município de Não-Me-Toque, vindo a se transformar, a partir da visão gerencial diferenciada dos administradores da Cotrijal, na grande feira de tecnologias e negócios do setor agropecuário, como é exemplo a Expodireto Cotrijal 2011.

Revista Plantio Direto

Outro legado de Gilberto Borges, de valor inestimável, foi a Revista Plantio Direto. Hoje levada adiante pela Juliane Borges, a Revista Plantio Direto, com circulação bimestral, é uma das nossas principais mídias de divulgação de tecnologias e inovações para a agricultura brasileira. A qualidade dessa revista pode ser mensurada pelo fato de, mesmo não sendo um periódico que obedece ao sistema de revisão pelos pares (peer-review system), a Revista Plantio Direto goza de méritos nos meios acadêmicos, merecendo o grau B5 no sistema Qualis Capes de avaliação de revistas científicas.

Pioneiros do SPD

Luiz Graeff Teixeira fez referência à contribuição dada ao desenvolvimento do sistema plantio direto na região pelos pesquisadores da Embrapa Trigo Rainoldo Kochhann, Dirceu Gassen, Erivelton Roman e Erlei Melo Reis. Também citou os professores Elmar Floss, da UPF, e, João Carlos Morais Sá (Juca), da Universidade de Ponta Grossa, além de José Ruedell da Fundacep. Também mereceram menção os consultores estrangeiros Rolf Derpsch, Patrick Wall, Jorge Molina, Victor Hugo Trucco, José Fernandes Moreno e Grant W. Thomas.

Além dos pioneiros do sistema plantio direto na palha de outras regiões: Carlos Crovetto, do Chile, Manoel Pereira (Nonô) e Herbert Bartz, do Paraná. Não faltou também o reconhecimento pelo apoio recebido de parte da SEMEATO, direção e técnicos, no desenvolvimento de semeadoras adaptadas ao novo sistema que estava sendo preconizado. Os nomes citados são, evidentemente, as referências pessoais de Luiz Graeff Teixeira. Há muitos outros, tanto locais como de fora, que também a ajudaram na construção do sistema plantio direto como prática dominante na agricultura brasileira.

“Em tempos de Expodireto, nunca é demasiado lembrar de um nome: Gilberto de Oliveira Borges.”

O Nacional

Sábado, 19/03/2011

Data : 17/12/2010

Título : Mais além dos 4 °C

Categoria: Artigos

Descrição: Manter a elevação da temperatura média global, neste século, limitada a no máximo 2° C, no rumo que as coisas estão tomando, em que poucos,...

Mais além dos 4 °C

Manter a elevação da temperatura média global, neste século, limitada a no máximo 2° C, no rumo que as coisas estão tomando, em que poucos, na questão da redução das emissões de CO2 parecem dispostos a fazer qualquer sacrifício, parece ser mais intenção que propriamente realidade.

Na literatura acadêmica e política sobre o assunto, pode ser percebido que muitos dos cenários traçados subestimaram a taxa de incremento de emissões que efetivamente ocorreu nos últimos anos, podendo, em certos casos, se identificar um otimismo que não é real sobre a conversão da matriz energética dominante em muitos países, quase que exclusivamente derivada de carbono fóssil, para formas renováveis.

É por isso que muitos entendem que evitar um aquecimento global que não ultrapasse os 2 °C parece ser bastante improvável e que a chance de uma elevação de 4 °C ainda neste século ser menos improvável do que inicialmente se imaginava.

Em 2009, com essa preocupação, foi realizada na Inglaterra a conferência “Four degrees and beyond: the potential for a global temperature increase of four degrees and its implications”. Os participantes foram instados a responder os seguintes questionamentos: a) quão provável é um aquecimento global de 4 °C ou maior; b) quais as conseqüências que este aquecimento pode ter para os ecossistemas e para a sociedade; e c) como manter o risco da mudança do clima tão baixo quanto possível.

As contribuições dos participantes foram publicadas no número especial da revista *Philosophical Transactions of Royal Society (Phil. Trans. R. Soc. A)* (2011) 396, 4-5). A edição é de 2011, porém a versão online já está disponível na página Internet da Royal Society. Recomenda-se.

Plano de Mudança do Clima

O Brasil formalizou seu compromisso sobre a mudança do clima global, oficializando o Plano de Mudança do Clima pelo decreto nº 7.390, editado no último dia 10, que regulamenta a Política Nacional sobre Mudança de Clima (PNMC). O plano estabelece metas para redução de três bilhões de toneladas equivalentes de dióxido de carbono (CO₂) até 2020. Para a agropecuária, o governo firmou compromisso voluntário de diminuir, nos próximos 10 anos, as emissões de CO₂ em 730 milhões de toneladas equivalentes.

Agricultura - Crédito para uma produção sustentável

O Programa Agricultura de Baixo Carbono (ABC) tem entre seus objetivos especificados pelo MAPA: 1) Recuperar uma área de 15 milhões de hectares de pastos degradados com manejo adequado e adubação, poupando, assim, a emissão de 104 milhões de toneladas de CO₂; 2) Adotar o sistema lavoura-pecuária-floresta em quatro milhões de hectares, evitando a emissão 20 milhões de toneladas equivalentes de CO₂; 3) Ampliar a utilização do sistema de plantio direto na palha em 8,0 milhões de hectares (de 25 para 33 milhões de hectares), o que evitará a emissão de 20 milhões de toneladas equivalentes de CO₂; 4) Estimular o incremento da fixação biológica na produção de soja em grãos de 11,0 para 16,5 milhões de hectares, recuperando dez milhões de toneladas equivalentes de CO₂; 5) Promover ações de reflorestamento no País de 6,0 par 9,0 milhões de hectares na produção de fibras, madeira e celulose, reduzindo as emissões, neste caso, em 2 milhões de toneladas equivalentes de CO₂.

Para tal, no Plano Agrícola e Pecuário (PAP) 2010/2011, que contempla recursos de R\$ 18 bilhões – 29% a mais que na safra passada, foram destinados R\$ 2 bilhões exclusivamente para financiar investimentos que se enquadrem no programa Agricultura de Baixo Carbono (ABC) e possam efetivamente contribuir para a mitigação da emissão dos gases de efeito estufa na atividade agropecuária brasileira.

Saudosismo

Houve um tempo em a comercialização de todo o trigo produzido no Brasil era efetivada em 90 dias, entre outubro e dezembro. Essa informação consta na apresentação de relatório do Banco do Brasil sobre a safra do trigo nacional de 1974. Leva a assinatura de Eloy Gomes, Chefe da Divisão Especial do Departamento Geral de Comercialização do Trigo Nacional – CTRIN. Vale lembrar que a CTRIN foi extinta em 1990, quando do fim da intervenção estatal no complexo agroindustrial do trigo no Brasil e os tempos, hoje, são outros.

Do Jornal

O Nocaional

17 de Dezembro de 2010

Data : 08/07/2016

Título : Mais Karl Popper e menos manuais

Categoria: Artigos

Descrição: A conclusão parece ser inevitável: está faltando Karl Popper e sobrando manuais nas disciplinas de metodologia científica que integram os currículos da maioria dos nossos cursos universitários.

A conclusão parece ser inevitável: está faltando Karl Popper e sobrando manuais nas disciplinas de metodologia científica que integram os currículos da maioria dos nossos cursos universitários. Basta um olhar mais atento para algumas dissertações/teses de mestrado/doutorado e que, mais tarde, tem as suas conclusões reproduzidas nos artigos publicados em periódicos especializados; para reforçar essa nossa convicção.

Em absoluto, não se trata de uma condenação irresponsável ao uso de manuais que, em geral, primam pelo formalismo dos enunciados, como livros textos dessas disciplinas. São obras úteis, inquestionavelmente. Mas, obras como “A lógica da pesquisa científica” e “Conjeturas e refutações”, essas, sim, são indispensáveis. E são indispensáveis porque foi pelo intermédio delas que Karl Popper, um dos grandes nomes da filosofia do século 20, nos ensinou a distinguir uma teoria científica do resto. Ou, se preferirem, nos dotou da capacidade de praticar uma boa ciência, quer seja no campo empírico/experimental ou no teórico/especulativo.

A preocupação original de Popper nunca foi saber se uma teoria era verdadeira ou não ou quando essa era ou não era admissível. A questão que ele se propôs foi outra: distinguir ciência de pseudociência. O critério de cientificidade de uma teoria reside na possibilidade dessa ser testada visando à sua refutação. Em outras palavras: uma condição fundamental para uma teoria científica é poder ser testada, via o confronto com a realidade, por meio de observações e experiências, de tal modo que se possa verificar se suas afirmações são conformes aos fatos ou não. Em síntese, e frise-se isso, uma teoria, para merecer o epíteto de científica, deve ser “refutável”.

Karl Popper inverteu a perspectiva filosófica até então adotada nas ciências tradicionais, especialmente nas de cunho positivista, cujos membros se alvorçavam em “descobridores da verdade”. O problema fundamental deixou de ser a distinção entre o verdadeiro e o falso e passou a ser para quais

circunstâncias um enunciado teórico era válido. E, desde então, o critério da refutabilidade de Popper passou a ser a regra do jogo científico, em que as previsões de uma teoria, seja qual for, se pretender ser chamada de científica, têm de ser testáveis.

Uma teoria científica pode ser deduzida tanto a partir de fatos observados quanto por meio de uma construção abstrata, valendo-se apenas do pensamento, que não surge logicamente dos próprios fatos aos quais futuramente poderá ser confrontada. Esse tipo de teoria não pode se limitar à descrição de fenômenos ou à classificação de observações. Tem que possuir a capacidade de fazer previsões passíveis de confronto com a realidade. E pouco importa que essas previsões, até pela não disponibilidade de instrumentos, só venham a ser verificadas muito tempo depois. O relevante é que a construção teórica preserve a possibilidade de estar de acordo com a realidade e a capacidade de ser testada.

O critério da refutabilidade de Popper introduziu a dimensão social da prova na prática científica. A experiência que refuta ou não uma teoria nunca é um exercício solitário. A validade de um resultado só é admitida plenamente quando a comunidade científica interessada pode experimentar os seus alcances. Nesse caso, uma verificação com significado de socialização.

Todavia, Popper também tem seus limites e nem sempre é aplicável. São exemplos dessa impossibilidade, alguns campos da história que não são regidos por leis preditivas seguras. E, em certos aspectos, a psicanálise de Freud. Que experiência, por exemplo, poderia ser feita para se testar a existência do inconsciente no sentido freudiano?

Indiscutivelmente, quando reinam apenas certezas, estamos diante de Dogmas e não de Ciência. E, lamenta-se isso, mas a ciência contemporânea tem se mostrado muito operacional e pouco filosófica.

Data : 15/05/2015

Título : Marcio Voss e o preço da liberdade

Categoria: Artigos

Descrição: Os anos 1990 e 2009 delimitaram a vida profissional do Dr. Marcio Voss na Embrapa Trigo.

Sexta-Feira, 15/05/2015 às 08:01, por Gilberto Cunha

Os anos 1990 e 2009 delimitaram a vida profissional do Dr. Marcio Voss na Embrapa Trigo. O primeiro marca o seu ingresso na Embrapa e o segundo, juntados os anos de trabalho na EMATER/PR e no Instituto Agrônômico do

Paraná (1976-1990), assinala a sua aposentadoria. Conheci Marcio Voss na segunda metade dos anos 1980, quando ele cumpria o programa de doutorado na Faculdade de Agronomia da UFRGS, em Porto Alegre, na área de microbiologia do solo. Depois nos tornamos colegas na Embrapa, convivendo em Passo Fundo ao longo de uma jornada de quase 20 anos. Sobre suas contribuições profissionais, considero desnecessária qualquer menção, pois os registros em anais de eventos e em publicações especializadas se prestam muito bem para atestar este tipo de coisa. São os traços da sua personalidade, especialmente aqueles que calaram mais fundo em todos que conviveram com ele, que, nesta oportunidade, eu gostaria de realçar.

Marcio Voss foi um exemplo de colega. Entre seus atributos de qualidade humana sobressaem-se, com facilidade, coisas como humildade, desprendimento, respeito e trato carinhoso para com o outro, honestidade, responsabilidade, amizade, comprometimento, espírito de colaboração, empolgação, senso de trabalho em equipe, etc. Tudo isso aliado a uma alegria e irreverência contagiantes, que são marcas registradas do seu astral elevado e criativo.

Outro Marcio Voss sempre existiu paralelamente ao pesquisador Marcio Voss. Faço referência aqui, especificamente, ao Marcio Voss atleta, exímio jogador de futebol e corredor premiado em maratonas, e ao Marcio Voss artista, apaixonado por fotografia e talentoso escritor. Dono de técnica apurada na arte de fotografar objetos minúsculos, Marcio Voss descortinou o universo belo e até então desconhecido das flores quase invisíveis de algumas espécies nativas dos nossos campos. Essas fotografias e alguns contos de notória inspiração lhe valeram o reconhecimento de premiações nos festivais de Arte & Cidadania da Embrapa e em outros eventos culturais.

Em tempos de discussão, não raro envolvendo mais emoção que razão, do assunto aposentadoria x fator previdenciário, considero oportuno republicar, nesse espaço de O NACIONAL, a apresentação que fiz, na condição de então Chefe-Geral da Embrapa Trigo, para o Manual de Técnicas Laboratoriais para Obtenção, Manutenção e Caracterização de Nematoides Entomopatogênicos, de autoria do pesquisador Márcio Voss.

Na mencionada peça, destaquei que ao profissional e colega merecedor de respeito, há também que se juntar o homem dedicado à família, fazendo questão de reprisar a lição deixada pelo Marcio quando, chegado o momento de definir a data do seu desligamento da Embrapa, eu, investido no cargo de Chefe-Geral da Embrapa Trigo, chamei-o até a sala da Chefia para as devidas tratativas. No meio da conversa, veio o assunto da perda de remuneração do aposentado. Invariavelmente, todos os outros que como ele haviam aderido ao Plano de Desligamento Incentivado – PDI da Embrapa alegaram essas “perdas salariais” para desistir da opção que livremente haviam feito ou, mesmo continuando no PDI, para lamentarem tal fato. O Marcio não fez qualquer menção nesse sentido. Simplesmente disse, “esse é o preço que eu posso e estou disposto a pagar pela minha liberdade. Afinal, não se diz que liberdade não tem preço”.

Ah! Quanto ao Manual de Técnicas Laboratoriais para Obtenção, Manutenção e Caracterização de Nematoides Entomopatogênicos, cabe dizer que representa um valioso legado deixado pelo Dr. Marcio Voss, que, além de primar pela qualidade, personifica a sua prática de fazer ciência - desprendida e colaborativa

- ao disponibilizar seus conhecimentos para todos que quiserem levar adiante aquela que foi a sua derradeira linha de pesquisa na Embrapa.

Data : 30/04/2004

Título : Meu nome é Gisele

Categoria: Artigos

Descrição: Mas, quem é Gisele? Ninguém melhor, para responder, que a própria

Meu nome é Gisele

Não é comum alguém decidir que vai ser escritor(a), antes de ter optado por qualquer outra profissão. Muito menos, lutar, com convicção, para que isso ocorra, mesmo sabendo das dificuldades inerentes ao ofício. Um caminho trilhado por muitos, mas completado por poucos. A maioria, premida pelo pragmatismo da necessidade de sobrevivência, desiste antes do fim da jornada. O editorial desse número de Agua da Fonte (página 1) trata especificamente desse assunto. Mas, não parece ser o caso de Gisele. Uma jovem com inegável vocação para as artes, e mais particularmente para as letras, que procurou os editores da revista da APL para elogiar a iniciativa de criação do periódico lítero-cultural da Academia e conversar sobre o mundo das letras passo-fundenses.]

Mas, quem é Gisele? Ninguém melhor, para responder, que a própria:

Meu nome é Gisele Cristina Voss, tenho 18 anos, nasci em Londrina/PR e moro em Passo Fundo há 11 anos. Completei meu segundo grau na Escola Redentorista Instituto Menino Deus, prestei vestibular para psicologia na UPF e no Peies da UFSM. Passei na UPF e na primeira fase do Peies, mas não vou cursar ainda.

Desde 1998 participei de cursos de teatro promovidos pela UPF, como o que fiz no ano de 1998, com o diretor Márcio Vinícius Bemardes. Em 2000 entrei na Cia. de Espetáculos da UPF, onde atuei em dois espetáculos e diversas performances. No final de 2002, sai da Companhia para me dedicar aos estudos e realizar meu trabalho voluntário no Hospital da Cidade, com o Grupo da Alegria. Foi quando surgiu a Doutora Aspirina. Em junho de 2003, a Purpurina começou a trabalhar comigo em animação de festas e, em agosto, o Somrisal aderiu à "trupe", sendo responsável pela sonorização. Agora, além de festas de aniversário, já somos contratados em eventos de empresas da cidade e região.

Adoro Jazer a Aspirina. E uma experiência gratificante trabalhar com crianças e com o imaginário delas. Além desse trabalho, tive a oportunidade de protagonizar, em janeiro deste ano, uma das histórias extraordinárias da RBS TV que serão exibidas em março de 2004 (Gisele faz o papel de Maria Elizabeth - A Santinha).

Também gosto muito de escrever. Não me baseio em um estilo específico. Prefiro escrever textos curtos, crônicas ou contos, até alguma poesia. Utilizo metáforas e procuro comparações inesperadas para tratar de assuntos da atualidade. Desde cedo, apaixonei-me pela leitura. Devorava todos os livros infantis da biblioteca do IMD. Também tive incentivo da escola, que me proporcionou participar de programas de debate nas rádios Planalto e Diário da Manhã e na UPF TV. Um dos autores que sempre apreciei foi o Luis Fernando Veríssimo. Depois veio a Martha Medeiros. Com estilos diferentes, os dois autores sabem nos "cutucar" com as palavras. Leio livros variados, sem ter muitas preferências; também mantenho a leitura de jornais e revistas, além de participar de momentos de cultura, como teatro, cinema, Festival de Folclore e a grande Jornada de Literatu-ra. Na Jornada, tive o privilégio de fazer bons amigos, como o Poeta Brincadeira Mario Pirata, que me incentiva com seu exemplo, tanto na escrita como na forma, que encanta as crianças, e o poeta Pedro Marodin, que transforma as palavras em flores.

Pretendo continuar trabalhando como Aspirina, e também gostaria de escrever mais, para, no futuro, conseguir publicar algumas crônicas em periódicos, ou então publicar um livro.

Atualmente, acho que quero ser psicóloga, mas terei um ano para decidir. Meu destino ainda está sendo traçado.

Gisele, apesar da pouca idade, mostra ter uma sensibilidade extremada. A preocupação com o mundo real e os problemas sociais é notória, nos seus escritos e nas suas atividades filantrópicas, no papel da Dra. Aspirina. Uma pequena mostra do seu texto forte e criativo pode ser vista em "Ilusionismo" e "Raízes da violência". Guardem este nome: Gisele Voss. (GILBERTO R. CUNHA)

da revista

Água da Fonte nº 1

Data : 22/07/2011

Título : Milton – O filho ingrato

Categoria: Artigos

Descrição: Foi na estante das “raridades” que, sábado desses, num sebo do centro de Passo Fundo, me deparei com um exemplar de “Juca Mulato”, do Menotti Del Picchia, o original de 1917 em edição de 1965.

Milton – O filho ingrato

por Gilberto Cunha

Foi na estante das “raridades” que, sábado desses, num sebo do centro de Passo Fundo, me deparei com um exemplar de “Juca Mulato”, do Menotti Del Picchia, o original de 1917 em edição de 1965. O livro estava em bom estado de conservação e o preço era razoável (R\$ 25,00), mas o que de fato chamou minha atenção foi a dedicatória logo posta na primeira página. A letra denotava uma caligrafia esmerada e no texto aparecia uma mãe zelosa: “Ao Milton, para que se delicie com esses poemas tanto quanto a mamãe com eles se deliciou. 15.VIII.1968”. Não havia assinatura. O Milton em questão sabia quem era ela. Nós, provavelmente, nunca conheceremos o nome daquela mulher de letra tão caprichada. Não comprei o livro, ficou no mesmo lugar que estava, mas sai da loja refletindo sobre os desígnios do destino e quais caminhos aquele exemplar especial teria percorrido até chegar a Passo Fundo e ficar assim disponível ao primeiro que quisesse levá-lo para casa.

Não! Definitivamente, não me atreverei a julgamentos precipitados. Quem sou eu para atirar a primeira pedra no Milton? Todavia, não pude me furtar de tecer algumas especulações, entre as quais, acredito, uma seja a verdadeira. A primeira que me veio à cabeça foi a de um Milton insensível, filho ingrato, que não hesitou em se desfazer do presente da mãe (doando a terceiros, colocando no lixo ou vendendo/trocando num sebo). Depois, abandonei essa ideia e aduzi que, forçado pelo imponderável, Milton pode ter sido obrigado a desfazer-se de seus bens mais queridos, entre os quais a sua biblioteca pessoal, e esse livro acabaria assim colocado, eufemisticamente falando, à disposição do mercado. Por último, a hipótese que considere a mais plausível: Milton morreu. Em meio ao espólio, o livro em questão fora legado a alguém – filho, neto, parente qualquer ou pretense amigo – que não soube dimensionar o valor da dedicatória que torna aquele exemplar único e, como sói acontecer, não teve o menor pudor em passá-lo adiante.

Paulo Afonso – O amigo ingrato

No mesmo sebo, encontrei um LP do talentoso violonista passo-fundense Mário Barros. O disco em questão, “Mário Barros – Sua arte seu violão”, foi gravado nos estúdios da Central ISAEC de Produções, em Porto Alegre, no mês de setembro de 1982. Com este, apesar da dedicatória do artista expressa na capa, “Ao amigo Paulo Afonso, com o meu cordial abraço. Mário Barros”, não fui complacente e nem hesitei em pagar os R\$ 20,00 que a loja queria por ele. É claro que, não sem antes tecer as mesmas reflexões já postas. Teria sido a

ingratidão de Paulo Afonso ou outra peça do destino que colocou aquele vinil ao alcance de um Gilberto qualquer?

Autonomia

Quando se descobriu à iminência da morte, Angenor de Oliveira, o monumental poeta

Cartola, compôs aqueles que são, em minha opinião, os mais emblemáticos versos da música popular brasileira. Refiro-me ao samba Autonomia e em particular à parte que diz: “Ai, seu eu tivesse autonomia/ Se eu pudesse gritaria/ Não vou não quero”.

Código Florestal – Falsa Ciência

A 63^a Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), realizada em Goiânia/GO, de 10 a 15 de julho de 2011, foi marcada pelas críticas feitas pelo pesquisador do INPE e do INPA, Antonio Donato Nobre, ao estudo científico usado para subsidiar o novo código florestal brasileiro contemplado no substitutivo do deputado Aldo Rebelo, aprovado pela Câmara dos Deputados. Donato Nobre rotulou o estudo em voga de “ciência a soldo, sob encomenda”, “factóide científico” e de ser “ideologicamente engajado”. A SBPC e a ABC (Academia Brasileira de Ciências) apresentaram uma proposta de moratória por dois anos nas discussões do código florestal, com vistas a melhor embasá-lo cientificamente, que foi ignorada pelos senhores deputados. Esperam melhor sorte no Senado Federal.

O Nacional

Sexta-Feira, 22/07/2011

Data : 02/12/2016

Título : Missionários laicos

Categoria: Artigos

Foi Ortega y Gasset, no memorável discurso que proferiu, em 20 de maio de 1935, na sessão de abertura do Segundo Congresso Internacional de Bibliotecas e Bibliografia, realizado em Madri, quem, até hoje, melhor definiu a atuação desses profissionais da informação que chamamos de bibliotecários. O discurso de Ortega y Gasset, posteriormente reunido no ensaio “Misión del bibliotecario”

foi, acima de tudo, uma reflexão visionária da missão dos bibliotecários, da função do livro e dessa instituição cultural que damos o nome de biblioteca.

Mais do que nunca, diante do fenômeno da “explosão documental” ou, se preferirem, da “explosão de informações”, que marca os tempos atuais, os bibliotecários, ainda que nem sempre gozem desse reconhecimento, são imprescindíveis para lidarmos adequadamente com a informação nas suas mais variadas nuances, como vaticinou Ortega y Gasset ao atribuir uma nobre missão a esses profissionais. E por missão, no contexto usado pelo filósofo espanhol, além do sentido etimológico de função ou poder que se confere a alguém para fazer algo (encargo ou incumbência, por exemplo) entenda-se aquilo que um homem tem de fazer, destacando que a missão do homem é de comprometer-se com uma função na vida a fim de preservar as conquistas da civilização. Ninguém nasce predestinado biologicamente para uma profissão. O que costumamos chamar de vocação nada mais é que uma construção social, em que determinados interesses estimulam mais do que outros. E, sendo assim, a missão dos bibliotecários, que no dia a dia das bibliotecas atuam como missionários laicos, é mediar o acesso dos leitores ao conhecimento. Ficou no passado a mera tarefa de buscar livros nas prateleiras e ganhou relevância a promoção da leitura e a busca por leitores (ou usuários de informação e conhecimento).

Um bibliotecário vocacionado, além do amor pela leitura nutre a paixão por comunicar a leitura, cuja melhor maneira, ao seu alcance, para fazer isso é levar o conhecimento, nas suas diversas plataformas (impressa, digital, imagética, sonora, etc.) até o pretense leitor ou mais especificamente até aquele que busca algum tipo de informação ou conhecimento. O leitor nesse caso, entendido como usuário de conhecimento, adquire contornos mais amplos que meramente o de leitor casual, exigindo dos profissionais ligados às bibliotecas habilidades adicionais nas áreas de tecnologia da informação e em comunicação.

Ortega y Gasset foi visionário no seu discurso de 1935 sobre a missão dos bibliotecários, pois, antes mesmo da era dos computadores e do potencial de exploração da área de tecnologia da informação, ao destacar a função desses profissionais, deu ênfase à comunicação.

A profissão de bibliotecário se definiu com maior clareza após o Renascimento. Até então a quantidade de livros no mundo era ínfima e as obras eram mantidas nos mosteiros, conferindo um poder sem precedentes à Igreja Católica. A invenção dos tipos de Gutenberg foi responsável por uma revolução, que transformou o livro em uma espécie de mercadoria produzível em escala industrial. Saem de cena os monges copistas e os bibliotecários assumem o papel social de guardiões dos livros. E essa função evoluiu desde o significado utilizado para designar meramente os responsáveis por bibliotecas, contemplando pessoas que não se contentam apenas em ler livros, mas que colecionam, ordenam, catalogam e classificam documentos, até atingir o status atual de profissionais da informação. Sem esse trabalho, em meio à profusão de

documentos produzidos diariamente no mundo, a busca de conhecimento nos tempos atuais seria impossível.

O bibliotecário do futuro, vislumbrado por Ortega y Gasset em 1935, seria um mediador entre o livro e o homem, possibilitando que o conhecimento contido em um documento venha efetivamente a ser apropriado pelo usuário. Eis a missão, mais atual do que nunca, desses profissionais da informação, aos quais rendemos os nossos respeitos.

Data : 05/03/2011

Título : Moacyr Scliar

Categoria: Artigos

Descrição: De tudo que foi escrito, sobre o homem e sua obra, desde a morte do escritor Moacyr Scliar, ocorrida no último domingo, em minha opinião,...

Moacyr Scliar

De tudo que foi escrito, sobre o homem e sua obra, desde a morte do escritor Moacyr Scliar, ocorrida no último domingo (27/02/2011), em minha opinião, nada se compara à crônica publicada na página 14 de O Nacional, edição de 1º de março de 2011, que leva a assinatura da delegada de polícia Claudia Cristina Santos da Rocha Crusius. Sensibilidade, clareza de ideias, intimidade com Moacyr Scliar e estilo em bem escrever são coisas que afloram facilmente da leitura do texto da delegada Claudia. Um reparo apenas: na parte em que ela imagina Scliar, Chagal e Borges reunidos, discutindo a vida e tomado um bom e honesto vinho. Quanto a Marc Chagal, não sei. Em relação a Scliar e Borges as suas preferências são bem conhecidas. Moacyr Scliar, segundo escreveu recentemente Luis Fernando Verissimo, no máximo bebia uma Malzbier (argh!), e Jorge Luis Borges deixou claro em várias entrevistas sobre a questão álcool: “No bebo. Pero no por virtud sino porque hay una bebida que me gusta más y es el agua”.

Trigo

Os indícios são que deverá ser adiada a entrada em vigor da nova norma de classificação comercial de trigo no Brasil, prevista para 1º de julho de 2011. A decisão está nas mãos do ministro da agricultura, pecuária e abastecimento, Wagner Rossi, que ainda não externou a posição oficial do Governo. De um lado, as organizações de produtores, especialmente do Paraná, defendendo o

adiamento e, do outro, os representantes da indústria, via a ABITRIGO – Associação Brasileira da Indústria do Trigo, alegando que não há razão aparente para o adiamento em pauta. A grande discussão envolve a elevação do valor de força de glúten (W) de 180 para 220 no tocante ao trigo da classe pão, que tem implicações, sobretudo, na definição do preço mínimo, em caso de necessidade de apoio do governo na comercialização, via PEP; por exemplo.

Soja

As chuvas continuadas no centro do País estão obrigando muitos produtores do Mato Grosso a interromperem as operações de colheita da soja naquele estado. O resultado disso são lavouras alagadas, impedindo a entrada de máquinas, e prejuízos na colheita, com grãos avariados pelo excesso de umidade. A preocupação com esse tipo de problema aqui no sul do País é mínima, pois, conforme prognóstico climático para os próximos três meses (março, abril e maio), ainda por conta do La Niña e da característica climática da estação (outono), as chuvas andarão escassas na região e os produtores locais não terão esse tipo de problema na colheita da soja.

Carnaval

Os foliões que se animem. Nesse carnaval, os prognósticos meteorológicos do 8º DISME/INMET são de céu aberto e muito sol, na maioria das regiões do RS. Durante o feriadão, há possibilidade de chuvas isoladas no Litoral Norte e na Serra do Nordeste, e, a partir do dia 8, nas demais regiões. As temperaturas no RS deverão variar entre 11,0 e 33,0 °C. para Passo Fundo, o modelo Eta do CPTEC/INPE (20 x 20 km) indica chuva a partir da tarde/noite do dia 7 de março. Enquanto isso a situação na Campanha se agrava, sem perspectiva de chuvas significativas antes de 9/10 de março.

Do Jornal

O Nacional

05 de Março de 2011

Data : 02/06/2017

Título : Morreu o homem que falou com Borges

Categoria: Artigos

Na edição de O NACIONAL de 26 de março de 2009, aqui no espaço dessa coluna, eu fiz menção a um telefonema que havia recebido, uma semana antes, desde Montevideu. No outro lado da linha, o interlocutor era Gerardo Arias, que,

entre outras coisas, fez questão de dizer que, diferentemente da cena fictícia que criei na dedicatória do livro *Cientistas no divã*, em que simulo um diálogo com Jorge Luis Borges, ele, de fato, havia conversado com o escritor argentino. Então contou que, em 1955, quando era estudante em Montevideu, teve oportunidade de assistir, na Universidade da República, a uma conferência de Borges. Terminada a apresentação, o escritor, que já gozava de certo prestígio, ainda que não tanto quanto atingiria depois e na atualidade, ficou à disposição dos estudantes. Gerardo Arias era um desses e conversou com Borges sobre o conto *El Aleph*, embora não recordasse o que o escritor lhe disse na ocasião. Contou com orgulho e convicto de ter vivido, naquele encontro com Borges, um momento único, que acentuou, com peculiar ironia, dizendo que, antes de qualquer outra coisa, iria revelar algo que me faria morrer de inveja (palavras dele): “eu falei com Borges!”

Essa semana, uma dessas notas protocolares de comunicação de falecimento, veiculada no e-mail corporativo da Embrapa, dava conta da morte de Gerardo Arias, ocorrida em Montevideu, na última segunda-feira (29 de maio). Então, nos cabe refletir: quem foi Gerardo Arias? Que legado científico e prático deixou com o trabalho que realizou no melhoramento genético de cevada no Brasil?

Gerardo Nicolás Arias Durán y Veiga (1936-2017) é natural de Montevideu, Uruguai, onde nasceu em 8 de outubro de 1936 (naturalizou-se brasileiro em 23/02/1979). Formou-se em Agronomia pela Universidade da República, Uruguai, em 1962. Depois de 14 anos trabalhando em melhoramento e fomento de cevada cervejeira para indústrias do Uruguai e do Brasil, foi contratado pela Embrapa, em 17/02/1977, para iniciar um projeto de pesquisa de cevada e um programa de melhoramento genético. Na condição de pesquisador da Embrapa, cumpriu doutoramento pela Universidade Técnica de Munique, Alemanha, entre novembro de 1980 e janeiro de 1985. E, entre maio de 2001 a setembro de 2002, participou do programa de pós-doutorado da Universidade do Estado de Washington, USA.

Depois de quase 29 anos de trabalho na Embrapa de Passo Fundo, Gerardo Arias aposentou-se em dezembro de 2005. Ao lado da esposa Amália, retornou a Montevideu, cidade onde viveu até o derradeiro dia 29 de maio de 2017.

Homem de cultura diferenciada, Gerardo Arias dominava vários idiomas (espanhol, português, francês, italiano, latim, alemão e inglês, pelo menos). O trabalho de Gerardo Arias pode ser sintetizado na participação significativa que teve na criação de 14 cultivares de cevada mais produtivas, tolerantes às doenças e de melhor qualidade cervejeira. Foi responsável também pela introdução de genes especiais de qualidade cervejeira, em particular da cultivar Alexis, da Alemanha, em cultivares brasileiras de cevada e pelo uso de marcadores moleculares visando à seleção assistida em cevada. A produção bibliográfica de Gerardo Arias foi composta por 181 trabalhos científicos (como autor e co-autor) e seis livros publicado.

Para a nova geração de pesquisadores da Embrapa, Gerardo Arias deixou como recomendação a necessidade de que seja continuado o programa de melhoramento genético de cevada no Brasil, avaliando genótipos e introduzindo genes de tolerância a doenças (giberela, brusone, ferrugem, mancha em rede, viroses etc.) e aos estresses causados pelo excesso de alumínio nos nossos solos e por seca, sem descuidar da qualidade tecnológica da cevada para fins de malteação. É evidente que essas coisas ele não apresentou apenas como sugestões genéricas. Foi além e indicou as fontes e os genes responsáveis. Por ora, para quem quiser ir adiante: mãos à obra! e Requiescat in pace, Dr. Arias!

Data : 16/06/2012

Título : Mudança do clima – Percepção de riscos

Categoria: Artigos

Descrição: Ao contrário do que seria esperável, a percepção de risco, em relação às ameaças associadas com a mudança do clima global...

Mudança do clima – Percepção de riscos

Sábado, 16/06/2012

por Gilberto Cunha

Mudança do clima – Percepção de riscos

Ao contrário do que seria esperável, a percepção de risco, em relação às ameaças associadas com a mudança do clima global, não guarda qualquer relação com o grau de educação formal das pessoas e habilidades matemáticas para o manuseio de números que por ventura possuam. Inclusive, contrariando o senso-comum, em estudo recente, publicado na revista Nature Climate Change (DOI: 10.1038. NCLIMATE1547), edição de 27 de maio de 2012, com base em levantamento feito nos EUA, os autores concluíram exatamente o oposto. A apatia observada em relação às questões ambientais não decorre de déficit de compreensão dos indivíduos e percepção dos riscos inerentes. Aqueles que eram detentores de maior grau, genericamente falando, de alfabetização científica, inclusive, demonstraram menor preocupação/temor e menos atitude proativa em relação às questões climáticas globais. Ficou evidente que a polarização das discussões sobre mudança do clima global não é decorrência de falta de compreensão científica do assunto e sim acontece por

conflitos de interesse. Ainda: sobrepõem-se na mencionada pesquisa que, independentemente da alfabetização científica, indivíduos com características exacerbadas de egoísmo tendem a negar com mais veemências as evidências e os riscos inerentes da mudança do clima global, em comparação com pessoas que possuem um espírito mais igualitário e voltado para o alcance do bem-comum.

Os Verdes e Os Mais Verdes

A busca de resposta ao questionamento de por que, quanto à atitude para o alcance de uma sociedade globalmente sustentável, algumas pessoas são, ecologicamente, mais verdes que outras, tem suscitado estudos em vários países do mundo, apesar dos ainda incipientes (e, às vezes, contraditórios) resultados. Entram nesse jogo, diferenças em atitudes e valores culturais, que fazem com que algumas pessoas sejam mais inclinadas que outras em defesa, na teoria e na prática, de uma agenda global sobre sustentabilidade. Uma agenda que, necessariamente, deve envolver questões relacionadas com melhor distribuição de renda/riqueza, igualdade de gêneros, fim da discriminação racial, fim do analfabetismo, eliminação da pobreza extrema, melhorias em saúde e outras mais.

Erramos – Dirceu Gassen

Recebemos correspondência do engenheiro-agrônomo Dirceu Neri Gassen, gerente técnico da Cooplantio, corrigindo a nota veiculada nessa coluna, edição de 19 e 20 de maio de 2012, que atribuía a ele o direito autoral sobre a expressão “agroconhecimento”. Dirceu Gassen fez questão de esclarecer que não detém direitos autorais da expressão “agroconhecimento” e nunca fez qualquer tentativa de buscar direitos sobre ela. Todavia, realçou: “Sim, eu uso a frase: a rentabilidade é proporcional ao conhecimento aplicado por hectare. Mas nem essa frase é de minha autoria. Eu aprendi com os anos e destaco que o conhecimento é mais importante do que insumos, máquinas etc.”

O colunista faz o pertinente reparo e pede desculpas pelo ocorrido, uma vez que se equivocou ao embasar a mencionada nota em uma fonte secundária. Nesse caso, o artigo “O agroconhecimento é o (único) caminho”, assinado por José Luiz Tejon Megido, que é vice-presidente do Conselho Científico para a Agricultura Sustentável e coordenador do Núcleo de Agronegócios da ESPM – Escola Superior de Propaganda e Marketing, publicado na revista A Granja, edição de maio de 2012. Em nota que consta no final do referido artigo (p. 46) consta, literalmente, “O agrônomo Dirceu Gassen detém o direito autoral pela expressão agroconhecimento”.

Poetas

Aconteceu ontem (15), na Livraria Nobel da General Osório, o lançamento e a sessão de autógrafos do livro “Coletânea de Poemas -2011”. Essa é mais uma das tantas iniciativas culturais, na área de literatura local, que contou com a ajuda do Projeto Passo Fundo – Apoio à Cultura, capitaneado pelo Ernesto Zanette. Nossos cumprimentos aos autores, cuja relação contempla nomes já consagrados nas letras locais e autores jovens, que tiveram suas primícias publicadas nessa obra. Eis os nossos poetas que integram a coletânea: Álvaro de Souza Gomes Neto, Dinair Fernandes Pires, Eloy Fiebig, Evandro José Bilicz

de Camargo, Helena Rotta de Camargo, Jairo Antônio Casalli, Micaela da Rosa Pires e Orlando Afonso Wentz.

Do Jornal
O Nacional

Data : 02/08/2019

Título : Não, não é brincadeira, Sr. Feynman!

Categoria: Artigos

Richard P. Feynman (1918-1988) notabilizou-se como cientista, agraciado com o Nobel de Física de 1965, e como professor. Estudou no Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) e em Princeton. Trabalhou no Projeto Manhattan (programa de pesquisa e desenvolvimento, liderado pelos EUA, que culminou na construção das primeiras bombas atômicas usadas na Segunda Guerra Mundial), foi professor na Universidade de Cornell e na Caltech (Instituto de Tecnologia da Califórnia). Autor das famosas Feynman's Lectures, as palestras que ele deu em Cornell, e protagonista das histórias relatadas por Ralph Leighton e que se encontram compiladas no livro "Só pode ser brincadeira, Sr. Feynman!"

Feynman era dotado de um senso de humor apurado e tinha o dom de criar mitos sobre si mesmo. Quando estava doente e próximo de morrer costumava receber os visitantes com uma piscadela e a frase "Ainda não estou morto!" No chá de recepção dos novos alunos da Universidade de Princeton, na casa do decano Eisenhower, ao ouvir a pergunta: - prefere creme ou limão em seu chá, Sr. Feynman?

Era a Sra. Eisenhower servindo chá. Segundo conta, respondeu:

- Ambos, por favor. Ao que a velha senhora teria retrucado:

- Isso só pode ser brincadeira, Sr. Feynman!

O grande legado de Richard Feynman foi fazer a ciência, em especial a física, parecer divertida e interessante. Nas suas histórias, que soam fantasiosas as vezes, há verdadeiras aulas sobre como praticar ciência. São coisas que não constam nos manuais de ensino das disciplinas de metodologia científica e que os professores esperam que os estudantes capitem pelos exemplos, quando o mais fácil, possivelmente, seria ter dito explicitamente.

Do livro "Só pode ser brincadeira, Sr. Feynman!", eu destaco a história "A ciência do culto da carga", que, em meia dúzia de páginas, lança luzes de como examinar teorias que não funcionam e ciência que não é ciência.

O homem, faz muito tempo, começou a separar as ideias boas das ideias ruins pela experimentação. E assim, de forma simplificada, nascia “o método científico”. O tempo foi passando, a humanidade evoluindo, o conhecimento aumentando e, dizem, estamos vivendo em uma era científica. Será verdade? São tantas as tolices, que vão da terra plana às falácias dos gurus quânticos, merecedoras de crédito por pessoas supostamente bem-educadas, que há margem para a dúvida. Por que isso acontece?

Acontece porque muitas dessas coisas estapafúrdias (ou nem tanto) guardam ares de, aparentemente, terem seguido os preceitos da pesquisa científica. Muitas vezes conclusões equivocadas são tiradas mais por desconhecimento do que necessariamente por má intenção, aos pesquisadores deixarem escapar algo essencial na investigação científica. E é esse essencial em educação científica que se esperaria tivéssemos aprendidos na escola, mas, que, efetivamente, muitos de nós não aprendemos, nem mesmo após ter passado por programas universitários de doutoramento.

O essencial, que nos ensina Richard Feynman, é que, em qualquer experimento científico, devem ser levados em conta não apenas o que se acha que está certo, mas tudo aquilo que possa invalidar os resultados. Quais outras causas poderiam explicar os resultados obtidos? Todas foram eliminadas das conclusões, seja nesse ou por meio de outros experimentos? Dilema difícil de equacionar para quem, não raro, está buscando obter resultados positivos em testes de novos produtos; especialmente quando envolvidos interesses econômicos vultosos. O cientista, nesse caso, tem de ter o cuidado de não se auto enganar. Ludibriar a si mesmo, com artifícios do método e análises estatísticas supostamente robustas, é mais fácil do que enganar os outros; pois resultados experimentais que não possam ser repetidos não podem ser chamados de científicos. E não se trata aqui apenas de desonestidade. Mas, acima de tudo, de integridade científica em não cair na tentação de transmitir a implicação e não o fato.

Não, ciência não é brincadeira, obrigado Sr. Feynman!

Data : 30/11/2004

Título : Nasser e a verossimilhança

Categoria: Artigos

Descrição: O nome David Nasser sempre foi tratado com certos melindres no jornalismo brasileiro.

Nasser e a verossimilhança

GILBERTO R. CUNHA

O nome David Nasser sempre foi tratado com certos melindres no jornalismo brasileiro. Ou, pelo menos, foi até o lançamento, em 2001, do livro *Cobras Criadas*, de Luiz Maklouf Carvalho, pela editora Senac, de São Paulo. Para quem quiser ter um mínimo de visão crítica sobre a imprensa brasileira vale a pena passar os olhos pelas 599 páginas dessa obra, pois, apesar de ser ele o personagem principal, o livro vai um pouco além de Nasser. Traça um verdadeiro retrato do ambiente de controvérsias e intrigas, onde atuavam jornalistas, políticos, artistas, empresários, policiais e várias figuras que foram decisivas para os rumos do Brasil, na segunda metade do século 20.

David Nasser nasceu pobre. Terceiro filho dos libaneses, Alexandre Nasser e Zaquia Ganen. E morreu rico e influente, aos 63 anos, no dia 10 de dezembro de 1980. Como a maioria dos jornalistas da sua época, Nasser começou como foca de plantões policiais noturnos. Passou pelo O Globo e entrou para o grupo dos Diários Associados. Depois de ter reinado absoluto como o principal repórter de O Cruzeiro, nos anos 1950, encerrou a carreira, quando morreu, como articulista da revista *Manchete*, de Adolfo Bloch. Mesmo ofuscado pelo assassinato do beatle Jonh Lenon, ocorrido dois dias antes, na ocasião foi primeira página dos quatro principais jornais brasileiros: *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *Jornal do Brasil* e *O Globo*. E também ganhou duas colunas na *Veja*.

O jornalista combativo, de texto forte e riqueza verbal incomum, destoava completamente do tipo físico de Nasser que, em conseqüência de uma meningite, apresentava seqüelas no andar e nos movimentos das mãos, deficiência de visão e até dificuldades na fala. Foi letrista de quase três centenas de músicas, entre elas "Nega do cabelo duro", "Canta Brasil" e "Camisola do dia". Publicou dezessete livros e tornou-se empresário e fazendeiro bem-sucedido. Era amigo de presidentes da República, ministros, militares, diplomatas, banqueiros e grandes empreiteiros. Ou seja, usou e abusou do tráfico de influência. Tinha orgulho de ser presidente de honra da *Scuderie Le Cocq*, o nome de fantasia do Esquadrão da Morte. Para surpresa de muitos e indignação de alguns, foi a bandeira da *Scuderie*, com suas tíbias cruzadas, que guarneceu o caixão velado e muito visitado no prédio da *Manchete*.

Quem tem mais de 40 anos certamente lembra da revista *O Cruzeiro*, e das antológicas reportagens de David Nasser e do fotógrafo francês Jean Manzon (Texto de David Nasser e Fotos de Jean Manzon). Durante nove anos, a dupla assinou reportagens que entraram para a história do jornalismo brasileiro. Vale lembrar a que mostra o deputado Barreto Pinto em fraque e cuecas, que acabou custando-lhe o mandato, por falta de decoro parlamentar. Também a dos índios Xavantes, fotografados disparando flechas contra o avião. Ou a do médium Chico Xavier, que se deixou fotografar dentro de uma banheira. E, entre tantas outras, a reportagem "Assalto à fortaleza da China", em que apresentam a lendária madame Chiang Kai-Shek, mulher do ditador anticomunista chinês, que viera ao Rio em viagem secreta para tratamento de saúde. "Lá estava ela em magistral flagrante de Jean Manzon". Há quem diga que, de fato, era Nasser que se vestira de mulher, fazendo-se fotografar por Manzon. As reportagens da dupla

Nasser e Manzon eram mais fantasias do que propriamente realidade. Manzon trouxera a experiência da concepção gráfica da Life e da Match, sendo o homem das fotografias de estúdio. O texto criativo de Nasser se encarregava do resto.

No tempo dos folhetins, quando o sucesso de Nelson Rodrigues, sob o pseudônimo de Suzana Flag, elevava a tiragem de O Jornal, David Nasser conseguiu contrapor-se no Diário da Noite, com "Giselle, a Espiã Nua que abalou Paris". História real e espantosa de um dos mais estranhos episódios da grande guerra, segundo ele. Era ficção, porém foi apresentada como documentário, em 59 capítulos, alçando o Diário da Noite para a posição de maior circulação da época. Estreou com coisas tipo: "Fui presa no cabaré e rolei de prisão em prisão, de cama em cama, satisfazendo os apetites bestiais dos oficiais nazistas".

Nasser criou muito folclore a respeito do folhetim Giselle. Contou, por exemplo, que um dia, para pressionar contra o atraso de pagamento, acabou um capítulo com Giselle em frente a um pelotão de fuzilamento, para morrer no dia seguinte. Então Chato foi à casa dele, "pela primeira vez", implorar a continuidade da série:

— Meu filho, se você mata a prostituta, você me leva à falência. O Globo comprou as memórias de Churchill, você não pode acabar com essa mulher...

— Ou o senhor me põe em dia, ou eu mato a mulher.

— Meu filho, você deixa essa vaca morrer de velha, e eu lhe dou um terreno na Gávea.

E aí, por sugestão de Chato, uma ordem de Goering suspendeu o fuzilamento da espiã nua.

David Nasser foi um ativo conspirador do golpe militar de 1964, e apoiou, incondicionalmente, a ditadura e a repressão do Mediei. O exemplo mais marcante é o artigo que festeja o assassinato de Carlos Lamarca, rotulado de "passional", "fanático", "primata ideológico", "delirante" e "dopado de ódio". Adjetivos assim eram distribuídos com fartura a todas as correntes que lutavam contra a ditadura, especialmente a esquerda, mas não só ela (Dom Helder Câmara, por exemplo, não escapou), tanto nos artigos quanto no "Diário de um repórter", programa que escrevia para a TV Tupi.

Leonel Brizola era um dos seus alvos preferidos. Por conta disso, Brizola, deputado federal na ocasião, acabou nocauteando Nasser a socos no aeroporto do Galeão. O ódio de Nasser por Brizola só aumentou, mesmo depois da anistia. Por essa razão, indiretamente, acabou sobrando também para o passo-fundense Tarso de Castro. Brizola havia participado do programa "Canal Livre" da TV Bandeirantes, na época dirigida pelo jornalista Fernando Barbosa Lima Sobrinho. Nasser escreveu um artigo que se mostrava irritado, por Fernando, segundo ele, "passar a requisitar gays para argüir seus convidados". Referia-se a um suposto gay específico - sobre o qual despejou de "castrado moral" a "queimar a rodinha desde o colégio". E seguia: "O leitor menos arguto ha de estranhar por que omito o nome do gay que perturbava a entrevista de Brizola. Trata-se de um pobre desviado, a reboque da fama alheia, vociferando para obter alguma publicidade. Quase anônimo, vive, mendigo de respostas, desse expediente. Poste quer cartaz. Fosse outro, estivesse na lista dos adversários, citar-lhe-ia o nome - mas seria a glória. E ele quer cacete...". Uma flagrante injustiça com Tarso, famoso pela irreverência e pela conquista de belas mulheres. Durante a entrevista. Tarso perguntara a Brizola o que ele achava

sobre a luta dos homossexuais por seus direitos. Brizola desconversou e, no final do programa, reclamou com Tarso, à moda gaúcha, da pergunta sobre os "frescos".

Tudo até aqui foi só uma pequena mostra de David Nasser. No livro de Maklouf Carvalho tem muito mais. Um homem, cuja criatividade e capacidade de inventar diferentes versões sobre um mesmo fato parecia ilimitada. Fantasia e exagero eram suas marcas. Também passou a vida brigando, em defesa de interesses próprios e de aliados. Sua principal arma: o texto. Inimigos nunca faltaram. Inclusive no Condomínio Acionário dos Associados, com destaque para João Calmon. O repórter David Nasser adorava acrescentar fantasias naquilo que escrevia. Quando questionado por alguém, costumava justificar que "a verossimilhança é mais importante do que verdade". Ou seja, para Nasser o que valia era parecer verdadeiro. E, infelizmente, pelo que parece hoje, muito pouco do que escreveu era verdade.

Da Revista

Água da Fonte nº 2

Data : 02/10/2015

Título : Neurônios à la Jennifer Aniston

Categoria: Artigos

Descrição: Unindo a ficção de Jorge Luis Borges com algumas descobertas relativamente recentes das neurociências, o físico argentino Rodrigo Quian Quiroga...

Unindo a ficção de Jorge Luis Borges com algumas descobertas relativamente recentes das neurociências, o físico argentino Rodrigo Quian Quiroga realizou uma autêntica viagem pelo cérebro humano, desde "Funes el memorioso" até o que se conhece por "neurônio da Jennifer Aniston", que acabou materializada no livro "Borges y la memoria", publicado em 2011 pela editora Sudamericana. Quian Quiroga, com o conhecimento de causa de quem foi autor de descobertas relevantes nos domínios das neurociências e a paixão pela obra de Borges, produziu um texto que consegue, ao mesmo tempo, ser informativo em um campo relativamente árido da ciência e literariamente agradável. Eu diria que Rodrigo Quian Quiroga, em "Borges y la memoria", chegou bastante próximo do ideal da perfeição, no que tange à popularização da ciência, transmitindo idéias complexas de uma maneira simples, porém sem perder rigor científico, e, simultaneamente, entendível pela maioria das pessoas.

Antes mesmo da publicação de “Borges y la memoria”, Rodrigo Quian Quiroga já gozava de reconhecimento, nos meios acadêmicos, por artigos publicados em revistas como Nature e Frontiers in Bioscience, e, popularmente, por matérias e entrevistas em jornais tipo The New York Times e The Washington Post. Em particular, pela descoberta, considerada por muito como revolucionária, do papel de neurônios individuais na representação de conceitos. A esse tipo de neurônio, que responde de uma maneira abstrata, ignorando os detalhes, compete a conversão do que percebemos (aquilo que vemos, sentimos ou escutamos) em memórias de longo prazo (que recordaremos no futuro).

A complexidade dessa descoberta começou pela necessidade de implante de eletrodos no cérebro humano, que, embora seja algo habitual em estudos com animais, não é com gente. Foi graças a várias inovações tecnológicas nesse tipo de eletrodo, desenvolvidas na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), instituição que abrigou um pós-doutorado de Rodrigo Quian Quiroga, que o mencionado cientista argentino chegou à descoberta da conectividade de áreas visuais superiores com o hipocampo. No experimento que realizou na UCLA, Quian Quiroga constatou que alguns pacientes tinham neurônios específicos que eram estimulados pela imagem de pessoas, coisas ou lugares, por exemplo. Foi o caso de um paciente que respondeu igualmente a diversas imagens de Maradona e outro, que ficou mais famoso, o do neurônio que respondeu a sete fotografias bastante distintas da atriz Jennifer Aniston, a Rachel da série televisiva Friends. A primeira constatação interessante é que esse tipo de neurônio responde a conceitos abstratos e não aos detalhes de alguma imagem (ou foto) em particular. A abstração dos “neurônios de Jennifer Aniston”, assim batizado por Quian Quiroga e colaboradores, localizados no hipocampo e arredores, é codificar conceitos abstratamente para serem guardados na memória. Nem percepção e nem memória, mas conexão entre ambas é o que faz o hipocampo. Não é por nada que tendemos a esquecer de detalhes e lembrar conceitos, razão pela qual, com bem frisou Quian Quiroga, os neurônios tipo Jennifer Aniston são cruciais na transformação de nossas percepções em recordações. Se não fossem esses neurônios terminaríamos como Ireneo Funes, o memorioso personagem de Borges, sem capacidade de abstração e sem conseguir pensar, recordando apenas detalhes irrelevantes.

Para que serve esse tipo de descoberta? Entre tantas coisas, para demonstrar a possibilidade de que pessoas com déficits motores sérios possam se comunicar com o mundo exterior a partir da atividade de neurônios individuais. Ou, quem sabe, materializar a ficção mostrada no filme “Até o fim do mundo”, do cineasta alemão Win Wenders, em que um cientista busca implantar imagens no cérebro da mulher que é cega, antevendo a possibilidade de inversão do processo e, assim, projetar pensamentos em uma tela de computador

Data : 01/09/2017

Título : No princípio era o Mito

Categoria: Artigos

No princípio era o Mito, e o Mito estava com Logos, e o Mito era Logos. Ainda que guarde semelhança, essa não é uma nova tradução apócrifa do evangelho segundo São João 1:1 (No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.) Talvez seja apenas uma boa metáfora para entendermos que ciência e mitologia, ainda que não trilhem o mesmo caminho, estão preocupadas com a mesma coisa: a realidade.

Não, mesmo para um cientista, não faz qualquer sentido reviver a velha dicotomia mito versus logos. Indiscutivelmente, muito antes de qualquer ser humano adotar a razão, com o logos, para transformar o cosmo em objeto do seu domínio, o mito foi o primeiro conhecimento que o homem adquiriu de si mesmo e do seu entorno. Foi construindo mitos que o homem primitivo desenvolveu vínculos práticos com o meio em que vivia, consigo mesmo e com os pares, que lhe permitiram, contra muitas evidências, ter sobrevivido e chegar até os tempos atuais.

Ninguém ignora que a apreensão da realidade pode se dar tanto pela via da racionalidade quanto pelo caminho da intuição. Ou pela razão e pelo sentimento. E que, em muitos casos, a realidade pode parecer mais plausível pelos enunciados da fantasia do que pelos protocolos da ciência.

A prática científica, adotando o pensamento discursivo, busca, pelas vias da sistematização e classificação, traçar as fronteiras que definem os objetos da sua investigação. A visão mítica, partindo de sentimentos e não de discursos, mostra-se sintética e analítica, ao não admitir o parcelamento do universo. Os mitos, nesse caso, são constructos simbólicos, formados por sentimento e intuição; enquanto que, razão e lógica, são os fundamentos, que, pretensamente, dão sustentação à ciência, para chegar a uma apreensão universal da realidade.

Independentemente de que haja vozes que discordem, o que o conhecimento científico nos faculta é apenas uma interpretação possível das nossas experiências sensíveis. E, ainda que essa seja a intenção da ciência, ao fornecer uma verdade excluir qualquer outra, tem que se ter bem claro que nada no universo pode reclamar uma leitura única. Mais do que o único caminho, a prática científica, especialmente quando fundamentada em paradigmas, que são corporativamente aceitos, deveria ser ensinada como tão somente uma concepção, entre muitas, da verdadeira realidade. Nesse caso, não se trata da realidade tomada em sentido absoluto, mas de uma imagem da realidade formatada à luz de um paradigma assumido como verdadeiro. Por isso é que soa (ou deveria soar) descabido, na prática científica, a exigência de que as novas

hipóteses, ainda aguardando para serem testadas, estejam de acordo com as velhas teorias aceitas. Ou, que se tenha bem presente, que a verdade, não raro, pode ter pouco a ver com as muitas certezas da ciência. E o que chamamos de ciência pode ser apenas uma ciência entre as muitas ciências possíveis.

Lamento pela desilusão, mas ciência e filosofia, apesar de serem produções eminentemente racionais, não se fundamentam apenas na razão. Ainda que tenha sido a emergência do logos e a dissolução da consciência mítica que separou ciência e filosofia, para um lado, e, religião e arte, para o outro. Isso nos leva ao perigo da entronização da razão e que “ideologias”, pretensamente racionalistas, em nome da “boa ciência”, possam ser usadas para o extermínio de ideias que se contraponham a correntes dominantes de pensamento e de poder.

Há limites para a razão; indiscutivelmente. O êxito da ciência na solução de alguns problemas do passado, como bem frisou Paul Feyerabend em “Contra o método”, não pode ser usado como argumento para tratar, de maneira padronizada, todos os problemas que ainda não foram resolvidos. Os mistérios do universo e as impossibilidades humanas de conhecê-los, por mais incrível que isso possa parecer, reservam espaços privilegiados (e úteis) para o pensamento mítico e suas simbolizações. E assim... “o Mito pode ser o Logos!”

Data : 19/09/2014

Título : Noé e José segundo Mandelbrot

Categoria: Artigos

Descrição: Benoit B. Mandelbrot (1924-2010), o homem que, conforme Chris Anderson (o curador do TED), pela criação da teoria da geometria dos fractais, mudou a nossa forma de ver o mundo...

Sexta-Feira, 19/09/2014 às 07:22, por Gilberto Cunha

Benoit B. Mandelbrot (1924-2010), o homem que, conforme Chris Anderson (o curador do TED), pela criação da teoria da geometria dos fractais, mudou a nossa forma de ver o mundo, fez incursões pelos mais variados segmentos da atividade humana (matemática, física, computação, comunicação, economia, linguística e hidrologia). Em uma longa carreira profissional, na França e nos EUA, nesse último país especialmente na IBM (1958-1993) e na Universidade

Yale, deixou contribuições relevantes, umas mais e outras menos conhecidas, sobre aplicações da matemática voltadas à solução de questões afetas ao dia a dia das pessoas, como é o caso do entendimento da flutuação de preços no mercado de ações e da gestão de recursos hídricos; por exemplo.

Em artigo, hoje clássico, publicado na revista *Water Resources Research* (v.4, n.5, p.909-918, 1968) – Noah, Joseph, and Operational Hydrology –, Benoit B. Mandelbrot e James R. Wallis (colegas de trabalho na IBM) apresentaram a base estatística teórica para a modelagem hidrológica que, em uma série de estudos posteriores, seria aplicada aos dados fluviométricos de alguns dos grandes rios do mundo, como foi o caso do Nilo no Egito.

Valendo-se de passagens bem conhecidas da Bíblia, como a história do Dilúvio, Gênesis 7, 11-12 (...e se abriram as cataratas do céu. E caiu a chuva sobre a terra quarenta dias e quarenta noites), e os sonhos do Faraó explicados por José, Gênesis, 41, 29-30 (...virão, primeiramente, sete anos duma fertilidade extraordinária em todo o Egito: aos quais seguir-se-ão outros setes duma tão grande esterilidade, ... que fará esquecer toda a abundância passada: porque a fome consumirá toda a terra), Mandelbrot e Wallis, no artigo supra citado, pela identificação de padrões recorrentes nos dados fluviométricos, cunharam, em hidrologia, as expressões “Efeito Noé” e “Efeito José”.

Por Efeito Noé, Mandelbrot e Wallis designaram aquele tipo de situação que quando há registro de chuvas extremas, essas chuvas, em geral, são muito extremas. E, no caso do Efeito José, tipicamente, a ocorrência de períodos de alta ou baixa precipitação pluvial (quantidade chuva), porém sendo esses lapsos de tempo extremamente longos. Em climatologia/hidrologia, o Efeito Noé descreve a “descontinuidade” e o Efeito José a “persistência” das características do regime hídrico em uma dada região (quantidade de chuva e tempo de permanência da situação).

Em 2014, com o agravamento da situação e o risco para o abastecimento de água para usos urbano, agrícola e industrial na Região Sudeste, especialmente pela crise no sistema Cantareira em São Paulo (Bacias Piracicaba, Capivari e Jundiáí), as expressões Efeito José e Efeito Noé podem ser encontradas com certa facilidade nos veículos de comunicação, a partir de palestras e entrevistas do professor Antonio Carlos Zuffo, da Faculdade Engenharia Civil da Unicamp. O professor Zuffo tem destacado um período de 35 anos (1935-1970) de severas estiagens nas bacias dos principais rios do sistema Canteira, seguido por elevação das chuvas anuais (até 2011).

São os efeitos José e Noé, conforme bem realçado professor Zuffo em palestra proferida em Campinas no dia 17 de julho de 2014, que apontam para a necessidade de uma melhor gestão de recursos hídricos, envolvendo: tecnologia (processos e equipamentos mais eficientes); captação e tratamento de água de chuva; reuso de água; negociação com demais usuários, principalmente com os agricultores; informação para conscientização da população; investimento em redução de perdas – sistema público; substituição de equipamentos hidrossanitários nas residências; sistemas separados de água potável x água de reuso; tratamento de efluentes – para aumentar a disponibilidade hídrica por qualidade; e distritos industriais para dividir custos e ganhar sinergias.

A Bíblia, pelo visto, quer seja como fonte de revelação para os crentes ou como base de inspiração para os cientistas criarem as suas metáforas, continua sendo um livro fantástico.

Data : 04/01/2019

Título : Nós sabíamos!

Categoria: Artigos

De um lado, a edição de estreia da revista Água da Fonte, veículo oficial da Academia Passo-Fundense de Letras, publicada em dezembro de 2003 (v.1, n.0, dez 2003). E, do outro, a edição de O NACIONAL, de 26 de dezembro de 2018 (Ano 94 – Nº 27.027). Entre ambas, algo em comum: Pablo Morenno.

Em Água da Fonte, assinam textos de opinião, exaltando as qualidades literárias do novel e promissor escritor Pablo Morenno, Helena Rotta de Camargo, Paulo Becker e Gilberto Cunha. Em O NACIONAL, o jornalista Gerson Lopes dá a chancela de qualidade à entrevista (páginas 10 e 11) que nos revela o escritor consagrado Pablo Morenno. Em Água da Fonte, o vaticínio; em O NACIONAL, passados 15 anos, a materialização do que era apenas uma promessa em 2003.

Na aludida edição de Água da Fonte, Helena Rotta de Camargo, na página 16, começa exaltando o talento do jovem escritor que, na ocasião, recém lançara o livro de crônicas (Por que os homens não voam?, pela WS Editor). Louva a trajetória do menino idealista, que recebeu formação religiosa em seminário católico (dos 11 aos 20 anos); que cursou Filosofia (bacharelado e licenciatura); que cumpriu três anos de um programa de Teologia; que estudou e se bacharelou em Direito; que, em 1993, ingressou como funcionário federal do Tribunal Regional do Trabalho (atuando, ainda hoje, como assistente de juiz); que trabalhava como professor de língua espanhola em cursos preparatórios de estudantes ao vestibular; e que, indubitavelmente, sobressaía-se pelo acúmulo de talentos para prosa, poesia e música. Na sequência, Paulo Becker, na página 17, nos apresentava Pablo Morenno como um cronista consumado, colocando-o, pela atenção especial que dava à linguagem, quando da transposição da realidade à literatura, ao lado de nomes como Rubem Braga, Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos. E Gilberto Cunha (não por acaso, o escriba que assina essa coluna), na página 18, destacava Pablo Morenno como o dono do melhor texto da imprensa de Passo Fundo e, possivelmente, o nosso melhor escritor do século XXI. Mas, insistia que comparar Pablo com Rubem Braga, ainda que não fosse algo despropositado, era covardia. Pablo Morenno estava apenas começando na crônica e Rubem Braga (1913-1990) já era uma saudosa

lembrança. Rubem Braga escreveu cerca de 15 mil crônicas, tendo se notabilizado por textos inesquecíveis como “Ai de ti, Copacabana!”, “Aula de inglês”, “Homem no mar” e “O pavão”, entre outros. Pablo também tinha as suas crônicas especiais: “Sobre cacos de vidro”, “Jô e o buraco negro”, “Máquinas para atender”, “E Deus fez a mulher” e muitas outras que formam a seleção e elite do seu livro de estreia.

Gerson Lopes é quem, efetivamente, nos apresenta o atual escritor Pablo Morenno. A grande mudança na vida de Pablo deu-se em 2014. Foi quando ele decidiu abraçar, de fato, a carreira de escritor/editor. Abdicou de cargos que ocupava no TRT- 4ª Região (permaneceu como assistente de juiz), criou a Physalis Editora, passando a publicar os próprios livros, e começou a trabalhar intensivamente com alunos e professores nas escolas. Unindo talento e muito trabalho, deu certo! Pablo, hoje, cumpre uma agenda de até 12 eventos culturais, por mês, fora de Passo Fundo, e já vendeu mais de cem mil livros.

Depois de “Por que os homens não voam?”, veio o aclamado “Flor de Guernica” e uma série de livros infantis, que lhe deram muitos prêmios e prestígio como escritor, caso de “Minha avó tecia o mundo” e “Alfabeto poético dos nomes”, que acaba de receber o troféu Carlos Urbim, da Academia Rio-Grandense de Letras, com o melhor livro na categoria infantil.

Pablo Morenno, marido da Daniela e pai do Erick, é, reconhecidamente, o principal escritor passo-fundense (embora tenha nascido em Belmonte, SC) da atualidade. E aqui eu me penitencio sobre o que escrevi, profeticamente, em 2003, quando disse que Pablo Morenno era o nosso melhor escritor do século XXI. Convenhamos, fui exagerado! Por enquanto ele ocupa esse lugar, mas ainda faltam 81 anos para acabar o século XXI e pode surgir alguém para esse posto.

Data : 05/12/2010

Título : Novo Regulamento Técnico do Trigo

Categoria: Artigos

Descrição: ... este regulamento é a norma que define o padrão oficial de classificação de trigo no País, ...

Novo Regulamento Técnico do Trigo

No Diário Oficial da União da última quarta-feira (1º), seção 1, páginas 2 a 4, foi publicada a Instrução Normativa nº 38, de 30 de novembro de 2010, que contempla o novo Regulamento Técnico do Trigo no Brasil. Em boa parcela, a Instrução Normativa deverá vigorar a partir de 1º de julho de 2011. De fato este regulamento é a norma que define o padrão oficial de classificação de trigo no País, com os requisitos de identidade e qualidade, amostragem, modo de apresentação e marcação ou rotulagem.

As novas classes de trigo destinado à moagem e outras finalidades, definidas em função da força de glúten, do índice de estabilidade e do número de queda, serão: Melhorador, Pão, Doméstico, Básico e Outros Usos. Os tipos de trigo, 1, 2, 3 e fora de tipo, continuam sendo estabelecidos com base no valor do peso do hectolitro, presença de matérias estranhas e impurezas e porcentagem total de defeitos.

A partir de 1º de julho de 2015, estabelece a I.N. nº 38, o valor do número de queda deixará de ser usado para definir classe de trigo e passará a ser, adicionalmente, empregado na definição dos tipos de trigo destinado à moagem e outras finalidades.

Implicações

A nova classificação de trigo no Brasil amplia as exigências sobre os triticultores e atende especialmente as reivindicações da indústria moageira. A elevação dos valores de força de glúten de 180 para 220 e do número de queda de 200 para 250, no caso do Trigo Pão, principal demanda do mercado brasileiro (50%), mostra a necessidade de maior atenção dos produtores de trigo na escolha de cultivares e com boas práticas de manejo de cultivo, especialmente no Rio Grande do Sul.

Há espaço (e tecnologia), felizmente, para que a produção de trigo no Brasil se adapte aos padrões da nova norma. Apesar de possíveis percalços e frustrações de expectativas, no primeiro momento, o País, neste caso, tende a ganhar com a maior exigência em qualidade, aproximando a regra oficial da prática do mercado. Inclusive, em nossa opinião, poderá ser o primeiro passo para encontrar a solução definitiva da triticultura nacional, que é produzir trigo, competitivamente, para o mercado mundial.

Trigo brasileiro versus trigo de outros países

Nos principais países produtores de trigo no mundo, caso dos EUA, do Canadá e da Austrália, o sistema de classificação de trigo se fundamenta, principalmente, em dureza e cor do grão, no tipo climático (trigo de primavera ou trigo de inverno, envolvendo exigência em vernalização) e origem (região). São exemplos os trigos HRW- Hard Red Winter, dos EUA, os trigos CWRS – Canada Western Red Spring, do Canadá, e Australia Prime Hard; entre outros.

O Brasil adotou um sistema de classificação de trigo com orientação para o uso (melhorador, pão, doméstico, básico e outros usos). Isso, em minha opinião, dificulta o entendimento e a criação de uma identidade para o trigo brasileiro com orientação para o mercado internacional, pelas denominações locais não encontrarem similaridades com os trigos de outras partes do mundo.

Águas de novembro

A presença de La Niña foi marcante nas chuvas de novembro de 2010, no Rio Grande do Sul, em especial na metade sul e na parte oeste do estado. Atestam isso as chuvas em Bagé (35,6 mm) e em Uruguaiana (20,2 mm). Em Passo Fundo, mediu-se 60,0 mm em novembro. Na maior parte do território do RS choveu abaixo do padrão climatológico esperável para o mês. A exceção foi a região dos Campos de Cima de Serra, que, por razão do relevo e proximidade com o Oceano Atlântico, costuma ser mais úmida.

Obra e autor local

Gilmar Azevedo, professor e escritor, é mais um dos tantos autores locais cujo trabalho ajuda Passo Fundo a fazer jus ao título de capital nacional da literatura. Os 12 bilhetes de Adriano, crônicas-romance de uma quase-realidade, é o título do livro lançado em 2009 por Gilmar Azevedo. A leitura dessa obra é algo que não se pode chamar de gratificante, pela impossibilidade de não-dissociação de episódios relativamente recentes, que transformaram crianças inocentes em vítimas de um maníaco, abalando Passo Fundo e arredores. No livro sobressai-se o talento e a erudição de um experimentado professor de literatura.

Do Jornal

O Nacional

5 de Dezembro de 2010

Data : 30/04/2006

Título : O acadêmico que escreveu números - Oscar Kneipp

Categoria: Artigos

Descrição: Não foi em prosa ou verso, mas em números, que se notabilizou a obra de um dos fundadores do Grêmio Passo-Fundense de Letras (atual Academia Passo-Fundense de Letras).

O acadêmico que escreveu números

GILBERTO R. CUNHA

Não foi em prosa ou verso, mas em números, que se notabilizou a obra de um dos fundadores do Grêmio Passo-Fundense de Letras (atual Academia Passo-Fundense de Letras). Estou me referindo a Oscar Kneipp, cujo nome consta na relação dos intelectuais que assinaram a sua ata de fundação, datada de 7 de abril de 1938, sob a presidência de Arthur Ferreira Filho; bem como a de

reestruturação dessa entidade, um ano depois, sob a direção de Antonino Xavier e Oliveira. Por mais que se busque nos documentos e atas de reuniões do Grêmio Passo-Fundense de Letras, não se encontra nada além de uma mera presença "discreta" de Oscar Kneipp, no dia-a-dia do sodalício das letras locais, nos anos 1940. Quando, em 7 de abril de 1961, o antigo Grêmio Passo-Fundense de Letras, sob o comando de Celso da Cunha Fiori, assumiu a personalidade da atual Academia Passo-Fundense de Letras, Oscar Kneipp não mais integrava os seus quadros. Tanto é assim, que seu nome não consta nas obras seminais da história da Academia Passo-Fundense de Letras, escritas pelo Professor Sabino Santos: Os Imortais de Passo Fundo (1963) e Academia Passo-Fundense de Letras (1965). Todavia, nos registros das observações meteorológicas em nossa cidade, o nome de Oscar Kneipp se sobressai como um dos mais importantes protagonistas da história da meteorologia local.

Oscar Kneipp nasceu em Itaqui, em 1905, e morreu em Passo Fundo, em 1984. Em 1930, deixou Uruguaiana para completar seus estudos no Instituto Educacional (EE), em Passo Fundo. Por influência do diretor daquele estabelecimento, Professor Schisler, conseguiu uma colocação de observador na estação meteorológica que funcionava junto ao IE. Acabaria, oficialmente, admitido na função, em 5 de agosto de 1942, vindo a se aposentar no cargo de auxiliar de meteorologia, em 21 de outubro de 1977. Foram mais de 35 anos ininterruptos de trabalho como observador meteorológico em Passo Fundo. Uma função que exige disciplina e responsabilidade, seguindo uma rotina de leituras em instrumentos e de preparação e envio de mensagens meteorológicas três vezes ao dia. Por dever de ofício, posso dizer que "li toda a obra" de Oscar Kneipp. Quando da preparação do Atlas Agroclimático do RS, que viria a ser publicado em 1989, coube a mim - iniciando a trabalhar no serviço de meteorologia agrícola do Instituto de Pesquisas Agronômicas, em Porto Alegre, em setembro de 1978 - digitar a série histórica de dados meteorológicos do estado, entre as quais se incluíam os manuscritos assinados por Oscar Kneipp. Nessa época sequer imaginava que um dia eu viria viver em Passo Fundo, e que muitos anos depois iria fazer parte dos quadros da APL e, muito menos ainda, que, tomado de surpresa, nos documentos da entidade, encontraria o nome de Oscar Kneipp na relação dos seus fundadores. Por isso, mais que qualquer outro, sou testemunha da obra monumental "escrita em números" por Oscar Kneipp.

Ligado à comunidade metodista, Oscar Kneipp teve toda uma vida dedicado ao IE. Foi professor de Geografia (durante 35 anos), diretor do internato (por 45 anos) e presidente do "Grêmio Literário Castro Alves" ao longo de 17 anos.

Oscar Kneipp foi casado com Cecília Borges Kneipp. Tiveram dois filhos: Oscar e Leda. Em 1962, recém-formado arquiteto, Oscar Kneipp (o filho) foi para Brasília, onde mora até hoje, para trabalhar na Companhia Urbanizadora da Nova Capital, a Novacap. Leda seguiria a carreira dos pais e, hoje, professora aposentada e viúva, reside em Passo Fundo. Do seu casamento com o advogado Atílio Giaretta nasceram cinco filhos (Mirian, Mariane, Rafael, Juliana e Maurício).

Na visão da família, Oscar Kneipp era um grande apreciador das lides literárias e educacionais. As netas Mirian e Juliana caracterizam Kneipp como um homem calmo, sereno, diplomático, dedicado à família e religioso. Nas

lembranças delas, sobressaem-se as de um avô que compartilhava as tarefas domésticas com Dona Cecília, sempre acompanhado de livros, revistas e jornais, e que tinha por hábito, após os cultos religiosos dos domingos, levá-las para comer doces na confeitarias da cidade.

Os ex-alunos do IE, caso de Antônio Carlos Homrich, lembram de Oscar Kneipp como um excelente professor de Geografia ("sabia o nome de todos os países e suas capitais"), envolvido com as olimpíadas das escolas metodistas (controlador da tarefa do desenho do mapa do Brasil) e com os concursos bíblicos da instituição.

Não há dúvida de que Oscar Kneipp, com o seu trabalho e prática de vida, dignificou o compromisso que assumiu ao assinar a ata de fundação do Grêmio Passo-Fundense de Letras, em 1938.

Da Revista

Água da Fonte nº 4

Data : 31/05/2011

Título : O adeus à poetisa Carpes do Valle

Categoria: Artigos

Descrição: à memória da poetisa Jurema Carpes do Valle, falecida em 21 de agosto de 2010.

O adeus à poetisa Carpes do Valle

GILBERTO R. CUNHA

Foi realizada numa quinta-feira (23/09/2010), na sede da Academia Passo-Fundense de Letras, a sessão de homenagem – que, nos meios acadêmicos, recebe o nome de panegírico, significando um discurso elogioso, laudatório - à memória da poetisa Jurema Carpes do Valle, falecida em 21 de agosto de 2010. No caso da Jurema, teve como encarregado o experiente panegirista Welci Nascimento.

Ocasões como essas se prestam para repensarmos nossas atitudes e concepções diante da morte. Segundo Edgar Moriu, nunca existiu tuna

tanatologia, uma ciência das coisas da morte, e isso talvez dificulte a fôria com que lidamos com essa que é uma das raras ocorrências de que temos certeza absoluta. Por mais que lutemos contra, haverá de chegar o nosso dia. Mesmo com toda a evolução da humanidade (em certos casos, involução). As civilizações contemporâneas, diante do tabu da morte, em pouco diferem das sociedades arcaicas e dos mitos da religiosidade e da salvação, restando, para alguns, a atitude filosófica de não acreditar na imortalidade, qualquer que seja ela. O drama, como afirmou o escritor e filósofo romeno Emil Cioran, não é tanto morrer, mas ter nascido, visto que a morte começa no nascimento.

No sentido biológico, a morte pode significar o fim do indivíduo, mas não da vida. Continuamos existindo nos nossos filhos e, talvez, em meia dúzia de ideias. Os indivíduos podem morrer, mas, graças à cultura, todo o saber é levado para as gerações futuras. No caso da Jurema, estou certo disso, ela continuará vivendo nas suas poesias. Felizmente, não sabemos o que ocorre depois da morte, pois, de acordo com Jorge Luis Borges, se soubéssemos toda poesia humana seria inválida. A nossa ignorância sobre isso nos permite que, levada ao extremo, pode justificar o desgaste progressivo ao longo da vida, com a morte e regeneração de células, conduzindo o indivíduo ao encontro do seu fim. Até ecologicamente, o fato explica os diversos níveis tróficos da cadeia alimentar na Terra.

Jurema Carpes do Valle nasceu em Cruz Alta/RS. no dia 6 de janeiro de 1937. Filha de Aurino Schanes do Valle e Ercília Carpes do Valle, viu despeitar sua veia poética ainda criança. Começou os estudos em Cruz Alta e, com a mudança da família para Passo Fundo, completou sua formação nesta cidade, como professora normalista, no

Colégio Notre Dame, em 1958, e concluiu o bacharelado em Ciências Jurídicas e Sociais pela UPF, em 1964.

Também foi formada pela Associação dos Diplomados da Escola Superior de Gueixa (ADESG), na turma 1972. Profissionalmente, exerceu atividade como professora, tendo iniciado sua carreira em 1959, no G.E. Aima Luiza Ferrão Teixeira, com passagem pelos colégios Notre Dame, EENAV, Oswaldo Cruz, Protásio Alves, Cecy Leite Costa e Nossa Senhora da Conceição.

Jurema dizia que iniciou na poesia por influência da amiga Geisa Lima Benevenuti, tendo, em 1957, participado da fundação do Grêmio Literário União de Ideias. Em 1970, entrou para a Academia Passo-Fundense de Letras, instituição da qual se tornaria, ao longo da sua vida, um dos membros mais ativos. Na gestão da professora Delma Gehm, em 1972, exerceu o cargo de secretária-adjunta da APL.

Intimista e introvertida. Jurema Carpes do Valle publicou o livro de poemas *Canção da Liberdade*, em 1983. Pela Editora Berthier. Essa obra, cuja capa leva a assinatura da artista plástica Maria Lucina Busato Bueno, reunindo poesias desde o tempo de estudante, é uma mostra do fazer poético da Jurema. Por julgar que *Timidez*, um dos poemas do *Canção da Liberdade*, seja, possivelmente, autobiográfico e uma síntese quase perfeita da autora, reproduzo-o na sequência.

Timidez

Há tanto a dizer
Mas as palavras
Como que se rebelam
E teimam em não sair.
Não importa
Considera este silêncio
O espaço
E nele insere todas as palavras.

(Gilberto R. Cunha é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Da Revista
Água da Fonte
31/05/2011

Data : 10/05/2012

Título : O admirável (ou nem tanto) mundo novo da biologia sintética

Categoria: Artigos

Descrição: Da fusão entre a biologia e a engenharia surgiu o que se convencionou chamar de biologia sintética.

O admirável (ou nem tanto) mundo novo da biologia sintética

Quinta-Feira, 10/05/2012 por Gilberto Cunha

Da fusão entre a biologia e a engenharia surgiu o que se convencionou chamar de biologia sintética. Uma área do conhecimento, vista por alguns, como algo totalmente novo, e, por outros, como um mero eufemismo que se presta unicamente para a sofisticação da surrada expressão “engenharia genética”. Discussões acadêmicas à parte, há que se considerar que, se no começo da engenharia genética, a biologia foi preponderante, mais especificamente a genética, embora sem que a área biológica tenha perdido terreno, em biologia

sintética, os procedimentos e as visões da engenharia ganharam maior expressão.

Como é comum acontecer em toda área do conhecimento relativamente nova, em biologia sintética também abundam especulações sobre aplicações potenciais, algumas, inclusive, nunca antes imaginadas. Por meio da criação dos chamados circuitos biológicos e da escrita de novos programas genéticos, muitos vislumbram que serão encontradas as soluções para os grandes problemas que hoje afligem a humanidade, como são os casos da fome, das doenças e do abastecimento energético.

A visão de engenharia no uso de genes e proteínas como blocos de construção para criar novos tipos de células e outras funções para as células é o que deu sentido de aplicação à biologia sintética, via a criação de organismos com novas características. Evidentemente, que para a combinação de genes de um jeito novo e interessantes, tem que se entender muito de biologia e, simultaneamente, não se pode prescindir da ciência e da criatividade dos processos de engenharia e nem de habilidades e domínios nas áreas de tecnologia da informação e computacional.

A biologia sintética, assim se pode dizer, começou com a manipulação genética. Um dos marcos nessa trajetória foi a descoberta, por Hamilton Smith, em 1968, das enzimas de restrição, que tem a capacidade de cortar o DNA em sequências específicas. Essa descoberta foi revolucionária por ter permitidos que pedaços de DNA fossem cortados e posteriormente colados. Marcou o início da engenharia genética, especialmente com a complementação de Herbert Boyer e Stanley Cohen, de 1972, envolvendo a transferência de plasmídeos (pequenos fragmentos circulares de DNA bacteriano) de uma célula para outra. Sendo estabelecido que dois pedaços de DNA quando cortados com a mesma enzima de restrição podem ser também colados, foi encontrado um jeito de corta e colar DNA entre organismos diferentes. Estava dominada a transferência de genes de animais e plantas, por exemplo, para dentro de uma bactéria usando plasmídeos e enzimas de restrição.

Foi uma revolução na indústria farmacêutica. A empresa Eli Lilly, em 1982, depositou a patente do processo de produção de insulina humana pela inserção do gene responsável em uma célula bacteriana. Era, em outras palavras, a transformação de uma bactéria em uma fábrica de insulina humana. Até aqui, apesar do significado simbólico e os resultados práticos vultosos, como a mudança radical do processo de produção de insulina humana, ainda lidamos com muita biologia e pouca engenharia, tais como, classicamente, entendemos essas ciências.

Á guisa de exemplo, podemos dizer que um engenheiro electricista costuma pensar em termos de circuitos elétricos, por meio dos quais um comando externo se traduz em uma ação ou uma cadeia de ações. Em biologia também se pode imaginar circuitos relacionados com a síntese ou não de determinadas proteínas, seguindo o comando de genes ao estilo liga/desliga. Um sinal externo, térmico ou hídrico, pode ligar ou desligar genes diferentes em uma célula.

Tão logo se conseguiu, pelos caminhos biologia, operacionalizar a movimentação de genes entre células de organismos diferentes, os engenheiros

começaram buscar meios para que múltiplos genes pudessem ser combinados de outras formas, criando espécies de circuitos genéticos não encontrados na natureza. Isso envolveu a programação de circuitos biológicos capazes de criar funções celulares até então desconhecidas. Um exemplo de aplicação relevante foi conseguido, em 2005, por Jay Keasling, relacionado com a incorporação de um grupo de genes em uma levedura, viabilizando, com isso, a produção sintética da droga mais usada no tratamento da malária (artemisinina). Ainda vamos tratar de leitura, cópia e escrita genética (continua...)

O Nacional

Data : 30/11/2004

Título : O anarquista que virou bispo

Categoria: Artigos

Descrição: Sante Barbieri faleceu em 13 de fevereiro de 1991, em Buenos Aires, onde está enterrado. Deixou uma vasta obra literária, com mais de oitenta livros publicados em português, inglês, espanhol e italiano, compreendendo teologia, prosa, novelas e contos.

O anarquista que virou bispo

GILBERTO R. CUNHA

De um dos fundadores do Grêmio Passo-Fundense de Letras (atual Academia Passo-Fundense de Letras - APL), Sante Liberto Barbieri, pode-se dizer que, além de porta-voz do plano da Federação das Academias de Letras do Brasil, que culminou na criação da nossa APL, possivelmente, tenha sido o seu mentor. E dele a assinatura "número 1" do Livro de Atas, em que um grupo de 25 pessoas, no sempre citado encontro de 31 de março de 1938, propõe a criação de um Grêmio Literário, convocando a primeira reunião para o dia 7 de abril próximo vindouro, às 20h 30min, no salão nobre da prefeitura, visando a instalação definitiva do grêmio e eleição da diretoria provisória- Na ocasião, Arthur Ferreira Filho (prefeito municipal) seria escolhido como presidente, e Sante Uberto Barbieri como secretário geral. E, quase sempre, param por aí as citações feitas ao reverendo Barbieri, que, no ano seguinte, deixaria definitivamente Passo Fundo e o Brasil, radicando-se nos países do Prata (primeiro no Uruguai e depois na Argentina).

Afinal, quem foi Sante Uberto Barbieri? Responder a esse questionamento é o que se propõe o presente texto. Para tal, usou-se, como referências principais, as informações constantes nos livros de S.U.Barbieri, em Atas das reuniões do Grêmio Passo-Fundense de Letras, no artigo do Reverendo Luis de Souza Cardoso (Cidadão do mundo - Cidadão do Reino: Centenário de nascimento do Bispo Sante Uberto Barbieri) e nas Actas de la XII Asamblea General de la Iglesia Evangélica Metodista Argentina, 6 a 9 de Júlio de 1991 (página 206).

Sante Uberto Barbieri nasceu em 2 de agosto de 1902, em Duevile, província de Vicenza, Itália, sendo filho de Sante Barbieri e Maria Luisa Zanzotto. Quando criança, viveu alguns anos na Suíça e na Alemanha, antes de, seguindo o fluxo de migrantes europeus da época, em companhia dos pais, aos oito anos de idade, aportar no Brasil (em Santos/ SP), no dia 16 de junho de 1911. Essas andanças marcariam Barbieri e sua obra em definitivo, pois, mais que pertencente a este ou àquele país, ele passou a se considerar um cidadão do mundo.

Herdeiro de um ousado estilo de vida dos pais anarquistas, amantes da liberdade e lutadores pela justiça, Barbieri, não se conseguiu precisar como, em 1921, aos 19 anos, se encontrava em Passo Fundo, proferindo conferências, no auditório da prefeitura municipal, sobre a "Liberdade", em honra da Revolução Francesa, e a "Caridade", baseado em teses sobre a defesa da dignidade humana. Na ocasião, o missionário metodista, Reverendo Daniel Lander Betts, percebeu o seu potencial e o convidou para continuar seus estudos e trabalhar no Instituto Gymnasial (depois IE), um colégio metodista que recém havia sido fundado na cidade (1920).

Barbieri reconheceu que, à época, "era um jovem agnóstico, um livre pensador, imbuído de idéias revolucionárias", simpatizante dos ideais anarquistas de seus pais; e não tinha, portanto, nenhum interesse por religião. Começou a ler a Bíblia e acabou atraído, não pela deidade de Jesus, mas pelo seu amor à humanidade. Destacaria, anos mais tarde, que encontrou "no carpinteiro Jesus a encarnação de um amor muito mais digno do que aquele dos meus filósofos e dos ideais políticos dos meus pais."

Impressionado com a figura de Jesus, em seu trato com os seres humanos, o "jovem agnóstico" passou a viver uma profunda inquietação existencial, evoluindo sua relação com Cristo e com o metodismo, gradualmente, passo a passo, e que acabaria por transformar Barbieri em uma das principais referências teóricas dessa doutrina, no século 20.

No primeiro domingo de abril de 1923, Sante Uberto Barbieri foi recebido como membro da Igreja Metodista em Passo Fundo. Três meses depois, seria credenciado, pela Conferência Distrital de Cruz Alta, como "pregador local". Em 1924 ingressou no Seminário Metodista de Teologia, em Porto Alegre. Neste mesmo ano, em 4 de outubro, casou-se com Odette de Oliveira, sua colcha no Instituto Gymnasial. Foi o primeiro aluno a formar-se, pelo Torto Alegre College", Bacharel em Artes e Teologia, em 1926.

De 1929 a 1933, viajou junto com sua família para os Estados Unidos, onde estudou na Southern Methodist University, em Dallas, e na Emory University, em Atlanta. Nessas universidades graduou-se em Filosofia, História da Igreja e Antigo e Novo Testamento, obtendo título de mestre, para alguns, ou de doutor, para outros, dependendo da fonte de informação. O fato é que, na relação dos

ex-alunos da Southern Methodist University, consta o nome de Barbieri como tendo o grau de B.D. (Bachelor of Divinity), em 1932. Possivelmente, antes da sua volta ao Brasil em 1933, ela tenha concluído algum curso de pós-graduação pela Emory University.

Após o seu regresso ao país, ele serviu como pastor na Igreja Metodista Central de Porto Alegre, e atuou como professor e diretor do Seminário Metodista de Teologia do Sul, nessa mesma cidade. Sante Uberto Barbieri foi ainda o primeiro reitor da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista, criada pelo 3º Concílio Geral, em fevereiro de 1938, a qual dirigiu nos primeiros passos de implantação até outubro daquele ano, quando se demitiu por divergências com o Conselho Superior.

Intelectual, com formação acadêmica acima da média para a época, Barbieri, em 1938, integrava a Academia Rio-Grandense de Letras. Manteve sempre estreitos laços com Passo Fundo, via escola/igreja metodista local. Na cidade, junto com sua esposa, Odette de Oliveira Barbieri, tratou de porem prática o plano da Federação das Academias de Letras do Brasil, com vistas à criação de grêmios literários em cidades do interior. Ambos são fundadores do Grêmio Passo-Fundense de Letras. Uma leitura um pouco mais atenta das atas das primeiras reuniões dessa recém-criada instituição literária deixa explícita a liderança de Barbieri no processo. São dele as proposições de criação do "Quarto de hora literário", da formação de comissões para organizar programas de comemoração de datas especiais, de produzir colunas para os jornais locais veicularem artigos dos sócios e da proibição do uso de títulos formais no tratamento entre os pares, nas reuniões da instituição. O tratamento ficaria restrito a senhor, senhora e senhorinha. Também foi responsável pela doação do primeiro livro à biblioteca do Grêmio Passo-Fundense de Letras: "Os ensinamentos de Jesus", de sua autoria, publicado pela Confederação Evangélica do Brasil, em janeiro de 1938. Esse exemplar, ainda preservado, contém a seguinte dedicatória, datada de 4 de abril de 1938: "Ao Grêmio Passo-Fundense de Letras, Com os cumprimentos e os votos de prosperidade, do Autor."

Durante a primeira fase do Grêmio Passo-Fundense de Letras, 7 de abril a 19 de agosto de 1938, a participação do casal Barbieri, particularmente Sante, foi intensa e decisiva. Depois de um período de inatividade de 13 meses (19/08/38 a 16/09/39), o Grêmio foi reorganizado sob a presidência de Francisco Antonino Xavier e Oliveira e, nessa nova etapa, contou com a participação do casal Barbieri (Sante e Odette) por pouco tempo. Em 26 de setembro de 1939, Sante e Odette comunicaram que estavam transferindo residência para os países do Prata e assim ficavam impedidos de continuar colaborando com os trabalhos do Grêmio. O casal Barbieri, por proposição de Tristão Ferreira, recebeu uma homenagem especial de despedida (cartão de prata e flores), que se realizou em sessão solene no dia 14 de outubro de 1939. Na sessão de 20 de outubro de 1939, os gremistas aprovaram, e consta em ata, que a cadeira ocupada por Sante Uberto Barbieri (Cadeira 18) seria conservada sempre vaga, em reconhecimento aos relevantes serviços prestados ao Grêmio por esse intelectual.

O casal Barbieri deixou definitivamente o Brasil, no final de 1939, passando a servir a Missão Metodista no Uruguai e depois na Argentina. Em Buenos Aires, ocupou o cargo de reitor do Union Theological Seminary e foi eleito Bispo pela Conferência Central Metodista da América Latina, em 1949. Serviu como bispo

por 5 períodos consecutivos de 4 anos, entre 1949 e 1969, exercendo o episcopado um ano a mais, até 1970, quando, em decorrência da idade, entrou para a categoria de Bispo Emérito aposentado. Decisão que foi ratificada pela The United Methodist Church, em 8 de outubro de 1971.

Com Odette de Oliveira, Sante teve os filhos Laura, Stelvio, Livio e Flávio. Na década de 1980, após o falecimento de Dona Odette, casou-se com Delina Díaz, com quem viveu os anos restantes de sua vida.

Sante Barbieri faleceu em 13 de fevereiro de 1991, em Buenos Aires, onde está enterrado. Deixou uma vasta obra literária, com mais de oitenta livros publicados em português, inglês, espanhol e italiano, compreendendo teologia, prosa, novelas e contos. Alguns livros de Barbieri, ainda hoje, podem ser comprados pela Internet, no site da Amazon Books (www.amazon.com), por exemplo. Mais que um religioso, Sante Uberto Barbieri foi um grande escritor.

Da Revista

Água da Fonte nº 2

Data : 13/03/2015

Título : O aquecimento medieval

Categoria: Artigos

Hubert Lamb foi, na essência da palavra, um autêntico detetive meteorológico. Graças ao trabalho deste cientista britânico, que veio a público nas décadas de 1950 e 1960, reunindo dados geológicos dispersos e registros históricos de fontes diversas, conseguiu-se, com base em inferências bem fundamentadas, a reconstrução de, pelo menos, dois mil anos de história do clima mundial. Ressalte-se que Lamb trabalhou em uma época que a paleoclimatologia (estudo dos climas de antigos períodos geológicos) estava em seus primórdios. As bases da dendrologia (estudo de séries de anéis de troncos de árvores antigas) e o testemunho da composição do ar aprisionado em geleiras e a análise das camadas de corais, que viriam permitir uma melhor elucidação da atmosfera do passado, ainda não eram práticas correntes. Não obstante, ele identificou um momento em que o clima terrestre foi significativamente mais quente (todavia, não tanto quanto na atualidade), começando no ano 800 e se estendendo até o ano 1300. A esses cinco séculos da história, Hubert Lamb chamou de Período de Aquecimento Medieval, também conhecido como Anomalia Climática Medieval ou Séculos de Aquecimento; dependendo das circunstâncias e do contexto em que são referidos.

Na Europa, durante o Período de Aquecimento Medieval, as colheitas agrícolas foram maiores e mais estáveis, a população cresceu, o comércio explodiu, surgiu a pesca em águas profundas, o desmatamento foi acelerado e virou moda a construção de grandes catedrais (a Catedral de Notre Dame de Chartres, no nordeste da França, com seus magníficos vitrais, por exemplo).

É evidente que o clima não foi o único responsável por todas as mudanças econômicas, políticas e sociais que ocorreram na alta Idade Média. Esse tipo de determinismo ambiental, que atribui ao clima a responsabilidade pelos principais acontecimentos da história, foi desacreditado há quase um século. Todavia, não se pode ignorar os efeitos indiretos do clima e as consequências sutis que se espalharam pela sociedade da época. No rastro do Aquecimento Medieval, foram desenvolvidas novas estratégias para armazenamento de água, buscou-se o plantio de cereais mais resistentes à seca, bem como surgiram as chamadas organizações secretas, que recolhiam informações para prever chuvas. De fato, o Aquecimento Medieval (embora não tenha sido maior que alguns graus e tampouco ocorreu em toda a parte) foi tanto um herói quanto um vilão climático.

No ambiente hostil das estepes da Eurásia, na época do Aquecimento Medieval, mais do que nunca, sujeito ao frio implacável, à seca, ao calor infernal e as chuvas torrenciais, forjou-se a saga dos grandes conquistadores mongóis, acima de tudo, impulsionados pela realidade do clima. Gíngis (Gêngis) Khan, cujo império expandiu-se rapidamente, foi o expoente maior. Era um guerreiro brutal, tinha sede de sangue, destacava-se pela crueldade, dirigindo-se aos cidadãos aterrorizados dos territórios que conquistava como sendo uma punição de Deus (a exemplo das secas e das pragas). Ele se rotulava um instrumento da vingança divina para a redenção dos pecados (não era nada humilde Gêngis Khan!). Pouco antes de morrer, em 1227, Gêngis Khan disse aos filhos: “Com a ajuda das forças divinas eu conquistei para vocês um grande império. Mas a minha vida é muito breve para conseguir conquistar o mundo. Deixo essa tarefa para vocês”. No entanto, mesmo que algumas conquistas mongóis continuassem após a morte de Gêngis Khan, elas não se perpetuaram quando o Período de Aquecimento Medieval deu lugar a seis séculos de clima altamente instável e condições frias: A Pequena Idade do Gelo, que impôs limitações aos cavalos dos exércitos bárbaros (cuja agilidade conferia especial vantagem comparativa frente aos cavaleiros europeus de armaduras pesadas).

Data : 26/09/2014

Título : O autor invisível

Categoria: Artigos

Descrição: São raros os que costumam prestar a devida atenção (e merecida reverência) aos nomes daqueles profissionais que, para muitos de nós,

constituem-se na única forma de acesso a textos, técnicos ou literários, escritos em outras línguas.

Sexta-Feira, 26/09/2014 às 17:41, por Gilberto Cunha

São raros os que costumam prestar a devida atenção (e merecida reverência) aos nomes daqueles profissionais que, para muitos de nós, constituem-se na única forma de acesso a textos, técnicos ou literários, escritos em outras línguas. Estamos nos referindo aos tradutores que, vertendo obras para idiomas diferentes daqueles que foram originalmente escritas, na verdade, de forma quase invisível, acabam produzindo uma “nova obra”.

Entende-se a tradução como uma forma de autoria, embora derivada. Todavia, a nossa tradição é cultuar o autor e negligenciar a uma posição secundária o tradutor. E isso acaba se refletindo nas leis sobre direitos autorais, nos códigos nacionais e nos tratados internacionais, que retratam uma espécie de subordinação dos tradutores aos autores. Tomem-se como exemplo as listas dos livros mais vendidos, publicados em jornais e revistas, que são majoritariamente formadas por obras estrangeiras traduzidas.

Não se pode ignorar que há criação intelectual em trabalhos derivados (caso das traduções). Em geral, os autores estrangeiros escrevem dirigindo-se a uma comunidade linguística e cultural que não inclui os leitores de seus trabalhos depois de traduzidos. São os tradutores que cumprem o papel de orientar o texto original para outros públicos, cuja exigência de inteligibilidade em termos de língua e cultura traduzidas vão muito além da intenção original do autor. Não há como um escritor estrangeiro cruzar uma fronteira linguística e cultural sem a influência/ajuda do tradutor. Isso é notório até mesmo entre países que falam a mesma língua, caso do inglês usado no Estados Unidos versus na Inglaterra ou do português falado/escrito no Brasil frente ao de Portugal.

O inglês é a língua mais traduzida em todo o mundo. Não obstante, é a língua para a qual menos se traduz. Uma questão de dominação econômica há que se supor (também, mas não só). Isso, indiscutivelmente, ajuda a criar no público leitor de língua diferente da obra original uma maior sensibilização para os produtos culturais (valores e bens) de países hegemônicos, em geral.

O mercado editorial tem, cada vez mais, concentrado investimentos nos chamados best-sellers. As editoras nacionais (muitas integrando corporações transnacionais) costumam apostar em textos estrangeiros que obtiveram sucesso comercial em sua cultura de origem, esperando que alcance também um bom desempenho de venda numa cultura e língua diferentes. Isso contribui para estabelecer uma espécie de relação hierárquica entre línguas maiores e menores e entre culturas hegemônicas e subalternas.

Há tradutores (ou editoras) que, de forma deliberada ou involuntariamente, contribuem ou se prestam para a exploração de textos e culturas estrangeiras. Colocam o traduzido a serviço da cultura tradutora. Exemplificam bem esse caso as traduções americanas dos livros do escritor italiano Giovanni Guareschi, durante a Guerra Fria. As traduções inglesas dos livros de Guareschi foram

sucesso de venda desde o lançamento do *The Little World of Don Camillo*, em agosto de 1950, primeiro nos EUA e depois na Inglaterra. Prestavam-se à propaganda anticomunista ao mostrar as aventuras de Dom Camilo, sacerdote num vilarejo no norte da Itália, que vivia em escaramuças ideológicas com o prefeito comunista, Peppone, e das quais, invariavelmente, sempre se saía vencedor. Dom Camillo era pintado como o virtuoso e ligado ao bem e Peppone era uma espécie de idiota e relacionado com o mal.

A tradução de uma obra tem como objetivo principal promover inovação e mudança cultural. É evidente que os efeitos e funções (ou usos) de um texto traduzido não podem ser totalmente previsto ou controlados em sua plenitude. E são essas incertezas que, em vez de diminuir, aumentam a responsabilidade do tradutor e estão a exigir uma maior valorização e reconhecimento do seu trabalho, pelo menos por nós, LEITORES.

Data : 11/11/2016

Título : O bibliotecário J.L. Borges

Categoria: Artigos

Jorge Luis Borges foi diretor da Biblioteca Nacional, na Argentina, entre 25 de outubro de 1955 e 11 de outubro de 1973. Assumiu o cargo no rastro da Revolução Libertadora, que deu cabo ao governo populista de Juan Domingo Perón (1946-1955), e saiu (aposentado) quando da volta, do mesmo Perón, ao comando da Argentina, eleito que fora, democraticamente, no pleito de 23 de setembro de 1973. Esses dados constam em qualquer biografia que se preze de J. L. Borges. Mas, o que, amiúde, não se encontra com tanta facilidade, é como foi a gestão de Jorge Luis Borges na Biblioteca Nacional da Argentina, ao largo de 18 anos? Houve, efetivamente, um Borges executivo? Um Borges administrador? Um Borges Chefe? Um Borges CEO? Sabidamente, em 1955, quando assumiu esse cargo, Jorge Luis Borges já estava praticamente cego. E isso ele deixou bem claro no seu conhecido Poema dos dons (Poema de los dones): Ninguém rebaixe a lágrima ou rejeite/esta declaração da maestria/de Deus, que com magnífica ironia/deu-me a um só tempo os livros e a noite (Nadie rebaje a lágrima o reproche/ esta declaración de la maestria/ de Dios, que con magnífica ironia/ me dio a la vez los libros y la noche). Como era, então, o dia a dia de Borges na Biblioteca Nacional? Eis uma intrigante questão.

Para o entendimento da gestão Jorge Luis Borges na Biblioteca Nacional da Argentina, considero essencial a leitura de um pequeno livro, publicado pelo jornal *Página 12*, com o apoio da Telecom, em 1998, intitulado “Borges Diretor de la Biblioteca Nacional – Diálogos entre José Edmundo Clemente y Oscar Sbarra Mitre”, cujo conteúdo revelador contempla a transcrição e as notas, por

Martín Arias, de seis encontros entre José Edmundo Clemente y Oscar Sbarra Mitre, realizados em 1998 (nos dias 13, 15, 20, 27 e 31 de outubro; e 3 de novembro).

Apesar de todos os méritos que acumulava como escritor e intelectual de escol, Jorge Luis Borges foi nomeado para o cargo de diretor da Biblioteca Nacional por iniciativa de Esther Zemborain de Torres e pela influência da poderosa Victoria Ocampo. Inclusive, consta que, quando soube que fora indicado para o cargo, Borges teria dito que preferia dirigir a Biblioteca de Lomas de Zamora, sendo de pronto rebatido por Victoria: “no sea idiota!” O fato é que, junto com Borges, assumiu como vice-diretor da Biblioteca Nacional José Edmundo Clemente, que tinha uma vasta experiência em gestão de bibliotecas, uma vez que, desde 1943, ocupava o cargo de bibliotecário chefe do Ministério de Obras Públicas da Nação. E, durante toda a gestão Borges na Biblioteca Nacional, de 1955 até 1973, foi Clemente quem, na sombra de Borges, efetivamente exerceu o comando executivo da instituição. Borges nunca se envolveu com a administração da Biblioteca Nacional. Tinha uma ideia romântica de biblioteca. Ignorava que uma Biblioteca Nacional é essencialmente memória. Na instituição, com o apoio de secretárias, que liam pra ele, escrevia (ditava) e preparava conferencias, numa rotina que incluía a chegada por volta das 16 h e a saída pelas 19 h, além de coordenar as conferencias dos sábados pela manhã. Editou cinco números da revista La Biblioteca, com textos seus e de convidados. Borges era a metáfora da própria biblioteca, tendo, com o seu prestígio como escritor e intelectual, ajudado para tornar a instituição conhecida internacionalmente. O que restou do Borges bibliotecário foi o que ele escreveu na instituição. E isso não é pouco, frise-se. O verdadeiro bibliotecário chefe foi Clemente.

Um dos raros pontos de divergência entre Borges e Clemente envolveu a nova sede da Biblioteca Nacional. O velho prédio da Calle México não comportava mais o acervo. Borges era contra e Clemente a favor. As tratativas iniciadas nos anos 1950 foram contempladas em Lei de 1961. A pedra inaugural da obra, com a presença de Borges e Clemente, aconteceu em 13 de outubro de 1971. E, a nova sede, efetivamente, sem Borges e sem Clemente, virou realidade, em 10 de abril de 1992, na Calle Agüero 2502, em Buenos Aires.

Data : 13/07/2011

Título : O Cavaliere Aristides Germani

Categoria: Artigos

Descrição: A lavoura de trigo no Brasil, com finalidade comercial, começou efetivamente no Rio Grande do Sul. Há várias referências indicando que, após a fracassada experiência dos açorianos, por volta de...

O Cavvaliere Aristides Germani

por Gilberto Cunha

A lavoura de trigo no Brasil, com finalidade comercial, começou efetivamente no Rio Grande do Sul. Há várias referências indicando que, após a fracassada experiência dos açorianos, por volta de 1740, e de um tímido recomeço com a colonização alemã, em 1824, o cultivo de trigo de fato se consolidou com a vinda dos imigrantes italianos, depois de 1875. Para os interessados em conhecer um pouco da chamada triticultura colonial dos italianos, recomenda-se a leitura do livro “O Cavvaliere Aristides Germani”, escrito por Campos Neto, em 1939. A citada obra teve três edições: a primeira em outubro de 1939, a segunda em dezembro daquele mesmo ano (uma reimpressão) e a terceira, por iniciativa da Universidade de Caxias do Sul e da Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, em outubro de 1978.

Campos Neto faz uma descrição da trajetória pessoal, econômica, política e social de Aristides Germani, com quem mantinha relações familiares desde o tempo que seu pai, Campos Júnior, fora intendente municipal em Caxias do Sul. Trata-se de uma biografia feita para homenagear aquele que é considerado uma das mais fascinantes figuras da imigração italiana. Apresenta detalhes pessoais, de interesse exclusivo para a família do biografado, e dá destaque à batalha travada por Aristides Germani a favor da triticultura brasileira e da sua industrialização. E é esta última, sem dúvida, a parte mais interessante do livro. Há que se considerar também, além da relação pessoal de Campos Neto com Aristides Germani, que acaba se refletindo na idealização de algumas passagens em que o biografado aparece como herói deslocado do momento histórico, que o livro foi escrito em 1939, por consequência, refletindo alguns preconceitos nacionalistas daqueles tempos de Estado Novo. Porém, isso em nada diminuiu o valor da obra, que se reitera indispensável para se conhecer a história da cultura de trigo no País, com alguns aspectos ainda atuais, neste começo de século 21.

Aristides Germani nasceu em 16 de junho de 1863, na comuna de Corte di Frati, província de Cremona, Itália. E foi lá que aprendeu o ofício que o consagraria na profissão de moageiro de trigo. Aos quinze anos, começou a trabalhar no moinho de Giácomo Tansini, onde ficou por quase seis anos. Depois entrou para o moinho de Pelini Pangélo, trabalhando, neste estabelecimento, até o ano de 1885, quando resolveu vir para a América visitar o tio Emmanuele Santini que emigrara para o Brasil e residia na colônia Campo dos Bugres, no Rio Grande do Sul, desde 1875.

E assim, pelo que consta, Aristides Germani partiu de Gênova no dia 18 de agosto de 1885, abordo do vapor Orione, com destino ao Rio de Janeiro, aonde chegou em 6 de setembro daquele ano. Do Rio de Janeiro veio para Porto Alegre, desembarcando em 22 de setembro. No dia seguinte, seguiu viagem para Campos dos Bugres, via São Sebastião do Cai, onde ficou vários dias aguardando condução para o interior da colônia.

Finalmente, em 28 de setembro de 1885, partiu para encontrar o tio Emmanuele Santini, na XIII Léguas, Travessão Cremona, em Campos dos Bugres. E foi lá que começou a trabalhar na roça, ajudando o tio a plantar, a colher, a preparar a terra, a selecionar sementes, etc. Ou seja, se dedicando às lides agrícolas. Nessa atividade, um fato deixava Aristides Germani profundamente intrigado: Por que seus patrícios italianos não plantavam trigo na nova terra, uma vez que o clima era muito parecido com o da Lombardia? Questionando seus pares sobre o porquê de não plantarem trigo, obteve como resposta que plantar trigo era tempo perdido, pela falta de moinhos. Os padeiros de Caxias do Sul, no final do século 19, usavam farinha de trigo importada da Itália e do Uruguai. Antônio Moro, um padeiro conceituado na cidade, achava desnecessário o cultivo de trigo na região. Apesar do ambiente desfavorável, Aristides Germani não desanimou e virou um “propagandista” da cultura de trigo no sul do Brasil, ensinando os colonos a plantar, a colher, a armazenar, etc. o cereal. E, por isso, foi um pioneiro do renascimento da triticultura brasileira no século 19. (continua na próxima quinta-feira)

O Nacional

Quarta-Feira, 13/07/2011

Data : 20/07/2011

Título : O Cavaliere Aristides Germani (final)

Categoria: Artigos

Descrição: Em Caxias do Sul, no último quartel do século 19, havia três moinhos, que se dedicavam principalmente à moagem de milho e de centeio.

O Cavaliere Aristides Germani (final)

por Gilberto Cunha

Em Caxias do Sul, no último quartel do século 19, havia três moinhos, que se dedicavam principalmente à moagem de milho e de centeio. Seus proprietários eram: Giusué Vaccari, Antônio Corsetti (arrendado a Paulo Otolini) e Giovanni Venzon. Aristides Germani procurou esse pessoal apresentando-se como técnico especializado em moagem de trigo e manifestando sua esperança na cultura desse cereal e na sua industrialização. Queria modificar os moinhos de milho para a moagem de trigo, pois considerava o trigo uma promessa de riqueza. Começou no pequeno moinho de Paulo Otolini e acabou contratado por Giusué Vaccari. Foi neste moinho que fez a primeira peneira de seda, introduziu sistema de limpeza de grãos, produzindo a primeira farinha de trigo no Rio

Grande do Sul, em dezembro de 1886. Também criou o saco de trigo com 64 quilogramas (baseado no peso específico de 80%). Com isso, aumentou o interesse pelo cultivo e industrialização de trigo na região, ressurgindo o produto no mercado rio-grandense.

Em 1887, Antônio Moro, o padeiro, mandou buscar trigo no Uruguai e distribuiu sementes para os colonos, transformando Caxias do Sul em mercado fornecedor para padarias de Bento Gonçalves e São Sebastião do Cai.

Aristides Germani deixou o moinho de Giusué Vaccari em 1888. Passou a cuidar do moinho de Luiz Antônio Feijó Jr. e depois arrendou o moinho de Antônio Corsetti. Após ter adquirido a cascata do arroio Marques do Herval, construiu o seu próprio moinho, tornando aquele estabelecimento no centro irradiador da cultura e industrialização de trigo no Brasil. Ensinou os colonos a plantar trigo, combater doenças, fazer limpeza e armazenar os grãos. O estabelecimento de Aristides Germani cresceu junto com Caxias, chamada de Pérola das Colônias, Capital das Colônias e Princesa do Norte. Em 1901, construiu uma turbina vertical no moinho, inaugurando a iluminação elétrica no interior. Posteriormente, em 1905, levantou um edifício de material no seu moinho, instalando um telefone. E, em 1910, com a abertura da estrada de ferro para Caxias do Sul, começou uma nova era de prosperidade e riqueza para a região colonial italiana.

Em 1914, na Exposição Industrial realizada em Santa Maria, a farinha de trigo produzida por Aristides Germani ganhou medalha de ouro, sendo considerada superior às outras concorrentes. Também mandou buscar sementes de trigo na Argentina, em 1915 e em 1923, fazendo troca com os agricultores caxienses. Estimulou o cultivo de trigo em Guaporé, Erechim e Passo Fundo. O trigo do Planalto era enviado para Aristides Germani pelos negociantes Saule Pagnoncelli, de Erechim, e Irmãos Bussato e Luiz Lângaro de Passo Fundo.

Aristides Germani começou a construir um novo e importante moinho em 1925, junto à Viação Férrea, em Caxias do Sul, que foi inaugurado em 1928. Nessa época, Getúlio Vargas era presidente do Estado e estimulou a triticultura. Na qualidade de líder moageiro, Aristides Germani saiu em defesa dos pequenos moinhos do interior (moinhos da capital x moinhos do interior), pregou isenção de impostos alfandegários para máquinas agrícolas e de moagem importadas, o barateamento do frete na Viação Férrea, na questão da troca de café por trigo americano chegou a recusar a quota de trigo americano que lhe cabia, lutou pelo estabelecimento de preço mínimo para o trigo e máximo de venda para a farinha, propôs o controle do comércio de trigo pelo governo e a compra obrigatória do trigo nacional. Muitas dessas ideias foram, de alguma forma, implementadas no Brasil, na fase pré abertura comercial dos anos 1990.

O cavvaliere Aristides Germani ajudou a construir a história da triticultura brasileira, incentivando o cultivo de trigo e sua industrialização na Serra Gaúcha. A fabricação de farinha de trigo da marca Germani começou em 1892 e seguiu com a industrialização, surgindo, nos anos 40, os biscoitos Pérola, as massas Diana etc. Das suas ações, ficou o exemplo da importância da ligação entre os elos de produção e industrialização no complexo agroindustrial do trigo brasileiro.

O Nacional

Quarta-Feira, 20/07/2011

Data : 17/11/2010

Título : O clarim de Schrodinger

Categoria: Artigos

Descrição: Entre os protagonistas principais da descoberta da estrutura do DNA, pelo menos James D. Watson, Francis Crick e Maurice Wilkins declararam ter sido influenciados pelos argumentos de Schrödinger, de que a vida poderia ...

O clarim de Schrödinger

O livro *What Is Life? The Physical Aspect of the Living Cell* (Que é Vida? O Aspecto Físico da Célula Viva), reunindo a série de três conferências proferidas por Erwin Schrödinger no Trinity College em Dublin, no ano de 1943, soou como uma espécie de toque de clarim aos ouvidos de alguns cientistas que estavam, ao mesmo tempo, desiludidos com o papel da ciência nas explosões de Hiroshima e Nagasaki e em busca de novos desafios. O pequeno livro verde, com 94 páginas, publicado em 1944 pela Cambridge University Press seria lido com afeição e entusiasmo por físicos, químicos e biólogos, despertando vocações e incentivando novos rumos em carreiras já consagradas, ansioso para desvendar os segredos da hereditariedade e, em última instância, da vida.

Entre os protagonistas principais da descoberta da estrutura do DNA, pelo menos James D. Watson, Francis Crick e Maurice Wilkins declararam ter sido influenciados pelos argumentos de Schrödinger, de que a vida poderia ser concebida em termos de armazenagem e transmissão de informações biológicas. Os cromossomos seriam apenas portadores de informações, comprimidas naquilo que ele chamou de código de instruções hereditárias. Portanto, sob o ponto de vista da física e da química, para entender a vida, seria necessário tão somente identificar essas moléculas e decifrar o seu código.

Nos anos 1940, a maioria dos biólogos acreditava que as proteínas eram as principais portadoras de instruções genéticas. O DNA, mesmo que já fosse conhecido há 75 anos e tendo a sua estrutura composta de quatro bases químicas (adenina, timina, guanina e citosina), identificada nos anos 1930, não era visto como um candidato sério a ser portador de instruções em código da hereditariedade. O DNA somente ganharia notoriedade em 1944, quando o laboratório de Oswald Avery, no Instituto Rockefeller de Nova York, anunciou ser possível modificar o envoltório superficial das bactérias, provando, via

experimentos, que o DNA era o material genético por excelência. Isso seria inequivocamente confirmado por Alfred Hershey e Martha Chase, do Grupo dos Fagos, em Cold Spring Harbor, em 1952: o DNA era, de fato, o material da hereditariedade.

Na Inglaterra, dois laboratórios, patrocinados pelo MRC - Medical Research Council Unit for the Study of the Structure of Biological Systems (Unidade do Conselho de Pesquisas Médicas para Estudo da Estrutura de Sistemas Biológicos), estudavam questões avançadas de química ligadas a proteínas e ao DNA. Um deles era o Laboratório Cavendish, na Universidade Cambridge, onde Ernest Rutherford descreveu pela primeira vez a estrutura do átomo. Na ocasião, dirigido por Sir Lawrence Bragg, o inventor inglês da cristalografia com raios x, laureado com o prêmio Nobel de física em 1915. Nesse laboratório o jovem biólogo James D. Watson, recém-contratado, passou a dividir a sala com o físico Francis Crick, que estava em Cavendish estudando a estrutura tridimensional das proteínas. O outro era o laboratório do King's College, no centro de Londres, onde trabalhavam Maurice Wilkins e Rosalind Franklin, usando a difração de raios x na busca dos segredos do DNA. E, paralelamente, nos EUA, havia o genial Linus Pauling, no Instituto de Tecnologia da Califórnia (Caltech), também empenhado nessa corrida.

No King's College, Maurice Wilkins e Rosalind Franklin, mesmo sendo colegas de trabalho e envolvidos no mesmo projeto, tinham desavenças. Ela era uma mulher obsessiva e de opiniões fortes. Certa vez descreveu o seu orientador de doutorado, Ronald Norrish, um futuro prêmio Nobel, como "estúpido, preconceituoso, trapaceiro, mal-educado e tirânico". Wilkins, físico de formação, que havia trabalhado no Projeto Manhattan, queria, de pronto, construir modelos da molécula do DNA. Rosalind insistia que era impossível começar a construção de modelos antes de coletar mais dados. Ele que esperasse pelos seus resultados. Inclusive, dizem que em função desse episódio, um não falava com o outro. Rosalind Franklin não era bem vista pelos colegas. Vinda da alta sociedade londrina, pertencia a um mundo mais seletivo socialmente que a maioria dos cientistas. Por maldade, havia comentários que ao final de um longo dia de trabalho na bancada do laboratório, às vezes, ela trocava o seu avental branco por um elegante vestido de gala e desaparecia noite adentro (continua na próxima quinta-feira).

Do Jornal

O Nacional

17 de Novembro de 2010

2ª parte

Enquanto no King's College, em Londres, as desavenças pessoais entre Maurice Wilkins e Rosalind Franklin continuavam em alta; no Laboratório Cavendish, em Cambridge, o biólogo James Watson e o físico Francis Crick, trabalhando em harmonia, avançavam na trilha que os levaria à descoberta do segredo da estrutura do DNA.

Desde que Alfred Harshey e Martha Chase confirmaram que de fato o DNA era o material da hereditariedade, criou-se nos meios científicos a percepção de que era necessária uma compreensão molecular, em toda a sua complexidade química, para o entendimento da essência do gene.

O espírito de colaboração entre os cientistas envolvidos nas pesquisas com o DNA era mantido dentro de limites estreitos. A competição entre os grupos, inclusive envolvendo os laboratórios ingleses, era notória. Depois de uma visita a Cambridge, observando os avanços alcançados por Watson e Crick, Rosalind Franklin e Maurice Wilkins chegaram a experimentar um breve período de união. Atentas à competição dos dois grupos, as direções dos laboratórios ingleses decidiram intervir na disputa. Em Cambridge, Sir Lawrence Bragg baixara instruções para que Crick e Watson desistissem da construção de modelos do DNA. Foi também decretado que as pesquisas com DNA seriam concentradas no King's College e que em Cambridge seria dada prioridade aos estudos com proteínas. Nesse ínterim, Linus Pauling escreveu a Crick pedindo uma cópia do modelo de difração do DNA cristalino que havia sido produzido por ele e Watson. Evidentemente, não teve seu pedido atendido. Não havia dúvida que Pauling estava direcionando o seu poderoso intelecto e profundos conhecimentos de química ao problema do DNA.

James Watson conta que, por ocasião de visita realizada por ele e Crick aos laboratórios do King's College, Maurice Wilkins teria mostrado uma imagem obtida por Raymond Gosling, um pós-graduando de Rosalind Franklin, que conseguira fotografar com raios x a chamada forma B do DNA. A imagem tinha o formato de uma cruz. A história era que Rosalind Franklin finalmente resolvera deixar o "ambiente desagradável" do King's College, em que se via obrigada a conviver com Maurice Wilkins, e, decidida a parar de trabalhar com DNA, repassara todo o material coletado até então para Wilkins. Outras versões afirmam que o aluno de Franklin mostrou a foto 51 a Wilkins sem que a orientadora tivesse conhecimento, querendo saber se ele teria alguma proposta de estrutura. Wilkins compartilhou a imagem com os colegas de Cambridge. Essa imagem era o insight que faltava para Watson e Crick perceberem que se tratava de uma dupla hélice, como uma escada em caracol.

A dupla-hélice fazia sentido em termos tanto químicos quanto biológicos. Naquele 28 de fevereiro de 1953, no almoço no Eagle, o pub que ficava quase na esquina do laboratório Cavendish, Francis Crick, loquaz como de costume, anunciaria a Deus e ao mundo que havia sido descoberto "segredo da vida".

O equívoco de Rosalind Franklin, segundo dizem alguns analistas desse episódio histórico, foi a sua resistência e oposição sistemática à construção de modelos representando a estrutura espacial da molécula do DNA, além da disputa pessoal com Wilkins. E o erro do genial Linus Pauling foi a soberba, pois, acreditando que estava sempre certo e que não havia problema químico que não pudesse ser resolvido a partir de princípios básicos, sequer se dignou a ler a literatura existente sobre o DNA. Havia também, para distrair o intelecto de Pauling, os problemas que enfrentava com o Maccartismo. Sua autoconfiança era tamanha que durante um interrogatório do FBI sobre como ele sabia quanto de plutônio havia numa bomba atômica, consta que teria afirmado: ninguém me disse; eu mesmo calculei.

O manuscrito de pouco mais de uma página enviado a revista Nature foi publicado três semanas depois, na edição de 25 de abril de 1953. Acompanha também, na sequência, sobre o mesmo tema, um artigo de Wilkins e colaboradores e outro assinado por Rosalind Franklin e Raymond Gosling.

Somente em 1962, Maurice Wilkins, Francis Crick e James D. Watson receberiam o prêmio Nobel em fisiologia/medicina. Tragicamente, Rosalind Franklin falecera quatro anos antes, de câncer no ovário, aos 37 anos. A descoberta da dupla-hélice foi um golpe de morte no vitalismo. A vida era uma simples questão de física e química.

Do Jornal

O Nacional

02 de dezembro de 2010

Data : 21/06/2012

Título : O conciliador inverossímil Edward O. Wilson

Categoria: Artigos

Descrição: Unir as ciências naturais com as humanidades e com as ciências sociais foi a intenção de Edward O. Wilson, quando, em 1988, publicou o livro Consilience: The Unity of Knowledge.

O conciliador inverossímil Edward O. Wilson

Quinta-Feira, 21/06/2012

por Gilberto Cunha

Unir as ciências naturais com as humanidades e com as ciências sociais foi a intenção de Edward O. Wilson, quando, em 1988, publicou o livro Consilience: The Unity of Knowledge. Mas, apesar de bem-intencionado e do vasto prestígio que gozava como escritor agraciado com dois prêmios Pulitzer, nos EUA, naturalista laureado e professor na Universidade Harvard, não obteve sucesso, espalhando controvérsias e angariando desafetos, em vez de conquistar adeptos e convergência de ideias em prol dessa causa. Por que Edward O. Wilson fracassou no seu intento? Em que diferiu o discurso usado por ele em Consilience da retórica empregada por Theodosius Dobzhansky, no seu Genetics and the Origin of Species, de 1937, que foi responsável pela integração entre mendelianos e darwinistas, criando o que se convencionou chamar de a

grande síntese da biologia no século 20? Ou do tom empregado na narrativa de Erwin Schrödinger, em *What Is Life? The Physical Aspect of the Living Cell*, publicado em 1944, que uniu físicos e biólogos na corrida pela descoberta da estrutura do DNA, em cujos desdobramentos inclui-se a criação do que hoje conhecemos por biologia molecular? Entender por que isso aconteceu, o que não funcionou na argumentação usada por Wilson e se haveria ou não alternativas são os objetivos dessas notas, tomando-se como referência o ensaio de Leah Ceccarelli, que integra o livro *Shaping Science with Rhetoric*, de 2001, publicado pela editora da Universidade de Chicago.

Diferente de Dobzhansky e Schrödinger, na sua cruzada pela construção de pontes entre territórios do conhecimento então demarcados pelas ciências naturais, pelas humanidades e pelas ciências sociais, Edward O. Wilson usou preponderantemente uma retórica de conquistador em lugar da fala característica de um negociador. Para o alcance da almejada unidade, deixou transparecer a a prevalência das ciências naturais sobre as humanidades e ciências sociais. Isso, mas não só, talvez explique um pouco da rejeição que o livro *Consilience: The Unity of Knowledge*, de imediato, alcançou entre os pares da comunidade científica, especialmente nas esferas dominadas pelas ciências sociais e pelas humanidades. Reviveu, de certa forma, ainda que em menor grau, controvérsias anteriores perpetradas pelo próprio Wilson, quando da publicação, em 1975, de *Sociobiology: The new Synthesis*, que lhe mereceu acusações de racismo e discriminação de gênero entre outras mais.

Há quem entenda que Edward O. Wilson começou errando com *Sociobiology*, em 1975, e insistiu no erro, em 1988, com *Consilience*, ao enfatizar a conexão entre comportamento humano e biologia. Ao dar, veladamente ou de forma explícita, maior relevância à biologia em detrimento de disciplinas humanas ou sociais. Ou, que ele errou mesmo ao tentar criar pontes entre culturas científicas que, na prática, são irreconciliáveis. Ainda, alternativamente, para outros, que os críticos de Wilson, por viés político e ideológico, inclusive resultando em desavenças pessoais dele com colegas em Harvard, foram incapazes de ver a verdade da sua mensagem e a relevância, que não se discute, da sua obra.

Resumindo, Edward O. Wilson, estrategicamente, equivocou-se na escolha do modelo de retórica que adotou para persuadir os pares engajados com causas das ciências sociais e humanidades. O texto, em vez de unificar, criou hostilidades entre disciplinas com diferenças culturais históricas. As metáforas e analogias escolhidas por ele não foram as mais adequadas para o intento, evocando, em vez de união, imagens de exploração e conquista, colocando as ciências naturais em posição de liderança em relação às ciências sociais e às humanidades. Atribuiu a incapacidade de solução de problemas pelas lideranças políticas ao treinamento quase que exclusivo em ciências sociais e humanidades. Em defesa da biologia e das ciências naturais, Wilson mostrou-se um imperialista, aos olhos dos cientistas sociais, levando-o a um compromisso expresso com o reducionismo científico.

Como naturalista, Edward O. Wilson é um dos grandes nomes da ciência. Enquanto conciliador, apesar dos méritos das discussões que levantou e do valor indiscutível das suas muitas obras, não se mostrou verossímil em *Consilience*. Sim, outro discurso era possível.

Do Jornal
O Nacional

Data : 23/10/2015

Título : O déjà vu do El Niño

Categoria: Artigos

Quem atentar minimamente para as notícias sobre as tempestades dessa primavera – vendavais, granizadas, chuvas intensas, etc. - espalhando desabrigados e prejuízos materiais vultosos no meio urbano e rural por todo o Rio Grande do Sul, além da imponderável morte de inocentes e a justificativa do até então sempre questionado muro da Mauá em Porto Alegre, erguido sob os auspícios da histórica enchente de 1941, que têm sido reprisadas quase à exaustão pelos veículo de comunicação, não pode deixar de perceber que em muitas das suas nuances tem um ar de déjà vu; especialmente em relação ao El Niño de 1997.

No meio urbano, o drama dos desabrigados avulta os problemas de defesa civil e clama por solução ao poder público, que não raro, nessas situações, apela e conta mais com a solidariedade humana, via doações, que propriamente com recursos financeiros das esferas municipais, estaduais e federal. Esse é um surrado script que se repete, e será repetido a cada nova calamidade climática, enquanto a verdadeira causa dessas tragédias não for efetivamente atacada. Só não percebe quem não quer ver, que, por trás dos dramas vividos pelos atingidos pelas anomalias do clima, estão, em maior ou menor grau, cada qual com a sua parcela de culpa, a vulnerabilidade econômica que predispõe muitos a viverem sob extrema pobreza, a sanha pelo lucro fácil de especuladores imobiliários e autoridades públicas inoperantes, por omissão ou por incapacidade de fazer frente, com os orçamentos disponíveis, à dimensão do problema de desigualdade social que se apresenta ou a necessidade de construção de obras estruturantes. A solução definitiva exige o banimento da pobreza extrema do País e investimentos públicos em infraestrutura básica. Algo que, na atual conjuntura, soa utópico.

Na agricultura, a exemplo do que tem acontecido nos centros urbanos, os problemas e as dificuldades não são menores: animais (bovinos) mortos por raios, ovinos atingidos por granizadas fatais, aviários destruídos e frangos mortos; além de lavouras, especialmente de trigo e cevada, com problemas de doenças de espiga (giberela, especialmente) agravados pelo excesso de umidade, com indicativos, em alguns casos, de comprometimento da qualidade tecnológica dos grãos pela germinação em pré-colheita. E sem contar a destruição de estradas no interior e os problemas de erosão de solos.

Mesmo que os problemas mais graves de alagamentos estejam acontecendo nas regiões baixas do Estado, não se pode ignorar que boa parte desses, apesar do excesso de chuvas associado ao El Niño, poderia ser contornada por uma melhor conservação da água que cai nas regiões altas, onde estão as nascentes dos nossos principais caudais hídricos. Em síntese, nessas situações extremas, sobressai-se a necessidade de melhores práticas de conservação e solo e água nas áreas de lavoura do Planalto gaúcho, por exemplo. O plantio direto não é panaceia para a solução de todos os problemas de conservação de solo e água em agricultura, como alguns imaginam e advogam. Há necessidade de adoção do manejo integrado dos solos e da água, inclusive com a criação de políticas públicas destinadas a esse fim, pois as consequências são sentidas muito além dos contornos das lavouras.

Quanto ao atual evento El Niño, todos os sinais são de que permanecerá atuando pelo menos até o final do verão de 2016. E se isso serve de alento, pelo menos, para a agricultura, os indícios são de uma perspectiva favorável para a produção de soja e milho no sul do Brasil.

Sobre o impacto do El Niño nos preços das principais commodities agrícolas, há quem entenda que o seu efeito seja predominantemente local, uma vez que o mercado global está bem abastecido. Nesse tipo de situação, fatores nacionais específicos, podem ter impacto mais forte sobre os preços locais. Por outro lado, uma condição de clima favorável para a soja numa ampla região, abarcada pelo sul do Brasil e boa parte da Argentina, pode influir em maior oferta de grãos dessa oleaginosa na safra 2015/2016; que não pode ser ignorada.

Data : 14/09/2011

Título : O desafio da agricultura de precisão

Categoria: Artigos

Descrição: A globalização da economia transformou eficiência e competitividade em premissas básicas de qualquer atividade.

O desafio da agricultura de precisão

por Gilberto Cunha

A globalização da economia transformou eficiência e competitividade em premissas básicas de qualquer atividade. Em agricultura, a observação desses princípios, hoje, mais do que nunca, define o diferencial entre o sucesso e o fracasso dos empreendimentos.

Uma nova metodologia de manejo de culturas, denominada agricultura de precisão, tem se destacado por unificar os interesses econômicos do produtor e os princípios conservacionistas de ambiente.

Em agricultura de precisão, a palavra de ordem é variabilidade. Nesse contexto, os princípios da agricultura de precisão foram desenvolvidos visando à recomendação de fertilizantes com base nas variabilidades espacial e temporal existentes dentro das unidades de solo. A sua lógica é bastante simples: toda a recomendação de fertilizante baseada em uma amostragem média implicará que uma parte da área receba adubo abaixo do necessário, e a outra, acima. Nesses casos, ambas as situações denotam ineficiência no uso de um insumo caro e de grande influência na expressão do rendimento econômico das culturas.

Desse modo, no caso específico do uso de fertilizantes, a solução apontada em agricultura de precisão tem sido a aplicação localizada, conforme os níveis de fertilidade do solo e seus índices de produtividade. Para sua exequibilidade, a variabilidade de solo dentro das lavouras tem de ser adequadamente quantificada. Essa quantificação passa pela aplicação de princípios de geoestatística, e, a sua localização espacial, via georreferenciamento por meio de GPS (Global Position System) de alta resolução. A eletrônica embarcada em tratores, semeadoras/adubadoras e em plataformas de colhedoras complementa a viabilização operacional do sistema.

Os princípios da agricultura de precisão, no tocante a contemplar escalas de variabilidade, aplicam-se ao manejo de culturas como um todo, não apenas ao uso de fertilizantes. A questão passa pela identificação dos níveis de agregação das recomendações e da possibilidade de desagregá-los conforme as especificidades alvo.

Exemplificando, contemplar a variabilidade climática nas recomendações de épocas de semeadura, descendo, dentro do território dos estados, em escalas regionais, até em municípios e, se necessário, dependendo das dimensões territoriais, dentro do município, é imprescindível para a redução dos riscos de natureza climática à atividade agrícola.

No âmbito de lavoura, considerar a variabilidade genética existente dentro da espécie, através da escolha de cultivares adaptadas ao local e com características de rendimento e de qualidade exigidas pelo mercado, é uma questão fundamental. No tocante ao uso de defensivos, racionalizar as aplicações via modelos epidemiológicos, considerar a especificidade produto x praga/doença e definir o momento de aplicação em função de variáveis meteorológicas são determinantes no benefício econômico da atividade e na proteção do ambiente. E assim sucessivamente, da semeadura à colheita, no manejo de culturas sempre há possibilidade de se contemplar algum nível de variabilidade na tomada de decisões.

A agricultura de precisão se configura como um novo paradigma para a atividade. A observação de seus princípios provavelmente diferenciará os eficientes e competitivos dos ineficientes e dominados, em uma aldeia cada vez mais global.

POST-SCRIPTUM – Esse texto foi publicado na nossa coluna em O NACIONAL, edição de 26 de outubro de 1996, numa época em que recém se começava a

falar em agricultura de precisão no Brasil. Essa reprodução se presta para mostrar que, passados 15 anos, aquilo que um dia foi somente um conceito, hoje já realidade, como bem atesta o 1º Congresso Sul Americano de Agricultura de Precisão e Máquinas Precisas – APSul América, realizado essa semana, entre os dias 12 e 14 de setembro, no parque da Expodireto Cotrijal, em Não-Me-Toque.

O Nacional

Quarta-Feira, 14/09/2011

Data : 27/07/2018

Título : O desejo de durar

Categoria: Artigos

Soa infeliz e dramática a frase que, amiúde, se atribui a Gustave Flaubert em seu leito de morte: “Eu morro como um cão e essa puta da Bovary vai permanecer”. Cruel, demasiadamente cruel, de parte do criador para com a criatura! Essa frase, de acordo com George Steiner, manifesta o paradoxo da angústia de um artista em face da sobrevida misteriosa da personagem, que surgida de palavras sem vida, rabiscadas em folhas de papel, seguindo o seu vaticínio, continuaria a viver.

Madame Bovary e Gustave Flaubert alcançariam, ambos, a imortalidade; apesar do pessimismo do escritor no leito de morte. E imortalidade no sentido de que, ainda hoje a criatura é lida e o criador lembrado e reverenciado. É a típica imortalidade que graceja quando um leitor qualquer, nas mais diferentes línguas que essa obra clássica ganhou traduções, abre o exemplar de um livro (ou manuseia um arquivo digital), trazendo criatura e criador à cena contemporânea.

Estamos falando da imortalidade da criação humana e, em particular de criação literária. E nesse sentido há que se fazer referência à mística heidggeriana, segundo a qual “somos falados” pela linguagem, que, no caso de um escritor poderia ser adaptada para o “ser escrito pelo texto”, ao estilo de Mozart quando dizia “uma sinfonia inteira me veio”, exemplificados por George Steiner à exaustão. Isso, que pode aparentar falsa modéstia, mas é criação.

Outra forma de imortalidade de um escritor pode ser alcançada por um erro de cópia do impressor, cujo exemplo mais notável, muito citado por George Steiner, é a tradução que Thomas Nashe, dramaturgo e romancista elisabetano, fez para

“Ballade des dames du temps jadis”, de François Villon, cujos versos “La clarté tombe des cheveux d’Hélène” (A claridade cai dos cabelos de Helena), que em inglês seria “Brightness falls from the hair”, mas, por uma falha tipográfica, resultou em “Brightness falls from the air” (A claridade cai do ar), transformando-se em um dos versos mais celebrados da língua inglesa e conferindo a imortalidade a Nashe. Queira Deus que a Gráfica Berthier cometa um erro desse tipo durante a impressão da obra de algum escritor passo-fundense!

Na essência do que chamou “As Gramáticas da Criação”, George Steiner questiona: Afinal, Deus criou ou inventou o universo? Um cientista cria ou inventa uma teoria? Um músico cria ou inventa uma melodia? Um matemático cria/descobre ou inventa um novo teorema? A resposta mais sensata pode ser encontrada na raiz da palavra grega “poiésis” que significa criar e não inventar (inventar deriva do latim inventare). Assim, quer seja nas ciências ou nas artes, a imortalidade somente pode advir da criação. É de “poiésis” que deriva a nossa palavra poesia, que, essencialmente, envolve criação.

Difícil falar em imortalidade literária ou em qualquer arte, quando, vivenciando uma crise cultural e de educação, o que vemos grassar são celebridades de talentos e gostos questionáveis, que, dificilmente serão lembrados pelas próximas gerações. Não é sem razão que uma alusão a um clássico encontra tanta dificuldade de ser entendida mesmo entre pessoas detentoras das mais elevadas titulações acadêmicas. Isso talvez seja explicável por, no Brasil, particularmente, vivenciarmos uma crise de leitura que afeta uma ou mais gerações, que se encontram espremidas entre as mais antigas e a atual, comprometidas (sequeladas) por sucessivas reformas de ensino que não deram os melhores resultados, uma vez que, nas Universidades, a preocupação maior foi com a difusão da cultura científica, relegando as Letras e as Humanidades a um segundo plano (inclusive nas notas exigidas para ingresso de novos alunos). E assim a ignorância se perpetua.

Por que Machado de Assis é imortal? Pra você eu não sei, mas pra mim porque ele, entre outras coisas memoráveis, criou Capitu, aquela mulher, personagem do romance Dom Casmurro, cujo olhar oblíquo, cheio de incertezas e de ambiguidades, sugeria quase tudo e revelava muito pouco. Olhe bem, que pode haver uma Capitu à sua espreita.

Data : 11/08/2017

Título : O dia que Leibniz negou Descartes

Categoria: Artigos

Quando René Descartes morreu em Estocolmo corria o ano de 1650. Em Leipzig, Gottfried Wilhelm von Leibniz, então com quatro anos de idade, assistia (com curiosidade infantil) a retirada de soldados suecos da Alemanha, tal qual fora definido pela Paz de Vestfália, assinada dois anos antes, que deu cabo à Guerra dos Trinta Anos. Selado o fim do confronto entre católicos e protestantes, restaram uma Europa dividida e uma Alemanha arrasada pelos muitos anos de luta; em que se sobressaíram como aliados vencedores França e Suécia.

Leibniz era uma criança que se destacava pela inteligência. Em 1661, com 15 anos, foi estudar filosofia na Universidade de Leipzig. Leu as obras de Aristóteles, estudou a matemática de Euclides e conheceu os trabalhos de Bacon, Hobbes, Galileu e Descartes. Fez sua tese de mestrado sobre a relação entre a filosofia e o direito, colando grau em 1664.

Consta que Leibniz ficou fascinado com a lógica e a filosofia cartesianas. Muito embora estivesse em busca de idéias próprias, que, não raro, conflitavam com o pensamento de Descartes. Na visão de Bertrand Russel (1872-1970), o pensamento de Leibniz foi forjado na tradição escolástica e estava impregnado de idéias aristotélico-escolásticas sobre o universo. E, possivelmente, esse tipo de crença impedia Leibniz de aceitar plenamente a filosofia de Descartes. Nesse contexto se pode entender a relação de amor e ódio que Leibniz demonstra ter com o legado do falecido filósofo francês. Por exemplo, quando sustenta que o princípio da dúvida de Descartes, uma das pedras angulares da filosofia cartesiana, é falso. Ao mesmo tempo, em aparente contradição, Leibniz queria aprender tudo o que pudesse sobre Descartes. Parecia obcecado pela busca dos escritos de René Descartes.

Em 1672, Leibniz foi Para Paris, encarregado de uma missão diplomática pelo barão Johan Christian von Boineburg: demover o rei Luís XIV de seus planos de conquistar a Europa, sugerindo que, em vez disso, a França deveria se lançar numa aventura militar no Egito. Não foi recebido pelo rei, mas, durante o tempo que viveu em Paris, manteve contatos com pessoas influentes; especialmente na área diplomática e científica. Aproveitou sua estada na capital francesa para aprofundar sua busca pelos trabalhos de Descartes, chegando, por intermediação de Christiaan Huygens, até os manuscritos inéditos, que se encontravam sob guarda de Claude Clerselier. E, quando teve acesso a eles, desvendou o seu mistério. No entanto, mesmo sendo conhecedor do segredo e da grandiosidade da obra de Descartes, nunca vacilou, nos seus escritos, em agredir o sábio francês. Por quê? Eis uma questão intrigante na história da ciência.

Há quem entenda os ataques que Leibniz fazia ao trabalho de Descartes como manifestação de inveja. Por suas declarações fica evidente que se comparava com o gênio francês. Outros, hoje, interpretam como uma reação à polêmica que

Leibniz se viu envolvido com Isaac Newton sobre a paternidade do cálculo diferencial e integral. Queria se livrar da pecha que os ingleses lhe colocaram de plagiador ao afirmarem, entre outras coisas, que os trabalhos de Leibniz em matemática não eram “nada senão deduções de Descartes”. Por isso, buscava conhecer e, ao mesmo tempo, se afastar de Descartes. Os escritos de Descartes demonstram que ele era capaz de encontrar as inclinações de algumas curvas particulares, mas não havia desenvolvido nenhum método geral, a exemplo do cálculo diferencial de Leibniz. Ele temia ser acusado de ter explorado as idéias de Descartes. De qualquer forma, o cálculo de Leibniz e de Newton, como teoria, só ganhou sentido graças à unificação da álgebra e da geometria levada a cabo por Descartes, que possibilitou descrever gráficos usando equações matemáticas.

Leibniz retornou à Alemanha em 1676, passando o resto de sua vida servindo ao duque de Hanôver em várias funções. Foi educador, diplomata, conselheiro e bibliotecário. Viria a morrer em 1716, sem deixar descendentes.

Data : 01/04/2016

Título : O dia que o nosso ancestral chorou

Categoria: Artigos

Imagino que aquele nosso antigo ancestral, mesmo tendo passado um lapso de tempo estimado entre 75 e 100 mil anos, no dia que tomou consciência da finitude da vida em geral e se deparou com a iminência da própria morte em particular, tenha se derramado em prantos. Afinal, ainda que, naquele instante, não tenha sido descoberto o sentido da vida, sobraram motivos para chorar, pois se completava ali a tríade das grandes questões sobre as quais, desde então, a humanidade, apelando para a religião, a filosofia e a ciência, tem andado às voltas. São elas: de onde viemos?; que somos?; e para onde vamos?

Três perguntinhas aparentemente simples, mas que exigem respostas complexas ou, pelo menos, um pouco mais elaboradas, para merecerem um mínimo da nossa atenção. As duas primeiras, a ciência, valendo da obra seminal de Charles Darwin e desdobramentos decorrentes, ousa tentar responder. Se as respostas são convincentes ou não, é outra questão. Quanto à terceira, são poucas as alternativas: o nada do materialismo ou o universo espiritual das doutrinas religiosas. A escolha é sua, inclusive valendo-se da faculdade do livre arbítrio, que a filosofia insiste em nos conceder para nos diferenciar das demais criaturas da fauna global.

Há quem julgue que assim como a história não faz sentido sem a pré-história, também essa não tem qualquer sentido sem a biologia. Em síntese, por mais contrassenso que possa parecer, vivemos num mundo eminentemente biológico, que pela nossa consciência, também forjada biologicamente, nos concede mais responsabilidades do que gostaríamos de assumir e menos privilégios do que supomos ter direito. Duas leis da biologia definem nossos contornos: todas as formas vivas e processos biológicos obedecem às leis da física e da química e, até prova em contrário, todas as formas vivas e processos biológicos trilharam o caminho da evolução por meio da seleção natural.

O homem, na história evolutiva, faz parte do grupo de animais sociais, que a exemplo dos cupins, das formigas e das abelhas, evoluíram, através de gerações, privilegiando a cooperação, a divisão do trabalho, o cuidado com os jovens e, mesmo não se assumindo eugenia, favorecendo a reprodução de alguns indivíduos em detrimento de outros. Algumas diferenças, em relação às outras espécies mencionadas, começando pelas dimensões físicas, tamanho de cérebro, estendendo-se ao domínio da linguagem, comunicação e alfabetização, até o uso de inovação de base tecnológica, foram responsáveis pela enorme distância que hoje nos afasta cada vez mais desses e de outros animais.

A nossa trajetória evolutiva, não sem controvérsias, frise-se, segundo teoria recente, que tem sido professada pelo naturalista Edward O. Wilson, que é professor emérito da Universidade Harvard, deu-se pelo caminho da seleção natural, porém envolvendo vários níveis (multilevel). Essa ideia ele expressou no seu mais recente livro, "The Social Conquest of Earth", publicado em 2012, pela Liveright Publishing Corporation. Nessa obra, Wilson contradiz a teoria que prega a cooperação entre indivíduos, ou não, conforme proximidade genealógica. Segundo ele, em um nível elevado de organização biológica, grupos competem com grupos, favorecendo características de cooperação social entre membros do mesmo grupo. Em níveis inferiores, membros do mesmo grupo competem uns com os outros, sempre em busca do benefício individual. Do confronto entre esses dois níveis de seleção natural, por exemplo, resulta que, geneticamente, somos uma quimera. Temos, assim, uma parte "santa" e uma parte "pecadora", que são indissociáveis.

Pelo jeito, só nos resta chorar junto com o velho ancestral, pois quer seja pelo caminho da evolução (que parece ser o mais plausível) ou pelo mito da criação, em que cada um pertencente a determinado credo religioso se acredita parte dos "escolhidos", estamos condenados a viver o eterno conflito de nos julgarmos os superiores.

Data : 31/12/2008

Título : O dilema do determinismo

Categoria: Artigos

Descrição: A palavra tempo está na raiz daquilo que William James (1842-1910) rotulou de dilema do determinismo.

O dilema do determinismo

A palavra tempo está na raiz daquilo que William James (1842-1910) rotulou de dilema do determinismo. Dependendo do entendimento que temos de tempo, pode-se dizer que o futuro está posto ou não. É como reviver o controvertido diálogo travado entre Heráclito e Parmênides (que teria continuidade ao longo do tempo, no pensamento de Epicuro, Lucrecio, Kant, Hegel, Bergson, Heidegger, Einstein e muitos outros, até os tempos atuais). Parmênides insistia que nada era novo. Tudo já existia e continuaria existindo. Por sua vez, Heráclito fincava pé na mudança. Todas as coisas estão em progresso e nada permanece estático. “Nunca pisamos duas vezes no mesmo rio, pois suas águas estão sempre fluindo e se renovando” - disse ele.

Nossa visão de mundo, herança da escola, não raro, mesmo tratando-se de pessoas com titulações acadêmicas elevadas (Ph.D. e Dr.), remonta ao século 19. Uma época em que as leis físicas, formuladas por Isaac Newton, estavam no auge do pensamento científico e eram vistas como o ideal de objetividade do conhecimento. Foi o reinado absoluto da física clássica na ciência. Newton foi formulador de uma teoria determinística. Por ela, a variável tempo é vista como sendo reversível. Futuro e passado desempenham o mesmo tipo de papel. Não existe direção na variável tempo, no contexto da dinâmica newtoniana. Uma vez conhecida a função que governa um fenômeno qualquer, em um dado tempo, o mesmo pode ser previsto como será no futuro ou, retroativamente, conhecido como era no passado. Reside aí a origem, possivelmente, do determinismo que, de forma consciente ou não, propalamos no nosso dia-a-dia. Embora, para alguns fenômenos, possa haver muito de verdade nisso, o determinismo não pode ser algo correto, pelo seu caráter de restrição. Aceitar a reversibilidade do tempo é dar razão a Parmênides: acreditar num mundo em que nada de novo pode surgir.

A visão clássica, impregnada pelo determinismo, enfatiza ordem e estabilidade no mundo. Este, certamente, não é o mundo que conhecemos, quer seja pela lógica das ciências físicas ou biológicas, quer das sociais ou econômicas. Em tudo no mundo, com um mínimo de esforço, seja em biologia ou na cosmologia, vamos encontrar a flecha do tempo como uma propriedade fundamental do universo. Vingando o ponto de vista clássico, na natureza, tudo seria automático. No entanto, não é isso que se constata. Observam-se instabilidades, bifurcações e evolução por toda parte (basta um pouco de atenção).

A questão que se impõe é o entendimento da irreversibilidade do tempo. Aceitar o conceito de flecha do tempo. Tempo é uma variável que não tem início nem

fim. O Big Bang pode marcar o início do nosso universo, mas não necessariamente o início do tempo. O que presenciamos, em associação com a variável tempo, é uma sucessão irreversível de eventos. E são esses eventos físicos afastados do equilíbrio, como ocorre no mundo natural, que dão origem a bifurcações, no contexto da teoria da complexidade, permitindo o surgimento do novo. Com isso passamos a ter uma visão de universo mais satisfatória, que é probabilística e não determinística. Em que, uma vez aceitando-se a irreversibilidade dos processos, não existe periodicidade de eventos. Não importa o que havia antes do Big Bang (nunca vamos saber mesmo). Nessa nova concepção, o aparecimento do universo é um processo irreversível. A direção do tempo é, possivelmente, a mais fundamental das propriedades do universo. Por ela, o futuro não é determinado. Einstein, por exemplo, estava errado quando disse que tempo é uma ilusão. Isso é válido para sistemas integráveis, mas o mundo ao nosso redor é basicamente formado por sistemas que não são passíveis de integração matemática (sistemas complexos).

Diante do exposto, parece que distinguir o antes e o depois ainda continua sendo um mistério para muitos de nós. De qualquer forma, o conceito de irreversibilidade do tempo introduziu uma visão diferente de realidade. Talvez até nos permita ver que o homem não é uma máquina dentro de uma máquina cósmica (como acreditava Laplace) ou abandonar a idéia de que todos somos máquinas, só que não sabemos disso (visão de Spinoza).

da revista Água da Fonte n° 06

Data : 03/03/2017

Título : O dissenso do clima

Categoria: Artigos

Se há um assunto capaz de suscitar debates acalorados, com opiniões exacerbadas (favoráveis ou contrárias) e defesas de interesses corporativos (veladas ou nem tanto), esse é o que trata da mudança do clima global. Mas, afinal, a atividade humana é ou não é a principal responsável pelo aquecimento global que assola o planeta na atualidade? Há ou não há consenso, na comunidade científica, que a ação humana tem sido a principal responsável pelo aquecimento observado em escala planetária, especialmente a partir dos anos 1950? E, se há esse entendimento, então por que tanta controvérsia sobre o assunto?

Eis um tema que comporta muitas nuances, mas, que, inquestionavelmente, desde 2007, quando saiu o quarto relatório do Painel Intergovernamental sobre

Mudança do Clima (IPCC), ao ficar estabelecido que “os gases de efeito estufa de natureza antropogênica têm sido responsáveis pela maior parte do inequívoco aquecimento da temperatura média global a partir da segunda metade do século 20”, não deveria mais suscitar dúvidas. Todavia, não é isso que se observa cotidianamente. A metodologia do “consenso”, adotada pelo IPCC, pode ser assumida como científica? Existe consenso científico? Há espaço para outro olhar (desinteressado) sobre o clima global?

A discussão da mudança do clima global, ainda que esteja presente internacionalmente, na esfera diplomática e científica, desde final dos anos 1980, mantém-se atual e relevante como nunca; especialmente com o advento da era Trump no comando da nação mais rica e poderosa do planeta (os EUA). Um novo momento histórico, em que as grandes questões ambientais, a exemplo da mudança do clima global, podem perder protagonismo e as opiniões da comunidade científica, por mais consolidadas que sejam, a exemplo dos relatórios do IPCC, relegadas; saindo vitoriosa, por conveniência de ocasião, a via do dissenso em vez do assaz bem trilhado caminho do consenso.

Não é de hoje, que os contrários à tese da responsabilidade humana na mudança do clima global acusam de falacioso o dito consenso científico que concluiu pela inequívoca natureza antrópica da elevação da concentração dos gases causadores do efeito estufa na atmosfera terrestre. Não raro, utilizam técnicas apuradas de persuasão ou, quando não, buscam fazer valer a sua opinião pela força do poder econômico ou político.

Insistem os céticos do aquecimento global, que não há espaço para “consenso” no universo científico; que a crença cega na tese da ação humana como responsável pela elevação dos gases causadores do efeito estufa (como aparenta nos relatórios do IPCC) é um pecado imperdoável; que o método científico, seguindo as premissas de Karl Popper, não opera por consenso; que hipóteses que não podem ser expressas quantitativamente não são suficientemente rigorosas para serem testáveis; usam e abusam de relatos de trabalhos que refutam a tese do aquecimento global (alguns, inclusive, que levam a assinatura de cientistas que gozam de certo reconhecimento nos meios acadêmicos, mas que não são necessariamente especialistas na área de clima); etc.

Indiscutivelmente, em parte, estão com a razão os céticos do aquecimento global: CONSENSO não é prova científica de nada. Mas, por outro lado, estão completamente equivocados ao não admitirem que esse suposto consenso, forjado a partir de resultados de pesquisas robustas, constitui-se, usando-se emprestada a definição de Thomas Kuhn, no atual paradigma dominante da ciência normal do clima. Sim, consenso implica em concordância; mas não necessariamente em unanimidade. Na ciência, e nesse caso em particular, consenso significa aquilo que a maioria dos especialistas aceita como válido. Então, diante do que está posto, resta, aos que são contra, derrotar o modelo presumido da responsabilidade humana na mudança do clima, para que essa

teoria seja rejeitada e algo novo, como os apregoados ciclos naturais de variabilidade climática, possa, legitimamente, ocupar o seu lugar como o novo consenso científico. Simples, assim!

Data : 30/09/2011

Título : O erro dos ambientalistas céticos

Categoria: Artigos

O erro dos ambientalistas céticos

por Gilberto Cunha

Faltou dizer, por limitação de espaço, na nossa coluna dessa quinta-feira (29) – Assim é, se lhe parece... por L.C.B. Molion - , que o erro principal dos chamados ambientalistas céticos, cuja pregação o professor Molion reproduz, é inverter, deliberadamente ou não, causa e efeito. Seguindo a mesma linha de pensamento, Bjorn Lomborg, que escreveu em 2001 *The skeptical environmentalist* (O ambientalista cético) e, em tempos mais recentes, Indur Goklany com o livro *The improving state of world* (Um mundo cada vez melhor), não atribuem o problema do aquecimento global a algo que é óbvio: a superpopulação mundial. A medida que consumimos as reservas de combustíveis fósseis para gerar a energia necessária para sustentar essa população, que rumo a passos largos para 9 bilhões de pessoas (em 2050), usamos a atmosfera como “esgoto” para despejar os resíduos da combustão, cuja reação, como os leitores bem lembram do esforço da professorinha (que espero não tenha sido em vão), gera dióxido de carbono (um dos gases de estufa) e água. E, paralelamente, sem contar o mau uso que fazemos dos oceanos e demais mananciais hídricos, descarregando uma quantidade de detritos acima da sua capacidade de processamento, podendo, com isso, pela exaustão do oxigênio das águas, tornarem-se locais inóspitos para a vida.

O aquecimento global, antes de qualquer outra coisa (natural ou não), deveria ser diagnosticado e admitido como um sintoma de superpopulação no mundo. Não é possível, num planeta com recursos finitos, que uma população cada vez mais exigente em recursos possa ser mantida indefinidamente em crescimento. Tanto Lomborg, embasado na queda da taxa de fecundidade na Europa, quanto Goklany, a partir da melhoria das condições de vida na Índia e na China, não admitem o problema do excesso de gente. Equivocam-se os ambientalistas céticos nesse sentido, confundindo causa e efeito. A prosperidade é função da

baixa taxa de fecundidade e não o inverso. Ambas têm origem comum no direito das mulheres em, livremente, adotarem métodos de contracepção. A solução tecnológica para o controle de natalidade, portanto para o aquecimento global, faz tempo que foi descoberta. Popularmente, chamam-na de “pílula”.

Outubro Ambiental

Nessa terça-feira (4), no ginásio de esportes do Colégio Estadual Joaquim Fagundes dos Reis (Av. Brasil Oeste, 1241 - Boqueirão), tem vez o 4º Encontro Infante-Juvenil do Meio-Ambiente e o 10º Caminho das Águas. Esses eventos integram o Outubro Ambiental, uma promoção de instituições e entidades governamentais e não governamentais que, unidas pelo ideal de preservação da natureza, conservação do meio ambiente e socialização de saberes, somam esforços para a realização de um Programa de Educação Ambiental no município de Passo Fundo. As atividades têm início às 9h, com apresentações de professores e estudantes de 5ª a 8ª séries ou 6º a 9º anos das Escolas de Ensino Fundamental Municipais, Estaduais e Particulares. A visitação é aberta a escolas e ao público em geral. Informações com Flávia Biondo da Silva, Museu Zoobotânico Augusto Ruschi – Muzar/Instituto de Ciências Biológicas – ICB, da Universidade de Passo Fundo – UPF. (54) 3316 – 8316.

Rio Solimões

Há que se ter cautela com interpretações apressadas sobre coisas que são veiculadas pela Internet. Algumas, sem compromisso com a verdade ou deliberadamente distorcidas, alcançam, vias as novas redes sociais, um público de dimensões inimagináveis. Um desses e-mails, com o assunto “Margem Esquerda do Rio Solimões!” em destaque, mostrando imagens de pessoas carregando sacos de ovos de tartaruga, é acompanhado de um texto indignado que atribui a chacina ecológica aos assentados do MST e como ocorrido no Brasil. Um pouco de observação, inclusive pelos traços das pessoas, e uma busca no Google bastam para que se chegue facilmente à origem verdadeira das fotografias: um jornal da Costa Rica chamado Al Día. E mais: a coleta de ovos de tartaruga no local, segundo Al Día, é autorizada na Costa Rica.

Nesse sábado (1º) acontece a Campanha de Doação de Brinquedos 2011, promovida pela Prefeitura Municipal de Passo Fundo. Brinquedos novos ou usados podem ser doados das 10h às 17h, nos nove pontos de coleta espalhados pela cidade.

O Nacional

Sexta-Feira, 30/09/2011

Data : 18/01/2019

Título : O escritor de números - Oscar Kneipp

Categoria: Artigos

Não foi em prosa nem em verso, mas em números, que se notabilizou a obra de um dos fundadores do Grêmio Passo-Fundense de Letras (atual Academia Passo-Fundense de Letras). Oscar Kneipp, cujo nome consta na relação dos intelectuais que assinaram a ata de fundação dessa agremiação, datada de 7 de abril de 1938, sob a presidência de Arthur Ferreira Filho, bem como a de reestruturação dessa entidade, um ano depois, sob a direção de Antonino Xavier e Oliveira. Por mais que se busque nos documentos e atas de reuniões do Grêmio Passo-Fundense de Letras, não se encontra nada além de uma mera presença “discreta” de Oscar Kneipp, no dia a dia do sodalício das letras locais. E, quando, em 7 de abril de 1961, o Grêmio Passo-Fundense de Letras, sob o comando de Celso da Cunha Fiori, assumiu a personalidade da atual Academia Passo-Fundense de Letras, Oscar Kneipp não mais integrava os seus quadros. Tanto é assim que o seu nome não consta nas primeiras obras sobre a história da instituição, escritas pelo professor Sabino Santos: Os Imortais de Passo Fundo (1963) e Academia Passo-Fundense de Letras (1965). No entanto, nos registros das observações meteorológicas em nossa cidade, o nome de Oscar Kneipp se sobressai como um dos mais importantes protagonistas da história da meteorologia local.

Oscar Kneipp nasceu em Itaqui, em 1905, e morreu em Passo Fundo, em 1984. Em 1930, deixou Uruguaiana para completar os estudos no Instituto Educacional (IE), em Passo Fundo. Por influência do Professor Schisler, diretor do IE, conseguiu uma colocação de observador na estação meteorológica que funcionava junto a esse estabelecimento de ensino. Acabaria, oficialmente, admitido na função, em 5 de agosto de 1942, tendo se aposentado no cargo de auxiliar de meteorologia, em 21 de outubro de 1974. Foram mais de 35 de trabalho como observador meteorológico. Uma função que exige responsabilidade, seguindo uma rotina de leituras em instrumentos e de preparação e envio de mensagens meteorológicas três vezes ao dia (9h, 15h e 21h), independentemente de condições de tempo (chuva ou sol), dia da semana ou feriados. Por dever de ofício, posso dizer que “li toda a obra” de Oscar Kneipp. Quando, em setembro de 1978, iniciei a trabalhar no Instituto de Pesquisas Agronômicas, em Porto Alegre, coube a eu digitar a série histórica de dados meteorológicos do Rio Grande do Sul, visando à preparação do Atlas Agroclimático do Rio Grande do Sul, que seria publicado em 1989. Nessa época sequer imaginava que um dia eu viria viver em Passo Fundo, e que muitos anos depois iria fazer parte dos quadros da Academia Passo-Fundense de Letras e, menos ainda, que, tomado de surpresa, nos documentos da entidade, encontraria o nome de Oscar Kneipp na relação dos fundadores. Assim, sou

testemunha da obra monumental “escrita em números” por Oscar Kneipp. Estou me referindo aos números por ele anotados, ao longo de mais de 35 anos de trabalho, descrevendo as condições meteorológicas ocorridas em Passo Fundo.

A ligação com os metodistas talvez explique, pela proximidade com Sante Uberto Barbieri, o seu ingresso no Grêmio Passo-Fundense de Letras, em 1938. No educandário metodista de Passo Fundo, Kneipp foi professor de Geografia (35 anos), diretor do internato (por 45 anos) e presidente do Grêmio Literário Castro Alves ao longo de 17 anos, além de se envolver com a biblioteca da escola.

Oscar Kneipp foi casado com a também professora Cecília Borges Kneipp. Tiveram dois filhos: Oscar e Leda. Oscar, arquiteto, em 1962, foi para Brasília. Leda, casou com o advogado Atilio Giaretta e ficou em Passo Fundo, onde, como professora, seguiria a carreira dos pais.

Os familiares descrevem Oscar Kneip como um homem calmo, diplomático, religioso, dedicado à família e apreciador das lides literárias e educacionais. Eu complementaria dizendo que Oscar Kneipp, com o seu trabalho de observador meteorológico e prática de vida, dignificou, como poucos, o compromisso que assumiu ao assinar a ata de fundação do Grêmio Passo-Fundense de Letras, em 1938.

Data : 31/10/2014

Título : O escritor de prefácios

Categoria: Artigos

Descrição: Há coisas na vida que, por existir um modelo que foi socialmente convencionalizado como padrão, são mais difíceis do que aparentam. Entre essas eu incluo prefaciando um livro.

Sexta-Feira, 31/10/2014 às 07:18, por Gilberto Cunha

Há coisas na vida que, por existir um modelo que foi socialmente convencionalizado como padrão, são mais difíceis do que aparentam. Entre essas eu incluo prefaciando um livro. Afinal, que se espera que um prefaciador, que seja honesto com ele mesmo e com os leitores, escreva? Elogios à mancha para os autores e à obra para atrair leitores? Ou tecer uma crítica que, dependendo da intensidade e da adjetivação empregada, pode afastar leitores? Eu, pessoalmente, entre essas alternativas, não sou partidário nem de uma e nem

de outra. Acredito, inclusive, que, quando os ventos sopram favoráveis, mais que uma parte meramente protocolar, o prefácio de um livro pode se tornar peça indissociável da obra, servindo para melhorar a compreensão dos leitores ou até mesmo para justificar a sua publicação.

Ainda que essa não seja uma regra expressa nos manuais de formação de leitores, eu tenho o hábito de ler prefácios e apresentações de livros; antes de gastar várias horas na leitura da parte principal. Inclusive, para obras que possuem mais de uma edição e prefaciadores diferentes, quando são do meu interesse, costumo prestar atenção especial nas semelhanças e nas diferenças que acompanham os comentários inclusos nessas apresentações. Sei que aquelas palavras que foram deliberadamente postas em posição privilegiada, antes do conteúdo do livro propriamente dito, não são meras peças de ornamentação, cuja leitura poderia ser dispensada sem qualquer remorso. Há razões para estarem exatamente ali. Por isso, é que tenho bem claras a convicção da responsabilidade e de toda a sorte de dificuldade que enfrenta quem se aventura na empreitada de prefaciando um livro.

Assim, creio desnecessário dizer que, na posição de presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, para prefaciando o livro Contos da Academia, que traz uma coletânea de contos escritos por acadêmicos da instituição, a par do privilégio do convite recebido dos editores Ivaldino Tasca e Marina de Campos, a dificuldade maior foi não ceder à tentação do elogio fácil ou resvalar na retórica de ocasião, tentando persuadir os leitores de que estão diante de uma obra-prima da literatura universal.

Ainda que tentado, não me atreverei a qualquer comparação da obra dos contistas da Academia Passo-Fundense de Letras (APL) – Agostinho Both, Carlos Antonio Madalosso, Elisabeth Souza Ferreira, Fernando Miranda, Ivaldino Tasca, Júlio Perez, Marisa Potiens Zilio, Osvandré Lech, Pedro Ari Veríssimo da Fonseca e Sueli Gehlen Frosi – com a produção consagrada no gênero por contistas modelares, a exemplo do gaúcho Sergio Faraco, do escritor Rubem Fonseca ou do mestre dos mestres do conto universal, o russo Anton Tchekhov. Mas, de uma coisa eu não posso me furtar de dizer, que todos os contistas da APL honram o posto de acadêmico/escritor e dignificam sobremaneira a cadeira que ora ocupam no sodalício das letras locais.

No livro Contos da Academia, há desde contos breves, escritos de forma direta, sem outra intenção que não o prazer (de quem escreveu e do leitor), até aqueles mais sofisticados em estilo, que, pelas mais variadas razões, instigam a imaginação do leitor. Não pretendo, de forma alguma, tirar o prazer da descoberta do leitor, tecendo comentários que, no fundo, não expressam mais que a minha mera opinião ou o meu gosto pessoal. Deliberadamente, deixo que você, prezado leitor, tire as suas próprias conclusões.

Por fim, cabe ressaltar que essa iniciativa de parceria com a Aldeia Sul Editora, cujo produto é o livro Contos da Academia, é, aos nossos olhos, muito bem-vinda, pois reforça o papel da Academia Passo-Fundense de Letras na consolidação de Passo Fundo como Capital Nacional da Literatura. Afinal, o mínimo que se espera de uma Academia de Letras e de uma cidade que ostenta tamanha honraria, é que aqui se produza boa literatura e se publique bons livros. E esse é o caso. Eis o livro!

P.S.: O livro Contos da Academia tem sessão de autógrafos agendada para o dia 6 de novembro, às 18h, na 28ª Feira do Livro de Passo Fundo.

Data : 14/12/2018

Título : O ethos da ciência segundo Merton

Categoria: Artigos

Há um conjunto de normas que define (ou, presume-se, deveria definir) o comportamento dos cientistas. São essas regras que, tacitamente assumidas (na maioria das vezes) ou expressas em manuais corporativos, dão conformação ao “ethos da ciência”. E por “ethos da ciência” entenda-se, na clássica proposição do sociólogo Robert K. Merton, de 1942, como o espírito de corpo que se forma entre os cientistas, criando uma espécie de identidade coletiva que os une e os identifica, e que é capaz de gerar indignação moral, quando contravenções a essas regras são cometidas pelos seus membros.

Robert K. Merton, com as suas normas, nos deixou um legado valioso para o debate sociológico do processo de geração de conhecimento pela comunidade científica. Não, por mais incrível que possa parecer, as suas normas, na atualidade, ainda que não endossadas universalmente, não podem ser consideradas ultrapassadas e nem destituídas de valor ou sem qualquer influência prática no dia a dia da ciência. São abstrações idealizadas a partir de expectativas sobre o comportamento de uma coletividade. A indignação social que pode ser gerada, dependendo do caso, pela violação de uma dessas normas (que nem sempre se mostram puras no mundo contemporâneo), como veremos, é um bom indicativo do seu valor.

As normas de Merton podem ser resumidas no acrônimo CUDOs, formado pelas iniciais de palavras na língua inglesa. São elas: Comunalismo (Communism); Universalismo (Universalism); Desinteresse (Disinterestedness); e Ceticismo Organizado (Organized skepticism). Em apertada síntese, entenda-se, por Comunalismo, o conhecimento científico como propriedade comum ou bem público; por Universalismo, quando o achado científico tem a primazia sobre a reputação da autoria sem que haja qualquer discriminação de raça, gênero ou nacionalidade, por exemplo; Desinteresse, em que prevalecem as conclusões tiradas a partir das evidências e não por meio de crenças pessoais ou influências externas, prevalecendo sempre o interesse coletivo e não o individual; e Ceticismo Organizado, lembrando que os cientistas devem, sempre, permanecer céticos em relação aos resultados obtidos, evitando-se a tirada de conclusões apressadas e prematuras. Às normas de Merton, inicialmente

apenas quatro, acrescentou-se, nos anos 1980, Originalidade, que se constituiu em uma obviedade, em se tratando de ciência.

As normas de Merton, ainda que todas justificáveis, são demasiadamente acadêmicas. E por afirmarem não mais do que apenas ideais de comportamento, que não necessariamente se materializam no dia a dia, facilmente, depreende-se que essas normas são apenas um conjunto de exortações morais, e que, conforme a área do conhecimento, são de difícil materialização integral na vida real. Assim, como contraponto, justifica-se a existência para cada norma de uma contra norma, diametralmente oposta à norma. Então, eis que, para a norma do Comunalismo, surgiu a sua contraparte que é o Isolamento (Solitariness), envolvendo o sigilo do conhecimento, com a justificativa de obtenção de direitos de propriedade intelectual ou garantir a primazia da descoberta; o Universalismo deu origem ao Particularismo (Particularism), em que, inegavelmente, pelo maior número de cientistas e pelas fontes de financiamento, os países ricos dominam a ciência no mundo; o Desinteresse deu vez ao Interesse (Interestedness), justificado pela busca do ineditismo (nem sempre) e a corrida desenfreada por publicações (Publish or Perish) como base para alavancar carreiras e o acesso a fontes de financiamento ou, até mesmo, envolvendo interesses velados não confessáveis; e, por fim, o Ceticismo Organizado que cede lugar ao Dogmatismo (Dogmatism), quando carreiras científicas são construídas com base em muitas certezas e pouca dúvidas, a partir de orientações acadêmicas que mais perpetuam tribos do que ensinam a buscar o novo.

Enfim, não ignore, os cientistas lidam, acima de tudo, com prescrições morais.

Data : 03/10/2014

Título : O fim da certeza absoluta

Categoria: Artigos

Descrição: Aristóteles (ajudado pela teologia cristã) foi senhor absoluto do pensamento ocidental durante quase dois mil anos após a sua morte.

Sexta-Feira, 03/10/2014 às 00:08, por Gilberto Cunha

Aristóteles (ajudado pela teologia cristã) foi senhor absoluto do pensamento ocidental durante quase dois mil anos após a sua morte. Veio o Renascimento e a revolução científica desencadeada por Copérnico, Galileu, Descartes, Bacon e Newton deixou para trás a visão medieval de mundo e pôs por terra o pensamento aristotélico. Começava a ganhar forma (e força também) uma visão

mecanicista do mundo, especialmente a partir do pensamento de René Descartes e da física clássica de Isaac Newton, que, independente de todos os avanços no conhecimento dos últimos cinco séculos (desde o século 16), ainda perdura (com virtudes e defeitos) até os dias atuais.

René Descartes (Renatus Cartesius, na forma latinizada), 1596 -1650, foi o responsável pelo rompimento definitivo com a escolástica medieval. A sua busca por distinguir o verdadeiro do falso, com base na certeza das leis matemáticas, a partir da decomposição de um problema em suas partes mínimas, e consubstanciado na filosofia do “penso, logo existo” (cogito, ergo sum), deu origem à concepção cartesiana de um universo mecanicista, que influenciou decisivamente a obra de Isaac Newton (1643-1726) e, de resto, toda a física clássica (na qual se sobressai a mecânica newtoniana).

Nos últimos 150 anos, novas teoria e algumas grandes descobertas revolucionaram o pensamento científico. Ainda na segunda metade do século 19, o mundo viu surgir a teoria da evolução (Darwin), descobriu-se as leis da hereditariedade (Mendel), formulou-se a teoria das células (Rudolf Virchow), começou a moderna embriologia e houve a ascensão da microbiologia (Pasteur, “germes” e doenças), além das leis da termodinâmica. No começo do século 20, a física quântica e suas interconexões veio para abalar de vez os alicerces da física clássica, disseminando, por contágio, seus princípios para a mais diversas áreas do conhecimento. E, não obstante, os avanços na psicologia, o surgimento da ecologia e da teoria geral dos sistemas, Descartes e Newton ainda fazem valer a sua força no agir e pensar de muitos cientistas (e no comportamento das pessoas no dia-a-dia) neste começo de século 21.

A grande crítica ao pensamento de Descartes (pensamento analítico) é que o comportamento do todo não pode ser compreendido somente a partir das propriedades das partes. Surgiu, para fazer frente à visão cartesiana de mundo, o enfoque sistêmico. Nele as propriedades essenciais do todo, de fato, surgem das relações entre as partes. Onde a compreensão de qualquer fenômeno exige a sua contextualização em um todo mais amplo. O que significa dizer que o todo tem certas qualidades e propriedades que não aparecem nas partes quando elas se encontram separadas. E isso se aplica tanto para sistemas físicos quanto para sociais. Não obstante, compete dizer que o pensamento analítico não está morto (e que deixou grandes contribuições também), embora não seja suficiente para o entendimento maior da complexidade dos fenômenos naturais e sociais do mundo de hoje. Pois, é preciso separar, mas também é necessário juntar.

A visão mecanicista de mundo separa o objeto conhecido do sujeito conhecedor. Isso, muitas vezes, impede a percepção do novo, dificultando avanços no conhecimento. No seu rastro surgiram as disciplinas científicas e as hiper-especializações, que, sem a percepção dos próprios atores, em certos casos, transformam os especialistas em idiotas culturais, incapazes de terem idéias gerais e pensarem os problemas globalmente. Não é fácil, para alguém dotado de um forte espírito corporativo disciplinar, aceitar que as grandes descobertas e novas teorias se dão em domínios intermediários. A visão sistêmica veio para pôr um fim ao valor dado pelos mecanicistas de verdade quase absoluta à indução e de verdade absoluta à dedução. Certeza absoluta só Deus.

Data : 30/01/2011

Título : O futuro da agricultura

Categoria: Artigos

Descrição: Do lado da demanda, a expectativa é que a população mundial saia dos atuais quase sete bilhões de pessoas, chegue aos oito bilhões de criaturas humanas, por volta do ano 2030, e ultrapasse a cifra dos nove bilhões de bocas para alimentar em 2050. Isso, paralelamente à melhoria de renda, implicando em maior consumo de alimentos de origem animal...

O futuro da agricultura

Do lado da demanda, a expectativa é que a população mundial saia dos atuais quase sete bilhões de pessoas, chegue aos oito bilhões de criaturas humanas, por volta do ano 2030, e ultrapasse a cifra dos nove bilhões de bocas para alimentar em 2050. Isso, paralelamente à melhoria de renda, implicando em maior consumo de alimentos de origem animal (carnes e lácteos), define o tamanho do desafio que está posto à agricultura do futuro: abastecer o mundo em alimentos, fibras e energia. Inegavelmente, a competição por recursos escassos, como água, terra e energia, tende a se acentuar nos próximos anos, em escala global. A publicação "Foresight, The Future of Food and Farming", recentemente lançada pelo Escritório de Ciências do Reino Unido, nos mostra como se dá, hoje, o abastecimento de alimentos no mundo e porque uma onda de inovação tecnológica será necessária para fazer frente aos desafios da sustentabilidade.

Trigo

Duas notícias, veiculadas ao longo da semana que passou, dizem respeito ao trigo brasileiro e em particular ao gaúcho. Uma delas faz referência, diante de estímulos oficiais para comercialização (PEP - Prêmio de Escoamento de Produto), ao crescimento do embarque de trigo no porto de Rio Grande para o mercado externo, com expectativas de superação da marca de 1,2 milhões de toneladas. A outra faz menção à liberação para os produtores rurais gaúchos atingidos pela estiagem de 31,2 mil toneladas de trigo para uso em alimentação animal. Tanto uma quanto a outra, se futuramente bem trabalhadas, não apenas em momento de exceção no mercado e tragédias climáticas, pode ser a solução para o velho problema da comercialização da safra de trigo no Brasil. Ampliar o mercado para o trigo brasileiro, ir além das 10 milhões de toneladas consumidas anualmente no País, vender no mercado mundial de forma competitiva e sem subsídio público; dizem alguns que é sonho.

Em nossa visão, produzir e exportar trigo é a solução para a triticultura brasileira. O alvo: países do norte da África, por exemplo. Com muitos deles, inclusive, o Brasil tem déficit comercial. O que vem a ser uma oportunidade a mais nas negociações, além do tipo de trigo consumido naquela região ser similar ao

nosso. Não por acaso, a primeira notícia mencionada, dá conta da partida de um navio do Porto de Rio Grande, carregado com 64 mil toneladas de trigo, tendo como destino o Egito. A outra notícia, dispensa comentários: se for economicamente viável produzir trigo para uso como alimento para a criação de animais, tanto em âmbito de mercado doméstico quanto exportador, que assim seja! Há quem veja o trigo como um “alimento sagrado”, considerando heresia o seu uso como ração animal. Parte do trigo produzido no mundo, por algum defeito de qualidade tecnológico ou por contingências de mercado, já é destinada para a alimentação de animais.

Moinhos & Negócios

A revista Moinhos & Negócios, uma publicação bimestral da Editora D.J. Simioni & Cia. Ltda, que tem sede em Ponta Grossa/PR, chega ao seu terceiro número. Qualidade gráfica e conteúdos diferenciados, que tratam de uma parte da cadeia produtiva do trigo no Brasil que até então não vinha sendo adequadamente coberta, são suas credenciais. Moinhos & Negócios começa a se firmar como uma revista de leitura imprescindível, tanto no meio rural ligado à produção e comercialização quanto no segmento empresarial das indústrias de moagem e de transformação. Sucesso aos editores!

Erramos

O escriba errou feio na coluna da última quinta-feira (27), publicada na página 15 de O NACIONAL, quando fez referência à frase de Martin Luther King como “Eu tive um sonho”. Na verdade, a referência correta é “Eu tenho um sonho”, uma vez que se tratava de alusão ao famoso discurso “I have a dream”, proferido pelo líder negro antirracista, em agosto de 1963, na cidade de Washington D.C, diante do monumento de Lincoln, para uma audiência de mais de 200 mil pessoas, em que, usando toda uma fraseologia bíblica, manifestava a sua esperança de fraternidade universal. Depois de ganhar o Nobel da Paz, em 1964, Martin Luther King seria assassinado, por um branco, em Memphis, no Tennessee, em 4 de abril de 1968. Eu tive um sonho é o título de uma música do Kid Abelha. Com a Paula Toller na cabeça e querendo citar Luther King, só podia escrever bobagem.

Do Jornal

O Nacional

30 de Janeiro de 2011

Data : 01/11/2010

Título : O futuro dos biocombustíveis

Categoria: Artigos

Descrição: O tema da segurança alimentar versus segurança energética ainda não saiu da ordem do dia no conjunto das grandes discussões desta primeira década do século 21. O Brasil é líder e referência na produção e uso dos chamados biocombustíveis de primeira geração.

O futuro dos biocombustíveis

O tema da segurança alimentar versus segurança energética ainda não saiu da ordem do dia no conjunto das grandes discussões desta primeira década do século 21. O Brasil é líder e referência na produção e uso dos chamados biocombustíveis de primeira geração. No mundo, e inclua-se também o Brasil nisso, vem sendo despendido um esforço substancial em ciência, tecnologia e inovação (CT&I) com o objetivo de viabilizar os biocombustíveis de segunda e/ou posteriores gerações, envolvendo, principalmente, o uso de recursos não alimentares.

A busca por alternativas aos combustíveis líquidos de origem fóssil entra no escopo da mitigação dos gases de efeito estufa e das grandes políticas energéticas para o planeta.

O Brasil tem tudo, recursos naturais, instituições de CT&I e empresários dispostos a investirem no setor, para assumir também a liderança na produção de combustíveis de segunda e/ou posteriores gerações. A Embrapa Agroenergia, uma das novas unidades da Embrapa criada nos últimos anos, trabalha intensivamente na busca do domínio de tecnologias de produção e conversão de biomassa.

Estado de alerta

Num ambiente de elevada competitividade, em que investimentos vultosos em ciência avançada deverão fazer a diferença que faz a diferença, há que se tomar cuidado com a zona de conforto que representa essa liderança brasileira nos biocombustíveis de primeira geração. Grandes transformações, fundamentadas em inovação tecnológica, podem acontecer mais rapidamente do que as nossas meras suposições podem alcançar.

Entre as inovações já obtidas no exterior, destaque para leveduras transgênicas mais eficientes e termoestáveis em temperaturas elevadas, milho com incorporação de enzimas celulasas (aproveitamento dos resíduos e não dos grãos) e árvores com baixo teor de lignina; tendo como alvo o etanol celulósico.

Situação atual e barreiras

Um estudo recente (setembro de 2010) do Banco Mundial – Advanced Biofuel Technologies: Status and Barriers – traz uma síntese do assunto e indica os principais obstáculos técnicos que ainda limitam a produção em larga escala de biocombustíveis de segunda e/ou posteriores gerações. Uma fonte de consulta imprescindível para tomarmos consciência do tamanho do esforço de pesquisa e desenvolvimento que precisaremos empreender para concretizarmos mais esta nova alternativa energética no Brasil.

Algumas barreiras técnicas ainda limitam, no curto prazo, a aplicação comercial de biocombustíveis de gerações avançadas. Incluem-se nessas, a baixa eficiência de conversão de biomassa para combustível, limites no suprimento de arranjos de enzimas para degradação de celulose, requerimento elevado em energia no processo e dependência de tecnologias ainda não validadas em escala comercial.

É dado destaque, no estudo do Banco Mundial, a tecnologias que usem pequenas áreas de terra, por exemplo, o cultivo de microalgas ou, caso necessitem do uso de terras agricultáveis, não venham afetar o abastecimento de alimentos, como é a utilização de resíduos agrícolas.

Afinal, os biocombustíveis afetam ou não afetam a segurança alimentar?

Mesmo havendo controvérsias (e quem discorde radicalmente disso), a produção de biocombustíveis com base em cultivos agrícolas (primeira geração) pode não ser exequível sem afetar o abastecimento de alimentos no mundo (segurança alimentar) ou, pelo menos, ocupar áreas de terras que, na atualidade, se prestam para outros usos. Por isso a relevância política desse tema e a necessidade de que o Brasil, a par da situação privilegiada que goza no que tange aos biocombustíveis de primeira geração, busque a sintonia com o mundo da inovação científica e tecnológica nessa área.

A primeira geração dos biocombustíveis é a atual, composta pelo etanol (obtido via fermentação de sacarídios), biodiesel e biogás. Nessa o Brasil é destaque no mundo. A próxima (segunda geração) envolve o processamento de matéria-prima, a exemplo do etanol celulósico. Depois vem o aprimoramento da 2ª geração, com matérias-primas específicas, como a obtenção de biocombustíveis pelo cultivo de microalgas. E assim sucessivamente, fundindo a 2ª e a 3ª gerações, integrando processo e otimizando o balanço energético.

Do Jornal O Nacional

01/11/2010

Data : 08/10/2010

Título : O homem que ganhou o Prêmio Nobel

Categoria: Artigos

Descrição: Quando, na próxima semana, chegar a Porto Alegre, para participar do ciclo de conferências Fronteiras do Pensamento, Mario Vargas Llosa será mais que o escritor famoso...

O homem que ganhou o Prêmio Nobel

Quando, na próxima semana, chegar a Porto Alegre, para participar do ciclo de conferências Fronteiras do Pensamento, Mario Vargas Llosa será mais que o escritor famoso, pois, somada às suas credenciais de intelectual internacionalmente reconhecido, com doutorados honoris causa por importantes universidades, como Yale (1994), Universidade de Israel (1998), Harvard (1999), Universidade de Lima (2001), Oxford (2003), Universidade Europeia de Madrid (2005) e Sorbonne (2005), estará o Prêmio Nobel de Literatura de 2010. O anúncio da Academia Real de Ciências da Suécia nesta quinta-feira (7), em Estocolmo, dando o nome do escritor peruano de 74 anos como o agraciado de 2010, coroou a história de uma obra vasta, que começou a repercutir mundialmente na onda dos escritores latino-americanos dos anos 1960, e de uma vida de intelectual politicamente engajado. Vargas Llosa que na juventude foi identificado com a esquerda aos poucos foi se distanciando rumo a um pensamento mais de centro-direita. Em 1990 disputou a presidência do Peru e perdeu para o então desconhecido engenheiro-agrônomo Alberto Fujimori. Entre suas obras mais difundidas, destaque para *Pantaleão e as visitadoras* (1973) e, no nosso caso, pela identificação com *Canudos* e Antônio Conselheiro, sob inspiração de *Os sertões*, de Euclides da Cunha, *A guerra do fim do mundo* (1981).

O nome de Mario Vargas Llosa soma-se a de outros escritores latino-americanos que ganharam o Nobel, caso do colombiano Gabriel García Márquez (1982) e dos poetas chilenos Gabriela Mistral (1945) e Pablo Neruda (1971). Nenhum brasileiro mereceu essa distinção, ainda. Pegamos carona, na língua portuguesa, com José Saramago, que foi o ganhador do Nobel de Literatura em 1998.

O homem que não ganhou o Prêmio Nobel

Entre os nomes sempre lembrados, mas que nunca chegaram a receber o Prêmio Nobel de Literatura, o destaque foi o escritor argentino Jorge Luis Borges. Dono de uma obra singular que, seguindo os mesmos passos de outros autores latino-americanos, ganhou dimensão mundial a partir dos anos 1960, o nome de Borges, especialmente nos anos 1970 e começo dos 1980, sempre esteve entre os potenciais vencedores. Muitos atribuem às suas ingênuas e desastradas opiniões políticas, que oscilavam ora a favor e ora contra as ditaduras militares que grassavam na América Latina, e não à qualidade dos seus textos, o fato de nunca ter recebido o prêmio maior das letras mundiais. De qualquer forma, o episódio serviu para Borges, com a sua magistral ironia, frente às decepções que se seguiram a cada ano, até a sua morte em 14 de junho de 1986, criar uma verdadeira antologia de opiniões sobre este prêmio.

Borges dizia que havia adquirido o hábito anual de esperar e não receber o Prêmio Nobel. E esse era um dos poucos prazeres que lhe restavam na velhice. Afinal, tinha a esperança de morrer sendo o futuro Prêmio Nobel. Isso devia ser uma tradição escandinava, na opinião dele. Em uma ocasião disse que se fosse um acadêmico sueco nunca votaria no nome de Borges, pois seria admitir que haviam se equivocado durante muito tempo.

Quando se resignou com o fato de que não seria agraciado com o Nobel de Literatura, Jorge Luis Borges foi cruel com os acadêmicos suecos, ao exclamar: Que curioso! Um prêmio tão importante e as pessoas que o outorgam não são. Ninguém recorda o nome de algum acadêmico sueco. Eu tampouco. Em entrevista para a imprensa, ao tomar conhecimento que, outra vez, não havia ganhado o Prêmio Nobel, disse "non sum dignus" e que tal atitude reafirmava "uma velha tradição da Academia Sueca: não honrar as glórias, mas descobrir talentos". Não reprovava os acadêmicos suecos por isso, inclusive, ironicamente, afirmou que gostaria muito de ser descoberto.

La Niña 2010

O boletim ENSO DIAGNOSTIC DISCUSSION, liberado pelo Climate Prediction Center/NCEP/NWS, na última quinta-feira (7), reforça as posições manifestas em edições anteriores, dando destaque à presença de um evento La Nina, de intensidade moderada a forte, que deverá permanecer atuando até o próximo outono. O reflexo esperado, no sul do Brasil, é redução nas chuvas; especialmente na primavera e começo do verão.

O Nacional

Sexta-Feira, 08/10/2010

Data : 22/02/2019

Título : O homem que queria saber o que é ser verdadeiro

Categoria: Artigos

Imagino que, independentemente da área do conhecimento e da instituição de ensino, qualquer pessoa que tenha passado por um curso universitário, nos últimos 50 anos, tenha ouvido falar em Thomas Samuel Kuhn. E, mais ainda, se passou por um programa de pós-graduação, mestrado ou doutorado, mesmo que minimamente e, talvez, por obrigação, um dia, manuseou a obra "A Estrutura das Revoluções Científicas". Esse livro, originalmente publicado em 1962, catapultou Thomas S. Kuhn ao grupo dos mais importantes historiadores, filósofos e epistemologistas da ciência mundial de todos os tempos.

Entender a gênese de uma obra, aparentemente simples e ao mesmo tempo muito complexa, como é o caso de "A Estrutura das Revoluções Científicas", pode ser facilitada quando essa nos é contada pelo próprio autor. Pois isso, para o nosso deleite, é o que fez Kuhn na laudatória entrevista que concedeu a Aristides Baltas, Kostas Gavroglu e Vassiliki Kindi, durante três dias, de 19 a 21 de outubro de 1995, em Atenas, quando foi agraciado com o título de doutor

honoris causa pelo Departamento de Filosofia e História da Ciência da Universidade de Atenas. Essa entrevista, que é uma espécie de autobiografia intelectual de Kuhn, sob o título “Um debate com Thomas S. Kuhn”, pode ser encontrada número especial de *Neusis: Journal for the History and Philosophy of Science and Technology* (1997) ou no livro editado por James Conant e John Haugeland, “The Road since Structure”, de 2010, que, traduzido para o português, sob o título “O caminho desde A estrutura”, foi publicado, no Brasil, pela Editora Unesp, em 2017.

Thomas S. Kuhn (1922 – 1996) nasceu em Cincinnati, Ohio, EUA, e começou a sua educação (que é diferente de começar a ir para a escola, segundo ele) em escolas ditas progressistas, que davam menos ênfase às matérias e mais à independência do espírito, capacitando os estudantes para serem intelectualmente independentes. Depois, seguindo a tradição familiar, estudou em Harvard, onde gradou-se em Física (1943) e recebeu os títulos de mestre (1946) e de doutor (1949). Após ter concluído o doutorado, a convite de James Conant, o brilhante presidente da Universidade Harvard, passou a dar aula sobre história da ciência para não cientistas (alunos das ciências humana), tendo, em razão disso, se visto obrigado a estudar com mais profundidade alguns casos fora da área da sua especialidade, passando, desde então, a gestar a sua obra magna, que viria à luz somente em 1962. Em 1956 deixou Harvard e foi lecionar história da ciência na Universidade da Califórnia, em Berkeley, onde, em 1961, acabaria efetivado como professor permanente, no departamento de História e não no de Filosofia, como ele esperava. Publicou, em 1962, depois de certa relutância, “A Estrutura das Revoluções Científicas”, que ganhou repercussão muito além da Filosofia, que era o público que originalmente ele imaginava atingir. Em 1964 foi para a Universidade de Princeton e, em 1971, passou a lecionar no Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), onde permaneceu até encerrar sua carreira acadêmica. Os últimos 20 anos de vida de Kuhn, por intermédio de conferências e ensaios, foram dedicados a reavaliar e a revisar a sua obra magna e alguns dos seus conceitos fundamentais; cujo livro que ele estava preparando, infelizmente, não conseguiu acabar antes de morrer vitimado por um câncer de pulmão.

O grande legado de Thomas S. Kuhn foi ter deixado bem claro o entendimento de ciência como empreendimento social e que, diferentemente do que pregava Karl Popper, outro gigante do pensamento filosófico, as teorias posteriores não englobam as anteriores, uma vez que o avanço científico efetivo não é gradual e cumulativo, mas sim que se dá, quando a ciência normal entra em crise, pela substituição radical de paradigmas.

Eis o homem que insistia em dizer “eu quero saber o que é a verdade, mas não no sentido de saber o que é verdadeiro e sim do que é ser verdadeiro”. Revisitar Thomas S. Kuhn, é a nossa sugestão.

Data : 18/09/2015

Título : O irreverente Ignácio de Loyola Brandão

Categoria: Artigos

Descrição: O adulto de hoje, chegado aos 56 anos de vida, ora ocupando o honorável cargo de presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, ao se deparar com a tarefa de escrever essas breves palavras sobre o “Concurso Literário O Irreverente Ignácio de Loyola Brandão”...

O adulto de hoje, chegado aos 56 anos de vida, ora ocupando o honorável cargo de presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, ao se deparar com a tarefa de escrever essas breves palavras sobre o “Concurso Literário O Irreverente Ignácio de Loyola Brandão” e as circunstâncias que o envolvem, não pode deixar de rememorar o então jovem de 17 anos que era, em meados dos anos 1970, quando teve a oportunidade de participar de um certame similar. Na ocasião, a organização que congregava as Entidades Assistenciais de Porto Alegre, promoveu um concurso de redação dirigido aos estudantes do 2º Grau (atual Ensino Médio), sobre o tema “Faça do seu Natal um Momento de Amor”. Eu, assim como os estudantes que assinam os textos que integram o conteúdo desse livro, despreziosamente, participei do concurso. E, pra minha felicidade (e surpresa), obtive a primeira colocação.

Sem muitas referências literárias, usei, para compor o meu trabalho, os comerciais natalinos veiculados na época, com destaque para o de uma rede de lojas de vestuário que tinha como mote “O Papai Noel mais amigável da cidade”, e sob a inspiração do livro “Terra dos homens”, de Antoine de Saint-Exupéry, que havia recém lido, dando o cunho sociológico ao trabalho, em estilo colagem usado na música “Alegria, Alegria”, do Caetano Velos, sucesso no momento (por ser trilha de abertura da novela “Sem lenço, Sem Documento”), consegui produzir a peça vencedora.

Não houve troféus e nem certificados para quem participou do concurso que mencionei. Tampouco as redações foram reunidas em uma publicação qualquer. Não obstante, passados quase 40 anos, ainda guardo com carinho especial a premiação (simbólica) que recebi: dois livros do Jorge Amado (Cacau e Os Pastores da Noite). Eles são caros pra mim e as únicas provas que tenho do que acabei de relatar, pois nas dedicatórias consta o feito. Mas, da minha redação propriamente dita, não há um vestígio sequer. Eu tenho apenas uma vaga lembrança dela e nem sequer seria capaz de reescrevê-la hoje. Até porque eu mudei. Mas, por que estou fazendo tanta questão de frisar esse fato? Elementar, meu caro leitor, para realçar a importância do livro que a Academia Passo-Fundense de Letras vai lançar no dia 1º de outubro próximo, que reúne todas as contribuições dos participantes do “Concurso Literário O Irreverente Ignácio de Loyola Brandão”, como um registro histórico de relevância. Os trabalhos que

foram produzidos, graças a esse livro, jamais cairão na categoria dos chamados textos perdidos para sempre. E esse é um privilégio ninguém pode tirar dos autores dessa obra.

Em especial, faço questão de dirigir o meu muito obrigado a você professor que estimulou o seu aluno a participar do concurso. Imagino a satisfação que o verdadeiro mestre sente nessa hora, ao ver a concretização de um trabalho materializada em livro. E mais ainda em se tratando de um livro que foi editorado com esmero e que será lançado em um evento do quilate do 13º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e Patrimônio Cultural, com a presença do escritor homenageado, Ignácio de Loyola Brandão. Eu não tenho qualquer dúvida que, para os participantes, valeu a pena o esforço despendido. O tempo vai se encarregar de provar isso.

Não posso deixar de agradecer e cumprimentar aos organizadores do “Concurso Literário O Irreverente Ignácio de Loyola Brandão”, acadêmicos Pia Elena Zancanaro Borowski, Marisa Potiens Zilio e Agostinho Both, pelo trabalho realizado. Também merece o nosso reconhecimento a comissão julgadora dos trabalhos, que além de acadêmicos, incluiu as doutorandas do Programa de Pós-Graduação em Letras da UPF, Raquel Aparecida Cesar da Silva e Deisi Luzia Zanatta.

Ainda, são dignos de menção e agradecimento, o apoio que recebemos da Prefeitura de Passo Fundo, da 7ª CRE, do PPGLetras da UPF e da coordenação do 13º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e Patrimônio Cultural.

Data : 23/01/2015

Título : O Japão e o trigo

Categoria: Artigos

Descrição: Um dos legados da II Guerra Mundial (se é que se pode falar em legado, pelo menos positivo, de qualquer guerra) foi a dispersão, nos programas de melhoramento genético vegetal do mundo todo, dos genes responsáveis pela redução da altura da planta de trigo (genes de nanismo).

Sexta-Feira, 23/01/2015 às 08:14, por Gilberto Cunha

Um dos legados da II Guerra Mundial (se é que se pode falar em legado, pelo menos positivo, de qualquer guerra) foi a dispersão, nos programas de melhoramento genético vegetal do mundo todo, dos genes responsáveis pela redução da altura da planta de trigo (genes de nanismo). A história de uma nova arquitetura de planta, nos trigos atualmente cultivados, começou a ser escrita pelo cientista japonês Gongiro Inazuka (1897-1988), que foi criador do trigo Norin

10, uma cultivar de hábito invernal, fonte doadora dos genes de nanismo usados nas cultivares semianãs que, espalhadas pela Ásia e pela América Latina, a partir dos anos 1960, deram origem ao período da agricultura mundial que entrou para a história como Revolução Verde (idolatrada por uns e criticada por outros).

Foi em 1946, enquanto participava como representante do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos da América (USDA) no Japão, envolvido no esforço de recuperação do país que havia sido arrasado pela II Guerra Mundial, que o Dr. S. C. Salmon teve a sua atenção despertada, numa estação experimental agrícola em Honshu, pela existência de trigos de porte muito baixo. O Dr. Salmon enviou sementes de 16 cultivares japonesas de trigos anãos, entre as quais Norin 10, para a sede dos USDA nos EUA. Estas sementes foram, em 1948, distribuídas aos melhoristas de trigo de diferentes instituições americanas. Todavia, os resultados efetivamente apareceram no trabalho que realizava o Dr. Orville Vogel junto à Washington State University. Orville Vogel utilizou os trigos japoneses em vários cruzamentos com trigos de inverno. O cruzamento Norin 10 com Brevor foi o melhor sucedido. A partir dele, seria lançada, em 1961, a primeira cultivar americana semianã de trigo de inverno, Gaines, que se destacaria pelo potencial de rendimento elevado.

Também foi parte das sementes do cruzamento Norin 10 – Brevor que Orville Vogel enviou para Norman Borlaug que, na época, conduzia, desde meados dos anos 1940, com o apoio da Fundação Rockefeller, um programa de melhoramento genético de trigo de primavera no México, focado em resistência às ferrugens (folha, colmo e estriada) e potencial de rendimento elevado. Norman Borlaug recebeu as sementes em 1953. Depois de fracassar nos primeiros cruzamentos das populações Norin 10 – Brevor com os trigos mexicanos, devido à suscetibilidade elevada desses trigos às ferrugens, ele inverteu a lógica, passando a usar os trigos mexicanos como fêmeas e não como doadoras de pólen. Assim, obteve êxito na mudança da arquitetura de plantas dos trigos mexicanos, que se destacavam pela resistência às ferrugens e adaptação ampla, porém tinham sérios problemas de acamamento das plantas devido à altura elevada, não suportando maiores doses de fertilizantes e irrigação. Os descendentes desses cruzamentos realizados por Norman Borlaug revolucionariam a tricultura mundial, a partir de 1962, quando foram lançados os trigos Pitic 62 e Penjamo 62.

Os trigos criados no México foram enviados para o Paquistão e para a Índia, num grande esforço de aliviar a catástrofe da fome, que devido a sucessivas frustrações de safra e os baixos rendimentos da agricultura, assolava aqueles países asiáticos. Vencidas as primeiras barreiras impostas pelos pesquisadores asiáticos que, no começo, rejeitaram as novas plantas, a importação de sementes dos trigos mexicanos e insumos pelos governos da Índia e do Paquistão deu certo. A produção local de trigo cresceu e somando-se à produção de arroz, que seguiu o mesmo padrão de mudança da altura de planta e arquitetura de folhas experimentadas no trigo, numa iniciativa global de desenvolvimento da agricultura, desencadeada a partir da criação dos centros internacionais de pesquisa agrícola, caso o CIMMYT, no México, trabalhando com trigo e milho, e do IRRI, nas Filipinas, com foco no arroz.

Data : 30/11/2012

Título : O julgamento de Nietzsche

Categoria: Artigos

Descrição: Sobre Friedrich Wilhelm Nietzsche para a acusação do assassinato de Deus. Desde que escreveu, em 1882, no livro "A Gaia Ciência", a famosa frase "Deus está morto!"

GILBERTO R. CUNHA

Sobre Friedrich Wilhelm Nietzsche para a acusação do assassinato de Deus. Desde que escreveu, em 1882, no livro "A Gaia Ciência", a famosa frase "Deus está morto!" (ou "Deus morreu", dependendo da tradução do alemão "Gott ist tot"), virou o suspeito principal de um crime que aparenta requinte de crueldade. As evidências advindas dessa expressão, que não deixa qualquer dúvida sobre a morte de Deus, especialmente quando deslocada do contexto original, somadas às críticas ácidas que ele teceu à religião, à moral e à tradição filosófica do Ocidente, formaram indícios tidos como mais que suficientes para levá-lo ao banco dos réus. A defesa de Nietzsche chegou a esboçar reação, alegando que "sem cadáver, não há crime", mas essa tese era simplista em demasia, não tendo, em função do entendimento majoritário dos tribunais, qualquer chance de prosperar; pelo menos de plano.

Os acusadores, dizendo-se embasados em princípios, mesmo sem uma fundamentação plausível, mais beirando o arbítrio que qualquer outra coisa, eram taxativos na dedução de culpa do Sr. Nietzsche, pelo assassinato de Deus. Instaurado o contraditório, coube à defesa contrapor que, em base no texto "Uma moral sem fundamento" (In: A sociedade em busca de valores. Lisboa: Instituto Piaget, 1996. p. 133-153), de André Comte-Sponville, filósofo materialista francês, ex-mestre de conferências da Universidade de Paris I, não havia dúvida que "a morte de Deus" era um tema nietzscheano bem típico. Todavia, a expressão "Deus está morto!", tal qual tantas outras, não pode ser tomada em sentido literal. O professor Nietzsche nunca ignorou que Deus, se existe, é, por definição, imortal. Tampouco, se ele não existe, não é absurdo afirmar, até em razão disso mesmo, que também é imortal. Pois, em sendo assim, não é razoável supor que alguém, que não existe, possa ser morto.

Não, Deus não morreu! Deus está bem vivo, aqui e agora, em qualquer lugar, para todos que acreditam nele, evidentemente. O professor Nietzsche não matou ninguém. Nunca teve essa intenção. Ele fez menção a algo que, embora não sendo novo, hoje é percebido com maior facilidade: "Deus está socialmente morto". Isso, na acepção de Comte-Sponville, significa dizer que, individualmente, na esfera privada, podemos acreditar em Deus, mas, em sociedade, não há essa comunhão com ele. Já não é mais possível, como outrora foi, basear "em nome de Deus" a nossa coesão social. A sociedade, em

cujo seio vivem os que crêem em Deus, não pode deixar de ter em consideração a pluralidade das crenças e, inclusive, respeitar também as descrenças. A ordem religiosa e a ordem social deixaram de ser uma só. O político e o espiritual, hoje, mais que nunca, são entidades separadas. Enquanto não entendermos (ou aceitarmos isso) que “Deus está socialmente morto”, e que já não podemos basear nele o valor dos nossos valores, vamos vivendo (e nada fazendo para que não seja assim) em uma sociedade onde impera o reinado da mediocridade, da decadência e do ressentimento. Tampouco os pretensos substitutos de Deus, que arranjamos numa busca apressada para fazer jus ao “Deus morto, Deus posto”, cujos exemplos notórios são a natureza, a ciência, a vida ou a história, resultaram em experiências melhores ou, quando não, inclusive, até mais perigosas e destruidoras. Precisamos é de fundamentos mais robustos para os nossos valores, que unam a ordem teórica ou epistêmica (a ordem das verdades ou dos conhecimentos) e a ordem prática ou normativa (a ordem dos valores ou dos imperativos), mesmo que para isso tenhamos de lançar mão de uma doxa heterodoxa ou até admitir que, nessa circunstância intangível, estamos diante de uma ordem una e absoluta que, conceitualmente, em nada difere de Deus.

Em uma sociedade que vibra com “BBBs” (“Salve, salve! Vamos dar aquela espiadinha!”) e “Ah se eu te pego”, cujo comportamento nonsense beira ao surrealismo, mais que as frequentes e fortes dores de cabeça, o que atormenta Nietzsche é a possibilidade de uma condenação. Afinal, conforme escreveu Stanislaw Ponte Preta (Sérgio Porto), com fina ironia, na letra do “Samba do crioulo doido”, em se tratando da história do Brasil nos enredos de carnaval, quando se mistura Xica da Silva com a atual conjuntura, para resolver a questão, alguém pode até propor que seja proclamada a escravidão.

(Gilberto R. Cunha é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Data : 07/02/2014

Título : O leitor J. L. Borges

Categoria: Artigos

Descrição: Duas datas, 25 de outubro de 1955 e 11 de outubro de 1973, e um presidente, Juan Domingo Perón, delimitam o período de 18 anos que Jorge Luis Borges ocupou o cargo de diretor da Biblioteca Nacional da Argentina.

por Gilberto Cunha

Duas datas, 25 de outubro de 1955 e 11 de outubro de 1973, e um presidente, Juan Domingo Perón, delimitam o período de 18 anos que Jorge Luis Borges

ocupou o cargo de diretor da Biblioteca Nacional da Argentina. A primeira assinala a posse de Borges na direção da Biblioteca Nacional, alçado ao posto, apesar das credenciais de intelectual de escol, pela “Revolução Libertadora”, que, protagonizando um golpe militar, em setembro daquele ano, depusera o presidente J. D. Perón. E, a segunda, a aposentadoria, motivada e apressadamente concedida, às vésperas da volta ao poder do mesmo J. D. Perón, democraticamente eleito em setembro de 1973.

A ascensão de Borges ao cargo de diretor da Biblioteca Nacional também marcou o final do “lento entardecer” da sua cegueira, que ele bem expressou no famoso “Poema de los Dones”, em que diz: “Nadie rebaje a lágrima o reproche/ esta declaración de la maestría/ de Dios, que con magnífica ironía/ me dio a la vez los libros y la noche”. De fato, para quem dizia sentir a gravitação dos livros que havia lido e produziu uma literatura tipicamente intertextual, que vai dos livros aos livros, a falta da visão, incapacitando-o para a leitura, tinha todos os ingredientes de uma tragédia; menos para J. L. Borges.

A passagem de Borges pela Biblioteca Nacional, mais que a notoriedade que essa alcançou graças à fama diretor, deixou como legado um tesouro, que começou a ser descoberto em 1992, por intermédio de Paula Ruggeri, uma funcionária da instituição, mas que ainda teria de esperar até 2010, para vir a público em sua plenitude. Em 1992, por ocasião da inauguração das novas instalações da Biblioteca Nacional, chegaram às mãos de Paula Ruggeri alguns livros com a assinatura e anotações pessoais de Jorge Luis Borges. Ciente da importância desses exemplares, Paula Ruggeri elaborou uma lista com 70 títulos que havia encontrado no acervo da instituição e deu conhecimento à direção da biblioteca, alertando que havia outros. Nada foi feito na época. Passaram seis diretores, desde 1992, e a descoberta de Paula Ruggeri, que nesse interregno aposentou-se, continuou sendo ignorada. Até que, em 2005, na gestão de Horácio Gonzáles, Laura Rosato e Germán Álvarez, também funcionários da biblioteca, tiveram o apoio que faltava para levar adiante a descoberta de Paula Ruggeri e começaram a investigar, em meio aos 900 mil volumes da Biblioteca Nacional, o rastro deixado por Borges, durante os 18 anos que ele fez daquela biblioteca a sua casa.

A busca empreendida levou cinco anos. O resultado da recuperação inicial de quase 1000 títulos (outros tantos foram encontrados depois) está condensado nas 416 páginas do livro “Borges, libros y lecturas”, uma espécie de catálogo, estudo e notas de Laura Rosato e Germán Álvarez, edição da própria Biblioteca Nacional, de 2010. Os livros, com anotações pessoais, sempre nas páginas iniciais e finais, que pertenceram à biblioteca pessoal de Borges e que, silenciosamente, foram doados ou lá deixados por ele em meio de corredores e prateleiras pouco visitados, permitem a reconstrução do processo de leitura de J. L. Borges.

A coleção Borges da Biblioteca Nacional contempla exemplares que tiveram origem na mítica biblioteca do seu pai e tratam de temas que interessavam ao escritor e tem lugar de destaque na sua obra. As notas são os rastros da inspiração de ensaios e contos memoráveis. Lançam luzes sobre a forma como o escritor tratava e onde buscava os grandes conceitos que usou na sua vasta produção literária.

As notas de Borges cessam em 1954, quando lhe falta a visão. Continuou a ler pelos olhos de terceiros, especialmente com o auxílio da mãe, Leonor Acevedo, que também deixou anotações nesses livros, ainda que poucas. Com o tempo, as notas de Borges passaram a ser feitas com a memória.

Definitivamente, Borges não foi um enigma na arte de escrever, mas sim na arte de ler. E quanto à “doação” dos seus livros, meio sem querer querendo, Borges sabia o que estava fazendo, pois no discurso que pronunciou em 8 de setembro de 1956, quando à frente da Biblioteca Nacional recebeu a doação dos livros de José Ingenieros, assim se manifestou: “ Los libros congregados e interrogados por un hombre constituyen también un aspecto de su obra y el mapa y espejo de su personalidad.” Borgeano, demasiadamente borgeano.

Do Jornal

O Nacional

Sexta-Feira, 07/02/2014 às 07:15

Data : 29/08/2014

Título : O Livro Preto da Embrapa

Categoria: Artigos

Descrição: Quando do lançamento do Projeto Memória Embrapa (PME), em 2006, sob inspiração do livro Sol da Manhã, editado pela UNESCO em abril do ano anterior, de autoria do primeiro presidente da Embrapa, J. Irineu Cabral...

Sexta-Feira, 29/08/2014 às 07:15, por Gilberto Cunha

Gilberto Cunha

Gcunha.apl@gmail.com

Quando do lançamento do Projeto Memória Embrapa (PME), em 2006, sob inspiração do livro Sol da Manhã, editado pela UNESCO em abril do ano anterior, de autoria do primeiro presidente da Embrapa, J. Irineu Cabral, que incitou o debate sobre a necessidade da construção da memória da Empresa, o documento que abriu a série institucional de publicações sobre o tema foi o chamando Livro Preto.

O Livro Preto, em essência, é o relatório final do Grupo de Trabalho instituído pelo então ministro da agricultura, Luís Fernando Cirne Lima, nos termos da Portaria nº 143, de 18 de abril de 1972. Esse relatório, que tem o título de Sugestões para a Formulação de um Sistema Nacional de Pesquisa

Agropecuária, embasou a reforma institucional, no âmbito do Ministério da Agricultura, que culminaria na criação da Embrapa, em 26 de abril de 1973.

Entre as curiosidades históricas, verdadeiras ou lendas, diz-se que esse relatório ficou conhecido como Livro Preto porque tem capa de cartolina preta, que foi a única cor de cartolina que a secretária Yonice Venâncio encontrou para encaderná-lo. E, que a Portaria nº 143 criou um Grupo de Trabalho constituído por apenas duas pessoas (Otto Lyra Schrader, do DNPEA, e José Irineu Cabral, do IICA), por exigência do ministro Cirne Lima, que não confiava em grupos formados por muitos integrantes.

O relatório que marcaria indelevelmente a pesquisa agropecuária brasileira seria produzido em apenas 30 dias. Começou pelo diagnóstico da pesquisa agropecuária no País, identificando as limitações e os avanços alcançados pelo sistema até então coordenado pelo Departamento Nacional de Pesquisa Agropecuária (DNPEA). Sobressaíram-se algumas tecnologias aplicadas à produção de cana de açúcar, algodão, cacau, café, borracha e não muito mais. Paralelamente, o destaque positivo foi para a existência de uma rede de institutos espalhados pelo País, bem dotados de bases físicas, laboratórios e campos experimentais, além de uma excelente revista científica, a PAB – Pesquisa Agropecuária Brasileira. De outra parte, também foram apontadas as limitações em termos de políticas e estratégias de pesquisa e a elevada concentração de esforços nas regiões Sul e Sudeste. No tocante aos recursos humanos, no grupo de pesquisadores especialmente, ficou notória a carência de lideranças e de pessoas treinadas em cursos de pós-graduação, somadas à ausência de uma política salarial atrativa. E, por último, a falta de um sistema eficiente para captação e uso de recursos financeiros na atividade de pesquisa.

O Livro Preto também produziu um capítulo sobre política de ciência e tecnologia que se destaca pelos avanços conceituais propostos em planejamento, transferência de tecnologia e formatação de parcerias. O Grupo de Trabalho sugeriu para a nova instituição o formato jurídico de empresa pública, sem subordinação à administração direta, que fora apontada como um dos entraves à eficiência da pesquisa no País. Inclusive, há quem considere esse o produto principal do relatório do Livro Preto, paralelamente à criação de um sistema nacional de pesquisa agropecuária para o País (o SNPA). Foi a partir desses novos conceitos que começaram a serem elaborados os planos nacionais de pesquisa agropecuária, envolvendo articulação entre a União, os estados, o setor privado e as universidades. E, a meu ver, também de elevada relevância, foi a recomendação de criação de um programa de treinamento para pesquisadores, cuja iniciativa capacitaria em cursos de pós-graduação das principais universidades, brasileiras e estrangeiras, um contingente de mais de dois mil profissionais, que formariam o quadro da nova empresa em vistas de criação.

Entre as curiosidades, o Livro Preto tratou da sugestão de criação e uma Empresa Nacional de Pesquisa Agropecuária (Enapa), tendo o nome sido alterado para Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) por ocasião da elaboração da Exposição de Motivos que foi encaminhada ao Congresso Nacional com a proposta da lei visando à criação da Empresa.

Presidente da Academia Passo-Fundense de Letras

Data : 09/10/2015

Título : O livro segundo Roger Chartier

Categoria: Artigos

Descrição: Roger Chartier, intelectual francês que goza de reconhecimento internacional pelos seus trabalhos sobre a história do livro e da leitura...

Roger Chartier, intelectual francês que goza de reconhecimento internacional pelos seus trabalhos sobre a história do livro e da leitura, foi um dos convidados especiais do 13º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura e Patrimônio Cultural, que aconteceu na Universidade de Passo Fundo, entre os dias 28 de setembro e 1º de outubro de 2015.

Entre as obras de Roger Chartier, eu, particularmente, aprecio a coletânea de ensaios encapsulada no livro “A mão do autor e a mente do editor”. E destaco isso, inclusive, porque nesse livro pode ser encontrada boa parte das falas que Chartier usou na “Conferência a duas vozes: Novas tecnologias - ler e escrever, aprender e apagar”, que ele proferiu no aludido evento (na noite do dia 30 de setembro), em dueto com Anne-Marie Chartier.

Foi em Kant, na sua “A metafísica dos costumes”, que Roger Chartier se valeu para definir a natureza dual do livro: objeto (matéria) e discurso (texto). Eis a essência do que, ainda hoje, a maioria de nós entende por livro: um objeto material que pertence à pessoa que o adquiriu (ou ganhou de presente) e um discurso (intangível) endereçado ao público, que permanece propriedade do seu autor (propriedade intelectual/direito autoral) e que só pode ser posto em circulação por aqueles designados pelo autor (cessão do direito de copyright).

A erudição de Roger Chartier - vasta, mas não pedante - enriqueceu culturalmente os que tiveram a oportunidade de ler os seus ensaios ou ouvir as suas conferências. Sobre o livro impresso, tal qual conhecemos hoje (feito de folhas e páginas), um protótipo do século 18 que reina até os nossos dias, nos permitiu saber que, diferentemente do que muitos imaginam, a sua origem não remonta à invenção da prensa de Gutenberg e os tipos móveis, mas sim aos primeiros séculos da era cristã, quando o códice, ao substituir o rolo, promoveu uma verdadeira revolução na leitura e no armazenamento de informações. Gutenberg e sua invenção, no primeiro momento, permitiram a produção maciça e a disseminação ampla de objetos impressos que não eram necessariamente livros.

Outra particularidade, nem sempre perceptível por nós leitores, que foi destacada por Roger Chartier, é a materialização do livro na forma da palavra escrita - manuscrita, impressa e eletrônica - e o caminho que percorria até chegar aos leitores do passado e como ainda chega até os leitores contemporâneos. É um processo de elevada complexidade que, como bem frisou Chartier, sempre envolveu, em maior ou menor grau, a mão do autor e a mente do editor.

Nos rastros do processo editorial, há muitas pessoas lidando com o material original antes de esse ganhar a forma final de livro; no passado e ainda hoje. Houve o reinado dos escribas que transcreviam a primeira versão dos manuscritos do autor, os censores que autorizavam a publicação, os editores que se interessavam por publicar, os revisores que preparavam e corrigiam o texto, os copistas (na era dos manuscritos) que produziam as cópias limpas das obras e depois os tipógrafos que compunham as páginas (colocando pontuação e acentos) para a impressão. Enfim, uma longa história, cuja arqueologia não nos permite ignorar que, mesmo no universo editorial contemporâneo, nada muito diferente acontece com os livros impressos (ou digitais no formato e-book), cujos textos são redigidos e corrigidos pelos autores (não raro com a ajuda do editor de texto em uso) na tela de um computador pessoal. Em resumo, é impossível não reconhecer a dimensão coletiva, desde sempre, em qualquer produção textual que mereça ser chamada de livro.

Os novos suportes digitais estão criando uma nova maneira de leitura, segmentada e descontínua, e uma nova forma de construção e de publicação dos discursos textuais que chamamos de livros. No que isso vai dar? Roger Chartier, por entender que os historiadores em geral são maus profetas, não fez nenhum vaticínio. Uma coisa é bem provável: o aumento, simbolicamente (uma vez que digitais), da pilha dos livros inúteis.

Data : 05/09/2014

Título : O Livro Verde da Embrapa Trigo

Categoria: Artigos

Descrição: E se houve, segundo reza a lenda, um Livro Preto na história da Embrapa (o relatório “Sugestões para a Formulação de um Sistema Nacional de Pesquisa Agropecuária”, que embasou a criação da Empresa em 1973);

Sexta-Feira, 05/09/2014 às 09:20, por Gilberto Cunha

E se houve, segundo reza a lenda, um Livro Preto na história da Embrapa (o relatório “Sugestões para a Formulação de um Sistema Nacional de Pesquisa Agropecuária”, que embasou a criação da Empresa em 1973); a Embrapa Trigo, seguindo nessa trilha, pelas práticas de arquivamento de documentos e materiais de escritório disponíveis na época e não por mera imitação da sede, também teve o seu Livro Verde.

O Livro Verde da Embrapa Trigo, nos moldes do Livro Preto da Embrapa, recebeu uma capa de cartolina verde e a identificação com tinta preta nanquim, que credito ao bom gosto e ao esmero no trato da produção de capas das publicações/documentos da Unidade da artista plástica Liciane Toazza Duda Bonatto. Esse Livro Verde é, especificamente, o documento final “Projeto de Implantação do Centro Nacional de Pesquisa de Trigo”, aprovado pela diretoria a Embrapa, que, acompanhado de memorando interno (Memo. DTC-072/75, Brasília, 19.03.1975), foi encaminhado ao primeiro Chefe-Geral da Unidade, o pesquisador Ottoni de Sousa Rosa, com vistas a implementação operacional desse centro de pesquisa, que havia sido inaugurado em 28 de outubro de 1974. Textualmente, eis o memorando que leva a assinatura de Delmar Marchetti; assessor do DTC, e acompanha o documento original de 37 páginas: “Temos o prazer de encaminhar a V. Sa., uma cópia do documento final Projeto de Implantação do Centro Nacional de Pesquisa de Trigo, aprovado pela Diretoria da EMBRAPA”.

O “Projeto de Implantação do Centro Nacional de Pesquisa de Trigo (CNPT)” é derivado do relatório do grupo de trabalho estabelecido pela resolução nº. RD 006/74, assinada pelo diretor da Embrapa, Dr. Almiro Blumenschein, que designou Augusto Carlos Baier, Rui Colvara Rosinha, Erycson Pires Coqueiro, Avahy Carlos da Silva, Mário Bastos Lagos, Amarilis Labes Barcellos, Ottoni de Souza Rosa e Walter Frederico Kugler, para, sob coordenação do primeiro, prepararem o anteprojeto de implantação do CNPT; com prazo até 30 de setembro de 1974 para a apresentação da proposta. O relatório “Anteprojeto de Implantação do Centro Nacional de Trigo” efetivamente foi apresentado em setembro de 1974, sugerindo Passo Fundo para sediar a nova unidade de pesquisa da Embrapa, e deu sustentação ao documento que estamos batizando de Livro Verde da Embrapa Trigo; propriamente o “Projeto de Implantação do Centro Nacional de Pesquisa de Trigo”.

Estes dois documentos, Anteprojeto e Projeto, são provas da competência e do pensamento estratégico dos membros do grupo de trabalho em pensarem e planejarem uma nova forma de atuação da pesquisa em trigo no Brasil. A tal ponto que, ainda hoje, guardadas as proporções dos problemas levantados na época e dos novos desafios que surgiram, pode-se dizer que permanecem atualizados e relevantes. E mais: permitem que seja mensurado o avanço alcançado nesses 40 anos, dimensionando o papel da ciência, da tecnologia e da inovação (CT&I) no desempenho da atual triticultura brasileira, demonstrando o muito que foi feito e o que ainda precisa ser feito.

O Livro Verde da Embrapa Trigo, em apertada síntese, contempla os seguintes itens: análise dos problemas que limitam a cultura do trigo no Brasil; filosofia dos programas de pesquisa; atividades satélites de pesquisa (em outras regiões do País), necessidade de pessoal (técnico, administrativo e suporte técnico) e cronograma de implantação e proposta orçamentária.

A orientação estratégica de promover pesquisas que visavam à solução de problemas reais da agricultura brasileira e o estímulo ao trabalho em equipe, combinando a concentração de especialidades científicas, atuação em todo o território nacional e formação de parcerias com entidades estaduais, setor privado e universidades renderam bons frutos. Os membros do grupo de trabalhos atuaram como profetas, ainda que em vez de previsão tenham optado por uma proposta de construção de um novo futuro para a triticultura brasileira. Hoje, na posição privilegiada de narrador dessa história, fica fácil ver que acertaram na maioria das coisas e que em poucas (poucas, mesmo!) se equivocaram.

Data : 22/05/2015

Título : O magnífico senhor leitor

Categoria: Artigos

Descrição: A cena é comum em feiras de livros e eventos literários variados. Nas chamadas sessões de autógrafos, autores consagrados ou nem tanto, gentilmente distribuem dedicatórias e assinaturas nas suas obras.

Sexta-Feira, 22/05/2015 às 08:00, por Gilberto Cunha

A cena é comum em feiras de livros e eventos literários variados. Nas chamadas sessões de autógrafos, autores consagrados ou nem tanto, gentilmente distribuem dedicatórias e assinaturas nas suas obras. A reflexão é inevitável: afinal, quem é a figura mais importante nessa relação escritor-leitor? Para a vasta maioria das pessoas parece evidente: o escritor é a figura central e os leitores formam a fila dos súditos.

A questão é discutível. Afinal, na relação escritor-leitor, um não existe sem o outro, pelo menos comercialmente. Talvez, por isso, o mais justo fosse uma troca recíproca de autógrafos. Mas, nesse jogo, entra também a questão da idolatria, e aí o assunto descamba para um terreno do comportamento humano que não possui argumentos suficientes para opinar. Para o editor e o livreiro, apesar de todas as reverências que dedicam aos escritores, o leitor é essencial na viabilização dos seus negócios. E, para o escritor, também não é muito diferente. Não basta escrever. Poucos escrevem apenas por escrever. Seja lá porque motivações escrevem, a expectativa é que alguém leia.

Eu não tenho dúvidas: o leitor é a figura mais importante. Ler é posterior ao ato de escrever. E, por mais contraditória que possa parecer essa opinião, a leitura pode ser considerada uma atitude muito mais resignada, mais civilizada e mais intelectualizada do que a escrita. Não é por nada a extrema preocupação que o consagrado grupo de professores do curso de Letras da Universidade de Passo

Fundo devota à formação de leitores. Estão aí os seus projetos de sucesso, popularizados pelas Jornadas Literárias e nos veículos de comunicação, que atendem por nomes tipo “Mundo da Leitura”, “Práticas leitoras...” e tantos outros do mesmo gênero. E o reflexo dessas propostas na formação dos novos estudantes das escolas de Passo Fundo é perceptível. De uma forma ou de outra, conscientes ou não, os professores acabam internalizando essas ideias e levando-as para as salas de aula, criando a motivação e o hábito da leitura nas crianças. O quê, sem a menor relutância, acabará por formar alunos com melhor preparo do que seus congêneres no passado.

Quantas opiniões que expressamos e sobre as quais não temos qualquer outro direito que não o de leitor. Somos o reflexo daquilo que lemos, com as devidas moldagens do ambiente. E isto é válido para tudo, particularmente naquilo que escrevemos. Eis mais um forte argumento para a valorização do leitor. É a leitura diversificada que vai possibilitar a formação de indivíduos com opinião própria e capacidade de expressão de ideias. E que não se confunda leitor com comprador de livros, embora essas figuras sejam quase sempre indissociáveis. Falo em leitor no sentido amplo, desde jornais, revistas, livros etc. até bulas de medicamento.

Essa ideia de que o bom leitor é mais importante que o escritor não é minha. Ela é de Jorge Luis Borges. Pode ser encontrada, entre outros tantos textos desse notável escritor argentino, no prefácio da primeira edição da sua “Historia Universal de la Infamia”, de 1935.

P.S.: Nesse momento, em que, tudo indica, sem alternativas, em meio à crise econômica que assola o Brasil, não restou outra opção à Universidade de Passo Fundo, que não o cancelamento da 16ª edição da Jornada Nacional de Literatura, a Academia Passo-Fundense de Letras, respeitosamente, rende a sua solidariedade ao magnífico senhor reitor da UPF, Prof. José Carlos Carles de Souza, e à coordenadora das Jornadas Literárias, Profa. Tania Rösing. Sejamos compreensíveis e sensatos, nessa hora difícil para os envolvidos diretamente com a decisão, pois, assim esperamos, não foi decretada a morte das Jornadas Literárias de Passo Fundo, mas apenas um adiamento. Esse monumental projeto de formação de leitores, que personifica como poucos a metáfora *Liber Naturae* (livro-mundo), não vai acabar!

Data : 11/05/2011

Título : O making of da ciência segundo Jim Watson

Categoria: Artigos

Descrição: Making of é um jargão usado pelo pessoal que atua na área de comunicação para se referir aos bastidores da produção de um programa de TV, de um filme, de uma peça de teatro, etc.

O making of da ciência segundo Jim Watson

por Gilberto Cunha

Making of é um jargão usado pelo pessoal que atua na área de comunicação para se referir aos bastidores da produção de um programa de TV, de um filme, de uma peça de teatro, etc. Quase sempre, envolve o registro em vídeo, com som e imagem, de como as coisas são feitas. É com o significado de “feitura” ou “processo de fazer algo” que esse anglicismo se presta sobremaneira, em minha opinião, para caracterizar os ensaios e livros escritos por James D. Watson sobre os bastidores da prática científica em geral a partir de experiências vividas por ele, acima de tudo, na corrida pela descoberta da estrutura do DNA.

Jim Watson, como é conhecido nos meios acadêmicos, mesmo sendo um ícone, não é unanimidade na comunidade científica. Algo natural, em um ambiente competitivo, em se tratando de alguém de personalidade e opiniões fortes, que, aos 25 anos foi protagonista de uma das maiores revelações científicas do século 20, aos 34 anos recebeu o Prêmio Nobel de Fisiologia/Medicina, pela descoberta estrutura do DNA, e, aos 40, virou autor de bestseller com o livro “The Double Helix”. Além de ter sido professor em Harvard, dirigido, de 1968 a 1993, o laboratório Cold Spring Harbor (Nova York), atuado como primeiro diretor do programa de sequenciamento do genoma humano (1989-1992), ser membro da Academia Nacional de Ciências dos EUA e da Royal Society, etc. Em síntese, partindo de quem fez contribuições científicas relevantes e que atuou como gestor e burocrata da ciência, os seus ensaios e livros sobre regras práticas para alguém ser bem sucedido como cientista deveriam ser leituras obrigatórias para estudantes e iniciantes (ou nem tanto) em ciência, tecnologia e inovação. Incluo-os na categoria de textos e autores que, se lidos no momento certo, podem condicionar destinos e definir escolhas, sejam essas na vida pessoal ou profissionalmente.

Watson ensina que tentar imitar pessoas bem-sucedidas pode ser um começo. Aos 23 anos, com um título de Ph.D. e em busca de algo relevante em ciência, diz que tentou entender a forma como Linus Pauling pensava. Agindo assim, imaginou que conseguiria, pelo menos, escrever artigos científicos tão bons quanto os de Pauling. Foi além, pois, inclusive, em parceria com Francis Crick, superou Linus Pauling na corrida pela descoberta da estrutura do DNA. Depois de ter lido *The Great Gatsby* teve o sonho de escrever tão bem quanto Scott Fitzgerald, uma vez que Jay Gatsby era parcialmente uma fraude e, para alguns cientistas, ele não era muito mais que isso. O objetivo: publicar um livro ao estilo Schrödinger, “What Is Life?”, mas com o título pretensioso de “This is Life”. Não virou um Fitzgerald, mas foi sucesso em vendas com “The Double Helix”, de 1968, que contempla o seu relato pessoal dos bastidores da descoberta da estrutura do DNA. Ironizando os críticos, disse que, depois do “The Double Helix”, inclusive, muitos chegaram a cogitar a possibilidade de ele ganhar um segundo Prêmio Nobel, dessa vez o de literatura.

Não basta ser inteligente em ciência, destaca Jim Watson. Há muitas pessoas brilhantes que não chegam a lugar algum na vida. Na visão dele, o sucesso alcançado é também um pouco mais que meramente uma questão sorte. É preciso combinar inteligência com vontade de não seguir convenções, quando essas bloqueiam o caminho. Há sempre boas e novas idéias para se ir em frente.

Ser rápido é fundamental, embora a preparação do experimento crucial possa levar vários anos. Não se pode ficar satisfeito em repetir o resultado já encontrado por outros. Afinal, ninguém lembra o nome do segundo a escalar o pico de uma montanha.

Entre as regras práticas para o dia a dia dos cientistas, Jim Watson, no livro “Avoid boring people” faz referência que se evite pessoas burras e chatas. Gente cuja visão de mundo não vai além dos domínios da sua especialidade. Eu complementaria dizendo que se evite, acima de tudo, aqueles que, por deformação de caráter, não hesitam em atribuir a terceiros as causas das suas frustrações.

O Nacional

Quarta-Feira, 11/05/2011

Data : 20/07/2018

Título : O Menino da Fragata

Categoria: Artigos

Nas ruas de chão batido da Fragata, o bairro popular de Pelotas, RS, o menino, que produzia verduras e entregava leite nas casas, para ajudar na renda familiar, ouvia com atenção o conselho do pai: “meu filho, se queres ser alguém e ter utilidade na vida, estuda!” Aquela criança, cujo padrão de inteligência destoava das demais e que já sabia ler antes de entrar na escola, seguiu à risca a orientação paterna. Vanderlei da Rosa Caetano ingressou no Colégio Agrícola Visconde da Graça (CaVG). Trabalhou na Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural – ASCAR e, em 1963, entrou no curso de Agronomia da Universidade Rural do Sul (atual UFPel). Entre 1967 e 1973, trabalhou como pesquisador do Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuária do Sul. Obteve o título de doutor em Agronomia-Virologia pela Universidade de São Paulo, em 1972. Passou pela empresa Eli Lilly do Brasil Ltda., entre 1973 e 1975. E, desde 1975, trabalha como pesquisador da Embrapa, no Centro de Pesquisa Agropecuária de Clima Temperado, em Pelotas.

Ao longo de uma carreira que ultrapassa 50 anos de dedicação à pesquisa científica, o Dr. Vanderlei da Rosa Caetano fez coisas relevantes e, seguindo o vaticínio do pai, conseguiu ser útil na vida. Em 2018, são completados 50 anos do diagnóstico do vírus do nanismo amarelo da cevada e 40 do vírus do mosaico comum em trigo no Brasil. Duas façanhas notáveis do Menino da Fragata!

Nas diferentes regiões do mundo, onde são cultivados cereais de inverno, entre as doenças originadas por vírus, merece destaque, pelos prejuízos econômicos advindos, o chamado “nanismo amarelo”, cujo agente causal é o Barley yellow dwarf virus (BYDV), que, no nosso meio, é chamado de Vírus do Nanismo Amarelo da Cevada (VNAC). O agente causal da “amarelidão dos trigos”, cujo primeiro registro no sul do Brasil data de 1929, foi descrito pelo Dr. Caetano, em trabalho que publicou em 1968 (Revista da Sociedade Brasileira de Fitopatologia. v.2, p.53-66, 1968).

Os estudos realizados pelo Dr. Caetano são um marco da pesquisa científica com estes vírus no Brasil, contemplando espécies vegetais hospedeiras, estudos de transmissão por espécies de afídeos vetores (pulgões), caracterização de estirpes do vírus, sintomatologia, epidemiologia, importância econômica e avaliação da reação de genótipos de trigo ao BYDV. Cabe destacar ainda, que, junto com o seu irmão, Dr. Veslei da Rosa Caetano, também pesquisador da Embrapa, foram realizados estudos sobre a flutuação das populações de afídeos vetores. Dessas avaliações prévias da reação de plantas ao BYDV, selecionaram-se genótipos que serviram de fonte de resistência (tolerância) para os diversos programas de melhoramento genético de trigo no Brasil.

Outra importante virose de trigo no Brasil - o mosaico comum do trigo, que é internacionalmente conhecida como Soil-borne Wheat Mosaic Disease (SBWM) - foi diagnosticada pelo Dr. Caetano, no final dos anos 1970. Uma série de estudos e observações culminou no trabalho seminal publicado em 1978 (Fitopatologia brasileira, v.3, n. 1, p.39 – 46, 1978).

Na área de melhoramento genético de trigo no Brasil, o Dr. Caetano, além da identificação de fontes de resistência (tolerância) a viroses, também tem se preocupado com a aplicação do enfoque sistêmico, que envolve o princípio da coevolução entre sistemas de produção e genética, na criação de germoplasma desse cereal. Buscou um novo padrão de planta, com porte baixo, espigas grandes, folhas eretas, colmos cheios, stay-green (manutenção de folhas verdes em estádios avançados de maturação) e resistência a múltiplas doenças, que tem servido de plataforma genética para a criação de algumas cultivares de trigo da Embrapa.

Vanderlei da Rosa Caetano é um cientista que, apesar das contribuições relevantes que produziu, prima pela humildade. A ele, em nome da comunidade científica que atua em pesquisa de trigo no Brasil, rendemos os nossos respeitos! (o colunista reconhece a colaboração do Dr. Douglas Lau para a produção desse texto.)

Data : 31/05/2011

Título : O menino que desenhava

Categoria: Artigos

Descrição: Recorda quando uma pessoa próxima à família vendeu a enciclopédia "Novo Conhecer" a sua mãe.

O menino que desenhava

Leandro Malósi Dóro nasceu em Passo Fundo (RS), em 25 de outubro de 1975. Filho de Hilda Malósi Dóro e netode Elvirase lembra das primeiras revistas em quadrinhos -Disney e Maurício de Sousa - que ganhava nos primeiros anos da infância. Foi alfabetizado com essas mesmas publicações.

Recorda quando uma pessoa próxima à família vendeu a enciclopédia "Novo Conhecer" a sua mãe. E, mais ainda, da recomendação de não ler ainda esses volumes, pois poderia rasgá-los ou riscá-los. Esse foi o maior estímulo para que, ao invés de destruir os volumes, tentasse lê-los. E conseguiu, amparado pelas ilustrações em aquarela ou óleo, que o fascinavam, assim como admirava as coleções: Enciclopédia da Natureza e Reino Colorido da Criança - Imagem e Som.

Aos 11 anos, familiares descobriram que a perna esquerda de Leandro estava se curvando. Após consultar dezenas de médicos, sofreu uma série de três cirurgias, uma por ano, que o deixaram de cama cerca de três a quatro meses por intervenção. Esse período. Leandro ocupou lendo livros de aventura e revistas em quadrinhos, além de começar a desenhar, atividade que o acompanha vida afora.

Começou copiando revistas em quadrinhos, e breve passou a inventar seus próprios roteiros e personagens. Aos 16 anos, procurou matricular-se em cursos de desenho. Porém, encontrou apenas um curso de pintura de "óleo sobre tela", que não cursou.

Aos 17, finalmente, achou um curso de desenho. Todavia, o professor faleceu às vésperas de começarem as aulas. A proprietária do curso propôs que Leandro buscasse uma certificação em desenho para, então, começar a lecionar. Ele recusou a oferta, por acreditar saber ainda muito pouco para ensinar.

Freqüentador diário de bibliotecas, desde a infância, passou então a criar uma história em quadrinhos, infantil, sobre a origem de Passo Fundo, apresentando ao seu amigo e orientador. Alexandre Oliveira, à época chargista do Diário da Manhã e atualmente do Diário Gaúcho. Leandro pesquisou Antonino Xavier e Oliveira e demais historiadores.

Após concluir mais de 20 páginas, tentou, sem sucesso, interessados em publicá-la. Encontrou, entretanto, uma pessoa que gostou de seu trabalho:

Zulmara Colussi, editora do jornal O Nacional, que o contratou como desenhista do Caderno da Criança, que circulava aos domingos. Poucas semanas depois, o cartunista Geraldo Fernandes cedeu alguns dias de seu espaço no jornal, para que aquele jovem pudesse mostrar seu trabalho.

Assim Dóro, como assinava seu nome desde então, trabalhou ali por quatro anos, criando inúmeras amizades, de 1993 a 1996. Saiu para trabalhar primeiro com o jornalista Ivaldino Tasca, na editora Aldeia Sul - onde consolidou sua paixão pelo jornalismo. Depois, como funcionário, na fundação do Museu de Artes Visuais Ruth Schneider, administrado por Roseli Doleski Pretto (in memoriam), e apoiado pela professora Tania Rósing, que há anos o auxiliava, permitindo, inclusive, que conhecesse artistas nas jornadas de literatura, para aprimorar seu trabalho.

Deixou o museu no mesmo ano para assumir a função de jornalista no jornal Diário da Manhã, a convite do editor Alvaro Dalmagro, ex-colega em O Nacional. Trabalhou no Diário até 2001.

Em paralelo, colaborava nos primeiros sites da cidade, em especial, o www.passofundo.com extinto em 2001, devido a um processo julgado a revelia. Ali publicava crônicas, contos, histórias em quadrinhos e fez pequenas animações, em parceria com os programadores da página.

Nessa época, começou o curso de Jornalismo, na UPF, e Dóro tornou-se assessor de imprensa do Diretório Central de Estudantes, editando um jornal mensal. Ainda colaborava em programas da Rádio Passo Fundo. Em 2001, mudou-se para Porto Alegre, fazendo cobertura do 1º Fórum Social Mundial. Lançou a revista infantil Gauchinho, distribuída na rede Comercial Zaffali por três anos. Na mesma época, passou a desenvolver oficinas de histórias em quadrinhos, de charge e cartum, em diversas semanas acadêmicas de faculdades de Comunicação Social. Em 2002 e 2003, expôs no site Ciranda.net. também do Fórum Social Mundial. Em 2004, ganhou o concurso de charges do Canal Rural.

Passou a integrar a Grafistas Associados do Rio Grande do Sul - grupo fundado por Edgar Vasques e Santiago.

Em 2005, participou de exposição de cartunistas brasileiros em St. Just de Le Martell, na França - exposição esta que concorreu ao Prêmio HQ Mix, o Oscar da arte gráfica aplicada brasileira.

Foi um dos organizadores e participantes do livro Edição de Risco, que reúne 32 cartunistas gaúchos - primeira iniciativa neste sentido desde o lançamento dos livros QI 14 e 14 BIS, em 1975 e 1976, respectivamente. Ganhou o terceiro lugar no concurso "Sabbis" de Desenho Animado.

Em 2006, expôs em Frankfurt e Portugal, durante a Copa do Mundo de Futebol. Ainda participou de mostra na Bosnia Herzegovina, Santa Maria, Rio Grande e Bento Gonçalves - essa última na Fenavinho Brasil. Integrou exposição sobre humor e livros, e participou de mural em homenagem a Mário Quintana, ambos na Casa de Cultura Mario Quintana, em Porto Alegre. Lançou a ficção baseada em fatos reais "Revolta dos Motoqueiros".

Em 2007, fez a revista em quadrinhos "Tempero Verde". Atualmente, trabalha com assessoria de imprensa, tem doze pequenos livros publicados no site

www.bookess.com. Participou de publicações nacionais, como a revista Front. Ganhou o concurso de contos de ficção científica PCdoB. Expôs na Bienal B. em Porto Alegre, e fez individuais em Passo Fundo (RS).

Leandro Dóro admite como suas principais influências: Adão Iturrusgarai. Angeli. Bill Sienkiewicz. Cari Barks. Edgar Vasques. Frank Miller. Joe Sacco. Glauco. Laerte. Marcatti. Maurício de Sousa. Mozart Couto. Mike Deodato. Robert Crumb. Santiago e Will Eisner.

Atende, como ilustrador independente, clientes como Net TV. Thiessen Krupp Elevadores. AES Brasil. Dass Sul. entre outras.

Mantém os sites:

<http://contosemquadrinhos.blogspot.com.br>

<http://arteparapublicidade.blogspot.com>

<http://parapublicidade.blogspot.com>.

<http://leandriodalosidoro.blogspot.com>.

<http://meiguinhaepolentinha.blogspot.com>.

<http://leandrodoro.zip.net>.

(Organizado por C. R. CUNHA)

Da Revista

Água da Fonte

31/05/2011

Data : 11/05/2018

Título : O mestre da literatura comparada

Categoria: Artigos

A arte da compreensão das possibilidades e das impossibilidades da tradução de uma obra literária, ainda que soe demasiadamente simples, até que pode ser uma boa síntese do que se entende por literatura comparada. É isso e também um pouco mais; evidentemente. Mas, de fato, não é literatura comparada o entendimento, tão em voga em alguns cursos de Letras, em que tem sido reservado a essa disciplina o papel de apenas assegurar a leitura das ditas obras fundamentais da literatura universal para a formação dos alunos.

George Steiner, o intelectual de escol, que nasceu na França e foi educado nos EUA e na Inglaterra, é o grande mestre da literatura comparada. Quer seja nos seus livros de ensaios, nas suas críticas literárias e nos cursos que ministrou nas universidades de Cambridge, Oxford, Stanford, Princeton, Yale, Harvard, Genebra e outras mais, a temática da literatura comparada sempre se sobressaiu. Para Steiner, literatura comparada é, entre outras coisas, uma arte rigorosa e exigente de leitura. Um estilo de ouvir ou ler atos de linguagem que privilegia os componentes desses atos. E, mesmo que esses componentes não sejam negligenciados em qualquer outro modo de estudo literário, a grande diferença é que, na literatura comparada, eles são privilegiados.

Ler é comparar, resumiu George Steiner, no ensaio “O que é literatura comparada?”, que reúne o conteúdo da aula inaugural que proferiu na Universidade Oxford, em 1994. Linguisticamente falando, argumenta Steiner, apossamo-nos das palavras e fazemos uso delas tomando por base o que diferencia aquelas palavras das demais que conhecemos. E, no caso da poesia, por exemplo, o choque sobrevém quando a linguagem do poeta nos faz reconhecer algo que não sabíamos que conhecíamos. Eu, nesse ponto, sugiro uma pausa para reflexão sobre o que foi posto, antes de continuares nessa leitura apressada, prezado leitor! Reitero: reflita sobre a importância de “reconhecer algo que não sabíamos que conhecíamos”.

A primazia da leitura é o que prega Steiner. Ler, em essência, a obra, e não, ainda que muito úteis, apenas os livros de comentadores dessa obra. Todavia, apesar do que foi posto, não se pode ignorar a importância das obras dos comentadores, pois, através delas, podemos, inclusive, ser influenciados por livros que nunca lemos (mas ouvimos falar à exaustão). Ler (ou reler) os clássicos, reitera Steiner, é imprescindível, uma vez que qualquer obra sempre nos precede. Os antigos ainda (e sempre) são novidades. É impossível, por exemplo, a prática da psicanálise sem Narciso, Electra, Édipo etc.

A leitura de Shakespeare, o misterioso cânone da literatura ocidental, é considerada por George Steiner como primordial. O Bardo escrevia com tamanha espontaneidade que, incrivelmente, quase tudo que permeia o nosso dia a dia pode ser recolhido nas suas obras. Pense que Shakespeare, sem nunca ter estado naquelas cidades, criou Veneza (em *O Mercador de Veneza*) e Verona (em *Romeu e Julieta*) quando elas já existiam. Shakespeare, há quem admita, forjou a história inglesa. Os reis são de Shakespeare, as batalhas são Shakespeare, etc. O nossos ciúmes são de Otelo, as nossas senilidades são de Lear e as nossas ambições são as de Macbeth; destacou Steiner. Que entender como é possível alguém criar aquilo que já existia? Leia Shakespeare. Eis porque Aristóteles, ao ter afirmado “a poesia é mais verdadeira do que a história”, soa atual.

Ler, com o espírito da literatura comparada apregoado por Steiner, pode possibilitar que se chegue, inclusive, ao milagre da tradução magistral, mesmo sem qualquer conhecimento da língua original da obra. Isso é muito comum no

mundo acadêmico em que, não raro, alguém se vê diante da obrigação da leitura de artigos ou livros publicados em línguas diferentes da sua. Evidentemente que, em muitos casos, a leitura é feita, não importando o idioma do texto, na língua materna do leitor. Abra um bom dicionário e tente. É só começar, você verá que é fácil!

Data : 09/06/2017

Título : O monge no jardim

Categoria: Artigos

Descrição: Os monges da Ordem de Santo Agostinho podem ter vivido dias melhores na abadia de pedra no alto do morro, no centro de Brno (na atual República Tcheca)...

Os monges da Ordem de Santo Agostinho podem ter vivido dias melhores na abadia de pedra no alto do morro, no centro de Brno (na atual República Tcheca), mas foi por terem caído em desgraça com o imperador José II, em 1783, ao serem transferidos para uma estrutura em ruínas na base do morro, na velha Brno, que efetivamente entraram para a história da ciência. No jardim do antigo monastério, que datava do século 14 e até então fora destinado a mulheres, Johann Mendel (que assumiu o nome de Gregor no meio dos agostinianos), ingressou, em 1834, na abadia onde realizaria os clássicos experimentos com ervilhas, que, post-mortem, lhe assegurariam a notoriedade como o “Pai da Genética”, pelo descobrimento das leis básicas da hereditariedade: as famosas Leis de Mendel sobre segregação e recombinação independente de genes.

Em um artigo de 44 páginas, publicado em 1866, a partir das duas conferências que realizara, no ano anterior, em dois encontros da Sociedade de História Natural de Brno, Mendel deixou expressa a sua magna contribuição, que, para estranhamento dos historiadores da ciência, até 1899, receberia apenas quatro citações, segundo alguns, ou, menos de 15, conforme outros. Essa foi a sua derradeira e deveras relevante contribuição para a biologia, pois, em 1868, Mendel, tendo sido escolhido abade do mosteiro e, a partir de então, envolvido apenas com tarefas administrativas, abandonaria as pesquisas de vez, vivendo com discrição até a morte, ocorrida em 6 de janeiro de 1884.

Mendel, o obscuro monge agostiniano, que em vida fora ignorado pelos contemporâneos, teve o seu trabalho redescoberto, admite-se que de forma independente, apesar de pouco provável, via a publicação de três artigos, num prazo de três meses, em 1900, pelo holandês Hugo de Vries, pelo alemão Carl Correns e pelo austríaco Erich von Tschermak. Esses mencionados artigos convergiram para os mesmos resultados que haviam sido publicados por Mendel

em 1866. O episódio, que ficou conhecido como a “Redescoberta das Leis de Mendel”, determinaria o começo do reinado de Mendel na biologia moderna, que atravessou o século 20, não sem ataques, frise-se, e perdura até os nossos dias.

Mas, efetivamente, foi o proselitismo de William Bateson, que, em 1905, inclusive, foi quem usou, pela primeira vez, a palavra Genética para definir a ciência que cuidava da hereditariedade, que se encarregaria da missão de que Mendel nunca mais fosse ignorado nas ciências biológicas.

De um lado, William Bateson, o “Buldogue de Mendel”, e do outro, Sir Ronald Aylmer Fisher, o “Doutor de Oxbridge”. Dois gigantes do pensamento científico do século 20 envolvidos em um debate cujo centro era Mendel. Um idolatrando e outro atacando. R. A. Fisher, renomado geneticista e estatístico de Rothamsted, que nos legou a técnica da análise da variância (ANOVA) para interpretação de dados experimentais, começou o ataque, em memorável conferência realizada na Universidade de Cambridge, em 1911, que depois aprofundaria em laudatório artigo publicado em 1936 (Has Mendel’s work been rediscovered?); dando início a um acirrado questionamento dos dados de Mendel, que levaria a um embate apaixonado nos meios científicos, que se estende até os nossos dias.

Segundo R. A. Fisher, os dados apresentados por Mendel se ajustam tão bem as razões esperadas – as clássicas relações 3:1 ou 9:3: 3:1; para um e dois caracteres e dominância completa – que são poucos críveis que tenham sido obtidos experimentalmente. Esses resultados, conforme Fisher, reproduzindo-se os experimentos de Mendel, somente seriam passíveis de obtenção três vezes a cada 100 mil tentativas ($p \leq 0,99997$). Estava posta a dúvida: teria o bom monge agostiniano falseado os dados para ajustá-los às relações divulgadas? Ou, conforme supõe Fischer, um auxiliar prestimoso, apiedado de Mendel, se encarregou de produzir os dados para que não contrariassem aquilo que o mestre esperava?

Nem uma coisa e nem outra. Mas, como o espaço acabou, retomaremos na próxima coluna. (...CONTINUA)

Data : 02/09/2016

Título : O mundo da ciência e suas idiossincrasias

Categoria: Artigos

Descrição: A ciência evolui corrigindo os erros que vão sendo acumulados ao longo da trilha do tempo.

A ciência evolui corrigindo os erros que vão sendo acumulados ao longo da trilha do tempo. Os erros surgem pela incapacidade humana de conhecer plenamente o mundo empírico que nos rodeia ou quando são adotados e prevalecem

prejulgamentos equivocados sobre a realidade das coisas. A falta de referencial teórico ou de aparato tecnológico para viabilizar a refutação experimental ou teórica de hipóteses, não raro, ajuda a perpetuar verdadeiras aberrações que são tidas como corretas. Isso posto, pode aparentar que o progresso científico é dependente de ideias novas e que ideias novas são sempre bem-vindas no mundo da ciência. Será que é bem assim?

Dois estudos relativamente recentes – “Does Science Advance One Funeral at a Time?”, assinado por Pierre Azoulay, Christian Fons-Rosen e Joshua S. Graff Zivin, e “Bias against Novelty in Science: A Cautionary Tale for Users of Bibliometric Indicators”, de Jian Wang, Reinhilde Veugelers e Paula Stephan – que estão disponíveis para download gratuito no sitio internet do The National Bureau of Economic Research (<http://www.nber.org>) mostra que a realidade pode ser outra e que ideias novas nem sempre são muito bem-vindas no seio das corporações científicas e entre os membros dos colégios invisíveis que se estabelecem nos meios acadêmicos.

O primeiro estudo destaca que a presença de cientistas proeminentes em determinadas áreas do conhecimento em vez de incentivarem a entrada de novos pesquisadores no seu campo de atuação, não raro, pelo seu comportamento, desencorajam quem tem ideias diferentes das suas. O questionamento explicitado no título do artigo lembra o vaticínio genial de Max Planck que “uma nova verdade científica não triunfa pelo convencimento dos seus oponentes e nem se fazendo com que eles vejam a luz, mas sim porque esses oponentes eventualmente morrem e uma nova geração cresce já familiarizada com a nova teoria”. Em outras palavras, Max Planck disse que a ciência avança de funeral em funeral, ou, se preferirem, numa versão mais literal, a cada funeral. Os autores do artigo, para testar a hipótese de trabalho, usaram o caso de 452 acadêmicos considerados eminências nos meios científicos e que, por variadas circunstâncias, morreram prematuramente, antes de entrarem na fase de pré-aposentadoria ou de passarem a ocupar cargos administrativos. A conclusão foi que à sombra desses eminentes cientistas orbitavam os colaboradores que, depois da morte desses, perderam espaço e outros grupos, que, em geral pensavam algo diferente, ganharam maior relevância em publicações especializadas e na obtenção de financiamentos de projetos de pesquisa nas agencias de fomento, até então dominadas pela mão invisível do pensamento do cientista falecido. A tática usada para a rejeição ao novo não é tão óbvia e evidente no mundo acadêmico, mas são poucos os que ousam desafiar o pensamento dos luminares. A recompensa pela ousadia pode ser grande e, não raro, o custo maior ainda.

O segundo estudo lidou com o viés que há na comunidade científica em relação a ideias novas, especialmente no campo das citações bibliográficas, e na escolha de temas para dissertações e teses ou projetos de pesquisa, que, na teoria, deveriam primar pela originalidade e pela busca do avanço no conhecimento. O diferente, ainda que relevante, não costuma florescer de imediato e nem receber reconhecimento no curto prazo. Realizar uma pesquisa acadêmica baseada no novo, primando pela busca de inovação, pode levar a resultados de grande impacto, mas também carrega a incerteza de que não seja alcançado qualquer impacto. E, apesar da atrativa relação “risco alto/ganho alto”, num meio dominado pela tirania das métricas de produtividade acadêmica, nem

todos estão dispostos a ousar ou esperar pelo reconhecimento de originalidade que, em geral, vem tardiamente.

Eis duas idiossincrasias que lembram o paradoxo da estupidez funcional que desencoraja o “pensar diferente” no mundo acadêmico.

Data : 04/10/2016

Título : O nascimento do leitor

Categoria: Artigos

Quando Roland Barthes (1915-1980), em ensaio antológico de 1968, vaticinou a morte do autor, há quem entenda, não sem controvérsias, que, ao mesmo tempo, ele decretou o nascimento do leitor. Barthes foi taxativo ao concluir: “o nascimento do leitor tem de pagar-se com a morte do autor”. Então autor morto, leitor posto. Não, a questão não é tão simples assim e nem prescinde de uma argumentação teórica um pouco mais robusta.

Entender Barthes e seu ensaio “A morte do autor”, exige retroceder mais além das contestações de quase tudo dos anos 1960, de Paris e as manifestações de 1968. Requer compreensão que a valoração autoral, travestida de prestígio pessoal, se não começou no Renascimento, ganhou força com os artistas que fizeram as famosas obras daquele período, que se expandiu com o romantismo do século 18 e atingiria o ápice com o positivismo, no final do século 19 e começo do século 20. Hoje, como personagem dos tempos modernos e contemporâneos, apesar de Roland Barthes, o autor ainda reina absoluto nos manuais de história da literatura de cunho positivista, nas biografias de escritores, nas entrevistas nos espaços dedicados à literatura nos veículos de comunicação e no imaginário dos fãs que tem a preocupação de juntar pessoa (autor) e obra. Não obstante a relevância de um texto não residir na sua origem (o autor), mas sim no seu destino (o leitor).

Tirar o autor do altar foi o que intentou Roland Barthes. Se conseguiu ou não é outra coisa, valeu a intenção de colocar o leitor no lugar merecido nesse pedestal. Em todos os sentidos, para Barthes, é a linguagem que fala e não o autor, é a linguagem que atua e não o Eu do autor. A ponto de questionar de quem é a voz que fala no texto. A escrita (o texto) significa a destruição de quem escreve. Não é que Barthes negue a existência do autor como ente físico (o homem), mas rejeita a relevância do autor para a interpretação dos signos da linguagem em um texto literário. Apagou a figura do autor em proveito do escritor, que morre ou encerra seu papel quando o texto é posto em circulação. É o leitor,

essa nova figura que surge com a morte do autor, que vai dar a um texto as suas múltiplas significações.

Sob a égide do paradigma hermenêutico se busca explicar as idiossincrasias de uma obra em função do homem/autor (das suas peculiaridades pessoais, dos seus pensamentos, dos seus sentimentos, da sua ideologia políticas e também das suas circunstâncias pessoais). A crítica de Barthes recai em refutar os aspectos dogmáticos, dando sentido à morte do autor como morte do sujeito, que rivaliza, em certos aspectos, com a morte de Deus (no sentido sociológico) proclamada por Nietzsche. Uma tendência que teve sequência com os chamados pensadores pós-modernos e suas teses desconstrucionistas, que buscavam desbancar o autor em proveito do leitor.

A negação do autor, ainda que seja legítima como opção ideológica ou estética, é algo indefensável epistemologicamente. Talvez seja hora de reabilitar a figura do autor, reinterpretando o seu papel, buscando recolocá-lo no mesmo plano teórico que o leitor. Inegavelmente, em qualquer texto literário, o autor está implicado. E essa implicação vai desde o estilo, que torna inerente a autoria ao texto. Ainda que esse autor implicado ou implícito seja diferente do autor genético, bem ao estilo criador e criatura.

São muitos os entendimentos de autor. Desde o autor efetivo, aquele que faz (que pode ser diferente do homem e do escritor), que se transmuta no texto enquanto cria, projetando-se nele de forma indireta e implícita (o autor implicado) ou de maneira direta e explícita (o autor representado), passando pelos homólogos de escritor e artista, que dão forma a uma imagem de autor (o autor intuído) até o autor propriamente construído a partir de textos que circulam sobre ele (o autor socializado).

A 30ª edição da Feira do Livro de Passo Fundo, que começa hoje no Bourbon Shopping, é uma excelente maternidade de leitores.

Data : 18/04/2014

Título : O nascimento do leitor

Categoria: Artigos

Quando Roland Barthes (1915-1980), em ensaio antológico de 1968, vaticinou a morte do autor, há quem entenda, não sem controvérsias, que, ao mesmo tempo ele decretou o nascimento do leitor. Barthes foi taxativo ao concluir: “o nascimento do leitor tem de pagar-se com a morte do Autor”. Então autor morto, leitor posto. Não, a questão não é tão simples assim e nem prescinde de uma argumentação teórica um pouco mais robusta.

Entender Barthes e seu ensaio “A morte do autor”, exige retroceder mais além das contestações de quase tudo dos anos 1960, de Paris e as manifestações de 1968. Requer compreensão que a valorização autoral, travestida de prestígio pessoal, se não começou ali, ganhou força com a valorização dos artistas que fizeram as famosas obras renascentistas, que se expandiu com o romantismo do século 18 e atingiria o ápice com o positivismo, no final do século 19 e começo do século 20. Hoje, como personagem dos tempos modernos e contemporâneos, apesar de Roland Barthes, o autor ainda reina absoluto nos manuais de história da literatura de cunho positivista, nas biografias de escritores, nas entrevistas nos espaços dedicados à literatura nos veículos de comunicação e no imaginário dos fãs que tem a preocupação de juntar pessoa (autor) e obra. Não obstante a relevância de um texto não residir na sua origem (o autor), mas sim no seu destino (o leitor).

Tirar o autor do altar foi o que intentou Roland Barthes. Se conseguiu ou não é outra coisa, valeu a intenção de colocar o leitor no lugar merecido nesse pedestal. Em todos os sentidos, para Barthes, é a linguagem que fala e não o autor, é a linguagem que atua e não o Eu do autor. A ponto de questionar de quem é a voz que fala no texto. A escrita (o texto) significa a destruição de quem escreve. Não é que Barthes negue a existência do autor como ente físico (o homem), mas rejeita a relevância do autor para a interpretação dos signos da linguagem em um texto literário. Apagou a figura do autor em proveito do escritor, que morre ou encerra seu papel quando o texto é posto em circulação. É o leitor, essa nova figura que surge com a morte do autor, que vai dar a um texto as suas múltiplas significações.

Sob a égide do paradigma hermenêutico se busca explicar as idiosincrasias de uma obra em função do homem/autor (das suas peculiaridades pessoais, dos seus pensamentos, dos seus sentimentos, da sua ideologia políticas e também das suas circunstâncias pessoais). A crítica de Barthes recai em refutar os aspectos dogmáticos, dando sentido à morte do autor como morte do sujeito, que rivaliza, em certos aspectos, com a morte de Deus (no sentido sociológico) proclamada por Nietzsche. Uma tendência que teve sequência com chamados pensadores pós-modernos e suas teses desconstrucionistas, que buscavam desbançar o autor em proveito do leitor.

A negação do autor, ainda que seja legítima como opção ideológica ou estética, é algo indefensável epistemologicamente. Talvez seja hora de reabilitar a figura do autor, reinterpretando o seu papel, buscando recolocá-lo no mesmo plano teórico que o leitor. Inegavelmente, em qualquer texto literário, o autor está implicado. E essa implicação vai desde o estilo, que torna inerente a autoria ao texto. Ainda que esse autor implicado ou implícito seja diferente do autor genético, bem ao estilo criador e criatura. O autor sempre se constitui no texto como o homem transfigurado em escritura.

São muitos os entendimentos de autor. Desde o autor efetivo, aquele que faz (que pode ser diferente do homem e do escritor), que se transmuta no texto enquanto cria, projetando-se nele de forma indireta e implícita (o autor implicado) ou de maneira direta e explícita (o autor representado), passando pelos homólogos de escritor e artista, que dão forma a uma imagem de autor (o autor intuído) até o autor propriamente construído a partir de textos que circulam sobre ele (o autor socializado).

Roland Barthes também criou a noção do escritor como fantasma, de quem muitas vezes os jovens que dizem querer ser escritor, mais que produzir uma obra de vulto similar, buscam copiar as práticas, as posturas, o modo de viver, andando pelo mundo com uma caderneta no bolso e uma frase na cabeça. Pois, complementou Barthes, aquilo que o fantasma impõe é o escritor tal como podemos vê-lo em seu diário íntimo, é o escritor menos sua obra: forma suprema do sagrado: a marca e o vazio.

Data : 02/12/2011

Título : O negócio melhoramento genético

Categoria: Artigos

Descrição: O melhoramento genético vegetal no mundo, em particular o negócio de sementes, marcou o domínio absoluto, nos últimos 20 anos...

O negócio melhoramento genético

por Gilberto Cunha

O melhoramento genético vegetal no mundo, em particular o negócio de sementes, marcou o domínio absoluto, nos últimos 20 anos, das grandes corporações internacionais que lidam com biotecnologia; a partir da compra de empresas nacionais e vultosos investimentos em inovação, com destaque para Monsanto, Syngenta, Bayer, Dow e DuPont. Nem mesmo alguns dos principais atores, tanto de organizações públicas quanto privadas, atualmente em atividade nos institutos de C,T&I (Ciência, Tecnologia & Inovação) no Brasil, que tem foco nas ciências agrárias, às vezes, demonstram perceber claramente esse novo ambiente na área da genética vegetal. O que entendemos (ou supomos entender) por melhoramento genético vegetal, experimentou, nesse ínterim, mudanças radicais. De um modelo simplificado, ao estilo fábrica de cultivares (de relativamente baixo custo operacional), comandada por um melhorista vegetal experiente, com foco na criação de cultivares com melhor desempenho produtivo, tendo os agricultores como clientes alvo, passou-se a um sistema de maior complexidade, envolvendo gestão de ativos de inovação, formatação de arranjos e alianças estratégicas entre organizações com atuação global, o foco

em produtos com características únicas e diferenciadas, tendo por alvo, além dos agricultores, também distribuidores, processadores da matéria-prima e consumidores em associação com a venda (e quem sabe até a futura compra do produto colhidos) de pacotes tecnológicos. Havendo, inclusive, quem vaticine que a semente das principais espécies vegetais que são a base da agricultura mundial, entendida como veículo de novas tecnologias, possa se tornar, quem sabe dia desses, um “brinde” dessas corporações.

Canola – Safra 2011

O Informativo nº 11 – Dezembro 2011, do Programa de Produção de Canola BSBIOS Marialva, estima que, não obstante os problemas climáticos causado pelo excesso de chuva no inverno, o Brasil ainda deverá colher cerca de 60 toneladas de grãos de canola na safra 2011. Foram 46 mil hectares cultivadas com essa oleaginosa no País, em 2011, das quais, 30 mil hectares estavam no Rio Grande do Sul. Os rendimentos colhidos oscilaram entre 900 kg/ha e 1.800 kg/ha. O potencial de crescimento do cultivo de canola no Brasil, especialmente pela característica de cash crop, a exemplo da soja, é elevado. Todavia, não será apenas com experimentação adaptativa de tecnologias importadas de outros países e/ou com programas de fomento à expansão da cultura, apesar de todo o mérito reconhecido dessas incitativas, que são, a nosso ver, também imprescindíveis, que a canola atingirá a posição de destaque, que tem potencial para ocupar na pauta de produtos da agricultura brasileira. É necessário ampliar investimentos em C,T&I e contemplar pesquisa básica nessa cultura, paralelamente ao fomento e à experimentação adaptativa, com vistas à antecipação dos problemas que advirão com a ampliação da área cultivada (os problemas causados por bacteriose e sclerotinia, por exemplo) e a busca de ganhos relevantes em produtividade nas lavouras.

PEC - Jornalistas

Apesar do entusiasmo dos jornalistas com a aprovação, em primeiro turno, na sessão da última quarta-feira (30 de novembro), pelo Senado Federal da Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 33/2009, que regulamentaria, constitucionalmente, a exigência do diploma de curso de nível superior em comunicação social para exercício da função de jornalista, não creio que as chances dessa iniciativa prosperar sejam grandes. Uma vez que o Supremo Tribunal Federal já se posicionou pela não necessidade do diploma para a profissão, e sendo emendas à Constituição também passíveis de declaradas inconstitucionais, é bem provável que o STF possa repetir o entendimento e considerar inconstitucional essa matéria.

Hoje (3), às 20h, na capela do Colégio Conceição, com o Coro Resonare, Oratório de Natal, de Camille Saint-Saëns. Ingresso: 2 embalagens de leite longa-vida, em benefício do Centro C.E.P Santa Teresinha.

O Nacional

Sexta-Feira, 02/12/2011

Data : 16/10/2015

Título : O novo livro de Selma Costamilan

Categoria: Artigos

Descrição: Selma Costamilan, no alto dos seus 89 anos recém-completos (1º de setembro), apesar de alguns problemas de saúde inerentes ao envelhecimento humano, continua intelectualmente tão ativa como outrora.

Selma Costamilan, no alto dos seus 89 anos recém-completos (1º de setembro), apesar de alguns problemas de saúde inerentes ao envelhecimento humano, continua intelectualmente tão ativa como outrora. E como prova cabal disso é que, graças ao seu empenho pessoal, está prestes a vir a público um novo livro sobre a história de Passo Fundo vista partir das biografias de personalidades do mundo empresarial, político, militar e educacional e de suas criações; algumas delas ainda bem presentes no dia a dia da cidade. Trata-se do resgate do trabalho que Selma Costamilan realizou, em meados dos anos 1960, quando atuou como professora na Escola Estadual Antonino Xavier e Oliveira, sob o título “Conhecimento de Valores de Passo Fundo”, garimpando biografias e organizando-as com grade esmero e farta ilustração com fotografias de qualidade, sendo os textos datilografados em folhas do tamanho A2 (59,4 cm x 42,0 cm), que foram enfeixadas em dois grandes volumes de capas vermelhas, cujo acesso, até então, tem sido privilégio de poucos. Com a transformação do conteúdo dos “dois grandes livros vermelhos” em um livro com formato menor e de fácil manuseio, uma boa parte da história de Passo Fundo, especialmente dos anos 1940, 1950 e 1960, estará vindo a público.

Quem conhecer esse novo livro – ou algum dia viu os dois grandes livros vermelhos originais – não terá qualquer dúvida das incontáveis horas de trabalho que Selma Costamilan dedicou para organizar obra de tamanho vulto. E tampouco alguém pode negar o valor historiográfico e documental reunidos. São dados, muitos obtidos a partir de fontes primárias ou por meio de depoimentos de pessoas que hoje estão mortas, que trazem à luz acontecimentos ou explicações para determinados fatos que até então eram desconhecidos para boa parte dos passo-fundenses contemporâneos. Nas páginas escritas por Selma Costamilan desfilam as biografias pessoais e os principais fatos da história local que tiveram a participação dos ocupantes do poder executivo municipal (Daniel Dipp, Wolmar Salton, Mário Menegaz, etc), dos vereadores (Delmo Alves Xavier, etc.), dos militares (Grey Belles, etc.), de autoridades religiosas (Dom Cláudio Colling), de pessoas ligadas ao ensino (Olga Caetano Dias, etc.), de médicos (Telmo Ilha, etc.), de advogados (Verdi De César, etc.), entre tantos outros. Além da atuação da Campanha Nacional de Alimentação

Escolar em Passo Fundo, tendo à frente Ida Della Méa, de entidades assistenciais como a LBA, presidida por Dejanira Lângaro, do Clube da Saúde, dirigido por Heloisa Almeida, da história de famílias tradicionais de Passo Fundo (Antônio José da Silva Loureiro, o Barão), dos bancos (Banco da Província, etc.), do comércio (João Battisti, Conrado Hexsel, etc.), de empresas (Pepsi-Cola, Grazziotin, etc.), da imprensa (Múcio de Castro, etc.), dos veículos e comunicação (Rádio Municipal, etc.), dos clubes de futebol (Gaúcho e 14 de Julho) e muito mais.

Um aspecto que se sobressai no livro é a preocupação de Selma Costamilan com medidas socioeducativas para os menores em situação de vulnerabilidade social em Passo Fundo. Não raro, por meio de entrevistas, ela procurou captar a percepção do problema e o tipo de proposta que as autoridades públicas e as personalidades da sociedade local tinham para a solução de um problema que, apesar de muito menor do que hoje, já clamava por atenção nos idos dos anos 1960.

O novo livro de Selma Costamilan, mesmo escrito por uma educadora e não por uma historiadora profissional, tendo muito de memorialismo, pode servir como fonte de inspiração para que os nossos historiadores lidados aos meios acadêmicos, lançando mão de teorias historiográficas, ampliem a base de conhecimento da história de Passo Fundo.

Eis mais um legado que Selma Costamilan, a par do seu trabalho como professora, ativista cultural e mulher engajada politicamente com causas sociais relevantes, deixa aos passo-fundenses. A Academia Passo-Fundense de Letra rende o seu respeito a Selma Costamilan, membro emérito da instituição.

Data : 14/07/2010

Título : O olhar oblíquo de La Niña

Categoria: Artigos

Descrição: Nunca houve uma mulher com um olhar tão misterioso como Capitu, a personagem do romance Dom Casmurro, escrito por Machado de Assis...

O olhar oblíquo de La Niña - 15/07/2010

Quarta-Feira, 14/07/2010 por Gilberto Cunha

Nunca houve uma mulher com um olhar tão misterioso como Capitu, a personagem do romance Dom Casmurro, escrito por Machado de Assis, publicado em dezembro de 1899, cujo olhar oblíquo, cheio de incertezas e de ambiguidade, sugeria quase tudo e revelava muito pouco. E que, além de ter

feito Bentinho desistir de tornar-se padre, levou-o, torturado pelo ciúme e pela dúvida da infidelidade, a ficar cada vez mais amargo, solitário e casmurro.

Eis que, quase cem anos depois, surgiu La Niña. Tão intrigante, misteriosa e ameaçadora, com seus impactos econômicos e sociais, quanto Capitu. Todavia, não se trata de uma personagem de romance. É um fenômeno natural que tem sido objeto de artigos em publicações científicas, tema de reportagens em revistas de divulgação, matérias em jornais, em rádio, em televisão e que, pelas mais recentes previsões climáticas, estará retornando no segundo semestre de 2010.

Tanto na literatura científica quanto nos veículos de comunicação de massa, o fenômeno La Niña é referido por muitos nomes diferentes. O mais popular é, sem dúvida, La Niña. Porém, para o mesmo fenômeno, podemos encontrara nomes como inverso do El Niño, oposto do El Niño, outro lado do El Niño, versão fria do El Niño, antiEl Niño, não El Niño, contrapartida fria do El Niño, irmã do El Niño, o gêmeo menos conhecido do El Niño, outro extremo do ciclo ENSO, A Menina, El Viejo, fase fria, episódio frio, estação com a superfície do mar fria, resfriamento anômalo, corrente anormal de águas frias e anormalidade fria.

Um fato notório nos vários nomes de La Niña é que esse fenômeno parece não possuir personalidade própria. É sempre relacionado de forma oposta ao El Niño. Quase todos sugerem como referência para La Niña o fenômeno El Niño e não a temperatura normal da superfície das águas do Oceano Pacífico equatorial, como é feito quando o episódio em pauta é El Niño. Também fica evidente, quando o assunto é La Niña, a onipresença de El Niño no contexto. Seja para explicar o fenômeno El Niño - Oscilação Sul e suas duas fases, uma quente (El Niño) e outra fria (La Niña) - ou apenas para destacar impactos climáticos opostos.

La Niña é um resfriamento extremo das águas superficiais do Oceano Pacífico equatorial, por um período longo de tempo, na sua porção central e leste (costa oeste da América do Sul). Mas não é um resfriamento qualquer e em se tratando de uma região de águas oceânicas geladas, chegou a ser visto por alguns como um extremo do caso normal. E via a ligação da superfície do Oceano Pacífico com a atmosfera, acaba causando mudanças no padrão de circulação geral da atmosfera e exercendo uma influência à distância (teleconexão atmosférica) em várias partes do mundo.

La Niña e seus pontos de incerteza têm uma complexidade científica que pode ser comparada à complexidade psicológica de Capitu, personagem símbolo da fase realista de Machado de Assis. Todavia, frente a Capitu, La Niña é apenas uma enigmática mulher no esplendor dos seus 25 anos, haja vista que o termo foi cunhado e popularizado por George Philander em meados dos anos 1980.

Data : 13/01/2017

Título : O olhar oblíquo de La Niña 2017

Categoria: Artigos

Nunca houve uma mulher com um olhar tão misterioso como Capitu. Isso mesmo, aquela personagem do romance *Dom Casmurro*, escrito por Machado de Assis, publicado em dezembro de 1899, cujo olhar oblíquo, cheio de incertezas e de ambiguidades, sugeria quase tudo e revelava muito pouco. E que, além de ter feito Bentinho desistir de se tornar padre, levou-o, torturado pelo ciúme e pela dúvida da infidelidade, a ficar cada vez mais amargo, solitário e casmurro.

Eis que, quase cem anos depois, surgiu *La Niña*. Tão intrigante, misteriosa e ameaçadora, com seus impactos econômicos e sociais, quanto a *Capitu* de Machado de Assis. Todavia, nesse caso, não se trata de uma personagem de um romance. É um fenômeno natural que tem sido objeto de artigos em publicações científicas, tema de reportagens em revistas de divulgação, matérias em jornais, em rádio, em televisão e, até mesmo, servido de assunto para conversações as mais variadas possíveis.

Na literatura científica e nos veículos de comunicação de massa, um fato notório, sobre *La Niña*, é que este fenômeno parece não possuir personalidade própria. É sempre relacionado de forma oposta ao *El Niño*. Quase todos sugerem como referência para *La Niña* o fenômeno *El Niño* e não a temperatura normal da superfície das águas do Oceano Pacífico equatorial, como é feito quando o episódio em pauta é *El Niño*.

Na verdade, *La Niña* é um resfriamento extremo das águas superficiais do Oceano Pacífico equatorial, por um período longo de tempo, na sua porção central e leste (costa oeste da América do Sul). Mas não é um resfriamento qualquer e em se tratando de uma região de águas oceânicas geladas, chegou a ser visto por alguns como um extremo do caso normal. E via a ligação da superfície do Oceano Pacífico com a atmosfera, acaba causando mudanças no padrão de circulação geral da atmosfera e exercendo uma influência à distância (teleconexão atmosférica) em várias partes do mundo. E, se não quantitativamente, pelo menos qualitativamente, causa impactos climáticos opostos aos relacionados com *El Niño*. Isso passa, para o público geral, uma visão de simetria linear do mundo. O seja, *El Niño* e *La Niña* vistos como imagens de espelho (iguais porém invertidas). E, na realidade, não existe essa simetria perpetrada pelo senso comum em termos de impactos climáticos e muito menos em se tratando de impactos econômicos e sociais associados.

Há também que se considerar, tanto para *El Niño* quanto para *La Niña*, que os eventos não se repetem sempre iguais, como a generalização da informação e a ideia de linearidade subjacente podem deixar transparecer. Em algumas situações de eventos fracos, por exemplo, as condições locais e regionais podem

ser determinantes mais fortes do comportamento das variáveis meteorológicas (no sul do Brasil, a temperatura das águas do Atlântico; por exemplo). Assim, tem que ficar claro que previsão do fenômeno e projeção de impactos, econômicos e sociais a partir do clima, são coisas independentes e muito diferentes.

La Niña, "A Menina" que preocupou (e ainda preocupa) os agricultores gaúchos na safra 2016/17, tem uma complexidade científica que pode ser comparada a complexidade psicológica de Capitu, personagem símbolo da fase realista de Machado de Assis. Todavia, La Niña não é mais uma criança. Hoje, considerando-se que o termo foi cunhado e popularizado por George Philander, em meados dos anos 1980, estaríamos diante de uma enigmática balzaquiana. E no caso atual, quando atua uma La Nina fraca e com ciclo de vida curto (projeta-se, conforme o boletim ENSO Diagnostic Discussion, do Climate Prediction Center/NCEP/NWS e do International Research Institute for Climate and Society, liberado nessa quinta-feira/12, a volta de uma condição normal a partir de fevereiro), que esperar? Tudo o que se pode esperar dessa fugaz balzaquiana: muita incerteza no tocante a chuvas no sul do Brasil. Sendo mais provável: janeiro, com chuvas dentro do padrão climatológico regional, e, em fevereiro e março, abaixo.

Data : 16/03/2018

Título : O outro lado do julgamento de Galileu

Categoria: Artigos

O conflito que foi deflagrado entre Galileu Galilei e a Igreja Católica de Roma, no século XVII, cujo desfecho, assaz conhecido, foi a condenação de Galileu, por insubordinação, quando analisado, em retrospectiva histórica, costuma contar com a benevolência dos cientistas contemporâneos que, invariavelmente, tendem a condenar a Igreja e a absolver Galileu. Mas, apesar de essa ser a faceta predominante nos meios científicos, não necessariamente é a única e nem a mais sensata ou adequada. Inclusive, há quem pense que, levando-se em consideração a fundamentação usada pelos cardeais inquisidores, o imbróglio, se revivido nos tempos atuais, não teria solução diferente, mesmo que no posto dos julgadores, em vez das autoridades da Igreja fossem usados representantes das sociedades científicas modernas. Entender esse outro lado do caso Galileu versus Igreja, com base no ensaio "Galileu e a tirania da verdade", de Paul Feyereabend, é o objetivo dessas breves notas.

A melhor maneira de se descrever um conflito histórico seria começar pelos indivíduos que o protagonizaram e as suas idiossincrasias e motivações. Mas, por ser esse um processo moroso e nem sempre possível, acaba sendo deixado de lado e a opção que, invariavelmente, tem sido adotada, nas ciências sociais, resume-se a colocar o caso como um mero conflito de tradições ou, em termos mais adequados, de paradigmas ou de visões; ainda que conscientes da fragilidade dessa via, que uma vez tomada, deliberadamente, opta-se pelo afastamento da realidade como ela efetivamente foi ou é.

O caso Galileu versus Igreja, efetivamente, põe em discussão o papel dos especialistas, com o sentido de autoridade final, nas sociedades, em todos os tempos; e mais do que nunca nos atuais. Galileu Galilei, e isso não está e nem nunca esteve em discussão, era um especialista em matemática e astronomia. Ele não reivindicava apenas liberdade para publicar seus resultados de pesquisa e ideias; o que ele queria era impor a sua verdade sobre as demais. Ele não fora, pela Igreja, proibido de falar hipoteticamente que Sol e não a Terra estaria no centro do Universo. Ele fora orientado, pela famosa carta do Cardeal Bellarmino, a não se manifestar publicamente sobre esse assunto em termos absolutos, pois, ao contradizer as Escrituras, feria de morte a fé sagrada dos católicos.

Para julgadores apressados, pode soar absurdo esse controle social/religioso sobre o pensamento científico. Mas, de maneira alguma, o conflito pode ser resumido a um embate entre ciência e credo religioso. Afinal, a sociedade pode ou não pode exercer algum tipo de controle sobre a comunidade científica? Não pode, deve! Achar que os cientistas lidam com coisas complexas demais para serem entendidas por leigos, não tem justificativa plausível para ser aceita sem uma maior reflexão. Apesar de ser uma atividade exclusivamente humana, a ciência, não necessariamente, corrige a si mesma, requerendo, portanto, de controles sociais, para definir os seus limites de atuação e o alcance dos seus resultados. Não é outra coisa, ainda que nem sempre assumido, o papel exercido por comitês, formados por pares de comunidade científica ou mistos, com representações da sociedade civil, que se prestam à avaliação de novos projetos e relatórios de pesquisa.

É bem provável que um Galileu Galilei contemporâneo não tivesse melhor destino que o seu congênere do passado. O Galileu do século XVII foi julgado por cardeais inquisidores, que usaram como referencial a determinação Concílio de Trento que proibia a interpretação das Escrituras (Bíblia) de maneira contrária à opinião comum dos Papas. E o Galileu do século XXI, em tese, sofreria sanções, veladas, dos “colégios invisíveis”, ou, explícitas, de algum comitê de pares, que, usando a sua ignorância como o limite da medida das coisas, não daria o aval para a publicação dos seus artigos e nem para a aprovação das suas propostas de pesquisa.

Data : 03/08/2018

Título : O outro Oppenheimer

Categoria: Artigos

O modelo convencional de biografias, de pessoas ilustres ou nem tanto, cuja linguagem e expressões usadas dão ares de vidas vividas de maneira preordenada e com cronologias preestabelecidas, nem sempre possibilita o entendimento pleno do biografado. Por isso, no tocante a biografias, o recomendável é sempre a leitura de mais de uma obra, que, inclusive, podem complementar ou divergir, sobre fatos atinentes à vida do biografado. Eu, nesses casos, quando se trata de resolução de conflitos entre versões, ousaria sugerir como sendo necessárias leituras de obras paralelas que, por não envolverem diretamente o biografado, podem lançar luzes sem vieses sobre as questões de interesse ou apontar novos caminhos para o entendimento.

Sobre J. Robert Oppenheimer (1904-1967), os verbetes enciclopédicos convencionais dão conta que estudou física em Harvard, EUA, passou por Cambridge, no Reino Unido, e obteve doutorado na Universidade de Göttingen, na Alemanha, em 1927. Lecionou na Universidade da Califórnia, campus de Berkeley, e no Instituto de Tecnologia da Califórnia (Caltech). Foi nomeado diretor dos laboratórios governamentais americanos de Los Alamos, Novo México, onde dirigiu o Projeto Manhattan para o desenvolvimento de bombas atômicas. Presidiu a Comissão Nacional de Energia Atômica dos Estados Unidos, entre 1947 e 1952, e atuou como diretor do Instituto de Estudos Avançados de Princeton (1947-1966). Depois Segunda Guerra Mundial passou a lutar pelo controle internacional das armas atômicas, vindo, em 1954, pelas ligações com amigos esquerdistas e opiniões, a ser incluído na lista dos traidores comunistas e obrigado a depor no processo capitaneado pelo senador Joseph Raymond McCarthy, de cujas acusações, por força da opinião pública, acabaria absolvido.

Na monumental entrevista que George Steiner concedeu a Ramin Jahanbegloo, compilada no livro “George Steiner: à luz de si mesmo”, há uma passagem, retratada no capítulo 3, que mostra outro Oppenheimer, que não aparece nos verbetes enciclopédicos mais conhecidos.

Na condição de editorialista da revista The Economist, sucursal de Londres, George Steiner foi enviado aos EUA, em 1956, para entrevistar J. Robert Oppenheimer sobre energia atômica e relações entre EUA e Europa. Foi recebido em Princeton por um Oppenheimer arredio e exacerbando traços virulentos de cinismo, avisando que concederia apenas 5 minutos do seu tempo, devido ao pouco caso que fazia dos jornalistas. Finalizada a entrevista, na forma

de perguntas e respostas, Oppenheimer convidou Steiner para almoçar, sem a companhia dele, na Cafeteria da Universidade.

Depois do almoço, o secretário de Oppenheimer conduziu Steiner para um encontro com o professor Harold Cherniss, célebre helenista, que perguntou se ele, efetivamente, estudara grego e se podia lhe ajudar com uma passagem de um manuscrito de Platão em que havia algumas palavras faltando. Enquanto conversavam, Oppenheimer entrou na sala e sentou-se numa posição privilegiada atrás dos interlocutores. E sem se dirigir a eles, exclamou: “O que há de importante na poesia e na filosofia são as partes em branco”. Steiner reagiu, dizendo que essa opinião era de Mallarmé e que denotava arrogância, pois, se verdadeira, para que existiriam os livros? Oppenheimer atacou dizendo que Steiner acabará de colocar uma questão quase inteligente e que estava convencido que os livros eram necessários, pois a Bhagavad Gita era a voz viva de Deus. A discussão continuou até que, na despedida, Oppenheimer perguntou se Steiner era casado e, ao receber como resposta “muito recentemente”, retrucou: “Ah!, sem filhos. Isso vai facilitar o alojamento”. E foi assim que George Steiner foi escolhido como humanista no Instituto de Estudos Avançados de Princeton.

Eis porque desse jogo de gato e rato, que protagonizaram Oppenheimer e Steiner, fica-se com a convicção de que, para alguém que diziam ser possuidor do cérebro mais poderoso da humanidade desde Leibniz, todo mundo era besta.

Data : 07/07/2017

Título : O Pai do Trigo no Brasil

Categoria: Artigos

Descrição: Sem Iwar Beckman, não existiria o cultivo comercial de trigo no Brasil (pelo menos, não nos moldes que conhecemos atualmente).

Sem Iwar Beckman, não existiria o cultivo comercial de trigo no Brasil (pelo menos, não nos moldes que conhecemos atualmente). Eis uma afirmação que pode soar desmesurada, mas que, de forma nenhuma, é de toda destituída de verdade. Basta atentarmos para “o que era” e “o que virou” o cultivo desse cereal em terras brasileiras, desde que esse cientista de naturalidade sueca começou a trabalhar no nosso País, a partir dos anos 1920. E como ele fez isso? É o que podemos descobrir lendo o livro Iwar Beckman, O Pai do Trigo no Brasil.

Iwar Beckman foi quem, no Brasil, efetivamente, colocou Mendel a serviço dos agricultores. Ele, que, na Universidade de Lund, na Suécia, havia estudado e trabalhado com Nilson-Ehle, um dos pioneiros da genética quantitativa, trouxe para os campos brasileiros a redescoberta das Leis de Mendel. Isso mesmo, Mendel entrou no melhoramento genético de trigo no Brasil, em 1925, por intermédio de Beckman. Nesse ano, recém-chegado no País (1924), na antiga Estação de Seleção de Sementes de Alfredo Chaves (Veranópolis/RS), Iwar Beckman realizou o primeiro cruzamento artificial, documentado, em trigo no Brasil: linhagem Alfredo Chaves 6 x trigo Polysú. Surgia aí, pelas variedades oriundas desse cruzamento, a base genética do que podemos chamar de trigos genuinamente brasileiros. A partir de Beckman, a triticultura brasileira não seria mais a mesma. E, a revolução, de fato, viria com a obra prima, o trigo Frontana, lançado em 1940. Frontana foi inovador, pelo ciclo (mais curto), pelo porte (mais baixo), pela resistência a doenças (ferrugens, especialmente), pela tolerância à acidez do solo, pela adaptação ampla, pela qualidade tecnológica (baixa sensibilidade à germinação na espiga), etc. Eis porque ousou afirmar que a história da triticultura brasileira pode ser dividida em a.F. (antes de Frontana) e d.F. (depois de Frontana) ou, se preferirem, em a.B. (antes de Beckman) e d.B. (depois de Beckman).

O esforço de Iwar Beckman em promover o desenvolvimento do cultivo de trigo no Brasil, todavia, não se limitou ao campo tecnológico (fitotécnico e genético, por exemplo). Ele foi muito além. Quer seja assessorando politicamente governantes, redigindo planos para o fomento do cultivo desse cereal, dando palestra sobre a importância e como bem conduzir as lavouras, escrevendo artigos de opinião ou pela participação ativa em encontros de natureza técnica e científica, tanto no País quanto no exterior. Não raras vezes, atuou como diplomata, colocando Bagé, aos olhos do mundo, como um centro de excelência em produção de ciência e tecnologia em trigo.

Aqueles que já admiravam Iwar Beckman pelos seus feitos em prol do desenvolvimento do trigo no Brasil, e eu estou certo disso, depois de lerem o livro Iwar Beckman, O Pai do Trigo no Brasil, o admirarão muito mais. E, os mais jovens na ciência do trigo, que ainda não haviam ouvido falar dele ou, por ventura, desconheciam a importância dos seus feitos, terão, a partir de agora, à disposição, um verdadeiro guia de como produzir ciência de qualidade e com relevância social. Indubitavelmente, não podemos deixar de render nossos respeitos a um homem, que dominava pelo menos oito idiomas (sueco, inglês, alemão, holandês, italiano, francês, espanhol e português), cujos textos, em língua portuguesa, sobre trigo, são tão bem ou até melhores escritos, inclusive, do que os de seus pares brasileiros.

Louvamos a iniciativa dos familiares do insigne geneticista Iwar Beckman, no que toca à produção e publicação do livro Iwar Beckman, O Pai do Trigo no Brasil, passados 46 anos da sua morte, ocorrida em 15 de março de 1971. Apesar de alguns textos esparsos, não havia, até então, nenhuma biografia de Iwar Beckman tão completa quanto essa e que, efetivamente, fizesse justiça ao seu legado. Parabéns Heloisa Beckman e colaboradores!

Os interessados na aquisição desse livro (R\$ 40,00) podem fazer contato com Heloisa Beckman, pelo e-mail heloisabeckman@hotmail.com ou via o telefone (0xx53)999999956.

Data : 28/11/2014

Título : O patrono da cadeira 15

Categoria: Artigos

Descrição: Herculano Araujo Annes, o patrono da cadeira nº 15 da Academia Passo-Fundense de Letras, nasceu em Passo Fundo, no dia 19 de março de 1898.

Sexta-Feira, 28/11/2014 às 07:19, por Gilberto Cunha

Herculano Araujo Annes, o patrono da cadeira nº 15 da Academia Passo-Fundense de Letras, nasceu em Passo Fundo, no dia 19 de março de 1898. É filho do coronel Gervasio Lucas Annes (1853 - 1917), advogado (rábula) e destacado líder político do Partido Republicano, e de Etelvina Araujo Annes (1860-1901).

Herculano estudou no colégio dos jesuítas, em São Leopoldo, e, aos 23 anos, em 1921, formou-se no curso de Direito pela Faculdade Livre de Direito da Universidade do Rio Grande do Sul, atual Faculdade de Direito da UFRGS, com sede em Porto Alegre. A 15 de maio de 1920, Herculano casou-se com Cecy da Rosa Coutinho (1901 - 1964). Depois da formatura em Direito e do casamento, Herculano e Cecy fixaram residência em Passo Fundo, onde nasceram os filhos Flávio Coutinho Annes (1921 - 1990), engenheiro-agrônomo, professor e diretor da Faculdade de Agronomia da Universidade de Passo Fundo (UPF); Antenor Coutinho Annes (1922 - 1958), contabilista; Murilo Coutinho Annes (1925 - 2007), advogado formado em Direito pela UFRGS, juiz e interventor (1964 - 1970) e reitor e professor da UPF (1970 - 1979); e Branca Annes Degrazia (1926).

Herculano Annes foi fundador e diretor do semanário “A Época”, em 1923, em cujas páginas escreveu artigos que marcaram indelevelmente um período conturbado da vida política e administrativa do Rio Grande do Sul. Mas, sem dúvida, sua maior contribuição para a imprensa local foi a criação do jornal O NACIONAL. No dia 19 de junho de 1925, uma sexta-feira, circulou a primeira edição de O NACIONAL, com o epíteto de “Jornal Independente”, constando no expediente como diretor Dr. Herculano A. Annes e seus primos, Hyran de Araujo Bastos e Americano de Araujo Bastos, como gerentes. A redação e a gerência de O NACIONAL, na época, funcionavam na Livraria Nacional, localizada na Praça Marechal Floriano, números 25, 27 e 29, no centro da cidade. O Dr. Herculano A. Annes esteve à frente de O NACIONAL durante 15 anos (até 30 de abril de 1940), imprimindo, nesse jornal, uma linha editorial marcada pela imparcialidade, ao levar à risca o lema da “liberdade máxima dentro da máxima responsabilidade”, conforme expresso no editorial da primeira edição, que se

comprometia com o respeito a liberdade alheia, não concedendo anonimato e nem admitindo parcialidade em assuntos relacionados com política partidária e vida religiosa.

No exercício da advocacia, Herculano A. Annes destacou-se especialmente na área empresarial. Detentor de cultura jurídica diferenciada, o Dr. Herculano Annes conquistou posição de destaque entre os pares, tendo sido fundador e presidido, por diversas vezes, a subsecção da OAB do Rio Grande do Sul em Passo Fundo.

Ainda que tenha declarado, nas “Palavras iniciais” do livro “Na estrada da vida”, publicado em 1966, jamais ter frequentado um centro espírita, Herculano A. Annes, nos seus escritos da velhice, que rotulou de “ensaios espiritualistas”, demonstrou conhecimento e forte apego à doutrina espírita. A obra “Na estrada da vida”, impressa para o autor pela Livraria do Globo, foi originalmente destinada à circulação restrita entre familiares. Sobressai-se pela cultura humanística do autor, que a recheia com citações de pensadores dos mais variados matizes, e pelo apego de Herculano e de Cecy à espiritualidade, para afugentar a depressão e os problemas que comumente rondam as pessoas no limiar da velhice. Nesse aspecto, é um livro iluminador, cuja concretude, pelo que deixou transparecer nos tópicos “Fim de uma passagem, fim de um livro” e “Palavras finais”, foi fundamental para Herculano suportar a morte de Dona Cecy, ocorrida em 12 de setembro de 1964.

Herculano A. Annes morreu no dia 19 de dezembro de 1967. Em sua homenagem, no ano seguinte, o então prefeito Mário Menegaz mandou construir uma praça junto à ponte do Rio Passo Fundo. Era o reconhecimento da municipalidade pelo muito que ele fez por Passo Fundo.

Data : 26/02/2016

Título : O pensamento geográfico de A.de.A

Categoria: Artigos

Descrição: Manhã dessas, depois de mais uma noite de temperaturas escaldantes, acordei de sobressalto e eis que a primeira coisa que meus olhos fixaram, em meio aos muitos livros dispostos em uma estante, foi a lombada de um grosso volume, que trazia o título “Nôvo Programa de Admissão – Com Matemática Moderna”.

Manhã dessas, depois de mais uma noite de temperaturas escaldantes, acordei de sobressalto e eis que a primeira coisa que meus olhos fixaram, em meio aos muitos livros dispostos em uma estante, foi a lombada de um grosso volume, que trazia o título “Nôvo Programa de Admissão – Com Matemática Moderna”. Não resisti à tentação, tomei o exemplar na mão, o único remanescente dos

tempos de escola, e em instantes, me via retrocedendo 45 anos no tempo e refletindo sobre o quanto aquele livro, usado nas quintas séries, fora importante na formação de toda uma geração que, no rito de passagem do antigo primário para o ginásio, prestava o famigerado exame de admissão.

Abri o exemplar, de número 3032, da 26ª edição, publicado pela Companhia Editora Nacional, no começo de 1971, com textos organizados pelos professores Aroldo de Azevedo, Domingos Paschoal Cegalla, Joaquim Silva e Osvaldo Sangiorgi. A seleção de autores para o estudo da língua portuguesa, feita pelo professor Domingos Paschoal Cegalla, é primorosa. Reuniu excertos de textos assinados por Humberto de Campos, Monteiro Lobato, Rachel de Queiroz, Malba Tahan, Erico Verissimo, Sra. Leandro Dupré (a escritora Maria José Dupré, autora de *Éramos Seis*) e muitos outros. Mas, não foi por isso que eu guardei esse livro. A razão de ele me acompanhar todos esses anos, por motivos profissionais óbvios, é o capítulo de Geografia, que leva a assinatura do professor Aroldo de Azevedo, o famoso A.de.A, em referência à abreviatura que ele usava, para indicar a autoria, nas figuras e mapas que ilustravam os seus livros. Mas, afinal, quem foi Aroldo de Azevedo? Em que contexto histórico está inserido o seu pensamento geográfico? Como ele conseguiu ser o senhor absoluto no mercado de livros didáticos de Geografia no Brasil, de 1934 até o começo dos anos 1970?

Aroldo Edgard de Azevedo (1910-1974), natural de Lorena/SP, simplesmente A.de.A, era formado em Direito, porém não seguiu a carreira jurídica e passou a se dedicar ao magistério da Geografia. Integrou a primeira turma do curso de Geografia e História da USP, que teve início em 1936, nos moldes da tradição francesa de unir o lugar (geografia) ao tempo (história). Formou-se em 1939, e, de imediato, passou a dar aula na mesma faculdade que havia sido graduado bacharel. Em 1942 assumiu a cátedra de Geografia do Brasil na USP, da qual foi titular até a sua aposentadoria em 01/03/1967. Começou assim, a partir da USP, o domínio de Aroldo de Azevedo no mercado de livros didáticos de Geografia no Brasil. Ele era autor de livros de Geografia para todas as séries escolares imagináveis. Invariavelmente, com poucas adaptações, seguiam o mesmo roteiro: *O Universo e o nosso mundo*; *A nossa Pátria – o Brasil*; *O nosso continente – a América*; e *O resto do mundo*. Entre 1934 e 1974, publicou trinta livros didáticos de Geografia, cujas estimativas de venda dão conta de terem atingido a vultosa quantia de 12 milhões de exemplares no período. Eram obras bem produzidas, com textos esmerados e farta ilustração, que, em parte, justificam o êxito editorial.

O pensamento geográfico de Aroldo de Azevedo fora forjado na Escola Regional Francesa, especialmente em Emmanuel de Martonne. Inclusive o último artigo que ele escreveu, enviado para publicação no dia da sua morte, em 4 de outubro de 1974, fazia apologia aos franceses como os maiores da ciência geográfica. Era, por origem, um homem conservador, prestando-se a reproduzir o pensamento das oligarquias que dominaram o País na primeira metade do século 20. Detentor de uma visão ufanista do Brasil, que exaltava o patriotismo pela paisagem (uma terra abençoada por Deus!), preferindo a narração à análise. Optou por uma Geografia física em detrimento da humana, deixando fora das suas obras algumas questões sociais que eram caras e relevantes ao Brasil (os pobres eram referidos simplesmente como os menos favorecidos). Em síntese, o pensamento geográfico de A.de.A, com forte viés etnocêntrico

Europeu, hoje, é visto como superado e inferior ao legado deixado por geógrafos como Milton Santos e Aziz Ab`saber, por exemplo.

Data : 21/02/2014

Título : O poeta e o cientista

Categoria: Artigos

Descrição: Fundir o pensamento do poeta do inefável, Rainer Maria Rilke, com as ideias da “lenda viva de Harvard”, Edward O. Wilson, pode soar absurdo, a menos que se considere a criação artística e a prática científica como indissociáveis.

por Gilberto Cunha

Fundir o pensamento do poeta do inefável, Rainer Maria Rilke, com as ideias da “lenda viva de Harvard”, Edward O. Wilson, pode soar absurdo, a menos que se considere a criação artística e a prática científica como indissociáveis. Indiscutivelmente, “Cartas a um jovem poeta”, de Rilke, e “Cartas a um jovem cientista”, de Wilson, são duas obras imprescindíveis de orientação para quem pensa se aventurar no mundo da poesia e/ou no mundo da ciência, com mais pontos em comum do que se poderia imaginar à primeira vista. Resumindo: o cientista ideal, de Wilson, deve pensar como um poeta, e o poeta ideal, de Rilke, deve pensar como um cientista.

Em 1929, foram reunidas as 10 cartas que Rainer Maria Rilke (1875-1926), poeta nascido em Praga e expoente das letras alemãs, trocou com Franz Xaver Kappus, o jovem que ambicionava ser poeta. Nessas peças epistolares, Rilke, com clareza avassaladora e elevada densidade poética, diz coisas que se aplicam tanto a um aprendiz de poeta quanto a um estudante de iniciação científica. Por exemplo, que nem tudo é tão fácil de aprender e nem de dizer como normalmente somos levados a acreditar. Ou, ao sugerir, para maior chance de êxito em algo relevante, que sejam evitados temas e formas muito usuais e comuns de escrever, exemplificando com o caso dos poemas de amor. A dificuldade é sempre maior em meio à profusão de coisas boas e algumas até brilhantes. Ainda: quando diz que não se deve esperar uma resposta de fora (do ambiente externo) para questões que apenas podem ser respondidas intimamente. E, especialmente, ao afirmar que a tão comum tendência para a dúvida, que graceja entre as pessoas, se bem educada e usada com inteligência, pode se tornar em qualidade positiva. Pois, quando essa dúvida for capaz de ser convertida em crítica e virar saber, deixará de ser meramente destruidora para se converter em colaboradora/construtora.

Edward O. Wilson é um dos principais expoentes da ciência contemporânea. Professor emérito da Universidade Harvard, foi criador de disciplinas (biogeografia e sociobiologia, por exemplo) e de conceitos científicos (biofilia, biodiversidade e consiliência) visando à unificação das áreas de humanidades com as outras ciências, além da iniciativa de criação da “Enciclopédia da Vida”, que se configura em marco sem precedentes para estudos da biodiversidade global. Wilson também é autor de dezenas de livros, sendo vencedor de dois Prêmios Pulitzer. No alto dos seus 84 anos de vida e uma carreira científica de mais de 60 anos, Edward O. Wilson continua produzindo obras de valor inestimável. Este é o caso do livro “Letters to a young scientist” (Cartas a um jovem cientista), lançado em 2013.

Em “Cartas a um jovem cientista”, Edward O. Wilson usa a si mesmo como referência para sugerir a essência do que é necessário para alguém ser bem sucedido na carreira científica. Começa realçando que o conhecimento científico dobra a cada 15 anos, dificultando sobremaneira quem pretende saber tudo ou intenciona apenas se manter atualizado. Destaca que a nossa ignorância sobre o tamanho da biodiversidade terrestre coloca essa área da biologia entre as portadoras de futuro. E condiciona que qualquer pretendente a cientista dever ter bem claro que a prática científica hoje é baseada em uso de tecnologia (equipamentos de pesquisa, por exemplo), que a tecnologia que permeia o nosso dia a dia é derivada do conhecimento científico e que a indústria contemporânea é baseada em tecnologia e ciência. Eis um novo mundo não tão simples assim.

Wilson orienta que a paixão pela descoberta vem antes do treinamento, ainda que esse seja imprescindível. E que bons mentores/orientadores são essenciais na formação dos jovens cientistas, pois são eles, pelos exemplos pessoais, que modelam valores e comportamentos. Realça que, por mais glamorosas e atrativas as áreas científicas da ocasião, deve-se sempre buscar o novo, onde poucos estejam trabalhando, pois como também frisou Rilke ao aprendiz de poeta, aí as chances de sucesso são maiores. Finaliza lembrando que a prática científica é a busca pela verdade. E isso, acima de tudo, exige ética, pois se atua numa espécie de campo minado em que vicejam vaidades, competições pessoais e invejas de toda sorte.

E, de resto, poeticamente lembrando, é deixar a vida acontecer.

O NACIONAL

Sexta-Feira, 21/02/2014 às 07:19,

Data : 15/06/2018

Título : O Poeta Serrano - Tenebro dos Santos Moura

Categoria: Artigos

Tenebro dos Santos Moura, no grupo dos poetas gauchescos, quer seja pelo vocabulário ou pela temática que versejou, é o arquétipo do Poeta Serrano. Mas, apesar desse epíteto regional – Serrano – não lhe cabe o rótulo de poeta regionalista. E não lhe cabe esse designativo porque, diferente de outros pretensos poetas, não sucumbiu à tentação de, ao querer tanto ser regional, o ser falsamente. Tenebro soa autenticidade!

Se a condição, para que uma obra seja reconhecida como regional, é que seu autor trate de um tema regional; então a obra de Tenebro dos Santos Moura é regional. Todavia, nela, a paisagem serrana não se justifica por si mesma. Ao contrário, ao fundir o geográfico e o humano da serra gaúcha, o poeta conseguiu expressar, via a sua emotividade criadora, uma nova estética regional, que, por intermédio dos seus versos, ganhou ares de universalidade.

O poeta Tenebro dos Santos Moura, ao versejar sobre a temática serrana gaúcha, não ficou preso ao passado e ao tradicionalismo. Não há, nos seus poemas, excessos de passado e de tradicionalismo de ocasião. Ele não apenas cantou os símbolos e os sentimentos serranos. Ele os vivenciou! E assim, com conhecimento de causa e sensibilidade apurada, o nosso Poeta Serrano por excelência, por meio de versos refinados, pode afrontar o seu presente e vislumbrar futuros.

Tenebro dos Santos Moura nasceu em Palmeiras das Missões no dia 21 de março de 1906. Por contingências do destino, lutou nas revoluções de 1923, 1930 e 1932. E foi em 1930, quando em São Paulo, defendendo a posse de Getúlio Vargas como Presidente da República, que, tomado pelo sentimento de saudade da terra natal, escreveu Palmeira, o seu primeiro poema.

Foi militar, professor, alfaiate e funcionário da Prefeitura Municipal de Passo Fundo. Casou três vezes. Viúvo em dois matrimônios. Pai de 8 filhos. Autor de um livro: QUERÊNCIA.

Na área cultural, Tenebro dos Santos Moura destacou-se como ator de teatro amador, no Grupo Delorges Caminha, fundador, em 1952, e membro, em muitas gestões, da patronagem do CTG Lalau Miranda, poeta, jurado de concursos nativistas e festivais de folclore, funcionário da Biblioteca Pública Municipal e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.

Tenebro dos Santos Moura viveu intensivamente, ainda que longe de Porto Alegre, os primeiros momentos do que hoje chamamos de Movimento Tradicionalista Gaúcho, cujo marco zero, apontado por muitos, foi a criação do Centro de Tradição Gaúcha - CTG 35, em 1947, na Capital do Estado. O grupo de jovens que criaram o movimento, sob a liderança de Barbosa Lessa e Paixão Côrtes, compilou uma antologia de poesias crioulas, para peões e prendas declamarem, durante as tertúlias, nos noveis CTGs. Nascia, em 1951, a

coletânea As Mais Belas Poesias Gauchescas. Todavia, ainda que, nessa época, Tenebro dos Santos Moura estivesse envolvido com o movimento tradicionalista gaúcho em Passo Fundo, nenhum poema seu foi incluído na aludida antologia. Merecia estar lá, mas não estava. E, se isso serve de consolo, aqueles jovens, por não conhecerem e não por preconceito, literalmente, para estranheza de qualquer pessoa minimamente iniciada em poesia gauchesca, também ignoraram Aureliano de Figueiredo Pinto.

Foi em Passo Fundo que Tenebro dos Santos Moura viveu a maior parte da sua vida. Criou os filhos. Exerceu atividades como funcionário público municipal. Presidiu a Cooperativa dos Municipalistas de Passo Fundo – CAPASEMU. Escreveu poemas e publicou o seu único livro – QUERÊNCIA, com edições em 1985 e 1987. Em reconhecimento, foi agraciado, pela Câmara Municipal de Vereadores, com o título de Cidadão Passo-fundense. E foi nessa cidade que, vitimado por uma parada cardíaca, morreu em 29 de agosto de 1994.

Tenebro dos Santos Moura: O POETA SERRANO, o livro, que será lançado como parte das comemorações da Semana do Município de Passo Fundo, em 2018, é um tributo da Academia Passo-Fundense de Letras à memória e à obra daquele que, seguramente, foi, e ainda é, o mais importante poeta gauchesco de Passo Fundo.

Data : 08/09/2017

Título : O príncipe e o trigo

Categoria: Artigos

O príncipe e o trigo não é uma fábula; ainda que pareça. É história real. E história da triticultura brasileira. Há dois episódios na história do Brasil que, aparentemente sem qualquer relação direta, estão ligados pela cultura de trigo. São eles: a colonização açoriana no Rio Grande do Sul e a abertura dos portos às nações amigas, feita pelo então príncipe regente Dom João.

Os açorianos foram trazidos para o Rio Grande do Sul em 1937. Receberam terras, ferramentas, animais e sementes. O governo português encorajou a produção de trigo. E assim o RS, entre 1780 e 1817, tornou-se um “exportador” de trigo. O trigo gaúcho era enviado para o Rio de Janeiro, para Salvador e para Recife e algumas colônias espanholas. Ainda que esse suposto “trigo gaúcho

exportação”, tenha, em boa parte, origem mais no contrabando de países do Prata do que na produção local.

Em 1806, Napoleão Bonaparte dominava a Europa. França e Inglaterra eram os grandes inimigos. Portugal, mantendo estreitas relações comerciais com a Inglaterra, estava sob a ameaça de invasão pela França e pela Espanha. E foi assim que o príncipe regente de Portugal Dom João (Dom João VI foi coroado rei em 6 de fevereiro de 1818), pois da rainha, Dona Maria I, dizia-se, polidamente, que sofria das faculdades mentais, decidiu, sob aconselhamento, mudar-se com sua corte para o Brasil.

Para adaptar o País às novas condições políticas e econômicas, Dom João decretou, em 28 de janeiro de 1808, a famosa "abertura dos portos do Brasil às nações amigas". De certa forma, era a incorporação de conceitos de livre-mercado. Como o modo de produção brasileiro permaneceu antigo, a coroa portuguesa perpetuou a dependência da economia colonial.

A essa altura, há que se perguntar: e o trigo, onde entra nessa história? Pois bem, no RS produzia-se e exportava-se trigo. Saint-Hilaire, em seus relatos de viagem, destaca que viu, por toda parte, lavouras de trigo com excelente aspecto. Porém, após 1820 o trigo praticamente sumiu do estado (foi mantido, em pequena escala, nas zonas de colonização alemã). Somente, de fato, ressurgindo, na segunda metade do século XIX, com a chegada dos italianos na Serra Gaúcha.

Durante muito tempo apontou-se como causas do desaparecimento do trigo no RS do século XIX: (1) A falta de pagamento pela coroa (improvável como causa principal) e (2) As epidemias de ferrugem (certamente tiveram forte influência negativa na produção).

Em seu livro de 1897 – *Cultura dos Campos* -, Joaquim Francisco de Assis Brasil escreveu: "A tradição diz que foi a ferrugem que fez abandonar a cultura do trigo no Rio Grande." Essas duas razões não explicam satisfatoriamente o declínio do trigo gaúcho no passado. O americano Gregory G. Brown, em artigo publicado na revista *The Americas* (v. 48, n. 3, p. 315-336, 1991), destaca que apesar do problema da ferrugem em outros países, existindo mercado, foi encontrada uma solução. Assim, ele atribui à falta de mercado como principal causa de abandono do cultivo de trigo no RS, na primeira metade do século XIX. Pois, com a abertura dos portos brasileiros (1808) e os novos tratados comerciais (1810) entrou no mercado brasileiro uma grande quantidade de farinha de trigo vinda diretamente dos Estados Unidos. Preço, qualidade do produto e acordos comerciais envolvendo exportações brasileiras de café e de açúcar barraram o interesse e os investimentos necessários para dar competitividade ao trigo brasileiro. Diz-se que a farinha de trigo americana "inundou" o Brasil, após 1815.

Na história recente do País, uma nova abertura comercial abalou a triticultura nacional. Foi em 1990, com a saída da atuação do Estado no complexo agroindustrial do trigo – Lei 8.096 de 21 de novembro de 1990 -. E assim, o Brasil no início dos anos 1990, apesar de possuir terras, clima adequado, tecnologia própria e produtores experientes para ser autossuficiente, ou até mesmo exportador desse cereal (ainda que exporte uma parcela do pouco que produz), tornou-se um dos principais países importadores de trigo.

Data : 11/09/2015

Título : O Projeto METAS e o Sistema Plantio Direto

Categoria: Artigos

Descrição: Desde a introdução do plantio direto no Brasil, referenciada como a semeadura de um hectare de sorgo sobre resteva de cultivo de inverno, em Não-Me-Toque/RS...

Desde a introdução do plantio direto no Brasil, referenciada como a semeadura de um hectare de sorgo sobre resteva de cultivo de inverno, em Não-Me-Toque/RS, em 1969, que teve o protagonismo dos professores Newton Martins e Luiz Coelho de Souza, da UFRGS, muitas outras iniciativas aconteceram, com destaque para: os estudos com herbicidas dessecantes, apoiados pela ICI, que tiveram início em 1972/1973, no Paraná e no Rio Grande do Sul, respectivamente, culminando com a publicação “Normas para o plantio direto de trigo e soja para o Rio Grande do Sul”, assinada por Mike R. Barker e Erivelton S. Roman, em 1974/75; a organização dos Clubes Amigos da Terra (CATs), para troca de experiências sobre plantio direto; e o Convênio Fundacep-BASF, firmado em 1985, sob a liderança do pesquisador José Ruedell, que assentou as bases do novo Sistema Plantio Direto pela inclusão da aveia preta no inverno como cultura de cobertura para a formação de palhada e a filosofia colher-semear. Não obstante, passados 20 anos e apesar da euforia que grassava entre os pesquisadores das Ciências Agrárias com os resultados experimentais que demonstravam a eficiência do plantio direto no controle da erosão do solo e da multiplicação de relatos ufanísticos do sucesso obtido por produtores rurais que haviam utilizado a prática âncora da agricultura conservacionista, a adoção desse sistema estava muito aquém da esperada, no começo dos anos 1990. Eis que então, em 1992, um levantamento expedito, coordenado pela Embrapa Trigo, identificou as causas que impediam a adoção do sistema plantio direto em boa parte das regiões do Alto Uruguai e Planalto Médio, no Rio Grande do Sul. Nascia aí uma das mais bem-sucedidas experiências brasileiras de transferência de tecnologia em agricultura, envolvendo parcerias entre empresas/instituições

públicas e privadas; dos segmentos pesquisa científica e tecnológica, extensão rural, industrial, comercial e de serviços: o projeto METAS.

O projeto METAS – Viabilização e difusão do sistema plantio direto no Rio Grande do Sul foi concebido e coordenado pelo pesquisador José Eloir Denardin. Em essência, construiu-se uma proposta inovadora de parcerias complementares entre empresas/instituições públicas e privadas. Foi viabilizado por contratos firmados entre instituições de pesquisa e de extensão rural – Embrapa (Trigo e Clima Temperado), UFPel e EMATER-RS - e empresas produtoras e comercializadoras de insumos – Monsanto do Brasil Ltda., Máquinas Agrícolas Jacto S.A., Semeato S.A. Indústria e Comércio, Sementes Agroceres S.A., Companhia Agrícola Extremos Sul S.A., Irmãos Ciocari e Companhia Ltda./Calcário Fida e Adubos Trevo S.A. - e contou com a participação de assistentes técnicos de cooperativas, de secretarias municipais de agricultura e da iniciativa privada. O sinergismo das ações possibilitou, em tempo recorde, a multiplicação e o nivelamento do estado da arte em conhecimento sobre o novo Sistema Plantio Direto.

No começo dos anos 1990, na área de abrangência do Projeto Metas, especialmente concentrada nas regiões do Alto Uruguai e Planalto Médio, no RS, os problemas de conservação de solo eram perceptíveis na paisagem. O problema da erosão avultava a cada ano. O novo Sistema Plantio Direto era a solução apontada pela pesquisa. Todavia, a adoção desse sistema entre os produtores rurais não decolava. Por quê? O levantamento expedito realizado pela Embrapa Trigo em 1992, identificou como causas principais: (1) necessidade de ajustes regionais de algumas tecnologias; (2) indisponibilidade de semeadoras para plantio direto em conformidade com a estrutura fundiária dominante; e (3) falta de domínio pleno do sistema pelas empresas prestadoras de serviço de assistência técnica e de fornecimentos de insumos e de equipamentos para orientar a prática. Com o diagnóstico pronto, começou a ser desenhada a solução do problema. (continua...)

Data : 25/09/2015

Título : O Projeto METAS e o Sistema Plantio Direto - Final

Categoria: Artigos

Descrição: Uma vez identificadas as causas que impediam a maior adoção do Sistema Plantio Direto (SPD) nas regiões do Alto Uruguai e Planalto Médio, no Rio Grande do Sul...

Uma vez identificadas as causas que impediam a maior adoção do Sistema Plantio Direto (SPD) nas regiões do Alto Uruguai e Planalto Médio, no Rio Grande do Sul, a solução do problema começou a ser delineada pela elaboração de uma proposta de transferência de tecnologia em agricultura, envolvendo

parcerias entre empresas/instituições públicas e privadas; dos segmentos pesquisa científica e tecnológica, extensão rural, industrial, comercial e de serviços: o projeto METAS - Viabilização e difusão do sistema plantio direto no Rio Grande do Sul.

A solução do problema, claramente, excedia a capacidade uma instituição isolada. Foi então que houve a formação de um projeto de transferência de tecnologia envolvendo parcerias entre empresas públicas (pesquisa e extensão rural) e privadas, que passaram a compartilhar o conhecimento vinculado aos seus técnicos, estruturas físicas e que até mesmo estavam dispostas a aportar recursos financeiros, via contratos de cooperação. Inquestionavelmente, havia entre os parceiros, que possuíam pontos fortes e fracos diferentes e por isso se complementavam, convergência de interesses e respeito mútuo.

O projeto METAS foi oficialmente iniciado em 1993, com uma intensa programação de treinamento posta em prática, envolvendo: tecnologia de dessecação/regulagem de pulverizadores; manejo de culturas de cobertura (aveia preta, principalmente); regulagem/adaptação de semeadoras (faltavam máquinas para SPD adequadas à estrutura fundiária dominante); fertilização e correção de solos; controle de pragas e doenças, etc. O treinamento focou nos preceitos do novo SPD, tendo por base a mobilização do solo restrita à linha de semeadura, a manutenção de palha na superfície e a diversificação de culturas (colher-semear, cobertura perene do solo e aporte de matéria orgânica ao sistema). A partir do treinamento recebido, os assistentes técnicos montavam as Unidades de Treinamento e Demonstração (UTDs) do METAS, que serviam tanto para a aprendizagem do próprio treinando quanto para a difusão do sistema via dias de campo locais.

Os resultados do projeto METAS, que transformaram a realidade do SPD no norte do Rio Grande do Sul, apareceram de pronto. Na área de abrangência do projeto, em 1993, as lavouras ocupavam anualmente 917.450 ha, sendo que, desses, apenas 45 mil ha adotavam o que poderia ser chamado de plantio direto. Um ano depois, em 1994, a área com SPD subiu para 150 mil ha (46%), em 1995, chegou a 420 mil ha (71%), em 1996, alcançou 650 mil ha (71%) e, em 1997, atingiu 820 mil ha (90%). Não havia mais margem para dúvida que o projeto METAS, com a primeira fase prevista para durar de 1993 a 1998, tinha cumprido e com folga as suas metas. Começou então a discussão do que seria chamado de projeto METAS – Fase 2, contemplando também os campos de pastagem do sul do Estado, para entrar em ação a partir de 1998, com a previsão de inclusão de novos parceiros. Esse METAS-Fase 2 não foi levado adiante. O SPD não era mais exceção e sim a prática dominante na agricultura do sul do Brasil. Os vazamentos tecnológicos decorrentes do projeto METAS já se faziam sentir e ainda estão presentes muito além das fronteiras da sua região original de abrangência. Muitos problemas dos SPD foram resolvidos e, com o passar dos anos, outros novos surgiram (resistência de plantas daninhas, volta da erosão em algumas lavouras, etc.).

Ainda que eu possa estar omitindo nomes (involuntariamente), cabe destacar que os principais protagonistas do projeto METAS foram: José Eloir Denardin, Rainoldo Kochhan, Antonio Faganello, Delmar Pöttker e Celso Antônio Nardi, de parte da Embrapa; Tabajara Nunes Ferreira, Antoninho Berton e Itacir Barreto de Melo, pela EMATER-RS; Victor Hugo Carrão (um entusiasta da fase inicial do

projeto) e Maria Arminda O. C. Grazziotin, pela Monsanto; e Eduardo Copetti, da SEMEATO.

Data : 22/07/2016

Título : O quase tudo de Valmor Bordin

Categoria: Artigos

Descrição: Dois anos, 1961 e 2015, e duas datas simbólicas e abstratas, nascimento (20/07/1961) e morte (10/03/2015), delimitam a vida de Valmor Roberto Bordin.

Dois anos, 1961 e 2015, e duas datas simbólicas e abstratas, nascimento (20/07/1961) e morte (10/03/2015), delimitam a vida de Valmor Roberto Bordin. Nesse breve período de pouco mais de 53 anos, o médico e escritor nascido em Jacutiga (mais especificamente entre Bela Vista e Barão Hirsch) produziu uma obra literária forjada no dia a dia do exercício da psiquiatria, cuja poesia e singeleza das palavras, em algumas ocasiões, e a crueza e a força do texto (com conotação de pesadelos, angústias e lutos exacerbados), em outras, dão ares de alguém que, pela via da literatura, tentou, tentou, tentou... mas não conseguiu deixar de absorver as dores da alma daqueles pacientes que ele diligentemente tratou, quer seja em hospitais ou no consultório, compartilhando graças e desgraças.

Valmor Bordin foi um escritor de estilo lapidado em oficinas de criação literária (foi aluno de Armindo Trevisan, Charles Kiefer e Luiz Antonio de Assis Brasil) e em concursos literários. Sua obra pode ser encontrada dispersa em coletâneas de contos e poesias ou reunidas nos livros Voo Rumo às Asas (2009), O quase-nada (2010), Poemas Famintos (2011) e Edmundo inventa o mundo (2012). E, ainda que, por ele não estando mais por aqui, alguém possa supor que isso tenha sido o seu tudo, eu opto por um quase tudo. Pois, ainda há muito a ser revelado e absorvido de Valmor Bordin. E esse concurso que a Academia Passo-Fundense de Letras ora está promovendo var dar a prova cabal disso.

Indiscutivelmente, foi pela meritocracia da produção literária deixada, que a Academia Passo-Fundense de Letras (APLetras), no cumprimento da sua missão, voltada ao reconhecimento e à valorização dos escritores locais, escolheu Valmor Bordin para tema da sétima edição do concurso literário da instituição, prevista para 2017. Sob a denominação “O Solidário e Intenso Valmor Bordin”, cujo cronograma de trabalho iniciou em junho desse ano, o concurso é destinado aos alunos de ensino médio e dos dois últimos anos do ensino fundamental das instituições de ensino passo-fundenses, e deve contar com o apoio da direção das escolas locais e o envolvimento de professores de língua portuguesa/literatura/redação na preparação dos estudantes para a produção de releituras e de criação em prosa ou poesia a partir das obras de

Valmor Bordin. Além da premiação em dinheiro aos três primeiros colocados, haverá certificados de participação, aos alunos e professores envolvidos, bem como os trabalhos selecionados serão reunidos em livro, que será lançado em sessão solene da APLetras, em agosto de 2017.

Informações sobre o concurso “O Solidário e Intenso Valmor Bordin” podem ser obtidas com os acadêmicos Agostinho Both, Marisa Potiens Zilio e Dilse Piccin Corteze, na sede da Academia Passo-Fundense de Letras (Av. Brasil Oeste, 792), aos sábados pela manhã, entre 10h e 12h.

Por fim, o nosso apelo, às direções das escolas, aos professores e aos alunos, ENVOLVAM-SE! O resultado é gratificante. Apenas três exemplos são suficientes para corroborar o que eu acabo de dizer. Na primeira edição, sobre Machado de Assis, a aluna premiada foi recebida em visita na Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro. No quinto concurso, sobre Moacyr Scliar, além do reconhecimento de Judith Scliar, com a homenagem sendo incluída em obra e na exposição sobre a vida do escritor, exemplares do livro produzido foram solicitados pela Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos da América. E, em 2015, quando o tema foi “O Irreverente Ignácio de Loyola Brandão”, o lançamento do livro contou com a presença do próprio escritor homenageado, que, apesar do prestígio que goza, tendo recebido recentemente o Prêmio Machado de Assis, dado pela Academia Brasileira de Letras pelo conjunto da obra, não se furtou de participar e, num exemplo raro de humildade, também prestar a sua homenagem aos estudantes e professores que estiveram envolvidos com o concurso que lhe homenageou.

Data : 30/03/2018

Título : O que (talvez) nunca saberemos

Categoria: Artigos

Sir Martin Rees, o Astrônomo Real da Grã-Bretanha, foi o conferencista do ciclo 2010 das famosas Palestras Reith da BBC de Londres. As falas dos cinco encontros, realizados em diferentes locais do Reino Unido e todos transmitidos ao vivo pela Rádio BBC, após revistas e ampliadas, foram reunidas por Rees, em 2011, no livro “From Here to Infinity – Scientific Horizons”, que, em 2017, ganhou edição, em Língua Portuguesa, com o título de “Para o Infinito - Horizontes da Ciência”. Nessas palestras, Martin Rees tratou dos grandes temas afetos à ciência contemporânea, buscando, por meio de linguagem não técnica e imagens simples, levar luzes para além dos muros da comunidade científica.

No terceiro encontro da série das Palestras Reith 2010, realizado na sede da Royal Society, a principal academia científica do Reino Unido, na época,

presidida pelo próprio Martin Rees, diante de um público formado, majoritariamente, por cientistas, o Astrônomo Real da Grã-Bretanha tratou, de forma mais especulativa do que afirmativa, do futuro da ciência, dando ênfase a coisas que, talvez (essa palavra eu adicionei por conta e risco), nunca saberemos.

Admite-se, sim, que tudo começou a 14 bilhões de anos, com o nosso Big Bang. E mais: chamamos de Universo o domínio observável pelos nossos melhores telescópios que se estende, por ora, não mais além de 10 bilhões de anos-luz. Mas, especulativamente, esse domínio, apesar da vastidão, não poderia ser apenas uma parte infinitesimal da totalidade? Quem poderia afiançar que, quando estamos no meio de um oceano, o mais provável é que a água acabe depois da linha do horizonte que enxergamos? O nosso Big Bang teria sido o único?

A nossa limitação de percepção reside no fato de sermos seres tridimensionais. Imagine uma formiga andando sobre a face superior de uma folha de papel, vivendo num mundo bidimensional. Ela jamais teria consciência de uma folha similar paralela a sua. Então, sendo nós prisioneiros das três dimensões, por que não seria possível também não termos consciência da existência de outro universo completo (com espaço tridimensional como o nosso, inclusive) a menos de um milímetro de distância de nós, porém pertencente a uma quarta dimensão espacial?

Os grandes desafios à ciência contemporânea estão no quantum e no cosmos. Ou, se preferirem, no muito pequeno e no muito grande. Mas, estejamos cientes disso, as incertezas do conhecimento nesses extremos, na maioria dos casos, são irrelevantes para a prática científica, quer sejam essas afetas aos domínios da engenharia ou da biologia aplicadas. Inclusive, há quem diga que o reducionismo extremo é verdadeiro apenas num certo sentido, mas raramente é verdadeiro num sentido útil. As incertezas da física subatômica, por ora, são irrelevantes para os biólogos e para os ambientalistas, por exemplo. E não obstante a teoria quântica constitui a base de boa parte da tecnologia moderna. Estando presente, por exemplo, quando tiramos uma fotografia digital, navegamos na Internet ou usamos um leitor de DVD ou de códigos de barra a base de laser.

A grande indagação diz respeito a nós mesmos e como responderemos a questões que sequer formulamos. Afinal, está em construção uma era pós-humana? Essas criaturas, que nos sucederão evolutivamente (ou involutivamente), serão assentadas sobre uma base orgânica ou em plataforma de silício ou não passarão de máquinas inteligentes? De uma coisa estejamos certos, daqui a seis bilhões de anos, quando acabar o combustível do Sol, não seremos nós que estaremos por aqui para testemunhar o fim do planeta Terra.

Martin Rees destacou que um dos mais notáveis conferencistas das Palestras Reith foi Peter Medawar, que falou, em 1959, sobre “O Futuro do Homem”. Medawar encerrou a suas conferências com uma reflexão que até hoje nos instiga: “Os sinos que dobram pela Humanidade são – a maior parte deles, seja como for – como os badalos das vacas alpinas: estão aos nossos pescoços e se não produzem um som alegre e harmonioso é forçosamente por NOSSA culpa”.

Data : 16/04/2010

Título : O samba do biólogo doido

Categoria: Artigos

Descrição: A relação entre o que tem em comum um sapo e uma planta de trigo, por mais que aparente, não é o samba do biólogo doido, ao estilo Stanislaw Ponte Preta (Sérgio Porto).

O samba do biólogo doido

· O samba do biólogo doido

A relação entre o que tem em comum um sapo e uma planta de trigo, por mais que aparente, não é o samba do biólogo doido, ao estilo Stanislaw Ponte Preta (Sérgio Porto). Trata-se da capacidade em regular o ajuste ósmótico e, conseqüentemente, de adaptação a uma condição de seca. Uma das vantagens associadas com maior capacidade de ajuste ósmótico é na extração de água do solo. Essa capacidade extra de absorção de água, associada com ajuste osmótico, parece ser bastante difundida na natureza, conforme demonstram estudos com trigo e sapos australianos, que pela maior síntese de ureia em comparação com outras espécies de anfíbios, tal qual ocorre nas plantas, conseguem uma melhor adaptação em ambientes seminários. Eis uma via ainda a ser explorada para a criação de tolerância/adaptação de plantas à falta de água. Transferir um mecanismo de adaptação à seca que ocorre nível celular e bioquímico para níveis de organização mais elevados, indivíduo e população, onde efetivamente se definem as propriedades agronômicas dos cultivos é uma nova e desafiadora tarefa para os cientistas que atuam em biologia avançada.

· Prognóstico climático

O boletim climático produzido pelo 8º Disme/Inmet e pelo CPPMet/UFPel, para o trimestre maio, junho e julho de 2010, liberado em 15 de abril, destaca que com a tendência de enfraquecimento das anomalias positivas de temperatura da superfície das águas do Oceano Pacífico Equatorial Central e a expansão da área de anomalias negativas de temperatura no Pacífico Leste, associadas à expansão das anomalias negativas de temperatura no Oceano Atlântico

Sudoeste (litoral da Argentina), espera-se redução no padrão de chuva para os próximos meses no Rio Grande do Sul. O citado boletim leva a assinatura dos meteorologistas Julio Marques, Gilberto Diniz, Solismar Damé Prestes e Flávio Varone.

· Fim do El Niño

Várias instituições apresentam prognósticos salientando que o atual evento El Niño vem perdendo força e que a partir de junho (entrada do inverno no Hemisfério Sul) deverá predominar uma condição de neutralidade no Oceano Pacífico Equatorial. Entre tantas, cabe destacar: Climate Prediction Center/USA, Australian Bureau of Meteorology, ECMWF (EU), UK Met. Office, Necep/USA, Nasa Goddard GMAI/USA, Japan Met Agency e Korean Met. Administration.

Os institutos brasileiros, CPTEC/Inpe e Inmet, seguem a mesma tendência dos demais congêneres internacionais.

· Passo Fundo - Chuvas

Em Passo Fundo, apesar do El Niño, desde janeiro tem chovido abaixo do padrão climatológico considerado normal para a região. Em abril, até ontem (dia 16), não havia sido registrado nenhum evento de chuva na estação meteorológica da Embrapa Trigo. Os sinais dessa escassez de água já são perceptíveis nos mananciais hídricos e no teor de umidade no solo. A condição de tempo seco tem facilitado o final de colheita da soja e dificultado o estabelecimento de cultivos de inverno, especialmente com finalidades forrageira e de cobertura de solo. O reflexo da falta de umidade no rendimento das lavouras de soja não foi maior devido à relativamente boa distribuição dos eventos de precipitação.

· Safra inverno 2010

A perspectiva de que não teremos a atuação do El Niño em 2010 sinaliza uma condição climática mais favorável para os cultivos de inverno (trigo, cevada, triticale, aveias, canola, etc.), comparativamente à safra passada. Especialmente no que tange à expectativa de excesso de umidade na primavera. Pelo menos, sob o ponto de vista do clima, os indícios são bons.

· Fórum Caminho das Águas

Os integrantes do Fórum Caminho das Águas, retomando a cruzada em prol da educação ambiental, estiveram reunidos na última terça-feira, 13 de abril, no auditório da Cáritas Diocesana, para discutir a agenda de trabalho de 2010. Entre os temas tratados, mudança do clima e seus impactos sobre a biodiversidade. Cumprimentos, no nome da bióloga Flávia Biondo da Silva, do Museu Zoobotânico Augusto Ruschi - UPF, a todos os participantes do Fórum Caminho das Águas, pelo singular trabalho em educação ambiental que realizam em Passo Fundo.

O Nacional

Sexta-Feira, 16/04/2010 por Gilberto Cunha

Data : 25/05/2011

Título : O século do clima

Categoria: Artigos

Descrição: Pelo que consta, nenhum desses adivinhões que todo final de ano ocupam espaços privilegiados nos veículos de comunicação com as suas previsões...

O século do clima

por Gilberto Cunha

Pelo que consta, nenhum desses adivinhões que todo final de ano ocupam espaços privilegiados nos veículos de comunicação com as suas previsões, às vezes disponibilizando análises até bem embasadas, mas, na maioria das ocasiões, oferecendo apenas a mais fina flor da charlatanice, foi capaz de, na virada do ano 1900 para 1901, antever que o século 20 seria o “Século dos Estados Unidos da América”. Também, sem a iluminação da clarividência, não havia como, pois o século 19 foi o “Século da Inglaterra”. A Era Vitoriana marcou o apogeu do Império Britânico, no século 19. E, mesmo sem que ninguém tivesse imaginado, depois de duas guerras mundiais e, principalmente, com o fim da “guerra fria”, os americanos transformaram-se no centro do mundo, no século 20. Não precisamos mais que os últimos 500 anos de História, para percebermos que o domínio de povos e de nações em determinados períodos sempre houve. Os portugueses, graças à invenção de um tipo de embarcação capaz de ficar dias e dias navegando “por mares nunca dantes navegados” foram os maiores do século 16. Portugal com as suas possessões na costa da África, no subcontinente Indiano, no sudeste da Ásia, na China e, principalmente, pela descoberta dessa amada terra chamada Brasil, foi o senhor absoluto nos anos 1500s. Os espanhóis, os franceses e os holandeses, dependendo da perspectiva que se olhe, também tiveram os seus momentos de glória. Mas, a pergunta que não quer calar, embora já tenham se passados 11 anos, é esta: quem ou o que vai dominar o século 21? Os Estados Unidos, talvez um pouco menos e não mais sozinho, ainda estão mandando no mundo; nessa segunda década do século 21. Mas, isso vai ser assim por quanto tempo? Os chineses, pelo que parece, ocupam cada vez mais espaço na economia global. E muita gente ainda insiste que, talvez antes do que se possa imaginar, o século 21 tem tudo para entrar para a História como o “Século da China”. Sei que você, não necessariamente, vai concordar com isso, pois, nessa seara, a controvérsia é grande. Tem os “e se isso ou se aquilo”? O curso da História nem sempre segue o rumo previsível. O século 20 era para ser o “Século da Alemanha”; não tivesse a Segunda Guerra Mundial interrompido os planos de Hitler.

Mais que se especular qual país vai dominar o mundo nesse começo de terceiro milênio, muito gente entendia e há os que ainda pensam assim, que o século 21

deverá entrar para a História como o “Século do Clima”. O sociólogo americano Michael H. Glantz, que se dedica ao estudo das relações entre clima e sociedade, está entre os defensores e propagandistas dessa tese.

Por enquanto, isso ainda faz parte do mundo das ideias, mas se admite como bem provável que o novo século não será dominado por um único país, por uma personalidade qualquer, pela religião A ou B, por ideologias X ou Y ou por conflitos de qualquer natureza. São muitas as evidências indicando que as grandes discussões sobre o clima mundial deverão dominar a atenção do mundo, em um futuro não muito distante. Razões para se pensar que o clima global deverá ser o centro de calorosos debates nesse século existem de sobra. As evidências de um aquecimento global induzido pela atividade humana, apesar dos escândalos e das críticas ao IPCC, acumulam-se a cada dia que passa, e, em muitos aspectos, não são mais discutíveis como outrora foram. Registros de desastres relacionados à variabilidade climática extrema são manchetes frequentes nos veículos de comunicação. Quem não lembra de furacões devastadores como Hugo, Andrew e Mitch, das inundações na Europa (1993 e 1995), das chuvas destruidoras no Quênia (1997), do El Niño de 1997, das chuvas torrenciais e dos deslizamentos de terra na Venezuela (em dezembro de 1999), da seca severa no centro e no sudeste da Ásia (1999 a 2001) e tantos outros exemplos mais recentes, nossos inclusive, que ilustram bem a vulnerabilidade social frente às variações do clima.

O Nacional

Quarta-Feira, 25/05/2011

Data : 09/11/2018

Título : O sonho de Emily

Categoria: Artigos

Um dia, no rastro dos versos da velha canção escrita por Gilberto Gil, vivi a ilusão de que ser homem bastaria e, até por isso, eu, independentemente das circunstâncias, julguei que, depois de adulto, jamais choraria. Ledo engano! Houve momentos nessa vida, embora raros, que, confesso, não consegui controlar a emoção. Um desses foi há poucos dias (9 de outubro). Aconteceu durante a preparação do livro “Cultivando Talentos 2018”, que foi lançado na última terça-feira (6), às 11h, na 32ª Feira do Livro de Passo Fundo. Enquanto manuseava os originais, recebi, via WhatsApp, uma mensagem da organizadora da obra, Dilse Piccin Corteze, acompanhada de um desenho e um pedido: uma das autoras havia falecido, a mãe encontrou o desenho que ela fizera para

ilustrar o texto que havia escrito, trouxe para a professora e pedia para ser publicado no livro.

A autora era Emily da Rocha Stenzel, o texto em voga chamava-se “O sonho de Lúcio” e o desenho mostrava um astronauta (uniformizado no padrão NASA) flutuando no espaço entre estrelas, planetas e um céu de coloração azulada. Desnecessário dizer, mas, por um instante, mesmo sem ter tido qualquer contato anterior com aquelas pessoas, fui tocado por aquele pedido, imaginando e sentindo a situação vivenciada por elas. E assim, parei o que estava fazendo e fui LER, de fato, aqueles textos que, até então, manipulara de forma automática e displicente; especialmente os escritos por Emily.

Emily da Rocha Stenzel era natural de Araucária, PR, e moradora de Erechim, RS. Tinha 16 anos e fazia parte da classe hospitalar Escola de Vida do HSVP. Na fotografia, que ilustra a autobiografia, aparece uma jovem sorridente e de cabeça raspada, sugerindo a doença que a acometia. Nas suas palavras, descreve-se como uma menina calma, quieta e comportada, que gostava de escutar música, assistir futebol e pescar com a família em Jacutinga. Sonhava ser fotógrafa, mas adorava estudar planetas, galáxias, observar a lua e as estrelas. Eu acrescentaria: e com talento para a escrita e para a ilustração.

O sonho de Lúcio, o texto assinado por Emily na obra, retrata bem a sua paixão pelo cosmos. Eis um excerto: “...quando abriu os olhos, estava em um lugar diferente, parecia estar dentro de um foguete. Com uma roupa de astronauta. Ele olhou ao seu redor e estava acompanhado de dois homens, chamados de Buzz Aldrin e Michael Collins. Ele ficou muito espantado! Seus companheiros estavam chamando-o de Neil Armstrong.

Lúcio, não estava entendendo o que acontecera. Então, uma contagem regressiva começou: “5...4...3...2...1...”. E, o foguete estava sendo lançado para o espaço. Lúcio, mesmo um pouco assustado, estava gostando daquilo, pois queria conhecer o espaço.”

A história de Emily, sem qualquer outro juízo de valor, retrata bem o papel do Projeto Identificando Talentos, que desde 2016, por meio de oficinas de criação literária e artística semanais, com foco em estudantes da rede municipal de ensino e da Escola de Vida do HSVP, que abrange pacientes do Centro Oncológico Infantojuvenil do Instituto do Câncer do HSVP, vem sendo conduzido pela Academia Passo-Fundense de Letras, com o apoio da Secretaria Municipal de Educação de Passo Fundo. Nossos respeitos e admiração a todos os envolvidos com esse projeto. Em especial, as acadêmicas Dilse Piccin Corteze (coordenadora) e Elisabeth Souza Ferreira, o professor Edemilson Brandão (Secretário Municipal de Educação), a professora Silvia Ricci (da Classe Hospitalar Escola de Vida) e Cláudio Janczak (colaborador do projeto).

Um outro sonho confessado por Emily era ter um Opala. Quem sabe, numa noite dessas, se você olhar para o céu e, poeticamente, ouvir um ronco de motor, não seja ela, que ficou encantada, passeando entre as estrelas que tanto amava.

Quanto à ilustração feita por Emily, eu decidi não colocar no texto, como fora solicitado; mas sim, em homenagem à sua memória, na capa do livro “Cultivando Talentos 2018”. Prestigie esse projeto! Adquira o seu exemplar na Feira do Livro, que vai até domingo (11), no Bourbon Shopping.

Data : 27/06/2014

Título : O sorriso de Mona Lisa

Categoria: Artigos

Descrição: A Mona Lisa deve, possivelmente, ao seu sorriso enigmático toda a fama que possui. Além, é claro, de ser uma das poucas pinturas do mestre da Renascença, Leonardo da Vinci.

Sexta-Feira, 27/06/2014 às 07:19, por Gilberto Cunha

A Mona Lisa deve, possivelmente, ao seu sorriso enigmático toda a fama que possui. Além, é claro, de ser uma das poucas pinturas do mestre da Renascença, Leonardo da Vinci. Uma pausa para divagações do autor: imagine que, naquele começo do século 16, Leonardo da Vinci tenha comentado, casualmente, com outros artistas contemporâneos seus que iria pintar aquela figura de mulher - indicando inclusive a identidade da modelo ou do modelo, já que até hoje persiste a discussão sobre se a figura na verdade é um homem ou uma mulher- e que daria destaque ao sorriso). Indo um pouco além, Leonardo diria na roda de pintores amigos que usaria a técnica da pintura a óleo, conhecida como sfumato, para criar os sombreados sutis que caracterizam a atmosfera do seu quadro. Diante desse fato, você seria capaz de imaginar que algum desses pintores, valendo-se das idéias de Leonardo, pudesse ter pintado a Mona Lisa antes dele? Responda rápido: sim ou não, e por quê?

Deixa pra lá, eu mesmo respondo: não. Indubitavelmente, não. Vale o mesmo para um poeta que comente entre pares que está prestes a criar uma obra-prima, sob inspiração da nostalgia que os bem-aventurados sentem no Céu, quando pensam na Terra (um tema recorrente em muitas obras, quando o assunto é a imortalidade), por exemplo. Mesmo que os outros poetas gostem da idéia e saiam por aí tecendo poemas sobre esse tema, nenhum será igual a outro. Estamos falando em arte. E na arte sobressai-se a individualidade na criação. O

coletivo é secundário para o artista, e sua originalidade, quase sempre, é única. Na ciência é o contrário: duas pessoas, partindo dos mesmos fatos, podem chegar a conclusões idênticas. E daí decorre as muitas querelas científicas de insinuações de plágio e de reivindicações de originalidade de idéias.

Mesmo que não se ignore a possibilidade de existência de genialidade científica, a individualidade na ciência é relegada a um papel secundário. A construção é coletiva. O conhecimento científico exige complementaridade e evolui com o tempo. A dimensão cronológica desempenha um papel fundamental. Não é por nada que há civilizações da antiguidade com um desenvolvimento artístico elevado até para os padrões de hoje (vide egípcios e babilônios) e, quanto ao conhecimento científico, não carece traçar qualquer paralelo. Quantos pintores dos nossos dias têm uma obra como a Mona Lisa? Leonardo da Vinci também era um homem de ciência. Agora, compare o nível de conhecimento científico dele com... com o seu mesmo. Por favor, não faça isso com o pobre Leonardo. Ele não merece tal comparação (embora ele tenha pensado em coisas que só se concretizariam muitos anos depois). As descobertas científicas de hoje, por consequência, eram impensáveis em épocas passadas. Em Biologia, nem precisamos retroceder muito. Estão aí para demonstrar todos os avanços que se sobressaíram após a descoberta da estrutura do DNA, em 1953.

Na ciência, as descobertas são decorrentes de um processo de aprendizagem que está embasado no conhecimento precedente. O desenvolvimento científico e tecnológico costuma seguir o seu curso de forma relativamente independente dos indivíduos. As grandes descobertas (as mais importantes) acabam sendo feitas, guardadas as devidas proporções, por aqueles que trabalham com melhores condições (inclua-se tudo) e/ou quando, algumas vezes, o acaso conduz para o caminho certo. Por ser decorrência de um processo construído coletivamente e dependente de evolução com o tempo é que, não raro, quase simultaneamente, as mesmas ideias (ou parecidas) surgem na cabeça de muitos cientistas, sem que, necessariamente, um tenha copiado o outro.

Não existe o gênio científico isolado (figura da literatura) e muito menos o mito do menino prodígio em ciência (contradição em si mesma). O cientista tem que compartilhar para evoluir. Congressos científicos, reuniões técnicas, publicações especializadas, etc., não existem por outra razão. Quem não divulga por temor que outros usem o seu conhecimento para evoluir a ciência ou para criar novas tecnologias, não faz outra coisa que sintetizar a contradição que envolve a pesquisa de interesse público e o pesquisador de interesse próprio. E, desses últimos, a ciência prescinde facilmente.

Data : 06/02/2015

Título : O suicida inverossímil Paul Kammerer

Categoria: Artigos

Descrição: Notícias sobre suicídios e cartas deixadas por suicidas, pelo menos a vasta maioria, por uma espécie de código tácito de conduta que impera no ambiente das redações dos veículos de comunicação, não costumam ser divulgadas e nem ganham repercussão;

Sexta-Feira, 06/02/2015 às 07:19, por Gilberto Cunha

Notícias sobre suicídios e cartas deixadas por suicidas, pelo menos a vasta maioria, por uma espécie de código tácito de conduta que impera no ambiente das redações dos veículos de comunicação, não costumam ser divulgadas e nem ganham repercussão; mesmo em jornais, revistas e programas de rádio e TV que são ditos populares. E muito menos isso acontece nas chamadas revistas científicas, cuja missão é a divulgação de contribuições e relatos de pesquisa, presumidos, a priori, como originais. Mas, como tudo na vida há exceções, esse não foi o caso do biólogo austríaco Paulo Kammerer, cujo desfecho trágico começou a ser anunciado nas páginas da prestimosa Nature e terminou na não tão menos celebrada Science.

O suicídio de Paul Kammerer é emblemático na história da ciência, pois embora tenha ocorrido em 1926, de tempos em tempos o fantasma do cientista suicida ressurge para reabrir as discussões com novas interpretações sobre os acontecimentos do passado.

Paul Kammerer, lamarckista convicto, como muitos dos seus pares no começo do século 20, trabalhava no Instituto de Biologia de Viena, o famoso Vivarium. Era um sujeito inteligente, que se diferenciava pela capacidade de comunicação como palestrante e escritor de artigos para jornais e revistas de divulgação, pelos livros que escrevia, pela convivência no meio artístico vienense (era músico) e pelas muitas mulheres que, dizem, se apaixonaram por ele. Inimigos não lhe faltavam. Numa época que Mendel recém começava a ser descoberto na Inglaterra por William Bateson e ainda não havia sido concretizada a fusão de Darwin e Mendel, com o neodarwinismo, que só aconteceria nos anos 1930, a herança dos caracteres adquiridos, na prática o lamarckismo, era uma discussão muito em voga. Kammerer produziu resultados experimentais com salamandras, com tunicados e com sapos, que lhe alçaram à fama de ter provado a questionada herança dos caracteres adquiridos. A sua derrocada, casualmente, veio do suposto êxito alcançado com uma espécie de sapo cujo macho carrega nas pernas traseiras os ovos depositados pelas fêmeas.

Esse sapo macho chocador difere dos demais pela falta, nos membros anteriores, das calosidades pigmentadas, que são necessárias à copula. Kammerer afirmou ser possível mudar o hábito chocador desse tipo de sapo macho e desenvolver lhe, hereditariamente, as calosidades pigmentadas das outras espécies. Experimento feito e resultados publicados, mostrando que em seis gerações foi possível tal façanha, seguiu-se uma discussão entre defensores e detratores de Kammerer. Em 1919, um repto, encabeçado por Bateson, o principal vocal entre os acusadores, pedia a submissão de exemplares desses sapos chocadores a exames por terceiros. Kammerer, no primeiro momento, recusou. Até que, em 1926, cedeu o exemplar remanescente

dos sapos do seu famoso experimento para ser analisado por G. K. Noble, do Museu Americano de História Natural, e Hanz Przibram, diretor do instituto que Kammerer trabalhava. No exame foi descoberto que a pigmentação dos membros anteriores desses sapos, supostamente adquirida por herança, havia sido artificialmente feita com tinta.

O relato desse achado, em notas separadas assinadas por Noble e por Przibram, foi publicado na edição de 7 de agosto de 1926 da revista Nature (v.118, n. 2962, p. 209-211). Caía por terra a alegada prova da herança adquirida e, Kammerer pego numa suposta fraude científica, escreveu uma carta, datada de 22 de setembro de 1926, que enviou aos editores da Science, dando a sua versão dos acontecimentos e anunciando a intenção do suicídio, que se concretizaria, com um tiro, no dia seguinte. A carta de Kammerer saiu publicada na Science, edição de 19 de novembro de 1926 (v.64, n. 1664, p. 493-494), e essa história, que nunca teve fim, vem se desenrolando em filmes, livros e artigos científicos até os nossos dias. (continua...)

Data : 13/02/2015

Título : O suicida inverossímil Paul Kammerer – Parte 2

Categoria: Artigos

Descrição: Um tiro na cabeça, em uma estrada em meio à floresta da montanha de Puchberg am Schneeberg, no subúrbio de Viena (80 km ao sul)...

Sexta-Feira, 13/02/2015 às 07:18, por Gilberto Cunha

Um tiro na cabeça, em uma estrada em meio à floresta da montanha de Puchberg am Schneeberg, no subúrbio de Viena (80 km ao sul), no dia 23 de setembro de 1926, selaria o trágico desfecho anunciado pelo próprio Kammerer na carta do dia anterior dirigida ao presidente da Academia de Ciência de Moscou, cuja cópia, que fora endereçada editor-chefe da revista Science, seria publicada na edição de 19 de novembro daquele ano. Enquanto no Ocidente o suicídio de Paul Kammerer, à primeira vista, soou como uma espécie de confissão de culpa pela fraude científica perpetrada, na União Soviética ele passou a ser visto como uma espécie de herói popular, usado pelos stalinistas no poder como exemplo de vítima da biologia burguesa e capitalista.

Paul Kammerer, antes da publicação na revista Nature da suposta fraude do caso do sapo chocador, havia renunciado ao cargo que ocupava no Instituto de Biologia Experimental de Viena e se dedicava a palestras e a paixões mundanas diversas, enquanto preparava a mudança para Moscou, onde, a convite do poderoso comissário da educação da nação soviética, Anatoly Lunacharsky, assumiria o posto de professor na Universidade de Moscou e membro da

Academia de Ciência. O suicídio transformou Kammerer em lenda na Rússia. Anatoly Lunacharsky, admirador confesso de Kammerer, não deixou a sua memória ser esquecida; pelo menos de imediato. Encomendou um filme, produção russa e alemã, de qualidade e gosto questionáveis, intitulado Salamandra, que, indiretamente, retratava a história de Kammerer, personificado na película pela figura do professor Karl Zange.

O professor Karl Zange (entenda-se Paul Kammerer) trabalhava com salamandras em uma universidade europeia. Nos experimentos, ele conseguiu mudar a cor das salamandras via a manipulação do ambiente. E, depois de um tempo, essa mudança de cor, uma característica que fora induzida pelo ambiente, tornou-se hereditária. Nada muito diferente do que Kammerer alegara ter feito com os sapos chocadores, mudando o hábito de acasalamento de terrestre para aquático pela elevação da temperatura do ambiente do aquário em que esses animais eram criados. A descoberta desagradou um religioso, que, temendo o fim dos privilégios da Igreja, alicerçados no criacionismo, instigou um auxiliar de Zange a praticar uma fraude, trocando a salamandra que seria usada no anúncio público da grande descoberta por outra cuja coloração fora forjada com uma injeção de tinta preta. Essa salamandra adulterada quando foi colocada num pote com água foi perdendo a cor e o constrangimento em meio aos presentes generalizou-se.

O professor Zange foi acusado de impostor e acabaria sendo demitido da universidade. Vira um andarilho que perambula como pedinte pelas ruas e, desesperançado, pensa em se matar. Eis então que encontra uma ex-aluna russa que decide ajudá-lo, conseguindo uma entrevista com o comissário da educação daquele país, cujo personagem é vivido no filme pelo próprio Lunacharsky, que se compadece com a história do professor vítima de perseguição burguesa. O papel da ex-aluna russa é interpretado pela atriz Natalya Rozenel, que na vida real é casada com Anatoly Lunacharsky. Enfim, os Lunacharskys reinam absolutos nesse filme. No exato momento que Karl Zange, sem mais esperanças, vai cometer o suicídio, recebe a notícia do convite de Lunacharski para ele ir trabalhar em Moscou. O filme, mesclando imagens reais de Kammerer, não deixa qualquer dúvida que se trata da sua história, apesar do final idealizado, que é muito diferente da realidade. Na última cena, os dois personagens são retratados marchando para leste, rumo à “terra da liberdade”.

O caso Kammerer - com notas na Nature e na Science, com o suicídio do protagonista principal e o filme Salamandra -, desde o final dos anos 1920 até hoje, vem sendo discutido nos meios científicos. Que tipo de pessoa era Kammerer? Cometeu ou não a fraude dos sapos chocadores? (continua...)

Data : 25/11/2016

Título : O tango segundo J. L. Borges

Categoria: Artigos

Quando Edwin Williamson, no livro “Borges: Uma vida”, de 2007, mencionou as conferencias que Jorge Luis Borges havia pronunciado, em 1965, sobre o tango, reacendeu o interesse pelo assunto. Inclusive, porque, apesar do informe publicitário que havia saído no jornal La Nación, na página 6 da edição de 30 de setembro de 1965, que fazia menção ao ciclo de conferência que seria oferecido todas as segundas-feiras de outubro, às 19 horas, no primeiro piso, na Rua General Hornos 82, muita gente duvidava que esses encontros, efetivamente, tivessem ocorrido. Por sorte, graças às gravações das conferencias do escritor argentino feitas por um galego (Manuel Román Rivas), que entregou as fitas a um basco (José Manuel Goikoetxea), que repassou, em 2002, para outro galego (Bernardo Atxaga), e, uma vez comprovada a autenticidade do material, em 2013, pelo meticuloso trabalho de edição e notas de Martín Hadis, finalmente, em junho de 2016, veio à luz, pela editora Sudamericana, o livro “El tango - Cuatro conferencias”, com a reprodução das falas de Borges.

Jorge Luis Borges, com a sua peculiar erudição, nas aludidas conferências, retomou o trabalho que havia feito, em 1929, quando iniciou a investigação sobre a vida do poeta Evaristo Carriego, em cujo livro, publicado em 1930, incluiu o ensaio “Historia del tango”. A pesquisa sobre Carriego levou Borges ao mundo do tango, aos recantos mais inusitados do bairro de Palermo, a visitar os “compadritos” e as “casas malas” para interpretar a origem, os símbolos, a mítica e a lírica da música emblemática que simboliza a cidade de Buenos Aires: o tango. Passeou, com naturalidade pela história da Argentina, revisita os personagens do mundo do tango, bairros, ruas, praças, instrumentos, a evolução do ritmo e sua expansão exterior (França e Japão, especialmente). Para concluir que, em qualquer parte do mundo, quando alguém faz menção a Argentinas, duas palavras sobrevêm, sendo uma relativa a um tipo humano, “el gaucho”, e outra a um ritmo musical, “el tango”. Fixa uma data e um lugar para a origem do tango, seguindo a obra de Vicente Rossi: o ano de 1880 e o lugar, infelizmente não na Argentina, mas sim em Montevideú. Todavia, Borges, por ser portenho, optou por Buenos Aires e o mesmo ano, 1880. Reconhecidamente, o tango teve sua origem nas periferias do Rio da Prata.

Também são bem conhecidas as referências pouco elogiosas de Borges a Gardel, o cantor símbolo do tango, e a preferência do escritor pela milonga. Não lhe agradava o tango cantado, com letra, pois dizia que a letra matava o tango. Agradava-lhe o tango velho, o tango canção. A sua preferência pela milonga recaía na coragem dos personagens, que peleavam apenas pelo gosto de lutar, para saber quem era o mais guapo. E isso se reflete nos contos “El Sur” e em “El hombre de la esquina rosada”. Segundo ele o tango procede da milonga e toda a tristeza do tango é que leva à afirmação que “o tango é um pensamento triste que se baila”; cuja frase muitos atribuem a Ernesto Sabato. E que o tango se entristeceu mais ainda quando chegou ao bairro italiano de La Boca, envolvendo melancolia e passionalismo em grau elevado. E resume tudo com a sentença clássica de Leopoldo Lugones: “El tango, ese reptil de lupanar”.

Para Borges, Carlos Gardel levou ao ápice os chamado tangos chorões e queijosos, tornando-os, via uma interpretação singular, dramáticos ao extremo, num verdadeiro lamento de cornos. Ironicamente, dizia “Gardel y yo tenemos algo en común: a ninguno de los dos nos gusta el tango”.

A Borges, o tango era mais um tema literário, pois, para ele, estudar o tango era o mesmo que estudar as vicissitudes da alma argentina.

Aos interessados em tango, recomenda-se, além do livro que reúne as conferências de Borges, a obra de Washington Gularte, “O Tango em Porto Alegre (1914-2014)”, que registra, com ricos detalhes, os 100 anos de história do famoso “dois por quatro” na capital do Rio Grande do Sul.

Data : 30/11/2018

Título : O testamento do criminalista

Categoria: Artigos

Depois de 50 anos de atuação no Tribunal do Júri, seja como advogado de defesa ou como assistente à acusação; de ser reconhecido como empresário bem-sucedido, sócio proprietário da concessionária da estação rodoviária de Passo Fundo, presidente da Associação Comercial de Passo Fundo e dirigente do respeitável escritório de advocacia Jabs Paim Bandeira & Advogados Associados; de ter se destacado como ativista cultural, comandante dos Cavaleiros do Mercosul e responsável pela encenação do espetáculo Batalha do Pulador; de ter atuado politicamente, como vereador, eleito pela ARENA na legislatura 1973 a 1977; de ter escritos livros, Trezentos dias de defesa (1987), Fazendo amor falado (2002) e Batalha do Pulador: História & Encenação (2006), apenas como exemplos; de ter criado filhos, Jabs Duarte Bandeira (in memoriam), Fabrício Duarte Bandeira, Daniel Duarte Bandeira e Cassiano Paim Bandeira; e, muito provavelmente, plantado árvores, não é surpresa para ninguém, que um homem, consciente de já possuir mais passado do que futuro, ponha-se a ditar testamento. Pois, não há definição melhor, no meu entendimento, do que Testamento Intelectual, no sentido de legado deixado por alguém, para esse livro – Memórias de um Criminalista: Casos & Histórias –, que ora nos brinda o advogado Jabs Paim Bandeira.

Memórias de um Criminalista: Casos & Histórias é uma espécie de antologia dos melhores momentos vividos, envergando a toga de advogado, por Jabs Paim Bandeira. E é uma antologia no sentido estrito do termo, uma vez que, nela, são coligidos por esse notório operador do Direito, textos, de lavra própria, sobre os julgamentos de alguns dos mais rumorosos crimes que abalaram Passo Fundo, a região, o Rio Grande do Sul ou, até mesmo, todo o País; nos últimos 50 anos.

Nas páginas desse livro, são dessecados, em detalhes, os casos que Jabs Paim Bandeira atuou diligentemente. São exemplos, entre tantos: o crime da leitaria, que tinha relação com a terrível e sanguinária quadrilha dos “Irmãos Campos”; o assassinato do advogado Júlio César Serrano, em 11 de janeiro de 2005, no município de Soledade; e as degolas da arquiteta Neusa Maldaner e sua secretária Rosane Sacomori, em 9 de março de 2001, na Galeria Central, em Passo Fundo. Ou o inusitado desfecho de um crime ambiental, após nota do colunista social Roberto Gigante, que mencionava um jantar, no Ritter Hotel, em Porto Alegre, em 1987, cujo prato principal seria um tatu na farofa, trazido de Santa Maria. O recurso provido foi de que não fosse apreendido todo o tatu, mas apenas as patas e o rabo do bicho, que acabou mesmo sendo degustado pelos comensais.

Jabs Paim Bandeira deixa lições valiosas para quem, no exercício da advocacia, por ventura, queira; seja como defensor ou como assistente à acusação, construir uma carreira como criminalista. Acima de tudo, realça o respeito que merecem as partes envolvidas, culpadas ou inocentes, uma vez que, até mesmo o mais hediondo dos criminosos, tem o direito a uma sentença justa ou, por mais cinismo que aparente, merece o direito de ser castigado para ser redimido. Que lástima, por um lado, que muitos profissionais do Direito não puderam ter sido beneficiados antes por esse legado deixado por Jabs Paim Bandeira!

Eis um livro admirável; uma vez que não se trata, como outros tantos, de apenas mais um livro escrito por um advogado criminalista. Esse volume foi construído com esmero de ourives por Jabs Paim Bandeira, ao longo dos últimos 50 anos, página a página, em cada petição, em cada recurso, em cada peça de acusação ou em cada pedido de absolvição, ao deixar patente aos leitores que, mais do que lavrava documentos ou atuava no Tribunal do Júri, ele vivenciava experiências.

CONVITE -Prestigie, nesse sábado (1º de dezembro), às 14h, na sede da Academia Passo-Fundense de Letras (Av. Brasil Oeste, 792), o lançamento do livro do advogado Luís Marcelo Algarve: DIREITOS AUTORAIS E GHOSTWRITER: O Caso “O Doce Veneno do Escorpião” à Luz das Doutrinas do Droit d’Auteur e do Copyright.

Data : 16/12/2016

Título : O triste destino das bibliotecas pessoais

Categoria: Artigos

Lamento pela desilusão, mas, invariavelmente, o destino das chamadas bibliotecas pessoais, quando morre o dono, não tem tido melhor sorte do que a dissolução do acervo acumulado, não raro a duras penas, ao longo dos anos, quer seja por doação, venda ou o caminho da reciclagem de resíduos (apenas um eufemismo para lixo).

Dois casos emblemáticos, locais e de 2016, que aqui serão usados apenas como exemplos (há outros) e sem qualquer julgamento de valor, servem bem para ilustrar a assertiva do parágrafo anterior. Um deles envolveu (e ainda envolve) o destino da biblioteca organizada por Valdelírio Nunes de Souza, o papeleiro Chicão, falecido há menos de dois meses, e o outro, que, assim como tantos, por ser de natureza estritamente privada, aqui farei referência apenas como biblioteca do professor A. F.

A chamada de capa de O NACIONAL, edição de 25 de novembro de 2016, “Do lixo ao lixo”, alertando para o fato de que os livros que formavam a biblioteca que havia sido organizada pelo papeleiro Chicão estavam sendo vendidos como sucata para custear despesas da família, que vivendo em vulnerabilidade social, em um galpão às margens da Rodovia BR 285, e sem alternativas, não via outro caminho que não a venda do acervo de 12 mil obras literárias e didáticas, que, garimpadas por Chicão no lixo ou recebidas por doação, ficavam à disposição dos estudantes e da população do bairro Valinhos. As notícias sobre o caso Chicão repercutiram. O professor Ironi Andrade abriu uma conta poupança “Pró-Biblioteca do Chicão” (CEF, Agência 0494, Conta 4688-1, Operação 13) visando à arrecadação de fundos, e uma reunião coordenada pelo secretário de Gestão da Prefeitura de Passo Fundo, Diorges Oliveira, com os secretários de Educação, Edemilson Brandão, e de Cultura, Pedro Almeida, apoiados pela presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, Dilse Corteze, resultou no encaixe da família em um programa de assistência social e a perspectiva de que um espaço físico de uma escola municipal na região seria ampliado para abrigar a biblioteca e um museu para preservar a memória do Chicão.

Quanto ao professor A. F., conheci-o por acaso no corredor de um supermercado local. Ele se apresentou e disse que era o professor A. F. O nome soou familiar e eu perguntei: O Sr. não é o autor do livro “O Gaúcho dos Campos de Campos de Cima da Serra”. Ele disse sim, e eu informei que um exemplar desse livro, que ele havia dado ao sobrinho G. F., que fora meu colega na Escola Técnica de Agricultura de Viamão, em 1975, havia me acompanhado, não sei como,

desde aquela época, tendo-o trazido a Passo Fundo e que, pelo assunto, esse fora incorporado ao acervo do Dr. Pedro Ari Veríssimo da Fonseca. Ele ficou feliz em saber e me contou orgulhoso do sobrinho G. F., que havia virado político e empresário bem-sucedido na Serra Gaúcha, e que ele, professor A. F., vivia em Passo Fundo, onde o filho médico exercia a profissão. Até que, um dia, em O NACIONAL, vi o convite para uma missa em memória do professor A. F.

Há pouco mais de um mês, chamou a minha atenção alguns livros sobre a mureta na frente de um prédio na Rua XV de Novembro. Olhei e segui o meu caminho. Duas semanas depois, quando eu me dirigia, antes das 7h, para um exame no HSVP, na frente do mesmo prédio, junto aos containers de lixo, havia uma caixa de papelão cheia de livros. Por um lado eu me aproximava e pelo outro um papelheiro e a sua gaiota. O papelheiro chegou antes. Pegou a caixa e despejou os livros na gaiota. Eu pedi para olhar. O papelheiro foi gentil e começou a mostrar os livros. Acabei, por módicos R\$ 20,00, levando três exemplares: Os Donos do Poder, do Raymundo Faoro, de 1958; Compendio de História do Rio Grande do Sul, do Amyr Borges Fortes, de 1968; e História Geral do Rio Grande do Sul - 1503 – 1957, de Arthur Ferreira Filho, também de 1958. Os demais seguiram o seu destino na gaiota do papelheiro. Abro os livros e vem a confirmação: nos exemplares constava o nome A. F.

Que os livros do papelheiro Chicão tenham melhor destino que o acervo da biblioteca do professor A. F.

Data : 12/12/2010

Título : O Vaticano e os OGMs

Categoria: Artigos

Descrição: De 15 a 19 de maio de 2009, a Academia Pontifícia de Ciências, em sua sede na Casina Pio IV, no Vaticano, realizou a Semana de Estudo sobre o tema “Plantas Transgênicas para a Segurança Alimentar no Contexto do Desenvolvimento”.

O Vaticano e os OGMs

De 15 a 19 de maio de 2009, a Academia Pontifícia de Ciências, em sua sede na Casina Pio IV, no Vaticano, realizou a Semana de Estudo sobre o tema “Plantas Transgênicas para a Segurança Alimentar no Contexto do

Desenvolvimento”. O evento, dirigido por cientistas renomados e membros da Academia Pontifícia de Ciências, como Ingo Potrykus, criador do arroz transgênico “Golden Rice”, Werner Arber, Nobel em Medicina, e Peter Raven, ex-diretor do Missouri Botanical Garden, contou com a participação de 41 ilustres convidados. Os anais desse encontro, passado o embargo de divulgação, que expirou no dia 30 de novembro último, foram recém publicados no número especial da revista científica *New Biotechnology* (v.27, n.5, 2010), auspiciado pela editora holandesa Elsevier.

A par das comunicações individuais dos participantes, que por si mesmas valem como referências no assunto, as conclusões da Semana de Estudo, tiradas como posição oficial e ratificada por todos, são de fazer inveja aos discursos das lideranças ruralistas gaúchas que, em tempos não tão distantes assim, mesmo sem maiores embasamentos e, inclusive, contra o ordenamento jurídico vigente na época, pregavam o cultivo de soja transgênica no País; hoje uma realidade em nossa agricultura.

Principais conclusões

As principais conclusões contidas no documento sobre o uso de plantas geneticamente modificadas para combater a fome no mundo, emitido no final da Sessão Plenária do Jubileu sobre “A Ciência e o Futuro da Humanidade”, realizada de 10 a 13 de novembro de 2000, pela mesma Academia Pontifícia de Ciências, foram reafirmadas. Em resumo, não devem ser medidos esforços para aumentar a segurança alimentar e aliviar a pobreza no mundo, especialmente diante das ameaças da mudança do clima e para fazer frente aos projetados nove bilhões de humanos até o ano 2050. E a tecnologia dos OGMs, mesmo não sendo panaceia, é advogada por muitos como a solução. De qualquer forma, não se dispensa a necessidade de um debate mais amplo, passando pelo entendimento público da ciência, o respeito aos direitos de propriedade intelectual, o papel do setor público, o papel da sociedade civil, a cooperação entre os governos, organizações internacionais e sociedade civil e a supervisão regulatória apropriada e de custo-benefício justificável.

Excessos não justificados

Os participantes da Semana de Estudo da Academia Pontifícia de Ciências chamaram atenção para o que rotulam de regulações excessivamente restritivas e focadas quase que exclusivamente nos riscos hipotéticos de culturas de OGMs, representando discriminação contra países em desenvolvimento e pobres. Isso, segundo eles, coloca os pobres do mundo em desvantagem competitiva. A avaliação de novas cultivares de plantas geneticamente modificadas deveriam ser baseadas nos eventos em pauta (resistência a herbicida, resistência a seca, etc.) e não nas tecnologias usadas para produzi-las. Inclusive, salientam que como os métodos moleculares são mais específicos, os usuários destes métodos terão mais certezas sobre os eventos que eles introduzem nas plantas e conseqüentemente estarão menos sujeitos a produzirem efeitos adversos em comparação a outros métodos de melhoramento genético de plantas.

Com a palavra a Igreja de Roma

Leituras apressadas levaram à conclusão que a Igreja de Roma estaria endossando o uso de OGMs em agricultura. O porta-voz do Vaticano, padre

jesuíta Federico Lombardi, afirmou, em entrevista para o Catholic News Service (1º de dezembro), que o documento pró-OGMs, que resultou da Semana de Estudo da Academia Pontifícia de Ciências, não pode ser considerado uma posição oficial da Santa Sé. Uma atitude similar também foi adotada pelo bispo Marcelo Sanchez Sorondo, chanceler da Academia Pontifícia de Ciências, afirmando que o documento também não reflete a posição oficial da instituição, pois foi publicado em uma revista científica, não tendo valor como magistério da Igreja. Em síntese, pelo que se depreende, o Vaticano não tem posição oficial, pelo menos expressa claramente, nem a favor e nem contra, sobre o uso de OGMs na produção de alimentos.

Do Jornal

O Nacional

12 de Dezembro de 2010

Data : 06/09/2010

Título : O viking no campo de trigo

Categoria: Artigos

Descrição: O livro *The Viking in the Wheat Field*, de Susan Dworkin, lançado em 2009 pela Walker & Company, editora de Nova York, é uma obra imprescindível para o entendimento da ciência aplicada no desenvolvimento da agricultura mundial...

O viking no campo de trigo

por Gilberto Cunha

O livro *The Viking in the Wheat Field*, de Susan Dworkin, lançado em 2009 pela Walker & Company, editora de Nova York, é uma obra imprescindível para o entendimento da ciência aplicada no desenvolvimento da agricultura mundial, especialmente no que diz respeito ao cultivo de trigo. Trata-se de um tributo a Bent Skovmand (1945-2007), cientista dinamarquês que entre 1988 e 2003 esteve à frente do banco de germoplasma do Centro Internacional de Melhoramento de Milho e Trigo - CIMMYT, com sede no México, lidando sempre com recursos genéticos. O Dr. Skovmand personifica melhor que qualquer outro nome a relevância do trabalho em recursos genéticos para a solução de problemas da agricultura, via criação de cultivares. Um dos seus últimos envolvimento foi com a busca de genes de resistência para a raça de ferrugem do colmo do trigo Ug99, que foi identificada em Uganda em 1999, a partir de problemas detectados em campos de trigo naquele país africano no ano anterior, e, pela ação do vento, seus esporos teriam sido levados para o Quênia, Irã,

Paquistão e Índia, e já começando a ameaçar os triguais da China. Da Ásia para o restante do mundo, o problema pode se alastrar rapidamente. O conhecimento sobre a doença, que atinge os triguais com uma virulência que faz lembrar os primórdios da revolução verde, especialmente em termos de resistência genética, ainda é pequeno. Isso justifica a preocupação que a Ug99 traz para a comunidade científica envolvida com a pesquisa de trigo no mundo.

Em tempos de proteção do conhecimento, preocupação com propriedade intelectual, leis sobre exploração de recursos genéticos e de preservação da biodiversidade, a prática das corporações empresariais que tem melhoramento genético nos seus negócios e o ordenamento jurídico de muitos países, incluindo-se o Brasil, contrastam nitidamente com filosofia de livre troca de germoplasma para fins científicos, implementada por Bent Skovmand durante sua estada no CIMMYT. Vitimado por um tumor no cérebro, Bent Skovmand morreu em fevereiro de 2007. Precisamos avançar no intercâmbio de germoplasma, pois mesmo em se tratando de espécies exóticas, como é o caso do trigo, óbices da mais variadas ordens têm dificultado sobremaneira as instituições brasileiras.

1648 dias e 1647 noites

Entre as 8h do dia 1º de março de 2006 e as 18h de 3 de setembro de 2010, 1648 dias e 1647 noites se passaram. Nesse período tive o privilégio de ocupar o cargo de Chefe-Geral da Embrapa Trigo. Quando a próxima segunda-feira (6) chegar, um novo dirigente estará ocupando este lugar e, é bem provável, usando a mesma mesa e o mesmo computador que ora me serve para digitar este texto. Desejo boa sorte Dr. Sérgio Roberto Dotto, o escolhido pela diretoria executiva da Embrapa, via processo de seleção pública, para dirigir a Embrapa Trigo nos próximos seis anos (mandato de 3 anos, inicialmente, renovável por igual período). Competência para o exercício do posto sei que não lhe falta. Uma longa e coroadada carreira como pesquisador e na esfera administrativa, cumprida na Embrapa e na iniciativa privada, o credenciam para pleitear o cargo que, legitimamente, conquistou. Espero que ele conte com a mesma colaboração e confiança dos colegas que me foi dispensada ao longo de 1648 dias e 1647 noites. Sou grato por isso. Para quem estranhar essa contabilidade de tempo em dias e noites, esclareço que é impossível o exercício do cargo de Chefe-Geral de uma unidade da Embrapa sem que se viva intensamente a empresa. No modelo de gestão pública vigente, tudo passa pela aprovação e é de responsabilidade dessa única pessoa, desde a compra de um lápis à assinatura de contratos que podem envolver cifras milionárias.

No momento da volta às funções de pesquisador, depois de uma gratificante experiência vivida, muitos me perguntam se tenho alguma mensagem para os novos dirigentes. Não posso me furtar de rememorar um trecho de Jorge Luis Borges e dizer que não tenho nenhuma mensagem. Afinal, como bem frisou ele, mensagens são próprias de anjos, já que anjo é "mensageiro" em grego, e eu, certamente, não sou um anjo.

O Nacional

Segunda-Feira, 06/09/2010

Data : 03/04/2011

Título : Obra e autor local

Categoria: Artigos

Descrição: Odilon Garcez Ayres, cria de São Sepé, mas crescido nos campos de barba de bode de Coxilha e Passo Fundo...

Obra e autor local

por Gilberto Cunha

Obra e autor local – Odilon Garcez Ayres

Odilon Garcez Ayres, cria de São Sepé, mas crescido nos campos de barba de bode de Coxilha e Passo Fundo, é mais um dos tantos escritores locais que, pelo seu fazer literário, se prestam para justificar o nosso título de Capital Nacional da Literatura. Aliás, vale lembrar que recebemos essa distinção graças o esforço da professora Tania Rösing e de um abnegado grupo de colaboradores da UPF, que, não medindo sacrifícios, a cada dois anos, matam um leão por dia, na busca de recursos, a fim de que o sonho de mais uma Jornada Nacional de Literatura vire realidade.

Em 2008, pela Méritos Editora, Odilon Garcez Ayres lançou “O caboclo serrano em O puchirão do Gé Picaço”. Uma obra que começou a ser gestada em 1973, quando Odilon Ayres, numa caixa de livros abandonados em uma calçada de Passo Fundo, encontrou um exemplar do Poemeto serrano - O puchirão do Gé Picaço, escrito em 1925, por Lacerda de Almeida Júnior, sob pseudônimo de Julio Simão, claramente inspirado na obra Antônio Chimango – Poemeto campestre, de Ramiro Barcellos, sob o pseudônimo de Amaro Juvenal, de 1915. Em resenha do escritor Paulo Monteiro é enaltecido o espírito de historiador de Odilon Garcez Ayres, que, ao se embrenhar na investigação dos personagens, cantada pelos trovadores serranos (o caboclo, o italiano e o alemão), contribuiu para um melhor entendimento da região. O livro, tendo como enredo as revoluções de 1923, 1930 e 1932, instiga muita gente a rever suas concepções sobre a história e a cultura de Passo Fundo.

Clima para você

O ano de 2010, conforme divulgou a Organização Meteorológica Mundial (WMO), foi o mais quente da história recente da Terra. Entenda-se desde que

começaram as observações e os registros sistemáticos de temperatura na superfície do planeta, a partir da segunda metade do século 19. Nada muito diferente dos anos 1998 e 2005, até então considerados os mais quentes. Para quem ainda duvida do aquecimento global, vale lembrar que, nos últimos 10 anos, a temperatura média do planeta foi cerca de 0,5 °C maior que o valor de referência do período que define a normal climatológica padrão (1961-1990). A escolha do tema do Dia Mundial da Meteorologia em 2011- “Clima para você” – chama a atenção para o assunto clima e sociedade, particularmente quando estão envolvidos os desastres naturais afetos aos eventos climáticos extremos. A efeméride alusiva à meteorologia mundial é celebrada anualmente, em 23 de março, nos 189 países membros da WMO, entre os quais o Brasil. Eis uma excelente oportunidade para refletirmos, com base no comportamento de cada um de nós, sobre qual o clima que queremos para o planeta Terra.

Méritos – Leonardo Martinez

Sábado (2), às 18h30, no San Silvestre Palace Hotel, Rua Coronel Chicuta 371, acontece o lançamento do livro "21 dicas para lidar com o tal do Inglês", de autoria do professor Leonardo Martinez. As ilustrações de Diego Chimango e a edição pela Méritos Editora são garantias adicionais, tanto pelo talento do ilustrador quanto pela qualidade do editor Charles Pimentel. Marilise Brockstedt Lech, professora e membro da Academia Passo-Fundense de Letras, é quem assina a apresentação do autor e da obra. Na condição de ex-aluna de inglês de Leonardo Martinez sentiu-se muito à vontade para recomendar o livro.

Embrapa – Tarde de Campo

Uma Tarde de Campo sobre Cultivos de Verão vai ocorrer nessa terça-feira (5), na sede da Embrapa Trigo, às margens da Rodovia BR 285, km 294, em Passo Fundo. A recepção aos participantes é a partir das 13h30min, no prédio principal da Unidade. A programação começa às 14h, contemplando palestras e visita ao campo. Previsão climática, novas cultivares, resistência de plantas daninhas, manejo de lavouras e controle de doenças estão entre os temas que serão tratados. Agendem!

“Nossos respeitos à professora Tania Rösing que, matando um leão por dia, a cada dois anos, transforma em realidade o sonho de mais uma Jornada Nacional de Literatura”

O Nacional

Domingo, 03/04/2011

Data : 31/12/2003

Título : Obrigado!

Categoria: Artigos

Descrição: Não é fácil escrever sobre si mesmo. E ainda mais em momentos de forte emoção.

Obrigado!

GILBERTO R. CUNHA

Não é fácil escrever sobre si mesmo. E ainda mais em momentos de forte emoção. Pois, não raras vezes, nessas ocasiões se cometem exageros, omissões e super ou subvalorização de fatos e de detalhes. Provavelmente, por essas ou por outras razões, somente agora estou vindo publicamente me manifestar sobre a posse como Membro Efetivo da Academia Passo-Fundense de Letras (APL), ocorrida no dia 31 de outubro de 2001, no salão nobre do Caixeral Campestre Tênis Clube, às 19h 30min.

Tenho vivido muitos bons momentos em Passo Fundo, desde que fixei residência nesta cidade, em 1991, para trabalhar como pesquisador da Embrapa Trigo. Tanto na vida pessoal quanto na profissional. E, sem dúvida, a posse como membro efetivo da Academia Passo-Fundense de Letras foi um deles. E muito significativo, pois, sem qualquer falsa modéstia, antes desse ano, não havia pensado sobre o assunto, e muito menos imaginado que um dia poderia chegar lá. Valeu o incentivo de amigos e conhecidos para a submissão de minha candidatura a uma das vagas existentes na APL.

Creio ser válido refletir sempre sobre o porquê das coisas. E não poderia ser diferente: não dá para deixar passar despercebida essa minha nova condição de membro da Academia Passo-Fundense de Letras. Afinal, o que faço eu numa Academia de Letras? Não sou poeta, nem contista, nem romancista, ou praticante sistemático de qualquer outro gênero literário. E, embora até escreva com uma certa regularidade, meus textos não resistem a uma análise, por mais superficial que seja, de qualquer especialista em gramática. Como consolo, alguém poderia contra-argumentar, por exemplo, que Paulo Coelho tem um texto considerado pobre pelos seus críticos e, no entanto, vende milhares de livros no mundo todo. Mas a questão principal não é essa. O que me levou a pleitear uma vaga na APL? Por que fui aceito? Com que motivação cheguei a ela? As respostas a esses questionamentos envolvem muitas coisas. Não podendo ser desconsiderados: um pouco de sorte, alguns méritos, reconhecimento por um trabalho sistemático de popularização das ciências atmosféricas nos veículos de comunicação, circunstâncias do acaso e por que não? - algo de vaidade pessoal.

De qualquer forma, gostaria de deixar claro que não me fascinam as titulações acadêmicas. Nem as formalmente obtidas em universidades (bacharelado, mestrado e doutorado) e muito menos as honoríficas. Todavia, tenho um profundo respeito por instituições meritoriamente consagradas e por seus integrantes. E este é, sem dúvida, o principal motivo pelo qual me orgulho em pertencer à Academia Passo-Fundense de Letras. Uma instituição que desde a sua origem prestou inestimáveis e reconhecidas contribuições à cultura local. E que também, inegavelmente, viveu momentos de dificuldades, mas conseguiu sobreviver pelo empenho, dedicação e valor de seus membros. Quis o destino que ingressássemos nessa instituição em um momento muito feliz. Em uma época em que a APL vivia a expectativa, após vários anos e tentativas frustradas, de ter novamente a sua sede própria, e que, pelo entusiasmo de sua direção e de seus membros, deverá viver novos tempos.

Procurei palavras para expressar meus sentimentos por ter sido aceito na agremiação, e não encontrei nenhuma mais adequada que dizer: Obrigado! Mais que uma expressão de gratidão - aos generosos espaços que me são concedidos nos veículos de comunicação locais; aos leitores de minhas colunas em O Nacional; ao apoio dado pelos colegas da Embrapa, por parentes, por amigos e por conhecidos na cidade; e aos atuais membros da APL, pelo reconhecimento de mérito nos meus escritos e credenciais para o ingresso nesta casa; mais que tudo isso, representa o compromisso público da obrigação que estou me impondo de trabalhar para dignificar e fazer por merecer a condição de membro efetivo da Academia Passo-Fundense de Letras.

Tenho recebido muitos cumprimentos pelo ingresso na Academia. Desde os formais, em nome de associações classistas e empresariais, de amigos, de conhecidos, de colegas de trabalho, até aqueles, surpreendentemente para mim, de pessoas desta cidade cujo nome não sei, mas que identificando a minha imagem em lugares públicos, fazem questão de me parabenizar pelo ingresso na APL; além de se anunciarem leitores de minhas colunas em O Nacional. Mais que cumprimentos e felicitações, também recebi presentes (cestas com flores, livros e vinhos), e, é claro, também fui alvo de muitas brincadeiras sobre a nova condição de "imortal". Desde a clássica: "Os imortais só são imortais devido à morte de seus antecessores", e "o próximo a morrer dará lugar a outro imortal", até perguntas sérias, como se eu sabia o motivo da referência de "imortais", feita particularmente aos membros da Academia Brasileira de Letras. E, para meu maior espanto, dois pedidos de indicação de uma coisa de que eu preciso muito - uma boa gramática - feitos por uma pessoa que está preocupada em escrever melhor e por uma outra que está se preparando para prestar um concurso público. Longe de motivações corporativas acabei indicando aos solicitantes que procurassem o Curso Permanente de Português, Redação e Oratória, do Professor Ironi Andrade.

Voltando ao tema da imortalidade, acredito que esta referência aos membros das academias de letras não tem qualquer relação com a imortalidade pessoal. A imortalidade pessoal se confunde com questões religiosas. E é Deus, para quase todo o mundo, o produtor da imortalidade pessoal. A dita imortalidade dos acadêmicos, certamente, é a que se faz presente nas memórias dos outros e nas obras que deixam. E dá-se, acima de tudo, pelo uso da linguagem como veículo para a criação. E a linguagem, por si só, não deixa de ser um bem imortal.

A imortalidade pessoal, por sua vez, tem sido objeto de belas obras literárias. Quase sempre valendo-se dos sentimentos de nostalgia que os bem-aventurados sentem no Céu enquanto pensam na Terra. É o caso de um poema pouco conhecido de Jorge Luis Borges: "Pienso en Jesús, que se acuerda de la lluvia en Galilea, del aroma de la carpintería y de algo que nunca vio en el cielo: la bóveda estrellada".

Quanto às referências de imortal que me têm sido dirigidas, carinhosas com certeza, acredito ter deixado claro que também não creio na imortalidade pessoal. Não quero seguir sendo Gilberto Cunha para sempre. Espero morrer sim. Mas, por via das dúvidas, sobre este assunto, vou me permitir tomar emprestado os versos do espanhol Joaquín Sabina, e no original, para não perder a sonoridade: "Pero, sin prisas, que a las misas de réquiem, nunca fui aficionado, que, el traje de madera, que estrenaré, no está siquiera plantado, que el cura, que ha de darme la extremaunción no es todavía monaguillo".

Da revista

Água da Fonte nº 0

Data : 14/04/2017

Título : Orgânicos versus Convencionais

Categoria: Artigos

Negar que a atividade agrícola tem uma parcela substancial de culpa pela degradação ambiental que assola o mundo contemporâneo é, no mínimo, uma irresponsabilidade. Mas, colocar toda essa culpa sobre os agricultores, como alguns fazem, também não é uma irresponsabilidade menor. Ao se fazer isso, convenientemente, foca-se em um segmento e ignoram-se todos os demais braços do sistema mundial de alimentação, que antes e depois do campo, envolvendo desde a geração de tecnologias, passando pela indústria de insumos agrícolas e de processamento e distribuição e alimentos até o consumidor final, com suas atitudes de consumo consciente ou não e do destino que dá às embalagens que viram lixo doméstico, não há inocentes a priori; ainda que seja justa a reivindicação dessa presunção.

A solução, apontada por alguns e negada com veemência por outros, para o mundo atingir a segurança alimentar plena e de forma sustentável, seria a

agricultura orgânica. Evidentemente, em tese; pois menos de 1% das terras atualmente usadas em agricultura no mundo poderiam ser enquadradas nos contornos dos rótulos dos produtos orgânicos encontráveis, com certificação, nas gôndolas dos supermercados. Isso significa que o sistema mundial de alimentação é, e vai continuar sendo ainda por um bom tempo, dependente da chamada agricultura convencional (essa que, pela via da exportação e produção de alimentos baratos, tem sido responsável por não piorar ainda mais o desempenho da economia brasileira). Mas, por outro lado, não há impedimentos para que muitas das boas práticas da agricultura orgânica não possam ser usadas na agricultura convencional, quer seja pelos benefícios trazidos para a saúde humana, por razões ecológicas ou por motivações meramente econômicas.

Eis um ponto de controvérsia: a agricultura orgânica seria a solução para a produção sustentável de alimentos no mundo, como apregoam os seus adeptos, ou não passa de um modelo retrógrado de produção alinhado com uma visão romântica de agricultura, que, pelo baixo desempenho produtivo, como insistem alguns críticos, em vez de soluções, espalharia fome pelo mundo e intensificaria a devastação ambiental? Uma questão aparentemente simples, mas que exige uma resposta complexa ou, pelo menos, para ir um pouco mais além do território das meras opiniões de ocasião, que seja, minimamente, fundamentada.

Luzes sobre essa discussão foram recentemente lançadas por Verena Seufert e Navin Ramankutty, da Universidade de British Columbia/Canadá, em exaustiva revisão publicada na revista *Science Advances* (edição de 10 de março de 2017), em que destacam que tanto os críticos quanto os defensores da agricultura orgânica, não raro, parecem que se referem a realidades distintas. Mesmo que há evidências suportando os argumentos de ambos os lados, nenhum deles, pelas incertezas em muitas dimensões e os múltiplos contextos envolvidos, pode se alvoroçar como o detentor da razão.

São bem claros, mesmo que dependentes de contextos, os benefícios da agricultura orgânica. Sim, as práticas orgânicas promovem positivamente a biodiversidade local, podem trazer benefícios à saúde humana pelo menor uso de agrotóxicos e à qualidade das águas pelo menor aporte de contaminantes químicos (N e P, por exemplo) e ao produtor rural pelo prêmio que é pago adicionalmente, por um lado; mas, por outro lado, pairam dúvidas e possíveis malefícios relacionados com a contaminação de águas pelo tipo de adubo orgânico usado, a expansão de uso da terra pela menor intensificação da produção e o maior gasto em alimentação pelo adicional em preço pago pelo consumidor por produtos que ostentam o rótulo orgânico.

Indiscutivelmente, frisam Verena Seufert e Navin Ramankutty, a agricultura orgânica não é o Santo Graal para vencermos os desafios relacionados com a segurança alimentar sustentável no mundo. Mas, a integração de algumas práticas orgânicas, de reconhecido valor, nos modelos convencionais de produção, pode ser um passo importante.

Data : 14/04/2017

Título : Orgânicos versus Convencionais

Categoria: Artigos

Negar que a atividade agrícola tem uma parcela substancial de culpa pela degradação ambiental que assola o mundo contemporâneo é, no mínimo, uma irresponsabilidade. Mas, colocar toda essa culpa sobre os agricultores, como alguns fazem, também não é uma irresponsabilidade menor. Ao se fazer isso, convenientemente, foca-se em um segmento e ignoram-se todos os demais braços do sistema mundial de alimentação, que antes e depois do campo, envolvendo desde a geração de tecnologias, passando pela indústria de insumos agrícolas e de processamento e distribuição e alimentos até o consumidor final, com suas atitudes de consumo consciente ou não e do destino que dá às embalagens que viram lixo doméstico, não há inocentes a priori; ainda que seja justa a reivindicação dessa presunção.

A solução, apontada por alguns e negada com veemência por outros, para o mundo atingir a segurança alimentar plena e de forma sustentável, seria a agricultura orgânica. Evidentemente, em tese; pois menos de 1% das terras atualmente usadas em agricultura no mundo poderiam ser enquadradas nos contornos dos rótulos dos produtos orgânicos encontráveis, com certificação, nas gôndolas dos supermercados. Isso significa que o sistema mundial de alimentação é, e vai continuar sendo ainda por um bom tempo, dependente da chamada agricultura convencional (essa que, pela via da exportação e produção de alimentos baratos, tem sido responsável por não piorar ainda mais o desempenho da economia brasileira). Mas, por outro lado, não há impedimentos para que muitas das boas práticas da agricultura orgânica não possam ser usadas na agricultura convencional, quer seja pelos benefícios trazidos para a saúde humana, por razões ecológicas ou por motivações meramente econômicas.

Eis um ponto de controvérsia: a agricultura orgânica seria a solução para a produção sustentável de alimentos no mundo, como apregoam os seus adeptos, ou não passa de um modelo retrógrado de produção alinhado com uma visão romântica de agricultura, que, pelo baixo desempenho produtivo, como insistem alguns críticos, em vez de soluções, espalharia fome pelo mundo e intensificaria a devastação ambiental? Uma questão aparentemente simples, mas que exige

uma resposta complexa ou, pelo menos, para ir um pouco mais além do território das meras opiniões de ocasião, que seja, minimamente, fundamentada.

Luzes sobre essa discussão foram recentemente lançadas por Verena Seufert e Navin Ramankutty, da Universidade de Bristish Columbia/Canadá, em exaustiva revisão publicada na revista Science Advances (edição de 10 de março de 2017), em que destacam que tanto os críticos quanto os defensores da agricultura orgânica, não raro, parecem que se referem a realidades distintas. Mesmo que há evidências suportando os argumentos de ambos os lados, nenhum deles, pelas incertezas em muitas dimensões e os múltiplos contextos envolvidos, pode se alvoroçar como o detentor da razão.

São bem claros, mesmo que dependentes de contextos, os benefícios da agricultura orgânica. Sim, as práticas orgânicas promovem positivamente a biodiversidade local, podem trazer benefícios à saúde humana pelo menor uso de agrotóxicos e à qualidade das águas pelo menor aporte de contaminantes químicos (N e P, por exemplo) e ao produtor rural pelo prêmio que é pago adicionalmente, por um lado; mas, por outro lado, pairam dúvidas e possíveis malefícios relacionados com a contaminação de águas pelo tipo de adubo orgânico usado, a expansão de uso da terra pela menor intensificação da produção e o maior gasto em alimentação pelo adicional em preço pago pelo consumidor por produtos que ostentam o rótulo orgânico.

Indiscutivelmente, frisam Verena Seufert e Navin Ramankutty, a agricultura orgânica não é o Santo Graal para vencermos os desafios relacionados com a segurança alimentar sustentável no mundo. Mas, a integração de algumas práticas orgânicas, de reconhecido valor, nos modelos convencionais de produção, pode ser um passo importante.

Data : 06/11/2010

Título : Os 100 anos da ETA

Categoria: Artigos

Descrição: A ETA teve a sua origem no ideal Positivista que norteou a criação da Escola de Engenharia de Porto Alegre e seus institutos,...

Os 100 anos da ETA

Neste domingo (7) será comemorado o aniversário de 100 anos da Escola Técnica de Agricultura, a famosa ETA. Na sede do velho educandário, no km 15 da RS 040, no Passo do Vigário, município de Viamão/RS, a partir das 9h30min começa a programação, que se estende ao longo do dia e envolve desde missa crioula, lançamentos de livros e CDs, almoço de confraternização e cerimônia oficial dos 100 anos (14h30min), até reunião para discutir o destino dos ranchos às 17h.

As raízes da ETA

A ETA teve a sua origem no ideal Positivista que norteou a criação da Escola de Engenharia de Porto Alegre e seus institutos, em 10 de agosto de 1896: “Conduzir o indivíduo do mais modesto ao mais elevado grau de ensino técnico”. Não surgiu isoladamente. Fazia parte de um sistema de ensino que os simpatizantes do Positivismo de Auguste Comte, tão em voga na época, procuraram implementar no País. O sexto instituto da Escola de Engenharia de Porto Alegre foi o de Agronomia e Veterinária, denominado Instituto Borges de Medeiros, com os campus da atual Faculdade de Agronomia da UFRGS e o de Viamão, na localidade de Passo do Vigário, onde funcionavam o Instituto de Zootecnia e a Estação Experimental Agrícola. Neste último campus está sediada a ETA. O primeiro curso a entrar em funcionamento foi o de Capatazes Rurais, criado em novembro de 1910, data que marca o aniversário da ETA.

A ETA e os positivistas

O professor Mozart Pereira Soares, um dos baluartes do positivismo gaúcho, lançou na Feira do Livro de 1997, em Porto Alegre, pela editora AGE, a obra “ETA - Escola Técnica de Agricultura João Simplício Alves de Carvalho”. O livro do professor Mozart é leitura obrigatória para quem quiser conhecer a origem e a base filosófica do ensino agrícola no Rio Grande do Sul.

É inegável a influência do Positivismo nas ciências agrárias no Brasil, embora nem sempre evidente. E a história da ETA permite perceber isso.

Ex-alunos da ETA

O nome mais famoso entre os ex-alunos da ETA é o de Leonel de Moura Brizola, da turma de 1938. Ainda entre os políticos, Hélio Prates da Silveira, que foi governador do Distrito Federal, Ari Rigo, ex-vive governador de Mato Grosso do Sul, Lóris Reali e Mário Limberger, ex-deputados estaduais, e o atual presidente da Assembleia Legislativa, deputado Giovani Cherini, além atual secretário de educação do RS, Ervino Deon. Nos meios artísticos, o gaiteiro Porca Veia é de destaque.

Entre os passo-fundenses, há referências ao nome de Cirano Annes, que foi o criador, em 1940, do antigo símbolo da Associação dos Técnicos Agrícolas do Rio Grande do Sul (ATARGS), cujo logotipo, abrigando a cabeça de um touro hereford e uma cadeia de agrimensor, identificava também o Centro dos estudantes dos Cursos Agrotécnicos da Escola Técnica de Agricultura de Viamão (CECAT).

Em Passo Fundo, hoje, exercendo as mais variadas atividades, podemos incluir na relação de ex-alunos da ETA, o empresário Gilson Grazziotin, o advogado Romeu Gehlen, na Embrapa, os pesquisadores Gilberto Tomm e Gilberto

Cunha, e na Fundação Pró-Semente, João Francisco Sartori. E muitos outros que desconheço.

O trote

A passagem pela ETA, escola em regime de internato, requeria alguns sacrifícios, para a maioria dos alunos, associando estudo e trabalho agrícola em tempo integral. Além da resistência aos 50 dias daquilo que, em linguagem erudita, chamam de ritos de passagem e, na popular, de trote. O trote era costume consagrado e aceito pela escola. Sua origem, provavelmente militar, tinha no capítulo dos “direitos dos bichos”, uma espécie de direito consuetudinário, a síntese da sua essência: “o único direito do bicho é não ter direito a nada”.

Triste destino

Estudei na ETA entre 1975 e 1978, período em que já era perceptível a sua decadência, tanto na parte da estrutura física quanto na qualidade do ensino. Hoje, tenho clareza, até por comparação com as escolas agrícolas federais, vide a evolução da Escola Federal de Sertão, por exemplo, que a desgraça da ETA foi, ao se desvincular da Escola de Engenharia de Porto Alegre, que deu origem à UFRGS (instituição federal), ser absorvida pelo ensino estadual, passando a sofrer todas as mazelas de falta de investimentos e do baixo estímulo dos professores mal pagos.

Do Jornal

O Nacional

06 de Novembro de 2010

Data : 30/09/2016

Título : Os 100 anos do CECAT

Categoria: Artigos

Liberdade e responsabilidade; assim o professor Mozart Pereira Soares, em 1997, sintetizou, com maestria, a origem, a evolução e a finalidade do Centro dos Estudantes dos Cursos Agro-Técnicos (CECAT) da Escola Técnica de Agricultura (ETA), de Viamão/RS.

Uma trajetória de 100 anos, iniciada em 28 de setembro de 1916, contabilizou nessa semana o centro de estudantes do famoso educandário agrícola de Viamão. Entender a história do CECAT e por que nesse centro de estudantes foram forjadas tantas lideranças nas mais variadas áreas – política, empresarial, educacional, científica, artística, literárias, etc. – exige que não se dissocie essa

agremiação do ideal da Escola de Engenharia de Porto Alegre, fundada a 10 de agosto de 1896, com viés positivista frise-se, de conduzir o indivíduo do mais modesto ao mais elevado grau de ensino técnico.

E assim, pode-se dizer que tudo começou na antiga “Chácara das Bananeiras”, onde hoje se localizam o Presídio Central e alguns estabelecimentos da Brigada Militar (na Av. Aparício Borges), em Porto Alegre, que era a sede da Estação Agronômica do Estado e, pela Escola de Engenharia de Porto Alegre, passou a funcionar, a partir de 1911, o Curso de Capatazes Rurais. Em 1913, o Curso de Capatazes Rurais foi transferido para as novas instalações do Instituto de Agronomia e Veterinária, no km 9 da estrada que ligava Porto Alegre a Viamão, conhecida como Estrada do Mato Grosso, a atual Av. Bento Gonçalves. E foi ali, por iniciativa de um pequeno grupo de alunos, que foi criado, em 28 de setembro de 1916, o Grêmio dos Estudantes do Curso de Capatazes Rurais (GECCR). Em 1917, o curso foi transferido para o Posto Zootécnico e Estação Experimental de Viamão, na localidade de Passo do Vigário, onde o GECCR passou a funcionar numa pequena sala junto ao refeitório dos alunos.

Em Viamão, o Curso de Capatazes Rurais foi transformado em Técnicos Rurais e permaneceria naquele local de 1917 até 1929, quando retornou ao Vale da Agronomia em Porto Alegre, para a sede do Instituto Borges de Medeiros, onde hoje está localizada a Faculdade de Agronomia da UFRGS. A partir da mudança do nome do curso, o centro estudantil foi denominado de Grêmio dos Estudantes do Curso de Técnicos Rurais (GECTR). E, uma vez sediado no Instituto Borges de Medeiros, passou a ocupar uma das casas vagas de moradia de professores. A primeira casa na Estrada do Mato Grosso, no sentido Porto Alegre Viamão. Ali, a biblioteca foi ampliada, com destaque para a Enciclopédia e Dicionário Internacional W. H. Jackson Inc., a Revista EGATEA e boletins agrícolas diversos, além de títulos variados de literatura nacional e internacional e das Edições Globo.

Em 1936, o curso de Técnicos Rurais retornou para o domicílio atual da ETA, no Passo do Vigário, começando a construção da sede do grêmio estudantil, com sala de visitas, biblioteca, salão de jogos, sala de troféus, biblioteca e área administrativa. Em 1941, no surto nacionalista da Era Vargas, mudou o nome para Grêmio Cívico Fernão Dias Paes Leme. Mas, terminada a Guerra, em 1945, retornou para Centro dos Estudantes do Curso de Técnicos Rurais. E, finalmente, em 1949, passou a denominar-se Centro dos Estudantes dos Cursos Agro-Técnicos (CECAT), que permanece até hoje.

Mas, o tempo foi passando, sobrevieram crises e baixos investimentos em educação técnica na esfera estadual e a sede do CECAT, por falta de manutenção, foi sendo deteriorada até que, um dia, literalmente, o telhado caiu e o mato tomou conta do prédio, que virou uma tapera abandonada. Inconformados com a situação, em 2013, um grupo de ex-alunos, da turma de 1963, resolveu trabalhar pela reconstrução da sede do CECAT. A ideia foi abraçada pela Associação dos Ex-Alunos da ETA, deslançando uma campanha

de arrecadação de recursos para a obra. Três anos e alguns dias depois, a nova sede do CECAT foi oficialmente inaugurada no último domingo (25), no marco das comemorações dos 100 anos da entidade.

Data : 29/08/2010

Título : Os 150 anos do MAPA

Categoria: Artigos

Descrição: O Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento -MAPA completou 150 anos em 2010. No marco dessas comemorações foi lançada...

Os 150 anos do MAPA

por Gilberto Cunha

O Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento -MAPA completou 150 anos em 2010. No marco dessas comemorações foi lançada, em julho último, uma edição especial da Revista de Política Agrícola retratando a trajetória e a evolução da política agrícola, o dinamismo da agricultura brasileira; a história e envolvimento do MAPA na construção de Brasília; a importância da pesquisa agropecuária; com destaque para os desafios relacionados com a exportação agrícola e os institucionais.

Entre tantos textos relevantes, cuja leitura é fundamental para quem quiser efetivamente compreender a agricultura brasileira, destaco o trabalho assinado pelo Dr. Eliseu Alves, que é assessor do diretor-presidente e pesquisador da Embrapa, retratando a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - Embrapa como um caso bem-sucedido de inovação institucional.

Fumaça no ar

No país das queimadas não há motivo para que se estranhe a presença de uma nuvem densa de fumaça no ar em várias partes do Brasil, inclusive em Passo Fundo. A origem é tanto local, período de pouca chuva em agosto, com vários focos de incêndios na região, quanto incêndios de maiores proporções, de origem natural e/ou criminosa, no Cerrado e na Amazônia. Em função da estação seca, quando praticamente não chove entre abril e setembro, são muitos os incêndios nessa época do ano naquela região do País. Há incêndios também além fronteiras brasileiras, no território do Paraguai e da Argentina, por exemplo. As partículas de fumaça e cinza entram na alta atmosfera e, via circulação geral, acabam chegando até o sul do Brasil.

Fumaça no ar (2)

A presença de fumaça no ar, aqui no sul do Brasil, mesmo que não ocorra de forma sistemática todos os anos, não se pode dizer que seja novidade. Quando criança, nos anos 1960 e vivendo em Porto Alegre, recordo de algo parecido ao que estamos presenciando agora e a causa, como comentavam os adultos, eram as queimadas no Paraná. Naquela época teve início um forte movimento de colonização do norte e do oeste do Paraná, com a derrubada da floresta e a prática de queimadas para dar lugar à agricultura.

O desafio do Brasil

Entre os compromissos assumidos voluntariamente pelo Governo brasileiro, inclusive materializado em lei no final de 2009, está a redução em 80% das queimadas no Cerrado e na Amazônia. O objetivo é reduzir as emissões de gases de efeito estufa. Pelo jeito, não vai algo tão simples assim. Pelo menos não como muitos imaginaram.

Céu vermelho

A coloração avermelhada no céu, que muitos presenciaram nos últimos dias, suscitando dúvidas e questionamentos, é simplesmente uma decorrência da dispersão, espalhamento ou difusão do comprimento de onda na faixa do vermelho, em função do diâmetro das partículas que se encontram em suspensão no ar. Para quem não está lembrado, a luz branca é uma mistura de vários comprimentos de onda, entre os quais o vermelho.

Nova Chefia da Embrapa Trigo

Foi definido, nesta sexta-feira (27), pelo diretor-presidente da Embrapa, Dr. Pedro Arraes, o novo chefe-geral da Embrapa Trigo, que terá a missão de dirigir os destinos do Centro Nacional de Pesquisa de Trigo nos próximos três anos. O escolhido foi o pesquisador Sérgio Roberto Dotto, que trabalhou em Passo Fundo, em Brasília e em Londrina, estando atualmente aposentado da Embrapa e trabalhando como consultor privado. Dotto além da Embrapa Trigo, em Passo Fundo, também trabalhou para a Fundação Pró-Sementes.

Nossos votos de sucesso ao novo dirigente que, tudo indica, cumpridas as formalidades legais da sua recontração pela Embrapa, uma vez que havia se desligado da instituição por motivo de aposentadoria, deverá assumir o posto no decorrer da próxima semana.

Também parabenizo a Dra. Eliana Guarienti e o Dr. Renato Fontaneli, os dois outros participantes do processo de seleção pública para o cargo de Chefe-Geral da Embrapa Trigo. Ninguém melhor que eu para atestar o nível de desgaste emocional que é submetido quem concorre a um cargo como este, especialmente na Embrapa Trigo. Posso assegurar, por experiência vivida, que o estresse de quem concorre só não é maior daquele que é vivido por quem é o escolhido e exerce o cargo.

O Nacional

Domingo, 29/08/2010

Data : 09/04/2011

Título : Os 73 anos da APL

Categoria: Artigos

Descrição: Foi comemorada, em sessão solene, na última quinta feira (7), a passagem dos 73 anos da Academia Passo-Fundense de Letras.

Os 73 anos da APL

por Gilberto Cunha

Foi comemorada, em sessão solene, na última quinta feira (7), a passagem dos 73 anos da Academia Passo-Fundense de Letras. Fundado em 7 de abril de 1938, com a denominação de Grêmio Passo-Fundense de Letras, o sodalício das letras locais receberia a atual denominação, Academia Passo-Fundense de Letras, em 7 de abril de 1961. A instituição surgiu no contexto de um esforço do governo de Getúlio Vargas, em plena ditadura do Estado Novo (1937-1945), que incentivou a proliferação de academias de letras pelo País, com o intuito de consolidação da língua pátria. Aliás, o mérito de Getúlio Vargas, de buscar a unificação do Brasil começando pela língua, nem sempre é reconhecido por todos ou quando não repleto de controvérsias, inclusive por aqueles que, na prática, por uma questão de miserabilidade, foram, pode-se dizer, “expulsos” dos seus países de origem. Infelizmente, poucas instituições congêneres da APL sobreviveriam às grandes transformações da segunda metade do século 20. Em Passo Fundo, a boa semente caiu em solo fértil e, não sem alguns percalços, a instituição, se adaptando aos sinais dos tempos, já trilha uma jornada que ultrapassa sete décadas. Prestigiaram o evento, além de acadêmicos e convidados, as seguintes autoridades: Vera Vieira, secretária municipal da educação, Derli Neckel, secretário municipal da cultura, o vereador Rafael Bortoluzzi, representando o poder legislativo, e o vive-prefeito René Ceconello.

Homenagens

A cerimônia dos 73 anos da APL serviu para que instituição, além da comemoração de aniversário, também prestasse o seu tributo a pessoas e entidades que, no seu fazer cotidiano, têm dado relevantes contribuições à cena cultural da cidade. O diploma de reconhecimento de mérito acadêmico foi

concedido à Fundação Cultural Planalto, pelos 42 anos da instituição, à professora Tania Rösing, indiscutivelmente a nossa grande Dama da Literatura, e ao jornalista e advogado Antonio Augusto Meirelles Duarte, que completou 60 anos de trabalho com comunicação. Ainda mereceu reverência da APL, a memória do escritor Moacyr Scliar, que, tendo deixado um legado de mais de 70 livros, morreu no dia 27 de fevereiro passado. O acadêmico Odilon Garcez Ayres foi o encarregado da homenagem a Scliar.

Fundação Cultural Planalto

Coube ao acadêmico Paulo Monteiro a locução em homenagem à Fundação Cultural Planalto. Criada em 5 de abril de 1969, por iniciativa do bispo dom Cláudio Colling, a entidade acaba de completar 42 anos. Iniciou com a Sociedade de Radiodifusão Planalto Ltda, sendo DEUS, na voz do Pe. Paulo Augusto Farina, a primeira palavra que foi dita pelas suas ondas AM. O complexo de comunicação católico se consolidaria com a Rádio Planalto FM, em 1982, a revista Somando, em 1994, e com o jornal O Produtor, que começou a circular em março de 2011. O jornalista João Altair da Silva representou a Fundação Cultural Planalto na homenagem prestada pela APL.

Meirelles Duarte

O jornalista e advogado Antonio Augusto Meirelles Duarte, também membro e ex-presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, foi um dos homenageados da APL, pelos seus 60 anos de trabalho com comunicação.

Dono de um texto inconfundível, em que se sobressaem os adjetivos em relação aos substantivos, Meirelles Duarte, o colunista mais lido de O Nacional, com passagens por rádio, jornal e televisão, presta um relevante serviço na manutenção e resgate da memória da cidade; em particular do esporte.

Tania Rösing

Desnecessário enaltecer o trabalho da professora Tania Rösing. É graças ao seu esforço, materializado em 30 anos de Jornada Nacional de Literatura (14^o edição em 2011), que ostentamos os títulos de Capital Estadual e Nacional da Literatura. Impossibilitada de comparecer, a professora Tania foi representada pela colega da UPF, professora Fabiane Verardi Burlamaque. A acadêmica Marilise Lech fez as honras da APL na homenagem.

“O Dia Municipal do Escritor, por iniciativa de lei do ex-vereador Edson Nunes, é comemorado em 7 de abril, numa clara alusão à data de fundação da APL”.

O Nacional

Sábado, 09/04/2011

Data : 20/04/2018

Título : Os cientistas e o imaginário popular

Categoria: Artigos

No imaginário popular, o retrato de um cientista, quando publicamente projetado, corresponde a uma figura masculina, quase sempre idosa e, não raro, carregada com traços de excentricidade. Um modelo tipo Albert Einstein na fase final da carreira, com cabelos desalinhados, roupas amarrotadas, esbanjando simpatia, expondo a língua para os fotógrafos, disparando aforismos inteligentes e denotando preocupação com as grandes causas sociais afetas à atividade científica.

Einstein forjou, em especial na mente das gerações mais antigas, essa imagem do cientista puro e sem preocupações aparentes com a ciência aplicada. Mas, essa imagem idealizada de cientista, não necessariamente corresponde à realidade da comunidade científica. Se é que algum dia correspondeu! Inclusive, em certos aspectos, serviu para ofuscar e menosprezar a criatividade necessária nas ciências aplicadas de base tecnológica. Apenas pela via do pensamento, sem a experimentação aplicada, é improvável que tivéssemos ido muito mais além de onde Aristóteles já havia chegado.

Na atualidade, talvez, entre os jovens, a imagem que prevaleça de um cientista seja o protótipo de um nerd do universo geek. São exemplos, que destoam da imagem de Einstein, os personagens do seriado da televisão americana The Big Bang Theory. O físico teórico Sheldon Cooper e o físico experimental Leonard Hofstadter e os seus amigos Howard Wolowitz, o engenheiro aeroespacial, e o astrofísico Rajesh Koothrappali, vivendo, na ficção frise-se, o dia a dia do Instituto de Tecnologia da Califórnia - Caltech, em Pasadena/EUA, serviriam (e provavelmente servem) de modelos. Nesse meio, onde predomina gente com intelecto avantajado e socialmente desajeitadas, aficionada por videogames e por coleções de estatuetas (action figures) de Star Wars e Cavaleiros do Zodíaco, imagina-se, serão gestadas as grandes inovações teóricas e tecnológicas que ainda estão por vir. No presente, já usamos, sem nos darmos por conta, muitas delas nos gadgets eletrônicos (smartphnes, tablets, chromecasts, etc.) que permeiam o nosso dia a dia.

Se você não faz parte desse universo paralelo, não se esforce muito para entender e muito menos ouse julgar os comportamentos nerds. Você, simplesmente, não é parte do universo geek e ponto; ainda que desfrute de muitas benesses derivadas dele. Por isso, não os condene com tanta veemência. Apenas para exemplificar, sobre um conhecido nerd local, que ora está cumprindo programa de doutorado numa universidade inglesa, reza a lenda,

que, de tão aficionado pelas action figures dos Cavaleiros do Zodíaco, chegou ao ponto de despedir a diarista porque após tirar o pó das estatuetas ela não conseguiu mais recompor a posição original de uma cena antológica dos cinco guerreiros que defendem a reencarnação da deusa Atena. Um crime hediondo!

A literatura e as artes de maneira geral têm sido responsáveis por construir, na imaginação das pessoas, uma idealização de cientistas, que, não raro, mais se aproxima de gênios do mal do que qualquer outra coisa. Esses personagens, representados por homens e mulheres de QIs elevados e moral duvidosa, se persuadidos a deixarem os seus laboratórios, tirarem os óculos de aros grossos e os jalecos manchados de sangue e deitarem no divã de um psicanalista, muito provavelmente, sairiam com o diagnóstico de transtornos de desordem mental de toda sorte.

Há, no mundo das artes, uma galeria de cientistas malucos, cujo ingresso é garantido por indicadores de genialidade e insanidade. Em geral, são pessoas/personagens que não pensam pequeno, uma vez que conquistar o mundo é o mínimo que almejam. São uma mistura de personalidade narcisista, comportamento antissocial e incapacidade para sentir remorsos e demonstrar empatia.

Dr. Evil, Dr. Julius No, Professor Calculus, Lex Luthor, Dr. Frankenstein e Dr. Henry Jekyll são meros personagens do mundo da ficção. Mas, há... e esses FDPs, infelizmente, são de carne e osso.

Data : 19/06/2014

Título : Os denunciadores invejosos, segundo Lon Fuller

Categoria: Artigos

Descrição: Lon Luvois Fuller (1902-1978) foi professor de Teoria Geral do Direito na Universidade Harvard nos EUA.

Quinta-Feira, 19/06/2014 às 00:32, por Gilberto Cunha

Lon Luvois Fuller (1902-1978) foi professor de Teoria Geral do Direito na Universidade Harvard nos EUA. A par de ter sido considerado um dos mais importantes filósofos do direito no século 20, sua fama, de fato, começou com um breve ensaio intitulado “O caso dos exploradores de cavernas”, publicado em

1949, na Harvard Law Review. Nele, Fuller conta a história de cinco cientistas que ficam presos em uma caverna sem alimentos suficientes para sobreviverem até que o resgate desobstrua a entrada da gruta e eles possam sair com segurança (algo parecido com o caso dos mineiros no Chile, em 2010). Eis que então, quatro deles decidem matar o quinto colega para que possam se alimentar e, com isso, salvar as próprias vidas. E essa história, que mais parece roteiro de filme de terror, leva ao grande debate se os sobreviventes devem ser punidos por homicídio doloso ou não? De fato, Fuller quis provocar uma discussão sobre o que é justo e injusto, ou, no fundo, sobre o que é Direito. É, acima de tudo, um convite à reflexão sobre o caso, a partir de opiniões que levam em conta a vontade dos legisladores, a posição de doutrinadores e as decisões dos tribunais.

A mais profunda e original obra de Lon Fuller talvez seja “The morality of law” (A moralidade do direito), publicada em 1964. E, nesta obra, embora não tão conhecido e nem tão comentado por estudantes e professores de direito em todo o mundo como “O caso dos exploradores de cavernas”, Fuller incluiu, como apêndice, um texto denominado “O problema do denunciante invejoso” (“The problem of the grudge informer”), que, na língua portuguesa ficou conhecido como “O caso dos denunciadores invejosos”. O texto relata que durante uma ditadura muitas pessoas denunciaram seus inimigos sabendo que os tribunais do país, aplicando a legislação da época, pronunciariam a pena de morte para delitos que, objetivamente, não eram graves. Após a queda do regime ditatorial, os denunciadores, que Fuller chama de “invejosos”, foram objetos de execração popular. Ainda que os denunciadores não tivessem cometido nenhum delito, pois só levaram ao conhecimento das autoridades fatos puníveis segundo a legislação em vigor, muitas pessoas exigiram sua punição. O caso é fictício, mas se aplica muito bem quando regimes democráticos sucedem a ditaduras, surgindo a questão do punir ou perdoar, no contexto da temática da justiça de transição. Ou, ainda, se quisermos, pode ser extrapolado para o dia a dia das corporações, em que um amplo normativo interno exige a tomada de decisões, quase sempre, no calor dos acontecimentos e, não raro, contrariando uns e agradando outros.

O texto de Fuller sobre os “denunciadores invejosos” é útil por trazer o debate de um caso cuja solução não pode ser dada pela simples aplicação de uma norma. Exige uma análise mais profunda sobre a relação, nem sempre harmônica, entre moral e justiça. É um convite à reflexão, por exemplo, para quem tem o dever de administrar uma empresa e de operar normas (mesmo que estas não sejam leis) em um ambiente em que as motivações das pessoas nem sempre são as que aparentam. E, indiscutivelmente, onde há quem se utilize de normas muitas vezes apenas com o intento de prejudicar terceiros. Ou, por analogia com Fuller, em que indivíduos agem como os “denunciadores invejosos” que se utilizavam dos tribunais para realizar suas intenções criminosas, motivadas pela inveja, valendo-se da força do Estado para satisfazer sua perversão. Acima de tudo, deixa como lição, para quem cabe o dever de decidir, que se deve ter muita clareza sobre a utilidade das decisões (não vale decidir apenas por uma questão de mera conveniência política ou de relacionamento pessoal).

É inegável que os que procedem como os “denunciadores invejosos” buscam é instrumentalizar o direito para se vingar de inimigos pessoais. Para isso se apegam a normas como se essas tivessem um fim em si mesmas. Ignoram as

imprevisibilidades e negam qualquer possibilidade de aplicação criativa, sensível e inteligente do normativo vigente, atuando como autênticos iluministas e positivistas em pleno século 19. E mais: parecem desconhecer que vivemos em uma sociedade civilizada, solidária e fundamentada em princípios que dão sentido à vida social.

Mas, Lon Fuller foi professor em Harvard. E há quem diga que Harvard não é uma Universidade: “Harvard é um mito”.

Data : 18/08/2017

Título : Os deserdados do clima

Categoria: Artigos

Manifestações de racismo e discriminação de qualquer espécie são coisas que não soam bem, e ainda mais na boca do sumo pontífice da Santa Madre Igreja. Pois, consta que o papa Urbano II, no afã de incentivar os seguidores da Igreja a participarem das Cruzadas, por ocasião do Conselho de Clermont, em 1095, teria dito (em bom inglês, conforme Glantz, M. Climate Affairs. Island Press, 2003. p.44): “the blood which ran in the veins of men born in countries scorched with heat of the sun was scanty in stream and poor in quality as that which coursed through the bodies of men belonging to more temperate regions”. Para um bom entendedor, meia palavra basta. O que o homem quis dizer, resumindo, foi o seguinte: a turma dos trópicos tem pouco sangue nas veias (scanty) e, ainda por cima, sangue ruim (poor in quality), comparativamente com o pessoal das regiões temperadas.

O pior de tudo é que Urbano II é apenas uma referência histórica (talvez nem seja a mais antiga) sobre um tema que, sob a denominação de “determinismo geográfico”, ganhou corpo através dos séculos, sendo, inclusive, professado por alguns até tempos bem recentes (pra não dizer que há quem acredite nisso ainda hoje). Derrubar a concepção do determinismo geográfico, pelos menos teoricamente, é fácil. Abundam argumentos para mostrar que é uma ideia equivocada e discricionária. Mas, se a teoria é uma, a prática está aí para mostrar que a realidade parece ser outra. Independentemente do critério que se use para qualificar desenvolvimento, a maioria dos países pobres do mundo (subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, como queiram os que prezam pelo politicamente correto) estão localizados ou têm partes dos seus territórios na zona tropical. Eis a grande questão que se impõe: seria o clima tropical o elo comum e o responsável pela manutenção do subdesenvolvimento nesses países? Um sim, sem qualquer sombra de dúvidas. Um não, definitivamente nem pensar. Ou um quem sabe, pelo menos em parte. Todas essas são respostas esperáveis. Existindo adeptos e argumentos bem plausíveis para todas elas.

Os defensores do determinismo geográfico encontraram em Ellsworth Huntington, professor em Yale (USA), um referencial de peso, no começo do século 20. Suas ideias propalavam que certos tipos de clima, como os encontráveis na Inglaterra, na França e seus vizinhos europeus, bem como na costa leste dos Estados Unidos, favorecem o surgimento de civilizações de níveis elevados. São climas caracterizados por temperaturas moderadas e chuvas frequentes, criando condições meteorológicas estimuladoras. Por outro lado, também sugeriam que o clima de muitos países era a principal razão da prevalência de doenças, desonestidade, imoralidade, estupidez e fraqueza da sua gente. O Dr. Huntington andou pegando pesado com os irmãozinhos dos trópicos. Para ele: ou o sujeito tinha a sorte de nascer numa região de clima favorável ou seria uma espécie de deserdado do clima. Essas são visões preconceituosas e racistas, para se dizer o mínimo, pois, claramente, pregam que as pessoas nos trópicos são menos produtivas que nas zonas temperadas (você não pensa assim? Não me decepcione, caro leitor).

O tema clima e desenvolvimento passou a ser mais racionalmente discutido somente a partir dos anos 1970. Foi quando, com as calamitosas secas africanas, espalhando cenas de miséria e imagens de populações famintas via satélite para os quatro cantos do mundo, se passou a prestar mais atenção na recorrência de fenômenos climáticos extremos, especialmente secas e inundações, como causa de entraves ao desenvolvimento. A origem de tudo estava nas manifestações climáticas regionais, e não no seu tipo de gente. Lidar com elas passou a ser a questão crucial (embora ainda não resolvida).

O clima tropical pode ter lá os seus entraves, mas, seguramente, também é um recurso natural vantajoso. Que o digam os exportadores de frutas e quem, em agricultura, pratica duas ou mais safras por ano.

Data : 26/04/2019

Título : Os dois navios negreiros

Categoria: Artigos

Dois escritores, Heinrich Heine (1797-1856) e Castro Alves (1847-1871), e dois poemas com o mesmo título, *Das Sklavenschiff* e *O Navio Negreiro*, e a mesma temática, o tráfico de escravos para o Brasil; mas não um caso de plágio. Eis um fato literário instigante, para os chamados estudos de literatura comparada, que

nos permite, mais do que tirar conclusões apressadas, conhecer esses autores, suas motivações e suas obras, e perceber que, apesar do tempo transcorrido, desde que foram escritas, por mais incrível que isso possa parecer, não soam desatualizadas e nem destituídas de significado.

Há divergências e convergências nos poemas de Heinrich Heine e de Castro Alves, Divergem no estilo de linguagem e convergem no tema. Fora isso, nada mais os une, mesmo sendo enquadrados como poetas românticos e terem retratado em versos, com maestria inigualável, a exploração do homem pelo homem.

Heinrich Heine é considerado um poeta marginal entre os românticos. Viveu dividido entre a Alemanha e a França e os ideais da revolução de 1789. Era visto como alemão entre os franceses, como judeu entre os cristãos e como convertido entre os judeus. Radicou-se, definitivamente, em Paris, em 1831, e virou referência para os poetas ocidentais na segunda metade do século XIX. Teve seus poemas musicados por Schumann e Schubert, entre outros notáveis. Foi amigo de Karl Marx e, dizem, teria saído da sua lavra a expressão que qualifica a religião como "ópio do povo" e a clássica frase "aqueles que queimam livros, acabam, cedo ou tarde, por queimar homens". E, por ironia do destino, entre os livros queimados pelos nazistas, em 1933, na Praça da Ópera, em Berlim, estavam as obras de Heine. Morreu em Paris, em 1856.

Castro Alves que, apesar de ter morrido jovem, aos 24 anos de idade, pode ser considerado um poeta que arrebatava plateias com a sua paixão pela causa do abolicionismo da escravatura no Brasil e pelo lirismo. Era filho de família abastada e fazia parte de uma juventude que havia recebido formação jurídica mais nos padrões franceses do que portugueses, tendo Paris em vez de Coimbra como modelo, além de ter sido educada para usar a poesia como elemento de retórica da persuasão. O seu lado lírico, manifesto na paixão por Eugênia Câmara, foi expresso nos versos do poema Boa Noite: "Boa noite!... e tu dizes – Boa noite./ Mas não diga assim por entre beijos.../ Mas não me digas descobrindo o peito, /- Mar de amor onde vagam meus desejos. (...)". E o lado social em Vozes d'África e O Navio Negreiro, por exemplo.

É fato histórico que o tráfico de escravos para o Brasil serviu de inspiração de cunho político para Heine e Castro Alves. Também é inquestionável que Castro Alves, quando publicou o seu poema, em 1868, apesar de distanciado no tempo, uma vez que o último desembarque clandestino de escravos para o País data de 1855, conhecia a obra de Heine, original em alemão de 1854, especialmente a versão francesa.

Heine enfatiza a perspectiva comercial do capitão do navio e do médico que se preocupam com a rentabilidade da mercadoria transportada. Usa expressões que chocam pela crueza e cinismo, ao concluírem que os negros devem se divertir sob a batuta do chicote, para reduzir a mortalidade por tristeza e

melancolia. Abjeta e repugnante é a figura do capitão, de mãos postas, pedindo a Deus: “Poupa suas vidas pelo sangue de Cristo,/ que por todos nós morreu!/ Pois se não me sobram trezentas peças,/ todo meu negócio se perdeu”.

Castro Alves, ao seu estilo, com expressividade e eloquência, produziu um discurso libertário, após retratar a cena da dança dos negros no convés do navio: “Senhor Deus dos desgraçados!/ Dizei-me vós, Senhor Deus!/ Se é loucura...se é verdade/ Tanto horror perante os céus.../; Ó mar! Por que não apagas/ Co’ a esponja de tuas vagas/ De teu manto esse borrão?.../ Astros! Noite! Tempestades!/ Rolai das imensidades!/ Varrei os mares, tufão! (...) Castro Alves é genial, mas Heine, pela crítica social mais densa e pela linguagem irônica, soa mais contemporâneo do que o nosso poeta condoreiro.

Data : 11/01/2019

Título : Os Du Bois

Categoria: Artigos

Tânia e Pedro Du Bois, apesar de radicados em Balneário Camboriú, SC, têm vivenciado, como poucos, a cena literária em Passo Fundo, nos últimos anos. São assíduos frequentadores das Jornadas Nacionais de Literatura, das Feiras do Livro, geralmente com lançamento de obras, dos eventos que ocorrem na Academia Passo-Fundense de Letras e são colaboradores do Projeto Passo Fundo de Apoio à Cultura. Mas, não obstante tudo isso, exceto pelos familiares e alguns amigos dos tempos que a cidade ainda era uma aldeia e pelos frequentadores desses mesmos circuitos culturais passo-fundenses, talvez, esse casal de escritores e sua obra não sejam tão conhecidos assim (não no nível que merecem). Então, me permitam apresenta-los.

Pedro Du Bois, ex-bancário, poeta e contista, nasceu em Passo Fundo e descobriu, no alvorecer do século XXI (em 2001), que escrever seria o seu destino. Escritor prolífico, foi vencedor, em 2005, na categoria poesia, do 4º Prêmio Literário Livraria Asabeça, com o livro “Os objetos e as Coisas”. No rol dos seus muitos títulos, à guisa de exemplo, elencamos: A casa das gaiolas (2005), Via rápida (2012), O senhor das estátuas (2013), O descrédito e o vazio (2014), Tânia (2015), Coleção de palavras (2017) e Imagem & Reflexo (2018).

Tânia Du Bois é natural de Sarandi. Formada em Pedagogia, tem se destacado como organizadora e revisora de textos, capista de livros e cronista da poesia do

cotidiano. Qualificam-na como cronista de escol, os livros *Amantes nas entrelinhas* (2013), *O exercício das vozes* (2014), *Autópsia do invisível* (2015), *O eco dos objetos: cabides da memória* (2016), *Vidas desamarradas* (2017) e *Eles em diferentes dias* (2018).

Da vasta produção poética de Pedro Du Bois, escolhi, para compartilhar com os leitores dessa coluna, os versos do poema (Des)Importâncias (do livro *Imagem & Reflexo. Passo Fundo, 2018. p. 11.*): “Com relativa importância/legamos conhecimento/ao futuro//Impávidos descendentes/dos deuses/da ciência/e da nossa verdade//na relativa (des)importância/insetos seguem/voando ao redor das luzes/onde se multiplicam/sem vaidades//utilitários ascendentes/transferem aos novo/o necessário para a vida”. E, em meio à diversidade das crônicas de Tânia Du Bois, selecionei um excerto de *Segredos de liquidificador* (do livro *O eco dos objetos: cabides da memória. Passo Fundo, 2016. p. 28-29.*): “Se a poesia é instrumento da alma, não a posso deixar no silêncio que grita por espaço na literatura. Aí, de fato, digo que depende do modo como leio a poesia ou ouço a música; participo, vivencio momentos de emoção que despertam a minha atenção para se transformar em magia. (...) Muitas vezes me descubro moldada para escutar o som barulhento do dia a dia, onde leio o manual de sobrevivência e nada me acontece, sobrando apenas o som do liquidificador, sem segredos”.

Na 32ª edição da Feira do Livro de Passo Fundo, em 2018, Tânia e Pedro foram protagonistas de um episódio inusitado, que teve a participação do escritor, poeta, publicitário e, não por acaso, patrono do evento, Luiz Coronel. Entre as características do casal Du Bois, sobressai-se, depois do talento para a escrita, a generosidade em presentear escritores e amigos com os livros que publicam. Na lista dos que costumeiramente recebem os livros do casal Du Bois, especialmente os assinados pela Tânia, consta o nome de Luiz Coronel. Eis que, diante da presença do escritor na Capital Nacional da Literatura, os Du Bois, logo após a cerimônia de abertura da Feira do Livro, decidem cumprimentar o ilustre patrono. Tânia, como de costume, toma a dianteira. Aproximam-se do escritor e, antes que consigam falar qualquer coisa, Luiz Coronel abre um sorriso e diz: - Oi Tânia, como vai? E, segundos depois, dirigindo o olhar para Pedro, complementa: - Você deve ser o Paulinho. Tudo bem? Mestre, esse Coronel! Gênio da raça! Passado o acontecimento, há quem diga que Tânia Du Bois, até hoje, não caminha, apenas flutua a um palmo acima do chão, nos passeios matinais pela Avenida Atlântica em Balneário Camboriú.

Data : 30/12/2010

Título : Os negócios verdes

Categoria: Artigos

Descrição: Houve um tempo (nem tão distante assim) que o ambientalismo era visto como ideologia (ligada ao pensamento de esquerda) e seus militantes como fundamentalistas, partidários do atraso e inimigos do desenvolvimento.

Os negócios verdes

Houve um tempo (nem tão distante assim) que o ambientalismo era visto como ideologia (ligada ao pensamento de esquerda) e seus militantes como fundamentalistas, partidários do atraso e inimigos do desenvolvimento. Embora muita gente ainda pense dessa forma, exemplos não faltam, nos meios empresariais, para demonstrar que algumas bandeiras ambientalistas condenadas no passado se transformaram em grandes negócios do presente. Para exemplificar vale referências como o Ecomagination, posto em prática pelo presidente e CEO da GE, Jeff Immelt, ou empresas como a Volans, criada em 2008 por John Elkington, com o objetivo de encontrar, explorar, assessorar e criar soluções inovadoras para os grandes problemas globais que ameaçam nosso futuro, em cujo contexto, indubitavelmente, estão contempladas as questões ambientais. E, para os ainda incrédulos, mesmo sendo uma obviedade, vou ousar sugerir que olhem a dimensão da planta industrial da BSBios, visível das margens da Rodovia BR 285, em Passo Fundo.

Serviços ambientais

Ainda temos um (longo e talvez árduo) caminho a ser trilhado para que, efetivamente, os negócios relacionados com o conceito de serviços ambientais venham a se materializar na dimensão que essa oportunidade comporta. O conceito de serviços ambientais ganhou relevância a partir da Avaliação Ecosistêmica do Milênio, inventário encomendado pelo então secretário-geral da ONU, Kofi Annan, que envolveu 1360 especialistas de 95 países, sendo os dados revisados por 800 cientistas. No relatório foram listados os 24 serviços ambientais considerados essenciais para a nossa vida, entre eles a água e o ar limpo, a regulação do clima e a produção de alimentos, fibras e energia. Desses 24 serviços ambientais vitais, 15 estão desaparecendo ou perdendo gradativamente suas funções. Ou seja, ficou patente que a capacidade do planeta de continuar a prover os recursos básicos está se esgotando, tanto para o setor privado, produtor de bens e serviços, quanto para a sociedade.

Regulação do clima

O mais urgente desafio ambiental hoje é, sem dúvida, a regulação do clima. O aquecimento global, apesar da negativa dos céticos em aceitarem as evidências, manifestas nos mais variados diagnósticos de elevação de temperaturas e no acirramento dos eventos climáticos extremos, parece ter atingido um nível de descontrole de tal monta que já não basta a mitigação das emissões de gases de efeito estufa. Tudo indica, mesmo no melhor dos cenários projetados, a necessidade de adaptação a uma nova ordem climática no mundo, com o objetivo de convivência pacífica e que tragédias maiores sejam evitadas.

O senso de urgência, em relação à questão do clima global, infelizmente, em termos concretos, é algo afeto a poucas pessoas no mundo.

O valor da sustentabilidade

Junto com ameaças da mudança do clima, apesar do lugar-comum do jargão surrado, também surgiram inúmeras oportunidades de negócio, que já se manifestam em inovações tecnológicas voltadas à transição para uma economia de baixa emissão de carbono.

Mesmo que a escala ainda possa ser considerada pequena (mas não desprezível), frente aos outros negócios, a bandeira da sustentabilidade e da preservação ambiental tem se mostrado atrativa para iniciativa privada. Ela tem sido importante para aumentar a competitividade e a eficiência das organizações, na redução de custos, na disputa pela fidelização de clientes, no fortalecimento de marcas, na melhoria da reputação e imagem de empresas e no estabelecimento de relações cordiais com a mídia e com órgãos governamentais.

Crispin Tickell

O diplomata britânico, Sir Crispin Tickell, mesmo não reivindicando a autoria, encontrou uma forma peculiar de definir desenvolvimento sustentável (expressão questionada por muitos, por ser mais uma exortação moral que prática) e sustentabilidade. Segundo ele: é “tratar a Terra como se tivéssemos a intenção de ficar”.

Desafios

Os grandes desafios da transição para uma economia de baixo carbono envolvem, de parte dos empresários, a disposição de assumir os riscos da recuperação dos investimentos, e, quanto aos governantes, a assimilação do ônus político de que, para algumas coisas, é necessário fornecer incentivos, e, para outras, incorporar desincentivos.

Do Jornal

O Nacional

30 de Dezembro de 2010

Data : 30/12/2010

Título : Os negócios verdes

Categoria: Artigos

Descrição: Houve um tempo (nem tão distante assim) que o ambientalismo era visto como ideologia ...

Os negócios verdes

Houve um tempo (nem tão distante assim) que o ambientalismo era visto como ideologia (ligada ao pensamento de esquerda) e seus militantes como fundamentalistas, partidários do atraso e inimigos do desenvolvimento. Embora muita gente ainda pense dessa forma, exemplos não faltam, nos meios empresariais, para demonstrar que algumas bandeiras ambientalistas condenadas no passado se transformaram em grandes negócios do presente.

Para exemplificar vale referências como o Ecomagination, posto em prática pelo presidente e CEO da GE, Jeff Immelt, ou empresas como a Volans, criada em 2008 por John Elkington, com o objetivo de encontrar, explorar, assessorar e criar soluções inovadoras para os grandes problemas globais que ameaçam nosso futuro, em cujo contexto, indubitavelmente, estão contempladas as questões ambientais. E, para os ainda incrédulos, mesmo sendo uma obviedade, vou ousar sugerir que olhem a dimensão da planta industrial da BSBios, visível das margens da Rodovia BR 285, em Passo Fundo.

Serviços ambientais

Ainda temos um (longo e talvez árduo) caminho a ser trilhado para que, efetivamente, os negócios relacionados com o conceito de serviços ambientais venham a se materializar na dimensão que essa oportunidade comporta.

O conceito de serviços ambientais ganhou relevância a partir da Avaliação Ecosistêmica do Milênio, inventário encomendado pelo então secretário-geral da ONU, Kofi Annan, que envolveu 1360 especialistas de 95 países, sendo os dados revisados por 800 cientistas. No relatório foram listados os 24 serviços ambientais considerados essenciais para a nossa vida, entre eles a água e o ar limpo, a regulação do clima e a produção de alimentos, fibras e energia. Desses 24 serviços ambientais vitais, 15 estão desaparecendo ou perdendo gradativamente suas funções. Ou seja, ficou patente que a capacidade do planeta de continuar a prover os recursos básicos está se esgotando, tanto para o setor privado, produtor de bens e serviços, quanto para a sociedade.

Regulação do clima

O mais urgente desafio ambiental hoje é, sem dúvida, a regulação do clima. O aquecimento global, apesar da negativa dos céticos em aceitarem as evidências, manifestas nos mais variados diagnósticos de elevação de temperaturas e no acirramento dos eventos climáticos extremos, parece ter atingido um nível de descontrole de tal monta que já não basta a mitigação das emissões de gases de efeito estufa. Tudo indica, mesmo no melhor dos cenários projetados, a necessidade de adaptação a uma nova ordem climática no mundo, com o objetivo de convivência pacífica e que tragédias maiores sejam evitadas.

O senso de urgência, em relação à questão do clima global, infelizmente, em termos concretos, é algo afeto a poucas pessoas no mundo.

O valor da sustentabilidade

Junto com ameaças da mudança do clima, apesar do lugar-comum do jargão surrado, também surgiram inúmeras oportunidades de negócio, que já se

manifestam em inovações tecnológicas voltadas à transição para uma economia de baixa emissão de carbono.

Mesmo que a escala ainda possa ser considerada pequena (mas não desprezível), frente aos outros negócios, a bandeira da sustentabilidade e da preservação ambiental tem se mostrado atrativa para iniciativa privada. Ela tem sido importante para aumentar a competitividade e a eficiência das organizações, na redução de custos, na disputa pela fidelização de clientes, no fortalecimento de marcas, na melhoria da reputação e imagem de empresas e no estabelecimento de relações cordiais com a mídia e com órgãos governamentais.

Crispin Tickell

O diplomata britânico, Sir Crispin Tickell, mesmo não reivindicando a autoria, encontrou uma forma peculiar de definir desenvolvimento sustentável (expressão questionada por muitos, por ser mais uma exortação moral que prática) e sustentabilidade. Segundo ele: é “tratar a Terra como se tivéssemos a intenção de ficar”.

Desafios

Os grandes desafios da transição para uma economia de baixo carbono envolvem, de parte dos empresários, a disposição de assumir os riscos da recuperação dos investimentos, e, quanto aos governantes, a assimilação do ônus político de que, para algumas coisas, é necessário fornecer incentivos, e, para outras, incorporar desincentivos.

Do jornal

O Nacional

30 de dezembro de 2010

Data : 25/10/2010

Título : Os novos imortais de Passo Fundo

Categoria: Artigos

Descrição: Foi nessa quinta-feira (21) a sessão solene de investidura e posse dos novos membros da Academia Passo-Fundense de Letras – APL.

Os novos imortais de Passo Fundo

Gilberto Cunha

Foi nessa quinta-feira (21) a sessão solene de investidura e posse dos novos membros da Academia Passo-Fundense de Letras – APL. Assumiram cadeiras no sodalício local, Carlos Antonio Madalosso, Diógenes Luiz Basegio, Elmar Luiz Floss, Marilise Brockstedt Lech, Mauro Gaglietti, Odilon Garcez Ayres e Sueli Gehlen Frosi.

O ingresso na APL dá-se via um processo de seleção pública, em que o interessado em ocupar uma das cadeiras vagas na instituição submete a sua candidatura ao comitê de seleção e avaliação, que é designado pela direção, conforme estatutos, para tal finalidade. Esse ano, pelo que se sabe, foi um dos processos mais concorridos da história da Academia Passo-Fundense de Letras. Onze candidatos disputaram as sete cadeiras vagas, dificultando sobremaneira o trabalho de escolha e, ao mesmo tempo, qualificando o processo. Todos os pretendentes, indistintamente, tinham credenciais de sobra para pleitearem uma cadeira na APL.

A recomposição do quadro de membros da Academia Passo-Fundense de Letras fazia parte dos compromissos de trabalho da atual diretoria, que tem como presidente Elisabeth Souza Ferreira e como vice-presidente Santina Rodrigues Dal Paz. Parabéns à Beth e à Santina, pelo magnífico trabalho que vêm realizando a frente da APL.

O ato de escrever

Para quem considera o ato de escrever uma tortura ou algo pesado e trabalhoso, só há um diagnóstico (e não é meu, mas de Jorge Luis Borges): não é a sua vocação.

Quanto aos acadêmicos que acabaram de ingressar na APL, é fácil depreender, por mais superficial o conhecimento que se tenha das suas obras, que, embora escrevendo por diferentes motivos, o fazem, acima de tudo, como uma forma de manifestação das suas ideias.

Carlos Antonio Madalosso, médico e empresário de sucesso, é bem possível que escreva, a par da sua carreira como professor, como uma forma de registrar a história da medicina local e suas instituições, que ele, como protagonista principal, ajudou a construir. Além de propalar valores da doutrina social-cristã e a crença no empreendedorismo.

Médico e político bem-sucedido, recentemente eleito deputado estadual, Diógenes Luiz Basegio, catedrático da Faculdade de Medicina da UPF, suponho que, paralelamente aos artigos e livros técnicos que escreve por razões profissionais, também o faz para dar vazão à sua veia de comunicador e vocação como político. O livro “Por que eu? A Mulher e o Câncer de Mama”, popularizando o tema do câncer de mama no Brasil, é exemplo.

Sobre Elmar Luiz Floss, especialmente pela afinidade com as ciências agrárias, pra mim, não é difícil reconhecer a grande contribuição da obra escrita, artigos técnicos e livros, deste excepcional professor. O livro “Fisiologia das Plantas Cultivadas – O estudo que está por trás do que se vê” é, hoje, a principal referência nessa área no Brasil.

Marilise Lech e Mauro Gaglietti são professores do ensino superior em Passo Fundo. Escrevem por obrigação profissional, certamente, mas também por

vocação e ideal. Na Feira do Livro de Passo Fundo, Marilise e Osvandré Lech farão o lançamento da mais recente obra deste casal de acadêmicos: “Frases inteligentes – para lembrar e usar”. Mauro Gaglietti é cientista político com formação em história, autor de vasta obra, com destaque para “Dyonélio Machado e Raul Pilla: médicos na política” pela EDIPUCRS.

Odilon Garcez Ayres, atualmente acadêmico de Direito, é um romancista de reconhecidos méritos. Suas obras mais recentes são “Oché Y Sepé Tiarayú” e “Caboclo Serrano em O Puchirão do Gé Picaço”.

E, finalmente, por razões alfabéticas, Sueli Gehlen Frosi. Mulher engajada com educação e causas sociais, a exemplo da Escola de Pais do Brasil. Entre suas obras, pode-se citar o livro “Cultura, sociedade, violência”, e a série de opiniões postadas no seu blog:<http://sugehlenfrosi.blogspot.com/>.

Boas vindas

Sejam bem-vindos, senhores acadêmicos! Mais uma vez me socorro de Borges, apenas para realçar que “todo escritor deixa duas obras: uma a escrita e outra a imagem que fica dele”.

O Nacional

Segunda-Feira, 25/10/2010

Data : 12/11/2015

Título : Os novos videntes

Categoria: Artigos

Os cientistas pensam e vislumbram o futuro por meio de conhecimentos adquiridos em trabalhos experimentais ou via concepções teóricas de mundo. E, embora conscientes que imaginar o futuro é correr o risco iminente de errar, os cientistas sabem, que, para algumas coisas, é possível distinguir entre o previsível e o imprevisível, enquanto, para outras, as respostas somente virão no decurso dos acontecimentos.

A capacidade para criar experimentos, fisicamente materializados ou teoricamente concebidos, cujos resultados, para merecerem a denominação de experimentos, não sejam antecipadamente conhecidos, e, de fato, gerar respostas interessantes, é o que distingue o cientista de um técnico especializado.

A humanidade, em algumas áreas do conhecimento, alcançou avanços substanciais. Em outras, os grandes saltos epistemológicos, ainda estão a aguardar novos desdobramentos. Em biologia, por exemplo, desde Darwin e Mendel, no século 19, passando pela descoberta da estrutura do DNA, no começo da segunda metade do século 20, até nossos dias, muito do que se sabe hoje permite especulações.

O mapeamento do genoma humano, talvez, venha ser a base para uma nova medicina. Em que a terapia genética, adicionando e reescrevendo genes, por meio da inserção de material genético funcional em células germinativas (espermatozoides e óvulos), poderá revolucionar a prática médica, determinando mudanças para sucessivas gerações. Darwin (seleção natural) será deixado para trás e, então, poderemos fazer uma revisão deliberada e consciente da evolução humana (uma evolução volitiva). Viveremos a época das “crianças projetadas”, em que, teoricamente, seria possível escolher tudo, da cor dos olhos ao nível de inteligência. Especula-se sobre a criação de super-pessoas, humanos geneticamente modificados, com talentos e características muito superiores as nossas (morais, de preferência). Nesse embate, entre a clonagem humana e a reescrita genética, sabe-se que a clonagem somente poderia produzir cópias de um experimento já realizado, enquanto, pela reescrita genética, para o bem ou para o mal, pode surgir um novo experimento.

O estudo da mente (como funciona a consciência humana) permitirá unir passado e futuro, biologia e cultura, natureza e sociedade, matéria e consciência e as ciências naturais e humanas, na opinião de Richard Dawkins. Todavia, Dawkins é, em resumo, não mais que um ultradarwinista, cujas idéias, centradas na hipótese de uma entidade egoísta (o gene), que funciona para preservar e propagar a si mesmo, não faz outra coisa que repetir a teoria de Darwin da evolução pela seleção natural operando no nível do gene e não de grupos, espécies ou indivíduos. A questão é que, fundamentalmente, não compreender nosso inconsciente talvez signifique o preço da nossa liberdade (ou sentimento de liberdade).

Outro ponto que buscamos respostas e, possivelmente, obteremos, diz respeito ao mecanismo gerador de novas formas de vida. A teoria de Darwin, centrada nas espécies ou nos genes (como quer Dawkins), não explica toda a evolução da diversidade da vida na Terra. Visões alternativas, como as da bióloga Lynn Margulis, ligadas a simbiogênese, que prega, pelo compartilhamento da vida, a partir de bactérias, o surgimento de novos organismos, serão comprovadas ou refutadas. Em resumo, não seria a molécula inerte do DNA a partícula fundamental da vida, como supõem os biólogos moleculares, mas as células bacterianas. Nosso triste destino talvez seja ver comprovado que não somos a obra-prima de Deus, como apregoam e gostaríamos de ser, mas o resultado de centenas de milhões de anos de interação entre micróbios.

Vivenciamos, na condição de protagonistas principais, alguns grandes experimentos. São eles: a explosão demográfica humana, o aquecimento global, o progresso da tecnologia e a evolução das espécies. Modelamos a evolução dos seres que nos servem de comida (animais e plantas) e, não satisfeitos, começamos o grande ensaio da evolução volitiva de nós mesmos. Onde isso vai parar? Por enquanto, ainda são experimentos em andamento. Um dia teremos de analisar os resultados.

Data : 29/03/2019

Título : Os terraplanistas e os otários dos novos tempos

Categoria: Artigos

Se você acha que o mito da Terra plana é uma criação que remonta aos tempos antigos ou, na melhor das hipóteses, foi cunhado no medievo da história da humanidade, vou pedir licença para, sem nenhuma intenção de lhe ofender, lançar mão do famoso bordão do Rogerinho do Ingá, personagem do canal do YouTube Choque de Cultura, e bradar: achou errado, otário! E merece ser chamado de otário não por desconhecer quando esse mito foi criado, mas sim por sequer ter considerado a possibilidade de que gente como Aristóteles (384 a.C - 322 a.C) ou Eratóstenes (276 a.C - 194 a.C), os grandes pensadores desse tema na antiguidade, o Venerável Bede (673 - 735), Roger Bacon (1120 - 1192) ou Tomás de Aquino (1225 - 1274), a nata da intelectualidade medieval, nunca ignoraram a esfericidade do planeta Terra.

O mito da Terra plana ou achatada, que, depois de um tempo no ostracismo, voltou à moda pelas redes sociais e parece ganhar novos adeptos a cada dia que passa, por mais incrível que pareça, é uma criação relativamente recente para os nossos padrões de contagem do tempo. Stephen Jay Gould, o laureado paleontologista de Harvard, no instigante ensaio “O nascimento tardio de uma Terra plana”, nos ajuda a entender quando, como, com qual motivação e por quem essa notável peça de ficção um dia foi criada e, mais ainda, nos leva a perceber porque, sem muito esforço e com o mínimo de racionalidade, deveríamos, com veemência, refutar essa ideia.

Há mais lenda do que história, sobre a criação desse mito da Terra plana. E se não é um legado nem dos tempos antigos e nem da Idade das Trevas/Idade Média, então quando surgiu e por que se popularizou? A esfericidade da Terra fazia parte da cosmologia de Aristóteles e foi pressuposta por Eratóstenes quando estimou a circunferência da Terra no século III a.C.. Tampouco se

observou, nos escritos dos racionalistas anticlericais do século XVIII, qualquer acusação à crença dos escolásticos numa Terra plana. Esses, a partir de Aristóteles e seus comentadores árabes, sempre afirmaram a redondeza da Terra. Mas, sim, houve personagens menores, como Lactantius (245-325) e Cosmas Indicopleustes (século VI), que defenderam a metáfora bíblica da Terra como um chão plano para dar sustentação ao arco retangular e abobadado dos céus no alto (a partir de Isaías, 40:22). Também é lendária a passagem, muito citada, sobre Colombo, que, para convencer os clérigos eruditos, em Salamanca, teria dito que iria chegar à Índia sem despencar da borda da Terra. Colombo não conseguiria chegar à Índia no tempo que estabelecera, não porque os clérigos duvidavam da redondeza da Terra, mas porque subestimara, propositalmente, o diâmetro da Terra. Isso posto, não resta dúvida que o chamado consenso, seja antigo ou medieval, sobre uma Terra plana é mito. Terra plana é uma fábula do século XIX.

Stephen Jay Gould, após exaustiva pesquisa na literatura, constatou, que menções a uma Terra plana, são raras antes de 1860, mas que se tornam abundantes depois de 1890, chegando, ora com mais e ora com menos fervor, até os nossos dias. E surgiu, sob os auspícios do conservadorismo religioso, a partir do conflito que se conflagrou na batalha da evolução, tendo a versão secular da seleção natural de Darwin, de um lado, e, o criacionismo, do outro. Enfim, Terra plana é apenas mais um mito criado para dar sustentação a uma falsa guerra entre ciência e religião. Irracionalidade e dogmatismo nunca foram aliados da ciência, mas tampouco podem ser considerados que são amigos da religião.

Se, depois do exposto, você ainda acreditar que a Terra é plana e que a teoria que prega a esfericidade do nosso planeta não passa de uma ideologia marxista ou de uma conspiração da Nasa e da mídia esquerdista, só nos resta dar razão ao guru da moda no Brasil, Olavo de Carvalho, e dizer que o seu é mais um caso típico de analfabetismo funcional: você saber ler, mas não entende o que lê! Ou, se preferir algo mais brando, apenas sequelas deixadas pelo efeito retardado do consumo excessivo de maconha ou outros alucinógenos.

Data : 12/02/2016

Título : Pacote Tecnológico ou Sistema de Produção

Categoria: Artigos

Nos anos 1970, quando, efetivamente, teve início o processo de modernização da atual agricultura brasileira, o uso do enfoque de sistemas de produção, formalmente chamados, na ocasião, de “pacotes tecnológicos”, suscitou um amplo debate entre sociólogos e pesquisadores agrícolas sobre qual era papel efetivo dessas novas propostas tecnológicas e a serviço de quem elas estariam: dos agricultores ou do capital internacional?

Os pesquisadores agrícolas advogavam que a organização dos “pacotes tecnológicos” seria a maneira mais rápida e efetiva para se lançar mão do estoque de conhecimentos existentes e colocá-lo em prática via os programas de assistência técnica e extensão rural, com o fomento do crédito rural. Conceitualmente, os “pacotes tecnológicos” idealizados na época, hoje, parecem bastante simples. Envolviam, como regra, três conjuntos de conhecimentos: sobre insumos, a maneira de combiná-los e informações de mercado. Inclusive, na ocasião, foi elaborada uma metodologia para a formulação desses pacotes tecnológicos, combinando a participação de pesquisadores, assistentes técnicos, produtores rurais e representantes dos agentes financeiros (no caso o Banco do Brasil), em reuniões específicas, quase sempre realizadas nas regiões alvos, seguindo uma receita pronta, descrita em um documento orientador. Teoricamente, um modelo ideal, envolvendo pesquisa, extensão e crédito rural.

Os sociólogos, partindo do conceito de pacote tecnológico como um conjunto de técnicas, práticas e procedimentos agrônômicos articulados entre si e empregados indivisivelmente numa lavoura, com base em padrões validados pela pesquisa, à luz da crítica que se fazia à Revolução Verde, tinham algumas restrições bem claras a esse modelo. Alegavam que o pacote tecnológico era uma estratégia de associação do uso dos meios e produção, de modo que sem essa articulação o emprego de um insumo isolado não viesse a produzir os resultados esperados, que se prestava, mais que à modernização da agricultura, a atender aos imperativos da internacionalização da economia brasileira. Indo um pouco além, alguns argumentavam que a pesquisa agrícola, por meio de testes, ensaios e experimentação, ao fomentar o emprego dos chamados insumos modernos (sementes melhoradas, fertilizantes, agrotóxicos, etc.) e máquinas, o que mais fazia era garantir a reprodução do capital industrial. No caso brasileiro, a intervenção estatal na elaboração dos pacotes tecnológicos, capitaneada pela novel Embrapa, revelava, segundo as críticas, os nexos orgânicos do Estado com o capital.

O pacote tecnológico é uma espécie de conhecimento intangível, um “saber-fazer”, que uma vez disseminado torna-se de domínio público. Isso significa dizer que não é passível de ser apropriado pela iniciativa privada, pois não pode ser patenteado ou monopolizado. É por isso que a intervenção do Estado, o capitalista coletivo ideal, se fazia necessária, socializando os custos e os riscos da produção do pacote e privatizando, em benefício das indústrias de insumos, os lucros resultantes do seu uso na agricultura; conforme argumento bastante empregado pelos sociólogos que criticavam o modelo em voga na nossa agricultura nos anos 1970.

Entre 1975 e 1979, sob o comando da Embrapa, foram produzidos cerca de 700 pacotes tecnológicos para a agricultura brasileira. Pode-se dizer que esse foi um esforço organizado e eficaz de articulação institucional e técnica entre pesquisadores, agentes de assistência técnica e produtores rurais, que deu um novo rumo à agricultura brasileira.

Com o passar do tempo, os “pacotes tecnológicos” ganharam o nome de “sistemas de produção” e as críticas, quanto à inspiração na Revolução Verde e forjados sob auspícios de um regime autoritário, foram arrefecendo e esse tipo e discussão perdendo cada vez mais o sentido. Virou a tônica da agricultura mundial.

Data : 12/11/2010

Título : Patronos no divã

Categoria: Artigos

Descrição: Inquestionavelmente, merecedora de aplausos a escolha do patrono da 24ª edição da Feira do Livro de Passo Fundo: o jornalista Eduardo Bueno – o famoso Peninha.

Patronos no divã

Inquestionavelmente, merecedora de aplausos a escolha do patrono da 24ª edição da Feira do Livro de Passo Fundo: o jornalista Eduardo Bueno – o famoso Peninha. Na sua estada na cidade, Peninha mostrou porque faz sucesso como escritor. Talento, irreverência, vocação para polêmica e poder de comunicação e interação com o público são coisas que ele tem de sobra. Na edição de segunda-feira (8), página 5 de O NACIONAL, a matéria “Sua majestade, Peninha” resume com perfeição o acerto da ALPF na definição do patrono deste ano. No entanto, o comentário final da editoria Segundo/ON, “... e foi embora deixando para Passo Fundo a sensação de que esse patrono, sim, valeu a pena”, mandou para o divã muitos patronos de edições anteriores. De minha parte, aceito sugestão de nomes de psicanalistas que possam curar esse tipo de trauma.

Ironi Andrade

Também é digna de nota a escolha de Ironi Gozzi de Andrade como Professor Emérito da 24ª Feira do Livro de Passo Fundo. Foi um reconhecimento ao trabalho deste professor e advogado, que é um dos mais respeitados conhecedores do nosso idioma. Ironi Andrade tem uma longa carreira como professor da língua portuguesa (e uma bela história de vida), iniciada no magistério estadual em 1973 e com passagens por cursinhos pré-vestibulares de Passo Fundo e de Porto Alegre. Desde 1989, dedica-se a seu Curso Permanente de Português, Redação e Oratória, como diretor-proprietário e professor único, ministrando cursos em todo o Brasil e em alguns países da América latina. Nessas jornadas tem sido um incansável divulgador da cidade de Passo Fundo. A ALPF, nessa homenagem, presta um tributo ao professor

Ironi Andrade que, literalmente, tem “amansado” gerações de passo-fundenses no manuseio do idioma pátrio.

Tania & Pablo

Dois acontecimentos dessa semana elevaram o nome de Passo Fundo no cenário das letras rio-grandenses. O primeiro foi a concessão pela Câmara Rio-Grandense do Livro da medalha da Ordem dos Jacarandás às Jornadas Literárias de Passo Fundo, marcando o início das comemorações das três décadas de realização desse evento, que ocorrerão em 2011. O outro foi a inclusão do livro Flor de Guernica, de Pablo Morenno, pela WS Editor, na relação dos finalistas da 16ª edição do Prêmio Açorianos de Literatura, categoria crônica. A cerimônia de premiação do Açorianos 2010 será realizada no dia 13 de dezembro, às 20h, no Teatro Renascença, em Porto Alegre. À professora Tania Rösing e sua equipe da UPF e ao colega da Academia Passo-Fundense de Letras, José Antonio Machado (Pablo Morenno), nossos cumprimentos.

Trigais de Passo Fundo no balaio

Uma “raridade” foi encontrada pela minha esposa, Leila, no balaio da Livraria Cultural. Refiro-me ao livro “Prisioneiros do Campo – A Epopéia dos Trigais de Passo Fundo”, de Fidélis Dalcin Barbosa, publicado em 1977 pela EST, editora que durante muitos anos foi dirigida pelo saudoso Frei Rovílio Costa. Algumas coisas nesse livro, não a qualidade de romancista do autor, despertaram minha atenção. Começando pelo título (trigais de Passo Fundo) e pelo texto da orelha da primeira capa que afirma tratar-se de um romance popular sobre a história do jovem casal Celso e Dione. O autor faz referência que o namoro de Celso e Dione começou em Lagoa Vermelha, onde ele estudava no Ginásio Duque de Caxias, por sinal o mesmo estabelecimento que frequentou o dr. Ari Dionísio Dalmolin, durante muitos anos presidente da Fecotrigo (anos mais tarde envolvido na crise da CENTRALSUL, que abalou o cooperativismo gaúcho). Ainda destaca que Celso e Dione, depois de casados, instalaram-se na Fazenda de Fátima, do pai dela, construindo obra modelar. Cita que o Bispo de Passo Fundo, em visita acompanhando o governador, confessou que a Fazenda de Fátima é o evangelho de Cristo a serviço do homem do campo.

O livro traz uma pequena história de Passo Fundo e a quarta capa é ilustrada por fotografia tirada por Deoclides Czamanski, que nos faz lembrar de uma cidade quase sem edifícios.

E, para minha surpresa, o referido exemplar contém uma dedicatória: “Ao Sr. Secretário da Agricultura, Indústria e Comércio, uma gentileza da SME”, datada de 9 de junho de 1981 e levando a assinatura de Welci Nascimento, hoje colega na APL, e, na ocasião, secretário municipal de educação de Passo Fundo.

Do Jornal

O Nacional

12 de Novembro de 2010

Data : 08/05/2014

Título : PAULO RIGON e ANA PAULA: Os fiéis escudeiros

Categoria: Artigos

Descrição: O publicitário Paulo Rigon e a secretária executiva Ana Paula Boscato têm sido o que se pode chamar de “fiéis escudeiros” do presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, Dr. Osvandré Lech...

O publicitário Paulo Rigon e a secretária executiva Ana Paula Boscato têm sido o que se pode chamar de “fiéis escudeiros” do presidente da Academia Passo-Fundense de Letras, Dr. Osvandré Lech, nos últimos dois anos. Voluntariamente, com talento, competência e profissionalismo, eles estiveram envolvidos com os principais acontecimentos culturais que marcaram o dia a dia da APL, em 2012 e 2013. Portanto, em reconhecimento ao trabalho realizado, Paulo Rigon e Ana Paula foram agraciados com o diploma de menção honrosa Francisco Antonino Xavier e Oliveira, por ocasião do jantar baile alusivo aos 75 anos da APL, realizado no Clube Comercial, na noite de 24 de abril de 2013. Uma forma da Academia dizer: MUITO OBRIGADO!

Paulo Rigon é um dos publicitários mais conhecidos de Passo Fundo. Começou a trabalhar nessa área ainda muito jovem. Durante anos exerceu atividades junto à Gráfica e Editora Berthier, que lhe permitiu a convivência com todo o processo de transformar um título em livro.

Essa longa experiência na indústria gráfica aproximou-o da intelectualidade local e regional e moldou um apaixonado pela cultura.

O convívio com diversos membros da Academia Passo-Fundense de Letras cimentou uma ligação entre ele e a mais antiga das nossas instituições culturais. Sempre disposto a colaborar, a Academia Passo-Fundense de Letras beneficiou-se sobremaneira desse seu trabalho voluntário ao sodalício.

Mais que competência profissional, em Paulo Rigon a Academia Passo-Fundense de Letras encontrou um verdadeiro amante da arte e da cultura.

Há muito tempo que Ana Paula Boscato, “A Secretária do Dr. Osvandré”, como se tornou conhecida, é mais que uma profissional de Secretariado, que trabalha no IOT.

É, simbolicamente, uma espécie de secretária executiva hors concurs da Academia Passo-Fundense de Letras.

Antes mesmo da atual gestão do Dr. Osvandré Lech, Ana Paula se fazia presente nos eventos da Academia.

Com o seu porte elegante e a sobriedade clássica de uma secretária executiva, sempre recebeu a todos, desde as mais altas autoridades às pessoas mais simples, com fineza e atenção.

A presença de Ana Paula Boscato nos eventos da Academia Passo-Fundense confunde-se com os próprios eventos. Conhecedora da comunidade local, a sua discreta assessoria tem sido muito importante para o sucesso das atividades, especialmente em sessões solenes do sodalício. Ela tem tratado os acadêmicos

e a própria instituição com carinho inextinguível, como se fossem pessoas de sua própria família e como se a Academia fosse uma extensão do seu lar.

Data : 14/10/2016

Título : Pela lente de Carlitos

Categoria: Artigos

Passo Fundo ainda deve reconhecimento a alguns profissionais da fotografia cujas lentes registraram boa parte da história municipal dos últimos 100 anos. Quer seja em estúdio, fotografando as personalidades locais; em laboratórios, revelando negativos tirados por terceiros ou por eles próprios; ou em cobertura de eventos, nomes como Deoclides Czamanski, Tamagnone e Carlos Alberto Loureiro (há outros, com certeza, ainda em atividade ou não), deixaram um valioso legado documental, que, ora em mãos de historiadores acadêmicos ou dos nossos memorialistas, tem servido como fonte primária para reconstrução e/ou melhor interpretação da história local.

Carlos Alberto Loureiro, Carlitos, faz parte desse time de elite dos fotógrafos passo-fundenses, do qual foi titular durante 50 anos (1962-2011). Uma bela história pessoal e profissional, que será contada em detalhes na próxima edição da revista Água da Fonte, o periódico da Academia Passo-Fundense de Letras, que deverá circular em novembro desse ano.

Carlitos despertou para a fotografia aos 14 anos. Segundo ele, ficou intrigado com as fotografais 3 x4 da irmã, todas iguais, que estavam sobre uma mesa e haviam sido feitas pelo lambe-lambe Barros, da Praça Marechal Floriano. Depois, por influência da mãe, que era amiga da esposa do fotógrafo Aparício Assunção de Moura, proprietário da extinta Foto Tropical, conseguiu, aos 15 anos, uma entrevista, no dia 1º de setembro de 1962, para começar como aprendiz naquele estabelecimento, e, desde então, até a aposentadoria, em maio de 2011, trabalhou intensivamente no ramo fotográfico em Passo Fundo.

Na Foto Tropical, Carlitos, que por ser muito jovem era chamado pelos fotógrafos veteranos de “Tropicalzinho”, aprendeu, na prática, os ofícios da profissão que abraçaria para o resto da vida. Começou enxugando fotos na secadeira, passou para a função de repórter fotográfico e galgou o posto de laboratorista chefe.

Depois de sete anos com Aparício Moura, Carlitos deixou a Foto Tropical e foi trabalhar na Foto Souza, de Rosalino Mattos de Souza. Em um assalto, Rosalino Souza foi vítima de um tiro, que o impediu de continuar na profissão. Então, foi assim que, em 1990, Carlitos se tornaria proprietário da Foto Souza e manteria esse estabelecimento em funcionamento, na Galeria Ca`Doro, na Av. Sete de Setembro, nos próximos 21 anos.

Era dono de uma técnica apurada para colorir manualmente fotografias em preto e branco. A fotografia que tirou do lendário time do Internacional, no Vermelhão da Serra, originalmente em preto e branco e depois colorida por ele, cuja reprodução pode ser encontrada na edição do jornal O Cidadão, de 30 de abril de 2003, atesta bem o quanto dominava essa arte, que, com a inovação do filme colorido, seria deixada de lado.

Possivelmente, a fotografia mais popular (e venerada pelos fieis) de Carlitos, embora sem identificação de autoria, seja a da Maria Elizabeth de Oliveira, a nossa “Santinha”, cujo túmulo, no Cemitério da Vera Cruz, recebe, anualmente, caravanas de devotos de várias partes do País. Carlitos havia fotografado a “Santinha” Maria Elizabeth, no Clube Comercial, com uma guitarra, dublando nas apresentações colegiais, que eram comuns na época. Sobre a foto oficial de Maria Elizabeth, confessa ele: “restaurei manualmente a sua hoje foto oficial, coloquei brinquinhos nela, eliminei o fundo preto e refiz imperfeições com lápis especiais da Alemanha”. É do Carlitos também a foto oficial do nosso, hoje, bispo emérito Dom Urbano Allgayer, feita quando da sua chegada a Passo Fundo.

Na vida privada, Carlitos é casado com Sra. Cecília e pai da Cláudia, do Daniel e do Juliano. Vive em Passo Fundo, na vila Vera Cruz.

Entre tantas recordações que lhe são caras, Carlitos ainda guarda na memória as palavras do melhor fotógrafo em preto e branco, em estúdio, que os passo-fundenses conheceram, o Sr. Olir Tamagnone: “Você será meu sucessor!”. O reconhecimento de um mestre não tem preço.

Data : 29/04/2016

Título : Pioneirismo do SPD em campo nativo melhorado

Categoria: Artigos

Descrição: A aração e a gradagem de solos ainda eram práticas bastante usadas na agricultura gaúcha, quando, em agosto de 1984, instigados por uma campanha patrocinada pelas entidades ligadas ao setor rural do município de Passo Fundo...

A aração e a gradagem de solos ainda eram práticas bastante usadas na agricultura gaúcha, quando, em agosto de 1984, instigados por uma campanha patrocinada pelas entidades ligadas ao setor rural do município de Passo Fundo, com base no mote “Plante Bem, Plante Sempre”, em cujas mensagens veiculadas pela televisão, especificamente em uma delas, o médico veterinário João Kurtz Amantino encerrava a sua fala afirmando “Caberá, no futuro, ao campo nativo, a produção de grãos”; um grupo de pesquisadores da Embrapa Trigo, sob a liderança de Roque Gilberto Annes Tomasini, resolveu iniciar uma experiência que até então não havia sido praticada em nosso meio, envolvendo

o Sistema Plantio Direto (SPD) em campo nativo melhorado, com o foco em produção de grãos e forragem, integrando lavoura e pecuária.

O vaticínio de João Kurtz Amantino não foi de todo tão desarrazoado quanto poderia parecer na época. O sistema trigo e soja, que predominava no nosso meio, vinha demonstrando certas fragilidades, além de perda de produtividade das lavouras, que, inclusive, ameaçava a sustentabilidade econômica desse sistema. A integração lavoura-pecuária e o sistema plantio direto davam os primeiros passos como práticas promissoras em agricultura de base conservacionista. João Kurtz Amantino, um pecuarista vocacionado, apostou na força da inovação, introduzindo, a partir de um sistema de pastoreio rotativo Voisin à la brasileira, com a orientação dos pesquisadores da Embrapa Trigo, um projeto de integração lavoura-pecuária, com plantio de soja, trigo, milho e pastagens em área de campo bruto melhorado (denominação da época para os campos nativos melhorados), manejado sob plantio direto. E os resultados não tardaram a aparecer na propriedade de João Kurtz Amantino, com a elevação da produtividade do trigo e da soja e a redução do tempo necessário para levar um boi ao abate.

Esse marco histórico do SPD em campo nativo melhorado envolveu a semeadura de várias espécies anuais, com coordenação e execução operacional pela Embrapa Trigo. E o reconhecimento desse pioneirismo deu-se, efetivamente, por ocasião das comemorações do aniversário de 150 anos do município de Passo Fundo (1857- 2007), quando, a partir de uma iniciativa do então vereador Édison Nunes, encaminhada ao Executivo Municipal em 20 de agosto de 2007, foi aprovada a construção de um monumento em homenagem ao “Pioneirismo na prática de plantio direto em campo nativo, sobre pastoreio rotativo”, tendo como local de instalação a Fazenda São João, às margens da Rodovia BR 285, onde o trabalho de campo foi originalmente realizado.

E assim, na tarde de 11 de dezembro de 2007, com vasta programação que iniciou às 14h e encerrou às 18h, o aludido monumento foi inaugurado, na presença do prefeito de Passo Fundo, Airton Dipp, do presidente da Câmara de Vereadores, Luiz Miguel Scheis, do edil idealizador da honraria, o vereador Édison Nunes, do então Chefe Adjunto de Pesquisa e Desenvolvimento da Embrapa Trigo, João Leonardo Fernandes Pires, e dos homenageados. Na ocasião, em nome do povo de Passo Fundo, pelo pioneirismo do Plantio Direto em campo nativo sob pastejo rotativo, em 1984, foram homenageados João Kurtz Amantino, proprietário da Fazenda São João, e os pesquisadores da Embrapa Trigo Roque Gilberto Annes Tomasini, Luiz Ricardo Pereira, José Alberto Rohe de Oliveira Velloso, Ivo Ambrosi, José Antonio Portella, Arcenio Sattler e Antônio Faganello, a Semeato – Indústria e Comércio S/A e a Fundiferro Fundação de Ferro Ltda.

Quem cruzar pela Rodovia BR 295, no sentido Passo Fundo Mato a Castelhanos, logo após a barragem da Corsan, com um pouco de atenção, poderá observar esse monumento. Uma descrição detalhada do trabalho pioneiro e seus principais resultados podem ser encontrados no documento “Campo bruto melhorado: grãos solo e vida”, de Roque Gilberto Annes Tomasini e outros, edições EMBRAPA-CNPT, 1987, 22p.

Data : 28/04/2017

Título : Plantar ou não plantar trigo, eis a questão!

Categoria: Artigos

É em Hamlet, a grande tragédia da dúvida, escrita por William Shakespeare por volta do ano 1600, mais do que em algumas falas dos participantes do Fórum do Trigo, realizado no Centro de Eventos da UPF, na tarde do dia 18 de abril de 2017, que os tricultores brasileiros, possivelmente, poderão encontrar a resposta para a tomada de decisão se devem ou não plantar esse cereal na safra de 2017; que ora está iniciando no sul do Brasil. Nos solilóquios desesperados do príncipe da Dinamarca diante da violência do mundo há mais esperança do que se pode depreender dos discursos de alguns participantes da plateia do Fórum do Trigo. Tal qual em Hamlet, na questão plantar ou não plantar trigo, as aparências enganam e a resposta não pode ser embasada mais em paixão do que em razão, como se fora uma mera representação de luta entre o bem e o mal. Nesse caso, plantar ou não plantar trigo, é uma questão de gestão de negócios, com visão de longo prazo e opção pela sustentabilidade dos empreendimentos e que não pode ser contaminada por discursos imediatistas e ideologias de ocasião.

São muitos os argumentos, tanto pelo sim quanto pelo não, para quem quiser adotar um posicionamento que seja minimamente fundamentado sobre plantar ou não plantar trigo no Brasil. Vamos começar pelos que nos parecem mais robustos e que por ora tem dado o tom das discussões sobre o assunto. Inquestionavelmente, há dificuldades para se produzir trigo no Brasil, tanto envolvendo nossas instabilidades ambientais quanto institucionais; por um lado. Mas, por outro lado, também é inegável que possuímos domínio tecnológico, clima, solo e tricultores experientes, para a produção competitiva e sustentável de trigo no País. Não há dúvida que, na área de genética de trigo, nossas cultivares são bem adaptadas ao ambiente brasileiro, produtivas e que possuem padrão de qualidade tecnológica para atender aos mais diferentes usos. Os nossos profissionais da assistência técnica sabem como bem manejar as lavouras desse cereal. E some-se que, na maioria dos estabelecimentos rurais dedicados ao cultivo de grãos no verão (soja e milho, por exemplo), a mesma estrutura de produção pode ser usada no trigo no inverno, não exigindo, portanto, a mobilização de investimentos específicos para essa finalidade. E que são indiscutíveis as vantagens da soja cultivada sobre resteva de trigo, quer seja pela melhor qualidade da sementeira, pelo aproveitamento residual de nutrientes e/ou pela supressão de plantas daninhas de difícil controle, caso da buva, que competem com essa oleaginosa. Então, por que, apesar de tantos argumentos favoráveis e aparentemente consistentes, uma aura de pessimismo insiste em dominar as discussões quando o assunto é a produção de trigo no Brasil? Há

que se entender a razão desse mau agouro de ocasião e o que pode ser feito para se lidar melhor com a delicada questão da produção de trigo no Brasil.

A explicação mais provável, na minha percepção, talvez resida na frustração de expectativa de liquidez experimentada pelos tricultores, que, com pequenas variações, se repete a cada safra, quando é chegada a hora da comercialização desse cereal no País. É nesse momento que os discursos apenas tangenciam a solução do problema, ao focarem na busca de culpados e replicarem argumentos que são apenas parcialmente corretos. Insistem alguns: falta política agrícola no Brasil. Não procede, pois há instrumentos de crédito, seguro rural e de apoio à comercialização. A indústria moageira não quer comprar o produto nacional. Também equivocado, pois, em tese, o moinho local seria o maior aliado do produtor local, mas, em se tratando de negócios, legitimamente, o empresariado desse setor busca qualidade e preços e não carregar estoques de grãos, para melhor competir no mercado. E outros tantos, como a reiterada guerra fiscal entre as Unidades da Federação, os entraves de logística ligados à navegação e cabotagem, etc. O assunto não se estanca por aqui. CONTINUA NA PRÓXIMA COLUNA.

Data : 12/05/2017

Título : Plantar ou não plantar trigo, eis a questão! ? FINAL

Categoria: Artigos

Na busca pela viabilização de uma tricultura genuinamente brasileira, competitiva e sustentável segundo os ditames do mercado, há um camarote de honra reservado aos profissionais de assistência técnica, aos produtores/empresários rurais e aos dirigentes das organizações de representação de agricultores; que ainda aguarda para ser ocupado.

Aos assistentes técnicos cumpre saber planejar e manejar as lavouras nos domínios do que há de melhor em tecnologia de produção de trigo no Brasil, sempre em conformidade com as diferentes realidades regionais e dos empreendimentos ao quais prestam serviços. E ao produtor rural cabe valorizar o profissional de assistência técnica, remunerando condizentemente o seu trabalho, e, por ser, em última instância o tomador de decisão, fazer a gestão efetiva de todo processo da produção até a comercialização, sem perder de vista a relação custos/gastos de produção e a expectativa de preço que vai receber pelo trigo no momento da colheita; que, invariavelmente, segue o mercado internacional e mais os custos de internalização do cereal no País. Ano após

ano, desde 1990, quando o Governo Federal, deixou de ser o único comprador e também o único vendendo de trigo no território brasileiro, via o Banco do Brasil, que o mesmo enredo se repete. Então, algo pode ser feito?

Indiscutivelmente, apesar de árduo, há um caminho, que como dizem os versos do poeta espanhol Antonio Machado – “Caminante, no hay camino,/se hace camino al andar.”–precisamos construir enquanto trilhamos. E esse caminho não pode ser outro que não seja o alinhamento da produção de trigo no Brasil, em custos e qualidade tecnológica, pelo mercado internacional. Há que se entender claramente que usar bem a tecnologia de produção não é sinônimo de gastar mais. Quem pode taxativamente afirmar que uma prática milenar como a rotação de culturas, sabidamente responsiva em trigo, deve ser relegada? Baseado em que, alguns princípios básicos da fitopatologia/entomologia podem ser trocados por um calendário de aplicação de agrotóxicos? Qual a razão para o uso de adubos previamente formulados, não raro com algum nutriente acima do nível crítico presente no solo, em vez de aplicar estritamente o que falta e vai ser extraído pela cultura? Análise de solo tornou-se dispensável? Por que desperdiçar um nutriente caro e fundamental para o trigo como nitrogênio fazendo um mau manejo das adubações em cobertura, por meio do fracionamento excessivo de doses e aplicação em momentos que potencializam a volatilização de amônia? De onde vem a necessidade tanta pressa para semear as lavouras, com, quase sempre, resultados desastrosos em falhas no estabelecimento de plantas? Ou seja, tão somente pôr em prática os conhecimentos que são sobejamente ensinados nos bons cursos de Agronomia do Brasil.

A gestão do empreendimento é de responsabilidade do produtor rural, desde a compra dos insumos até a venda dos grãos (quando for essa a finalidade). E, nesses dois extremos, há espaço para melhorar a eficiência nos gastos e nos ingressos, no que tange a escala e oportunidades. Talvez olhar mais para a margem de contribuição deixada pelo cultivo de trigo, no que diz respeito à diluição dos custos fixos do empreendimento, do que propriamente valorar os custos de produção. Nesse caso, um bom começo é ver as possibilidades de interferência de gestão nos custos fixos, nos custos variáveis e nos custos operacionais.

Às organizações de produtores de trigo, além do papel junto aos agentes políticos, cabe o desafio de buscar a construção de novos mercados para o trigo brasileiro, via a exportação. Para isso, precisamos de competitividade em preço, estabilidade e identidade de qualidade tecnológica para o trigo brasileiro. A iniciativa Fecoagro - Embrapa Trigo para o desenvolvimento do trigo brasileiro padrão exportação é um começo. Por enquanto, o primeiro passo de uma longa caminhada ainda por ser construída.

Data : 05/05/2017

Título : Plantar ou não plantar trigo, eis a questão! ? PARTE 2

Categoria: Artigos

Na edição de O NACIONAL de sexta-feira passada (28/04/2017), essa coluna finalizou replicando argumentos que têm sido usados quase à exaustão em discursos públicos de ocasião, há muitos anos, quando o assunto é a falta de interesse pelo plantio de trigo no Brasil e que, na nossa modesta opinião, por serem parcialmente corretos, apenas tangenciam a solução do problema. São, com relativa facilidade, encontráveis referências a: falta de política agrícola no Brasil. Não procede, pois há instrumentos de crédito, seguro rural, garantia de preço mínimo e de apoio à comercialização. A indústria moageira não quer comprar o produto nacional. Também equivocado, pois, em tese, o moinho local seria o maior aliado do produtor local, mas, em se tratando de negócios, legitimamente, o empresariado desse setor busca qualidade e preços e não carregar estoques para melhor competir no mercado. E outros tantos, como a reiterada guerra fiscal entre as Unidades da Federação (RS x PR, especialmente), que, no caso do trigo gaúcho aporta custos adicionais para o envio dos excedentes de produção para o principal centro consumidor no centro do País. A decisão de equalização de tarifas é de natureza política e, se convencidos da necessidade e importância pelas organizações de produtores, essa pode ser tomada livremente pelo poder executivo dos Estados envolvidos. Deficiências de logística, em especial no que se refere ao monopólio da navegação de cabotagem por embarcações de bandeira brasileira, que, quando disponíveis, encarecem o custo de frete por adicionais de renovação da frota da marinha mercante, encargos trabalhistas da tripulação, impostos sobre combustíveis etc. Eis uma questão que se arrasta há muitos anos, sempre referenciada, nunca bem compreendida e muito menos solucionada. Os atores mais interessados, no caso as organizações de produtores rurais, deveriam, a partir de tratativas feitas junto à representação dos armadores, levar a discussão ao palco do Congresso Nacional; uma vez que estão envolvidas questões positivadas em lei. Representantes da bancada ruralistas, inclusive muitos gaúchos, não faltam no parlamento brasileiro.

Reitero: o desencanto dos produtores rurais com o plantio de trigo no Brasil é uma mera questão de rentabilidade e falta liquidez do produto no momento da colheita. Mas, apesar da complexidade do problema, há solução; frise-se. Tentar mostrar o caminho da produção competitiva e sustentável de trigo no Brasil e afugentar as aves de mau agouro contra o trigo brasileiro é a nossa intenção. Oxalá essas breves notas consigam motivar, pelo menos, a reflexão crítica sobre o assunto!

Indiscutivelmente, só há um caminho para a triticultura brasileira: alinhar a produção de trigo no Brasil, em preço e qualidade tecnológica, ao mercado internacional. Não é por outra razão que não se questiona a viabilidade da soja no País (ou não se questionava, até o cenário atual de preços pagos ao produtor rural), por exemplo. Somente assim poderemos falar em uma triticultura genuinamente brasileira, competitiva e sustentável. Para atingirmos esse status no seleto clube dos países efetivamente produtores de trigo no mundo, há, de plano, duas lições que ainda precisamos fazer melhor. Uma envolve a gestão da produção de trigo no campo, no que toca ao cumprimento dos papéis do produtor rural/empresário e do assistente técnico. E a outra, diz respeito às organizações dos produtores rurais e agentes públicos dos ministérios envolvidos (Fazenda; Indústria, Comércio Exterior e Serviços; e Agricultura, Pecuária e Abastecimento; especialmente) na proposição de novos instrumentos de política agrícola, prospecção e criação de novos mercados para o trigo brasileiro, superando de vez a ilusória e descabida guerra de interesses entre produtores rurais e indústria moageira nacional. O assunto não se estanca por aqui. CONTINUA NA PROXIMA COLUNA.

Data : 14/11/2014

Título : Poemas no Túnel

Categoria: Artigos

Descrição: A Lei nº 11264, de 2 de janeiro de 2006, que transformou a cidade de Passo Fundo em Capital Nacional de Literatura...

Sexta-Feira, 14/11/2014 às 07:18, por Gilberto Cunha

A Lei nº 11264, de 2 de janeiro de 2006, que transformou a cidade de Passo Fundo em Capital Nacional de Literatura, paralelamente à distinção, também colocou, sobre os ombros dos cidadãos, do poder público e das instituições culturais locais, a responsabilidade de, doravante, justificar tamanha honraria.

A criação do Largo da Literatura, junto à Praça Armando Sbeghen, na Av. Brasil nas cercanias da ponte do Rio Passo Fundo, que abriga a Árvore das Letras, alegoria aos 25 anos de Jornadas de Literatura, e dois Túneis das Letras, um dedicado aos escritores que participaram das Jornadas Nacionais de Literatura e outro aos escritores locais, faz parte desse esforço de consolidação da Cidade como referência literária no País.

A Academia Passo-Fundense de Letras, que ao longo dos seus 76 anos de história (fundada em 7 de abril de 1938) tem participado ativamente da vida

cultural de Passo Fundo, no novo cenário que se configurou, não pode se furtar de compromissos. É por isso que, desde 2008, tomou para si a incumbência de selecionar os poemas e os textos de autores passo-fundenses, ligados ou não ao sodalício, que periodicamente são adesivados no túnel dedicado aos escritores locais.

O livro Poemas no Túnel, organizado pelos Acadêmicos Marilise Lech, Paulo Monteiro e Elisabeth Ferreira, oficialmente lançado na 28ª Feira do Livro de Passo Fundo, reúne os poemas expostos entre 2008 e 2014 no Túnel das Letras do Largo da Literatura. A iniciativa é louvável em todos os sentidos, pois ao mesmo tempo em que pereniza essa contribuição da Academia Passo-Fundense de Letras em prol da valorização dos nossos escritores, também permite que sejam remorados ou conhecidos versos, textos e/ou autores que já não se encontram mais em exposição naquele singular espaço cultural da cidade. Na obra, desfilam os nossos poetas, escolha o seu preferido: Alberto Rebonato, Alice de Fátima Vieira, Ana Carolina Martins da Silva, Craci Dinarte, Dinair Fernandes Pires, Eduardo Cabeda, Elisabeth Souza Ferreira, Elita Treviso, F. A. Xavier e Oliveira, Gabriel Bastos, Getulio Vargas Zauza, Glaura Hilário Brockstedt, Helena Rotta de Camargo, Herbeni Otto Facchini, Iracema de Castilhos Domingues, Jabs Paim Bandeira, Jorge Alberto Salton, Júlio César Perez, Jurema Carpes do Valle, Liciane Toazza Duda Bonatto, Luis Marcelo Algarve, Marilise Brockstedt Lech, Odalgiro Corrêa, Odilon Garcez Aires, Pablo Morenno, Paulo Monteiro, Ricardo José Stolfo, Romeu Gaspar Salles Pithan, Santina Rodrigues Dal Paz, Severino Ronchi, Simone do Valle Müller, Sólón Bueno Silva, Sueli Gehlen Frosi, Valéria Sumye Milani, Welci Nascimento e Xiko Garcia.

Oxalá você aprecie tanto quanto nós esses poemas! Uma pequena mostra do que pode ser encontrado nesse livro nos versos da poetisa Jurema Carpes do Valle (in memoriam):

SÚPLICA

Por uns instantes

Deixa que eu descubra

Através de teus olhos frinchas de luz

Na escuridão que me rodeia.

Por uns instantes

Deixa que a tua mão firme

Me conduza pela estrada da esperança.

Deixa que teu coração

Grande e generoso

Me dê abrigo

Não por uns instantes

Mas por toda vida.

Data : 07/10/2016

Título : Preconceitos acadêmicos

Categoria: Artigos

O establishment acadêmico tem preconceitos contra os chamados “popularizadores” da ciência. Gente que escreve (ou procura escrever) de uma maneira inteligível para os não iniciados. Isso fica claro na forma desdenhosa com que frequentemente são feitas referências a esse tipo de atuação acadêmica ou na valoração que é dada aos trabalhos dessa natureza no conjunto dos indicadores de produção científica.

Peter Drucker, em gestão empresarial, Jorge Luis Borges, em literatura, e Paul Krugman, em economia, são exemplos de intelectuais que, apesar da opinião dos pares, com aparente indiferença, relegaram ao esquecimento, nas suas respectivas áreas, pretensos cientistas de escol que ousaram tecer críticas aos seus trabalhos.

Possivelmente, o maior pensador e escritor em gestão empresarial, de todos os tempos, tenha sido Peter Drucker. Não obstante Drucker ter uma carreira acadêmica, como professor nas Claremont Graduate School, e exercido o papel de consultor em corporações importantes, ele foi duramente criticado pelos pares, que insistiam em não reconhecer méritos em seus livros e ensaios. Os críticos de Drucker propalavam que resultados de pesquisas científicas deveriam ser disseminados em periódicos científicos, não em livros ou revistas de divulgação. Peter Drucker, autor de inúmeros livros e assíduo frequentador das páginas de jornal e de revistas de divulgação, escrevia para profissionais da área de gestão, em linguagem compreensível. Ao contrário, segundo ele, os seus críticos escreviam para colegas acadêmicos. Era natural que muitos dos seus contemporâneos não gostassem e se ressentissem com o sucesso de Peter Drucker. E esse ressentimento chegou a tal ponto que, por ocasião da passagem dos 75 anos de Peter Drucker, quando o jornal The Los Angeles Times publicou uma reportagem especial dedicada a ele, perguntando a escritores acadêmicos de renome o que haviam aprendido com Drucker e qual a contribuição dele para a disciplina da gestão, um desses críticos (hoje esquecido) usou o espaço para demonstrar a sua frustração pessoal, dizendo que não poderia falar sobre Drucker uma vez que nunca havia lido Drucker, pois Drucker, disse ele, não publicava seus trabalhos em periódicos científicos.

Jorge Luis Borges ainda não era considerado um escritor genial como é hoje, quando, em 1956, iniciou como professor de literatura inglesa na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires. E que pese nunca ter obtido um título universitário, Borges, não sem críticas, foi escolhido para a função frente a outros postulantes que detinham currículos recheados de artigos acadêmicos. Com sua magistral ironia, frente aos críticos, Borges dizia que conseguiu o posto de professor, apenas com a seguinte declaração: “sin darme conta me estuve preparando para este puesto toda mi vida”. Parece que esta simples proposição surtiu efeito; pois ele foi contratado E, seguramente, não havia escolha melhor, pois se observou uma relação muito estreita (quase indissociável) entre Borges escritor e Borges professor.

O economista Paul Krugman é um exemplo notório de intelectual com formação científica robusta e aguçada capacidade de comunicação. Foi agraciado com o Prêmio Nobel de Economia em 2008 e é bastante conhecido fora dos meios acadêmicos por suas colunas no New York Times (reproduzidas em jornais do mundo todo, inclusive brasileiros). Krugman é um professor com contribuições importantes para a teoria econômica (no campo da nova teoria do comércio internacional) e colunista brilhante. E, no entanto, Krugman, por entender que equações sofisticadas e diagramas da economia formal, quase sempre, não passam de andaimes que ajudam apenas a construir o edifício intelectual das ideias, devendo, quando a construção chega a certo ponto, serem removidos, ficando apenas estruturas e paredes de linguagem coloquial, seus textos são extremamente claros.

Data : 12/05/2012

Título : Qualidade ambiental

Categoria: Artigos

Descrição: A construção de índices e a mensuração da qualidade ambiental apresentam dificuldades que ultrapassam os limites das soluções meramente tecnológicas.

Qualidade ambiental

Sábado, 12/05/2012 por Gilberto Cunha

A construção de índices e a mensuração da qualidade ambiental apresentam dificuldades que ultrapassam os limites das soluções meramente tecnológicas. Há necessidade de uma percepção diferenciada do assunto, envolvendo conhecimentos das ciências humanas, que a maioria de nós, técnicos das ciências agrária e cidadãos urbanos, não dominamos. Ou é mais conveniente não dominar, pois, dessa forma, muitas coisas são justificadas. Inclusive fazer de conta que não temos nada a ver com isso, enquanto abundam responsabilidades sendo colocadas nas costas de quem vive, trabalha e tem empreendimentos econômicos no meio rural. Essa foi a mensagem deixada pelo Prof. Dr. Renato D'Agostini, da Universidade Federal de Santa Catarina, em seminário que proferiu na manhã de ontem (11), para os pesquisadores da Embrapa Trigo, versando sobre métodos de avaliação de desempenho ambiental. Segundo D'Agostini as questões ambientais não são prioridades de indivíduos, mas sim temas afetos à coletividade. Isso faz com que sejam necessárias políticas públicas para tratar do assunto. Na esfera individual não se pode esperar muito. Não é uma questão de mera falta de conscientização. Essa existe até em demasia, uma vez que ninguém ignora que degradar solo e água e poluir a atmosfera não são coisas boas. E, mesmo assim, continuamos sempre buscando motivos e justificativas para que absolutamente nada seja feito. Portanto, não bastam conhecimentos tecnológicos para resolver os problemas ambientais, tanto no meio rural quanto urbano. Embora seja imprescindível que o melhor do conhecimento tecnológico esteja a serviço da construção das novas políticas públicas para a área ambiental.

Incrível Índia

Nessa terça-feira, às 19h, na sede da Academia Passo-Fundense de Letras (Av. Brasil, 792/Centro Histórico) a acadêmica e professora Marilise Brockstedt Lech apresenta o documentário "Incrível Índia". Uma oportunidade ímpar para se conhecer um pouco melhor, sob as lentes e a sensibilidade de quem esteve lá, a verdadeira Índia. Uma nação e um povo marcados pela abundância de pessoas, singularidades culturais, conflitos étnicos e religiosos, belezas naturais, potencialidades e enormes desafios em busca do tão almejado desenvolvimento social e econômico. O ingresso é um livro, usado ou novo, qualquer um desses que você tenha em casa e pense que é chegada a hora de dar um destino diferente a ele. As obras arrecadadas serão doadas nas ações beneficentes/culturais da APL. Todos são bem-vindos. Quem sabe essa não é a oportunidade que você estava esperando para, finalmente, conhecer a sede da Academia Passo-Fundense de Letras, fundada em 7 de abril de 1938.

Mudança Comportamental

O Conselho de Desenvolvimento de Passo Fundo. (CDPF) e a Associação de Dirigentes Cristãos de Empresas (ADCE), com o apoio da Prefeitura Municipal de Passo Fundo, da Câmara de Vereadores, da UPF, da ACISA e da UAMPAF, são os responsáveis pela promoção do "VII Seminário de Mudança Comportamental". O evento, que esse ano trata do tema "Desenvolvimento e

Cultura no Século 21”, vai acontecer nessas segunda e terça feiras (14 e 15 de maio), das 19h às 22 h, no auditório da Faculdade de Medicina da UPF (no centro, na Teixeira Soares, em frente do Hospital São Vicente de Paulo). Na programação, no dia 14, o painel “A nova civilização”, em cujo contexto serão tratadas “A nova ordem cultural” e “A nova ordem social”, pelo Pe. Marcelo Aquino (Reitor da Unisinos.) e por Sérgio Cavaleri (ADCE/SP), com mediação do Magnífico Reitor da UPF, o Prof. Dr. José Carlos Carles de Souza. No dia 15, tem vez o painel “Líder Globalizado do Século 21”, com os painelistas Francisco Sérgio Turra (Líder Político e Presidente da União Brasileira de Avicultura – UBABEF) e Cleber Cristiano Prodanov (Líder Educacional e Secretário de Ciência, Inovação e Desenvolvimento Tecnológico do RS), sob mediação do empresário Erasmo Carlos Battistella (diretor-presidente da BSBIOS). As inscrições são gratuitas. Outras informações podem ser conseguidas via o e-mail: adce@ginet.com.br ou pelo telefone (54) 3045-3088.

Amartya Sen – Neuro Zambam

O novo livro do Prof. Dr. Neuro José Zambam, “Amartya Sen - Liberdade, Justiça e Desenvolvimento Sustentável”, publicado pela Editora da IMED, está com lançamento marcado para a próxima quinta-feira (17), às 18 h. O evento vai ocorrer na Livraria Nobel da General Osório (próximo do INSS). O presentes serão brindados com degustação de vinhos e espumantes TerraSul.

O Nacional

Data : 30/11/2012

Título : Quatro novos imortais

Categoria: Artigos

Descrição: A Academia Passo-Fundense de Letras preencheu totalmente suas quarentas cadeiras no dia 23 de novembro de 2012

A Academia Passo-Fundense de Letras preencheu totalmente suas quarentas cadeiras no dia 23 de novembro de 2012, com a posse de quatro novos acadêmicos. São eles: Agostinho Both, Júlio César Perez. José Ernani de Almeida e Marisa Potiens Zílio.

A solenidade contou com a presença de trinta e dois acadêmicos e mais de duzentas pessoas, que lotaram o auditório e o hall dos ex-presidentes. Agostinho Both, falando em nome dos demais empossados, destacou a importância

histórica das academias de letras e da reunião de escritores nessas sociedades. Num feliz exercício estilístico recolheu, em seu discurso, as palavras dos demais empossados, transformando um texto singular, numa peça oratória cerzida há oito mãos.

O acadêmico Osvandré Lech, como presidente do sodalício, avocou para si a responsabilidade de saudar os novos confrades. Historiando a prática acadêmica desde a Grécia Antiga, passando pela Idade Média, até chegar à idade Contemporânea com o desenvolvimento das academias de letras. Lembrou a contribuição da Academia Passo-Fundense de Letras para o desenvolvimento educacional e cultural de Passo Fundo e região, historiando instituições criadas a partir de iniciativas acadêmicas ou com a participação da Academia.

Data : 10/03/2017

Título : Que é ser um SER humano?

Categoria: Artigos

Somos seres eminentemente emocionais, embora abundem referências de que a nossa racionalidade é o que nos distingue dos outros animais. E os argumentos neste sentido são tantos e tão bem justificados que, sem uma maior reflexão, até acreditamos neles. Inclusive, insistimos que o que define nossas condutas como humanas é elas serem racionais, fazendo com que vivamos uma cultura que desvaloriza as emoções em função de uma supervalorização da razão. Nada mais falso que isso, conforme demonstra a biologia do conhecimento e as teorizações formatadas pelo neurobiologista chileno Humberto Maturana.

Por emoções, na teoria de Maturana, há que se entender os diferentes domínios de ações possíveis, nas pessoas e nos animais, e as distintas disposições corporais que os constituem. É em função das disposições corporais que emoções são fenômenos próprios do reino animal. E o que chamamos de humano é basicamente o entrelaçamento do racional com o emocional, na linguagem, fazendo desabar o imperialismo da razão. O peculiar do humano não está na manipulação, mas na linguagem e no emocionar. Acima de tudo, aceitar que não é a razão que nos leva a ação, mas a emoção.

A emoção fundamental que define o ser humano é o amor. E, no contexto da biologia do conhecimento, o amor é entendido como a emoção que constitui o domínio de ações em que nossas interações recorrentes com o outro fazem do outro um legítimo outro na convivência. Parece complicado de entender, mas não é. Basta a adoção de uma postura reflexiva no mundo em vivemos, com

respeito por si mesmo e pelos outros, deixando de lado o sentimento de competição, marcado pelo eufemismo mercadológico da “livre e sadia competição”. A competição não é e nem nunca poderá ser sadia, porque se constitui na negação do outro.

A competição é um fenômeno cultural e humano e não, como se supõe, uma característica biológica intrínseca. Queiramos ou não, a vitória de um se constitui na derrota do outro. A competição se ganha com o fracasso do outro. O derrotado tolera o vencedor esperando por uma oportunidade de revanche. Assim, a tolerância é uma negação do outro suspensa temporariamente. Em razão disso é que foi cunhada a expressão: “as vitórias que não exterminam o inimigo preparam a guerra seguinte”.

O que chamamos de racionalidade, quase sempre, não passa de uma atuação baseada em premissas previamente aceitas, a partir de certas emoções (aceitas porque sim, porque agradam a alguém, aceitas pela preferência de alguém, etc.). A discordância entre pessoas se dá quando a diferença está nas premissas fundamentais que cada um tem sobre determinados temas. Em que cada qual aceita ou rejeita algo não a partir da razão, mas da emoção. São exemplos clássicos, discussões ideológicas ou religiosas. As premissas fundamentais de uma ideologia ou de uma religião são aceitas a priori e, portanto, não tem fundamentação racional. Não existindo erro lógico nos argumentos, estes são, obviamente, racionais para aqueles que aceitam as premissas fundamentais em que eles se baseiam; reforça Humberto Maturana. Por isso, em situações de conflitos ou de discordâncias, os chamados discursos racionais não convencem ninguém, quando aquele que fala e aquele que escuta tem como referências emoções diferentes.

Nem todas as relações ou interações entre seres humanos são sociais. É o caso daquelas baseadas na obediência, na exclusão, na negação e no preconceito, pois negam a condição biológica básica de seres dependentes do amor, que é aceitar os outros como legítimos outros na convivência. As relações hierárquicas, quase sempre, não se fundamentam na aceitação mútua e sim na negação mútua. Essas são instituições e práticas baseadas meramente no argumento da racionalidade e da obrigação.

Razão e emoção constituem o nosso viver humano. Sem a aceitação do outro no espaço de convivência não há fenômeno social. Isso explica porque a maior parte do sofrimento humano vem da negação do amor ou da emoção que permite a aceitação do outro como legítimo outro na convivência.

Data : 07/06/2012

Título : Queremos mais diversidade em trigo

Categoria: Artigos

Descrição: Pode parecer contraditório afirmar que uma espécie, caso do trigo, formada por três genomas diferentes (A, B e D) e com cerca de 30 mil genes seja

Queremos mais diversidade em trigo

Quinta-Feira, 07/06/2012

por Gilberto Cunha

Pode parecer contraditório afirmar que uma espécie, caso do trigo, formada por três genomas diferentes (A, B e D) e com cerca de 30 mil genes seja, ao mesmo tempo, complexa e limitada em termos de diversidade genética. Isso se torna fácil de entender, quando consideramos a sua origem e que estamos diante de uma espécie relativamente nova, frente aos quatro bilhões de anos de vida na Terra. O trigo, tal qual conhecemos hoje, começou a ser forjado ao redor de 10 mil anos atrás, no momento que teve início essa revolução na história da humanidade que se convencionou chamar de agricultura, quando, para sobreviver, o homem passou a selecionar espécies de animais e de plantas que formariam a base da sua alimentação.

Foi na região chamada de Crescente Fértil, no oeste da Ásia, que abarca o território de países como Síria, Líbano, Turquia, Iraque e Iran que, se estima há 10 mil anos, ocorreu, naturalmente, um cruzamento entre gramíneas selvagens, ainda hoje encontráveis naquela parte do mundo. Uma nova espécie começou a surgir no momento que o pólen de *Triticum urartu* (doador do genoma A) fecundou uma flor de *Aegilops speltoides* (doador do genoma B), dando início ao surgimento de uma nova espécie, denominada *Triticum dicoccoides* (AABB). O momento exato desse cruzamento não é sabido. Também se ignora o número de cruzamentos desse tipo que vingaram. Mas, admite-se, que apenas uma dessas hibridações é ainda representada nos trigos modernos. E, com base nessa última assertiva, já é possível começar o entendimento porque se afirma que a base de diversidade genética em trigo, na atualidade, é estreita (embora suficiente para contornar muitos problemas).

A ação humana sobre o *Triticum dicoccoides*, via seleção e re-seleção de tipos mais adequados de planta, começou buscando corrigir três características problemáticas: a uniformidade (sincronia entre germinação e maturação), a debulha dos grãos antes da colheita e a dificuldade de separação entre as glumas e os grãos. Via mutantes naturais, esta espécie, com características mais de gramínea selvagem, evoluiu para o *Triticum dicoccum*, que acabaria domesticado, vindo a dar origem aos modernos trigos durum, especiais para macarrão italiano, que integram a espécie *Triticum turgidum* spp durum. E foi, também por cruzamento natural, que está última espécie, sendo fecundada por

uma outra gramínea, *Aegilops tauchii* (doadora do genoma D), resultaria no trigo hexaplóide (AABBDD) cultivado hoje praticamente no mundo todo, cuja farinha se diferencia dos outros cereais por conter glúten: o nosso *Triticum aestivum* L.

Pelo exposto, se pode perceber que o trigo é uma espécie jovem e originária de poucos indivíduos. Isso limita a sua diversidade genética. Para fazer frente a inúmeros entraves de origem biótica (doenças e pragas) e abiótica (estresses térmicos, hídricos, físicos e químicos), expandir a diversidade genética em trigo se tornou algo imperativo e passou a ser visto como uma grande oportunidade em melhoramento genético. Para isso, a via encontrada pela comunidade científica foi tentar reproduzir os cruzamentos que originaram a espécie *Triticum aestivum* L, uma vez que os ancestrais selvagens ainda estão por aí e podem ser coletados. Admite-se que outros indivíduos que não participaram do cruzamento original podem conter genes úteis para os dias de hoje. Esse trabalho, iniciado nos anos 1940, deu origem aos chamados trigos sintéticos, que ganharam destaque, a partir do CIMMYT, nos anos 1980.

Efetivamente, com os trigos sintéticos, se pode dizer que foi possível incorporar nova diversidade genética a partir dos ancestrais selvagens da espécie. O uso dos sintéticos como base para a criação de cultivares derivadas, tem se mostrado uma estratégia promissora neste começo de século 21. Maior rendimento de grãos, tolerância a estresses, características agronômicas e de qualidade tecnológica desejadas, estão ente os atributos citados como vantajosos nos sintéticos. A China foi o primeiro país a lançar comercialmente uma cultivar derivada de um trigo sintético, a Chuanmai 42, em função de rendimento elevado. No Brasil, o potencial de uso dos trigos sintéticos nos programas de melhoramento genético, em minha opinião, tem sido pouco explorado.

Do Jornal
O Nacional

Data : 30/04/2012

Título : Rachel de Queiroz, olhares de jovens passo-fundenses

Categoria: Artigos

Descrição: Com a realização do IV Concurso Literário – Rachel de Queiroz: olhares de jovens passo-fundenses a Academia Passo-Fundense de Letras

Com a realização do IV Concurso Literário – Rachel de Queiroz: olhares de jovens passo-fundenses a Academia Passo-Fundense de Letras cumpriu um dos seus mais importantes compromissos sociais que é o de incentivar a leitura e a

produção literária, em qualquer dos gêneros, valorizando o trabalho de consagrados autores nacionais, bem como a arte da escrita como meio de expressão e libertação.

Cerca de vinte alunos de Ensino Médio de oito escolas estaduais e particulares de Passo Fundo tiveram seus textos selecionados e categorizados em biografia, poema, análise de crônicas e resenhas, todos versando sobre a vida e a obra da consagrada escritora brasileira Rachel de Queiroz.

A partir da realização desse concurso, as organizadoras Marilise Brockstedt Lech e Sueli Gehlen Frosi, juntamente com a então presidente da APL, Elisabeth Ferreira e a vice-presidente Santina Rodrigues Dal Paz, concretizaram a ideia de publicar um livro com os textos selecionados, o qual teve seu festivo lançamento no decorrer da 14ª Jornada de Literatura, em agosto de 2011, bem como na 25ª feira do Livro de Passo Fundo, em novembro de 2011.

Um agradecimento especial pelo importante apoio foi dirigido à SEDEC – Secretaria do Desporto e da Cultura, na pessoa do Secretário Alex Necker, bem como do prefeito Airtón Lângaro Dipp que viabilizaram a divulgação do concurso e a editoração da obra.

A Academia Passo-Fundense de Letras orgulha-se de ter oportunizado esse espaço para dar luz às ideias de jovens talentos passo-fundenses.

Depoimentos

“Especialmente feliz foi a opção por trabalhar com a obra de Rachel de Queiroz, provocando, como o título da obra anuncia, os “olhares de jovens passo-fundenses”. E quando a classifi co como uma escolha feliz, o digo pautada em três aspectos: em primeiro lugar, pela qualidade inegável de Rachel de Queiroz enquanto romancista, contista, tradutora e jornalista; em segundo lugar, pelo viés social que tanto marcou a sua obra e a sua vida particular, inclusive como militante política, fato esse que a levou a ser considerada uma das maiores – se não a maior – ficcionista social brasileira; em terceiro lugar, pela sua determinação e coragem em romper barreiras num mundo até então excludente para as mulheres, tendo sido a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras.

Enfim, esta nova obra da Academia Passo-Fundense de Letras nasce com o mérito de unir a obra de uma grande escritora como Rachel de Queiroz com a nobreza da tarefa de formar leitores.”

Marlene Silvestrin, Coordenadora Regional de Educação - 7ª CRE

“A Academia Passo-Fundense de Letras não quer apenas ter a fama de possuir em sua fachada a porta mais alta do interior do RS, mas, principalmente, ser “A Porta” que se abre a todos os que tiverem vontade de ser alguém na vida; O “Apoio” nas horas difíceis, quando tudo parece dar errado e “O Farol” que ilumina e aponta o caminho certo para os que navegam sem rumo, sem saber por onde começar.”

Elisabeth Souza Ferreira Presidente da Academia Passo-Fundense de Letras

Data : 03/07/2015

Título : Razão e Fé

Categoria: Artigos

Blaise Pascal representa uma síntese perfeita de duas coisas que muitos julgam irreconciliáveis: a razão e a fé. Esse francês, nascido em 19 de junho de 1623, em Clermont-Ferrant, escreveu, quando tinha 16 anos, o clássico “Ensaio sobre as cônicas” (Éssai pour les coniques), que assombrou o grande Descartes. Foi o inventor do que se pode chamar de primeira calculadora manual. Realizou experiências com a pressão atmosférica, escreveu um tratado sobre o vácuo, inventou a prensa hidráulica, o carrinho de mão e a seringa, aperfeiçoando, ainda, o barômetro de Torricelli. Também ficaram célebres as suas teorias sobre probabilidades e o seu tratado do triângulo aritmético. E, apesar de tudo isso, há quem considere mais relevante a obra do teólogo e escritor que a do cientista, identificando Pascal, pelo seu estilo elegante e breve, como o primeiro grande prosador da literatura francesa.

Em 1639, com problemas de saúde, Blaise Pascal começou a abraçar a causa jansenista. Essa doutrina, criada pelo teólogo holandês, Cornélius Jansen, surgiu no seio da Igreja Católica, no século 17, e acabou condenada em várias bulas papais. Era, no fundo, uma pregação das idéias de Santo Agostinho, vista com olhos calvinistas, e reafirmada por Santo Tomás de Aquino. O jansenismo atribuía a salvação da alma ao juízo prévio e insondável do Criador. Seus principais adversários eram os teólogos da Companhia de Jesus que, influenciados pelo iluminismo, passaram a pregar a importância do livre-arbítrio e da colaboração da vontade humana na salvação.

As ideias jansenistas foram acolhidas com especial fervor por Jean Duvergier de Hauranne, diretor espiritual da abadia de Port-Royal. Preso por oposição à política de Richelieu, Hauranne foi sucedido por seu discípulo, Antoine Arnauld, que popularizou a doutrina ainda mais. Um grupo de intelectuais influentes estabeleceu-se em Port-Royal. Entre eles, Blaise Pascal. Port-Royal foi destruída em 1710, e os jansenistas adotaram uma postura mais política que religiosa, sofrendo investidas até a Revolução Francesa, quando praticamente desapareceram. Para alguns, os jansenistas eram os porta-vozes do progresso e da liberdade, e, para outros, não passavam de um bando de conservadores, que se escondiam no ascetismo místico e na ênfase da predestinação, para fugir das mudanças.

Após a morte de seu pai (1651), do casamento de sua irmã Gilberta e da entrada de Jacqueline, sua outra irmã, para a abadia de Port-Royal (1652), Pascal ficou só. Reaparece então um Pascal cristão, que aos 32 anos converte-se à religião definitivamente. Entra na luta de Arnauld contra os jesuítas. Publica, de 1656 a

1657, uma série de 18 cartas anônimas, atacando duramente os jesuítas, as quais compõem a monumental obra “As Provinciais” (Les Provinciales) que, junto com o “Livro dos Pensamentos” (Pensées), reafirmação da sua fé cristã, são as suas obras mais conhecidas.

Pascal acabaria morrendo em Paris, aos 39 anos, no dia 19 de agosto de 1662. Foi sobretudo um homem genial. Talvez sua frase mais popular, repetida por muitos, sem identificar autoria, seja esta: “O coração tem razões que a própria razão desconhece”.

Data : 27/01/2017

Título : Repensando a evolução

Categoria: Artigos

São raros os livros, escritos por cientistas frise-se, que conseguem atrair a leitura e a atenção de leigos e, ao mesmo tempo, também despertem o interesse dos pares pelas novas teorizações que apresentam sobre algum tema. A Origem das Espécies (On the Origin of Species, 1859), de Charles Darwin, e O Gene Egoísta (The Selfish Gene, 1976), de Richard Dawkins, são dois bons exemplos que, inclusive, tratam do mesmo assunto: a teoria da evolução.

Mr. Darwin e não Sir Charles, como Richard Dawkins faz questão de se referir ao seu ídolo maior, demonstrando certa intimidade com o famoso naturalista britânico, inovou ao publicar a sua obra magna em inglês e não em latim, como rezava a tradição científica no século 19, e, com isso, ampliando sobremaneira o público leitor. E Richard Dawkins, dono de uma prosa clássica apurada, marcada por uma retórica de persuasão melódica, com forte conotação lírica, conhecimento enciclopédico evidente e pelo uso não comedido de pitadas de controvérsias, foi capaz de construir metáforas inteligentes, que, desde 1976, quando centrou a evolução no gene, relegando os níveis mais elevados de organização biológica a um segundo plano, tem despertado paixões e críticas exacerbadas, tanto favoráveis quanto contrárias, a sua nova proposta.

Ir adiante é primazia dos genes e não de indivíduos e muito menos de espécies, segundo a teorização de Dawkins. Para ele, a “imortalidade” reside nas informações contidas nos genes, sendo esses as unidades básicas de seleção. Indivíduos e espécies seriam, nesse caso, meros veículos de transporte de genes. Isso permitiu outras interpretações sobre a evolução das espécies, com desdobramentos, inclusive, na nova área da genômica, no que tange, por

exemplo, à explicação do excesso de DNA presente nos seres humanos; que teriam de 30 a 50 vezes mais DNA do que a necessidade dos genes que codificam proteínas. Nesse caso, o único propósito desse DNA seria sobreviver, funcionando o excesso como um tipo de “parasitismo”. E, nesse sentido, as ideias de Dawkins tem sido inspiradoras para muitos cientistas levarem adiante novas pesquisas, como foi o caso da descoberta da transcriptase reversa, uma enzima cujo único trabalho seria a dispersão de cópias dela mesma. A ideia do gene como unidade de informação hereditária e da seleção natural, com essa descoberta, ganhou força nos meios acadêmicos. Inclusive, havendo quem ouse sugerir, a exemplo de Daniel Dennett, que o livro O Gene Egoísta não trata só de ciência, mas também de filosofia, e filosofia da melhor qualidade.

A proposta dos editores de Richard Dawkins, não acatada por ele, evidentemente, na época, de mudar o título da obra para O Gene Imortal (The Immortal Gene) em vez de O Gene Egoísta (The Selfish Gene), apesar do menor apelo de marketing, talvez tivesse evitado muitas interpretações equivocadas dos acusadores de que as suas ideias, na verdade, incentivavam o egoísmo e, até certo ponto, seriam uma forma de resgate da eugenia nazista, conforme lembrou Matt Ridley, em comentário para a revista Nature, edição e 28 de janeiro de 2016.

Há quem defenda a necessidade de uma nova interpretação para a teoria da evolução, pois, afinal, Darwin elaborou a sua teoria sem saber da existência de genes (ignorava Mendel), e quem pense que está tudo bem e que não há razão para mudar nada do que está posto, incluindo-se, nesse último grupo, os defensores dos vieses criacionistas e do desígnio inteligente.

Uma alternativa a corrente evolucionista dominante, centrada em herança genética e mudança de frequência de genes, tem sido a visão de processos, que sustenta que a evolução não pode ser reduzida ao poder dos genes. Os organismos seriam “construídos” durante o processo de desenvolvimento e não “programados” pelos genes para se desenvolverem. Os seres vivos coevoluem com o ambiente, por um processo de mudança estrutural dos ecossistemas. Há mais, muito mais, sobre isso; mas, infelizmente, acabou o espaço. Voltaremos ao assunto!

Data : 29/07/2011

Título : Reunião da Comissão Brasileira de Pesquisa de Trigo e Triticale

Categoria: Artigos

Descrição: A 5ª edição da Reunião da Comissão Brasileira de Pesquisa de Trigo e Triticale aconteceu nessa semana (25 a 28), em Dourados/MS, na sede da Embrapa Agropecuária Oeste.

Reunião da Comissão Brasileira de Pesquisa de Trigo e Triticale
por Gilberto Cunha

A 5ª edição da Reunião da Comissão Brasileira de Pesquisa de Trigo e Triticale aconteceu nessa semana (25 a 28), em Dourados/MS, na sede da Embrapa Agropecuária Oeste. Durante os quatro dias do evento, os 180 participantes tiveram oportunidade de discutir questões diversas relacionadas com o complexo agroindustrial do trigo no Brasil. Na pauta da reunião: palestras, apresentações de resultados de pesquisa em trigo e triticale, organização de trabalho cooperativo em pesquisa de trigo e triticale, identificação de demandas de pesquisa e atualização das informações técnicas com vistas à safra de 2012.

A V Reunião da Comissão Brasileira de Pesquisa de Trigo e Triticale foi uma realização da Embrapa Trigo e Embrapa Agropecuária Oeste e contou com apoio da BASF, Syngenta e Grupo Dallas. O Chefe Adjunto de Transferência de Tecnologia da Embrapa Agropecuária Oeste, Dr. Claudio Lazzarotto, foi o presidente da comissão organizadora do evento.

Na solenidade de abertura foram homenageadas algumas pessoas que se destacaram pelo o esforço em prol da triticultura nacional. Nesse ano, os agraciados com o troféu destaque foram os pesquisadores Paulo Gervini Souza e Salvador Augusto Maciel Ribeiro, da Embrapa, e Ottoni de Sousa Rosa, da OR Melhoria de Sementes.

Ottoni Rosa

Ottoni de Sousa Rosa foi o primeiro Chefe-Geral da Embrapa Trigo, cuja criação, em 1974, contou com a sua atuação destacada. Antes da Embrapa Trigo, ele havia dirigido o Centro de Experimentação e Pesquisada da Fecotriga, em Cruz Alta/RS, ligado ao segmento das cooperativas tritícolas do Estado, que, posteriormente, se transformaria na Fundacep Fecotriga e, em tempos mais recentes, na atual CCGL TEC/ Fundacep. Quando deixou o serviço público, em 1989, Ottoni Rosa fundou uma das mais bem-sucedidas empresas de melhoramento genético de trigo no Brasil: a OR Melhoria de Sementes Ltda, que tem sede em Passo Fundo. Combinando as qualidades de empreendedor e cientista, Ottoni Rosa criou cultivares de trigo que se destacaram nas lavouras por produtividade e qualidade tecnológica. São exemplos OR 1 e trigos como Ônix e Quartzo, a cultivar mas plantada atualmente no Rio Grande do Sul.

Paulo Gervini

O pesquisador Paulo Gervini Souza, atualmente aposentado da Embrapa, foi um dos principais protagonistas para o desenvolvimento da triticultura em Mato Grosso do Sul, cuja área cultivada com esse cereal, nos anos 1980, chegou a

ocupar cerca da 400 mil hectares. Com uma vida profissional dedicada ao melhoramento genético de trigo, na unidade da Embrapa Agropecuária Oeste, Paulo Gervini deixou, entre seus legados, a cultivar BR 18, por cujo trabalho de seleção foi responsável. O trigo BR 18, em função de adaptação à região tropical, qualidade tecnológica diferenciada e uma melhor tolerância à brusone que outras, ainda hoje é cultivada no Centro-Oeste do País.

Concertos na Capela

Hoje (30), na Capela do Colégio Marista Conceição, às 20h, acontece mais uma edição da série "Concertos na Capela", com o Coro Resonare. Imperdível para quem gosta de boa música e também de praticar a solidariedade. O ingresso é 1(um) kg de alimento não perecível e 1 (um) litro de óleo comestível. A entidade beneficiada com as doações será o Grupo de Deficientes Físicos da Paróquia Sagrado Coração de Jesus.

Doenças do milho

Nessa segunda-feira, 1º de agosto, às 18h30min, no auditório da Faculdade de Agronomia da UPF, haverá uma reunião técnica sobre as doenças da cultura do milho e medidas de controle. A promoção é da Associação dos Engenheiros-Agrônomos de Passo Fundo e o palestrante convidado é o Prof. Dr. Erlei Mello Reis, da UPF. A atualidade do assunto e a qualidade do conferencista, reconhecido mundialmente como um expoente em fitopatologia, tornam esse evento imprescindível para os profissionais da Agronomia que atuam em assistência técnica no cultivo de milho na região.

O Nacional

Sexta-Feira, 29/07/2011

Data : 30/06/2012

Título : Rio + 20 – Raízes

Categoria: Artigos

Descrição: Não por coincidência, há exatos 20 anos, no mesmo mês de junho e na mesma cidade do Rio de Janeiro, acontecia a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento.

Rio + 20 – Raízes

Sábado, 30/06/2012

por Gilberto Cunha

Rio + 20 – Raízes

Não por coincidência, há exatos 20 anos, no mesmo mês de junho e na mesma cidade do Rio de Janeiro, acontecia a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento. Evento que também ficou conhecido como Cúpula da Terra ou Rio 92. Indiscutivelmente, um marco para a consolidação das discussões sobre ecologia no mundo, que trouxe a preocupação ambientalista sobre desenvolvimento sustentável para a esfera da diplomacia internacional (ainda que o conceito de sustentabilidade tenha ganhado notoriedade a partir de meados dos anos 1980). São muitos os legados deixados pela Rio 92, que transformam a Rio + 20 em sua herdeira natural. Em destaque, além da Agenda 21, aproximando Governos, empresas e sociedade civil, na questão da mudança do clima global, cabe referir a Convenção Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (UNFCCC, na sigla em inglês), a Conferência das Partes (COPs) e desdobramentos como o Protocolo de Kyoto (na Rio+5, em 1997), o Mecanismo de Desenvolvimento Limpo (MDL), os inventários nacionais de emissões de gases de estufa e o recente Fundo Verde do Clima.

Engenharia Agrícola X Engenharia Biológica

Cumprindo agenda de visita a três universidades do Rio Grande do Sul – UFRGS, UFSM e UPF – estão em Passo Fundo os professores Clyde Fraisse e Dorota Z. Haman, que são vinculados à Universidade da Flórida/USA. Em seminário que proferiu ontem (29), no auditório anexo à Biblioteca Central da UPF, a Dra. Dorota Haman traçou a evolução da engenharia agrícola, em especial nos EUA e na Universidade da Flórida, que do campo tradicional, com foco na produção agrícola, mecanização, irrigação e pós-colheita/armazenagem, migrou para a engenharia biológica, que abarca domínios mais amplos, usando os preceitos das engenharias na biologia. Isso inclui, na visão da Dra. Dorota, modelagem de sistemas agrícolas, modelagem agroambiental bioprocessos/biofábricas, biosensores, agricultura de precisão, nanotecnologias, ciência de alimentos, agrocombustíveis, etc. Lamenta-se, em oportunidades como essa, a baixa presença de professores, pesquisadores e estudantes. Tem ocasiões que precisamos ouvir outras vozes, na área científica e nos meios acadêmicos, até para tomarmos consciência do caminho que estamos tomando no curso natural da histórica.

Nanopartículas

Em resposta a questionamento sobre o estado atual de produtos derivados das nanociências nos EUA, em particular na agricultura, a Dra. Dorota Haman afirmou que, na Universidade da Florida, alguns trabalhos de investigação

científica estão lidando com o tema. Na área ambiental, manifestou que há pontos ainda obscuros sobre o destino ou como se dá a efetiva incorporação das nanopartículas, que estão presentes em cosméticos, tecidos e outros produtos, nos sistemas naturais.

IAPAR – 40 Anos

O Instituto Agrônomo do Paraná (IAPAR), que tem como data oficial de fundação 29 de junho de 1972, comemorou ontem (29), na sede em Londrina, 40 anos de existência. Inicialmente criado sob inspiração do Instituto Agrônomo de Campinas – IAC, em estrutura organizacional, programas de pesquisa e apoio de pesquisadores da centenária instituição paulista (125 anos em 2012), o IAPAR soube trilhar caminho próprio que o transformou em uma modelar instituição de pesquisa agropecuária no País. Em trigo, cabe lembrar um dos pioneiros da pesquisa, que veio do IAC para o IAPAR, o saudoso Dr. Milton Alcover, responsável pela criação do trigo IAC – 5 Maringá, quando vinculado à Estação Experimental de Capão Bonito/SP, integrada à rede do IAC.

Do Jornal

O Nacional

Data : 26/02/2011

Título : Riscos de inundações

Categoria: Artigos

Descrição: Dois artigos publicados na revista Nature, edição de 17 de fevereiro de 2011, dão conta que o aquecimento global já pode ser considerado responsável pela ocorrência de eventos climáticos extremos que afetam a vida de milhões de pessoas no mundo. Os estudos relacionam a elevação dos gases de efeito estufa na atmosfera com chuvas e nevascas intensas no Hemisfério Norte e riscos de alagamentos no Reino Unido.

Riscos de inundações

Dois artigos publicados na revista Nature, edição de 17 de fevereiro de 2011, dão conta que o aquecimento global já pode ser considerado responsável pela ocorrência de eventos climáticos extremos que afetam a vida de milhões de pessoas no mundo. Os estudos relacionam a elevação dos gases de efeito estufa na atmosfera com chuvas e nevascas intensas no Hemisfério Norte e riscos de alagamentos no Reino Unido.

Importância

A importância deste tipo de estudo é elevada, tanto para o esclarecimento de leigos no assunto quanto para os formuladores de políticas públicas, agentes de seguro e planejadores cujo foco é criar a capacidade de adaptação ao novo clima do mundo, uma vez que, mesmo ocorrendo uma imediata e drástica redução nas emissões dos gases de efeito estufa, pode não ser mais possível deter as mudanças ora em curso.

Dúvidas

Mesmo que sejam poucos os céticos em relação ao papel da atividade humana na mudança do clima global, as implicações dessas mudanças em eventos meteorológicos cujas manifestações se dão em escala regional são passíveis de controvérsias. Nenhum cientista, de sã consciência, pode atribuir, com elevado grau de confiança, que os eventos extremos, tipo os que recentemente afetaram a região serrana do Rio de Janeiro, causando mortes e prejuízos materiais de monta elevada, ou mesmo as chuvas intensas desta semana no Rio Grande do Sul sejam manifestações inequívocas da mudança do clima.

Chuvas intensas

Num dos mencionados artigos publicado na Nature (Min, S-K et al. Human contribution to more-intense precipitation extremes. Nature, n. 470, p. 378-381, 2011.), foi realizada a comparação de dados de chuva do Hemisfério Norte com o resultado de simulações de oito modelos climáticos, permitindo aos autores concluir que o aumento constatado na intensidade das chuvas, durante a segunda metade do século 20, não pode ser explicada apenas com base na variabilidade climática natural. O outro estudo (Pall, P. et al. Anthropogenic greenhouse gas contribution to flood risk in England and Wales in autumn 2000. Nature, n. 470, p. 382-385, 2011.) relaciona a mudança do clima global com as inundações ocorridas no Reino Unido em 2000. Em razão da mudança do clima, de natureza antrópica, quase que dobrou o risco de ocorrência desse tipo de evento meteorológico extremo, concluíram os autores.

Inundações fatais

Entre as mais severas inundações ocorridas no mundo, nos últimos 30 anos, causando milhares de mortes e prejuízos de bilhões de dólares em danos materiais, destaque para: (1) China, entre maio e setembro de 1998, com saldo de 4150 mortes e danos de 30,7 bilhões de US dólares; (2) China, entre junho e agosto de 1996, causando 3050 mortes e prejuízo de 24 bilhões de US dólares; (3) Estados Unidos da América, entre junho e agosto de 1993, com 50 mortes e danos de 21 bilhões de US dólares; (4) Europa, em agosto de 2002, saldo de 40

mortes e danos de 16,5 bilhões de US dólares; e (5) Coréia do Norte, entre julho e agosto de 1995, com 70 mortes e danos de 15 bilhões de US dólares.

Passo Fundo

Foram identificados como possíveis sinais de mudança no clima regional ao longo do século 20: elevação nas temperaturas mínima (1,1°C) e média do ar (0,8°C) e elevação na precipitação pluvial (4,4 mm ao ano). A elevação térmica foi mais intensa na temperatura média das mínimas. O maior impacto no regime de chuvas ocorreu na primavera (outubro e novembro), havendo evidências de aumento na intensidade dos eventos de precipitação pluvial. Nesse último quesito, nada muito diferente daquilo que foi constatado nos recentes artigos publicados na revista Nature.

Biocombustíveis ou Agrocombustíveis?

Apesar de propalados como fonte de energia barata e sustentável, há quem questione os biocombustíveis. E começando pela denominação, que, no caso dos chamados biocombustíveis de 1ª geração, como o etanol de cana-de-açúcar e milho e o biodiesel de soja e canola, seria mais adequado chamá-los de agrocombustíveis. Mera retórica, a princípio. Mais além do nome, reivindicam que questões éticas e ambientais precisam ser consideradas nas análises. Por exemplo, envolvendo o ainda não equacionado conflito entre agricultura para fins energéticos e segurança alimentar, especialmente nos países em desenvolvimento, e a definição dos limites da apropriação humana dos serviços ambientais e da produtividade primária líquida.

Do Jornal

O Nacional

26 de Fevereiro de 2011

Data : 12/02/2011

Título : Safra gaúcha

Categoria: Artigos

Descrição: divulgação, pela Conab, na última quarta-feira (9), de uma estimativa de colheita, no Rio Grande do Sul, de 24,31 milhões de toneladas de

grãos, na safra deste ano, surpreendeu muita gente que imagina o contrário, apenas por ser um ano de La Niña.

Safra gaúcha

A divulgação, pela Conab, na última quarta-feira (9), de uma estimativa de colheita, no Rio Grande do Sul, de 24,31 milhões de toneladas de grãos, na safra deste ano, surpreendeu muita gente que imagina o contrário, apenas por ser um ano de La Niña. Em diferentes ocasiões, neste espaço de O NACIONAL, frisei que nossas maiores frustrações de safra, por seca, não ocorreram em anos de La Niña; a exemplo de 2004/2005, em tempos relativamente recentes, e 1990/1991, que já caiu em esquecimento. A influência de La Niña na redução de chuvas é maior na primavera e na metade sul. Por isso, para os cultivos de inverno, vide o desempenho das lavouras de trigo neste ano, La Niña é sempre muito bem-vinda. Em termos de País, inclusive, a expectativa é de um novo recorde histórico: 153 milhões de toneladas de grãos.

ENSO

La Niña é a outra fase do ciclo ENSO (El Niño – Oscilação Sul). E, embora seu impacto não seja exatamente uma imagem de espelho do El Niño, tende a ser inverso. No sul do Brasil: El Niño significa mais chuva e La Niña menos chuva. Todavia, é importante ter presente que El Niño e La Niña explicam apenas uma parte da variabilidade natural do clima. Rendimento dos cultivos

O impacto do clima no rendimento dos cultivos agrícolas, por mais relevante que seja, depende de uma combinação complexa entre as variáveis meteorológicas, elementos biofísicos e fatores humanos. Essa interação envolve muitas variáveis, processos e escalas de tempo diferentes. Por isso, previsão de safra não é algo simples e nem fácil, como algumas pessoas imaginam. O ENSO pode explicar apenas uma parte da variação de rendimento entre uma safra e outra.

La Niña 2011

O boletim El Niño/Southern Oscillation (ENSO) Diagnostic Discussion, liberado na quarta-feira (9) pelo Climate Prediction Center/NCEP/NWS dos EUA, destaca que o atual evento La Niña atingiu a sua fase madura. Os indicadores oceânicos e atmosféricos já refletem o enfraquecimento do La Niña. A expectativa é que uma condição de neutralidade se estabeleça até o mês de julho. O inferno do racionamento de água na metade sul do estado, pelo que tudo indica, no que diz respeito à responsabilidade do fenômeno La Niña, tem prazo para acabar.

Ciclones Extratropicais

Apesar de todo o avanço na área de comunicação, alguns alertas do serviço meteorológico brasileiro ainda causam apreensão além da necessária na população. A causa reside na dificuldade de entendimento de alguns termos técnicos. O exemplo mais marcante está na palavra ciclone extratropical que, pela analogia com os ciclones tropicais, deixa muita gente em pânico. Os nossos ciclones extratropicais, assim chamados por terem sua gênese fora da faixa tropical (23°27'N – 23°27'S, região delimitada entre o Trópico de Câncer e o Trópico de

Capricórnio), mesmo não tendo o poder de destruição dos ciclones tropicais, merecem a atenção da defesa civil, pois podem causar chuvas intensas e rajadas fortes de vento; a exemplo do que atingiu o Rio Grande do Sul nesta semana.

Ciclones Tropicais

As grandes tempestades tropicais (que se formam sobre os oceanos tropicais, portanto na faixa delimitada entre os dois trópicos), embora sejam fisicamente iguais, recebem nomes diferentes. São chamadas de furacões no Oceano Atlântico, de tufões no Oceano Pacífico e de ciclones no Oceano Índico.

Trigo

Uma versão digital (*.pdf) das “Informações Técnicas para Trigo e Triticale – Safra 2011” está disponível na página Internet da Embrapa Trigo (www.cnpt.embrapa.br). É o tipo de publicação indispensável para quem atua na área de assistência técnica em cultivo desses cereais.

Canola

Acontece na sede da Embrapa Trigo, Rodovia BR 285, km 294, em Passo Fundo, no dia 1º de março, com início às 8h e se estendendo até às 18h, a quinta edição do “Curso de Capacitação e Difusão de Tecnologia em Canola”. O evento, que é coordenado pelo pesquisador Gilberto Omar Tomm, é uma realização da BSBios, da ABrasCanola, do DRS Biocombustíveis e da Embrapa Trigo. Uma oportunidade de troca de experiências e busca de informações sobre o cultivo dessa oleaginosa, que começa a se firmar como uma alternativa economicamente importante para a safra de inverno no Brasil.

Para refletir

“Há 40 anos que anunciamos o fim da era petrolífera... dentro de 40 anos”; dizia um humorista.

Do Jornal

O Nacional

12 de Fevereiro de 2011

Data : 21/10/2010

Título : Santos laicos em busca do Santo Graal

Categoria: Artigos

Descrição: A preocupação com a integridade científica e a pressão pelo publicar e publicar para não morrer, segundo o modelo importado do “publish or perish” dos EUA...

Santos laicos em busca do Santo Graal

Gilberto Cunha

A preocupação com a integridade científica e a pressão pelo publicar e publicar para não morrer, segundo o modelo importado do “publish or perish” dos EUA, que tomou conta do mundo acadêmico, tem levantado a necessidade de uma maior atenção para com temas delicados, como é o caso de fraudes e de imposturas intelectuais em ciência.

A busca pelo Santo Graal acadêmico, na expressão usada pelo professor do Instituto de Informática da UFRGS, José Palazzo Moreira de Oliveira, no artigo “Quando os cientistas fraudam” (<http://palazzo.pro.br>), para designar a indexação ISI, o grau Qualis e o fator de impacto das revistas tem, segundo ele, levado a uma falsa ideia de qualidade científica. De acordo com o professor Palazzo, todas as publicações, independente do veículo, podem ter qualidade, pois essa é algo intrínseco ao conteúdo, ao seu mérito e não ao veículo. Mas, essas são opiniões do professor Palazzo, não a prática das agências de financiamento de pesquisa (CNPq e FAPERGS, por exemplo), de avaliação do ensino e pesquisa em pós-graduação (CAPES) e/ou consideradas nos processos de premiação e progressão funcional de pesquisadores e professores. A métrica via CV da plataforma Lattes, segue, estritamente, os indicadores rotulados de Santo Graal pelo professor Palazzo.

Outra questão levantada pelo professor Palazzo diz respeito a fraudes na ciência, no sentido literal da palavra. E por fraudes entenda-se desde a fabricação de dados, quando o pesquisador cria os dados experimentais para validar suas hipóteses, a manipulação de dados para não atrapalhar as conclusões até o plágio, quando há apropriação indevida de resultados de terceiros. Exemplos notórios de condutas condenáveis, apenas para rememorar, são o caso do cientista sul-coreano Woo-Sulk Hwang, envolvendo a criação de células tronco embrionárias, e o episódio protagonizado por Roberto Gallo na descoberta do vírus da AIDS, ao “esquecer” que utilizou uma cepa isolada no Instituto Pasteur.

O número de casos de fraudes na comunidade científica, de exemplos de desvio de conduta de pesquisadores, desde falsas descobertas até deslealdade nos relacionamentos, parece que seguiu a tendência de midiatização da ciência e a exacerbação da concorrência entre cientistas, na busca pela inovação tecnológica passível de exploração de direitos de propriedade intelectual. Não há justificativa para a impostura, que na prática consiste em fazer passar por científico um discurso, uma teoria, uma tese, uma experiência, um dado, uma observação, um fato, etc. que não é; salienta Michel de Pracontal no livro “A impostura científica em dez lições”.

Não podemos confundir fraude, em que o agir doloso do cientista é deliberado, com erros experimentais, interpretações equivocadas de resultados ou ignorância mesmo sobre o assunto. Ganhou repercussão mundial, em 1996, quando Alan Sokal, professor de física na Universidade de Nova York, conseguiu

publicar na revista Social Text, que tem revisão pelos por pares (peer-review system), uma paródia de artigo intitulada “Transgressing the boundaries: toward a transformative hermeneutics of quantum gravity” (Trangredir as fronteiras: para uma hermenêutica transformativa da gravidade quântica). A intenção de Sokal foi denunciar a utilização abusiva e sem maiores considerações de termos científicos mal compreendidos nas ciências humanas, com a finalidade única de certos autores pousarem como autoridades na matéria e impressionarem os seus leitores. O artigo, recheado de conceitos totalmente incompreensíveis, evidentemente, era falso, mas foi aceito, após “criteriosa análise” para ser publicado numa revista internacional Qualis A2. Não se pode chamar os cientistas das áreas humanas que usam de forma incompreensível expressões das ciências físicas de impostores. Pois, também, não raro, as opiniões de físicos e matemáticos agraciados com o Prêmio Nobel, sobre política, por exemplo, beiram a ingenuidade. O fato é que, seja qual for a área, não se deve dizer sandices.

A ciência, segundo alguns, é a mais recente, a mais dogmática e a mais agressiva das instituições religiosas. E, nesse ambiente, os cientistas se comportam como verdadeiros santos laicos, que, por serem humano, não são perfeitos. Enquanto isso, a busca pelo Santo Graal acadêmico (revistas Science e Nature) continua.

O Nacional

Quinta-Feira, 21/10/2010

Data : 15/10/2011

Título : Semana Nacional de Ciência e Tecnologia

Categoria: Artigos

Descrição: São bastante diversificadas as atividades que acontecem no âmbito da SNCT 2011.

Semana Nacional de Ciência e Tecnologia

por Gilberto Cunha

A Semana Nacional de Ciência e Tecnologia de 2011 (SNCT 2011), que ocorrerá entre 17 e 23 de outubro, tem como tema principal, escolhido com base em consultas e sugestões recebidas de várias instituições, “Mudanças climáticas, desastres naturais e prevenção de risco”. Essa iniciativa do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação –MCT visa à promoção e divulgação da atividade científica, aproximando, por meio de debates públicos e discussão de temas específicos, a comunidade científica da sociedade. É vista como uma

oportunidade da população conhecer e discutir os resultados, a relevância, o impacto e as aplicações das pesquisas científicas e tecnológicas que ora vem sendo conduzidas no País. São bastante diversificadas as atividades que acontecem no âmbito da SNCT 2011. A Embrapa Trigo, por exemplo, está promovendo a VII Mostra de Iniciação Científica e IV Mostra de Pós-graduação, que terá uma palestra de abertura (dia 18, às 8h45), “A formação de um cientista”, com o Dr. Antonio Ricardo Panizzi.

Inteligência Competitiva

A onda da Inteligência Competitiva, especialmente envolvendo as chamadas áreas portadoras de futuro, com destaque para agroenergia, nanotecnologia e mudança do clima global, abre uma nova perspectiva de mercado para empresas e profissionais de TI, tanto no desenvolvimento quanto na implementação operacional de ferramentas de descoberta da informação e extração de conhecimento. Eis uma oportunidade a ser mais bem explorada em Passo Fundo, uma cidade polo em TI, com escolas e empresas de excelência. São exemplos de ferramentas de Inteligência Competitiva: Luxid 6, Vantage Point; Cortex Intelligence; Discovery Intelligence; Aceita Monitoramento de Marca; Scup Monitoramento de Mídias Sociais; uberVU, Livebuzz, Seekr, postX e Expertise Busca e Monitoramento da Internet.

Escola Municipal Padre Zezinho

Nossos cumprimentos aos professores e direção da Escola Municipal de Educação Infantil Padre Zezinho, do bairro Entre Rios, que se antecipando ao espírito da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, vem desenvolvendo projetos criativos, a partir de falas das crianças (6 meses até 6 anos), em busca do desenvolvimento pleno da capacidade intelectual infantil. É exemplo o projeto “A geada”, construído a partir do questionamento de uma criança: “Professora, foi a senhora que pintou a grama de branco?”. A participação de Ivegndonei Sampaio, observador meteorológico da Embrapa Trigo, profissional competente e comunicador de raro talento, foi fundamental para tirar a professorinha dessa sinuca de bico.

Elmar Floss

O professor Elmar Luiz Floss está divulgando o lançamento da 5ª edição do livro “Fisiologia das plantas cultivadas – O estudo que está por trás do que se vê”. A obra, direcionada aos profissionais e estudantes das ciências agrárias e biológicas, contempla os principais processos fisiológicos (fotossíntese, respiração, fotorrespiração, germinação, crescimento, floração, frutificação e senescência) envolvidos com o desenvolvimento e a produtividade de plantas cultivadas, bem como a influência sobre esses dos fatores ambientais (especialmente, água e nutrientes) e hormonais. Esse livro é, sem dúvida, a mais relevante obra, genuinamente brasileira, sobre fisiologia aplicada em agricultura. Informações: elmar@grupofloss.com.

Giberela

A Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária e o Curso de Pós-graduação em Agronomia (PPGAgro) da Universidade de Passo Fundo - UPF, vão realizar, no dia 9 de novembro próximo, o "Seminário sobre Giberela em Cereais de Inverno". O evento, com inscrições ao custo de R\$ 100,00 para estudantes e R\$ 200,00 para profissionais, é aberto à comunidade. A coordenação é dos professores Carolina Cardoso Deuner e Erlei Melo Reis. Informações: (54) 3316-8151/8154.

No dia 10 de novembro, aguardo vocês, na 25ª Feira do Livro de Passo Fundo, para o lançamento de "A ciência como ela é..." Espero negar Millôr Fernandes e que não seja mais um desses livros que, quando você larga, não consegue mais pegar.

O Nacional

Sábado, 15/10/2011

Data : 30/11/2013

Título : Sensibilidade e talento

Categoria: Artigos

Descrição: Sensibilidade e talento são atributos pessoais indissimuláveis. Ou se têm ou não se têm. E sensibilidade e talento são coisas que sobram em Liciane Toazza Duda Bonatto.

Sensibilidade e talento são atributos pessoais indissimuláveis. Ou se têm ou não se têm. E sensibilidade e talento são coisas que sobram em Liciane Toazza Duda Bonatto. Não foi sem razão, que ela assinou a capa da edição de estreia de ÁGUA DA FONTE (n. 0, dezembro de 2003) e nos 10 anos de ÁGUA DA FONTE, no marco das comemorações dos 75 anos da Academia Passo-Fundense de Letras, retorna com um belíssimo óleo sobre tela, que dispensa o uso de qualquer palavra para contar a história da instituição, entre 1938 e 2013.

Liciane Bonatto é filha do casal Leonildo Almerin Duda (in memoriam, que tinha como hobby desenhar) e Adélia Irma Toazza Duda, sendo irmã de Norberto Toazza Duda (médico) e de Beatriz Toazza Duda Hall (agrônoma). É casada com Daltro Bonatto, geólogo e professor da UPF, e tem dois filhos: Marcos Vinícius, publicitário, e Fernanda Duda Bonatto, estudante de odontologia.

Formada em Desenho e Plástica pela Universidade de Passo Fundo (UPF), Liciane trabalhou como programadora visual da Embrapa Trigo, de 1977 até

2009. Atualmente, em sociedade com Maria Helna Giongo Duda, dedica-se ao atelier ARTISAN, localizado na Rua Marcelino Ramos, 355/loja 3, no centro de Passo Fundo. O atelier ARTISAN é focado em arte e sustentabilidade.

Dona de grande sensibilidade e técnica apurada, Liciane Bonatto tem se destacado nas artes plásticas. Suas pinturas foram vencedoras de inúmeras edições do Festival de Arte & Cidadania da Embrapa. Mais além da pintura, Liciane tem se aventurado no mundo das letras (poesia e conto). A primeira poesia que escreveu, "Canto", ficou entre os quinze poemas selecionados no projeto Poemas nos Ônibus realizado pela empresa Coleurb de Passo Fundo.

Liciane Bonatto é uma artista na mais completa acepção da palavra. Considera como finalidade das expressões artísticas: "transmitir harmonia, paz, energia, alegria, beleza, promover o encantamento. Caso o espectador ou leitor, depois de entrar em contato com um trabalho artístico, sair igual ou mais alegre, ou mais em harmonia consigo mesmo e nunca deprimido, seu objetivo foi atingido. Já se tem muitas razões na vida para se ficar triste, de vez em quando", costuma ressaltar. (G.R.CUNHA)

Data : 31/05/2011

Título : Servir, não se servir da SBOT

Categoria: Artigos

Descrição: Desde 1956, nenhum gaúcho presidiu a Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia(SBOT). Em 2011, o passo-fundense Osvandré Lech foi o escolhido para presidir a instituição.

Servir, não se servir da SBOT

Desde 1956, nenhum gaúcho presidiu a Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia(SBOT). Em 2011, o passo-fundense Osvandré Lech foi o escolhido para presidir a instituição. A eleição ocorreu em 2008, durante o 40º CBO Tchê, (Congresso Brasileiro de Ortopedia), presidido por ele próprio que reuniu 5.000 participantes em Porto Alegre. O ato solene de recebimento do medalhão presidencial aconteceu no dia 13 de novembro de 2010, em Brasília.

Osvandré Lech, 54 anos, tomou posse com a promessa de defender o médico contra "o crescente desrespeito a um dos valores do código de ética médica", a liberdade de escolha do tratamento.

O novo presidente da SBOT é natural de Passo Fundo, onde estudou no IE, no EENAV na Fac. de Medicina da UPF. Foi o primeiro médico residente do IOT no

Hospital São Vicente de Paulo. Aprendeu cirurgia da mão em Louisville (EUA) e cirurgia do ombro na Universidade de Columbia, Nova Iorque (EUA). Recebeu o Título de Especialista em Ortopedia em 1982, e o de Especialista em Cirurgia da Mão em 1984. Atualmente é Chefe da Residência Médica do IOT, Passo Fundo, RS. Secretário do International Board of Shoulder and Elbow Surgeons (IBSES). Membro do Conselho Editorial da Revista Brasileira de Ortopedia (RBO), do Journal of Shoulder and Elbow Surgery (JSES), da Ortopedia e Traumatologia Ilustrada e do Actualidad en Cirugía de Hombro y Codo. Foi Sócio-Fundador e Ex-Presidente das Sociedades Brasileira e Sul-Americana de Ombro e Cotovelo. Presidiu a SBOT-RS e a SBCMão. O currículo completo, com outros títulos, premiações e cargos, pode ser conferido no site: www.lech.med.br.

Na sequência, um resumo da mensagem de posse e alguns compromissos públicos do Dr. Osvandré Lech, na presidência da Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia (SBOT).

O que me trouxe até aqui? Ou, como eu vim parar neste lugar? 1) Inquietação científica, quase um TOC; 2) Dedicção ao ensino da Ortopedia; 3) Manter-me no lado ético do exercício profissional; 4) Amor declarado, e reconhecido por todos, pela nossa SBOT. Por que AMOR À SBOT, se, afinal, esta sociedade é frequentemente criticada em tantos aspectos? Uma das melhores respostas que tenho é o fato de eu chegar à presidência de uma das maiores e mais antigas Sociedades de Ortopedia do mundo, sem um título de mestrado ou de doutorado, trabalhando na provinciana Passo Fundo, no interior do distante Rio Grande do Sul, e chefiar uma Residência Médica de padrões ainda modestos, na minha opinião. O espírito democrático e senso para reconhecer quem deseja SERVIR, e não SERVIR-SE, existe sim na SBOT. Esta é uma das coisas que tanto me fascina nela.

Um sapo nunca sobe sozinho no muro Alguém o colocou lá. Existem PESSOAS que ajudaram este sapo tão audacioso? É hora de agradecer à família, aos meus professores de todas as gerações, aos ex-presidentes. Aos meus colegas de todo o país, pelos convites para escrever ou palestrar. Também agradeço aos adversários. Agradeço aos colaboradores pelo amor e dedicação à SBOT. Agradeço por fim ao BRASIL, um país que eu não trocaria por nenhum outro.

Represento o Rio Grande do Sul com muito orgulho: um estado reconhecido pela homogeneidade na ortopedia, com pequena distância entre os ditos “melhores” e “piores” resultados, e por uma produção científica exuberante.

“Pessoas fazem uma Sociedade. Não o contrário”. Não será diferente em 2011. Na companhia dos paulistas Jorge dos Santos Silva, Marcelo Mercadante, e Reynaldo Jesus-Garcia, do baiano Adalberto Visco, e do carioca Ney P. do Amaral, unidos aos dois vice-presidentes, Geraldo Motta e, após finalizada a eleição de amanhã, o Flávio Fallopa. Em conjunto com as competentes Comissões, os Comitês de Especialidade e suas diretorias, as Regionais e suas diretorias, hoje funcionando em todos os estados do Brasil, os Serviços de Residência Médica, com seus corpos docente e discente, a RBO, o corpo de colaboradores, constituiremos um imenso TIME DE TRABALHO. São quase 3.000 pessoas participando, diária e diretamente, dos destinos da SBOT.

Outros 10.000 ortopedistas levantam todos os dias e cumprem importantes serviços em instituições, hospitais, clínicas, consultórios, empresas, universidades. No mágico momento de empunhar um bisturi ou um artroscópio,

de sorrir ao paciente idoso ao entregar uma receita, de atender com altivez num pronto-socorro literalmente “pegando fogo”, a SBOT precisa estar presente, pois é exatamente para eles a razão de existir. Tratar todos os pacientes de forma ética, atualizada e com humanismo está na nossa genética.

Há...! Se Rezende Puech, Achilles de Araújo, Barros Lima, Godoy Moreira, Domingos Define, Bruno Maia e os outros 20 fundadores estivessem sentados, neste auditório, eles teriam muito orgulho do que criaram no já distante 1935.

Fiscalização e multa para diminuir mortes de motoqueiros

O presidente eleito para a gestão 2011 da Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia, Osvandré Lech, lançou um alerta de que é necessária tanto a educação como a punição, através da multa, para que se consiga reduzir o número de mortes de motociclistas no Brasil, que alcançou nível epidêmico. A oportunidade do alerta foi a divulgação, pela Companhia de Engenharia de Tráfego, de São Paulo, de um levantamento mostrando que, ao contrário do que seria de esperar, não é o motoboy a principal vítima do acidente mortal com motocicleta, pois de 278 vítimas identificadas,

18 eram vendedores, 42 estudantes, 9 eram garçons, 6 pedreiros e 6 porteiros, enquanto os motoboys mortos foram em menor número, 52. Em outras palavras, os pilotos ocasionais de moto se envolvem em acidentes com maior frequência que os profissionais. Osvandré explica que a fiscalização, e a multa pela falta do capacete, foi extremamente efetiva, tanto que o traumatismo craneo-encefálico, principal consequência de acidentes com moto, e que levava geralmente à morte, deixou rapidamente o primeiro lugar. “Hoje, predominam os acidentes de alta energia dos membros inferiores, superiores e tronco”, explica, principalmente a lesão exposta da perna, quando os ossos ficam visíveis pela perda de pele, o que exige várias semanas no hospital, para o adequado tratamento das lesões, geralmente necessitando de cobertura micro-cirúrgica. A segunda lesão mais comum é do plexo braquial, o conjunto de nervos que saem do pescoço e controlam a sensibilidade e a motricidade de todo o membro superior. Por fim, as fraturas do punho e do tornozelo.

Para os ortopedistas, o Brasil está seguindo o modelo asiático, no qual a moto, barata e vendida a prestações, passa a ser o meio de eleição para o transporte das classes mais pobres, que tem na moto seu primeiro grito de independência. “Em Joinville, que há 20 anos era um mar de bicicletas, elas foram substituídas, na grande maioria, por motos”, diz ele, e o trabalhador que compra uma moto barata, de 150 cc, para trabalhar, não tem o domínio nem a experiência de um motoboy, que é um motoqueiro profissional. A situação tende a piorar com o advento da moto-táxi, contra a qual a Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia se posicionou, sem êxito.

A necessidade de maior fiscalização fica patente no exemplo de São Paulo, pelo fato de que 26 dos motoqueiros mortos tinham entre 10 e 17 anos, o que significa que não tinham idade suficiente para dirigir motos. “A legislação existe”, conclui o médico, “no Brasil somos experts em fazer leis, mas precisamos é de maior fiscalização e de educação”. Ele insiste que, se um candidato a motoqueiro tiver conhecimento do custo e do sofrimento decorrente de um acidente de moto, se

tiver a oportunidade de conversar com um parapléxico, vítima de um acidente de moto, esse exemplo pode deitar raízes. “É por isso mesmo que a SBOT faz seguidas campanhas de esclarecimento, sobre o risco que corre um motoqueiro e sobre a necessidade de entender todo o mal que, mal manejado, esse veículo tão útil pode causar”.

Brasil passa a contar com mais 450 ortopedistas

O Brasil conta, desde o final de 2010 com mais 450 ortopedistas, que se somam aos quase 10.000 distribuídos por todos os estados brasileiros. Eles foram aprovados num dos exames de titulação mais rigorosos que existe, com três dias de duração, realizado em Campinas (SP).

Os médicos candidatos à titulação enviaram um trabalho científico desenvolvido ao longo do período de residência, e se submeteram a um exame escrito, com duração de três horas, feito de forma eletrônica. Os aprovados passaram em seguida por exame oral, para discussão das principais patologias ortopédicas, exame físico em que demonstram como avaliar um paciente com suspeita de hérnia de disco ou com queixa de dor no braço, por exemplo, explica Alberto N. Miyazaki, Presidente da Comissão de Ensino e Treinamento (Gestão 2010), e que coordenou o exame promovido pela Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia.

Foram 570 candidatos vindos de todo o Brasil, explica Miyazaki, todos médicos formados, que concluíram residência em serviços de treinamento em ortopedia e traumatologia. Este ano, para que a prova fosse mais acurada, cada candidato teve que demonstrar proficiência num exame prático, durante o qual teve que mostrar sua habilidade em manipular uma fratura, em fazer uma sutura ou outros procedimentos. Isto avalia diretamente a competência que o profissional tem para realizar procedimentos considerados rotineiros, no dia-a-dia do ortopedista. O rigor da prova explica por que alguns candidatos são reprovados e precisam esperar outro ano e outra prova, para que possam obter o título de Ortopedista e Traumatologista.

A lista de candidatos aprovados é enviada pela SBOT para a Associação Médica Brasileira, que emite o título de especialista, o qual, emoldurado e geralmente exposto nos consultórios, indica aos pacientes que estão sendo atendidos por um ortopedista que foi considerado apto, por uma sociedade médica das mais respeitadas no mundo. O presidente da Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia (SBOT), Osvandré Lech, explica que o Brasil é um país que, embora de grandes dimensões e com 190 milhões de habitantes, conta com um número suficiente de ortopedistas.

Apesar de ter o Brasil alto índice de ocorrências, principalmente desastres de automóvel e motocicleta, fraturas decorrentes de agressão física e acidentes domésticos, além daqueles causados por osteoporose, que aumenta à medida que a população envelhece, temos especialistas suficientes e bem treinados para atender a demanda.

Para Osvandré, a fila de espera que se registra em muitos hospitais, onde há frequentes queixas de pacientes que aguardam para operações ortopédicas,

principalmente nos grandes centros urbanos, é decorrência da carência de investimentos em saúde, da demora na aquisição de próteses e material cirúrgico, da falta de contratação e, principalmente, do mau pagamento dos ortopedistas, e não pela falta de profissionais. A Medicina evolui rapidamente. Hoje contamos com recursos que tornam os procedimentos menos invasivos e a recuperação mais rápida, esclarece o médico. Essa Medicina de ponta exige da SBOT investimentos na educação continuada e nos profissionais, e do Poder Público, mais investimentos em saúde, pois a Medicina moderna é muito mais eficaz, mas também cara, conclui ele.

Da

Revista

Água da Fonte

31/05/2011

Data : 24/06/2016

Título : Shakespeare e os ressentidos

Categoria: Artigos

Descrição: De Harold Bloom, professor e crítico literário americano, sou admirador pela sua indiscutível qualidade como intelectual e, sobretudo, pela criação dos conceitos do Cânone e da Angustia da Influência.

De Harold Bloom, professor e crítico literário americano, sou admirador pela sua indiscutível qualidade como intelectual e, sobretudo, pela criação dos conceitos do Cânone e da Angustia da Influência. Ambos se confundem em William Shakespeare, pois, para Bloom, Shakespeare não é apenas o cânone ocidental, é também o cânone mundial.

A palavra cânone, que inicialmente tinha um sentido religioso, sendo aplicada à relação dos homens da Igreja que eram tidos como santos, evoluiu, literariamente, para uma lista de escritores considerados como referências a serem imitados, até à posição sustentada por Harold Bloom, envolvendo um conjunto de qualidades que converte autores em autoridades culturais. O cânone "bloomiano" é centrado em Shakespeare, embora, na sua definição, possam ser incluídos nomes como Cervantes, Tolstói, Dante, Goethe etc., que, indiscutivelmente, são escritores cujas qualidades intrínsecas e, acima de tudo, pelo valor estético das suas obras, influenciaram o processo criativo de autores posteriores a eles.

O conceito de cânone defendido por Harold Bloom é, reconhecidamente, de caráter utilitário, pois, entre tantas obras disponíveis, permite o estabelecimento

de uma ordem de prioridade de leitura. Isso, evidentemente, se contrapõe ao conceito de “biblioteca”, defendido por Foucault, que implica na utilização pelos intelectuais de todos os textos disponíveis sem qualquer discriminação convencionalizada pelo valor estético ou influência que, por ventura, tenham exercido.

Em 1973, Harold Bloom publicou o livro *The Anxiety of Influence – A Theory of Poetry*, cuja tradução para o português recebeu o título de *A Angústia da Influência - Uma Teoria da Poesia*, que, até hoje, tem recebido críticas e elogios variados, dependendo da simpatia do leitor por Bloom. E mais uma vez, nessa obra, Shakespeare aparece como o herói favorito de Bloom, sendo considerado o mais influente dos autores que apareceu nos últimos quatro séculos. Não passamos, como escritores, de meras criaturas inventadas por Shakespeare. William Shakespeare não pensou uma ideia, escandalosamente, pensou todas as ideias; frisou Harold Bloom ao criar, assim rotulada por ele, uma espécie de “Bardolatria”.

Na segunda edição do livro *The Anxiety of Influence – A Theory of Poetry*, publicada em 1977, Harold Bloom dedicou um laudatório prefácio para atacar aqueles que ele chamou de ressentidos da literatura canônica, como sendo, nada mais e nada menos, que negadores de William Shakespeare, que se rendem a sua influência mesmo sem perceber que o fazem e que não escondem o sofrimento da angústia que sentem por terem sido influenciados pelo Bardo. E para aumentar os ressentimentos dos já ressentidos, insistiu na tese que Shakespeare faz muito mais história do que a história faz Shakespeare.

A influência usada no contexto explorado por Harold Bloom é uma metáfora envolvendo relacionamentos humanos, que pode ser extrapolada para além do ressentimento dos ressentidos em relação ao cânone da literatura mundial. Não pode ser ignorada, por exemplo, a angústia da influência que grassa no mundo acadêmico, ainda que nem sempre perceptível ou assumida, entre orientados e orientadores, pesquisadores associados e cientistas sêniores, supervisionados e superiores, membros e líderes de projetos, etc., que não raro deixam de lado o combate criativo do campo das ideias, o AGON preconizado por Bloom, em que aquele que vem depois realiza uma obra importante (e melhor, se possível) em resposta ao seu antecessor influente, ao trilhar por meritocracia, novos cargos/caminhos no mundo das corporações. Nesses casos, eu, por não ter a erudição de Harold Bloom para criar uma metáfora modelar, diria que, em algumas situações, quando o que se sobressai é uma aura deliberada de má vontade/intepretação, não estamos diante de ressentidos angustiados pela influência, mas de verdadeiros FDPs.

Data : 08/08/2010

Título : Shakespeare para CEOs

Categoria: Artigos

Descrição: Não é nos livros de administração, mas sim nas peças de William Shakespeare que podemos conhecer, possivelmente, a melhor aproximação da realidade do dia a dia de uma empresa.

Shakespeare para CEOs

por Gilberto Cunha

Não é nos livros de administração, mas sim nas peças de William Shakespeare que podemos conhecer, possivelmente, a melhor aproximação da realidade do dia a dia de uma empresa. Salvo nas entrelinhas de alguns textos de Peter Drucker sobre gestão, obras dessa natureza, em geral não tratam de ingredientes como inveja, ódio e vingança, pelo menos não com a maestria de Shakespeare, que no mundo das corporações, quer sejam públicas ou privadas, por envolver relacionamentos humanos, são mais presentes do que se imagina.

A realidade das empresas, definitivamente, não é a dos livros de administração, especialmente por que empresas são formadas por pessoas de carne e osso. Recomenda-se uma leitura atenta da obra do poeta e dramaturgo inglês para quem vai ou pretende um dia ocupar um cargo de diretor executivo ou diretor geral de qualquer organização. O Bardo sabia das coisas. The rest is silence.

O elo mais fraco

O indivíduo mais frágil em uma organização, ao contrário do que pregam os arautos da indústria do assédio moral, é aquele que ocupa o posto mais elevado de direção, pois ele depende do trabalho dos outros. Isso é algo evidente especialmente nas organizações públicas, em que, ao gestor, em uma cadeia de responsabilidades, cabe o papel de ordenador de despesas, que é o principal alvo dos órgãos de controle, tanto interno (auditorias) quanto externo (TCU, AGU, MP, etc.). O gestor público não tem outra opção que não seja confiar no trabalho de terceiros, em que, não raro, está junto, nem sempre por afinidade, mas sim por questão de competência e corresponsabilidade. E nesses casos o que faz a diferença é o caráter das pessoas, pois nesse atributo pessoal reside a qualidade do pacto de confiança firmado. E confiar em alguém sempre vai exigir que se corra risco. Por isso é uma grande bobagem quando alguém diz "eu confiei, fui traído e nunca mais vou confiar em alguém". O relevante é ter consciência do nível de risco que se está disposto a correr.

Indivíduos com caráter deformado, especialmente quando assumem posição de mando, são, quase sempre, os responsáveis pelos maiores danos à imagem das organizações.

Empresas como comunidades

Uma empresa, sob um ponto de vista nada ortodoxo, pode ser vista como uma comunidade. E fazer parte de uma comunidade, pela origem latina da palavra munus, é carregar fardos, pesos ou pedras juntos. E para carregar um fardo

juntos, que, no caso da gestão pública, figuradamente, entenda-se como o peso da responsabilidade e do dever, precisamos ter a certeza que estamos lidando com pessoas de caráter. O importante, em qualquer organização, é cultivar o sentimento de pertencer.

Nós diante dos outros

Quem realmente somos pode ser percebido, mais facilmente, aos olhos dos outros, pelas nossas fragilidades e não pelo que julgamos ser as nossas certezas, que servem apenas para criar uma falsa aura de onipotência. É reconhecendo e assumindo nossas fragilidades que podemos recomeçar a cada dia. O maior motivador é poder contribuir para uma reflexão comum e não querer ter sempre razão. Quem age assim corre o risco de se apaixonar pelas próprias ideias. O que nos legitima, de fato, é a confiança que os outros depositam em nós.

Passado e futuro

Podemos influenciar tanto o passado quanto o futuro. No caso do passado, isso pode se dar, seguindo a argumentação de Hannah Arendt, pelo perdão (de nós mesmo e de terceiros). E, quanto ao futuro, sendo partícipes da sua construção. É lendo no presente as possibilidades do futuro, do pior ao melhor cenário, que alguém, deixando de lado a confortável posição de expectador da história, pode se tornar um construtor de realidades.

Desafio

Lidar (adequadamente) com as consequências de certas descobertas científicas é um dos maiores desafios da sociedade contemporânea.

O Nacional

Domingo, 08/08/2010

Data : 26/05/2017

Título : Sinais de civilização

Categoria: Artigos

Um homem em uma jangada improvisada com os restos do barco que recém afundara navega por mares bravios em meio a ilhas selvagens que não ousa se aproximar. Passam-se sois, luas, semanas e meses até que, prestes a perder as esperanças, avista uma ilha em cuja paisagem sobressaem-se forças e

corpos humanos dependurados. O naufrago ruma apressado para a costa. Pisa em terra firme, ergue as mãos para o céu, e exulta: Ufa! Até que enfim, sinais de civilização.

Essa história antiga, com muitas versões e adaptações de autores das mais variadas matizes, pode ser útil para entendermos melhor o momento que ora estamos vivendo no Brasil, em que, cada manhã, acordamos com operações da Polícia Federal, que atendem por nomes sugestivos e inspirados, encarregadas de prisões de agentes públicos e empresários, conduções coercitivas de autoridades, delações premiadas e divulgações/vazamentos de gravações de conversas telefônicas cujos conteúdos, à primeira vistas, podem parecer aterradores. Em vez do fim do mundo, efetivamente, devemos interpretar esse momento histórico como sinais de democracia, que nos permite saber disso, como marcas de uma civilização e suas práticas de condutas questionáveis, que podem e devem ser mudadas se quisermos, efetivamente, construirmos uma nação que mereça ser chamada de brasileira.

O lado menos mal de tudo isso é que, no seio da sociedade, ninguém pode se alvoroçar como paladino da moralidade. Há corruptos e corruptores denunciados para todos os gostos, desde a autoridade máxima da República até o funcionário público pejorativamente rotulado de barnabé, de empresários a executivos de elite, de deputados, senadores, governadores, prefeitos e vereadores e os chamados operadores de partidos políticos que, incrustados em cargos de diretorias das empresas estatais, deram seus préstimos para o desvio de vultosas quantias de recursos públicos que alimentaram os cofres de gente de credos que vão da extrema direita, passam pelo centro e chegam até a extrema esquerda.

Há, por mais estranho que possa parecer, pelo que se depreende das conversações entre os cidadãos comuns, que entre delatores e indiciados, há os que até gozam de certa simpatia e os que atraem o ódio extremo da população. No caso do senador Aécio Neves, por exemplo, ouvi de uma senhora recatada e dona de vocabulário refinado coisas do tipo “como fala palavrão o FDP desse Aécio!”. Os irmãos Batista, por ora, pelo estilo de vida que levam e vislumbra-se que levarão nos EUA e por, até então, terem, aparentemente, se saído muito bem de todo esse enrosco, são alvos do ódio de muita gente que vive abaixo do Equador. Outros, não menos culpados, fazem parte do grupo dos chamados delinquentes simpáticos, cujas façanhas gozam de certa benevolência da sociedade porque foram responsáveis por, em alguns casos, ao revelarem o elemento falso, possibilitarem o triunfo da verdade. O “prêmio” em vez de punição aos delinquentes simpáticos ou, se preferirem, aos delatores premiados dos nossos tempo, pode ser visto pelo lado de que se fizeram o que fizeram foi porque “alguém”, que se achava acima da lei, e que eles acabaram delatando, permitiram que fizessem. Ou que a Justiça pode ser feita por meio de punição ou de premiação. Escolham!

Por fim, a bem de preservar os princípios da Administração Pública fixados pela Constituição de 1988 (Legalidade, Impessoalidade, Moralidade, Publicidade e Eficiência), talvez não seja descabido propor que a Procuradoria Geral da República organize um concurso para recrutar delatores premiados, com provas de conhecimento e títulos. Gente habilitada parece que não falta no Brasil para disputar essas vagas e há o risco, sem esse processo seletivo, de os procuradores incorrerem em improbidade administrativa. Nada mais triste para um colunista do que ter que explicar uma ironia. Você não vai fazer isso comigo, prezado leitor!

Data : 23/01/2011

Título : Sistemas de alerta e desastres naturais

Categoria: Artigos

Descrição: Foi anunciada na última segunda-feira (17), pelo Governo Federal, a criação do Sistema Nacional de Prevenção e Alerta de Desastres Naturais. A decisão foi tomada pela presidenta Dilma Rousseff, após reunião com os ministros da Justiça, Defesa, Ciência e Tecnologia, Integração Nacional e Saúde, sob pressão das tragédias causadas pelas chuvas intensas e deslizamentos de encostas que assolam o centro do País...

Sistemas de alerta e desastres naturais

Foi anunciada na última segunda-feira (17), pelo Governo Federal, a criação do Sistema Nacional de Prevenção e Alerta de Desastres Naturais. A decisão foi tomada pela presidenta Dilma Rousseff, após reunião com os ministros da Justiça, Defesa, Ciência e Tecnologia, Integração Nacional e Saúde, sob pressão das tragédias causadas pelas chuvas intensas e deslizamentos de encostas que assolam o centro do País, de forma mais contundente na região serrana do Rio de Janeiro. A expectativa é que o sistema, em sua plenitude, com cobertura completa do território nacional por radares meteorológicos e rede automática de medição pluvial, esteja funcionando nos próximos quatro anos. Algumas questões prementes, como o mapeamento das áreas de risco mais críticas, deverão ser atacadas imediatamente.

A medida, na realidade, retoma iniciativas anteriores, que tinham por finalidade dotar o País de sistemas de alerta e prevenção contra desastres naturais, mas que, pela própria dificuldade do problema evoluíram menos do que se cobra das instituições, em momentos como os que ora estamos vivendo. É injusto, para se dizer o mínimo, ignorar o trabalho, na área de alertas meteorológicos que o Instituto Nacional de Meteorologia (INMET) e o Centro de Previsão de Tempo e

Estudos Climáticos (CPTEC/INPE) vêm realizando há muitos anos; além do esforço despendido pelos órgãos estaduais de Defesa Civil.

Anos 1990

A relação entre a meteorologia e os desastres naturais é tão estreita que, há 20 anos, a Organização Meteorológica Mundial (WMO) instituiu os anos 1990 como a Década Internacional para a Redução dos Desastres Naturais. Para os interessados no assunto, há uma vasta documentação bibliográfica gerada sob os auspícios das Nações Unidas. Muitas das propostas surgidas na época foram implementadas operacionalmente nos serviços meteorológicos nacionais, incluindo-se o brasileiro.

Homem X Natureza

Distinguir entre variabilidade natural do clima e mudança climática, em situação como as atuais no Rio de Janeiro, é algo difícil ou, até mesmo, impossível. O problema é que nenhum evento meteorológico isolado pode ser incluído em uma ou outra categoria com o mínimo de confiabilidade. Prognóstico climático – Fevereiro, Março e Abril

Chuvas irregulares no Rio Grande do Sul, para o trimestre fevereiro, março e abril, é o destaque do boletim liberado nessa quinta-feira (20) pelo 8º DISME/INMET e CPPMet/UFPEL. A maior redução deverá ocorrer no sudoeste do Estado e um padrão mais próximo do normal poderá se observar na porção nordeste do território gaúcho.

A análise detalhada, dentro do trimestre projetado, indica, para fevereiro, chuvas um pouco abaixo do padrão em todo o Estado, com maior redução nas regiões sudoeste e sul. Em março, as precipitações tendem a pouco abaixo do padrão na metade norte e próximas do padrão na parte sul e leste do RS. E, em abril, o indicativo é de padrão pouco abaixo em todas as regiões, porém com maior redução no oeste do Estado. Em resumo: os maiores problemas de escassez de chuvas deverão continuar concentrados na metade sul e no oeste do RS. Todavia, a irregularidade na distribuição das chuvas poderá afetar todo o Estado.

Marco legal sobre OGMs no Brasil

Tudo que se relaciona com organismos geneticamente modificados (OGMs) e seus derivados no Brasil está contemplado na legislação sobre biossegurança. Desde a Lei nº 8.974, de 05 de janeiro de 1995, que foi o início da regulamentação legal do assunto no País, foram muitos os desdobramentos decorrentes, principalmente, de conflitos entre a legislação de biossegurança e a legislação ambiental. Na prática, a matéria foi totalmente reestruturada com a sanção da Lei nº 11.105, a nova Lei de Biossegurança no Brasil, regulamentada pelo Decreto nº 5.591, de 22 de novembro de 2005. O marco legal brasileiro sobre OGMs é composto por um conjunto de normas que pode ser encontrado, para facilitar o acesso e a compreensão, no livro “Marco Legal Brasileiro sobre Organismos Geneticamente Modificados”, lançado em 2010, por iniciativa do Ministério da Saúde e da Organização Pan-Americana da Saúde. A versão digital está disponível no endereço Internet:<http://new.paho.org/bra/images/publicacoes/marco%20legal%20web.pdf>

Do Jornal
O Nacional
23 de Janeiro de 2011

Data : 22/01/2016

Título : Sob o domínio da serpente

Categoria: Artigos

Descrição: Não o foi o Nihil Obstat do superior provincial, Pe. Euclides Benedetti, e tampouco o Imprimatur do senhor bispo diocesano, Dom Estanislau A. Kreutz, que me motivou a ler o livro “O espírito e a serpente...”

Não o foi o Nihil Obstat do superior provincial, Pe. Euclides Benedetti, e tampouco o Imprimatur do senhor bispo diocesano, Dom Estanislau A. Kreutz, que me motivou a ler o livro “O espírito e a serpente: o sonho do paraíso”, escrito pelo sacerdote da Congregação dos Missionários da Sagrada Família Jerônimo Finckler. Talvez tenham ajudado na tomada dessa decisão de leitura, a chancela da Editora Vozes, cujos títulos do seu catálogo, em geral, são do meu agrado; e, indubitavelmente, o fato de ter recebido o livro como presente de um leitor dessa coluna, que prezo bastante, com a recomendação expressa que eu deveria lê-lo. Então, até em retribuição ao tempo que o meu presenteador gasta lendo o que eu escrevo e, acima de tudo, pela qualidade do texto de Jerônimo Finckler e pela maneira que abordou o assunto, desde que abri o livro não consegui mais parar de ler até que foram vencidas as 183 páginas da referida obra.

Jerônimo Finckler é um homem marcado pelos ditames da Igreja Católica. Não sei se ainda é vivo, mas, se for, meus cumprimentos pelo livro que escreveu; mesmo que eu não concorde com muitas das suas ideias, especialmente quando toca no assunto evolução e trata de ciência e tecnologia. De qualquer forma, aprendi com Jerônimo Finckler uma nova forma de ler os textos bíblicos. Segundo ele, a Bíblia não deve ser lida como um livro de história, com datas e acontecimentos exaustivamente documentados. A Bíblia é um livro de Revelação sobre nós mesmo. E como tal deve ser lida. Há necessidade de fé e aceitar aquilo que não é evidente. O modo de falar da Bíblia não é unívoco, nem equívoco, mas analógico, isto é, fundamenta-se nas analogias que existem nas diversas realidades. Não há nos textos bíblicos qualquer preocupação com as normas da lógica formal. Sobressaem-se dois tipos de analogias na Bíblia: a mítica e a típica. São exemplos de analogias míticas: Caim e Abel, sobre a inveja, o Dilúvio, envolvendo caprichos e desejos insaciáveis, e a Torre de Babel, sobre a arrogância humana ao pretender construir um mundo sem Deus.

As ideias de Jerônimo Finckler sobre evolução, apesar de afirmar que acredita nessa tese, são distanciadas do que a ciência entende como tal, denotando viés criacionista, ao afirmar que a origem do mundo, das coisas e do homem é uma criação divina. E flertam com os criacionistas dos novos tempos, os adeptos da teoria do Desígnio Inteligente, quando ele frisa que na base de tudo existe, inegavelmente, uma inteligência superior, infinitamente maior e mais perfeita do que a inteligência humana.

O cientificismo e o tecnologismo, os fetiches dos novos tempos, vistos por muitos como salvadores do mundo, estão, segundo Jerônimo Finckler, na raiz da desgraça e da miséria que afligem a humanidade. Nesse caso, a ciência e a tecnologia trazem a marca da serpente e não do Espírito, uma vez que descobertas maravilhosas são cada vez mais postas a serviço de ambições egoístas e desmesuradas, dividindo o mundo entre poucos que tem muito e muitos que tem pouco.

Jerônimo Finckler justifica e reafirma o sentido e o valor dos votos de Obediência, de Castidade e de Pobreza. E, nesse ponto, realça, em referência explícita, o conflito com os padres diocesanos, aos quais, depois de ordenados, se impõe o Voto de Castidade, o celibato, mas sem ser exigido, ao mesmo tempo, o Voto de Pobreza evangélica e o Voto de Obediência (apenas é exigida a promessa formal de obediência ao Bispo Diocesano); com reflexos negativos no que ele entende por espiritualidade e ideal de vida cristã.

Eis um livro escrito por um homem culto, com forte viés ideológico da fé que abraçou, mas que nos deixa mensagens valiosas para o melhor entendimento do conflito, que, não raro, intimamente, enfrentamos, entre a voz da consciência (que para Jerônimo Finckler é Deus) e a serpente (o mais astuto dos animais criados por Deus, segundo ele), com seus instintos interesseiros, sede de poder, ganância por lucro e obtenção de vantagens pessoais, que nos tenta e facilmente nos seduz.

Data : 09/05/2014

Título : Sob o domínio da serpente - Epílogo

Categoria: Artigos

Um telefonema que recebi do Sr. Mauro Nodari, assíduo leitor de O Nacional, no final da tarde do último domingo (24), confirmou o que eu suspeitava: Jerônimo Finckler, autor do livro “O espírito e a serpente: o sonho do paraíso” (Editora Vozes, 1993), que foi o assunto dessa coluna na sexta-feira passada (22), já morreu. Por limitação de espaço e incapacidade de síntese, na ocasião, foram tratados apenas alguns aspectos da referida obra. Mas, há mais, muito mais, nas 183 páginas desse livro. É por isso que retomamos o assunto, inclusive, em atenção aos pedidos de alguns dos nossos poucos leitores.

Jerônimo Finckler dá vazão ao amplo contraditório que se estabelece, quando põe em jogo as suas visões de bem e de mal, que ele de rotula de Espírito x Serpente. Na alegoria usada por Jerônimo Finckler, que segue a tradição judaico-cristã, a serpente aparece como a usurpadora da árvore da imortalidade, como a criatura sedutora de toda a terra habitada, simbolizando, acima de tudo, o poder do mal, hostil a Deus e ao seu Povo. E a pessoa humana, na visão dele, como uma unidade formada por corpo (matéria), alma (parte imaterial que dá forma às faculdades intelectuais e morais de uma pessoa) e espírito (uma nova dimensão que está além do tempo e do espaço, que nos torna imortais).

Entre as “serpentes” dos tempos modernos, Jerônimo Finckler incluiu o filósofo Friedrich Wilhelm Nietzsche que, pela criação da figura do “super-homem”, insuflou o ideal do homem emancipado, livre e sem peias religiosas, inspirador, em certos aspectos, da ideologia nazista, e que continua bem vivo no ateísmo materialista, racionalista, hedonista e utilitarista, que se estende até os nossos dias. Ao eliminar Deus, nesse caso, o homem enveredou pelo caminho da filosofia e de ciência sem sabedoria. O racionalismo e o cientificismo, na visão de Jerônimo Finckler, estão entre os males do mundo, pois, o poder do conhecimento, para alguns, reproduz uma espécie de “promessa de serpente”. A tal ponto de execrar e rotular como inaceitáveis os racionalismos científicos, políticos e econômicos. É quando o homem, jactando-se de possuir a sabedoria, torna-se tolo.

Todo mal, para Jerônimo Finckler, tem origem em escolhas humanas erradas ou nas falsas escolhas. A infelicidade e os sofrimentos humanos têm causa nos desejos sem medida (parafrazeando Buda). Estando o desejo de “ser” ou “ter que ser”, na expectativa dos outros, na base dos principais conflitos e frustrações humanos, que, quase sempre, envolvem vontade e disputa de poder. E, nesse caso, vontade de poder que se manifesta no consumismo, na prepotência, na opressão, na cobiça, nos desejos insaciáveis, em ódio e em rancor. No individualismo, na presunção de “ser o melhor”. No egocentrismo que percebe o EU como o centro do mundo e faz girar ao redor de si mesmo todo o resto, inclusive os outros seres humanos, que não são percebidos como iguais, mas como “objetos” ou apenas “coisas” para o deleite pessoal. É quando o orgulho, o ódio, o egoísmo, a inveja, o ciúme, a mágoa, a desconfiança e os ressentimentos, em última instância, poluem o coração humano.

E, se vivo fosse, e estivesse escrevendo hoje o seu “O espírito e a serpente: o sonho do paraíso”, quais exemplos Jerônimo Finckler usaria como modelos de “Serpente” e de “Espírito” dos novos tempos? Impossível sabermos. Mas, seguindo a tendência que vem sendo imposta pelos veículos de comunicação diuturnamente, quem sabe, não colocaria, na condição de “Espírito”, o STF, a Polícia Federal e a Operação Lava Jato, e, como “Serpente”, os Mensalões, a propina, os políticos e técnicos corruptos e os empresários e executivos corruptores.

Eu não ousaria qualquer julgamento e nem arriscaria palpites, pois, segundo o próprio Jerônimo Finckler, os meios de comunicação social muitas vezes atuam como falsos profetas, dando voz à “Serpente”, o mais astuto dos animais selvagens que o senhor Deus criou, que é capaz de armar ciladas engenhosas e, não raro, bem sofisticadas.

Data : 29/01/2016

Título : Sob o domínio da serpente - Epílogo

Categoria: Artigos

Um telefonema que recebi do Sr. Mauro Nodari, assíduo leitor de O Nacional, no final da tarde do último domingo (24), confirmou o que eu suspeitava: Jerônimo Finckler, autor do livro “O espírito e a serpente: o sonho do paraíso” (Editora Vozes, 1993), que foi o assunto dessa coluna na sexta-feira passada (22), já morreu. Por limitação de espaço e incapacidade de síntese, na ocasião, foram tratados apenas alguns aspectos da referida obra. Mas, há mais, muito mais, nas 183 páginas desse livro. É por isso que retomamos o assunto, inclusive, em atenção aos pedidos de alguns dos nossos poucos leitores.

Jerônimo Finckler dá vazão ao amplo contraditório que se estabelece, quando põe em jogo as suas visões de bem e de mal, que ele de rotula de Espírito x Serpente. Na alegoria usada por Jerônimo Finckler, que segue a tradição judaico-cristã, a serpente aparece como a usurpadora da árvore da imortalidade, como a criatura sedutora de toda a terra habitada, simbolizando, acima de tudo, o poder do mal, hostil a Deus e ao seu Povo. E a pessoa humana, na visão dele, como uma unidade formada por corpo (matéria), alma (parte imaterial que dá forma às faculdades intelectuais e morais de uma pessoa) e espírito (uma nova dimensão que está além do tempo e do espaço, que nos torna imortais).

Entre as “serpentes” dos tempos modernos, Jerônimo Finckler incluiu o filósofo Friedrich Wilhelm Nietzsche que, pela criação da figura do “super-homem”, insuflou o ideal do homem emancipado, livre e sem peias religiosas, inspirador, em certos aspectos, da ideologia nazista, e que continua bem vivo no ateísmo materialista, racionalista, hedonista e utilitarista, que se estende até os nossos dias. Ao eliminar Deus, nesse caso, o homem enveredou pelo caminho da filosofia e de ciência sem sabedoria. O racionalismo e o cientificismo, na visão de Jerônimo Finckler, estão entre os males do mundo, pois, o poder do conhecimento, para alguns, reproduz uma espécie de “promessa de serpente”. A tal ponto de execrar e rotular como inaceitáveis os racionalismos científicos, políticos e econômicos. É quando o homem, jactando-se de possuir a sabedoria, torna-se tolo.

Todo mal, para Jerônimo Finckler, tem origem em escolhas humanas erradas ou nas falsas escolhas. A infelicidade e os sofrimentos humanos têm causa nos desejos sem medida (parafrazeando Buda). Estando o desejo de “ser” ou “ter que ser”, na expectativa dos outros, na base dos principais conflitos e frustrações

humanos, que, quase sempre, envolvem vontade e disputa de poder. E, nesse caso, vontade de poder que se manifesta no consumismo, na prepotência, na opressão, na cobiça, nos desejos insaciáveis, em ódio e em rancor. No individualismo, na presunção de “ser o melhor”. No egocentrismo que percebe o EU como o centro do mundo e faz girar ao redor de si mesmo todo o resto, inclusive os outros seres humanos, que não são percebidos como iguais, mas como “objetos” ou apenas “coisas” para o deleite pessoal. É quando o orgulho, o ódio, o egoísmo, a inveja, o ciúme, a mágoa, a desconfiança e os ressentimentos, em última instância, poluem o coração humano.

E, se vivo fosse, e estivesse escrevendo hoje o seu “O espírito e a serpente: o sonho do paraíso”, quais exemplos Jerônimo Finckler usaria como modelos de “Serpente” e de “Espírito” dos novos tempos? Impossível sabermos. Mas, seguindo a tendência que vem sendo imposta pelos veículos de comunicação diuturnamente, quem sabe, não colocaria, na condição de “Espírito”, o STF, a Polícia Federal e a Operação Lava Jato, e, como “Serpente”, os Mensalões, a propina, os políticos e técnicos corruptos e os empresários e executivos corruptores.

Eu não ousaria qualquer julgamento e nem arriscaria palpites, pois, segundo o próprio Jerônimo Finckler, os meios de comunicação social muitas vezes atuam como falsos profetas, dando voz à “Serpente”, o mais astuto dos animais selvagens que o senhor Deus criou, que é capaz de armar ciladas engenhosas e, não raro, bem sofisticadas.

Data : 30/11/2012

Título : Sobre -bullshit- e assemelhados

Categoria: Artigos

Descrição: Mesmo que alguns leitores, de sensibilidade mais aguçada e preferências literárias por textos refinados

GILBERTO R.CUNHA

Mesmo que alguns leitores, de sensibilidade mais aguçada e preferências literárias por textos refinados, possam torcer o nariz para o palavreado usado

nesse artigo, não encontrei melhor tradução para o verbete “bullshit”, no contexto em que é comumente usado, que “falar merda”.

Inclusive, a edição brasileira do livro “On bullshit”, de autoria de Harry Gordon Frankfurt, que é filósofo moralista e professor emérito da Universidade Princeton/USA, publicada em 2005, pela Intrínseca, também não escapou do sugestivo título “Sobre falar merda”.

E não escapou do quase literal, porque eufemismos como “abobrinha”, “enrolação”, “conversa fiada”, “papo furado”, “empulhação” e outros tantos, não têm a força de expressão do populesco “falar merda”, que por si só diz tudo.

Não é de hoje que se fala muita “merda”. Mas parece que essa característica da sociedade contemporânea, indiscutivelmente, se acentuou com a democratização do acesso aos veículos de comunicação (com destaque para a Internet). É quase inevitável que “fale merda” alguém que é instado a falar ou opinar sobre coisas que não domina ou que extrapolam os limites do seu conhecimento. Numa época em que se convencionou, “mais que um direito, quase um dever”, de que qualquer cidadão tenha opinião sobre tudo, não poderia ser diferente. Foi assim que, motivado pela falta de uma teoria sobre o assunto, e em busca de uma melhor compreensão do tema, o professor Harry Frankfurt, em 1986, escreveu um pequeno ensaio intitulado “On bullshit”, que depois foi publicado em livro, por insistência dos editores e com certa relutância do autor, pela Princeton University Press.

Aclamada pela crítica, a obra virou bestseller nos EUA e ganhou traduções para vários idiomas (16), entre os quais o português.

Afinal, que se entende por “bullshit” ou “falar merda”? No contexto explorado por Harry Frankfurt, “falar merda” é diferente de mentir, uma vez que não envolve falsidade. É impossível alguém mentir a menos que julgue conhecer a verdade. “Falar merda” não requer essa convicção. Uma pessoa honesta, quando fala, diz apenas o que ela acredita ser a verdade. Para um mentiroso, é indispensável que ele considere suas próprias afirmações como falsas. A mentira não tem outro objetivo a não ser a propagação da falsidade. O desonesto usa suas versões, consciente disso, para servir, única e exclusivamente, a seus propósitos e, não raro, contando com a cumplicidade de terceiros, para atingir seus intentos doentios, contra desafetos.

Em geral, há uma tendência de maior complacência da sociedade com um “bullshitter”, ou “falador de merda”, do que com um mentiroso. Este é conhecedor da verdade e, deliberadamente, tenta nos persuadir para a sua versão.

O “falador de merda” não tem maiores cuidados com a verdade das coisas, até por ignorá-la, e simplesmente tenta nos impressionar, chamando a atenção para a sua pessoa. Embora não se deva ignorar que a “falação de merda”, dependendo do uso que o receptor da mensagem faça dela, possa ser tão danosa quanto a mentira.

As expressões que se enquadram facilmente na categoria de “bullshit/ merda” são figuras de retórica, muito usadas em discursos de políticos, em campanha eleitoral. Todavia, seria injusto considerá-las como de exclusividade da classe política. Abundam “merdas”, com a conotação figurada de “bullshit”, em textos de jornalistas, em opiniões de colunistas e também, sendo algo mais comum do que se imagina, em artigos científicos e, principalmente, nas opiniões de

cientistas, quando visam ao alcance de coisas que estão um pouco mais além dos domínios da corporação.

Todos temos telhados de vidro, para sairmos por aí jogando pedras nos outros. Apenas como exemplo, há o caso de alimentos ou hábitos pessoais, das dietas de celebridades, etc., que ora são tidos como a causa, ora como a cura do câncer. Nessas situações, a falta de senso é tamanha que, não raro, sequer suscita a necessidade de esclarecimentos posteriores, de quem compete ou domina o assunto. Antes de tudo, na maioria desses casos, há falhas no manuseio de dados e de informações, além de deficiências acadêmicas que são “gritantes” em alguns profissionais, mesmo ostentando titulações de M.S. e de Dr., que se somam, muitas vezes, a interpretações apressadas, quando não, interessadas.

(Gilberto R. Cunha é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Data : 14/06/2012

Título : Sobre o discurso científico

Categoria: Artigos

Descrição: O discurso científico é essencialmente retórico. Os cientistas, em geral, buscam, por meio da linguagem escrita ou oral, angariar simpatias e adesões a ideias e a teorias que se propõem a defender.

Sobre o discurso científico

Quinta-Feira, 14/06/2012

por Gilberto Cunha

Sobre o discurso científico

O discurso científico é essencialmente retórico. Os cientistas, em geral, buscam, por meio da linguagem escrita ou oral, angariar simpatias e adesões a ideias e a teorias que se propõem a defender. É no sentido da persuasão, que o discurso científico, em grades rasgos, não se diferencia da retórica usada por políticos em discursos de campanhas eleitorais. E como tal, tantos cientistas quanto políticos, via os seus discursos, podem construir séquitos de seguidores ou bandos de detratores.

A ciência valendo-se da retórica, entendida como o uso efetivo da fala e da escrita, tem suas raízes em Aristóteles (384-322 a.C.). Entre os próceres da

ciência, a cuja retórica aprimorada pode-se atribuir boa parte do êxito alcançado entre seus contemporâneos, destaca-se Charles Darwin. O naturalista britânico, com o clássico “A origem das espécies”, de 1859, foi mais que um cientista brilhante. Foi, acima de tudo, um retórico habilidoso, demonstrando capacidade para a construção de argumentos que, por serem tão bem elaborados, mesmo atacados ao extremo, ainda hoje não foram refutados, levando seus contemporâneos a aceitarem uma nova visão sobre o mundo natural nada evidente. Ou você, caro leitor, é capaz de afirmar, com segurança, que coisas como a ancestralidade comum e a evolução das espécies por meio de seleção natural são coisas evidentes?

Leah Ceccarelli, em “Shaping Science with Rhetoric”, livro de 2001, publicado pela editorada Universidade de Chicago, analisou três obras clássicas, que, por algumas características comuns e o papel que exerceram na história da ciência, formam um gênero à parte na literatura científica, cuja marca principal é a linguagem retórica apurada. São elas: “Genetics and the Origin of Species”, de Theodosius Dobzhansky, de 1937; “What Is Life? The Physical Aspect of the Living Cell”, de Erwin Schrödinger, de 1944; e “Consilience: The Unit of Knowledge”, de 1998, por Edward O. Wilson. As três, indiscutivelmente, tiveram grande influência na construção do pensamento científico que foi forjado na segunda metade do século 20, cujos reflexos estendem-se até os tempos atuais. Então, cabe buscar o entendimento de que forma esses autores construíram argumentos tão eficientes que, majoritariamente, atraíram, no caso de Dobzhansky e Schrödinger, atingindo sucesso universal, ou afastaram, espalhando controvérsias, no que toca a Wilson, os colegas cientistas para as suas causas. Leah Ceccarelli, nesse estudo de casos, identificou o que funciona e o que não funciona para persuadir pessoas em favor de ideias no mundo científico.

Theodosius Dobzhansky, com o seu “Genetics and the Origin of Species”, de 1937, foi responsável pela integração entre os geneticistas, os adeptos das leis de Mendel, que foram redescobertas no começo do século 20, e os naturalistas, que eram darwinistas por excelência, criando o novo ramo da biologia evolucionária. Uniu, pela força dos seus argumentos, mendelianos e naturalistas, que, na ocasião, dividiam a mesma biologia em genética e história natural. Erwin Schrödinger, em “What Is Life? The Physical Aspect of the Living Cell”, publicado em 1944, uniu físicos e biólogos, cujo resultado foi a criação do que hoje entendemos por biologia molecular. E Edward O. Wilson, com seu “Consilience: The Unit of Knowledge”, de 1998, tentou, sem alcançar o êxito esperado, construir pontes entre disciplinas, expandindo os argumentos de “Sociobiology: The new Synthesis”, de 1975, via a união das ciências sociais com a área de humanidades e a biologia evolucionária.

Os três livros citados não tiveram a intenção de apresentar coisas novas (originalidade na ciência é pressuposto para “papers”, não para livros). Mas, unindo coisas dispersas, possibilitaram aos leitores ver de uma forma antes não vista aquilo que já fora dito. Ainda, ao se dirigirem a grupos de cientistas que vivenciavam conflitos intelectuais, ajudaram, àqueles que se permitiram, ver além das fronteiras das disciplinas. Fazendo isso, mudaram o jeito que cientistas percebiam a natureza e o futuro e produziram, em minha opinião, alguns dos livros mais influentes do século 20, que, por se tornarem populares entre os cientistas, marcaram indelevelmente a história da ciência.

Do Jornal
O Nacional

Data : 21/11/2014

Título : Te vejo!

Categoria: Artigos

Descrição: Quem sabe, antes de nos embrenharmos na defesa da necessidade de construção uma nova ética para lidarmos melhor com as grandes questões que afligem a humanidade, o que precisaríamos, de fato, não seriam uma nova ótica e uma nova óptica.

Sexta-Feira, 21/11/2014 às 07:18, por Gilberto Cunha

Quem sabe, antes de nos embrenharmos na defesa da necessidade de construção uma nova ética para lidarmos melhor com as grandes questões que afligem a humanidade, o que precisaríamos, de fato, não seriam uma nova ótica e uma nova óptica. É isso mesmo: uma nova ótica e uma nova óptica. Afinal, essas são as ciências que na física estudam o som e a luz e tem as suas contrapartes em biologia que tratam da audição e da visão. Pois, foi com o enfoque de, antes de qualquer coisa, “ouvir” e “ver”, que Roberto Crema (psicólogo e antropólogo da Unipaz/Universidade Internacional da Paz), elaborou a linha mestra da conferência magna que proferiu no VIII Workshop de Editoração Científica provido pela ABEC-Associação Brasileira de Editores Científicos, em Campos do Jordão/SP, de 10 a 13 de novembro de 2014, sob o título “Liderança na área da autoria científica”.

“Ouvir” e “ver”, antes de qualquer coisa, são peças fundamentais por serem a base de hermenêutica (a ciência da interpretação) ou, para quem preferir, por estarem essas palavras expressas no primeiro mandamento das Leis de Deus e na tradição xamanística dos zulus na África do Sul. “Ouve/Escuta Israel!” (Deuteronômio 6:4-9) ou o “Shema Israel!” (da Torá), que dão sustentação ao monoteísmo judaico-cristão, dizem tudo. É pela relevância não só de ver, mas sentir a presença, nas relações interpessoais, que os zulus, em vez dos nossos protocolares cumprimentos - “bom dia/boa tarde/boa noite”, “como vai?”, “Oi, tudo bem?”, “Olá, eu vou bem, obrigado/obrigada!”, etc. - , optam pela peculiar saudação “sawubona”, que significa “TE VEJO!”, e pela inusitada resposta “sikhona”, que literalmente traduz-se por “ESTOU AQUI!”. Simples assim: TE VEJO... ESTOU AQUI!

Roberto Crema tratou do exercício da liderança dissociada de cargos ou posições sociais, que se dá, acima de tudo, pela escuta, pelo olhar e pelo sentir a presença do outro. Algo aparentemente simples, mas de difícil concretização prática nas organizações, que, não raro, são territórios em que reinam absolutos os chefes de plantão, cujo respeito que recebem dos pares não transcende os contornos dos cargos que ocupam. Entenda-se que escutar não é meramente ouvir. Audição é função biológica, mas a nossa referência é INTERPRETAR, que exige a pluralidade dos sentidos, num mundo que, metaforicamente, vivemos a crise da surdez, decretando-se de vez a falência da hermenêutica. Precisamos, especialmente no universo científico, transgredir a NORMOSE, expressão forjada por Jean Yves Leloup na França e por Roberto Crema no Brasil, que significa a patologia da normalidade ou a doença da estagnação evolutiva, da qual muitos de nós, mesmo imperceptivelmente, sofreremos, quando nos deixamos dominar pelas coisas pequenas, pela mediocridade e pelo egocentrismo exacerbado, perdendo a capacidade de “ouvir” e “ver”, e passando a atuar, por mais elevadas que sejam as titulações acadêmicas, como imbecis funcionais, que acreditam ser possível encontrar a solução do problema usando o mesmo paradigma que criou o problema.

Roberto Crema tem uma fala suave e uma aura espiritualizada, estilo guru Nova Era, que, mesmo abusando de frases de efeito, cuja autoria original, para ouvidos atentos, pode ser facilmente identificada, se não nos convence, pelo menos nos deixa mais reflexivos. São referências, coisas como: “o maior perigo da humanidade é um cientista alienado” (Robert Oppenheimer); “o pior naufrágio é não partir” (Amyr Klink); “vida é o que acontece enquanto estamos ocupados fazendo outros planos” (John Lennon); e “é preciso parar o mundo para conseguir ver” (Carlos Castañeda). E, apenas algumas, entre muitas que eu não consegui identificar as fontes: “nenhum vento é favorável pra aquele que não sabe aonde quer chegar”; “nós não nascemos humanos, nós nos tornamos humanos”; “acenda uma vela em vez de apenas reclamar da escuridão”; e, a minha preferida, “ressentimento é um veneno que a gente bebe e fica esperando que o outro morra”.

Prezado leitor, se você leu até aqui, então você está aqui... Te vejo!

Data : 16/09/2016

Título : TEA para leigos

Categoria: Artigos

Nunca imaginei que, no sábado passado (10), depois de uma entrada casual na Livraria Nobel da General Osório, eu sairia daquele estabelecimento levando para casa um livro sobre autismo. E menos ainda que, uma vez iniciada a leitura

dessa obra, seguiria, desde a primeira capa, ininterruptamente, até a quarta capa. Mas, evidentemente, há uma explicação para isso. Retomemos: entrei na Livraria Nobel, cumprimentei protocolarmente os proprietários, Laura e Alcides, olhei, como de costume, alguns livros, e a conversa seguiu, invariavelmente sobre livros e autores do momento, Feira do Livro, etc. e eis que a Laura surgiu com um livro na mão e perguntou: conheces esse livro? Respondi que não. E ela insistiu: então dá uma olhada.

E foi assim que conheci a obra “Mariana no mundo dos saltisonhos: umas palavras do autismo”, de Marco A. B. e C. Machado, edições SALUZ (Editora IFIBE), publicada em Passo Fundo, em julho de 2016. Uma primeira olhada, seguida de elogios fáceis ao projeto gráfico do Diego Ecker e, iniciada a leitura, eis que surgiu a primeira surpresa: que livro bem escrito! A qualidade do texto, independente de motivação e do próprio conteúdo, captura o leitor. Marco A. B. e C. Machado, sem qualquer dúvida, possuem o domínio da língua portuguesa e sabem escrever bem, mas, muito provavelmente, não seja apenas esse o lado mais cativante do livro. Não foi, acredito, com técnicas de escrita forjadas em oficinas de criação literária que Marco A. B. e C. Machado produziram essa obra. Eu suponho que, se tratando de algo tão pessoal, uma vez que baseado nas vivências dos autores, usaram, incondicionalmente, o amor de pais para produzir resultado tão primoroso. No texto não encontramos apenas palavras e frases concatenando parágrafos. Nas páginas desse livro, sobressaem-se, acima de qualquer outra coisa, emoções.

O livro “Mariana no mundo dos saltisonhos: umas palavras do autismo” não é um tratado da área médica sobre autismo, ainda que, de forma aparentemente despretensiosa (e apenas aparente, frise-se), apareçam, no texto, citações e sejam feitas referências as principais obras técnicas sobre o tema. Aprende-se, com Marco A. B. e C. Machado, que “autismo” ou TEA, sigla de Transtorno do Espectro Autista, conforme a definição clássica do DSM-5 (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders), pode ser diagnosticado quando há um distúrbio neurológico acompanhado do comprometimento da interação social e da comunicação, assim como também de um comportamento restrito e repetitivo. Ainda que a intenção dos autores não tenha sido produzir um manual sobre o autismo, nos ensinam que o rótulo “autista” diz pouco sobre o portador do autismo, pois o grau varia desde casos de dependência extrema até aqueles em que o paciente pode demonstrar apenas algumas manias estranhas.

Marco A. B. e C. Machado deixam lições de sensibilidade apurada nos relatos de convivência com Mariana, uma garotinha de oito anos, portadora de um autismo muito leve, mas que, nos seus medos de aniversário, balão, foguete, cachorro e pelo comportamento repetitivo e inflexível, ora pode se comportar como uma adorável princesinha e ora como um verdadeiro bárbaro.

Acima de tudo, Marco A. B. e C. Machado, pelos relatos de experiências vivenciadas, nos ensinam a conviver com os diferentes, independentemente que esses sejam portadores de autismo ou não. E é por isso que eu entendo que a

leitura descomprometida desse livro nos torna melhor para a convivência em uma sociedade cada vez mais plural, onde o respeito à diversidade é cada vez mais imprescindível.

Evidentemente que, por razões de privacidade, os autores usaram pseudônimos. Um dia, Mariana, e não importa qual seja o seu verdadeiro nome, poderá decidir livremente em dar ou não publicidade ao seu caso. Os nomes nesse livro são apenas detalhes. O conteúdo é o relevante. Marco A. B., que havia estreado em elogiado livro de crônicas em 2011, reafirma-se, nessa nova obra, como um escritor de escol.

Data : 06/07/2018

Título : Tecnologia, qualidade e exportação

Categoria: Artigos

A 12ª Reunião da Comissão Brasileira de Pesquisa de Trigo e Triticale, realizada essa semana (3 a 5 de julho de 2018), em Passo Fundo, além da apresentação de novas tecnologias, em genética e manejo de cultivos, que irão constituir as informações técnicas para a produção desses cereais no País em 2019, nessa edição, ampliou, por meio de palestras e painéis de discussão, o debate sobre a construção de novos modelos de negócio visando à ampliação, especialmente, da produção de trigo no Brasil.

Há muitos anos que se discute a viabilidade da produção do trigo no Brasil e a resposta ao questionamento, assaz conhecida, frise-se, tem sido a mesma: SIM. O Brasil possui condições de ambiente, domínio tecnológico e estrutura de produção que permitiriam, imediatamente, uma produção de trigo muito maior do que atualmente estamos obtendo. E isso se levando em consideração apenas a região tradicional de cultivo, no Sul do País, independentemente da ocupação de áreas no bioma Cerrado, que poderia alterar substancialmente a geografia de produção desse cereal no mundo. Mas, por que isso não acontece? Resposta elementar: porque não temos conseguido posicionar competitivamente os nossos custos de produção frente aos principais países exportadores de trigo no mundo. Ignoramos que somos tomadores de preço no mercado mundial e que fazemos parte de um bloco econômico chamado Mercosul, cuja competitividade do trigo nacional com o trigo argentino acaba sendo definida pela paridade do preço de importação, que faz com que, pelas dificuldades de escoamento desse cereal das regiões de produção para as zonas de consumo, nossa competição mercadológica fique limitada ao redor de um raio de 500 km.

O caminho a ser seguido, nesse caso, seria a redução dos nossos custos de produção e assim se ganhar em margem. Quando se toca nesse ponto, muitos se alvoroçam, alegando que vai implicar em menor uso de tecnologia, que seria um retrocesso no processo produtivo, etc. Evidentemente, essas alegações apressadas não procedem. O que se propõe, nesse caso, é melhorar o uso de tecnologia por uma gestão efetiva da produção em substituição ao modelo, que tem ganhado cada vez mais adeptos, de práticas agronômicas calendarizadas, que envolvem o uso de insumos caros, nem sempre embasadas em critérios técnicos justificáveis e, não raro, visando ao alcance de resultados duvidosos.

Há um ponto que não se discute, pois não há alternativas: temos que primar cada vez mais pela qualidade tecnológica do trigo brasileiro. Evoluímos muito nesse quesito. Nossos obtentores vegetais fizeram, em pouco mais de duas décadas de trabalho, o que em outros países do mundo se mede em séculos. Não há espaço para crítica, mas para elogios nesse tema. Mas, não podemos ignorar que a construção de uma identidade para o trigo brasileiro, que seja respeitada pelo mercado, exige cuidados permanentes, pois, além da interação genótipo x ambiente, que não raro tem sido subestimada, outros segmentos do complexo agroindustrial do trigo no Brasil, especialmente no tocante a segregação do trigo e no padrão de armazenagem (infestação de pragas, por exemplo) podem comprometer o produto colhido no campo.

O caminho da exportação, embora pareça algo visionário, tem sido realidade nos últimos anos, especialmente quando suportado por algum mecanismo de apoio à comercialização do Governo Federal. O desafio é produzir trigo para a exportação, competitivamente, aos preços tomados do mercado mundial. Esse novo modelo de produção de trigo para exportação vem sendo desenvolvido pela Embrapa Trigo com o apoio de algumas cooperativas gaúchas, que têm validado a proposta nos seus campos de produção. Os resultados obtidos nas validações a campo têm sido alvissareiros, mostrando a plausibilidade desse modelo de produção.

E, por fim, não podemos ignorar o potencial de uso do trigo para o consumo animal, quer seja para produção de silagem, pastejo direto, duplo propósito (pastejo e produção de grãos) ou como ingrediente de rações.

Data : 08/07/2010

Título : Temposensitividade

Categoria: Artigos

Descrição: Há pessoas que alegam prever mudanças nas condições atmosféricas pelo comportamento de calos...

Temposensitividade - 08/07/2010

Quinta-Feira, 08/07/2010 por Gilberto Cunha

Há pessoas que alegam prever mudanças nas condições atmosféricas pelo comportamento de calos, de reações em cicatrizes cirúrgicas e de dores em articulações ou em pontos de antigas fraturas ósseas. Outras, ainda, possuem o seu estado de humor e disposição associados às variações meteorológicas. Se você está entre elas, não se preocupe; esse fenômeno tem nome: chama-se temposensitividade.

Por definição, temposensitividade é a forma como as pessoas reagem frente às variações meteorológicas. Abrange tanto os aspectos psicológicos, cujos reflexos dá-se no comportamento, quanto físicos, como no caso das dores.

A biometeorologia é o ramo da meteorologia que, aliado às ciências biológicas, estuda o fenômeno da temposensitividade. Basicamente, busca estabelecer relações entre a saúde dos seres vivos e as condições meteorológicas e/ou climáticas.

A obra, em vários volumes, de William Ferdinand Petersen, *The Patient and the Weather - O paciente e o tempo* - é um dos exemplos da biometeorologia aplicada à medicina. Outros trabalhos podem ser encontrados em publicações especializadas, como é o caso das revistas *Progress in Biometeorology* e *International Journal of Biometeorology*, entre outras.

Nos temposensitivos, as chamadas dores meteorotrópicas - em calos, em cicatrizes, em amputações, em estados de artrite, etc. - costumam ocorrer quando há mudanças nas condições de tempo. A explicação parece estar relacionada com o fato de que com a mudança da umidade e da temperatura, a pele se contrai ou se estende. Os calos e as cicatrizes têm textura diferente da encontrada na pele normal. Assim, também reagem diferentemente, provocando as sensações de dor. Provavelmente, algo parecido deve ocorrer em uma articulação inflamada.

Quanto aos aspectos psicológicos - depressão, irritabilidade, insônia, fadiga, etc. -, a explicação não é tão simples. É provável que esteja associada à produção e liberação de algum tipo de substância pelo organismo. O chamado "Efeito Foehn" é um dos exemplos clássicos e curiosos da biometeorologia. Ocorre em regiões montanhosas, onde o vento quente e seco, que desce as encostas, provoca nos indivíduos temposensitivos os populares acessos de loucura, histeria e depressão nervosa.

Há relatos de serviços de bioprognose, como os descritos por Roberto Schmidt, no livro *Você e a meteorologia*, exemplificando o caso alemão, em que mais de um milhão de pessoas buscavam anualmente no serviço meteorológico daquele país saber se o seu estado de ânimo ou jeito de proceder tinham a ver com reações causadas pelas condições meteorológicas reinantes no dia.

Várias vezes, sempre quando já estava chovendo, escutei indivíduos pretensos ou realmente temposensitivos dizerem algo do gênero: "Não podia dar outra, meu joelho esquerdo estava incomodando". Acreditar ou não? Sinceramente: "No creo en las brujas, pero que las hay las hay".

Data : 23/06/2012

Título : Teoria das crises

Categoria: Artigos

Descrição: A leitura da entrevista com o geógrafo e antropólogo inglês David Harvey, publicada na edição mais recente da revista Desafios do Desenvolvimento...

Teoria das crises

Sábado, 23/06/2012

por Gilberto Cunha

A leitura da entrevista com o geógrafo e antropólogo inglês David Harvey, publicada na edição mais recente da revista Desafios do Desenvolvimento (ano 9, nº 71, p.10-20), talvez ajude no entendimento de que os desdobramentos da atual crise econômica na zona do Euro na Europa, atingindo ou não outras paragens, vai depender muito da estratégia de desenvolvimento que será adotada pela China. Indiscutivelmente, há duas décadas que a China se transformou em uma peça decisiva na economia global.

Segundo Harvey as crises do capitalismo não são resolvidas, apenas mudam o epicentro e a natureza. A crise de 2008 começou no setor imobiliário nos EUA e atual crise européia atinge o setor financeiro a partir de déficits estatais, gerando crises de Estado e de bem-estar social da população. A grande questão é saber lidar, da melhor maneira possível, com uma coisa real que é mais que evidente: a impossibilidade de sustentação de crescimento econômico perpetuamente. Nessa equação, a única coisa que pode ser acumulada/criada sem limites é dinheiro (embora a criação de dinheiro gere desvalorização de moedas). Mas isso também leva a outros questionamentos: onde investir esses recursos? Há limites há de recursos naturais, de capacidade de produção e de consumo, por exemplo. Soluções keynesianas nem sempre resolvem tudo. Por enquanto, relações comerciais com a China, país que consumiu, nos últimos anos, metade da oferta de aço no mundo e também quantidades significativas de minério de ferro, de cobre e de soja, além de maquinaria sofisticada, tem sido o fator viabilizador de muitas economias.

Rio + 20 – Mais um passo

Antes mesmo de ter começado a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio + 20, já havia, em meio à crise econômica na Europa, certo desânimo com o que poderia se esperar desse evento. Vinte anos depois da Rio 92, um marco do movimento ambientalista mundial, apesar de muitas discussões e encontros diplomáticos para tratar do assunto, os resultados concretos podem ser considerados poucos. E são pouco exatamente pela dificuldade de se tratar questões em escala global, em que as nações soberanas, raramente, admitem responsabilidades e compromissos formais em prol em uma agenda global de desenvolvimento sustentável.

Um dos desdobramentos da Rio 92, a Agenda 21, tem sido, em certos sentidos, deixada de fora das discussões ou tido seus princípios de desenvolvimento sustentável incorporados em outras cartas ou fóruns de intenções. Não se pode ignorar o papel da Agenda 21 na construção participativa de políticas públicas, mesmo sabendo-se da dificuldade em integrar Governo, setor privado e sociedade civil.

Creio que a Rio + 20, simplesmente pela renovação de compromissos políticos com o desenvolvimento sustentável, apesar de significar pouco aos olhos de muitos, já pode ser considerada um grande passo para a definição de uma agenda concreta de desenvolvimento sustentável para as próximas décadas.

Biologia molecular X Biologia convencional

Nos últimos 10 anos (pelo menos), as revistas científicas das ciências agrárias viraram terra fértil para a publicação de artigos relacionados com pesquisas nas áreas de biologia molecular e genômica funcional. Nesses se sobressai, majoritariamente, o emprego de uma espécie de genética reversa, cujo enfoque parte do gene, especialmente a mudança de expressão, para a função. Isso, no caso da produção vegetal, salvos exceções (genes RR e Bt, por exemplo), dificulta a compreensão do funcionamento gênico em níveis mais elevados da organização biológica, em especial sobre características fenotípicas de interesse agrônomo e no desempenho produtivo das plantas em escala de lavoura. Inverter essa lógica, começando com a observação de variação genética em um nível mais elevado de organização biológica e descer até o controle do funcionamento gênico pode ajudar, para se dizer o mínimo, na construção da percepção crítica de pesquisadores das ciências básicas no desenvolvimento de inovação tecnológica de valor em agricultura.

Pirlimpimpim - A curiosidade premiada

Hoje (23), às 16h, na Livraria Nobel da General Osório (próximo do INSS), ocorre mais uma edição da “Super Hora do Conto”. A história da vez é “A curiosidade premiada”, de Fernanda Lopes de Almeida. Venha e traga seus filhos.

Do Jornal
O Nacional

Data : 04/06/2010

Título : Terceira Revolução Industrial

Categoria: Artigos

Descrição: O Relatório Stern (Stern Review on the Economics of Climate Change), divulgado publicamente em 2007...

Terceira Revolução Industrial - 05-06/06/2010

Sexta-Feira, 04/06/2010 por Gilberto Cunha

· Terceira Revolução Industrial

O Relatório Stern (Stern Review on the Economics of Climate Change), divulgado publicamente em 2007, contempla uma comparação dos custos de um aumento da temperatura da Terra, sem a adoção de qualquer medida de controle, com os recursos necessários em investimentos para tentar interromper o processo de aquecimento global.

Sir Nicholas Stern, antigo economista-chefe do Banco Mundial, destaca que os custos do aquecimento global, em caso de não adoção de qualquer medida de controle, exigirão de 5% a 20% da renda mundial per capita. Por outro lado, mesmo havendo contrários, ele estima que o custo de uma estabilização nas emissões de dióxido de carbono na atmosfera, até o ano 2050, não exigiria mais do que 1% do produto social bruto.

É inquestionável que o tema da mudança do clima abre caminho para novas oportunidades econômicas. Com destaque para geração e fornecimento de energia renovável (biomassa, solar, eólica, etc.) e aparelhos poupadores de energia. Estão florescendo os mercados e os negócios envolvendo bicomustíveis, veículos híbridos, painéis solares, etc.

A mudança do clima, pelo que parece, está dando forma a uma Terceira Revolução Industrial. Não podemos esquecer é que, tendo sido a Primeira e a Segunda as causadoras dos problemas atuais, por maior que sejam os apelos ambientalistas das novas tecnologias, não há inocentes presumidos no mercado mundial de energia.

· Trigo e triticales - Safra 2010

Interessados podem obter, gratuitamente, exemplares impressos das "Informações Técnicas para Trigo e de Triticale - Safra 2010". Inicialmente disponibilizado em formato digital (.pdf), o documento resultante da III Reunião da Comissão Brasileira de Pesquisa de Trigo e Triticale, realizada de 28 a 30 de julho de 2009, em Veranópolis, acaba de ter sua versão impressa, sob chancela editorial da Fepagro RS, da Associação dos Engenheiros-Agrônomos de Vacaria e da Embrapa Trigo, liberada para o público. Essa obra, imprescindível para quem atua em assistência técnica e extensão rural nos cultivos de trigo e de triticale, pode ser obtida, em Passo Fundo, na sede da Embrapa Trigo, junto às chefias de Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) e/ou Comunicação e Negócios (C&N). Informações no site www.cnpt.embrapa.br ou pelo telefone (54) 3316 5800.

· Futebol

Em tempos de Copa do Mundo, para os amantes do esporte bretão, vale lembrar o livro "Enciclopédia do Futebol Gaúcho - Volume I: Ídolos e craques", do escritor passo-fundense Marco Antonio Damian, em colaboração com o jornalista esportivo Cesar Freitas. Publicado em 2009, esse livro alcançou repercussão pública a partir do lançamento nas Feiras do Livro de Porto Alegre e de Passo Fundo, além de ter sido objeto de inúmeras sessões de autógrafa em diversas cidades do Rio Grande do Sul.

Inegavelmente, uma obra de vulto. Os autores, aficionados por futebol, foram investigadores abnegados, consultando fontes primárias e derivadas para a construção de uma obra rara, via a compilação de mais de um século de história (1900 a 2009), sumarizada em 1.500 verbetes. Ainda, dos mesmos autores, estão por vir a lume, os volumes II, tratando da história dos clubes, da Federação Gaúcha de Futebol, dos árbitros e do campeonato estadual, e III, sobre a Seleção Gaúcha de Futebol (que, pasmem, um dia, existiu e foi responsável por conquistas memoráveis!).

· Terra de machos

Houve um tempo (não tão distante assim, nos anos 1960) que o escritor francês Antoine de Saint-Exupéry e sua obra magna, "O pequeno príncipe", eram referências obrigatórias nas falas de nove em cada dez candidatas de qualquer concurso de beleza (Miss Brasil, Miss Universo, etc.). Eu, particularmente, aprecio, deste autor, mais "Terra dos homens" que "O pequeno príncipe"; embora o segundo título seja uma obra admirável. Mesmo que, literalmente, "Terra des hommes" signifique "Terra dos homens" ou, em outras palavras, a terra dos pobres diabos (desvalidos) que vivem nesse planeta, já houve quem ousasse traduzir (ou entender) esse título como "Terra de homens". No linguajar gauchesco, meio abagualado, seria algo como "Terra de machos". Uma tradução típica de quem dá ares de não saber francês e tampouco entender alguma coisa de Saint-Exupéry e sua obra.

Data : 30/01/2015

Título : Teste o seu conhecimento

Categoria: Artigos

Descrição: A você que tem se alvoroçado em diatribes sem limites ao desempenho dos estudantes brasileiros no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), denotando até certa “satisfação” em frisar que 529 mil alunos zeraram a prova de redação em 2014, sugiro cautela.

Sexta-Feira, 30/01/2015 às 07:18, por Gilberto Cunha

A você que tem se alvoroçado em diatribes sem limites ao desempenho dos estudantes brasileiros no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), denotando até certa “satisfação” em frisar que 529 mil alunos zeraram a prova de redação em 2014, sugiro cautela. Afinal, os jovens de hoje podem saber proporcionalmente menos de um conhecimento que é muito maior do que o de outrora, porém, em termos absolutos, sabem muito mais que os pares do passado. Ou alguém duvida que a ignorância (sobre muitas coisas) também não grassava entre aqueles que, em tempos relativamente recentes (anteriores ao advento do ENEM), chegavam às portas das Universidades/Faculdades brasileiras? Por acaso é lícito assumir, meramente por uma questão de geração, que os estudantes do passado eram mais bem preparados intelectualmente que os de hoje?

Não vou retroceder muito no tempo. Deliberadamente, para não ofender ninguém, usarei o meu próprio caso. Aluno egresso do Segundo Grau (atual Ensino Médio), escola pública (Escola Técnica de Agricultura, Viamão/RS), no final dos anos 1970, e detentor de um nível de conhecimento que seria praticamente nada se comparado com o que sabe um estudante de hoje, esse foi suficiente para lograr aprovação num vestibular relativamente concorrido da UFRGS, no começo dos anos 1980. Com o que eu sabia na época, estou convicto disso, não tiraria uma nota elevada no ENEM atual. Então: seriam mesmo as gerações passadas melhores preparadas pela escola de antigamente que a atual? Tenho cá minhas dúvidas, pois, assim como eu, quem sabe você, prezado leitor, também encontre certa dificuldade para responder questões relativamente simples, quando essas exigem fundamentação teórica um pouco mais robusta; tipo: quem veio primeiro, a galinha ou ovo? Ou: por que a água do mar é salgada?

A perguntinha aparentemente cretina – galinhas versus ovo –, apesar do que supõem muitas pessoas, tem resposta. E estou falando em resposta com fundamentação em teorias cientificamente aceitas desde a segunda metade do século 19. Admitindo-se que não é o criacionismo e nem o seu avatar contemporâneo, a teoria do designio inteligente, mas sim o evolucionismo que é ensinado nas aulas de biologia, a resposta esperada, digna de um ser pensante, seria embasada nas obras de Charles Darwin (Origem das espécies, 1859) e de August Weisman (O germoplasma, 1893). Foi Weisman quem, condicionando sua teoria na herança, estabeleceu o contraste entre o que se herda (germe) e o que não se herda (soma), não deixando espaço para dúvida que é a célula

germinal que dá origem a um novo indivíduo. Portanto, a resposta lógica é que o ovo, provindo como uma forma nova de ovo, a partir de um animal ancestral imediato da galinha, apareceu antes do que a galinha.

Quem, quando criança ou depois de adulto mesmo, já tomou um “caldinho” nas águas geladas e revoltas do Atlântico Sul, sabe, por experiência vivida, que a água do mar é salgada. Mas, por que essa água é salgada? A resposta não é difícil, basta uma breve lembrança das aulas de química (dissolução e separação de misturas). De fato, são as águas doces dos rios e riachos que correm para os mares que, no seu longo percurso cruzando os continentes, vão dissolvendo rochas e carregando sedimentos e solutos para os mares. Os sedimentos acabam sendo depositados no fundo desses cursos de água e dos mares e os sais permanecem dissolvidos nas águas. E mais: lembre-se que um dos componentes do ciclo hidrológico é evaporação, que, no caso dos mares, apenas a água mudando de estado físico e sendo essa, na forma de vapor, arrastada pelas correntes atmosféricas, serve para elevar a concentração de sais nos oceanos. Pense nisso ocorrendo por milhares e milhares de anos (um bilhão de anos, pelo menos) e entenda porque os oceanos que, um dia, foram de águas doces hoje são salgados.

Antes que você não consiga mais refrear a vontade de cortar os pulsos ou de mandar o escriba para a P.Q.P., por precaução, deixo de formular qualquer questão (estilo ENEM) sobre a obra de Shakespeare.

Data : 28/05/2010

Título : The new black e o clima

Categoria: Artigos

Descrição: ...popularizado por Coco Chanel, surgiu a expressão "the new black". Com o passar do tempo, essa expressão da língua inglesa evoluiu para indicar a súbita popularidade de uma nova ideia às expensas de uma antiga.

The new black e o clima

Nos anos 1980, anunciando as mudanças que começavam a surgir no mundo da moda, em que o cinza e outras cores se insinuavam nas coleções dos estilistas como pretensas candidatas a desbancar o clássico pretinho básico, popularizado por Coco Chanel, surgiu a expressão "the new black". Com o passar do tempo, essa expressão da língua inglesa evoluiu para indicar a súbita popularidade de uma nova ideia às expensas de uma antiga. Mas, que isso tem a ver com a mudança do clima global? Aparentemente, nada. Ainda, foi nela que Michael Glantz e Qian Ye se basearam para, na apresentação do livro "Usable Thoughts - Climate, water and weather in the twenty-first century",

publicado recentemente pela United Nations University Press, justificar a necessidade de mudança de atitude da sociedade diante do tema do aquecimento global.

divulgação do assunto nos meios de comunicação de massa leva à percepção de que a atmosfera terrestre está aquecendo mais rapidamente e em maior escala do que o esperado. Isso deixa para trás antigos e bem consagrados conceitos.

Muitos dos impactos causados pela mudança do clima, que seriam esperáveis para os anos 2050 e 2100, estão sendo antecipados. O futuro, projetado via estudo de cenários, parece que está chegando antes diante dos nossos olhos. Voltando ao mundo da moda, durante muitos anos, pela sua versatilidade, o pretinho básico foi considerado a melhor escolha pelas mulheres. Nos anos 1980, conforme já mencionado, surgiu o movimento pró outras cores. Glantz & Ye, em analogia, sugerem que o ano 2020 é o novo ano 2050. Destacam que cenários de longo prazo (anos 2050 e 2100), pelo distanciamento no tempo, deixam a falsa ilusão de serem menos preocupantes que quando as coisas são previstas para anos mais próximos do momento atual. Por isso, insistem eles, o ano 2020 deve ser visto como "the new black", desbancando os anos 2050 e 2100. Não só advogam que o ano 2020 deve ser o novo 2050, quando o assunto é a mudança do clima global, bem como, necessariamente, os impactos projetados para o ano 2100 devem ser antecipados.

É preciso que estejamos conscientes, em todos os níveis da sociedade (local, nacional e global), que o ano de 2020 é o nosso alvo de preocupação e não os anos de 2050 e de 2100, como, classicamente, são considerados nos estudos de impactos relacionados com a mudança do clima global.

Nova Reitoria da UPF

Nessa terça-feira (25), em eleição histórica, com quatro chapas disputando o privilégio de dirigir os destinos da nossa principal instituição de ensino, foi escolhida, por maioria dos votos (35,53% dos votos), a chapa 2 para compor a nova Reitoria da UPF. Nossos cumprimentos ao futuro reitor, professor José Carlos Carles de Souza, e aos professores Neusa Maria Rocha, vice-reitora de Graduação, Leonardo Barcellos, vice-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação, Lorena Geib, vice-reitora de Extensão e Assuntos Comunitários, e Agenor Dias Meira, vice-reitor Administrativa.

A Embrapa Trigo mantém uma parceria histórica com a UPF. Inclusive, muitos ignoram ou não lembram, mas o primeiro curso de mestrado da instituição, que funciona na atual Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária, foi criado via uma parceria entre a UPF e a Embrapa Trigo. Na ocasião, UPF e Embrapa Trigo somaram seus laboratórios, bibliotecas e quadros de professores e pesquisadores para a criação do mencionado curso. Também merece menção os inúmeros estudantes da UPF, dos mais diversos cursos, que complementam a sua formação, vias estágios e bolsas de pesquisa, na Embrapa Trigo.

Seleção pública na Embrapa Trigo

No Diário Oficial da União dessa quarta-feira (26) saiu publicado o aviso de seleção para recrutamento e avaliação de candidatos ao cargo de chefe-geral do Centro Nacional de Pesquisa de Trigo - Embrapa Trigo, que tem sede em Passo Fundo. As inscrições vão de 31 de maio a 29 de junho. O processo é aberto tanto aos integrantes do quadro de empregados da Embrapa quanto externos à instituição, desde que cumpram os requisitos mínimos em termos de titulação acadêmica e experiência profissional. Os interessados podem buscar informações nos sítios da Embrapa ou da Embrapa Trigo: www.embrapa.br ou www.cnpt.embrapa.br.

O Nacional

Sexta-Feira, 28/05/2010 por Gilberto Cunha

Data : 05/04/2012

Título : Torricelli Meteorologistas Ltda.

Categoria: Artigos

Descrição: Quem como eu já passou dos 50 anos e, ao longo do tempo, teve o hábito de acompanhar os espaços dedicados à meteorologia nos veículos de comunicação certamente deve recordar-se de uma empresa chamada "Torricelli Meteorologistas Ltda."

Torricelli Meteorologistas Ltda.

Quinta-Feira, 05/04/2012

por Gilberto Cunha

Quem como eu já passou dos 50 anos e, ao longo do tempo, teve o hábito de acompanhar os espaços dedicados à meteorologia nos veículos de comunicação certamente deve recordar-se de uma empresa chamada "Torricelli Meteorologistas Ltda.". Ela foi responsável, entre 1977 e 1982, pelas informações meteorológicas inseridas nos veículos de comunicação da antiga Companhia Jornalística Caldas Júnior, de Porto Alegre: Correio do Povo, Rádio Guaíba, Folha da Tarde, Folha da Manhã e Televisão Guaíba.

A Torricelli Meteorologistas Ltda. teve seu contrato social assinado em 5 de setembro de 1977, cujo resumo foi publicado no Diário Oficial do Estado do Rio Grande do Sul, Secção da Indústria e Comércio, de 14 de outubro de 1977. Essa

empresa, da qual eram sócios Edovino Walter Schmidt e Ulysses Dias, tinha como objetivo social: "Informar as pessoas físicas e jurídicas as condições do tempo, passadas, presentes e futuras, através do estudo sistemático de cartas sinóticas meteorológicas, bem como da análise de todo e qualquer tipo de informação meteorológica e climatológica".

A empresa foi criada basicamente para atender às necessidades do jornal Correio do Povo e da Rádio Guaíba, daquela época, em termos de previsão de tempo para o Rio Grande do Sul. Efetivamente à frente da Torricelli Meteorologistas estavam o meteorologista previsor aeronáutico da Força Aérea Brasileira (FAB) Roberto Schmidt e o meteorologista da Varig Ulysses Dias. Além deles, trabalhavam mais seis pessoas, em regime de escala, na parte de plotagem de cartas meteorológicas e organização de boletins.

Por ocasião da criação da TV Guaíba, a Torricelli contratou o meteorologista Paulo Nilson, ex-empregado da Varig, para fazer as apresentações diárias na televisão. Durante as folgas do apresentador oficial, o espaço no vídeo era ocupado por Roberto Schmidt. Em 1982, a crise econômica atingiu a antiga Empresa Jornalística Caldas Júnior, e o contrato com a Torricelli Meteorologistas Ltda. entrou no corte de despesas. Na TV Guaíba, Paulo Nilson continuou por mais um tempo, porém, sem a marca e a estrutura da Torricelli, a empreitada não foi muito adiante.

Em relação às pessoas da Torricelli Meteorologistas Ltda., recordo-me de Paulo Nilson em suas aparições diárias na TV Guaíba. No início dos anos 1980, acredito que era ele quem eu encontrava ocasionalmente no antigo prédio do Instituto de Biociências da UFRGS, na Rua Sarmento Leite, em Porto Alegre. A impressão que dava era que ele, apesar da idade que destoava dos demais, na época, era mais um estudante de Medicina. Porém não tenho certeza disso, pois, embora já estivesse ligado à seção de meteorologia agrícola do Instituto de Pesquisas Agronômicas, por uma timidez exacerbada, apesar da curiosidade, nunca falei com ele, apenas o identificava pela imagem do vídeo.

A grande figura à frente da Torricelli Meteorologistas Ltda. foi efetivamente o meteorologista previsor aeronáutico da FAB Roberto Schmidt. Natural de Porto Alegre, ele exerceu atividades chefiando os Centros Meteorológicos localizados nos aeroportos de Congonhas, em São Paulo, e Salgado Filho, em Porto Alegre. Em meados dos anos 1980, conheci o então Capitão Roberto, durante as comemorações do Dia Mundial da Meteorologia, em Porto Alegre, que rotineiramente aconteciam no dia 23 de março, na sede do 8º DISME – Instituto Nacional de Meteorologia, chegando a ter trocado algumas palavras superficiais com ele, como é comum ocorrer nessas ocasiões.

Em 1994, Roberto Schmidt publicou, pela SAGRA DC LUZZATTO Editores, de Porto Alegre, um livro, de agradabilíssima leitura, na forma de perguntas e respostas, intitulado: "Você e a meteorologia: e o que a TV ainda não disse - acertos, erros e dicas." Via a editora SAGRA DC LUZZATTO, em 1996, escrevi a Roberto Schmidt, que, gentilmente, deu retorno em uma carta repleta de informações e detalhes da empresa que eles haviam criado. Inclusive, enviou como presente os símbolos originais e a logomarca usados pela Torricelli Meteorologistas Ltda.

O tempo passou, e a Torricelli Meteorologistas Ltda. não existe mais. Porém, não há dúvida, foi uma empresa pioneira em seu modo de levar a meteorologia aos veículos de comunicação. E aos pioneiros a história reserva lugar de honra.

Do Jornal
O Nacional

Data : 16/04/2011

Título : Transgressão transgênica

Categoria: Artigos

Descrição: A história dos transgênicos no Brasil é o tema do livro “Transgressão Transgênica”, do jornalista Antônio Luiz Oliveira Heberlê, que é pesquisador da Embrapa Clima Temperado, de Pelotas/RS.

Transgressão transgênica

por Gilberto Cunha

A história dos transgênicos no Brasil é o tema do livro “Transgressão Transgênica”, do jornalista Antônio Luiz Oliveira Heberlê, que é pesquisador da Embrapa Clima Temperado, de Pelotas/RS. Enfoca o discurso midiático, em particular patrocinado pelos jornais do RS, sobre o uso de organismos geneticamente modificados (OGMs) na agricultura; como foi o início do cultivo de soja transgênica, na segunda metade dos anos 1990, que, à margem do ordenamento jurídico vigente no País, encontrou entusiastas e adversários fervorosos. O livro está disponível para download gratuito no sítio Internet da Embrapa Clima Temperado (www.cpact.embrapa.br).

Transgênicos para quem?

Acontece nessa segunda-feira (18), às 19h, no auditório da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, em Porto Alegre (Av. João Pessoa, 52), o lançamento e debate de mais um livro sobre OGMs. Trata-se do “Transgênicos para quem? Agricultura, Ciência e Sociedade”, organizado por Magda Zanoni. Na mesa de debates, que terá coordenação de Lovois de Andrade Miguel (Diretor do IEPE/UFRGS), além da organizadora, participarão Leonardo Melgarejo (membro da CTNBio/Incra), Luiza Chomenko (membro da CTNBio/pesquisadora do Museu Rio-Grandense de História Natural), Paulo Brack (membro da CTNBio/UFRGS) e Marciano Toledo da Silva (representante do Movimento dos Pequenos Agricultores - MPA).

Embrapa – Sob nova direção

A nomeação dos três novos diretores executivos da Embrapa foi publicada no Diário Oficial da União da última segunda-feira (11). São eles: Maurício Lopes, Vania Castiglioni e Waldyr Stumpf Junior. Os três são do quadro de carreira de pesquisa da empresa. Mauricio Lopes, que era coordenador e pesquisador do Labex Coréia, vai ocupar a Diretoria de Pesquisa e Desenvolvimento. Vania Castiglioni era chefe do Departamento de Transferência de Tecnologias da Embrapa e assumiu a Diretoria de Administração e Finanças. E, Waldyr Stumpf Junior, até então Chefe-Geral da Embrapa Clima Temperado, que tem sede em Pelotas, é o novo Diretor-Executivo de Transferência de Tecnologia.

Canola

O cultivo de Canola no Brasil foi tema do Dia de Campo na TV, produzido pela Embrapa, que foi ao ar na última sexta-feira (15) pelo Canal Rural (Net/Sky e Internet). O programa será reproduzido pela TV NBR (canal do governo federal, captada por cabo, parabólica ou Internet) no dia 20 de abril, às 9h10, e reprisado, no dia 22, às 16 horas. O pesquisador Gilberto Omar Tomm, um entusiasta da cultura, foi o entrevistado.

Trigo

A nova norma de classificação comercial de trigo no Brasil, prevista para vigorar a partir da safra 2011, foi, conforme se especulava, efetivamente prorrogada para a safra de 2012. A instrução normativa nº 16, do MAPA, publicada no D.O.U, em 8 de abril, altera para 1º de julho de 2012 o início da vigência das regras de identidade, qualidade, amostragem e rotulagem do cereal, conforme a instrução normativa nº 38/2010. Nesta safra ainda deverão ser obedecidos às denominações e os critérios até então vigentes, para o enquadramento dos trigos nas classes melhorador, pão, brando e outros usos, em vez das novas classes comerciais: melhorador, pão, doméstico, básico e outros usos.

Integração Lavoura-Pecuária-Floresta (iLPF)

Os chamados sistemas integrados estão, cada vez mais, ganhando espaço na agricultura mundial. Este é o caso da integração Lavoura-Pecuária-Floresta (iLPF) no sul do Brasil, cujo projeto de transferência de tecnologia da Embrapa, liderado pelo pesquisador Renato Fontaneli, envolve a realização de 15 unidades de referência tecnológica (URTs), no âmbito do Arranjo Produtivo Local do Leite (APL-Leite), e a participação de 40 escritórios da EMATER-RS, além da Epagri, em SC, e do IAPAR, no PR.

“O professor Claud Goellner e a UPF, com o êxito alcançado nas sucessivas edições do Simpósio Nacional Sobre o Uso da Água na Agricultura, estão construindo uma nova história sobre gestão de recursos hídricos no Brasil.”

O Nacional

Sábado, 16/04/2011

Data : 14/02/2014

Título : Transhumano, demasiado transhumano

Categoria: Artigos

Descrição: Há quem acredite que, a ciência, ao pretender, pela via da biologia sintética, reinventar a natureza, criando praticamente um novo reino, acabará reinventando a nós mesmos.

por Gilberto Cunha

Há quem acredite que, a ciência, ao pretender, pela via da biologia sintética, reinventar a natureza, criando praticamente um novo reino, acabará reinventando a nós mesmos. E que mais que evocar pelo “humano, demasiado humano”, de Nietzsche, acabaremos clamando pelo “transhumano, demasiado transhumano”, seja o que for que nesse novo constructo não natural, carregue junto o prefixo “trans”. Etimologicamente, “trans”, nesse contexto, exprime a ideia de “mais além”, de “exceder”, de elevar-se “acima de alguma coisa”, enfim de “superioridade”. E, sendo a espécie humana, por algumas atitudes, considerada a pior entre os animais, que podemos esperar de um “transhumano”? Pelo menos duas coisas: algo melhor que o melhor dos humanos e algo pior que o pior dos humanos.

Os chamados organismos sintéticos não são diferentes de outras formas de vida, exceto pelo fato de terem sido criados por nós, na busca de melhores soluções para os velhos problemas que afligem a humanidade desde que ela se conhece como tal. A fusão de engenharia (especialmente pelo uso de princípios e visão de processos) com a biologia molecular, criando o que se convencionou chamar de biologia sintética, começou a ser cimentada antes mesmo da descoberta da estrutura do DNA (1953), do código genético (anos 1960) e da tecnologia do DNA recombinante (anos 1970), a partir da publicação, em 1948, do livro de Norbert Wiener, *Cybernetics*. Nessa obra, Wiener estabeleceu a base matemática para a formulação da teoria de sistemas, que define princípios gerais aplicados na descrição (ou em projetos) de qualquer sistema, independente da sua natureza, quer seja biológica, ecológica, física, etc. Entra nesse rol, o uso de organismos criados pela via sintética para a produção de energias limpas, despoluir ambientes, produção de novos materiais como “plástico” de origem vegetal, eliminação de micróbios danosos à saúde humana, por exemplo.

Entre o universo da ficção científica e a realidade do poder da ciência, em biologia sintética, a zona de fronteira é muito tênue. Saindo dos roteiros dos mestres da ficção científica, como Michael Crichton, que criam micróbios

extraterrestres que a cada divisão celular adquirem novas e mais mortais propriedades ou nano robôs que escapam de laboratórios e ameaçam de extermínio a vida, em especial a raça humana, na Terra, regramentos legais, morais e éticos, para a manipulação de organismos sintéticos, são necessários. Ainda que se alegue que organismos sinteticamente produzidos, por algumas exigências específicas de meio de cultura, dificilmente sobreviveriam fora do mundo dos laboratórios ou das biofábricas, o risco de transferência de genes e possíveis alterações no equilíbrio dos ecossistemas não pode ser totalmente ignorado, além da, sempre presente, preocupação com o bioterrorismo. Também não nos serve alegações primárias em conhecimento biológico, tipo as que surgiram quando a primeira geração de organismos geneticamente modificados começou a ser usada em agricultura (o medo da soja transgênica, por exemplo), que com a biologia sintética estariam sendo criadas fitas de DNA que nunca existiram. A cada nova criança gerada, naturalmente, os pais criam fitas de DNA que nunca existiram. Também as bactérias, há cerca de 4 bilhões de anos, trocam genes, criando fitas de DNA que nunca existiram. Portanto, a criação de DNA que nunca existiu parece ser uma característica inerente à vida na Terra.

Indiscutivelmente, a tecnologia nos domínios da biologia aumentou a nossa capacidade de interagir com o universo ao nosso redor, permitindo mudanças radicais em todas as formas de vidas; inclusive na nossa espécie. A tal ponto, que há quem inclua o “transhumanismo” entre as mais perigosas ideias do mundo contemporâneo. Quem pode assegurar que o nosso egoísmo não vai nos levar na busca de um aperfeiçoamento individual (beleza, inteligência, imunidade a doenças, força física, etc.) que acabará criando uma nova espécie, que de tão imprecisa moralmente poderá determinar o nosso fim?

Os limites da biologia sintética não serão definidos pela tecnologia, mas pela ética. A pergunta que teremos de responder não é “o que podemos fazer?”, pois não há limites para essa resposta, e sim “o que devemos fazer?”

Do Jornal

O Nacional

Sexta-Feira, 14/02/2014 às 07:05

Data : 15/08/2014

Título : Tributo a Ottoni de Sousa Rosa

Categoria: Artigos

Descrição: A Comissão Brasileira de Pesquisa de Trigo e Triticale, no seu encontro anual, realizado em Canela/RS, de 5 a 7 de agosto de 2014, homenageou Ottoni de Sousa Rosa, pesquisador científico e empresário...

Sexta-Feira, 15/08/2014 às 07:18, por Gilberto Cunha

A Comissão Brasileira de Pesquisa de Trigo e Triticale, no seu encontro anual, realizado em Canela/RS, de 5 a 7 de agosto de 2014, homenageou Ottoni de Sousa Rosa, pesquisador científico e empresário, pelas contribuições relevantes prestadas ao desenvolvimento da triticultura brasileira contemporânea.

Uma reverência mais que justificada, na visão do todos que têm um mínimo de conhecimento do papel que Ottoni de Sousa Rosa desempenhou (e ainda despenha), numa trajetória que soma mais de 50 anos de trabalho em produção de sementes, administração de pesquisa, gestão empresarial e criação e cultivares, para que a triticultura brasileira atingisse o atual nível de excelência desse começo de século 21.

Ottoni de Sousa Rosa é egresso da turma de engenheiros-agrônomo de 1958, pela Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel/UFPel. Na condição de primeiro aluno da turma, recebeu o diploma das mãos do então presidente da república Juscelino Kubitschek de Oliveira. Logo depois de formado, começou a trabalhar no setor de multiplicação de sementes do Instituto Agronômico do Sul (IAS), em Pelotas, principalmente com trigo. Foi um dos líderes da iniciativa que resultou na organização da produção de sementes no Brasil, a partir das comissões estaduais de sementes do Rio Grande do Sul (CEST-RS) e do Paraná (CEST - PR), das quais foi o primeiro coordenador.

Ao assumir o cargo e diretor substituto do Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuária do Sul (IPEAS), que, na esfera federal, sucedeu o IAS, teve atuação destacada para a transferência do programa de pesquisa de trigo de Pelotas para Passo Fundo, que resultou em ampliação dos trabalhos, aumento da equipe e de recursos. Além de ter influído na transferência da antiga Estação Experimental de Passo Fundo, do distrito de Engenheiro Englert/Sertão, para a Rodovia BR 285, altura do km 294, local onde está localizada a atual sede da Embrapa Trigo.

Pela Universidade Autônoma de Chapingo, México, comprimiu programa de mestrado em melhoramento de plantas, em 1970. Na oportunidade, estreitou o relacionamento com o Centro Internacional de Melhoramento de Milho e Trigo (CIMMYT), especialmente com Norman Borlaug, cujos desdobramentos trariam esse cientista galardoado com o Prêmio Nobel da Paz inúmeras vezes a Passo Fundo, para orientar os rumos da pesquisa de trigo no Brasil.

Entre 1973 e 1974, assumiu a coordenação técnica do Centro de Pesquisa da Federação das Cooperativas de Trigo e Soja do RS (Fecotrigo), em Cruz Alta/RS, organizando um programa de pesquisa em trigo. E, quando da criação da Embrapa, fez parte do grupo de trabalho encarregado da elaboração do anteprojeto de implantação do Centro Nacional de Pesquisa de Trigo (CNPT), formalmente inaugurado, em Passo Fundo, no dia 28 de outubro de 1974, sendo nomeado como o 1º Chefe-Geral dessa unidade de pesquisa.

No comando do Centro Nacional de Pesquisa de Trigo (Embrapa Trigo), Ottoni de Sousa Rosa destacou-se como gestor e liderança científica de escol. Foi ator relevante, como facilitador ou protagonista de elite, para levar a bom termo

propostas de pesquisa inovadoras em trigo, cujos desdobramentos estendem-se até nossos dias.

Inclui-se nesse rol, a iniciativa para o controle biológico de pulgões, a implantação da rotação e culturas como base para o controle de doenças radiculares (podridões), o controle químico de doenças, a implantação de sistemas conservacionista de solo (primeiros trabalhos com o sistema plantio direto), a resistência genética às doenças e a correção de defeitos na criação de germoplasma, a busca de novos tipos de planta e novas pratica de experimentação em melhoramento genético vegetal. Foi um líder, na acepção da palavra, que, pelo trabalho exemplar, atraia seguidores. Em reconhecimento, seria agraciado com o Prêmio Frederico Menezes Veiga, em 1977.

Em 1989, Ottoni de Sousa Rosa, encerrou sua carreira no Embrapa e, como empreendedor competente e homem de visão, criou uma das mais bem-sucedidas empresas privadas de melhoramento genético de trigo no Brasil: OR Melhoramento de Sementes Ltda., que tem sede em Paso Fundo, continuando a contribuir para o desenvolvimento da triticultura brasileira, pela criação de cultivares que primam por qualidade tecnológica e rendimento.

Data : 05/02/2016

Título : Tributo a Robert Remak

Categoria: Artigos

Descrição: Dois gigantes na história da biologia geral (e da medicina em particular), Robert Remak (1815-1865) e Rudolf Virchow (1821-1902)...

Dois gigantes na história da biologia geral (e da medicina em particular), Robert Remak (1815-1865) e Rudolf Virchow (1821-1902), foram protagonistas de uma discussão sobre a autoria da principal descoberta que deu sustentação teórica ao famoso experimento de Louis Pasteur, responsável por sepultar de vez a teoria da geração espontânea, ainda vigente no mundo até o começo da segunda metade do século 19.

Em 1854, Rudolf Virchow foi taxativo na afirmação de que “não havia vida exceto por meio de sucessão direta”, traduzida, um ano mais tarde, no moto latino “omnis cellula e cellula” (todas as células provêm de células) e posteriormente incluída no seu famoso compêndio “Die Cellularpathologie”, que o tornaria famoso mundialmente. O fato é que Rudolf Virchow não fez qualquer menção ao trabalho de Robert Remak, colega da Universidade de Berlim, que apesar de ter sido o responsável pela maior parte do trabalho que dava sustentação a essa afirmação, não havia recebido o merecido crédito. Dizem que, tomado de fúria, Remak escreveu a Virchow sobre o sumário em latim: “Ele aparece como seu sem nenhuma menção a meu nome. Que o senhor se torne ridículo aos olhos

dos instruídos, uma vez que não possui nenhum conhecimento embriológico especializado evidente, é algo que nem eu nem ninguém podemos impedir. Entretanto, caso deseje evitar uma discussão pública da questão, eu lhe pediria para reconhecer imediatamente minha contribuição”; conforme transcrição literal dessa passagem, que pode ser encontrada no livro de Adam Rutherford, “Criação: a origem da vida” (Zahar, 2014, p. 27.).

Remak e também Virchow, apesar dos pesares pelo suposto plágio, estavam absolutamente certos: a vida é feita de células, e as células são geradas unicamente a partir de outras células. Mas, o episódio mencionado, que trata da compreensão da origem de novas células, faz com que alguns considerem Robert Remak uma espécie de herói esquecido da biologia, que ainda aguarda o merecido reconhecimento internacional pela sua contribuição seminal sobre o processo de divisão celular. Outros vêm nesse acontecido um típico caso de discriminação política e racial. Vejamos por que: Robert Remak era um judeu polonês, ainda que tenha vivido a maior parte da sua existência em Berlim. Para obter o cargo que almejava na Universidade de Berlim, teria que deixar de lado suas raízes judaicas ortodoxas e batizar-se cristão. Isso ele nunca fez. E pagou um preço elevado, pois, embora tenha conseguido assumir como assistente e conferencista na Universidade de Berlim, esses eram cargos que não lhe asseguravam laboratório próprio e nem salário. Quase ao mesmo tempo, Rudolf Virchow, nascido no seio de uma abastada família prussiana, ingressou na Universidade de Berlim, onde ambos tornaram-se “colegas”, gozando de todos os direitos e prerrogativas do posto. Virchow não foi um “obscuro plagiador de Remak”, como alguém apressadamente pode depreender desse episódio. Fez sucesso como médico, cientista, político, escritor e estadista, tendo sido descrito como “o Papa da Medicina”, no século 19.

Remak e Virchow foram, cada qual a seu modo, pessoas que deixaram legados relevantes, especialmente na área médica. Rudolf Virchow, ainda que tenha insistido na negação da causa biológica das doenças, com mais notoriedade no caso da tuberculose e o bacilo de Koch, goza de reconhecimento pelo trabalho em epidemiologia e saúde pública. E Robert Remak é autor de contribuições memoráveis em embriologia e na área neurológica, tendo o seu nome associado com estruturas de neurônios, fibras nervosas não mielinizadas e células nervosas do coração.

O filho de Remak, Ernest Juliusz Remak (1849-1912), seguiria a profissão do pai e se tornou um neurologista de relativo prestígio. O seu neto, também chamado Robert Remak (1888-1942), foi um matemático que, lamentavelmente, morreu vitimado pelas atrocidades dos nazistas em Auschwitz.

Data : 24/12/2011

Título : Trigo

Categoria: Artigos

Descrição: Mais relevante que discutir, ou fazer escolhas entre as estimativas de safra da Emater-RS ou da Conab, se é o Rio Grande do Sul ou o Paraná o maior produtor brasileiro de trigo...

Trigo

por Gilberto Cunha

Mais relevante que discutir, ou fazer escolhas entre as estimativas de safra da Emater-RS ou da Conab, se é o Rio Grande do Sul ou o Paraná o maior produtor brasileiro de trigo, em minha opinião, é a busca do entendimento das causas que podem explicar uma produção gaúcha, em 2011, de 2,4 milhões de toneladas e o rendimento médio, frise-se histórico, de 2.746 kg por hectare. Uma condição climática favorável não é a única e nem a mais plausível das justificativas, até porque não foi tão favorável assim. Vale lembrar o excesso de chuva nos meses de inverno, que dificultou a realização da adubação nitrogenada em cobertura e a adoção de medidas de proteção de plantas, com as lavouras apresentando sintomas de amarelecimento causados por deficiência de nutrientes ou por manchas foliares. Inclusive, na ocasião, chegaram a ser ventiladas, nos veículos de comunicação, possíveis quebras de safra. Indiscutivelmente, a primavera é a estação mais crítica para os cultivos de inverno no Rio Grande do Sul. E, em 2011, por uma característica de menor umidade (choveu menos, como é típico nos anos de La Niña) e temperaturas amenas, configurou-se uma condição ambiente que favoreceu a potencialização de rendimento e limitou o desenvolvimento de doenças, especialmente de espigas. O clima, portanto, explica parte desse bom desempenho, mas não a totalidade. O restante pode ser creditado à gestão da produção, com destaque para a competência dos assistentes técnicos e dos tricultores, e, indiscutivelmente, à melhoria de tecnologia de produção de trigo: novas cultivares de trigo e insumos modernos mais eficientes, por exemplo. Que a safra de 2011 sirva para afugentar de vez as Cassandras que, historicamente, vivem rondando (e azarando) a tricultura gaúcha.

Fúnebre cortejo

Leonardo Nunes Nunes é mais um dos jovens talentos locais que, sob os auspícios do Projeto Passo Fundo de Apoio à Cultura, teve o seu livro de estreia “Fúnebre cortejo” lançado na última terça-feira (20). Leonardo, que já era conhecido no meio literário virtual e por contos publicados em jornais, nesse primeiro livro, apesar da juventude, recém entrado no 27 anos de idade, revela-se, segundo o acadêmico Paulo Monteiro, um escritor maduro no gênero da literatura fantástica, mostrando-se um ficcionista do calibre de escritores como

Arthur Machen e H. P. Lovecraft que, assumidamente, o autor tem como ídolos. Contato com Leonardo pelo sítio do projeto Passo Fundo (WWW.projetopassofundo.com.br) ou via o e-mail nunes.dallas@gmail.com.

Metáforas

Em uma das seis conferências que proferiu na Universidade Harvard, em 1967/1968, Jorge Luis Borges tratou exclusivamente de metáforas ou, mais especificamente, do modelo das metáforas comumente usadas. Mesmo sendo algo imperceptível, para a maioria de nós, as metáforas, em geral, seguem a mesma fórmula. É comum o uso de relações entre olhos e estrelas (“Desejaria ser a noite para mirar teu sono com mil olhos”, Platão), mulheres e flores (“Existe uma alma imortal dentro dessa figura belíssima ou é somente um animal com a cor das flores”, Stevenson), rios e tempo (“Ninguém pisa duas vezes no mesmo rio”, Heráclito), vida e sonho (“Somos feitos da mesma matéria que os sonhos”, Shakespeare) e morte e dormir (“A morte é a noite madrugadora”, Heine), por exemplo. A ocasião é propícia e a teoria foi posta: quem sabe você não incorpora o espírito de Shakespeare e cria uma metáfora memorável?

Proteção de Plantas

Estão abertas as inscrições para o “2º Curso de Especialização em Proteção de Plantas”, que tem coordenação dos professores José Roberto Salvadori e Carolina Cardoso Deuner. Trata-se de uma pós-graduação (lato senso), específica em Fitossanidade, com foco em soja, milho e trigo, que será oferecida pela Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária da UPF a partir de 23 março de 2012, com 24 encontros mensais (sexta à noite e sábado pela manhã e à tarde). Informações e inscrições pelo site www.upf.br.

Há ocasiões que não se pode escapar do lugar-comum: FELIZ NATAL!

O Nacional

Sábado, 24/12/2011

Data : 31/12/2011

Título : Trigo e PEP

Categoria: Artigos

Descrição: A suspensão, ainda que temporária, dos leilões de Prêmio de Escoamento de Produto (PEP) e de Prêmio Equalizador Pago ao Produtor (Pepro)...

Trigo e PEP

por Gilberto Cunha

A suspensão, ainda que temporária, dos leilões de Prêmio de Escoamento de Produto (PEP) e de Prêmio Equalizador Pago ao Produtor (Pepro), por suspeita de fraudes, apesar de ser outro momento histórico e das diferenças nos casos concretos, ao mesmo tempo em que praticamente paralisa a comercialização do trigo no País, ressuscita um fantasma do passado, conhecido como “escândalo do trigo papel”, que junto a outras circunstâncias deu causa, nos anos 1960, à intervenção estatal no complexo agroindustrial do trigo no Brasil, via o monopólio da compra e da venda desse cereal sob controle da CTRIN do BB, que perdurou até a abertura comercial de 1990.

A maior batalha travada pelos tricultores gaúchos, após o fim da compra estatal, ano após ano, tem sido com a comercialização. Essa falta de liquidez do trigo para os produtores rurais tem ares surreais, em um país que produz pouco mais de 50% daquilo que consome anualmente. O diagnóstico é conhecido: o RS, pelo parque de moagem instalado, tem condição de absorver ao redor de 1 (um) milhão de toneladas, sendo que, nessas, estão contempladas entre 300 e 400 mil toneladas de trigo importado, para atendimento de especificidade de mesclas de farinha. Assim, tudo que é aqui produzido e excede ao consumo local necessita ser colocado além fronteiras, quer seja dentro ou fora do País, como tem acontecido nas últimas safras. Para isso o PEP tem se constituído em um instrumento de política agrícola do Governo Federal, de apoio à comercialização de trigo, via os leilões da Conab, muito valioso.

Novos mercados

As organizações de produtores de trigo no Brasil têm atuado com veemência quando se trata de cobranças de políticas públicas do Governo Federal, sendo em boa medida seus pedidos atendidos, e de maneira tímida e acanhada no enfrentamento dos fundamentos do mercado, em cujo contexto, sem concessões, graceja a livre iniciativa e a busca legítima de lucratividade nos negócios. Portanto, é inconcebível a relutância e a falta de iniciativa dessas

organizações de produtores para, indo além de pedidos de ajuda oficial, embora seja indiscutível a importância desses pleitos, buscarem novos mercados para o trigo brasileiro. É compreensível, de parte daqueles que teriam seus interesses feridos, a falta de empolgação com essa ideia, mas não de quem vive o dilema de não ter para quem vender o trigo que colhe. Evidentemente, ninguém é ingênuo a tal ponto de supor que a conquista desse novo mercado é algo fácil e simples como aqui está sendo posto. Há que se perscrutar mercados, criar uma identidade para o trigo brasileiro, produzir dentro de padrões de qualidade e competitividade em preços praticados pelo mercado internacional, e, diplomaticamente, num primeiro momento, quem sabe, começar colocando o nosso trigo em negociações comerciais com alguns países que temos saldos deficitários. Estão faltando pleitos, iniciativas e missões diplomáticas e comerciais nesse sentido.

Revista Somando

A edição da Revista Somando de dezembro de 2011 (v.17, n. 177) dá destaque à necessidade de construção de uma nova mentalidade, tanto no processo educacional quanto nos meios empresariais, no País e localmente, para que a inovação tecnológica possa vir a se constituir em um efetivo instrumento de desenvolvimento social e econômico. Desde o editorial, refletindo a posição oficial da revista, passando pela cobertura das mostras de iniciação científica das nossas organizações de ensino até a opinião de convidados, entre os quais o colunista teve o privilégio de colocar o que pensa sobre a matéria, parece que fora do caminho da inovação, abrangendo além da tecnologia também processos e instituições, não temos muitas escolhas, pelo menos que apareçam claramente delineadas no horizonte.

Hitchens

O jornalista Christopher Hitchens deu ares que sabia do fim próximo, na introdução que assinou em 26 de junho passado para o seu novo livro de ensaios, *Arguably*. Disse que alguns daqueles textos foram escritos com a consciência que poderiam ser os últimos. Estava certo: Christopher Hitchens morreu em 15 de dezembro de 2011.

Aos leitores, eis os votos do colunista: FELIZ 2012!

O Nacional

Sábado, 31/12/2011

Data : 01/07/2011

Título : Trigo em canto

Categoria: Artigos

Descrição: Quando hoje à noite (2) o relógio marcar 20h, eu, salvo algum imprevisto de força maior, já sei onde estarei.

Trigo em canto

por Gilberto Cunha

Trigo em canto

Quando hoje à noite (2) o relógio marcar 20h, eu, salvo algum imprevisto de força maior, já sei onde estarei. Antecipo: na plateia do Teatro do SESC – Passo Fundo, para assistir a apresentação do Concerto Nossas Canções, a cargo do Coro Trigo em Canto. A promoção é do SESC – Passo Fundo, com o apoio da Associação dos Empregados da Embrapa Trigo, da Prefeitura Municipal de Passo Fundo, da Gráfica Editora Berthier e da Embrapa Trigo. O valor do ingresso pode ser considerado simbólico para muita gente, mas, certamente, não é o caso de quem dele, por necessidade, irá se beneficiar: 1 (um) kg de alimento não perecível e/ou brinquedo, cujo montante arrecadado será doado às Casas de Acolhimento Institucional da SEMCAS – Secretaria Municipal da Cidadania e Assistência Social, de Passo Fundo/RS.

O Coro Trigo em Canto foi criado em 15 de outubro de 2009, a partir da iniciativa de alguns empregados da Embrapa Trigo. Esse coro, que não tem fins lucrativos, visa ao incentivo do canto como uma expressão de sentimentos e de confraternização entre pessoas. Também se presta para representar a Embrapa de Passo Fundo em solenidades internas e eventos externos. O coro conta com 21 participantes, sendo 18 empregados, um ex-empregado (aposentado) e 2 familiares de empregados da Embrapa. O Coro Trigo em Canto é mantido com recursos dos próprios coralistas e apoio financeiro parcial da Associação dos Empregados da Embrapa de Passo Fundo.

Histórico

A primeira apresentação do Coro Trigo em Canto foi no dia 05 de maio de 2010, quando se apresentou no Workshop “Wheat blast a potential global threat to wheat production”, realizado nas dependências da Embrapa Trigo, envolvendo

a participação de inúmeros visitantes brasileiros e estrangeiros para discutir a ameaça da doença chamada brusone em trigo. Depois: no Encontro de Coros da Igreja Sagrado Coração de Jesus (22/05/2010), na SIPAT e Semana de Qualidade de Vida 2010 da Embrapa Trigo (9/09/2010), na posse da nova chefia da Unidade (8/10/201), no 7º Encontro Regional de Corais na cidade de Fortaleza dos Valos (30/10/2010), no 7º Encontro de Corais em Linha São Paschoal – Selbach (13/11/2010) e, em 17 de dezembro de 2010, o Coro fez a abertura do Concerto de Natal do Coro Resonare, nas dependências da Capela do Colégio Marista Conceição, em Passo Fundo, e, em 23 de dezembro de 2010, 23, na programação de encerramento de ano da Embrapa Trigo Em 2011, retorna com o Concerto Nossas Canções, no Teatro do SESC-Passo Fundo (2 de julho de 2011, às 20h).

Regência

O maestro Ademir de Mello de Camargo é o responsável pela regência do Coro Trigo em Canto.

Coralista

O Coro Trigo em Canto é formado pelos seguintes componentes: Ana Lúcia Maciel Weinmann, Andréa Morás, Carla Cristine Bervian Basso, Elisson Stephânio Savi Pauletti, Ellen Traudi Wayerbacher Rogoski, Fátima Maria de Marchi, Gilberto Omar Tomm, Ivan Rodrigo Neuls, José Pereira da Silva Junior, Juliano G. Garcez, Liciane Toazza Duda Bonatto, Lucy Terezinha Mário e Silva, Marga L. B. Kochhann, Maria das Graças Colli, Maysa Maltzahn Tomm, PauloRoberto Valle da Silva Pereira, Sandra Patussi Brammer, Sandro Brammer, Sandro Nespolo Pires, Sirio Wiethölter e Valdir Rizzardo.

Repertório

No programa do Concerto Nossas Canções, estão contempladas as seguintes músicas: Cio da Terra (Milton Nascimento), Hino ao Rio Grande (Simão Goldman), Felicidade (Lupicínio Rodrigues), Guri (Júlio M Silva/João B Machado), Veterano (Antônio A Ferreira/Éverton Ferreira), Negrinho do Pastoreio (Barbosa Lessa), Amargo (Lupicínio Rodrigues), Caçador de Mim (Milton Nascimento), Ponta de Areia (Milton Nascimento), Canção da Meia Noite (Zé Flávio), Estrela, Estrela (Vitor Ramil) e Ave Maria (autor desconhecido).

O Nacional

Sexta-Feira, 01/07/2011

Data : 06/03/2015

Título : Trigo no Brasil

Categoria: Artigos

Descrição: Ainda que não seja demasiado o exagero de rotular o livro “Cultivares de Trigo Indicadas para Cultivo no Brasil e Instituições Criadoras - 1922 a 2014” como “o catálogo dos catálogos das cultivares brasileiras de trigo”...

Sexta-Feira, 06/03/2015 às 07:18, por Gilberto Cunha

Ainda que não seja demasiado o exagero de rotular o livro “Cultivares de Trigo Indicadas para Cultivo no Brasil e Instituições Criadoras - 1922 a 2014” como “o catálogo dos catálogos das cultivares brasileiras de trigo”, entendendo-se por “brasileiras” tanto aquelas criadas em território nacional quanto estrangeiras introduzidas para cultivo no País, tampouco essa locução superlativa é suficiente para expressar a plenitude da dimensão de valor dessa obra. É mais que um catálogo, mesmo que exerça esse papel ao relacionar todas as cultivares de trigo que, entre 1922 e 2014, foram as protagonistas da construção da história da triticultura brasileira; quer seja pelo cultivo nas lavouras ou pelo uso em programas de melhoramento genético. Ao reler os originais, com a intenção de redigir as notas que dão forma o prefácio da obra, não pude deixar de perceber que, na verdade, tinha diante dos meus olhos a mais bem contada história do melhoramento genético de trigo no Brasil, entre todas as versões que, até então, me foi dada a oportunidade de conhecer.

Simple assim: a mais bem contada história do melhoramento genético de trigo no Brasil! Pois, que eu saiba, nenhuma outra obra reúne tantos detalhes e tamanha quantidade de informações sobre o caminho trilhado geneticamente pela triticultura nacional, até chegar ao padrão de excelência e competitividade dos tempos atuais, quanto esse livro. Há nele muito mais que meramente informações sobre cultivares e suas instituições criadoras. Essas vão desde: nome da cultivar; ano da criação/lançamento/introdução no País; unidade da Federação que foi indicada/cultivada, genealogia (cruzamentos); e instituição criadora, além de outras características botânicas e de interesse geral em agronomia e genética vegetal. Destaque foi dado aos principais avanços alcançados e os principais obstáculos superados via o melhoramento genético de cultivares em trigo no Brasil (tolerância ao Al, ciclo, resistência doenças/pragas, porte/arquitetura de plantas, qualidade tecnológica, etc.), sendo os devidos créditos datados e atribuídos a quem fez por merecer.

A leitura do livro permite a percepção de como foi construída a história do melhoramento genético de trigo no Brasil, com o reconhecimento de pessoas e instituições que deram contribuições relevantes. Pode ser visto, especialmente, como uma espécie de tributo à história daqueles pesquisadores que dedicaram

uma vida melhorando geneticamente (aperfeiçoando) os trigos brasileiros e também àqueles que continuam a trabalhar nesse terceiro milênio, levando adiante o desafio de aumentar a produção de trigo no Brasil e no mundo.

O livro é mais que a história do melhoramento genético de trigo no Brasil (pessoas, instituições e cultivares), ainda que isso represente a sua essência. Ao retratar, como nunca antes, a origem das cultivares brasileiras de trigo e suas relações com outros trigos no mundo, mostra a formação e a diversidade do pool genético dos trigos nacionais, tornando-se leitura indispensável para quem se propõe a fazer a ligação entre o melhoramento genético convencional, cujos frutos do passado e do presente tomaram a forma das 547 cultivares citadas nessa obra, com os novos métodos da biologia molecular.

Por fim, cabe dizer que o livro é a prova cabal da relevância que, em tese, sempre se atribuiu ao sinergismo que resulta da interação entre a senioridade, representada por Cantídio Nicolau Alves de Sousa, e a juventude, expressa na pessoa do pesquisador Eduardo Caierão, na boa prática científica. O primeiro pesquisador dedicou parte expressiva da sua vida profissional à construção dessa obra singular e o segundo teve a visão e a competência, deixando sua marca indelével, ao levar adiante, com o devido respeito e a merecida reverência pelo trabalho que havia sido previamente realizado, a tão aguardada atualização desse livro.

Data : 24/05/2019

Título : Tristes e alegres trópicos

Categoria: Artigos

A região tropical, independentemente de qualquer determinismo geográfico, pode ser vista como “triste” ou como “alegre”. Isso vai depender da visão/escola antropológica de quem a descreve e da obra que se use como referência para este tipo de análise. Especificamente sobre os trópicos brasileiros, Claude Lévi-Strauss (1908-2009) e Luiz de Castro Faria (1913-2004) são dois nomes que se unem, a partir de uma mesma expedição/experiência, e se dividem em duas publicações que, apesar dos pontos em comum, produzidas em momentos diferentes, deixam aos leitores visões diametralmente opostas. Discutir a relação dos grupos indígenas com o clima nos trópicos brasileiros, com base em relatos de “Tristes Trópicos”, de Lévi-Strauss, e de “Um outro olhar: Diário da Expedição à Serra do Norte”, de Castro Faria, valendo-se do ensaio de Heloisa Maria Bertol Domingues, “Rain and drought: seasons in the Tristes Tropiques”, de 2009, é o objetivo deste texto.

Claude Lévi-Strauss e Luiz de Castro Faria tinham em comum a mesma racionalidade que marcou o início da antropologia social e cultural. Lévi-Strauss é, internacionalmente, mais conhecido que Castro Faria. Ele é considerado fundador de uma nova antropologia, quando, comparando diferentes culturas, buscou identificar mais os traços que as uniam do que aqueles que as distanciavam. Foi então que descobriu que há estruturas de comportamento que são universais nas sociedades humanas, desde as tidas como primitivas até as consideradas mais avançadas.

Quando, em 1938, organizou, sob sua liderança, uma expedição para região da Serra do Norte, no estado de Mato Grosso, com o objetivo de estudar o dia a dia de grupos indígenas e sua relação com o ambiente, Lévi-Strauss, trabalhando na sua tese de doutorado, relutou em aceitar a presença de outro etnólogo no grupo, Luiz de Castro Faria. Mas não houve jeito, o nome de Castro Faria foi imposto pelo Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas. E assim, com o mesmo objetivo, mas com equipamento fotográfico e material de anotação independente, fato, diga-se, bastante comum na comunidade científica, partiram os dois para a já referida expedição, que durou seis meses. Começou em Cuiabá/MT e rumou pela floresta amazônica até Guajaramirim, na divisa com a Bolívia. Lévi-Strauss, neste ponto, deu por encerrada a expedição. Castro Faria, de lá, ainda seguiu até Belém/PA.

O resultado mais conhecido da expedição Serra do Norte é o livro “Tristes Trópicos”, publicado por Lévi-Strauss em 1955. Castro Faria, em 2001, lançou o seu “Um outro olhar: Diário da Expedição à Serra do Norte”. São dois livros emblemáticos, pois tratam o tema da relação entre cultura social e ambiente de forma inovadora, num momento que a antropologia estava sendo redefinida. Os questionamentos que ambos levantaram ainda permanecem atuais.

Tristes Trópicos é dividido em duas partes. Primeiro mostra os contrastes entre os hemisférios Norte e Sul e entre países. Depois compara os grupos indígenas visitados. Lévi-Strauss observou e dá destaque à violência do homem com o ambiente. Ele queria compreender o homem primitivo em comparação com o civilizado, como enfatizou, mas finalizou a expedição com a certeza de ter encontrado apenas diferentes culturas sociais. O livro de Castro Faria é, propriamente, mais um relato ou espécie de diário da expedição. Porém não deixa de revelar uma ecologia antropológica em profundidade, por meio da relação dos indígenas, particularmente os Nambiquaras, e suas estruturas sociais com o ambiente.

Lévi-Strauss e Castro Faria identificaram que os nativos adaptaram o ambiente tropical, marcado por duas estações (seca no inverno e chuvosa no verão), definindo duas regiões, uma quente (seca) e outra úmida, às suas necessidades, via prática de queimadas, por exemplo, que foi vista por ambos como uma agressão ao ambiente. Aliás, reforçando a conclusão de Lévi-Strauss, não só os indígenas, mas também pretensos civilizados até hoje queimam a floresta.

Data : 26/10/2018

Título : Um brinde, Minella!

Categoria: Artigos

Ignoro se, em algum lugar do mundo, no meio de conversações animadas de mesa de bar, com pilhas de bolachas de chope ou de garrafas vazias enfileiradas ao redor, ou por ocasião do delicado processo de harmonização de uma comida especial com uma cerveja artesanalmente produzida com esmero de ourives, algum dia, alguém tenha lembrado de erguer um brinde aos responsáveis pela inovação da matéria-prima que é a base dessa bebida milenar: a cevada. Até porque, a maioria de nós, não faz a menor ideia de quem sejam as pessoas que, no dia a dia, se dedicam a melhorar geneticamente a planta de cevada, de cujos grãos é derivado o malte que, em última instância, é o principal ingrediente da tão apreciada bebida. De certa forma, ainda que simbolicamente, esse tipo de brinde que faltava, foi erguido pela AmBev, que, no dia 20 de outubro desse ano, concedeu a Euclides Minella, pesquisador responsável pelo programa melhoramento genético de cevada na Embrapa, a distinção PERSONALIDADE 2018, como reconhecimento pela sua contribuição para o negócio cevada no Brasil.

Afinal, você que aprecia cervejas especiais e chopes cremosos, e, não raro, se alça ao papel de mestre-cervejeiro produzindo a sua marca própria de cerveja, sabe quem é Euclides Minella e o que ele fez para merecer essa honorável deferência da AmBev? Muito provavelmente, não. Então, permita-nos apresentá-lo.

Euclides Minella é engenheiro-agrônomo formado pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM (1974), cumpriu programas de mestrado (M.Sc.), na University of California/Davis (1979), e de doutorado (Ph.D.) em melhoramento genético vegetal na Cornell University (1989). Ingressou na Embrapa em 1975. Iniciou trabalhando com trigo, em Passo Fundo, e, durante breve passagem, atuou no Cerrado, em Planaltina, DF. Mas, indiscutivelmente, foi o trabalho de Euclides Minella, à frente do programa de melhoramento genético de cevada da Embrapa, ao primar pela criação e cultivares adaptadas ao ambiente brasileiro, com foco em produtividade elevada, resistência a doenças, tolerância a estresses abióticos e perseverar na indefectível aptidão cervejeira, que o levou a merecer a distinção de PERSONALIDADE 2018, dada pela AmBev.

O programa de melhoramento genético de cevada da Embrapa, como parte do “Programa Nacional de Auto-Suficiência (sic) de Cevada e Malte”, criado, em 1976, pelo Governo Federal, teve início em 1977. Desse trabalho, saíram as cultivares BR 1, que não alcançou padrão cervejeiro e, portanto, não chegou a ser usada em lavouras comerciais, e a BR 2, a primeira cultivar efetivamente cervejeira da Embrapa. Ao todo, Minella participou da criação de 29 cultivares de cevada, pela Embrapa, e mais nove em parceria com a AmBev. No elenco de cultivares elite, que ocuparam e ainda ocupam lugar de honra nas lavouras brasileiras: BR 2; Embrapa 43; BRS 180; BRS 195; BRS Brau; BRS Cauê; BRS Elis; BRS Sampa; BRS Manduri; e BRS Itanema.

Euclides Minella também foi Chefe-Geral da Embrapa Trigo, entre 04/08/1990 e 10/05/1995. Nesse período, destacam-se como principais legados da sua gestão: o primeiro Plano Diretor da Unidade; a primeira norma de identidade e qualidade do trigo brasileiro; o primeiro curso de pós-graduação stricto sensu em Passo Fundo (Mestrado em Agronomia, parceria Embrapa-UPF); e o projeto METAS, que impulsionou a transferência de tecnologia para o sistema plantio direto no sul do Brasil.

O consumo de malte no Brasil, somente pelas cervejarias, é estimado em 1.300.000 toneladas por ano. Desse montante, produzimos cerca de 560.000 toneladas (43%), usando cevada nacional (40%) e importada. A produção de toda a cevada e malte que o País necessita seria possível com o cultivo de 660.000 ha, admitindo-se rendimento médio de 3 t/ha e quebra de 20%, e a duplicação da capacidade da indústria de malteação. Esses números indicam o quanto ainda nos falta para o atingimento da meta da autossuficiência planejada em 1976. Euclides Minella permanece luta para que essa meta seja atingida. Ein Prosit, Minella!

Data : 03/04/2015

Título : Um homem genial e nada humilde

Categoria: Artigos

Descrição: Mesmo entre os iniciados nas ciências biológicas, poucos são os que prestam a devida atenção (ou homenagem) àquela letra “L” que costuma...

Sexta-Feira, 03/04/2015 às 07:18, por Gilberto Cunha

Mesmo entre os iniciados nas ciências biológicas, poucos são os que prestam a devida atenção (ou homenagem) àquela letra “L” que costuma, sem maiores cerimônias, ser colocada depois dos nomes científicos de plantas e de animais, inclusive da nossa própria espécie: *Homo sapiens* L. Trata-se de uma referência ao médico e botânico sueco Carl Linnaeus (1707-1778), que assinava seus trabalhos em latim (o idioma culto da época) como Carolus Linnaeus e, após 1761, quando ganhou um título de nobreza, Carl von Liné, ou, simplesmente Lineu, como aprendemos em português, que, dotado de um senso prático ao extremo, estabeleceu os princípios básicos de classificação dos seres vivos.

Lineu é considerado o “Pai da Taxonomia”. O sistema de classificação preconizado por ele é usado ainda hoje (com muitas mudanças, evidentemente). Suas idéias influenciaram várias gerações de biólogos. Era filho de um pastor luterano, mas não seguiu carreira religiosa. Resolveu estudar medicina na Universidade de Lund em 1727, transferindo-se depois para Upsala. Ele gostava mesmo era de coletar e classificar plantas. Ao longo de sua vida, publicou 70 livros e 300 artigos científicos (uma produção invejável). O começo de tudo foi a obra *Systema Naturae*, de 1735, que, em onze páginas, propunha um sistema de classificação para os seres vivos, e acabaria tendo várias reedições, com vistas a contemplar a inclusão de novas espécies (a espécie humana apareceria na 9ª edição, como *Homo diurnis*). O *Systema Naturae* transformou-se de um simples panfleto em uma obra de muitos volumes. Isso aconteceu à medida que estudantes, sob orientação de Lineu e financiamento do governo sueco, eram enviados para várias partes do mundo, com a finalidade de descrever novas espécies e coletar exemplares.

O sucesso do método proposto por Lineu reside na praticidade (permite identificar uma espécie em meio a tantas). O uso do binômio gênero e espécie, em uma época de domínios monárquicos hierarquizados, foi facilmente aceito nos meios acadêmicos. Isso traria fama e respeito a Lineu, que passou a comandar o Jardim Botânico de Upsala, organizando coleções de plantas que ainda servem de base para jardins botânicos de todo o mundo. Todavia, houve quem contestasse o trabalho. O método, baseado nas estruturas reprodutivas, não foi aceito pela Igreja. O botânico alemão Johann Siegesbeck, que até então podia ser considerado amigo de Lineu, foi o maior oponente, engrossando o coro dos que rotulavam o sistema proposto de repugnante e imoral (por conotações de sexualidade). Lineu não perdoaria Siegesbeck. Para se vingar, deu o nome de *Siegesbeckia* para uma insignificante e inútil planta daninha nativa da Europa (gênio!). Também nas suas publicações, na relação dos botânicos europeus de destaque, Lineu colocava o seu nome em primeiro lugar (o príncipe dos botânicos) e o de Siegesbeck na última posição.

Os últimos anos de vida de Carl Lineu foram marcados por um pessimismo exacerbado e períodos de depressão. Tinha uma visão de religiosidade centrada no castigo divino (culpa e punição). Morreu em 1778 e foi sucedido na cátedra em Upsala pelo filho que também se chamava Carl Lineu. Porém, este não alcançaria a notoriedade do pai e morreria cinco anos depois. Quando isso aconteceu, a mãe e a irmã venderam o acervo particular de Lineu (incluindo manuscritos) para Sir James Edward Smith, cientista e colecionador inglês, que viria a fundar, em 1788, a Linnean Society em Londres (uma das mais prestigiosas sociedades científicas do Reino Unido) para tomar conta do legado de Carl von Liné.

Lineu não era um homem que primava pela humildade. Ao contrário, tinha uma noção muito clara de competência, demonstrando certa arrogância, quando, ciente do valor do seu método de classificação dos seres vivos, costumava dizer: “Deus fez, Lineu organizou”.

Data : 19/07/2019

Título : Um homem iluminado em um dia de graça

Categoria: Artigos

Descrição: Ler Shakespeare e escutar Mozart, segundo uma velha mística vitoriana, pode ajudar o homem a se tornar um SER melhor.

Um homem iluminado em um dia de graça

Ler Shakespeare e escutar Mozart, segundo uma velha mística vitoriana, pode ajudar o homem a se tornar um SER melhor. Isso não necessariamente é uma verdade, pois, entre os amantes de Shakespeare e Mozart, também há aqueles capazes de cometer atrocidades. Mas, se não melhorar o ser humano na sua plenitude, esse tipo de hábito, pode, pelo menos, ajudá-lo a se tornar mais completo. Então, guardadas as proporções, ler Cafruni e escutar Teixeira, não tornaria um passo-fundense mais completo?

Escutar Teixeira – Gaúcho de Passo Fundo – nunca foi uma impossibilidade para ninguém. Todavia, não se pode dizer o mesmo sobre ler Cafruni, especialmente o clássico Passo Fundo das Missões – Estudo Histórico do Período Jesuítico. Essa obra, originalmente publicada em 1966, pode ser considerada uma raridade e uma paixão entre os bibliófilos locais. Pela sua importância, carecia, há muito tempo, de ser reeditada. Felizmente, essa lacuna ora está sendo sanada. Por trás desse lançamento, Paulo Monteiro.

Não é de hoje que Paulo Monteiro clama pela reedição da obra magna de Jorge Edeth Cafruni. Em 2007, quando das comemorações dos 150 anos de emancipação político-administrativa do Município, ele veio a público destacar a urgência e a necessidade de reedição dessa obra basilar para o entendimento da nossa história. Seu chamamento não fez eco e o livro do Cafruni continuou sendo uma relíquia nas mãos de poucos afortunados.

Em 2019, com a conspiração favorável dos astros, tudo mudou. Eis uma história que precisa ser melhor conhecida. A programação da solenidade de abertura do ano-acadêmico 2019 da Academia Passo-Fundense de Letras, realizada no dia 4 de abril desse ano, incluía, além das comemorações dos 81 anos do sodalício das letras locais, também a entrega da Menção Honrosa Francisco Antonino Xavier e Oliveira, para Luiz Juarez Nogueira de Azevedo, Santo Claudino Verzeletti e José Ênio Serafini, da Comenda do Mérito Cultural Sante Uberto Barbieri 2019, para a artista plástica Miriam Postal, e uma oração alusiva ao

Instituto Histórico de Passo Fundo. Pelo protocolo original, eu fora encarregado da fala sobre Instituto Histórico de Passo Fundo e sua relação com a Academia Passo-Fundense de Letras. Mas, por compromissos profissionais que surgiram de última hora, no final da tarde daquele dia, temeroso de um possível atraso, abduquei da incumbência e solicitei ao acadêmico Paulo Monteiro que me substituísse na tribuna.

Paulo Monteiro, com a amabilidade que lhe é peculiar, não se furtou da tarefa. Produziu uma peça com sua marca de qualidade e, enquanto discorria sobre o Instituto Histórico de Passo Fundo e o seu mentor, o jornalista Jorge Edth Cafruni, ao mencionar o livro Passo Fundo das Missões – Estudo Histórico do Período Jesuítico, deixou de lado o discurso pronto e se dirigiu ao prefeito Luciano Palma de Azevedo, que fazia parte da mesa de autoridades, frisando, “Inclusive, Senhor Prefeito, eis uma obra que precisa ser urgentemente reeditada!” Naquela noite Paulo Monteiro, na sua aparência de profeta bíblico, parecia um homem iluminado em um dia de graça. O prefeito Luciano Azevedo, que prima pela percepção de tomar de plano decisões relevantes, não se furtou da incumbência e determinou ao secretário da cultura, José Henrique Fonseca, que assim procedesse.

Decisão de reedição tomada, irmanaram-se a Academia Passo-Fundense de Letras, o Instituto Histórico de Passo Fundo e a Prefeitura Municipal de Passo Fundo, para levar a bom termo a empreitada. O lançamento está marcado para o dia 7 de agosto de 2019, às 19h30, na sede da Academia Passo-Fundense de Letras (Av. Brasil Oeste, 792).

Em relação a Paulo Monteiro, eu insisto nisso, ainda cabe o devido reconhecimento pelo muito que ele, como poeta, historiador, cronista e publicista, tem feito pela cultura local. Um homem que prima pelo conhecimento universal e pela humildade. Se eu tivesse a metade da cultura do Paulo Monteiro, eu me tornaria INSUPORTÁVEL. Um beijo na tua alma, Paulo!

Data : 08/02/2019

Título : Um homem ortodoxo e católico

Categoria: Artigos

Gilbert Keith Chesterton (1874-1936) foi mais que um poeta, mais que um romancista, mais que um ensaísta e mais que um jornalista - expressões que comumente aparecem em suas biografias. Este escritor britânico, que viveu intensamente o final da Era Vitoriana (1837-1901) e as primeiras décadas do século XX, personificou, como poucos, na prática, que é ser “ortodoxo” (ter uma visão correta das coisas) e que é ser “católico” (ser universal), conforme

significado original destas palavras de origem grega. E, pela tradição ocidental, aquele que se empenha em ter uma visão ortodoxa e católica das coisas é (ou era) denominado de filósofo. É com base nesta argumentação que o professor Scott Randall Paine, no livro “Chesterton e o Universo” (Editora da UnB, 2008), mesmo que outros não aceitem, não hesita em classificá-lo como filósofo. Afinal, dá ênfase Scott Randall Paine, a filosofia e o cristianismo são afins, pois ambos falam do “logos” (o verbo). A primeira considera o “logos” por que o mundo foi feito e o segundo acredita no “Logos” por quem o mundo foi salvo.

A obra de Chesterton, dependendo do título e do tema, pode ser enquadrada como reflexão social, crítica literária e teologia e religião. São exemplos de cada um destes tipos: *Heretics* (1905), *Charles Dickens* (1906) e *Orthodoxy* (1908), respectivamente. Foi um mestre no uso do paradoxo e do humor, criando o estilo chestertoniano de escrever, dotado de uma singularidade especial. A série do Padre Brown, que tem como protagonista um sacerdote detetive, envolvido com a solução de questões policiais, denota o talento de G.K.C. para criar um mundo fantástico e bizarro, em que os personagens dão voz às opiniões metafísicas do autor.

No livro *Heretics*, publicado em 1905, Chesterton expôs aquilo que chamou de irracionalidades dos “hereges da virada do século” e incluiu neste grupo Bernard Shaw, H.G. Wells e Rudyard Kipling. Desnecessário dizer que Shaw, Wells e Kipling eram inimigos intelectuais de Chesterton. Talvez não existisse ninguém tão contra tudo aquilo que Chesterton defendia quanto H.G.Wells. Mas, até mesmo Wells, possivelmente ironizando, considerou a terrível chance de que a fé cristã pudesse ser, no final das contas, verdadeira. Em 1933, numa carta para Chesterton, Wells assim se expressou: “Se depois de todo meu ateísmo tudo der errado e sua teologia estiver certa, sinto que poderei ser capaz de ingressar no Céu (se eu quiser) como amigo de G.K.C. Deus o abençoe”.

Orthodoxy, de 1908, é um livro sobre a apologética cristã. Segundo alguns, essa obra levaria Chesterton a abraçar de vez a causa da Igreja de Roma, convertendo-se, em 1922, ao catolicismo, quando então se revelou um dos mais ardentes defensores da fé católica. E, não se pode ignorar, que ser católico na Inglaterra, naquela época (e ainda hoje), era pertencer a uma minoria religiosa e de oposição.

O ensaio sobre Santo Tomás de Aquino (*St. Thomas Aquinas*, de 1932) é considerado, por alguns tomistas, como um dos melhores livros já escritos sobre esse ícone medieval da Igreja Católica. Chesterton conseguiu interpretar e dar voz ao Doutor Angélico do único modo que ele poderia de ser lido e interpretado no século XX. Ou seja, a partir do contexto da cultura cristã, na qual ele escreveu a “*Suma Teológica*” e a “*Suma contra os Gentios*”, e da qual alimentava a sua vida imaginativa e mítica.

A pedra de toque de toda reflexão filosófica é o universo. E poucos escritores foram tão universais quanto Gilbert Keith Chesterton. Em razão disso, uns, conforme expressão do professor Scott Randall Paine, cederam candidamente à tentação de chamar Chesterton de filósofo. Outros ainda objetam, não sem razão, alegando que os filósofos se dedicam à filosofia e não à literatura, a escrever tratados e não poemas, romances e ensaios, bem como publicam seus trabalhos em periódicos eruditos e não em jornais diários. Com estes últimos, Chesterton, possivelmente, não se importaria, pois nunca quis ser mais que jornalista e porta-voz do homem comum.

Data : 30/11/2012

Título : Um leitor a menos

Categoria: Artigos

Descrição: Foi nas páginas do Diário da Manhã, edição de 21 e 22 de janeiro de 2012 (sábado e domingo)...

GILBERTO R. CUNHA

Foi nas páginas do Diário da Manhã, edição de 21 e 22 de janeiro de 2012 (sábado e domingo), que, circunstancialmente, no início da noite da terça-feira seguinte (24), enquanto aguardava a vez de cortar meus cabelos no salão do Elton, na Rua XV de Novembro, deparei-me com o insólito convite para a missa de 7º dia do Sr. Vidal Corá. A singularidade desse nome (bem provável que não existia outro igual em Passo Fundo), fez, de pronto, que eu me lembrasse de um senhor de aparência tranquila, o qual, com a serenidade conferida pelos anos vividos, um dia, no corredor de um supermercado local, perguntou se eu era o Gilberto Cunha. Diante da resposta afirmativa, disse ser leitor assíduo e apreciador das colunas que eu escrevia no jornal O Nacional, além de tecer outros comentários amáveis que, no dia a dia de quem escreve, sem outra pretensão que não seja ser lido, são detalhes gratificantes.

Nas feiras do livro de 2009 e 2011, lancei, respectivamente, os livros “Galileu é meu pesadelo” e “A ciência como ela é...”. Nas sessões de autógrafos, ele foi o primeiro da fila. Em ambas, quando eu cheguei, ele já estava lá com o seu exemplar na mão, gentil e discreto como sempre.

Um escritor de poucos leitores consegue identificar, praticamente pelo nome, e ser grato ao seu público fiel. Em outra meia dúzia de ocasiões, trocamos cumprimentos em encontros fugazes, por locais públicos da cidade. A última vez

foi na sexta-feira, 6 de janeiro de 2012, na Estação Rodoviária de Passo Fundo. No meio da tarde daquele dia, fui acompanhar meu filho, que embarcava às 15 h para Porto Alegre. Na plataforma de embarque, encontrei o Sr. Vidal Corá e esposa que, casualmente, também tomariam o mesmo ônibus para a capital.

Nesse íterim, conversamos um pouco e eu lhe prometi uma coleção da revista “Água da Fonte”, editada pela Academia Passo-Fundense de Letras, que deixei, no outro dia, no endereço indicado por ele. Não sei se ele teve tempo de receber o presente, pois desconheço as circunstâncias da sua morte. Lembro de ele ter comentado, ainda na rodoviária, antes da despedida, que havia estado no Paraná recentemente e, algo enigmático, que “ia fazer mais um passeio, enquanto a saúde permitia”.

Essa coluna é o meu tributo de escritor ao leitor Vidal Corá. Sei e reconheço que o ato da escrita, por mais árduo que aparente ser, nunca é igual ao ato da leitura. Escrever pode ser mera obrigação profissional, ou simplesmente para cumprir o prazo de fechamento da edição de O Nacional, por exemplo, como fiz ao longo de muitos anos. A leitura, nesse caso concreto de Vidal Corá, em relação ao colunista Gilberto Cunha, é do tipo voluntária, resignada, sem qualquer obrigatoriedade em si mesma, portanto, algo nobre e digno de respeito.

Idolatra-se o escritor e se esquece o leitor, como sói acontecer. Sou consciente disso, pois escrevo, profissionalmente, como pesquisador da Embrapa, e, voluntariamente, por satisfação e desafio pessoal, para alguns jornais e revistas de divulgação científica. Antes de qualquer coisa, sou um leitor que, além das ciências agrárias, cuja atuação profissional exige leituras nem sempre agradáveis, escolho, deliberadamente, obras e autores para serem lidos ou não.

O assunto escolhido, quando sentei diante do computador para escrever, era para ser sobre “Voodoo Science”, na acepção do caminho pavimentado para a estultice e a fraude na prática científica, conforme estabeleceu o físico Robert Park, em obra homônima. Deixei para outra ocasião. O inusitado fez com que o texto tomasse outro rumo. Embora nunca tivesse convivido com o Sr. Vidal Corá, fato que não me credencia para dizer qualquer coisa, até por completo desconhecimento, em relação à sua pessoa, rendo, nesta coluna, meus respeitos à esposa Maria de Lurdes, ao filho Marco e aos demais familiares, reafirmando que os elogios dele, pela sinceridade que transpareciam, sempre me fizeram muito bem.

O tema nos conduz à reflexão sobre duas datas aparentemente abstratas, nascimento e morte, sobre as quais não exercemos ingerência maior. A primeira, inquestionavelmente, não depende de nós. A segunda, até certa medida, pode contar com a nossa cumplicidade. Mas, como desconhecemos o que sobrevém à morte, sempre fica a esperança borgeana de que se pode viver uma experiência nova. Inclusive, em não havendo nada, isso também pode ser uma experiência nova.

Infelizmente, para concluir, sei que esse texto tem um leitor a menos.

(Gilberto R. Cunha é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Data : 10/02/2011

Título : Um passo além do desenvolvimento sustentável

Categoria: Artigos

Descrição: Desenvolvimento sustentável, a par do princípio da precaução que foi analisado neste espaço na quinta-feira passada (3), é outro conceito, hoje, indissociável de qualquer discussão política sobre o tema da mudança do clima global. Embora idolatrada por uns (mas também execrada por outros), a sua definição mais tem se prestado ao papel de exortação moral que qualquer outra finalidade. É mais um lema que um conceito analítico.

Um passo além do desenvolvimento sustentável

Desenvolvimento sustentável, a par do princípio da precaução que foi analisado neste espaço na quinta-feira passada (3), é outro conceito, hoje, indissociável de qualquer discussão política sobre o tema da mudança do clima global. Embora idolatrada por uns (mas também execrada por outros), a sua definição mais tem se prestado ao papel de exortação moral que qualquer outra finalidade. É mais um lema que um conceito analítico.

A expressão desenvolvimento sustentável (ou durável) foi popularizada a partir do relatório de 1987 da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento – mais conhecido como Relatório Brundtland, haja vista que a conferência que deu origem a este documento foi presidida pela então primeira ministra norueguesa Gro Harlem Brundtland. Em linhas gerais, foi caracterizado como o tipo de desenvolvimento que atende às necessidades do presente sem comprometer a capacidade das futuras gerações em terem também atendidas as suas necessidades. Um jogo de palavras, aparentemente bem conectadas em uma frase bonita, mas que, em termos operacionais, não diz absolutamente nada. Inclusive, alguns aspectos semânticos inerentes às palavras desenvolvimento e sustentabilidade são nitidamente contraditórios. Enquanto desenvolvimento implica em dinamismo e mudança, por sua vez sustentabilidade denota continuidade e equilíbrio. E isso, possivelmente, é que faz com que comunguem nesse enfoque, tanto ambientalistas ferrenhos, atraídos pela palavra sustentável, quanto capitalistas fervorosos, que vislumbram no desenvolvimento não mais que uma oportunidade de ganhos financeiros no curto prazo.

Há, subjacente ao Relatório Brundtland, o reconhecimento tácito de que o crescimento econômico é algo necessário para trazer prosperidade aos ditos países em desenvolvimento. As nações mais pobres devem ter a oportunidade de se tornarem mais ricas; que significa de se desenvolverem economicamente. E isso, em certa medida, quando a discussão é o controle de emissões de gases causadores do efeito estufa, pode ser interpretado como uma “espécie de licença para poluir”, que estaria sendo concedida pelos ricos aos pobres. Na realidade

não é bem assim, pois, nesta área, não tem havido qualquer concessão desinteressada dos países mais desenvolvidos economicamente.

Muitos autores têm optado por não definir desenvolvimento sustentável, dando preferência à formulação de um aglomerado de metas. Este foi o caso de Willian Lafferty e James Meadowcroft, que, em *Implementing Sustainable Development*, afirmaram que desenvolvimento sustentável significa “uma preocupação interdependente com a promoção do bem-estar humano, a satisfação das necessidades básicas, a proteção do meio ambiente, a consideração para com o destino das futuras gerações, a conquista da igualdade entre ricos e pobres e a participação numa base ampla no processo decisório”. Eis mais um exemplo em que buscando abranger muito não se consegue abarcar nada.

Desenvolvimento também tem sido considerado numa mera acepção de crescimento econômico, medido pelo PIB. Ou ainda, mais raramente, como referência estrita aos processos econômicos que tiram as pessoas da pobreza (inclusão social). O uso do PIB tem limitações, pois foi inventado como indicador do tamanho de uma economia e não de bem-estar social; embora seja amplamente usado para essa última finalidade. Há outros indicadores, como o Índice de Bem-estar Econômico Sustentável e o Índice de Sociedade Sustentável, que se prestam para uma aferição melhor da realidade social que o PIB. Pode ocorrer, por exemplo, que um país com um bom histórico de crescimento econômico, mensurado pelo PIB, venha regredindo em termos de bem-estar da população.

Na discussão de uma política da mudança climática, como prega Anthony Giddens, professor emérito da London School of Economics, temos de abandonar o princípio da precaução e o conceito de desenvolvimento sustentável. O primeiro deve ser substituído por análises de riscos estruturadas conforme especificidades locais e tecnológicas. E o segundo deve incorporar, no enfoque de desenvolvimento, a superação do contraste que há entre as sociedades desenvolvidas e em desenvolvimento. Inclusive, podendo fazer sentido uma política de não crescimento para os países industrializados.

Do Jornal

O Nacional

10 de Fevereiro de 2011

Data : 02/08/2010

Título : Um problema que cresce

Categoria: Artigos

Descrição: Acabar com a fome no mundo (ou apenas reduzir, como consta nas metas do milênio) ainda é um dos maiores desafios da humanidade, embora nem sempre pelas razões que muitos imaginam.

Um problema que cresce

por Gilberto Cunha

· Um problema que cresce

Acabar com a fome no mundo (ou apenas reduzir, como consta nas metas do milênio) ainda é um dos maiores desafios da humanidade, embora nem sempre pelas razões que muitos imaginam. Produzir alimentos para nove bilhões de seres humanos em 2050, pelos avanços tecnológicos dos últimos anos, até que não é difícil. A principal questão é como fazer isso dentro de um custo aceitável para o planeta. Fazer isso, sem aumentar a exploração dos recursos naturais, particularmente água, será muito difícil.

Em 2009, conforme estimativas, ultrapassou-se, pela primeira vez na história, a barreira de mais de um bilhão de pessoas no mundo com problemas de alimentação o (fome e/ou subnutrição). Gente que ingere, diariamente, menos alimento (energia) que o mínimo necessário para uma vida saudável e digna. E não é porque não existe alimento suficiente para todos. A razão é que essas pessoas são pobres, muito pobres! Inclusive, cerca de 30% dos alimentos produzidos, na atualidade, são desperdiçados (figurada ou literalmente, jogados no lixo). A maioria dos famintos vive na África subsaariana e os subnutridos são encontrados em maior número na Ásia.

· Intensificação da agricultura

A área cultivada no mundo poderia ser mais do que duplicada pela adição ao uso de mais 1,6 bilhão de hectares (a maior parte na América Latina, entenda-se Brasil, e na África), conforme divulgado pela FAO em 2009. Isso poderia causar sérios danos aos ecossistemas naturais e se converter em ameaça à preservação da biodiversidade. No lugar de aumento de área cultivada, que, indubitavelmente, pressiona os recursos naturais, parte da comunidade científica internacional, que atua nas ciências agrárias, tem defendido a intensificação sustentável da agricultura (produzir mais na mesma área), por meio da ciência, da tecnologia e da inovação. Em outras palavras, fazendo mais com menos. Obter maior rendimento dos cultivos agrícolas com menos água, menos fertilizantes e menor uso de pesticidas, por exemplo.

· A grande fazenda Brasil

Com terra e água (ainda) abundantes, maior da parte do seu território na faixa tropical (ensolarado), o Brasil cresce em produção e exportação de alimentos, tendendo a, rapidamente, ultrapassar países tradicionais. A grande questão, aos olhos do mundo, conforme destaque da revista Nature, edição de 28 de julho, é como manter esse crescimento sem destruir a Amazônia. Segundo o autor da reportagem (The global farm), Jeff Tollefson, muito do sucesso da agricultura brasileira é creditado ao trabalho da Embrapa. Agradecemos!

Trigo BRS 327

O mais recente trigo da Embrapa é o BRS 327. Trata-se de uma cultivar da classe comercial pão e farinha branqueadora, uma característica altamente demandada pelo mercado brasileiro de trigo na atualidade. O BRS 327 foi lançado oficialmente na IV Reunião da Comissão Brasileira de Pesquisa de Trigo e Triticale, que ocorreu na cidade de Cascavel/PR, nesta semana (26 a 29). O trigo BRS 327 é um produto da parceria Embrapa Trigo e Fundação Pró-Sementes de Apoio à Pesquisa.

Homenagens

A Comissão Brasileira de Pesquisa de Trigo e Triticale prestou homenagem a dois homens que dedicaram boa parte da sua vida profissional em prol do desenvolvimento da triticultura brasileira, agraciando-os, por ocasião na IV Reunião da Comissão Brasileira de Pesquisa de Trigo e Triticale, com troféu de reconhecimento de mérito. Os homenageados deste ano foram o professor Ferrando Félix Irajá de Carvalho e o pesquisador Carlos Roberto Riede. O professor Fernando Carvalho fez uma meritória carreira na formação de recursos humanos em melhoramento genético de trigo, iniciada na UFRGS, com passagem pela UFSC e, por razão de aposentadoria recente, encerrada na UFPel. Pela orientação deste professor, em alguma etapa da sua formação, mestrado ou doutorado, passaram a maioria dos pesquisadores brasileiros de melhoramento genético de trigo, atualmente em atividade. O dr. Carlos Roberto Riede foi, em 1973, junto com o dr. Milton Alcover, um dos iniciadores do programa de melhoramento genético de trigo do Instituto Agrônomo do Paraná, que nesses quase 40 anos de história, criou trigos memoráveis em qualidade e produtividade, caso do IPR 85.

O Nacional

Segunda-Feira, 02/08/2010

Data : 18/03/2016

Título : Uma breve história recente do trigo brasileiro

Categoria: Artigos

Foram tempos difíceis para a triticultura brasileira aqueles da virada dos anos 1980 para os 90. Após a queda do muro de Berlim (novembro de 1989) sobreveio o fim da Guerra Fria e com ele a internacionalização da economia (globalização). Nesse rastro, a revogação da intervenção estatal no complexo agroindustrial do trigo no Brasil, com a Lei nº 8.092, de 21 de novembro de 1990, que substituiu o Decreto Lei nº 210, que desde 27 de fevereiro de 1967 conferia ao Banco do

Brasil o papel de único comprador e único vendedor de trigo no País, o Tratado de Assunção (26 de março de 1991), que, em 1995, com a adoção da Tarifa Externa Comum (TEC), consolidaria a união aduaneira entre Argentina, Brasil, Uruguai e Paraguai, que chamamos de Mercosul, tiveram reflexo imediatos. Apesar de toda evolução em genética (cultivares) e em tecnologia de produção não estávamos preparados para competir com países que tinham vasta tradição no mercado mundial de trigo, especialmente em qualidade tecnológica para uso industrial. Sequer, na ocasião, havia no País uma norma de identidade e qualidade voltada à comercialização do trigo brasileiro.

Antevendo os novos tempos, por ocasião da XV Reunião Nacional de Pesquisa de Trigo (RENAPET), que aconteceu de 19 a 23 de setembro de 1988, em Passo Fundo, na sede da Embrapa Trigo, foi construída uma iniciativa, capitaneada pelo economista Reino Pécala Rae, sob os auspícios dos grupos Santista e J. Macêdo, contando com representantes de instituições brasileiras de pesquisa de trigo e do CIMMYT, com o objetivo de avaliar a qualidade dos trigos nacionais em relação ao desempenho industrial de suas farinhas. Eis o embrião do esforço que resultaria na proposição de aperfeiçoamento da nossa, propriamente dita, primeira norma de identidade, qualidade, embalagem e apresentação do trigo destinado à comercialização interna no Brasil (a Portaria nº 304, de 19 de dezembro de 1990).

A iniciativa da RENAPET de 1988 envolveu a coleta de cerca de 600 amostras (entre 400 e 500 g) de trigos produzidos no Brasil, na safra de 1989, que foram enviadas ao laboratório do Moinho Fortaleza. O resultado principal dessa primeira avaliação industrial dos trigos brasileiros foi que havia diferença acentuada de qualidade tecnológica entre os nossos trigos. Todavia, não foi possível, nessa ocasião, a caracterização individual de cultivares, por insuficiência de amostras. Essa constatação justificou a criação do projeto “Mapeamento do Trigo Brasileiro”, também financiado pelos grupos J. Macêdo e Santista, quando foram coletadas, na safra 1990, ao redor de 1000 amostras, de cerca de 2 kg de trigo, e enviadas, desta feita, para análise nos laboratórios da Embrapa Agroindústria de Alimentos, no Rio de Janeiro, aos cuidados do pesquisador Rogério Germani, via contrato firmado em 20 de março de 1991.

Antes disso, visando à normatização de identidade, qualidade, embalagem e apresentação do trigo brasileiro, o Ministério da Agricultura e Reforma Agrária (MARA) emitiu a Portaria nº 304, de 19 de dezembro de 1990, que classificava todo o trigo brasileiro como “Tipo único”, desde que atendesse aos requisitos de 13% de umidade, o limite de 1,0% para impurezas, matérias estranhas, grãos germinados ou verdes e peso do hectolitro (PH) mínimo de 65.

Terminadas as análises de qualidade dos trigos brasileiros, safra 1990, nos dias 10, 11 e 12 de dezembro de 1991, apoiada pelos grupos Santista e J. Macêdo, foi realizada uma reunião em Curitiba, com 22 representantes de instituições. Foi nesse encontro que saiu a malfada proposta de classificação preliminar dos trigos brasileiros como de baixa, média ou alta qualidade, que, inadvertidamente ou não, tendo vindo a público, suscitaria, no começo de 1992, discussões acaloradas, entre representantes da indústria moageira, pesquisadores e tricultores; especialmente após a publicação em jornais do artigo “A tragédia do trigo BR 23”, assinado pelo vice-presidente da Abitrito. (continua...)

Data : 08/04/2016

Título : Uma breve história recente do trigo brasileiro – Final

Categoria: Artigos

Descrição: Diante da crise que foi suscitada, às vésperas da safra 1992, pelo vazamento da classificação preliminar dos trigos brasileiros, como de baixa, média ou alta qualidade, e a publicação em jornais do artigo “A tragédia do trigo BR 23”...

Diante da crise que foi suscitada, às vésperas da safra 1992, pelo vazamento da classificação preliminar dos trigos brasileiros, como de baixa, média ou alta qualidade, e a publicação em jornais do artigo “A tragédia do trigo BR 23”, assinado pelo economista Reino Pécala Rae, na ocasião exercendo o cargo de vice-presidente da Abitrigo, a Embrapa Trigo (CNPT), por intermédio do Chefe-Geral da época, Euclides Minella, com a assessoria da pesquisadora Eliana Maria Guarienti, assumiu a mediação desse conflito indústria moageira versus tricultores.

Em laudatório artigo, “Trigo nacional: Produção vs Qualidade”, assinado por Euclides Minella, na posição de Chefe do CNPT, amplamente divulgado pelos veículos de comunicação de todo o País, foi feita uma série de esclarecimentos sobre os principais aspectos relacionados com a qualidade tecnológica do trigo para fins industriais. Desde o significado do termo qualidade, indicando a aptidão da farinha para o fabrico industrial de um produto derivado (pães, massas, biscoito, bolachas e bolos), passando por testes laboratoriais e pelo reconhecimento da influência da interação genótipo-ambiente nesse atributo, até a apresentação do esforço que vinha sendo realizado, pela indústria moageira e pelos órgãos de pesquisa, visando ao mapeamento da qualidade dos trigos brasileiros, e culminando com informações mais detalhadas sobre a qualidade do então questionado trigo BR 23 e, com uma mensagem de esperança para os tricultores brasileiros, ao frisar que “assim como conseguimos dobrar a produção do trigo em nosso País, com o esforço de todos, vencer o desafio da melhoria da qualidade será apenas uma questão de tempo”.

O projeto de “Mapeamento do Trigo Brasileiro”, que havia iniciado em 1988, cujos dados coletados nas safras 1989 e 1990, apesar dos pesares (problemas de amostragem e clima adverso para o cultivo), serviram para a primeira tentativa de classificação comercial dos nossos trigos. Essa “classificação”, uma vez tornada pública, e o provocativo artigo de Reino Pécala Rae, “A tragédia do trigo BR 23”, demonstraram inequivocamente que o Brasil não podia mais prescindir de olhar para a questão qualidade tecnológica em trigo e que havia necessidade de o País, a exemplos de outros países tradicionais produtores desse cereal, ter uma norma de identidade, qualidade, embalagem e apresentação do trigo nacional.

E assim, deixados de lado os primeiros conflitos, foi dada continuidade aos trabalhos iniciados na Reunião de Avaliação do Projeto Mapeamento do Trigo Brasileiro, realizada em Curitiba de 10 a 12 de dezembro de 1991, com um novo encontro para tratar do tema, também em Curitiba, nos dias 3 e 4 de dezembro de 1992. Na ocasião, foi comunicada a instalação pela Câmara Setorial do Trigo, do Ministério da Agricultura, do Abastecimento e da Reforma Agrária, de uma Comissão Especial de Classificação, sob a coordenação do Chefe-Geral do CNPT/Embrapa, que se reuniria, a partir de 1993, com o objetivo de propor padrões de classificação para os trigos brasileiros.

E foi assim que, como resultado do trabalho dessa Comissão Especial de Classificação, cujo papel desempenhado por Euclides Minella e por Eliana Maria Guarienti merece os nossos respeitos, em reunião realizada na sede da Delegacia Federal de Agricultura no Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, no dia 12 de novembro de 1993, foi aprovada a proposta do novo padrão para a classificação do trigo brasileiro. Essa proposta deu origem à Portaria nº 167, de 29 de julho de 1994, que estabeleceu as classes comerciais de trigo Melhorador, Superior, Intermediário e Comum, baseadas em valores de força geral de glúten e de estabilidade e no índice de queda, além do enquadramento nos tipos 1, 2 e 3. Essa portaria, efetivamente, apesar da anterior (a Portaria nº 304, de 10 de dezembro de 1990), pode ser considerada o embrião da atual norma de identidade, qualidade, embalagem e apresentação do trigo brasileiro.

Data : 25/03/2016

Título : Uma breve história recente do trigo brasileiro – Parte 2

Categoria: Artigos

Descrição: No início dos anos 1990, com o fim da intervenção estatal no complexo agroindustrial do trigo no País, que até então, pelo Decreto Lei nº 210, de 27 de fevereiro de 1967...

No início dos anos 1990, com o fim da intervenção estatal no complexo agroindustrial do trigo no País, que até então, pelo Decreto Lei nº 210, de 27 de fevereiro de 1967, cabia ao Banco do Brasil o papel de único comprador e único vendedor de trigo em todo o território nacional, veio um período difícil para a triticultura brasileira, com drásticas reduções de área cultivada e de preços pagos aos produtores, em meio a discussões acirradas sobre a qualidade tecnológica para fins industriais do nosso trigo.

De um lado a indústria do trigo, entenda-se os moinhos, representada pela Associação Brasileira da Indústria do Trigo (Abitrigo), e, do outro, os triticultores e suas organizações de produtores (grãos e sementes), defendendo ambos, legitimamente frise-se, interesses corporativos, enquanto recém começavam a serem colhidos os primeiros frutos do projeto “Mapeamento do Trigo Brasileiro”,

que dariam os subsídios para a formulação do que efetivamente podemos chamar de norma de identidade, qualidade, embalagem e apresentação do trigo brasileiro, deixando para trás a classificação de “tipo único”, que havia sido estabelecida pela Portaria nº 304, de 19 de dezembro de 1990, e a malfadada proposta de classificação preliminar dos trigos brasileiros como de baixa, média ou alta qualidade industrial.

Nessa ocasião, havia caído nas graças dos produtores rurais, o trigo BR 23, lançado pela Embrapa em 1987. Esse trigo dominava as lavouras no sul do Brasil, por ser um novo tipo de planta, apresentar potencial de rendimento elevado (5200 kg/ha foram colhidos em lavoura de 120 ha em Coxilha/RS, na safra 1989) e possuir resistência de planta adulta para ferrugem da folha entre outros atributos relevantes. Todavia, esse trigo, havia, na reunião realizada em Curitiba, nos dias 10, 11 e 12 de dezembro de 1991, recebido o rótulo de trigo de “baixa qualidade”. Na véspera da safra de 1992, com estoques elevados de sementes do trigo BR 23, antevendo as dificuldades de comercialização de uma colheita com predominância desse tipo de trigo, os representantes da Abitrigo vieram a público com um alerta do problema e chamando a atenção para a necessidade de que se atentasse com mais seriedade para o quesito qualidade tecnológica do trigo nacional.

Os jornais do País, das capitais e do interior, deram ampla publicidade a dois artigos assinados por representantes da Abitrigo. Um deles em particular, sob o título “A tragédia do trigo BR 23”, assinado pelo vice-presidente executivo da Abitrigo, Reino Pécala Rae, destacava o que se anunciava como uma tragédia, especialmente para os produtores rurais, no tocante à comercialização desse tipo de trigo, que fatalmente teria preços de mercado baixos ou quando não apenas uso como ração animal, competindo com o preço do milho. O outro, “O trigo e o cinismo”, da lavra do presidente da Abitrigo, o empresário Antenor Barros Leal, por um lado, aparentemente defendia os triticultores brasileiros, que, segundo ele, não podiam ser submetidos ao mercado se não existe mercado de trigo no País, destacando a falta de incentivos à produção de trigo no Brasil a exemplo dos existentes em países tradicionais exportadores (EUA, Canadá, etc.) e a nossa desvantagem comparativa com a Argentina, em produtividade e custos de produção, e, por outro lado, questionando a criação de “barreiras à importação de trigo”, via TEC, ou a permissão de importação apenas para os moinhos compradores também de trigo nacional, além do custo Brasil, cujo valor de frete, tirava a competitividade do trigo produzido no sul do País, frente ao importado, para o consumo em outras regiões. Clamava que, no trigo, como de resto no Brasil, precisávamos apenas da verdade.

Foi quando, merece menção especial, a Embrapa Trigo, por intermédio do Chefe-Geral da época, Euclides Minella, com a assessoria da pesquisadora Eliana Maria Guarienti, assumiu a mediação desse conflito, indústria versus triticultores, cujos desdobramentos foram... (continua)

Título : Uma justa homenagem

Categoria: Artigos

Descrição: Mais que justa e merecida a escolha da Jornada Nacional de Literatura como a grande homenageada da 56ª edição da Feira do Livro de Porto Alegre...

Uma justa homenagem - 26-27/06/2010

Sexta-Feira, 25/06/2010 por Gilberto Cunha

· Uma justa homenagem

Mais que justa e merecida a escolha da Jornada Nacional de Literatura como a grande homenageada da 56ª edição da Feira do Livro de Porto Alegre, que acontece de 29 de outubro a 15 de novembro. Esse evento, hoje de abrangência internacional, organizado por um grupo de professores da UPF, sob a liderança da professora Tania Rösing, tem servido para justificar os títulos de Passo Fundo como Capital Nacional da Literatura e Capital Estadual da Literatura. Ambos são motivos de orgulho para quem vive nesta cidade.

Eu considero que a maior contribuição deixada pelas Jornadas de Literatura está na formação de leitores, em especial as crianças. Que me perdoem os passo-fundenses do passado (inclusive por que não os conheci), entre os quais me incluo, mesmo não sendo daqui, mas a geração que nasceu e se criou com o espírito da Jornada, muitas vezes enfiado goela abaixo pela professora Tania, lê mais e, por consequência, é muito melhor preparada culturalmente do que nós.

Sabemos, como bem frisou Jorge Luis Borges, que a literatura é como uma biblioteca infinita, da qual, um indivíduo somente pode ler algumas páginas, mas, quem sabe nessas páginas não esteja o essencial. Parabéns professora Tania e sua equipe, por destacarem que o essencial, antes da escrita, é a leitura.

· Programa Beachell-Borlaug

A população mundial, na atualidade, é estimada em 6,8 bilhões de pessoas. Espera-se que a venha atingir a cifra de 9,4 bilhões de seres humanos por volta do ano 2050. Diante disso, especula-se que será necessário produzir mais alimentos nos próximos 50 do que tudo que foi produzido nos últimos 10 mil anos. Uma pressão, sem precedentes na história, sobre os recursos naturais, que são finitos, do planeta Terra. O desafio que está posto para a comunidade científica das ciências agrárias, especialmente na área de melhoramento genético dos cultivos, é enorme, no que tange as culturas de trigo e de arroz, que são a base da alimentação de boa parte da população no mundo.

Em honra à memória de dois cientista que mais contribuíram para os grandes avanços genéticos da agricultura mundial, Norman Borlaug, em trigo, e Henry Beachell, em arroz, foi instituído o Beachell-Borlaug International Scholars Program, que é administrado pelas Texas AgriLife Research, com fundos de US\$ 10 milhões. O objetivo do programa é financiar estudantes do mundo todo que estejam interessados em cumprir programa de Ph.D na Texas AM University,

nos EUA, na área de melhoramento genético de trigo ou de arroz. Informações no sítio <http://soilcrop.tamu.edu>.

· Propriedade intelectual e gestão da inovação

Um excelente livro, para quem tem necessidade de se familiarizar ou ampliar conhecimentos na área de propriedade intelectual, gestão da inovação e desenvolvimento, envolvendo questões relacionadas com patentes, marcas, softwares, cultivares, indicações geográficas e núcleos de inovação tecnológica, acaba de ser lançado pela Imed Editora. Trata-se da obra Propriedade intelectual, gestão da inovação e desenvolvimento, organizado pelos professores Salete Oro Boff e Luz Otavio Pimentel, que reúne as contribuições dos participantes de um congresso sobre esse tema, que foi realizado na sede da Imed, no ano passado. Recomenda-se, pela qualidade das contribuições e pela importância dos temas tratados.

· Manejo de solos

Com o objetivo de alinhamento das ações da Embrapa na busca de soluções para os problemas de manejo conservacionista de solo no Brasil, aconteceu nessa semana (23 e 24), na sede da Embrapa Trigo, uma reunião de trabalho para articulação de projetos de pesquisa. O encontro, que reuniu 17 pesquisadores de diversas Unidades da Embrapa, foi uma decorrência da necessidade de realização de debates conceituais sobre sistemas de produção sustentáveis. O sistema plantio direto consolidou-se, de fato, como prática dominante na agricultura brasileira, a partir dos anos 1990. Passados 20 anos, muitos dos velhos problemas de conservação de solo foram resolvidos e outros novos surgiram, exigindo soluções que não são mais as mesmas do passado. O encontro foi coordenado pelos pesquisadores José Eloir Denardin, da Embrapa Trigo, e Ana Christina Albuquerque, do Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento da Embrapa, que tem sede em Brasília.

Data : 21/05/2010

Título : Uma palavra em desuso

Categoria: Artigos

Descrição: Em 1948, reunindo os conceitos de retroação (feed-back), simulação e informação começou a ser forjada uma nova disciplina, que recebeu o nome, hoje em desuso, de cibernética.

Uma palavra em desuso

Em 1948, reunindo os conceitos de retroação (feed-back), simulação e informação começou a ser forjada uma nova disciplina, que recebeu o nome, hoje em desuso, de cibernética. Essa expressão carrega todos os matizes da

atmosfera da guerra fria, da ficção científica e da ideologia da época. A palavra de origem grega significa, literalmente, o homem do leme, o piloto do navio. Vista como a ciência do comando, esperava-se da cibernética os ensinamentos derivados das leis gerais de governo, aplicáveis tanto para os sistemas artificiais quanto para os organismos vivos. A mesma teoria científica aplicada ao artificial e ao natural possibilitaria o surgimento do primeiro computador e de uma nova psicologia clínica fundada por Gregory Bateson sobre uma simulação cibernética.

No início dos anos 1980, apareceu o neoconexionismo ou a segunda cibernética, que, a partir de divergências internas do movimento cibernético, daria origem a diversas correntes, com destaque para duas: uma formada por especialistas das ciências sociais e outra por matemáticos, engenheiros e similares. Da mescla dessas correntes nasceria uma nova disciplina, que ficou conhecida por inteligência artificial; embora essa denominação tenha sido gestada em 1957, envolvendo, acima de tudo, a modelagem por computador da tomada de decisões.

Com a mudança do estudo do cérebro para o estudo do psiquismo, a inteligência artificial afasta-se da materialidade da modelagem meramente fisiológica da inteligência, que efetua cálculos com números em vez de influxos nervosos, dando espaço à égide das ciências cognitivas, que deixam patente que o homem é mais que uma mera máquina.

A cibernética é fruto dos trabalhos de Norbert Wiener, da segunda metade dos anos 1940, o conexionismo, da mesma época, é oriundo das pesquisas de Donald Hebb, que modelou o psiquismo via redes de conexões chamadas sinapses. O neoconexionismo foi a ressurgência das ideias conexionistas, nos anos 1980, a partir da melhoria dos procedimentos de aprendizagem, dando um novo impulso às ciências cognitivas.

Filosofia na praça

Recebi esta semana um exemplar do livro Filosofia na praça: conhecimento ética e cultura. Foi uma especial gentileza de Marcella Andressa Becker, acadêmica do curso de Filosofia da UPF e uma das autoras. Trata-se de uma obra que é decorrência da proposta de popularização da Filosofia que vem sendo trabalhada com a colaboração do Segundo Caderno de O Nacional. Obrigado Marcella! Relerei com carinho os textos, pois estou consciente que, acima de tudo, me ajudarão a perceber que o objetivo da Filosofia é muito mais que "mostrar à mosca a saída do vidro", conforme a conhecida frase de Ludwig Wittgenstein citada pelos coordenadores na apresentação do livro.

Hora Biológica

Na próxima quarta-feira, 25 de maio, estarei, a convite do professor João Grando, participando da Hora Biológica no ICB UPF (18h). Em conversa aberta com os estudantes, trataremos do assunto: "O papel da biologia no futuro da inovação tecnológica em agricultura".

Homenagem à Embrapa Trigo

Pela colaboração que tem dado ao desenvolvimento da cultura do milho no Sul do Brasil, a Embrapa Trigo foi uma das instituições homenageadas na cerimônia que marcou os 35 anos de existência da Embrapa Milho e Sorgo, que tem sede em Sete Lagoas/MG. A unidade de Passo Fundo recebeu troféu alusivo ao trabalho que vem realizando, em evento ocorrido no dia 17 de maio, que contou, entre outras autoridades, com a presença do diretor presidente da Embrapa, de chefes-gerais de vários centros de pesquisa da Empresa, reitores das Universidades Federais de Viçosa, de Lavras e de São João Del Rey, além de secretários de Estado e prefeitos da região.

Foi um reconhecimento à filosofia colaborativa de trabalho e do uso do enfoque de sistemas de produção, que há muitos anos a Embrapa Trigo vem adotando.

O Nacional

Sexta-Feira, 21/05/2010 por Gilberto Cunha

Data : 03/06/2016

Título : Uma pausa para a emoção

Categoria: Artigos

Descrição: Um sarau poético, realizado na última terça-feira (31 de maio de 2016), marcou as comemorações alusivas aos “20 anos do Bando de Letras”, o famoso grupo de contadores de histórias e dizedores de poemas da Universidade de Passo Fundo (UPF).

Um sarau poético, realizado na última terça-feira (31 de maio de 2016), marcou as comemorações alusivas aos “20 anos do Bando de Letras”, o famoso grupo de contadores de histórias e dizedores de poemas da Universidade de Passo Fundo (UPF). Eis uma proposta que, apesar de ter sido iniciada, em 1996, mais como uma demonstração de rebeldia de um grupo de alunos contra o modelo tradicional das aulas de Língua Portuguesa e Literatura do que qualquer outra coisa, e que, no começo, não era bem-vista por alguns professores e nem pelos demais colegas, acabaria, supostamente, pela relevância que tomou, institucionalizada como um projeto de extensão universitária, em 2012, pela UPF. O projeto atual, sob a denominação de “Bando e Bandinho de Letras”, foi estendido para além dos limites do curso de Letras da UPF, englobado alunos do Ensino Médio Integrado e da Faculdade de Medicina; e, no caso do “Bandinho”, para as crianças de oito a doze anos das redes pública e privada de ensino de Passo Fundo.

Aos fundadores do Bando Letras, os acadêmicos Clodoaldo Silva (in memoriam, infelizmente), Douglas Peretto, Roberta Ciocari e Roberta Salinet, os nossos cumprimentos pela iniciativa. Não tenham qualquer dúvida, efetivamente, vocês fizeram algo relevante! Estejam certos disso: nada que não tenha relevância dura 20 anos! E, ainda, não se pode esquecer que, paralelamente, acompanhando de perto e orientando esse trabalho, desde o começo, de maneira discreta como costuma ser o comportamento dos verdadeiros mestres, há a figura onipresente e singular do Prof. Eládio Vilmar Weschenfelder. Historicamente, o Bando de Letras e o Prof. Eládio, com o passar do tempo, tornaram-se duas entidades indissociáveis. Tanto é assim que a antologia de contos e poemas, que marca a estreia do grupo Bando de Letras em livro, materializada na obra “Beijo Definitivo”, publicada em 1997 pela editora da UPF, teve como organizadores Eládio Vilmar Weschenfelder e Douglas Peretto.

O espetáculo que louvou os 20 anos do Bando de Letras recebeu a denominação de “Pausa Poética”. O colunista ousaria sugerir que não faria diferença nenhuma se tivesse sido chamado de “Pausa para a Emoção”. Afinal, em tempos de atribulação de toda ordem no País, quando se vive mais momentos de indignação do que de emoção, quem foi ao evento não fez outra coisa que dar-se ao luxo de “uma pausa para se emocionar”. E emoção foi o que não faltou nesse sarau. Começando pela entrada triunfal do Prof. Eládio e do Bandinho de Letras, caracterizados de sacis-pererês, homenageando esse personagem do folclore brasileiro. E seguindo com os depoimentos, gravados em vídeo e presenciais, dos remanescentes da formação original do Bando de Letras, além das intervenções literárias performáticas do grupo atual: Adelair Pablo Lescano, Alana Dupont, Alice Oliveira, Gustavo Borella, Henrique Borella, Indiara da Silva, Lucas Cyrino, Marina Sbardeloto e Thais Geraldi.

Para haver emoção há que se ter o encantamento recíproco entre os contadores de histórias ou dizedores de poemas e o público ouvinte. E isso, indiscutivelmente, não faltou desde a abertura até o encerramento do espetáculo. Eu, e suponho que algo parecido tenha também passado com o restante do público e até mesmo com as paredes do auditório da FEAC, não tive como ficar indiferente às magistrais interpretações de Lucas Cyrino, para Assum Preto (de Luiz Gonzaga), e de Alana Dupont, para Ismália (de Alphonsus Guimarães).

O projeto “Bando e Bandinho de Letras” pode ser visto como mais um dos tantos desdobramentos culturais das Jornadas Literárias de Passo Fundo, que um dia justificaram a concessão do título de Capital Nacional da Literatura para nossa cidade. A Academia Passo-Fundense de Letras, nessa ora, não poderia deixar externar seus cumprimentos aos pioneiros, aos ex-integrantes e aos membros atuais do Bando e do Bandinho, ao Prof. Eládio Weschenfelder, ao Curso de Letras e à Direção da UPF, pela festiva ocasião.

Data : 30/11/2012

Título : Uma pergunta inconveniente

Categoria: Artigos

Descrição: Não sei quanto a você, mas eu enfrentaria sérias dificuldades, caso tivesse de responder, assim de chofre, a seguinte pergunta: quem foi a primeira pessoa no mundo?

GILBERTO R. CUNHA

Não sei quanto a você, mas eu enfrentaria sérias dificuldades, caso tivesse de responder, assim de chofre, a seguinte pergunta: quem foi a primeira pessoa no mundo? Não vale apelar para o misticismo e, tal qual um aborígine da Tasmânia, dizer que foi uma criatura enorme, surgida na Terra por obra e graça do Deus Moinee, sem joelhos e com rabo de canguru.

Ou, tampouco, reagir como um fundamentalista da tradição judaico-cristã, questionando: por que a dúvida? Todos sabem que a primeira pessoa na face da Terra foi Adão. Lamento pela desilusão, mas esse tipo de argumentação não nos serve. É necessário um pouco mais de elaboração, para se chegar a uma resposta que seja minimamente convincente.

E, nesse caso, o único caminho plausível é tomar a via da ciência, onde, na busca por nosso ancestral, muitas surpresas nos aguardam. Foi o que fez Richard Dawkins, no livro “The Magic of Reality – How We Know What’s Really True”, publicado em 2011 pela Free Press, uma divisão da Simon & Schuster Inc., cuja proposta de resposta ao questionamento original desse parágrafo será resumida nessa coluna.

A primeira surpresa, e a sua talvez seja tão grande quão a minha, foi tomar consciência de que a busca pela primeira pessoa, no mundo, é algo inútil. Assim como nunca existiu um primeiro cachorro, um primeiro coelho ou um primeiro canguru (nossa homenagem ao pessoal da Tasmânia), também nunca existiu essa primeira pessoa. Por que ela haveria de ter existido? O Adão bíblico, ou outro ser imaginário qualquer, pela teoria da evolução, não é necessário para explicar nem eu nem você, caro leitor, e tampouco nossos antepassados ou descendentes imediatos. Como entender isso, uma vez que cada criatura citada, incluindo nós, os humanos, pertence à mesma espécie dos seus pais, esses dos seus avôs e assim sucessivamente? Simplesmente, porque na linha evolutiva isso pode estender-se por muitas gerações, mas não é para sempre. Então, que tal participarmos do experimento imaginário proposto por Richard Dawkins?

Tome uma fotografia sua e sobre ela coloque uma do seu pai. Siga adiante e, sobre a fotografia do seu pai, coloque a fotografia do seu avô, e assim sucessivamente, do bisavô, tataravô, etc., até chegar a uma pilha de 185 milhões de fotografias (cuja ordem de avô é impronunciável).

Sei que alguém vai dizer que não vai dar, pois não faz tanto tempo assim que a fotografia foi inventada, e então isso é impossível. Esqueça esse detalhe, pois estamos no reino do faz-de-conta. E aí, quão parecido com você seria esse seu

avô, de ordem 185 milhões, nessa pilha de fotografias? Você é capaz de imaginar algum traço em comum com ele? Os cabelos crespos? Os olhos violetas da Elizabeth Taylor, ou a cor de ardósia do Chico Buarque? O queixo quadrado ou o nariz adunco?

Sente-se antes, para não cair: esse seu avô, de ordem 185 milhões, seria exatamente, nada mais e nada menos que “um peixe”. Surpreso? Espero que nem tanto, pois é a teoria da evolução de Darwin e não o “criacionismo” ou, como querem alguns, em tempos mais recentes, o “desígnio inteligente”, que as escolas ensinam em biologia.

As imagens fotográficas se parecem. Não tenha dúvida de que você e seu pai têm traços comuns, apenas quando próximos nessa pilha ou linha imaginária do tempo. Tome, ao acaso, duas dessas que se sucedem, em qualquer posição dessa pilha imaginária de 185 milhões de fotografias, para que perceba isso claramente.

Depois, pegue duas fotografias não sucessivas, e bastante separadas na linha evolutiva, e ficará evidente que, em aparência, as duas criaturas não têm nada (ou têm pouco) em comum. Quem sabe nem seja necessário retrocedermos tanto assim (até a ordem de 185 milhões de antepassados) para entendermos que, essa busca pela primeira pessoa, o nosso ancestral genitor, não tem fundamento. O Homo sapiens de hoje, caso conseguisse, pela via sexual, reproduzir algum cruzamento com o Homo erectus do passado, esse fruto, a exemplo de uma mula (jumento x égua), possivelmente, seria um híbrido estéril.

No processo evolutivo, pela teoria mais aceita, as coisas acontecem gradualmente, embora alguns defendam a teoria do equilíbrio interrompido. É por isso que a pergunta “quem foi a primeira pessoa?” não tem uma resposta precisa. No meio dessa nossa caminhada evolutiva, queiramos ou não, tivemos uns primos chimpanzés, outros ratos e, inclusive, uma avó bactéria.

(Gilberto R. Cunha é membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Data : 09/05/2014

Título : Uma vida em postais

Categoria: Artigos

Um hábito que, acredito, tem os seus dias contados, é o de enviar cartões postais. Em tempos de Instagram e Facebook, é muito mais cômodo, dizem os aficionados, fazer um “self-portrait” e de pronto enviar a imagem digital a uma lista de amigos, que poderão curtir ou não esse seu momento vivido, do que sair em busca de um cartão de papel de 9cmx13cm, escrever uma frase inteligente

ao estilo “estive em Marau e lembrei de você”, sobrescritar um nome e um endereço, selar, encontrar uma caixa coletora de correspondências ou uma agência postal e, ufa, esperar que, dias depois, a mensagem chegue ao destino almejado.

Ainda que a troca de correspondência por cartões postais possa ser vista como um gênero epistolar menor e em franca decadência, mesmo assim, não pode ser desprezada como fonte primária de informação, apesar da ostentação de trivialidade na forma e no conteúdo, quando o intento é produzir um retrato mais fidedigno de uma época e, especialmente, traçar o perfil pessoal de um biogrado. Pois, foi nesse contexto, para explicar a vida não do escritor famoso e sim a do outro e verdadeiro Borges (“el otro y verdadero Borges”), que Nicolás Helft se debruçou sobre a coleção de cartões postais recebidos e especialmente enviados por Jorge Luis Borges, da infância à velhice, coletando um produção borgeana de relevância, que, complementada por cartas, manuscritos de originais e anotações perdidas em cadernos pessoais do escritor argentino, foi materializada no livro “Borges: postales de una biografía”, publicado, em 2013, pelo selo Emecé, do Grupo Editorial Planeta.

Admito que, embora tenha lido as principais biografias de Jorge Luis Borges, que são as escritas por Estela Canto, María Esther Vazquez, Alicia Jurado, Horacio Salas, Alejandro Vaccaro, Edwin Williamson e o caudaloso diário “Borges” (1680 páginas) de Adolfo Bioy Casares; para citar apenas as mais conhecidas, livros como o do Nicolás Helft, que trabalha para a UNESCO como diretor do projeto Villa Ocampo (a famosa mansão de San Isidro, que pertenceu a Victoria Ocampo e foi sede da Revista Sur), me agradam bastante e, às vezes, me surpreendem. Apesar da óbvia repetição, sempre trazem algo novo, quer seja uma fotografia rara, fatos até então desconhecido ou, até mesmo, por apresentarem uma interpretação inédita ou a complementação necessária para o entendimento de episódios do passado, que têm sido reprisados à exaustão quando se trata da vida e obra de Jorge Luis Borges.

Jorge Luis Borges, segundo Nicolás Helft, escolheu o envio de cartões postais para a expressão de certas emoções, que, no seu estilo cifrado e breve, quase sempre os textos dizem muito mais do que está escrito. Senão, que razão teria para enviar cartões postais para a namorada (Estela Canto) ou para a mãe (Leonor Acevedo), uma vez que viviam em Buenos Aires e se viam diariamente? Coisas como “Te pido un signo de que aún existo para ti”, para Estela, ou, para sua mãe, “Te extraño a cada momento” e “Yours ever”, sobrepostas em cartões cujas imagens fotográficas (Casa Rosada ou Ponte Avellaneda, por exemplo) não guardam qualquer relação com o que foi escrito.

Uma particularidade, rememorada por Nicolás Helft, foi a influência da obra borgeana sobre o cineasta escocês Donald Cammell, que, no clima do Swinging London dos anos 1960, produziu o emblemático filme Performance, protagonizado por Mick Jagger e James Fox. Nessa película, Jagger interpreta o papel de uma estrela decadente do rock, aspecto andrógino, leitor de Borges, pacifista e cultor do misticismo oriental. E Fox é o rival de Jagger, um gangster violento, narcisista, amoral, sádico, homofóbico e ostentadamente macho. Numa cena emblemática, Jagger e Fox, que simbolizam os opostos, vão se transformando em um só, até que chega o momento que Fox diz a Jagger: “quero ir contigo” e dá um tiro e a câmara segue a bala que se mete na cabeça de Jagger e então aparece a figura de Borges, o poeta cego. Inclusive, consta que

inspirado nessa cena, Donald Cammell, em 1996, cometeu suicídio com um tiro na cabeça. Segundo relatos da viúva, Cammel sobreviveu uns 30 minutos após esse tiro, tendo pedido um espelho para ver a sua cara e o momento da sua morte. E, num último suspiro, olhando-se no espelho, perguntou a ela: Did you see the picture of Borges?

Borgeano, demasiado borgeano, esse suicídio do Donald Cammell.

Data : 04/05/2011

Título : Veranico de maio

Categoria: Artigos

Descrição: O veranico de maio era um assunto, outrora, muito comentado nos pagos rio-grandenses.

Veranico de maio

por Gilberto Cunha

O veranico de maio era um assunto, outrora, muito comentado nos pagos rio-grandenses. Hoje, inclusive, por influência dos meteorologistas do centro do Brasil, essa expressão ganhou uma conotação diferente da que é e era por nós utilizada. O nosso veranico está estritamente ligado com temperatura. O pessoal do Sudeste e do Centro-Oeste, regiões caracterizadas por possuírem uma estação seca e outra chuvosa, usam a expressão veranico para caracterizar períodos de dias sem chuva na época em que deveria, normalmente, chover naquelas regiões. O objetivo dessas notas é descrever a origem e o uso do termo veranico nos moldes gauchescos.

No Sul do Brasil, a partir do outono começam a entrar massas de ar frio sobre o continente, fazendo que, em algumas ocasiões, as temperaturas atinjam valores relativamente baixos. Acontece que, não raro, sucedendo a esses períodos de temperaturas baixas, observa-se um aumento gradativo da temperatura do ar, caracterizando uma condição de tempo bastante peculiar para a época do ano. Quase sempre predomina céu limpo e ventos fracos, que, com as temperaturas elevadas, constituem um arremedo de verão, embora fora de época. E, certamente, vem daí a denominação popular de veranico (um pequeno verão) para essa particular condição meteorológica.

Apesar de, nas regiões mais altas do Rio Grande do Sul, os primeiros frios do ano, e até as primeiras geadas, acontecerem em abril, é em maio que efetivamente entram massas de ar polar mais intensas, e o frio pode ser sentido em grande parte do Estado. Por isso, acredita-se que, com o aquecimento que ocorre após essas friagens, tenha se popularizado esses períodos como

“veranicos de maio”. De qualquer forma, mesmo parecendo estranho, o veranico de maio pode acontecer também nos meses típicos de inverno. Por isso, não é nenhum sinal de loucura, alguém se referir ao veranico de maio, mesmo em pleno junho, julho ou agosto.

Também não somos originais no quesito veranico. Em alguns países europeus são comuns ocorrências similares, e que, por analogia, também acabam sendo chamados de veranicos ou de “Verão de São Martinho”. A referência a São Martinho decorre da sua observação mais freqüente na primeira quinzena de novembro, próximo ao dia consagrado a esse santo (11 de novembro). Para nós, no Hemisfério Sul, essa época do ano na Europa, em termos de estação do ano, corresponde ao meado de maio.

Nem todo aquecimento que ocorre entre maio e agosto é digno de merecer a denominação de veranico. O médico e meteorologista Floriano Peixoto Machado, no livro “Contribuição ao estudo do clima do Rio Grande do Sul”, publicado em 1950, apresenta alguns índices, gerados com base na série de observações meteorológicas de Porto Alegre, que devem ser considerados na caracterização de um veranico. São eles: (1) temperaturas máximas superiores a 25°C, (2) temperaturas mínimas superiores a 12°C, (3) duração mínima de quatro dias, (4) céu limpo ou com névoa e (5) calma ou ventos fracos.

Os tais veranicos sulinos são causados pelo domínio, nos citados meses, de massas de ar oriundas do centro de altas pressões do Atlântico. O Anticiclone do Atlântico, cuja posição média situa-se na latitude de 30° S, é o centro de origem de uma massa de ar tropical (quente e úmida) que invade o estado praticamente durante todo o ano. Todavia, nas outras épocas, em função do ar ambiente se encontrar normalmente aquecido, o seu efeito não é tão perceptível quanto o observado no período entre maio e agosto. A duração da atuação dessas massas sobre o continente, configurando períodos de veranico, tem variado de quatro a sete dias.

Pelo exposto, espero ter deixado claro que, se nem todo gato é pardo, também não é qualquer “calorzinho”, entre maio e agosto, que pode ser chamado de veranico.

O Nacional

Quarta-Feira, 04/05/2011

Data : 14/06/2019

Título : Veranicos

Categoria: Artigos

O chamado veranico de maio já foi, outrora, assunto muito comentado nos pagos rio-grandenses. Na atualidade, por influência dos meteorologistas do centro do País, essa expressão ganhou uma conotação algo diferente da que é e era por nós utilizada. O nosso veranico está estritamente ligado com temperatura. O pessoal do Sudeste e do Centro-Oeste (e também do Nordeste, em menor escala), regiões caracterizadas por possuírem uma estação seca e outra chuvosa, usam a expressão veranico para caracterizar períodos de dias sem chuva na época em que deveria, normalmente, chover naquelas regiões, causando impactos negativos especialmente na atividade agrícola. O objetivo dessas notas é descrever a origem e o uso do termo veranico nos moldes gauchescos.

No Sul do Brasil, a partir do outono começam a entrar massas de ar frio sobre o continente, fazendo que, em algumas ocasiões, as temperaturas atinjam valores relativamente baixos, inclusive com formação e geadas. Acontece que, não raro, sucedendo a esses períodos de temperaturas baixas, observa-se um aumento gradativo da temperatura do ar, caracterizando uma condição de tempo bastante peculiar para a época do ano. Quase sempre predomina céu limpo e ventos fracos, que, com as temperaturas elevadas, constituem um arremedo de verão, embora fora de época. E, certamente, vem daí a denominação popular de veranico (um pequeno verão) para essa particular condição meteorológica.

Apesar de, nas regiões mais altas do Rio Grande do Sul, os primeiros frios do ano, e até as primeiras geadas, acontecerem em abril, é em maio que efetivamente entram massas de ar polar mais intensas, e o frio pode ser sentido em grande parte do Estado. Por isso, acredita-se que, com o aquecimento que ocorre após essas friagens, tenha se popularizado esses períodos como “veranicos de maio”. De qualquer forma, mesmo parecendo estranho, o veranico de maio pode acontecer também nos meses típicos de inverno. Por isso, não é nenhum sinal de loucura, alguém se referir ao veranico de maio, mesmo em pleno junho, julho ou agosto.

Também não somos originais no quesito veranico. Em alguns países europeus são comuns ocorrências similares, e que, por analogia, também acabam sendo chamados de veranicos ou de “Verão de São Martinho”. A referência a São Martinho decorre da sua observação mais freqüente na primeira quinzena de novembro, próximo ao dia consagrado a esse santo (11 de novembro). Para nós, no Hemisfério Sul, essa época do ano na Europa, em termos de estação do ano, corresponderia ao meado de maio.

Nem todo aquecimento que ocorre entre maio e agosto é digno de merecer a denominação de veranico. O médico e meteorologista Floriano Peixoto Machado, no livro “Contribuição ao estudo do clima do Rio Grande do Sul”, publicado em 1950, apresenta alguns índices, gerados com base na série de observações meteorológicas de Porto Alegre, que devem ser considerados na caracterização de um veranico. São eles: (1) temperaturas máximas superiores

a 25°C, (2) temperaturas mínimas superiores a 12°C, (3) duração mínima de quatro dias, (4) céu limpo ou com névoa e (5) calma ou ventos fracos.

Os tais veranicos sulinos são causados pelo domínio, nos citados meses, de massas de ar oriundas do centro de altas pressões do Atlântico. O Anticiclone do Atlântico, cuja posição média situa-se na latitude de 30° S, é o centro de origem de uma massa de ar tropical (quente e úmida) que invade o estado praticamente durante todo o ano. Todavia, nas outras épocas, em função do ar ambiente se encontrar normalmente aquecido, o seu efeito não é tão perceptível quanto o observado no período entre maio e agosto. A duração da atuação dessas massas sobre o continente, configurando períodos de veranico, tem variado de quatro a sete dias.

O uso especular que, em anos de El Niño, quando as temperaturas do ar são mais elevadas, os nossos “veranicos de maio” são mais frequentes. Pelo exposto, se nem todo gato é pardo, também não é qualquer “calorzinho”, entre maio e agosto, que pode ser chamado de veranico.

Data : 24/04/2015

Título : Veríssimo da Fonseca e o Mérito Cultural Sante Barbieri 2015

Categoria: Artigos

Descrição: O médico e escritor Pedro Ari Veríssimo da Fonseca faz parte, indiscutivelmente, do grupo de intelectuais públicos de Passo Fundo.

Sexta-Feira, 24/04/2015 às 07:18, por Gilberto Cunha

O médico e escritor Pedro Ari Veríssimo da Fonseca faz parte, indiscutivelmente, do grupo de intelectuais públicos de Passo Fundo. Um cidadão que, sem deixar de primar pela competência na esfera profissional, transcendeu os limites da especialização médica, para se engajar em causas relacionadas com o desenvolvimento humano, econômico, político e cultural da sociedade local. A vida do Dr. Veríssimo da Fonseca, fundindo no médico pediatra as figuras de escritor, historiador, agente cultural, articulista de opinião dos jornais locais, membro atuante de clubes de serviço da cidade, etc. asseguram-lhe lugar de destaque na galeria das personalidades públicas relevantes de Passo Fundo. Portanto, não foi sem razão que a Academia Passo-Fundense de Letras, por unanimidade, concedeu-lhe a principal distinção honorífica estabelecida no estatuto da agremiação: o Mérito Cultural Sante Uberto Barbieri 2015.

Pedro Ari Veríssimo da Fonseca é natural de Pinheiro Marcado (Carazinho/RS). Fez o antigo curso ginásial (ensino fundamental) no atual Colégio Marista Conceição, em Passo Fundo, e o então chamado científico, hoje ensino médio, no Instituto Santa Rosa, no Rio de Janeiro. Formou-se em Medicina pela Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, tendo, ainda na antiga Capital Federal, cumprido programas de especialização em Puericultura, Clínica Geral, Clínica Obstétrica, Clínica Ginecológica e Medicina e Cirurgia de Urgência. Em Passo Fundo, atuou, profissionalmente, como médico pediatra, tendo trabalhado no Samdu e na Secretaria Estadual de Saúde, até a aposentadoria.

O Dr. Veríssimo da Fonseca é membro do Instituto Histórico de Passo Fundo, da Academia Passo-Fundense de Letras, da Academia Passo-Fundense de Medicina, do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul, do Instituto de Tradição e Folclore do Rio Grande do Sul e da Sociedade Cultura Artística de Passo Fundo. E integra o Lions Clube Passo Fundo Centro há 47 anos.

Na vasta produção bibliográfica de Pedro Ari Veríssimo da Fonseca, destacam-se os livros: Formação do gaúcho; Estórias do vovô Zacharias; Gaúcho serrano - usos e costumes; O gaúcho quem é... – The gaucho, who is this man... (Edição bilíngue); Tropeiros de mula; Tropeiros de porcos; O negro na história do Rio Grande heroico - 1725-1879; Tropas – Bom Jesus na rota do tropeirismo no Cone Sul; Testemunha da história; Alimentação fisiológica da criança; Gente da terra, conquistas e caminhos, povoadores. E o ensaio: O gaúcho serrano (Revista Água da Fonte, abril de 2012).

Pedro Ari Veríssimo da Fonseca realizou diversas conferências na Faculdade de Medicina Veterinária da UPF sobre a importância da gordura suína na alimentação infantil e adulta e publicou diversos artigos em jornais e revistas sobre esse tema. Também foi sócio-fundador da Unimed; do Parque Turístico da Roselândia; coordenador do 1º Festival Gaúcho do Cimo da Serra; e conselheiro do Instituto de Tradição e Folclore do Rio Grande do Sul.

Entre as obras sociais de vulto que o Dr. Pedro Ari Veríssimo da Fonseca se envolveu, destacam-se o planejamento e execução do Serviço de Planejamento Familiar de Passo Fundo, em 1970, a idealização dos Jogos Abertos da Primavera e o projeto do Hospital de Olhos, que hoje funciona junto ao campus da UPF. Pedro Ari Veríssimo da Fonseca, o membro mais antigo da Academia Passo-Fundense de Letras (ocupa a cadeira 19, cujo patrono é Prestes Guimarães), é casado com a Sra. Dolores Martins da Fonseca e pai de cinco filhos (Oscar, Mauro, Flávio, André e Clarice). Nossos respeitos ao homem que sempre fez questão de destacar: “Somente o seio materno desenvolve cérebros com capacidade de compreender problemas complexos e tomar decisões...”.

Data : 21/06/2014

Título : VIÚVA DE MOACYR SCLIAR AGRADECE Á APLETRAS

Categoria: Artigos

Descrição: É com satisfação que compartilhamos a mensagem enviada pela viúva do escritor Moacyr Scliar, Sra. Judith Scliar, ao Dr. Juarez Azevedo.

Senhores acadêmicos,

É com satisfação que compartilhamos a mensagem enviada pela viúva do escritor Moacyr Scliar, Sra. Judith Scliar, ao Dr. Juarez Azevedo. Nossos cumprimentos a todos os envolvidos nessa proposta dos concursos literários da APL, em especial Dilse e Beth, que coordenaram esse trabalho sobre o imortal Moacyr Scliar.

Ficamos com a mensagem da Sra. Judith Scliar:

Olá, Juarez. Tudo bem?

Como a Marjori já te disse, gostei imensamente do livro publicado pela Academia Passo-Fundense de Letras. Achei a iniciativa excelente, principalmente por se tratar de uma academia que vai ao encontro da comunidade, que faz um trabalho junto aos alunos das escolas locais, que na verdade são os futuros leitores (isto a Academia Brasileira de Letras infelizmente não faz, apesar de o Moacyr ter sempre insistido neste ponto). Um aluno que participa de um concurso literário como o que foi patrocinado pela Academia Passo-Fundense de Letras estará para sempre engajado na boa literatura, será sempre um leitor do que de melhor se publica em nosso país (e talvez no exterior) e isto, como sabemos, hoje em dia não é nada fácil de se alcançar entre os jovens. Além disto, o trabalho realizado pela equipe organizadora deste concurso, em minha opinião, foi primoroso. Os textos premiados são de muito boa qualidade, considerando-se que os autores são estudantes de segundo grau. Eu gostaria que, se possível, transmitisses meus parabéns a todas as pessoas envolvidas neste projeto. Tenho certeza que o Moacyr teria ficado muitíssimo lisonjeado em ter seu nome associado a este projeto e igualmente muito feliz com os resultados deste empreendimento. Ele participou de inúmeras atividades em Passo Fundo, tanto ligadas a Academia como também a Feira Literária de Passo Fundo, com a Tânia Rösig. Eu gostaria de solicitar mais alguns exemplares do livro, pois estamos organizando uma exposição sobre o Moacyr que terá início dia 16 de setembro deste ano no Santander. Na exposição teremos uma biblioteca infanto-juvenil e várias escolas visitando a exposição (com um trabalho prévio sobre a obra do Moacyr em sala de aula). Eu acho que seria muito oportuno que este livro constasse da biblioteca. Eu também gostaria de enviar o livro ao Túlio Millann para que ele colocasse uma nota na ZH, assim o livro não passa despercebido. Acho que o livro merece isto. Também penso em enviar o livro ao meu irmão que é jornalista para que ele fizesse uma sinopse para ser colocado no site do Moacyr. Juarez, te agradeceria muitíssimo se pudesses fazer esta intermediação para mim, pois não conheço o pessoal da Academia Passo-Fundense.

Um grande abraço,

Judith

Parabéns!

G.R.CUNHA

Presidente da APL

Data : 03/10/2010

Título : Você acredita nos cientistas?

Categoria: Artigos

Descrição: As edições de 22 de setembro último das revistas Nature e Scientific American trazem o resultado de uma pesquisa de opinião realizado com seus leitores...

Você acredita nos cientistas?

por Gilberto Cunha

As edições de 22 de setembro último das revistas Nature e Scientific American trazem o resultado de uma pesquisa de opinião realizado com seus leitores, em 18 países, entre os quais está incluído o Brasil, sobre percepções e credibilidade, em relação ao papel da ciência, dos cientistas e de outros importantes atores sociais; como políticos e autoridades religiosas, por exemplo.

Talvez não seja surpresa, até pelo vício de amostragem, que envolveu exclusivamente leitores de publicações desta natureza (21 mil pessoas), sendo uma boa parcela deles detentora de titulação acadêmica de doutorado, que nutrem certa simpatia pela ciência e por cientistas de uma maneira geral, mas o resultado mostrou que as pessoas acreditam mais na palavra dos cientistas do que na de qualquer outro grupo de atores sociais.

Em ordem de confiança, numa escala de zero a cinco, os cientistas receberam uma nota média ao redor de quatro. Em segundo lugar, empatados, próximo de três, vieram os grupos de amigos/familiares e as organizações não-governamentais. Na sequência, em ordem decrescente de credibilidade, apareceram os órgãos de defesa dos cidadãos, os jornalistas, as empresas, os políticos eleitos e, em último lugar, surpreendendo muita gente, com nota média de 1,55 em credibilidade, as autoridades religiosas.

A credibilidade da ciência depende de quê?

A confiança dos leitores que responderam à pesquisa das revistas Nature e Scientific American depende do tema. Quando o assunto é a teoria da evolução de Darwin versus a fantasia dos criacionistas, por exemplo, a palavra da ciência mereceu a melhor avaliação entre todos os quesitos amostrados. Também foram bem avaliadas, em termos de credibilidade, a palavras dos cientistas em assuntos como energia renovável, origem do universo e células-tronco. Todavia,

os cientistas, na opinião dos respondentes, deixaram a desejar na questão da pandemia da gripe aviária, no que tange ao uso de drogas para depressão e no valor dos pesticidas. Muitos julgaram, mesmo sem qualquer base para isso, que, no caso da gripe H1N1, os cientistas exageraram na gravidade do problema, prestando-se a ajudar a indústria farmacêutica na venda de drogas.

Lamentavelmente, chamou atenção que 23,5% dos brasileiros que participaram da enquete ainda mostram dúvidas sobre a teoria da evolução das espécies baseada na seleção natural. Na China esse contingente chegou à metade dos entrevistados e no Japão a 35%. Apesar destes números, não significa que os orientais acreditam no criacionismo. Na Alemanha e no Reino Unido essa parcela não alcançou 10% e nos EUA ficou ao redor de 13%.

Unanimidade, entre brasileiros, americanos e britânicos, com cerca de 80% concordando, apesar de toda crítica pública ao IPCC, foi a aceitação de que a atividade humana é responsável pelos sinais já identificados de mudança do clima global.

Diferenças e unanimidades marcantes

A diferença entre países, regiões do globo e culturas ficou patente nos resultados da pesquisa. Os europeus são os mais temerosos em relação aos possíveis problemas decorrentes do uso da energia nuclear e do cultivo de organismos geneticamente modificados (as populares plantas transgênicas, que são exemplo a soja RR e o milho Bt). Os americanos são os menos preocupados com estas questões. Também há que se destacar o temor em relação aos possíveis riscos desconhecidos do uso das nanotecnologias.

Os chineses se mostraram os mais receosos com as opiniões políticas dos cientistas.

Os brasileiros, depois dos chineses, foram os mais renitentes em relação aos cientistas opinarem sobre política. Certamente, um resultado da ingenuidade e do simplismo de algumas opiniões emitidas no passado e no presente por muitos dos nossos cientistas. No resto do mundo, apenas 10% dos respondentes compartilharam essa opinião.

A vingança segundo Borges

La venganza es inútil y es cruel y absurda. La única venganza verdadera es el olvido. Y el perdón.

O Nacional

Domingo, 03/10/2010

Data : 20/06/2010

Título : Você conhece a Embrapa?

Categoria: Artigos

Descrição: Provavelmente sim, pois a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, a Embrapa, que completou 37 anos de existência no dia 26 de abril, mantém uma unidade...

Você conhece a Embrapa? 19-20/06/2010

Domingo, 20/06/2010 por Gilberto Cunha

Provavelmente sim, pois a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, a Embrapa, que completou 37 anos de existência no dia 26 de abril, mantém uma unidade, o Centro Nacional de Pesquisa de Trigo, em Passo Fundo, desde 28 de outubro de 1974. Tempo mais que suficiente para ter cumprido o papel que justificou a sua criação: mudar radicalmente a agricultura brasileira, que nos anos 1960 tinha sequer a capacidade de garantir o abastecimento da população brasileira em termos de necessidade de alimentos. Crises de segurança alimentar, não raro necessitando de ajuda externa, faziam parte da nossa realidade. Três décadas depois, uma nova agricultura, que não é facilmente percebida por todos, fundamentada em ciência, tecnologia e inovação, transformou o Brasil, de um país com crises de abastecimento de alimentos, em grande exportador de produtos agrícolas, sendo referência em agricultura no mundo tropical. Vencido o desafio que justificou a sua criação, a Embrapa começou a expandir a sua atuação como o braço tecnológico do Mapa, das empresas brasileiras e da Agência Brasileira de Cooperação para levar a moderna agricultura brasileira aos países da faixa tropical do planeta.

A Embrapa, hoje, conta com 45 unidades de pesquisa espalhadas por todo o território nacional, envolvendo, conforme dados do final de 2009, 8.659 colaboradores e um orçamento anual de R\$ 1.815.670,00, que é o maior orçamento nominal da história da Embrapa.

Em Passo Fundo, a Embrapa Trigo mantém um quadro de 236 empregados e põe em prática um orçamento anual da ordem de R\$ 30 milhões.

Balanço Social 2009

O compromisso da Embrapa com a sociedade brasileira é reafirmado, anualmente, pela apresentação do seu balanço social, envolvendo a capacidade de aumentar a riqueza produtiva e tecnológica do país, reduzir as diferenças regionais de renda e, acima de tudo, oferecer soluções para minimizar os flagelos da fome e de miséria social, conforme consta expressamente no documento oficial da empresa.

O lucro social da Embrapa, em 2009, avaliado pelo impacto de 104 tecnologias e cerca de 140 cultivares desenvolvidas e transferidas para a sociedade,

representado 97,53% do total final, foi de R\$ 18, 84 bilhões. Foram criados 85.725 empregos pelas tecnologias geradas pela Embrapa.

Na base das ações social da Embrapa de 2009 estão 210 ações de agricultura familiar, sete ações beneficiando comunidades indígenas, 121 ações externas de educação e formação profissional, 89 ações de meio ambiente educação ambiental, 29 ações de reforma agrária, 40 ações de segurança alimentar, 87 ações de apoio comunitário, 75 ações internas de educação e formação profissional e 52 ações de saúde, segurança e medicina do trabalho.

Para cada real aplicado na Embrapa, foi gerado R\$ 10,37 para a sociedade brasileira. Em 2009, a receita líquida cresceu 34,175% graças ao Programa de Fortalecimento e Crescimento, atingindo R\$ 1,81 bilhão. Em resumo, foi um investimento social que teve retorno de dez vezes.

Novas unidades da Embrapa

Em 2009, entraram em operação quatro novas unidades da Embrapa. São elas: a Embrapa Agrosilvopastoril, com sede em Sinop (MT), a Embrapa Cocais e Planícies Inundáveis, em São Luís (MA), a Embrapa Estudos Estratégicos e Capacitação, em Brasília (DF), e a Embrapa Pesca, Aquicultura e Sistemas Agrícolas, em Palmas (TO).

Embrapa no exterior

A Embrapa mantém, fora do território brasileiro, os chamados laboratórios virtuais (Labex) e escritórios de negócios. Atualmente, há os Labex Estados Unidos, Labex Coreia, Labex Europa (França, Holanda e Inglaterra) e representações nas chamadas Embrapa África (Ghana, Mali, Moçambique e Senegal), Embrapa Venezuela e Embrapa Américas (Panamá).

Embrapa Suínos e Aves - 35 anos

Nessa sexta-feira (18), foi comemorado o aniversário de 35 anos da Embrapa Suínos e Aves, que tem sede em Concórdia (SC). Nossos cumprimentos aos colegas, cujo desempenho pode ser mensurado pelo abate de frangos em menos de 40 dias e suínos ao redor de quatro meses, com peso de 100 quilos. Algo impensável há pouco anos.

Data : 31/07/2005

Título : Você não morreu: ausentou-se

Categoria: Artigos

Descrição: A sua vida continua na vida que você viveu

MARIA DE FÁTIMA TROMBINI, 1949-2004:

"Você não morreu: ausentou-se ... A sua vida continua na vida que você viveu."

GILBERTO R. CUNHA

Por ocasião da morte de Mário de Andrade, o poeta Manoel Bandeira disse uma frase que, mesmo com ares de lugar-comum para essas ocasiões, se aplica magistralmente para todos cuja existência terrena não se resume a uma vã passagem. Trata-se da clássica "você não morreu: ausentou-se ... A sua vida continua na vida que você viveu", que, no caso da jornalista Fátima Trombini, dentro dos limites de Passo Fundo, também se encaixa sem tirar nem pôr. A consternação da comunidade, por ocasião da sua morte, os depoimentos de pessoas que conviveram com ela, as homenagens recebidas (reunião almoço da ACISA/CDL e sessão plenária da Câmara Municipal de Vereadores) atestam que, indubitavelmente, Fátima Trombini (a primeira mulher com formação universitária em jornalismo a atuar na cidade) deixou sua marca e estilo nos meios de comunicação de Passo Fundo, especialmente no jornal O Nacional.

Maria de Fátima Trombini nasceu em Ernestina/RS, no dia 10 de dezembro de 1954. Ainda criança veio para Passo Fundo, acompanhando os pais, Maria Teresa e Antônio Carlos Trombini. Estudou no Colégio Notre Dame, passou pela EENAV, concluindo o 2º grau no IE. cursou a Faculdade de Educação Artística na UPF e trabalhou como bancária (Itaú e Banrisul). Depois, seguiu para São Leopoldo, onde começou estudando Arquitetura na Unisinos, mas acabou formando-se em Jornalismo, em 1982.

Na nova carreira, iniciou na Caldas Júnior. Retornou a Passo Fundo, passando a atuar como correspondente do jornal Correio do Povo e repórter da rádio Uirapuru. Pouco tempo depois, ingressou no jornal O Nacional, onde, ao longo de quase 20 anos, de repórter a chefe de redação, deixou a sua marca no jornalismo local. Também trabalhou, nos últimos 15 anos, na assessoria de imprensa da Câmara Municipal de Vereadores de Passo Fundo.

Fátima Trombini morreu num domingo, 17 de outubro de 2004, com 49 anos, em Passo Fundo, vítima de câncer. Era solteira e não teve filhos. Deixou a pranteá-lhe a morte a mãe, Maria Teresa, e os irmãos: Luis Carlos, Alexandre, Marco Antônio, Marilene e Margareth.

Em homenagem especial à memória de Fátima Trombini, serão reproduzidos trechos de depoimentos de pessoas que se manifestaram publicamente por ocasião de sua morte. Pessoalmente, trabalhei com Fátima Trombini na organização de vários suplementos especiais sobre a agricultura, de O Nacional, inclusive publicamos um livro juntos (Trigo no Mercosul. Brasília: Embrapa, 316p, 1999). Comungo com tudo o que foi dito sobre ela. Todos viram alguma coisa especial naquela jornalista de personalidade forte, mas Rudimar Dossa e Paolla Kozer, conseguiram sintetizar a sua essência: uma mulher de caráter

transparente que aparentava viver fugindo de alguma grande tristeza e da solidão.

Amiga Fátima

MÚCIO DE CASTRO FILHO

Desde que fui informado de tua passagem, como em um filme, vem-me à memória imagens de tudo que vivemos juntos. Dos momentos difíceis, dos bons, das noites fechando edições especiais, das vezes que tentava te acalmar, quando ficavas indignada com os que nos usavam e depois nos traíam; das tuas gargalhadas, do teu entusiasmo, quando a Jornada de Literatura e o Festival de Folclore ainda eram eventos nanicos; as saudades do teu pai, da tua admiração e carinho por Luís Fragomeni; do amor pela tua mãe, da tua capacidade de perdoar, do carinho pelos teus colegas de trabalho e de tantas outras coisas que dariam para escrever várias laudas.

E para encerrar, Fátima, quero que tenhas a certeza de que jamais esquecerei a querida amiga que foste e a fiel companheira de trabalho a quem muito eu e este jornal devemos e que para sempre estará presente em nossas lembranças.

(O Nacional, 19 de outubro de 2004)

A burrice de Dona Morte

RUDIMAR JOSÉ DOSSA

Foi assim que conheci Fátima Trombini, um desses titãs de Deus, gritando improperios na redação, fazendo com que todos, invariavelmente, se envolvessem em todos os assuntos, mesmo antes de se tornarem possíveis pautas para o jornal do dia seguinte.

Por debaixo daquele gritado medonho, um coração sensível, uma palavra amiga, uma censura mansa pelos nossos maus hábitos de escrever comendo ou, então de, esquecer de comer ...

Chefe de Redação com letras maiúsculas, essa Fátima. Mexia com os brios dos repórteres, "intitava" com os diagramadores para, em seguida, colher com os olhos brilhando, mais uma matéria bem feita, mais uma página bem diagramada.

Seus olhos límpidos e seu riso escrachado mostravam seu caráter para quem quisesse ver. Eu vi.

(O Nacional, 19 de outubro de 2004)

À mestra com carinho

PAOLLA KOZER

Tantas coisas se passaram, 14 anos de amizade e muitos de companheirismo, nossos chimarrões matinais nos sábados, no qual tu a cada instante revelavas o amor pela família, a preocupação pelo jornal, o lado artístico que te envolvia, produzindo tuas belas pinturas e artesanatos, um refúgio de beleza a tanta solidão que confessavas sentir.

Minha querida amiga, minha professora e mestra Fátima Trombini, tão difícil escrever sobre ti, tu que me ensinaste a escrever. Ironia não?

(O Nacional, 19 de outubro de 2004)

A mulher dos gritos

FERNANDO DE CASTRO

Fátima era gritos. Talvez, e cabe nisto o lugar-comum que o momento exige, o que perdure por mais tempo na recordação dos próximos seja isto: o grosso de sua voz ecoando, sempre à beira dos surtos, na redação. E na controversa habilidade que ela tinha de saltar de um ódio ao riso, como quem não recusa a prova de todas as sensações mais agudas.

(O Nacional, 18 de outubro de 2004)

Muitas recordações

CELESTINO MENEGHINI

Ficaram recordações de uma trajetória candente nas páginas dos jornais, nas notícias do rádio e nos comentários opinativos. A cada fechamento de edição, esgrimia com as incógnitas, buscando verdades. Fátima vivia como poucos o tormento virtuoso que sempre cultivou conscientemente, mirando os fatos com justiça, para alcançar, por corolário, seu dia de trabalho. Na manhã seguinte, tudo começava novamente. "É o destino de quem quer cumprir o dever de jornalista", comentava. No ambiente da redação, marcou sua conduta pela exigência. Sem, contudo, perder a ternura, construindo elos de respeito entre colegas e cuidados em proteger os mais jovens, ante as armadilhas da profissão.

(O Nacional, 19 de outubro de 2004)

Pessoas estrelas

MARIANNE CORRÊA

Perdemos uma profissional exemplar, perdi uma amiga, Maria de Fátima Trombini. Um exemplo de dedicação profissional, uma amiga sem igual.

Contei-lhe um dia que, quando comecei a trabalhar com ela, fiquei duas semanas praticamente muda, porque tinha medo que ela ficasse braba comigo por alguma coisa. Depois que a conheci, percebi a pessoa incrível, admirável e maravilhosa que era.

Ser estrela num mundo de cometas, é um desafio, e ela deixou sua marca e tenho certeza que não foi apenas na minha vida. Fátima viveu e não apenas existiu.

(O Nacional, 18 de outubro de 2004)

Perde o jornalismo sua maior musa na arte de escrever

MEIRELLES DUARTE

Conheci Fátima num momento totalmente desvinculado dos meios jornalísticos, onde se notabilizou e conquistou a admiração de toda a cidade. Por sete anos tive a responsabilidade de organizar o concurso de Miss Passo Fundo. Alertaram-me que uma bela jovem, dona de um cativante sorriso, trabalhava num dos caixas do recém-criado Banco Itaú. Lá fui convidá-la para concorrer ao título de beleza ... Pega de surpresa, deu-me como resposta um gostoso sorriso, quase uma gargalhada, agradeceu e disse que não tinha como concorrer, pois não fazia seu jeito. Essa era a nossa querida Fátima. Nasceu e viveu com um único objetivo: fazer jornalismo.

(O Nacional, 18 de outubro de 2004)

Fátima ... presença marcante

TÂNIA M. CARRÃO

Custei a acreditar, embora já soubesse de seu estado de saúde. Vejo então sua foto na página que parecia falar, pois Fátima era toda expressão. Até conjugar o verbo no passado, não me soa bem, pois uma pessoa como ela é sempre presente. A sua transparência em dizer e mostrar o que sentia, o que sabia, sempre foi algo marcante em sua personalidade.

(O Nacional, 20 de outubro de 2004)

Um e-mail do céu

ARGEU SANTARÉM

Querida Fátima. Recebi teu e-mail. Que bom que estás bem. Quando abri o arquivo anexado da tua mensagem, não encontrei imagens. Só odor de relvas verdes como teus olhos grandes, e de flores que cultivaste em nossos corações. E na quase imaterialidade, os sons que marcam, ora o compasso marcial do teu comportamento ético, ora a doce melodia da compreensão com todos os que te

cercavam. Aqui ... Bem, aqui ficaram olhares cegos te procurando, o vazio surdo da tua onipresença e o silêncio ruidoso das tuas gargalhadas.

(O Nacional, 23/24 de outubro de 2004)

Caríssima Fátima

ALDO ALESSANDRI

Tu já o sabias! Desde o dia 2 de junho - Proclamação da República Italiana (1946), que iríamos te homenagear com uma medalha de bronze dos 125 anos da imigração italiana. Apesar de, antecipadamente, na hora da notícia tu gritares: "Pára, italiano louco, eu não quero nada".

Foram 23 anos de artigos sobre a cultura italiana e ítalo-brasileira. A Fátima foi a grande disseminadora da integração ítalo-brasileira em Passo Fundo.

Caríssima Fátima, e acima de tudo amiga, a medalha já estava pronta para você e seria entregue no final do ano.

(O Nacional, 23/24 de outubro de 2004)

Fátima

GILBERTO PACHECO

Mas, minha querida amiga de O Nacional, essa tua saída da vida, pegou-me na contramão. Constrangeu-me, decepcionou-me, ainda que neste outono da vida saiba perfeitamente que devemos estar preparados para todo e qualquer tipo de surpresa.

Quando me veio "Bondade!", comentei, comigo próprio, "esta tem a cara da Fátima". Bondade, finalmente, foi o que caracterizou, consagrou e distinguiu minha amiga redatora Fátima, de O Nacional.

(O Nacional, 23/24 de outubro de 2004)

“-Que horas fecha o jornal nessa p...?”

- São Pedro, a Fátima chegou.

Dóro 2004

Da revista

Água da Fonte nº 3

